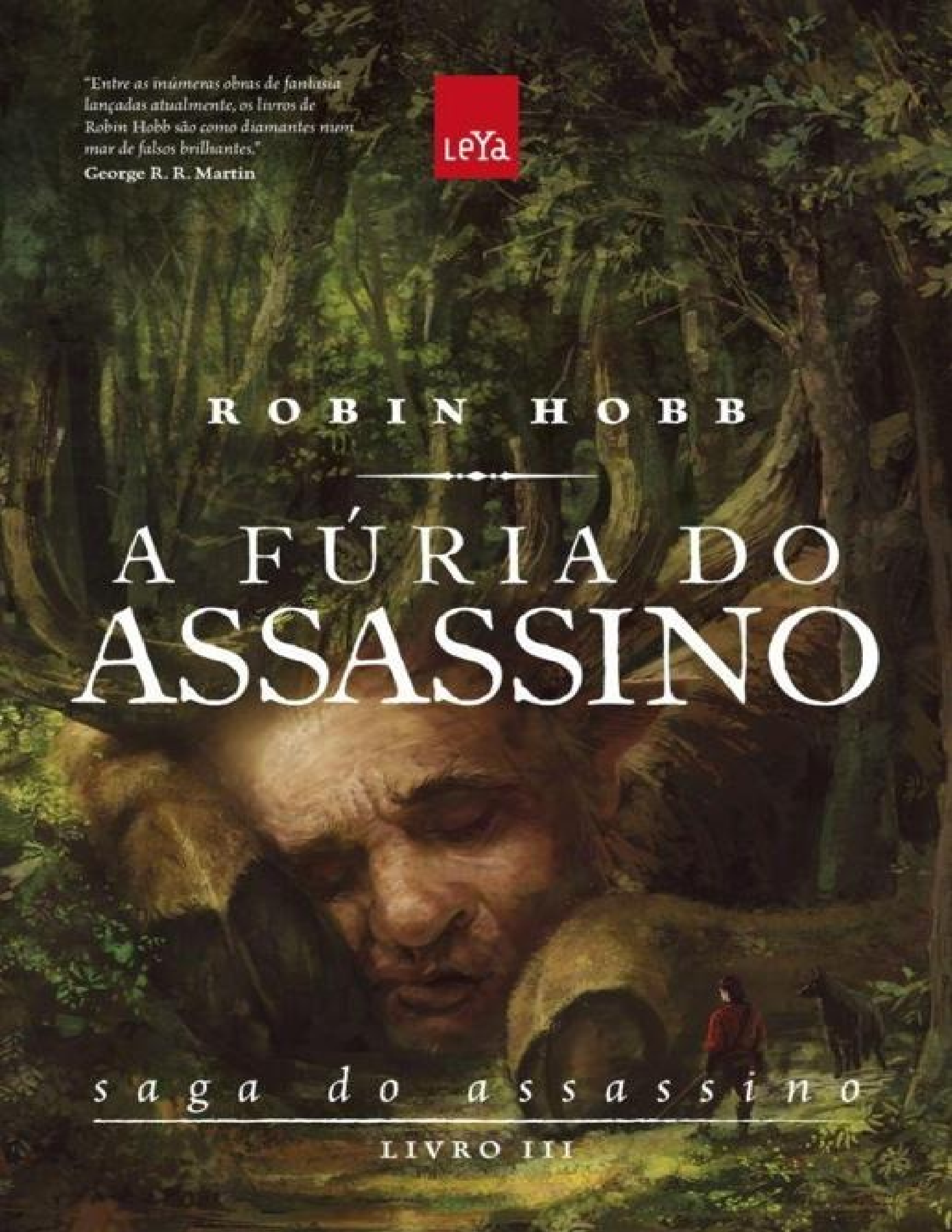
"Entre as inúmeras obras de fantasia lançadas atualmente, os livros de Robin Hobb são como diamantes num mar de falsos brilhantes."
George R. R. Martin

LeYa

ROBIN HOBB

A FÚRIA DO ASSASSINO



saga do assassino

LIVRO III

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

© Robin Hobb 1997
Publicado originalmente no Reino Unido pela
HarperCollins Publishers em 1997
Todos os direitos reservados.
Versão brasileira © Texto Editores Ltda., 2014
Título original: Ther Farseer: Assassin's Quest

Preparação de texto: Gabriel Oliva Brum
Revisão: Simone Zac
Capa: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Marc Simonetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057
Hobb, Robin
A fúria do assassino / Robin Hobb; tradução de Jorge Candeias. – São Paulo: LeYa, 2014.
(Saga do Assassino, v. 3)
ISBN 9788544101087
Título original: Ther Farseer: Assassin's Quest
1. Literatura americana 2. Ficção 3. Fantasia I. Título II. Candeias, Jorge
14-0693 CDD–813
Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura americana

2014
Texto Editores Ltda.
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 — Pacaembu — São Paulo — SP
www.leya.com.br

Para a muito real Kat Ogden

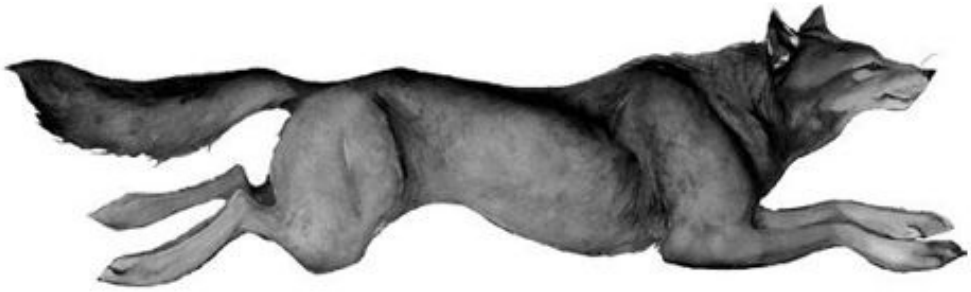
A qual ameaçou, numa idade precoce, crescer e tornar-se uma

dançarina de sapateado, esgrimista, judoca, estrela de cinema, arqueóloga e presidente dos Estados Unidos.

E está chegando assustadoramente perto do fim da lista.
Nunca confundam o filme com o livro.

NOTA DO EDITOR

Uma das regras básicas da tradução diz que nomes e topônimos não devem ser traduzidos. Entretanto, conforme explicado no início da história, os nomes na *Saga do Assassino* não são aleatórios, mas atribuem características aos personagens. Assim, optamos por traduzi-los a fim de evidenciar essas características. Fitz é o único personagem que teve o nome original mantido, visto que não há correspondente em português.




Os Seis Ducados
Planícies Glaciais
COSTAS GELADAS
Ilha Branca
Ilhas Privadas
Alcatrazes
MAR BRANCO
Ilha Roque
Terra de Gelo
Baía Fria
Angra dos Peixes
Barca
Baía das Focas
Ilha Gaudho
COSTAS GELADAS
VIGAS
Ilha Beche
Fundos-Altos
CERVO
Forja
Ilha da Armação
Rio Urso
Lago Bode
LAVRA
Rio Cervo
Rio Vam
Ilha do Linho
REINO DA MONTANHA
VARA
Torre do Cervo
Ilha da Garça
Passagem
Lago Azul
RASGÃO
Baía Limpa
Baixios
Ocla d'Ascia
ERMOS CHUVOSOS
Ilha de Vigia
Rio das Gemas
RAZOS
ESTADOS DE CALCEDE
Ilha do Ouro
Mercadores de Vilamoute
Baía Falsa
Baía dos Mercadores
Torres
Fronteira
Plataformas de Gelo

PRÓLOGO

Os Esquecidos

Acordo todas as manhãs com tinta nas mãos. Por vezes estou estatelado, de bruços, sobre a minha mesa de trabalho, no meio de uma confusão de pergaminhos e papéis. O meu criado, quando entra com a bandeja, pode se atrever a me repreender por não ter ido para a cama na noite anterior. Mas às vezes olha para a minha cara e não ousa proferir palavra. Não tento explicar por que ajo como ajo. Não é um segredo que seja possível entregar a um jovem; é algo que ele terá de conquistar e aprender sozinho.

Um homem tem de ter um objetivo na vida. Agora conheço este fato, mas precisei da primeira vintena de anos da minha vida para aprendê-lo. Nisso, julgo que dificilmente serei único. Mesmo assim, é uma lição que, uma vez aprendida, ficou comigo. De modo que, tendo pouco que me ocupe nos dias que correm, além da dor, procurei um propósito para mim. Debrucei-me sobre uma tarefa que tanto a Dama Paciência como o Escriba Penacarriço defenderam há tantos anos. Dei início a estas páginas num esforço para escrever uma história coerente dos Seis Ducados. Mas achei difícil manter a mente fixa num único tema durante muito tempo, e por isso me distraio com tratados menores, com as minhas teorias sobre a magia, com observações sobre estruturas políticas, e com reflexões sobre outras culturas. Quando o desconforto está no auge e não consigo ordenar suficientemente bem os meus pensamentos para anotá-los, trabalho em traduções, ou tento fazer um registro legível de documentos mais antigos. Ocupo as mãos na esperança de distrair a mente.

A escrita me serve como a criação de mapas serviu em tempos Veracidade. O detalhe do trabalho e a concentração necessária são quase suficientes para me levar a esquecer tanto os anseios do vício, como as dores residuais de ter em tempos cedido a ele. Um homem pode se perder em tal trabalho, e se esquecer da sua pessoa. Pode chegar cada vez mais fundo, e encontrar muitas recordações dessa pessoa. Com demasiada frequência, descubro que derivei para longe de uma história dos ducados e para uma história de FitzCavalaria. Essas recordações me deixam cara a cara com aquele que fui um dia, e com

aquele que vim a ser.

Quando se está profundamente absorto em tal relato, é surpreendente quantos detalhes se é capaz de recordar. Nem todas as memórias que evoco são dolorosas. Tive mais do que uma parcela justa de bons amigos, e descobri serem mais leais do que tinha qualquer direito a esperar. Conheci belezas e alegrias que puseram tanto à prova a força do meu coração como as tragédias e feiúras. No entanto possuo, talvez, uma porção maior de memórias sombrias do que a maior parte dos homens; poucos são os que conheceram a morte numa masmorra, ou são capazes de recordar o interior de um caixão enterrado sob a neve. A mente se retrai perante os detalhes de tais coisas. Uma coisa é me lembrar de que Majestoso me matou. Outra é me concentrar nos detalhes dos dias e noites que suportei enquanto ele me matava de fome, e depois mandou que eu fosse espancado até à morte. Quando o faço, há momentos que ainda conseguem me congelar as tripas, mesmo depois de todos estes anos. Consigo recordar os olhos do homem e o som do seu punho quando me quebrou o nariz. Ainda existe para mim um lugar que visito nos meus sonhos, onde luto por me manter em pé, tentando não ceder à tentação de pensar em como irei fazer um último esforço para matar Majestoso. Recordo do golpe que ele me deu e com o qual me abriu a pele inchada e deixou a cicatriz no rosto que ainda ostento.

Nunca me perdoei pelo triunfo que lhe cedi quando tomei veneno e morri.

Mas mais dolorosos do que os acontecimentos que consigo recordar são aqueles que estão perdidos para mim. Quando Majestoso me matou, morri. Nunca mais fui comumente conhecido como FitzCavalaria, nunca renovei os laços com as pessoas de Torre do Cervo que me conheceram desde que eu era uma criança de seis anos. Nunca voltei a viver no Castelo de Torre do Cervo, nunca mais visitei a Dama Paciência, nunca mais me sentei nas pedras da lareira aos pés de Breu. Ficaram perdidos para mim os ritmos das vidas que tinham se entrelaçado com a minha. Amigos morreram, outros casaram, bebês nasceram, crianças tornaram-se adultas, e eu nada disso vi. Embora já não possua o corpo de um jovem saudável, ainda estão vivos muitos dos que outrora me chamaram de amigo. Às vezes, ainda hoje, anseio em colocar os olhos neles, em tocar mãos, em trazer paz à solidão dos anos.

Não posso.

Esses anos estão perdidos para mim, bem como todos os anos das vidas que lhes faltam viver. Também perdido está aquele período, de não mais de um mês, mas que me pareceu muito mais longo, em que fui confinado à masmorra e depois ao caixão. O meu rei morrera em meus braços, e no entanto não vi o seu

enterro. E tampouco estive presente no conselho após a minha morte, em que fui considerado culpado de ter usado a magia da Manha, e por isso merecedor da morte que me fora imposta.

Paciência veio reclamar o meu corpo. A esposa do meu pai, outrora tão angustiada por descobrir que ele gerara um bastardo antes de se casarem, foi quem me tirou daquela cela. Foram suas as mãos que lavaram o meu corpo para o enterro, que me endireitaram os membros e me envolveram numa mortalha. A estranha, excêntrica Dama Paciência, por qualquer motivo, limpou minhas feridas e as enfaixou com tanto cuidado como se eu ainda estivesse vivo. Ordenou sozinha a escavação da minha sepultura e tratou do enterro do meu caixão. Ela e Renda, sua criada, choraram por mim, enquanto todos os outros, por medo ou repugnância pelo meu crime, abandonaram-me.

E, no entanto, ela nada soube sobre como Bronco e Breu, o meu mentor assassino, foram noites mais tarde até aquela sepultura e escavaram a neve que caíra e os torrões gelados de terra que tinham sido atirados sobre meu caixão. Só esses dois estavam presentes quando Bronco quebrou a tampa do caixão e puxou o meu corpo para fora, e então convocou, através da sua própria magia da Manha, o lobo ao qual fora confiada a minha alma. Arrancaram essa alma do lobo e voltaram a selá-la no corpo espancado de onde fugira. Ergueram-me, para voltar a caminhar em forma de homem, para recordar como é ter um rei e estar preso a um juramento. Até hoje, não sei se lhes agradeço por isso. Talvez, como o Bobo insiste, não tivessem alternativa. Talvez não possa haver agradecimentos nem culpas, mas apenas o reconhecimento das forças que nos reuniram e nos ligaram aos nossos inevitáveis destinos.

CAPÍTULO 1

Nascimento Sepulcral

Nos Estados de Calcede existem escravos. São eles que realizam o trabalho mais duro. São eles os mineiros, os operadores de foles de forja, os remadores das galés, os condutores das carroças de desperdícios, os trabalhadores rurais e as prostitutas. Estranhamente, os escravos são também as amas-de-leite, os tutores de crianças, os cozinheiros, escribas e artesãos qualificados. Toda a cintilante civilização de Calcede, das grandes bibliotecas de Jep aos fabulosos banhos e fontes de Sinjon, baseia-se na existência de uma classe de escravos.

Os mercadores de Vilamonte são a maior fonte de abastecimento de escravos. Em certo momento, a maioria dos escravos era de cativos capturados na guerra, e Calcede ainda afirma oficialmente que assim o é. Em anos mais recentes não tem havido guerras suficientes para atender à demanda de escravos educados. Os mercadores de Vilamonte são bastante versáteis para descobrir outras fontes, e a exuberante pirataria nas Ilhas Mercado é frequentemente mencionada em conjunto com isso. Aqueles que possuem escravos em Calcede demonstram pouca curiosidade sobre os locais de onde os escravos provêm, desde que sejam saudáveis.

A escravatura é um costume que nunca ganhou raízes nos Seis Ducados. Um homem condenado por um crime pode ser obrigado a servir aquele a quem causou dano, mas é sempre imposto um limite de tempo, e ele nunca é visto como menos do que um homem em expiação. Se um crime é demasiado hediondo para ser redimido pelo trabalho, o criminoso paga com a morte. Nunca ninguém se torna escravo nos Seis Ducados, e as nossas leis também não apoiam a noção de que uma família possa trazer escravos para o reino e obrigá-los a permanecer escravos. Por esse motivo, muitos escravos de Calcede que se libertam dos seus donos por um caminho ou por outro procuram frequentemente os Seis Ducados como a sua nova casa.

Esses escravos trazem consigo as remotas tradições e folclore das suas terras. Uma dessas história, que preservei, tem a ver com uma garota que era Vecci, ou aquilo a que nós chamaríamos Manhosa. Ela desejava abandonar a casa de

seus pais, para seguir um homem que amava e ser sua esposa. Os pais não o acharam digno dela e lhe negaram autorização. Quando se recusaram a deixá-la partir, ela se mostrou uma filha respeitadora demais para desobedecer-lhes. Mas era também uma mulher ardente demais para viver sem o seu amor verdadeiro. Deitou-se na cama e morreu de mágoa. Os pais a enterraram com grande pesar e muito remorso por não a terem deixado seguir o coração. Porém, sem que eles soubessem, ela estava vinculada pela Manha a uma ursa. E quando a garota morreu, a ursa assumiu a guarda de seu espírito, para que não abandonasse o mundo. Três dias depois de a garota ter sido enterrada, a ursa escavou a sepultura e devolveu o espírito da garota ao seu corpo. O nascimento sepulcral da garota fez dela uma nova pessoa, que já não devia obediência aos pais. E assim abandonou o caixão estilhaçado e foi em busca do seu verdadeiro amor. A história tem um final triste, pois tendo sido durante algum tempo uma ursa, ela nunca mais voltou a ser inteiramente humana, e o seu amor verdadeiro não a quis.

Este fragmento de história serviu de base à decisão de Bronco de tentar me libertar da masmorra do Príncipe Majestoso me envenenando.



O quarto estava quente demais. E era demasiado pequeno. Arquejar já não me esfriava. Levantei-me da mesa e fui até o barril de água que estava no canto. Tirei a tampa e bebi longamente. O Coração da Matilha ergueu os olhos com um quase-rosnado.

— Use um copo, Fitz.

A água escorreu pelo meu queixo. Olhei-o com firmeza, observando-o.

— Limpe a cara. — O Coração da Matilha afastou os olhos de mim, de volta às suas mãos. Tinha nelas gordura, que esfregava numas correias. Senti o cheiro. Lambi os lábios.

— Estou com fome — disse-lhe.

— Sente-se e termine o trabalho. Depois comeremos.

Tentei me lembrar do que ele queria de mim. Ele moveu a mão na direção da mesa e eu me lembrei. Mais correias de couro na minha ponta da mesa. Voltei e me sentei na cadeira dura.

— Estou com fome agora — expliquei-lhe. Ele voltou a me olhar daquela maneira que não mostrava os dentes, mas que ainda era um rosnado. O Coração da Matilha era capaz de rosnar com os olhos. Suspirei. A gordura que ele estava usando cheirava muito bem. Engoli em seco. Então olhei para baixo. Havia

correias de couro e pedaços de metal na mesa à minha frente. Olhei-os durante algum tempo. Passados alguns momentos, o Coração da Matilha largou as suas correias e limpou as mãos num pano. Veio ficar de pé ao meu lado, e eu tive de me virar para conseguir vê-lo.

— Aqui — ele disse, tocando o couro à minha frente. — Estava consertando aqui. — Ficou junto de mim até que eu voltei a pegar no couro. Dobrei-me para farejá-lo e ele bateu no meu ombro. — Não faça isso!

O meu lábio se torceu, mas não rosnei. Rosnar-lhe o deixava muito, muito zangado. Durante algum tempo fiquei apenas com as correias nas mãos. Então foi como se as mãos se lembrassem antes de a mente fazê-lo. Observei os meus dedos trabalhando o couro. Quando terminei, ergui as correias na frente dele e puxei-as com força, para mostrar que aguentariam mesmo se o cavalo atirasse a cabeça para trás.

— Mas não há cavalo nenhum — lembrei-me em voz alta. — Todos os cavalos se foram.

Irmão?

Já vou. Levantei-me da cadeira. Dirigi-me à porta.

— Volte aqui e sente-se — disse o Coração da Matilha.

Olhos-de-Noite me espera, disse-lhe. Então me lembrei de que ele não conseguia me ouvir. Achava que conseguiria se tentasse, mas ele não queria tentar. Sabia que se voltasse a falar com ele dessa forma ele me empurraria. Também não queria me deixar falar muito com Olhos-de-Noite dessa forma. Até empurrava Olhos-de-Noite se o lobo falasse demasiado comigo. Parecia muito estranho.

— Olhos-de-Noite me espera — disse-lhe com a boca.

— Eu sei.

— Agora é uma boa hora para caçar.

— É uma hora melhor para ficar em casa. Tenho comida para você aqui.

— Olhos-de-Noite e eu podíamos arranjar carne fresca. — Salivei ao pensar nisso. Um coelho aberto, ainda soltando vapor na noite de inverno. Era isso que eu queria.

— Olhos-de-Noite terá de caçar sozinho esta noite — disse-me o Coração da Matilha. Dirigiu-se à janela e abriu um pouco as folhas. O ar gelado entrou depressa. Consegui cheirar Olhos-de-Noite e, mais longe, um gato das neves. Olhos-de-Noite ganiu. — Vá embora — disse-lhe o Coração da Matilha. — Vá lá, vá caçar, vá se alimentar. Não tenho o suficiente aqui para alimentá-lo.

Olhos-de-Noite afastou-se da luz que se derramava pela janela. Mas não foi

muito longe. Estava lá, à minha espera, mas eu sabia que não podia esperar por muito tempo. Tal como eu, ele estava com fome agora.

O Coração da Matilha dirigiu-se ao fogo que tornava a sala quente demais. Havia uma panela ali, e ele afastou-a do fogo e tirou a tampa. Saiu vapor lá de dentro, e com ele vieram cheiros. Cereais e raízes, e um bocadinho minúsculo de cheiro de carne, quase desaparecido pela fervura. Mas eu tinha tanta fome que me pus a farejá-lo. Comecei a ganir, mas o Coração da Matilha voltou a fazer o rosnado de olhos. De modo que voltei para a cadeira dura. Sentei-me. Esperei.

Ele demorou muito tempo. Tirou o couro todo da mesa e pendurou-o em um cabide. Em seguida, guardou o pote de gordura. Então trouxe a panela quente para a mesa. Depois trouxe duas tigelas e dois copos. Pôs água nos copos. Colocou na mesa uma faca e duas colheres. Trouxe pão e um pequeno pote de geleia do armário. Pôs o cozido na tigela que eu tinha à frente, mas eu sabia que não podia tocá-lo. Tinha de ficar sentado e não comer a comida enquanto ele cortava o pão e me dava um pedaço. Podia segurar o pão, mas não podia comê-lo até que ele também se sentasse, com a sua tigela, o seu cozido e o seu pão.

— Pegue a colher — lembrou-me. Depois sentou-se lentamente na cadeira ao meu lado. Eu estava com a colher e o pão na mão e esperando, esperando, esperando. Não tirei os olhos dele, mas não consegui deixar de mover a boca. Isso o deixou zangado. Voltei a fechar a boca. Por fim, ele disse: — Agora vamos comer.

Mas a espera ainda não tinha terminado. Foi-me permitida uma mordida. Ela tinha de ser mastigada e engolida antes de pegar mais, caso contrário ele me daria uma bofetada. Eu só podia levar à boca o cozido que coubesse na colher. Peguei o copo e bebi. Ele sorriu para mim. — Muito bem, Fitz. Bom garoto.

Respondi com um sorriso, mas em seguida dei uma mordida grande demais no pão, e o Coração da Matilha franziu o cenho. Tentei mastigar lentamente, mas agora estava com tanta fome, e a comida estava mesmo ali, e eu não compreendia por que que ele não me deixava comê-la agora. Comer levou muito tempo. Ele fizera o cozido quente demais de propósito, para que eu queimasse a boca se a enchesse demais. Pensei naquilo por um momento. Depois disse:

— Você fez a comida quente demais de propósito. Para que eu me queimasse se comesse depressa demais.

O seu sorriso surgiu mais lentamente. Confirmou com a cabeça.

Mesmo assim acabei de comer antes dele. Tive de ficar sentado na cadeira até que ele também acabasse de comer.

— Bom, Fitz — disse ele por fim. — Hoje não foi um dia muito ruim. Hein,

garoto?

Eu me limitei a olhá-lo.

— Responda qualquer coisa — disse-me ele.

— O quê? — perguntei.

— Qualquer coisa.

— Qualquer coisa.

Ele franziu o cenho e eu quis rosnar, porque fizera o que ele me dissera. Após algum tempo, ele se levantou e foi buscar uma garrafa. Despejou qualquer coisa no seu copo. Ofereceu-me a garrafa.

— Quer um pouco?

Afastei-me daquilo. Até o cheiro ardia nas minhas narinas.

— Responda — lembrou-me ele.

— Não. Não, é água ruim.

— Não. É conhaque ruim. Conhaque de amoras silvestres, muito barato. Eu costumava detestá-lo, mas você se acostuma a gostar dele.

Soprei o cheiro para fora das narinas.

— Nós nunca gostamos disso.

Ele colocou a garrafa e o copo na mesa. Levantou-se e foi até à janela. Abriu-a de novo.

— Eu disse para você ir caçar! — Senti Olhos-de-Noite saltar e depois fugir. Olhos-de-Noite tem tanto medo do Coração da Matilha como eu. Uma vez ataquei o Coração da Matilha. Eu tinha estado doente durante muito tempo, mas depois fiquei melhor. Queria sair para caçar, mas ele não queria deixar. Colocou-se na frente da porta e eu saltei sobre ele. Atingiu-me com o punho e depois me manteve dominado, no chão. Ele não é maior do que eu. Mas é mais agressivo e mais esperto. Conhece muitas maneiras de dominar, e a maioria delas machuca. Manteve-me no chão, de costas, com a garganta nua e à espera dos seus dentes durante muito, muito tempo. Toda vez que eu me mexia, ele me dava uma bofetada. Olhos-de-Noite rosnara fora da casa, mas não muito perto da porta, e não tentara entrar. Quando gani por misericórdia, ele voltou a me bater.

— Cale-se! — disse ele. Quando me calei, ele disse:

— Você é mais novo. Eu sou mais velho e sei mais coisas. Luto melhor do que você, caço melhor do que você. Estou sempre acima de você. Fará tudo o que eu quiser que faça. Fará tudo o que eu lhe disser para fazer. Entendeu?

Sim, respondi. *Sim, sim, isso é alcateia, eu entendo, eu entendo*. Mas ele limitara-se a me bater de novo e a me segurar ali, de garganta descoberta, até que eu lhe respondi com a boca:

— Sim, eu entendo.

Quando o Coração da Matilha voltou para junto da mesa, pôs conhaque no meu copo. Colocou-o na minha frente, onde eu seria obrigado a cheirá-lo. Bufei.

— Experimente — insistiu ele. — Só um pouco. Você costumava gostar. Costumava beber isso na cidade, quando era mais novo e não devia entrar em tavernas sem mim. E depois mascava menta e pensava que eu não saberia o que tinha feito.

Sacudi a cabeça.

— Eu não faria o que me dissesse para não fazer. Eu compreendia.

Ele fez aquele seu som que era como sufocar e espirrar.

— Oh, você fazia muitas vezes o que eu lhe dizia para não fazer. Muitas vezes.

Voltei a sacudir a cabeça.

— Não me lembro disso.

— Ainda não. Mas vai se lembrar. — Voltou a apontar para o conhaque. — Vai. Prove. Só um pouco. Pode lhe fazer bem.

E como ele disse que eu devia fazê-lo, provei. A bebida me ardeu na boca e no nariz, e não consegui afastar o sabor com uma bufada. Derramei o que restou no copo.

— Enfim. Paciência ficaria tão contente — foi tudo o que ele disse. E depois me obrigou a arranjar um pano e a limpar o que derramei. E também a lavar os pratos com água e secá-los.

Às vezes, eu tremia e caía. Não havia motivo. O Coração da Matilha tentava me manter quieto. Às vezes os tremores me faziam adormecer. Quando acordava mais tarde, tinha dores. Doía-me o peito, doíam-me as costas. Às vezes mordia a língua. Não gostava dessas ocasiões. Elas assustavam Olhos-de-Noite.

E às vezes havia outro comigo e com Olhos-de-Noite, outro que pensava conosco. Era muito pequeno, mas estava lá. Eu não o queria lá. Não queria lá ninguém, nunca mais, exceto eu e Olhos-de-Noite. Ele sabia, e fazia-se tão pequeno que durante a maior parte do tempo não estava lá.

Mais tarde apareceu um homem.

— Um homem está vindo — eu disse ao Coração da Matilha. Estava escuro, e o fogo estava quase apagado. O tempo bom para caça passara. A escuridão era completa. Ele nos faria dormir em breve.

Não me respondeu. Levantou-se rapidamente e em silêncio e pegou a faca grande que estava sempre em cima da mesa. Disse-me com um gesto para ir para o canto, para sair do seu caminho. Dirigiu-se em silêncio para a porta e esperou.

Ouvi o homem caminhar pela neve, lá fora. Então farejei-o.

— É o cinzento — disse-lhe. — Breu.

Ele então abriu a porta muito depressa, e o cinzento entrou. E espirrei com os odores que ele trouxe consigo. Ele cheirava sempre a pós de folhas secas e a fumos de vários tipos. Era magro e velho, mas o Coração da Matilha comportava-se sempre como se fosse o mais importante na hierarquia da alcateia. O Coração da Matilha pôs mais lenha no fogo. A sala ficou mais iluminada e mais quente. O cinzento empurrou o capuz para trás. Olhou-me durante algum tempo com os seus olhos claros, como se estivesse à espera. Depois falou para o Coração da Matilha.

— Como está ele? Há melhoras?

O Coração da Matilha mexeu os ombros.

— Quando farejou você, disse o seu nome. Há uma semana que não tem nenhum ataque. Há três dias consertou alguns arreios. E fez um bom trabalho.

— Já não tenta roer o couro?

— Não. Ao menos enquanto eu estou vendo. Além disso, é um trabalho que ele conhece muito bem. Talvez toque alguma coisa lá dentro. — O Coração da Matilha soltou uma gargalhada curta. — Pelo menos arreios consertados são coisas que podem ser vendidas.

O cinzento foi ficar junto da lareira e estendeu as mãos para o fogo. Tinha manchas nas mãos. O Coração da Matilha foi buscar a garrafa de conhaque. Beberam conhaque em copos. Ele me obrigou a segurar um copo com um pouco de conhaque no fundo, mas não me obrigou a prová-lo. Conversaram durante muito, muito, muito tempo, sobre coisas que não tinham nada a ver com comer, dormir ou caçar. O cinzento tinha ouvido dizer qualquer coisa sobre uma mulher. Podia ser crucial, um ponto de reunião para os ducados. O Coração da Matilha disse:

— Não quero falar disso na frente de Fitz. Fiz uma promessa. — O cinzento perguntou se ele achava que eu compreendia, e o Coração da Matilha disse que não importava, pois dera a sua palavra. Eu queria ir dormir, mas eles me obrigaram a ficar sentado, quieto, numa cadeira. Quando o velho teve de partir, o Coração da Matilha disse:

— É muito perigoso para você vir até aqui. Uma caminhada tão longa para você. Conseguirá entrar de volta?

O cinzento limitou-se a sorrir.

— Tenho as minhas maneiras, Bronco — disse ele. Eu também sorri, lembrando-me de que ele sempre se orgulhara dos seus segredos.

Um dia, o Coração da Matilha saiu e me deixou sozinho. Não me amarrou. Disse apenas:

— Ali há um pouco de aveia. Se quiser comer enquanto eu estiver fora, terá que se lembrar de como se cozinha. Se sair pela porta ou pela janela, até mesmo se abrir a porta ou a janela, eu saberei. E vou espancá-lo até a morte. Compreende isto?

— Compreendo — respondi. Ele parecia muito zangado comigo, mas eu não conseguia me lembrar de ter feito alguma coisa que ele tivesse me dito para não fazer. Abriu uma caixa e tirou coisas lá de dentro. A maior parte era metal redondo. Moedas. De uma coisa eu me lembrava. Era brilhante e recurva como uma lua, e cheirava a sangue quando eu a consegui. Lutara com outro homem por ela. Não conseguia me lembrar de tê-la desejado, mas lutara e a ganhara. Agora não a queria. Ele a ergueu pela corrente de que pendia para olhá-la, depois a colocou numa bolsa. Não me importei por ele levá-la.

Eu estava com muita, muita fome quando ele voltou. Quando o fez trazia consigo um cheiro. Um cheiro de fêmea. Não era forte, e estava misturado com os cheiros de um prado. Mas era um cheiro bom que me fez desejar qualquer coisa, uma coisa que não era comida, água ou caçar. Aproximei-me dele para cheirá-lo, mas ele não reparou. Cozinhou o mingau e comemos. Depois ficou apenas sentado diante da lareira, com um ar muito, muito triste. Eu me levantei e fui buscar a garrafa de conhaque. Levei-a para ele com um copo. Ele aceitou as duas coisas, mas não sorriu.

— Talvez amanhã lhe ensine a ir buscar. Talvez seja uma coisa que você consiga dominar. — Depois bebeu todo o conhaque que estava na garrafa, e abriu outra garrafa depois dessa. Eu me sentei e fiquei observando-o. Depois que ele adormeceu, peguei o casaco que tinha o cheiro. Estendi-o no chão e me deitei nele, farejando-o até adormecer.

Sonhei. Mas o sonho não fez sentido. Havia uma fêmea que cheirava como o casaco de Bronco, e eu não queria que ela fosse embora. Era a minha fêmea, mas quando partiu eu não a segui. Só consegui me lembrar disso. Lembrar-me daquilo não era bom, da mesma forma que ter fome ou sede não era bom.

Ele estava me obrigando a ficar em casa. Obrigava-me a ficar em casa há muito, muito tempo, quando tudo o que eu queria fazer era sair. Mas daquela vez estava chovendo, muito, tanto que a neve estava quase toda derretida. De repente, pareceu bom não sair.

— Bronco — eu disse, e ele ergueu muito subitamente os olhos para mim. Moveu-se tão depressa que pensei que fosse atacar. Tentei não me encolher. Encolher-me às vezes o deixava zangado.

— O que é, Fitz? — perguntou, e a sua voz estava gentil.

— Estou com fome — disse. — Agora.

Ele me deu um grande pedaço de carne. Estava cozido, mas era um grande pedaço. Comi-o depressa demais e ele me observou, mas não me disse para não fazê-lo, nem me deu nenhuma bofetada. Dessa vez.

Eu não parava de coçar o rosto. A barba. Por fim, fui me colocar diante de Bronco. Cocei a barba na sua frente.

— Não gosto disso — disse-lhe. Ele pareceu surpreso. Mas me deu água muito quente e sabão, e uma faca muito afiada. Deu-me um vidro redondo com um homem nele. Olhei-o durante muito tempo. Fez com que eu estremecesse. Os olhos dele eram como os de Bronco, com branco em volta, mas ainda mais escuros. Não eram olhos de lobo. O seu pelo era escuro como o de Bronco, mas os pelos no queixo eram irregulares e ásperos. Toquei a minha barba, e vi dedos na cara do homem. Era estranho.

— Faça a barba, mas tenha cuidado — disse-me Bronco.

Quase consegui me lembrar de como se fazia. O cheiro do sabão, a água quente no rosto. Mas a lâmina muito, muito afiada não parava de me cortar. Pequenos cortes que ardiam. Depois de acabar, olhei para o homem no vidro redondo. Fitz, pensei. Quase como Fitz. Eu estava sangrando.

— Estou sangrando por todo lado — disse a Bronco.

Ele riu de mim.

— Você sempre sangra depois de fazer a barba. Tenta sempre se apressar demais. — Pegou a lâmina muito, muito afiada. — Fique quieto — disse-me. — Você deixou passar alguns lugares.

Fiquei muito quieto e ele não me cortou. Era difícil ficar quieto quando ele se aproximava tanto de mim e me olhava tão de perto. Quando acabou, pegou meu queixo com a mão. Inclinou meu rosto para cima e olhou para mim. Olhou bem para mim.

— Fitz? — perguntou. Virou a cabeça e sorriu para mim, mas depois o sorriso desapareceu quando me limitei a olhá-lo. Entregou-me uma escova.

— Não há cavalo para escovar — disse-lhe eu.

Ele pareceu quase contente.

— Escove isto — disse ele, e despenteou o meu cabelo. Obrigou-me a escová-

lo até ficar liso. Havia lugares doloridos na minha cabeça. Bronco franziu o cenho quando me viu estremecer. Afastou a escova e me fez ficar quieto enquanto observava e tocava por baixo do meu cabelo. — Desgraçado! — disse com dureza, e quando eu me retraí, falou: — Não é você. — Sacudiu lentamente a cabeça. Deu uma palmadinha no meu ombro. — A dor passará com o tempo — disse-me. Mostrou-me como puxar o cabelo para trás e atá-lo com couro. Tinha o comprimento mínimo para isso. — Assim está melhor — disse ele. — Já se parece de novo com um homem.

Acordei de um sonho, contorcendo-me e ganindo. Sentei-me e comecei a chorar. Ele veio da sua cama até o meu lado.
— Qual o problema, Fitz? Está bem?

— Ele me tirou da minha mãe! — eu disse. — Ele me tirou dela. Eu era novo demais para ficar longe dela.

— Eu sei — disse ele, eu sei. Mas isso foi há muito tempo. Agora você está aqui, e em segurança. — Ele parecia quase assustado.

— Ele fumegou o covil — disse-lhe eu. — Transformou a minha mãe e os meus irmãos em peles.

Seu rosto mudou, e sua voz deixou de ser gentil.

— Não, Fitz. Essa não era a sua mãe. Isso foi um sonho de lobo. Olhos-de-Noite. Pode ter acontecido com Olhos-de-Noite. Mas não com você.

— Oh, aconteceu, sim — disse-lhe eu, e de repente me senti zangado. — Oh, aconteceu, sim, e a sensação foi a mesma. A mesma. — Levantei-me da cama e comecei a andar pela sala. Andei durante muito tempo, até conseguir deixar outra vez de sentir aquela sensação. Ele sentou-se e me observou. Bebeu uma porção de conhaque enquanto eu andava.

Um dia, na primavera, eu estava de pé olhando pela janela. O mundo cheirava bem, a coisas vivas e novas. Espreguicei-me e descontraí os ombros. Ouvi os ossos estalarem uns nos outros.

— É uma boa manhã para sair a cavalo — eu disse. Virei-me para olhar para Bronco. Ele estava mexendo em um mingau numa panela ao fogo. Aproximou-se e parou ao meu lado.

— Nas Montanhas ainda é inverno — disse ele em voz baixa. — Fico pensando se Kettricken chegou em casa em segurança.

— Se não chegou, a culpa não foi de Fuligem — eu disse. Então algo se virou e doeu dentro de mim, e por um momento não consegui controlar a respiração.

Tentei pensar o que seria, mas fugiu de mim. Não queria apanhar essa coisa, mas sabia que era algo que devia caçar. Seria como caçar um urso. Quando me aproximasse, a coisa se viraria contra mim e tentaria me machucar. Mas, mesmo assim, algo nela me levava a querer continuar. Respirei fundo e afastei aquilo com um estremecimento. Voltei a encher os pulmões de ar, com um som que me ficou preso na garganta.

Ao meu lado, Bronco estava muito imóvel e silencioso. À minha espera.

Irmão, você é um lobo. Volte, afaste-se disso, isso vai feri-lo, avisou-me Olhos-de-Noite.

Saltei para longe da coisa.

E então Bronco andou pela sala, batendo com os pés no chão, amaldiçoando coisas, e deixando o mingau queimar. Tivemos de comê-lo mesmo assim, não havia mais nada.

Bronco me incomodou durante algum tempo.

— Lembra-se? — estava sempre dizendo. Não queria me deixar em paz. Dizia nomes e me obrigava a tentar dizer quem eram. Às vezes eu sabia, um pouco.

— Uma mulher — respondi-lhe quando ele disse Paciência. — Uma mulher numa sala com plantas. — Eu tentara, mas ele se zangou comigo mesmo assim.

Se dormia à noite, sonhava. Sonhos de uma luz trêmula, uma luz dançarina numa parede de pedra. E de olhos numa pequena janela. Os sonhos me seguravam no chão e me impediam de respirar. Se conseguisse arranjar ar suficiente para gritar, conseguia acordar. Às vezes levava muito tempo para arranjar ar suficiente. Bronco acordava também, e tirava da mesa a faca grande.

— O que é, o que é? — perguntava. Mas eu não podia lhe dizer.

Era mais seguro dormir à luz do dia, lá fora, cheirando a grama e a terra. Os sonhos das paredes de pedra não vinham nessas ocasiões. Em vez deles, vinha uma mulher, apertando-se docemente contra mim. O seu odor era igual ao das flores do prado, e a sua boca tinha gosto de mel. A dor desses sonhos chegava quando eu acordava e compreendia que ela se fora para sempre, levada por outro homem. À noite, eu me sentava e olhava para o fogo. Tentava não pensar em paredes frias de pedra ou em olhos escuros chorando e numa boca doce tornada pesada por palavras amargas. Não dormia. Nem sequer me atrevia a me deitar. Bronco não me obrigava.

Um dia Breu voltou. Tinha deixado a barba crescer muito e usava um chapéu de aba larga como se fosse um vendedor ambulante, mas eu o reconheci mesmo

assim. Bronco não estava em casa quando ele chegou, mas eu o deixei entrar. Não sabia por que motivo tinha vindo.

— Quer um pouco de conhaque? — perguntei, pensando que talvez tivesse sido por isso que ele viera. Ele me olhou com atenção e quase sorriu.

— Fitz? — perguntou. Virou a cabeça de lado para olhar o meu rosto. — Então, como tem passado?

Eu não sabia a resposta a essa pergunta, de modo que me limitei a olhar para ele. Passado algum tempo, ele pôs a chaleira no fogo. Tirou coisas da mochila que trazia. Trouxera chá condimentado, um pouco de queijo e peixe defumado. Também tirou para fora maços de ervas, e os colocou em fila sobre a mesa. Depois tirou uma bolsa de couro. Lá dentro havia um grande cristal amarelo, suficientemente grande para lhe encher a mão. No fundo da mochila havia uma grande tigela rasa, com esmalte azul na parte de dentro. Já a pusera na mesa e enchera de água limpa quando Bronco regressou. Bronco fora pescar. Tinha uma linha com seis pequenos peixes pendurados. Eram peixes de riacho, não peixes do oceano. Eram escorregadios e brilhantes. Ele já havia tirado todas as entranhas.

— Agora você o deixa sozinho? — perguntou Breu a Bronco depois de se cumprimentarem.

— Tenho de deixar, para arranjar comida.

— Então agora confia nele?

Bronco desviou o olhar de Breu.

— Treinei uma porção de animais. Ensinar um a fazer o que lhe é dito não é o mesmo que confiar num homem.

Bronco cozinhou os peixes numa frigideira e depois comemos. Também ingerimos o queijo e o chá. Depois, enquanto eu limpava as panelas e os pratos, eles se sentaram para conversar.

— Quero tentar as ervas — disse Breu a Bronco. — Ou a água, ou o cristal. Alguma coisa. Qualquer coisa. Começo a pensar que ele não está realmente… ali dentro.

— Está — assegurou Bronco em voz baixa. — Dê-lhe tempo. Não me parece que as ervas sejam uma boa ideia para ele. Antes de… mudar, estava começando a gostar demais de ervas. Perto do fim, andava sempre ou doente, ou cheio de energia. Se não estava mergulhado nas profundezas da tristeza, estava exausto de lutar ou de servir como Homem do Rei para Veracidade ou Sagaz. Depois se metia no casco-de-elfo em vez de descansar. Tinha se esquecido de como se

descansa e se deixa o corpo recuperar. Nunca queria esperar. Naquela última noite… você lhe deu sementes de caris, não foi? Rapoluva disse que nunca tinha visto nada assim. Acho que outras pessoas poderiam ter ido em sua ajuda, se não estivessem tão assustadas com ele. O pobre Espada pensou que ele tinha ficado doido varrido. Nunca se perdoou por derrubá-lo. Gostaria que ele pudesse saber que o garoto não morreu mesmo.

— Não houve tempo para escolher com cuidado. Dei-lhe o que tinha à mão. Não sabia que ele enlouqueceria com a semente de caris.

— Podia ter dito a ele que não — disse Bronco em voz baixa.

— Isso não o teria detido. Teria ido tal como estava, exausto, e seria morto ali mesmo.

Fui me sentar na lareira. Bronco não estava me observando. Deitei-me, e em seguida rolei até ficar de barriga para cima e me espreguicei. Era bom. Fechei os olhos e senti o calor do fogo no meu flanco.

— Levante-se e sente-se no banco, Fitz — disse Bronco.

Suspirei, mas obedeci. Breu não olhou para mim. Bronco continuou a falar.

— Eu gostaria de mantê-lo em águas calmas. Acho que só precisa de tempo, para se recuperar sozinho. Ele se lembra. Às vezes. E depois luta contra as recordações. Acho que não quer se lembrar, Breu. Acho que ele não quer realmente voltar a ser FitzCavalaria. Talvez tenha gostado de ser lobo. Talvez tenha gostado tanto que nunca mais volte.

— Ele tem de voltar — disse Breu em voz baixa. — Precisamos dele.

Bronco endireitou-se. Estava com os pés apoiados na pilha de lenha, mas agora os colocou no chão. Inclinou-se para Breu.

— Teve notícias?

— Eu não. Mas Paciência teve, acho. Às vezes é muito frustrante ser a ratazana atrás da parede.

— Então, o que ouviu?

— Só Paciência e Renda, conversando sobre lã.

— Por que é isso importante?

— Elas queriam lã para tecer um pano muito macio. Para um bebê, ou para uma criança pequena. “Ele nascerá no fim das nossas colheitas, mas isso é o princípio do inverno nas Montanhas. Vamos fazê-lo grosso”, disse Paciência. Talvez seja para o filho de Kettricken.

Bronco fez uma expressão de espanto.

— Paciência sabe de Kettricken?

Breu riu.

— Não sei. Quem sabe o que essa mulher sabe? Mudou muito nos últimos tempos. Anda juntando a guarda de Torre do Cervo na palma da mão e Dom Brilhante nem sequer nota. Agora acho que devíamos tê-la informado do nosso plano, que a devíamos ter incluído desde o início. Mas talvez não.

— Podia ter sido mais fácil para mim se a tivéssemos incluído. — Bronco tinha os olhos perdidos no fogo.

Breu sacudiu a cabeça.

— Lamento. Ela precisava acreditar que você tinha abandonado Fitz, que o tinha rejeitado por usar a Manha. Se tivesse ido reclamar o seu corpo, Majestoso poderia ter ficado desconfiado. Precisávamos fazer Majestoso acreditar que ela era a única que se preocupava o suficiente para enterrá-lo.

— Ela agora me odeia. Disse-me que eu não tinha nem lealdade, nem coragem. — Bronco olhou para as mãos e a sua voz tornou-se mais tensa. — Eu sabia que ela tinha deixado de me amar há anos. Quando entregou o coração à Cavalaria. Isso eu podia aceitar. Ele era digno dela. E fui eu quem me afastei dela inicialmente. De modo que conseguia viver com o fato de ela não me amar, porque sentia que ainda me respeitava como homem. Mas agora, ela despreza. Eu… — Sacudiu a cabeça, e em seguida fechou os olhos com força. Por um momento, tudo ficou parado. Então Bronco endireitou-se lentamente e virou-se para Breu: — Então, acha que Paciência sabe que Kettricken fugiu para as Montanhas?

— Não me surpreenderia. Não houve nenhuma notícia oficial, claro. Majestoso enviou mensagens ao Rei Eyod, exigindo saber se Kettricken fugiu para lá, mas Eyod respondeu apenas que ela era a Rainha dos Seis Ducados e que o que fazia não dizia respeito à Montanha. Majestoso ficou suficientemente irritado com isso para interromper o comércio com as Montanhas. Mas Paciência parece saber muito do que está acontecendo fora do castelo. Talvez saiba o que está acontecendo no Reino da Montanha. Pessoalmente, gostaria muito de saber como é que ela pretende enviar a manta para as Montanhas. É uma viagem longa e cansativa.

Bronco permaneceu em silêncio durante muito tempo. Em seguida, disse:

— Devia ter arranjado um modo de ir com Kettricken e com o Bobo. Mas havia só aqueles dois cavalos, e provisões suficientes para dois. Não consegui arranjar mais do que isso, de modo que foram sozinhos. — Lançou um olhar furioso ao fogo e em seguida perguntou: — Suponho que ninguém ouviu nada sobre o Príncipe Herdeiro Veracidade?

Breu sacudiu lentamente a cabeça.

— Rei Veracidade — lembrou com suavidade a Bronco. — Se estivesse aqui. — Desviou o olhar para longe. — Se fosse regressar, acho que já estaria aqui a esta altura — disse ele em voz baixa. — Mais alguns dias calmos como este e haverá Salteadores dos Navios Vermelhos em todas as baías. Já não acredito que Veracidade regresse.

— Então Majestoso é verdadeiramente rei — disse Bronco com amargura. — Pelo menos até que o filho de Kettricken nasça e chegue à maioridade. E depois podemos esperar uma guerra civil se a criança tentar reivindicar a coroa. Caso ainda restem Seis Ducados para governar. Veracidade. Agora gostaria que ele não tivesse partido em busca dos Antigos. Pelo menos enquanto estivesse vivo teríamos alguma proteção contra os Salteadores. Agora, com Veracidade longe e a primavera ganhando força, não há nada entre nós e os Navios Vermelhos…

Veracidade. Estremeci com o frio. Empurrei o frio para longe. Ele voltou e afastou todo o resto. Eu o mantive à distância. Passado um momento, respirei fundo.

— Só a água, então? — perguntou Breu a Bronco, e eu compreendi que tinham continuado a conversa, mas eu não os ouvira.

Bronco encolheu os ombros.

— Vá em frente. Que mal pode fazer? Ele costumava ver o futuro na água?

— Nunca o testei. Sempre suspeitei de que poderia fazê-lo se tentasse. Tem a Manha e o Talento. Por que também não seria capaz ver o futuro?

— Só porque um homem é capaz de fazer uma coisa não quer dizer que deva fazê-la.

Durante algum tempo, olharam um para o outro. Então Breu encolheu os ombros.

— O meu ofício talvez não me deixe ter tantos escrúpulos de consciência como o seu — sugeriu numa voz tensa.

Após um momento, Bronco disse de má vontade:

— Peço perdão, senhor. Todos servimos o nosso rei conforme nossas capacidades.

Breu respondeu com um aceno de cabeça. Em seguida sorriu.

Breu tirou da mesa tudo, menos o prato com água e umas quantas velas.

— Venha aqui — disse-me em voz suave, de modo que eu voltei para junto da mesa. Fez-me sentar na sua cadeira e pôs o prato na minha frente. — Olhe para a água — disse-me. — Diga o que vê.

Vi a água na tigela. Vi o azul no fundo da tigela. Nenhuma das respostas o deixou contente. Não parava de me dizer para voltar a olhar e me perguntava

sempre as mesmas coisas. Moveu a vela várias vezes, dizendo em cada uma delas para que eu voltasse a olhar. Por fim, disse a Bronco:

— Bem, agora pelo menos responde quando falamos com ele.

Bronco concordou com a cabeça, mas parecia desencorajado.

— Sim. Talvez com o tempo — disse.

Soube então que tinham terminado o que queriam fazer comigo, e relaxei.

Breu perguntou se podia passar a noite conosco. Bronco disse que sim. Então foi buscar o conhaque. Serviu dois copos. Breu puxou o meu banco para junto da mesa e voltou a sentar-se. Eu fiquei esperando, mas eles tornaram a conversar um com o outro.

— Então, e eu? — perguntei por fim.

Eles pararam de falar e olharam para mim.

— E você o quê? — perguntou Bronco.

— Não ganho conhaque?

Olharam para mim. Bronco perguntou com cautela.

— Quer conhaque? Pensei que não gostava.

— Não, não gosto. Nunca gostei. — Pensei por um momento. — Mas era barato.

Bronco me encarou. Breu deu um pequeno sorriso, enquanto olhava para as mãos. Então Bronco foi buscar outro copo e me serviu um pouco de conhaque. Durante algum tempo ficaram me observando, mas eu não fiz nada. Por fim, recomeçaram a conversar. Eu bebi um pequeno gole de conhaque. Ainda me ardia na boca e no nariz, mas criava um calor dentro de mim. Soube que não queria mais. Depois achei que queria. Bebi um pouco mais. Era igualmente desagradável. Como algo que Paciência poderia me forçar a tomar para uma tosse. Não. Afastei também essa memória. Larguei o copo.

Bronco não olhou para mim. Continuou a conversar com Breu.

— Quando caçamos veados, é frequente conseguirmos nos aproximar muito mais deles simplesmente fingindo não os ver. Eles ficam onde estão, observando a nossa aproximação sem mover um casco desde que não olhemos diretamente para eles. — Pegou a garrafa e serviu mais conhaque no meu copo. O cheiro que subia dele me fez soltar uma bufada. Pensei sentir qualquer coisa se agitando. Um pensamento na minha mente. Sondei na direção do meu lobo.

Olhos-de-Noite?

Irmão? Estou dormindo, Alterador. Ainda não é uma boa hora para caçar.

Bronco me encarou, furioso. Parei.

Sabia que não queria mais conhaque. Mas havia outra pessoa que achava que

queria. Outra pessoa que me incentivou a pegar o copo, só para ficar com ele na mão. Fiz o conhaque rodopiar no copo. Veracidade costumava fazer o vinho rodopiar no copo e olhar para ele. Olhei para o copo escuro.

Fitz.

Larguei o copo. Levantei-me e andei pela sala. Queria sair, mas Bronco nunca me deixava sair sozinho, muito menos à noite, de modo que andei pela sala até voltar para a cadeira. Sentei-me de novo. O copo de conhaque ainda estava lá. Passado algum tempo, peguei-o, só para fazer com que a sensação de querer pegá-lo fosse embora. Mas depois de tê-lo na mão, ele mudou a sensação. Fez com que eu pensasse em bebê-lo. Como o sentiria quente na barriga. Bastaria bebê-lo depressa, e o sabor não permaneceria por muito tempo, só ficaria a sensação boa e quente na minha barriga.

Eu sabia o que ele estava fazendo. Começava a me zangar.

Então, só mais um golinho. Uma voz calmante. Sussurrada. *Só para ajudá-lo a relaxar, Fitz. O fogo está tão quente, e você comeu. Bronco o protegerá. Breu está logo ali. Não precisa estar tão em guarda. Só mais um gole. Mais um gole.*

Não.

Então, só um golinho de nada, só para molhar a boca.

Bebi outro gole, para fazer com que ele parasse de me fazer desejá-lo. Mas ele não parou, de modo que bebi outro. Enchi a boca e engoli tudo. Estava ficando cada vez mais difícil resistir. Ele estava me vencendo pelo cansaço. E Bronco não parava de colocar mais no copo.

Fitz. Diga: "Veracidade está vivo". É só. Diga só isso.

Não.

O conhaque não lhe dá uma sensação agradável na barriga? Tão quente. Bebe um pouco mais.

— Eu sei o que está tentando fazer. Está tentando me embebedar. Para que eu não possa mantê-lo afastado. Não deixarei que faça isso. — Meu rosto estava molhado.

Bronco e Breu estavam me olhando.

— Ele nunca foi um bêbado chorão — observou Bronco. — Pelo menos não perto de mim. — Pareciam achar aquilo interessante.

Diga. Diga: "Veracidade está vivo". Depois lhe deixarei ir. Prometo. Diga apenas isso. Só uma vez. Mesmo se for num murmúrio. Diga. Diga.

Baixei os olhos para a mesa. Numa voz muito baixa, disse:

— Veracidade está vivo.

— Oh? — disse Bronco. Estava despreocupado demais. Inclinou-se muito

depressa para colocar mais conhaque no meu copo. A garrafa estava vazia. Serviu-me do que tinha no seu próprio copo.

De repente, desejei o conhaque. Desejei-o para mim. Peguei-o e bebi tudo. Depois, levantei-me.

— Veracidade está vivo — disse. — Está frio, mas vivo. E isso é tudo o que tenho a dizer. — Fui até a porta, puxei o trinco e saí para a noite. Eles não tentaram me impedir.

Bronco tinha razão. Estava tudo lá, como uma canção que tivesse ouvido com muita frequência e não conseguisse tirar da cabeça. Corria por trás de todos os meus pensamentos e coloria todos os meus sonhos. Voltava para mim aos encontrões e não me deixava em paz. A primavera avançou até o verão. Velhas memórias começaram a sobrepor-se às novas. As minhas vidas começaram a se costurar umas às outras. Havia aberturas e pregas na união, mas estava ficando cada vez mais difícil me recusar a saber coisas. Nomes voltaram a ganhar significados e rostos. Paciência, Renda, Celeridade e Fuligem já não eram meras palavras, mas ressoavam como sinos com a riqueza das memórias e emoções. “Moli”, disse por fim um certo dia, de mim para mim, em voz alta. Bronco ergueu subitamente os olhos para mim quando eu proferi aquela palavra e quase deixou cair a corda de tripa para armadilhas, fortemente entrelaçada, que estava fazendo. Ouvi-o prender a respiração como se fosse falar comigo, mas em vez disso manteve-se em silêncio, esperando que eu dissesse mais coisas. Não o fiz. Fechei os olhos, baixei o rosto para as mãos e ansiei pelo esquecimento.

Passei muito tempo em pé, à janela, olhando o prado. Nada havia para se ver lá. Mas Bronco não me impedia de olhar, nem me obrigava a voltar para as minhas tarefas, como teria feito antes. Um dia, enquanto olhava a grama viçosa, perguntei a Bronco:

— O que vamos fazer quando os pastores chegarem aqui? Aonde iremos para viver?

— Pense bem. — Ele fixara uma pele de coelho no chão e a estava limpando da carne e da gordura. — Eles não virão. Não há rebanhos para trazer para os pastos de verão. A maior parte do gado bom foi para o interior com Majestoso. Ele saqueou Torre do Cervo de tudo o que pudesse meter em carroças ou conduzir de lá. Estou disposto a apostar que todas as ovelhas que tenham restado em Torre do Cervo se transformaram em pratos de carneiro durante o inverno.

— Provavelmente — concordei. E então algo entrou à força em minha mente, algo mais terrível do que todas as coisas que eu sabia e não queria recordar:

todas as coisas que não sabia, todas as questões que tinham sido deixadas sem resposta. Saí para caminhar pelo prado. Continuei para além do prado, até a beira do riacho, e depois o desci até a parte pantanosa onde cresciam as taboas. Colhi as espigas verdes de taboa para cozinhar com o mingau. Eu conhecia mais uma vez os nomes das plantas. Não queria isso, mas sabia quais matariam um homem e como prepará-las. Todo o antigo conhecimento estava lá, esperando para me reclamar, quisesse eu ou não.

Quando regressei com as espigas, ele estava cozinhando o cereal. Coloquei-as na mesa e fui buscar uma panela de água no barril. Enquanto as lavava e escolhia, perguntei por fim:

— O que aconteceu? Naquela noite?

Ele virou-se muito lentamente para olhar para mim, como se eu fosse uma peça de caça que poderia ser espantada por um movimento súbito.

— Naquela noite?

— Na noite em que o Rei Sagaz e Kettricken deviam fugir. Por que você não deixou os cavalos de trabalho e a liteira à espera?

— Oh. Aquela noite. — Ele suspirou como quem se recorda de uma velha dor. Falou muito lenta e calmamente, como se temesse me assustar. — Eles estavam nos vigiando, Fitz. O tempo todo. Majestoso sabia de tudo. Naquela noite eu não teria conseguido tirar do estábulo um grão de aveia, quanto mais três cavalos, uma liteira e uma mula. Havia guardas de Vara por todo o lado, tentando passar a ideia de que tinham ido simplesmente inspecionar as cocheiras vazias. Não me atrevi a ir até você para lhe dizer. De modo que, por fim, esperei até que o banquete começasse, até que Majestoso tivesse se coroado e convencido de que ganhara. Então saí depressa e fui buscar os dois únicos cavalos que conseguiria arranjar. Fuligem e Ruivo. Eu os escondera com o ferreiro, para me assegurar de que Majestoso não poderia vendê-los também. A única comida que consegui arranjar foi a que deu para surrupiar da casa da guarda. Foi a única coisa que consegui pensar em fazer.

— E a Rainha Kettricken e o Bobo fugiram neles. — Os nomes saíram de forma estranha da minha boca. Não queria pensar neles, não queria me lembrar deles de modo algum. Da última vez que vira o Bobo, ele estava chorando e me acusando de ter matado o seu rei. Eu insistira para que ele fugisse no lugar do rei, para lhe salvar a vida. Não era a melhor recordação que podia ter da despedida de alguém a quem chamara de amigo.

— Sim. — Bronco trouxe a panela de mingau para a mesa e deixou-a ali para engrossar. — Breu e o lobo os guiaram até mim. Eu queria ir com eles, mas não

pude. Só teria tornado a sua viagem mais lenta. A minha perna… Sabia que não conseguiria acompanhar o passo dos cavalos por muito tempo, e montaria dupla com aquele tempo teria deixado os animais exaustos. Só podia deixá-los ir. — Um silêncio. Em seguida um rosnado, mais grave do que um rosnado de lobo. — Se um dia eu descobrir quem nos denunciou a Majestoso…

— Fui eu.

Os seus olhos prenderam-se nos meus, no seu rosto surgiu uma expressão de horror e incredulidade. Eu olhei para as mãos. Estavam começando a tremer.

— Fui estúpido. Foi culpa minha. A pequena aia da rainha, Rosamaria. Sempre por perto, sempre em volta de nós. Devia ser espiã de Majestoso. Ouviu-me dizer à rainha para estar preparada, que o Rei Sagaz iria com ela. Ouviu-me dizer a Kettricken para vestir roupas quentes. A partir disso, Majestoso adivinharia que ela ia fugir de Torre do Cervo. Saberia que ela iria precisar de cavalos. E Rosamaria talvez tenha feito mais do que espionar. Talvez tenha levado a uma velha um cesto de guloseimas envenenadas. Talvez tenha ensebado um degrau de uma escada que sabia que a sua rainha desceria em breve.

Forcei-me a erguer os olhos das espigas, para enfrentar o olhar ferido de Bronco.

— E o que Rosamaria não escutou, Justino e Serena escutaram. Eles estavam presos ao rei, sugando dele força de Talento e conscientes de cada pensamento que ele enviava a Veracidade ou recebia dele. Depois de ficarem sabendo o que eu estava fazendo, quando servia como Homem do Rei, começaram também a me espionar com o Talento. Eu não sabia que era possível fazer tal coisa. Mas Galeno descobriu como, e ensinou aos seus alunos. Lembra-se de Vontade, filho de Palafreneiro? O membro do círculo? Ele era o melhor. Conseguia fazer com que você acreditasse que ele nem estava presente quando estava.

Sacudi a cabeça, tentei afastar dela as minhas memórias aterrorizantes de Vontade. Ele trazia de volta as sombras da masmorra, as coisas que ainda me recusava a recordar. Perguntei a mim mesmo se o tinha matado. Achei que não. Não me parecia que o tivesse feito ingerir veneno suficiente. Ergui o olhar para ver Bronco me observando intensamente.

— Naquela noite, mesmo no último momento, o rei recusou-se a ir — disse-lhe em voz baixa. — Eu já pensava em Majestoso como traidor há tanto tempo que tinha esquecido de que Sagaz ainda o veria como filho. O que Majestoso fez, quando aceitou a coroa de Veracidade sabendo que o irmão estava vivo… O Rei Sagaz não queria continuar a viver, sabendo que Majestoso era capaz de tal coisa. Pediu-me para ser Homem do Rei, para lhe emprestar a força para enviar

pelo Talento uma despedida a Veracidade. Mas Serena e Justino estavam à espera. — Fiz uma pausa, com novas peças do quebra-cabeças encaixando-se nos seus lugares. — Eu devia ter sabido que estava sendo fácil demais. Nenhum guarda protegendo o rei. Por quê? Porque Majestoso não precisava deles. Porque Serena e Justino estavam agarrados a ele como sanguessugas. Majestoso já não precisava mais do pai. Coroara-se Príncipe Herdeiro; já não podia obter de Sagaz nada de bom. De modo que esgotaram a força de Talento do Rei Sagaz. Mataram-no. Antes mesmo de ele conseguir despedir-se de Veracidade. É provável que Majestoso lhes tivesse dito para se assegurarem de que ele não voltaria a contactar Veracidade pelo Talento. Por isso, depois matei Serena e Justino. Matei-os da mesma maneira que eles mataram o meu rei. Sem lhes dar chance para revidarem, sem um momento de misericórdia.

— Calma. Agora calma. — Bronco veio rapidamente até mim, colocou as mãos nos meus ombros e me fez sentar numa cadeira. — Está tremendo como se estivesse tendo uma convulsão. Acalme-se.

Não consegui falar.

— Era isso que Breu e eu não conseguíamos entender — disse-me Bronco. — Quem havia traído o nosso plano? Pensamos em todos. Até no Bobo. Durante algum tempo tememos que tivéssemos enviado Kettricken embora aos cuidados de um traidor.

— Como pôde pensar isso? O Bobo amava o Rei Sagaz como ninguém.

— Não conseguimos imaginar mais ninguém que conhecesse todos os nossos planos — disse simplesmente Bronco.

— Não foi o Bobo que causou a nossa ruína. Fui eu. — E foi esse, creio, o momento em que voltei completamente a mim. Dissera a coisa mais impossível de se dizer, enfrentara a minha verdade mais difícil de enfrentar. Eu traíra todos eles. — O Bobo me avisou. Ele disse que eu seria a morte de reis se não aprendesse a deixar as coisas em paz. Breu me preveniu. Tentou me fazer prometer que não desencadearia mais nada. Mas eu não quis. Portanto, as minhas ações mataram o meu rei. Se eu não o tivesse ajudado a usar o Talento, ele não teria ficado tão aberto aos seus assassinos. Eu o abri, tentando alcançar Veracidade. Mas quem surgiu foram aquelas duas sanguessugas. O assassino do rei. Oh, de tantas, tantas maneiras, Sagaz. Lamento tanto, meu rei. Lamento tanto. Se não fosse eu, Majestoso não teria tido motivo para matá-lo.

— Fitz. — A voz de Bronco estava firme. — Majestoso nunca precisou de um motivo para matar o pai. Só precisava esgotar os motivos para mantê-lo vivo. E você não tinha nenhum controle sobre isso. — Uma súbita ruga cruzou sua testa.

— Por que o mataram naquele momento? Por que não esperaram até terem também a rainha?

Eu sorri para ele.

— Você a salvou. Majestoso achou que tinha a rainha. Eles acharam que tinham nos detido quando evitaram que você tirasse cavalos dos estábulos. Majestoso até se gabou disso comigo quando eu estava na minha cela. Que ela fora obrigada a partir sem cavalos. E sem coisas quentes de inverno.

Bronco deu um sorriso duro.

— Ela e o Bobo levaram o que tinha sido embrulhado para Sagaz. E partiram em dois dos melhores cavalos que já saíram dos estábulos de Torre do Cervo. Aposto que chegaram em segurança às Montanhas, garoto. Fuligem e Ruivo provavelmente agora estão pastando nas pastagens da Montanha.

Era um conforto parco demais. Nessa noite saí e corri com o lobo, e Bronco não me censurou. Mas não podíamos correr longe o bastante, nem rápido o bastante, e o sangue que derramamos nessa noite não foi o sangue que eu desejava ver correr, e a carne quente e fresca tampouco foi capaz de preencher o vazio que havia dentro de mim.

Assim, lembrei-me da minha vida e de quem fora. À medida que os dias passavam, Bronco e eu fomos recomeçando a conversar abertamente como amigos. Ele desistiu do seu domínio sobre mim, mas não sem expressar de uma forma trocista a pena que sentia ao fazê-lo. Recordamos as maneiras antigas de agir um com o outro, as maneiras antigas de rirmos juntos, as maneiras antigas de discordar. Porém, enquanto as coisas se regularizavam entre nós e se tornavam normais, éramos lembrados, de uma forma ainda mais intensa, de tudo aquilo que já não possuíamos.

Não havia trabalho suficiente num dia para manter Bronco ocupado. Aquele era um homem que tivera completa autoridade sobre todos os estábulos de Torre do Cervo, e sobre os cavalos, cães e falcões que os habitavam. Eu o observava inventar tarefas para preencher as horas, e sabia o quanto ele se consumia pelos animais por que fora responsável durante tanto tempo. Eu tinha saudades do alvoroço e das pessoas da corte, mas ansiava ainda mais por Moli. Inventava conversas que gostaria de ter tido com ela, apanhava flores de rainha-dos-prados e carriço-de-dia porque cheiravam como ela, e me deitava à noite recordando o toque da sua mão no meu rosto. Mas não eram essas as coisas de que falávamos. Em vez disso, reuníamos as nossas peças para formar uma espécie de todo. Bronco pescava e eu caçava, havia peles para raspar, camisas para lavar e

remendar, água para transportar. Era uma vida. Ele tentou me falar, uma vez, de como fora me visitar na masmorra, para me levar veneno. As suas mãos trabalhavam com pequenos movimentos de torção enquanto falava de como tivera de se afastar, deixando-me naquela cela. Não pude deixá-lo continuar.

— Vamos pescar — propus de súbito. Ele respirou fundo e fez um aceno com a cabeça. Fomos pescar e não voltamos a conversar nesse dia.

Mas eu tinha sido engaiolado, e deixado passando fome, e espancado até a morte. De tempos a tempos, quando ele olhava para mim, eu sabia que via as cicatrizes. Barbeava-me em volta da linha que me descia a bochecha, e via o cabelo crescer branco por cima da testa, onde o couro cabeludo fora cortado. Nunca falávamos sobre isso. Eu me recusava a pensar nisso. Mas não existe homem capaz de passar por aquilo que eu passara sem mudar.

Comecei a dormir à noite. Sonhos curtos e intensos, momentos congelados de fogo, de uma dor dilacerante, de medo impotente. Acordava, com suor frio deixando meu cabelo lustroso, nauseado de medo. Nada restava desses sonhos quando me sentava na escuridão, nem o mais minúsculo dos fios com o qual pudesse desfiá-los. Só a dor, o medo, a ira, a frustração. Mas, acima de tudo, o medo. O medo esmagador que me deixava tremendo e arquejando, de olhos lacrimosos, com bílis amarga no fundo da boca.

Na primeira vez que aconteceu, da primeira vez que me sentei com a rapidez de um relâmpago e um grito inarticulado, Bronco rolou para fora da cama e colocou uma mão no ombro, para perguntar se eu estava bem. Empurrei-o para longe de mim com tal violência que ele caiu sobre a mesa e quase a derrubou. Medo e ira atingiram o auge num instante de fúria que quis matá-lo simplesmente por estar ao meu alcance. Nesse momento rejeitei e desprezei a mim mesmo tão completamente que desejei apenas destruir tudo o que era eu, ou fazia fronteira com o meu ser. *Repeli* violentamente o mundo inteiro, quase expulsando a minha própria consciência. *Irmão, irmão, irmão*, ganiu desesperadamente Olhos-de-Noite dentro de mim, e Bronco cambaleou para trás com um grito inarticulado. Passado um momento, consegui engolir em seco e murmurar para Bronco:

— Foi só um pesadelo. Desculpe. Ainda estava sonhando, só um pesadelo.

— Eu compreendo — disse ele com brusquidão, e em seguida, num tom mais pensativo: — Eu compreendo. — Voltou para a cama. Mas eu sabia que o que ele compreendia era que não podia me ajudar com aquilo, e nada mais.

Os pesadelos não vinham todas as noites, mas eram suficientemente frequentes para me fazerem temer a cama. Bronco fingia passar por eles dormindo, mas eu

sabia que ele se mantinha acordado enquanto eu travava sozinho as minhas batalhas noturnas. Não tinha qualquer lembrança dos sonhos, só do terror dilacerante que me causavam. Eu sentira medo antes. Com frequência. Medo quando lutara com Forjados, medo quando enfrentáramos guerreiros dos Navios Vermelhos, medo quando confrontara Serena. Medo que avisava, que incentivava, que dava a vantagem necessária para me manter vivo. Mas o medo noturno era um terror desencorajante, uma esperança de que a morte chegasse e lhe pusesse fim, porque eu estava quebrado e sabia que lhes daria qualquer coisa para não enfrentar mais dor.

Não existe resposta para um medo assim ou para a vergonha que vem atrás dele. Tentei a ira, tentei o ódio. Nem lágrimas, nem conhaque conseguiam afogá-lo. Permeava-me como um cheiro daninho e coloria todas as recordações que eu tinha, ensombrando a minha percepção de quem fora. Nenhum momento de alegria ou paixão ou coragem do qual eu conseguia me lembrar era exatamente o que fora antes, pois a minha mente acrescentava sempre traiçoeiramente: “Sim, você teve isso, durante algum tempo, mas depois veio isto, e isto é o que você é agora”. Esse medo debilitante era uma presença desencorajadora dentro de mim. Eu sabia, com uma certeza doentia, que se fosse pressionado me transformaria naquilo. Já não era FitzCavalaria. Era aquilo que restara depois de o medo expulsá-lo do meu corpo.

No segundo dia depois de Bronco ter ficado sem conhaque, eu lhe disse:

— Ficarei bem aqui se você quiser ir à Cidade de Torre do Cervo.

— Não temos dinheiro para comprar mais provisões e não resta nada para vender. — Ele disse isso com um ar taxativo, como se a culpa fosse minha. Estava sentado junto do fogo. Fechou as mãos uma sobre a outra e apertou-as entre os joelhos. Tinham estado tremendo, só um pouco. — Agora vamos ter de nos arranjar sozinhos. Há caça em abundância. Se não conseguirmos nos alimentar aqui em cima, mereceremos passar fome.

— Você vai ficar bem? — perguntei sem expressão.

Ele me olhou através de olhos semicerrados.

— E isso quer dizer o quê? — perguntou.

— Quer dizer que não há mais conhaque — respondi com igual secura.

— E acha que eu não posso ficar sem ele? — O seu mau gênio já estava aparecendo. Tornara-se cada vez pior desde que acabara o conhaque.

Encolhi muito ligeiramente os ombros.

— Só estava perguntando. Nada mais. — Sentei-me muito quieto, sem olhar

para ele, esperando que não explodisse.

Depois de uma pausa, ele disse, numa voz muito baixa:

— Bem, suponho que isso é uma coisa que nós dois teremos de descobrir.

Deixei passar um longo tempo. Por fim, perguntei:

— O que vamos fazer?

Ele me olhou aborrecido.

— Já lhe disse. Caçar para nos alimentarmos. Isso é uma coisa que você devia ser capaz de perceber.

Afastei os olhos dele, fiz um aceno balançando a cabeça.

— Percebi. Estou falando… depois disso. Depois de amanhã.

— Bem. Caçamos para arranjar carne. Podemos aguentar durante algum tempo dessa maneira. Porém, cedo ou tarde, vamos querer o que não conseguimos arranjar ou fazer sozinhos. Há coisas que Breu nos arranjará, se puder. Torre do Cervo está agora tão nua como ossos limpos de carne. Terei de ir à Cidade de Torre do Cervo, durante algum tempo, e arranjar trabalho, se conseguir. Mas por ora…

— Não — eu disse em voz baixa. — Eu me referia a… Não podemos nos esconder para sempre aqui em cima, Bronco. O que vem depois disso?

Foi a vez dele ficar em silêncio durante algum tempo.

— Suponho que ainda não tenha pensado muito nisso. A princípio, isto era só um lugar para onde lhe trazer enquanto se recuperava. Depois, durante algum tempo, pareceu que você nunca…

— Mas agora estou aqui. — Hesitei. — Paciência — comecei.

— Acha que você está morto — interrompeu Bronco, talvez com maior dureza do que pretendera. — Breu e eu somos os únicos que sabemos que não. Antes de puxarmos você de dentro daquele caixão, não tínhamos certeza. Teria a dose sido forte demais, estaria realmente morto por causa dela, ou congelado devido aos dias passados na terra? Eu vi o que tinham feito a você. — Parou, e por um momento me encarou. Fez uma expressão de assombro. Sacudiu muito ligeiramente a cabeça. — Achei que você não conseguiria sobreviver àquilo, quanto mais ao veneno. De modo que não demos esperança a ninguém. E depois, quando o tiramos…— Sacudiu a cabeça, com mais violência. — A princípio, você estava em péssimo estado. O que eles haviam lhe feito… Havia tantos danos… Não sei o que deu em Paciência para limpar e enfaixar os ferimentos de um morto, mas se não o tivesse feito… Depois, mais tarde… Não era você. Após aquelas primeiras semanas, eu me senti enojado por aquilo que tínhamos feito. Pareceu-me que havíamos colocado a alma de um lobo no corpo de um homem.

Voltou a olhar para mim, com o rosto ficando incrédulo ao recordar.

— Você pulou na minha garganta. No primeiro dia em que conseguiu ficar de pé, quis fugir. Eu não deixei e você pulou na minha garganta. Não podia mostrar a Paciência essa criatura cheia de rosnados e dentadas, quanto mais…

— Você acha que Moli…? — comecei.

Bronco afastou os olhos de mim.

— Provavelmente ouviu dizer que você estava morto. — Passado algum tempo acrescentou, desconfortável: — Alguém tinha posto uma vela acesa na sua sepultura. A neve tinha sido afastada, e o toco de cera ainda estava lá quando fomos desenterrá-lo.

— Como um cão à procura de um osso.

— Eu tinha medo de que você não compreendesse.

— Não compreendi. Só aceitei a palavra de Olhos-de-Noite.

Era o máximo com que eu conseguiria lidar naquele momento. Tentei deixar a conversa morrer. Mas Bronco estava inflexível.

— Se voltasse à Torre do Cervo ou à Cidade de Torre do Cervo, eles o matariam. Você seria enforcado sobre a água e queimariam o seu corpo. Ou iram desmembrá-lo. Mas as pessoas se assegurariam de que desta vez você ficaria morto.

— Eles me odiavam tanto assim?

— Odiá-lo? Não. Eles gostavam bastante de você, aqueles que o conheciam. Mas se regressasse, um homem que morreu e foi enterrado, caminhando de novo entre eles, teriam medo de você. Não é algo que se possa afastar falando em truques. A Manha não é uma magia em que as pessoas pensem com agrado. Quando um homem é acusado dela e depois morre e é enterrado, bem, para que se lembrassem com simpatia, teria de ficar morto. Se o vissem andando por aí, tomariam isso como prova de que Majestoso tinha razão; de que você praticava a magia dos animais e a usou para matar o rei. Teriam de matá-lo de novo. Com mais esmero da segunda vez. — Bronco levantou-se de repente e deu duas voltas na sala. — Raios me partam, mas uma bebida cairia bem — disse.

— Para mim também — eu disse em voz baixa.

Dez dias mais tarde, Breu subiu pelo caminho. O velho assassino caminhava lentamente, com o auxílio de um bastão, e trazia a sua mochila bem erguida sobre os ombros. O dia estava tépido, e ele atirara para trás o capuz do manto. O seu longo cabelo grisalho era soprado pelo vento e ele deixara a barba crescer para lhe cobrir uma porção maior do rosto. À primeira vista, parecia um

vendedor itinerante. Um velho cheio de cicatrizes, talvez, mas já não o Homem Pustulento. O vento e o sol tinham lhe bronzeado o rosto. Bronco havia ido pescar, que era uma coisa que preferia fazer sozinho. Olhos-de-Noite viera tomar sol à nossa porta, na ausência de Bronco, mas voltara a fundir-se com a floresta por trás da cabana assim que sentira o odor de Breu no ar. Eu estava só.

Durante algum tempo, observei-o aproximar-se. O inverno o envelhecera, nas rugas do rosto e no grisalho do cabelo. Mas caminhava com mais força do que eu me lembrava, como se as privações o tivessem endurecido. Por fim, fui ao seu encontro.

— Rapaz? — perguntou com cautela quando me aproximei. Consegui fazer um aceno e um sorriso. O sorriso que lhe surgiu no rosto em resposta me encheu de humildade. Deixou cair o bordão para me abraçar e depois encostou o rosto no meu como se eu fosse uma criança. — Oh, Fitz, Fitz, meu rapaz — disse, numa voz cheia de alívio. — Pensei que tínhamos perdido você. Pensei que tínhamos feito algo pior do que deixá-lo morrer. — Os seus velhos braços estavam apertados e fortes em volta de mim.

Fui gentil com o velho. Não lhe disse que tinham feito isso mesmo.

CAPÍTULO 2

A Separação

Depois de se coroar Rei dos Seis Ducados, o Príncipe Majestoso Visionário essencialmente abandonou os Ducados Costeiros aos seus próprios desígnios. Despojou Torre do Cervo propriamente dita e uma boa parte do Ducado de Cervo do máximo de dinheiro que conseguiu espremer de lá. Cavalos e gado de Torre do Cervo tinham sido vendidos, tendo os de melhor qualidade sido levados para o interior, para a nova residência de Majestoso em Vaudefeira. Os móveis e a biblioteca da sede tradicional da monarquia também foram saqueados, em parte para revestir o novo ninho, em parte para distribuir pelos seus duques e nobres do Interior, como favores, ou para serem vendidos a eles sem reservas. Celeiros, adegas de vinhos, os armeiros, tudo foi pilhado, e o saque foi enviado para o interior.

O plano que fora anunciado residira em levar o enfermo Rei Sagaz e a Rainha Expectante Kettricken, viúva e grávida, para Vaudefeira, a fim de ficarem a salvo das incursões de Navios Vermelhos que atormentavam os Ducados Costeiros. Isso também serviu de desculpa para o saque das mobílias e coisas de valor de Torre do Cervo. Mas com a morte de Sagaz e o desaparecimento de Kettricken, até esse motivo pouco convincente desapareceu. Entretanto, ele abandonou Torre do Cervo tão depressa quanto pôde após a coroação. Conta-se a história de que quando o seu Conselho de Nobres questionou essa decisão, ele lhes disse que os Ducados Costeiros representavam para si mesmo apenas guerra e despesas, que sempre tinham sido uma sanguessuga presa aos recursos dos Ducados Interiores e que desejava aos ilhéus alegria na conquista de um lugar tão rochoso e despido de alegria. Majestoso, mais tarde, negou ter alguma vez proferido tais palavras.

Quando Kettricken desapareceu, o Rei Majestoso foi deixado numa posição para a qual não havia qualquer precedente histórico. O filho que Kettricken esperava fora obviamente a pessoa seguinte na linha de sucessão. Mas tanto a rainha como a criança por nascer haviam desaparecido, sob circunstâncias muito suspeitas. Nem todos tinham certeza de que não fora o próprio Majestoso

quem orquestrou o desaparecimento. Mesmo se a rainha tivesse permanecido em Torre do Cervo, a criança não podia assumir sequer o título de Príncipe Herdeiro por pelo menos dezessete anos. Majestoso ficou muito ansioso para assumir o título de rei tão depressa quanto possível, mas, por lei, precisava do reconhecimento de todos os Seis Ducados para poder reclamá-lo. Comprou a coroa com várias concessões aos seus Duques Costeiros. A principal foi a promessa de manter Torre do Cervo guarnecida e pronta para defender a costa.

O comando da antiga fortaleza foi impingido ao sobrinho mais velho de Majestoso, herdeiro do Duque titular de Vara. Dom Brilhante, aos vinte e cinco anos, tornara-se impaciente esperando que o pai lhe passasse poder para as mãos. Estava mais do que disposto a assumir a autoridade sobre Torre do Cervo e Cervo, mas tinha pouca experiência a que recorrer. Majestoso foi para o interior, para o Castelo de Vaudefeira na margem do rio Vim, em Vara, enquanto o jovem Dom Brilhante permaneceu em Torre do Cervo com uma guarda selecionada de homens de Vara. Não há relatos de Majestoso ter lhe deixado quaisquer fundos com os quais operar, de modo que o jovem fez o possível para extorquir aquilo de que precisava dos mercadores da Cidade de Torre do Cervo, e dos já sobrecarregados agricultores e pastores do Ducado de Cervo que rodeavam o castelo. Embora não haja sinais de que ele sentisse alguma má vontade para com o povo de Cervo ou dos outros Ducados Costeiros, também não tinha nenhuma lealdade para com eles.

Nessa época, também mantinha residência em Torre do Cervo um punhado dos nobres de menor estatuto de Cervo. A maior parte dos proprietários de Cervo encontrava-se nas suas próprias fortalezas, fazendo o pouco que podiam para proteger o povo da região. Entre os que permaneceram em Torre do Cervo, a mais digna de nota era a Dama Paciência, que fora Princesa Herdeira até o marido, o Príncipe Cavalaria, abdicar do trono em favor do irmão mais novo, Veracidade. Os soldados de Cervo, a guarda pessoal da Rainha Kettricken e os poucos homens que restavam da guarda do Rei Sagaz guarneciam a Torre do Cervo. O moral era baixo entre os soldados, pois os salários eram intermitentes e as rações pobres. Dom Brilhante trouxera consigo para Torre do Cervo a sua guarda pessoal, e naturalmente preferia esses homens aos de Cervo. A situação tornou-se ainda mais complicada devido a uma cadeia de comando pouco clara. Em teoria, as tropas de Cervo deviam responder perante o Capitão Quefel dos homens de Vara, o comandante da guarda de Dom Brilhante. Na realidade, Rapoluva da Guarda da Rainha, Corte da Guarda de Torre do Cervo e o velho Rubro da guarda do Rei Sagaz uniram-se e guardavam para si mesmos os seus

planos. Se respondiam regularmente perante alguém, esse alguém era a Dama Paciência. Com o tempo, os soldados de Cervo passaram a falar dela como a Senhora de Torre do Cervo.

Mesmo depois da coroação, Majestoso manteve-se inquieto a respeito do seu título. Enviou mensageiros para todo o lado, em busca de notícias sobre onde poderiam estar a Rainha Kettricken e o herdeiro por nascer. As suas suspeitas de que ela poderia ter procurado abrigo junto do pai, o Rei Eyod do Reino da Montanha, levaram-no a exigir a sua devolução. Quando Eyod respondeu dizendo que o paradeiro da Rainha dos Seis Ducados não dizia respeito ao povo da Montanha, Majestoso cortou, furioso, os laços com o Reino da Montanha, interrompendo o comércio e tentando bloquear a travessia das fronteiras até a viajantes comuns. Ao mesmo tempo, começaram a circular rumores, que quase de certeza tiveram início a mando de Majestoso, sobre o bebê que Kettricken esperava não ter sido gerado por Veracidade e que, por esse motivo, não tinha qualquer pretensão legítima ao trono dos Seis Ducados.

Foi um tempo amargo para o povo de Cervo. Abandonado pelo seu rei e defendido apenas por uma pequena força de soldados fracamente aprovisionados, o povo foi deixado sem leme num mar tempestuoso. O que os Salteadores não roubaram ou destruíram, os homens de Dom Brilhante apreenderam como imposto. As estradas passaram a ser assoladas por ladrões, pois quando um homem honesto não consegue sobreviver, as pessoas farão o que tiverem de fazer. Pequenos vendedores ambulantes desistiram de qualquer esperança de ganhar a vida e fugiram da costa, para se tornarem pedintes, ladrões e prostitutas nas cidades do interior. O comércio morreu, pois os navios que eram enviados para o mar raramente regressavam.



Breu e eu nos sentamos no banco em frente da cabana e conversamos. Não falamos de coisas portentosas, nem dos acontecimentos significativos do passado. Não discutimos o meu regresso de além-túmulo ou a situação política atual. Falamos sobre as coisas pequenas que partilhávamos como se eu tivesse regressado de uma longa viagem. Sorrateiro, a doninha, estava envelhecendo; o último inverno o deixara com os movimentos presos e nem mesmo a vinda da primavera lhe dera nova vida. Breu temia que não durasse mais um ano. Breu finalmente conseguira secar folhas de planta galhardete sem deixá-las embolorar, mas descobrira que a erva seca tinha pouca potência. Ambos sentíamos falta dos bolos da Cozinheira Sara. Breu perguntou se havia alguma coisa no meu quarto

que eu quisesse. Majestoso mandara revistá-lo e o deixara em desordem, mas Breu não achava que tivessem levado muitas coisas, ou que dariam pela falta daquilo que eu quisesse agora. Perguntei se se lembrava da tapeçaria do Rei Sabedoria negociando com os Antigos. Ele respondeu que sim, mas que a tapeçaria era muito mais volumosa do que o que conseguiria arrastar até ali em cima. Eu lhe lancei um olhar tão magoado que ele imediatamente cedeu e disse que supunha que poderia encontrar um jeito de fazê-lo.

Sorri.

— Era uma piada, Breu. Aquela coisa nunca fez nada a não ser me dar pesadelos quando eu era pequeno. Não. Não há nada no meu quarto que agora seja importante para mim.

Breu olhou para mim, quase com tristeza.

— Você deixa para trás uma vida com o quê? A roupa que traz no corpo e um brinco? E diz que não há nada lá que queira que lhe seja trazido. Isso não lhe parece estranho?

Fiquei pensando por um momento. A espada que Veracidade me dera. O brinco de prata que o Rei Eyod me dera e que fora de Rurisk. Um alfinete da Dama Graça. A flauta de Paciência estivera no meu quarto — esperava que a tivesse recuperado. As minhas tintas e papéis. Uma caixinha que esculpira para guardar os meus venenos. Entre Moli e eu nunca houvera penhores. Ela nunca quis deixar que eu lhe oferecesse presentes, e eu nunca pensei em lhe roubar uma fita do cabelo. Se o tivesse feito…

— Não. Um rompimento completo é melhor, talvez. Embora você tenha esquecido uma coisa. — Virei o colarinho da minha camisa grosseira para lhe mostrar o minúsculo rubi envolto em prata. — O alfinete que Sagaz me deu, para me marcar como seu. Ainda tenho isso. — Paciência o usara para prender a mortalha em que tinham me enrolado. Pus esse pensamento de lado.

— Ainda estou surpreso por a guarda de Majestoso não ter saqueado o seu corpo. Suponho que a Manha tenha uma reputação tão maligna que eles temiam você tanto morto como vivo.

Ergui a mão para passar os dedos pelo dorso do nariz onde ele fora quebrado.

— Não pareceram me temer nem um pouco, pelo que pude notar.

Breu deu um sorriso torto.

— O nariz o incomoda, é? Acho que dá mais personalidade ao seu rosto.

Olhei-o de soslaio à luz do sol.

— É mesmo?

— Não. Mas é o que a boa educação manda dizer. Na verdade, não está muito

ruim. Quase parece que alguém tentou pô-lo no lugar.

Estremeci com a ponta cortante de uma recordação.

— Não quero pensar nisso — disse-lhe com honestidade.

Seu rosto de repente ficou anuviado de dor por mim. Afastei o olhar dele, incapaz de suportar a sua piedade. As recordações dos espancamentos que eu sofrera eram mais suportáveis se eu conseguisse fingir que ninguém mais soubera deles. Sentia vergonha do que Majestoso me fizera. Encostei a cabeça na madeira ensolarada da parede da cabana e soltei um longo suspiro.

— Então, o que está acontecendo lá embaixo onde as pessoas ainda estão vivas?

Breu pigarreou, aceitando a mudança de assunto.

— Bem. O quanto você sabe?

— Não muito. Sei que Kettricken e o Bobo escaparam. Que Paciência pode ter ouvido dizer que Kettricken chegou em segurança às Montanhas. Que Majestoso está zangado com o Rei Eyod das Montanhas e cortou as rotas comerciais. Que Veracidade ainda está vivo, mas ninguém teve notícias dele.

— Opa! Opa! — Breu empertigou-se. — O rumor sobre Kettricken… Lembra-se dele da noite em que Bronco e eu o discutimos.

Desviei o olhar.

— Da mesma maneira que poderia recordar de um sonho que já teve. Em cores submersas e com os acontecimentos fora de ordem. Só me lembro de que ouvi vocês dizerem qualquer coisa sobre isso.

— E aquela parte sobre Veracidade? — A tensão súbita nele fez com que um arrepio de terror me descesse pela espinha.

— Ele se comunicou comigo pelo Talento naquela noite — respondi em voz baixa. — Eu disse que ele estava vivo.

— RAIOS! — Breu levantou-se de um salto e correu pela sala saltitando de fúria. Era um espetáculo que nunca testemunhei antes e o encarei, encurralado entre o espanto e o medo. — Bronco e eu não demos crédito às suas palavras! Oh, ficamos satisfeitos por ouvirmos você proferi-las, e quando fugiu ele disse: “Deixe o garoto ir, aquilo é o máximo que conseguirá fazer hoje, ele se lembra do seu príncipe”. Pensamos que era só isso. Raios e mais raios! — Parou de súbito e me apontou um dedo. — Relate. Conte-me tudo.

Procurei às apalpadelas aquilo de que me lembrava. Era tão difícil de organizar como se o tivesse visto através dos olhos do lobo.

— Ele estava com frio. Mas estava vivo. Ou cansado, ou ferido. Lento, de alguma forma. Ele tentava entrar em contato comigo e eu o empurrava para

longe, de modo que não parava de sugerir que eu bebesse. Para fazer com que baixasse as defesas, suponho…

— Onde ele estava?

— Não sei. Neve. Uma floresta. — Tentei alcançar memórias fantasmagóricas. — Acho que ele não sabia onde estava.

Os olhos verdes de Breu me perfuraram.

— Consegue alcançá-lo, senti-lo de algum modo? Consegue me dizer se ainda está vivo?

Sacudi a cabeça. Meu coração começava a saltar no peito.

— Consegue contactá-lo agora pelo Talento?

Sacudi a cabeça. Senti um aperto na barriga com a tensão.

A frustração de Breu cresceu com cada sacudida da minha cabeça.

— Maldição, Fitz, precisa fazê-lo!

— Não quero! — gritei de súbito. Estava de pé.

Fuja! Fuja depressa!

E fugi. De repente, foi assim tão simples. Fugi de Breu e da cabana como se todos os demônios das ilhas infernais dos ilhéus estivessem no meu encalço. Breu chamou por mim, mas eu me recusei a escutar as suas palavras. Fugi, e assim que penetrei no abrigo das árvores, Olhos-de-Noite pôs-se ao meu lado.

Por aí não, o Coração da Matilha está aí, avisou-me ele. De modo que nos precipitamos colina acima, para longe do riacho, subindo até um grande emaranhado de sarças suspenso sobre um talude onde Olhos-de-Noite se abrigava em noites de tempestade. *O que foi? Qual era o perigo?*, quis saber Olhos-de-Noite.

Ele queria que eu regressasse, admiti passado algum tempo. Tentei enquadrar o problema de maneira que Olhos-de-Noite compreendesse. *Ele queria que eu… que eu deixasse de ser um lobo.*

Um súbito arrepio me percorreu a espinha. Ao explicar a Olhos-de-Noite, fiquei cara a cara com a verdade. Ser um lobo, sem passado, sem futuro, só com o hoje. Ou um homem, atormentado pelo passado, cujo coração bombeava medo juntamente com o sangue. Podia caminhar sobre duas pernas, e conhecer a vergonha e a falta de coragem como modo de vida. Ou correr de quatro e esquecer tudo, até Moli não passar de um odor agradável de que me lembrava. Sentei-me, imóvel, entre as sarças, com a mão pousada com delicadeza no dorso de Olhos-de-Noite, os olhos fitando um lugar que só eu podia ver. Lentamente, a luz mudou e a tarde transformou-se em crepúsculo. A minha decisão cresceu tão lenta e inevitavelmente como a escuridão que chegava. O meu coração gritou

contra ela, mas as alternativas eram insuportáveis. Pus nela a minha vontade.

Estava escuro quando regressei. Esgueirei-me para casa com o rabo entre as pernas. Era estranho regressar à cabana de novo como lobo, cheirar a fumaça de madeira que se erguia no ar como coisa de homem, e piscar diante do brilho do fogo que escapava através das folhas das janelas. Relutantemente, libertei a mente da de Olhos-de-Noite.

Não preferia caçar comigo?

Preferia muito mais caçar com você. Mas esta noite não posso.

Por quê?

Sacudi a cabeça. O gume da decisão estava tão afiado e novo que não me atrevi a testá-lo falando. Parei no limite da floresta para sacudir as folhas e a terra da roupa e alisar para trás o cabelo e voltar a atá-lo num rabo de cavalo. Esperei que meu rosto não estivesse sujo. Endireitei os ombros e me forcei a caminhar de volta à cabana, a abrir a porta e entrar e olhar para eles. Senti-me horrivelmente vulnerável. Eles tinham estado trocando informações sobre mim. Os dois conheciam quase todos os meus segredos. A minha desgastada dignidade pendia agora em farrapos. Como eu podia me erguer diante deles e esperar ser tratado como um homem? Mas não podia culpá-los por isso. Eles tinham tentado me salvar. De mim próprio, é verdade, mas me salvar mesmo assim. Não era culpa deles que o que tinham salvado de pouco prestasse.

Estavam à mesa quando entrei. Se tivesse fugido daquela maneira algumas semanas antes, Bronco teria dado um salto, para me sacudir e dar uma bofetada quando regressasse. Eu sabia que agora já estávamos além desse tipo de coisa, mas a lembrança me deu uma cautela que não consegui disfarçar por completo. No entanto, o rosto dele mostrou apenas alívio, enquanto Breu me olhava com vergonha e preocupação.

— Não queria pressioná-lo tanto — disse ele, muito sério, antes de eu poder falar.

— Não pressionou — eu disse em voz baixa. — Apenas colocou o dedo no lugar onde eu mesmo vinha me pressionando mais. Às vezes um homem não sabe quão ferido está até que outra pessoa verifique o ferimento.

Puxei minha cadeira. Após semanas de comida simples, ver queijo, mel e vinho de sabugueiro postos ao mesmo tempo na mesa era quase um choque. Também havia um pão para complementar a truta que Bronco apanhara. Durante algum tempo, apenas comemos, sem conversas que não fossem pedidos de mesa. Isso pareceu diminuir a estranheza. Mas no momento em que a refeição terminou e a louça foi tirada, a tensão regressou.

— Agora compreendo a sua pergunta — disse Bronco de repente. Tanto Breu como eu olhamos surpresos para ele. — Há alguns dias, quando você perguntou o que faríamos em seguida. Compreenda que eu desistira de Veracidade, pois achava que estava perdido. Kettricken esperava o seu herdeiro, mas estava agora a salvo nas Montanhas. Nada mais havia que eu pudesse fazer por ela. Se interviesse de alguma maneira, eu poderia denunciá-la a outros. Era melhor deixá-la permanecer escondida, em segurança com o povo do pai. Quando o filho chegasse à idade de procurar alcançar o trono… Bem, se a essa altura eu não estivesse na tumba, suponho que faria o que pudesse. Por ora, eu via o serviço ao meu rei como uma coisa do passado. Assim, quando me fez a pergunta, vi apenas a necessidade de cuidar de nós.

— E agora? — perguntei eu em voz baixa.

— Se Veracidade ainda está vivo, então um pretendente reclamou o seu trono. Sou obrigado por juramento a ir em auxílio do meu rei. Breu também. E você. — Ambos estavam me olhando com grande intensidade.

Fuja de novo.

Não posso.

Bronco vacilou como se eu tivesse lhe espetado com um alfinete. Perguntei a mim mesmo se ele se atiraria em cima de mim para me impedir de ir na direção da porta. Mas ele não falou nem se mexeu, limitou-se a esperar.

— Eu não. Esse Fitz morreu — eu disse, sem rodeios.

Bronco fez uma expressão como se eu lhe tivesse batido. Mas Breu perguntou em voz baixa:

— Então por que é que ele ainda usa o alfinete do Rei Sagaz?

Ergui a mão e o tirei do colarinho. Tome, eu pretendera dizer, tome, pegue-o e tudo o que ele traz consigo. Para mim, acabou. Não tenho vontade para isso. Mas me limitei a olhá-lo.

— Vinho de sabugueiro? — ofereceu Breu, mas não a mim.

— Esta noite está frio. Vou fazer chá — contrapôs Bronco.

Breu assentiu. E eu continuei sentado com o alfinete vermelho e prateado na mão. Lembrei-me das mãos do meu rei enquanto espetava o alfinete nas dobras da camisa de um garoto. “Pronto”, dissera ele. “Agora você é meu”. Mas agora ele estava morto. Isso me libertava da minha promessa? E a última coisa que ele me dissera? “No que eu o tornei?” Voltei uma vez mais a pôr essa pergunta de lado. Mais importante: o que eu era agora? Seria agora o que Majestoso me tornara? Ou poderia escapar disso?

— Majestoso me disse — falei num tom pensativo — que bastava que eu me

coçasse para encontrar Anônimo, o garoto-cão. — Ergui o olhar e me forcei a enfrentar o de Bronco. — Talvez fosse agradável ser ele.

— Seria? — perguntou Bronco. — Houve uma época em que você não pensava assim. Quem é você, Fitz, se não for o Homem do Rei? O que é? Para onde iria?

Para onde eu iria, se fosse livre? Para junto de Moli, gritou o meu coração. Sacudi a cabeça, atirando a ideia para longe antes de ter tempo de me queimar. Não. Mesmo antes de ter perdido a vida, já a perdera. Refleti sobre a minha vazia, amarga liberdade. Só havia um lugar para onde realmente podia ir. Reforcei a vontade, ergui os olhos e os prendi nos de Bronco com firmeza.

— Vou embora. Para qualquer lugar. Para os Estados de Calcede, para Vilamonte. Sou bom com os animais, também sou um escriba decente. Poderia sobreviver.

— Sem dúvida alguma. Mas sobreviver não é viver — observou Bronco.

— Bem, e o que é? — perguntei, realmente zangado de súbito. Por que eles tinham de tornar aquilo tão difícil? As palavras e os pensamentos jorraram subitamente de mim como veneno de um ferimento gangrenado. — Quer que eu me dedique ao meu rei e sacrifique todo o resto, como você fez. E quando esse rei o abandonou? Engoliu, criou o seu bastardo no lugar dele. Depois tiraram tudo de você, estábulo, cavalos, cães, homens que comandava. Não lhe deixaram nada, nem sequer um teto sobre a cabeça, esses reis aos quais você havia feito juramentos. Então, o que você fez? Sem que nada mais lhe restasse, agarrou-se a mim, arrastou o bastardo para fora de um caixão e o obrigou a regressar à vida. Uma vida que eu odeio, uma vida que não quero! — Encarei-o, furioso, com olhos acusadores.

Ele ficou me olhando, sem palavras. Quis parar, mas algo me levou a continuar. A ira trazia uma sensação agradável, como se fosse um fogo purificador. Cerrei as mãos em punhos enquanto perguntava:

— Por que você está sempre presente? Por que que me coloca sempre em pé, para que eles me derrubem? Para quê? Para fazer com que eu lhe deva alguma coisa? Para lhe dar direito à minha vida porque não teve coragem para arranjar uma vida para você? Tudo o que pretende é me tornar igual a você, um homem sem vida própria, um homem que desiste de tudo pelo meu rei. Não percebe que há mais em estar vivo do que desistir de tudo por outra pessoa?

Enfrentei os seus olhos, e em seguida afastei os meus da estupefação magoada que vi ali.

— Não — eu disse, pesadamente, depois de respirar. — Você não percebe, não

pode saber. Não é sequer capaz de imaginar o que me tirou. Eu devia estar morto, mas você não quis me deixar morrer. Tudo com a melhor das intenções, acreditando sempre que estava fazendo aquilo que estava certo, por mais que isso me magoasse. Mas quem lhe deu esse direito sobre mim? Quem decretou que me podia fazer isso?

Não havia qualquer som na sala além da minha voz. Breu estava congelado, e a expressão no rosto de Bronco só me zangava mais. Vi-o se recompor. Tentou recuperar o seu orgulho e dignidade quando disse em voz baixa:

— Foi o seu pai que me deu essa tarefa, Fitz. Eu fiz o melhor que pude com você, garoto. A última coisa que o meu príncipe me disse, que Cavalaria me disse, foi "Crie-o bem". E eu…

— Desistiu da década seguinte da sua vida para criar o bastardo de outro homem — interrompi com um violento sarcasmo. — Tomou conta de mim, porque era a única coisa que realmente sabia fazer. Toda a sua vida, Bronco, você tem cuidado de alguém, posto alguém em primeiro lugar, sacrificando qualquer tipo de vida normal para proveito de outra pessoa. Leal como um cão de caça. Isso é uma vida? Nunca pensou em ser dono de si mesmo e tomar as suas próprias decisões? Ou será o medo disso que o empurra pelo gargalo de uma garrafa abaixo? — A minha voz transformara-se num grito. Quando me faltaram as palavras, fiquei encarando-o, com o peito subindo e descendo enquanto arquejava a minha fúria.

Quando me zangava, quando era mais novo, prometi frequentemente a mim mesmo que ele um dia pagaria por cada bofetada que me dera, por cada cocheira que tivera de limpar quando achava que estava cansado demais para ficar de pé. Com aquelas palavras cumpri essa promessazinha amuada e a multipliquei por dez. Os olhos de Bronco estavam arregalados e a dor era tal que ele não tinha palavras. Vi o seu peito elevar-se uma vez, como que para recuperar o fôlego que um murro lhe roubara. O choque nos seus olhos era igual ao que seria se eu tivesse subitamente mergulhado uma faca no seu corpo.

Encarei-o. Não sabia ao certo de onde aquelas palavras tinham vindo, mas era tarde demais para chamá-las de volta. Dizer "Desculpe" não as desdiria, não as mudaria nem um pouco. De repente, esperei que ele fosse me bater, que desse a nós dois pelo menos isso.

Ele levantou-se de uma forma desequilibrada, arrastando pelo chão as pernas da cadeira. A própria cadeira oscilou e caiu com estrondo quando ele se afastou dela. Bronco, que caminhava com tanta firmeza quando estava cheio de conhaque, cambaleou como um bêbado ao dirigir-se para a porta e sair para a

noite. Eu permaneci apenas sentado, sentindo algo dentro de mim ficar muito imóvel. Tive a esperança de que fosse o coração.

Durante um momento, tudo foi silêncio. Um longo momento. Então Breu suspirou.

— Por quê? — perguntou em voz baixa, passado algum tempo.

— Não sei. — Eu mentia tão bem. Foi o próprio Breu quem me ensinou. Olhei para o fogo. Durante um momento, quase tentei lhe explicar. Decidi que não podia. Dei por mim falando com rodeios. — Talvez precisasse me libertar dele. De tudo o que ele faria por mim, mesmo quando eu não quisesse. Ele tem de parar de fazer coisas pelas quais nunca lhe poderei pagar. Coisas que nenhum homem devia fazer por outro, sacrifícios que nenhum homem devia fazer por outro. Não quero lhe dever mais nada. Não quero dever nada a ninguém.

Quando Breu falou, foi com objetividade. Tinha as mãos de longos dedos sobre as coxas, calmamente, quase relaxadas. Mas os olhos verdes tinham tomado a cor do minério de cobre, e a sua fúria vivia neles.

— Desde que você voltou do Reino da Montanha, é como se estivesse ansioso por uma briga. Seja com quem for. Quando era menino e ficava carrancudo ou amuado, eu podia atribuir isso ao fato de você ser um menino, com o discernimento e frustrações de um menino. Mas você voltou com uma… ira. Como um desafio ao mundo inteiro para que o matasse, se conseguisse. Não foi só você ter se atirado na frente de Majestoso: você mergulhava em tudo o que lhe fosse mais perigoso. Bronco não foi o único a ver isso. Veja o último ano: todas as vezes que eu me virava, lá estava Fitz, rebelando-se contra o mundo, no meio de uma briga ou no seio de uma batalha, envolto em bandagens, bêbado como um pescador, ou mole como uma corda e chorando por casco-de-elfo. Quando esteve calmo e pensativo, quando esteve alegre com os amigos, quando esteve simplesmente em paz? Se não estivesse desafiando os inimigos, estava afastando teus amigos. O que aconteceu entre você e o Bobo? Onde Moli está agora? Acabou de mandar Bronco embora. Quem é o próximo?

— Você, suponho. — As palavras saíram de mim de qualquer modo, inevitáveis. Não queria dizê-las, mas não podia refreá-las. Era hora.

— Já avançou bastante nessa direção com a maneira como falou com Bronco.

— Eu sei — eu disse, sem rodeios. Enfrentei seu olhar. — Já faz muito tempo que nada do que eu faço lhe agrada. Ou a Bronco. Ou seja a quem for. Ultimamente, parece que não consigo tomar uma boa decisão.

— Com isso concordo — disse Breu, implacável.

E estava de volta, a brasa da minha fúria erguendo-se em chama.

— Talvez porque nunca me foi dada a chance de tomar as minhas próprias decisões. Talvez porque durante muito tempo fui o “garoto” de todos. O cavalariço de Bronco, o seu aprendiz de assassino, o animal de estimação de Veracidade, o pajem de Paciência. Quando foi que eu pude ser meu, agir por mim? — Fiz a pergunta num tom feroz.

— Quando foi que não o fez? — perguntou Breu com a mesma intensidade. — Isso foi tudo o que você fez desde que voltou das Montanhas. Foi até Veracidade para dizer que você tinha se cansado de ser um assassino precisamente quando um trabalho discreto era necessário. Paciência tentou avisá-lo para você se manter longe de Moli, mas você também agiu como bem entendeu a esse respeito. Isso a transformou num alvo. Você arrastou Paciência para conspirações que a expuseram ao perigo. Você se ligou ao lobo, apesar de tudo o que Bronco lhe disse. Questionou todas as minhas decisões a respeito da saúde do Rei Sagaz. E o seu penúltimo ato estúpido em Torre do Cervo foi se voluntariar para participar de uma revolta contra a coroa. Levou-nos mais perto de uma guerra civil do que estivemos numa centena de anos.

— E o meu último ato estúpido? — perguntei com uma curiosidade amarga.

— Matar Justino e Serena. — Proferiu a acusação de uma forma taxativa.

— Tinham acabado de esgotar o meu rei, Breu — observei num tom gelado. — Mataram-no nos meus braços, por assim dizer. O que eu deveria fazer?

Ele levantou-se e de algum modo conseguiu avultar-se, como antigamente.

— Com todos os anos de treino comigo, todos os meus ensinamentos a respeito de um trabalho discreto, saiu correndo pelo castelo afora de faca desembainhada, cortando a garganta de uma e apunhalando o outro até a morte no Grande Salão, perante toda a nobreza ali reunida… Meu belo aprendiz de assassino! Não conseguiu pensar em outra forma de concretizar o que queria fazer?

— Eu estava zangado! — bradei.

— Exatamente! — bradou ele em resposta. — *Você* estava zangado. De modo que destruiu a nossa base de poder em Torre do Cervo! Tinha a confiança dos Duques Costeiros e decidiu se mostrar a eles como um louco! Estilhaçou o último resquício de fé que tinham na linhagem Visionário!

— Pouco tempo atrás, você me censurou por ter a confiança desses duques.

— Não. Censurei-o por se exibir na frente deles. Nunca devia ter deixado que oferecessem a você o governo de Torre do Cervo. Se tivesse cumprido os seus deveres como devia, tal pensamento nunca lhes teria sequer ocorrido. Vezes sem conta, você se esquece do seu lugar. Você não é um príncipe, é um assassino.

Não é o jogador, é a peça do jogo. E quando faz as suas próprias jogadas, estraga todas as outras estratégias e põe em perigo todas as peças no tabuleiro!

Não ser capaz de pensar numa resposta não é o mesmo que aceitar as palavras de outra pessoa. Olhei-o, furioso. Ele não se afastou, continuou simplesmente de pé, olhando-me de cima para baixo. Sob o exame do olhar verde de Breu, a força da minha fúria me abandonou de repente, deixando apenas amargura. A corrente subterrânea e secreta de medo voltou uma vez mais à superfície. A determinação jorrou de mim como sangue. Não podia fazer aquilo. Não tinha a força necessária para desafiar os dois. Passado algum tempo, me ouvi dizer, num tom mal-humorado:

— Certo. Muito bem. Você e Bronco têm razão, como sempre. Prometo que não voltarei a pensar, simplesmente obedecerei. O que quer que eu faça?

— Não. — Sucinto.

— Não o quê?

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

— O que se tornou mais claro para mim, esta noite, é que não devo basear nada em você. Não receberá de mim nenhuma missão, nem continuará a par dos meus planos. Esses dias terminaram. — Não consegui compreender o tom definitivo da sua voz. Ele virou-se de lado, deixando os olhos partirem para longe. Quando voltou a falar, não foi como meu mestre, mas como Breu. Olhou para a parede enquanto falava. “Eu amo você, garoto. Não retiro isso. Mas você é perigoso. E o que temos de tentar fazer já é suficientemente perigoso sem que você perca as estribeiras em pleno ato.

— Vão tentar o quê? — perguntei, sem me conter.

Os seus olhos encontraram-se com os meus enquanto ele sacudia lentamente a cabeça. Ao guardar esse segredo, ele quebrou os nossos laços. Senti-me subitamente à deriva. Observei-o, aturdido, pegar a mochila e o manto.

— É noite lá fora — observei. — E até Torre do Cervo a caminhada é longa e dura, mesmo à luz do dia. Pelo menos fique durante a noite, Breu.

— Não posso. Você simplesmente iria escarafunchar nesta discussão como se fosse uma casca de ferida, até conseguir fazê-la sangrar de novo. Já foram ditas palavras duras o suficiente. É melhor eu ir agora.

E foi o que fez.

Fiquei sozinho, sentado vendo o fogo apagar. Fora longe demais com ambos, muito mais longe do que pretendera ir. Quisera me separar deles; em vez disso, envenenara todas as recordações de mim que eles teriam. Estava feito. Não havia maneira de remediar aquilo. Levantei-me e comecei a juntar as minhas coisas.

Levei muito pouco tempo. Enfiei-as numa trouxa feita com o meu manto de inverno. Perguntei a mim mesmo se agia por ressentimento infantil, ou por um súbito poder de decisão. Perguntei a mim mesmo se haveria alguma diferença. Fiquei algum tempo sentado junto da lareira, agarrado à trouxa. Queria que Bronco voltasse, para poder ver que eu lamentava, para saber que eu lamentava ao partir. Obriguei-me a examinar isso com cuidado. Então desfiz a trouxa, estendi a manta na frente da lareira e deitei-me nela. Desde que Bronco me arrastara de volta da morte, ele dormira entre mim e a porta. Talvez tivesse sido para me manter ali. Havia noites em que parecia que ele era tudo o que se interpunha entre mim e a escuridão. Agora não estava ali. Apesar das paredes da cabana, senti que me aninhava sozinho sobre a face nua e selvagem do mundo.

Você sempre tem a mim.

Eu sei. E você tem a mim. Tentei, mas não consegui colocar nenhum sentimento verdadeiro naquelas palavras. Despejara toda a emoção que guardara, e agora eu estava vazio. E tão cansado. Com tanto ainda para fazer.

O cinzento está trocando palavras com o Coração da Matilha. Quer que eu escute?

Não. As palavras deles pertencem a eles. Senti ciúme por eles estarem juntos enquanto me encontrava só. Mas também retirei conforto disso. Bronco talvez convencesse Breu a voltar à cabana até a manhã. Talvez Breu conseguisse sugar um pouco do veneno que eu pulverizara sobre Bronco. Fitei o fogo. Não pensei bem de mim.

Há um ponto morto na noite, esse momento mais frio e mais negro em que o mundo já esqueceu o crepúsculo e a alvorada ainda não é uma promessa. Um momento em que é cedo demais para nos levantarmos, mas tão tarde que ir para a cama faz pouco sentido. Foi nesse momento que Bronco entrou. Eu não estava dormindo, mas não me movi. Ele não se deixou enganar.

— Breu foi embora — disse-me em voz baixa. Ouvi-o endireitar a cadeira caída. Sentou-se nela e começou a descalçar as botas. Não senti hostilidade nele, nenhuma animosidade. Era como se as minhas palavras furiosas nunca tivessem sido ditas. Ou como se ele tivesse sido empurrado para além da ira e magoado até o torpor.

— Está escuro demais para ele caminhar — eu disse para as chamas. Falei com cuidado, temendo quebrar o feitiço da calma.

— Eu sei. Mas ele levava uma pequena lanterna. Disse que temia mais ficar, temia não conseguir manter a determinação com você. De deixá-lo ir.

Aquilo por que eu rosnara horas antes parecia agora um abandono. O medo

ergueu-se em mim, erodindo a minha determinação. Sentei-me abruptamente, em pânico. Respirei fundo, tremendo.

— Bronco. O que eu lhe disse há pouco, eu estava zangado, estava…

— Acertando em cheio. — O som que ele fez podia ter sido uma gargalhada, se não estivesse tão carregado de amargura.

— Só do modo como as pessoas que melhor se conhecem conhecem a melhor maneira de se magoarem — argumentei.

— Não. É como disse. Este cão talvez precise de um dono. — A zombaria na voz dele enquanto falava de si era mais venenosa do que qualquer veneno que eu tivesse cuspido. Não consegui falar. Ele se endireitou, deixou as botas cairem no chão. Olhou-me de relance. — Não pretendi torná-lo igual a mim, Fitz. Isso não é algo que eu deseje a nenhum homem. Queria que você fosse como o seu pai. Mas às vezes me parecia que não importava o que eu fizesse, você insistia em modelar a sua vida pela minha. — Ficou algum tempo fitando as brasas. Por fim, recomeçou a falar, em voz baixa, para o fogo. Soava como se estivesse contando uma velha história a uma criança sonolenta.

— Eu nasci nos Estados de Calcede. Uma pequena vila costeira, um porto de pesca e comércio. Lodos. A minha mãe lavava roupas para me sustentar e à minha avó. O meu pai morreu antes de eu nascer, levado pelo mar. A minha avó cuidava de mim, mas era muito velha, e muitas vezes estava doente. — Ouvi mais do que vi o seu sorriso amargo. — Uma vida inteira como escrava não deixa uma mulher com boa saúde. Ela me amava e fez o melhor que pôde comigo. Mas eu não era um menino que brincasse sossegadamente na cabana. E não havia ninguém em casa com força para se opor à minha vontade.

“Assim me liguei, muito novo, ao único macho forte no meu mundo que estava interessado em mim. Um vira-lata. Sarnento. Marcado. O seu único valor era a sobrevivência, a única lealdade para comigo. Tal como a minha lealdade era para com ele. O seu mundo, os seus costumes, eram tudo o que eu conhecia. Roubar o que quisesse, quando quisesse, sem nunca pensar além desse momento. Tenho certeza de que sabe o que eu quero dizer. Os vizinhos pensavam que eu era mudo. A minha mãe pensava que eu era lerdo. A minha avó, estou certo, tinha as suas suspeitas. Tentou afastar o cão mas, assim como você, eu tinha vontade própria nessas coisas. Suponho que tinha cerca de oito anos quando ele se meteu entre um cavalo e a sua carroça e foi escoiceado até a morte. Estava roubando uma fatia de presunto na hora.” Levantou-se da cadeira e dirigiu-se aos seus cobertores.

Bronco afastara Narigudo de mim quando eu era mais novo do que isso. Eu

acreditara que estivesse morto. Mas Bronco passara pela real e violenta morte do seu companheiro de vínculo. Era pouco diferente de você mesmo morrer.

— O que você fez? — perguntei em voz baixa.

Ouvi-o fazendo a cama e deitando-se nela.

— Aprendi a falar — respondeu ele depois de um tempo. — A minha avó me forçou a sobreviver à morte de Corte. Num certo sentido, transferi para ela o meu vínculo. Não que eu tenha esquecido dos ensinamentos de Corte. Tornei-me ladrão, e muito bom. Tornei as vidas da minha mãe e avó um pouco melhores com o meu novo ofício, embora elas nunca tivessem suspeitado do que eu fazia. Cerca de uma mão cheia de anos mais tarde, a praga de sangue passou por Calcede. Era a primeira vez que a via. Ambas morreram, e eu fiquei sozinho. Então virei soldado.

Escutei, atônito. Ao longo de todos aqueles anos, eu o conhecera como um homem taciturno. Beber nunca lhe soltara a língua, apenas o tornara mais silencioso. Agora, as palavras jorravam dele, levando na torrente os meus anos de dúvidas e suspeitas. Por que de repente ele falava tão abertamente? Não sabia. A sua voz era o único som na sala iluminada pela lareira.

— Comecei a lutar por um pequeno chefe da terra em Calcede. Jecto. Sem saber ou me importar por que lutávamos, se havia algo de certo ou errado nisso. — Deu uma bufada suave. — Como eu lhe disse, sobreviver não é viver. Mas me saí suficientemente bem. Ganhei reputação de maldade. Ninguém espera que um rapaz combata com a ferocidade e artimanhas de um animal. Foi a minha única solução para a sobrevivência entre o tipo de homens com quem combati naquela época. Mas um dia perdemos uma campanha. Passei vários meses, não, quase um ano, aprendendo o ódio que a minha avó nutria pelos donos de escravos. Quando fugi, fiz o que ela sempre sonhara fazer. Vim para os Seis Ducados, onde não existem nem escravos, nem escravagistas. Grisalho era então Duque de Razos. Fui seu soldado durante algum tempo. De algum modo acabei cuidando dos cavalos. Gostei bastante. Os soldados de Grisalho eram uns cavalheiros comparados com a escória que servia Jecto, mas mesmo assim eu preferia a companhia dos cavalos à deles.

“Quando a Guerra de Orla da Areia terminou, o Duque Grisalho me levou para os seus próprios estábulos. Ali me vinculei a um jovem garanhão. Pescosso. Ele estava aos meus cuidados, mas não era meu. Grisalho o montava quando ia caçar. Às vezes, usavam-no para criação. Mas Grisalho não era um homem gentil. Às vezes colocava Pescosso para lutar com outros garanhões, como certos homens usam lutas de cães ou galos como divertimento. Uma égua no cio, e o

melhor garanhão a ganharia. E eu… eu estava vinculado a ele. A sua vida era tanto minha como a minha própria. E foi assim que cresci até virar homem. Ou, pelo menos, até ter a forma de um homem.” Bronco ficou em silêncio por um momento. Não precisava me explicar mais nada. Após algum tempo, suspirou e prosseguiu.

— O Duque Grisalho vendeu Pescosso e seis éguas, e eu fui com os animais. Costa acima, até Rasgão. — Pigarreou. — Um tipo qualquer de praga dos cavalos assolou os estábulos desse homem. Pescosso morreu, só um dia depois de começar a adoecer. Consegui salvar duas das suas éguas. Mantê-las vivas evitou que eu me suicidasse. Mas depois, perdi toda a vitalidade. Não prestava para nada, a não ser beber. Além do mais, dificilmente restavam animais suficientes naquele estábulo para justificar que lhe dessem tal nome. De modo que fui despedido. Acabei me tornando soldado de novo, desta vez ao serviço de um jovem príncipe chamado Cavalaria. Ele tinha ido a Rasgão para resolver uma disputa fronteiriça entre os ducados de Razos e Rasgão. Não sei por que o seu sargento me aceitou. Aquelas eram tropas de primeira categoria, a guarda pessoal do príncipe. Eu tinha ficado sem dinheiro e estava dolorosamente sóbrio havia três dias. Não cumpria as exigências deles como homem, quanto mais como soldado. No primeiro mês que passei com Cavalaria me apresentei a ele para procedimentos disciplinares por duas vezes. Por lutar. Como um cão, ou um garanhão. Eu pensava que era a única maneira de estabelecer uma posição junto dos outros.

“Da primeira vez que fui levado à presença do príncipe, ainda ensanguentado e lutando, fiquei chocado por ver que éramos da mesma idade. Quase todos os seus soldados eram mais velhos do que eu; esperara confrontar um homem de meia-idade. Fiquei parado diante dele e o olhei nos olhos. E algo semelhante a um reconhecimento passou entre nós. Como se cada um visse… o que poderia ter sido em outras circunstâncias. Isso não o fez me tratar melhor. Perdi o soldo e ganhei deveres adicionais. Todos esperaram que Cavalaria me expulsasse da segunda vez. Fiquei diante, pronto a odiá-lo, e ele limitou-se a olhar para mim. Inclinou a cabeça como faria um cão ao ouvir algum som distante. Privou-me de soldo e me deu mais deveres. Mas não me expulsou. Todos tinham me dito que eu seria despedido. Agora todos esperavam que eu desertasse. Não sei dizer por que não o fiz. Por que ser soldado em troca de nenhum soldo e deveres adicionais?”

Bronco voltou a pigarrear. Ouvi-o aconchegando-se melhor na cama. Durante algum tempo manteve-se em silêncio. Por fim prosseguiu, quase de má vontade.

— Da terceira vez foi por brigar em uma taberna. A Guarda da Cidade me levou à sua presença, ainda ensanguentado, ainda bêbado, ainda querendo lutar. A essa altura os meus colegas já não queriam ter nada a ver comigo. O meu sargento estava descontente e eu não tinha feito amigos entre os soldados comuns. De modo que a Guarda da Cidade me prendeu. E disseram a Cavalaria que eu havia deitado dois homens no chão e mantido mais cinco à distância, com um porrete, até que a Guarda chegara e pusera a vantagem do lado deles.

"Cavalaria mandou os guardas embora, com uma bolsa para pagar os estragos do taverneiro. Estava sentado à sua mesa, com uma coisa qualquer meio escrita à sua frente, e me olhou de cima a baixo. Depois levantou-se sem uma palavra e empurrou a mesa para um canto da sala. Tirou a camisa e tirou um pique do canto. Achei que pretendia me espancar até a morte. Mas em vez disso me atirou outro pique. E disse: 'Está bem, mostre-me como manteve cinco homens à distância'. E atirou-se sobre mim." Pigarreou. "Eu estava cansado e meio bêbado. Mas não quis desistir. Por fim, ele teve sorte. Nocauteou-me.

"Quando acordei, o cão tinha de novo um dono. De uma espécie diferente. Eu sei que você ouviu dizer que Cavalaria era frio, rígido e correto em demasia. Não era. Era aquilo que acreditava que um homem devia ser. Mais do que isso. Era aquilo que acreditava que um homem devia querer ser. Pegou um patife gatuno e porco e…" Hesitou, suspirou de repente. "Obrigou-me a levantar antes da alvorada no dia seguinte. Exercícios com armas até que nenhum de nós conseguisse se manter em pé. Nunca antes eu tinha tido qualquer treino formal com armas. Tinham simplesmente me dado um pique e mandado lutar. Ele me treinou e me ensinou esgrima. Ele nunca gostara do machado, mas eu gostava. Então me ensinou o que sabia dele, e arranjou um homem que conhecia as estratégias da arma para me ensinar. Depois, durante o resto do dia, eu ficava em seus calcanhares. Como um cão, como você diz. Não sei por quê. Talvez sentisse falta de alguém da sua idade. Talvez tivesse saudade de Veracidade. Talvez… Não sei.

"Ensinou-me primeiro os números e depois a ler. Encarregou-me do seu cavalo. Depois dos cães e do falcão. E depois de todos os animais de carga e de tração. Porém, não foi só a trabalhar que ele me ensinou. Limpeza. Honestidade. Pôs um valor naquilo que a minha mãe e avó tinham tentado instilar em mim há tanto tempo. Mostrou-me essas coisas como valores de homem e não só modos para se ter dentro de uma casa de mulher. Ensinou-me a ser um homem e não um animal em forma de homem. Fez com que eu visse que isso era mais do que regras, era uma maneira de ser. Era uma vida em vez de sobrevivência."

Parou de falar. Ouvi-o levantar-se. Dirigiu-se à mesa e pegou a garrafa de vinho de sabugueiro que Breu deixara conosco. Observei-o enquanto a girava várias vezes nas mãos. Em seguida, largou-a. Sentou-se numa das cadeiras e ficou olhando para o fogo.

— Breu disse que eu devia deixá-lo amanhã — disse ele em voz baixa. Baixou os olhos para mim. — Acho que tem razão.

Sentei-me e olhei para ele. A luz pouco intensa do fogo transformava o seu rosto numa paisagem de sombras. Não consegui ler os seus olhos.

— Breu diz que você foi meu garoto por tempo demais. Garoto de Breu, garoto de Veracidade, até garoto de Paciência. Que o mantivemos como garoto e cuidamos demais de você. Ele acredita que quando deparou com decisões de homem, você as tomou como garoto. Impulsivamente. Pretendendo estar certo, pretendendo ser bom. Mas as intenções não são suficientes.

— Enviar-me para matar gente é me manter como garoto? — perguntei, incrédulo.

— Não ouviu nada do que eu disse? Eu matei gente quando era garoto. Isso não fez de mim um homem. Nem a você.

— Então o que devo fazer? — perguntei com sarcasmo. — Ir à procura de um príncipe que me eduque?

— Pronto. Está vendo? Uma resposta de garoto. Não compreende, e por isso se zanga. E se torna venenoso. Você me faz essa pergunta, mas já sabe que não vai gostar da resposta.

— Que é?

— Poderia fazer coisa pior do que ir à procura de um príncipe. Mas não vou te dizer o que fazer. Breu me aconselhou a não fazer isso. E acho que ele tem razão. Mas não porque eu pense que você toma as suas decisões como um garoto. Não o faz mais do que eu fazia, na sua idade. Acho que você decide como um animal decidiria. Sempre no agora, sem um pensamento para o amanhã, ou para o que se lembra de ontem. Sei que sabe do que é que estou falando. Deixou de viver como um lobo porque eu o forcei a isso. Agora tenho de deixá-lo só, para que descubra se quer viver como lobo ou como homem.

Olhou-me nos olhos. Havia compreensão demais nos seus. Assustou-me pensar que ele podia realmente saber o que eu enfrentava. Neguei essa possibilidade, deixei-a inteiramente de lado. Virei um ombro para ele, quase com esperança de que a ira voltasse. Mas Bronco ficou sentado em silêncio.

Por fim, ergui os olhos para ele, que estava fitando o fogo. Precisei de muito tempo para engolir o orgulho e perguntar:

— Então, o que vai fazer?

— Já lhe disse. Vou embora amanhã.

Foi ainda mais duro fazer a pergunta seguinte.

— Para onde vai?

Ele pigarreou e fez uma expressão de desconforto.

— Tenho uma amiga. Está sozinha. Ia lhe ser útil ter a força de um homem em sua casa. O telhado precisa ser reparado, e há plantios a serem feitos. Vou para lá, por algum tempo.

— "Amiga"? — atrevi-me a perguntar, erguendo uma sobrancelha.

A sua voz não tinha expressão.

— Não é nada disso. É mesmo amiga. Provavelmente você poderia dizer que encontrei outra pessoa de quem cuidar. Talvez tenha encontrado. Talvez esteja na hora de fazer isso onde é mesmo necessário.

Então olhei para o fogo.

— Bronco. Eu precisei mesmo de você. Trouxe-me de volta do limite, fez com que eu voltasse a ser um homem.

Ele bufou.

— Se eu tivesse tratado você como devia, para começar, nunca teria ido até o limite.

— Não. Eu teria ido para a cova.

— Teria? Majestoso não teria acusações de magia da Manha para fazer contra você.

— Ele teria encontrado alguma desculpa para me matar. Ou só uma oportunidade. Ele não precisa realmente de desculpas para fazer o que quer.

— Talvez sim. Talvez não.

Ficamos vendo o fogo morrer. Levei a mão à orelha, brinquei com o fecho do brinco.

— Quero lhe devolver isto.

— Eu preferia que você ficasse com ele. Que o usasse. — Era quase um pedido. Parecia estranho.

— Não mereço o que quer que seja que este brinco simbolize para você. Não o ganhei, não tenho direito a ele.

— O que ele simboliza para mim não é algo que se ganhe. É algo que eu lhe dei, quer o tivesse merecido, quer não. Usando-o ou não, ainda assim irá levá-lo com você.

Deixei o brinco pendurado da orelha. Uma minúscula rede de prata com uma pedra azul engastada no interior. Certa vez, Bronco o dera ao meu pai. Paciência,

sem saber do seu significado, passara-o para as minhas mãos. Não sabia se ele queria que eu o usasse pelo mesmo motivo que o levara a dá-lo ao meu pai. Tive a sensação de que havia mais naquela história do que ele me dissera, mas não quis perguntar. Mesmo assim esperei, na expetativa de que ele me fizesse uma pergunta. Mas Bronco apenas levantou-se e voltou para os seus cobertores. Ouvi-o deitar-se.

Desejei que tivesse me feito a pergunta. Magoou-me isso não ter acontecido. Respondi mesmo assim.

— Não sei o que vou fazer — eu disse, para a sala escurecida. — Durante toda a vida, sempre tive tarefas a cumprir, mestres a quem prestar contas. Agora que não tenho… É uma sensação estranha.

Pensei por algum tempo que ele não ia responder. Mas então disse abruptamente:

— Conheci essa sensação.

Ergui os olhos para o teto escurecido.

— Tenho pensado em Moli. Com frequência. Sabe para onde ela foi?

— Sim.

Quando nada mais disse, soube que não era boa ideia perguntar.

— Eu sei que o mais sensato é deixá-la em paz. Ela acredita que estou morto. Espero que a pessoa que ela encontrou, seja quem for, tome melhor conta dela do que eu. Espero que a ame como ela merece.

Houve um roçar nos cobertores de Bronco.

— Como assim? — perguntou ele com prudência.

Era mais difícil de dizer que eu pensei que seria.

— Ela me disse quando me deixou naquele dia que havia outra pessoa. Alguém de quem gostava como eu gostava do meu rei, alguém que ela colocava à frente de tudo e todos na sua vida. — Minha garganta se fechou de súbito. Respirei fundo, afastando à força de vontade o nó da garganta. — Paciência tinha razão — eu disse.

— Sim, tinha — concordou Bronco.

— Não posso culpar ninguém além de mim. Depois de saber que Moli estava em segurança, devia tê-la deixado seguir o seu caminho. Ela merece um homem que possa lhe dar todo o seu tempo, toda a sua devoção…

— Sim, merece — concordou Bronco, implacável. — É uma pena que você não tenha compreendido isso antes de estar com ela.

Uma coisa é admitir uma falha para nós mesmo. É outra completamente diferente ter um amigo que não só concorda conosco, como realça toda a

profundidade da falha. Não a neguei, nem exigi saber como ele ficara sabendo. Se Moli lhe dissera, eu não queria saber o que mais ela teria dito. Se ele deduzira sozinho, eu não queria saber que fora assim tão óbvio. Senti uma onda de qualquer coisa, uma ferocidade que me fez querer rosnar para ele. Mordi a língua e me forcei a refletir sobre o que sentia. Culpa e vergonha por tudo ter terminado em dor para ela e por tê-la levado a duvidar do seu valor. E uma certeza de que por mais errado que tudo tivesse sido, também havia sido certo. Quando tive confiança na voz, disse em voz baixa:

— Nunca me arrependerei de amá-la. Só por não ter podido fazer dela minha esposa aos olhos de todos, como já era no meu coração.

Ele nada respondeu àquilo. Porém, passado algum tempo, esse silêncio de separação tornou-se ensurdecedor. Eu não conseguia dormir por causa dele. Por fim, falei:

— Bom. Amanhã partiremos cada um para seu lado, suponho.

— Suponho que sim — disse Bronco. Depois de algum tempo, acrescentou: — Boa sorte. — Soava realmente como se falasse sério. Como se compreendesse como eu precisaria de sorte.

Fechei os olhos. Eu estava tão cansado agora. Tão cansado. Cansado de magoar as pessoas que amava. Mas agora estava feito. Amanhã Bronco partiria e eu seria livre. Livre para seguir o desejo do meu coração, sem a intervenção de ninguém.

Livre para ir para Vaudefeira e matar Majestoso.

CAPÍTULO 3

A Demanda

O Talento é a magia tradicional da realeza Visionário. Embora pareça ser mais forte nas linhagens de sangue real, não é assim tão raro descobri-lo com menor força nos que são distantemente aparentados com a linhagem Visionário, ou naqueles cujos ancestrais incluem tanto ilhéus como gente dos Seis Ducados. É uma magia da mente, que dá aos praticantes o poder de comunicarem-se silenciosamente com quem está longe. As possibilidades que oferece são muitas; nos seus usos mais simples, pode servir para enviar mensagens, para influenciar os pensamentos de inimigos (ou de amigos) a fim de desviá-los para os fins do praticante. As suas desvantagens são de dois tipos: requer uma grande quantidade de energia para que seja manejada diariamente e oferece ao praticante a atração que foi incorretamente apelidada de prazer. É mais uma euforia, que aumenta de poder em proporção com a força e duração do uso do Talento. Pode levar o praticante a viciar-se no Talento, que acabará por esgotar toda a força mental e física do mago, deixando-o como um grande bebê babado.



Bronco partiu na manhã seguinte. Quando acordei, estava de pé e vestido e andando pela cabana, embalando as suas coisas. Não levou muito tempo. Levou os seus pertences, mas me deixou a maior parte das nossas provisões. Não bebemos na noite anterior, mas mesmo assim falávamos tão baixo e nos movíamos com tanto cuidado como se a manhã nos trouxesse dores. Falamos um com o outro com deferência, até que isso me pareceu pior do que se não falásssemos. Eu queria balbuciar pedidos de desculpa, suplicar para que reconsiderasse, fazer alguma coisa, qualquer coisa, para evitar que a nossa amizade terminasse daquela maneira. Ao mesmo tempo, desejei vê-lo longe, desejei que tudo terminasse, desejei que fosse o dia seguinte, um novo dia nascendo comigo sozinho. Agarrei-me à minha determinação como se estivesse pegando uma espada afiada ou uma faca. Suspeitei de que ele sentia algo parecido, pois às vezes parava e olhava para mim como se estivesse prestes a

falar. Então os nossos olhos encontravam-se e assim nos mantínhamos por um instante, até que um ou o outro desviava o olhar. Muito pairava sem ser dito entre nós.

Após um período horrivelmente curto de tempo, ele ficou pronto para partir. Pôs o fardo no ombro e tirou um bastão de trás da porta. Fiquei parado observando-o, pensando em como ele parecia estranho assim: Bronco, o cavaleiro, a pé. A luz do sol do início do verão que jorrava pela porta aberta me mostrou um homem no fim de sua meia-idade, com a madeixa branca que marcava sua cicatriz anunciando o grisalho que já havia começado a se mostrar na sua barba. Ele era forte e estava em forma, mas era inquestionável que a juventude ficara para trás. Passara os dias do auge das suas forças cuidando de mim.

— Bem — disse ele num tom impaciente. — Adeus, Fitz. E boa sorte para você.

— Boa sorte para você também, Bronco. — Atravessei rapidamente a sala e abracei-o antes que ele tivesse tempo de recuar.

Ele respondeu ao abraço, um rápido apertão que quase me quebrou as costelas, e depois afastou o meu cabelo do rosto.

— Vá se pentear. Parece um selvagem. — Quase conseguiu dar um sorriso. Deu as costas a mim e afastou-se a passos largos. Eu fiquei vendo-o partir. Pensei que não olharia para trás, mas na outra extremidade da pastagem virou-se e ergueu a mão. Eu ergui a minha em resposta. E então ele desapareceu, engolido pela floresta. Sentei-me durante algum tempo no degrau, pensando no lugar onde o vira pela última vez. Se me mantivesse fiel ao meu plano, poderiam se passar anos antes de voltar a vê-lo. Se voltasse a vê-lo. Desde os meus seis anos, ele sempre fora um fator na minha vida. Sempre pudera contar com a sua força, mesmo quando não a desejava. Agora partira. Como Breu, como Moli, como Veracidade, como Paciência.

Pensei em tudo o que lhe dissera na noite anterior, e estremeci de vergonha. Fora necessário, disse a mim mesmo. Quisera afastá-lo. Mas muito do que eu dissera irrompera de antigos ressentimentos que tinham gangrenado durante muito tempo dentro de mim. Eu não quisera dizer aquelas coisas. Pretendia afastá-lo, não feri-lo até o osso. Tal como Moli, ele levaria consigo as dúvidas que eu colocara nele. E ao atacar ferozmente o orgulho de Bronco, eu destruíra o pouco respeito que Breu ainda tinha por mim. Suponho que uma parte infantil de mim nutrisse a esperança de que algum dia eu poderia voltar para eles, de que algum dia voltaríamos a partilhar as nossas vidas. Sabia agora que não.

— Acabou-se — disse em voz baixa a mim mesmo. — Essa vida acabou, deixe-a ir.

Estava agora livre de ambos. Livre das limitações que me impunham, livre das suas ideias sobre honra e dever. Livre das suas expectativas. Nunca mais teria de olhar qualquer um deles nos olhos e prestar contas daquilo que fizera. Livre para fazer a única coisa que tinha o ânimo ou a coragem para fazer, a única coisa que podia fazer para deixar a minha antiga vida para trás.

Iria matar Majestoso.

Parecia simples justiça. Ele me matara primeiro. O espectro da promessa que fizera ao Rei Sagaz, de que nunca faria mal a nenhum dos seus, ergueu-se brevemente para me assombrar. Enterrei-o lembrando a mim mesmo de que Majestoso matara o homem que fizera essa promessa, bem como o homem a quem a fizera. Esse Fitz já não existia. Nunca mais voltaria a me apresentar ao velho Rei Sagaz e relatar o resultado de uma missão, não me apresentaria como Homem do Rei para auxiliar Veracidade. A Dama Paciência nunca me atormentaria com uma dúzia de tarefas triviais que eram da maior importância para ela. Ela chorara a minha morte. E Moli. Lágrimas arderam em meus olhos quando medi a minha dor. Ela havia me abandonado antes de Majestoso me matar, mas também por essa perda eu o considerava responsável. Se eu nada mais obtivesse daquela crosta de vida que Bronco e Breu tinham recuperado para mim, eu obteria ao menos a vingança. Prometi a mim mesmo que Majestoso olharia para mim enquanto morresse, e saberia que eu o matara. Aquele não seria um assassinato discreto, uma empreitada silenciosa de veneno anônimo. Entregaria pessoalmente a morte a Majestoso. Desejava atacar como uma flecha isolada, como uma faca arremessada, precipitando-me diretamente para o meu alvo, sem ser incomodado por receios por aqueles que me rodeiam. Se falhasse, bem, eu já estava morto de todos os modos que tinham importância para mim. Não magoaria ninguém por tentar. Se morresse ao matar Majestoso, valeria a pena. Protegeria a minha vida só até tomar a de Majestoso. O que quer que acontecesse depois não importava.

Olhos-de-Noite agitou-se, perturbado por algum sinal dos meus pensamentos.

Já pensou alguma vez no que a sua morte me faria?, perguntou-me.

Fechei os olhos com força por um instante. Mas tinha pensado. *O que faria a nós dois se eu vivesse como uma presa?*

Olhos-de-Noite compreendeu. *Somos caçadores. Nenhum de nós nasceu para ser presa.*

Não posso ser um caçador se estiver sempre esperando ser presa. E por isso

tenho de caçá-lo antes que ele me cace.

Ele aceitou os meus planos com muita calma. Tentei fazê-lo compreender tudo o que eu pretendia fazer. Não queria que se limitasse a me seguir cegamente.

Vou matar Majestoso. E o seu círculo. Vou matar todos, por tudo o que me fizeram e por tudo o que me tiraram.

Majestoso? Há carne que não podemos comer. Não compreendo a caça a homens.

Peguei minha imagem de Majestoso e a combinei com as suas do mercador de animais que o apanhara quando era filhote e o espancara com um porrete reforçado com latão.

Olhos-de-Noite refletiu sobre a imagem. *Depois de me afastar dele, fui esperto o suficiente para ficar longe dele. Caçar esse tipo é tão sensato como ir caçar um porco-espinho.*

Não posso deixar isso para trás, Olhos-de-Noite.

Compreendo. Também sou assim com os porcos-espinhos.

E foi assim que viu a minha vendeta contra Majestoso como equivalente à sua fraqueza por porcos-espinhos. Dei por mim aceitando os objetivos que proclamara com menos tranquilidade. Depois de proclamá-los, não conseguia imaginar ser desviado por nenhum outro motivo. As palavras que proferira na noite anterior regressaram para me censurar. O que acontecera aos belos discursos que eu fizera a Bronco, sobre viver uma vida para mim mesmo? Bem, esquivei-me, e talvez viesse a fazer aquilo, se sobrevivesse ao atar essas pontas soltas. Não era que eu não pudesse viver a minha própria vida. Era não poder suportar a ideia de Majestoso andar por aí pensando que me derrotara, sim, e que roubara o trono a Veracidade. Vingança, pura e simples, disse a mim mesmo. Se quisesse deixar o medo e a vergonha para trás, tinha de fazer aquilo.

Agora você já pode entrar, propus.

Por que eu iria querer?

Não precisei virar para ver que Olhos-de-Noite já descera até a cabana. Veio sentar-se ao meu lado, e em seguida espiou para dentro da cabana.

Pfuh! Enche a sua toca com uns fedores que não me admira que o seu focinho funcione tão mal.

Esgueirou-se com cautela para dentro da cabana e começou a perambular pelo interior. Eu permaneci sentado no degrau de entrada, observando-o. Passara-se algum tempo desde que eu o vira como algo mais do que uma extensão de mim mesmo. Ele estava adulto agora, e no auge das suas forças. Outra pessoa poderia dizer que era um lobo cinzento. Para mim, era de todas as cores que um lobo

podia ser, de olhos escuros, focinho escuro, bege na base das orelhas e na garganta, com a pelagem salpicada de pelos externos rígidos e negros, especialmente nos ombros e na parte plana da anca. As patas eram enormes, e ainda se abriam mais quando corria sobre neve dura. Tinha uma cauda que era mais expressiva do que os rostos de muitas mulheres, e dentes e mandíbulas capazes de quebrar com facilidade os ossos de uma pata de veado. Movia-se com aquela economia de forças que os animais perfeitamente saudáveis mostram. Bastava observá-lo para me tranquilizar o coração. Quando ficou com a curiosidade praticamente satisfeita, veio sentar-se ao meu lado. Passados alguns momentos, estendeu-se ao sol e fechou os olhos. *Fica de vigia?*

— Eu fico de olho em você — assegurei-lhe. As suas orelhas torceram-se ao ouvir minhas palavras. Em seguida, mergulhou num sono ensopado de sol.

Levantei-me em silêncio e entrei na cabana. Precisei de um tempo notavelmente curto para avaliar as minhas posses. Dois cobertores e um manto. Tinha uma muda de roupa, coisas quentes e lanosas, pouco apropriadas para viajar no verão. Uma escova. Uma faca e uma pedra de amolar. Pederneira. Uma funda. Várias pequenas peles curadas, provenientes de animais que tínhamos caçado. Fio feito com tendões. Um machado. O espelho de Bronco. Uma pequena chaleira e várias colheres. Estas últimas eram o fruto do recente trabalho com madeira de Bronco. Havia um pequeno saco de farinha grosseira e outro de farinha mais fina. O que sobrava do mel. Uma garrafa de vinho de sabugueiro.

Não era muito para dar início àquela empreitada. Tinha pela frente uma longa viagem por terra até Vaudefeira. Teria de sobreviver a isso antes de poder planejar um modo de passar pelos guardas de Majestoso e o seu círculo de Talento, e matá-lo. Refleti com cuidado. Ainda não era o auge do verão. Havia tempo para reunir ervas e secá-las, tempo para defumar peixe e carne para fazer rações de viagem. Eu não teria de passar fome. Por ora, eu tinha roupa e as outras coisas básicas. Mas acabaria precisando de algum dinheiro. Dissera a Breu e Bronco que podia abrir o meu próprio caminho, com base na minha perícia com animais e nos meus conhecimentos de escriba. Essas habilidades talvez me levassem até Vaudefeira.

Poderia ter sido mais fácil se eu pudesse ter continuado a ser FitzCavalaria. Conhecia barqueiros que se dedicavam ao comércio fluvial, e eu poderia ter pago com trabalho a passagem até Vaudefeira. Contudo, esse FitzCavalaria morrera. Não poderia ir à procura de trabalho nas docas. Nem sequer poderia visitar as docas, devido ao risco de ser reconhecido. Levei a mão ao rosto,

lembrando-me do que o espelho de Bronco me mostrara. Uma madeixa branca no cabelo para me lembrar do local onde os soldados de Majestoso tinham aberto o meu couro cabeludo pela última vez. Passei os dedos pela nova configuração do nariz. Também havia uma linha fina que me descia pela face direita, por baixo do olho, onde o punho de Majestoso me abrira o rosto. Ninguém se lembraria de um Fitz que ostentava tais cicatrizes. Deixaria a barba crescer. E se cortasse o cabelo à frente à moda dos escribas, isso poderia ser uma mudança suficiente para não atrair interesse com um relance casual. Mas não queria me aventurar deliberadamente entre aqueles que tinham me conhecido.

Estaria a pé. Nunca havia feito uma viagem extensa a pé.

Por que não podemos simplesmente ficar aqui? Uma interrogação sonolenta vinda de Olhos-de-Noite. *Há peixe no riacho, caça nos bosques por trás da cabana. De que mais precisamos? Por que precisamos partir?*

Eu preciso. Tenho de fazer isso para voltar a ser um homem.

Acredita mesmo que quer voltar a ser um homem? Senti a sua descrença, mas também a sua aceitação de que eu iria tentar. Espreguiçou-se indolentemente sem se levantar, esticando bem os dedos das patas da frente. *Para onde vamos?*

Vaudefeira. Onde Majestoso está. Uma viagem longa rio acima.

Há lobos lá?

Tenho certeza de que na cidade propriamente dita não. Mas há lobos em Vara. Também ainda há lobos em Cervo. Por aqui é que não.

Tirando nós dois, observou ele. E acrescentou: *Gostaria de encontrar lobos no lugar para onde vamos.*

Então se esticou todo e voltou a adormecer. Isso era parte do que significava ser um lobo, refleti. Ele não voltaria a se preocupar até partirmos. Depois simplesmente me seguiria e confiaria a sua sobrevivência às nossas habilidades.

Mas eu voltara a ser homem demais para agir como ele. Comecei a reunir provisões no dia seguinte. Apesar dos protestos de Olhos-de-Noite, cacei mais do que era necessário para comermos todos os dias. E quando tínhamos sucesso, não o deixava se empanturrar, secava um pouco da carne e defumava parte dela. Eu tinha habilidade suficiente para trabalhar com couro, devido ao infindável remendar de arreios de Bronco, para fazer umas botas macias para usar no verão. Engraxei bem as botas velhas e as deixei de lado para usar no inverno.

Durante os dias, enquanto Olhos-de-Noite cochilava ao sol, eu colhia as minhas ervas. Algumas eram as ervas medicinais comuns que eu queria ter à mão: casca de salgueiro para febre, raiz de framboeseira para tosse, tanchagem para infecção, urtiga para congestão e coisas assim. Outras não eram tão

benéficas. Fiz uma pequena caixa de cedro e a enchi. Reuni e armazenei os venenos como Breu me ensinara: cicuta, agárico, erva-moura, medula de sabugueiro, baga-de-morte e amor-apertado. Escolhi o melhor que pude, venenos que fossem inodoros e não tivessem sabor, venenos que pudessem ser transformados em pós finos e líquidos cristalinos. Também colhi casco-de-elfo, o poderoso estimulante que Breu usara para ajudar Veracidade a sobreviver às suas sessões de Talento.

Majestoso estaria rodeado e protegido pelo seu círculo. Vontade era aquele que eu mais temia, mas não subestimaria nenhum deles. Conhecera Emaranhado como um garoto grande e rude e Cedoura fora um certo dândi com as garotas. Mas esses dias haviam passado há muito tempo. Eu vira o que o uso do Talento fizera a Vontade. Já se passara muito tempo desde que tivera contato quer com Cedoura, quer com Emaranhado, e eu não os encararia com ideias preconcebidas. Eram todos treinados no Talento, e embora o meu talento natural outrora tivesse parecido muito mais forte do que os deles, eu descobrira da pior maneira que conheciam maneiras de usar o Talento que nem mesmo Veracidade compreendera. Se fosse atacado por eles com o Talento, e sobrevivesse, eu precisaria do casco-de-elfo para me recuperar.

Fiz uma segunda caixa, grande o bastante para conter a caixa dos venenos, mas fora concebida como estojo de escriba, para criar assim a aparência de um escriba ambulante. O estojo me proclamaria como tal a qualquer um com que eu viesse a cruzar. Obtive penas de um ganso que emboscamos no ninho. Eu podia fazer alguns dos pós para pigmentos, e fabriquei tubos e rolhas de osso para contê-los. Olhos-de-Noite me forneceu contrariado pelos para pincéis grossos. Tentei fazer pincéis mais finos com pelo de coelho, mas só me satisfizeram em parte. Era muito desencorajador. As pessoas esperavam que um escriba tivesse as tintas, pincéis e penas do seu ofício. Concluí com relutância que Paciência tivera razão quando me dissera que eu escrevia com uma letra bonita, mas não podia afirmar que eu possuía as aptidões de um verdadeiro escriba. Eu esperava que as minhas provisões fossem suficientes para qualquer trabalho que pudesse arranjar a caminho de Vaudefeira.

Chegou uma hora em que sabia que estava tão bem aprovisionado como poderia estar e que devia partir em breve, para ter o tempo de verão para a viagem. Estava ansioso por vingança, e no entanto também estava estranhamente relutante em abandonar aquela cabana e aquela vida. Pela primeira vez, que me conseguisse recordar, eu abandonava o sono quando acordasse naturalmente e comia quando tinha fome. Não tinha tarefas a cumprir além das que eu mesmo

determinava. Certamente não faria mal se eu esperasse algum tempo para recuperar a saúde física. Embora os machucados do meu tempo passado na masmorra já tivessem desaparecido há muito tempo, e os únicos sinais externos dos meus ferimentos fossem cicatrizes, ainda me sentia estranhamente rígido em certas manhãs. Ocasionalmente, o meu corpo me chocava com uma pontada quando eu saltava para apanhar alguma coisa, ou virava a cabeça depressa demais. Uma caçada particularmente extenuante me deixava tremendo e temendo um ataque. Seria mais sensato, decidi, estar completamente sarado antes de partir.

Assim, durante algum tempo nos demoramos. Os dias estavam quentes, a caça era boa. À medida que os dias passavam, eu ia fazendo as pazes com o meu corpo. Não era o guerreiro fisicamente endurecido que fora no verão anterior, mas conseguia acompanhar Olhos-de-Noite ao longo de uma noite de caçada. Quando saltava para matar um animal, os meus atos eram rápidos e seguros. O meu corpo ficou curado e eu deixei para trás as dores do passado, reconhecendo-as, mas não as remoendo. Os pesadelos que tinham me atormentado caíram como os últimos restos da pelagem de inverno de Olhos-de-Noite. Eu jamais conhecera vida tão simples. Fizera finalmente as pazes comigo mesmo.

Não há paz que dure muito tempo. Um sonho veio me acordar. Olhos-de-Noite e eu nos levantamos antes da alvorada, caçamos e matamos juntos um par de coelhos gordos. Aquela colina em particular estava crivada das suas tocas, e apanhá-los o suficiente para nos saciarmos degenerara rapidamente num jogo tolo feito de saltos e escavadas. Já passava da alvorada quando deixamos a brincadeira de lado. Atiramo-nos no chão à sombra de uma bétula salpicada, mais uma vez com a barriga cheia dos animais que matamos, e adormecemos. Algo, talvez a luz irregular do sol batendo em minhas pálpebras, fez com que eu mergulhasse num sonho.

Eu estava de volta a Torre do Cervo. Na velha casa da guarda, encontrava-me estendido num chão frio de pedra, no centro de um círculo de homens de olhar severo. O chão debaixo da minha face estava pegajoso e escorregadio de sangue que esfriava. Enquanto arquejava, de boca aberta, o cheiro e o sabor do sangue combinavam-se para encher os meus sentidos. Vinham me atacar outra vez, não só o homem com os punhos enluvados com couro, mas também Vontade, o arredio, invisível Vontade, que deslizava silenciosamente através das minhas muralhas para se esgueirar para o interior da minha mente.

— Por favor, esperem, por favor — implorei-lhes. — Parem, eu imploro. Não sou nada que precisam temer ou odiar. Sou só um lobo. Só um lobo, nada que os

ameace. Não farei nenhum mal a você, deixem-me ir. Para vocês não sou nada. Nunca voltarei a lhes criar problemas. Sou só um lobo. — Ergui o focinho para o céu e uivei.

Foram os meus próprios uivos que me acordaram.

Rolei sobre as mãos e os joelhos, sacudi-me todo e depois me levantei. Um sonho, disse a mim mesmo. Só um sonho. Fui inundado pelo medo e a vergonha, que me sujaram à sua passagem. No meu sonho, implorara por misericórdia como não fizera na realidade. Disse a mim mesmo que não era covarde. Seria? Parecia que eu ainda podia cheirar e sentir o gosto do sangue.

Onde você vai?, perguntou indolentemente Olhos-de-Noite. Estava deitado mais à sombra, e a sua pelagem o camuflava surpreendentemente bem ali.

Água.

Fui até o riacho, lavei do rosto e das mãos o sangue pegajoso de coelho, e depois bebi longamente. Voltei a lavar o rosto, raspando a barba com as unhas para obrigar o sangue a sair. De repente, decidi que não conseguia suportar a barba. Fosse como fosse, não pretendia ir para onde esperasse ser reconhecido. Voltei para a cabana do pastor a fim de me barbear.

À porta, franzi o nariz diante do cheiro de mofo. Olhos-de-Noite tinha razão; dormir dentro de casa afetara o meu olfato. Eu mal podia acreditar que tolerara aquilo. Entrei com relutância, fungando para afastar os cheiros de homem. Chovera algumas noites antes. A umidade penetrara na carne seca e estragara parte dela. Separei-a, torcendo o nariz diante do grau de putrefação que ela mostrava. Havia larvas atacando alguns pedaços. Enquanto verificava cautelosamente o resto das provisões de carne, afastei uma persistente sensação de desconforto. Foi só quando peguei a faca e tive de limpar dela uma poeira fina de ferrugem que o admiti para mim mesmo.

Haviam se passado dias desde que eu estivera ali.

Possivelmente semanas.

Não tinha qualquer noção da passagem do tempo. Olhei para a carne estragada, para a poeira que cobria os meus bens desarrumados. Apalpei a barba, chocado com o quanto crescera. Bronco e Breu não tinham me deixado aqui há dias. Tinham sido semanas. Fui até a porta da cabana e olhei para fora. A grama crescia, alta, onde houvera caminhos que atravessavam o prado na direção do riacho e do local em que Bronco pescava. As flores da primavera já haviam desaparecido há muito tempo e as frutas estavam verdes nos arbustos. Olhei para as mãos, para a sujeira entranhada na pele dos pulsos, sangue velho incrustado e seco debaixo das unhas. Antes, comer carne crua teria me enojado. Agora a ideia

de cozinhar carne parecia peculiar e estranha. A minha mente desviou-se do assunto e eu não quis me confrontar. Mais tarde, ouvi-me suplicando, amanhã, mais tarde, vá à procura de Olhos-de-Noite.

Está perturbado, irmãozinho?

Sim. Forcei-me a acrescentar: *Você não pode me ajudar com isso. É problema de homem, uma coisa que tenho de resolver sozinho.*

Seja um lobo, então, aconselhou ele num tom indolente.

Não tive forças para responder àquilo nem sim, nem não. Deixei que o conselho passasse por mim. Baixei os olhos para mim, para a camisa e as calças manchadas. Minha roupa estava dura de sujeira e sangue seco, e as calças estavam em farrapos abaixo dos joelhos. Com um estremecimento, lembrei-me dos Forjados e de sua vestimenta esfarrapada. O que eu me tornara? Puxei pelo colarinho da camisa e em seguida afastei o rosto do meu próprio fedor. Os lobos são mais limpos do que isso. Olhos-de-Noite tratava de si mesmo diariamente.

Falei em voz baixa, e o estado enferrujado da minha voz só se foi somar ao resto.

— Assim que Bronco me deixou aqui, sozinho, reverti a algo inferior a um animal. Sem tempo, sem limpeza, sem objetivos, sem consciência de nada a não ser comer e dormir. Foi sobre isto que ele tentou me avisar, ao longo de todos aqueles anos. Fiz exatamente o que ele sempre temeu que eu fizesse.

Acendi com dificuldade a lareira. Fiz muitas viagens ao riacho para buscar água e aqueci tanto quanto pude. Os pastores tinham deixado na cabana um caldeirão para derreter banha, que era suficientemente grande para encher metade de uma tina de madeira que havia no lado de fora. Enquanto a água aquecia, colhi saponária e cavalinha. Não conseguia me lembrar de já ter estado tão sujo. A áspera cavalinha raspou camadas de pele com a sujeira antes de eu ficar satisfeito com a minha limpeza. Havia mais do que algumas pulgas boiando na água. Também descobri um carrapato preso à nuca e o queimei com um graveto em brasa que tirei da lareira. Quando fiquei com o cabelo limpo, penteei-o e em seguida voltei a prendê-lo atrás da cabeça num rabo de cavalo de guerreiro. Barbeei-me no espelho que Bronco me deixara e depois fitei o rosto que havia ali. Testa bronzeada e queixo pálido.

Depois de já ter aquecido mais água e de ter ensopado e batido a roupa até deixá-la limpa, comecei a compreender a limpeza fanática e constante de Bronco. A única maneira de salvar o que restava das minhas calças era fazer uma bainha no joelho. Mesmo assim, não lhes restava muito tempo de uso. Estendi também a orgia de limpeza à roupa de cama e à de inverno, lavando delas o

cheiro de mofo. Descobri que um rato abrira um buraco no meu manto de inverno para fazer um ninho. Também remendei o manto o melhor que pude. Ergui os olhos das perneiras molhadas que eu enrolava num arbusto e dei com Olhos-de-Noite me observando.

Você cheira a homem mais uma vez.

Isso é bom ou é ruim?

É melhor do que cheirar à caça da semana passada. Não é tão bom como cheirar a lobo. Levantou-se e espreguiçou-se, fazendo uma profunda mesura para mim e esticando bem os dedos sobre a terra. *Bom. Você quer ser um homem, afinal. Viajamos em breve?*

Sim. Viajamos para o oeste, subindo o Rio Cervo.

Oh. Ele espirrou de repente, então caiu de forma abrupta sobre o flanco, para rolar de costas na terra como um filhote. Contorceu-se alegremente, enchendo bem o pelo de terra, e em seguida ficou de pé para voltar a sacudi-la para longe. A sua aceitação indiferente da minha decisão súbita era um fardo. No que eu o estava metendo?

O cair da noite foi me encontrar com toda a roupa que possuía e toda a roupa de cama ainda molhadas. Mandara Olhos-de-Noite caçar sozinho. Sabia que não regressaria tão cedo. A lua estava cheia e o céu noturno limpo. Haveria muita caça em movimento naquela noite. Entrei na cabana e alimentei o fogo o suficiente para fazer bolos com o que restava da farinha grosseira. A fina fora atacada e estragada por gorgulhos. Era melhor comer agora a que restava do que deixá-la estragar da mesma forma. Os bolos simples com o que restava do mel granuloso que havia no pote tinham um gosto incrivelmente bom. Sabia que seria melhor expandir a minha dieta para incluir mais do que carne e um punhado de verduras todos os dias. Fiz um chá estranho com menta silvestre e pontas de brotos de urtiga e isso também teve um gosto bom.

Levei para dentro uma manta quase seca e a estendi na frente da lareira. Deitei-me nela, dormitando e fitando o fogo. Sondei na direção de Olhos-de-Noite, mas ele desdenhou da ideia de se juntar a mim, preferindo o animal que acabara de caçar e a terra fofa sob um carvalho na orla do prado. Eu estava mais só, e mais humano, do que estivera em meses. Senti-me um pouco estranho, mas bem.

Foi quando rolei e me espreguicei que vi o pacote deixado na cadeira. Conhecia de cor cada um dos objetos que havia na cabana. Aquilo não estava ali da última vez que eu estivera. Peguei o pacote, farejei-o e descobri nele o leve cheiro de Bronco, bem como o meu. No momento seguinte percebi o que havia

feito e me censurei por isso. Era melhor que eu começasse a me comportar como se sempre houvesse testemunhas para os meus atos, a não ser que eu quisesse ser morto mais uma vez como um Manhoso.

O pacote não era grande. Era uma das minhas camisas, tirada sem que eu soubesse como da minha velha arca de roupas, uma camisa de tecido suave e marrom de que sempre gostei, e um par de perneiras. Havia um pequeno pote de barro enrolado na camisa, contendo o unguento que Bronco usava para cortes, queimaduras e hematomas. Quatro peças de prata numa pequena bolsa de couro; ele bordara um cervo nos pontos da parte da frente. Um bom cinto de couro. Sentei-me admirando o desenho que Bronco fizera nele. Havia um cervo, de galhada abaixada para o combate, semelhante ao brasão que Veracidade sugerira para mim. No cinto, ele mantinha um lobo à distância. Era difícil não entender essa mensagem.

Vesti-me diante da lareira, sentindo-me melancólico por ter perdido a sua visita, e no entanto aliviado por isso. Conhecendo Bronco, ele provavelmente sentira algo de muito semelhante por caminhar até ali e me encontrar fora. Ele havia me trazido aquelas roupas apresentáveis por querer me persuadir a regressar com ele? Ou para me desejar boa viagem? Tentei não ponderar qual teria sido a sua intenção, nem a sua reação ao ver a cabana abandonada. De novo vestido, senti-me muito mais humano. Pendurei a bolsa e a minha faca embainhada do cinto e passei pela cintura. Puxei uma cadeira para a frente da lareira e me sentei nela.

Fitei o fogo. Finalmente me permiti pensar sobre o meu sonho. Senti um estranho aperto no peito. Eu era um covarde? Não tinha certeza. Ia para Vaudefeira para matar Majestoso. Um covarde faria isso? Talvez, disse-me minha mente traidora, um covarde talvez o fizesse, se isso fosse mais fácil do que procurar o seu rei. Afastei esse pensamento da cabeça.

Ele voltou logo. Matar Majestoso seria a coisa certa a fazer, ou apenas aquilo que eu desejava fazer? Por que isso importaria? Porque importava. Talvez fosse melhor eu ir procurar Veracidade.

Era uma tolice pensar nisso, até que eu soubesse que Veracidade ainda estava vivo. Se conseguisse contactar Veracidade pelo Talento, eu poderia descobrir. Mas nunca fui capaz de usar o Talento de forma previsível. Galeno assegurara-se disso, com o insulto que pegara o meu forte Talento natural e o transformara numa coisa instável e frustrante. Seria possível alterar isso? Precisaria conseguir usar bem o Talento se eu quisesse passar pelo círculo e chegar à garganta de Majestoso. Teria de aprender a controlá-lo. Seria o Talento algo que pudesse ser

dominado sozinho? Como uma pessoa poderia aprender uma coisa sem nem sequer conhecer todo o seu alcance? Todas as habilidades que Galeno nem me incutira, nem me fizera perder com a sua violência, todo o conhecimento que Veracidade nunca tivera tempo de me ensinar, como eu poderia aprender tudo isso sozinho? Era impossível.

Não queria pensar em Veracidade. Isso justamente me disse que eu devia fazê-lo. Veracidade. Meu príncipe. Agora o meu rei. Ligado pelo sangue e pelo Talento, vim a conhecê-lo como a nenhum outro homem. Estar aberto ao Talento, ele me dissera, era tão simples como não estar fechado. A sua guerra de Talento com os Salteadores transformara-se na sua vida, esgotando-lhe a juventude e a vitalidade. Ele nunca tivera tempo para me ensinar a controlar o meu talento, mas me dera as lições que pudera nas oportunidades pouco frequentes que tivera. A sua força de Talento era tal que conseguia impor um toque em mim e ser um só comigo durante dias, às vezes semanas. E um dia, quando eu me sentara na cadeira de meu príncipe, no seu estúdio, diante de sua mesa de trabalho, eu o contactara pelo Talento. À minha frente estavam os instrumentos que ele usava para fazer os seus mapas e a pequena desarrumação pessoal do homem que esperava para ser rei. Nessa vez, eu pensara nele, ansiara para que ele estivesse em casa para guiar o seu reino, e simplesmente estendera a mente e o contactara pelo Talento. Tão facilmente, sem preparação ou mesmo verdadeira intenção. Tentei me colocar no mesmo estado de espírito. Não tinha a mesa ou a desarrumação de Veracidade para trazê-lo à mente, mas se fechasse os olhos conseguia ver o meu príncipe. Respirei fundo e tentei evocar a sua imagem.

Veracidade era mais largo de ombros do que eu, mas não chegava bem à minha altura. O meu tio partilhava comigo os olhos e cabelo escuros da família Visionário, mas os seus olhos eram mais encovados do que os meus, e o seu cabelo e barba rebeldes estavam salpicados de fios grisalhos. Quando eu era menino, ele fora bem musculoso e rijo, um homem entroncado que manejava tão facilmente uma espada como uma pena. Estes últimos anos o tinham desgastado. Fora forçado a passar tempo demais fisicamente inativo enquanto usava a força do seu Talento para defender a nossa linha costeira dos Salteadores. Porém, mesmo apesar de seus músculos terem minguado, a sua aura de Talento aumentara, tanto que ir à sua presença agora era como ir à presença de uma lareira em chamas. Quando eu estava na sua presença, eu ficava muito mais consciente do seu Talento do que do seu corpo. Para o odor, trouxe à mente o picante das tintas coloridas que usava quando fazia os seus mapas, o cheiro do

velino, e, também, o toque de casco-de-elfo que se encontrava com frequência no seu hálito.

— Veracidade — eu disse suavemente em voz alta, e senti a palavra ecoar dentro de mim, refletindo-se nas minhas muralhas.

Abri os olhos. Não conseguia me estender para fora de mim mesmo até baixar as muralhas. Visualizar Veracidade não me traria nenhum bem até abrir um caminho para o meu Talento sair e o seu entrar na minha mente. Muito bem. Isso era bastante fácil. Apenas relaxar. Fitar o fogo e observar as minúsculas centelhas que sobem montadas no calor. Dançar entre centelhas. Relaxar a vigilância. Esquecer o modo como Vontade atirara a sua força de Talento contra essas muralhas e quase as levara a ceder. Esquecer que manter as muralhas erguidas fora tudo o que mantivera a minha mente enquanto eles me espancavam a carne. Esquecer aquela sensação nauseante de violação no momento em que Justino forçara entrada em mim. O modo como Galeno marcara e mutilara a minha capacidade para o Talento quando abusara da sua posição como Mestre do Talento para forçar o seu controle sobre a minha mente.

Tão claramente como se Veracidade estivesse ao meu lado, voltei a ouvir as palavras do meu príncipe. “Galeno o marcou. Você tem muralhas que nem consigo começar a penetrar, e eu sou forte. Você teria de aprender a baixá-las. Isso é algo difícil”. E essas palavras tinham sido ditas a mim há anos, antes da invasão de Justino, antes dos ataques de Vontade. Sorri com amargura. Saberiam eles que haviam tido sucesso em me roubar do Talento? Provavelmente jamais tinham sequer pensado a respeito disso. Alguém, em algum lugar, devia fazer um registro do fato. Algum dia, um rei Talentoso poderia achar útil saber que se se machucasse o suficiente um Talentoso com o Talento, era possível selá-lo dentro de si mesmo e deixá-lo impotente nessa área.

Veracidade nunca tivera tempo para me ensinar como baixar aquelas muralhas. Ironicamente, descobrira uma maneira de me mostrar como reforçá-las, para que eu pudesse isolar dele os meus pensamentos privados quando não desejava partilhá-los. Talvez isso fosse algo que eu aprendera bem demais. Perguntei a mim mesmo se alguma vez teria tempo para desaprender.

Tempo, não tempo, interrompeu Olhos-de-Noite num tom fatigado. *O tempo é uma coisa que os homens inventaram para se incomodarem com ela. Você pensa nele até me deixar tonto. Por que segue essas velhas trilhas? Fareje uma nova que possa ter alguma carne no fim. Se quer a caça, tem de persegui-la. É só isso. Não pode dizer: Perseguir isto leva tempo demais, quero apenas comer. Tudo é uma coisa só. A perseguição é o princípio do comer.*

Você não entende, disse-lhe eu, cansado. *O número de horas num dia é limitado, e o de dias nos quais posso fazer isso também.*

Por que corta a sua vida em pedaços e dá nomes aos pedaços? Horas, dias. É como um coelho. Se eu mato um coelho, como um coelho. Uma bufada sonolenta de desdém. *Quando você come um coelho, corta-o e chama de ossos, carne, pelo e tripas. É por isso que você nunca tem o bastante.*

Então o que devia eu fazer, oh sábio mestre?

Pare de choramingar e apenas faça o que tem de fazer. Para que eu possa dormir.

Ele me deu um ligeiro empurrão mental, como um cotovelo nas costelas quando um companheiro senta-se perto demais de nós no banco da taverna. Percebi de repente o quão próximo eu havia mantido o nosso contato ao longo das últimas semanas. Houve um tempo em que eu o censurara por estar sempre na minha mente. Não quis a sua companhia quando estive com Moli e tentei lhe explicar na época que esses momentos deviam pertencer apenas a mim. Agora o seu empurrão deixou claro para mim que eu estivera me agarrando tanto a ele como ele se agarrara a mim quando era filhote. Resisti firmemente ao impulso inicial de me prender a ele. Em vez disso, voltei a me instalar na cadeira e olhei para o fogo.

Baixei as muralhas. Fiquei algum tempo sentado, de boca seca, à espera de um ataque. Quando nada veio, pensei com cuidado e voltei a baixar as muralhas. Eles achavam que eu estava morto, lembrei a mim mesmo. Não estariam à espreita para emboscar um morto. Mesmo assim não era fácil baixar as muralhas. Era muito mais fácil abrir bem os olhos num dia em que a luz do sol se refletia brilhante na água, ou me manter imóvel à espera de um soco. Porém, quando finalmente o fiz, consegui sentir o Talento fluindo ao meu redor, abrindo-se à minha volta como se eu fosse uma pedra na corrente de um rio. Bastaria mergulhar nela e eu encontraria Veracidade. Ou Vontade, ou Emaranhado, ou Cedoura. Estremeci, e o rio recuou. Fortaleci-me e regressei para junto dele. Permaneci durante muito tempo hesitando naquela margem, desafiando-me a mergulhar. Testar a água com o Talento não era opção. Era dentro ou fora. Dentro.

Dentro, e eu estava rodopiando e caindo, e senti meu ser rasgando como um pedaço de corda podre de cânhamo. Fios que descascavam e se torciam para longe de mim, todas as camadas que me transformavam no que era, memórias, emoções, os profundos pensamentos que importavam, os clarões de poesia que se experimenta e que batem mais fundo do que o entendimento, as memórias

aleatórias de dias comuns, tudo isso esfarrapando-se e desaparecendo. Era tão bom. Tudo o que eu tinha a fazer era me deixar ir.

Mas isso teria feito com que Galeno tivesse razão a meu respeito.

Veracidade?

Não houve resposta. Nada. Ele não estava lá.

Recolhi-me ao interior de mim mesmo e puxei todo o meu ser, rodeando com ele a minha mente. Descobri que podia fazê-lo, que podia me controlar na corrente de Talento, ao mesmo tempo que mantinha a identidade. Por que havia sido sempre tão difícil? Pus essa questão de lado e refleti sobre o pior. O pior era que Veracidade estivera vivo e falara comigo, alguns meses antes. "Diga-lhes que Veracidade está vivo. É só isso". E eu dissera, mas eles não haviam compreendido, e ninguém agira. Mas o que podia ter sido aquela mensagem, se não uma súplica por ajuda? Um pedido de ajuda do meu rei não fora respondido.

De repente, aquilo não era algo que se pudesse suportar, e o grito de Talento que saiu de mim foi algo que senti como se a própria vida me saltasse do peito num apelo de procura.

VERACIDADE!

… Cavalaria?

Não foi mais do que um murmúrio roçando na minha consciência, tão leve como uma mariposa batendo numa cortina. Aquela foi a minha vez de alcançar, agarrar e equilibrar. Atirei-me na direção dele e o encontrei. A sua presença tremeluzia como a chama de uma vela prestes a se apagar na poça da sua própria cera. Sabia que ele partiria em breve. Eu tinha mil perguntas. Fiz a única que era importante.

Veracidade. Pode tirar forças de mim, sem me tocar?

Fitz? A pergunta mais frágil, mais hesitante. *Pensei que Cavalaria havia regressado…* Ele balançava à beira da escuridão… *para tirar o seu fardo de cima de mim…*

Veracidade, preste atenção. Pense. Pode tirar forças de mim? Pode fazê-lo agora?

Eu não… não consigo. Alcançar. Fitz?

Lembrei-me de Sagaz, tirando forças de mim para enviar pelo Talento uma despedida ao filho. E de como Justino e Serena o haviam atacado e sugado todas as suas forças, matando-o. De como morrera, como uma bolha estourando. Como uma centelha apagando-se.

VERACIDADE! Atirei-me a ele, enrolei-me à sua volta, equilibrei-o como ele me equilibrara tão frequentemente nos nossos contatos pelo Talento. *Tire de*

mim, ordenei-lhe, e me abri a ele. Com pura força de vontade, obriguei-me a acreditar na realidade da sua mão no meu ombro, tentei recordar como me sentira nas vezes em que ele ou Sagaz haviam obtido forças de mim. A chama que era Veracidade deu um salto súbito, e após um momento ardia de novo, forte e limpa.

Basta, advertiu-me, e em seguida com mais força: *Tenha cuidado, garoto!*

Não, eu estou bem, posso fazer isso, assegurei-lhe, e obriguei as minhas forças a se transferirem para ele.

Basta!, insistiu, e afastou-se de mim. Foi quase como se déssemos um pequeno passo para trás e examinássemos um ao outro. Eu não conseguia ver o seu corpo, mas podia sentir a terrível fadiga que havia nele. Não era a fadiga saudável que chega no fim de um dia de trabalho, mas a fadiga até os ossos de um dia opressivo empilhado sobre o outro, sem nunca se ter comida ou descanso suficientes entre eles. Eu lhe dera forças, mas não saúde, e ele iria queimar rapidamente a vitalidade que obtivera de mim, pois ela não era mais verdadeira força do que o chá de casco-de-elfo era uma refeição de sustento.

Onde você está?, perguntei-lhe.

Nas Montanhas, disse ele com relutância, e acrescentou: *Não é seguro dizer mais. Nem sequer devíamos usar o Talento. Há quem gostaria de tentar escutar a nossa conversa.*

Contudo, ele não pôs fim ao contato, e eu compreendi que ele estava tão ávido para fazer perguntas como eu. Tentei pensar no que podia lhe dizer. Não conseguia detectar ninguém além de nós, mas não tinha certeza de que saberia se estivéssemos sendo espionados. Durante longos momentos, o nosso contato manteve-se simplesmente como uma consciência um do outro. Então Veracidade me advetiu com severidade: *Precisa ter mais cuidado. Atrairá problemas para você. Ainda assim, isso me anima. Passei muito tempo sem o toque de um amigo.*

Então qualquer risco que eu corra vale a pena. Hesitei, e em seguida descobri que não era capaz de confinar o pensamento dentro de mim. *Meu rei. Há algo que tenho de fazer. Mas quando estiver feito, irei até o senhor.*

Nesse momento, senti algo vindo dele. Uma gratidão, cuja intensidade me subjugava. *Espero ainda estar aqui quando você chegar*. E então, com mais severidade: *Não diga nomes, use o Talento apenas se precisar*. Mais suavemente: *Tenha cuidado, rapaz. Tenha muito cuidado. Eles são implacáveis.*

E então desapareceu.

Rompera o contato por completo. Esperei que, onde quer que estivesse, ele usasse a força que eu lhe emprestara para encontrar alguma comida ou um lugar

seguro para descansar. Sentira que ele vivia como alguém acossado, sempre cauteloso, sempre com fome. Tão presa como eu. E algo mais. Um ferimento, uma febre? Recostei-me na cadeira, tremendo um pouco. Eu sabia que não devia tentar me levantar. O simples fato de usar o Talento retirava forças de mim, e eu me abrira a Veracidade e o deixara drenar ainda mais. Em alguns momentos, quando o tremor se atenuasse, eu faria um pouco de chá de casco-de-elfo e iria me restabelecer. Por ora, permaneci sentado, fitando o fogo e pensando em Veracidade.

Veracidade partira de Torre do Cervo no outono passado. Parecia ter sido há uma eternidade. Quando Veracidade partira, o Rei Sagaz ainda vivia, e a esposa de Veracidade, Kettricken, estava grávida. Ele estabelecera para si uma demanda. Os Salteadores dos Navios Vermelhos das Ilhas Externas assolavam as nossas costas havia três anos, e todos os nossos esforços para afastá-los haviam falhado. Assim, Veracidade, Príncipe Herdeiro do trono dos Seis Ducados, determinara que iria até as Montanhas, para encontrar lá os nossos aliados quase lendários, os Antigos. Segundo a tradição, muitas gerações antes o Rei Sabedoria os procurara e eles haviam ajudado os Seis Ducados contra salteadores semelhantes. Também haviam prometido regressar se precisássemos deles. E assim Veracidade deixara para trás trono, esposa e reino para procurá-los e lembrá-los de sua promessa. O seu pai idoso, o Rei Sagaz, ficara para trás, assim como o seu irmão mais novo, o Príncipe Majestoso.

Quase no momento em que Veracidade partira, Majestoso começara a agir contra ele. Cortejara os Duques Interiores e ignorara as necessidades dos Ducados Costeiros. Eu suspeitava que era ele a fonte dos rumores que escarneciam da demanda de Veracidade e o pintavam como um tolo irresponsável, quando não como um louco. O círculo de utilizadores de Talento que deviam estar juramentados a Veracidade haviam sido corrompidos há muito tempo para se colocarem a serviço de Majestoso. Ele os usara para anunciar que Veracidade morrera a caminho das Montanhas, e depois proclamara-se Príncipe Herdeiro. O seu controle sobre o cada vez mais frágil Rei Sagaz tornara-se absoluto; Majestoso declarara que iria mudar a corte para o interior, deixando Torre do Cervo de todas as formas importantes à mercê dos Navios Vermelhos. Quando anunciara que o Rei Sagaz e a rainha de Veracidade, Kettricken, tinham que acompanhá-lo, Breu decidira que precisávamos agir. Sabia que Majestoso não toleraria que nenhum dos dois se interpusesse entre ele e o trono, de modo que fizemos os nossos planos para fazê-los desaparecer, na mesma noite em que ele se declarara Príncipe Herdeiro.

Nada correra como planejado. Os Duques Costeiros estavam prestes a se levantar contra Majestoso; haviam tentado me recrutar para a sua rebelião. Eu concordara em auxiliar a sua causa, na esperança de manter Torre do Cervo como uma posição de poder para Veracidade. Antes de conseguirmos fazer o rei desaparecer, dois membros do círculo o mataram. Apenas Kettricken fugira, e embora eu tivesse matado aqueles que haviam assassinado o Rei Sagaz, fui capturado, torturado e declarado culpado da magia da Manha. A Dama Paciência, esposa de meu pai, intercedera por mim em vão. Se Bronco não tivesse conseguido me entregar clandestinamente veneno, eu teria sido enforcado sobre a água e queimado. Mas o veneno fora suficiente para simular a morte de forma convincente. Enquanto a minha alma acompanhava Olhos-de-Noite no seu corpo, Paciência reclamara o meu corpo da cela de prisão e o enterrara. Sem que ela soubesse, Bronco e Breu me desenterraram assim que puderam fazê-lo em segurança.

Pisquei e afastei o olhar das chamas. O fogo já havia quase se apagado. A minha vida agora era assim, toda em cinzas atrás de mim. Não havia maneira de recuperar a mulher que amara. Moli achava que eu agora estava morto, e não havia dúvida de que via o meu uso da magia da Manha com repugnância. E, de qualquer forma, ela me deixara dias antes de o resto da minha vida ter desmoronado. Eu a conhecia desde que éramos crianças e brincávamos juntos nas ruas e docas da Cidade de Torre do Cervo. Ela me apelidara de Novato, e supôs que era apenas uma das crianças do castelo, um cavalariço ou um aprendiz de escriba. Apaixonara-se por mim antes de descobrir que eu era o Bastardo, o filho ilegítimo que forçara Cavalaria a abdicar do trono. Quando descobriu, quase a perdi. Mas a persuadi a confiar em mim, a acreditar em mim, e durante quase um ano nos agarramos um ao outro, apesar de todos os obstáculos. Frequentemente fui forçado a colocar os meus deveres para com o rei à frente do que desejávamos fazer. O rei recusara-se a me dar permissão para casar; ela aceitou isso. O rei me prometera a outra mulher. Até isso ela tolerou. Fora ameaçada e escarnecida como “a rameira do Bastardo”. Fui incapaz de protegê-la. Mas ela passara por tudo com tal firmeza… Até que um dia me dissera simplesmente que havia outra pessoa, alguém que podia amar e colocar acima de tudo na sua vida, tal como eu fazia com o meu rei. E me deixou. Não podia censurá-la. Só podia sentir a sua falta.

Fechei os olhos. Estava cansado, quase exausto. E Veracidade me avisara para não voltar a usar o Talento, a menos que precisasse. Mas certamente não haveria problema em tentar ter um vislumbre de Moli. Só para vê-la, por um momento,

para ver que ela estava bem… Provavelmente nem teria sucesso em vê-la. Mas que mal poderia haver em tentar, só por um momento?

Devia ter sido fácil. Não custava qualquer esforço me lembrar de tudo a seu respeito. Respirara o seu cheiro com tanta frequência, combinado com as ervas que usava para perfumar as velas que fazia e com o calor da sua doce pele. Conhecia cada nuance da sua voz e o modo como se aprofundava quando ela ria. Conseguia me lembrar da linha precisa do seu queixo e da posição em que ela o colocava quando estava aborrecida comigo. Conhecia a textura acetinada do seu rico cabelo castanho e o dardejar dos seus olhos escuros. Tinha um jeito de colocar as mãos no meu rosto e de me segurar firmemente enquanto me beijava… Levei a mão ao rosto, desejando poder encontrar ali a sua, para poder prendê-la e segurá-la para sempre. Mas, em vez disso, senti a irregularidade de uma cicatriz. Meus olhos se encheram com as lágrimas disparatadas e mornas. Afastei-as, piscando, vendo as chamas da minha lareira nadando por um momento antes de a visão se firmar. Disse a mim mesmo que estava cansado. Cansado demais para tentar encontrar Moli com o meu Talento. Devia tentar dormir um pouco. Procurei afastar-me daquelas emoções demasiado humanas. No entanto, foi isto que escolhi quando decidi voltar a ser um homem. Talvez fosse mais sensato ser um lobo. Certamente um animal jamais tivera de sentir tais coisas.

Lá fora, na noite, um lobo solitário ergueu o focinho e uivou de súbito para o céu, trespassando a noite com a sua solidão e desespero.

CAPÍTULO 4

A Estrada do Rio

Cervo, o mais antigo ducado dos Seis Ducados, possui um litoral que se estende para o sul desde logo abaixo de Fundos Altos, incluindo a foz do Rio Cervo e a Baía de Cervo. A Ilha da Armação está incluída no Ducado de Cervo. A riqueza de Cervo tem duas fontes principais: as ricas zonas pesqueiras de que o povo da costa sempre se beneficiou e o comércio marítimo criado com o abastecimento dos Ducados Interiores com tudo o que lhes falta, através do Rio Cervo. O Rio Cervo é um rio largo, e meandra livremente no seu leito, inundando com frequência as terras baixas de Cervo durante a primavera. A corrente é tão forte que um canal livre de gelo sempre permaneceu aberto no rio ao longo de todo o ano, exceto nos quatro invernos mais severos da história de Cervo. Não só os bens de Cervo viajam rio acima até aos Ducados Interiores, mas os dos ducados de Rasgão e Razos também, sem falar nos artigos mais exóticos provenientes dos Estados de Calcede e dos Mercadores de Vilamonte. Rio abaixo vem tudo o que os Ducados Interiores têm a oferecer, bem como as belas peles e âmbares provenientes do comércio com o Reino da Montanha.



Acordei quando Olhos-de-Noite empurrou minha bochecha com um focinho frio. Mesmo assim, em vez de acordar sobressaltado, fui tomando consciência devagar daquilo que me rodeava. Sentia a cabeça latejando e o rosto rígido. A garrafa vazia de vinho de sabugueiro rolou para longe de mim quando me sentei no chão.

Você dorme muito profundamente. Está doente?

Não. Apenas estúpido.

Nunca tinha reparado que isso o fazia dormir profundamente.

Voltou a me cutucar com o focinho e eu o afastei. Fechei bem os olhos por um momento, então voltei a abri-los. Nada melhorara. Atirei mais alguns gravetos de lenha sobre as brasas do fogo da noite anterior.

— É de manhã? — Perguntei sonolento em voz alta.

A luz está começando a mudar. Devíamos voltar até o lugar das tocas dos coelhos.

Vá na frente. Não estou com fome.

Como quiser. Afastou-se, mas depois fez uma pausa à soleira da porta aberta. *Não acho que dormir dentro de casa faça bem a você*. E então desapareceu, um borrão cinzento afastando-se da soleira. Lentamente, voltei a me deitar e fechei os olhos. Iria dormir só mais um pouco.

Quando voltei a acordar, a luz do dia jorrava pela porta aberta. Uma breve busca de Manha encontrou um lobo saciado cochilando à luz salpicada do sol, entre duas raízes de um carvalho. Olhos-de-Noite via pouca utilidade em dias ensolarados e luminosos. Hoje eu concordava com ele, mas me forcei a regressar à decisão do dia anterior. Comecei a pôr a cabana em ordem. Então me ocorreu que nunca mais voltaria a ver aquele lugar. O hábito me levou a acabar de varrer o chão mesmo assim. Limpei as cinzas da lareira e coloquei lá uma nova braçada de lenha. Se alguém passasse por ali e precisasse de abrigo, encontraria tudo pronto. Apanhei a roupa seca e botei na mesa tudo o que levaria comigo. Era pateticamente pouco, se se pensasse naquilo como sendo tudo o que eu possuía. Quando me lembrei que tinha de transportar tudo nas costas, pareceu muita coisa. Desci ao riacho para beber e me lavar antes de tentar transformar aquilo num fardo aceitável.

Enquanto voltava do riacho, perguntei a mim mesmo quão descontente ficaria Olhos-de-Noite com a ideia de viajar durante o dia. Sem que soubesse como, eu deixara cair o segundo par de calças à soleira da porta. Parei e o recolhi antes de entrar, atirando-o depois em cima da mesa. Percebi de repente que não estava só.

A peça de vestuário na soleira da porta deveria ter me avisado, mas eu me tornara descuidado. Havia se passado tempo demais desde que eu fora ameaçado. Começara a depender muito do sentido da Manha para me informar de quando havia outros nas imediações. Os Forjados não podiam ser detectados dessa forma. Nem a Manha nem o Talento me serviriam de alguma coisa contra eles. Eram dois, ambos jovens, e tinham aspecto de não terem sido forjados há muito tempo. As suas roupas estavam basicamente intactas, e embora se encontrassem sujos, não era a sujeira entranhada e o cabelo emaranhado que eu acabara por associar aos Forjados.

Na maior parte das vezes que eu combatera Forjados, era inverno e eles estavam enfraquecidos pelas privações. Um dos meus deveres como assassino do Rei Sagaz fora manter a área em volta de Torre do Cervo livre deles. Jamais conseguimos descobrir que magia os Navios Vermelhos usavam na nossa gente

para arrancá-la de suas famílias e devolvê-las poucas horas mais tarde como brutos sem emoções. Sabíamos apenas que a única cura era uma morte misericordiosa. Os Forjados eram o pior dos horrores que os Salteadores soltaram sobre nós. Deixavam os nossos próprios familiares para nos depredar muito depois de seus navios terem zarpado. O que seria pior: enfrentar um irmão, sabendo que o roubo, o assassinato e a violação eram agora perfeitamente aceitáveis para ele, desde que obtivesse o que desejava? Ou puxar a faca e sair para persegui-lo e matá-lo?

Eu os interrompera enquanto vasculhavam as minhas posses. De mãos cheias de carne seca, estavam alimentando-se, cada um mantendo um olho cauteloso no outro. Embora Forjados pudessem viajar juntos, não possuíam absolutamente nenhuma lealdade para com quem quer que fosse. A companhia de outros seres humanos talvez fosse um mero hábito. Eu os vira voltando-se com violência uns contra os outros para disputar a posse de um saque qualquer, ou simplesmente depois de ficarem com fome suficiente. Mas, agora, viraram os olhares para mim, avaliando-me. Estaquei. Durante um momento, ninguém se moveu.

Eles tinham a comida e todas as minhas posses. Não havia qualquer motivo para me atacarem, desde que eu não os desafiasse. Recuei na direção da porta, com passos lentos e cuidadosos, mantendo as mãos baixas e imóveis. Precisamente como se tivesse me deparado com um urso comendo a presa, não olhei diretamente para eles enquanto me afastava cuidadosamente do seu território. Eu já havia quase saído quando um deles ergueu uma mão suja para apontar para mim.

— Sonha alto demais! — declarou num tom zangado. Ambos largaram o seu saque e saltaram na minha direção.

Rodopiei e fugi, colidindo em cheio, peito contra peito, com outro que vinha entrando precisamente naquele momento. Vestia a minha segunda camisa e pouco mais. Os seus braços fecharam-se à minha volta quase que por reflexo. Não hesitei. Conseguia chegar à faca que trazia ao cinto e foi o que fiz, mergulhando-a duas vezes na barriga dele antes de ele cair para trás. Encolheu-se com um rugido de dor enquanto eu passava por ele com um empurrão.

Irmão!, senti, e soube que Olhos-de-Noite estava vindo, mas estava longe demais, na colina. Um homem me atingiu com força por trás, e eu caí. Rolei sob o seu abraço, gritando num terror rouco quando ele despertou de súbito em mim todas as ardentes recordações das masmorras de Majestoso. O pânico tomou conta de mim como um veneno súbito. Voltei a mergulhar no pesadelo. Estava aterrorizado demais para me mover. Meu coração batia com força no peito, eu

não conseguia respirar, tinha as mãos dormentes, não conseguiria dizer se ainda segurava a faca. A mão dele tocou minha garganta. Debati-me freneticamente, pensando apenas em fugir, em me esquivar do seu toque. O seu companheiro me salvou, com um chute violento que raspou meu flanco enquanto eu me contorcia e foi atingir em cheio as costelas do homem que estava em cima de mim. Ouvi-o soltar o ar dos pulmões, e com um empurrão violento tirei-o de cima de mim. Rolei para o lado, levantei-me e fugi.

Corri empelido por um medo tão imenso que nem conseguia pensar. Ouvi um homem logo atrás de mim, e pensei poder ouvir o outro atrás dele. Mas agora eu conhecia aquelas colinas e pastos como o meu lobo as conhecia. Levei-os pela colina íngreme que se erguia atrás da choupana e antes de eles terem tempo de ultrapassar o topo, mudei de direção e me atirei no chão. Um carvalho caíra durante a última das violentas tempestades de inverno, erguendo uma grande muralha de terra com seu emaranhado de raízes e levando árvores menores consigo. Criara um belo emaranhado de troncos e ramos e deixara entrar na floresta uma larga faixa de luz do sol. As amoreiras bravas tinham germinado em júbilo e haviam coberto o gigante caído. Atirei-me no chão ao seu lado. Rastejei de barriga através da parte mais espinhosa dos ramos de amoreira, enfiando-me na escuridão que havia sob o tronco do carvalho, e depois fiquei completamente imóvel.

Ouvi os seus gritos irritados enquanto procuravam por mim. Em pânico, ergui também as muralhas mentais. “Sonha alto demais”, acusara-me o Forjado. Bem, Breu e Veracidade tinham suspeitado de que o uso do Talento atraía os Forjados. A intensidade com que o sentiam talvez exigisse, e o alcance dessa sensação do Talento talvez tocasse algo neles e os lembrasse de tudo o que haviam perdido.

E os fazia querer matar qualquer um que ainda podia sentir? Talvez.

Irmão?

Era Olhos-de-Noite, um tanto abafado, ou a uma distância muito grande. Ousei me abrir um pouco a ele.

Estou bem. Onde você está?

Aqui mesmo. Ouvi uma farfalhar, e de repente ali estava ele, rastejando até mim. Tocou-me no rosto com o focinho. *Está ferido?*

Não. Fugi.

Sensato, observou, e pude sentir que falava a sério.

Mas também consegui sentir que estava surpreso. Nunca me vira fugir de Forjados. Antes, sempre me erguera e lutara, e ele se erguera e lutara ao meu lado. Bem, naquelas ocasiões eu geralmente estava bem armado e alimentado, e

eles estavam esfomeados e sofrendo com o frio. Três contra um quando só se tem uma faca de cinto como arma não é das melhores chances, mesmo que se saiba que um lobo está vindo para ajudá-lo. Não havia nada de covardia nisso. Qualquer homem poderia ter feito o mesmo. Repeti essa ideia várias vezes a mim mesmo.

Está tudo bem, acalmou-me ele. Em seguida acrescentou: *Não quer sair?*

Daqui a pouco. Depois que eles forem embora, sussurrei-lhe.

Já foram embora há muito tempo, informou-me ele. *Partiram quando o sol ainda estava alto.*

Só quero ter certeza.

Eu tenho certeza. Vi-os ir embora. Eu os segui. Saia daí, irmãozinho.

Permiti que me coagisse a sair dos espinheiros. Quando emergi, descobri que o sol estava quase se pondo. Quantas horas passara ali, com sentidos amortecidos, como um caracol enfiado na casca? Sacudi a terra da frente da roupa, que estivera limpa. Também havia sangue nela, o sangue do jovem que surgira à porta. Teria de lavar a roupa de novo, pensei, atordoado. Por um momento, pensei em ir buscar água e aquecê-la, em esfregar o sangue, e então soube que não conseguiria entrar na cabana e ficar de novo encurralado ali.

Porém, as poucas posses que eu tinha estavam lá. Ou o que quer que os Forjados tivessem deixado.

Por volta do nascer da lua, encontrei a coragem para me aproximar da cabana. Era uma boa lua cheia, e iluminava o largo prado em frente à cabana. Permaneci agachado na colina durante algum tempo, olhando para baixo, em busca de quaisquer sombras que pudessem se mover. Um homem jazia na grama alta que havia perto da porta da cabana. Fitei-o durante muito tempo, à espera de um movimento.

Ele está morto. Use o focinho, recomendou Olhos-de-Noite.

Aquele seria o homem que eu encontrara ao sair porta fora. A minha faca devia ter encontrado algo vital; ele não fora longe. Mesmo assim, aproximei-me dele na escuridão com tanta cautela como se ele fosse um urso ferido. Mas logo farejei o fedor adocicado de algo morto que fora deixado o dia inteiro ao sol. Ele estava estatelado de barriga para baixo na grama. Não o virei, e descrevi um círculo largo em volta dele.

Olhei pela janela da cabana, examinando durante alguns minutos a escuridão sem movimento do interior.

Não há ninguém lá dentro, Olhos-de-Noite me lembrou com impaciência

Tem certeza?

Tanto como tenho de ter um focinho de lobo em vez de um pedaço de carne inútil entre os olhos. Irmão…

Deixou o pensamento desaparecer, mas consegui sentir a sua ansiedade inaudita por mim. Eu quase a partilhava. Uma parte de mim sabia que havia pouco a temer, que os Forjados tinham levado tudo o que quiseram e haviam seguido viagem. Outra parte não era capaz de se esquecer do peso do homem em cima de mim, nem da força daquele chute de raspão. Eu fora preso dessa forma contra o chão de pedra de uma masmorra e espancado, com punhos e botas, e nada pude fazer. Agora que tinha essa recordação de volta, eu não sabia como iria viver com ela.

Finalmente entrei na cabana. Até me forcei para acender alguma luz, tateando até encontrar a pederneira. Minhas mãos tremiam enquanto reunia às pressas as coisas que eles tinham deixado e as enrolava no manto. A porta aberta atrás de mim era uma fenda negra ameaçadora através da qual eles podiam entrar a qualquer momento. Mas se a fechasse, eu poderia ficar encurralado ali dentro. Nem mesmo Olhos-de-Noite de vigia na soleira da porta conseguia me tranquilizar.

Tinham levado só aquilo para o que tinham uso imediato. Forjados não faziam planos para além de cada momento. Toda a carne seca tinha sido comida ou jogada de lado. Eu não queria nada daquilo em que haviam tocado. Tinham aberto o estojo de escriba, mas perderam interesse quando não encontraram nada para comer dentro. Provavelmente supuseram que a caixa menor, para os venenos, continha os meus potes de cor de um escriba. Não tinham mexido nela. Quanto às roupas, só aquela camisa fora levada, e eu não sentia nenhum interesse em recuperá-la. Eu lhe enchera a barriga de buracos. Levei o que restava e parti. Atravessei o prado e subi até o topo da colina, de onde tinha uma boa vista em todas as direções. Sentei-me ali e, com mãos trêmulas, embalei o que me restava para a viagem. Usei o manto de inverno para envolver as coisas e atei bem a trouxa com tiras de couro. Outras tiras me permitiram passar a trouxa pelo ombro. Quando tivesse mais luz, eu imaginaria uma maneira melhor para carregá-la.

— Pronto? — perguntei a Olhos-de-Noite.

Agora caçamos?

Não. Viajamos. Hesitei. *Está com muita fome?*

Um pouco. Está com muita pressa para se afastar daqui?

Não precisei pensar naquilo. — Sim. Estou.

Então não se preocupe. Podemos viajar e caçar ao mesmo tempo.

Fiz um aceno com a cabeça, e em seguida ergui os olhos para o céu. Descobri o Lavrador no céu noturno e me orientei por ele.

— Por ali — disse, apontando para o lado mais distante da colina. Em vez de responder, o lobo apenas levantou-se e avançou resoluto na direção para onde eu apontara. Segui-o, de orelhas empinadas e todos os sentidos alertas em busca de algo que se movesse na noite. Desloquei-me em silêncio e nada nos seguiu. Absolutamente nada me seguia, além do meu medo.

Viajar de noite transformou-se num padrão. Eu planejara viajar de dia e dormir à noite. Mas depois daquela primeira noite de trote através da floresta, atrás de Olhos-de-Noite, seguindo todos os rastros de caça que levassem na direção geralmente correta, decidi que era melhor. De qualquer modo, eu não teria conseguido dormir de noite. Durante os primeiros dias, até tive problemas em dormir de dia. Encontrava uma posição vantajosa que mesmo assim nos ocultasse e me deitava, certo da minha exaustão. Enrolava-me sobre mim mesmo e fechava os olhos, e depois ficava deitado ali, atormentado pela agudeza dos meus sentidos. Cada som, cada cheiro deixava-me alerta com um sobressalto e eu não conseguia voltar a relaxar até levantar para me assegurar de que não havia perigo. Passado algum tempo, até Olhos-de-Noite se queixava da minha agitação. Quando por fim eu adormecia, era apenas para acordar com um estremecimento de tempos em tempos, suando e tremendo. A falta de sono durante o dia me deixava deprimido durante a noite enquanto avançava a trote no encalço de Olhos-de-Noite.

Ainda assim, essas horas sem sono e as que passava trotando atrás de Olhos-de-Noite, com a cabeça latejando de dor, não eram horas desperdiçadas. Nessas horas eu alimentava o ódio por Majestoso e pelo seu círculo. Amolei-o até deixar o gume afiado. Fora nisto em que ele me tornara. Não bastava que ele tivesse me arrancado minha vida, minha amante, não bastava que eu tivesse de evitar as pessoas e lugares de que gostava, não bastavam as cicatrizes que ostentava e os tremores aleatórios de que era acometido. Não. Ele me transformara nisto, neste coelho trêmulo e assustado. Nem sequer tinha coragem de me lembrar de tudo o que ele me fizera, mas sabia que, quando chegasse a hora de passar das palavras aos atos, essas recordações se ergueriam e se revelariam para me desmoralizar. As recordações que eu não podia chamar durante o dia espreitavam como fragmentos de sons, cores e texturas que me atormentavam à noite. A sensação de ter o rosto encostado na pedra fria, escorregadia devido a uma fina camada do meu sangue quente. O clarão de luz que acompanhava o bater do punho de um homem na parte lateral da minha cabeça. Os sons guturais que os homens fazem,

os gritos e grunhidos que são emitidos por eles quando observam o espancamento de alguém. Essas eram as arestas irregulares que cortavam as minhas tentativas de dormir. Trêmulo e com os olhos pesados, eu permanecia acordado ao lado do lobo e pensava em Majestoso. Em outros tempos eu tivera um amor que achava que me levaria a passar por qualquer coisa. Majestoso tirara isso de mim. Agora, eu nutria um ódio igualmente forte.

Caçávamos enquanto viajávamos. A decisão que eu tomara de sempre cozinhar a carne depressa se revelou inútil. Conseguia acender uma fogueira talvez a cada três noites, e só se pudesse encontrar um buraco onde ela não fosse atrair atenções. Apesar disso, eu não me permitia afundar até ser menos que um animal. Mantinha-me limpo e tomava o máximo de cuidado com a roupa que a nossa vida rude me permitia tomar.

O meu plano para a viagem era simples. Viajaríamos em meio à vegetação até chegarmos ao Rio Cervo. A estrada do rio seguia paralela a ele até Lago Bode. Muitas pessoas viajavam pela estrada; podia ser difícil para o lobo manter-se invisível, mas era o caminho mais rápido. Uma vez lá, a distância até Vaudefeira, na margem do Rio Vim, era curta. Em Vaudefeira, eu mataria Majestoso.

Isso era o meu plano como um todo. Recusei-me a pensar em como iria realizar qualquer uma destas coisas. Recusei-me a ficar preocupado com tudo aquilo que não sabia. Iria simplesmente avançar, um dia de cada vez, até ter cumprido os meus objetivos. Pelo menos isso aprendera sendo um lobo.

Eu conhecia a costa de um verão passado manejando um remo no navio de guerra de Veracidade, o *Rurisk*, mas não estava pessoalmente familiarizado com o interior do Ducado de Cervo. De fato, eu o atravessara uma vez a caminho das Montanhas para a cerimônia de noivado de Kettricken. Na ocasião, eu fizera parte da caravana nupcial e viajara bem montado e bem aprovisionado. Mas agora viajava sozinho e a pé, com tempo para refletir o que via. Atravessamos algum território selvagem, mas muitos lugares outrora também haviam sido pastagens de verão para rebanhos de ovelhas, cabras e gado bovino. Atravessamos com frequência prados com capim por pastar que me batia no peito, e fomos encontrar cabanas de pastores frias e desertas desde o outono anterior. Os rebanhos que chegamos a ver eram pequenos, nem perto do tamanho dos rebanhos de que eu me lembrava de anos anteriores. Vi poucos criadores de porcos e de gansos, em comparação com a minha primeira viagem por aquela área. Quando nos aproximamos do Rio Cervo, passamos por searas substancialmente menores do que aquelas de que me lembrava, com muita terra boa entregue ao capim silvestre, sem sequer ter sido arada.

Aquilo fazia pouco sentido para mim. Vira o mesmo acontecer ao longo da costa, onde os rebanhos e colheitas dos agricultores tinham sido repetidamente destruídos pelos ataques. Em anos recentes, tudo o que não fosse tomado pelos Navios Vermelhos em fogo e saque era levado pelos impostos para financiar os navios de guerra e os soldados que quase não os protegiam. Porém, rio acima, fora do alcance dos Salteadores, eu pensara que encontraria Cervo mais próspero. Aquilo me desencorajava.

Logo chegamos à estrada que seguia o Rio Cervo. Havia muito menos tráfego do que eu me lembrava, tanto na estrada como no rio. Aqueles que encontramos na estrada mostraram-se bruscos e pouco amigáveis, mesmo quando Olhos-de-Noite não estava à vista. Parei uma vez numa fazenda para perguntar se podia tirar água fria do seu poço. Recebi permissão, mas ninguém chamou os cães que me rodearam e rosnaram enquanto eu o fazia, e quando fiquei com o odre cheio, a mulher me disse que era melhor eu seguir viagem. A sua atitude pareceu ser predominante.

E quanto mais avançava, pior se tornava. Os viajantes que encontrava nas estradas não eram mercadores com carroças de bens ou agricultores levando os seus produtos para o mercado. Eram famílias esfarrapadas, frequentemente levando tudo o que possuíam em um ou dois carrinhos de mão. Os olhos dos adultos eram duros e pouco amistosos, enquanto os das crianças se mostravam com frequência magoados e vazios. Quaisquer esperanças que eu pudesse ter tido de arranjar biscates ao longo daquela estrada rapidamente desapareceram. Aqueles que ainda possuíam casas e fazendas as defendiam desconfiados. Cães latiam nos pátios, e trabalhadores agrícolas protegiam contra os ladrões as novas plantações depois de escurecer. Passamos por várias “cidades de mendigos”, aglomerados de cabanas improvisadas e tendas ao longo da estrada. À noite, fogueiras ardiam vivamente nelas, e adultos de olhos frios montavam guarda com porretes e piques nas mãos. De dia, as crianças sentavam-se ao longo da estrada e mendigavam junto dos viajantes de passagem. Penso que compreendi por que motivo as carroças de mercadores que vi estavam tão bem protegidas.

Já viajávamos pela estrada havia várias noites, passando como fantasmas silenciosos por muitas aldeias pequenas, até chegarmos a uma vila de tamanho razoável. A alvorada nos surpreendeu quando nos aproximávamos dos arredores. Quando uns mercadores madrugadores com uma carroça de galinhas engaioladas nos ultrapassaram, soubemos que era hora de nos escondermos. Nós nos acomodamos para as horas do dia numa pequena elevação que nos permitia ver uma vila construída parcialmente dentro do rio. Quando não consegui

adormecer, sentei-me e vigiei o comércio que se desenrolava na estrada abaixo de nós. Barcos, grandes e pequenos, encontravam-se amarrados nas docas da vila. Ocasionalmente, o vento me trazia os gritos das tripulações que descarregavam os navios. Uma vez cheguei mesmo a ouvir um trecho de uma canção. Para minha surpresa, dei por mim atraído pela minha espécie. Deixei Olhos-de-Noite dormindo, mas fui só até o riacho que corria pelo sopé da colina. Tratei de lavar a camisa e as perneiras.

Devíamos evitar este lugar. Eles tentarão matá-lo se for até lá, sugeriu Olhos-de-Noite em tom de ajuda. Estava sentado na margem do riacho ao meu lado, observando-me enquanto eu me lavava e a noite ia escurecendo o céu. A camisa e as perneiras estavam quase secas. Eu estivera tentando lhe explicar por que motivo queria que ele esperasse por mim enquanto eu ia até a vila e a taverna que havia ali.

Por que iriam querer me matar?

Nós somos estranhos, recém-chegados ao seu território de caça. Por que não iriam querer nos matar?

Os homens não são assim, expliquei, paciente.

Não. Tem razão. Provavelmente apenas o colocarão numa gaiola e o espancarão.

Não, eles não vão fazer isso, insisti com firmeza para cobrir os medos que sentia de que talvez alguém me reconhecesse.

Já o fizeram antes, insistiu ele. *A ambos. E aquela era a sua alcateia.*

Não podia negá-lo. Portanto prometi: *Eu vou ter muito, muito cuidado. Não vou demorar. Só quero ir ouvir as conversas deles por um tempo, para descobrir o que está acontecendo.*

Por que nos importaríamos com o que está acontecendo com eles? O que está acontecendo conosco é que não estamos nem caçando, nem dormindo, nem viajando. Eles não são nossa alcateia.

Podemos acabar sabendo o que esperar mais adiante na nossa viagem. Posso vir a descobrir se as estradas são muito viajadas, se há trabalho que eu possa fazer por um dia ou dois para arranjar algumas moedas. Esse tipo de coisa.

Podíamos simplesmente continuar a viajar e descobrir por nós mesmos, observou obstinado Olhos-de-Noite.

Enfiei a camisa e as perneiras sobre a pele úmida. Penteei o cabelo para trás com os dedos, apertei-o para espremer a umidade. O hábito me levou a atá-lo num rabo de cavalo de guerreiro. Em seguida mordi o lábio, pensando. Planejara me apresentar como escriba ambulante. Desfiz o rabo de cavalo e soltei o cabelo.

Chegava quase aos meus ombros. Um pouco longo para cabelo de escriba. A maioria mantinha o cabelo curto e afastado da testa para evitar que caísse sobre os olhos quando trabalhavam. Bem, com o cabelo desgrenhado e barba não aparada, talvez passasse por um escriba que estivesse há muito tempo sem trabalho. Não era uma boa recomendação para as minhas habilidades, mas dado o material pobre que eu tinha, talvez fosse melhor.

Endireitei a camisa para ficar apresentável. Apertei o cinto, verifiquei para ter a certeza de que tinha a faca em segurança na sua bainha, e em seguida calculei o peso insignificante da minha bolsa. A pederneira dentro dela pesava mais do que as moedas. Eu tinha as quatro peças de prata que Bronco me dera. Alguns meses antes, não teria me parecido muito dinheiro. Agora era tudo o que eu possuía, e decidi não gastá-lo, a menos que fosse obrigado. A única outra riqueza que possuía era o brinco que Bronco me dera e o alfinete de Sagaz. Num reflexo, a minha mão foi até o brinco. Por mais incômodo que fosse quando caçávamos no meio de arbustos densos, tocar-lhe sempre me tranquilizara. O mesmo acontecia com o alfinete no colarinho da minha camisa.

O alfinete que não estava lá.

Tirei a camisa e verifiquei o colarinho inteiro, e depois o resto da camisa. Acendi metodicamente uma pequena fogueira para ter luz. Em seguida desfiz completamente a trouxa e vasculhei tudo o que havia nela, não uma, mas duas vezes. E isto apesar de saber quase com certeza onde estava o alfinete. O pequeno rubi vermelho no seu ninho de prata encontrava-se no colarinho da camisa vestida por um morto do lado de fora da cabana do pastor. Eu praticamente tinha certeza, e no entanto não conseguia admitir para mim mesmo. Enquanto procurava, Olhos-de-Noite andava em um círculo vago em volta da fogueira, ganindo em uma agitação suave diante de uma ansiedade que detectava, mas não conseguia compreender.

— Shhh! — disse-lhe com irritação, e forcei a mente a reviver os acontecimentos como se me preparasse para apresentar um relatório a Sagaz.

A última vez que conseguia lembrar de ter o alfinete fora na noite em que afastara Bronco e Breu. Tirara-o do colarinho da camisa e mostrara-o aos dois, e então que ficara olhando para ele. Depois voltara a prendê-lo na camisa. Não conseguia me lembrar de tê-lo manuseado desde então. Não conseguia me lembrar de tê-lo tirado da camisa quando a lavara. Parecia que eu devia ter me espetado nele, se ainda estivesse lá. Mas eu costumava enfiar o alfinete numa costura, onde se prenderia melhor. Isso parecera ser mais seguro. Não tinha maneira de saber se o perdera na caça com o lobo, ou se ainda estaria na camisa

que o morto usava. Talvez tivesse sido deixado na mesa e um dos Forjados pegara a coisa brilhante quando eles vasculharam as minhas posses.

Era só um alfinete, lembrei a mim mesmo. Com uma saudade doentia, desejei poder vê-lo de súbito, preso no forro do meu manto ou caído dentro de uma bota. Num lampejo súbito de esperança, voltei a verificar dentro das duas botas. Continuava a não estar lá. Só um alfinete, só um pedaço de metal trabalhado com uma pedra cintilante. Só o símbolo que o Rei Sagaz me dera quando me reclamara, quando criara um vínculo entre nós para substituir o de sangue que nunca poderia ser legitimamente reconhecido. Só um alfinete, e tudo o que me restava do meu rei e avô. Olhos-de-Noite voltou a ganir, e eu senti uma vontade irracional de lhe responder com um rosnado. Ele deve ter compreendido, mas veio mesmo assim, empurrando meu cotovelo para cima com o focinho e enfiando a cabeça debaixo do meu braço até que a grande cabeça cinzenta estivesse encostada no meu peito e o meu braço em volta dos seus ombros. Ergueu de repente a cabeça, batendo dolorosamente com o focinho no meu queixo. Abracei-o com força, e ele virou-se para esfregar a garganta no meu rosto. O derradeiro gesto de confiança, de lobo para lobo, essa exposição da garganta ao possível rosnado do outro. Após um momento suspirei, e a dor da perda que sentia por causa daquela coisa diminuiu.

Era só uma coisa de um ontem?, inquiriu hesitante Olhos-de-Noite. *Uma coisa que não está mais aqui? Não é um espinho na sua pata, ou uma dor na barriga?*

— Só uma coisa de ontem — tive de concordar. Um alfinete que fora dado a um garoto que já não existia por um homem que morrera. Talvez fosse melhor assim, disse a mim mesmo. Menos uma coisa que podia me ligar a FitzCavalaria, o Manhoso. Afaguei o pelo na nuca de Olhos-de-Noite, então cocei atrás de suas orelhas. Ele sentou-se ao meu lado e depois me deu um empurrão para eu que voltasse a esfregar suas orelhas. Fiz isso, pensando enquanto o fazia. Talvez devesse tirar o brinco de Bronco e mantê-lo escondido na bolsa. Mas sabia que não o faria. Que ele fosse a única ligação que eu levava daquela vida para esta. — Deixe-me levantar — eu disse ao lobo, e ele parou com relutância de se encostar em mim. Metodicamente, voltei a embalar as minhas posses numa trouxa e a apertei, então pisoteei a fogueira minúscula para apagá-la.

— Devo voltar para cá ou encontrá-lo do outro lado da vila?

Outro lado?

Se você der a volta na vila e depois voltar a se aproximar do rio, vai encontrar mais estrada lá, expliquei. *Devemos nos encontrar lá?*

Seria bom. Quanto menos tempo passarmos perto deste covil de humanos,

melhor.

Então está bem. Vou encontrar você antes da manhã, disse-lhe.

O mais provável é eu encontrá-lo, nariz entorpecido. E terei a barriga cheia quando encontrar.

Tive de conceder que isso era mais provável.

Tome cuidado com os cães, avisei-o enquanto ele desaparecia entre os arbustos.

Tome cuidado você com os homens, retorquiu, e então se perdeu para os meus sentidos, exceto para o vínculo de Manha.

Coloquei o fardo no ombro e me dirigi à estrada. A escuridão já caíra por completo. Eu pretendera chegar à vila antes do anoitecer e parar numa taverna para ouvir a conversa e talvez beber uma caneca, e depois seguir caminho. Quisera atravessar a praça do mercado e escutar o que diziam os mercadores. Em vez disso, entrei numa vila que estava quase toda na cama. O mercado estava deserto exceto por alguns cães que farejavam nas barracas desertas em busca de restos de comida. Deixei a praça para trás e virei os meus passos na direção do rio. Lá embaixo encontraria estalagens e tavernas em abundância para servir o tráfego fluvial. Alguns archotes ardiam aqui e ali por toda a vila, mas a maior parte da luz nas ruas era a que se derramava através de folhas de janelas mal fechadas. As ruas empedradas de forma rudimentar não tinham boa manutenção. Várias vezes confundi um buraco com uma sombra e quase tropecei. Parei um vigilante antes que ele fizesse com que eu parasse, para lhe pedir que me recomendasse uma estalagem ribeirinha. A Balança, disse-me o homem, era tão justa e honesta para com os viajantes como o nome sugeria, e também era fácil de encontrar. Avisou-me severamente de que mendigar não era tolerado lá, e que batedores de carteiras teriam sorte se só conseguissem uma surra. Agradeci-lhe pelos avisos e segui caminho.

Descobri a Balança com a facilidade que o vigilante assegurara. Luz jorrava da porta aberta, e com ela vinham as vozes de duas mulheres que cantavam uma alegre cantiga de roda. O meu coração animou-se com o som amigável da canção, e entrei sem hesitar. No interior das robustas paredes de tijolo de barro e madeira pesada havia uma grande sala aberta, de teto baixo e carregada com os cheiros fortes de carne, fumaça e gente do rio. Uma lareira para cozinhar numa das extremidades do lugar tinha um belo espeto de carne na goela, mas a maior parte das pessoas estava reunida no lado mais fresco da sala naquela bela noite de verão. Fora ali que as duas menestréis haviam colocado cadeiras em cima de uma mesa e estavam entrelaçando as vozes. Um sujeito grisalho com uma harpa,

obviamente parte do grupo, suava em outra mesa enquanto botava uma corda nova no seu instrumento. Presumi que fossem um mestre e duas cantoras ambulantes, possivelmente um grupo familiar. Fiquei vendo-as cantar em conjunto, e a minha mente regressou a Torre do Cervo e à última vez que eu ouvira música e vira gente reunida. Não percebi que estava com um olhar fixo até ver uma das mulheres dar uma cotovelada sutil na outra e fazer um gesto mínimo na minha direção. A outra mulher rolou os olhos, e então me retornou o olhar. Baixei os olhos, corando. Supus que fora rude e afastei o olhar.

Fiquei nos arredores do grupo e me juntei aos aplausos quando a canção terminou. O sujeito da harpa já estava pronto a essa altura e persuadiu as mulheres a cantarem uma melodia mais suave, uma melodia com o ritmo constante de remadas. As mulheres sentaram-se na borda da mesa, com as costas apoiadas uma na outra, misturando os longos cabelos enquanto cantavam. As pessoas sentaram-se para ouvir aquela canção, e alguns mudaram-se para mesas encostadas à parede a fim de conversarem calmamente. Observei os dedos do homem nas cordas da harpa, maravilhando-me com a sua rapidez. Num instante, um rapaz de bochechas rubras estava ao meu lado perguntando o que eu queria. Só uma caneca de cerveja, disse-lhe, e ele retornou rapidamente com ela e com o punhado de cobres que eram o que restava da minha peça de prata. Descobri uma mesa não muito longe dos menestréis e tive a esperança de que alguém fosse suficientemente curioso para se juntar a mim. Porém, com exceção de alguns olhares de relance de clientes que eram claramente regulares, ninguém parecia muito interessado num estranho. Os menestréis terminaram a canção e começaram a conversar entre si. Uma olhadela vinda da mais velha das duas mulheres me fez perceber que eu as estava encarando de novo. Coloquei os olhos na mesa.

Com metade da caneca esvaziada, percebi que já não estava habituado à cerveja, especialmente de estômago vazio. Chamei com um aceno o rapaz à minha mesa e pedi um prato de jantar. Ele me trouxe um naco de carne que havia acabado de ser cortado do espeto com uma porção de tubérculos cozidos e cobertos por um caldo. Isso e voltar a encher a caneca levou a maior parte das minhas peças de cobre. Quando ergui as sobrancelhas diante dos preços, o rapaz fez uma expressão de surpresa.

— É metade do que lhe cobrariam na Amarração da Ponta da Verga, senhor — disse-me ele num tom indignado. — E a carne é carneiro bom, não a velha cabra brava de alguém depois de ter fim ruim.

Tentei acalmar as coisas, dizendo:

— Bem, suponho que uma peça de prata não compre mais o que costumava comprar.

— Talvez não, mas a culpa não é minha — observou ele com descaramento e voltou para a cozinha.

— Bem, e lá se foi uma peça de prata mais depressa do que eu esperava — repreendi-me.

— Ora, aí está uma cantiga que todos conhecemos — observou o harpista. Estava sentado com as costas voltadas para a sua mesa, aparentemente me observando enquanto as duas parceiras discutiam um problema qualquer que estavam tendo com uma flauta. Acenei-lhe com um sorriso, e depois falei em voz alta quando notei que os seus olhos estavam enevoados de cinza.

— Fiquei afastado da estrada do rio durante algum tempo. Bastante tempo, na verdade, quase dois anos. Na última vez que passei por aqui, as estalagens e a comida eram menos caras.

— Bem, aposto que você poderia dizer isso de qualquer lugar nos Seis Ducados, pelo menos nos costeiros. O que se diz agora é que temos novos impostos com mais frequência do que uma lua nova. — Olhou ao redor de nós como se pudesse ver, e deduzi que o homem não era cego há muito tempo. — E a outra coisa nova que se diz é que metade dos impostos vão para a alimentação dos homens de Vara que os coletam.

— Gracejo! — repreendeu-o uma das parceiras, e ele virou-se para ela com um sorriso.

— Não pode me dizer que há algum aqui agora, Mel. Tenho um nariz capaz de cheirar um varês a cem passos de distância.

— Então consegue cheirar com quem você está conversando? — perguntou-lhe ela com ironia. Mel era a mais velha das duas mulheres, e tinha talvez a minha idade.

— Diria que é um rapaz cuja sorte sofreu alguns reveses. E portanto não é um varês gordo qualquer vindo para cobrar impostos. Além disso, eu soube que ele não podia ser um dos coletores de Brilhante no momento em que começou a choramingar por causa do preço do jantar. Quando foi que viu algum deles pagar seja pelo que for numa estalagem ou taverna?

Franzi o cenho ao ouvir aquilo. Quando Sagaz ocupava o trono, nada era levado pelos seus soldados ou coletores de impostos sem que fosse oferecida alguma recompensa. Era evidente que se tratava de uma delicadeza que Dom Brilhante não observava, pelo menos em Cervo. Mas isso fez com que me lembrasse de minhas maneiras.

— Posso me oferecer para voltar a encher a sua caneca, Harpista Gracejo? E as das suas companheiras também?

— O que é isto? — perguntou o velho, entre um sorriso e uma sobrancelha erguida. — Resmunga sobre gastar dinheiro para encher a sua barriga, mas abre mão dele de boa vontade para encher nossas canecas?

— O senhor que recebe as canções dos menestréis e lhes deixa as gargantas secas de cantar devia ter vergonha — repliquei com um sorriso.

As mulheres trocaram olhares pelas costas de Gracejo, e Mel me perguntou com uma troça suave:

— E quando foi senhor pela última vez, meu jovem?

— É só um ditado — eu disse após um momento, embaraçado. — Mas não seria de má vontade que pagaria as canções que ouvi, especialmente se vocês tivessem algumas notícias para acompanhá-las. Vou subir a estrada do rio; por acaso vocês acabaram de descê-la?

— Não, também vamos nessa direção — interveio a mulher mais nova com vivacidade. Talvez tivesse catorze anos, e olhos surpreendentemente azuis. Vi a outra mulher lhe fazer um gesto para que se calasse. Depois, apresentou-os. — Como ouviu, meu bom senhor, este é o Harpista Gracejo e eu sou Mel. A minha prima chama-se Flautista. E você é…?

Dois deslizes numa conversa curta. Um foi falar como se ainda residisse em Torre do Cervo e aqueles fossem menestréis de visita, e o outro foi não ter um nome planejado. Vasculhei a mente em busca de um nome e então, após uma pausa um pouco longa demais, deixei escapar:

— Garrano. — E em seguida perguntei a mim mesmo com um estremecimento por que motivo teria adotado o nome de um homem que eu conhecera e matara.

— Bem… Garrano — e Mel fez uma pausa antes de dizer o nome, tal como eu fizera. — Podemos ter algumas notícias para você, e agradeceríamos uma caneca de qualquer coisa, quer tenha sido ultimamente um senhor ou não. Mas quem você está esperando que não tenhamos visto na estrada à sua procura?

— Perdão? — perguntei em voz baixa, e então ergui a caneca vazia para fazer sinal ao ajudante de cozinha.

— Ele é um aprendiz fugitivo, pai — disse Mel ao pai com grande certeza. — Carrega um estojo de escriba amarrado à trouxa, mas usa o cabelo crescido, e não há nem um pingo de tinta nos seus dedos. — Riu ao ver o desgosto no meu rosto, bem longe de adivinhar a causa. — Oh, vamos… Garrano, eu sou uma menestrel. Quando não estamos cantando, estamos testemunhando qualquer

coisa que apareça, para encontrar um feito capaz de servir de base para uma canção. Não pode esperar que não reparemos nas coisas.

— Eu não sou um aprendiz fugitivo — eu disse em voz baixa, mas não tinha nenhuma mentira pronta para complementar essa declaração. Que pancada que Breu me daria nos nós dos dedos por causa daquele deslize!

— Não nos importamos se for, rapaz — confortou-me Gracejo. — Seja como for, não ouvimos nenhum apelo de escribas furiosos à procura de aprendizes perdidos. Atualmente, a maior parte ficaria feliz se os seus rapazes fugissem… É menos uma boca para alimentar em tempos difíceis.

— E um ajudante de escriba dificilmente arranja um nariz partido ou uma cicatriz no rosto como essa se tiver um mestre paciente — observou Flautista com simpatia. — Assim, você teria pouca culpa se tivesse fugido.

O ajudante de cozinha finalmente chegou, e eles foram misericordiosos com a minha bolsa magra, pedindo para si mesmos apenas canecas de cerveja. Primeiro Gracejo e depois as mulheres vieram dividir a minha mesa. O ajudante de cozinha deve ter pensado melhor de mim depois de me ver tratar bem os menestréis, pois quando trouxe as canecas para eles também encheu a minha de novo e não cobrou por isso. Mesmo assim, foi preciso quebrar outra peça de prata em cobres para pagar pelas bebidas deles. Tentei encarar a coisa filosoficamente, e lembrei a mim mesmo que devia deixar uma moeda de cobre para o rapaz quando eu fosse embora.

— E então — comecei depois que o rapaz voltou para dentro —, que novas há lá de baixo?

— Mas você não acabou de vir de lá? — perguntou Mel, mordaz.

— Não, minha senhora, na verdade vim pelo meio do mato, de uma visita a uns amigos pastores — improvisei. A atitude de Mel estava começando a me cansar.

— Minha senhora — disse ela em voz baixa para Flautista e rolou os olhos. Flautista deu um risinho. Gracejo as ignorou.

— Hoje em dia, rio abaixo é muito parecido com rio acima, só que mais — disse-me ele. — Tempos difíceis, e vêm aí outros ainda mais difíceis para quem cultiva a terra. O grão para comer foi usado para pagar os impostos, de modo que o grão de semente foi usado para alimentar as crianças. Daí que só o que restou foi para os campos, e não há homem que cultive mais plantando menos. O mesmo acontece com os rebanhos e as manadas. E não há sinal de que os impostos vão ser menores nesta colheita. E até uma criadora de gansos que não sabe nem contar a própria idade percebe que, se de menos se tira mais, nada fica

na mesa a não ser fome. Ao longo da água salgada é pior. Se uma pessoa sai para pescar, quem sabe o que acontecerá à sua casa antes que regresse? Um agricultor planta um terreno, sabendo que não lhe dará o suficiente para os impostos e a família, e que menos de metade disso ficará em pé se os Navios Vermelhos fizerem uma visita. Já apareceu uma canção inteligente sobre um agricultor que diz ao cobrador de impostos que os Navios Vermelhos já fizeram o trabalho dele.

— Só que menestréis inteligentes não a cantam — lembrou-lhe Mel num tom mordaz.

— Então os Navios Vermelhos também assolam a costa de Cervo — eu disse em voz baixa.

Gracejo soltou uma gargalhada curta e amarga. — Cervo, Vigas, Rasgão ou Razos… Duvido que os Navios Vermelhos se importem onde um ducado acaba e outro começa. Se o mar bate contra um lugar, atacam-no.

— E os nossos navios? — perguntei em voz baixa.

— Aqueles que foram levados pelos Salteadores estão trabalhando muito bem. Os que ficaram nos defendendo, bem, eles têm tanto sucesso quanto mosquitos incomodando gado.

— Ninguém se mantém firme por Cervo atualmente? — perguntei, e ouvi o desespero na minha voz.

— A Senhora de Torre do Cervo se mantém. Não só firme, como ruidosa. Há quem diga que ela não faz nada além de gritar e repreender, mas outros sabem que ela não lhes pede para fazer nada que ela mesma não tenha feito antes. — O Harpista Gracejo falava como se tivesse conhecimento direto daquilo.

Fiquei confuso, mas não quis parecer muito ignorante.

— Como o quê?

— Tudo o que possam fazer. Ela já não usa qualquer joia. Foi tudo vendido e dedicado ao pagamento de navios de patrulha. Vendeu as suas terras ancestrais, e usou o dinheiro para pagar mercenários para guarnecer as torres. Dizem que vendeu o colar que lhe havia sido dado pelo Príncipe Cavalaria, os rubis da avó dele, ao próprio Rei Majestoso, para comprar cereais e madeira para as aldeias de Cervo que quisessem reconstruir.

— Paciência — sussurrei. Vira uma vez aqueles rubis, há muito tempo, quando começávamos a nos conhecer. Ela os julgara preciosos demais até para usar, mas os mostrara para mim e dissera que algum dia a minha noiva poderia usá-los. Há muito tempo. Virei a cabeça para o lado e lutei para controlar o rosto.

— Onde esteve dormindo neste último ano… Garrano, para não saber nada disto? — perguntou Mel com sarcasmo.

— Estive afastado — respondi em voz baixa. Virei-me para a mesa e consegui olhá-la nos olhos. Esperei que o meu rosto nada mostrasse.

Ela inclinou a cabeça e sorriu para mim.

— Onde? — retorquiu vivamente.

Eu não gostava nada dela.

— Tenho vivido sozinho, na floresta — disse por fim.

— Por quê? — Sorriu-me enquanto me pressionava. Eu estava certo de que ela sabia o quão desconfortável estava me deixando.

— Porque quis, evidentemente — disse. Soei muito como Bronco quando o disse que quase olhei por cima do ombro à sua procura.

Ela me fez uma boquinha, sem qualquer arrependimento, mas o Harpista Gracejo colocou a caneca na mesa com alguma firmeza. Nada disse, e o olhar que deu a ela com os olhos cegos não foi mais do que uma piscada, mas ela cedeu abruptamente. Apertou as mãos na borda da mesa como uma criança censurada, e por um momento pensei que estava subjugada, até que ela me olhou por baixo dos cílios. Os seus olhos encontraram diretamente os meus, e o sorrisinho que me deu era desafiador. Afastei os olhos dela, completamente confuso com o motivo de ela querer implicar comigo daquela maneira. Olhei Flautista de relance, e fui descobrir o seu rosto vermelho vivo de riso reprimido. Baixei os olhos para as mãos, sobre a mesa, odiando o rubor que subitamente inundou meu rosto.

Num esforço para dar novo início à conversa, perguntei:

— Há mais algumas notícias de Torre do Cervo?

O Harpista Gracejo soltou uma gargalhada curta.

— Não há muitas novas desgraças para contar. As histórias continuam sendo as mesmas, só com os nomes das aldeias e vilas variando. Oh, mas há um pequeno detalhe, um detalhe saboroso. Dizem agora que o Rei Majestoso vai enforcar em pessoa o Homem Pustulento.

Eu estava tomando um gole de cerveja. Engasguei abruptamente e perguntei:

— O quê?

— É uma piada estúpida — declarou Mel. — O Rei Majestoso mandou espalhar por aí que dará uma recompensa em moedas de ouro a qualquer pessoa que lhe consiga entregar um certo homem, muito marcado pela varíola, ou moedas de prata a quem consiga lhe dar informações sobre onde ele poderá ser encontrado.

— Um homem marcado pela varíola? A descrição é só essa? — perguntei, com cautela.

— Dizem que é muito magro e tem barba grisalha, e que às vezes se disfarça de mulher. — Gracejo soltou um risinho alegre, sem imaginar como as suas palavras transformavam minhas entranhas em gelo. — E o seu crime é alta traição. Segundo os boatos, o rei o culpa pelo desaparecimento da Princesa Herdeira Kettricken e do seu filho por nascer. Há quem diga que o homem não passa de um velho meio louco que diz ter sido conselheiro de Sagaz, e que escreveu nessa condição aos duques dos Ducados Costeiros, pedindo-lhes coragem, pois Veracidade regressará e o seu filho irá herdar o trono Visionário. Mas os boatos também dizem, com igual graça, que o Rei Majestoso espera enforcar o Homem Pustulento e assim pôr fim a todo o azar nos Seis Ducados. — Voltou a rir, e eu botei um sorriso nauseado no rosto e balancei a cabeça como um pateta.

Breu, pensei comigo mesmo. Majestoso encontrara o rastro de Breu de algum modo. Se sabia que ele era marcado pela varíola, o que mais poderia saber? Era óbvio que o ligara ao seu disfarce como a Dama Timo. Perguntei a mim mesmo onde Breu estaria agora e se estaria bem. Desejei com súbito desespero saber quais haviam sido os seus planos, de que estratagema me excluíra. Com um afundamento repentino do coração, a percepção que eu tinha dos meus atos foi virada de pernas para o ar. Eu havia afastado Breu de mim para protegê-lo dos meus planos, ou o teria abandonado precisamente quando ele precisava do seu aprendiz?

— Ainda está aí, Garrano? Ainda vejo a sua sombra, mas o seu lugar à mesa ficou muito silencioso.

— Oh, estou aqui, Harpista Gracejo! — Tentei pôr alguma vida nas minhas palavras. — Estou só ponderando sobre tudo o que você me disse, nada mais.

— Perguntando-se que velho marcado pela varíola poderá vender ao Rei Majestoso, pela expressão que tem no rosto — sugeriu Mel num tom cáustico. Compreendi de súbito que ela via os seus comentários depreciativos e alfinetadas constantes como uma espécie de flerte. Decidi depressa que já tivera companhia e conversa suficientes para uma noite. Estava desacostumado demais a lidar com pessoas. Iria embora agora. Era melhor que eles me achassem estranho e rude do que eu ficar mais tempo e deixá-los curiosos.

— Bem, agradeço-lhes pelas canções e pela conversa — disse-lhes com a educação que consegui. Tirei da bolsa um cobre para deixar debaixo da caneca para o rapaz. — E é melhor eu voltar à estrada.

— Mas é noite cerrada lá fora! — objetou Flautista, surpresa. Largou caneca e olhou de relance para Mel, que parecia chocada.

— E fresca, minha senhora — observei, alegremente. — Prefiro a noite para caminhar. A lua está quase cheia, o que deve iluminar o suficiente uma estrada tão larga como a estrada do rio.

— Não tem medo dos Forjados? — perguntou o Harpista Gracejo, consternado.

Foi a minha vez de ficar surpreso.

— Tão para o interior assim?

— Você *tem* vivido numa árvore — exclamou Mel. — Todas as estradas estão infestadas com eles. Há viajantes que contratam guardas, arqueiros e espadachins. Outros, como nós, viajam em grupos sempre que podem, e só durante o dia.

— As patrulhas não conseguem pelo menos mantê-los afastados das estradas? — perguntei, atônito.

— As patrulhas? — Mel soltou uma bufada de desdém. — A maioria de nós preferiria encontrar Forjados a uma alcateia de vareses com piques. Os Forjados não os incomodam, e portanto eles não incomodam os Forjados.

— Então para o que patrulham? — perguntei num tom zangado.

— Contrabandistas, principalmente. — Gracejo falou antes de Mel ter tempo de fazê-lo. — Pelo menos é o que tentam nos fazer crer. Muitos viajantes honestos foram mandados parar para que eles revistassem os seus pertences e levassem o que lhes apetecesse, chamando de contrabando, ou afirmando que os objetos tinham sido declarados roubados na última vila. Acho que Dom Brilhante não lhes paga tão bem como eles acham que merecem, então pegam o que conseguem como pagamento.

— E o Príncipe… O Rei Majestoso não faz nada? — Como o título e a pergunta me sufocavam.

— Bem, se for até Vaudefeira, talvez você possa se queixar pessoalmente a ele — disse-me Mel com sarcasmo. — Tenho certeza de que ele lhe daria ouvidos, o que não fez às dúzias de mensageiros que já foram até lá. — Fez uma pausa e exibiu uma expressão pensativa. — Embora eu tenha ouvido dizer que, se algum Forjado chegar tão longe para o interior que possa ser um incômodo, ele possui maneiras de lidar com eles.

Senti-me nauseado e infeliz. Sempre fora questão de orgulho para o Rei Sagaz que houvesse pouco perigo de encontrar salteadores em Cervo, desde que o viajante não saísse das estradas principais. Ouvir dizer agora que aqueles que deviam proteger as estradas do rei pouco mais eram que salteadores de estrada era como uma pequena lâmina cravada em mim. Não bastava que Majestoso

tivesse reivindicado o trono para si e em seguida abandonado Torre do Cervo. Não mantinha sequer a aparência de governar com sabedoria. Perguntei a mim mesmo, entorpecido, se ele seria capaz de punir Cervo inteiro pelo pouco entusiasmo com que fora aceito no trono. Era uma dúvida tola; eu sabia que sim.

— Bem, receio que mesmo com Forjados ou vareses eu precise seguir meu caminho — disse-lhes. Bebi o que restava na minha caneca e larguei-a.

— Por que não esperar pelo menos até de manhã, rapaz, e depois viajar conosco? — sugeriu Gracejo de súbito. — Os dias não estão quentes demais para caminhar, porque há sempre uma brisa vinda do rio. E hoje em dia quatro estão mais seguros do que três.

— Muito obrigado pela oferta — comecei, mas Gracejo me interrompeu.

— Não me agradeça, que eu não estava fazendo uma oferta, e sim um pedido. Eu sou cego, homem, ou quase. Você certamente reparou nisso. Também reparou que as minhas companheiras são jovens de bom aspecto, se bem que pela maneira como Mel o alfinetou imagino que você tenha sorrido mais para Flautista do que para ela.

— Pai! — exclamou indignada Mel, mas Gracejo prosseguiu obstinado.

— Eu não estava lhe oferecendo a proteção dos nossos números, mas sim pedindo que pense na possibilidade de nos oferecer o seu braço direito. Não somos gente rica; não temos dinheiro para contratar guardas. Mas apesar disso temos de viajar pelas estradas, com Forjados ou sem eles.

Os olhos enevoados de Gracejo encontraram-se com os meus sem falhar. Mel desviou o olhar, com os lábios bem apertados, enquanto Flautista me observava abertamente, com uma expressão suplicante no rosto. Forjados. Preso ao chão, com punhos caindo sobre mim. Baixei os olhos para o tampo da mesa.

— Eu não sou grande coisa para lutar — disse-lhes sem rodeios.

— Pelo menos você veria o que estaria golpeando — replicou ele com teimosia. — E certamente os veria se aproximarem antes de mim. Olhe, você vai na mesma direção que nós. Seria tão difícil assim para você caminhar de dia e não de noite durante alguns dias?

— Pai, não implore a ele! — censurou-o Mel.

— Prefiro implorar que ele caminhe conosco do que implorar a Forjados para que não façam mal a você! — disse ele num tom duro. Voltou a virar o rosto para mim enquanto acrescentava: — Encontramos alguns Forjados há duas semanas. As garotas tiveram o bom senso de fugir quando lhes gritei para que o fizessem quando não consegui mais acompanhá-las. Mas eles levaram a nossa comida e danificaram minha harpa, e…

— E o espancaram — disse Mel em voz baixa. — E por isso juramos, Flautista e eu, que da próxima vez não vamos fugir deles, sejam muitos ou poucos. Não vamos fugir se isso significar deixar papai para trás. — Toda a provocação e a troça brincalhonas tinham desaparecido da sua voz. Compreendi que ela falava sério.

Vou me atrasar, suspirei a Olhos-de-Noite. *Espere por mim, vigie-me, siga-me sem ser visto.*

— Viajarei com vocês — concedi. Não posso dizer que tenha feito a oferta de bom grado. — Embora eu não seja um homem que se saia bem em lutas.

— Como se não pudéssemos dizer isso pelo rosto dele — observou Mel, num aparte para Flautista. A troça regressara à sua voz, mas eu duvidava de que ela soubesse como as suas palavras me feriam profundamente.

— Só tenho o agradecimento para lhe pagar, Garrano. — Gracejo estendeu as mãos por sobre a mesa para mim e eu as apertei no antigo sinal que marcava a conclusão de um negócio. Ele sorriu de súbito, com um alívio evidente. — Portanto, aceite os meus agradecimentos e uma parte do que quer que nos for oferecido como menestréis. Não temos dinheiro suficiente para um quarto, mas o estalajadeiro nos ofereceu abrigo no celeiro. As coisas não estão como antes, quando um menestrel obtinha um quarto e uma refeição só por pedir. Mas pelo menos o celeiro tem uma porta que se fecha entre nós e a noite. E o estalajadeiro daqui tem bom coração; não vai se recusar a lhe dar abrigo também se disser que vai viajar conosco como guarda.

— Será um abrigo melhor do que o que tenho há muitas noites — disse-lhe, tentando me mostrar amável. O meu coração já se afundara num lugar frio, na boca do meu estômago.

Em que foi que você se meteu agora?, quis saber Olhos-de-Noite. Eu também queria.

CAPÍTULO 5

Confrontos

O que é a Manha? Alguns diriam que é uma perversão, um prazer distorcido do espírito através do qual os homens ganham o conhecimento das vidas e línguas dos animais, acabando por se transformar eles mesmos em pouco mais do que animais. No entanto, o meu estudo da Manha e dos seus praticantes me levou a uma conclusão diferente. A Manha parece ser uma forma de ligação mental, normalmente com um animal específico, que abre uma via para a compreensão dos pensamentos e sentimentos desse animal. Ao contrário do que alguns afirmaram, não dá aos homens as línguas dos pássaros e das feras. Um Manhoso possui uma consciência da vida em todo o seu vasto espectro, incluindo os seres humanos e até algumas das maiores e mais antigas das árvores. Porém, um Manhoso não é capaz de começar "conversas" aleatórias com qualquer animal. Ele pode sentir a presença próxima de um animal, e talvez saber se o animal está desconfiado, hostil ou curioso. Mas a Manha não lhe dá domínio sobre os animais da terra e as aves dos céus, como algumas histórias fantasiosas nos tentam levar a crer. A Manha pode ser, isso sim, a aceitação por um homem da natureza animal dentro de si, e consequentemente uma consciência do elemento de humanidade que qualquer animal traz também em si. A lendária lealdade que um animal vinculado sente pelo seu Manhoso não é de modo algum igual àquilo que um animal leal dá ao seu dono. É um reflexo da lealdade que o Manhoso entregou ao seu companheiro animal, de igual para igual.



Não dormi bem, e não foi só por já não estar habituado a dormir durante a noite. O que eles haviam me dito sobre os Forjados me deixara alarmado. Todos os músicos subiram no palheiro para dormir na palha que estava empilhada ali, mas eu descobri para mim um canto onde podia encostar as costas em uma parede e ter ao mesmo tempo uma vista desimpedida da porta. Era estranho estar de novo dentro de um celeiro à noite. Aquela era uma construção boa e firme, erguida

com pedras tiradas do rio, argamassa e madeira. A estalagem tinha uma vaca e um punhado de galinhas além dos cavalos para alugar e dos animais dos hóspedes. Os sons e cheiros caseiros do feno e dos animais lembravam-me vivamente os estábulos de Bronco. Senti uma saudade repentina deles, como nunca sentira do meu quarto na torre.

Perguntei a mim mesmo como estaria Bronco e se ele saberia dos sacrifícios de Paciência. Pensei no amor que antigamente existira entre eles, e em como naufragara no sentido de dever de Bronco. Paciência seguira a sua vida para se casar com o meu pai, precisamente o homem a quem Bronco dera toda aquela lealdade. Teria ele alguma vez pensado em ir até ela, tentando recuperá-la? Não. Soube nesse mesmo instante e sem dúvidas. O fantasma de Cavalaria iria se interpor entre eles para sempre. E agora o meu também.

Não foi um grande salto entre ponderar aquilo e pensar em Moli. Ela tomara por nós a mesma decisão que Bronco tomara por Paciência e por si mesmo. Moli me dissera que minha lealdade obsessiva pelo meu rei significava que nunca poderíamos pertencer um ao outro, de modo que encontrara alguém com quem podia importar-se tanto quanto eu me importava com Veracidade. Eu detestava tudo o que dizia respeito à sua decisão, exceto o fato de ter lhe salvado a vida. Ela me deixara. Não estivera em Torre do Cervo para partilhar a minha queda e a minha desgraça.

Procurei-a vagamente com o Talento, e logo em seguida me repreendi. Eu queria mesmo vê-la como provavelmente estaria naquela noite, dormindo nos braços de outro homem, sua esposa? Senti uma dor quase física no peito com aquele pensamento. Não tinha o direito de espionar qualquer que fosse a felicidade que ela conquistara para si. E no entanto, enquanto adormecia, pensei nela, e ansiei desesperadamente por aquilo que existira entre nós.

Em vez de Moli, algum destino perverso me trouxe um sonho com Bronco, um sonho muito nítido que não fazia qualquer sentido. Estava sentado na frente dele. Ele sentava-se a uma mesa junto a uma lareira, consertando arreios como fazia frequentemente à noite. Mas uma caneca de chá substituíra o seu copo de conhaque, e o couro em que trabalhava era um sapato raso e suave, pequeníssimo para ele. Enfiou a sovela no couro mole, e ela o atravessou com facilidade demais, espetando-lhe a mão. Ele praguejou ao ver o sangue, então ergueu de repente os olhos para me pedir um perdão embaraçado por usar uma tal linguagem na minha presença.

Acordei do sonho, desorientado e perplexo. Bronco com frequência fizera sapatos para mim quando eu era pequeno, mas não conseguia me recordar de

alguma vez ele ter pedido desculpa por praguejar na minha presença, embora me desse bofetadas com bastante frequência quando eu era menino se me atrevesse a usar tal linguagem na sua frente. Ridículo. Deixei o sonho de lado, mas o sono fugira com ele.

Ao meu redor, quando sondei com suavidade, havia apenas os sonhos insípidos dos animais adormecidos. Todos estavam em paz, menos eu. Pensamentos sobre Breu vinham me incomodar de uma forma repetitiva. Ele era um velho, de muitas maneiras. Quando o Rei Sagaz era vivo, satisfizera todas as necessidades de Breu, para que o seu assassino pudesse viver em segurança. Breu raramente se aventurara a sair do seu quarto escondido, exceto quando era para desempenhar o seu "trabalho discreto". Agora estava entregue a si mesmo, fazendo só El sabia o quê, e com as tropas de Majestoso no seu encalço. Esfreguei em vão a testa que me doía. Era inútil me preocupar, mas eu parecia não conseguir parar.

Ouvi quatro leves roçadas de pés, seguidas de um baque, como alguém descendo a escada do palheiro e saltando o último degrau. Provavelmente uma das mulheres a caminho da latrina. Mas um momento mais tarde ouvi a voz de Mel sussurrando:

— Garrano?

— O que é? — perguntei com relutância.

Ela virou-se para a minha voz, e a ouvi aproximar-se na escuridão. O tempo que passara com o lobo me aguçara os sentidos. Um pouco de luar penetrava através de uma janela mal fechada. Distingui a silhueta dela na escuridão.

— Aqui — disse-lhe quando ela hesitou, e vi o seu sobressalto com a proximidade da minha voz. Veio tateando até o meu canto, e em seguida sentou-se hesitante na palha ao meu lado.

— Não me atrevo voltar a adormecer — explicou. — Pesadelos.

— Sei como é — disse-lhe, surpreso com a compreensão que sentia. — Quando, se fechar os olhos, se cai logo neles.

— Exatamente — disse ela e calou-se, esperando.

Contudo, eu não tinha nada mais a dizer, e por isso fiquei em silêncio na escuridão.

— Que tipo de pesadelos você tem? — perguntou-me ela em voz baixa.

— Dos ruins — respondi secamente. Não tinha qualquer desejo de chamá-los ao falar neles.

— Eu sonho que Forjados me perseguem, mas as minhas pernas transformaram-se em água e não consigo correr. Mas continuo tentando, e

tentando, enquanto eles se vão aproximando mais e mais.

— Hum — concordei. Era melhor do que sonhar com ser espancado, espancado e espancado… Refreei a mente e a afastei disso.

— É uma coisa solitária acordar no meio da noite e estar com medo.

Acho que ela quer acasalar com você. Eles vão aceitá-lo na alcateia deles assim tão facilmente?

— O quê? — perguntei sobressaltado, mas foi a garota que respondeu, não Olhos-de-Noite.

— Eu disse que uma pessoa quando acorda no meio da noite com medo sente-se solitária. Deseja uma maneira de se sentir segura. Protegida.

— Não conheço nada que possa se interpor entre uma pessoa e os sonhos que chegam à noite — eu disse, constrangido. De repente, desejei que ela fosse embora.

— É tímido, aprendizinho? — perguntou ela, simulando timidez.

— Perdi alguém de quem gostava — respondi, sem rodeios. — Não tenho ânimo para pôr outra pessoa no lugar dela.

— Estou vendo. — Ergueu-se abruptamente, sacudindo palha da saia. — Bem, lamento ter incomodado. — O tom era de quem se sentia insultada, não de quem lamentava.

Virou-se e seguiu tateando até a escada do palheiro. Sabia que a tinha ofendido. Não senti que fosse culpa minha. Ela subiu lentamente os degraus, e supus que esperava que eu a chamasse de volta. Não o fiz. Desejei não ter vindo até a vila.

Somos dois. Há pouca caça, tão perto de todos esses homens. Vai ficar muito mais tempo?

Temo que tenha de viajar com eles durante alguns dias, pelo menos até a próxima vila.

Você não quis acasalar com ela, ela não é alcateia. Por que você tem de fazer essas coisas?

Não tentei lhe explicar em palavras. Tudo o que pude transmitir foi um sentido de dever, e ele não conseguiu compreender como era que a minha lealdade para com Veracidade me obrigava a ajudar aqueles viajantes na estrada. Eram minha gente porque eram gente do meu rei. Até eu achava a ligação tênue ao ponto de ser ridícula, mas não havia jeito. Iria levá-los a salvo até a vila seguinte.

Voltei a dormir nessa noite, mas mal. Era como se as palavras trocadas com Mel tivessem aberto a porta aos meus pesadelos. Assim que mergulhei no sono, tive a sensação de que estava sendo observado. Aninhei-me bem dentro da cela,

rezando para que não me vissem, mantendo-me tão imóvel quanto possível. Tinha os olhos bem fechados, como uma criança que acredita que se não puder ver não pode ser vista. Mas os olhos que me procuravam tinham um olhar fixo que eu conseguia sentir; conseguia sentir Vontade à minha procura como se estivesse escondido debaixo de um cobertor e houvesse mãos apalpando-o. Era assim tão próximo que ele estava. O medo era tão intenso que me sufocava. Não conseguia respirar, não conseguia me mover. Em pânico, saí de dentro de mim mesmo, de lado, introduzindo-me no medo de outra pessoa, no pesadelo de outra pessoa.

Agachei-me atrás de um barril de peixe em salmoura na loja do velho Gancho. Lá fora, a escuridão era estilhaçada pelas chamas ascendentes e pelos gritos dos capturados ou moribundos. Sabia que devia sair. Os Salteadores dos Navios Vermelhos iriam certamente saquear e incendiar a loja. Não era um bom lugar para me esconder. Mas não havia nenhum lugar bom para me esconder, e eu só tinha onze anos, e minhas pernas tremiam tanto debaixo de mim que eu duvidava ser capaz de ficar de pé, quanto mais correr. Em algum lugar lá fora estava o Mestre Gancho. Quando os primeiros gritos tinham soado, ele agarrara a sua velha espada e correra porta afora.

— Vigie a loja, Chade! — gritara ele ao sair, como se fosse só ali ao lado conversar com o padeiro. A princípio, fiquei feliz em lhe obedecer. O tumulto era no fundo da vila, lá embaixo, junto à baía, e a loja parecia segura e forte à minha volta.

Mas isso fora uma hora antes. Agora o vento que vinha do porto carregava o cheiro de fumaça, e a noite já não era escura, mas uma terrível penumbra iluminada por archotes. As chamas e os gritos aproximavam-se. O Mestre Gancho não regressara.

Saia, eu disse ao rapaz em cujo corpo me escondia. *Saia, fuja, corra o mais depressa e o mais longe que puder. Salve-se*. Ele não me ouviu.

Rastejei para a porta que ainda estava tão escancarada como o Mestre Gancho a deixara. Espiei para fora. Um homem passou correndo pela rua, e eu me encolhi para dentro. Mas era provável que ele fosse um homem da vila, não um Salteador, pois corria sem olhar para trás, sem outro pensamento que não fosse afastar-se o máximo que pudesse. De boca seca, obriguei-me a me levantar, agarrando-me ao batente. Olhei para a vila e o porto. Metade da vila estava em chamas. A amena noite de verão estava sufocada de fumaça e cinzas que se erguiam no vento quente gerado pelas chamas. Havia navios ardendo no porto. À luz das chamas, vi silhuetas que se precipitavam, fugindo e escondendo-se dos

Salteadores, que caminhavam quase sem oposição pela vila.

Alguém virou a esquina da loja do oleiro no fim da rua. Trazia uma lanterna e caminhava tão despreocupadamente que eu senti uma súbita onda de alívio. Decerto que se ele podia estar tão calmo, a maré da batalha devia estar mudando. Levantei-me um pouco do lugar onde me encolhia só para voltar a me retrair quando ele brandiu despreocupadamente a lanterna de óleo contra a fachada de madeira da loja. O óleo que se espalhou incendiou-se quando a lâmpada se quebrou e o fogo correu alegremente pela madeira seca inflamável. Encolhi-me para longe da luz das chamas saltitantes. Soube com uma certeza repentina que não havia segurança a ser conquistada me escondendo, que a minha única esperança residia em fugir, e que o devia ter feito assim que os alarmes soaram. A decisão me deu uma pequena quantidade de coragem, suficiente para me pôr em pé de um salto e me precipitar para fora e dobrar a esquina da loja.

Por um instante, estive consciente de mim mesmo como Fitz. Não creio que o rapaz conseguisse me detectar. Aquilo não era eu projetando o meu Talento, mas sim ele me contactando com algum sentido rudimentar de Talento que possuía. Eu não conseguia controlar o seu corpo de nenhum modo, estava trancado na sua experiência. Era levado por aquele rapaz, ouvia os seus pensamentos e partilhava as suas percepções da mesma forma que Veracidade outrora fora levado comigo. Mas não tive tempo para pensar em como estava fazendo aquilo, nem no motivo por que fora unido de forma tão repentina àquele estranho. Pois quando Chade correu para a segurança das sombras, foi subitamente agarrado pelo colarinho por uma mão áspera. Ficou paralisado de medo por um breve momento e ergueu os olhos para o rosto barbudo e sorridente do Salteador que nos agarrava. Outro Salteador o flanqueava, com um sorriso escarnecedor e maligno. Chade ficou mole de terror nas mãos do Salteador. Fitou impotente a faca que se movia, a cunha de luz brilhante que deslizava ao longo da lâmina enquanto ia se aproximando de seu rosto.

Partilhei, por um instante, da dor quente-fria da faca me cortando a garganta, o momento angustiante de reconhecimento, quando o meu sangue quente e úmido escorreu pelo meu peito abaixo, de que estava tudo acabado, de que já era tarde demais, de que eu estava morto. Então, enquanto Chade era largado pelo Salteador e caía de cabeça na rua empoeirada, a minha consciência libertou-se dele. Pairei ali, detectando durante um horrível momento os pensamentos do Salteador. Ouvi os tons rudemente guturais do seu companheiro, que empurrava o rapaz morto com a bota, e soube que ele repreendia o assassino por desperdiçar alguém que podia ter sido Forjado. O assassino soltou uma bufada de desdém e

respondeu qualquer coisa sobre ele ter sido novo demais, sem ter vida suficiente atrás de si para valer o tempo dos Mestres. Soube também, com um nauseante turbilhão de emoções, que o assassino desejara duas coisas: ser misericordioso para com o rapaz e saborear o prazer de matar alguém pessoalmente.

Eu olhara o coração do meu inimigo. Continuava sem conseguir compreendê-lo.

Flutuei pela rua abaixo atrás deles, incorpóreo e insubstancial. Sentira uma urgência no momento anterior. Agora não era capaz de lembrá-la. Em vez disso, turbilhonei como nevoeiro, testemunhando a queda e o saque da Vila de Charcotriste, no Ducado de Vigas. Fui atraído inúmeras vezes para um ou outro dos seus habitantes, a fim de testemunhar uma luta, uma morte, a minúscula vitória de uma fuga. Ainda consigo fechar os olhos e reconhecer aquela noite, recordar uma dúzia de momentos horrendos em vidas que partilhei brevemente. Cheguei por fim a um local onde um homem resistia, de espada longa na mão, na frente da sua casa em chamas. Mantinha afastados três Salteadores enquanto, atrás dele, a mulher e a filha lutavam para erguer uma viga em chamas e libertar um filho que ela prendia, para que pudessem fugir todos juntos. Nenhum deles abandonaria os outros, e no entanto eu sabia que o homem estava cansado e enfraquecido demais pela perda de sangue para erguer a espada, quanto mais brandi-la. Também senti que os Salteadores brincavam com ele, incitando-o até a exaustão, para poderem levar e Forjar a família inteira. Conseguia sentir o rastejante arrepio da morte insinuando-se no homem. Por um instante, a cabeça baixou sobre o peito.

De repente, o homem cercado ergueu a cabeça. Uma luz estranhamente familiar surgiu em seus olhos. Agarrou a espada com ambas as mãos e, com um urro, saltou de súbito sobre os seus atacantes. Dois deles caíram sob a sua primeira arremetida, morrendo com o espanto ainda claramente estampado nos traços dos seus rostos. O terceiro cruzou espadas com ele, mas não conseguiu levar a melhor sobre a sua fúria. Pingou sangue do cotovelo do habitante da vila, reluzindo em seu peito, mas sua espada ressoou como sinos contra a do Salteador, ultrapassando sua guarda e depois penetrando nela dançando, leve como uma pena, para traçar uma linha vermelha ao longo da garganta do Salteador. Enquanto o assaltante caía, o homem virou-se e saltou ligeiro para junto da mulher. Agarrou a viga em chamas, sem se preocupar com elas, e ergueu-a de cima do corpo do filho. Por uma última vez, os seus olhos cruzaram-se com os da esposa.

— Corra! — gritou-lhe. — Pegue as crianças e fuja. — Em seguida desabou

na rua. Estava morto.

Enquanto a mulher de rosto de pedra pegava as mãos dos filhos e se afastava correndo com eles, senti que um espectro se erguia do corpo do homem que morrera. Sou eu, pensei comigo mesmo, e então compreendi que não era. Ele me detectou e virou-se, com o rosto tão parecido com o meu. Ou pelo menos fora, quando ele tivera a minha idade. Abalou-me pensar que era assim que Veracidade ainda se via.

Você, aqui? Sacudiu a cabeça numa censura. *Isto é perigoso, rapaz. Até eu sou um tolo por tentar fazer isto. E, no entanto, o que mais podemos fazer, quando eles nos chamam?* Examinou-me, parado ali tão mudo à sua frente. *Quando foi que você ganhou a força e a capacidade para caminhar em Talento?*

Não respondi. Eu não tinha respostas, não tinha pensamentos meus. Sentia-me como um lençol molhado esvoaçando ao vento noturno, sem mais substância do que uma folha levada pelo vento.

Fitz, isto é um perigo para nós dois. Volte. Volte agora.

Há realmente magia em se proferir o nome de um homem? Muitas das antigas histórias insistem que sim. Lembrei-me de súbito de quem era, e de que aquele não era o meu lugar. Mas não fazia a mínima ideia de como chegara até ali, quanto mais como regressar ao meu corpo. Fitei Veracidade, impotente, incapaz mesmo de formular um pedido de ajuda.

Ele compreendeu. Estendeu uma mão fantasmagórica para mim. Senti uma pressão como se ele tivesse posto a palma da mão na minha testa e dado um leve empurrão.

A minha cabeça ricocheteou na parede do celeiro e vi centelhas súbitas de luz devido ao impacto. Estava sentado ali, no celeiro atrás da estalagem da Balança. Em volta de mim havia apenas uma escuridão pacífica, animais adormecidos, palha que dava coceira. Lentamente me deitei de lado enquanto onda após onda de tontura e náusea caíam sobre mim. A fraqueza que me possuía com frequência depois de ter conseguido usar o Talento arrebentou sobre mim como uma onda. Abri a boca para gritar por ajuda, mas apenas um grasnido inarticulado escapou dos meus lábios. Fechei os olhos e me afundei no esquecimento.

Acordei antes da alvorada. Engatinhei até o meu fardo, vasculhei-o, e em seguida consegui cambalear até a porta dos fundos da estalagem, onde supliquei, literalmente, por uma caneca de água quente à cozinheira que encontrei ali. Ela me observou, incrédula, quando esmigalhei tiras de casco-de-elfo dentro da caneca.

— Isso não é bom para você, sabe disso — avisou-me, e depois ficou vendo, assombrada, enquanto eu bebia a infusão, amarga e escaldante. — Eles dão isso aos escravos, dão sim, lá em Vilamonte. Misturam essa coisa na comida e na bebida para os manterem de pé. Ao mesmo tempo que lhes dá resistência, também os faz se desesperarem, ou pelo menos é o que se diz. Enfraquece a vontade deles de lutar.

Quase nem a ouvi. Estava esperando sentir o efeito. Colhera a casca de árvores jovens e temia que lhe faltasse potência. Faltava. Passou-se algum tempo antes de sentir o calor fortalecedor espalhando-se por mim, firmando minhas mãos trêmulas e clareando-me a visão. Levantei-me de onde estava sentado nos degraus dos fundos da cozinha para agradecer à cozinheira e lhe devolver a caneca.

— É um hábito ruim para se arranjar, para um jovem como você — repreendeu-me ela, e voltou a cozinhar. Saí da estalagem para percorrer as ruas enquanto a alvorada despontava sobre as colinas. Durante algum tempo quase esperei encontrar fachadas de lojas queimadas e casas destruídas, e Forjados de olhos vazios vagando pelas ruas. Porém, o pesadelo de Talento foi erodido pela manhã de verão e pelo vento vindo do rio. À luz do dia, o aspecto gasto da vila era mais visível. Parecia-me que havia mais mendigos do que houvera na Cidade de Torre do Cervo, mas eu não sabia se isso seria normal para uma vila do rio. Refleti brevemente sobre o que me acontecera na noite anterior; depois coloquei o pensamento de lado com um estremecimento. Não sabia como o fizera. O mais provável era que não voltaria a acontecer comigo. Dava-me ânimo saber que Veracidade continuava vivo, ao mesmo tempo que saber como ele continuava gastando imprudentemente a força do seu Talento me arrepiava. Perguntei a mim mesmo onde estaria ele naquela manhã e se, tal como eu, enfrentava a alvorada com a boca cheia do amargor do casco-de-elfo. Se eu ao menos tivesse dominado o Talento, não teria de ficar na dúvida. Não era pensamento que animasse alguém.

Quando regressei à estalagem, os menestréis já tinham levantado e estavam dentro da estalagem, tomando um desjejum de mingau de aveia. Juntei-me a eles, e Gracejo me disse sem rodeios que temera que eu tivesse partido sem eles. Mel não tinha quaisquer palavras a me dizer, mas apanhei várias vezes Flautista me olhando com um ar avaliador.

Ainda era cedo quando deixamos a estalagem, e embora não marchássemos como soldados, o Harpista Gracejo estabeleceu para nós um ritmo respeitável. Eu julgara que ele tivesse de ser dirigido, mas Gracejo transformava o seu

bordão de caminhante em guia. Por vezes caminhava com uma mão pousada no ombro de Mel ou de Flautista, mas isso parecia mais companheirismo do que necessidade. E a nossa viagem não era entediante, pois enquanto caminhávamos ele falava, dirigindo-se especialmente a Flautista, sobre a história daquela região, surpreendendo-me com a profundidade dos seus conhecimentos. Paramos um pouco enquanto o sol esteve alto no céu e eles partilharam comigo a comida simples que possuíam. Senti-me desconfortável em aceitá-la, mas não havia maneira de me afastar para ir caçar com o lobo. Depois de a vila ficar bem para trás, eu detectara Olhos-de-Noite nos seguindo. Era reconfortante tê-lo por perto, mas desejei que fôssemos apenas ele e eu viajando juntos. Naquele dia, várias vezes fomos ultrapassados por outros viajantes, montados em cavalos ou em mulas. Através de aberturas nas árvores vislumbrávamos ocasionalmente barcos remando rio acima, contra a corrente. À medida que a manhã ia passando, fomos sendo alcançados por vários carros e carroças bem guardados. Gracejo lhes gritava cada vez para perguntar se podíamos subir nas carroças. Por duas vezes isso nos foi negado com polidez. Os outros não deram qualquer resposta. Deslocavam-se apressados, e um grupo incluía vários homens de ar carrancudo com a mesma libré que eu deduzi serem guardas contratados.

Passamos a caminhada da tarde recitando “O Sacrifício de Fogocruzado”, o longo poema sobre o círculo da Rainha Visão e o modo como os seus membros tinham entregue as suas vidas para que ela pudesse vencer uma batalha crucial. Eu já o ouvira antes, por várias vezes, em Torre do Cervo. Mas ao terminar o dia ouvira-o mais duas vintenas de vezes, pois Gracejo trabalhava com infinita paciência para se assegurar de que Flautista o cantava com perfeição. Eu estava grato pelas recitações sem fim, pois evitavam conversas.

Porém, apesar do nosso ritmo constante, o cair da noite ainda nos encontrou muito longe da vila fluvial seguinte. Vi que todos ficaram inquietos quando a luz começou a diminuir. Por fim, tomei o comando da situação e lhes disse que tínhamos de abandonar a estrada no riacho seguinte que atravessássemos e arranjar um lugar onde nos instalarmos para a noite. Mel e Flautista deixaram-se ficar para trás de Gracejo e de mim, e as ouvi sussurrando uma com a outra em tom preocupado. Não podia lhes assegurar, como Olhos-de-Noite fizera comigo, de que não havia sequer sinal de cheiro de outro viajante nas redondezas. Em vez disso, na travessia seguinte guiei-os correnteza acima e descobri uma margem abrigada debaixo de um cedro onde podíamos descansar durante a noite.

Deixei-os sob pretexto de ir me aliviar, para passar algum tempo com Olhos-de-Noite, assegurando-lhe de que tudo estava bem. Foi um tempo bem gasto,

pois ele descobrira um local onde a água em turbilhão do riacho escavara a margem. Ele me observou atentamente enquanto eu me deitava de bruços e enfiava as mãos na água e em seguida na cortina de ervas que pendia sobre ela. Apanhei um belo peixe gordo na primeira tentativa. Vários minutos mais tarde, outra tentativa resultou um peixe menor. Quando desisti, já havia quase escurecido por completo, mas eu tinha três peixes para levar comigo para o acampamento, deixando dois para Olhos-de-Noite, apesar de achar ruim a ideia.

Pescar e coçar orelhas. As duas razões para terem sido dadas mãos aos homens, disse-me ele de bom humor enquanto se instalava com os peixes. Já devorara as entranhas dos meus assim que eu os limpara.

Cuidado com as espinhas, tornei a avisá-lo.

A minha mãe me criou com uma dieta de salmão, observou ele. *Espinhas de peixe não me incomodam.*

Deixei-o dilacerando o peixe com óbvio deleite e voltei ao acampamento. Os menestréis haviam acendido uma pequena fogueira. Ao som dos meus passos, todos se puseram em pé de um salto, brandindo os bastões de caminhada.

— Sou eu! — disse-lhes tardiamente.

— Graças a Eda. — Gracejo suspirou enquanto se sentava pesadamente, mas Mel só me trespassou com o olhar.

— Ficou fora muito tempo — disse Flautista como explicação. Ergui os peixes, pendurados pelas guelras em um galho de salgueiro.

— Encontrei o jantar — disse-lhes. — Peixe — acrescentei em benefício de Gracejo.

— Isso é uma maravilha — disse ele.

Mel apresentou pão de viajante e um pequeno saco de sal enquanto eu procurava uma pedra grande e lisa e a enfiava entre as brasas da fogueira. Enrolei os peixes em folhas e os coloquei sobre a pedra para assar. O cheiro do peixe sendo cozinhado me tentava ao mesmo tempo em que eu esperava que não atraísse nenhum Forjado à nossa fogueira.

Ainda estou de guarda, lembrou-me Olhos-de-Noite, e eu lhe agradeci.

Enquanto eu vigiava o peixe, Flautista murmurava “O Sacrifício de Fogocruzado” para si mesma ao meu lado.

— Silêncio, o Coxo, e Cutel, o Cego — corrigi-a distraidamente enquanto tentava virar o peixe sem parti-lo.

— Eu disse bem! — contradisse-me ela num tom indignado.

— Receio que não tenha dito, minha cara. Garrano tem razão. Silêncio era o do pé aleijado e Cutel era cego de nascença. Sabe os nomes dos outros cinco,

Garrano? — Ele parecia mesmo Penacarriço dando uma aula.

Eu queimara o dedo num carvão em brasa e o enfiei na boca antes de responder.

— Fogocruzado Queimado liderava, e o grupo que o rodeava era como ele, não de corpo são, mas de forte coração. E de alma fiel. E deixem-me listar aqui todo o anel. Havia Silêncio, o Coxo, e Cutel, o Cego, e Quevino, o da mente sem sossego, o Carpinteiro do lábio leporino, Corte, que era surdo, e Carregador cujo destino foi ser deixado como morto sem olhos nem mãos. E se acham que desprezariam homens assim, deixem que lhes outrossim…

— Ena! — exclamou Gracejo com prazer, e então perguntou: — Recebeu treinamento de bardo, Garrano, quando era pequeno? Aprendeu tanto o fraseado como as palavras. Embora faça as pausas um pouco simples demais.

— Eu? Não. Mas sempre tive uma memória rápida. — Era difícil não sorrir com o elogio que ele me fizera, muito embora Mel ostentasse uma expressão de desprezo e sacudisse a cabeça.

— Acha que poderia recitar a coisa completa? — perguntou Gracejo em tom de desafio.

— Talvez — esquivei-me. Sabia que sim. Tanto Bronco quanto Breu tinham me treinado com frequência as habilidades de memorização. E eu ouvira o poema tantas vezes naquele dia que não conseguia afastá-lo da cabeça.

— Então tente. Mas não o fale. Cante.

— Não tenho voz para cantar.

— Se é capaz de falar, é capaz de cantar. Experimente. Faça a vontade a um velho.

Obedecer velhos talvez fosse simplesmente um hábito enraizado demais em mim para desafiá-lo. Talvez tenha sido a expressão no rosto de Mel que me dizia claramente que duvidava que eu pudesse fazê-lo.

Limpei a garganta e comecei, cantando em voz baixa até ele me dizer com um gesto para aumentar o volume. Foi balançando a cabeça enquanto ia avançando, estremecendo de vez em quando sempre que eu desafinava numa nota. Eu já estava praticamente na metade quando Mel observou secamente:

— O peixe está queimando.

Abandonei a canção e saltei para arrancar a pedra e os peixes enrolados da fogueira. Os rabos estavam chamuscados, mas o resto estava bom, fumegante e firme. Dividimos entre nós e comi com demasiada rapidez. O dobro daquilo não me teria enchido, e no entanto eu precisava estar satisfeito com o que comera. O pão de viajante caía surpreendentemente bem com o peixe, e depois Flautista nos

preparou uma chaleira de chá. Nós nos acomodamos nos cobertos em volta da fogueira.

— Garrano, você se sai bem como escriba? — perguntou-me Gracejo de repente.

Soltei um som depreciativo.

— Não tanto como gostaria. Mas sobrevivo.

— Não tanto como gostaria — murmurou Mel para Flautista numa imitação trocista.

O Harpista Gracejo a ignorou.

— É velho para isso, mas poderia ser ensinado a cantar. A sua voz não é muito ruim; canta como um menino, sem saber que tem a profundidade de voz e os pulmões de um homem aos quais recorrer agora. A sua memória é excelente. Toca algum instrumento?

— Flauta. Mas não toco bem.

— Eu podia ensiná-lo a tocá-la bem. Se você se juntasse a nós…

— Pai! Mal o conhecemos! — objetou Mel.

— Eu podia ter lhe dito o mesmo quando você saiu do palheiro ontem à noite — observou ele num tom brando.

— Pai, tudo o que fizemos foi conversar. — Ela me lançou um olhar como se eu a tivesse traído. A minha língua havia se transformado em couro na boca.

— Eu sei — concordou Gracejo. — A cegueira parece ter me aguçado a audição. Mas se o considerou como alguém com quem podia conversar em segurança, sozinha, à noite, então talvez eu também o tenha avaliado como alguém a quem podemos oferecer a nossa companhia em segurança. O que diz, Garrano?

Sacudi lentamente a cabeça, e em seguida:

— Não — disse em voz alta. — Obrigado mesmo assim. Fico grato pelo que está oferecendo, e a um estranho. Viajarei com vocês até a vila seguinte, e desejo que tenham sorte em encontrar outros companheiros para viajar com vocês a partir dali. Mas… não tenho verdadeiro desejo de…

— Você perdeu alguém que lhe era querido. Eu compreendo isso. Mas a solidão total não é boa para qualquer homem — disse Gracejo em voz baixa.

— Quem você perdeu? — perguntou Flautista, do seu jeito franco.

Tentei pensar em como explicar sem me deixar aberto a mais perguntas.

— O meu avô — respondi, por fim. — E a minha esposa. — Dizer aquelas palavras era como voltar a abrir uma ferida.

— O que aconteceu? — perguntou Flautista.

— O meu avô morreu. A minha esposa me deixou. — Falei de um modo conciso, esperando que eles deixassem o assunto de lado.

— Os velhos morrem ao seu tempo — começou gentilmente Gracejo, mas Mel interrompeu bruscamente:

— Foi esse o amor que você perdeu? O que você pode dever a uma mulher que o deixou? A não ser que tenha lhe dado motivo para deixá-lo?

— Foi mais eu não ter lhe dado motivo para ficar — admiti com relutância. Em seguida: — Por favor — disse, francamente. — Não quero falar dessas coisas. De modo algum. Vou levá-los até a próxima vila, mas depois o meu caminho será só meu caminho.

— Bem. Isso ficou dito com clareza — disse Gracejo com pesar. Algo no seu tom de voz fez com que me sentisse mal-educado, mas não havia palavras que eu quisesse desdizer.

Houve poucas conversas durante o resto da noite. Flautista ofereceu-se para o primeiro turno de vigia e Mel para o segundo. Não fiz objeções, pois sabia que Olhos-de-Noite iria percorrer toda a região à nossa volta naquela noite. Poucas coisas conseguiam passar por ele. Dormi melhor ao ar livre e acordei rapidamente quando Mel se curvou por cima de mim para me sacudir. Sentei-me, espreguicei-me e lhe indiquei com um aceno que estava acordado e ela podia dormir um pouco. Levantei-me e avivei a fogueira, depois me sentei junto dela. Mel veio sentar-se ao meu lado.

— Não gosta de mim, não é? — perguntou em voz baixa. O seu tom de voz era afável.

— Não conheço você — respondi, com o máximo de tato que consegui.

— Hum. E não quer conhecer — observou. Olhou-me firmemente. — Mas eu quis conhecer você desde que o vi corar na estalagem. Nada me desafia tanto a curiosidade como um homem que cora. Conheci poucos homens que ficam escarlates dessa maneira, simplesmente porque são apanhados olhando para uma mulher. — A sua voz tornou-se grave e gutural, enquanto se inclinava para frente em confidência. — Adoraria saber o que você estava pensando para que o sangue lhe subisse ao rosto daquela maneira.

— Apenas que tinha sido má educação olhar — disse-lhe com toda a honestidade.

Ela sorriu para mim.

— Não foi isso o que pensei quando olhei para você. — Umedeceu a boca e aproximou-se mais.

De repente, senti de forma tão aguda a falta de Moli que me doeu.

— O meu coração não aguenta este jogo — disse a Mel com clareza. Ergui-me. — Acho que vou buscar mais um pouco de lenha para a fogueira.

— Acho que sei por que sua mulher o deixou — disse Mel num tom maldoso. — O coração não aguenta, é o que diz? Acho que o seu problema é um pouco mais embaixo. — Levantou-se e voltou para os seus cobertores. Tudo o que senti foi alívio por ela ter desistido de mim. Mantive a palavra e fui juntar mais lenha seca.

A primeira coisa que perguntei a Gracejo na manhã seguinte quando ele se levantou foi:

— A que distância fica a próxima vila?

— Se mantivermos o mesmo ritmo de ontem, devemos lá chegar amanhã pelo meio-dia — respondeu.

Afastei o olhar do desapontamento que ele tinha na voz. Enquanto colocávamos os fardos nos ombros e partíamos, refleti amargamente que me afastara de pessoas que conhecia e de quem gostava precisamente para evitar a situação em que me encontrava agora com relativos estranhos. Perguntei-me se haveria alguma maneira de viver entre as outras pessoas evitando ficar preso nas suas expectativas e dependências.

O dia estava quente, mas não desagradável. Se eu estivesse sozinho, teria achado agradável caminhar ao longo da estrada. Na floresta, a um lado de nós, aves chamavam umas pelas outras. Do outro lado da estrada, conseguíamos ver o rio através das árvores pouco abundantes, com barcaças ocasionais deslocando-se rio abaixo, ou embarcações a remo que se moviam lentamente contra a corrente. Falamos pouco, e passado algum tempo Gracejo voltou a pôr Flautista para recitar “O Sacrifício de Fogocruzado”. Quando ela tropeçava, eu me mantinha em silêncio.

Os meus pensamentos começaram a vagar. Fora tudo tão mais fácil quando não tinha de me preocupar com a minha próxima refeição ou com uma camisa limpa. Julgara-me tão esperto para lidar com as pessoas, tão habilidoso na minha profissão. Mas tivera Breu com quem fazer planos e tempo para preparar o que iria dizer ou fazer. Não me saía assim tão bem quando os meus recursos estavam limitados à minha própria inteligência e àquilo que conseguia carregar nas costas. Desprovido de tudo aquilo com que outrora contara sem pensar, não era só da minha coragem que vim a duvidar. Agora questionava todas as minhas habilidades. Assassino, Homem do Rei, guerreiro, homem… Eu ainda era alguma dessas coisas? Tentei me lembrar do jovem precipitado que puxara um remo no navio de guerra de Veracidade, o *Rurisk*, que se atirara sem refletir para

a batalha brandindo um machado. Não conseguia conceber que ele havia sido eu.

Ao meio-dia, Mel distribuiu o resto do pão de viajante que possuíam. Não era muito. As mulheres caminhavam à nossa frente, conversando em voz baixa uma com a outra, enquanto mastigavam o pão seco e bebiam dos seus odres. Aventurei-me a sugerir a Gracejo que podíamos acampar mais cedo naquela noite, para me dar oportunidade para caçar ou pescar um pouco.

— Isso significaria que não chegaríamos à próxima vila amanhã pelo meio-dia — observou com gravidade.

— Amanhã à noite será suficiente — asseverei-lhe em voz baixa. Ele virou a cabeça para mim, talvez para me ouvir melhor, mas os seus olhos enevoados pareceram olhar para dentro de mim. Foi difícil suportar o apelo que vi ali, mas não lhe respondi.

Quando o dia finalmente começou a esfriar, comecei a procurar lugares apropriados para parar. Olhos-de-Noite avançara para fazer o reconhecimento do terreno à nossa frente quando senti um súbito eriçar dos seus pelos do pescoço. *Há homens aqui, cheirando a carne podre e à sua própria imundice. Consigo cheirá-los, consigo vê-los, mas não consigo senti-los de outra forma.* A aflição que ele sentia sempre na presença de Forjados pairou até mim. Eu a partilhava. Sabia que eles haviam sido humanos e que tinham partilhado essa centelha de Manha que todas as criaturas vivas possuem. Para mim, era mais do que estranho vê-los movendo-se e falando quando eu não conseguia sentir que estavam vivos. Para Olhos-de-Noite, era como se pedras caminhassem e comessem.

Quantos são? Velhos, jovens?

Mais do que nós, e maiores do que você. A percepção de vantagens de um lobo. *Caçam na estrada, logo depois da curva à sua frente.*

— Vamos parar aqui — sugeri de repente. Três cabeças viraram para me olhar, perplexas.

Tarde demais. Já sentiram o cheiro de vocês, estão a caminho.

Não havia tempo para disfarçar, não havia tempo para arranjar uma mentira plausível.

— Há Forjados adiante. Mais do que dois. Estavam vigiando a estrada e agora estão vindo na nossa direção. — Estratégia? — Preparem-se — disse-lhes.

— Como você sabe isso? — perguntou Mel.

— Vamos fugir! — sugeriu Flautista. Não lhe interessava como eu sabia. Os seus olhos dilatados me diziam o quanto ela temera isto.

— Não. Eles vão nos alcançar, e quando o fizerem estaremos sem fôlego. E

mesmo se conseguirmos correr mais do que eles, ainda teremos de passar por eles amanhã — deixei cair a trouxa na estrada, afastei-a com um chute. Não havia nada nela que valesse a minha vida. Se ganhássemos, poderia voltar a apanhá-la. Se não ganhássemos, não me importaria com ela. Mas Mel, Flautista e Gracejo eram músicos. Seus instrumentos estavam nas trouxas. Nenhum deles fez um gesto para se desfazer dos seus fardos. Não desperdicei fôlego lhes sugerindo que o fizessem. Quase por instinto, Flautista e Mel foram flanquear o velho. Agarravam os bastões de caminhada com bastante força. O meu aconchegou-se nas minhas mãos e segurei-o, equilibrado e pronto, à espera. Por um instante parei completamente de pensar. As minhas mãos pareciam saber o que fazer sozinhas.

— Garrano, cuide de Mel e Flautista. Não se preocupe comigo, mas não deixe que elas se machuquem — ordenou-me secamente Gracejo.

As suas palavras conseguiram chegar até mim, e fui inundado de súbito pelo terror. O meu corpo perdeu a sua atitude de fácil prontidão, e eu só conseguia pensar na dor que a derrota me traria. Senti-me nauseado e trêmulo e o que mais queria era simplesmente me virar e fugir, sem um pensamento para os menestréis. Espere, espere, quis gritar ao dia. Não estou pronto para isto, não sei se lutarei, fugirei ou simplesmente desmaiarei aqui mesmo. Mas o tempo não conhece misericórdia. *Eles estão se aproximando através da vegetação rasteira*, disse-me Olhos-de-Noite. *Dois vão depressa, e o outro está ficando para trás. Acho que ele será meu.*

Tenha cuidado, adverti-o. Ouvi-os a fazer estalar galhos nos arbustos e senti o cheiro fétido que exalavam. Um momento depois, Flautista soltou um grito quando os viu, e em seguida eles saíram das árvores e correram sobre nós. Se a minha estratégia era me manter firme e lutar, a deles era simplesmente correr e atacar. Eram ambos maiores do que eu e pareciam não ter quaisquer dúvidas. Tinham a roupa imunda, mas praticamente intacta. Não parecia que eram Forjados há muito tempo. Ambos empunhavam porretes. Tive pouco tempo para perceber mais do que isso.

A Forja não tornava as pessoas estúpidas, nem lentas. Já não conseguiam detectar ou sentir as emoções dos outros ou, ao que parecia, lembrar-se do que essas emoções poderiam levar um inimigo a fazer. Isso com frequência tornava os seus atos quase incompreensíveis. Não os tornava menos inteligentes do que tinham sido quando inteiros, nem menos hábeis com as suas armas. No entanto, agiam com um imediatismo na satisfação dos seus desejos que era inteiramente animal. O cavalo que roubavam um dia poderiam comer no seguinte,

simplesmente porque a fome era um desejo mais imediato do que a conveniência de seguir montado. E também não cooperavam em batalha. Dentro dos seus grupos não existia lealdade. Era tão provável que se virassem uns contra os outros para conquistar um saque como que atacassem um inimigo comum. Viajavam juntos e atacavam juntos, mas não num esforço concentrado. E ainda assim mantinham-se brutalmente astutos, espertos e sem remorsos nos seus esforços para obter o que desejavam.

Eu sabia tudo isso. De modo que não me surpreendi quando ambos tentaram passar por mim para atacar primeiro as pessoas menores. O que me surpreendeu foi o alívio covarde que senti. Paralisou-me como um dos meus sonhos, e deixei-os passar correndo por mim.

Mel e Flautista lutaram como menestréis zangadas e assustadas com paus nas mãos. Não havia ali perícia nem treino, nem mesmo a experiência de lutar em equipe e assim evitar golpearem-se ou Gracejo. Tinham sido instruídas em música, não na batalha. Gracejo estava paralisado no meio, agarrado ao seu bastão, mas incapaz de brandi-lo sem se arriscar a ferir Mel ou Flautista. A fúria lhe contorcia o rosto.

Eu podia ter fugido nesse momento. Podia ter agarrado a minha trouxa e saído em disparada pela estrada afora sem olhar para trás. Os Forjados não teriam me perseguido; contentavam-se com a presa que fosse mais fácil. Mas não o fiz. Um farrapo de coragem ou orgulho ainda sobrevivia em mim. Ataquei o menor dos dois homens, mesmo apesar de ele parecer mais hábil com o seu porrete. Deixei Mel e Flautista dando pauladas no homem maior e forcei o outro a me enfrentar. O meu primeiro golpe o atingiu na parte inferior das pernas. Eu tentara aleijá-lo, ou pelo menos derrubá-lo. Ele urrou de dor quando se virou para me atacar, mas pareceu não se mover mais devagar por causa disso.

Era outra coisa em que eu reparara a respeito dos Forjados: a dor parecia afetá-los menos. Eu sabia que depois de ter sido tão brutalmente espancado, uma grande parte do que me desencorajava era a aflição que eu sentia com a destruição do meu corpo. Era estranho compreender que eu possuía uma ligação emocional com a minha carne. O meu profundo desejo de mantê-la funcionando ultrapassava em muito a simples evasão da dor. Um homem orgulha-se de seu corpo. Quando está danificado, é mais do que algo físico. Majestoso soubera disso. Soubera que cada golpe que os seus guardas me davam infligia um medo em conjunto com o machucado. Poderia ele me lançar de volta para o que eu fora, uma criatura enfermiça que tremia depois de ficar exausta e temia os ataques que lhe roubavam tanto o corpo como a mente? Esse medo me

incapacitara tanto quantos os golpes que haviam me dado. Os Forjados pareciam não possuir tal medo; era possível que quando perdiam a sua ligação com tudo mais também perdessem todo o afeto pelos seus próprios corpos.

O meu oponente rodopiou e me deu um golpe com o porrete que fez um choque me subir aos ombros quando o aparei com o meu bastão. Dor pequena, meu corpo me sussurrou a respeito da sacudida, e ficou à escuta de mais. O Forjado voltou a me golpear com o porrete, e eu o aparei de novo. Depois de ter começado a travar batalha com ele, não havia maneira segura de me virar e fugir. Ele usava bem o porrete: era provável que tivesse sido um guerreiro, e um guerreiro treinado com o machado. Reconheci os movimentos e bloqueei, ou aparei, ou desviei cada um. Eu o temia demais para atacá-lo, temia o golpe surpresa que poderia ultrapassar o meu bastão se não me defendesse constantemente. Cedi terreno tão prontamente que ele olhou de relance por sobre o ombro, talvez pensando que poderia simplesmente virar as costas para mim e ir atrás das mulheres. Consegui dar uma resposta tímida a um dos seus golpes; ele quase nem vacilou. Não se cansava, nem me dava espaço para tirar vantagem da minha arma mais longa. Ao contrário de mim, não era distraído pelos gritos que os menestréis davam enquanto tentavam defender-se. Entre as árvores, eu ouvia pragas abafadas e rosnados tênues. Olhos-de-Noite perseguira o terceiro homem e correra sobre ele numa tentativa de lhe cortar os tendões. Falhara, mas agora o rodeava, mantendo-se bem fora do alcance da espada que o homem empunhava.

Não sei se consigo passar por esta lâmina, irmão. Mas acho que posso detê-lo aqui. Ele não se atreve a virar as costas para mim para ir atacar você.

Tome cuidado! Foi tudo o que tive tempo para lhe dizer, pois o homem com o porrete exigia cada fragmento da minha atenção. Ele fez chover golpe atrás de golpe sobre mim, e logo percebi que ele aumentara os seus esforços, colocando mais força nos golpes. Já não sentia que tinha de se defender contra um possível ataque vindo de mim; colocou todas as suas forças em romper a minha defesa. Cada pancada que eu apanhava em cheio com o bastão enviava um choque aos meus ombros como se fosse um eco. Os impactos despertavam velhas dores, sacudindo ferimentos cicatrizados que eu quase esquecera. A minha resistência como combatente não era o que havia sido. Caçar e caminhar não endureciam um corpo e geravam músculos como remar o dia inteiro fizera. Uma inundação de dúvida corroía minha concentração. Suspeitava que enfrentava um adversário superior a mim, e eu temia de tal modo a dor que me esperava que não conseguia planejar um modo de evitá-la. O desespero de evitar ferimentos não é igual à determinação para ganhar. Não parava de tentar me afastar dele para ganhar

espaço para o meu bastão, mas ele me pressionava, implacável.

Tive um vislumbre dos menestréis. Gracejo estava precisamente no meio da estrada, com o bastão a postos, mas a batalha afastara-se dele. Mel recuava mancando enquanto o homem a perseguia. Estava tentando afastar golpes do porrete do homem enquanto Flautista o seguia dando-lhe pauladas ineficazes nos ombros com o seu bastão esguio. Ele simplesmente encurvava as costas diante dos golpes dela, mantendo-se concentrado na ferida Mel. Isso despertou algo em mim.

— Flautista, acabe com as pernas dele! — berrei-lhe, e em seguida voltei a atenção aos meus próprios problemas quando um porrete me acertou no ombro de raspão. Revidei com dois golpes rápidos sem muita força e me afastei dele com um salto.

Uma espada cortou meu ombro e raspou minhas costelas.

Soltei um grito, espantado, e quase deixei cair o bastão antes de perceber que o ferimento não era meu. Senti tanto quanto ouvi o ganido surpreendido de dor que Olhos-de-Noite soltou. E logo em seguida o impacto de uma bota na minha cabeça.

Atordoado, encurralado. *Ajude-me!*

Havia outras memórias, memórias mais profundas, enterradas sob a recordação dos espancamentos que os guardas de Majestoso tinham me dado. Anos antes desse momento, eu sentira o corte de uma faca e o impacto de uma bota. Mas não na minha carne. Um terrier ao qual me vinculara, Ferreirinho, que ainda nem sequer chegara à idade adulta, lutara na escuridão contra aquele que atacara Bronco na minha ausência. Lutara, e morrera mais tarde dos ferimentos recebidos, antes mesmo de eu ter tempo de voltar para junto dele. Descobri de súbito que havia uma ameaça mais poderosa do que a minha própria morte.

O medo por mim reduziu-se a nada diante do terror de perder Olhos-de-Noite. Fiz o que sabia que tinha de fazer. Mudei de posição, avancei e aceitei o golpe no ombro para me pôr ao alcance. O choque desse golpe sacudiu meu braço e por um instante deixei de sentir qualquer coisa nessa mão. Confiei que ela ainda estivesse lá. Segurei o bastão mais perto do meio e ergui violentamente a ponta, acertando no queixo do homem. Nada o preparara para a minha abrupta mudança de tática. O seu queixo voou para cima, descobrindo-lhe a garganta, e atirei um forte golpe contra a cova na base da sua garganta. Senti os pequenos ossos que haviam ali cederem. Ele arquejou sangue numa súbita exalação de dor e eu dancei para trás, mudei o modo como agarrava o bastão e fiz a outra ponta descrever um círculo para atingi-lo no crânio. Ele caiu e me virei e corri para o

interior da floresta.

Rosnados e grunhidos de esforço me levaram até eles. Olhos-de-Noite havia sido encurralado e tinha a pata esquerda da frente enrolada quase até o peito. Sangue reluzia no seu ombro esquerdo e espalhava-se em gotas que eram como joias rubras ao longo dos pelos grossos no seu flanco esquerdo. Ele recuara bem para dentro de um denso emaranhado de ramos de amoreiras silvestres. Os cruéis espinhos e brotos protuberantes que ele procurara como abrigo o rodeavam agora por completo e lhe bloqueavam a fuga. Enfiara-se neles o máximo que conseguira para evitar os golpes da espada, e eu conseguia sentir os danos que sofrera nas patas. Os espinhos que se espetavam em Olhos-de-Noite também mantinham o seu atacante à distância, e os ramos flexíveis absorviam muitos dos golpes da espada enquanto o homem procurava cortá-los e chegar ao lobo.

Ao me ver, Olhos-de-Noite reuniu coragem e girou de súbito para enfrentar o seu atacante com uma explosão selvagem de rosnados. O Forjado puxou a espada atrás para uma estocada que iria empalar o meu lobo. Não havia ponta na extremidade do meu bastão, mas, com um grito inarticulado de fúria, cravei-o nas costas do homem com tal brutalidade que ele atravessou a carne e penetrou nos seus pulmões. O homem urrou um chuveiro de gotas vermelhas e de raiva. Tentou virar-se para me enfrentar, mas eu continuava a segurar o bastão. Atirei o meu peso contra ele, forçando-o a cambalear para cima do matagal de amoreiras silvestres. Suas mãos estendidas não encontraram nada que o sustentasse além de espinheiros quebradiços. Imobilizei-o contra os galhos flexíveis de amoreira colocando todo o meu peso no bastão, e Olhos-de-Noite, encorajado, saltou sobre as costas do homem. As mandíbulas do lobo fecharam-se na parte de trás do espesso pescoço do Forjado e sacudiu-o até que o sangue respingar em nós. Os gritos estrangulados do homem foram gradualmente reduzindo-se a gorgolejos passivos.

Esqueci os menestréis por completo até que um profundo grito de angústia me fez lembrar deles. Agachei e peguei a espada que o Forjado deixara cair e corri de volta à estrada, deixando Olhos-de-Noite tombando, exausto, e começando a lamber o ombro. Quando irrompi das árvores, uma cena horripilante surgiu diante dos meus olhos. O Forjado atirara-se sobre uma Mel que se debatia e estava lhe rasgando a roupa. Flautista encontrava-se ajoelhada na poeira da estrada, agarrando o braço e soltando gritos inarticulados. Um Gracejo em desalinho e empoeirado pusera-se de pé e, desprovido de bastão, tateava na direção dos gritos de Flautista.

Eu estava no meio deles num instante. Chutei o homem para tirá-lo de cima de

Mel, e em seguida cravei nele a espada com uma estocada de duas mãos. Ele debateu-se violentamente, chutando e tentando me agarrar, mas eu me apoiei na lâmina, forçando-a a penetrar no seu peito. Enquanto ele lutava contra o metal que o imobilizava, rasgava mais o ferimento. A sua boca me amaldiçoou com gritos desprovidos de palavras e depois com arquejos que espalhavam gotículas de sangue com os sons. As suas mãos agarraram a barriga da minha perna direita e tentaram arrancar a perna de debaixo de mim. Eu me limitei a colocar mais peso na espada. Ansiava por puxar a arma para fora e matá-lo depressa, mas o homem era tão forte que não me atrevia a libertá-lo. Mel acabou finalmente com ele, baixando a ponta do seu bastão num golpe esmagador contra o centro do rosto dele. A súbita imobilidade do homem foi uma misericórdia tanto para ele como para mim. Encontrei forças para arrancar a espada do seu peito, então cambaleei para trás e fui me sentar subitamente na estrada.

A minha visão ficou nublada, clareou e voltou a nublar-se. Os gritos de dor lançados por Flautista podiam ter sido os gritos distantes de aves marinhas. De repente, havia muito de tudo e eu estava em toda parte. Na floresta, eu lambia o meu ombro, empurrando o pelo denso para o lado com a língua, testando com cuidado o corte enquanto o cobria de saliva. E, no entanto, estava sentado na estrada, ao sol, cheirando poeira, sangue e excrementos enquanto o intestino do morto se soltava. Senti cada golpe que recebera e que dera, a exaustão bem como os danos provocados pelo impacto do porrete. O modo selvagem como eu matara de repente possuía uma nova implicação para mim. Sabia como era sentir o tipo de dor que infligira. Sabia o que eles tinham sentido, no chão e debatendo-se sem esperança, com a morte como única fuga de mais dor. A minha mente vibrava entre os extremos de assassino e vítima. Eu era ambos.

E estava só. Mais só do que alguma vez estivera. Antes, em um momento como aquele, sempre tinha havido alguém para me dar apoio. Camaradas de bordo ao fim de uma batalha, ou Bronco que vinha me encher de ataduras e me arrastar para casa, e uma casa à minha espera, com Paciência para vir preocupar-se comigo, ou Breu e Veracidade para reclamar para eu ser mais cuidadoso. Moli chegando com o silêncio e a escuridão para me tocar suavemente. Desta vez, a batalha terminara e eu estava vivo, mas ninguém se importava além do lobo. Eu o amava, mas de súbito soube que ansiava também por um toque humano. A separação daqueles que haviam gostado de mim era mais do que eu era capaz de suportar. Se fosse realmente um lobo, teria erguido o focinho para o céu e uivado. Sendo quem era, estendi-me, de um modo que não sou capaz de descrever. Não foi a Manha, não foi o Talento, mas uma ímpia fusão das duas

coisas, uma terrível demanda por alguém, em qualquer lugar, que pudesse querer saber que eu estava vivo.

E quase senti algo. Teria Bronco, talvez, erguido a cabeça em algum lugar e olhado em volta do campo em que trabalhava, teria ele por um instante cheirado sangue e poeira em vez da rica terra que revirava para colher os tubérculos? Teria Moli se empertigado, tirado as mãos da roupa que lavava e colocado essas mesmas mãos nas costas que lhe doíam e olhado em volta, curiosa com uma súbita pontada de desolação? Teria eu puxado a consciência fatigada de Veracidade, teria distraído Paciência por um momento ou dois do seu ordenamento das ervas nas bandejas de secagem, feito Breu franzir o cenho enquanto deixava de lado um pergaminho? Sacudi-me contra as suas consciências como uma traça esvoaçando contra uma janela. Ansiei por sentir o afeto que julgara garantido. Quase os alcancei, pensei, só para cair exausto em mim mesmo, sentado sozinho na poeira da estrada, com o sangue de três homens respingado sobre mim.

Ela chutou terra em mim.

Ergui os olhos. A princípio Mel era uma silhueta escura contra o sol que caía para oeste. Então pisquei e vi a expressão de repugnância e fúria no seu rosto. Tinha a roupa rasgada e o cabelo sujo em volta do rosto.

— Você fugiu! — acusou-me. Senti o quanto ela desprezava a minha covardia. — Você fugiu e o deixou quebrar o braço de Flautista e derrubar o meu pai a porretadas e tentar me estuprar. Que tipo de homem você é? Que tipo de homem pode fazer uma coisa dessas?

Havia mil respostas àquilo, e nenhuma. O vazio que tinha em mim me assegurava de que nada seria resolvido falando com ela. Em vez disso, levantei-me com dificuldade. Ela me encarou enquanto eu voltava para trás ao longo da estrada até onde deixara cair a minha trouxa. Parecia que tinham se passado horas desde que a afastara com um chute. Peguei-a e a levei até onde Gracejo se encontrava sentado na terra ao lado de Flautista e tentava consolá-la. A pragmática Mel abrira os seus embrulhos. A harpa de Gracejo era um emaranhado de pedaços de madeira e de corda. Flautista não iria tocar nenhuma flauta até que o seu braço sarasse, dali a semanas. As coisas eram como eram, e eu fiz o que pude a esse respeito.

E isso era nada, além de acender uma fogueira à beira da estrada e ir buscar água no rio e colocá-la para ferver. Escolhi as ervas que acalmariam Flautista e lhe atenuariam a dor no braço. Descobri galhos secos e direitos e alisei-os para os usar como talas. E na encosta da colina, na floresta atrás de mim? *Dói, irmão,*

mas a ferida não é funda. Apesar disso, abre-se quando tento andar. E espinhos, estou tão cheio de espinhos como moscas em carne podre.

Vou até você agora e arrancarei todos.

Não. Posso cuidar disso sozinho. Cuide desses que estão aí. Fez uma pausa. *Irmão. Devíamos ter fugido.*

Eu sei.

Por que foi tão difícil ir até Mel e perguntar calmamente se ela tinha tecido que pudéssemos rasgar para atar as talas ao braço de Flautista? Ela não se dignou a me responder, mas o cego Gracejo me entregou sem uma palavra o tecido suave que estivera enrolado na harpa. Mel me desprezava, Gracejo parecia entorpecido pelo choque e Flautista estava tão perdida na sua própria dor que quase nem reparava em mim. Mas de algum modo consegui que viessem para junto da fogueira. Levei Flautista para lá, com o braço em volta dela e a mão livre suportando o seu braço ferido. Sentei-a, e depois dei primeiro a ela o chá que fizera. Falei mais para o Harpista Gracejo do que para ela quando disse:

— Posso endireitar o osso e botar uma tala. Tive de fazer isto muitas vezes por homens feridos em batalha. Mas não afirmo ser um curandeiro. Quando chegarmos à próxima vila, o osso pode precisar ser endireitado de novo.

Ele assentiu lentamente. Ambos sabíamos que não havia nenhuma alternativa verdadeira, de modo que se ajoelhou atrás de Flautista e a segurou pelos ombros, e Mel lhe agarrou firmemente pelo antebraço. Eu apertei os dentes com a dor que ela sentia e lhe endireitei firmemente o braço. Ela gritou, claro, pois nenhum chá simples podia amortecer por completo aquele tipo de dor. Mas ela também se forçou a não se debater. Lágrimas lhe rolaram pelas bochechas e a sua respiração manteve-se irregular enquanto eu lhe colocava a tala e atava o braço. Mostrei-lhe como levá-lo parcialmente dentro do vestido para suportar o peso e mantê-lo firme contra o movimento. Depois lhe dei outra caneca do chá e me virei para Gracejo.

Ele recebera um golpe na cabeça, que o deixara tonto durante um momento, mas não o nocauteara. Havia um inchaço, e ele retraiu-se ao meu toque, mas a pele não abrira. Lavei-o com água fria e lhe disse que o chá poderia aliviá-lo também. Ele me agradeceu, e sem saber por que me senti envergonhado com isso. Depois ergui olhar para onde Mel me observava com olhos de gato, do outro lado da pequena fogueira.

— Foi ferida? — perguntei-lhe em voz baixa.

— Há um inchaço na minha canela do tamanho de uma ameixa onde ele me bateu. E deixou marcas de garras no meu pescoço e nos seios enquanto tentava

me pegar. Mas posso cuidar das minhas dores sozinha, obrigada mesmo assim… Garrano. Não é muito graças a você que eu estou viva.

— Mel. — Gracejo falou numa voz perigosamente baixa. Havia nela tanta fadiga como ira.

— Ele fugiu, pai. Abateu o homem dele e depois se virou e fugiu. Se tivesse nos ajudado nessa hora, nada disto teria acontecido. Nem o braço quebrado de Flautista, nem a sua harpa esmagada. Ele fugiu.

— Mas voltou. Nem imaginemos o que teria acontecido se ele não tivesse voltado. Talvez tenhamos sofrido alguns ferimentos, mas ainda pode lhe agradecer por estar viva.

— Não lhe agradeço por nada — disse ela com amargura. — Um momento de coragem, e ele poderia ter salvo o nosso meio de subsistência. O que temos agora? Um harpista sem harpa e uma flautista que não pode levantar o braço para segurar seu instrumento.

Levantei-me e me afastei deles. Estava de repente cansado demais para continuar a ouvi-los, e muito mais desencorajado do que teria de estar para explicar os meus atos. Em vez de fazê-lo, arrastei os dois corpos para fora da estrada e puxei-os para o gramado na margem do rio. À luz que diminuía, voltei a entrar na floresta e procurei Olhos-de-Noite. Ele já tratara melhor dos seus ferimentos do que eu poderia fazer. Passei os dedos pela sua pelagem, sacudindo dela espinhos e pedaços de amoreira silvestre. Fiquei sentado ao lado dele por um breve momento. Ele deitou-se e colocou a cabeça no meu joelho, e cocei suas orelhas. Era toda a comunicação de que necessitávamos. Então me levantei, encontrei o terceiro corpo, agarrei-o pelos ombros e o arrastei para fora da floresta, para se ir juntar aos outros dois. Sem remorso, revistei seus bolsos e bolsas. Dois deles renderam apenas um punhado de moedas pequenas, mas o da espada tinha doze peças de prata na bolsa. Tirei-lhe a bolsa e acrescentei a ela as outras moedas. Também lhe tirei o cinturão e a bainha desgastados, e apanhei a espada, que estava caída na estrada. Em seguida, ocupei-me até a escuridão ficar completa em arranjar pedras do rio e empilhá-las ao redor e por fim sobre os corpos. Quando terminei, desci até a beira do rio, lavei as mãos e os braços e joguei água no rosto. Tirei a camisa e lavei o sangue dela, então a vesti de novo, fria e molhada. Por um momento, isso me aliviou dos machucados; depois, os músculos começaram a ficar rígidos devido ao frio.

Voltei para junto da pequena fogueira que agora iluminava os rostos das pessoas que a rodeavam. Quando cheguei lá, estendi a mão para a de Gracejo e coloquei nela a bolsa.

— Talvez isto seja o suficiente para ajudá-los até conseguir substituir a sua harpa — disse-lhe.

— Dinheiro de mortos para aliviar a sua consciência? — zombou Mel.

As pontas desgastadas da minha paciência se romperam.

— Faça de conta que eles sobreviveram, porque pela lei de Cervo eles teriam de lhe pagar pelo menos uma indenização — sugeri. — E se isso ainda não lhe agradar, por mim você pode atirar as moedas no rio. — Ignorei-a muito mais completamente do que ela me ignorara. Apesar das minhas dores e pontadas, desafivelei o cinto da espada. Olhos-de-Noite tivera razão; o espadachim fora muito maior do que eu. Encostei o couro em um pedaço de madeira e fiz um novo buraco na tira com a faca. Feito isso, levantei-me e afivelei-o ao redor da minha cintura. Havia conforto em sentir de novo o peso de uma espada ao meu lado. Desembainhei a lâmina e a examinei à luz da fogueira. Não era excepcional, mas era funcional e resistente.

— Onde arranjou isto? — perguntou Flautista. A sua voz estava um pouco vacilante.

— Tirei do terceiro homem, na floresta — respondi de forma concisa. Voltei a embainhá-la.

— O que é? — perguntou o Harpista Gracejo.

— Uma espada — disse Flautista.

Gracejo virou os seus olhos enevoados para mim.

— Havia um terceiro homem na floresta com uma espada?

— Sim.

— E você a tirou dele e o matou?

— Sim.

Ele bufou baixo e sacudiu a cabeça para si mesmo.

— Quando apertamos as mãos, soube perfeitamente que a mão que tinha na minha não pertencia a um escriba. Uma pena não deixa calos como os que você tem, nem o braço musculoso assim. Está vendo, Mel, ele não fugiu. Apenas foi…

— Se ele tivesse matado primeiro o homem que estava nos atacando, teria sido mais sensato — insistiu ela com teimosia.

Eu desfiz a trouxa e sacudi o cobertor. Deitei-me nele. Estava com fome, mas não havia nada a se fazer quanto a isso. Eu podia era fazer algo a respeito do cansaço que sentia.

— Vai dormir? — perguntou Flautista. O seu rosto refletia tanto alarme quanto conseguiu reunir no seu estado entorpecido.

— Sim.

— E se aparecerem mais Forjados? — quis saber.

— Então Mel poderá matá-los na ordem que achar melhor — sugeri com amargura. Mudei de posição sobre o cobertor até deixar a espada livre e à mão, e fechei os olhos. Ouvi Mel levantar-se lentamente e começar a preparar os cobertores para os outros.

— Garrano? — perguntou Gracejo em voz baixa. — Pegou algum dinheiro para você?

— Não devo precisar de dinheiro novamente — respondi, também em voz baixa. Não expliquei que eu já não planejava ter muito a ver com seres humanos. Não queria me explicar a ninguém nunca mais. Não me interessava se eles me compreendiam ou não.

Fechei os olhos e me projetei tateando, para tocar brevemente em Olhos-de-Noite. Assim como eu, ele estava com fome, mas preferira descansar. *Amanhã à noite, estarei livre para caçar de novo com você*, prometi-lhe. Ele suspirou, satisfeito. Ele não estava muito longe dali. A minha fogueira era uma centelha brilhando através das árvores abaixo dele. Apoiou o focinho nas patas dianteiras.

Eu estava mais cansado do que imaginava. Os meus pensamentos vagaram, desfocaram-se. Larguei tudo e flutuei, livre, para longe das dores que incomodavam o meu corpo. Moli, pensei com melancolia, Moli. Mas não a encontrei. Em algum lugar, Bronco dormia num catre arrumado em frente de uma lareira. Eu o vi, e foi quase como se o tivesse contactado pelo Talento, mas não consegui segurar a visão. A luz da lareira iluminava os planos de seu rosto; ele estava mais magro e bronzeado de horas de trabalho no campo. Rodopiei lentamente para longe dele. O Talento ondulava contra mim, mas eu não conseguia encontrar modo de controlá-lo.

Quando os meus sonhos roçaram em Paciência, fiquei chocado por encontrá-la num aposento privado com Dom Brilhante. Ele parecia um animal encurralado. Uma jovem com um lindo vestido estava evidentemente tão surpreendida como ele pela intrusão de Paciência. Ela estava armada com um mapa e falava enquanto empurrava para o lado uma bandeja de petiscos e vinho para desenrolá-lo sobre a mesa.

— Não o acho nem estúpido, nem covarde, Dom Brilhante. Portanto tenho de assumir que é ignorante. Pretendo me certificar de que a sua educação deixe de ser negligenciada. Como este mapa do falecido Príncipe Veracidade lhe demonstrará, se não agir em breve, toda a costa de Cervo ficará à mercê dos Navios Vermelhos. E eles não têm qualquer misericórdia. — Ergueu aqueles

penetrantes olhos cor de avelã e o fitou como me fitara tão frequentemente quando esperava ser obedecida. Quase senti pena do homem. Perdi meu parco controle sobre a cena. Como uma folha levada pelo vento, afastei-me deles rodopiando.

Não sei se em seguida fui mais alto ou mais fundo, sei apenas que senti que tudo o que me ligava ao meu corpo era um fio tênue. Girei e rodopiei numa corrente que me puxava, encorajando-me a me soltar. Um lobo ganiu em algum lugar, ansioso. Dedos fantasmagóricos me agarravam, como que procurando a minha atenção.

Fitz. Tenha cuidado. Volte.

Veracidade. Mas o seu Talento não tinha mais força do que uma baforada de vento, apesar do esforço que eu sabia que lhe custava. Havia algo entre nós, um nevoeiro frio, que cedia mas resistia, emaranhando-se como sarças. Tentei me importar, tentei encontrar medo suficiente para fugir de volta ao meu corpo. Mas era como estar encurralado no interior de um sonho e tentar acordar. Não conseguia encontrar uma maneira de me arrancar do sonho. Não conseguia encontrar vontade de tentar.

Uma baforada de fedor de magia de cão no ar, e olhe o que encontrei. Vontade pendurou-se em mim como garras de gato, puxou-me bem contra si mesmo. *Olá, Bastardo*. A sua profunda satisfação voltou a despertar cada nuance do meu medo. Conseguia sentir o seu sorriso cínico. *Nenhum deles morto, nem o Bastardo com a sua magia pervertida, nem Veracidade, o Pretendente. Tsc, tsc. Majestoso ficará mortificado ao descobrir que não teve tanto sucesso como pensara. Desta vez, porém, eu irei me assegurar de certas coisas por ele. À minha maneira*. Senti um teste insidioso às minhas defesas, mais íntimo do que um beijo. Como se amassasse a carne de uma rameira, apalpou-me todo em busca de fraquezas. Fiquei pendurado em suas mãos como um coelho, à espera apenas da torção e do puxão que poriam fim à minha vida. Conseguia sentir como ele crescera em força e astúcia.

Veracidade, choraminguei, mas o meu rei não podia nem me ouvir, nem responder.

Ele me pesou em suas mãos. *De que lhe serve esta força que nunca aprendeu a dominar? Para nada. Mas a mim, ah, a mim dará asas e garras. Você me tornará forte o suficiente para encontrar Veracidade, por melhor que ele se esconda.*

De repente, eu estava derramando força como um odre furado. Não fazia ideia de como Vontade penetrara nas minhas defesas, e eu não conhecia maneira

alguma de me defender dele. Vontade prendeu avidamente a minha mente à sua e começou a sugá-la. Foi assim que Justino e Serena haviam matado o Rei Sagaz. Ele se fora rapidamente, como uma bolha estourando. Eu não conseguia encontrar nem vontade, nem força para lutar enquanto Vontade forçava todas as muralhas entre nós a cair. Os seus pensamentos estranhos eram uma pressão no interior da minha mente, enquanto ele esgravatava os meus segredos ao mesmo tempo que absorvia a minha substância.

Porém, dentro de mim, um lobo o esperava. *Irmão!*, declarou Olhos-de-Noite, e lançou-se sobre ele, com dentes e garras. Em algum lugar na vasta distância, Vontade guinchou de horror e assombro. Por mais forte que fosse no Talento, não possuía qualquer conhecimento sobre a Manha. Estava tão impotente diante do ataque de Olhos-de-Noite como eu estivera diante do seu. Uma vez, quando Justino me atacara com o Talento, Olhos-de-Noite respondera. Eu observei Justino cair exatamente como se estivesse sendo fisicamente atacado por um lobo. Perdera toda a concentração e controle sobre o seu Talento e eu conseguira me libertar dele. Não conseguia ver o que estava acontecendo a Vontade, mas senti que os maxilares de Olhos-de-Noite se fechavam. Fui esbofeteado pela força do horror de Vontade. Ele fugiu, quebrando tão subitamente a ligação de Talento entre nós que por um momento me senti inseguro da minha identidade. Então eu estava de volta, bem acordado, no interior do meu próprio corpo.

Sentei-me no meu cobertor, com suor escorrendo pelas costas abaixo, e ergui com violência ao meu redor todas as muralhas que consegui me lembrar como se erguiam.

— Garrano? — perguntou Gracejo um tanto alarmado, e o vi sentar-se de um modo sonolento. Mel me fitava do seu cobertor onde se sentava, de vigia. Sufoquei um soluço ofegante.

— Um pesadelo — consegui dizer em voz rouca. — Só um pesadelo. — Levantei-me, cambaleante, horrorizado com o quão enfraquecido me encontrava. O mundo rodopiava à minha volta. Mal conseguia ficar de pé. O medo da minha fraqueza me impeliu. Peguei minha pequena chaleira e a levei comigo até o rio. Chá de casco-de-elfo, prometi a mim mesmo, e esperei que fosse potente o suficiente. Passei longe das pedras empilhadas que cobriam os corpos dos Forjados. Antes de chegar à margem do rio, Olhos-de-Noite veio até mim, avançando sobre três patas. Deixei cair a chaleira e afundei-me ao seu lado. Abracei-o, tendo cuidado com o corte que ele tinha no ombro, e enfiei a cara no seu pelo.

Eu estava tão assustado. Quase morri.

Agora compreendo por que devemos matar todos eles, disse ele calmamente. *Se não matarmos, nunca nos deixarão em paz. Temos que persegui-los até o covil onde se escondem e matar todos eles.*

Era o único conforto que ele podia me oferecer.

CAPÍTULO 6

A Manha e o Talento

Menestréis e escribas errantes têm lugares especiais na sociedade dos Seis Ducados. São repositórios de conhecimento, não só sobre as suas próprias artes, mas sobre muitas outras coisas. Os menestréis guardam as histórias dos Seis Ducados, não só a história geral que deu forma ao reino, mas as histórias particulares das pequenas vilas e até das famílias que as compõem. Embora ser única testemunha de algum grande acontecimento seja o sonho de todos os menestréis, conquistando assim a autoria de uma nova saga, a sua verdadeira e duradoura importância reside em serem testemunhas constantes dos pequenos acontecimentos que compõem o tecido da vida. Quando existe uma questão sobre um limite de propriedade, sobre a linhagem de uma família, ou até sobre uma promessa feita a longo prazo, os menestréis são chamados para providenciar os detalhes que outros podem ter esquecido. Os escribas errantes os apoiam, mas não os suplantam. Por um preço, eles fornecem registros escritos de um casamento, de um nascimento, da transação de um terreno, de heranças ganhas ou dotes prometidos. Tais registros podem ser coisas intricadas, pois cada uma das partes envolvidas tem de ser identificada de uma maneira que seja inconfundível. Não só pelo nome e profissão, mas por linhagem, localização e aparência. Normalmente, um menestrel é depois chamado para colocar a sua marca como testemunha daquilo que o escriba escreveu, e por este motivo não é raro encontrá-los viajando juntos, ou que a mesma pessoa pratique ambas as artes. Menestréis e escribas são, por costume, bem tratados nas casas nobres, encontrando ali as suas acomodações de inverno e sustento e conforto na idade avançada. Não há senhor que deseje ser mal lembrado nas histórias de menestréis e escribas ou, pior ainda, não ser lembrado de todo. A generosidade para com eles é ensinada como simples cortesia. Sabe-se que se está na presença de um sovina quando se senta à mesa num castelo que não apresente menestréis.



Despedi-me dos músicos à porta de uma estalagem num vilarejo chamado Pescoço de Corvo na tarde seguinte. Ou melhor, despedi-me de Gracejo. Mel entrou a passos largos na estalagem sem me olhar. Flautista olhou para mim, mas o olhar foi tão confuso que nada me transmitiu. Então seguiu Mel. Gracejo e eu fomos deixados na rua. Vínhamos caminhando juntos e a sua mão continuava pousada no meu ombro.

— Há um pequeno degrau aqui na porta da estalagem — preveni Gracejo em voz baixa.

Ele agradeceu com a cabeça.

— Bem. Um pouco de comida quente será bem-vindo observou, e apontou o queixo na direção da porta.

Sacudi a cabeça, e então articulei a minha recusa.

— Obrigado, mas não vou entrar com vocês. Vou seguir caminho.

— Agora mesmo? Vamos, Garrano, pelo menos beba uma caneca de cerveja e coma qualquer coisa. Eu sei que Mel é… difícil de tolerar às vezes. Mas não precisa pensar que ela fala por todos nós.

— Não é isso. Simplesmente há algo que tenho de fazer. Algo que já venho adiando há muito, muito tempo. Ontem percebi que, até que o tenha feito, não haverá paz para mim.

Gracejo soltou um suspiro pesado.

— Ontem foi um dia feio. Eu não basearia nele nenhuma decisão de vida. — Virou a cabeça para olhar na minha direção. — Seja o que for, Garrano, acho que o tempo o tornará melhor. É o que faz com a maior parte das coisas, sabe?

— Com algumas coisas — murmurei distraído. — Outras não melhoram até que… até serem consertadas. De uma maneira ou de outra.

— Bem. — Estendeu-me a mão e eu a apertei. — Nesse caso, boa sorte. Pelo menos esta mão de guerreiro tem agora uma espada para agarrar. Isso não pode ser má sorte para você.

— A porta está aqui — eu disse, e a abri para ele. — Boa sorte para vocês também — disse-lhe enquanto ele passava por mim, e fechei a porta às suas costas.

Quando voltei a sair para a rua, senti-me como se tivesse posto de lado um fardo. De novo livre. Tão cedo não voltaria a me sobrecarregar com algo assim.

Estou indo, disse a Olhos-de-Noite. *Esta noite, caçamos.*

Estarei à sua espera.

Puxei a trouxa um pouco mais para cima, sobre o ombro, agarrei de novo meu bastão e saí andando pela rua. Não conseguia imaginar nada que pudesse desejar

de Pescoço de Corvo. Contudo, o meu caminho me levou a passar pela praça do mercado, e os hábitos de uma vida inteira custam a morrer. Minhas orelhas se eriçaram com os resmungos e queixas dos que haviam vindo negociar. Compradores exigiam saber por que os preços estavam tão altos; vendedores respondiam que o comércio vindo de rio abaixo estava escasso, e que todos os bens que subiam o rio até Pescoço de Corvo eram caros. Os preços eram piores rio acima, asseguravam-lhes. Por cada um dos que se queixavam dos preços altos, havia alguém que viera à procura de algo que simplesmente não havia. Não era apenas o peixe marinho e a lã grossa de Cervo que já não subiam o rio. Era como Breu predissera: não havia sedas, não havia conhaques, não havia trabalhos finos de pedras preciosas de Vilamonte, nada proveniente dos Ducados Costeiros e das terras mais longínquas. A tentativa que Majestoso fizera para estrangular as rotas comerciais do Reino da Montanha também privara os mercadores de Pescoço de Corvo do âmbar, peles e outros bens da Montanha. Pescoço de Corvo fora uma vila mercantil. Agora estava estagnada, sufocada com um excesso daquilo que produzia e sem nada com que o trocar.

Pelo menos um bêbado trôpego sabia onde pôr as culpas. Teceu o seu caminho através do mercado, chocando-se contra barracas e cambaleando por cima dos artigos que mercadores menos abonados haviam disposto em esteiras. O seu cabelo, negro e desgrenhado, caía-lhe até os ombros e fundia-se com a barba. Cantava enquanto ia se aproximando, ou rosnava, mais apropriadamente, pois a sua voz era mais alta do que musical. Havia pouca melodia para fixar a cantiga na minha mente, e ele estragava qualquer rima que a canção pudesse ter tido, mas o seu sentido era claro. Quando Sagaz fora Rei dos Seis Ducados, o rio correra com ouro, mas agora que Majestoso usava a coroa, todas as costas escorriam sangue. Havia um segundo verso, que dizia que era melhor pagar impostos para combater os Navios Vermelhos do que pagá-los a um rei que se escondia, mas esse foi interrompido pela chegada da Guarda da Cidade. Havia dois guardas, e achei que os veria mandar o bêbado parar e lhe extorquir moedas para pagar por aquilo que pudesse ter quebrado. Eu devia ter sido avisado pelo silêncio que caiu sobre o mercado quando os guardas apareceram. O comércio cessou, as pessoas saíram do caminho ou encostaram-se às barracas para lhes ceder passagem. Todos os olhos os seguiram e se fixaram neles.

Aproximaram-se rapidamente do bêbado, e eu era um em meio à multidão silenciosa que observou a sua captura. O bêbado arregalou os olhos para eles, consternado, e o olhar de apelo com que varreu a multidão foi arrepiante na sua intensidade. Então um dos guardas puxou para trás um punho revestido de

manopla e afundou-o na barriga do homem. O bêbado tinha o aspecto de um homem duro, que ficara pançudo como acontece com alguns homens robustos quando envelhecem. Um homem mole teria ruído com aquele golpe. Ele se dobrou para frente por cima do punho do guarda, o ar lhe saindo dos pulmões num assobio, e em seguida vomitou um jato repentino de cerveja azeda. Os guardas deram um passo para trás, com repugnância, e um deles deu ao bêbado um empurrão que o desequilibrou. Colidiu com uma barraca, fazendo com que dois cestos de ovos se espatifassem no chão de terra. O mercador de ovos nada disse, apenas recuou mais para o interior da sua barraca como se não quisesse que reparassem nele.

Os guardas avançaram sobre o desgraçado. O primeiro agarrou-o pela frente da camisa e colocou-o de pé. Deu-lhe um soco curto e direto no rosto que o atirou para os braços do outro guarda. Este o agarrou e o manteve de pé para que o punho do parceiro voltasse a encontrar-se com a sua barriga. Desta vez o bêbado caiu de joelhos e o guarda atrás dele lhe deu um chute indiferente que o estatelou.

Só percebi que começara a avançar quando uma mão me agarrou o ombro. Olhei para o rosto enrugado da velha magra que me agarrava.

— Não os enfureça — sussurrou. — Vão deixá-lo ir depois de o espancarem, se ninguém os enfurecer. Enfureça-os, e eles o matarão. Ou, pior, irão levá-lo para a Arena do Rei.

Fitei o seu olhar cansado, e ela baixou os olhos como se estivesse envergonhada. Mas não tirou a mão do meu ombro. Então, assim como ela, afastei o olhar do que os guardas estavam fazendo e tentei não ouvir os impactos na carne, os grunhidos e gritos estrangulados do homem espancado.

O dia estava quente, e os guardas traziam mais cota de malha do que eu estava habituado a ver em Guardas de Cidade. Talvez tenha sido isso o que salvou o bêbado. Ninguém gosta de suar dentro de uma armadura. Olhei para trás a tempo de ver um deles baixar-se e soltar com a faca a bolsa do homem, sentir o peso dela e enfiá-la no bolso. O outro guarda olhou em volta para a multidão enquanto anunciava:

— Rolfe Negro foi multado e punido pelo ato traiçoeiro de zombar do rei. Que sirva de exemplo para todos.

Os guardas deixaram-no caído na poeira e no lixo da praça do mercado e prosseguiram a sua ronda. Um guarda foi observando por cima do ombro enquanto se afastavam, mas ninguém se mexeu até que eles dobraram uma esquina. Depois, o mercado foi voltando gradualmente à vida. A velha ergueu a

mão do meu ombro e voltou a pechinchar por nabos. O mercador de ovos deu a volta até a frente da sua barraca para se agachar e recolher os poucos ovos que não haviam se partido e os cestos cheios de gema de ovo. Ninguém olhou diretamente para o homem caído.

Eu fiquei imóvel durante algum tempo, esperando que uma frieza trêmula que havia em mim desaparecesse. Eu queria perguntar por que Guardas da Cidade se preocupariam com a canção de um bêbado, mas ninguém devolveu o meu olhar inquisitivo. De repente, senti ainda menos vontade de lidar com qualquer um ou qualquer coisa em Pescoço de Corvo. Ergui um pouco mais a minha trouxa e continuei a caminhada para fora da vila. Porém, quando me aproximei do homem que gemia, a sua dor bateu contra mim como uma onda. Quanto mais me aproximava, mais distinta se tornava, quase como se forçasse a minha mão a penetrar cada vez mais fundo numa fogueira. Ele ergueu o rosto para me fitar. Terra grudava-se ao sangue e ao vômito espalhados pelo rosto. Tentei continuar a andar.

Ajude-o. A minha mente traduziu assim a súbita exortação mental que senti.

Parei como se tivesse sido esfaqueado, quase cambaleando. Esse apelo não viera de Olhos-de-Noite. O bêbado enfiou uma mão debaixo do corpo e ergueu-se. Os seus olhos encontraram-se com os meus num apelo e numa infelicidade mudos. Já vira antes olhos assim; eram os olhos de um animal em sofrimento.

Talvez devêssemos ajudá-lo?, perguntou Olhos-de-Noite, hesitante.

Shhh, avisei-o.

Por favor, ajude-o. A súplica crescera em urgência e força. *Sangue Antigo pede a Sangue Antigo*. A voz na minha mente falava com mais clareza, não em palavras, mas em imagens. Compreendi pela Manha o significado que elas traziam. Era como a aplicação de uma obrigação de clã.

E eles são alcateia conosco?, perguntou Olhos-de-Noite com espanto. Sabia que ele era capaz de detectar a minha confusão, e não respondi.

Rolfe Negro conseguira enfiar a outra mão debaixo do seu corpo. Conseguiu apoiar-se num joelho, e em seguida estendeu uma mão para mim, sem uma palavra. Agarrei-lhe no antebraço e puxei-o lentamente até que ficasse de pé. Assim que se endireitou, balançou ligeiramente. Mantive-me agarrado ao seu braço e deixei-o equilibrar-se contra mim. Tão mudo como ele, ofereci-lhe o meu bastão de caminhante. Ele o aceitou, mas não abriu mão do meu braço. Lentamente, abandonamos o mercado, com o bêbado pesadamente apoiado em mim. Gente demais nos fitava com curiosidade. Enquanto caminhávamos pelas ruas, as pessoas nos olhavam de relance, e então desviavam os olhos. O homem

nada me dizia. Continuei esperando que ele indicasse uma direção qualquer em que quisesse seguir, que reclamasse alguma casa como sua, mas ele nada dizia.

Ao nos aproximarmos dos arredores da vila, a estrada meandrava até a margem do rio. O sol brilhou através de uma abertura nas árvores, reluzindo prateado na água. Ali, um baixio do rio subia para uma margem relvada enquadrada por salgueirais. Algumas pessoas que transportavam cestos molhados de roupa lavada estavam de partida. Ele me deu um puxão silencioso pelo braço para indicar que queria ir até a beira do rio. Chegando lá, Rolfe Negro caiu de joelhos, então se inclinou para frente a fim de mergulhar não apenas o rosto, mas toda a cabeça e pescoço na água. Voltou a se erguer, esfregou o rosto com as mãos e voltou a se baixar. Da segunda vez que se ergueu sacudiu a cabeça tão vigorosamente quanto um cão molhado, espirrando água em todas as direções. Sentou-me sobre os calcanhares e me olhou com olhos embaçados.

— Bebo demais quando venho à vila — disse com uma voz profunda.

Confirmei com um aceno.

— Vai ficar bem agora?

Ele assentiu. Conseguia ver a língua movendo-se dentro da sua boca, à procura de cortes e dentes soltos. A memória de velhas dores rolava agitadamente dentro de mim. Desejei estar longe de todas as coisas que me fizessem lembrar delas.

— Então, boa sorte — disse-lhe. Abaixei-me, a jusante dele, e bebi e voltei a encher o meu odre. Depois me levantei, ergui a trouxa e me virei para ir embora. Um formigamento de Manha me fez girar subitamente a cabeça na direção da floresta. Um cepo se mexeu, e em seguida empinou-se de súbito transformado numa ursa parda. O animal farejou o ar, depois voltou a cair sobre as quatro patas e caminhou desajeitadamente na nossa direção. — Rolfe — eu disse em voz baixa enquanto começava a recuar lentamente. — Rolfe, há uma ursa.

— Ela é minha — disse ele, também em voz baixa. — Você não tem nada a temer dela.

Fiquei imóvel enquanto o animal saía da floresta e descia a margem relvada. Ao aproximar-se de Rolfe, soltou um grito grave, estranhamente semelhante ao berro de uma vaca pelo seu bezerro. Em seguida, empurrou-o suavemente com a grande cabeça. Ele levantou-se, botando para isso uma mão nos ombros inclinados do animal. Eu podia senti-los comunicando um com o outro, mas não fazia qualquer ideia do que seriam as mensagens que trocavam. Então a ursa ergueu a cabeça para olhar diretamente para mim. *Sangue Antigo*, reconheceu-me. Os seus pequenos olhos eram fundos acima do focinho. Enquanto caminhava, a luz do sol dava lustro à sua pelagem brilhante e ondulada. Ambos

se aproximaram de mim. Não me mexi.

Quando chegaram muito perto, ela ergueu o focinho, empurrou-o firmemente contra mim e começou a dar longas fungadas.

Irmão?, perguntou Olhos-de-Noite, um tanto alarmado.

Acho que está tudo bem. Quase nem me atrevia a respirar. Nunca estivera tão perto de um urso vivo.

A cabeça do animal era do tamanho de um cesto grande. O seu hálito quente contra o meu peito fedia a peixe do rio. Após um momento, a ursa afastou-se de mim, arquejando um som gutural de *uh, uh, uh* como se estivesse considerando tudo o que cheirara em mim. Sentou-se sobre os quartos traseiros, inspirando através da boca aberta como se saboreasse o odor que eu exalava. Balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro, e em seguida pareceu tomar uma decisão. Voltou a cair sobre as quatro patas e começou a afastar-se.

— Venha — disse Rolfe com brevidade, e fez sinal para que eu o seguisse. Partiram a caminho da floresta. Por cima do ombro, Rolfe acrescentou: — Temos comida para dividir. O lobo também é bem-vindo.

Após um momento, segui-os.

Isso é sensato? Eu conseguia sentir que Olhos-de-Noite não estava muito longe e vinha na minha direção o mais depressa que podia, ziguezagueando por entre as árvores enquanto descia a encosta de uma colina.

Preciso compreender o que eles são. Serão como nós? Nunca falei com ninguém como nós.

Uma bufada irônica de Olhos-de-Noite. *Você foi criado pelo Coração da Matilha. Ele é mais como nós do que esses dois. Não tenho certeza se quero me aproximar de um urso, ou do homem que pensa com o urso.*

Quero saber mais, insisti. *Como ela me detectou, como sondou na minha direção?* Apesar da minha curiosidade, permaneci bem atrás da estranha dupla. Homem e ursa avançavam desajeitadamente à minha frente. Abriam caminho através dos salgueiros junto ao rio, evitando a estrada. Num lugar onde a floresta se fechava, densa, até o lado oposto da estrada, atravessaram-na depressa. Segui-os. Nas sombras mais profundas dessas árvores maiores, logo demos com uma trilha de caça que cortava a face de uma colina. Detectei Olhos-de-Noite antes de ele se materializar a meu lado. Arquejava da pressa. O meu coração bateu forte ao ver como ele se deslocava sobre três patas. Fora ferido com muita frequência por minha causa. Que direito eu tinha de lhe pedir tal coisa?

Não é tão ruim assim.

Ele não gostava de caminhar atrás de mim, mas a trilha era estreita demais

para ambos. Cedi-lhe o caminho e segui ao lado dele, esquivando-me a galhos e troncos, observando atentamente os nossos guias. Nenhum de nós estava à vontade com aquela ursa. Um único golpe de uma das suas patas era capaz de mutilar ou matar, e a minha pequena experiência com ursos não indicava que eles possuíam temperamentos estáveis. Caminhar no fluxo do odor da ursa mantinha os pelos do pescoço de Olhos-de-Noite eriçados e minha pele arrepiada.

Por fim chegamos a uma pequena cabana, aninhada contra a face da colina. Era feita de pedras e toras, e as fendas entre elas eram tapadas com terra e musgo. As toras que serviam de telhado estavam cobertas de turfa. Grama e até pequenos arbustos brotavam do teto da cabana. A porta tinha uma largura pouco comum e estava escancarada. Tanto homem como ursa entraram primeiro. Após um momento de hesitação, aproximei-me para espiar lá dentro. Olhos-de-Noite ficou para trás, com os pelos do pescoço meio erguidos e as orelhas empinadas para a frente.

Rolfe Negro recuou até a porta para olhar para nós.

— Entrem e sejam bem-vindos — ofereceu. Quando viu que eu hesitava, acrescentou:

— Sangue Antigo não se vira contra Sangue Antigo.

Entrei lentamente. Havia uma mesa baixa feita com uma laje no centro da sala com um banco de cada lado e uma lareira feita de pedras do rio num canto entre duas cadeiras grandes e confortáveis. Outra porta levava a um quarto de dormir menor. A cabana tinha o cheiro de um covil de urso, fétido e terroso. Em um canto viam-se ossos espalhados e as paredes ali mostravam as marcas de garras.

Uma mulher estava guardando uma vassoura após varrer o chão de terra batida. Estava vestida de castanho, e o seu cabelo curto estava colado à sua cabeça como o topo de uma bolota. Virou rapidamente a cabeça na minha direção e fixou em mim olhos castanhos que não piscavam. Rolfe me indicou com um gesto.

— Aqui estão os convidados de que eu estava falando, Azevinha — anunciou.

— Agradeço pela hospitalidade — eu disse.

Ela pareceu quase sobressaltada.

— Sangue Antigo dá sempre as boas-vindas a Sangue Antigo.

Voltei de novo os olhos para confrontar o negrume brilhante do olhar de Rolfe.

— Nunca ouvi falar desse “Sangue Antigo” — aventurei-me a dizer.

— Mas você sabe o que é. — Ele sorriu para mim, e pareceu um sorriso de urso. O homem tinha a postura do urso: o seu caminhar pesado, um jeito de

balançar lentamente a cabeça de um lado para o outro, de encolher o queixo e olhar sempre para baixo como se um focinho dividisse os seus olhos. Atrás dele, a mulher assentiu lentamente. Ergueu os olhos e trocou um olhar com alguém. Segui o seu olhar até um pequeno falcão empoleirado numa viga transversal. Os olhos da ave cravaram-se em mim. As vigas estavam riscadas de branco pelos seus excrementos.

— Fala da Manha? — perguntei.

— Não. É esse o nome que aqueles que nada sabem sobre ele lhe dão. É por esse nome que é desprezado. Aqueles de nós que pertencem ao Sangue Antigo não lhe dão esse nome. — Virou-se para um armário encostado na parede robusta e começou a tirar comida de lá. Longas e grossas postas de salmão fumado. Um pão carregado de nozes e frutos. A ursa ergueu-se nas patas traseiras, e em seguida voltou a cair de quatro, farejando com apreço. Virou a cabeça de lado para tirar uma posta de peixe da mesa; parecia pequena nas suas mandíbulas. Foi pesadamente para o seu canto com ela e nos virou o dorso enquanto a comia. A mulher posicionara-se silenciosamente numa cadeira de onde podia observar toda a sala. Quando a olhei de relance, ela sorriu e fez um gesto me convidando para a mesa. Então continuou imóvel e a observar.

Fiquei com água na boca ao ver comida. Tinham se passado vários dias desde que eu comera até ficar saciado e não comera quase nada nos últimos dois dias. Um ligeiro ganido vindo de fora da cabana fez com que eu me lembrasse de que Olhos-de-Noite estava no mesmo estado.

— Não há queijo, não há manteiga — avisou-me solenemente o Rolfe Negro. — A Guarda da Cidade levou todo o dinheiro que eu tinha ganhado antes de chegar a comprar manteiga e queijo. Mas temos peixe e pão em abundância, e favos de mel para o pão. Pegue o que quiser.

Quase inadvertidamente, os meus olhos voltaram-se para a porta.

— Vocês dois — clarificou o homem. — Entre os do Sangue Antigo, dois são tratados como um só. Sempre.

— Nevinha e eu também lhe damos as boas-vindas — acrescentou a mulher em voz baixa. — Eu sou a Azevinha.

Respondi ao seu convite com um aceno de gratidão e sondei na direção do meu lobo.

Olhos-de-Noite? Não quer entrar?

Irei até a porta.

Um momento depois, uma sombra cinzenta passou furtivamente pela abertura da porta. Senti-o andando à espreita do lado fora da cabana, analisando os odores

do lugar, detectando urso vezes sem conta. Voltou a passar pela porta, deu uma breve espiada para dentro e então deu outra volta na cabana. Descobriu uma carcaça de veado parcialmente devorada, com folhas e terra atiradas sobre ela não muito longe da cabana. Era um típico esconderijo de urso. Não precisei avisá-lo para deixá-lo em paz. Por fim regressou para junto da porta e instalou-se diante, sentado em alerta, de orelhas empinadas.

— Leve-lhe comida, se ele não quiser entrar — disse-me Rolfe. E acrescentou: — Nenhum de nós acredita em forçar um companheiro contra os seus instintos naturais.

— Obrigado — eu disse, um pouco rígido, mas eu não sabia que maneiras eram as adequadas ali. Tirei uma posta de salmão da mesa. Atirei-a a Olhos-de-Noite e ele a apanhou com habilidade. Durante um momento, ficou sentado com ela na boca. Não podia comer e ao mesmo tempo permanecer totalmente desconfiado. *Coma*, insisti. *Não acho que eles queiram fazer algum mal.*

Ele não precisou ser mais instigado do que aquilo. Deixou cair o peixe, prendeu-o no chão com a pata da frente e depois arrancou um grande pedaço. Devorou-o, quase sem mastigar. Vê-lo comendo despertou minha fome com uma intensidade que eu vinha reprimindo. Afastei os olhos dele e vi que Rolfe Negro cortara para mim uma fatia grossa de pão e a cobrira de mel. Estava servindo-se de uma grande caneca de hidromel. A minha já estava ao lado do meu prato.

— Coma, não espere por mim — convidou, e quando olhei de soslaio para a mulher, ela sorriu.

— Fique à vontade — disse ela em voz baixa. Veio até a mesa e pegou um prato para si, mas colocou nele apenas uma pequena porção de peixe e um fragmento de pão. Senti que o fizera para me deixar à vontade e não por estar com fome. — Coma bem — pediu-me, e acrescentou: — Nós conseguimos sentir a sua fome, sabia? — Ela não se juntou a nós na mesa e levou a comida para a cadeira junto da lareira.

Tive o maior prazer em lhe obedecer. Comi com maneiras muito semelhantes às de Olhos-de-Noite. Ele já estava na sua terceira posta de salmão, e eu acabara com um número igual de fatias de pão e estava comendo um segundo pedaço de salmão quando me lembrei do meu anfitrião. Rolfe encheu minha caneca com hidromel e observou:

— Uma vez tentei criar uma cabra. Para ter leite, queijo, essas coisas. Mas ela nunca conseguiu se acostumar com Hilda. A pobrezinha estava sempre nervosa demais para produzir leite. Assim, temos hidromel. Com o nariz que a Hilda tem para o mel, é uma bebida de que podemos nos abastecer.

— É uma maravilha — suspirei. Larguei a caneca, já esvaziada de um quarto, e expirei. Não acabara de comer, mas a intensidade urgente da minha fome já passara. Rolfe Negro tirou da mesa outra posta de peixe e atirou-a descontraído para Hilda. A ursa a apanhou, com as patas e as mandíbulas, então nos virou o dorso para recomeçar a comer. Ele arremessou outra posta na direção de Olhos-de-Noite, que perdera toda a cautela. Saltou para apanhar o peixe e em seguida deitou-se, com o salmão entre as patas da frente, e virou a cabeça para cortar pedaços e engoli-los. Azevinha beliscou a sua comida, arrancando pequenas tiras de peixe seco e baixando a cabeça quando as comia. Toda vez que a olhava de relance na sua direção, eu a encontrava me olhando com os seus penetrantes olhos negros. Voltei a olhar para Hilda.

— Como foi que você se vinculou a uma ursa? — perguntei, e em seguida acrescentei: — Se não for uma pergunta rude. Nunca falei com ninguém que estivesse vinculado a um animal, ou pelo menos que o admitisse abertamente.

Ele recostou-se na cadeira e pousou as mãos na barriga.

— Não "admito abertamente" a qualquer um. Supus que você tivesse sabido imediatamente de mim, visto que a Hilda e eu estamos sempre conscientes de quando há outros do Sangue Antigo por perto. Mas quanto à sua pergunta… A minha mãe era do Sangue Antigo, e dois dos seus filhos o herdaram. Ela o sentiu em nós, claro, e nos educou nos costumes. E quando cheguei à maturidade, como um homem, realizei a minha demanda.

Olhei-o sem expressão. Ele sacudiu a cabeça, com um sorriso de piedade lhe tocando os lábios.

— Parti sozinho, para o mundo, à procura do meu companheiro animal. Alguns procuram nas povoações, outros procuram na floresta, uns poucos, segundo ouvi contar, vão até mesmo para o mar. Mas eu fui atraído para os bosques. Então fui sozinho, de sentidos bem abertos, jejuando, à exceção de água fria e das ervas que fortalecem o Sangue Antigo. Descobri um lugar, aqui, e me sentei entre as raízes de uma velha árvore e esperei. E a seu tempo, Hilda veio até mim, procurando tal como eu estivera procurando. Testamos um ao outro e encontramos a confiança e, bem, aqui estamos, sete anos depois. — Olhou para Hilda com tanto carinho como se falasse de uma esposa e de filhos.

— Uma busca deliberada por alguém a quem se vincular — ponderei.

Acho que você me procurou naquele dia, e que eu chamei por você. Embora nenhum de nós soubesse na época que estávamos procurando, refletiu Olhos-de-Noite, pondo o momento em que eu o resgatara do mercador de animais sob uma nova luz.

Acho que não, disse-lhe com pesar. *Antes disso, eu já havia me vinculado por duas vezes, com cães, e aprendera bem demais a dor de perder um companheiro assim. Tinha decidido nunca mais me vincular de novo.*

Rolfe estava me olhando, incrédulo. Quase com horror.

— Você se vinculou duas vezes antes do lobo? E perdeu os dois companheiros? — Sacudiu a cabeça, negando que pudesse ser verdade. — Você é muito novo, até para um primeiro vínculo.

Encolhi os ombros.

— Era só uma criança quando Narigudo e eu nos juntamos. Ele foi afastado de mim, por alguém que sabia algo sobre vínculos e não achava que fosse bom para nenhum de nós. Mais tarde, voltei a encontrá-lo, mas foi no fim dos seus dias. E o outro cachorro a que me vinculei…

Rolfe estava me olhando com uma aversão tão fervente quanto a que Bronco tinha pela Manha, enquanto Azevinha sacudia silenciosamente a cabeça.

— Você se vinculou em criança? Perdoe-me, mas isso é uma perversão. Assim como permitir que uma garotinha se case com um homem feito. Uma criança não está pronta para partilhar a vida completa de um animal; todos os pais do Sangue Antigo que eu conheço protegem com muito cuidado os filhos de tais contatos. — A compreensão lhe tocou o rosto. — Ainda assim, deve ter sido terrível para o seu amigo de vínculo ser tirado de você. Mas quem o fez, fez a coisa certa, quaisquer que tenham sido os seus motivos. — Olhou-me mais de perto. — Estou surpreso que você tenha sobrevivido, sem saber nada sobre os costumes do Sangue Antigo.

— Raramente se fala disso no lugar de onde venho. E quando se fala, é chamado de Manha e é considerada uma coisa vergonhosa.

— Até os seus pais lhe disseram isso? Pois embora eu bem saiba como o Sangue Antigo é visto e todas as mentiras que se contam sobre ele, normalmente não as ouvimos dos nossos pais. Os nossos pais prezam as nossas linhagens e nos ajudam a arranjar parceiros apropriados quando chega o momento, para que o nosso sangue não se dilua.

Afastei os olhos do seu olhar franco para o olhar fixo e aberto de Azevinha.

— Não conheci os meus pais. — Mesmo anonimamente, as palavras não saíram com facilidade. — A minha mãe me entregou à família do meu pai quando eu tinha seis anos. E o meu pai decidiu não… ficar perto de mim. Seja como for, suspeito que o Sangue Antigo tenha vindo do lado da minha mãe. Não me recordo de nada dela ou da sua família.

— Seis anos? E não se lembra de nada? Certamente ela lhe ensinou alguma

coisa antes de entregá-lo, transmitiu-lhe alguns conhecimentos para você se proteger…?

Suspirei.

— Não me recordo de nada dela. — Há muito tempo me cansara das pessoas me dizerem que eu devia me lembrar de algo dela, que a maior parte das pessoas tinha recordações que remetiam até aos três anos, ou até antes.

Rolfe Negro fez um som grave com a garganta, entre um rosnado e um suspiro.

— Bem, alguém lhe ensinou alguma coisa.

— Não — eu disse, seco, cansado da discussão. Queria dar um fim a ela, então recorri à tática mais antiga que conhecia para distrair as pessoas quando faziam perguntas demais sobre mim. — Fale-me sobre você — pedi-lhe. — O que sua mãe lhe ensinou, e como?

Ele sorriu, fazendo com que o rosto gordo enrugasse em volta dos olhos, tornando-os menores.

— Ela levou vinte anos para me ensinar. Você tem esse tempo para me ouvir? — Ao ver a minha expressão, acrescentou: — Não, eu sei que só perguntou para puxar conversa. Mas ofereço o que vejo que lhe faz falta. Fique conosco durante algum tempo. Ensinaremos o que vocês dois precisam saber. Mas não aprenderão em uma hora ou em um dia. Levará meses. Talvez anos.

Azevinha falou de súbito do canto, numa voz calma.

— Também poderíamos lhe arranjar uma parceira. Ele talvez servisse para a filha de Olita. Ela é mais velha, mas talvez o faça sossegar.

Rolfe deu um largo sorriso.

— Não é mesmo típico de mulher? Conhece-o há cinco minutos e já está lhe arranjando casamento.

Azevinha falou diretamente para mim. O seu sorriso era pequeno, mas caloroso.

— Vita está vinculada a um corvo. Vocês quatro caçariam bem juntos. Fique conosco. Vai conhecê-la e gostar dela. O Sangue Antigo deve juntar-se a Sangue Antigo.

Recuse educadamente, sugeriu de imediato Olhos-de-Noite. *Já é ruim o suficiente arranjar covil entre os homens. Se começar a dormir perto de ursos, federá de tal maneira que nunca mais conseguiremos caçar bem. E eu também não tenho qualquer desejo de partilhar a caça com um corvo provocador*. Fez uma pausa. *A menos que conheçam uma mulher que esteja vinculada a uma loba?*

Um sorriso torceu-se no canto da boca de Rolfe Negro. Suspeitei que ele estava mais consciente do que nós dizíamos do que deixava transparecer, e eu disse isso mesmo a Olhos-de-Noite.

— É uma das coisas que eu poderia lhe ensinar, se decidisse ficar — propôs Rolfe. — Quando vocês dois falam, para alguém do Sangue Antigo é como se estivessem gritando um com o outro por cima do chocalhar da carroça de um funileiro. Não há necessidade de ser tão… escancarado. Você se dirige apenas a um lobo, não a toda a família dos lobos. Não. Ainda é mais do que isso. Duvido que alguma coisa que coma carne não esteja consciente de vocês dois. Diga-me. Quando foi a última vez que encontrou um grande carnívoro?

Fui perseguido por cães há algumas noites, disse Olhos-de-Noite.

— Os cães marcam uma posição e ladram para defender o território — objetou Rolfe. — Eu falava de carnívoros selvagens.

— Acho que não vi nenhum desde que nos vinculamos — admiti com relutância.

— Eles o evitarão tão certamente quanto os Forjados o seguirão — disse calmamente Rolfe Negro.

Um arrepio percorreu minha espinha.

— Forjados? Mas os Forjados parecem não ter qualquer Manha. Não os sinto com o meu sentido da Manha de modo algum, só com os olhos, o nariz, ou…

— Para os seus sentidos do Sangue Antigo, todas as criaturas emitem um calor de parentesco. Todas menos os Forjados. Não é verdade?

Assenti, inquieto.

— Eles o perderam. Não sei como é roubado deles, mas é o que a Forja faz. E deixa neles um vazio. Isto é bem sabido entre aqueles do Sangue Antigo, e também sabemos que estamos mais sujeitos a sermos perseguidos e atacados pelos Forjados. Especialmente se usamos esses talentos de forma descuidada. O motivo por que as coisas são assim ninguém sabe dizer com certeza. Talvez só os Forjados saibam, se é que ainda "sabem" realmente alguma coisa. Mas isso nos dá mais um motivo para termos cuidado conosco e com os nossos talentos.

— Está sugerindo que Olhos-de-Noite e eu devíamos nos abster de usar a Manha?

— Estou sugerindo que talvez você devesse ficar aqui durante algum tempo, para demorar o quanto for preciso para aprender a dominar os talentos do Sangue Antigo. Senão poderá se ver em mais batalhas como aquela que travou ontem. — Ele se permitiu um pequeno sorriso.

— Não lhe disse nada sobre esse ataque — eu disse em voz baixa.

— Não precisou — observou ele. — Tenho certeza de que todos os do Sangue Antigo o ouviram por léguas ao redor quando você lutou com eles. Até que ambos aprendam a controlar o modo como falam um com o outro, nada entre vocês é verdadeiramente privado. — Fez uma pausa, e acrescentou: — Nunca achou estranho que os Forjados perdessem tempo atacando um lobo quando não há aparentemente nada a ganhar com tal ataque? Só se concentram nele porque está vinculado a você.

Lancei um olhar breve de desculpa a Olhos-de-Noite.

— Agradeço a oferta. Mas temos uma coisa que precisamos fazer e ela não pode esperar. Acho que iremos encontrar menos Forjados à medida que avançarmos para o interior. Não devemos ter problemas.

— Isso é provável. Aqueles que vão muito para o interior são recolhidos pelo rei. Apesar disso, todos os que restarem serão atraídos até você. Mas mesmo que não encontre mais Forjados, é provável que encontre os guardas do rei. Eles têm um interesse especial por Manhosos ultimamente. Nos últimos tempos, muitos dos do Sangue Antigo foram vendidos ao rei, por vizinhos, e até por familiares. O seu ouro é bom, e ele nem sequer pergunta se há muitas provas de que as pessoas são mesmo do Sangue Antigo. Há anos que a vingança contra nós não ardia tão forte.

Afastei o olhar com desconforto, bem ciente do motivo por que Majestoso caçava os possuidores de Manha. O seu círculo o apoiaria nesse ódio. Senti-me nauseado ao pensar nas pessoas inocentes que eram vendidas a Majestoso para que ele pudesse se vingar nelas em vez de mim. Tentei manter a raiva que sentia escondida.

Hilda voltou à mesa, examinou-a com ar pensativo, e depois pegou o pote que continha os favos com ambas as patas. Gingou com cuidado para longe da mesa, para ir sentar-se no seu canto e dar início a uma lambida atenta do pote. Azevinha continuou a me observar. Eu não conseguia ler nada nos seus olhos.

Rolfe Negro coçou a barba, e então estremeceu quando os seus dedos encontraram um ponto dolorido. Deu-me um sorriso cuidadoso e pesaroso.

— Posso simpatizar com o seu desejo de matar o Rei Majestoso. Mas não creio que será tão fácil como supõe.

Apenas olhei para ele, mas Olhos-de-Noite produziu um ligeiro rosnado com o fundo da garganta. Hilda ergueu os olhos ao ouvir aquilo e caiu de quatro, fazendo com que o pote de mel rolasse pelo chão. Rolfe Negro olhou-a de relance e ela voltou a sentar-se, mas fitou nós dois com um olhar furioso. Não creio que exista algo mais capaz de gelar o estômago do que um olhar furioso de

um urso pardo. Não me movi. Azevinha endireitou-se na sua cadeira, mas manteve-se calma. Acima de nós, nas vigas, Nevinha sacudiu a plumagem.

— Se você ladra todos os seus planos e agravos à lua noturna, não pode ficar espantado por outros conhecê-los. Não acho que você encontrará muitos do Sangue Antigo que vejam o Rei Majestoso com simpatia… ou algum, talvez. De fato, muitos estariam dispostos a ajudá-lo se você lhes pedisse. Ainda assim, o silêncio é mais sensato, para um plano como esse.

— A julgar pela canção que cantou há pouco, suspeito que você partilhe dos meus sentimentos — eu disse em voz baixa. — E lhe agradeço pelo aviso. Mas Olhos-de-Noite e eu já tivemos de ser circunspectos antes quanto ao que partilhávamos um com o outro. Agora que sabemos que existe perigo de sermos ouvidos, acho que podemos compensar isso. Mas há uma pergunta que lhe quero fazer. O que importa à Guarda da Cidade de Pescoço de Corvo se um homem toma algumas bebidas e canta uma canção de zombaria sobre o… rei? — Tive de forçar a palavra a sair da minha garganta.

— Absolutamente nada, quando são homens de Pescoço de Corvo. Mas esse não é mais o caso em Pescoço de Corvo, nem em nenhuma das vilas da estrada do rio. Estes são guardas do rei, com a libré da Guarda de Pescoço de Corvo, e pagos da bolsa da vila, mas não deixam por isso de ser Homens do Rei. Majestoso ainda não era rei há dois meses quando decretou essa mudança. Afirmou que a lei seria imposta mais equitativamente se os Guardas de Cidade fossem todos Homens do Rei juramentados, mantendo a lei dos Seis Ducados acima de qualquer outra. Bem. Você viu como eles a mantêm… principalmente metendo no bolso tudo o que conseguem tirar de qualquer pobre diabo que pise nos calos do rei. Apesar de tudo, aqueles dois de Pescoço de Corvo não são tão ruins como alguns de que ouvi falar. Segundo se diz, lá embaixo em Curvadareia um batedor de carteiras ou ladrão pode ganhar a vida facilmente, desde que a Guarda receba uma parte. Os chefes da vila são impotentes para demitir os guardas que o rei nomeou. E também não têm autorização para suplementá-los com os seus próprios homens.

Aquilo parecia mesmo coisa de Majestoso. Perguntei a mim mesmo quão obcecado ele ficaria com o poder e o controle. Colocaria espiões para espionar os seus espiões? Ou já havia feito isso? Nada daquilo pressagiava boas coisas para os Seis Ducados como um todo.

Rolfe Negro interrompeu minha reflexão.

— E agora, tenho uma pergunta que quero lhe fazer.

— Pergunte à vontade — convidei, mas reservei para mim o quão livremente

responderia.

— Na madrugada de ontem… depois de ter acabado com os Forjados. Outro o atacou. Não consegui detectar quem era, apenas que o seu lobo o defendeu e que ele, de algum modo foi… para algum lugar. Que atirou as suas forças para um canal que eu não compreendi, nem consegui seguir. Nada mais sei além de que ele, e você, saíram vitoriosos. O que era aquela coisa?

— Um servo do rei — esquivei-me. Não queria lhe recusar inteiramente uma resposta, e dizer aquilo parecia inofensivo, uma vez que ele parecia já sabê-lo.

— Você enfrentou aquilo que eles chamam de Talento. Não foi? — Os seus olhos prenderam-se nos meus. Quando não respondi, ele prosseguiu mesmo assim. — Há muitos de nós que gostariam de saber como isso foi feito. No passado, os Talentosos nos caçaram como se fôssemos pragas. Nem um dos do Sangue Antigo pode dizer que a sua família não sofreu nas mãos deles. Agora esses dias voltaram. Se houver uma maneira de usar os talentos do Sangue Antigo contra aqueles que brandem o Talento dos Visionários, esse é um conhecimento que vale muito para nós.

Azevinha saiu sorrateiramente do canto, e então veio agarrar as costas da cadeira de Rolfe e me olhar por cima do seu ombro. Senti a importância que a minha resposta tinha para eles.

— Não posso lhe ensinar isso — eu disse com honestidade.

O seu olhar sustentou o meu, com uma descrença evidente.

— Esta noite, por duas vezes me ofereci para lhe ensinar tudo o que sei sobre o Sangue Antigo, para abrir a você todas as portas que só a sua ignorância mantém fechadas. Você me recusou, mas, por Eda, eu ofereci e de livre vontade. Porém, esta única coisa que peço, esta única coisa que pode salvar tantas das nossas vidas, você diz que não pode me ensinar?

Os meus olhos tremeluziram para Hilda. Os da ursa haviam se transformado de novo em contas brilhantes. Era provável que Rolfe Negro não percebesse como a sua postura imitava a da sua ursa. Ambos me fizeram medir a distância até a porta, enquanto Olhos-de-Noite já estava de pé e pronto para fugir. Por trás de Rolfe, Azevinha inclinou a cabeça e me fitou. Acima de nós, o falcão virou a cabeça para nos observar. Forcei-me a descontrair os músculos, a me comportar com mais calma do que sentia. Era uma tática aprendida com Bronco para confrontar qualquer animal agitado.

— Estou lhe dizendo a verdade — eu disse com cuidado. — Não posso lhe ensinar aquilo que eu mesmo não compreendo por inteiro. — Evitei mencionar que eu mesmo possuía esse desprezado sangue Visionário. Eu tinha agora

certeza daquilo que antes só suspeitara. A Manha só podia ser usada para atacar um Talentoso se um canal de Talento tivesse sido aberto entre os oponentes. Mesmo se eu tivesse sido capaz de descrever o que Olhos-de-Noite e eu tínhamos feito, ninguém mais teria conseguido copiá-lo. Para combater o Talento com a Manha era preciso possuir tanto o Talento como a Manha. Olhei calmamente nos olhos de Rolfe Negro, sabendo que lhe dissera a verdade.

Lentamente, ele descontraiu os ombros curvados, e Hilda voltou a cair de quatro e foi farejar o rastro de mel que se derramara.

— Talvez — disse ele, com uma calma teimosia —, talvez se você ficasse conosco e aprendesse aquilo que tenho para lhe ensinar, você começasse a compreender o que faz. Então poderia me ensinar. O que acha?

Mantive a voz calma e firme.

— Você testemunhou um ataque de um dos servos de Majestoso contra mim na noite passada. Acha que eles tolerarão que eu permaneça aqui e aprenda mais coisas para usar contra eles? Não. A minha única chance é enfrentá-los no seu covil antes que venham à minha procura. — Hesitei, e depois disse: — Embora eu não possa lhe ensinar a fazer o que faço, pode ter certeza de que isso será usado contra os inimigos do Sangue Antigo.

Aquele, finalmente, era um raciocínio que ele podia aceitar. Fungou várias vezes com um ar pensativo. Perguntei desconfortavelmente a mim mesmo se teria tantos maneirismos de lobo como ele tinha de urso e Azevinha de falcão.

— Pelo menos passará a noite aqui? — perguntou ele de súbito.

— Gostamos mais quando viajamos de noite — respondi com pesar. — É mais confortável para nós dois.

Ele assentiu com um ar circunspecto ao ouvir aquilo.

— Bem. Desejo-lhe toda a boa sorte do mundo para atingir o seu objetivo. É bem-vindo para descansar aqui em segurança até o nascer da lua, se quiser.

Consultei Olhos-de-Noite e aceitamos com gratidão. Verifiquei o corte no ombro de Olhos-de-Noite e descobri que não estava melhor do que eu suspeitara. Tratei-o com um pouco do unguento de Bronco, e ele estendeu-se lá fora à sombra e cochilou durante o resto da tarde. Foi bom para ambos podermos relaxar por completo, sabendo que outros nos vigiavam. Foi o melhor sono que qualquer um de nós tivera desde que iniciáramos a viagem. Quando acordamos, descobri que Rolfe Negro arranjara peixe, mel e pão para levarmos conosco. Não havia sinal do falcão. Imaginei que fora se empoleirar para a noite. Azevinha estava nas sombras perto da casa, olhando para nós com um ar sonolento.

— Vão com cuidado, vão devagar — aconselhou-nos Rolfe depois de termos

lhe agradecido e guardado os seus presentes. — Caminhem pelos caminhos que Eda abriu para vocês.

Fez uma pausa, como que esperando uma resposta. Detectei um costume que não me era familiar. Desejei-lhe simplesmente:

— Boa sorte — e ele respondeu com um aceno.

— Você regressará, sabia? — acrescentou.

Sacudi lentamente a cabeça.

— Duvido. Mas agradeço por aquilo que me deu.

— Não. Eu sei que regressará. Não é questão de você querer aquilo que posso lhe ensinar. Descobrirá que precisa dessas coisas. Você não é um homem como os homens comuns. Eles acham que têm direito a todos os animais; a caçá-los e a comê-los, ou a subjugá-los e governar as suas vidas. Você sabe que não tem esse direito de domínio. O cavalo que o transporta o faz porque deseja fazê-lo, tal como o lobo que caça ao seu lado. Você possui uma percepção mais profunda do seu lugar no mundo. Acredita que tem direito, não a governá-lo, mas a fazer parte dele. Predador ou presa; não há vergonha em ser uma coisa ou a outra. À medida que o tempo for passando, você descobrirá que tem perguntas urgentes. O que deve fazer quando o seu amigo quiser correr com uma alcateia de lobos verdadeiros? Garanto-lhe que esse dia chegará. O que ele deve fazer se você casar e tiver um filho? Quando chegar a hora de um de vocês morrer, como terá de chegar, como o outro dará espaço para o que restar e prosseguirá sozinho? A seu tempo, você desejará ardentemente a companhia de outros da sua espécie. Precisará saber como detectá-los e como procurá-los. Há respostas para essas perguntas, respostas do Sangue Antigo, respostas que não posso lhe dar em um dia, respostas que você não pode compreender em uma semana. Você precisa dessas respostas. E regressará por elas.

Baixei os olhos para o solo pisado do caminho da floresta. Eu perdera toda a certeza de que não regressaria para junto de Rolfe.

Azevinha falou suave, mas claramente de entre as sombras.

— Acredito naquilo que você vai fazer. Desejo-lhe sucesso, e eu o ajudaria se pudesse. — Os seus olhos saltaram para Rolfe, como se aquele fosse um assunto que tivessem discutido, mas sobre o qual não haviam concordado. — Se estiver em necessidade, grite, como faz com Olhos-de-Noite, pedindo que qualquer dos do Sangue Antigo que o ouça transmita a mensagem a Azevinha e Nevinha, de Pescoço de Corvo. Aqueles que ouvirem poderão ir em seu auxílio. Mesmo se não forem, irão me enviar a mensagem, e eu farei o que puder.

Rolfe soltou um suspiro súbito e irritado.

— Nós faremos o que pudermos — emendou as palavras dela. — Mas seria mais sensato se ficasse aqui e aprendesse primeiro a proteger-se melhor.

Respondi às suas palavras com um aceno, mas em privado decidi que não envolveria nenhum deles na minha vingança contra Majestoso. Quando ergui os olhos para Rolfe, ele deu um sorriso enviesado e encolheu os ombros.

— Vá, então. Mas tenham cuidado, vocês dois. Antes de a lua descer, vocês terão Cervo para trás e estarão em Vara. Se acham que o Rei Majestoso nos domina aqui, esperem até chegarem a um lugar onde as pessoas acreditam que ele tem o direito de fazer isso.

Respondi àquilo com um aceno sombrio, e mais uma vez Olhos-de-Noite e eu seguimos caminho.

CAPÍTULO 7

Vara

A Dama Paciência, a Senhora de Torre do Cervo, como veio a ser conhecida, subiu ao poder de uma forma única. Ela nascera numa família nobre e era, por nascimento, uma dama. Fora promovida à posição mais elevada de Princesa Herdeira pelo seu casamento precipitado com o Príncipe Herdeiro Cavalaria. Nunca se impusera em nenhuma dessas posições para tomar o poder que o nascimento e o casamento lhe haviam trazido. Foi apenas quando ficou só, quase abandonada como a excêntrica Dama Paciência em Torre do Cervo, que reuniu para si as rédeas da influência. Ela o fez, como fizera todas as outras coisas na sua vida, de um modo desorganizado e peculiar que não teria propiciado absolutamente nada a qualquer outra mulher.

Não recorreu aos contatos da família nobre, nem fez uso de contatos influentes baseados na posição do falecido marido. Em vez disso, começou pelo nível mais baixo de poder, os chamados homens-de-armas, que eram com igual frequência mulheres. Os poucos que restavam da guarda pessoal do Rei Sagaz e da guarda da Rainha Kettricken tinham sido deixados na peculiar posição de guardiões sem nada a guardar. A Guarda de Torre do Cervo fora suplantada nos seus deveres pelas tropas pessoais que Dom Brilhante trouxera consigo de Vara, e haviam sido relegados para tarefas menores que envolviam a limpeza e a manutenção do castelo. Os antigos guardas eram pagos de forma errática, tinham perdido o respeito entre e por si, e estavam com muita frequência ociosos ou ocupados com tarefas que os rebaixavam. A Dama Paciência, sob o pretexto de não estarem ocupados, começou a solicitar os seus serviços. Começou pedindo uma guarda quando de repente passou a sair montada no seu velho palafrém, Seda. Cavalgadas de uma tarde foram gradualmente se prolongando até se transformarem em incursões de um dia inteiro e depois em visitas de mais do que um dia a aldeias que haviam sido atacadas ou temiam ataques. Nas aldeias atacadas, ela e a sua aia, Renda, faziam o que podiam pelos feridos, registravam uma contagem dos mortos ou Forjados, e forneciam, sob a forma da guarda que traziam, costas fortes para ajudar na limpeza de detritos nas ruas

principais e no levantamento de abrigos temporários para as pessoas deixadas sem casa. Isso, embora não constituísse um verdadeiro trabalho para combatentes, era uma lembrança penetrante daquilo que haviam sido treinados para combater e do que acontecia quando não havia defensores. A gratidão do povo que ajudavam devolvia à guarda o orgulho e a coesão interna. Nas aldeias não atacadas, a guarda era uma pequena ostentação de força que mostrava que Torre do Cervo e o orgulho Visionário ainda existiam. Em várias vilas e aldeias foram erguidas paliçadas improvisadas, para trás das quais as pessoas podiam se retirar, obtendo uma pequena chance de se defenderem contra os Salteadores.

Não há registro dos sentimentos de Dom Brilhante com relação às incursões da Dama Paciência. Ela nunca declarou essas expedições de nenhuma forma oficial. Eram os seus passeios de prazer, os guardas que a acompanhavam haviam se voluntariado para fazê-lo, e o mesmo acontecia com os deveres que ela lhes atribuía nas aldeias. Alguns, quando começavam a conquistar a sua confiança, faziam "serviços" para ela. Esses serviços podiam envolver o transporte de mensagens até castelos distantes em Rasgão, Vigas e até Razos, pedindo novidades sobre como as vilas costeiras estavam e transmitindo notícias de Cervo; levavam os mensageiros dela para dentro ou através de territórios ocupados e eram repletos de perigos. Seus mensageiros frequentemente recebiam um broto da hera que ela cultivava durante todo o ano nos seus aposentos, como símbolo a ser apresentado aos receptores das suas mensagens e de seu apoio. Foram escritas várias baladas sobre os chamados Corredores da Hera, falando da bravura e desenvoltura que mostravam, e nos fazendo lembrar que mesmo as maiores muralhas têm de ceder, a seu tempo, à hera trepadeira. A façanha mais famosa talvez seja a de Amor-Perfeito, a mais jovem entre os corredores. Aos onze anos, viajou até onde a Duquesa de Vigas se encontrava escondida nas Grutas de Gelo de Vigas para lhe levar novidades sobre onde e quando um barco com provisões chegaria à praia. Durante parte dessa viagem, Amor-Perfeito viajou sem ser descoberta entre as sacas de cereais numa carroça requisitada pelos Salteadores. Escapou do meio de um acampamento de Salteadores para prosseguir com a sua missão, mas só após ter incendiado a tenda na qual dormia o seu líder, em vingança pelos pais Forjados. Amor-Perfeito não viveu para chegar aos treze anos, mas os seus feitos serão lembrados por muito tempo.

Outros ajudaram Paciência a trocar as suas joias e terras ancestrais por dinheiro, o qual depois empregou "como lhe aprouve, como era seu direito", segundo disse uma vez a Dom Brilhante. Comprou cereais e ovelhas do interior,

e mais uma vez os seus "voluntários" trataram do transporte e distribuição dessas coisas. Pequenos barcos de abastecimento levaram esperança a defensores fortificados. Fez pagamentos simbólicos a pedreiros e carpinteiros que ajudaram a reconstruir aldeias assoladas. E deu dinheiro, não muito, mas acompanhado pelos seus mais sinceros agradecimentos, àqueles guardas que se voluntariavam para lhe prestar assistência.

Quando o símbolo da Hera se tornou de uso comum entre a Guarda de Torre do Cervo, isso só serviu para reconhecer algo que já era um fato. Aqueles homens e mulheres eram a guarda da Dama Paciência, pagos por ela quando chegavam a ser pagos, mas, o que era mais importante para eles, apreciados e utilizados por ela, tratados por ela quando eram feridos e ferozmente defendidos pela sua língua ácida contra qualquer um que falasse deles com desdém. Foram eles a fundação da sua influência e a base da força que veio a possuir. "Uma torre raramente desmorona de baixo para cima", disse ela mais de uma vez, e afirmou ter ouvido o dito do Príncipe Cavalaria.



Tínhamos dormido bem e as nossas barrigas estavam cheias. Sem necessidade de caçar, viajamos a noite inteira. Permanecemos longe da estrada e fomos muito mais cautelosos do que tínhamos sido até aí, mas não encontramos nenhum Forjado. Uma grande lua branca nos prateou um caminho por entre as árvores. Nós nos movíamos como uma só criatura, quase sem pensar, exceto para catalogar os odores que encontrávamos e os sons que ouvíamos. A gélida determinação que tomara conta de mim infectara também Olhos-de-Noite. Não queria lhe anunciar descuidadamente o meu desígnio, mas podíamos pensar nele sem nos concentrarmos nele. Era um tipo diferente de impulso de caça, alimentado por um tipo diferente de fome. Nessa noite deixamos milhas para trás sob o olhar perscrutador da lua.

Havia uma lógica de soldado naquilo, uma estratégia que Veracidade teria aprovado. Vontade sabia que eu estava vivo. Eu não sabia se ele iria revelar isso aos outros membros do círculo, ou mesmo a Majestoso. Suspeitava de que ele estava ansioso para sugar a minha força de Talento da mesma forma que Justino e Serena haviam sugado a do Rei Sagaz. Suspeitava de que haveria um êxtase obsceno com tal roubo de poder, e de que Vontade desejaria saboreá-lo sozinho. Também me sentia bastante seguro de que ele iria me procurar, determinado a me fazer sair de onde quer que eu estivesse escondido. Vontade também sabia que eu sentia pavor dele. Ele não esperaria que eu fosse direto na sua direção,

determinado não só a matá-lo e o círculo, mas também Majestoso. A minha rápida marcha para Vaudefeira poderia ser a melhor estratégia para me manter escondido dele.

A reputação de Vara é de ser tão aberta quanto Cervo é escarpado e arborizado. Aquela primeira alvorada nos encontrou uma espécie de floresta que não nos era familiar, mais aberta e decídua. Deitamo-nos para passar o dia numa pequena mata de bétulas numa colina pouco íngreme com vista para pasto aberto. Pela primeira vez desde o combate, tirei a camisa e examinei o ombro à luz do dia, onde o porrete me atingira. Estava preto e azul, e doía se tentasse erguer o braço acima da cabeça. Mas era tudo. Pouco importante. Três anos antes, eu o consideraria um ferimento sério. Eu o teria banhado em água fria e o teria coberto com uma cataplasma de ervas para apressar a cura. Agora, embora me deixasse o ombro inteiro de cor púrpura e me desse pontadas sempre que o mexia, era apenas um hematoma, e deixei que sarasse sozinho. Dei um sorriso irônico para mim mesmo enquanto voltava a vestir a camisa.

Olhos-de-Noite não se mostrou paciente quando eu examinei o corte no seu ombro. Estava começando a fechar. Quando afastei o pelo das bordas do corte, ele virou-se subitamente para trás e agarrou meu pulso com os dentes. Não com dureza, mas firmemente.

Deixe isso em paz. Irá curar.

Há sujeira lá dentro.

Ele farejou a ferida e lhe deu uma lambida pensativa. *Não muita.*

Deixe-me ver a ferida.

Você nunca apenas vê. Você cutuca.

Então fique quieto e me deixe cutucá-la.

Ele consentiu, mas sem graciosidade. Havia pedaços de capim enfiados no ferimento que tinham de ser arrancados de lá. Ele agarrou meu pulso mais de uma vez. Por fim, me deu um rosnado profundo que fez com que eu soubesse que ele já havia tido o suficiente. Eu não estava satisfeito. Foi com dificuldade que ele tolerou que eu pusesse um pouco do unguento de Bronco no corte.

Você se preocupa demais com essas coisas, informou-me ele num tom irritável.

Detesto que você esteja ferido por minha causa. Não está certo. Esse não é o tipo de vida que um lobo devia levar. Você não devia estar sozinho, vagando de lugar em lugar. Devia estar com uma alcateia, caçando no seu território, talvez arranjando um dia uma parceira.

Um dia é um dia, e isso talvez aconteça, ou talvez não aconteça. Isso é coisa

de homem, preocupar-se com coisas que podem ou não vir a acontecer. Não se pode comer a carne até matá-la. E além do mais, eu não estou sozinho. Estamos juntos.

Isso é verdade. Estamos juntos. Deitei-me ao lado de Olhos-de-Noite para dormir.

Pensei em Moli. Afastei-a resoluto da cabeça e tentei dormir. Não consegui. Remexi-me irrequieto até que Olhos-de-Noite rosnou, levantou-se, afastou-se de mim e voltou a deitar. Eu fiquei sentado durante algum tempo, olhando para um vale arborizado. Sabia que estava perto de uma decisão tola. Recusei-me a considerar o quão completamente tola e imprudente ela era. Respirei fundo, fechei os olhos e sondei na direção de Moli.

A possibilidade de encontrá-la nos braços de outro homem me horrorizara. Temera a ideia de ouvi-la falando de mim com desprezo. Mas, em vez disso, não consegui encontrá-la. Concentrei os meus pensamentos inúmeras vezes, convoquei todas as minhas energias e sondei na sua direção. Fui finalmente recompensado com uma imagem de Talento de Bronco cobrindo de colmo o telhado de uma cabana. Estava sem camisa e o sol de verão escurecera-o até deixá-lo da cor da madeira polida. Suor lhe escorria pela nuca. Ele olhou para alguém que se encontrava mais abaixo e um aborrecimento lhe surgiu no rosto.

— Eu sei, senhora. Podia fazê-lo sozinha, muito obrigado. Também sei que já tenho preocupações suficientes sem temer que vocês caiam daqui.

Arquejei de esforço em algum lugar e fiquei consciente do meu próprio corpo mais uma vez. Empurrei-me para longe e sondei na direção de Bronco. Pelo menos faria com que soubesse que eu estava vivo. Consegui encontrá-lo, mas o vi através de um nevoeiro.

— Bronco! — chamei. — Bronco, é Fitz! — Mas a sua mente estava fechada e trancada para mim; não consegui apanhar nem mesmo um reflexo dos seus pensamentos. Amaldiçoei a minha capacidade errática para o Talento e voltei a sondar na direção das nuvens rodopiantes.

Veracidade estava diante de mim, de braços cruzados sobre o peito, sacudindo a cabeça. A sua voz não era mais forte do que um sussurro de vento, e ele estava tão imóvel que eu mal podia vê-lo. Contudo, senti que ele usava grande força para me contactar.

— Não faça isso, garoto — avisou-me em voz baixa. — Só irá se machucar. — E de súbito me vi num lugar diferente. Ele estava encostado em um grande bloco de pedra preta e o seu rosto mostrava-se enrugado de cansaço. Veracidade esfregou as têmporas como se sentisse dores. — Eu também não devia estar

fazendo isto. Mas às vezes anseio tanto por… Enfim. Não ligue. Mas saiba disto. Há coisas que é melhor não saber, e os riscos de usar o Talento neste momento são grandes demais. Se eu posso sentir e encontrar você, outro também pode. Ele o atacará de todas as maneiras que puder. Não chame a sua atenção para eles. Não terá escrúpulos em usá-los contra você. Desista deles para protegê-los. — De repente, ele pareceu um pouco mais forte. Deu um sorriso amargo. — Eu sei o que significa fazer isso, desistir deles para mantê-los em segurança. O seu pai também sabia. Você tem a força necessária. Desista de tudo, garoto. Apenas venha até mim. Se ainda estiver inclinado a fazê-lo. Venha até mim, e eu lhe mostrarei o que pode ser feito.

Acordei ao meio-dia. O sol batendo em cheio no meu rosto me dera uma dor de cabeça, e eu me senti ligeiramente abalado com ela. Acendi uma fogueira minúscula, com a intenção de fazer um pouco de chá de casco-de-elfo para me acalmar. Forcei-me a ser frugal com as minhas reservas, usando apenas um pedaço pequeno de casca e complementando com urtigas. Não esperara precisar do chá com tanta frequência. Suspeitava de que devia conservá-lo; poderia precisar dele depois de enfrentar o círculo de Majestoso. Ora, esse era um pensamento otimista. Olhos-de-Noite abriu os olhos para me observar por um momento e depois voltou a adormecer. Sentei-me bebericando o meu chá amargo e olhando a paisagem. O sonho bizarro me deixara com saudades de um tempo e lugar em que as pessoas haviam gostado de mim. Eu deixara tudo isso para trás. Bem, não inteiramente. Sentei-me ao lado de Olhos-de-Noite e botei uma mão no ombro do lobo. Estremeceu a pelagem ao toque. *Vá dormir*, disse-me, rabugento.

Você é tudo o que eu tenho, disse-lhe, cheio de melancolia.

Ele deu um bocejo ocioso. *E sou tudo do que você precisa. Agora vá dormir. Dormir é coisa séria,* disse-me com gravidade. Sorri e voltei a me estender ao lado do meu lobo, com uma mão pousada na sua pelagem. Ele radiou o contentamento simples de uma barriga cheia e de dormir ao sol tépido. Ele tinha razão. Era algo que valia a pena levar a sério. Fechei os olhos e passei o resto do dia dormindo sem sonhos.

Nos dias e noites que se seguiram, a natureza da paisagem mudou para florestas abertas entrecortadas por largas pradarias. Pomares e searas rodeavam as vilas. Uma vez, há muito tempo, viajei por Vara. Na ocasião eu estava com uma caravana e viajamos através dos campos em vez de seguir o rio. Eu era um jovem assassino confiante a caminho de um assassinato importante. Essa viagem acabou na minha primeira experiência verdadeira do caráter traiçoeiro de

Majestoso. Quase não sobrevivi. Agora viajava de novo por Vara, na expectativa de um assassinato no fim da viagem. Porém, desta vez eu seguia sozinho e ao longo do rio, o homem que iria matar era o meu próprio tio e o assassinato era por ordens minhas. Às vezes eu achava isso profundamente satisfatório. Outras vezes, achava assustador.

Mantive a promessa feita a mim mesmo e evitei diligentemente a companhia humana. Seguíamos pela estrada e ao longo do rio, mas quando chegávamos a povoações, nós as contornávamos de longe. Isso era mais difícil de fazer do que se poderia imaginar num território tão aberto. Evitar um vilarejo qualquer em Cervo, situada em uma curva do rio e rodeada por bosques cerrados, fora uma coisa. Atravessar searas ou nos esgueirarmos através de pomares sem despertar os cães ou o interesse de ninguém era outra. Até certo ponto, eu era capaz de garantir aos cães que não pretendíamos nenhum mal. Se os cães fossem crédulos. A maior parte dos cães de fazenda possui uma desconfiança dos lobos que nenhuma quantidade de garantias era capaz de acalmar. E os cães mais velhos eram propensos a ver com maus olhos qualquer ser humano que viajasse na companhia de um lobo. Fomos perseguidos mais de uma vez. A Manha podia me dar a capacidade de me comunicar com alguns animais, mas não garantia que me dariam ouvidos, ou que acreditariam no que lhes dissesse. Os cães não são estúpidos.

Caçar naquelas áreas abertas também era diferente. A maior parte da caça pequena era do tipo que faz tocas e vive em grupos, e os animais maiores simplesmente corriam mais do que nós pelas longas extensões planas de terra. Tempo passado caçando era tempo que não era passado viajando. Ocasionalmente, eu descobria galinheiros que não estavam guardados e me enfiava neles em silêncio para roubar ovos das aves adormecidas. Não sentia escrúpulos em surrupiar ameixas e cerejas dos pomares pelos quais passávamos. A nossa presa mais fortuita foi um jovem e ignorante haragar, um dos suínos de pernas longas que alguns dos povos nômades criavam como animal para abate. Não questionamos de onde aquele se extraviara. Com presa e espada, conseguimos abatê-lo. Deixei que Olhos-de-Noite se empanturrasse até não mais poder naquela noite, e depois o aborreci por cortar o resto da carne em faixas e postas que sequei ao sol sobre uma fogueira pouco intensa. Precisei da maior parte de um dia antes de estar convencido de que a carne gordurosa estava suficientemente seca para aguentar bem, mas nos dias seguintes viajamos mais depressa por causa dela. Quando os animais apareciam, caçávamos e matávamos, mas quando não o faziam, tínhamos o haragar defumado ao qual

recorrer.

E assim seguimos o Rio Cervo para noroeste. Quando nos aproximamos da substancial cidade mercantil de Lago Bode, nós nos desviamos muito dela, e durante algum tempo nos orientamos apenas pelas estrelas. Aquilo era muito mais do agrado de Olhos-de-Noite, pois nos levava a atravessar planícies atapetadas com capim seco e junçosos naquela época do ano. Víamos frequentemente manadas à distância, ou rebanhos de ovelhas ou cabras, e, com pouca frequência, haragares. O meu contato com os nômades que seguiam esses animais limitou-se a vislumbres deles a cavalo, ou a ver as suas fogueiras delineando as tendas cônicas que preferiam quando se instalavam por uma ou duas noites.

Fomos de novo lobos nessas longas noites de trote. Eu havia revertido mais uma vez, mas estava consciente disso e disse a mim mesmo que, enquanto o estivesse, pouco mal me faria. Em verdade, acreditava que me fazia bem. Se eu estivesse viajando com outro ser humano, a vida teria sido complicada. Teríamos discutido rotas, provisões e táticas para quando chegássemos a Vaudefeira. Mas o lobo e eu simplesmente avançávamos a trote, noite após noite, e a nossa existência era tão simples quanto a vida podia ser. A camaradagem entre nós aprofundou-se cada vez mais.

As palavras de Rolfe Negro haviam calado fundo em mim e me haviam dado muito em que pensar. Sob certos aspectos, eu tomara Olhos-de-Noite e o vínculo entre nós como algo certo. Ele já fora um filhote, mas agora era meu igual. E meu amigo. Há quem diga “um cão” ou “um cavalo”, como se todos eles fossem iguais uns aos outros. Eu ouvira um homem chamar uma égua de que era dono há sete anos de “aquilo”, como se estivesse falando de uma cadeira. Nunca compreendi tal atitude. Não é preciso ser Manhoso para conhecer o companheirismo de um animal e saber que a sua amizade é tão rica e complicada quanto a de um homem ou de uma mulher. Narigudo fora um cão amigável, inquisitivo e infantil quando era meu. Ferreirinho fora duro e agressivo, inclinado a intimidar qualquer um que lhe cedesse, e o seu sentido de humor possuíra uma aresta cortante. Olhos-de-Noite era tão diferente deles como era diferente de Bronco ou Breu. Não é qualquer desrespeito para nenhum deles dizer que eu era mais próximo do lobo.

Ele não sabia contar. Mas eu não era capaz de distinguir o odor de veado no ar e dizer se era de um macho ou de uma fêmea. Se ele não conseguia fazer planos para além do dia depois de amanhã, eu tampouco possuía a feroz concentração que ele podia aplicar a uma perseguição. Havia diferenças entre nós; nenhum

dos dois reclamava superioridade. Nenhum dava uma ordem ao outro, ou esperava do outro uma obediência incondicional. As minhas mãos eram coisas úteis para remover cerdas de porco-espinho, carrapatos e espinhos e para coçar pontos particularmente comichosos e difíceis de alcançar no seu dorso. A minha altura me dava uma certa vantagem em avistar caça e em vigiar o terreno. Por isso, mesmo quando ele se apiedava de mim por causa dos meus "dentes de vaca" e pobre visão noturna, e um nariz ao qual se referia como uma protuberância adormecida entre os meus olhos, ele não me olhava com menosprezo. Ambos sabíamos que a sua habilidade para a caça era responsável pela maior parte da carne que comíamos. Mas ele nunca me recusara uma parte igual. Encontrem isso num homem, se puderem.

— Senta, cão! — disse-lhe uma vez, brincando. Estava esfolando cautelosamente um porco-espinho que eu havia matado com um porrete depois de Olhos-de-Noite ter insistido em persegui-lo. Na sua avidez de chegar à carne, ele estava prestes a nos encher de cerdas. Sentou-se com um tremor impaciente nos quartos traseiros.

Por que os homens falam assim?, perguntou enquanto eu puxava com cuidado a beira da pele espinhosa.

— Como?

Dando ordens. O que dá a um homem o direito de dar ordens a um cão, se não são alcateia?

— Alguns são alcateia, ou quase — eu disse em voz alta, pensativo. Puxei a pele com força, segurando-a por uma aba de pelo da barriga, onde não havia cerdas, e cortando ao longo do tegumento exposto. A pele fez um som de rasgo enquanto se soltava da carne gordurosa. — Há homens que pensam que têm esse direito — prossegui depois de um momento.

Por quê?, insistiu Olhos-de-Noite.

Fiquei surpreso por nunca ter pensado nisso antes.

— Há homens que pensam que são melhores do que os animais — respondi lentamente. — Que têm o direito de usá-los ou comandá-los de qualquer forma que quiserem.

Você pensa assim?

Não respondi logo. Manejei a lâmina ao longo da linha entre a pele e a gordura, mantendo um puxão constante na pele enquanto contornava o ombro do animal. Eu montava um cavalo quando o tinha, não montava? Seria porque era melhor do que o cavalo que eu o dobrara à minha vontade? Usara cães para caçar por mim, e de vez em quando falcões. Que direito eu tinha de comandá-

los? E ali estava eu, arrancando a pele de um porco-espinho para comê-lo. Falei lentamente.

— Somos melhores do que este porco-espinho que estamos prestes a comer? Ou será apenas o caso de termos levado a melhor sobre ele hoje?

Olhos-de-Noite inclinou a cabeça, observando a minha faca e as mãos que limpavam carne para ele. *Eu acho que sou sempre mais esperto do que um porco-espinho. Mas não melhor. Talvez o matemos e comamos porque podemos. Assim como,* e esticou languidamente as patas da frente, *assim como eu tenho um humano bem treinado para esfolar estas coisas espinhosas por mim, para que eu possa saboreá-las melhor*. Botou a língua de fora para mim, e ambos sabíamos que aquilo era só parte da resposta ao quebra-cabeças. Passei a faca ao longo da coluna do porco-espinho, e a pele ficou finalmente solta.

— Eu devia fazer uma fogueira e me ver livre de um pouco desta gordura antes de comê-la — eu disse num tom pensativo. — Caso contrário, vou ficar indisposto.

Apenas dê a minha parte e faça o que quiser com a sua, instruiu-me Olhos-de-Noite com arrogância. Eu cortei em volta das patas de trás, e então soltei as articulações e cortei os tendões que as prendiam. Era carne mais do que suficiente para mim. Deixei-as na pele do porco-espinho enquanto Olhos-de-Noite arrastava a sua parte para longe. Acendi uma pequena fogueira enquanto ele esmagava ossos e enfiei as pernas num espeto para cozinhá-las.

— Não penso que sou melhor do que você — eu disse em voz baixa. — Realmente não acho que eu seja melhor do que qualquer animal. Embora, como você diz, eu seja mais esperto do que alguns.

Porcos-espinhos, talvez, observou ele com benevolência. *Mas um lobo? Acho que não.*

Viemos a conhecer cada nuance do comportamento do outro. Por vezes éramos ferozmente competentes na caça, descobrindo a mais intensa alegria numa perseguição e numa matança, movendo-nos com propósito e perigo pelo mundo. Em outras vezes brigávamos como cachorrinhos, empurrando um ao outro para fora do caminho, para dentro dos arbustos, beliscando-nos e nos mordiscando enquanto avançávamos, assustando a caça antes mesmo de chegarmos a vê-la. Havia dias em que passávamos cochilando as horas do fim da tarde antes de nos levantarmos para caçar e depois viajar, com o sol quente nas barrigas ou nas costas, e os insetos zumbindo num som que era como o próprio sono. Então o grande lobo podia rolar e ficar de costas como um filhote, suplicando-me que lhe coçasse a barriga e examinasse as orelhas em busca de carrapatos e pulgas, ou

simplesmente que o coçasse todo em volta da garganta e pescoço. Nas manhãs gélidas e brumosas, enrolávamo-nos junto um do outro para encontrar algum calor antes de dormir. Às vezes eu era acordado por um focinho frio que se espetava rudemente no meu nariz; quando tentava me sentar, eu descobria que ele estava deliberadamente em cima do meu cabelo, prendendo minha cabeça à terra. Em outros momentos eu podia acordar sozinho e descobria Olhos-de-Noite sentado a alguma distância, observando a paisagem circundante. Lembro-me de vê-lo assim, uma silhueta contra o pôr do sol. A ligeira brisa da noite lhe agitava a pelagem. As suas orelhas estavam empinadas para a frente e o seu olhar perdia-se na distância longínqua. Nesse momento senti nele uma solidão que nada vindo de mim poderia alguma vez remediar. Senti-me humilde, e deixei-o em paz, sem sequer sondar na sua direção. Em certos aspectos, para ele, eu não era melhor do que um lobo.

Depois de evitarmos Lago Bode e as vilas circundantes, voltamos a virar para o norte, a fim de chegarmos ao Rio Vim. Era tão diferente do Rio Cervo quanto uma vaca de um garanhão. Cinzento e plácido, deslizava entre campos abertos, oscilando de um lado para o outro no seu largo canal pedregoso. De um dos lados do rio, havia uma trilha que seguia mais ou menos paralela à água, mas a maior parte do tráfego que seguia por ela era composta por cabras e gado bovino. Conseguíamos sempre ouvir quando um rebanho ou manada estavam sendo deslocados, e era com facilidade que os evitávamos. O Vim não era um rio tão navegável quanto o Cervo, visto ser menos profundo e dado a apresentar bancos móveis de areia, mas havia nele algum comércio fluvial. Do lado do Vim que pertencia a Lavra, havia uma estrada muito usada e aldeias frequentes, e até mesmo vilas. Vimos barcaças sendo puxadas rio acima por parelhas de mulas ao longo de certos trechos; deduzi que tal carga teria de ser transportada para além dos baixios. Os povoados do nosso lado do rio pareciam limitados a desembarcadouros e pouco frequentes entrepostos comerciais para os pastores nômades. Podiam apresentar uma estalagem, algumas lojas e um punhado de casas agarradas aos arredores, mas não passavam muito disso. Olhos-de-Noite e eu os evitamos. As poucas aldeias que encontramos do nosso lado do rio estavam desertas naquela época do ano.

Os pastores nômades, que viviam em tendas durante os meses mais quentes, pastoreavam agora as suas manadas nas planícies centrais, deslocando-se calmamente de poço em poço através das ricas terras de pastagem. O capim crescia nas ruas das aldeias e nas paredes das casas de adobe. Havia uma paz naqueles povoados abandonados, e no entanto o vazio continuava a me lembrar

uma aldeia assolada. Nunca nos demorávamos perto delas.

Ambos nos tornamos mais esguios e mais fortes. Os meus sapatos ganharam buracos e tive de remendá-los com couro cru. Os tornozelos das calças ficaram esfarrapados e fiz uma nova bainha na barriga da perna. Cansei-me de lavar a camisa com tanta frequência; o sangue dos Forjados e das nossas presas tinham deixado a parte da frente e os punhos salpicados de castanho. Estava tão remendada e esfarrapada quanto a camisa de um mendigo, e a cor irregular tornava-a ainda mais patética. Um dia a enfiei na trouxa e passei a andar sem camisa. Os dias estavam suficientemente bons para não sentir a sua falta, e durante as noites mais frescas nós viajávamos e o meu corpo produzia o seu próprio calor. O sol me deixou quase tão escuro quanto o meu lobo. Fisicamente, sentia-me bem. Não estava tão forte como fora quando remava e combatia, nem tão musculoso. Porém, sentia-me saudável, ágil e esguio. Conseguia seguir a noite inteira a trote ao lado de um lobo sem ficar cansado. Eu era um animal rápido e furtivo, e comprovei várias vezes a mim mesmo a minha capacidade de sobrevivência. Voltei a ganhar uma boa parte da confiança que Majestoso destruíra. Não que o meu corpo tivesse perdoado e esquecido tudo o que Majestoso lhe fizera, mas eu me adaptara às suas pontadas e cicatrizes. Quase deixara a masmorra para trás. Eu não permitia que o meu negro objetivo cobrisse de sombras aqueles dias dourados. Era tudo tão simples e bom que me esqueci de lhe dar valor. Até que o perdi.

Tínhamos chegado ao rio enquanto a tarde escurecia, com a intenção de bebermos bem antes de darmos início à viagem da noite. Mas, quando nos aproximamos, Olhos-de-Noite estacou de súbito, caindo de barriga no solo enquanto inclinava as orelhas para frente. Segui o seu exemplo, e então até o meu nariz embotado apanhou um odor que não me era familiar. *O quê e onde?*, perguntei-lhe.

Vi-os antes de ele ter tempo de responder. Minúsculos veados, pisando com elegância enquanto desciam para a água. Não eram muito mais altos do que Olhos-de-Noite, e em vez de galhadas tinham chifres em espiral semelhantes aos das cabras, que brilhavam num negro lustroso à luz da lua cheia. Conhecia tais criaturas apenas de um velho bestiário que Breu possuía, e não me conseguia lembrar do nome que lhes era adequado.

Comida?, sugeriu Olhos-de-Noite de forma sucinta, e eu concordei de imediato. A trilha que eles seguiam os traria até a distância de um salto e um pulo de nós. Olhos-de-Noite e eu mantivemos as nossas posições, à espera. Os veados aproximaram-se mais, uma dúzia deles, apressando-se, e agora

descuidados, depois de sentirem o odor da água. Deixamos passar o da frente, esperando saltar sobre o corpo principal da manada onde estavam mais próximos uns dos outros. Mas no momento em que Olhos-de-Noite se preparava com um tremor para saltar, um longo uivo trêmulo deslizou pela noite. Olhos-de-Noite sentou-se, soltando involuntariamente um ganido ansioso. Os veados espalharam-se numa explosão de cascos e chifres, fugindo de nós apesar de estarmos ambos distraídos demais para persegui-los. A nossa refeição transformou-se de repente num ligeiro trovão distante. Olhei-os desalentado, mas Olhos-de-Noite nem pareceu reparar.

De boca aberta, Olhos-de-Noite fazia sons que eram algo entre um uivo e um lamento, com as mandíbulas tremendo e mexendo-se como se ele se esforçasse para se lembrar de como se falava. O sobressalto que eu sentira nele quando ouvira o distante uivo do lobo fizera meu coração saltar no peito. Se a minha mãe tivesse me chamado subitamente do seio da noite, o choque não poderia ter sido maior. Uivos e latidos de resposta irromperam de uma leve elevação ao norte de nós. O primeiro lobo juntou-se a eles. A cabeça de Olhos-de-Noite girou de um lado para o outro enquanto ele soltava ganidos baixos e guturais. De repente, atirou a cabeça para trás e soltou um uivo irregular. Um silêncio súbito seguiu-se à sua declaração, então a alcateia voltou a ser ouvida, não num grito de caça, mas num anúncio de quem era.

Olhos-de-Noite me lançou um rápido olhar de desculpa, e partiu. Incrédulo, vi-o correr na direção da elevação. Após um instante de espanto, levantei-me de um salto e o segui. Ele já estava a uma distância considerável, mas quando tomou consciência de mim, diminuiu a velocidade, e então se virou para me encarar.

Tenho de ir sozinho, disse-me, muito sério. *Espere por mim aqui*. Rodopiou sobre si mesmo para continuar a sua viagem.

Fui tomado pelo pânico. *Espere! Não pode ir sozinho. Eles não são alcateia. Nós somos intrusos, eles vão atacá-lo. É melhor que não vá.*

Tenho de ir!, repetiu. Era impossível não ver a sua determinação. Afastou-se a trote.

Corri atrás dele. *Olhos-de-Noite, por favor!* Senti-me de súbito aterrorizado por ele, por aquilo para que ele estava correndo com tal obsessão.

Ele fez uma pausa e me olhou, prendendo os olhos nos meus naquilo que era um olhar de lobo muito longo. *Você compreende. Sabe que sim. Agora é a hora para você ter a confiança que eu tive. Isto é uma coisa que eu tenho de fazer. E tenho de fazê-la sozinho.*

E se você não voltar?, perguntei, em súbito desespero.

Você voltou da sua visita à vila. E eu voltarei para você. Continue viajando ao longo do rio. Eu o encontrarei. Agora vá. Volte.

Parei de trotar atrás dele. Ele continuou a avançar. *Tenha cuidado!*, atirei a súplica atrás dele, a minha maneira de uivar à noite. Depois fiquei parado vendo-o trotar para longe de mim, com os músculos poderosos ondulando sob a sua profunda pelagem, a cauda esticada com determinação. Precisei de todas as minhas forças para me abster de lhe gritar que voltasse, de lhe suplicar que não me deixasse sozinho. Fiquei sozinho, arquejando da corrida, e o vi desaparecer ao longe. Estava tão absorto na sua busca que me senti trancado do lado de fora e posto de lado. Pela primeira vez experimentei o ressentimento e ciúme que ele sentira durante as minhas sessões com Veracidade, ou quando eu estivera com Moli e lhe ordenara que se mantivesse afastado dos meus pensamentos.

Aquele era o seu primeiro contato adulto com a sua própria espécie. Eu compreendia a sua necessidade de procurá-los e ver o que eles eram, mesmo se o atacassem e expulsassem. Estava certo. Mas todos os medos que sentia por ele me ganiam que eu corresse atrás dele, para estar ao seu lado no caso de ser atacado, para estar pelo menos ao alcance se ele precisasse de mim.

Mas ele me pedira para não fazê-lo.

Não. Ele me dissera para não fazê-lo. Dissera-me, exercendo o mesmo privilégio de individualidade que eu exercera com ele. Senti que me dilacerava o coração dentro do peito lhe virar as costas e voltar para junto do rio. Senti-me de súbito meio cego. Ele não estava trotando ao meu lado e à minha frente, transmitindo as suas informações para complementar o que os meus sentidos menos penetrantes me forneciam. Em vez disso, conseguia senti-lo à distância. Senti a vibração de antecipação, medo e curiosidade que o sacudia. Ele estava absorvido demais na sua vida no momento para partilhar comigo. De repente, perguntei-me se aquilo seria semelhante ao que Veracidade sentia quando eu estava no *Rurisk* atormentando os Salteadores enquanto ele tinha de permanecer sentado na sua torre e contentar-se com a informação que conseguisse obter de mim. Eu lhe fizera relatórios muito mais completos, fizera um esforço consciente para manter um fluxo de informações até ele. Mas, apesar disso, ele deve ter sentido um pouco dessa exclusão de partir o coração que agora me deixava doente.

Cheguei à margem do rio. Parei ali para me sentar e esperar por ele. Ele dissera que voltaria. Estendi o olhar por sobre a escuridão da água em movimento. Sentia a vida pequena dentro de mim. Lentamente, virei-me para olhar rio acima. Toda a disposição para caçar fugira com Olhos-de-Noite.

Fiquei sentado e esperei durante muito tempo. Por fim, levantei-me e continuei a avançar através da noite, prestando pouca atenção a mim mesmo e àquilo que me rodeava. Caminhei em silêncio pela margem arenosa do rio, acompanhado pela quietude das águas.

Em algum lugar, Olhos-de-Noite sentiu o cheiro de outros lobos, sentiu-o limpo e forte, bem o suficiente para saber quantos eram e de que sexos. Em algum lugar, mostrou-se a eles, de uma forma que não era ameaçadora, sem entrar na sua companhia, mas simplesmente lhes anunciando que estava ali. Observaram-no durante algum tempo. O grande macho da alcateia avançou e urinou num tufo de capim. Em seguida fez sulcos profundos com as garras das patas traseiras enquanto atirava terra sobre o tufo. Uma fêmea levantou-se, espreguiçou-se e bocejou, e então se sentou, olhando-o com ciúme. Dois filhotes meio crescidos pararam de se morder um ao outro o tempo suficiente para examiná-lo. Um deles começou a dirigir-se até ele, mas um rosnado baixo da mãe fez com que corresse de volta. O filhote voltou a mordiscar o irmão. E Olhos-de-Noite sentou-se sobre os quartos traseiros, um ato que mostrava que ele não pretendia fazer nenhum mal e que permitia que olhassem para ele. Uma fêmea jovem e muito magra soltou um meio ganido hesitante, então o interrompeu com um espirro.

Passado algum tempo, a maior parte dos lobos levantou-se e partiu junta, com um ar determinado. Para a caça. A fêmea magra ficou com os filhotes, vigiando-as enquanto os outros partiam. Olhos-de-Noite hesitou, mas depois seguiu a alcateia a uma distância discreta. De tempos em tempos, um dos lobos o olhava de relance. O macho principal parava frequentemente para urinar e arranhar o chão com as patas de trás.

Quanto a mim, continuei a andar junto ao rio, vendo a noite envelhecer à minha volta. A lua realizou a sua lenta passagem pelo céu noturno. Tirei carne seca da trouxa e mastiguei-a enquanto caminhava, parando uma vez para beber a água calcária. O rio virara na minha direção no seu leito pedregoso. Fui forçado a abandonar a margem e subir para um talude onde as plantas cresciam em tufos. Quando a alvorada criou um horizonte, olhei ao redor em busca de um lugar para dormir. Decidi-me por uma elevação um pouco mais alta, na margem do rio, e me encolhi entre o capim áspero. Ficaria invisível, a menos que alguém quase pisasse em mim. Era um lugar tão seguro quanto qualquer outro.

Senti-me muito só.

Não dormi bem. Uma parte de mim continuava observando outros lobos, ainda à distância. Eles estavam tão conscientes de mim como eu deles. Não tinham me

aceitado, mas também não haviam me expulsado. Não me aproximara o suficiente para forçá-los a tomar uma decisão a meu respeito. Vira-os matar um macho de um tipo de veado que eu não conhecia. Parecia pequeno para alimentar todos eles. Estava com fome, mas não tanta que já precisasse caçar. A minha curiosidade a respeito daquela alcateia era uma fome mais premente. Sentei-me e os observei enquanto se estendiam e adormeciam.

Os meus sonhos afastaram-se de Olhos-de-Noite. Experimentei o conhecimento desarticulado de que estava sonhando, mas incapaz de acordar. Algo me chamava, puxando-me com uma terrível urgência. Respondi aos chamamentos, relutante, mas incapaz de recusar. Descobri outro dia em outro lugar e fumaça e gritos doentiamente familiares, que se erguiam juntos para o céu azul à beira do oceano. Outra povoação em Vigas estava enfrentando e caindo diante dos Salteadores. Mais uma vez fui exigido como testemunha. Naquela noite, e em quase todas as noites que se seguiram, a guerra com os Navios Vermelhos foi de novo imposta sobre mim.

Essa batalha e cada uma das outras que se seguiram estão gravadas a fogo em algum lugar no meu coração, em detalhes implacáveis. Odores, sons e texturas, vivi todos. Algo em mim estava à escuta, e cada vez que eu dormia me arrastava impiedosamente para onde o povo dos Seis Ducados lutava e morria pelas suas casas. Acabaria por experimentar mais da queda de Vigas do que qualquer pessoa que realmente vivesse nesse ducado. Pois, dia a dia, sempre que tentasse dormir, podia a qualquer momento ser chamado como testemunha. Não vejo qualquer lógica em tal coisa. É possível que a inclinação para o Talento existisse adormecida em muitas das pessoas dos Seis Ducados, e, quando confrontadas com a morte e a dor, elas chamassem por Veracidade e por mim com vozes que não sabiam que possuíam. Mais de uma vez senti o meu rei também caminhando por vilas atormentadas pelo pesadelo, embora nunca mais o tenha visto tão claramente como da primeira vez. Mais tarde, viria a recordar que partilhara em sonhos um momento com o Rei Sagaz, quando ele também fora chamado a testemunhar a queda de Baía Lodosa. Desde então perguntei frequentemente a mim mesmo com que frequência teria ele sido atormentado por testemunhar os ataques a povoações que era impotente para proteger.

Uma parte de mim sabia que eu estava dormindo junto ao Rio Vim, longe daquela tumultuosa batalha, rodeado por altos capins fluviais e atingido por um vento limpo. Não parecia importante. O que importava era a súbita realidade das batalhas em curso que os Seis Ducados enfrentavam contra os Salteadores. Esta pequena aldeia sem nome em Vigas era provavelmente desprovida de grande

importância estratégica, mas estava caindo enquanto eu observava, um tijolo mais a desfazer-se na muralha. Depois de os Salteadores possuírem a costa de Vigas, os Seis Ducados nunca mais se livrariam deles. E eles estavam tomando essa costa, vila a vila, aldeia a aldeia, enquanto o antigo rei se abrigava em Vaudefeira. A realidade da nossa luta contra os Navios Vermelhos fora iminente e premente enquanto eu remava no *Rurisk*. Ao longo dos últimos meses, separado e isolado da guerra, permitira-me esquecer o povo que vivia esse conflito todos os dias. Fora tão insensível quanto Majestoso.

Por fim acordei quando a noite começava a roubar as cores do rio e da planície. Não me sentia repousado, e no entanto acordar era um alívio. Sentei-me, olhei em volta. Olhos-de-Noite não regressara para junto de mim. Sondei brevemente na sua direção. *Irmão*, cumprimentou-me, mas senti que estava aborrecido pela minha intrusão. Ele observava os dois filhotes que se perseguiam e se atiravam ao chão. Puxei, cansado, a mente de volta a mim. O contraste entre as nossas duas vidas de repente era grande demais até para pensar nele. Os Salteadores dos Navios Vermelhos, os Forjamentos e as traições de Majestoso, até o meu plano para matar Majestoso, tornaram-se de súbito coisas humanas repelentes que eu impingira ao lobo. Que direito eu teria de permitir que uma tal fealdade esculpisse a sua vida? Ele estava onde devia estar.

Por menos que gostasse do fato, a tarefa que eu me impusera era apenas minha.

Tentei soltá-lo. Porém, a centelha teimosa permaneceu. Ele dissera que voltaria para mim. Resolvi que, se o fizesse, a decisão teria de ser sua. Não o chamaria para junto de mim. Levantei-me, e segui caminho. Disse a mim mesmo que se Olhos-de-Noite decidisse voltar a juntar-se a mim, conseguiria me alcançar com facilidade. Nada era melhor do que um trote de lobo para devorar as milhas. E não era como se eu estivesse viajando rapidamente sem ele. Sentia muita falta da sua visão noturna. Cheguei a um lugar onde a margem do rio caía para se transformar em pouco mais do que um pântano. A princípio não consegui decidir se seria melhor atravessá-lo ou tentar dar a volta nele. Sabia que podia estender-se ao longo de milhas. Por fim, decidi permanecer o mais perto possível da água aberta do rio. Passei uma noite miserável, chapinhando através de juncos e taboas, tropeçando no emaranhado das suas raízes, com os pés frequentemente molhados e atormentado por mosquitos entusiasmados.

Que tipo de idiota, perguntei eu a mim mesmo, tentava atravessar na escuridão um pântano que não lhe era familiar? Seria bem feito se encontrasse uma lagoa de areias movediças e me afogasse nela. Acima de mim, viam-se apenas as

estrelas, e em volta de mim as muralhas sempre iguais de taboas. À minha direita eu tinha vislumbres do rio largo e escuro. Continuei a me deslocar para rio acima. A alvorada foi me encontrar ainda avançando com esforço. Minúsculas plantas de folha única com raízes que se arrastavam pelo chão cobriam as minhas perneiras e sapatos, e meu peito estava repleto de picadas de insetos. Comi carne seca enquanto caminhava. Não havia lugar para descansar, de modo que continuei a andar. Decidindo obter algo de bom daquele lugar, colhi uma provisão de raízes de taboa enquanto avançava. Já passara do meio-dia quando o rio voltou a ter uma margem propriamente dita, e eu insisti em continuar durante mais uma hora depois disso para me afastar dos mosquitos. Então lavei a lama e o lodo esverdeado do pântano das perneiras, dos sapatos e da pele antes de me atirar no chão para dormir.

Em algum lugar, Olhos-de-Noite estava imóvel numa pose sem ameaça enquanto a fêmea magra se aproximava dele. Quando se aproximou mais, ele caiu sobre a barriga, rolou para o lado, então ficou de barriga para cima e expôs a garganta. Ela aproximou-se mais, um passo de cada vez. Então parou de repente, sentou-se e avaliou-o. Ele soltou um ligeiro ganido. Ela atirou subitamente as orelhas para trás, descobriu todos os seus dentes num rosnado, e em seguida deu meia-volta e desapareceu. Passado algum tempo, Olhos-de-Noite levantou-se e foi caçar ratos do prado. Parecia contente.

Mais uma vez, quando a sua presença pairou para longe de mim, fui chamado a Vigas. Outra aldeia estava ardendo.

Acordei desencorajado. Em vez de prosseguir viagem, acendi uma pequena fogueira com madeira trazida pelo rio. Fervi água na minha chaleira para cozinhar as raízes enquanto cortava em pedaços um pouco da minha carne seca. Cozinhei a carne seca com as raízes feculentas e acrescentei um pouco das minhas preciosas reservas de sal e algumas verduras silvestres. Infelizmente, o sabor calcário do rio predominou. De barriga cheia, sacudi o manto de inverno, enrolei-me nele para me proteger dos insetos da noite e voltei a adormecer.

Olhos-de-Noite e o líder dos lobos estavam olhando um para o outro. Estavam suficientemente separados para não haver desafio, mas Olhos-de-Noite mantinha a cauda abaixada. O líder dos lobos era mais esguio do que Olhos-de-Noite e a sua pelagem era negra. Menos bem alimentado, ostentava as cicatrizes de lutas e caçadas. Conduzia-se com confiança. Olhos-de-Noite não se mexia. Passado algum tempo, o outro lobo percorreu uma curta extensão de terreno, ergueu a pata num tufo de capim e urinou. Esfregou as patas da frente no capim, então se afastou sem olhar para trás. Olhos-de-Noite sentou-se e ficou imóvel, refletindo.

Na manhã seguinte, levantei-me e prossegui o meu caminho. Olhos-de-Noite me deixara dois dias antes. Apenas dois dias. E, no entanto, parecia que eu estava sozinho havia muito tempo. E como, perguntei-me, Olhos-de-Noite mediria a nossa separação? Não em dias e noites. Ele fora descobrir uma coisa, e quando a tivesse descoberto o tempo de estar longe de mim teria chegado ao fim e ele regressaria. Mas o que, realmente, ele fora descobrir? Como era ser um lobo entre lobos, um membro de uma alcateia? Se o aceitassem, o que aconteceria? Correria com eles durante um dia, uma semana, uma estação? Quanto tempo levaria até que eu desaparecesse de sua mente e me tornasse um dos seus infinitos ontens?

Por que ele iria querer regressar para mim, se a sua alcateia o aceitasse?

Passado algum tempo, permiti-me compreender que estava tão desgostoso e magoado como se um amigo humano tivesse me desprezado em favor de outras companhias. Eu queria uivar, sondar na direção de Olhos-de-Noite com a falta que sentia dele. Através de um esforço de vontade, não o fiz. Ele não era um cão de estimação, para ser chamado com um assobio. Era um amigo e tínhamos viajado juntos durante algum tempo. Que direito eu tinha de lhe pedir para desistir de uma chance de acasalar, numa alcateia verdadeiramente sua, simplesmente para poder estar ao meu lado? Absolutamente nenhum, disse a mim mesmo. Absolutamente nenhum.

Ao meio-dia cheguei a uma trilha que seguia a margem. Ao fim da tarde eu já passara por várias pequenas fazendas. Uma rede de valas levava água do rio até as plantações. As casas de adobe estavam bem afastadas da borda do rio, provavelmente para evitar as inundações. Cães haviam latido para mim e bandos de gordos gansos brancos haviam grasnado para mim, mas não vira ninguém perto o suficiente para uma saudação. A trilha alargara-se até se transformar numa estrada, com sulcos de carroças.

O sol batia nas minhas costas e na cabeça vindo de um céu limpo e azul. Muito acima de mim, ouvi o estridente *qui* de um falcão. Olhei de relance para ele, para as suas asas abertas e imóveis enquanto cavalgava o céu. O falcão voltou a soltar um grito, dobrou as asas e mergulhou na minha direção. Certamente mergulhava sobre algum pequeno roedor que estaria num dos campos. Observei-o vir contra mim, e foi só no último momento que compreendi que era realmente eu o seu alvo. Ergui repentinamente um braço para proteger o rosto no momento preciso em que ele abria as asas. Senti o vento da sua travada. Para uma ave do seu tamanho, pousou com bastante leveza no meu braço erguido. As suas garras se enterraram dolorosamente na minha carne.

O meu primeiro pensamento foi que seria uma ave treinada que se tornara bravia, que me vira e por qualquer motivo decidira regressar para junto dos homens. Um fragmento de couro que lhe pendia de uma das patas podia ser uma lembrança de peias. Ficou piscando sobre o meu braço, e era uma ave magnífica sob todos os aspectos. Afastei-o de mim para poder vê-lo melhor. O couro na sua pata continha um minúsculo pergaminho enrolado.

— Posso dar uma olhada nisso? — perguntei-lhe em voz alta. Ele virou a cabeça ao ouvir a minha voz, e um olho cintilante me fitou. Era Nevinha.

Sangue Antigo.

Nada conseguia compreender dos seus pensamentos além daquilo, mas era o bastante.

Nunca fora muito bom com as aves de Torre do Cervo. Bronco acabara me pedindo para deixá-las em paz, pois a minha presença as deixava sempre agitadas. Apesar disso, sondei gentilmente na direção da mente brilhante como uma chama do falcão. Ele parecia calmo. Consegui soltar o minúsculo rolo. O falcão mudou de posição no meu braço, enterrando as garras num pedaço novo de carne. Então, sem aviso, ergueu as asas e lançou-se para o ar. Subiu em espiral, batendo pesadamente as asas para ganhar altitude, soltou uma vez mais o seu agudo *qui, qui*, e partiu deslizando pelo céu afora. Fui deixado com sangue escorrendo do meu braço, vindo de onde as suas garras tinham me marcado a carne, e um ouvido ressoando por causa do bater das asas quando levantara voo. Olhei de relance as perfurações no meu braço. Então a curiosidade fez com que eu me virasse para o minúsculo pergaminho. Eram os pombos que transportavam mensagens, não os falcões.

A letra estava escrita num estilo antigo, minúscula e fina como uma teia de aranha. O brilho do sol a tornava ainda mais difícil de ler. Sentei-me à beira da estrada e fiz sombra com a mão para examiná-la. As primeiras palavras quase me pararam o coração.

— Sangue Antigo saúda Sangue Antigo.

Do resto era mais difícil obter o sentido. O pergaminho estava esfarrapado, a ortografia era bizarra, as palavras no menor número possível. O aviso vinha de Azevinha, embora eu suspeitasse que Rolfe o tivesse escrito. O Rei Majestoso agora estava caçando ativamente o Sangue Antigo. Oferecia moedas àqueles que capturava se o ajudassem a encontrar uma dupla de homem e lobo. Suspeitavam de que quem ele procurava eram eu e Olhos-de-Noite. Majestoso ameaçava com a morte aqueles que se recusassem a ajudar. Havia um pouco mais, algo sobre oferecer o meu cheiro a outros do Sangue Antigo e lhes pedir que me ajudassem

como pudessem. O resto do pergaminho estava esfarrapado demais para ser lido. Enfiei-o no cinto. O dia brilhante parecia agora cercado de escuridão. Então Vontade dissera a Majestoso que eu ainda vivia. E Majestoso me temia o suficiente para tomar essas providências. Talvez tivesse sido melhor que Olhos-de-Noite e eu tivéssemos nos separado durante algum tempo.

Quando o crepúsculo caiu, subi a uma pequena elevação na margem do rio. À minha frente, aninhada numa curva do rio, havia algumas luzes. Provavelmente seria outro entreposto comercial ou uma doca para barcos destinados a fornecer a agricultores e pastores passagem fácil para a outra margem. Observei as luzes enquanto caminhava na sua direção. Ali em frente deveria haver comida quente, e pessoas, e abrigo para a noite. Eu podia parar ali e conversar com as pessoas, se quisesse. Ainda tinha algumas moedas que eu podia chamar de minhas. Não havia um lobo atrás de mim que suscitasse perguntas, não havia Olhos-de-Noite à espreita do lado de fora, esperando que nenhum cão o farejasse. Ninguém com quem me preocupar além de mim. Bem, talvez o fizesse. Talvez parasse e bebesse um copo e trocasse algumas palavras. Talvez ficasse sabendo quanto me faltaria viajar até chegar a Vaudefeira e ouvisse algumas fofocas sobre o que se passava por lá. Estava na hora de eu começar a formular um plano real para lidar com Majestoso.

Estava na hora de começar a depender apenas de mim.

CAPÍTULO 8

Vaudefeira

Enquanto o verão amadurecia e chegava ao fim, os Salteadores redobraram os seus esforços para obter o máximo possível da costa do Ducado de Vigas antes que as tempestades de inverno começassem. Depois de controlarem os portos principais, sabiam que podiam atacar ao longo do resto da linha costeira dos Seis Ducados como bem entendessem. Por isso, embora nesse verão tenham feito incursões até o Ducado de Razos, quando os dias agradáveis minguaram concentraram os seus esforços em tornar sua a costa de Vigas.

As suas táticas eram peculiares. Não faziam qualquer esforço para capturar povoações ou conquistar o povo. Estavam unicamente concentrados na destruição. Vilas que capturavam eram completamente queimadas, e o povo era morto, forjado ou posto em fuga. Algumas pessoas eram mantidas como trabalhadores, tratadas como menos que animais, forjadas quando se tornavam inúteis para os seus captores, ou por divertimento. Erguiam os seus próprios abrigos rudimentares, desdenhando usar os edifícios que poderiam ter simplesmente capturado em vez de destruir. Não faziam qualquer esforço para estabelecer colônias permanentes, limitavam-se a guarnecer os melhores portos para se assegurarem de que não poderiam ser tomados de volta.

Embora os ducados de Razos e Rasgão providenciassem ajuda ao Ducado de Vigas sempre que podiam, eles tinham as suas próprias costas a proteger, e os recursos que podiam empregar eram escassos. O Ducado de Cervo foi se arranjando o melhor possível. Dom Brilhante compreendeu tardiamente como a proteção de Cervo dependia dos seus territórios ultramarinos, mas julgou ser tarde demais para resgatar essa linha de defesa. Dedicou os seus homens e fundos a fortificar Torre do Cervo propriamente dita. Isso deixou o resto do Ducado de Cervo sem nada, a não ser o seu próprio povo e as tropas irregulares que tinham se devotado à Dama Paciência, como baluarte contra os Salteadores. Vigas não esperava qualquer socorro vindo daí, mas aceitava com gratidão tudo o que lhes chegava sob o símbolo da Hera.

O Duque Fortes de Vigas, há muito longe do seu auge como guerreiro,

enfrentou o desafio dos Salteadores com aço tão cinzento como o seu cabelo e barba. A sua determinação não conhecia limites. Não hesitou em desfazer-se do tesouro pessoal, nem em arriscar as vidas da família nos esforços finais para defender o seu ducado. Encontrou o seu fim ao tentar defender o castelo onde vivia, Torre Crespa. Mas nem a sua morte, nem a queda de Torre Crespa evitaram que as filhas continuassem a resistir contra os Salteadores.



A minha camisa adquirira uma peculiar forma nova por ter passado tanto tempo enrolada na trouxa. Vesti-a mesmo assim, fazendo um ligeira careta diante do seu odor mofado. Cheirava vagamente a fumaça de lenha, e mais fortemente a bolor. A umidade penetrara nela. Persuadi-me de que o ar livre dispersaria o cheiro. Fiz o que pude com o cabelo e a barba. Ou seja: escovei o cabelo e o amarrei num rabo de cavalo, e penteei a barba com os dedos até a deixar lisa. Detestava a barba, mas odiava gastar tempo todos os dias me barbeando. Abandonei a margem do rio onde fizera as minhas breves abluções e me dirigi às luzes da vila. Resolvera que daquela vez estaria melhor preparado. O meu nome, segundo decidira, era Jóri. Fora soldado, e tinha alguns conhecimentos sobre cavalos e uma pena, mas perdera a casa para os Salteadores. Estava atualmente decidido a chegar a Vaudefeira para dar um novo início à minha vida. Era um papel que eu poderia desempenhar de forma convincente.

Quando o que restava da luz do dia desapareceu, mais lâmpadas foram acesas na vila ribeirinha, e vi que me enganara redondamente quanto ao seu tamanho. A cidade estendia-se até muito longe ao longo da margem. Senti certa ansiedade, mas me convenci de que caminhar através da cidade seria muito mais rápido do que rodeá-la. Sem Olhos-de-Noite perto de mim, eu não tinha nenhum motivo para acrescentar essas milhas e horas adicionais ao meu caminho. Ergui a cabeça e assumi um passo confiante.

A cidade tinha muito mais vida depois de escurecer do que a maior parte dos lugares onde eu estivera. Detectei um ar de feriado naqueles que passeavam pelas ruas. A maior parte dirigia-se para o centro da cidade e, quando me aproximei, vi que havia archotes, gente vestida de cores brilhantes, risos e o som de música. Os lintéis das portas das estalagens estavam adornados com flores. Cheguei a uma praça brilhantemente iluminada. Era dali que vinha a música, e viam-se foliões dançando. Havia barris de bebida à disposição, e mesas com pilhas de pão e fruta. Fiquei com a boca cheia de água ao ver a comida, e o pão tinha um cheiro particularmente maravilhoso para alguém que estava há tanto

tempo privado dele.

Deixei-me ficar pela periferia da multidão, escutando, e descobri que o Capa-mor da cidade estava celebrando o seu casamento; por isso a festa e as danças. Deduzi que Capa-mor fosse alguma espécie de título usado em Vara para os nobres, e que aquele em particular fosse bem visto pela sua gente devido à sua generosidade. Uma mulher idosa, reparando em mim, abordou-me e colocou três moedas de cobre na minha mão.

— Vá até as mesas e coma, jovem — disse-me com bondade. — O Capa-mor Logis decretou que na noite do seu casamento todos devem celebrar com ele. A comida é para partilhar. Vá lá, não seja tímido. — Deu-me uma palmadinha tranquilizadora no ombro, ficando na ponta dos pés para fazê-lo. Corei por ser confundido com um mendigo, mas achei melhor não a dissuadir. Se ela me julgava assim, era o que eu aparentava ser, e era melhor que agisse como tal. Mesmo assim, quando enfiei os três cobres na bolsa me senti estranhamente culpado, como se eu os tivesse arrancado dela de forma enganosa. Fiz o que ela me disse, e fui até a mesa para me juntar à fila daqueles que recebiam pão, fruta e carne.

Havia várias jovens cuidando das mesas, e uma encheu um tabuleiro para mim, entregando-o depressa por cima da mesa, como se relutasse em ter o mínimo contato comigo. Agradeci-lhe, o que provocou alguns risinhos entre as amigas. Ela pareceu tão insultada como se eu a tivesse confundido com uma prostituta, e afastei-me rapidamente dali. Descobri um canto de uma mesa onde me sentar, e reparei que ninguém se sentava perto de mim. Um jovem que botava canecas na mesa e as enchia de cerveja me deu uma e mostrou-se suficientemente curioso para me perguntar de onde viera. Disse-lhe apenas que vinha viajando rio acima, em busca de trabalho, e perguntei se ele ouvira falar de alguém que estivesse contratando.

— Oh, está procurando a feira de emprego, lá em cima em Vaudefeira — disse-me com familiaridade. — Fica a menos de um dia de caminhada. Pode ser que consiga trabalho nas colheitas nesta época do ano. E se não conseguir, há sempre a construção da Arena do Rei. Contratam qualquer um para ela que seja capaz de levantar uma pedra ou de usar uma pá.

— A Grande Arena do Rei? — perguntei-lhe.

Ele inclinou a cabeça para mim.

— Para que todos possam testemunhar a execução da justiça do Rei.

Ele então foi chamado por alguém que brandia uma caneca e eu fui deixado só para comer e ponderar. *Contratam qualquer um*. Então eu tinha um aspecto

assim tão instável e estranho. Bem, não podia evitá-lo. A comida tinha um gosto incrivelmente bom. Já quase me esquecera da textura e fragrância do bom pão de trigo. O modo saboroso como se misturava com os molhos da carne no meu tabuleiro me fez lembrar de repente da Cozinheira Sara e da sua generosa cozinha. Em algum lugar, rio acima, em Vaudefeira, ela deveria estar fazendo agora massa de bolos, ou talvez salpicando um assado com especiarias antes de colocá-lo numa de suas pesadas panelas pretas e de cobri-lo bem, para deixá-lo cozinhando lentamente na brasa a noite inteira. Sim, e nos estábulos de Majestoso, Mãos estaria fazendo as suas últimas rondas antes da noite, como Bronco costumava fazer nos estábulos em Torre do Cervo, assegurando-se de que todos os animais tivessem água fresca e limpa e de que todas as cocheiras estivessem bem fechadas. Uma dúzia de outros cavalariços vindos de Torre do Cervo também estaria lá, rostos e corações que me eram bem conhecidos dos anos que passáramos juntos nos domínios de Bronco e sob a sua tutela. Majestoso também levara de Cervo criados domésticos. A Dona Despachada provavelmente estaria lá, assim como Brante, Antrobaixo, e…

A solidão me envolveu de repente. Seria tão bom vê-los, encostar-me em uma mesa e escutar as infindáveis fofocas da Cozinheira Sara, ou me deitar de costas no palheiro com Mãos e fingir que acreditava nas suas histórias escandalosas sobre as mulheres com quem se deitara desde a última vez que o vira. Tentei imaginar a reação da Dona Despachada à minha roupa atual, e dei por mim sorrindo com o seu ultraje e ofensa escandalizada.

O meu devaneio foi rompido por um homem que gritava uma série de obscenidades. Nem o mais bêbado marinheiro que já conheci profanaria daquela forma uma festa de casamento. A minha não foi a única cabeça que se virou e por um momento todas as conversas normais se interromperam. Fitei aquilo em que antes não reparara.

De um dos lados da praça, quase fora de alcance dos archotes, encontrava-se uma parelha e uma carroça. Uma grande jaula estava em cima dela com três Forjados lá dentro. Não conseguia distinguir mais do que isso, que eram três e que não havia qualquer sinal deles na minha Manha. Uma condutora aproximou-se da jaula, de porrete na mão. Bateu com ele ruidosamente nas ripas da jaula, ordenando aos que se encontravam no interior que ficassem quietos, e depois virando-se para dois jovens que se encostavam à parte de trás da carroça.

— E vocês também vão deixá-los em paz, seus grandes patetas! — ralhou. — O destino deles é a Arena do Rei e a justiça ou misericórdia que encontrarem por lá. Mas até lá, vocês os deixarão em paz, entendido? Lírio! Lírio, traga aqui

esses ossos do assado e dê a estas criaturas. E vocês, já disse, afastem-se deles! Parem de irritá-los!

Os dois jovens afastaram-se do porrete ameaçador que ela brandia, rindo de mãos levantadas enquanto o faziam.

— Não vejo por que é que a gente não pode se divertir primeiro com eles — objetou o mais alto dos rapazes. — Ouvi dizer que lá embaixo em Vaucorrido a vila está construindo a sua própria arena de justiça.

O segundo rapaz fez um grande espetáculo de rolar os músculos dos ombros.

— Eu mesmo vou para a Arena do Rei.

— Como Campeão ou prisioneiro? — alguém gritou em tom de zombaria, e os dois jovens riram, e o mais alto deu ao companheiro um empurrão bruto como brincadeira.

Eu fiquei de pé no meu lugar. Uma suspeita doentia estava crescendo em mim. A Arena do Rei. Forjados e Campeões. Lembrei-me do modo avarento como Majestoso observara os seus homens espancando-me quando eu estava rodeado por eles. Um aturdimento surdo espalhava-se por mim enquanto a mulher chamada Lírio abria caminho até a carroça e atirava um prato de ossos com carne aos prisioneiros que lá se encontravam. Caíram avidamente sobre eles, batendo e mordendo uns nos outros enquanto cada um procurava recolher para si o máximo possível do saque. Não foram poucas as pessoas que se colocaram em volta da carroça, apontando e rindo. Eu fiquei vendo, repugnado. Não compreendiam que aqueles homens haviam sido Forjados? Não eram criminosos. Eram maridos e filhos, pescadores e agricultores dos Seis Ducados, cujo único crime fora serem capturados pelos Navios Vermelhos.

Eu não sabia o número de Forjados que eu matara. Sentia repulsa por eles, era verdade, mas era a mesma repulsa que sentia ao ver uma perna gangrenada, ou um cão tão atacado pela sarna que não teria cura. Matar Forjados nada tinha a ver com ódio, punição ou justiça. A morte era a única solução para o seu estado e devia ser administrada o mais rapidamente possível, por compaixão para com as famílias que os tinham amado. Aqueles jovens tinham falado como se houvesse algum tipo de esporte em matá-los. Fitei nauseado a jaula.

Voltei lentamente a me sentar no meu lugar. Ainda havia comida no meu tabuleiro, mas o meu apetite por ela desaparecera. O bom senso me dizia que devia comer enquanto tinha essa possibilidade. Por um momento, apenas olhei para a comida. Obriguei-me a comer.

Quando ergui os olhos, vi dois jovens me encarando. Por um instante, enfrentei os seus olhos; então me lembrei de quem era suposto ser e baixei o

olhar. Era evidente que os jovens estavam se divertindo comigo, pois vieram sentar-se com um ar fanfarrão, um na minha frente e o outro desconfortavelmente próximo, ao meu lado. Esse deu um grande espetáculo franzindo o nariz e cobrindo o nariz e a boca, para divertimento do camarada. Dei boa-noite aos dois.

— Boa noite para você, talvez. Não come uma comida como esta há algum tempo, hein, mendigo? — Isso foi dito pelo que estava sentado na minha frente, um palerma de cabelo cor de estopa com uma máscara de sardas no rosto.

— É verdade, e agradeço ao seu Capa-mor pela sua generosidade — eu disse com suavidade. Eu já estava procurando uma maneira de me livrar daquilo.

— Então. O que o traz a Pomo? — perguntou o outro. Era mais alto do que o seu amigo indolente, e mais musculoso.

— Ando à procura de trabalho. — Olhei-o diretamente nos olhos claros. — Disseram-me que há uma feira de emprego em Vaudefeira.

— E para que tipo de trabalho você presta, mendigo? Espantalho? Ou será que atrai as ratazanas para fora da casa de um homem com o cheiro? — Ele botou um cotovelo na mesa, perto demais de mim, e então se inclinou para a frente apoiado nele, como que para me mostrar o feixe de músculos no seu braço.

Respirei uma vez, e então outra. Senti algo que já não sentia há algum tempo. Havia um fio de medo, e aquele estremecimento invisível que me percorria quando era desafiado. Também sabia que por vezes se transformava no tremor que pressagiava um ataque. Porém, houve algo mais que também cresceu em mim, e eu quase esquecera esse sentimento. Ira. Não. Fúria. A fúria irrefletida, violenta, que me emprestava a força para erguer um machado e separar o ombro e o braço do corpo de um homem, ou me atirar a ele e esganá-lo até que a vida lhe saísse do corpo, independentemente do quanto ele me batesse enquanto o fazia.

Acolhi-a de volta em uma espécie de reverência e me perguntei o que a teria chamado. Teria ela recordado amigos que foram arrancados de mim para sempre, ou as cenas de batalha com que eu sonhara tão frequentemente pelo Talento nos últimos tempos? Não importava. Tinha o peso de uma espada no quadril e duvidava de que os palermas estivessem conscientes disso, ou de como eu poderia usá-la. Provavelmente nunca tinham brandido nenhuma lâmina, exceto uma foice, provavelmente nunca haviam visto qualquer sangue além do de uma galinha ou uma vaca. Nunca tinham despertado à noite com o ladrar de um cão e perguntado a si mesmos se seriam Salteadores a caminho, nunca tinham chegado após um dia de pesca rezando para que quando o cabo fosse dobrado a vila ainda

estivesse de pé. Camponeses abençoados com a ignorância, engordando na suave região fluvial longe da costa fortificada, sem maneira melhor para demonstrar o seu valor do que provocar um estranho ou atormentar homens enjaulados.

Quem dera todos os garotos dos Seis Ducados fossem ignorantes assim.

Sobressaltei-me como se Veracidade tivesse colocado a mão no meu ombro. Quase olhei para trás de mim. Em vez disso fiquei imóvel, tateando dentro de mim para descobri-lo, mas sem nada encontrar. Nada.

Não poderia dizer com certeza que o pensamento viera dele. Talvez o desejo fosse meu. E, no entanto, era tão característico dele que não podia duvidar da sua origem. A minha ira desapareceu tão rapidamente quanto fora despertada, e eu os olhei numa espécie de surpresa, sobressaltado por descobrir que ainda estavam ali. Garotos, sim, não passavam de garotos grandes, irrequietos e ansiosos por provar o que valiam. Ignorantes e inexperientes como os jovens eram com frequência. Bem, nem eu seria algo em que demonstrariam a sua virilidade, nem derramaria o sangue deles na terra da festa de casamento do seu Capa-mor.

— Parece que eu talvez tenha abusado das boas-vindas — eu disse com gravidade, e levantei-me da mesa. Já comera o suficiente e sabia que não precisava da meia caneca de cerveja que estava ao lado da comida. Vi-os me medir enquanto me levantava e vi um deles sobressaltar-se claramente quando viu a espada que pendia do meu flanco. O outro levantou-se, como que para desafiar a minha partida, mas vi que o amigo deu uma minúscula sacudida com a cabeça. Com as chances igualadas, o musculoso garoto de fazenda afastou-se de mim com um sorriso de escárnio, afastando-se como que para evitar que a minha presença o sujasse. Foi estranhamente fácil ignorar o insulto. Em vez de recuar deles, virei-me e penetrei na escuridão, para longe da festa, das danças e da música. Ninguém me seguiu.

Procurei a margem, com a determinação crescendo em mim à medida que avançava. Então eu não estava longe de Vaudefeira, não estava longe de Majestoso. Senti um desejo súbito de me preparar para ele. Naquela noite iria arranjar um quarto numa estalagem, uma que tivesse casa de banhos, e iria tomar banho e me barbear. Que ele me olhasse, que visse as cicatrizes que pusera em mim e soubesse quem o matara. E depois? Se sobrevivesse para haver um depois, e se alguma das pessoas que me vissem me reconhecesse, que assim fosse. Que se soubesse que Fitz voltou do túmulo para executar uma verdadeira Justiça Real neste suposto rei.

Assim fortalecido, passei pelas primeiras duas estalagens que encontrei. De uma vinham gritos que eram ou uma briga, ou um excesso de boa camaradagem;

em qualquer caso, ali não era provável que eu conseguisse dormir muito. A segunda tinha uma varanda bamba e uma porta que pendia torta das dobradiças. Decidi que isso não dava boas indicações sobre a manutenção das camas. Escolhi aquela que exibia uma tabuleta com uma panela e mantinha um archote noturno ardendo na rua para guiar os viajantes até a porta.

Tal como muitos dos maiores edifícios de Pomo, a estalagem fora construída com seixos do rio e argamassa, e o assoalho era igual. Havia uma grande lareira no fundo da sala, mas nela só ardia um fogo estival, apenas o suficiente para manter a prometida panela de cozido borbulhando. Apesar da refeição que acabara de comer, cheirou-me bem. A sala estava calma, com a maior parte da clientela afastada pela celebração do casamento do Capa-mor. O estalajadeiro parecia ser normalmente um tipo amigável, mas um franzido lhe enrugou a testa ao me ver. Coloquei uma peça de prata na mesa à sua frente para tranquilizá-lo.

— Gostaria de um quarto para a noite, e um banho.

Olhou-me de cima a baixo, desconfiado.

— Se tomar o banho primeiro.

Sorri-lhe.

— Não tenho nenhum problema com isso, meu bom senhor. Também vou lavar a roupa; não precisa temer que eu leve bichos para o colchão.

Ele assentiu com relutância e mandou um rapaz à cozinha buscar água quente.

— Então a viagem foi longa? — disse em tom de gracejo enquanto me indicava o caminho para a casa de banhos atrás da estalagem.

— Longa e um pouco mais do que longa. Mas há um trabalho à minha espera em Vaudefeira, e gostaria de estar com a minha melhor aparência quando chegar lá. — Sorri enquanto dizia estas palavras, agradado com a verdade que havia nelas.

— Oh, um trabalho à espera. Então entendo, entendo. Sim, é melhor parecer limpo e repousado, e há o panelão de sopa no canto, e não se acanhe quanto a usá-lo.

Antes de ele ir embora, supliquei o uso de uma navalha, pois a casa de banhos possuía um espelho, e ele me forneceu uma de bom grado. O rapaz a trouxe com o primeiro balde de água quente. Quando terminou de encher a banheira, eu já cortara a barba para torná-la barbeável. Ele ofereceu-se para me lavar a roupa por um cobre adicional, e eu aceitei com toda a alegria. Tirou-a de mim com um franzir de nariz que me mostrou que eu cheirava muito pior do que suspeitara. Era evidente que a caminhada através dos pântanos deixara mais provas do que eu pensara.

Fiquei à vontade, ensopando-me de água quente, ensaboando-me com o sabão sauve tirado do pote, e então me esfregando vigorosamente antes de me enxaguar. Lavei o cabelo por duas vezes antes de a espuma escorrer branca e não cinzenta. A água que deixei na banheira estava mais espessa do que a água calcária do rio. Barbeei-me suficientemente devagar para só me cortar duas vezes para variar. Quando alisei o cabelo para trás e o amarrei num rabo de cavalo de guerreiro, ergui o olhar para descobrir no espelho um rosto que quase não reconhecia.

Tinham-se passado meses desde que me vira, e naquela ocasião fora no pequeno espelho de Bronco. O roto que me olhava agora estava mais magro do que eu esperara, mostrando-me malares que lembravam os do retrato de Cavalaria. A madeixa branca de cabelo que crescia por cima da minha testa me envelhecia e me lembrava as manchas da pelagem de um carcaju. Tinha a testa e a parte de cima da face bronzeadas pelo verão passado ao ar livre, mas o rosto estava mais pálido onde a barba estivera, de modo que a parte inferior da cicatriz que me descia pela bochecha parecia muito mais lívida do que o resto. O que conseguia ver do meu peito mostrava muito mais costelas do que já tivera. Era verdade que havia ali músculos, mas não havia gordura suficiente para untar uma frigideira, como a Cozinheira Sara teria dito. As viagens constantes e a dieta primordialmente carnívora haviam deixado em mim as suas marcas.

Afastei os olhos do espelho com um sorriso enviesado. O medo de ser instantaneamente identificado por qualquer pessoa que tivesse me conhecido foi completamente posto de lado. Eu mesmo quase não me reconhecia.

Vesti minha roupa de inverno para fazer a viagem até o meu quarto. O rapaz me assegurou de que penduraria a outra roupa junto à lareira e a entregaria seca de manhã. Levou-me até o quarto e me deixou com um boa-noite e uma vela.

Achei o quarto pouco mobilado, mas limpo. Havia nele quatro camas, mas eu era o único cliente para a noite, e senti-me grato por isso. Havia uma única janela, sem folhas nem cortinas para o verão. O ar frio da noite que vinha do rio soprava para o interior do quarto. Fiquei em pé durante algum tempo, olhando a escuridão. Eu conseguia ver rio acima as luzes de Vaudefeira. Era uma povoação substancial. Luzes pontilhavam a estrada entre Pomo e Vaudefeira. Estava claro que me encontrava agora em território bem povoado. Ainda bem que viajava sozinho, disse firmemente a mim mesmo, e afastei a dor da perda que sentia sempre que pensava em Olhos-de-Noite. Atirei a trouxa para baixo da cama. Os cobertores da cama eram ásperos, mas tinham cheiro de limpo, e o mesmo acontecia com o colchão de palha. Após meses dormindo no chão, ele parecia

quase tão mole quanto o meu velho colchão de penas em Torre do Cervo. Apaguei a vela e me deitei, esperando adormecer de imediato.

Contudo, em vez disso dei por mim fitando o teto escurecido. Conseguia ouvir à distância os tênues sons da festa. De mais perto vinham os rangidos e ajustamentos não familiares de um edifício, os sons das pessoas movendo-se em outros quartos da estalagem. Deixavam-me nervoso, como não acontecera com o vento atravessando os galhos de uma floresta, ou o gorgolejar do rio perto do local onde eu dormia. Temia mais a minha própria espécie do que qualquer coisa com que o mundo natural algum dia me poderia ameaçar.

A minha mente vagou até Olhos-de-Noite, perguntando-se o que ele estaria fazendo e se estaria em segurança naquela noite. Comecei a sondar na direção dele, então me detive. No dia seguinte eu estaria em Vaudefeira, para fazer uma coisa com a qual ele não podia me ajudar. Mais do que isso, encontrava-me agora numa área onde ele não podia vir até mim em segurança. Se no dia seguinte tivesse sucesso, e sobrevivesse para continuar até as Montanhas em busca de Veracidade, então podia esperar que ele se lembrasse e se juntasse a mim. Mas se eu morresse, então ele estava melhor onde estava, tentando juntar-se à sua espécie e ter a sua vida.

Chegar àquela conclusão e reconhecer a decisão como correta era fácil. Permanecer firme era a parte difícil. Não devia ter pago por aquela cama, devia ter passado a noite caminhando, pois teria obtido maior descanso. Senti-me mais só do que já me sentira na vida. Até na masmorra de Majestoso, à espera da morte, eu fora capaz de sondar até o meu lobo. Mas não naquela noite em que estava sozinho, pensando num assassinato que era incapaz de planejar, temendo que Majestoso estivesse protegido por um círculo de iniciados no Talento, cujas habilidades eu só podia adivinhar. Apesar do calor da noite de fim de verão, sentia-me enregelado e nauseado sempre que pensava nisso. A minha determinação em matar Majestoso nunca vacilou; apenas a minha confiança de que seria bem-sucedido. Até então não me saíra muito bem sozinho, mas decidi que no dia seguinte atuaria de uma forma que deixaria Breu orgulhoso.

Quando pensei no círculo, senti uma nauseante certeza de que eu enganara a mim mesmo a respeito da estratégia. Eu havia chegado até ali por minha própria vontade, ou seria aquilo alguma artimanha sutil que Vontade incutira nos meus pensamentos, para me convencer de que correr para ele era a coisa mais segura a se fazer? Vontade era sutil com o Talento. Tinha um toque tão insidiosamente suave que quase não o sentíamos quando ele estava usando-o. Ansiei subitamente por tentar sondar com o Talento, para ver se conseguia senti-lo

observando-me. Então tive certeza de que o meu impulso para sondar com o Talento fora na verdade Vontade me influenciando, tentando-me a lhe abrir a minha mente. E assim prosseguiram os meus pensamentos, perseguindo-se em círculos cada vez mais apertados até que quase senti o divertimento dele enquanto me observava.

Após a meia-noite me senti finalmente afundando no sono. Rendi os pensamentos que me atormentavam sem hesitar, atirando-me ao sono como se fosse um mergulhador decidido a sondar as profundezas. Reconheci tarde demais os imperativos desse afundamento. Teria lutado se conseguisse me lembrar de como se lutava. Em vez disso, reconheci à minha volta as tapeçarias e troféus que decoravam o grande salão de Torre Crespa, o castelo principal do Ducado de Vigas.

As dobradiças das grandes portas de madeira tinham cedido e elas estavam abertas, vítimas do aríete que se encontrava atravessado na soleira, após ter concluído o seu terrível trabalho. Fumaça pairava no ar do salão, entrelaçando-se em volta dos estandartes de vitórias passadas. Havia corpos densamente empilhados ali, onde os combatentes tinham tentado deter a torrente de Salteadores contra a qual as pesadas pranchas de carvalho não tinham resistido. Alguns passos depois da muralha de corpos massacrados, uma linha de guerreiros de Vigas ainda resistia, mas de forma irregular. No meio de um pequeno nó de batalha encontrava-se o Duque Fortes, flanqueado pelas filhas mais novas, Celeridade e Fé. Brandiam espadas, tentando em vão defender o pai contra a pressão do inimigo. Ambas combatiam com uma perícia e ferocidade que nunca teria suspeitado possuírem. Pareciam uma parelha de falcões, com os rostos enquadrados por cabelo curto, lustroso e negro, os olhos azuis-escuros semicerrados de ódio. Mas Fortes estava recusando a proteção, negando-se a ceder à onda assassina de Salteadores. Estava de pernas abertas, salpicado de sangue e brandia com duas mãos um machado de batalha.

À frente e por baixo dele, no abrigo criado pelo alcance do seu machado, encontrava-se o corpo da filha mais velha e herdeira. Um golpe de espada se enterrara profundamente entre o ombro e o pescoço, estilhaçando-lhe a clavícula antes de a arma se entalar na ruína do seu peito. Estava morta, irremediavelmente morta, mas Fortes não queria afastar-se do seu corpo. Lágrimas criavam sulcos de sangue no seu rosto. O seu peito oscilava como um fole de cada vez que respirava, e os velhos músculos filamentosos no seu torso eram revelados por baixo da camisa rasgada. Fortes mantinha à distância dois espadachins, um dos quais era um fervoroso jovem que estava entregando todo o

coração à derrota daquele duque e o outro uma víbora em forma de homem, que se mantinha para trás da pressão do combate com a espada longa pronta para tirar proveito de qualquer abertura que o jovem pudesse criar.

Soube de tudo aquilo numa fração de segundo, e soube que Fortes não duraria muito mais. O sangue escorregadio já travava uma batalha com a mão que enfraquecia no cabo do machado, enquanto cada golfada de ar que forçava a atravessar a garganta seca era um tormento por si só. Ele era um velho, e tinha o coração partido, e sabia que mesmo que sobrevivesse àquela batalha, Vigas fora perdido para os Navios Vermelhos. A minha alma gritou diante de sua desgraça, mas mesmo assim ele deu aquele impossível passo em frente e desceu o machado para acabar com a vida do jovem fervoroso que o enfrentara. No momento em que o machado se afundou no peito do Salteador, o outro homem deu um passo à frente, penetrou na abertura de meio segundo e fez dançar a sua lâmina para dentro e para fora do peito de Fortes. O velho seguiu o oponente moribundo até as pedras ensanguentadas do seu castelo.

Celeridade, ocupada com o seu próprio oponente, virou-se ligeiramente ao ouvir o grito de angústia da irmã. O Salteador que estivera combatendo aproveitou a oportunidade. A sua arma mais pesada enrolou-se na lâmina mais leve dela e a arrancou da mão. Ela deu um passo para trás, afastando-se do sorriso ferozmente satisfeito do Salteador, e virou a cabeça para longe de sua morte, a tempo de ver o assassino do pai agarrando o cabelo de Fortes, preparando-se para lhe cortar a cabeça como troféu.

Não consegui aguentar aquilo.

Saltei para o machado que Fortes deixara cair, agarrei o seu cabo escorregadio pelo sangue como se estivesse apertando a mão de um velho amigo. Pareceu-me estranhamente pesado, mas o brandi para cima, bloqueando a espada do meu agressor e então, numa combinação que teria deixado Bronco orgulhoso, puxei-o para trás para que o trajeto da lâmina passasse pelo seu rosto. Estremeci ligeiramente ao sentir os ossos do seu rosto cedendo com aquele golpe. Não tive tempo para pensar nisso. Saltei para frente e atirei com força o machado para baixo, cortando a mão do homem que tentara cortar a cabeça do meu pai. O machado ressoou nas lajes de pedra do chão, dando-me um choque nos braços. Um jorro súbito de sangue me respingou quando a espada de Fé abriu um sulco no braço do seu oponente. Ele se erguia acima de mim, de modo que encolhi o ombro e rolei, pondo-me de pé enquanto atravessava a sua barriga com a lâmina do meu machado. O homem largou a espada e agarrou-se às tripas que se esparramavam enquanto caía.

Houve um momento insano de completa imobilidade na minúscula bolha de batalha que ocupávamos. Fé me encarava com uma expressão espantada que se transformou brevemente num ar de triunfo antes de ser substituído por uma expressão da mais pura angústia.

— Não podemos deixar que fiquem com os corpos deles! — declarou de súbito. Ergueu abruptamente a cabeça, fazendo esvoaçar o cabelo curto como se fosse a crina de um garanhão de batalha. — Vigas! A mim! — gritou, e não era possível não perceber a nota de comando na sua voz.

Por um instante ergui os olhos para Fé. A minha visão se perdeu, duplicou-se por um instante. Uma Celeridade entontecida desejava à irmã:

— Longa vida para a Duquesa de Vigas. — Testemunhei um olhar entre elas, um olhar que dizia que nenhuma das duas esperava sobreviver até o fim do dia. Então, um grupo de guerreiros de Vigas libertou-se da batalha e veio juntar-se a elas.

— O meu pai e a minha irmã. Levem os seus corpos daqui — ordenou Fé a dois dos homens. — Vocês outros, a mim! — Celeridade rolou e ficou de pé, olhou confusa para o pesado machado e agachou-se para voltar a pegar na familiaridade da sua espada.

— Ali, precisam de nós ali — declarou Fé, apontando, e Celeridade a seguiu, a fim de reforçar o suficiente a linha de batalha para permitir à sua gente a retirada.

Observei Celeridade afastando-se, uma mulher que eu não amara, mas sempre admiraria. Desejei de todo o coração seguir atrás dela, mas o meu domínio sobre a cena enfraquecia, estava tudo transformando-se em fumaça e sombras. Alguém me agarrou.

Isso foi estúpido.

A voz na minha mente parecia contente. *Vontade!*, pensei desesperado enquanto o coração me subia no peito.

Não. Mas podia perfeitamente ter sido. Está ficando descuidado com as muralhas, Fitz. Não pode se dar a esse luxo. Por mais que eles nos chamem, você precisa ser cuidadoso. Veracidade deu-me um empurrão que me impeliu para longe, e senti a carne do meu corpo me acolher de novo.

— Mas você faz isto — protestei, mas ouvi apenas o som fraco da minha voz no quarto da estalagem. Abri os olhos. Tudo era escuridão do lado de fora da única janela do quarto. Não saberia dizer se haviam se passado momentos ou horas. Sabia apenas que estava grato por ainda haver alguma escuridão para dormir, pois o terrível cansaço que tomava conta de mim não me deixaria pensar

em mais nada.

Quando acordei na manhã seguinte, estava desorientado. Passara-se tempo demais desde que eu acordara numa cama de verdade, quanto mais acordar me sentindo limpo. Forcei os olhos a se focarem, então olhei para os nós das vigas do teto acima de mim. Passado algum tempo, recordei a estalagem e que não estava muito longe de Vaudefeira e Majestoso. Quase no mesmo instante, lembrei-me de que o Duque Fortes estava morto. O coração saltou dentro de mim. Fechei com força os olhos contra a memória dessa batalha e senti o martelo e a bigorna da minha dor de cabeça começar. Por um instante irracional, coloquei a culpa de tudo em Majestoso. Fora ele que orquestrara esta tragédia que me arrancava o coração e me deixava o corpo tremendo de fraqueza. Precisamente na manhã em que eu esperara me levantar forte, refrescado e pronto para matar, quase não conseguia encontrar a força para me virar na cama.

Depois de algum tempo, o rapaz da estalagem chegou com a minha roupa. Dei-lhe mais dois cobres e ele regressou pouco tempo depois com uma bandeja. O aspecto e o cheiro da tigela de mingau me revoltou. Compreendi de súbito a aversão por comida que Veracidade sempre manifestara durante os verões em que o seu uso do Talento mantivera os Salteadores afastados da nossa costa. Os únicos artigos na bandeja que me interessavam eram a caneca e o cântaro de água quente. Saí com dificuldade da cama e me agachei para puxar a trouxa de debaixo da cama. Centelhas dançaram e flutuaram diante dos meus olhos. Quando consegui abrir a trouxa e localizar o casco-de-elfo, estava respirando tão fortemente como se tivesse feito uma corrida. Precisei de toda a minha concentração para focar os pensamentos para além da dor de cabeça. Encorajado pela cabeça latejando, aumentei a quantidade de casco-de-elfo que desfiz para dentro da caneca. Já quase chegara à dose que Breu usava para Veracidade. Desde que o lobo me deixara que eu vinha sofrendo daqueles sonhos de Talento. Não importava como erguia as muralhas, não conseguia mantê-los longe. Mas o da noite anterior fora o pior desde há muito tempo. Suspeitei que isso acontecera porque eu entrara no sonho e, através de Celeridade, agira. Os sonhos haviam sido um terrível sorvedouro tanto das minhas forças, como da minha reserva de casco-de-elfo. Vigiei impacientemente a casca soltar a sua escuridão na água fumegante. Assim que deixei de ver o fundo da caneca, ergui-a e bebi até o fim. A amargura quase me fez vomitar, mas não me impediu de despejar mais água quente sobre a casca que esperava no fundo da caneca.

Bebi esta segunda dose mais fraca com menos rapidez, sentado na beira da

cama e olhando ao longe pela janela. Eu tinha uma bela vista sobre a plana região fluvial. Havia campos cultivados, e vacas leiteiras em pastos cercados logo saindo de Pomo, e mais além eu conseguia avistar a fumaça que se erguia de pequenas fazendas ao longo da estrada. Não havia mais pântanos para atravessar, não havia mais regiões abertas e selvagens entre mim e Majestoso. Dali em diante, teria de viajar como um homem.

A minha dor de cabeça diminuiu. Forcei-me a comer o mingau frio, ignorando as ameaças do meu estômago. Pagara por ele e iria precisar do seu sustento antes que aquele dia chegasse ao fim. Vesti a roupa limpa que o rapaz me devolvera. Estava limpa, mas isso era tudo o que se podia dizer em seu favor. A camisa estava deformada e descolorida em vários tons de castanho. As calças estavam puídas nos joelhos e no traseiro, e curtas demais. Quando enfiei os pés nos sapatos que eu mesmo fizera, percebi pela primeira vez quão patéticos eles eram. Passara-se tanto tempo desde que eu parara para pensar no aspecto que apresentava aos outros que me surpreendi por me ver vestido mais pobremente do que qualquer mendigo de Torre do Cervo de que conseguia me lembrar. Não admirava que tivesse gerado piedade e repugnância na noite anterior. Eu sentiria o mesmo por qualquer indivíduo assim vestido.

A ideia de descer vestido daquela forma fez com que eu me encolhesse. A alternativa, contudo, era vestir a roupa de inverno, quente e lanosa, e passar o dia inteiro sentindo calor e suando. Descer tal como eu estava não passava de bom senso, mas agora me sentia um motivo de chacota tão grande que desejei poder escapar sem ser visto.

Enquanto voltava a fazer energicamente a trouxa, senti um momento de alarme quando percebi a quantidade de casco-de-elfo que consumira de uma só vez. Sentia-me alerta; nada mais do que isso. Um ano antes, tanto casco-de-elfo teria me deixado balançando nas vigas. Disse firmemente a mim mesmo que isso era como a roupa esfarrapada. Não tinha escolha. Os sonhos de Talento não me deixavam em paz e eu não tinha tempo para ficar deitado à espera que o meu corpo se recuperasse sozinho, quanto mais o dinheiro para pagar por um quarto numa estalagem e por comida enquanto o fazia. E, no entanto, quando pus a trouxa ao ombro e desci a escada, refleti que aquilo era uma maneira ruim de começar o dia. A morte de Fortes e a queda do Ducado de Vigas nas mãos dos Salteadores, a minha roupa de espantalho e a muleta do casco-de-elfo. Tudo isso me deixara num belo marasmo.

Que chance real eu teria de passar pelas muralhas e guardas de Majestoso e dar cabo dele?

Um estado de espírito sombrio, dissera-me um dia Bronco, era um dos efeitos secundários do casco-de-elfo. Portanto, era só isso que eu estava sentindo. Nada mais.

Despedi-me do estalajadeiro e ele me desejou boa sorte. O sol já ia alto lá fora. Prometia outro dia de bom tempo. Marquei um ritmo regular ao sair de Pomo em direção a Vaudefeira.

Quando cheguei aos arredores, tive uma visão inquietante. Havia duas forcas, e de cada uma pendia um corpo. Aquilo já era perturbador o suficiente, mas havia também outras estruturas: um pelourinho e dois cepos. A madeira ainda não embranquecera ao sol; aquelas eram estruturas recentes, e ainda assim, pelo aspecto que exibiam, via-se que já haviam tido um uso considerável. Passei rapidamente por elas, mas não consegui deixar de me lembrar de quão perto estivera de decorar uma estrutura como aquelas. Tudo o que me salvara fora o meu sangue real bastardo e o antigo decreto que proibia que alguém como eu fosse enforcado. Recordei, também, o prazer evidente de Majestoso enquanto observava o meu espancamento.

Com um segundo arrepio, perguntei a mim mesmo onde estaria Breu. Se a soldadesca de Majestoso conseguisse capturá-lo, eu não tinha dúvida de que Majestoso daria fim dele rapidamente. Tentei não imaginar o aspecto que ele teria, alto, magro e grisalho à luz brilhante do sol, num cadafalso.

Ou seria o seu fim rápido?

Sacudi a cabeça para me libertar de tais pensamentos e continuei a avançar para além dos corpos de espantalho que se esfarrapavam ao sol como roupa lavada e depois esquecida. Um humor negro na minha alma fez notar que até eles estavam mais bem vestidos do que eu.

Enquanto avançava pela estrada, tive de dar passagem com frequência a carroças e gado. O comércio prosperava entre as duas cidades. Deixei Pomo para trás e fui passando durante algum tempo por casas de fazenda bem cuidadas que se viravam para a estrada, com as suas searas e pomares por trás. Um pouco mais adiante e eu passava por propriedades campestres, casas confortáveis de pedra com árvores para sombra, plantações em volta dos seus robustos celeiros e cavalos para passeio e caça nas pastagens. Por mais de uma vez tive certeza de reconhecer ali animais de Torre do Cervo. Essas propriedades deram lugar durante algum tempo a grandes campos de cultivo, principalmente de linho ou cânhamo. Por fim, comecei a ver propriedades mais modestas e depois os arredores de uma pequena cidade.

Pelo menos era o que eu pensava. O fim da tarde foi dar comigo no coração de

uma grande cidade, com ruas de paralelepípedos e gente indo e vindo em todos os tipos imagináveis de negócio. Dei por mim olhando em volta maravilhado. Nunca vira algo como Vaudefeira. Havia loja atrás de loja, tavernas, estalagens e estábulos para bolsas de todos os pesos, e tudo se espalhava ao longo daquela terra plana como nenhuma cidade de Cervo poderia fazer. Cheguei a uma área de jardins e fontes, templos, teatros e locais de aprendizagem. Havia jardins delineados com caminhos de cascalho que serpenteavam por entre canteiros, estátuas e árvores. As pessoas que percorriam a pé as calçadas ou seguiam em carruagens estavam adornadas com trajes que as fariam se sentir em casa em qualquer um dos acontecimentos mais formais de Torre do Cervo. Algumas deles usavam a libré dourada e castanha de Vara, mas mesmo o vestuário desses criados era mais suntuoso do que qualquer roupa que eu algum dia já possuíra.

Fora ali que Majestoso passara os verões da sua infância. Sempre desdenhara a Cidade de Torre do Cervo como pouco mais do que uma aldeia atrasada. Tentei imaginar um rapaz deixando tudo isto no outono, para regressar a um castelo cheio de correntes de ar, erguido numa falésia varrida pela chuva e açoitada pelas tempestades por cima de uma suja cidadezinha portuária. Não era de admirar que tivesse se mudado para ali com a corte assim que lhe fora possível. De súbito senti um leve indício de compreensão por Majestoso. Isso me irritou. É bom conhecer bem um homem que se vai matar; não é bom compreendê-lo. Lembrei-me do modo como ele matara o próprio pai, meu rei, e revesti de aço a minha determinação.

Enquanto vagava por entre esses prósperos quarteirões, atraí mais do que um relance compadecido. Se estivesse determinado a ganhar a vida como pedinte, eu poderia ter prosperado. Mas eu procurava domicílios e pessoas mais humildes, junto dos quais poderia ouvir algumas conversas sobre Majestoso e o modo como o seu castelo de Vaudefeira estava organizado e guarnecido. Abri caminho até a margem do rio, esperando me sentir mais em casa.

Foi ali que descobri o motivo real da existência de Vaudefeira. Fiel ao seu nome, o rio transformava-se ali num imenso baixio que ondulava sobre cascalho e o leito rochoso. Era tão largo que a margem oposta era obscurecida por névoa, e o rio parecia chegar ao horizonte. Vi manadas e rebanhos inteiros de gado bovino e ovino atravessando a vau o Rio Vim, enquanto rio abaixo uma série de barcaças de pequeno calado, movidas através de cabos, aproveitavam as águas mais profundas para transportar um fluxo incessante de bens de uma margem do rio para a outra. Era ali que Lavra se encontrava comercialmente com Vara, era ali que pomares, campos de cultivo e gado se juntavam, e onde os bens trazidos

rio acima desde Cervo, Vigas ou de terras distantes eram finalmente descarregados e enviados aos nobres que podiam comprá-los. Para Vaudefeira, em dias melhores, vinham os bens do Reino da Montanha e das terras que se estendiam para além desse reino: âmbar, ricas peles, marfim esculpido e as raras cascas de incenso dos Ermos Chuvosos. Também para ali era trazido o linho bruto para ser transformado no linho de Vara, e cânhamo para criar a fibra para cordas e velas.

Foram-me oferecidas algumas horas de trabalho descarregando sacas de cereais de uma pequena barcaça e carregando-as numa carroça. Aceitei-as, mais pela conversa do que pelos cobres. Fiquei sabendo de pouca coisa. Ninguém falou dos Navios Vermelhos ou da guerra que se travava ao longo da costa, exceto para protestar contra a fraca qualidade dos bens que provinham da costa e do que era pedido pelo pouco que era enviado. Pouco foi dito sobre o Rei Majestoso, e as poucas palavras que ouvi orgulhavam-se da sua habilidade de atrair mulheres e de beber bem. Sobressaltei-me ao ouvir falar dele como um rei Montebom, o nome da linhagem real da mãe. Então decidi que me convinha perfeitamente que ele não se chamasse de Visionário. Era uma coisa a menos que tinha de partilhar com ele.

Contudo, ouvi falar muito da Arena do Rei, e o que ouvi me azedou as entranhas.

O conceito de um duelo para defender a verdade das palavras de cada um era antigo nos Seis Ducados. Em Torre do Cervo havia os grandes pilares verticais das Pedras Testemunha. Dizem que quando dois homens se encontram ali para resolver uma questão com os punhos, os próprios El e Eda testemunham o ato e asseguram-se de que a justiça seja feita. As pedras e o costume são muito antigos. Quando falávamos da Justiça do Rei em Torre do Cervo, era bastante frequente que nos referíssemos ao discreto trabalho que Breu e eu fazíamos para o Rei Sagaz. Havia quem viesse fazer petições públicas ao próprio Rei Sagaz, submetendo-se ao que ele pudesse ver como certo. Mas havia ocasiões em que outras injustiças chegavam ao conhecimento do rei, e então ele podia enviar Breu ou a mim para fazer a sua vontade ser sentida de forma discreta pelo malfeitor. Em nome da Justiça do Rei, eu selara destinos tanto com rapidez misericordiosa como com lentidão punitiva. Eu devia ter ficado insensibilizado perante a morte.

Mas a Arena do Rei de Majestoso tinha em si mais de divertimento do que de justiça. A premissa era simples. Aqueles que eram julgados pelo rei merecedores de punição ou morte eram enviados para a sua arena. Ali poderiam enfrentar

animais famintos e provocados até a loucura, ou um lutador, um Campeão do Rei. A algum criminoso ocasional que apresentasse um espetáculo muito bom poderia ser concedida clemência régia, ou podia mesmo tornar-se um Campeão. Forjados não tinham tal chance. Forjados eram entregues às feras para serem estraçalhados, ou deixados passando fome e soltos em cima de outros transgressores. Tais julgamentos tinham se tornado bastante populares nos últimos tempos, tão populares que as multidões estavam transbordando da praça do mercado em Vaudefeira onde a "justiça" era atualmente feita. Agora, Majestoso estava construindo uma arena especial. Iria ter a conveniência de se localizar mais perto da sua casa senhorial, com celas e paredes seguras, capazes de confinar mais fortemente tanto os animais quanto os prisioneiros, com assentos para os que vinham observar o espetáculo da execução da Justiça do Rei. A construção da Arena do Rei estava fornecendo novos negócios e empregos à cidade de Vaudefeira. Todos a acolhiam como uma ótima ideia diante do fim das trocas com o Reino da Montanha. Não ouvi ser proferida uma única palavra contra a obra.

Quando a carroça ficou carregada, recebi o pagamento e segui os outros estivadores até uma taverna próxima. Ali, além de cerveja, era possível comprar um punhado de ervas e um incensório de fumo para a mesa. A atmosfera dentro da taverna estava pesada com os fumos, e logo senti os olhos ramelosos e a garganta irritada por causa deles. Ninguém mais parecia lhes prestar nenhuma atenção, ou mesmo ser muito afetado por eles. O uso das ervas de queimar como inebriante nunca fora comum em Torre do Cervo, e eu nunca me habituara a elas. As minhas moedas compraram um prato de pudim com mel e uma caneca de uma cerveja muito amarga que para mim tinha gosto de água do rio.

Perguntei a várias pessoas se era verdade que estavam contratando cavalariços para os estábulos do rei, e caso estivessem, onde um homem deveria ir para pedir trabalho. Que alguém como eu pudesse tentar trabalhar para o próprio rei proporcionou algum divertimento à maior parte deles, mas como eu fingira ser um tanto simplório durante o tempo que passara trabalhando com eles, consegui aceitar o seu humor e sugestões rudes com um sorriso brando. Um malandro acabou me dizendo que eu devia ir pedir ao próprio rei, e me indicou como chegar ao Palácio de Vaudefeira. Agradeci-lhe, bebi o resto da cerveja e fui embora.

Suponho que esperara um edifício de pedra qualquer com muralhas e fortificações. Era isso que eu procurava enquanto seguia as instruções para o interior e para cima, afastando-me do rio. No entanto, acabei chegando a uma

colina pouco elevada, se é que se podia dar tal nome a uma elevação tão modesta. A altura adicional era suficiente para fornecer uma vista desobstruída do rio em ambas as direções, e as elegantes estruturas de pedra que se erguiam na colina tinham tirado dela toda a vantagem possível. Parei na estrada movimentada, no sopé, olhando os edifícios praticamente de boca aberta. Nada tinham dos ameaçadores aspectos marciais de Torre do Cervo. O caminho de entrada, coberto de seixo branco, os jardins e as árvores rodeavam uma habitação que era ao mesmo tempo palaciana e acolhedora. O Palácio de Vaudefeira e os edifícios que o rodeavam nunca tinham sido usados como fortaleza ou castelo. Fora construído como residência elegante e dispendiosa. A pedra das paredes fora trabalhada em padrões e havia graciosos arcos nas entradas. Havia torres, mas não se viam seteiras nelas. Percebia-se que haviam sido construídas para fornecer ao habitante uma vista mais vasta das redondezas, mais por prazer do que por cautela.

Também havia muros, entre a movimentada estrada pública e a mansão, mas eram muros baixos e espessos de pedra, cobertos de musgo ou hera, com recantos ou nichos onde estátuas eram flanqueadas por trepadeiras em flor. Um largo caminho para carruagens levava diretamente ao casarão. Outras vias e caminhos mais estreitos convidavam a investigar lagoas cheias de lírios e árvores frutíferas inteligentemente podadas, ou vias calmas e cheias de sombras. Há pelo menos cem anos, algum jardineiro visionário havia plantado ali carvalhos e salgueiros, que agora se elevavam, davam sombra e sussurravam ao vento vindo do rio. Toda aquela beleza espalhava-se por uma área maior do que a de uma fazenda de bom tamanho. Tentei imaginar um governante que tinha tempo e recursos para criar tudo aquilo.

Seria aquilo o que se podia ter, se não se precisasse de navios de guerra e exércitos regulares? Teria Paciência alguma vez conhecido aquele tipo de beleza na casa de seus pais? Seria daquilo que o Bobo fizera eco nos delicados vasos de flores e aquários de peixes dourados que tivera no quarto? Senti-me sujo e grosseiro, e não por causa da roupa. Assim era, realmente, senti de súbito, como um rei devia viver. Entre a arte, a música e a graciosidade, elevando as vidas do seu povo por fornecer um lugar onde essas coisas podiam florescer. Vislumbrei a minha própria ignorância e, pior, a fealdade de um homem treinado apenas para matar outros homens. Senti também uma ira súbita por tudo o que nunca me fora ensinado, por tudo o que nunca sequer vislumbrara. Não teriam Majestoso e sua mãe também tido uma mão nisso, em manter o Bastardo no seu lugar? Eu havia sido amolado como uma ferramenta feia e funcional, do mesmo modo que a

escarpada e estéril Torre do Cervo era uma fortaleza, não um palácio.

Mas quanta beleza sobreviveria ali, se Torre do Cervo não se erguesse como um cão rosnando na foz do Rio Cervo?

Foi como um balde de água fria no meu rosto. Era verdade. Não teria sido por isso que Torre do Cervo fora construída para começar, a fim de ganhar controle sobre o comércio fluvial? Se Torre do Cervo algum dia caísse nas mãos dos Salteadores, aqueles largos rios se transformariam em estradas para as suas embarcações de pequeno calado. Mergulhariam como uma adaga na suave barriga dos Seis Ducados. Aqueles nobres indolentes e arrogantes garotos de fazenda acordariam ao som de gritos e ao cheiro de fumaça na noite, sem castelo para onde fugir, sem guardas para resistir e lutar por eles. Antes de morrerem, poderiam vir a saber o que outros haviam suportado para mantê-la em segurança. Antes de morrerem, poderiam insurgir-se contra um rei que fugira desses baluartes para vir para o interior e esconder-se em prazeres.

Mas eu pretendia fazer com que esse rei morresse primeiro.

Dei início a uma cuidadosa caminhada ao longo do perímetro do Castelo de Vaudefeira. A maneira mais fácil de entrar tinha de ser pesada contra a mais discreta, e as melhores maneiras de sair também tinham de ser planejadas. Antes de cair a noite, eu descobriria tudo o que podia sobre o Palácio de Vaudefeira.

CAPÍTULO 9

Assassino

O último verdadeiro Mestre do Talento a servir de tutor a pupilos de sangue real em Torre do Cervo não foi Galeno, como é frequente ver registrado, mas a sua predecessora, Solicitude. Ela esperara, talvez tempo demais, até selecionar um aprendiz. Quando escolheu Galeno, ela já desenvolvera a tosse que iria pôr fim à sua vida. Há quem diga que ela o aceitou em desespero de causa, sabendo que estava morrendo. Outros afirmam que ele lhe foi imposto pela vontade da Rainha Desejo de ver o seu favorito ascender na corte. Qualquer que fosse o caso, ele havia sido seu aprendiz há pouco mais de dois anos quando Solicitude sucumbiu à tosse e morreu. Tendo em conta que Mestres do Talento anteriores haviam passado por aprendizados de até sete anos, foi bastante precipitado que ele tivesse se declarado Mestre do Talento imediatamente após a morte de Solicitude. Não parece ser muito possível que ela tivesse lhe transmitido todos os seus conhecimentos sobre o Talento e suas possibilidades num intervalo de tempo tão breve. No entanto, ninguém contestou o direito de Galeno ao título. Embora estivesse auxiliando Solicitude no treinamento dos dois príncipes, Veracidade e Cavalaria, declarou esse treinamento completo após a morte de Solicitude. Depois disso, resistiu às sugestões que lhe foram feitas para treinar outros até chegarem os anos das Guerras dos Navios Vermelhos, quando finalmente cedeu à exigência do Rei Sagaz e apresentou o seu primeiro e único círculo.

Ao contrário dos círculos tradicionais, que selecionavam os seus próprios membros e líder, Galeno criou o seu a partir de estudantes escolhidos a dedo, e enquanto esteve vivo manteve uma quantidade tremenda de controle sobre eles. Augusto, o líder nominal do círculo, viu o Talento lhe ser arrancado num acidente durante uma missão ao Reino da Montanha. Serena, que assumiu a liderança após a morte de Galeno, pereceu junto com outro membro, Justino, durante o tumulto que se seguiu à descoberta do assassinato do Rei Sagaz. Vontade foi quem assumiu em seguida a liderança daquilo que veio a ser conhecido como Círculo de Galeno. A essa altura restavam apenas três

membros: o próprio Vontade, Emaranhado e Cedoura. Parece provável que Galeno tenha inculcado nos três uma inabalável lealdade a Majestoso, mas isso não evitou que entre eles existisse rivalidade pelo favor de Majestoso.



Quando caiu o crepúsculo, eu já explorara os terrenos exteriores da propriedade real de uma forma bastante exaustiva. Descobrira que qualquer um podia caminhar livremente pelas vias inferiores, usufruindo das fontes e jardins, das sebes de teixo e das castanheiras, e havia várias pessoas bem vestidas fazendo isso mesmo. A maior parte me olhava com austera reprovação, alguns com piedade, e um guarda de libré que encontrei me lembrou com firmeza que não era permitido mendigar no interior dos Jardins do Rei. Assegurei-lhe que viera apenas ver as maravilhas de que tantas vezes ouvira falar nas histórias. Ele por sua vez sugeriu que histórias sobre os jardins eram mais do que suficientes para gente da minha laia, e me indicou o caminho mais direto para sair dos jardins. Agradeci-lhe com toda a humildade e me afastei. Ele ficou observando a minha partida até que o caminho me fez dar a volta em uma sebe e sair do seu campo de visão.

A incursão seguinte foi mais discreta. Eu considerara brevemente a ideia de emboscar um dos jovens nobres que passeavam por entre as flores e ornamentos herbáceos e me servir das suas roupas, mas decidira não fazer isso. Era improvável encontrar alguém suficientemente esguio para que a sua roupa me servisse como devia ser, e as vestimentas elegantes que eles traziam pareciam precisar de montes de nós em fitas de cores alegres. Duvidava de ser capaz de me enfiar numa daquelas camisas sem a ajuda de um criado, quanto mais despir uma de um homem inconsciente. E, de qualquer modo, os tilintantes ornamentos de prata costurados nas rendas que pendiam dos punhos não se adequavam ao trabalho silencioso de um assassino. Decidi confiar na densidade das plantas ao longo dos muros baixos para me fornecer abrigo, e subi gradualmente a colina.

Acabei encontrando um muro de pedra lisa que rodeava o topo da colina. A sua altura era só ligeiramente superior à que um homem alto poderia alcançar com um salto. Não me parecia que tivesse sido planejado como uma barreira séria. Não havia plantas ao longo dele, mas tocos de velhos troncos e raízes mostravam que antigamente fora embelezado com trepadeiras e arbustos. Perguntei a mim mesmo se teria sido Majestoso que ordenou a sua limpeza. Por cima do muro, eu conseguia ver as copas de numerosas árvores, e ousei, portanto, contar com o abrigo que elas forneceriam.

Precisei da maior parte da tarde para fazer o circuito completo do muro sem ficar à vista. Havia nele vários portões. Um elegante portão principal tinha guardas de libré saudando carruagens cheias de gente que entravam e saíam. Se eu tivesse roupas melhores, teria me arriscado a representar o papel de um criado, mas não me atrevia a tentar tal coisa com os meus farrapos de mendigo. Em vez disso, fiquei fora da vista dos guardas no portão e comecei a mendigar junto dos comerciantes que iam e vinham. Fazia-o em silêncio, simplesmente me aproximando deles de mãos estendidas e uma expressão suplicante. A maior parte fez o que as pessoas fazem quando confrontadas com um mendigo. Ignorou-me e prosseguiu com as suas conversas. E assim fiquei sabendo que aquela era a noite do Baile Escarlate, que havia sido trazido para a festa um número adicional de criados, músicos e mágicos, que rebentalegre substituíra a erva-de-riso como fumo favorito do rei, e que o rei ficara muito irritado com a qualidade da seda amarela que um tal Festro lhe trouxera e ameaçara chicotear o mercador por ter a ousadia de lhe trazer material tão ruim. O baile era também uma despedida ao rei, antes de embarcar na manhã seguinte numa viagem para visitar a sua querida amiga Dama Celestra, em Salão de Âmbar, junto ao rio Vim. Ouvi muito mais coisas, mas poucas que se relacionassem com o meu objetivo. Acabei também obtendo um punhado de moedas de cobre pelo tempo gasto.

Regressei a Vaudefeira. Descobri uma rua inteira dedicada à confecção de roupas. Na porta dos fundos da loja de Festro encontrei um aprendiz varrendo. Dei-lhe vários cobres em troca de alguns pedaços de seda em vários tons de amarelo. Então procurei a mais humilde loja da rua, onde todas as moedas que possuía bastaram para comprar umas calças largas, um guarda-pó e um lenço para a cabeça semelhante àquele que o aprendiz usava. Troquei de roupa na loja, entrancei o meu rabo de cavalo de guerreiro e escondi-o sob o lenço, calcei as botas e saí da loja uma pessoa diferente. A espada pendia agora ao longo da perna, por dentro das calças. Era desconfortável, mas não muito visível se eu adotasse um passo rápido. Deixei a roupa velha e o resto da minha trouxa, à exceção dos venenos e de outros instrumentos pertinentes, num canteiro de urtigas por trás de um anexo muito malcheiroso no pátio de uma taverna. Regressei ao Castelo de Vaudefeira.

Não me permiti hesitações. Dirigi-me diretamente ao portão dos comerciantes e fiquei na fila com os outros que tentavam entrar. O meu coração batia com força dentro das costelas, mas adotei um comportamento calmo. Passei o tempo examinando aquilo que conseguia ver da casa através das árvores. Era imensa.

Antes eu me sentira espantado pela quantidade de terra arável que fora dedicada a jardins decorativos e caminhos. Agora via que os jardins eram apenas o pano de fundo para uma habitação que se estendia e erguia num estilo de casa que me era completamente estranho. Nada nela lembrava uma fortaleza ou castelo; tudo era conforto e elegância. Quando chegou a minha vez, mostrei os pedaços de seda e disse que trazia as desculpas de Festro e algumas amostras que ele esperava que fossem mais do agrado do rei. Quando um guarda ríspido comentou que Festro vinha habitualmente em pessoa, eu respondi, um tanto mal-humorado, que o meu mestre achava que riscas ficavam melhor às minhas costas do que às suas, no caso de as amostras não agradarem ao rei. Os guardas trocaram sorrisos e me deixaram entrar.

Subi rapidamente o caminho até me aproximar de um grupo de músicos que tinha entrado antes de mim. Contornei atrás deles até os fundos do solar. Ajoelhei-me para amarrar de novo a bota enquanto eles pediam instruções, então me endireitei a tempo de segui-los para o interior. Dei por mim num pequeno átrio, fresco e quase escuro depois do calor e luminosidade do sol da tarde. Segui-os ao longo de um corredor. Os menestréis conversavam e riam entre si enquanto se apressavam. Eu diminuí o passo e fiquei para trás. Quando passei por uma porta que se escancarava para uma sala vazia, entrei e fechei-a silenciosamente atrás de mim. Respirei fundo e olhei em volta.

Estava numa pequena sala de estar. A mobília era pobre e combinava mal, de modo que deduzi que se destinava a criados ou artesãos que viessem de visita. Não podia contar com ficar ali sozinho por muito tempo. Havia, no entanto, vários grandes armários ao longo da parede. Escolhi um que não estava diretamente à vista da porta no caso de ela se abrir de repente, e me apressei a redistribuir o conteúdo para conseguir me sentar lá dentro. Aninhei-me com a porta ligeiramente aberta para ter alguma luz e tratei de trabalhar. Inspecionei e organizei os meus frascos e pacotes de venenos. Tratei tanto a faca de cinto como o gume da espada com veneno, então embainhei cautelosamente as armas de novo. Arranjei um modo de a espada pender do lado de fora das calças. Então procurei ficar confortável e me instalei para esperar.

Pareceram passar-se dias até que o crepúsculo desse lugar à escuridão completa. Por duas vezes houve pessoas que entraram brevemente na sala, mas concluí pelas suas conversas que todos os criados se encontravam ocupados preparando-se para a reunião daquela noite. Passei o tempo imaginando como Majestoso me mataria se me apanhasse. Por várias vezes quase perdi a coragem. Em cada uma dessas vezes lembrei a mim mesmo que, se me afastasse daquilo,

teria de viver para sempre com o medo. E, assim, procurei me preparar. Se Majestoso estava ali, então o seu círculo estaria sem dúvida por perto. Dediquei-me cautelosamente aos exercícios que Veracidade me ensinara para proteger a minha mente contra outros Talentosos. Senti-me horrivelmente tentado a arriscar sondar com um minúsculo toque de Talento, para ver se conseguiria detectá-los. Resisti. Duvidava de ser capaz de pressenti-los sem me trair. E mesmo se conseguisse detectá-los assim, o que me diria tal coisa que eu já não soubesse? Era melhor me concentrar em me defender deles. Recusei-me a permitir que eu pensasse especificamente no que faria, para que eles não apanhassem sinais dos meus pensamentos. Quando o céu fora da janela ficou por fim completamente negro e pontilhado de estrelas, esgueirei-me para fora do meu esconderijo e me aventurei a sair para o corredor.

Música ecoava na noite. Majestoso e os convidados encontravam-se nas festividades. Escutei por um momento as notas tênues de uma canção sobre duas irmãs que me era familiar, uma das quais afogava a outra. Para mim, o encanto da canção não estava numa harpa que tocava sozinha, mas num menestrel que encontrava um corpo de mulher e era inspirado a fazer uma harpa com o seu esterno. Então deixei de lado a canção e me concentrei no que tinha a fazer.

Encontrava-me num corredor simples, com chão de pedra e painéis de madeira nas paredes, iluminado por archotes muito afastados uns dos outros. Área para criados, deduzi; não era suficientemente elegante para Majestoso ou para os seus amigos. Isso, no entanto, não a tornava segura para mim. Precisava encontrar uma escada para criados e subir até o segundo andar. Deslizei ao longo do corredor. Ia de porta em porta, parando para escutar junto de cada uma. Por duas vezes ouvi rumor de gente atrás delas, mulheres conversando em uma, o estalido de um tear sendo usado em outra. Abri brevemente aquelas portas silenciosas que não estavam trancadas. Na maior parte eram salas de trabalho, várias dedicadas à tecelagem ou à costura. Majestoso, aparentemente, ainda cedia ao seu gosto por belos trajes.

Cheguei ao fim do corredor e espiei em volta da esquina. Outro corredor, muito mais largo e elegante. O teto de estuque fora esculpido com samambaias. Mais uma vez deslizei ao longo de um corredor, escutando às portas, espreitando cautelosamente por algumas. Chegando perto, disse a mim mesmo. Descobri uma biblioteca, com mais livros de velino e pergaminhos do que eu podia imaginar que existissem. Fiz uma pausa numa sala onde aves vivamente emplumadas cochilavam nos seus poleiros dentro de gaiolas extravagantes. Lajes de mármore branco tinham sido dispostas para suportar tanques de peixes de

movimentos rápidos e lírios de água. Havia ali bancos e cadeiras almofadadas, dispostos em volta de mesas de jogo. Pequenas mesas de cerejeira espalhadas por todo o lado suportavam incensórios de fumo. Eu jamais tinha sequer imaginado uma sala assim.

Acabei chegando a um belo salão, com retratos emoldurados nas paredes e um chão de ardósia negra reluzente. Recuei quando vi o guarda e permaneci em silêncio num nicho até que os seus passos entediados o levaram a passar por mim. Então me esgueirei para fora do nicho e passei depressa por todos aqueles nobres a cavalo e damas afetadas nas suas molduras suntuosas.

Entrei precipitadamente numa antecâmara. Havia tapeçarias na parede e pequenas mesas que suportavam estatuetas e vasos de flores. Até as arandelas para os archotes ali eram mais ornamentadas. Havia pequenos retratos em molduras douradas de ambos os lados de uma lareira encimada por uma elaborada cornija. Havia cadeiras dispostas junto umas das outras para conversas íntimas. A música era mais alta ali, e ouvi também risos e vozes. Apesar da hora tardia, os festejos prosseguiam. Na parede oposta viam-se duas grandes portas esculpidas. Davam para o salão onde Majestoso e os seus nobres dançavam e riam. Recolhi-me ao canto quando vi dois criados de libré entrar vindos de uma porta do meu lado esquerdo. Carregavam bandejas com um conjunto de potes de incenso. Supus que eram para substituir aqueles que teriam se esgotado. Fiquei imóvel, escutando os seus passos e conversa. Abriram as portas altas e a música de harpa ficou mais sonora acompanhada pelo odor narcótico do fumo. Ambos foram abafados pelas portas que se fecharam. Aventurei-me de novo a espreitar. O caminho estava livre à minha frente, mas atrás de mim…

— Que fazes aqui?

O coração foi parar nas botas, mas forcei um sorriso acanhado aparecer no meu rosto enquanto me virava para encarar o guarda que entrara na sala atrás de mim.

— Senhor, perdi-me no grande labirinto desta casa — disse-lhe, com sinceridade.

— É mesmo? Isso não explica por que está usando uma espada no interior dos muros do rei. Todos sabem que as armas estão proibidas, exceto à guarda do próprio rei. Vi-o agora mesmo espreitando furtivamente. Achava que com a festa em andamento podia simplesmente esgueirar-se por aí e encher os bolsos com tudo o que encontrasse, ladrão?

Fiquei paralisado de terror, observando o homem que se aproximava de mim. Tenho certeza de que a expressão aflita do meu rosto o convenceu de ter

descoberto o meu propósito. Verde nunca teria sorrido assim se pensasse que avançava sobre um homem que ajudara a espancar até a morte numa masmorra. A sua mão repousava descuidadamente no cabo da espada e ele sorria com confiança. Era um homem bem bonito, muito alto e de pele clara, tal como a maior parte das pessoas de Vara. O distintivo que usava mostrava o carvalho dourado dos Montebom de Vara, com o cervo Visionário saltando sobre ele. Então Majestoso havia também modificado o seu brasão. Quase desejei que tivesse deixado o cervo de fora.

Uma parte de mim reparou em todas essas coisas enquanto outra parte voltava a viver o pesadelo de ser erguido pelo colarinho da camisa e endireitado, apenas para que aquele homem pudesse me bater e me atirar mais uma vez no chão. Não era Dardo, aquele que quebrara o meu nariz. Não, Verde viera depois dele, espancando-me até perder os sentidos uma segunda vez, depois de Dardo ter me deixado num estado ruim demais para que eu conseguisse me manter de pé sozinho. Ele havia se agigantado acima de mim na ocasião, e eu me encolhera e recuara, tentara em vão me afastar dele engatinhando pelo frio chão de pedra que já estava salpicado com o meu sangue. Lembrei-me das pragas que ele proferira em tom risonho a cada vez que tivera de me levantar para que pudessem bater de novo em mim.

— Pelas tetas de Eda — resmunguei para mim mesmo, e com essas palavras o medo morreu em mim.

— Vejamos o que você tem nessa bolsa — exigiu ele, e aproximou-se mais.

Eu não podia lhe mostrar os venenos que trazia na bolsa. Não havia maneira de explicá-los. Nenhuma quantidade de mentira tranquila me faria escapar daquele homem. Teria que matá-lo.

De repente, tudo se tornou tão simples.

Estávamos perto demais do salão. Não queria que nenhum ruído alarmasse ou alertasse alguém, de modo que me afastei dele, um passo lento de cada vez, recuando num grande círculo que me levou a regressar ao aposento de onde saíra. Os retratos nos olhavam enquanto eu recuava hesitante do grande guarda.

— Fique parado! — ordenou, mas eu sacudi violentamente a cabeça naquilo que esperava que fosse uma exibição convincente de terror. — Eu disse para ficar parado, seu ladrãozinho magrela! — Olhei rapidamente de relance por sobre o ombro, e de novo para ele, desesperado, como se estivesse tentando encontrar coragem para me virar e fugir dele. Da terceira vez que o fiz, ele saltou sobre mim.

Eu esperara que o fizesse.

Esquivei-me com um passo para o lado, então enfiei com violência o cotovelo no fundo das costas, acrescentando à sua carga impulso suficiente para fazê-lo cair de joelhos. Ouvi-os colidindo com um ruído ossudo contra o chão de pedra. Verde soltou um urro inarticulado de raiva e dor. Pude ver a súbita fúria que sentiu por o ladrão magrela ter se atrevido a golpeá-lo. Silenciei-o bruscamente com um chute no queixo que lhe fechou a boca com um estalido. Senti-me grato por ter voltado a calçar as minhas botas. Antes de ele ter tempo de soltar outro som, eu já desembainhara a faca e lhe cortara a garganta. Ele gorgolejou o seu espanto e ergueu ambas as mãos, numa vã tentativa de conter o jorro quente de sangue. Aproximei-me dele e olhei em seus olhos.

— FitzCavalaria — disse-lhe em voz baixa. — FitzCavalaria — Os seus olhos arregalaram-se numa compreensão e terror súbitos, e então perderam toda a expressão quando a vida o abandonou. De repente tornou-se imobilidade e nada, tão vazio de vida como uma pedra. Para o meu sentido da Manha, desaparecera.

Terminou tão depressa. Vingança. Fiquei olhando-o, esperando sentir triunfo, alívio ou satisfação. Em vez disso, não senti nada, senti-me tão perdido para toda a vida como ele estava. Ele nem sequer era carne que eu pudesse comer. Perguntei-me tardiamente se haveria em algum lugar uma mulher que tivesse amado aquele homem bonito, crianças louras que dependessem dos seus soldos para terem alimento. Não é bom para um assassino ter pensamentos assim; eles nunca tinham me atormentado na época em que eu desempenhava a Justiça Real em nome do Rei Sagaz. Sacudi-os da cabeça.

Verde estava fazendo um poça de sangue muito grande no chão. Eu o silenciara rapidamente, mas aquilo era precisamente o tipo de desordem que não desejara criar. Ele era um homem grande e tinha muito sangue no corpo. A minha mente correu enquanto debatia se seria melhor gastar tempo para esconder o corpo ou aceitar o fato de que a sua falta iria ser rapidamente detectada pelos outros guardas e usar essa descoberta como distração.

Por fim, tirei a camisa e absorvi com ela o máximo de sangue que consegui. Depois, joguei-a sobre o seu peito e limpei as mãos ensanguentadas na sua camisa. Agarrei-o pelos ombros e o arrastei para fora do salão dos retratos, quase tremendo com o esforço de retesar os sentidos para perceber a aproximação de alguém. As minhas botas não paravam de escorregar nos assoalhos polidos e o som da minha respiração arquejante era um rugido aos meus ouvidos. Apesar do esforço que fizera para limpar o sangue, deixamos um lustre vermelho nos assoalhos atrás de nós. À porta da sala dos pássaros e peixes, forcei-me a escutar bem antes de entrar. Prendi a respiração e tentei ignorar o bater do coração nos

meus ouvidos. Mas a sala estava vazia de seres humanos. Empurrei a porta com um ombro e arrastei Verde lá para dentro. Então o ergui e o atirei para dentro de um dos tanques de pedra. Os peixes dardejaram freneticamente de um lado para o outro enquanto o sangue do homem se espalhava e rodopiava na água límpida. Lavei apressadamente o sangue das mãos e do peito em outro tanque e saí por uma porta diferente. Eles iriam seguir o rastro de sangue até ali. Esperava que gastassem algum tempo tentando entender por que motivo o assassino teria arrastado o guarda até ali e o despejara num tanque.

Dei por mim numa sala que não me era familiar. Olhei rapidamente em volta, para o teto abobadado e paredes revestidas por painéis. Havia uma cadeira grandiosa sobre um estrado na ponta mais distante. Então era algum tipo de sala de audiências. Olhei ao redor para me orientar, e então fiquei paralisado onde me encontrava. As portas esculpidas à minha direita abriram-se de súbito. Ouvi risos, uma pergunta murmurada e uma resposta risonha. Não havia tempo para me esconder e nenhuma coisa atrás da qual encontrar abrigo. Encostei-me em uma tapeçaria de parede e fiquei imóvel. O grupo entrou numa onda de risos. Havia uma nota de desamparo nos risos que me informou que estavam bêbados ou tontos de fumo. Passaram bem diante de mim, dois homens disputando as atenções de uma mulher que soltava risinhos abafados por trás de um leque ornamentado com borlas. Os três estavam trajados inteiramente de tons de vermelho, e um dos homens trazia ornamentos tilintantes de prata não só na renda dos punhos, mas também ao longo das mangas largas, até os cotovelos. O outro homem carregava um pequeno incensório de fumo na ponta de uma vara ornamentada. Fazia-o oscilar de um lado para o outro à frente do grupo enquanto caminhava, de modo a mantê-los sempre envoltos nos fumos adocicados. Duvidava de que teriam reparado em mim mesmo se eu tivesse saltado à sua frente dando cambalhotas. Majestoso parecia ter herdado o gosto da mãe por intoxicantes, e estar transformando-os numa moda da corte. Permaneci imóvel até terem passado. Entraram na sala dos pássaros e peixes. Perguntei-me se repariam em Verde, no tanque. Duvidava de que o fizessem.

Voei para a porta por onde os cortesãos tinham entrado, e a atravessei pé ante pé. Dei por mim, de súbito, num grande átrio. Tinha chão de mármore e senti minha mente vacilar com a despesa de arrastar uma tal quantidade de pedra até Vaudefeira. O teto era elevado e estucado de branco, com relevos de imensas flores e folhas aplicados sob pressão no estuque. Havia janelas arqueadas de vitral, agora deixadas escuras pela noite, mas entre elas pendiam tapeçarias que brilhavam com cores tão ricas que pareciam janelas para algum outro mundo e

tempo. Tudo estava iluminado com candelabros ornamentados carregados de cristais cintilantes e suspensos por correntes douradas. Neles ardiam centenas de velas. Havia estátuas em exibição, montadas em pedestais, espalhadas a intervalos pela sala, e, pelo aspecto, a maior parte representava os antepassados Montebom de Majestoso, por parte da mãe. Apesar do perigo em que me encontrava, a grandiosidade da sala me capturou por um momento. Então ergui os olhos e vi a larga escadaria que ascendia. Aquela era a escadaria principal, não as escadas escondidas para criados que eu procurara. Dez homens podiam ter subido facilmente por ela lado a lado. A madeira das balaustradas era escura e cheia de nós em voluta, mas brilhava com um profundo lustre. Um tapete espesso derramava-se pelo centro dos degraus como uma cascata azul.

O salão encontrava-se vazio, e a escadaria também. Não dei a mim mesmo tempo para hesitar, e deslizei em silêncio pela sala afora e pela escada acima. Estava no meio da subida quando ouvi o grito. Era evidente que *haviam* reparado em Verde. No topo do primeiro lance, ouvi vozes e passos em corrida que vinham da direita. Fugi para a esquerda. Cheguei a uma porta, encostei o ouvido nela, não ouvi nada, e esgueirei-me lá para dentro, tudo em menos tempo do que demora a contar. Fiquei na escuridão, com o coração ribombando, agradecendo a Eda, a El e a quaisquer outros deuses que pudessem existir por a porta não ter estado trancada.

Permaneci na escuridão, com o ouvido comprimido contra a espessa porta, tentando escutar mais do que o bater do meu próprio coração. Ouvi gritos vindos de baixo e botas correndo pela escada abaixo. Passou-se um momento ou dois, e ouvi uma voz autoritária gritando ordens. Deslizei para um local onde a abertura da porta me esconderia, pelo menos temporariamente, e esperei, de respiração silenciada, com as mãos tremendo. O medo ergueu-se em mim como um negrume súbito, ameaçando me dominar. Senti o chão balançar sob os meus pés e me agachei rapidamente para evitar desmaiar. O mundo rodopiou à minha volta. Encolhi-me, abraçando-me com força e apertando bem os olhos fechados, como se isso de algum modo me escondesse melhor. Uma segunda onda de medo tomou conta de mim. Afundei-me o que faltava até o chão e caí de lado, quase choramingando. Enrolei-me numa bola, suportando uma terrível dor no peito que era como se algo estivesse me espremendo. Ia morrer. Ia morrer e nunca mais os veria, Moli, Bronco, meu rei. Devia ter ido ter com Veracidade. Sabia agora. Devia ter ido ter com Veracidade. Quis gritar e chorar, pois subitamente tive certeza de que jamais seria capaz de escapar, de que seria encontrado e torturado. Eles iriam me encontrar e me matar muito, muito

lentamente. Senti um impulso quase irresistível para simplesmente dar um salto e fugir da sala, sacar a espada contra os guardas e obrigá-los a acabar comigo depressa.

Firme agora. Estão tentando fazer com que você se revele. O Talento de Veracidade era mais delicado do que uma teia de aranha. Prendi a respiração, mas tive a sensatez de me manter imóvel.

Após o que pareceu ser muito tempo, o terror cego passou. Respirei fundo, longa e tremulamente, e foi como voltar a mim. Quando ouvi os passos e vozes do outro lado da porta, o medo voltou a surgir, mas me forcei a ficar imóvel e a escutar.

— Eu tinha certeza — disse um homem.

— Não. Ele já foi embora há muito tempo. Vão encontrá-lo nos jardins, se chegarem a encontrar. Ninguém poderia ter resistido a nós dois. Se ele ainda estivesse na casa, teríamos feito ele sair do esconderijo.

— Estou dizendo que havia alguma coisa.

— Nada — insistiu a outra voz com alguma irritação. — Não senti nada.

— Verifique de novo — insistiu o outro.

— Não. É uma perda de tempo. Acho que você se enganou. — A ira do primeiro homem estava tornando-se óbvia, apesar das vozes baixas.

— Espero que tenha me enganado, mas temo que não. Se eu tiver razão, demos a Vontade a desculpa pela qual ele tem andado à procura. — Também havia ira na voz do segundo homem, mas também uma auto piedade lamurienta.

— À procura de uma desculpa? Esse não. Fala mal de nós ao rei em cada oportunidade. Ouvindo-o falar, seria de pensar que ele é o único que faz algum sacrifício ao serviço do Rei Majestoso. Uma criada me disse ontem que ele já nem usa sutilezas. Você, diz ele, é gordo, e a mim acusa de todas as fraquezas da carne que um homem pode ter.

— Se não sou tão esguio como um soldado, é porque não sou um soldado. Não é o meu corpo que serve o rei, mas sim a minha mente. Melhor seria que ele olhasse para si mesmo antes de nos apontar falhas, ele que só tem um olho bom. — A lamúria era agora inconfundível. Emaranhado, compreendi eu de súbito. Emaranhado conversando com Cedoura.

— Bem. Fico contente por saber que esta noite, pelo menos, ele não pode nos apontar falhas. Não consigo encontrar nada de errado aqui. Ele o faz saltar diante de sombras e a ver perigo em cada canto. Acalme-se. Isso agora é tarefa para os guardas, não para nós. Provavelmente acabarão descobrindo que aquilo foi feito por um marido ciumento ou por outro guarda. Ouvi dizer que Verde ganhava nos

dados com uma frequência um pouco excessiva. Talvez tenha sido por isso que ele foi deixado na sala dos jogos. Então, se me der licença, vou voltar para junto da bela companhia da qual você me distraiu.

— Então vá, se é só nisso que consegue pensar — disse o lamuriento num tom mal-humorado. — Mas quando você tiver um momento, acho que seria sensato nos reunirmos. — Após um momento, Emaranhado acrescentou: — Estou quase decidido a ir até ele agora mesmo. Fazer com que o problema seja dele.

— Você só acabaria fazendo papel de tolo. Quando você se preocupa tanto assim, está apenas cedendo à influência dele. Deixe-o lançar os seus avisos e predições terríveis e passar cada momento da sua vida em guarda. A julgar pelo que ele diz, a vigilância dele é tudo de que o rei precisa. Tenta instilar em nós esse medo. Os seus tremores provavelmente dão grande satisfação a ele. Guarde com cuidado esses pensamentos.

Ouvi um conjunto de passos afastando-se vivamente. O rugido nos meus ouvidos atenuou-se um pouco. Após algum tempo, ouvi o outro homem partir, caminhando mais pesadamente e resmungando consigo mesmo. Quando deixei de conseguir ouvir os seus passos, senti como se um grande peso tivesse sido tirado de cima de mim. Engoli em seco e debati meu próximo passo.

Uma luz tênue infiltrava-se pelas grandes janelas. Consegui distinguir a armação de uma cama, com os cobertores puxados para trás, a fim de exporem os lençóis brancos. Não estava ocupada. Via-se a forma escura de um guarda-roupa no canto e, perto da cama, uma mesinha suportava uma bacia e um jarro.

Forcei-me a me acalmar. Respirei longa e firmemente, então me ergui silenciosamente. Lembrei a mim mesmo que precisava encontrar o quarto de Majestoso. Suspeitava de que deveria ficar naquele andar, com os aposentos dos criados nos pisos superiores da casa. A furtividade me levara até ali, mas talvez agora fosse o momento de ser mais ousado. Atravessei o quarto até o guarda-roupa do canto e o abri em silêncio. A sorte voltara a me favorecer; aquele aposento pertencia a um homem. Vasculhei os trajes ao toque, tateando em busca de um tecido que parecesse servir. Tinha de trabalhar depressa, pois supus que o legítimo dono estava na festa lá embaixo e poderia regressar a qualquer momento. Descobri uma camisa de cor clara, muito mais complicada nas mangas e colarinho do que eu desejaria, mas quase com o comprimento suficiente nos braços. Consegui me enfiar nela e num par de perneiras mais escuras que ficaram folgadas demais em mim. Prendi-as com um cinto e esperei que não me caíssem de um modo muito estranho. Encontrei um pote de pomada aromática. Penteei o cabelo para trás com os dedos untados de pomada e voltei a

prendê-lo num rabo de cavalo, renunciando ao lenço de comerciante. A maior parte dos cortesãos que eu vira até ali usava o cabelo em cachos oleosos semelhantes a Majestoso, mas alguns dos mais jovens mantinham o cabelo amarrado atrás da cabeça. Tateei em várias gavetas. Descobri um tipo qualquer de medalhão preso a uma corrente e o coloquei no pescoço. Havia um anel, grande demais para o meu dedo, mas isso pouco importava. Passaria na inspeção de um olhar casual, e eu esperava não atrair mais do que isso. Eles estariam à procura de um homem sem camisa e com calças de tecido grosseiro que combinassem com a camisa ensanguentada que abandonara. Atrevi-me a ter esperança de que estivessem à procura dele no exterior. Fiz uma pausa na soleira, respirei fundo e então abri lentamente a porta. O corredor estava vazio, e eu saí do quarto.

Uma vez à luz, não gostei de descobrir que as perneiras eram de um verde escuro e a camisa de um amarelo amanteigado. Bem, não era mais espalhafatoso do que eu já vira ser usado, mas seria difícil que eu conseguisse me misturar com os convidados daquele Baile Escarlate. Deixei resoluto a preocupação de lado e avancei corredor afora, caminhando descontraído, mas determinado, em busca de uma porta que fosse maior e mais ornamentada do que as outras.

Experimentei com ousadia a primeira que encontrei, e vi que estava destrancada. Entrei, apenas para dar por mim numa sala com uma imensa harpa e vários outros instrumentos musicais preparados, como que à espera de menestréis. Uma variedade de cadeiras almofadadas e divãs enchia o resto da sala. Todos os quadros mostravam aves canoras. Sacudi a cabeça, desconcertado pelas infinitas riquezas daquela única casa. Prossegui a busca.

O meu nervosismo fez com que o salão se estendesse sem fim na minha frente. Forcei-me a caminhar de um modo calmo e confiante. Passei por portas atrás de portas, experimentando cautelosamente algumas delas. As da minha esquerda pareciam ser quartos de dormir, ao passo que as da direita eram salas maiores, bibliotecas, salas de jantar e similares. Em vez de arandelas, o corredor era iluminado por velas protegidas. As tapeçarias das paredes eram ricamente coloridas, e a intervalos havia nichos com vasos de flores ou pequenas estatuetas. Não consegui evitar compará-las com as fortes paredes de pedra de Torre do Cervo. Perguntei-me quantos navios de guerra poderiam ter sido construídos e tripulados com o dinheiro que fora gasto para ornamentar aquele ninho elegantemente emplumado. A ira que senti alimentou a minha competência. Iria encontrar os aposentos de Majestoso.

Passei por mais três portas, então cheguei a uma que parecia promissora. Era

uma porta dupla, de carvalho dourado, e o carvalho que era o símbolo de Vara encontrava-se embutido nela. Encostei rapidamente o ouvido na porta e não ouvi nada. Com cautela, experimentei a maçaneta polida; a porta estava trancada. A minha faca era uma ferramenta pouco adequada para aquele tipo de trabalho. O suor ensopou as costas da camisa amarela antes de a tranca ceder aos meus esforços. Entreabri a porta e deslizei lá para dentro, trancando-a logo atrás de mim.

Aqueles eram com certeza os aposentos de Majestoso. Não o seu quarto, não, mas apesar disso lhe pertencia. Examinei rapidamente a sala. Havia nada menos que quatro grandes guarda-roupas, dois encostados em cada parede lateral com um espelho alto no meio de cada conjunto. A porta delicadamente esculpida de um dos guarda-roupas estava aberta; ou talvez fosse a pressão da roupa que nele se encontrava que não permitia que fosse bem fechada. Outros trajes pendiam de ganchos e cabides espalhados pela sala ou estavam dobrados em cima de cadeiras. Um conjunto de gavetas trancadas numa pequena arca provavelmente conteria joias. Os espelhos entre os guarda-roupas eram enquadrados por dois castiçais, cujas velas ardiam agora bem gastas nos seus encaixes. Dois pequenos incensórios para fumo estavam dispostos de ambos os lados de uma cadeira que se encontrava diante de outro espelho. Por trás, e de um dos lados da cadeira, uma mesa continha escovas, pentes, potes de pomada e frascos de perfume. Uma estreita espiral de fumo cinzento ainda se erguia de um dos incensórios. Franzi o nariz diante do odor doce dela, e comecei a trabalhar.

Fitz. Que está fazendo? A mais tênue das perguntas vinda de Veracidade.

Justiça. Não coloquei mais do que um sopro de Talento no pensamento. Não tive certeza se a apreensão que senti de repente seria minha ou de Veracidade. Deixei-a de lado e me virei para a minha tarefa.

Era frustrante. Havia pouco ali que fosse um veículo seguro para os meus venenos. Eu podia tratar a brilhantina, mas era mais provável que matasse quem quer que lhe tratasse do cabelo do que Majestoso. Os incensórios continham principalmente cinzas. Qualquer coisa que eu colocasse ali seria provavelmente jogada fora com a cinza. A lareira do canto fora limpa para o verão e não havia nenhuma reserva de madeira. Paciência, disse a mim mesmo. O seu quarto de dormir não podia estar longe, e as oportunidades seriam melhores lá. Por ora, tratei as cerdas da sua escova com uma das minhas misturas mais potentes e usei o que sobrou para tratar o máximo que consegui dos seus brincos. As últimas gotas eu acrecentei aos seus frascos de perfume, mas com pouca esperança de que ele aplicasse o suficiente para se matar. Para os lenços aromatizados

dobrados na sua gaveta, tinha o esporo branco do cogumelo anjo da morte, que distrairia com alucinações as horas que demorasse a morrer. Obtive grande prazer ao cobrir a parte de dentro de quatro pares de luvas com pó de raiz-morta. Fora aquele o veneno que Majestoso usara em mim nas Montanhas, e a fonte mais provável dos ataques que me atormentavam intermitentemente desde então. Eu esperava que ele achasse os seus ataques e quedas tão divertidos como achara os meus. Escolhi três camisas, que julguei que talvez fossem as suas preferidas, e tratei também os seus colarinhos e punhos. Não havia madeira na lareira, mas eu tinha um veneno que se misturava bem com os vestígios de cinza e fuligem deixados no tijolo. Salpiquei-o generosamente na esperança de que quando acendessem um fogo em cima do veneno, os vapores ardentes chegassem ao nariz de Majestoso. Tinha acabado de devolver o veneno à bolsa quando ouvi uma chave rodar na fechadura da porta.

Dei a volta em silêncio em um guarda-roupa e parei ali. A faca já estava na minha mão, à espera. Uma calma mortífera tinha se instalado em mim. Respirava em silêncio, à espera, na esperança de que a fortuna tivesse trazido Majestoso até mim. Mas era outro guarda com as cores de Majestoso. O homem penetrou na sala e olhou rápido em volta. A irritação apareceu em seu rosto enquanto dizia impacientemente:

— Estava trancada. Não há ninguém aqui. Esperei que o seu parceiro respondesse, mas ele estava só. Ficou imóvel por um momento, então suspirou e se dirigiu ao guarda-roupa aberto. — Tolice. Estou perdendo tempo aqui em cima enquanto ele foge — resmungou para si mesmo, mas desembainhou a espada e vasculhou cautelosamente com ela o interior do guarda-roupa, por trás das roupas.

Quando se inclinou para chegar mais fundo no interior do guarda-roupa, tive um vislumbre do seu rosto no espelho à minha frente. Meu estômago virou água, e então o ódio ardeu em mim. Eu não tinha um nome para lhe dar, mas o seu rosto escarnecedor ficara para sempre gravado na minha memória. Fizera parte da guarda pessoal de Majestoso e testemunhara a minha morte.

Creio que ele viu o meu reflexo ao mesmo tempo que vi o seu. Não lhe dei tempo para reagir, e saltei sobre as suas costas. A lâmina da sua espada ainda estava enredada dentro do guarda-roupa de Majestoso quando a minha faca o apunhalou na parte de baixo da barriga. Prendi o braço em volta da sua garganta para obter apoio enquanto puxava a faca para cima, estripando-o como um peixe. A sua boca escancarou-se para gritar e eu larguei a faca para tapá-la com a mão. Segurei-o por um momento, enquanto as entranhas começavam a sair do golpe

que eu fizera. Quando o larguei, ele foi ao chão, com o berro não vocalizado transformado num gemido. Não largara a espada, de modo que pisei em sua mão, quebrando-lhe os dedos em volta do cabo. Rolou ligeiramente para um lado, para me fitar em agonia e choque. Fiquei sobre um joelho ao seu lado e aproximei o rosto do seu.

— FitzCavalaria — eu disse em voz baixa, fitando-o nos olhos, assegurando-me de que ele sabia. — FitzCavalaria. — Pela segunda vez naquela noite, cortei uma garganta. Quase não teria sido necessário. Limpei a faca na sua manga enquanto ele morria. Enquanto eu levantava, senti duas coisas. Desapontamento por ele ter morrido tão depressa. E uma sensação que era como se a corda de uma harpa tivesse sido dedilhada, soltando um som que eu sentia em vez de ouvir.

No instante seguinte, senti uma onda de Talento me inundando. Estava carregada de terror, mas daquela vez reconheci-o pelo que era e sabia a sua origem. Mantive-me firme diante da onda, com as defesas fortes. Quase que a senti abrir-se e me envolver. Mas também senti que mesmo esse ato era lido por alguém, em algum lugar. Não me perguntei sobre quem seria. Vontade sentia a forma da minha resistência. Detectei o eco da sua onda de triunfo. Por um momento, esse eco me paralisou de pânico. Logo em seguida me pus em movimento, embainhando a faca, erguendo-me para me esgueirar pela porta para o corredor que ainda estava vazio. Não tinha mais que alguns momentos para encontrar um novo esconderijo. Vontade estivera presente na mente do guarda, vira aquele aposento e a mim com toda a clareza com que o moribundo nos vira. Como um soar de trombetas, eu conseguia senti-lo estendendo o Talento, pondo os guardas em movimento como se pusesse cães no rastro de uma raposa.

Enquanto fugia, uma parte de mim sabia com inegável certeza que eu estava morto. Poderia ser capaz de me esconder durante algum tempo, mas Vontade sabia que eu me encontrava no interior da mansão. Tudo o que tinha que fazer era bloquear todas as saídas e dar início a uma busca sistemática. Corri por um corredor, virei uma esquina e subi uma escada que havia ali. Mantive as muralhas de Talento firmes e apertei contra mim o meu minúsculo plano como se fosse uma pedra preciosa. Iria encontrar os aposentos de Majestoso e envenenar tudo o que lá se encontrasse. Depois, iria em busca do próprio Majestoso. Se os guardas me descobrissem primeiro, bem, eu os conduziria numa bela perseguição. Não podiam me matar. Não podiam fazê-lo com todo o veneno que eu transportava. Acabaria primeiro com a minha própria vida. O plano não era grande coisa, mas a única alternativa seria me render.

Assim, continuei a correr, passando por mais portas, por mais estátuas e flores, por mais tapeçarias. Todas as portas que experimentava se mostravam trancadas. Virei outra esquina e me vi de súbito de volta ao topo da escada. Senti um momento de desorientação vertiginosa. Tentei afastá-la, mas o pânico ergueu-se no interior da minha mente como uma maré negra. Parecia ser a mesma escadaria. Eu sabia que não tinha virado esquinas suficientes para ter voltado atrás. Passei a correr pela escada, e de novo pelas portas, ouvindo os gritos dos guardas abaixo de mim enquanto o conhecimento crescia e se contorcia de forma repugnante dentro de mim.

Vontade encostava-se à minha mente.

Tontura e pressão dentro dos meus olhos. Com uma disposição sombria, voltei uma vez mais a erguer as muralhas mentais. Virei rapidamente a cabeça e vi duas imagens por um momento. Perguntei a mim mesmo se seria fumo. Eu não tinha cabeça para nenhum dos fumos intoxicantes de que Majestoso gostava. No entanto, aquilo parecia ser algo mais do que a tontura do fumo ou a alegria do rebentalegre.

O Talento é uma ferramenta poderosa nas mãos de um mestre. Eu estivera com Veracidade quando ele a usara contra os Navios Vermelhos, para desnortear de tal forma um timoneiro que ele virasse os seus navios na direção dos rochedos, para convencer um navegador de que ainda não passara um promontório quando este estava já bem longe atrás dele, para deixar medos e dúvidas no coração de um capitão antes de ir para a batalha, ou para estimular de tal forma a coragem de uma tripulação que ela rumasse imprudentemente na direção do próprio centro de uma tempestade.

Vontade estaria trabalhando em mim há quanto tempo? Teria ele me atraído até ali, para aquele encontro, convencendo-me sutilmente de que nunca esperaria a minha vinda?

Forcei-me a parar junto da porta seguinte. Mantive-me firme, concentrei-me na fechadura da porta enquanto trabalhava nela. Não estava trancada. Esgueirei-me para dentro, fechando a porta atrás de mim. Um tecido azul encontrava-se sobre uma mesa à minha frente, pronto para ser costurado. Eu já estivera naquela sala. Tive um momento de alívio, mas logo o controlei. Não. Aquela sala encontrava-se no piso térreo. Eu estava no primeiro andar. Não estava? Atravessei rapidamente a sala até a janela, parei a um dos lados dela enquanto espreitava para fora. A extensão iluminada por archotes dos Jardins do Rei encontrava-se muito abaixo de mim. Conseguia ver o branco do grande caminho de entrada brilhando na noite. Havia carruagens percorrendo-o, e criados de libré

voavam de um lado para o outro, abrindo portas. Damas e cavalheiros em extravagantes trajes a rigor vermelhos partiam em massa. Deduzi que o fim de Verde causara um dano considerável ao baile de Majestoso. Havia guardas de libré nas portas, regulando quem podia partir e quem tinha de esperar. Absorvi tudo isto num relance, e compreendi também que estava muito mais alto do que pensara.

E, no entanto, eu tivera certeza de que aquela mesa e os trajes azuis à espera de serem costurados estavam na ala dos criados do piso térreo.

Bem, não era de todo improvável que Majestoso tivesse dois conjuntos diferentes de roupa azul a serem costurados. Não havia tempo para tirar aquilo a limpo; tinha de encontrar o seu quarto. Senti uma estranha exultação quando me esgueirei para fora da sala e voltei a voar pelo corredor afora, uma palpitação que não era muito diferente da de uma boa caçada. Que me apanhassem, se conseguissem.

Cheguei subitamente a um T no corredor e parei por um momento, confuso. Não parecia ajustar-se ao que eu vira do edifício no exterior. Olhei para a esquerda, e depois para a direita. O lado direito era consideravelmente mais imponente, e as grandes portas duplas no fim do corredor estavam decoradas com o carvalho dourado de Vara. Como que para me impelir, ouvi vozes enfurecidas vindas de uma sala em algum lugar à minha esquerda. Fui para a direita, sacando a faca enquanto corria. Quando cheguei às grandes portas duplas, coloquei em silêncio a mão na maçaneta, esperando encontrá-la bem trancada. Mas a porta cedeu facilmente e girou para dentro sem ruído. Era quase fácil demais. Deixei de lado essas apreensões e me esgueirei para dentro, de faca desembainhada.

A sala que se abriu diante de mim estava escura, à exceção de duas velas que ardiam em castiçais de prata na prateleira da lareira. Deslizei para o interior daquilo que era claramente a sala de estar de Majestoso. Uma segunda porta encontrava-se escancarada, revelando o canto de uma cama coberta por magníficos cortinados e, atrás dela, uma lareira com uma pilha de lenha pronta para ser acesa. Fechei suavemente a porta atrás de mim e avancei para dentro da sala. Uma garrafa de vinho e dois copos aguardavam o regresso de Majestoso sobre uma mesa baixa, e o mesmo fazia uma bandeja de doces. O incensório que se encontrava ao seu lado estava cheio de fumo em pó, esperando ser aceso quando ele regressasse. Era a fantasia de um assassino. Quase não conseguia decidir por onde começar.

— É assim que se faz, compreende?

Girei nos calcanhares, e então experimentei uma distorção de sentidos que me entonteceu. Estava no meio de uma sala bem iluminada, mas bastante vazia. Vontade encontrava-se sentado, negligentemente relaxado, numa cadeira almofadada. Um copo de vinho branco esperava numa mesa ao seu lado. Cedoura e Emaranhado o flanqueavam, ostentando expressões de irritação e derrota. Apesar de ansiar por fazê-lo, não conseguia tirar os olhos deles.

— Vamos, Bastardo, olhe para trás. Não vou atacá-lo. Seria uma pena acionar uma armadilha destas para alguém como você, só para que morresse antes de apreciar a totalidade do seu fracasso. Vamos. Olhe para trás.

Virei lentamente o corpo todo, para conseguir olhar para trás com um mero movimento de olhos. Desaparecera, tudo desaparecera. Nada de régia sala de estar, nada de cama de dossel ou garrafa de vinho, nada. Uma sala simples e vazia, provavelmente para ser dividida pelas aias de várias damas. Seis guardas de libré estavam em silêncio, mas atentos. Todos tinham espadas desembainhadas.

— Os meus companheiros parecem pensar que uma torrente de medo é capaz de fazer qualquer homem sair da toca. Mas eles, claro, não experimentaram a sua força de vontade tão completamente como eu. Espero que aprecie a sutileza que eu utilizei, assegurando-o apenas de que você estava vendo precisamente aquilo que mais desejava ver. — Olhou para Cedoura e Emaranhado. — Ele tem muralhas como vocês nunca experimentaram. Mas uma muralha que não cede diante de um aríete pode ser derrotada pelo suave entrelaçar da hera. — Voltou a desviar a atenção para mim. — Você teria sido um oponente de valor, se, na sua presunção, não tivesse sempre me subestimado.

Eu ainda não havia dito uma palavra. Encarei todos eles, deixando que o ódio que me enchia me fortalecesse as muralhas de Talento. Todos eles tinham mudado desde que os vira pela última vez. Emaranhado, outrora um carpinteiro bem musculoso, mostrava os efeitos de um bom apetite e da falta de exercício. O traje de Cedoura ofuscava o homem que se encontrava no seu interior. Fitas e enfeites engrinaldavam a vestimenta como se fossem flores numa macieira primaveril. Mas Vontade, sentado entre os outros na sua cadeira, mostrava a maior mudança de todas. Estava inteiramente vestido de azul-escuro, com um traje cujo corte preciso fazia com que parecesse mais refinado do que a roupa de Cedoura. Uma única corrente de prata, um anel de prata na mão, brincos de prata; eram esses os seus únicos ornamentos. Só restava um dos seus olhos escuros, outrora tão terrivelmente penetrantes. O outro estava profundamente afundado na órbita, mostrando-se enevoado nas profundezas como um peixe

morto num tanque sujo. Sorriu para mim quando me viu olhando para o olho. Indicou-o com um gesto.

— Uma lembrança do nosso último encontro. Aquilo que você atirou no meu rosto, o que quer que tenha sido.

— Uma pena — eu disse, com toda a sinceridade. — Pretendia que esses venenos matassem Majestoso, não que deixassem você meio cego.

Vontade soltou um suspiro afetado.

— Outra admissão de traição. Como se precisássemos dela. Enfim. Desta vez seremos mais meticulosos. Primeiro, claro, passaremos algum tempo arrancando de você como foi exatamente que escapou da morte. Um pouco de tempo para isso, e mais o tempo que o Rei Majestoso achá-lo divertido. Desta vez, ele não terá necessidade de pressa ou discrição. — Fez um minúsculo aceno para os guardas atrás de mim.

Sorri-lhe enquanto encostava a lâmina envenenada da minha faca no braço esquerdo. Apertei os dentes contra a dor enquanto a passava pelo braço, não profundamente, mas o suficiente para abrir a pele e deixar que o veneno da lâmina entrasse no meu sangue. Vontade levantou-se de um salto, chocado, enquanto Cedoura e Emaranhado observavam, horrorizados e repugnados. Passei a faca para a mão esquerda, puxei da espada com a direita.

— Agora estou morrendo — disse-lhes, sorrindo. — Provavelmente morrerei muito em breve. Não tenho tempo a desperdiçar e nada a perder.

Mas ele tivera razão. Sempre o subestimara. Sem saber como, dei por mim enfrentando não os membros do círculo, mas seis guardas de espadas desembainhadas. Matar-me era uma coisa. Ser retalhado até a morte enquanto aqueles contra os quais eu desejava vingança observavam era outra. Girei e senti uma onda de tontura quando o fiz, como se fosse a sala, e não eu, que se movesse. Ergui os olhos para descobrir os espadachins ainda na minha frente. Virei-me mais uma vez e mais uma vez experimentei uma sensação de oscilação. A fina linha de sangue ao longo do meu braço começara a arder. A minha oportunidade de fazer alguma coisa quanto a Vontade, Emaranhado e Cedoura estava fugindo por entre os meus dedos enquanto o veneno se espalhava pelo meu sangue.

Os guardas avançavam contra mim, sem pressas, espalhando-se em meio círculo e me empurrando à sua frente como se eu fosse uma ovelha desgarrada. Recuei, olhei por sobre o ombro e tive o mais fugaz dos vislumbres dos membros do círculo. Vontade estava de pé, um passo ou dois à frente dos outros, com uma expressão aborrecida no rosto. Eu fora até ali na esperança de matar

Majestoso. Mal conseguira aborrecer o seu homem de confiança com o meu suicídio.

Suicídio? Em algum lugar, bem fundo dentro de mim, Veracidade estava horrorizado.

Melhor do que a tortura. Menos do que um sopro de Talento nesse pensamento, mas juro que senti Vontade ir tateando atrás dele.

Garoto, pare com esta loucura. Saia daí. Venha até mim.

Não posso. É tarde demais. Não há maneira de fugir. Solte-me, só irá se revelar a eles.

Revelar-me? O Talento de Veracidade ribombou de súbito na minha mente, como um trovão numa noite de verão, como ondas de tempestade sacudindo uma falésia de xisto argiloso. Já o vira fazer aquilo. Irritado, iria gastar toda a força do seu Talento num único esforço, sem pensar no que poderia lhe acontecer depois. Senti Vontade hesitando, então mergulhar naquele Talento, tentando chegar a Veracidade e lhe sugar as forças.

Estudem esta revelação, seu ninho de víboras! O meu rei libertou a sua cólera.

O Talento de Veracidade foi uma explosão, com uma força que nunca tinha encontrado em parte alguma. Não foi dirigida contra mim, mas mesmo assim caí de joelhos. Ouvi Cedoura e Emaranhado gritar, gritos guturais de terror. Por um momento, a minha cabeça e sentidos clarearam, e vi a sala como sempre fora, com os guardas dispostos em ordem de batalha entre mim e o círculo. Vontade estava estatelado sem sentidos no chão. Talvez só eu tivesse sentido a grande onda de força que me salvar custara a Veracidade. Os guardas cambaleavam, murchos como velas ao sol. Rodopiei, vi a porta atrás de mim abrir-se para deixar entrar mais guardas. Três passos me levariam até a janela.

VENHA ATÉ MIM!

Não me restava qualquer alternativa naquela ordem. Estava impregnada no Talento que cavalgava e foi impressa a fogo no meu cérebro, fundindo-se com a minha respiração e o bater do meu coração. Eu precisava ir até Veracidade. Era um grito de comando e, agora, de necessidade. O meu rei sacrificara as suas reservas para me salvar.

Havia cortinas pesadas tapando a janela, e espesso vidro espiralado atrás delas. Nem uma coisa nem a outra me deteve quando me atirei para o ar, do outro lado, esperando que pelo menos houvesse lá embaixo arbustos que amparassem parte da queda. Porém, em vez disso, colidi com a terra entre estilhaços de vidro uma fração de momento mais tarde. Saltara, esperando cair pelo menos um andar, de uma janela do piso térreo. Durante uma fração de segundo, considerei a forma

completa como Vontade me enganara. Então me levantei cambaleante, ainda agarrado à faca e à espada, e saí em disparada.

A propriedade não estava bem iluminada fora da ala dos criados. Abençoei a escuridão e fugi. Ouvi gritos atrás de mim, e em seguida Emaranhado gritando ordens. Estariam no meu rastro dentro de momentos. Não escaparia dali a pé. Desviei-me para a escuridão mais sólida dos estábulos.

A partida dos convidados do baile pusera o estábulo em atividade. A maior parte dos cavalariços em serviço estaria provavelmente do outro lado, à frente da mansão, conduzindo cavalos. As portas do estábulo estavam completamente abertas ao suave ar da noite, e havia lanternas acesas lá dentro. Entrei correndo, quase derrubando uma cavalariça. Ela não podia ter muito mais de dez anos, era magricela e sardenta, e cambaleou para trás, guinchando ao ver as armas desembainhadas que eu trazia.

— Vou só levar um cavalo — disse-lhe para tranquilizá-la. — Não vou machucá-la. — Ela recuou enquanto eu embainhava a espada e em seguida a faca. De repente, rodou sobre si mesma. — Mãos! Mãos! — Fugiu guinchando o nome dele. Não tive tempo para dedicar um pensamento àquilo. A três cocheiras de mim, vi o cavalo negro de Majestoso que me olhava com curiosidade por cima da manjedoura. Abordei-o calmamente, estendi a mão para lhe esfregar o focinho e fazer com que se lembrasse de mim. Talvez oito meses tivessem se passado desde a última vez que me farejara, mas eu o conhecia desde que fora parido. Mordiscou o meu colarinho, fazendo-me cócegas no pescoço com os pelos do focinho. — Vamos, Seta. Vamos fazer um pouco de exercício noturno. Como nos velhos tempos, hein, amigo? — Abri a sua cocheira, agarrei o cabresto e levei-o para fora. Não sabia para onde a menina fora, mas não conseguia mais ouvi-la.

Seta era alto e não estava habituado a ser montado em pelo. Saltitou um pouco quando eu subi no seu dorso lustroso. Mesmo no meio de todo aquele perigo, senti um prazer penetrante em estar de novo a cavalo. Agarrei-me à sua crina, apertei os calcanhares para que avançasse. Ele deu três passos, então parou diante do homem que lhe bloqueava a passagem. Baixei os olhos para o rosto incrédulo de Mãos. Tive de sorrir diante da sua expressão chocada.

— Sou só eu, Mãos. Tenho de levar um cavalo emprestado, senão eles me matam. Outra vez.

Acho que talvez esperasse que ele se risse e me fizesse sinal para passar. Porém, apenas me encarou, ficando cada vez mais branco até que eu achei que ele ia desmaiar.

— Sou eu, o Fitz. Não estou morto! Deixe-me sair, Mãos!

Ele deu um passo para trás.

— Minha Eda! — exclamou, e eu pensei que ele certamente atiraria a cabeça para trás e gargalharia. Mas ele sibilou: — Magia dos animais! — Então girou nos calcanhares e fugiu para a noite, berrando: — Guardas! Guardas!

Talvez tenha perdido dois segundos olhando-o de boca aberta. Senti uma dor dentro de mim como não sentia desde que Moli me deixara. Os anos de amizade, a longa rotina cotidiana do trabalho em conjunto nos estábulos, tudo varrido num momento de terror supersticioso. Era injusto, mas me senti chocado pela sua traição. Uma frieza ergueu-se em mim, mas esporeei Seta e mergulhei na escuridão.

Aquele bom cavalo, tão bem treinado por Bronco, confiava em mim. Levei-o para longe do caminho para carruagens iluminado por archotes e das vias desobstruídas, atravessando na fuga canteiros e plantações, antes de passar correndo por um aglomerado de guardas num dos portões para mercadores. Eles estavam vigiando o caminho, mas Seta e eu viemos num tropel pela relva, e já estávamos do lado de fora do portão antes mesmo de eles saberem o que estávamos fazendo. Se eu conhecia Majestoso nem que fosse um pouco, no dia seguinte ostentariam riscas por causa disso.

Para além do portão, voltamos a cortar caminho pelos jardins. Eu conseguia ouvir sons de perseguição atrás de nós. Seta respondeu muito bem aos meus joelhos e peso, para um cavalo habituado a rédea. Convenci-o a atravessar uma sebe e a sair para uma estrada secundária. Deixamos os Jardins do Rei para trás e mantivemos o galope enquanto atravessávamos a seção mais fina da cidade, por ruas de paralelepípedos onde ainda ardiam archotes. Mas rapidamente deixamos para trás também as casas elegantes. Passamos como um trovão por estalagens ainda iluminadas para os viajantes, por lojas escuras e de persianas corridas para a noite, com os cascos de Seta batendo ruidosamente no barro das estradas. Tarde como era, havia pouco movimento nas ruas. Corremos por elas tão livres quanto o vento.

Deixei-o ir mais devagar quando chegamos à seção plebeia da cidade. Ali os archotes estavam espaçados a intervalos maiores, e alguns já haviam se apagado. Apesar disso, Seta sentiu a minha urgência e manteve um ritmo respeitável. Uma vez, ouvi outro cavalo, a grande velocidade, e por um momento pensei que a perseguição nos encontrara. Mas depois um mensageiro passou por nós, viajando na direção oposta, sem sequer diminuir o ritmo a que o seu cavalo seguia. Continuei a avançar, temendo sempre ouvir vozes atrás de nós, esperando os

sons de trombetas.

Quando já começava a pensar que havíamos escapado dos perseguidores, descobri que Vaudefeira tinha um último horror a me apresentar. Entrei naquilo que antigamente fora o Grande Mercado Circular de Vaudefeira. Nos primeiros dias da cidade, fora ali o seu coração, um maravilhoso grande mercado aberto por onde se podia vagar e encontrar em exibição bens vindos de todos os cantos do mundo conhecido.

Nunca fui capaz de descobrir com exatidão como degenerara disso até se tornar a Arena do Rei Majestoso. Soube apenas que quando atravessei o grande círculo aberto do mercado, Seta resfolegou diante do cheiro de sangue velho nas pedras sob os seus cascos. O velho cadafalso e os pelourinhos ainda se encontravam lá, agora elevados para proveito da multidão, junto com outros dispositivos mecânicos, cuja utilidade eu não tinha qualquer vontade de compreender. Sem dúvida que os da nova Arena do Rei teriam uma crueldade ainda mais imaginativa. Apertei os joelhos contra Seta e passei por tudo aquilo com um estremecimento gelado e uma prece a Eda para ser poupado daqueles horrores.

Então um fio de sensações contorceu-se pelo ar, enrolou-se em volta dos meus pensamentos e curvou-os. Durante um momento de sobressalto, pensei que Vontade tentava chegar até mim com o Talento e procurava me levar à loucura. Contudo, eu tinha as muralhas de Talento tão robustas quanto sabia erguê-las, e duvidava de que Vontade, ou qualquer outro, fosse capaz de usar o Talento tão depressa depois da explosão de Veracidade. Não. Aquilo era pior. Aquilo provinha de uma fonte mais profunda, mais primeva, insidioso como água cristalina que tivesse sido envenenada. Fluiu para dentro de mim, ódio, dor e uma claustrofobia e fome sufocantes, tudo enrolado num terrível anseio por liberdade e vingança. Voltou a despertar tudo o que eu sentira nas masmorras de Majestoso.

Vinha das jaulas. Um grande fedor provinha da fileira de jaulas nos limites do círculo, um fedor de ferimentos infectados, urina e carne apodrecida. Ainda assim, mesmo essa afronta ao meu nariz não era tão grande quanto a pressão de Manha impregnada de inferno que emanava delas. As jaulas continham animais enlouquecidos, as criaturas que eram mantidas para atacar os criminosos humanos e os Forjados que Majestoso atirava contra elas. Havia um urso, fortemente amordaçado, apesar das barras atrás das quais passeava. Havia dois grandes gatos de uma espécie que eu nunca vira, sofrendo uma agonia de dor devido às presas que tinham partido e às garras que haviam quebrado inutilmente

nas barras, e que apesar disso continuavam ainda a batalhar contra as suas prisões. Havia um imenso touro negro com uma grande extensão de chifres. A carne deste último animal encontrava-se cravejada de dardos com fitas, afundados em ferimentos gangrenados que expeliam pus que escorria pelo abaixo. A sua infelicidade me atordoava, clamando por alívio, mas não precisei parar para ver as pesadas correntes e trancas que fechavam cada uma das jaulas. Se tivesse uma gazua, podia ter tentado arrombar as fechaduras. Se tivesse carne ou cereais, podia tê-los libertado com veneno. Mas eu não tinha nenhuma dessas coisas, e ainda possuía menos tempo, de modo que passei por eles e continuei a avançar até que a onda da sua loucura rebentou e me encharcou. Puxei as rédeas. Não podia deixá-los para trás. Mas, *venha até mim*, a ordem corria por mim, gravada a Talento. Desobedecer-lhe não era suportável. Encostei os calcanhares ao agitado Seta e deixei-os para trás, somando à conta de Majestoso mais uma dívida que um dia eu o faria pagar.

A luz verdadeira foi finalmente nos encontrar nos arredores da cidade. Nunca imaginara que Vaudefeira fosse tão grande. Chegamos a um córrego lento que alimentava o rio. Fiz Seta parar, e depois desmontei e levei-o até a margem. Deixei-o beber um pouco, caminhei com ele por algum tempo e depois deixei-o beber mais. Durante todo esse tempo, a minha mente fervilhou com mil pensamentos. Eles estariam provavelmente fazendo buscas nas estradas que levavam para o sul, contando com o meu regresso a Cervo. Eu tinha agora uma boa dianteira; desde que me mantivesse em movimento, tinha boas chances de escapar. Lembrei-me da trouxa que escondera astuciosamente e que nunca seria recuperada. As roupas de inverno, o cobertor, o manto, tudo perdido para mim. Perguntei de súbito a mim mesmo se Majestoso culparia Mãos por eu ter roubado o cavalo. Não parava de me lembrar da expressão nos olhos de Mãos antes de fugir de mim. Dei por mim sentindo-me contente por não ter cedido à tentação de ir em busca de Moli. Já era suficientemente duro ver aquele horror e repugnância no rosto de um amigo. Nunca quereria vê-los nos olhos dela. Voltei a recordar a surda agonia dos animais que a Manha me levara a testemunhar. Esses pensamentos foram afastados pela frustração que sentia por o atentado contra Majestoso ter sido frustrado e pelo desejo de saber se eles conseguiriam detectar os venenos que eu usara na sua roupa, ou se ainda poderia ter sucesso em matá-lo. E, acima de tudo, trovejando através de mim, a ordem de Veracidade. *Venha até mim*, dissera ele, e eu não conseguia parar de ouvir essas palavras. Uma pequena parte da minha mente estava obcecada com elas, atormentando-me até naquele momento para que não perdesse tempo pensando

ou bebendo, para que simplesmente voltasse a montar a cavalo e ir, ir até Veracidade, pois ele precisava de mim, pois ele me ordenara.

Mas parei para beber mesmo assim, e foi enquanto estava de joelhos à borda de água que reparei que não estava morto.

Molhei a manga da camisa amarela no córrego, então soltei cuidadosamente da pele o tecido cheio de sangue seco. O golpe que infligira em mim mesmo era pouco profundo, pouco mais que um longo arranhão pelo braço acima. Estava dolorido e tinha um aspecto ruim, mas não parecia envenenado. Lembrei-me tardiamente de que naquela noite usara por duas vezes a faca para matar, e que a limpara pelo menos uma vez. O mais certo era que não restassem nela mais do que vestígios de veneno quando me cortara.

Como uma alvorada que despontava, a esperança cintilou de repente para mim. Eles estariam à procura de um corpo na beira da estrada, ou de um homem envenenado escondido em algum na cidade, já doente demais para montar a cavalo. Todo o círculo vira eu me envenenar e deve ter detectado a minha completa crença na minha morte iminente. Poderiam convencer Majestoso de que eu estava moribundo? Eu não confiaria nisso, mas podia ter essa esperança. Voltei a montar e prossegui caminho a boa velocidade. Passamos por fazendas, searas e pomares. Passamos também por agricultores, que levavam as colheitas para a cidade nas suas carroças. Eu seguia com o braço apertado ao peito, olhando diretamente em frente. Era só questão de tempo até que alguém se lembrasse de interrogar as pessoas que entravam na cidade. Era melhor desempenhar o meu papel.

Ao fim de algum tempo começamos a ver extensões de terra inculta, com ovelhas ou haragares espalhados por ela em pleno pasto. Pouco depois do meio-dia, fiz o que sabia que tinha de fazer. Desmontei junto à margem coberta de arbustos de um riacho, deixei que Seta voltasse a beber, e depois virei-lhe a cabeça para Vaudefeira.

— De volta ao estábulo, garoto — disse-lhe, e quando não se moveu lhe dei uma bela palmada no lombo. — Vamos, volte para Mãos. Diga a todos que eu estou morto em algum lugar. — Imaginei a sua manjedoura para que ele captasse a imagem, transbordando da aveia de que sabia que gostava. — Vamos, Seta. Vá embora.

Ele resfolegou para mim com curiosidade, mas então afastou-se devagar. Fez uma pausa para me olhar, na esperança de que eu o seguisse e apanhasse.

— Vá! — gritei-lhe, e bati com o pé no chão. Assustou-se com isso e partiu no seu trote alto, sacudindo a cabeça. Quase nem estava cansado. Quando

regressasse ao estábulo sem cavaleiro, talvez acreditassem que eu estava morto. Talvez perdessem mais tempo em busca de um cadáver em vez de me perseguirem. Era o melhor que eu podia fazer para induzi-los ao erro, e era certamente melhor do que seguir à vista de todos montado no cavalo do próprio rei. O ruído dos cascos de Seta afastava-se. Perguntei a mim mesmo se algum dia voltaria a montar um animal tão elegante, o que dirá possuir um. Não parecia provável.

Venha até mim. A ordem ainda ecoava no interior da minha mente.

— Estou indo, estou indo — murmurei a mim mesmo. — Depois de caçar algo para comer e dormir um pouco. Mas estou indo. — Abandonei a estrada e segui o riacho para o interior de vegetação mais densa. Tinha um longo e cansativo caminho a percorrer com pouco mais do que a roupa que trazia vestida.

CAPÍTULO 10

Feira de Emprego

A escravatura é uma tradição nos Estados de Calcede e encontra-se no coração de boa parte de sua economia. Eles afirmam que prisioneiros capturados na guerra são a principal fonte dos seus escravos. No entanto, uma grande porção dos escravos que fogem para os Seis Ducados contam histórias sobre terem sido capturados em ataques de piratas contra as suas terras natais. A posição oficial de Calcede é que tais ataques não ocorrem, mas Calcede também nega oficialmente que fecha os olhos aos piratas que operam a partir das Ilhas Mercado. Ambas as coisas andam de mãos dadas.

A escravatura nunca foi comumente aceita nos Seis Ducados. Muitos dos antigos conflitos fronteiriços entre Razos e os Estados de Calcede tiveram mais a ver com a questão da escravatura do que com linhas de fronteira propriamente ditas. As famílias de Razos recusavam-se a aceitar que soldados feridos ou capturados na guerra fossem mantidos como escravos durante o resto das suas vidas. Qualquer batalha que Razos perdesse era quase imediatamente seguida por um segundo ataque violento contra os Estados de Calcede, a fim de libertar aqueles que haviam sido perdidos na primeira batalha. Desta forma, Razos acabou por possuir vastos territórios originalmente reivindicados pelos Estados de Calcede. A paz entre as duas regiões é sempre difícil. Calcede queixa-se constantemente de que o povo de Razos não só dá abrigo a escravos fugidos, como encoraja outros a escapar. Nenhum monarca dos Seis Ducados alguma vez negou que isto fosse verdade.



Todo o meu impulso era agora para chegar até Veracidade, em algum lugar para além do Reino da Montanha. Para fazê-lo, teria primeiro de atravessar todo o Vara. Não seria tarefa fácil. Embora a região ao longo do Rio Vim seja bastante agradável, quanto mais nos afastamos do Vim, mais árida se torna a paisagem. As extensões aráveis são dedicadas a grandes campos de linho e cânhamo, mas para além desses há vastas extensões de terra aberta e desabitada. O interior do

Ducado de Vara, embora não seja desértico, é uma região plana e seca, usada apenas pelas tribos nômades que deslocam por ela as suas manadas, seguindo os pastos. Até elas a abandonam depois de passarem a “parte verde” do ano, para irem se congregar em aldeias temporárias ao longo dos rios ou perto de lugares irrigados. Nos dias que se seguiram à minha fuga do Palácio de Vaudefeira, acabei por perguntar a mim mesmo por que motivo o Rei Manejador teria se incomodado com a subjugação de Vara, quanto mais com a sua transformação num dos Seis Ducados. Sabia que tinha de me afastar do Vim, de rumar a sudoeste na direção do Lago Azul, de atravessar o vasto Lago Azul e depois seguir o Rio Frio até o sopé das Montanhas. Mas não era viagem para um homem solitário. E sem Olhos-de-Noite, era isso mesmo que eu era.

Não havia cidades de bom tamanho no interior, embora houvesse vilas rudimentares que subsistiam durante todo o ano perto de algumas das nascentes que salpicavam aleatoriamente a região. A maior parte destas vilas sobrevive em virtude das caravanas comerciais que passam por perto. O comércio flui, embora lentamente, entre o povos do Lago Azul e do Rio Vim, e é por este mesmo caminho que os bens do povo da Montanha penetram em terras dos Seis Ducados. O óbvio seria arranjar maneira de me ligar a uma dessas caravanas. Mas o que é óbvio nem sempre é fácil.

Quando entrei na cidade de Vaudefeira, eu parecia ser o mais pobre tipo de mendigo que se podia imaginar. Abandonei-a bem vestido, em cima de um dos melhores animais já criados em Torre do Cervo. Porém, no momento seguinte à minha separação de Seta, comecei a perceber a gravidade da minha situação. Tinha a roupa que roubara e as minhas botas de couro, o cinto e a bolsa, uma faca e uma espada, e ainda um anel e um medalhão em uma corrente. Na bolsa não restava qualquer moeda, embora ela contivesse instrumentos para fazer fogo, uma pedra de amolar para a faca e uma boa seleção de venenos.

Os lobos não estão destinados a caçar sozinhos. Fora o que Olhos-de-Noite me dissera uma vez, e antes de aquele dia terminar, acabei por reconhecer a sabedoria da afirmação. A minha refeição nesse dia consistiu de raízes de lírio negro e algumas nozes que um esquilo reunira num esconderijo demasiado óbvio. Teria de bom grado comido o esquilo, que se encontrava acima de mim ralhando comigo enquanto lhe assaltava a dispensa, mas não tinha os meios para transformar tal desejo em realidade. Em vez disso, enquanto batia nas nozes com uma pedra para abri-las, refleti em como as ilusões sobre mim mesmo tinham sido arrancadas uma a uma.

Julgara ser um indivíduo autossuficiente e esperto. Sentira orgulho das minhas

habilidades como assassino, chegara mesmo, lá no fundo, a acreditar que, embora não pudesse dominar com competência as minhas habilidades para o Talento, a força que nele tinha era, claramente, tão forte como a de qualquer membro do Círculo de Galeno. Porém, desprovido da generosidade do Rei Sagaz e do talento para a caça do meu companheiro lobo, sendo-me subtraídas as informações secretas e habilidades conspirativas de Breu e a orientação de Veracidade no Talento, o que eu via que restava era um homem esfomeado vestido com roupa roubada, a meio caminho entre Torre do Cervo e as Montanhas, com poucas expectativas de chegar a se aproximar de um lugar ou do outro.

Por mais satisfatoriamente sombrios que fossem aqueles pensamentos, nada faziam para mitigar o incômodo da sugestão de Talento de Veracidade. *Venha até mim*. Teria ele pretendido que aquelas palavras ficassem queimadas na minha mente com um comando tão forte? Eu duvidava. Creio que ele quisera apenas evitar que eu matasse tanto Majestoso como a mim. E, no entanto, agora a compulsão estava lá, ulcerando como a ponta de uma seta. Até me infectava o sono com ansiedade, até o ponto de ser frequente sonhar em ir até Veracidade. Não era o caso de eu ter desistido da ambição de matar Majestoso; uma dúzia de vezes por dia, eu elaborara planos mentais, maneiras de conseguir regressar a Vaudefeira e cair sobre ele vindo de um ângulo inesperado. Mas todos esses planos começavam com a reserva “depois de ir até Veracidade”. Tornara-se simplesmente impensável que houvesse mais alguma coisa com uma prioridade superior.

A vários dias de fome rio acima de Vaudefeira fica uma vila chamada Desembarcadouro. Embora não tenha nem perto do tamanho de Vaudefeira, é uma povoação robusta. Ali é feito um couro muito bom, não só de pele de vaca, mas também com a pele dura proveniente das manadas de haragares. A outra indústria principal da vila parecia ser uma cerâmica de boa qualidade feita a partir dos taludes de barro branco que davam para o rio. Muito do que em outros lugares se esperaria que fosse feito de madeira, vidro ou metal é feito de couro ou cerâmica em Desembarcadouro. Não são só os sapatos e as luvas que ali são de couro, mas também os chapéus e outras peças de vestuário, bem como os assentos das cadeiras e até os telhados e paredes das barracas nos mercados. Nas janelas das lojas, vi tabuleiros, castiçais e até baldes feitos de cerâmica finamente vidrada, tudo com inscrições ou pinturas numa centena de estilos e cores.

Também acabei descobrindo um pequeno bazar onde era possível vender

qualquer coisa que se tivesse para vender sem que ao vendedor fossem feitas muitas perguntas. Troquei a roupa fina pelas calças e túnica largas de um trabalhador e por um par de meias. Devia ter feito negócio melhor, mas o homem apontou várias manchas acastanhadas nos punhos da camisa que ele achava que não sairiam. E as calças estavam esticadas, por me servirem tão mal. Ele podia lavá-las, mas não tinha certeza de conseguir fazê-las voltar à forma original… Desisti e me contentei com o negócio que fizera. Pelo menos aquela roupa não fora usada por um assassino em fuga da mansão do Rei Majestoso.

Numa loja mais ao fundo da rua me separei do anel, do medalhão e da corrente por sete peças de prata e sete cobres. Não chegava nem perto do preço de uma passagem para me juntar a uma caravana até as Montanhas, mas foi a melhor oferta das seis que recebera. A mulherzinha rechonchuda que me comprou as joias estendeu timidamente a mão para tocar a minha manga quando me voltei para ir embora.

— Eu não perguntaria isto, senhor, se não visse que está desesperado — começou hesitante. — Portanto, peço que não se ofenda com a minha oferta.

— Que é? — perguntei. Suspeitava que ela queria se oferecer para comprar a espada. Eu já decidira que não me separaria dela. Não obteria com ela dinheiro que compensasse o fato de ter de prosseguir desarmado.

Ela indicou a minha orelha com um gesto acanhado.

— O seu brinco de homem livre. Tenho um freguês que coleciona essas raridades. Creio que esse é do Clã Butrão. Estou certa? — Fez a pergunta de uma forma tão hesitante que era como se esperasse que a qualquer momento eu pudesse ficar furioso.

— Não sei — respondi-lhe com honestidade. — Foi um presente de um amigo. Não é algo de que eu me separaria por prata.

Ela sorriu com ar astuto, de súbito mais confiante. — Oh, eu sei que estamos falando de moedas de ouro para algo assim. Eu não o insultaria oferecendo prata.

— Moedas de ouro? — perguntei, incrédulo. Ergui a mão para tocar a pequena bugiganga que trazia na orelha. — Por isto?

— Claro — assentiu ela com facilidade, pensando que eu estava procurando obter uma oferta. — Consigo ver que a execução é superior. É essa a reputação do Clã Butrão. Também há a raridade para se levar em conta. O Clã Butrão raramente concede a liberdade a um escravo. Isso é sabido mesmo aqui tão longe de Calcede. Depois de um homem ou mulher usar as tatuagens de Butrão, bem…

Foi preciso muito pouco para levá-la a uma conversa erudita sobre o comércio de escravos, as tatuagens de escravos e os brincos de liberdade de Calcede.

Rapidamente se tornou óbvio que ela desejava o brinco de Bronco, não para nenhum freguês, mas para si mesma. Ela tivera um antepassado que conquistara a liberdade. Ainda possuía o brinco de liberdade que lhe fora dado pelos donos como sinal visível de que já não era escravo. A posse de tal brinco, numa correspondência correta com o último símbolo de clã tatuado no rosto de um escravo, era a única maneira que um antigo escravo tinha para se deslocar livremente por Calcede, quanto mais sair do país. Se um escravo fosse problemático, isso era visto facilmente pelo número de tatuagens que tinha no rosto, traçando a história de propriedade. De tal modo que a expressão "cara de mapa" servia para designar um escravo que tivesse sido vendido por todos os Estados de Calcede, um desordeiro que só servia para as galés ou para trabalhar nas minas. Ela me pediu para tirar o brinco para poder examiná-lo convenientemente, examinar a delicadeza da prata que constituía a rede que enclausurava aquilo que era com toda certeza uma safira.

— Veja — explicou —, um escravo tem não só de conquistar a liberdade, mas também de ganhar junto do seu mestre o custo de um brinco assim. Sem ele, a sua liberdade pouco mais é do que uma correia mais longa. Não pode ir a nenhum lugar sem que o mandem parar nos postos de controle, não pode aceitar trabalho de homem livre sem o consentimento por escrito do seu antigo dono. O antigo dono já não é responsável pela sua alimentação ou abrigo, mas o antigo escravo não está da mesma forma livre do antigo dono.

Ela me ofereceu três moedas de ouro sem hesitar. Aquilo era mais do que o custo de uma passagem numa caravana; podia ter comprado um cavalo, um bom cavalo, e não só me juntar a uma caravana, mas viajar com conforto. Porém, saí da sua loja antes de ela tentar me dissuadir com uma oferta mais elevada. Com um cobre, comprei um pão de má qualidade e me sentei para comê-lo perto das docas. Senti curiosidade sobre muitas coisas. O brinco provavelmente pertencera à avó de Bronco. Ele mencionara que ela fora escrava, mas conquistara a liberdade dessa vida. Perguntei a mim mesmo o que teria o brinco significado para ele, para que o desse ao meu pai, e o que teria significado para o meu pai para ter ficado com ele. Paciência soubera algo sobre isto quando o passou para mim?

Sou humano. Senti-me tentado com a oferta de ouro que a mulher fizera. Refleti que se Bronco soubesse da minha situação me diria para vender o brinco, pois a minha vida e segurança valiam mais para ele do que um brinco de prata e safira. Podia arranjar um cavalo e ir até as Montanhas e encontrar Veracidade e pôr fim ao constante incômodo da sua ordem de Talento, que era como um

comichão que eu não conseguia coçar.

Deixei meus olhos vagarem por sobre o rio, e finalmente confrontei a enorme viagem que se estendia à minha frente. Dali, eu teria de viajar através de um semideserto para chegar ao Lago Azul. Não fazia ideia de como poderia atravessar o Lago Azul propriamente dito. Do outro lado, trilhas florestais serpenteavam através dos contrafortes e subiam às terras acidentadas do Reino da Montanha. Tinha de ir até Jhaampe, a capital, para de algum modo obter uma cópia do mapa que Veracidade usara. Baseara-se em antigos escritos que a biblioteca de Jhaampe possuía; era possível que o original ainda estivesse lá. Só o mapa poderia me levar até onde Veracidade se encontrava, em algum lugar no território desconhecido para além do Reino da Montanha. Precisaria de cada moeda, de cada recurso que pudesse arranjar.

Entretanto, apesar de tudo isso, decidi ficar com o brinco. Não pelo que a joia significava para Bronco, mas por aquilo que acabara por significar para mim. Era a minha última ligação física com o meu passado, com quem fora, com o homem que me criara, até com o pai que outrora o usara. Era estranhamente difícil me levar a fazer o que sabia ser sensato. Ergui a mão e soltei a minúscula lingueta que me prendia o brinco à orelha. Ainda tinha as amostras de seda do meu disfarce, e usei a menor para envolver bem o brinco e o coloquei dentro da bolsa que trazia ao cinto. A mercadora estivera interessada demais nele, e gravara muito bem a sua aparência. Se Majestoso decidisse enviar homens à minha procura, esse brinco seria uma das maneiras de me descrever.

Mais tarde, passeei pela cidade, à escuta das conversas das pessoas e tentando aprender o que precisava saber sem fazer perguntas. Demorei-me pelo mercado, vagando indolentemente de barraca em barraca. Atribuí a mim mesmo a suntuosa soma de quatro cobres e gastei-os naquilo que parecia ser luxos exóticos: um pequeno saco de ervas para chá, fruta seca, um pedaço de espelho, uma panela pequena e um copo. Perguntei por casco-de-elfo em várias barracas de ervas, mas ou não conheciam a planta, ou a conheciam em Vara por outro nome. Disse a mim mesmo que não havia problema, pois não esperava ter necessidade dos seus poderes revigorantes. Esperava ter razão. Em vez de casco-de-elfo, comprei, cheio de dúvidas, uma coisa que se chamava sementes de fraldassol, as quais, segundo me garantiram, reanimariam um homem até deixá-lo desperto, por mais cansado que ele estivesse.

Descobri uma trapeira que me deixou vasculhar a sua carroça em troca de mais dois cobres. Descobri um manto malcheiroso, mas aproveitável, e umas perneiras que prometiam dar tanta coceira como calor. Troquei com ela as

amostras de seda amarela que me restavam por um lenço para a cabeça, e, com muitos comentários maliciosos, ela me mostrou como amarrá-lo em volta da cabeça. Fiz o que fizera antes, transformando o manto numa trouxa para transportar as minhas coisas, e depois me dirigi aos matadouros, na zona leste da vila.

Jamais encontrara um fedor como o que encontrei lá. Havia curral atrás de curral, verdadeiras montanhas de estrume, e o cheiro de sangue e entranhas vinha das barracas de abate e das fossas de curtimento. Como se o assalto ao meu nariz não bastasse, o ar estava igualmente cheio com os berros do gado bovino, os guinchos dos haragares, os zumbidos das moscas varejeiras e os gritos das pessoas que deslocavam os animais de curral em curral, ou os arrastavam para os locais de abate. Por mais que me insensibilizasse, não conseguia me isolar da infelicidade e pânico cegos dos animais que aguardavam a sua vez. Não tinham um conhecimento claro do que os esperava, mas o cheiro do sangue fresco e os gritos dos outros animais despertavam em alguns um terror equivalente àquele que eu sentira quando me estatelara no chão da masmorra. E, no entanto, eu tinha de estar ali, pois era ali que as caravanas terminavam as suas viagens, e também onde algumas começavam. As pessoas que tinham conduzido animais para vender ali provavelmente iriam regressar. A maioria iria comprar outros bens para levar consigo, para não desperdiçar uma viagem. Eu tinha esperança de encontrar algum tipo de trabalho com um deles, que me fornecesse a companhia de uma caravana pelo menos até o Lago Azul.

Rapidamente descobri que não era o único a ter essa esperança. Havia uma feira desordenada de emprego num espaço entre duas tavernas viradas para os currais. Algumas das pessoas que se encontravam ali eram condutores de gado que tinham vindo do Lago Azul com uma manada, ficado em Desembarcadouro para gastar os seus ganhos e agora, sem dinheiro e longe de casa, procuravam passagem de regresso. Para alguns, era esse o padrão das suas vidas de condutores de animais. Havia alguns jovens, obviamente em busca de aventuras e viagens e de uma oportunidade para se lançarem por conta própria. E também lá se encontravam aqueles que eram claramente a escória da vila, gente que não conseguia arranjar trabalho permanente, ou que não tinha personalidade para viver por muito tempo no mesmo lugar. Não me misturava lá muito bem com nenhum dos grupos, mas acabei me juntando aos condutores de gado.

A história que eu contava dizia que a minha mãe morrera recentemente e entregara à minha irmã mais velha a propriedade, a qual não tinha muito uso para mim, de modo que eu partira para viajar até junto do meu tio, que vivia

além do Lago Azul, mas ficara sem dinheiro antes de chegar lá. Não, eu nunca fora condutor de gado, mas a nossa família fora suficientemente abastada para ter cavalos, vacas e ovelhas, e eu conhecia os cuidados básicos com eles e, segundo alguns diziam, “tinha um jeito especial” para os animais irracionais.

Não fui contratado nesse dia. Poucos o foram, e a noite veio encontrar a maioria de nós deitando-se no local onde passáramos o dia inteiro. Um aprendiz de padeiro apareceu entre nós com um tabuleiro de restos, e eu me separei de outro cobre em troca de um longo pão escuro incrustado de sementes. Dividi-o com um tipo corpulento cujo cabelo claro não parava de se esgueirar por baixo do lenço para a frente do rosto. Em troca, Crice me ofereceu um pouco de carne seca, um gole do mais horrível vinho que já provei e uma bela quantidade de fofocas. Era um falador, um daqueles homens que adotam a posição mais extrema em qualquer tópico e não têm conversas com os seus companheiros, mas discussões. Como eu tinha pouco a dizer, Crice logo instigou as outras pessoas que nos rodeavam a entrar numa discussão controversa sobre a política atual de Vara. Alguém acendeu uma pequena fogueira, mais pela luz do que por haver alguma necessidade de calor, e várias foram as garrafas passadas de mão em mão. Eu me deitei, com a cabeça apoiada na minha trouxa, e fingi cochilar enquanto escutava.

Não houve menção aos Navios Vermelhos, nenhuma conversa sobre a guerra que assolava a costa. Compreendi de repente como aquela gente se ressentiria de pagar impostos para tropas que protegeriam uma costa que nunca tinha visto, para navios de guerra que navegariam num oceano que não era sequer capaz de imaginar. As áridas planícies entre Desembarcadouro e o Lago Azul eram o seu oceano, e aqueles condutores de gado eram os marinheiros que por ele viajavam. Os Seis Ducados não eram, por natureza, seis regiões ligadas num todo, mas constituíam um reino apenas porque uma forte linhagem de governantes os havia rodeado com uma fronteira comum e os declarara um só. Se todos os Ducados Costeiros caíssem nas mãos dos Navios Vermelhos, isso pouco significaria para aquela gente. Continuaria havendo gado a apascentar e vinho repugnante para beber; continuaria havendo capim e o rio e as ruas poeirentas. Inevitavelmente, tive de perguntar a mim mesmo que direito nós tínhamos de forçar aquela gente a pagar por uma guerra tão distante de suas casas. Lavra e Vara haviam sido conquistados e acrescentados aos ducados; não tinham vindo a nós pedindo proteção militar ou os benefícios do comércio. Não que não tivessem prosperado, livres de todos os seus mesquinhos senhores do gado do interior, e lhes tendo sido oferecido um mercado ávido pela sua carne, couro e cordas.

Quanta lona, quantos rolos de boa corda de cânhamo teriam eles vendido antes de fazerem parte dos Seis Ducados? Mas ainda parecia uma compensação pequena.

Cansei-me de tais pensamentos. A única constante na conversa deles era a queixa contra o embargo comercial sobre as Montanhas. Começara a adormecer quando minhas orelhas se empinaram ao ouvir as palavras “Homem Pustulento”. Abri os olhos e ergui ligeiramente a cabeça.

Alguém o mencionara do modo tradicional, como o mensageiro do desastre, dizendo em tom risonho que todas as ovelhas de Gápis o tinham visto, pois estavam morrendo no curral antes de o pobre homem conseguir sequer vendê-las. Franzi o cenho ao pensar em doença em acomodações tão apertadas, mas outro homem riu e disse que o Rei Majestoso decretara que ver o Homem Pustulento já não dava azar, mas era a melhor das sortes que alguém podia ter.

— Se eu visse esse velho mendigo, não empalideceria e fugiria, mas o derrubaria e levaria ao rei. Ele ofereceu uma centena de moedas de ouro a qualquer homem que lhe leve o Homem Pustulento de Cervo.

— Foi cinquenta, só cinquenta peças de ouro, não cem — interrompeu Crice num tom zombeteiro. Bebeu outro gole da garrafa. — Que história, cem peças de ouro por um velho grisalho!

— Não, é cem, só por ele, e mais cem pelo homem-lobo que o segue. Ouvi isso sendo gritado de novo ainda esta manhã. Esgueiraram-se para dentro da Mansão do Rei em Vaudefeira e mataram alguns dos seus guardas com a magia dos animais. Gargantas rasgadas para que o lobo pudesse beber o sangue. Agora é esse quem querem mesmo. Anda vestido como um senhor, dizem, com um anel, um colar e um penduricalho de prata na orelha. Tem uma madeixa branca no cabelo de uma antiga batalha com o nosso rei, e uma cicatriz no rosto e um nariz quebrado pela mesma razão. Sim, e um belo corte recente de espada no braço foi o que o rei lhe deu desta vez.

Ouviu-se um murmúrio baixo de admiração diante daquilo, vindo de vários deles. Até eu tive de sentir admiração pela audácia de Majestoso em reclamar aquele feito, enquanto eu virava a cara para a trouxa e a empurrava para baixo, como que para dormir. A conversa continuou.

— Dizem que o tipo foi gerado na Manha e que é capaz de se transformar num lobo sempre que estiver com a lua. Dormem de dia e vagam à noite, sim, sim. Dizem que é uma maldição que aquela rainha estrangeira que ele expulsou de Cervo por tentar roubar a coroa lançou sobre o rei. O Homem Pustulento, dizem, é um meio-espírito, conjurado a partir do corpo do velho Rei Sagaz com a magia

de Montanha dela, e viaja por todas as estradas e ruas, por toda a parte nos Seis Ducados, levando o mal para onde quer que vá, e exibindo o rosto do próprio velho rei.

— Estrume e podridão — disse Crice com voz de repugnância. Bebeu mais um trago. Mas alguns dos outros gostaram daquela história fantasiosa e inclinaram-se para mais perto do contador, sussurrando-lhe que continuasse, que continuasse.

— Bem, foi isto que ouvi dizer — disse o homem com arrogância. — Que o Homem Pustulento é o meio-espírito de Sagaz, e que não pode conhecer descanso até que a rainha da Montanha que o envenenou esteja também no túmulo.

— Então, se o Homem Pustulento é o fantasma de Sagaz, por que o Rei Majestoso está oferecendo uma recompensa de cem moedas de ouro por ele? — perguntou Crice em tom azedo.

— Não é o seu fantasma. É o seu meio-espírito. Roubou parte do espírito do rei quando ele estava morrendo, e o Rei Sagaz não pode descansar até que o Homem Pustulento esteja morto para que o espírito do rei possa se recompor. E até há quem diga — e abaixou mais a voz —, que o Bastardo não foi bem morto, que caminha de novo como homem-lobo. Ele e o Homem Pustulento procuram vingança contra o Rei Majestoso, para destruir o trono que o Bastardo não conseguiu roubar. É que ele estava combinado com a Rainha Raposa para ser rei depois de se livrarem de Sagaz.

Era o tipo certo de noite para uma história daquelas. A lua estava inchada e alaranjada, baixa no céu, enquanto o vento nos trazia os lúgubres mugidos e movimentos do gado nos seus currais, misturados com o fedor de sangue em putrefação e peles sendo curtidas. Nuvens altas e esfarrapadas passavam de vez em quando pela face da lua. As palavras do contador de histórias me deram arrepios, provavelmente por um motivo diferente do que ele imaginaria. Fiquei à espera de que alguém me empurrasse com o pé ou gritasse: “Ei, vamos lá olhar bem para ele”. Ninguém o fez. O tom da história do homem os fez procurar olhos de lobo nas sombras, não de um trabalhador cansado que dormia no meio deles. Apesar disso, meu coração saltava no peito enquanto examinava o rastro que deixara. O alfaiate onde trocara de roupa reconheceria aquela descrição. A mulher do brinco talvez também o fizesse. Até a velha trapeira que me ajudara a amarrar o lenço sobre o cabelo. Alguns poderiam não querer apresentar-se, alguns poderiam querer evitar lidar com os guardas do rei. Mas alguns o fariam. Eu tinha de me comportar como se todos o fizessem.

O contador continuava a falar, bordando a sua história sobre as ambições malignas de Kettricken e o modo como ela se deitara comigo para conceber uma criança que pudéssemos usar para reivindicar o trono. Havia repugnância na voz do contador de histórias enquanto falava de Kettricken, e ninguém escarneceu das suas palavras. Até Crice, ao meu lado, mostrava-se aquiescente, como se aqueles planos bizarros fossem do conhecimento de todos. Confirmando os meus piores medos, Crice interveio de súbito.

— Você conta isso como se fosse tudo novidade, mas todos sabem que a barriga grande dela não veio de Veracidade, mas sim do Bastardo-Manhoso. Se Majestoso não tivesse expulso a rameira da Montanha, acabaríamos tendo um tipo como o Príncipe Pigarço na linha de sucessão.

Aquilo foi recebido com um murmúrio baixo de assentimento. Fechei os olhos e me estiquei como se estivesse aborrecido, esperando que a minha imobilidade e pálpebras cerradas escondessem a raiva que ameaçava me consumir. Ergui a mão para prender melhor o lenço em volta do cabelo. Qual poderia ser o propósito de Majestoso em permitir que mexericos perversos como aquele se espalhassem? Pois eu sabia que aquele tipo de veneno tinha de vir dele. Eu não confiava na minha voz para fazer perguntas, nem desejava parecer ignorante sobre coisas que eram obviamente de conhecimento comum. De modo que me mantive quieto e escutei com um interesse furioso. Deduzi que todos sabiam que Kettricken regressara às Montanhas. A frescura do desprezo que mostravam por ela sugeria que aquilo se referia a notícias recentes. Também se resmungava que era culpa da bruxa montanheira que os passos estivessem fechados para os honestos mercadores de Lavra e Vara. Um homem até ousou dizer que agora que o comércio com a costa estava cortado, as Montanhas viam uma oportunidade de encurralar Vara e Lavra e forçá-los a aceitar as suas condições, sob pena de perder todas as rotas comerciais. Um homem relatou que até uma simples caravana escoltada por homens dos Seis Ducados usando as cores do próprio Majestoso fora mandada dar meia-volta na fronteira com a Montanha.

Para mim, aquela conversa era evidentemente estúpida. As Montanhas precisavam do comércio com Vara e Lavra. Os cereais eram mais importantes para o povo da Montanha do que a madeira e peles das Montanhas para aqueles homens das terras baixas. Esse comércio livre fora abertamente reconhecido como motivo para o casamento de Kettricken com Veracidade. Mesmo se Kettricken tivesse fugido de volta para as Montanhas, eu a conhecia bem o suficiente para ter certeza de que não apoiaria nenhum corte no comércio entre a sua gente e os Seis Ducados. Estava ligada demais a ambos os grupos e decidida

demais a ser Sacrifício para todos. Se existia um embargo comercial, como ouvira dizer, eu tinha certeza de que começara com Majestoso. Mas os homens ao meu redor continuavam a resmungar sobre a bruxa da Montanha e a sua vingança contra o rei.

Estaria Majestoso fomentando uma guerra contra as Montanhas? Teria tentado enviar para lá soldados armados disfarçados de escolta de mercadores? Era uma ideia tola. O meu pai fora enviado às Montanhas há muito tempo a fim de formalizar fronteiras e acordos comerciais com eles, pondo fim a longos anos de escaramuças e incursões fronteiriças. Esses anos de batalha haviam ensinado ao Rei Sagaz que ninguém iria tomar e manter pela força os passos e trilhas do Reino da Montanha. Com relutância, segui essa linha de pensamento. Fora Majestoso que sugerira Kettricken como noiva para Veracidade. Fizera todo o trabalho de cortejá-la em nome do irmão. Então, quando o momento do casamento se aproximara, tentara matar Veracidade, com o objetivo de obter a princesa como sua noiva. Falhara, e as suas intrigas e planos haviam sido revelados apenas a um punhado de pessoas. A hipótese que tivera de reclamar como sua a Princesa Kettricken e tudo o que com ela vinha, como a herança da coroa da Montanha, havia lhe escapado por entre os dedos. Recordei uma conversa que ouvira um dia entre Majestoso e o traiçoeiro Galeno. Pareciam pensar que Lavra e Vara seriam melhor defendidos se fosse possível controlar as cordilheiras e passos da Montanha que faziam limite com eles. Majestoso estaria pensando agora em tomar pela força aquilo que um dia esperara reivindicar através do casamento? Acharia que seria realmente capaz de gerar má vontade suficiente contra Kettricken para levar os seus seguidores a crerem que estavam travando uma guerra justa, uma guerra de vingança contra uma bruxa da Montanha, uma guerra que se destinava a manter abertas as suas rotas comerciais?

Majestoso, refleti, era capaz de acreditar em qualquer coisa em que desejasse acreditar. Nos fundos dos seus copos, de cabeça envolta nos seus fumos, eu não duvidava de que ele agora acreditava nas suas próprias histórias fantasiosas. Uma centena de moedas de ouro por Breu e outra centena por mim. Eu sabia muito bem o que fizera nos últimos tempos para merecer tal recompensa, mas senti uma aguda curiosidade de saber o que Breu andara fazendo. Em todos os anos passados com Breu, ele sempre trabalhara sozinho e sem ser visto. Continuava a não ter nome, mas a sua pele marcada e a semelhança com o meio-irmão eram agora conhecidas. Isso significava que fora visto em algum lugar, por alguém. Esperei que estivesse bem e em segurança naquela noite, onde quer

que fosse. Uma parte de mim ansiou por voltar, por regressar a Cervo e ir à sua procura. Como se de alguma forma eu pudesse mantê-lo a salvo.

Venha até mim.

Independentemente do que eu ansiava fazer, independentemente do que sentia, sabia que iria até Veracidade. Prometi isso a mim mesmo, repetidas vezes, e consegui finalmente cair num sono cansado. Sonhei, mas foram sonhos pálidos, quase não tocados pelo Talento, que mudavam e rodopiavam como que soprados pelos ventos outonais. A minha mente parecia ter apanhado e misturado pensamentos vindos de todas as pessoas de que eu sentia saudades. Sonhei com Breu tomando chá com Paciência e Renda. Ele usava um roupão de seda vermelha com um padrão de estrelas, cortado num estilo muito antiquado, e sorria às mulheres de uma forma encantadora por cima da sua xícara de chá, trazendo riso até os olhos de Paciência, embora parecesse estranhamente envelhecido e fatigado. Depois sonhei com Moli espiando pela porta de um chalé, enquanto Bronco estava do lado de fora, aconchegando bem o manto em volta dos ombros para se defender do vento e lhe dizendo para não se preocupar, pois ele não permaneceria longe por tanto tempo assim e quaisquer trabalhos pesados que houvesse podiam esperar até o seu regresso, que ela podia permanecer dentro de casa e cuidar apenas de si mesma. Até sonhei com Celeridade, sonhei que se abrigara nas lendárias Grutas de Gelo da Geleira Faminta em Vigas e se escondia ali com os soldados que ainda conseguia reunir e muita da sua gente que ficara sem casa pela guerra dos Salteadores. Sonhei que ela cuidava de Fé, que se mantinha deitada, sofrendo de uma febre e de uma ferida infectada de flecha na barriga. Sonhei finalmente com o Bobo, de rosto branco transformado em marfim, sentado diante de uma lareira e fitando as chamas. Não restava esperança em seu rosto, e eu me senti no interior das chamas, olhando para as profundezas dos seus olhos. Em algum lugar ali perto, e no entanto não tão perto, Kettricken chorava inconsolável. Os sonhos murcharam na minha mente, e depois sonhei com lobos caçando, caçando, perseguindo um cervo, mas eram lobos selvagens, e se o meu lobo se encontrava entre eles, agora era deles e não meu.

Acordei com uma dor de cabeça e um mau jeito nas costas por ter dormido em cima de uma pedra. O sol tinha apenas começado a fender o céu, mas me levantei mesmo assim, para ir até um poço e puxar água para me lavar e beber o máximo que conseguisse. Bronco me dissera uma vez que beber muita água era uma boa maneira de enganar a fome. Era uma teoria que eu teria de testar hoje. Afiei minha faca, pensei em me barbear, e então decidi não fazer isso. Era

melhor deixar a barba crescer por cima da cicatriz o mais depressa possível. Esfreguei com relutância os pelos ásperos que já me irritavam. Voltei para onde os outros ainda dormiam.

Estavam apenas começando a acordar quando um homenzinho largo apareceu para gritar com estridência que queria contratar um homem para ajudá-lo a deslocar as ovelhas de um curral para outro. Era só trabalho para uma manhã, se chegasse a tanto, e a maioria dos homens sacudiu a cabeça, desejando permanecer onde pudessem ser contratados para uma viagem de condutor de gado até o Lago Azul. Ele quase implorou, dizendo que tinha de atravessar as ruas da cidade com as ovelhas, e por isso precisava fazê-lo antes que o tráfego habitual do dia tivesse início. Por fim, ofereceu-se para incluir o desjejum, e acho que na verdade foi por isso que lhe fiz um aceno e o segui. O seu nome era Damão e não parou de falar enquanto caminhávamos, agitando as mãos, explicando-me desnecessariamente como queria que as ovelhas fossem tratadas. Eram bons animais, muito bons animais, e ele não queria vê-los machucados ou mesmo agitados. Calmamente, lentamente, era a melhor maneira de deslocar ovelhas. Assenti sem uma palavra diante da sua preocupação e o segui até um curral no fim da rua dos matadouros.

Rapidamente ficou claro o motivo por que ele estava tão ansioso para deslocar as ovelhas. O curral seguinte devia ter pertencido ao azarado Gápis. Ainda havia algumas ovelhas balindo nesse curral, mas a maioria estava caída, morta ou morrendo de fluxão. O fedor da sua doença acrescentava uma nova nota fétida aos outros cheiros que havia no ar. Havia alguns homens ali, tirando as peles dos animais mortos para salvar o que pudessem do rebanho. Estavam fazendo um trabalho sangrento e sujo, deixando os cadáveres esfolados ali mesmo no curral com os moribundos. Aquilo me fez lembrar de um modo macabro de um campo de batalha, com saqueadores andando por entre os caídos. Afastei os olhos da cena e ajudei Damão a agrupar as ovelhas.

Tentar usar a Manha em ovelhas é quase uma perda de tempo. Os seus pensamentos são volúveis. Até aquelas que parecem mais plácidas o são porque se esqueceram daquilo em que estavam pensando. As piores são capazes de uma prudência desmesurada, desconfiadas do mais simples dos atos. A única maneira de lidar com elas é agir em boa medida como os cães pastores. Convencê-las de que tiveram uma boa ideia sobre o lugar para onde querem ir e encorajá-las a ir. Diverti-me brevemente pensando em como Olhos-de-Noite teria reunido e deslocado aquelas patetas lanosas, mas bastou eu pensar num lobo para que algumas das ovelhas estacassem de súbito e olhassem em volta, em pânico.

Sugeri-lhes que deviam seguir as outras antes de se perderem, e elas sobressaltaram-se como se a ideia as surpreendesse, então foram se reunir ao resto das ovelhas.

Damão me dera uma ideia genérica do lugar para onde nos dirigíamos e me entregara uma vara longa. Trabalhei a retaguarda e os lados do rebanho, correndo e logo arquejando como um cão, enquanto ele indicava o caminho e evitava que o rebanho se espalhasse em cada cruzamento. Levou-nos até uma zona nos arredores da vila e enfiamos as ovelhas num dos decrépitos currais que havia ali. Em outro curral havia um touro vermelho de belíssima qualidade, ao passo que outro continha seis cavalos. Depois de recuperarmos o fôlego, ele explicou que no dia seguinte uma caravana se formaria ali para viajar até o Lago Azul. Comprara aquelas ovelhas no dia anterior, e pretendia levá-las para casa, para acrescentá-las aos seus rebanhos. Perguntei-lhe se poderia querer outro ajudante para pastorear as ovelhas até o Lago Azul, e ele me deu um olhar avaliador, mas não uma resposta.

Manteve a palavra a respeito do desjejum. Comemos mingau de aveia e leite, comida simples que para mim tinha um gosto maravilhoso. Foi servida por uma mulher que vivia numa casa perto dos currais e ganhava a vida vigiando os animais encurralados ali e fornecendo refeições e por vezes camas àqueles que estavam encarregados deles. Depois de comermos, Damão me explicou a custo que sim, precisava de mais um ajudante para a viagem, talvez dois, mas que julgava pelo corte da minha roupa que eu pouco sabia do tipo de trabalho que procurava. Levara-me naquela manhã apenas porque eu fora o único que parecera estar realmente acordado e ansioso pelo trabalho. Contei-lhe a minha história sobre a irmã sem coração, e lhe assegurei de que estava familiarizado com o manejo de ovelhas, cavalos ou vacas. Após muita indecisão e hesitação, ele me contratou. As suas condições eram que me forneceria comida para a viagem e no fim me pagaria dez peças de prata. Disse-me para ir buscar correndo as minhas coisas e fazer as despedidas que tivesse que fazer, mas que me certificasse de estar ali de volta antes do fim da tarde, caso contrário contrataria outro homem para tomar o meu lugar.

— Não tenho nada para buscar, nem ninguém de quem me despedir — disse-lhe. Não seria sensato regressar à vila depois do que ouvira na noite anterior. Gostaria que a caravana partisse imediatamente.

Por um instante, ele fez uma expressão chocada, mas depois decidiu que aquilo lhe agradava.

— Bem, eu tenho de tratar das duas coisas, então vou deixá-lo aqui vigiando

as ovelhas. Elas vão precisar que lhes traga água; esse foi um dos motivos por que as deixei nos currais da vila, eles têm uma bomba lá. Mas não gostei de tê-las tão perto de ovelhas doentes. Traga-lhes água, e eu mandarei um homem com um carro de feno para elas. Trate de lhes dar uma boa ração. Agora, veja bem, eu avaliarei como viajaremos juntos pelo modo como você começar comigo…— E continuou, continuou, dizendo-me até os mínimos detalhes como queria que fosse dada água aos animais, e quantas pilhas de ração devia fazer para me assegurar de que cada animal obtinha uma parte. Suponho que era de se esperar; eu não tinha aspecto de pastor. Aquilo me fez sentir falta de Bronco e da sua maneira calma de partir do princípio de que eu conheceria o meu ofício e o executaria. Quando estava se virando para ir embora, voltou-se subitamente para trás. — E o seu nome, rapaz? — gritou-me.

— Tom — respondi após um momento de hesitação. Paciência pensara uma vez em me dar esse nome, antes de eu aceitar o de FitzCavalaria. A reflexão trouxe à tona algo que Majestoso me dissera um dia. — Basta se coçar para encontrar Anônimo, o garoto dos cães — troçara. Eu duvidava de que achasse Tom, o pastor, muito acima disso.

Havia um poço, não muito perto dos currais, com uma corda muito longa presa ao balde. Trabalhando constantemente, consegui por fim encher o bebedouro. Na verdade, enchi-o por várias vezes antes de as ovelhas permitirem que permanecesse cheio. A essa altura, chegou uma carroça com feno, e eu criei com cuidado quatro pilhas separadas de alimento nos cantos do curral. Foi outro exercício de frustração, pois as ovelhas aglomeravam-se e alimentavam-se de cada pilha à medida que a criava. Foi só depois de todas menos as mais fracas estarem saciadas que consegui por fim erguer uma pilha em cada canto.

À tarde, passei o tempo tirando mais água do poço. A mulher me deixou usar uma panela grande para aquecê-la e um lugar privado onde eu podia lavar o pior da estrada que trazia no corpo. Meu braço estava sarando bem. Nada mal para um ferimento mortal, disse a mim mesmo, e esperei que Breu nunca ouvisse falar daquela trapalhada. Como riria de mim. Quando fiquei limpo, fui buscar mais água para aquecer, esta para lavar a roupa que comprara da trapeira. Descobri que o manto era de um cinza muito mais claro do que pensara. Não consegui retirar todo o cheiro dele, mas quando o coloquei para secar, cheirava mais a lã molhada e menos ao dono anterior.

Damão não me deixara nada para comer, mas a mulher ofereceu-se para me alimentar se eu levasse água ao touro e aos cavalos, visto que essa era uma tarefa que ela se cansara muito de fazer nos últimos quatro dias. Foi o que fiz, e ganhei

um jantar de cozido e biscoitos e uma caneca de cerveja para ajudar a engolir tudo. Depois fui ver as ovelhas. Ao descobri-las todas calmas, o hábito fez com que eu me voltasse para o touro e os cavalos. Encostei-me na cerca, observando os animais, perguntando a mim mesmo como seria se na minha vida não houvesse mais do que aquilo. Isso me fez compreender que não teria sido ruim, desde que houvesse uma mulher como Moli esperando que eu regressasse para casa à noite. Uma égua branca e de pernas altas veio esfregar o focinho na minha camisa e pedir para ser coçada. Acariciei-a e descobri que ela estava com saudades de uma camponesa sardenta que lhe trouxera cenouras e lhe chamara de Princesa.

Perguntei-me se haveria alguém, em algum lugar, que conseguia viver a vida que desejava. Talvez Olhos-de-Noite tivesse finalmente conseguido. Esperava sinceramente que sim. Desejava-lhe felicidade, mas era suficientemente egoísta para ter esperança de que ele às vezes sentisse a minha falta. Taciturno, perguntei a mim mesmo se talvez tivesse sido por isso que Veracidade não regressara. Talvez tivesse simplesmente se fartado de toda a confusão de coroas e tronos e tivesse apagado o rastro. Mas mesmo enquanto o pensava, sabia que não era assim. Não aquele. Ele fora para as Montanhas para trazer os Antigos ao nosso auxílio. E se falhasse nessa tarefa, pensaria em outra maneira. E, fosse qual fosse essa maneira, chamara-me para ajudá-lo.

CAPÍTULO 11

Pastor

Breu Tombastrela, conselheiro do Rei Sagaz, era um servidor leal do trono Visionário. Poucos sabiam dos seus serviços durante os anos em que serviu o Rei Sagaz. Isso não o desagradava, pois não era homem que procurasse a glória. Pelo contrário, era devotado ao reinado Visionário com uma lealdade que ultrapassava a lealdade a si mesmo ou qualquer uma daquelas interrogações que assaltam a maioria dos homens. Levava muito a sério o juramento prestado à família real. Com o falecimento do Rei Sagaz, não abandonou o juramento, procurando assegurar-se de que a coroa seguiria a verdadeira linha de sucessão. Foi apenas por este motivo que foi procurado como fora da lei, por ter desafiado abertamente a pretensão de Majestoso de ser Rei dos Seis Ducados. Em missivas que enviou a cada um dos duques e ao Príncipe Majestoso, revelou-se após anos de silêncio, declarando-se um seguidor leal do Rei Veracidade e jurando que não seguiria nenhum outro até que lhe fosse mostrada prova de que o rei morrera. O Príncipe Majestoso declarou-o rebelde e traidor e ofereceu uma recompensa pela sua captura e morte. Breu Tombastrela esquivou-se dele através de muitos artifícios astutos e continuou a congregar os Duques Costeiros na crença de que o seu rei não estava morto e regressaria para liderá-los na vitória contra os Navios Vermelhos. Privados de qualquer esperança de auxílio proveniente do "Rei" Majestoso, muitos dos nobres de menor posição aderiram a esses rumores. Canções começaram a ser cantadas, e até o povo dizia com esperança que o seu Rei Talentoso regressaria para salvá-lo, à frente dos lendários Antigos.



Ao fim da tarde, pessoas começaram a se reunir para a caravana. Era uma mulher a dona do touro e dos cavalos. Ela e o marido chegaram num carroção puxado por uma parelha de bois. Fizeram a sua própria fogueira, cozinharam a sua própria comida e pareciam satisfazer-se com a companhia um do outro. O meu novo patrão chegou mais tarde, um pouco embriagado, e arregalou os olhos

para as ovelhas, para se assegurar de que eu as alimentara e lhes dera água. Chegou numa carroça de rodas altas, puxada por um vigoroso pônei, que imediatamente entregou aos meus cuidados. Disse-me que contratara outro homem, um tal de Crice. Eu devia esperar que ele chegasse e lhe mostrar onde estavam as ovelhas. Depois desapareceu para dentro de um quarto para dormir. Suspirei para mim mesmo ao pensar numa longa viagem acelerada pela língua e modos abrasivos de Crice, mas não protestei. Em vez disso, ocupei-me em cuidar do pônei, uma eguinha obediente chamada Rufa.

Em seguida chegou um grupo de um tipo mais alegre. Eram uma trupe de titereiros com um carro pintado em cores vivas e puxado por uma parelha de cavalos sarapintados. Havia uma janela de cada lado do carro, que podia ser baixada para espetáculos de fantoches, e um toldo que podia ser desenrolado de um dos lados para cobrir um palco quando usassem as marionetes maiores. O mestre titereiro chamava-se Vale. Tinha três aprendizes e um titereiro viajante, bem como uma menestrel que se juntara a eles para a viagem. Não fizeram a sua própria fogueira, e foram animar a casinha da mulher com canções, os estalidos das marionetes e uma quantidade de canecas de cerveja.

Os próximos a chegarem foram dois carroceiros com dois carros cheios de louças de barro cuidadosamente embaladas, e depois, finalmente, a chefe da caravana e os seus quatro ajudantes. Esses seriam os que fariam mais do que simplesmente nos guiar. O próprio aspecto da chefe inspirava confiança. Guida era uma mulher de constituição robusta, e trazia o cabelo cor de ardósia preso longe do rosto por uma faixa de couro ornamentada com contas. Dois dos seus ajudantes pareciam ser uma filha e um filho. Conheciam os poços, tanto os limpos quanto os contaminados, iriam nos defender contra bandidos, levavam provisões adicionais de comida e água e tinham acordos com nômades cujos territórios de pastagem iríamos atravessar. Este último fator era tão importante como todo o resto, pois os nômades não viam com bons olhos as pessoas que passavam pelas suas terras com animais de pasto para comer o alimento de que os seus próprios rebanhos necessitavam. Guida nos reuniu nessa noite para nos informar isso e para nos lembrar de que também iriam manter a ordem dentro do nosso grupo. Não seriam tolerados roubos ou desordens, seria imposto um ritmo que todos pudessem aguentar, a chefe da caravana trataria de todas as negociações nos poços e com os nômades e todos tinham de concordar em submeter-se às decisões da chefe da caravana como se fossem leis. Murmurei o meu assentimento com os outros. Então, Guida e os ajudantes verificaram os carros para se certificarem de que estavam todos preparados para a viagem, de

que as parelhas eram robustas e de que havia provisões adequadas de água e alimentos para emergências. Iríamos descrever uma rota em ziguezague de poço em poço. O carro de Guida levava vários barris de carvalho para água, mas ela insistiu que cada carro e grupo particular levasse alguma água para as suas próprias necessidades.

Crice chegou com o sol se pondo, depois que Damão já havia voltado para o seu quarto e cama. Mostrei-lhe obedientemente as ovelhas, e depois fiquei ouvindo-o resmungar por Damão não nos ter fornecido um quarto onde dormirmos. A noite estava limpa e quente, só com um pouco de vento, de modo que eu vi pouco motivo para queixas. Mas não o disse, deixei-o resmungar e protestar até se fartar. Dormi do lado de fora do curral das ovelhas, de guarda, para o caso de algum predador se aproximar, mas Crice foi embora para ir aborrecer os titereiros com a sua natureza obstinada e opiniões abrangentes.

Não sei quanto tempo realmente dormi. Os meus sonhos abriram-se como cortinas sopradas por um vento. Fiquei alerta ao ouvir uma voz que murmurava o meu nome. Parecia vir de muito longe, mas à medida que escutava, eu era compelido inexoravelmente a me aproximar dela, como se estivesse sendo chamado por um encanto. Como uma mariposa errante, tomei consciência de chamas de velas e fui atraído para elas. Quatro velas ardiam brilhantemente numa mesa tosca de madeira e os seus odores misturados adoçavam o ar. Os dois círios altos exalavam o odor da baga de loureiro. As duas velas menores ardiam na frente deles, soltando um odor doce de primavera. Violetas, pensei, e algo mais. Uma mulher debruçava-se para a frente junto às velas, respirando profundamente o seu perfume. Tinha os olhos fechados, a cara umedecida de suor. Moli. Voltou a proferir o meu nome.

— Fitz, Fitz. Como pôde morrer e me abandonar assim? Não devia acontecer desta forma, você devia vir atrás de mim, devia me encontrar para que eu pudesse perdoá-lo. Devia ter acendido estas velas por mim. Eu não devia estar sozinha para isto.

As palavras foram interrompidas por um grande arquejo, como se proveniente de uma dor dilacerante, acompanhada por uma onda de medo, freneticamente reprimida.

— Vai ficar tudo bem — murmurou Moli para si mesma. — Vai ficar tudo bem. É para ser assim. Acho.

Mesmo dentro do sonho de Talento, o meu coração parou. Olhei para Moli, ali de pé junto à lareira na pequena cabana. Lá fora, uma tempestade de outono soprava, furiosa. Ela agarrou-se à borda da mesa e ficou meio agachada, meio

debruçada sobre ela. Usava apenas uma camisola, e tinha o cabelo lustroso de suor. Enquanto eu observava, horrorizado, ela voltou a respirar muito fundo e então expulsou o ar, não num grito, mas num som que era como um grasnido agudo, como se só tivesse forças para isso. Passado um minuto, endireitou-se um pouco e pousou suavemente as mãos em cima da barriga. O seu tamanho me deixou tonto. Estava tão distendida, ela parecia grávida.

Ela estava grávida.

Se fosse possível perder a consciência quando se está dormindo, acho que eu o teria feito. Em vez disso, a minha mente vacilou de súbito, reordenando cada palavra que ela me dissera quando nos separáramos, recordando o dia em que me perguntara o que eu faria se ela estivesse à espera de um filho meu. O bebê era aquele de quem ela falara, aquele por quem me deixara, aquele que queria colocar à frente de todo o resto na sua vida. Outro homem, não. O nosso filho. Ela partira para proteger o nosso filho. E não me dissera porque tinha medo que eu não fosse com ela. Era melhor não pedir do que pedir e obter uma recusa.

E tivera razão. Eu não teria ido. Estavam acontecendo coisas demais em Torre do Cervo, havia deveres urgentes demais para com o meu rei. Ela tivera razão em me abandonar. Era tão típico de Moli fazer da partida e de encarar aquilo sozinha escolha apenas sua. Estúpido, mas tão típico dela que desejei abraçá-la. Desejei sacudi-la.

Ela voltou subitamente a agarrar-se à mesa, com os olhos arregalando-se, agora sem voz, com a força que se movia dentro de si.

Estava só. Acreditava que eu estava morto. E estava dando à luz ao filho sozinha, naquela minúscula cabana açoitada pelo vento, em algum lugar.

Estendi-me para ela, gritando *Moli, Moli,* mas ela estava agora voltada para dentro, concentrada em si mesma, escutando apenas o seu próprio corpo. De súbito compreendi a frustração de Veracidade naquelas vezes em que não conseguia me fazer ouvi-lo e precisava me contactar desesperadamente.

A porta escancarou-se de repente, deixando entrar na cabana um sopro de vento tempestuoso e uma rajada de chuva fria acompanhando-o. Ela ergueu os olhos, arquejando, para fitá-la.

— Bronco? — chamou sem fôlego. Tinha a voz repleta de esperança.

De novo senti uma onda de espanto, mas foi afogada pela gratidão e alívio que ela sentiu quanto o rosto escuro de Bronco espreitou de súbito em volta da soleira da porta.

— Sou só eu, ensopado. Não consegui lhe arranjar maçãs secas, não importa o que eu oferecesse. Os armazéns da vila estão vazios. Espero que a farinha não

tenha se molhado. Teria chegado mais cedo, mas esta tempestade… — Estava entrando enquanto falava, um homem que chegava em casa vindo da vila, com uma saca no ombro. Água lhe escorria pelo rosto e pingava do seu manto.

— Chegou a hora, é agora — disse-lhe Moli num frenesi.

Bronco largou a saca enquanto fechava a porta com dificuldade e a trancava. — O quê? — perguntou-lhe enquanto limpava a chuva dos olhos e afastava o cabelo molhado do rosto.

— O bebê está chegando. — Ela parecia agora estranhamente calma.

Ele a olhou sem expressão por um instante. Então falou com firmeza.

— Não. Nós contamos, você contou. Não pode estar chegando agora. — De repente, ele quase pareceu estar zangado, tão desesperado que estava para ter razão. — Mais quinze dias, talvez mais. A parteira, falei com ela hoje e combinei tudo, ela disse que vinha ver você em alguns dias…

As palavras dele sumiram quando Moli voltou a agarrar-se à borda da mesa. Os lábios se afastaram dos dentes com o esforço. Bronco ficou imóvel como um homem petrificado. Eu nunca o vira empalidecer tanto.

— Quer que volte à aldeia para buscá-la? — perguntou numa voz fraca.

Ouviu-se o som da água tamborilando nas tábuas irregulares do chão. Após uma eternidade, Moli recuperou o fôlego.

— Acho que não há tempo.

Ele continuou parado como que congelado, com o manto pingando água no chão. Não entrou mais na sala, permaneceu imóvel como se ela fosse um animal imprevisível.

— Você não devia estar deitada? — perguntou com incerteza.

— Já tentei. Dói muito se eu estiver deitada e uma dor vier. Ela me fez gritar.

Ele estava assentindo com a cabeça como um fantoche.

— Então deve ficar de pé, suponho. Claro. — Não se mexeu.

Ela o olhou, suplicante.

— Não pode ser assim tão diferente — arquejou — de um potro ou de um bezerro…

Os olhos dele se arregalaram de tal forma que eu consegui ver o branco em toda a volta da íris. Sacudiu violentamente a cabeça, sem um som.

— Mas Bronco… não há mais ninguém para me ajudar. E eu estou…— As palavras foram subitamente arrancadas dela numa espécie de grito. Inclinou-se para frente, dobrando as pernas de modo que a testa foi pousar na borda da mesa. Soltou um som baixo, tão cheio de medo quanto de dor.

O medo de Moli conseguiu chegar até Bronco. Ele deu uma sacudida

minúscula e rápida com a cabeça, um homem despertando.

— Não. Tem razão, não pode ser assim tão diferente. Não pode. Já fiz isto centenas de vezes. É a mesma coisa, tenho certeza. Está bem. Bom. Vejamos. Vai ficar tudo bem, deixe-me só… Ah. — Arrancou o manto e deixou-o cair no chão. Empurrou apressadamente o cabelo molhado para longe do rosto, então foi se ajoelhar ao lado dela. — Vou tocar você — avisou, e eu vi a cabeça inclinada de Moli fazer um pequeno aceno de acordo.

Então as mãos seguras de Bronco encostaram-se na barriga dela, acariciando-a com suavidade, mas firmes, como eu o vira fazer quando uma égua estava tendo problemas e ele queria apressar as coisas.

— Já não é muito tempo, não falta muito — disse-lhe. — Já desceu. — Ficou confiante de repente, e eu senti Moli ganhar ânimo com o tom da sua voz. Manteve as mãos sobre ela quando outra contração a assaltou. — Isso é bom, está certo. — Ouvira-o dizer as mesmas palavras reconfortantes uma centena de vezes nas cocheiras de Torre do Cervo. Entre dores, equilibrou-a com as mãos, falando-lhe o tempo todo com suavidade, chamando-lhe de linda menina, menina firme, bela menina que ia dar à luz um belo bebê. Duvido que algum dos dois ouvisse o sentido do que ele dizia. Estava tudo no tom de voz. Levantou-se uma vez para ir buscar um cobertor e dobrá-lo no chão ao seu lado. Não disse nenhuma palavra embaraçosa enquanto lhe levantava a camisola e limitou-se a falar suavemente, num tom de encorajamento, enquanto Moli se agarrava à borda da mesa. Consegui ver a ondulação nos músculos, e então ela soltou um grito súbito e Bronco estava dizendo: — Continue, continue, estamos aqui, estamos aqui, continue, isso, e o que temos aqui, quem é este?

E então a criança estava nos seus braços, com a cabeça em uma mão calejada em taça e a outra segurando o minúsculo corpo enrolado, e Bronco sentou-se de repente no chão, com uma expressão tão espantada como se nunca antes tivesse visto algo nascer. As conversas de mulheres que eu ouvira tinham me levado a esperar horas de gritos e lagos de sangue. Mas havia pouco sangue no bebê que olhava para Bronco com calmos olhos azuis. O cordão acinzentado que se enrolava preso à barriga parecia grande e grosso, comparado com as mãos e pés minúsculos. Tudo era silêncio, à exceção do arquejar de Moli.

— Ele está bem? quis saber Moli. A sua voz tremia. — Há alguma coisa errada? Por que ele não chora?

— Ela está ótima — disse Bronco em voz baixa. — Ela está ótima. E, bela como é, por que choraria? — Ficou em silêncio durante muito tempo, um homem enfeitiçado. Por fim, colocou-a com relutância no cobertor, virou um

canto deste para cobrir a bebê. — Você tem um pouco mais de trabalho a fazer aqui, garota, antes de acabarmos — disse bruscamente a Moli.

Mas não se passou muito tempo antes de ter Moli sentada numa cadeira diante da lareira, com um cobertor à sua volta para evitar que se resfriasse. Hesitou por um momento, e então cortou o cordão com a faca de cinto antes de enrolar a bebê num pano limpo e de levá-la a Moli. Esta a desenrolou imediatamente. Enquanto Bronco arrumava a sala, Moli examinou cada centímetro da filha, soltando exclamações sobre o seu liso cabelo negro, os minúsculos dedinhos com as suas unhas perfeitas, a delicadeza das suas orelhas. Então Bronco fez o mesmo enquanto segurava a bebê e se virava de costas para que Moli pudesse vestir uma camisola que não estivesse ensopada de suor. Examinou a criança com uma atenção que eu nunca o vira dedicar a um potro ou a um cachorro.

— Você vai ter a testa de Cavalaria — disse à bebê em voz baixa. Sorriu-lhe e lhe tocou na bochecha com um dedo. A criança virou a cabeça para o toque.

Quando Moli voltou para a cadeira junto à lareira, ele lhe entregou de novo a criança, mas agachou-se no chão ao lado da cadeira enquanto Moli levava a bebê ao seio. Esta precisou de algumas tentativas para encontrar o mamilo e segurá-lo, mas quando finalmente começou a mamar, Bronco soltou tamanho suspiro que eu compreendi que ele estivera prendendo a respiração com medo de que a criança não mamasse. Moli só tinha olhos para a bebê, mas eu reparei no modo como Bronco ergueu as mãos para esfregar o rosto e os olhos, e em como essas mãos tremiam. Sorria como nunca o vira sorrir até então.

Moli ergueu o olhar para ele, com um rosto que era como um nascer de sol.

— Você me faria uma xícara de chá, por favor? — pediu-lhe com suavidade, e Bronco assentiu, sorrindo como um simplório.

Saí do sonho horas antes da alvorada, sem saber, a princípio, quando passara de um estado meditativo para o de acordado. Tomei consciência de que tinha os olhos abertos e fitava a lua. Seria impossível descrever os meus sentimentos naquele momento. Porém, os meus pensamentos lentamente tomaram forma, e compreendi os sonhos anteriores de Talento que tivera com Bronco. Explicavam muitas coisas. Eu o estive vendo através dos olhos de Moli. Ele estivera lá, todo aquele tempo, com Moli, cuidando dela. Era ela a amiga que ele fora ajudar, a mulher que podia usar a força de um homem durante algum tempo. Estivera lá com ela, enquanto eu estivera só. Senti uma súbita onda de raiva por ele não ter vindo me dizer que ela esperava um filho meu. Foi rapidamente abafada quando percebi de repente que talvez tivesse tentado. Algo o trouxera de volta à cabana naquele dia. Voltei a perguntar a mim mesmo o que ele teria pensado quando a

encontrara abandonada. Que todos os seus piores medos a meu respeito tinham se concretizado? Que eu me tornara selvagem e nunca regressaria?

Mas eu iria regressar. Como uma porta que se abria, compreendi de súbito que podia fazer isso. Na realidade, nada se interpunha entre mim e Moli. Não havia outro homem na sua vida, só a nossa filha. Sorri subitamente para mim mesmo. Não deixaria que algo insignificante como a minha morte se interpusesse entre nós. O que era a morte, comparada com a vida partilhada de uma criança? Iria até ela e explicaria tudo, dessa vez lhe diria tudo, e dessa vez ela compreenderia e me perdoaria, porque nunca mais haveria segredos entre nós.

Não hesitei. Sentei-me na escuridão, peguei a trouxa que usara como almofada e parti. Descer o rio era tão mais fácil do que subi-lo. Eu tinha algumas peças de prata, arranjaria maneira de comprar passagem num barco, e quando o dinheiro se esgotasse, trabalharia em troca de transporte. O Vim era um rio lento, mas depois de passar por Lago Bode, o Rio Cervo me levaria depressa na sua forte corrente. Eu estava voltando. Para casa, para junto de Moli e da nossa filha.

Venha até mim.

Parei. Não era Veracidade que me contactava pelo Talento. Eu sabia que não era. Aquilo vinha de dentro de mim, era a marca deixada por aquele súbito e poderoso fluxo de Talento. Eu tinha certeza de que se ele soubesse por que motivo eu tinha de ir para casa, iria dizer para que me apressasse, que não me preocupasse com ele, que ele ficaria bem. Estaria tudo bem. Tudo o que eu tinha de fazer era continuar a andar.

Um passo atrás de outro ao longo de uma estrada iluminada pelo luar. A cada passo, a cada batimento do coração, ouvia palavras na cabeça. *Venha até mim. Venha até mim*. Não posso, supliquei. Não irei, desafiei-as. Continuei a andar. Tentei pensar apenas em Moli, apenas na minha pequenina filha. Ela precisaria de um nome. Moli a batizaria antes de eu chegar lá?

Venha até mim.

Teríamos de casar imediatamente. Encontrar alguma Testemunha local numa pequena aldeia qualquer. Bronco garantiria que eu era um enjeitado, sem família para a Testemunha memorizar. Eu diria que me chamava Novato. Um nome estranho, mas eu já ouvira mais estranhos, e podia viver o resto da vida com ele. Os nomes, antes tão importantes para mim, já não importavam. Podiam me chamar Bosta-de-Cavalo, desde que eu pudesse viver com Moli e com a minha filha.

Venha até mim.

Teria de arranjar algum tipo de trabalho, qualquer tipo de trabalho. De repente,

decidi que as moedas de prata que trazia na bolsa eram importantes demais para gastá-las, que teria de trabalhar ao longo de toda a viagem para casa. E uma vez chegado lá, o que eu poderia fazer para ganhar a vida? Para o que eu servia? Deixei esse pensamento de lado, irritado. Arranjaria alguma coisa, arranjaria uma maneira. Seria um bom marido, um bom pai. Não faltaria nada a elas.

Venha até mim.

Os meus passos haviam diminuído gradualmente. Eu estava agora no topo de uma pequena elevação, olhando para a estrada à minha frente. Ainda ardiam luzes na vila fluvial, lá embaixo. Teria de ir até lá e encontrar uma barcaça que rumasse rio abaixo e cujo capitão estivesse disposto a aceitar um ajudante que não fora posto à prova. Era apenas isso. Era só continuar a andar.

Naquele momento não compreendi por que não podia fazer isso. Dei um passo, tropecei, o mundo oscilou vertiginosamente à minha volta e caí de joelhos. Não podia voltar. Eu tinha de continuar viagem, até Veracidade. Ainda não compreendo, por isso não posso explicá-lo. Ajoelhei na elevação, olhando para a vila, sabendo com clareza o que desejava fazer de todo o coração. E não podia. Nada me detinha, nenhum homem erguia uma mão ou uma espada para mim e me pedia para dar meia-volta. Só a pequena voz insistente na cabeça que não me largava. *Venha até mim, venha até mim, venha até mim.*

E não podia fazer outra coisa.

Não podia dizer ao coração para parar de bater, não podia desistir de respirar e morrer. E não podia ignorar aquele chamamento. Fiquei sozinho na noite, encurralado e sufocando na vontade que outro homem me impunha. Uma parte calma de mim mesmo dizia: Pronto, bem, veja, é assim que as coisas são para eles. Para Vontade e para o resto do círculo, com a lealdade a Majestoso inculcada neles pelo Talento de Galeno. Não os fazia esquecer que haviam tido outro rei, não os levava a acreditar que o que faziam estava certo. Simplesmente já não tinham alternativa a esse respeito. E, recuando uma geração, assim fora para Galeno, forçado a ser fanaticamente leal ao meu pai. Veracidade me dissera que a lealdade dele fora inculcada pelo Talento, uma coisa feita por Cavalaria quando todos eles não passavam de garotos. Feita em fúria contra uma crueldade qualquer que Galeno fizera a Veracidade. O ato de um irmão mais velho que se vingava de alguém que fora mau para com o irmão mais novo. Aquilo fora feito a Galeno em ira e ignorância, sem mesmo saber por completo que uma tal coisa era possível. Veracidade dissera que Cavalaria se arrependera, que a teria desfeito se soubesse como. Teria Galeno alguma vez despertado para o que lhe fora feito? Teria isso explicado o seu ódio fanático por mim, teria esse ódio sido

uma transmissão para o filho de algo que não se podia permitir sentir por Cavalaria, meu pai?

Tentei me levantar e falhei. Deixei-me cair lentamente na terra, no centro da estrada iluminada pelo luar, e me sentei ali, desesperado. Não importava. Nada daquilo importava, a única coisa importante era que a minha dama e a minha filha estavam em algum lugar e eu não podia ir até elas. Não era mais capaz de ir até elas do que de subir ao céu noturno e derrubar a lua. Olhei para o rio ao longe, que brilhava, negro, ao luar, enrugado como ardósia negra. Um rio que podia me levar para casa, mas não o faria. Porque nem a força da minha vontade era suficiente para ultrapassar aquela ordem que eu tinha na cabeça. Ergui os olhos para a lua.

— Bronco — supliquei em voz alta, como se ele pudesse me ouvir. — Oh, cuide delas, assegure-se de que nada de mal lhes aconteça, defenda-as como se fossem suas. Até que eu possa ir até elas.

Não me lembro de voltar aos currais, nem de me deitar para dormir. Mas a manhã chegou, e quando abri os olhos era ali que me encontrava. Fiquei deitado, olhando o arco azul do céu, odiando a minha vida. Crice veio interpor-se entre mim e os céus, e olhou para mim.

— É melhor levantar — disse-me, e depois, olhando melhor, observou. — Seus olhos estão vermelhos. Você tem uma garrafa que não dividiu?

— Não tenho nada para dividir com ninguém — respondi de forma sucinta. Rolei e me levantei. Minha cabeça latejava.

Perguntei-me como Moli a chamaria. Um nome de flor, provavelmente. Lilás, ou algo assim. Rosa. Calêndula. Como eu a chamaria? Não importava.

Parei de pensar. Durante os dias seguintes, fiz o que me foi ordenado. Em algum lugar dentro de mim, um louco enfurecia-se na sua cela, mas decidi não saber. Em vez disso, guardei ovelhas. Comi de manhã. Comi à noite. Deitei-me à noite e levantei-me de manhã. E guardei ovelhas. Segui-as, na poeira dos carros, dos cavalos e das próprias ovelhas, poeira que se coagulou, espessa, nos meus cílios e na pele, poeira que me cobriu a garganta de secura, e não pensei em nada. Não precisava pensar para saber que cada passo me levava para mais perto de Veracidade. Falei tão pouco que até Crice se cansou da minha companhia, pois não conseguia me provocar até fazer discutir. Guardei as ovelhas com a tenacidade do melhor cão-pastor que já existiu. Quando me deitava para dormir, à noite, nem sequer sonhava.

A vida prosseguiu para os outros. A chefe da caravana nos guiou bem, e a viagem foi abençoadamente calma. Os nossos infortúnios estavam limitados à

poeira, à pouca água e ao pasto pouco abundante, e esses infortúnios eram aqueles que aceitávamos como parte da estrada. De noite, depois de as ovelhas estarem instaladas e a refeição cozinhada e comida, os titereiros ensaiavam. Tinham três peças e pareciam decididos a aperfeiçoar todas antes de chegarmos ao Lago Azul. Em certas noites, eram apenas os movimentos dos fantoches e os seus diálogos, mas por várias vezes prepararam tudo, archotes, palco e cenários, com os titereiros vestidos com as roupagens de um branco puro que simbolizavam a sua invisibilidade, e percorriam todo o repertório de peças. O mestre era severo, muito propenso a usar a correia, e não poupava nem o titereiro contratado de uma ou duas chicotadas se achasse que as merecia. Uma única deixa entoada incorretamente, uma sacudida numa mão de marionete que não fosse como o Mestre Vale ditava, e lá estava ele no meio do elenco, brandindo a correia. Mesmo se eu estivesse com disposição para divertimentos, isso os teria estragado. Assim, era mais frequente que eu fosse me sentar para vigiar as ovelhas, enquanto os outros assistiam às sessões.

A menestrel, uma mulher bonita chamada Esporana, era com frequência minha companheira. Eu duvidava de que isso resultasse de algum desejo pela minha companhia. Era, isso sim, por estarmos suficientemente distantes do acampamento para ela poder sentar-se para praticar as suas canções e harpejos, longe dos infindáveis ensaios e choros dos aprendizes corrigidos. Talvez fosse por eu ser de Cervo, e portanto poder compreender o que lhe causava saudade quando falava em voz baixa dos gritos das gaivotas e do céu azul sobre o mar após uma tempestade. Era uma típica mulher de Cervo, de cabelos e olhos escuros, que me chegava ao ombro. Vestia-se com simplicidade, com perneiras e túnica azuis. Havia furos para brincos nas suas orelhas, mas ela não usava nenhum, e não havia anéis nos seus dedos. Sentava-se não muito longe de mim, e corria os dedos pelas cordas da harpa e cantava. Era bom voltar a ouvir um sotaque de Cervo e as canções familiares dos Ducados Costeiros. Às vezes ela falava comigo. Não era uma conversa. Ela falava para si mesma na noite, e apenas calhava de eu estar ao alcance da sua voz, tal como alguns homens falam com o cão preferido. E foi assim que eu fiquei sabendo que ela fora um dos menestréis de um pequeno castelo de Cervo, no qual eu nunca estivera, possuído por um pequeno nobre cujo nome eu nem sequer reconhecia. Era tarde demais para visitar ou conhecer; o castelo e o nobre já não existiam, dominados e queimados pelos Navios Vermelhos. Esporana sobrevivera, mas sem lugar onde descansar a cabeça ou um patrão para quem cantar. Assim, partira sozinha, decidida a ir tanto para o interior que nunca mais visse um navio de qualquer cor.

Eu conseguia compreender esse impulso. Ao afastar-se, ela salvava Cervo para si mesma, como uma memória de como o ducado havia sido outrora.

A morte chegara perto o suficiente para roçar nela as pontas das asas, e ela não ia morrer tal como era, uma menestrel menor de um nobre menor. Não, de algum modo iria fazer seu nome, iria testemunhar algum grande acontecimento e fazer uma canção sobre ele que seria cantada pelos anos afora. Então seria imortal, lembrada enquanto a sua canção fosse cantada. A mim pareceu que ela teria uma chance melhor de testemunhar tal acontecimento se tivesse ficado na costa onde a guerra era travada, mas como que em resposta ao meu pensamento inaudito, Esporana me assegurou de que ia testemunhar algo que deixasse a sua testemunha viva. E, além disso, basta ver uma batalha para ver todas. Ela não via nada de especialmente musical no sangue. Ao ouvir aquilo, concordei com um aceno mudo.

— Ah. Achei que você parecia mais um homem de armas do que um pastor. As ovelhas não quebram narizes, nem deixam no rosto uma cicatriz como essa.

— Deixam se você rolar escarpa abaixo enquanto procura algumas no meio do nevoeiro — disse-lhe eu com frieza e virei o rosto para o lado.

Durante muito tempo, isso foi o mais perto que eu cheguei de ter uma conversa com alguém.

Continuamos a viajar, deslocando-nos apenas à velocidade que um carro carregado e um rebanho de ovelhas permitiam. Os dias eram notavelmente semelhantes. As paisagens por onde passávamos eram notavelmente semelhantes. Houve poucas novidades. Às vezes havia outras pessoas acampadas junto aos poços a que chegávamos. Junto a um deles havia uma espécie de taverna, e ali a chefe da caravana entregou algumas pequenas barricas de conhaque. Uma vez fomos seguidos durante meio dia por pessoas a cavalo que podiam ter sido bandidos. Mas mudaram de rumo e abandonaram o nosso rastro à tarde, ou dirigindo-se a um destino seu, ou por terem decidido que aquilo que possuíamos não valia o esforço de um ataque. Às vezes outras pessoas nos ultrapassavam, mensageiros e gente que viajava a cavalo, sem andar devagar por causa de ovelhas ou carros. Uma vez foi um destacamento de soldados com as cores de Vara, instigando duramente os cavalos enquanto nos ultrapassavam. Senti um incômodo enquanto os observava ultrapassar a nossa caravana, como se um animal esgravatasse brevemente nas muralhas que defendiam a minha mente. Cavalgaria com eles um Talentoso, Emaranhado ou Cedoura, ou até Vontade? Tentei me convencer de que era apenas a visão de uma libré dourada e castanha que me enervava.

Noutro dia fomos interceptados por três dos nômades em cujo território de pastagem nos encontrávamos. Aproximaram-se de nós em pôneis resistentes e pequenos que usavam apenas uma corda como arreio. As duas mulheres adultas e o rapaz eram louros com rostos queimados pelo sol. O rosto do rapaz estava tatuado com riscas como um gato. A chegada dos nômades causou uma parada completa da caravana, enquanto Guida montava uma mesa, a cobria com uma toalha e fazia um chá especial, que lhes serviu com fruta cristalizada e bolos de açúcar de cevada. Nenhum dinheiro trocou de mãos, que eu tivesse visto, apenas aquela hospitalidade cerimonial. Suspeitei pelas maneiras dos nômades que Guida era uma velha conhecida sua, e que o filho estava sendo preparado para perpetuar este acordo de passagem.

No entanto, a maioria dos dias era constituída pela mesma rotina laboriosa. Levantávamo-nos, comíamos, caminhávamos. Parávamos, comíamos, dormíamos. Um dia dei por mim curioso para saber se Moli ensinaria nossa filha a fazer velas e a cuidar de abelhas. O que eu poderia ensinar? Venenos e técnicas de estrangulamento, pensei com amargura. Não. As letras e os números ela aprenderia comigo. Ainda seria nova o suficiente quando eu regressasse para lhe ensinar isso. E tudo o que Bronco me ensinara sobre cavalos e cães. Foi nesse dia que me peguei de novo olhando em frente, planejando para uma vida depois de encontrar Veracidade e de algum modo levá-lo a salvo de volta a Cervo. A minha bebê era agora apenas uma criança pequena, disse a mim mesmo, mamando no peito de Moli e olhando em volta com olhos muito abertos, vendo tudo novo. Era nova demais para saber que algo faltava, nova demais para saber que o seu pai não se encontrava presente. Eu estaria em breve com elas, antes que ela aprendesse a dizer “papai”. Estaria lá para ver os seus primeiros passos.

Essa decisão mudou algo em mim. Nunca esperara nada tão ansiosamente. Aquilo não era um assassinato que terminaria com a morte de alguém. Não, eu tinha a expectativa de uma vida, e imaginava lhe ensinar coisas, imaginava-a crescendo inteligente, linda e amando o pai, sem nada saber, jamais, sobre qualquer outra vida que ele tivesse levado. Não se recordaria de mim com um rosto liso e um nariz reto. Iria me conhecer apenas como eu era agora. Isso era estranhamente importante para mim. Portanto, eu iria até Veracidade porque tinha de fazê-lo, porque ele era meu rei e eu o amava, e porque precisava de mim. Porém, encontrá-lo já não marcava o fim da minha viagem, mas sim o princípio. Depois de encontrar Veracidade, eu podia dar meia-volta e ir para casa, para elas. Durante algum tempo, esqueci Majestoso.

Era nisto que eu pensava às vezes, e quando o fazia caminhava atrás das

ovelhas no meio da sua poeira e fedor e sorria um sorriso de lábios cerrados por trás do lenço que me cobria o rosto. Em outros momentos, quando me deitava sozinho à noite, só conseguia pensar no calor de uma mulher e numa casa e filha minhas. Acho que sentia cada milha que se estendia entre nós. Nessas ocasiões, a solidão era algo que me corroía. Ansiava por conhecer cada detalhe do que estava acontecendo. Cada noite, cada momento de sossego era uma tentação para sondar com o Talento. Mas agora eu compreendia a repreensão de Veracidade. Se eu os contactasse pelo Talento, então o círculo de Majestoso poderia encontrá-los tão bem como eu. Majestoso não hesitaria em usá-los contra mim de qualquer forma que conseguisse imaginar. Logo, eu tinha uma sede ardente por saber deles, mas não me atrevia a satisfazer essa sede.

Chegamos a uma aldeia que quase merecia esse nome. Brotara como cogumelos de um anel de fadas em volta de uma nascente de águas profundas. Possuía uma estalagem, uma taverna e até várias lojas, tudo para servir os viajantes, rodeadas por casas espalhadas. Chegamos lá a meio-dia, e Guida declarou que iríamos descansar e não partiríamos até a manhã seguinte. Ninguém faz objeções. Depois de termos dado água aos animais, nós os levamos até os arredores da aldeia. O titereiro decidiu aproveitar a situação e anunciou na taverna e na estalagem que a sua trupe iria dar um espetáculo para toda a vila, aceitando alegremente gratificações. Esporana já descobrira um canto da taverna para chamar de seu e estava apresentando aquela aldeia de Vara a algumas baladas de Cervo.

Eu me contentei em ficar com as ovelhas nos arredores da aldeia. Rapidamente me transformei no único a permanecer no acampamento. Não me importei muito. A dona dos cavalos me oferecera um cobre adicional para que eu ficasse de olho neles. Quase nem valia a pena vigiá-los. Estavam amarrados, mas, mesmo que não estivessem, todos os animais se sentiam gratos por parar durante algum tempo e procurar o pasto que conseguissem encontrar. O touro estava preso a uma estaca e igualmente ocupado mordiscando ervas. Havia uma espécie de paz em estar parado e sozinho. Eu estava aprendendo a cultivar um vazio de espírito. Agora era capaz de passar longos períodos sem pensar em nada em particular. Isso tornava a minha infindável espera menos dolorosa. Sentei-me na parte de trás da carroça de Damão e deixei meu olhar vagar pelos animais e pelas suaves ondulações da planície salpicada de arbustos que se estendia para além deles.

Não durou muito tempo. Ao fim da tarde, o carro dos titereiros entrou chocalhando no acampamento. Só o Mestre Vale e a mais nova das aprendizes

vinham nele. Os outros tinham ficado no povoado para beber, conversar e, em suma, divertir-se. Mas os gritos do mestre logo tornaram evidente que a sua aprendiz mais nova se desgraçara com falas esquecidas e movimentos incorretos. A sua punição era ficar no acampamento com o carro. Acrescentou a isso vários golpes dados com força com a correia. Tanto o estalar do couro como os gritos da garota eram claramente audíveis por todo o acampamento. Estremeci ao segundo golpe e me levantei ao terceiro. Não fazia uma ideia clara das minhas intenções, e na verdade fiquei aliviado por ver o mestre afastar-se a passos largos do carro, de volta à aldeia.

A garota chorou ruidosamente enquanto desempenhava a tarefa de desatrelar e amarrar os cavalos. Eu reparara nela antes de um modo casual. Era a mais jovem da trupe, não teria mais de dezesseis anos, e parecia ser quem ficava mais frequentemente sob o chicote do mestre. Não que isso fosse incomum. Não era raro que um mestre tivesse um açoite para manter os aprendizes dedicados às suas tarefas. Nem Bronco, nem Breu haviam alguma vez usado em mim uma correia, mas eu apanhara a minha quota de bofetadas e cascudos, e com uma bota ocasional de Bronco se eu não estivesse me movendo tão depressa como lhe convinha. O titereiro não era pior do que muitos mestres que eu vira, e era mais gentil do que alguns. Todos os seus subalternos estavam bem alimentados e vestidos. Suponho que o que me irritava nele era que um golpe com a correia nunca parecia contentá-lo. Eram sempre três ou cinco, ou até mais se estivesse maldisposto.

A paz da noite desaparecera. Muito depois de acabar de amarrar os cavalos, os soluços profundos da garota rasgavam a quietude. Após algum tempo, não consegui mais suportar aquilo. Fui até a traseira do seu carro e bati na pequena porta. O choro parou com uma fungada.

— Quem é? — perguntou ela com voz rouca.

— Tom, o pastor. Você está bem?

Esperara que ela dissesse que sim e que me mandasse embora. Mas a porta abriu-se um momento depois e ela apareceu e olhou para mim. Pingava sangue do seu queixo. Vi num relance o que acontecera. A ponta da correia ultrapassara o ombro e a extremidade mordera cruelmente a sua bochecha. Não duvidava de que aquilo doía bastante, mas eu suspeitava de que a quantidade de sangue a estava assustando ainda mais. Vi um espelho em cima de uma mesa atrás dela, com um pano ensanguentado ao lado. Por um momento, olhamos sem palavras um para o outro. Então:

— Ele arruinou o meu rosto — soluçou ela.

Não consegui pensar em nada para dizer. Em vez disso, entrei no carro e a agarrei pelos ombros. Sentei-a. Ela estivera usando um trapo seco para tocar no rosto. Ela não tinha juízo algum?

— Fique quieta — disse-lhe de forma brusca. — E tente ficar calma. Eu volto logo.

Levei o trapo e o umedeci com água fria. Voltei para dentro e lavei o sangue. Tal como suspeitava, o corte não era grande, mas estava sangrando profusamente, como era normal acontecer com os cortes no rosto ou no couro cabeludo. Dobrei o trapo em um quadrado e fiz pressão com ele contra o rosto.

— Segure isso aí. Aperte um pouco, mas não o mova. Eu já volto. — Ergui os olhos para encontrar os seus fixos na cicatriz no meu rosto, enquanto lágrimas transbordavam deles. Acrescentei: — Pele tão clara como a sua não forma cicatrizes assim tão facilmente. Mesmo se isso deixar marca, não será grande.

A forma como ela arregalou os olhos ao ouvir as minhas palavras me mostrou que eu dissera precisamente a coisa errada. Saí do carro, repreendendo-me por ter me envolvido naquilo.

Perdera todas as minhas ervas curativas e o pote de unguento de Bronco quando abandonara as minhas coisas em Vaudefeira. No entanto, reparara numa flor que se parecia um pouco com uma espiga-de-ouro atrofiada na área onde as ovelhas pastavam, e algumas suculentas que eram parecidas com a sanguinária. Assim, colhi algumas das suculentas, mas o cheiro era errado, e o sumo das folhas era pegajoso em vez de gelatinoso. Lavei as mãos, e então procurei pela espiga-de-ouro atrofiada. Tinha o cheiro certo. Encolhi os ombros. Comecei a colher apenas um punhado de folhas, mas depois decidi que, já que estava com a mão na massa, podia repor parte do que perdera. Parecia ser a mesma erva, embora de tamanho menor e mais esparsa naquele solo seco e rochoso. Espalhei a minha colheita na traseira da carroça e a ordenei. Deixei secando as folhas mais grossas. Esmaguei as pontas menores entre duas pedras que limpei, e então levei a pasta resultante numa delas até o carro dos titereiros. A garota a olhou com ar de dúvida, mas fez um aceno hesitante quando lhe disse:

— Isto vai parar o sangramento. Quanto mais depressa a ferida fecha, menor é a cicatriz.

Quando ela afastou o trapo do rosto, vi que o ferimento já quase parara de sangrar. Mesmo assim, espalhei sobre ela uma quantidade que cabia na ponta do dedo de pasta de betônica. Ela ficou quieta sob o meu toque, e me senti subitamente desconcertado quando me lembrei de que não tocava o rosto de uma mulher desde que vira Moli pela última vez. A garota tinha olhos azuis e eles

estavam muito abertos, olhando para o meu rosto. Afastei o olhar daqueles olhos fervorosos.

— Pronto. Agora não mexa nisso. Não esfregue, não toque com os dedos, não lave. Deixe que se forme a casca, e então faça o que puder para deixá-lo em paz.

— Obrigada — disse ela em voz baixa.

— De nada — disse-lhe, e me virei para ir embora.

— O meu nome é Tassina — disse ela às minhas costas.

— Eu sei. Ouvi ele gritando-o para você — disse. Comecei a descer os degraus.

— Ele é um homem horrível. Eu o odeio! Fugiria, se pudesse.

Não parecia ser uma boa hora para simplesmente me afastar dela. Saí do carro e parei.

— Eu sei que é difícil apanhar com uma correia quando se está fazendo o melhor que se pode. Mas… é assim que as coisas são. Se você fugisse e não tivesse comida, um lugar para dormir e a roupa toda em farrapos, seria pior. Tente melhorar, para que ele não use a correia. — Eu acreditava tão pouco no que estava dizendo que quase não conseguia articular as palavras. Mas aquelas palavras pareciam melhores do que lhe dizer para partir agora e fugir. Ela não sobreviveria um dia na pradaria aberta.

— Eu não quero melhorar. — Ela encontrara uma centelha de coragem, para se mostrar desafiadora. — Não quero ser titereira nenhuma. O Mestre Vale sabia disso quando comprou os meus anos.

Afastei-me um pouco na direção das minhas ovelhas, mas ela desceu os degraus e veio atrás de mim.

— Havia um homem de quem eu gostava na minha aldeia. Ele tinha feito uma proposta para que eu fosse sua mulher, mas não tinha dinheiro naquele momento. Era um fazendeiro, veja bem, e estávamos na primavera. Não há fazendeiro que tenha dinheiro na primavera. Ele disse à minha mãe que pagaria um dote por mim na época das colheitas. Mas a minha mãe disse: “Se ele é pobre agora, só com uma boca para alimentar, só será mais pobre depois de ter duas. Ou mais”. E então ela me vendeu ao titereiro, por metade do que ele normalmente pagaria por um aprendiz, porque eu não queria vir.

— Na minha terra, as coisas são feitas de outra forma — disse, atrapalhado. Não conseguia compreender o que ela estava me contando. — Os pais pagam a um mestre para aceitar o seu filho como aprendiz, na esperança de que possa ganhar a vida melhor do que eles.

Ela alisou o cabelo para trás, afastando-o do rosto. Era castanho claro, com

muitos cachos.

— Ouvi falar disso. Há quem faça as coisas assim, mas a maioria não faz. Compram um aprendiz, normalmente um que esteja disposto, e se não der certo, podem vendê-lo como pau para toda a obra. Então não somos muito melhores do que escravos durante seis anos. — Fungou. — Há quem diga que isso faz com que um aprendiz se esforce mais, por saber que pode acabar fazendo trabalhos menores numa cozinha ou manuseando um fole numa forja durante seis anos, se o seu mestre não ficar satisfeito.

— Bem. Parece-me que seria melhor que você aprendesse a gostar de fantoches — eu disse de um modo pouco convincente. Sentei-me na traseira da carroça do meu patrão e olhei para o rebanho. Ela sentou-se ao meu lado.

— Ou então ter esperança que alguém me compre do meu mestre — disse ela com um ar desapontado.

— Você faz parecer que é uma escrava — eu disse com relutância. — Não é assim tão ruim, é?

— Fazer uma coisa que acha estúpida, dia após dia? — perguntou-me. — E apanhar por não fazê-la com perfeição? Como isso é melhor do que ser uma escrava?

— Bem, você está alimentada, vestida e tem abrigo. E ele está lhe dando uma chance de aprender alguma coisa, um ofício que permitiria que você viajasse por todos os Seis Ducados caso se tornasse boa nele. Você podia acabar apresentando-se para a Corte Real, em Torre do Cervo.

Ela me olhou estranhamente.

— Vaudefeira, você quer dizer. — Soltou um suspiro e aproximou-se mais de mim. — É solitário para mim. Todos os outros querem ser titereiros. Zangam-se comigo quando eu cometo erros e estão sempre me chamando de preguiçosa e não falam comigo quando dizem que eu estraguei um espetáculo. Não há sequer um entre eles que seja bondoso; nenhum deles teria se preocupado com a possibilidade de eu ficar com uma cicatriz no rosto como você se preocupou.

Parecia não haver qualquer resposta a dar àquilo. Eu não conhecia os outros bem o suficiente para concordar ou discordar. Então eu não disse nada e ficamos observando as ovelhas. O silêncio prolongou-se enquanto a noite se tornava mais escura. Pensei que logo deveria acender uma fogueira.

— Então — começou ela após mais alguns minutos do meu silêncio. — Como foi que você se tornou pastor?

— Os meus pais morreram. A minha irmã herdou. Ela não gostava muito de mim, e aqui estou.

— Que vaca! — disse ela com ferocidade.

Respirei fundo para defender a minha irmã fictícia, e então percebi que só iria prolongar a conversa. Tentei pensar em alguma coisa que tivesse de fazer, mas as ovelhas e os outros animais estavam ali mesmo à nossa frente, pastando pacificamente. Era inútil esperar que os outros voltassem logo. Não o fariam com uma taverna e novos rostos com quem conversar depois dos dias que passáramos na estrada.

Por fim, dei a desculpa de que estava com fome e fui juntar pedras e depois bosta seca e gravetos para uma fogueira. Tassina insistiu em cozinhar. Eu não estava realmente com fome, mas ela comeu com um apetite saudável, e me alimentou bem com as provisões de viagem dos titereiros. Fez também um bule de chá, e depois de comermos nos sentamos junto à fogueira bebericando o chá em canecas pesadas de porcelana vermelha.

Sem que eu soubesse como, o silêncio incômodo tornara-se companheiro. Fora agradável me sentar e ver outra pessoa preparar a refeição. Ela a princípio tagarelara, perguntando se eu gostava daquele tipo de tempero e se fazia o meu chá forte, mas sem realmente ouvir as minhas respostas. Pensando encontrar algum tipo de aceitação no meu silêncio, pusera-se a falar mais intimamente de si mesma. Com uma espécie de desespero, falou de dias passados aprendendo e praticando uma coisa que não tinha qualquer desejo de aprender ou praticar. Falou com um assombro ressentido da dedicação dos outros titereiros e do seu entusiasmo, que ela não podia partilhar. Sua voz desapareceu e ela olhou para mim com olhos cheios de infelicidade. Não precisava me explicar a solidão que sentia. Mudou a conversa para coisas mais leves, as irritações menores que sentia, os alimentos que comiam e que lhe desagradavam, o modo como um dos outros titereiros cheirava sempre a suor velho, ou uma mulher que a fazia lembrar de dizer as suas falas beliscando-a.

Mesmo as queixas eram agradáveis de uma maneira estranha, enchendo-me a mente com as suas trivialidades, para não me concentrar nos meus problemas maiores. Estar com ela era de certa forma como estar com o lobo. Tassina estava concentrada no agora, naquela refeição e naquela noite, dedicando poucos pensamentos a qualquer outra coisa. Depois de refletir naquilo, os meus pensamentos desviaram-se para Olhos-de-Noite. Sondei suavemente na sua direção. Conseguia senti-lo, em algum lugar, vivo, mas eu conseguia distinguir pouco mais do que isso. Talvez uma distância grande demais nos separasse; ele talvez estivesse concentrado demais na sua nova vida. Qualquer que fosse o motivo, a sua mente não estava tão aberta a mim como estivera antes. Era

possível que estivesse simplesmente ficando em maior sintonia com os costumes da sua alcateia. Tentei me sentir contente por ele ter achado tal vida para si mesmo, com muitos companheiros e talvez uma parceira.

— No que está pensando? — perguntou Tassina.

A sua voz era tão suave que eu respondi sem pensar, ainda fitando a fogueira. — Que, às vezes, saber que em outro lugar os nossos amigos e a nossa família estão bem só faz nos sentirmos mais solitários.

Ela encolheu os ombros.

— Eu tento não pensar neles. Suponho que o meu fazendeiro arranjou outra garota, alguém que tivesse uns pais dispostos a esperar por um dote. Quanto à minha mãe, suspeito que as suas perspectivas de futuro ficaram melhores sem mim. Não era tão velha que não pudesse agarrar outro homem. — Espreguiçou-se, um gesto estranhamente felino, e então virou a cabeça para olhar para o meu rosto e perguntar: — Não faz sentido pensar no que está longe e no que não se tem. Isso só lhe deixará infeliz. Contente-se com o que pode ter agora.

Os nossos olhos cruzaram-se de súbito. Não podia haver dúvida sobre o que ela queria dizer. Por um instante, senti-me chocado. Então ela debruçou-se sobre o pequeno espaço que nos separava. Envolveu-me o rosto com as mãos. O seu toque era suave. Tirou o lenço do meu cabelo, e então usou ambas as mãos para empurrar o meu cabelo para trás. Olhou-me nos olhos enquanto a ponta da sua língua umedecia os meus lábios. Deslizou as mãos pelo meu rosto e pescoço até os ombros. Eu estava tão enfeitiçado como um rato olhando uma cobra. Ela debruçou-se para frente e me beijou, abrindo a boca contra a minha enquanto o fazia. Ela cheirava a um doce incenso fumacento.

Desejei-a de uma forma repentina que me deixou tonto. Não como Tassina, mas como mulher, suavidade e proximidade. Era um desejo que me atravessava, e no entanto não era nada disso. Era como a fome por Talento que corrói um homem, exigindo proximidade e uma completa comunhão com o mundo. Eu estava indescritivelmente farto de estar só. Apertei-a contra mim tão rapidamente que a ouvi arquejar de surpresa. Beijei-a como se pudesse devorá-la e de algum modo ficar menos só por fazê-lo. Subitamente estávamos deitados e ela fazia pequenos ruídos de satisfação que se transformaram de repente em empurrões no meu peito.

— Pare um momento — sibilou. — Espere. Há uma pedra debaixo de mim. E não posso estragar a roupa. Dê-me o seu manto para estender…

Observei-a com cobiça enquanto ela estendia o meu manto no chão junto da fogueira. Deitou-se nele e indicou com palmadinhas um lugar ao seu lado:

— Então? Não vem? — perguntou-me com um ar provocador. Então acrescentou, de forma mais lasciva: — Deixe-me mostrar tudo o que posso fazer por você. — Passou as mãos pela frente da sua camisa, convidando-me a pensar nas minhas mãos fazendo o mesmo.

Se ela não tivesse dito nada, se não tivéssemos feito uma pausa, se ela tivesse simplesmente me olhado do manto… Mas a pergunta e a sua atitude de repente estavam completamente erradas. Toda a ilusão de suavidade e proximidade desapareceu, substituída pelo mesmo tipo de desafio que outro combatente poderia me fazer num pátio de treinos com bastões. Não sou melhor do que qualquer outro homem. Não queria pensar, não queria considerar nada. Ansiava por ser capaz de simplesmente me atirar para cima dela e me saciar com ela, mas em vez disso me ouvi perguntando:

— E se eu a engravidar?

— Oh — e Tassina soltou uma ligeira gargalhada, como se nunca tivesse pensado em tal coisa. — Nesse caso, você pode casar comigo e comprar os meus anos de aprendiz do Mestre Vale. Ou não — acrescentou ao ver o meu rosto mudar. — Não é tão difícil assim de se ver livre de um bebê como um homem pode pensar. Algumas moedas de prata pelas ervas certas… Mas não temos de pensar nisso agora. Por que nos preocuparmos com uma coisa que pode nunca acontecer?

De fato, por quê? Olhei-a, desejando-a com toda a luxúria dos meses que passara sozinho e sem ser tocado. Mas também sabia que ela não me oferecia mais alívio para aquela fome mais profunda por companheirismo e compreensão do que aquela que qualquer homem pode encontrar na sua própria mão. Sacudi lentamente a cabeça, mais para mim do que para ela. Ela me deu um sorriso travesso e estendeu uma mão na minha direção.

— Não. — Eu disse a palavra em voz baixa. Ela ergueu os olhos para mim, com um espanto tão coberto de incredulidade que eu quase ri. — Isso não é uma boa ideia — disse, e ao ouvir as palavras em voz alta, soube que eram verdadeiras. Não havia nada de nobre naquilo, nenhum pensamento de fidelidade imortal a Moli ou vergonha por já ter deixado uma mulher com o fardo de ter um filho sozinha. Eu conhecia esses sentimentos, mas não foram eles que me ocorreram naquele momento. O que senti foi um vazio em mim que só se tornaria pior se me deitasse com uma estranha. — Não é você — disse, quando vi as bochechas dela corarem de repente e o sorriso desaparecer do seu rosto. — Sou eu. A culpa é minha. — Tentei tornar a voz reconfortante. Foi perda de tempo.

Ela levantou-se abruptamente.

— Eu sei disso, estúpido — disse de maneira incisiva. — Eu só queria ser gentil com você, nada mais. — Afastou-se da fogueira a passos largos e zangados, fundindo-se rapidamente com as sombras. Ouvi o estrondo da porta do carro.

Abaixei-me lentamente para apanhar o manto do chão e sacudir a poeira dele. Então, após a noite se tornar subitamente mais fria com um vento que começava a soprar, coloquei-o em volta dos ombros e me sentei de novo para olhar para o fogo.

CAPÍTULO 12

Suspeitas

O uso do Talento é viciante. Todos os estudantes desta magia são avisados disso desde o princípio. Há um fascínio pelo seu poder que atrai o utilizador, tentando-o a usá-lo mais e com maior frequência. À medida que a perícia e o poder do utilizador aumentam, o mesmo acontece à sedução do Talento. O fascínio do Talento eclipsa outros interesses e relações. E, no entanto, a atração é difícil de descrever a qualquer pessoa que não tenha experimentado o Talento propriamente dito. O levantar voo de um bando de faisões numa manhã fresca de outono, ou apanhar com perfeição o vento nas velas de um barco, ou a primeira garfada de ensopado quente e saboroso após um dia frio e faminto; todas essas são sensações que pairam durante apenas um momento. O Talento sustém essa sensação, enquanto as forças do utilizador durarem.



Era muito tarde quando os outros voltaram ao acampamento. O meu patrão, Damão, estava bêbado e apoiava-se com camaradagem em Crice, que estava bêbado, irritável e fedia a fumo. Arrastaram os cobertores para fora da carroça e enrolaram-se neles. Ninguém se ofereceu para me substituir na vigília. Suspirei, duvidando de que conseguiria dormir alguma coisa até a noite seguinte.

A alvorada chegou tão cedo como sempre chega, e a chefe da caravana foi implacável em insistir que nos levantássemos e preparássemos para a estrada. Suponho que era sensato. Se permitisse que dormissem tanto quanto quisessem, aqueles que se levantassem mais cedo regressariam à povoação, e ela teria de passar o dia reunindo-os. Mas isso tornou a manhã deprimente. Só os condutores e a menestrel Esporana pareciam ter sabido quando parar de beber. Cozinhamos e dividimos o mingau de aveia enquanto os outros comparavam dores de cabeça e queixas.

Notei que beber em conjunto, especialmente em excesso, forma uma ligação entre as pessoas. Assim, quando o patrão decidiu que a cabeça lhe doía demais para conduzir a carroça, entregou essa tarefa a Crice. Damão dormiu na carroça

enquanto esta avançava balançando com Crice cochilando com as rédeas na mão e o pônei seguindo os outros carros. Haviam amarrado o carneiro líder do rebanho à traseira da carroça, e o rebanho o seguiu. De certa forma. Sobre mim recaiu a tarefa de trotar atrás, entre a poeira, mantendo o rebanho tão bem agrupado quanto possível. O céu estava azul, mas o dia mantinha-se gélido, com ventos que agitavam e levavam consigo a poeira que nós levantávamos. A noite fora insone para mim, e minha cabeça logo começou a latejar de dor.

Guida ordenou uma breve pausa ao meio-dia. A maioria das pessoas da caravana já havia se recuperado o suficiente para querer comer. Bebi dos barris de água que Guida trazia no seu carro, então molhei o lenço e lavei um pouco da poeira do meu rosto. Eu estava tentando lavar a areia dos olhos quando Esporana apareceu ao meu lado. Afastei-me, achando que ela queria água. Mas em vez disso, a menestrel falou em voz baixa.

— Eu manteria o lenço na cabeça, se fosse você.

Torci-o e voltei a amarrá-lo em volta da cabeça.

— E mantenho. Mas não ajuda em nada a evitar que a poeira entre nos meus olhos.

Esporana me olhou com franqueza.

— Não é com os olhos que você devia se preocupar. É com essa madeixa branca no cabelo. Devia enegrecê-la esta noite com gordura e cinza, se conseguir arranjar um momento de privacidade. Isso podia torná-la menos óbvia.

Olhei-a interrogativamente, tentando manter a expressão branda.

Ela deu um sorriso malicioso.

— Os guardas do Rei Majestoso passaram por aquela vila da nascente só alguns dias antes de chegarmos. Eles disseram às pessoas de lá que o rei acreditava que o Homem Pustulento iria atravessar Vara. E que você ia com ele. — Fez uma pausa, esperando que eu dissesse alguma coisa. Quando me limitei a olhá-la, o seu sorriso alargou-se. — Ou talvez seja outro sujeito qualquer com um nariz quebrado, uma cicatriz no rosto, uma madeixa branca no cabelo e… — Indicou o meu braço com um gesto — … um corte de espada recente no braço.

Consegui encontrar a língua e um pouco da minha inteligência. Arregacei a manga, oferecendo o braço à sua inspeção.

— Um corte de espada? Isto é só um arranhão que arranjei na cabeça de um prego numa porta de taverna. Quando saí, um pouco contra vontade. Olhe você mesma. Seja como for, está quase curado.

Ela inclinou-se e fez o favor de olhar para o meu braço.

— Oh. Entendo. Bem. Enganei-me. Mesmo assim — e voltou a me olhar nos

olhos —, eu manteria o lenço na cabeça. Para evitar que mais alguém cometa o mesmo erro. — Fez uma pausa, então inclinou a cabeça para mim. — Eu sou uma menestrel, veja bem. Prefiro testemunhar a história a criá-la. Ou a mudá-la. Mas duvido de que todos os outros nesta caravana pensem assim.

Fiquei mudo enquanto a via afastar-se assobiando. Depois bebi de novo, com cuidado para não ingerir demais, e voltei para as minhas ovelhas.

Crice estava de pé e passou o resto da tarde ajudando, de certa forma. Ainda assim, o dia me pareceu o mais longo e cansativo que tivera há algum tempo. Não houve nada de complicado na minha tarefa para deixá-lo assim. O problema, decidi, estava em ter recomeçado a pensar. Deixara que o meu desespero por Moli e pela nossa filha me abatesse. Baixara a guarda, não tivera medo suficiente por mim mesmo. Agora me ocorria que se a Guarda de Majestoso conseguisse me encontrar, iria me matar. Então eu jamais veria Moli ou a nossa filha. De certo modo, isso parecia pior do que a ameaça à minha vida.

Durante a refeição daquela noite, sentei-me mais longe do fogo do que de costume, mesmo que isso significasse me enrolar no manto por causa do frio. O meu silêncio foi visto como normal. Os outros conversaram, muito mais do que de costume, sobre a noite anterior passada na povoação. Concluí que a cerveja fora boa, o vinho fraco, enquanto o menestrel residente mostrara pouca boa vontade para com Esporana por atuar para a sua audiência cativa. Os membros da nossa caravana pareceram considerar uma vitória pessoal o fato de as canções de Esporana terem sido bem recebidas pelos aldeões.

— Cantou bem, apesar de só conhecer essas baladas de Cervo — admitiu até mesmo Crice, magnânimo. Esporana respondeu com um aceno de cabeça a esse elogio dúbio.

Tal como fazia todas as noites, Esporana desenrolou a harpa depois da refeição. O Mestre Vale estava concedendo à sua trupe uma rara noite de folga dos seus constantes ensaios, e concluí com isso que ele ficara satisfeito com a atuação de todos, menos de Tassina. Esta sequer me olhou de relance naquela noite; empoleirou-se junto a um dos carroceiros, sorrindo a cada uma de suas palavras. Reparei que o ferimento pouco mais era do que um arranhão no rosto com algum hematoma em volta. Iria sarar bem.

Crice afastou-se para ir vigiar o nosso rebanho. Eu me estendi no manto imediatamente fora do alcance da luz da fogueira, pensando em adormecer de imediato. Esperava que os outros também se deitassem em breve. O barulho das suas conversas embalava, assim como o dedilhar indolente dos dedos de Esporana nas cordas da harpa. Gradualmente, o dedilhar ficou mais ritmado, e a

voz dela ergueu-se em canto.

Eu flutuava à beira do sono quando as palavras “Torre da Ilha da Armação” me fizeram acordar com um sobressalto. Meus olhos se abriram de repente quando percebi que ela estava cantando sobre a batalha que ocorrera lá no verão anterior, o primeiro combate verdadeiro do *Rurisk* com os Salteadores dos Navios Vermelhos. Eu me recordava ao mesmo tempo de coisas demais e de muito pouco sobre essa batalha. Como Veracidade observara mais de uma vez, apesar de toda a instrução sobre armas que Hode me dera, eu tinha uma tendência a reverter a um estado de briga em qualquer tipo de luta, de modo que levei um machado para essa batalha e o usei com uma selvajaria que eu nunca esperara de mim. Mais tarde disseram que eu havia matado o chefe do bando de salteadores que havíamos encurralado. Nunca soube se isso era verdade ou não.

Na canção de Esporana, certamente que era. O meu coração quase parou quando a ouvi cantar sobre “O filho de Cavalaria, com os olhos em flama, que o leva no sangue, mas não em como se chama”. A canção prosseguiu com uma dúzia de embelezamentos improváveis sobre golpes que eu dera e guerreiros que abatera. Era estranhamente humilhante ouvir tais feitos serem cantados como nobres e agora quase lendários. Eu sabia que havia muitos guerreiros que sonhavam em ouvir canções cantadas sobre as suas proezas. Achei a experiência desconfortável. Não me lembrava do sol arrancando chamas da cabeça do meu machado ou de combater tão corajosamente como o cervo do meu brasão. Lembrava-me, isso sim, do cheiro persistente do sangue e de pisar nas entranhas de um homem, um homem que ainda se debatia e gemia. Nem toda a cerveja de Cervo teria sido suficiente naquela noite para me trazer algum tipo de paz.

Quando a canção finalmente chegou ao fim, um dos carroceiros bufou.

— Então foi essa que você não se atreveu a cantar ontem à noite na taverna, hein, Esporana?

Esporana deu uma gargalhada de desaprovação.

— Por alguma razão, duvidei de que gostassem dela. Canções sobre o Bastardo de Cavalaria não seriam populares o suficiente para fazer com que eu ganhasse um tostão por lá.

— É uma canção estranha — observou Vale. — Temos aqui o rei oferecendo ouro pela cabeça dele e a guarda dizendo a toda a gente, cuidado, o Bastardo tem a Manha e a usou para enganar a morte. Mas a sua canção faz com que ele pareça algum tipo de herói.

— Bem, é uma canção de Cervo, e ele era bem visto em Cervo, pelo menos durante algum tempo — explicou Esporana.

— Mas já não é, aposto. Exceto que qualquer homem veria com bons olhos uma centena de moedas de ouro, se pudesse entregá-lo à Guarda Real — observou um dos carroceiros.

— Provavelmente — concordou Esporana com facilidade. — Se bem que ainda há em Cervo quem lhes diga que nem toda a sua história foi contada e que o Bastardo não é tão negro como tem sido pintado nos últimos tempos.

— Continuo não a entendendo. Eu pensava que ele tinha sido executado por usar a Manha para matar o Rei Sagaz — protestou Guida.

— Há quem diga que sim — respondeu Esporana. — Mas a verdade é que ele morreu na cela antes de poder ser executado e foi enterrado em vez de queimado. E segundo o que se conta — e aqui a voz de Esporana baixou até se transformar quase num sussurro —, quando chegou a primavera nem uma folha sequer crescia na sua sepultura. E uma velha sábia, ao ouvir isto, soube que isso queria dizer que a magia da Manha ainda dormia nos seus ossos e podia ser recuperada por qualquer um que tivesse a coragem de lhe arrancar um dente da boca. De modo que lá foi ela, à luz da lua cheia, e levou consigo um criado com uma pá. Ela o colocou para cavar a sepultura. Mas ele não tinha revirado mais do que uma pazada de terra quando descobriu estilhaços de madeira do caixão do Bastardo.

Esporana fez uma pausa teatral. Não se ouvia um som além do crepitar do fogo.

— O caixão estava vazio, claro. E aqueles que o viram disseram que tinha sido estilhaçado por dentro, e não por fora. Um homem até me disse que, presos à borda lascada da tampa do caixão, havia pelos cinzentos e rijos de lobo.

O silêncio sustentou-se um momento mais. Depois:

— Está falando sério? — perguntou Guida a Esporana.

Os dedos dela percorreram levemente as cordas da harpa. — Foi o que ouvi contar em Cervo. Mas também ouvi dizer que a Dama Paciência, aquela que o enterrou, disse que aquilo tudo era bobagem, que o corpo dele estava frio e rígido quando o lavou e enrolou numa mortalha. E a respeito do Homem Pustulento, que o Rei Majestoso tanto teme, ela declarou que não passa de um velho conselheiro do Rei Sagaz, um velho recluso qualquer de cara marcada por cicatrizes, que saiu da sua eremitagem para manter viva a crença de que Veracidade ainda está vivo e dar ânimo àqueles que têm de continuar a combater os Navios Vermelhos. É isso. Suponho que vocês podem escolher acreditar na história que quiserem.

Melodia, uma das titereiras, simulou um arrepio.

— Brrr. Então. Cante agora qualquer coisa alegre para nós, para dormirmos com ela na cabeça. Não tenho nenhum desejo de ouvir mais das suas histórias de fantasmas antes de ir em busca dos cobertores esta noite.

E assim Esporana começou de bom grado uma balada de amor, uma antiga balada com um refrão otimista, que Guida e Melodia cantaram com ela. Eu permaneci deitado na escuridão, refletindo sobre tudo o que ouvira. Estava desconfortavelmente consciente de que Esporana puxara aquele assunto com a intenção de que eu o ouvisse. Perguntei-me se ela achava que estava me fazendo um favor, ou se apenas quis ver se algum dos outros suspeitava de mim. Uma centena de moedas de ouro pela minha cabeça. Isso era suficiente para deixar um duque ganancioso, o que dirá uma menestrel errante. Apesar do meu cansaço, passou-se muito tempo até que eu adormecesse naquela noite.

A viagem do dia seguinte foi quase reconfortante na sua monotonia. Caminhei atrás das minhas ovelhas e tentei não pensar. Não foi tão fácil fazê-lo como fora antes. Parecia que cada vez que esvaziava a mente de preocupações eu ouvia o *Venha até mim* de Veracidade ecoando dentro da minha cabeça. Quando acampamos naquela noite, foi nas margens de um enorme escoadouro com água no centro. A conversa em volta da fogueira foi irregular. Acho que estávamos todos mais do que um pouco fartos do nosso ritmo lento e ansiávamos por ver as margens do Lago Azul. Eu desejava apenas ir dormir, mas tinha o primeiro turno de vigiar o rebanho.

Subi ligeiramente a encosta da colina até onde podia me sentar para observar os animais lanosos de que estava encarregado. A grande cavidade do escoadouro envolvia toda a nossa caravana, com a pequena fogueira perto da água semelhante a uma estrela no fundo de um poço. O vento que soprava passava por nós, deixando-nos abrigados numa grande quietude. Aquilo era quase pacífico.

Tassina provavelmente pensou que estava sendo furtiva. Observei-a aproximar-se em silêncio com o manto bem puxado por sobre o cabelo e em volta do rosto. Deu uma volta larga como se pretendesse passar por mim. Não a segui com os olhos, mas a escutei subindo acima de mim na encosta da colina e depois aproximando-se por trás. Detectei o seu cheiro mesmo no ar parado e senti uma expectativa involuntária. Perguntei-me se teria a força de vontade para recusá-la uma segunda vez. Podia ser um erro, mas o meu corpo estava completamente a favor de cometê-lo. Quando achei que ela estava a cerca de uma dúzia de passos de distância, virei-me para olhá-la. Ela assustou-se e recuou diante do meu olhar.

— Tassina — cumprimentei-a com suavidade, e me virei para voltar a olhar

para as ovelhas. Passado um momento, ela desceu a encosta e parou a alguns passos de mim. Virei-me ligeiramente e olhei-a sem dizer nada. Ela afastou o capuz do rosto e me confrontou, com desafio nos olhos e na atitude.

— Você é ele, não é? — perguntou sem fôlego. Havia uma ponta de medo muito leve na sua voz.

Não era o que eu esperava que ela dissesse. Não tive de fingir surpresa.

— Sou ele? Sou Tom, o pastor, se é esse o ele de quem você fala.

— Não, você é ele, o Bastardo da Manha que a Guarda Real está procurando. Puxado, o carroceiro, contou-me o que estavam dizendo na vila, depois de Esporana contar aquela história ontem à noite.

— Puxado lhe disse que eu era o Bastardo da Manha? — Perguntei com cautela, como que confundido pelas palavras precipitadas dela. Um terrível medo frio aumentava dentro de mim.

— Não. — Um traço de ira se misturou com o seu medo. — Puxado me contou o que a Guarda Real disse dele. Um nariz partido e uma cicatriz no rosto e uma madeixa branca no cabelo. E eu vi o seu cabelo naquela noite. Você tem uma madeixa branca.

— Qualquer homem que tenha sido acertado na cabeça pode ter uma madeixa branca no cabelo. É uma velha cicatriz. — Inclinei a cabeça e olhei-a criticamente. — Eu diria que o seu rosto está sarando bem.

— Você é ele, não é? — Parecia ainda mais zangada por eu ter tentado mudar de assunto.

— Claro que não. Veja. Ele tem um corte de espada no braço, não tem? Veja isto. — Desnudei a braço direito para que ela o inspecionasse. O corte de faca que eu fizera a mim mesmo corria pela parte de trás do meu braço esquerdo. Eu estava apostando que ela soubesse que um ferimento sofrido enquanto me defendia deveria estar no braço da espada.

Ela quase nem olhou para o meu braço.

— Você tem algum dinheiro? — perguntou-me de súbito.

— Se eu tivesse algum dinheiro, por que eu teria ficado no acampamento quando os outros foram à aldeia? Além do mais, por que se importa com isso?

— Não me importo. Mas você devia. Podia usá-lo para comprar o meu silêncio. Senão eu poderia ir contar as minhas suspeitas a Guida. Ou aos carroceiros. — Ergueu o queixo para mim, em desafio.

— Então eles poderiam facilmente olhar para o meu braço, assim como você — eu disse num tom fatigado. Afastei os olhos dela e olhei para as ovelhas. — Está sendo uma garotinha tola, Tassina, deixando que as histórias de fantasmas

de Esporana a deixem agitada dessa maneira. Volte para a cama. — Tentei parecer enojado com ela.

— Você tem um arranhão no outro braço. Eu vi. Há quem possa considerá-lo um corte de espada.

— Provavelmente os mesmos que a considerariam inteligente — eu disse com ironia.

— Não zombe de mim — advertiu-me ela numa voz que ficara monótona de tão desagradável. — Não vou suportar chacotas.

— Então não diga idiotices. O que há com você? Isso é algum tipo de vingança? Está zangada porque não quis dormir com você? Eu lhe disse que isso não teve nada a ver com você. É bonita, e não duvido de que haveria prazer em tocá-la. Mas não para mim.

Ela cuspiu de repente no chão ao meu lado.

— Como se eu fosse deixar você fazer isso. Eu estava me divertindo, pastor. Nada mais do que isso. — Soltou um pequeno som gutural. — Homens. Como pode olhar para si mesmo e achar que alguém iria querê-lo por causa do que você é? Você fede a ovelhas, é magricela e tem um rosto que parece mostrar que você perdeu todas as lutas em que esteve. — Girou nos calcanhares, e então pareceu lembrar-se de repente do motivo por que tinha vindo. — Não vou contar a nenhum deles. Por enquanto. Mas quando chegarmos ao Lago Azul, o seu chefe tem de lhe pagar qualquer coisa. Certifique-se de me trazer o dinheiro, senão coloco a vila inteira à sua procura.

Suspirei.

— Tenho certeza de que você fará o que quer que a divirta. Crie toda a confusão que quiser. Quando não der em nada e as pessoas rirem disso, provavelmente dará a Vale mais um motivo para lhe bater.

Ela me virou as costas e desceu a colina a passos largos. Perdeu o equilíbrio na incerteza do luar e quase levou um tombo. Mas recuperou-se e me olhou furiosa, como que me desafiasse a rir. Eu não sentia tal inclinação. Apesar do desafio que lhe fizera, tinha o estômago apertado logo abaixo da garganta. Cem moedas de ouro. Bastava espalhar um rumor, e tanto dinheiro era bastante para dar início a um tumulto. Depois de eu estar morto, provavelmente decidiriam que tinham o homem errado.

Perguntei a mim mesmo como me sairia atravessando sozinho o resto das planícies de Vara. Podia partir logo depois de Crice me substituir. Podia ir até a carroça, recolher silenciosamente as minhas coisas e escapulir na noite. Quanto poderia faltar até o Lago Azul? Estava ponderando aquilo enquanto via mais

uma silhueta esgueirando-se para fora do acampamento e subindo a encosta na minha direção.

Esporana aproximou-se em silêncio, mas não de uma forma furtiva. Ergueu uma mão em saudação antes de se sentar com companheirismo ao meu lado.

— Espero que você não tenha dado nenhum dinheiro a ela — disse-me afavelmente.

— Humf — eu disse, deixando que ela entendesse como quisesse.

— É que você é pelo menos o terceiro homem que supostamente a engravidou nesta viagem. O seu patrão teve a honra de ser o primeiro acusado. O filho de Guida foi o segundo. Pelo menos acho que foi. Não sei quantos pais ela escolheu para o seu possível filho.

— Eu não estive com ela, então dificilmente ela pode me acusar disso — eu disse num tom defensivo.

— Oh? Então você provavelmente é o único homem na caravana que não esteve com ela.

Aquilo me abalou um pouco. Depois pensei sobre o assunto e perguntei a mim mesmo se alguma vez chegaria a algum lugar onde parasse de descobrir como podia ser estúpido.

— Então acha que ela está grávida e anda à procura de um homem que a tire do aprendizado?

Esporana bufou.

— Duvido de que esteja grávida. Não estava pedindo que casassem com ela, só dinheiro para comprar ervas que a livrassem do bebê. Acho que o filho de Guida pode ter chegado a lhe dar alguma. Não. Não me parece que ela queira um marido, só algum dinheiro. Então ela anda procurando maneiras de se virar durante algum tempo e de um homem que possa pagar por ela depois. — Mudou de posição, atirou para o lado uma pedra que a machucava. — Bem, se você não a engravidou, o que foi que fez a ela?

— Já lhe disse. Nada.

— Ah. Então isso explica por que é que ela fala tão mal de você. Mas só no último dia, de modo que suponho que você “fez nada” para ela na noite em que o resto de nós foi à povoação.

— Esporana — comecei eu num aviso, e ela ergueu uma mão apaziguadora.

— Não direi uma palavra sobre o que quer que você não tenha feito a ela. Nem mais uma palavra. Seja como for, não foi por isso que vim até aqui em cima falar com você.

Fez uma pausa, e quando me recusei a fazer a pergunta, ela fez.

— O que planeja fazer depois de chegarmos ao Lago Azul?

Olhei para ela.

— Receber o pagamento. Beber uma cerveja e comer uma refeição decente, tomar um banho quente e arranjar uma cama limpa pelo menos por uma noite. Por quê? O que você planeja?

— Pensei que poderia ir para as Montanhas. — Ela me olhou de soslaio.

— Vai procurar lá o seu acontecimento merecedor de uma canção? — Tentei manter a pergunta casual.

— É mais provável encontrar canções me agarrando a um homem do que a um lugar — sugeriu. — Achei que talvez você também fosse para as Montanhas. Podíamos viajar juntos.

— Continua com aquela ideia idiota de que eu sou o Bastardo — acusei-a sem rodeios.

Ela sorriu.

— O Bastardo. O Manhoso. Sim.

— Está enganada — eu disse, taxativo. — E mesmo que não estivesse, por que segui-lo até as Montanhas? Eu arriscaria um lucro maior e o venderia à Guarda Real. Com cem peças de ouro, quem precisaria fazer canções?

Esporana soltou um pequeno som de repugnância.

— Você tem mais experiência da Guarda Real do que eu, certamente. Mas até eu tenho o suficiente para saber que um menestrel que tentasse obter essa recompensa iria provavelmente ser descoberto boiando no rio alguns dias mais tarde. Enquanto alguns guardas se tornariam de súbito muito ricos. Não. Já lhe disse. Não procuro ouro, Bastardo. Procuro uma canção.

— Não me chame disso — avisei-a com rispidez. Ela encolheu os ombros e desviou o rosto. Passado um momento, torceu-se como se eu a tivesse cutucado e então virou-se para mim com um sorriso que se alargava no seu rosto.

— Ah. Acho que já descobri. Era assim que Tassina o estava extorquindo, não era? Pedindo dinheiro para segurar a língua.

Não respondi.

— Você foi esperto por recusá-la. Se lhe der algum, ela achará que tem razão. Se acreditasse mesmo que você era o Bastardo, guardaria o segredo para vendê-lo à Guarda Real. Porque não teve nenhuma experiência com eles, e ia acreditar que conseguiria mesmo ficar com o ouro. — Esporana levantou-se, espreguiçando-se calmamente. — Bem. Vou voltar para a cama enquanto posso. Mas mantenha a minha oferta em mente. Duvido de que arranje outra melhor. — Rodopiou teatralmente o manto em volta de si mesma, e então fez uma mesura a

mim como se eu fosse o rei. Fiquei a observá-la afastar-se de mim colina abaixo, com os passos seguros como os de uma cabra, mesmo ao luar. Por um breve momento, ela me lembrou Moli.

Considerei a ideia de escapulir do acampamento e continuar sozinho até o Lago Azul. Decidi que, se o fizesse, isso só faria com que Tassina e Esporana tivessem certeza de que tinham adivinhado corretamente. Esporana poderia tentar me encontrar. Tassina tentaria arranjar uma maneira de receber a recompensa. Eu não desejava nenhuma dessas coisas. Era melhor continuar como até então, como Tom, o pastor.

Levantei os olhos para o céu noturno. Arqueava-se sobre mim, limpo e frio. A calada da noite trazia consigo um frio desagradável nos últimos tempos. Quando eu chegasse às Montanhas, o inverno seria mais do que uma simples ameaça. Se ao menos não tivesse desperdiçado aqueles meses iniciais do verão sendo um lobo, eu já estaria nas Montanhas a essa altura. Mas esse era outro pensamento inútil. As estrelas estavam próximas e brilhantes naquela noite. Ter o céu tão perto fazia com que o mundo parecesse um lugar menor. Senti de súbito que se me abrisse e procurasse chegar a Veracidade, eu o sentiria ali, mesmo ao alcance das pontas dos dedos. A solidão ergueu-se tão repentinamente dentro de mim que senti que rasgaria um caminho para fora. Moli e Bronco estavam à distância de um fechar de olhos. Podia ir até eles, podia trocar a fome de não saber pela dor de não ser capaz de tocar. As muralhas de Talento, tão bem apertadas durante cada momento de vigília desde que eu deixara Vaudefeira, agora pareciam sufocantes em vez de defensivas. Abaixei a cabeça para os joelhos erguidos e me abracei contra o vazio gélido da noite.

Depois de algum tempo, a fome passou. Ergui a cabeça e olhei por cima das pacíficas ovelhas e das carroças, do acampamento imóvel. Um olhar para a lua me informou que o meu turno já devia ter terminado há muito tempo. Crice nunca fora bom em acordar para tomar o meu lugar. Então levantei, espreguicei e desci a colina para ir arrancá-lo dos cobertores quentes.

Os dois dias seguintes passaram sem que nada de especial acontecesse, salvo o tempo que se tornou mais frio e mais ventoso. Na noite do terceiro dia, logo após nos instalarmos para passar a noite e eu ter iniciado o meu primeiro turno noturno, vi uma nuvem de poeira no horizonte. A princípio dei pouca atenção a ela. Estávamos numa das mais movimentadas rotas de caravanas, e tínhamos parado junto a um poço. Uma carroça carregada com uma família de funileiros já se encontrava ali. Supus que quem quer que estivesse levantando aquela poeira também vinha em busca de um poço junto ao qual descansar durante a noite.

Assim, fiquei vendo a poeira aproximar-se à medida que a noite escurecia. Lentamente, a poeira separou-se em silhuetas a cavalo, avançando numa formação ordenada. Quanto mais perto chegavam, mais certeza eu tinha. Guardas do Rei. A luz estava fraca demais para ver o dourado e marrom das cores de Majestoso, mas eu sabia que eles estavam lá.

Foi com grande dificuldade que me forcei a não dar um salto e fugir. Uma lógica fria me disse que, se andassem especificamente à minha procura, levariam apenas alguns minutos para me apanhar. Aquela vasta planície não me oferecia esconderijos próximos. E se não estivessem à minha procura, fugindo eu só conseguiria atrair a sua atenção e deixar Tassina e Esporana certas das suas suspeitas, de modo que cerrei os dentes e fiquei onde estava, sentado com a vara apoiada nos joelhos, vigiando as minhas ovelhas. Os cavaleiros passaram por mim e pelas ovelhas e dirigiram-se diretamente à água. Contei-os enquanto passavam. Eram seis. Reconheci um dos cavalos, um potro amarelo-acinzentado que Bronco dissera que um dia seria um bom corcel. Vê-lo me fez lembrar com muita intensidade do modo como Majestoso saqueara todas as coisas de valor de Torre do Cervo antes de abandonar o castelo aos seus próprios meios. Uma minúscula centelha de fúria acendeu-se em mim, uma centelha que, de algum modo, tornou mais fácil ficar sentado a dar tempo ao tempo.

Passados alguns minutos, decidi que eles estavam simplesmente de passagem, assim como nós, e haviam parado apenas para beber e descansar durante a noite. Então Crice veio arrastando os pés até mim.

— Estão chamando você no acampamento — disse-me ele com uma irritação mal escondida. Crice gostava de dormir logo depois a comer. Perguntei-lhe o que mudara os nossos planos enquanto ele se instalava no meu lugar.

— Guardas do Rei — resmungou, zangado. — Dando ordens a todo mundo, exigindo ver todos os membros da caravana. Também revistaram todos os carros.

— O que eles estão procurando? — perguntei-lhe com indiferença.

— Raios me partam se sei. E eu não estava com vontade de levar um punho na cara por perguntar. Mas fique à vontade.

Levei o bastão comigo de volta ao acampamento. Eu ainda tinha a espada junto ao flanco. Pensei em escondê-la, mas decidi não fazê-lo. Qualquer um podia usar uma espada, e se precisasse desembainhá-la, eu não queria lutar com as calças.

O acampamento era como um ninho de vespas agitado. Guida e a sua gente tinham expressões que eram simultaneamente de apreensão e de ira. Os guardas estavam naquele momento incomodando o funileiro. Uma guarda derrubou com

um chute uma pilha de vasilhas de latão, fazendo um belo estardalhaço, e depois gritou qualquer coisa sobre revistar o que muito bem entendesse e do modo que lhe agradasse. O funileiro estava de pé ao lado da carroça, de braços cruzados sobre o peito. Parecia já ter sido atirado ao chão uma vez. Dois dos guardas tinham a mulher e os filhos dele encurralados contra a traseira da carroça. A mulher tinha um fio de sangue escorrendo do nariz. Ainda parecia pronta para lutar. Deslizei para o acampamento silencioso como fumaça e ocupei um lugar ao lado de Damão como se sempre tivesse estado ali. Nenhum de nós falou.

O chefe dos guardas virou as costas ao seu confronto com o funileiro, e um arrepio me percorreu a espinha. Eu o conhecia. Era Dardo, um favorito de Majestoso devido à sua habilidade com os punhos. Vira-o pela última vez na masmorra. Fora ele que quebrara o meu nariz. Senti as batidas do meu coração ganharem velocidade, e ouvi o pulso nos ouvidos. A escuridão ameaçou os limites do meu campo de visão. Lutei para respirar com calma. Ele veio até o centro do acampamento e nos lançou um olhar desdenhoso.

— Esses são todos? — exigiu mais do que perguntou.

Todos assentimos. Ele lançou o olhar sobre nós e eu abaixei os olhos para evitar os dele. Forcei as mãos a ficarem quietas, a ficarem afastadas tanto da faca como da espada. Tentei não deixar que a tensão se mostrasse na minha atitude.

— O mais lamentável bando de vagabundos que eu já vi. — O seu tom anulava a nossa importância. — Chefe da caravana! Passamos o dia inteiro cavalgando. Mande o seu rapaz cuidar dos nossos cavalos. Vamos querer comida e mais combustível para a fogueira. E nos aqueça um pouco de água para nos lavarmos. — Voltou a passar os olhos por nós. — Não quero incomodações. Os homens que procurávamos não estão aqui, e isso é tudo o que precisávamos saber. Façam o que pedirmos e não haverá problemas. Podem continuar com os seus assuntos normais.

Houve alguns murmúrios de acordo, mas aquilo foi recebido principalmente com silêncio. Ele bufou o seu desdém por nós, então se virou para os seus cavaleiros e falou com eles em voz baixa. As ordens que estava dando não pareceram agradá-los, mas os dois que tinham encurralado a funileira acabaram por ceder às suas palavras. Ocuparam a fogueira que Guida fizera antes de eles chegarem, forçando as pessoas da nossa caravana a se afastarem. Guida falou em voz baixa com os seus ajudantes, mandando dois cuidar dos cavalos dos guardas e outro buscar água e colocá-la para aquecer. Ela mesma passou pesadamente pela nossa carroça, dirigindo-se ao seu carro e às provisões que transportava ali.

Uma aparência incômoda de ordem regressou ao acampamento. Esporana

acendeu uma segunda fogueira menor. A trupe de titereiros, a menestrel e os carroceiros voltaram a se sentar junto a ela. A dona do cavalo e o marido foram discretamente para a cama.

— Bem, parece que as coisas se acalmaram — observou Damão, mas eu reparei que ele ainda torcia nervosamente as mãos. — Vou para a cama. Você e Crice combinem os turnos entre vocês.

Comecei a andar de volta para as minhas ovelhas. Então fiz uma pausa e passei os olhos pelo acampamento. Os guardas eram agora silhuetas em volta da fogueira, descansando e conversando, enquanto um único deles estava um pouco afastado do grupo, mantendo uma vigilância genérica. Estava olhando na direção da outra fogueira. Segui o seu olhar. Não consegui decidir se Tassina estava lhe retribuindo o olhar, ou apenas fitando os outros guardas em volta da sua fogueira. De qualquer modo, eu suspeitava que sabia o que ela tinha na cabeça.

Virei-me para o lado e me dirigi à traseira do carro de Guida. Ela tirava feijões e ervilhas de sacas e os media numa panela de sopa. Toquei-lhe levemente no braço, e ela deu um salto.

— Perdão. Quer ajuda com isso?

Ela levantou uma sobrancelha pra mim.

— Por que eu iria querer?

Olhei para os meus pés e escolhi com cuidado a mentira.

— Não gostei do modo como eles olharam para a funileira, minha s'nhora.

— Eu sei como me comportar com homens brutos, pastor. Não poderia ser chefe de caravana se não soubesse. — Ela mediu sal e colocou na panela, e depois um punhado de condimentos.

Fiz um aceno com a cabeça e nada disse. Era uma verdade óbvia demais para que eu protestasse. Mas também não fui embora, e após alguns momentos ela me entregou um balde e me disse para ir buscar um pouco de água limpa. Obedeci-lhe de boa vontade, e quando voltei fiquei com o balde na mão até que ela o tirou de mim. Vi-a encher a panela de sopa e fiquei ao seu lado até que ela me disse com alguma aspereza para sair de cima dela. Pedi desculpa e recuei, derrubando o balde de água quando o fiz. Portanto, recolhi-o e fui buscar mais água fresca para ela.

Depois disso, fui buscar um cobertor na carroça de Damão e me enrolei nele durante algumas horas. Fiquei debaixo da carroça como se estivesse dormindo, e vigiei não os guardas, mas Esporana e Tassina. Reparei que a menestrel não pegou a harpa naquela noite, como se também não desejasse atrair sobre si nenhuma atenção. Isso me tranquilizou até certo ponto ao seu respeito. Teria sido

bastante simples para ela visitar a fogueira deles com a sua harpa, para captar as boas graças dos guardas com algumas canções, e depois oferecer-se para me vender. Mas ela parecia tão decidida a vigiar Tassina quanto eu. Tassina levantou-se uma vez para sair, com uma desculpa qualquer. Não ouvi o que Esporana disse em voz baixa, mas Tassina a fitou furiosa e o Mestre Vale lhe ordenou num tom irritado que voltasse para o seu lugar. Certamente Vale não queria ter nada a ver com os guardas, de modo algum. Porém, mesmo depois de terem ido todos dormir, não consegui relaxar. Quando chegou a hora de ir render Crice, fui com relutância, sem estar certo de que Tassina não escolheria a madrugada para procurar os guardas.

Encontrei Crice profundamente adormecido e tive de acordá-lo para mandá-lo de volta para junto da carroça. Sentei-me, com o cobertor em volta dos ombros, e pensei nos seis homens que estavam lá embaixo, agora dormindo em volta da sua fogueira. Eu tinha motivos para um ódio verdadeiro apenas por um deles. Recordei Dardo como fora quando eu o conhecera, com um sorrisinho no rosto enquanto calçava as suas luvas de couro para me espancar, amuando quando Majestoso o repreendera por quebrar o meu nariz, pois isso me deixaria menos apresentável para o caso de os duques desejarem me ver. Recordei o modo desdenhoso como ele desempenhara a sua tarefa para Majestoso, ultrapassando facilmente a minha defesa simbólica enquanto eu tentava manter Vontade e o seu Talento fora da minha mente.

Dardo nem sequer me reconhecera. Passara os olhos por mim e desdenhara-me sem sequer reconhecer o fruto do seu trabalho. Fiquei pensando nisso durante algum tempo. Supunha que eu realmente tivesse mudado bastante. Não eram apenas as cicatrizes que ele me dera, não era apenas a barba, o traje de trabalhador, a poeira da estrada que me cobria e a minha magreza. FitzCavalaria não teria baixado os olhos diante do seu olhar, não teria permanecido em silêncio deixando que os funileiros se defendessem sozinhos. FitzCavalaria não teria, talvez, envenenado os seis guardas a fim de matar um deles. Perguntei a mim mesmo se me teria tornado mais sensato ou mais cauteloso. Talvez ambas as coisas. Isso não me deixava orgulhoso.

O sentido da Manha me dá uma percepção de outras coisas vivas, de todas as outras coisas vivas que me rodeiam. É raro ser surpreendido por alguém, de modo que não me apanharam de surpresa. A aurora tinha apenas começado a empalidecer o negrume do céu quando Dardo e os seus guardas vieram me buscar. Eu fiquei imóvel, primeiro sentindo e depois ouvindo a sua aproximação furtiva. Dardo acordara os seus cinco soldados para aquela tarefa.

Com um desalento cada vez maior, perguntei-me o que dera errado com o meu veneno. Teria perdido a potência por ter sido transportado durante tanto tempo? Teria sido inutilizado por ser cozinhado com a sopa? Juro que por um momento o meu pensamento principal foi que Breu não teria cometido aquele erro. Mas não tinha tempo para pensar nisso. Olhei em volta, sobre a planície que ondulava suavemente e se mostrava quase incaracterística. Arbustos espessos e algumas pedras. Nem mesmo um barranco ou um outeiro em que pudesse me esconder.

Podia ter fugido, e talvez os tivesse despistado durante algum tempo nas trevas. Mas, no fim, o jogo era deles. Acabaria tendo de regressar em busca de água. Se eles não me localizassem no terreno plano à luz do dia e a cavalo, podiam simplesmente ficar à espera junto ao poço. Além do mais, fugir era admitir que eu era FitzCavalaria. Tom, o pastor, não fugiria.

E assim ergui o olhar, surpreendido e ansioso quando vieram me buscar, mas, esperava eu, sem trair o medo de acelerar o coração que eu sentia. Levantei-me, e quando um deles me agarrou por um braço, não lutei e apenas o olhei com incredulidade. Outro guarda veio pelo outro lado para me tirar a faca e a espada.

— Venha até a fogueira — disse-me ele, ríspido. — O capitão quer dar uma olhada em você.

Fui em silêncio, quase sem firmeza, e quando voltaram a se reunir junto à fogueira para me apresentar a Dardo, olhei temerosamente um rosto após outro, tendo o cuidado de não destacar Dardo. Eu não tinha certeza de ser capaz de olhá-lo diretamente e de perto sem nada trair. Dardo levantou-se, chutou a fogueira para avivar as chamas, e depois veio me inspecionar. Tive um vislumbre do rosto pálido e do cabelo de Tassina espreitando-me de trás do carro do titereiro. Durante algum tempo, Dardo apenas ficou parado olhando para mim. Depois, franziu a boca e lançou aos guardas um olhar de descontentamento. Com uma pequena sacudida de cabeça, informou-lhes que eu não era quem ele queria. Atrevi-me a respirar mais fundo.

— Como se chama? — perguntou-me Dardo de repente, ríspido.

Olhei-o de soslaio por cima da fogueira.

— Tom, senhor. Tom, o pastor. Não fiz nada de errado.

— Ah, não? Então é o único homem no mundo que não fez nada de errado. Fala como um cervês, Tom. Tire o lenço.

— E sou, senhor. De Cervo, senhor. Mas os tempos estão difíceis por lá. — Arranquei o lenço às pressas, e depois fiquei apertando-o e torcendo-o. Não seguira o conselho de Esporana sobre pintar o cabelo. Isso não me traria nenhuma vantagem durante uma inspeção atenta. Mas usara o espelho para

arrancar uma boa porção dos cabelos brancos. Não todos, mas o que tinha agora parecia-se mais com uma porção de cabelo grisalho acima da testa do que com uma madeixa branca. Dardo deu a volta na fogueira para poder ver melhor. Retraí-me quando ele me agarrou pelo cabelo e me inclinou a cabeça para trás a fim de me fitar o rosto. Era tão grande e musculoso quanto me recordava. Todas as recordações malignas que eu tinha dele me inundaram subitamente a cabeça. Juro que até me lembrei do seu cheiro. A miserável náusea do medo tomou conta de mim.

Não lhe ofereci resistência enquanto ele me trespassava com os olhos. Nem cruzei os olhos com ele, apenas lhe lancei olhares assustados e afastei os olhos, como que suplicando por ajuda. Reparei que Guida surgira vinda de algum lugar e estava de pé, de braços cruzados sobre o peito, olhando-nos.

— Tem uma cicatriz na bochecha, não tem, homem? — perguntou-me Dardo.

— Tenho, sim, senhor. Arranjei-a quando era garoto, caí de uma árvore e um galho me cortou…

— Também quebrou o nariz nessa época?

— Não, senhor, não, isso foi uma briga de taverna, foi sim, há um ano…

— Tire a camisa! — exigiu.

Atrapalhei-me com o colarinho, então a tirei pela cabeça. Achara que ele iria olhar para os meus braços e eu estava preparado para isso com a história do prego. Contudo, ele inclinou-se para olhar para um lugar entre o ombro e o pescoço, onde um Forjado me arrancara um pedaço com uma mordida numa luta há muito tempo. Senti um frio na barriga. Ele olhou para a cicatriz nodosa que havia ali, e então atirou repentinamente a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Maldição. Não pensei que fosse você, Bastardo. Tinha certeza de que não era. Mas essa é a marca que me lembro de ver, da primeira vez que o atirei no chão. — Olhou para os homens que me rodeavam, ainda com surpresa e deleite no rosto. — É ele! Nós o pegamos. O rei espalhou os seus feiticeiros do Talento das Montanhas até a costa à procura dele, e ele cai como fruta nas nossas mãos. — Lambeu os lábios e me percorreu com olhos maldosos. Detectei nele uma fome estranha, uma fome que ele quase temia. Agarrou-me de súbito pela garganta e me deixou nas pontas dos pés. Aproximou o rosto do meu enquanto sibilava: — Veja se me entende. Verde era um amigo meu. Não são cem peças de ouro por você vivo que me impedem de matá-lo aqui. É só a minha fé em que o meu rei arranjará maneiras mais interessantes para você morrer do que eu conseguiria improvisar aqui. Você é mais uma vez meu, Bastardo, na arena. Ou a

parte de você que o meu rei me deixar.

Empurrou-me violentamente contra a fogueira. Tropecei nela e fui imediatamente agarrado por dois homens do outro lado. Olhei freneticamente de um e para o outro.

— É um engano! — gritei. — Um terrível engano!

— Coloquem os grilhões nele — ordenou-lhes Dardo em voz rouca.

Guida deu passo súbito para frente.

— Tem certeza a respeito deste homem? — perguntou-lhe diretamente.

Ele encarou o olhar dela, de capitão para capitão.

— Tenho. Ele é o Bastardo da Manha.

Uma expressão de completa repugnância atravessou o rosto de Guida.

— Então o levem e façam bom proveito. — Girou nos calcanhares e afastou-se.

Os meus guardas tinham estado observando a conversa entre Guida e o seu capitão em vez de prestar atenção ao homem trêmulo que estava entre eles. Arrisquei tudo, atirando-me para a fogueira enquanto me libertava das suas mãos descuidadas. Dei um encontrão num sobressaltado Dardo e fugi como um coelho. Ziguezagueei pelo acampamento, passei pelo carro dos funileiros e vi apenas campo aberto à minha frente. A aurora acinzentara a planície até transformá-la numa manta amarrotada e incaracterística. Nenhum esconderijo, nenhum destino. Apenas corri.

Esperara ser perseguido por homens a pé, ou a cavalo. Não esperara um homem com uma funda. A primeira pedra me atingiu no ombro esquerdo, adormecendo o meu braço. Continuei correndo. A princípio pensei que tinha sido atingido por uma flecha. Então o raio me acertou.

Quando acordei, tinha os pulsos acorrentados. O ombro esquerdo doía horrivelmente, mas não tanto quanto o galo que tinha na cabeça. Consegui me contorcer até ficar sentado. Ninguém prestou muita atenção em mim. Um grilhão em cada um dos meus tornozelos estava preso a uma extensão de corrente que subia até um laço forjado na corrente que me prendia os pulsos e o atravessava. Uma segunda corrente entre os tornozelos, muito mais curta, nem sequer me permitia dar um passo completo. Se conseguisse ficar de pé.

Nada disse, nada fiz. Agrilhoado, não tinha qualquer chance contra seis homens armados. Não queria lhes dar nenhuma desculpa para me tratarem com brutalidade. Mesmo assim, precisei de cada traço de vontade para ficar quieto e analisar a minha situação. O puro peso da corrente era assustador, e o frio do ferro que me mordia a pele ao ar frio da noite também. Fiquei sentado, de cabeça

baixa, olhando para os pés. Dardo notou que eu estava acordado. Veio ficar na minha frente. Mantive os olhos nos meus pés.

— Diga alguma coisa, maldição! — ordenou-me Dardo de repente.

— Pegou o homem errado, senhor — eu disse com timidez. Sabia que não havia maneira de convencê-lo daquilo, mas talvez conseguisse abalar a crença dos seus homens.

Dardo riu. Foi sentar-se junto à fogueira. Depois se deitou apoiado nos cotovelos.

— Se peguei, é um azar dos diabos para você. Mas sei que não peguei o homem errado. Olhe para mim, Bastardo. Como foi que você não ficou morto?

Lancei-lhe um olhar temeroso.

— Não sei o que quer dizer, senhor.

Foi a resposta errada. Ele tinha uma velocidade tigrina, saltando da posição reclinada para voar sobre mim, por cima da fogueira. Levantei-me desajeitado, mas não havia como escapar dele. Ele me agarrou pelas correntes, puxou-me para cima e me esbofeteou. Então:

— Olhe para mim — ordenou.

Voltei a olhá-lo no rosto.

— Como foi que não morreu, Bastardo?

— Não fui eu. Pegou o homem errado.

Recebi o dorso da sua mão uma segunda vez.

Breu me dissera uma vez que, sob tortura, é mais fácil resistir ao interrogatório se concentrarmos a mente no que queremos dizer, e não no que não podemos. Sabia que era estúpido e inútil dizer a Dardo que não era FitzCavalaria. Ele sabia que era. Porém, tendo adotado essa estratégia, mantive-me fiel a ela. Da quinta vez que ele me bateu, um dos seus homens falou de trás de mim.

— Com todo o respeito, senhor?

Dardo olhou furioso para o homem.

— O que é?

O homem umedeceu os lábios.

— O cativo precisa estar vivo, senhor. Para que o ouro seja pago.

Dardo voltou a virar os olhos para mim. Era enervante ver nele a fome, uma ânsia muito semelhante à que Veracidade tivera pelo Talento. Aquele homem gostava de causar dor. Gostava de matar lentamente. O fato de não poder fazê-lo só o fazia me odiar mais.

— Eu sei disso — disse bruscamente ao homem. Vi o punho a vir na minha direção, mas não havia maneira de evitá-lo.

Quando acordei, a manhã ia alta. Havia dor. Durante algum tempo, isso foi tudo o que eu realmente soube. Dor, uma dor forte no ombro e nas costelas, do mesmo lado. Era provável que ele tivesse me chutado, decidi. Não queria mover nenhuma parte do meu rosto. Perguntei-me: por que motivo a dor era sempre maior quando se está com frio? Sentia-me curiosamente distanciado da minha situação. Fiquei algum tempo à escuta, sem qualquer desejo de abrir os olhos. A caravana estava preparando-se para prosseguir viagem. Ouvia o Mestre Vale berrando a Tassina, a qual gritava que tinha direito ao dinheiro, que se ao menos ele a tivesse ajudado a arranjá-lo, podia ter obtido de volta o seu preço de aprendizado e que fizesse bom proveito dele. Ele lhe ordenou que entrasse no carro. Em vez disso, ouvi os passos dela esmagando a terra seca enquanto se aproximava apressadamente de mim. Mas foi com Dardo que falou numa voz lamurienta.

— Eu tinha razão. Você não acreditou em mim, mas eu tinha razão. Descobri-o para você. Se não fosse por mim, você teria continuado viagem depois de olhá-lo no rosto. Esse ouro é legitimamente meu. Mas eu vou lhe dar metade e ficarei mais do que feliz com isso. É mais do que justo para você, sabe que sim.

— Eu entraria naquele carro, se fosse você — respondeu-lhe Dardo com frieza. — Senão, depois de ele partir e de nós partirmos, você ficará sem nada a não ser uma longa caminhada.

Ela teve o bom senso de não discutir com ele, mas foi resmungando palavrões para si mesma enquanto se encaminhava para o carro. Ouvi Vale lhe dizer que ela só causava problemas e que ia se livrar dela em Lago Azul.

— Coloque-o de pé, Jofe — ordenou Dardo a alguém.

Jogaram água em mim e eu abri os olhos. Vi um guarda pegar a minha corrente e dar um puxão. Isso despertou uma hoste de dores menores.

— Levante-se! — ordenou o homem. Consegui fazer um aceno. Tinha um dente solto. Só conseguia ver por um olho. Comecei a erguer as mãos para o rosto, para ver como ele estava, mas um puxão na corrente me impediu. — Ele vai a cavalo ou a pé? — perguntou a Dardo aquele que segurava na corrente enquanto eu me endireitava de uma forma insegura.

— Adoraria arrastá-lo, mas isso iria nos atrasar demais. Ele irá a cavalo. Monte com Arno e coloque-o no seu cavalo. Amarre-o à sela e mantenha bem segura a arreata do seu cavalo. Ele está se fazendo de idiota, mas é cruel e cheio de truques. Não sei se é capaz de fazer todas as coisas de Manha que dizem que faz, mas não quero descobrir. Então segure bem essa arreata. Aliás, onde está Arno?

— Está nos arbustos, senhor. Hoje não está com as tripas muito boas. Passou a noite toda para cima e para baixo, aliviando-se.

— Vá buscá-lo. — O tom de Dardo deixou claro que não estava interessado nos problemas do homem. O meu guarda desapareceu correndo, deixando-me balançando sobre as pernas. Levei as mãos ao rosto. Só vira o primeiro golpe aproximando-se, mas era evidente que tinha havido outros. Aguente, disse severamente a mim mesmo. Sobreviva, e veja que oportunidades lhe são oferecidas. Deixei cair as mãos e dei com Dardo me observando.

— Água? — pedi numa voz arrastada.

Não esperava realmente obter nenhuma, mas ele virou-se para um dos outros guardas e fez um pequeno movimento. Alguns momentos mais tarde o homem me trouxe um balde de água e dois biscoitos secos. Bebi e molhei o rosto. Os biscoitos eram duros e eu estava com a boca muito dolorida, mas tentei empurrar para baixo o máximo possível. Duvidava que obtivesse muito mais do que aquilo no dia que teria pela frente. Reparei então que a minha bolsa tinha desaparecido. Supus que Dardo a havia pegado enquanto eu estivera inconsciente. O meu coração afundou-se quando pensei em ter perdido o brinco de Bronco. Enquanto roía cuidadosamente o biscoito, perguntei-me o que teria ele pensado dos pós que eu trazia na bolsa.

Dardo nos fez montar e partir antes da caravana seguir caminho. Tive um vislumbre do rosto de Esporana, mas não consegui ler a sua expressão. Crice e o meu patrão evitaram cautelosamente até me olhar, com medo de serem contaminados pela minha mácula. Era como se nunca tivessem me conhecido.

Tinham me colocado numa égua robusta. Meus pulsos foram bem amarrados no cepilho da sela, tornando impossível montar confortavelmente ou bem, mesmo se não me sentisse tanto como um saco de ossos partidos. Não haviam tirado os grilhões, removeram apenas a corrente curta entre os tornozelos. A corrente mais longa presa aos pulsos estava enrolada por cima da sela. Não havia maneira de evitar que a corrente me esfolasse. Não fazia ideia do que acontecera à minha camisa, mas sentia amargamente a sua falta. O cavalo e o movimento iriam me aquecer até certo ponto, mas não de um modo confortável. Quando um muito pálido Arno montou atrás do seu camarada, partimos na direção de Vaudefeira. O meu veneno, refleti com tristeza, nada mais fizera do que afrouxar os intestinos de um homem. Que belo assassino eu era.

Venha até mim.

Quem dera eu pudesse, disse a mim mesmo, deprimido, enquanto era levado na direção contrária. Quem dera eu pudesse. Cada passo que a égua dava

avivava as minhas dores. Perguntei-me se o meu ombro estaria quebrado ou deslocado. Ponderei sobre a estranha sensação de afastamento de tudo que sentia. E me perguntei se devia nutrir a esperança de chegar vivo a Vaudefeira, ou se seria melhor tentar fazê-los me matar antes disso. Eu não conseguia imaginar um modo de convencê-los a tirarem as correntes de mim, quanto mais de fugir naquela região plana. Abaixei a cabeça, que latejava, e observei as mãos enquanto avançávamos. Estremeci com o frio e o vento. Tateei à procura da mente da égua, mas só tive sucesso em deixá-la consciente da minha dor. Ela não tinha qualquer interesse em puxar a cabeça, libertando-se, e galopar comigo para longe. E também não gostava lá muito do meu cheiro de ovelhas.

Da segunda vez em que paramos para que Arno esvaziasse as tripas, Dardo voltou para trás e refreou o cavalo ao meu lado.

— Bastardo!

Virei lentamente a cabeça para olhar para ele.

— Como foi que você fez? Eu vi o seu corpo, e estava morto. Reconheço um morto quando o vejo. Como você está andando outra vez por aí?

A minha boca não me deixaria formar palavras mesmo se eu tivesse palavras para formar. Passado um momento, ele respondeu ao meu silêncio com uma bufada.

— Bem, não conte que isso vá acontecer de novo. Desta vez, vou cortá-lo pessoalmente. Tenho um cão em casa. Come qualquer coisa. Acho que ele se livrará do seu fígado e do seu coração. Que acha disso, Bastardo?

Senti pena do cão, mas nada disse. Quando Arno voltou cambaleando para o cavalo, Jofe ajudou-o a montar. Dardo esporeou a sua montaria de volta à frente da coluna. Seguimos viagem.

A manhã ainda nem chegara na metade quando Arno disse ao amigo para parar pela terceira vez. Deslizou de cima da garupa do cavalo e afastou-se alguns passos cambaleantes para vomitar. Dobrou-se sobre si mesmo, agarrando-se às tripas que o enchiam de dores enquanto o fazia, e então caiu de súbito para frente, de rosto no chão. Um dos outros guardas soltou uma gargalhada, mas quando Arno apenas rolou de costas, gemendo, Dardo ordenou que Jofe fosse ver o que havia com ele. Ficamos todos vendo Jofe desmontar e levar água a Arno. Este não conseguiu pegar a garrafa de água que lhe era oferecida e quando Jofe a levou à sua boca, a água apenas escorreu pelo queixo do homem. Virou lentamente a cabeça para o lado e fechou os olhos. Passado um momento, Jofe levantou a cabeça, com os olhos arregalados de incredulidade.

— Ele está morto, senhor. — A voz de Jofe tornou-se um pouco esganiçada

naquelas palavras.

Cavaram uma cova rasa para o homem e empilharam pedras em cima dela. Antes do enterro acabar, dois outros guardas haviam vomitado. O consenso era água estragada, embora eu tenha apanhado Dardo olhando para mim com olhos apertados. Não tinham se incomodado em me tirar de cima do meu cavalo. Eu me dobrava sobre a barriga como se me doesse e mantinha os olhos baixos. Não tinha qualquer dificuldade em parecer doente.

Dardo ordenou aos seus homens que voltassem a montar e prosseguiu viagem. Por volta do meio-dia ficou claro que ninguém estava em bom estado. Um rapaz oscilava na sela enquanto avançávamos. Dardo nos fez parar para um breve descanso, que se transformou num longo. Assim que um homem parava de vomitar, havia outro que começava. Dardo finalmente ordenou com secura que voltassem a montar, apesar dos gemidos de protesto. Prosseguimos, mas a um ritmo mais lento. Eu conseguia sentir o fedor amargo do suor e do vômito na mulher que levava a minha égua.

Enquanto subíamos uma ladeira suave, Jofe caiu da sela. Dei à minha égua um forte incentivo com os calcanhares, mas ela apenas caminhou de lado e jogou as orelhas para trás, bem treinada demais para partir a galope com as rédeas penduradas no freio. Dardo fez os seus guardas pararem, e todos os homens desmontaram de imediato, alguns para vomitar, outros simplesmente para se afundarem em angústia junto aos cavalos.

— Montar acampamento — ordenou Dardo, apesar de ainda ser cedo. Depois afastou-se um pouco, agachou-se e contorceu-se durante algum tempo com vômitos secos. Jofe não se levantou.

Foi Dardo quem veio até mim e me soltou os pulsos da sela. Deu um puxão na corrente e eu quase caí em cima dele. Afastei-me alguns passos, cambaleando, e caí, com as mãos na barriga. Ele veio agachar-se ao meu lado. Agarrou-me pela nuca, apertou-a bem. Porém, eu sentia que ele já não tinha a força que tivera.

— O que acha, Bastardo? — perguntou-me num rosnado rouco. Estava muito perto de mim, e o seu hálito e corpo fediam a doença. — Foi água estragada? Ou outra coisa?

Fiz sons de vômito e me inclinei para ele como se fosse vomitar. Ele afastou-se de mim, cansado. Só dois dos guardas haviam conseguido tirar as selas das montarias. Os outros estavam miseravelmente caídos no chão. Dardo andou entre eles, xingando-os inutilmente, mas de forma sentida. Um dos guardas mais fortes começou por fim a reunir o que era necessário para uma fogueira, enquanto outro percorria como um caranguejo a fileira de cavalos, fazendo

pouco mais do que desprender selas e puxá-las de cima dos dorsos dos cavalos. Dardo veio prender a corrente de mancar entre os meus tornozelos.

Mais dois guardas morreram naquela noite. Foi o próprio Dardo quem arrastou os seus corpos para fora do acampamento, mas não conseguiu encontrar forças para fazer mais do que isso. A fogueira que conseguiram acender depressa morreu por falta de combustível. A noite aberta na região plana pareceu mais escura do que qualquer coisa que eu já tivesse experimentado, e o frio seco era uma parte da escuridão. Ouvi os gemidos dos homens e um deles balbuciando qualquer coisa sobre as suas tripas, as suas tripas. Ouvi os movimentos inquietos dos cavalos a quem ninguém dera água. Pensei com saudade em água e em calor. Uma variedade de dores me incomodava. Tinha os pulsos em carne viva devido aos grilhões. Doíam menos do que o ombro, mas de uma forma constante que eu não podia ignorar. Supus que a escápula do meu ombro estava no mínimo fraturada.

Ao amanhecer, Dardo veio cambaleando até onde eu me encontrava deitado. Tinha os olhos afundados nas órbitas, as faces encovadas na sua agonia. Caiu de joelhos ao meu lado e me agarrou pelo cabelo. Gemi.

— Está morrendo, Bastardo? — perguntou-me com voz rouca. Voltei a gemer e fiz uma fraca tentativa de me libertar dele. Aquilo pareceu satisfazê-lo. — Ótimo. Ainda bem. Alguns estavam dizendo que isto era a magia da Manha que você havia colocado em nós, Bastardo. Mas eu acho que água estragada pode matar um homem, quer ele seja Manhoso, quer seja honesto. Enfim. Vamos nos assegurar de que você morre mesmo, desta vez.

Foi a minha própria faca que ele sacou. Quando me puxou o cabelo para trás para expor a garganta, eu ergui as mãos agrilhoadas para lhe atirar a corrente contra o rosto. Ao mesmo tempo, *repeli-o* com toda a força de Manha que consegui reunir. Ele caiu para trás. Arrastou-se alguns passos para longe de mim, então caiu de lado na areia. Ouvi-o respirando pesadamente. Passado algum tempo, parou. Fechei os olhos, escutando aquele silêncio, sentindo a ausência da sua vida como luz do sol batendo no meu rosto.

Passado algum tempo, quando o dia ficou mais forte, forcei-me a abrir o olho. Foi mais difícil me arrastar até o cadáver de Dardo. Todas as minhas dores tinham endurecido e haviam se combinado numa única, que gritava sempre que eu me movia. Revistei cautelosamente o corpo dele. Descobri o brinco de Bronco na sua bolsa. É estranho pensar que parei naquele momento para colocá-lo de volta na orelha, para que não o perdesse. Os meus venenos também estavam lá. O que não estava na sua bolsa era a chave dos meus grilhões.

Comecei a separar os meus bens dos dele, mas o sol estava atirando espigões contra a minha nuca. Simplesmente pendurei a bolsa dele do meu cinto. O que quer que ele tivesse ali, agora era meu. Depois de se envenenar um homem, refleti, pode-se muito bem também roubá-lo. A honra já não parecia ter muito a ver com a minha vida.

Concluí que o mais certo era que quem me agrilhoara transportasse a chave. Arrastei-me até o corpo seguinte, mas não encontrei nada na sua bolsa além de algumas ervas de fumo. Sentei-me e tomei consciência de passos pouco seguros que vinham pela terra seca na minha direção. Levantei os olhos, semicerrei-os contra a luz do sol. O rapaz aproximou-se lentamente de mim, com passos titubeantes. Numa mão trazia um odre. Na outra exibia a chave onde eu pudesse vê-la.

A uma dúzia de passos de mim, parou.

— A sua vida pela minha — grasnou. Estava cambaleando, mesmo parado. Não lhe respondi. Ele tentou de novo. — Água e a chave das suas correntes. Qualquer cavalo que queira levar. Não vou lutar com você. Basta que tire a praga de Manha de mim.

Ele parecia tão novo e digno de dó ali de pé.

— Por favor — suplicou-me de repente.

Dei por mim sacudindo lentamente a cabeça.

— Foi veneno — disse-lhe. — Não há nada que eu possa fazer por você.

Ele me fitou com amargura, incrédulo.

— Então tenho que morrer? Hoje? — As suas palavras saíram como um sussurro seco. Os seus olhos escuros prenderam-se nos meus. Dei por mim confirmando com a cabeça. — Maldito! — Guinchou a palavra, queimando a força vital que lhe restava. — Então você também morre. Morre aqui mesmo! — Arremessou a chave tão longe quanto pôde, então disparou numa corrida incerta, grasnando e agitando os braços para os cavalos.

Os animais tinham passado o dia inteiro desamarrados, tinham até esperado a manhã inteira na esperança de receber cereais e água. Eram animais bem treinados. Mas o cheiro da doença e da morte e o comportamento incompreensível daquele rapaz foram demais para eles. Quando ele soltou um grito súbito e caiu de rosto no chão quase no meio dos cavalos, um grande castrado cinzento atirou a cabeça para cima, resfolegando. Enviei pensamentos tranquilizadores na sua direção, mas ele tinha pensamentos seus. Afastou-se dando pinotes nervosamente, e depois resolveu de súbito que aquela era uma boa decisão e arrancou a meio galope. Os outros cavalos seguiram o seu exemplo. Os

seus cascos não soaram como um trovão na planície; foram antes o tamborilar cada vez mais fraco de uma tempestade que se afasta, levando consigo toda a esperança de vida.

O rapaz não voltou a mexer-se, mas levou algum tempo para morrer. Tive de ouvir o seu choro suave enquanto procurava pela chave. Desejava desesperadamente ir à procura de odres, mas temia que se voltasse as costas à área para onde ele a atirara, jamais seria capaz de decidir qual das extensões de areia sem nada de especial continha a minha salvação. Assim, engatinhei em frente, com os grilhões me cortando e esfolando os meus pulsos e tornozelos, enquanto espreitava o chão com o meu único olho bom. Mesmo depois de o som do choro do rapaz se tornar baixo demais para que o ouvisse, mesmo depois de ele morrer, ainda continuei a ouvi-lo na minha cabeça. Às vezes ainda o ouço. Outra vida jovem interrompida sem sentido, para nada, como resultado da vingança de Majestoso contra mim. Ou talvez por causa da minha contra ele.

Acabei encontrando a chave, quando eu já estava certo de que o sol poente iria escondê-la para sempre. Fora feita de forma tosca e girava muito rigidamente nas fechaduras, mas funcionava. Abri os grilhões, forçando-os a se separarem da minha carne intumescida. O do tornozelo esquerdo estava tão apertado que eu estava com o pé frio e quase adormecido. Alguns minutos depois, a dor inundou o pé de vida. Não lhe prestei muita atenção. Estava ocupado demais procurando água.

A maioria dos guardas esgotara os odres, assim como o meu veneno esgotara os fluidos das suas entranhas. Aquele que o rapaz me mostrara continha apenas alguns goles. Bebi-os muito lentamente, mantendo a água na boca durante muito tempo antes de engoli-la. Nos alforjes de Dardo descobri um frasco de conhaque. Permiti-me apenas um pequeno trago, então tampei o frasco e o deixei de lado. Não era muito mais do que um dia de caminhada até o poço. Podia fazê-lo. Teria de fazê-lo.

Roubei dos mortos aquilo de que necessitava. Vasculhei os alforjes e as trouxas na pilha de selas. Quando terminei, vestia uma camisa azul que me servia nos ombros, embora chegasse quase aos joelhos. Tinha carne seca e cereais, lentilhas e ervilhas, a minha velha espada que decidi ser a que melhor me servia, a faca de Dardo, um espelho, uma pequena panela, uma caneca e uma colher. Estendi um cobertor resistente e coloquei essas coisas sobre ele. Acrescentei uma muda de roupa que estava grande demais em mim, mas seria melhor do que nada. O manto de Dardo ficaria longo em mim, mas era o de melhor fabricação, de modo que fiquei com ele. Um dos homens levara um

pouco de linho para bandagens e alguns unguentos. Fiquei com eles, com um odre vazio e com o frasco de conhaque de Dardo.

Eu podia ter vasculhado os cadáveres em busca de dinheiro e joias. Podia ter me sobrecarregado com uma dúzia de outros bens de utilidade eventual. Descobri que queria apenas substituir o que tivera e me afastar do cheiro dos corpos que inchavam. Fiz a trouxa tão apertada e pequena quanto consegui, cingindo-a com as correias de couro dos arreios dos cavalos. Quando a levei ao ombro bom ainda me pareceu muito mais pesada do que devia estar.

Irmão?

A pergunta parecia hesitante, tênue devido a mais do que distância. Devido ao desuso. Como se um homem falasse numa língua que ficara muitos anos sem usar.

Estou vivo, Olhos-de-Noite. Fique com a sua alcateia e viva também.

Não precisa de mim? Senti a sua pontada de consciência quando perguntou aquilo.

Preciso sempre de você. Preciso saber que está vivo e livre.

Senti o seu tênue assentimento, mas pouco mais do que isso. Passado algum tempo perguntei a mim mesmo se não teria imaginado o seu toque na minha mente. Mas me senti estranhamente fortalecido ao me afastar dos cadáveres, penetrando na noite que se aprofundava.

CAPÍTULO 13

Lago Azul

O Lago Azul é onde desagua o Rio Frio. Também é esse o nome da maior vila que se ergue nas suas margens. No início do reinado do Rei Sagaz, o território que rodeia o lado nordeste do lago era famoso pelas suas searas e pomares. Uma uva característica do seu solo produzia um vinho com um aroma sem rival. O vinho do Lago Azul era conhecido por todos os Seis Ducados e era exportado em caravanas até lugares tão longínquos quanto Vilamonte. Então vieram as longas secas e os incêndios iniciados por relâmpagos que as seguiram. Os fazendeiros e vinicultores da área nunca se recuperaram. Depois disso, Lago Azul passou a depender mais do comércio. A atual vila de Lago Azul é uma vila mercantil, onde as caravanas de Vara e dos Estados de Calcede se encontram para negociar pelos bens do povo da Montanha. Durante o verão, enormes barcaças navegam pelas plácidas águas do lago, mas no inverno as tempestades que descem das Montanhas afastam do lago a gente das barcaças e põem fim ao comércio aquático.



O céu noturno estava limpo com uma imensa lua cor de laranja pairando baixa. As estrelas eram confiáveis e segui a sua orientação, gastando alguns momentos me maravilhando cansado por aquelas serem as mesmas estrelas que antes haviam brilhado sobre mim quando viajara para casa, para Torre do Cervo. Agora me guiavam de volta às Montanhas.

Passei a noite toda caminhando. Não depressa, não a um ritmo constante, mas sabia que quanto antes chegasse à água, mais depressa poderia aliviar as minhas dores. Quanto mais tempo passasse sem água, mais fraco ficaria. Enquanto caminhava, umedeci uma das bandagens de linho com o conhaque de Dardo e esfreguei levemente o rosto. Verificara rapidamente os danos no espelho. Não havia dúvida de que perdera outra luta. A maior parte era hematomas e cortes menores. Não esperava ficar com novas cicatrizes. O conhaque ardia nas múltiplas escoriações, mas a umidade suavizava um pouco as cascas, de modo a

me permitir abrir a boca com uma dor mínima. Estava com fome, mas temia que a carne seca e salgada fosse acentuar a minha sede.

Vi o sol erguer-se por cima da grande planície de Vara num maravilhoso conjunto de cores. O frio da noite atenuou-se e eu afrouxei o manto de Dardo. Continuei a andar. Com a luz que aumentava, perscrutei com esperança o terreno. Talvez algum dos cavalos tivesse voltado para o poço. Mas não vi rastros frescos, só as marcas de cascos de bordas esfareladas que tínhamos feito no dia anterior, já sendo devoradas pelo vento.

Ainda era cedo quando cheguei ao escoadouro. Aproximei-me dele com cautela, mas o nariz e os olhos me disseram que estava abençoadamente deserto. Sabia que não podia contar com a sorte de ele ficar assim por muito tempo. Era um lugar de paragem regular para as caravanas. A primeira coisa que fiz foi beber até mais não poder. Depois, houve um certo luxo em acender a minha pequena fogueira, aquecer uma panela de água e acrescentar-lhe lentilhas, feijões, cereais e carne seca. Coloquei em uma pedra perto da fogueira para deixá-la em fervura branda enquanto me despia e lavava no escoadouro. Era raso em um dos lados e o sol quase aquecera a água. O meu ombro esquerdo ainda estava bastante dolorido quando o tocava ou movia, e o mesmo acontecia aos lugares escoriados nos pulsos e tornozelos, ao galo na nuca, ao rosto em geral… Abandonei a catalogação das minhas dores. Não iria morrer de nenhuma delas. Além disso, o que importava?

O sol me secou enquanto eu tremia. Sacudi a roupa dentro da água e estendi-a em uns arbustos. Enquanto o sol a secava, enrolei-me no manto de Dardo, bebi conhaque e mexi a sopa. Tive de acrescentar mais água, e pareceu levar anos até que os feijões e as lentilhas secas amolecessem. Sentei-me junto à fogueira, acrescentando-lhe ocasionalmente mais galhos ou bosta seca. Passado algum tempo, abri de novo os olhos e tentei decidir se estava bêbado, espancado ou incrivelmente cansado. Decidi que isso valia tanto a pena como catalogar as minhas dores. Comi a sopa tal como estava, ainda com os feijões um pouco duros. Bebi com ela mais conhaque. Não restava muito. Foi difícil me convencer a fazê-lo, mas limpei a panela e aqueci mais água. Limpei o pior dos meus cortes, tratei-os com o unguento, enfaixei os que podiam ser enfaixados. Um tornozelo tinha um aspecto ruim; eu não podia me dar ao luxo de deixá-lo infectar. Ergui os olhos e vi que a luz do dia estava diminuindo. O dia parecia ter passado depressa. Com a energia que me restava, apaguei a fogueira, fiz uma trouxa com os meus bens e me afastei do escoadouro. Precisava dormir e não queria correr o risco de ser descoberto por outros viajantes. Encontrei uma

pequena depressão que era ligeiramente abrigada do vento por um arbusto qualquer com cheiro de alcatrão. Estendi o cobertor, cobri-me com o manto de Dardo e me afundei no sono.

Sei que durante algum tempo dormi sem sonhos. Depois tive um daqueles sonhos confusos em que alguém chama o meu nome, mas não consigo descobrir quem. Um vento soprava e o tempo estava chuvoso. Detestei o som do vento soprando, tão solitário. Então a porta abriu-se e Bronco apareceu à soleira. Estava bêbado. Senti-me ao mesmo tempo irritado e aliviado. Já esperava o seu regresso desde o dia anterior, e agora que ele estava ali, estava bêbado. Como se atrevia?

Fui percorrido por um arrepio, um quase despertar. E compreendi que aqueles eram os pensamentos de Moli, era com Moli que sonhava através do Talento. Não devia fazê-lo, eu sabia que não devia fazê-lo, mas naquele estado onírico sem limites eu não tinha a força de vontade para resistir. Moli levantou-se cuidadosamente. A nossa filha dormia nos seus braços. Tive um vislumbre de um pequeno rosto, rosado e rechonchudo, não o rosto enrugado e vermelho do recém-nascido que eu vira antes. Como era possível que já tivesse mudado tanto? Em silêncio, Moli levou-a para a cama e a colocou suavemente nela. Virou um canto da manta para manter a bebê quente. Sem se virar, disse numa voz baixa e tensa:

— Estava preocupada. Você disse que voltaria ontem.

— Eu sei. Desculpe. Devia ter voltado, mas… — A voz de Bronco estava rouca. Não havia ânimo nela.

— Mas ficou na vila e se embebedou — concluiu Moli com frieza.

— Eu… sim. Embebedei-me. — Bronco fechou a porta e entrou na sala. Foi até a lareira para aquecer nela as mãos vermelhas. O seu manto pingava, e o cabelo também, como se não se tivesse incomodado a puxar o capuz para cima enquanto caminhava para casa. Largou um saco perto da porta. Despiu o manto ensopado e sentou-se rigidamente na cadeira junto da lareira. Inclinou-se para frente para esfregar o joelho ruim.

— Não venha aqui quando estiver bêbado — disse Moli, seca.

— Não virei. Não estou bêbado. Eu sei que você se sente assim. Ontem eu estava bêbado. Hoje bebi um pouco, mais cedo, mas não estou bêbado. Agora não. Agora estou só… cansado. Muito cansado. — Inclinou-se para frente e botou a cabeça nas mãos.

— Nem consegue sentar-se direito. — Eu podia ouvir a ira crescendo na voz de Moli. — Nem sabe quando está bêbado.

Bronco ergueu cansado os olhos para ela.

— Talvez você tenha razão — admitiu, chocando-me. Suspirou. — Vou embora — disse ele. Levantou-se, estremecendo quando colocou o peso na perna, e Moli sentiu uma pontada de culpa. Ele ainda estava com frio, e o barracão onde dormia à noite era úmido e cheio de correntes de ar. Mas ele causara isso a si mesmo. Sabia como ela se sentia a respeito de bêbados. Que um homem bebesse uma bebida ou duas, tudo bem, ela mesma bebia um copo de vez em quando, mas entrar em casa cambaleando daquela maneira e tentar lhe dizer…

— Posso ver a bebê por um momento? — perguntou Bronco em voz baixa. Parara à porta. Vi algo nos seus olhos, algo que Moli não reconheceu por não conhecê-lo bem o suficiente, e isso me cortou o coração. Ele estava sofrendo.

— Ela está bem ali, na cama. Acabei de fazê-la adormecer — disse Moli, brusca.

— Posso segurá-la… só por um minuto?

— Não. Você está bêbado e frio. Se tocar nela, ela vai acordar. Sabe disso. Por que quer fazer isso?

Algo no rosto de Bronco se enrugou. A sua voz soou rouca quando ele disse:

— Porque o Fitz está morto, e ela é tudo o que me resta dele ou do seu pai. E às vezes… — Levantou uma mão endurecida pelo vento e esfregou o rosto. — Às vezes parece que é tudo culpa minha. — A sua voz soou muito baixa ao dizer aquelas palavras. — Nunca devia ter deixado que o tirassem de mim. Quando ele era garoto. Quando quiseram levá-lo para a torre, se eu o tivesse colocado num cavalo atrás de mim e ido até Cavalaria, talvez os dois ainda estivessem vivos. Pensei nisso. Quase o fiz. Ele não queria me deixar, sabe? E eu o obriguei. Quase o levei a Cavalaria. Mas não o fiz. Deixei que ficassem com ele, e eles o usaram.

Senti o tremor que percorreu de súbito Moli. Lágrimas arderam de súbito nos seus olhos. Ela defendeu-se com ira.

— Maldito seja, ele já morreu há meses. Não tente me convencer com lágrimas de bêbado.

— Eu sei — disse Bronco. — Eu sei. Ele está morto. — Subitamente, respirou fundo e endireitou-se, daquela velha maneira familiar. Vi-o dobrar as suas dores e fraquezas e escondê-las bem no fundo de si mesmo. Desejei estender uma mão calmante e colocá-la no seu ombro. Mas isso era realmente eu, e não Moli. Ele voltou-se para a porta, e depois fez uma pausa. — Oh. Tenho uma coisa. — Remexeu dentro da camisa. — Isto era dele. Eu… tirei-o do seu corpo, depois

que ele morreu. Você devia guardá-lo para ela, para que tenha alguma coisa do pai. Ele recebeu isso do Rei Sagaz.

O coração pulou no meu peito quando Bronco estendeu a mão. Ali, na sua palma, estava o meu alfinete, com o rubi aninhado na prata. Moli limitou-se a olhá-lo. Tinha os lábios apertados numa linha horizontal. Ira, ou um controle firme sobre aquilo que sentia. Um controle tão duro que nem mesmo ela sabia de que se escondia. Quando Moli não se moveu na sua direção, Bronco colocou cautelosamente o alfinete na mesa.

Tudo fez sentido para mim de repente. Ele fora até a cabana do pastor, para tentar me encontrar de novo, para me dizer que eu tinha uma filha. Mas o que encontrara? Um corpo em decomposição, provavelmente já pouco mais do que ossos, usando a minha camisa com o alfinete ainda bem preso à lapela. O rapaz Forjado tinha cabelo escuro e tinha mais ou menos a minha altura e idade.

Bronco acreditava que eu estava morto. Real e verdadeiramente morto. E estava de luto por mim.

Bronco. Bronco, por favor, eu não estou morto. Bronco, Bronco!

Agitei-me e me irritei ao redor dele, atingindo-lhe com cada pedaço do meu sentido de Talento, mas, como sempre, não fui capaz de contactá-lo. Acordei de repente, tremendo e agarrado a mim mesmo, sentindo-me um fantasma. Era provável que ele já tivesse ido até Breu. Ambos achavam que eu estava morto. Fui tomado por um pavor estranho com aquele pensamento. Parecia ser o prenúncio de grande azar que todos os amigos de uma pessoa acreditassem que esse alguém estava morto.

Esfreguei suavemente as têmporas, sentindo o início de uma dor de cabeça de Talento. Um momento mais tarde percebi que minhas defesas estavam abaixadas, que eu estivera usando o Talento com toda a força que pudera na direção de Bronco. Ergui as muralhas e então me enrolei, tremendo, no crepúsculo. Vontade não tropeçara daquela vez no meu Talento, mas eu não podia me permitir tanto descuido. Mesmo que os meus amigos achassem que eu estava morto, os meus inimigos sabiam que eu não estava. Eu precisava manter aquelas muralhas erguidas, tinha de jamais correr o risco de deixar que Vontade penetrasse na minha cabeça. Fui assolado pela nova dor de cabeça, mas eu estava cansado demais para me levantar e ir fazer chá. Além do mais, eu não tinha casco-de-elfo, apenas as sementes que ainda não testara da mulher de Vaudefeira. Preferi beber o resto do conhaque de Dardo, e voltei a tentar dormir. No limite da consciência, sonhei com lobos correndo. *Eu sei que você está vivo. Irei até você se precisar de mim. Basta pedir*. O contato era hesitante, mas real.

Agarrei-me àquele pensamento como se fosse uma mão amiga enquanto o sono me reclamava.

Nos dias que se seguiram, caminhei até o Lago Azul. Caminhei através de um vento carregado de areia. O cenário era composto por pedras e cascalho, arbustos crepitantes com folhas coriáceas, plantas suculentas de crescimento lento e folhas grossas e, muito adiante, o grande lago propriamente dito. A princípio, a trilha não passava de uma cicatriz na superfície dura da planície, com os cortes dos cascos e os longos sulcos dos caminhos dos carros desaparecendo no sempre presente vento frio. Porém, à medida que me aproximava mais do lago, a terra foi se tornando gradualmente mais verde e mais amena. A trilha transformou-se em algo mais semelhante a uma estrada. Começou a cair chuva com o vento, uma chuva dura e penetrante que me atravessava a roupa. Nunca me sentia completamente seco.

Tentei evitar o contato com as pessoas que viajavam pela estrada. Não havia maneira de me esconder delas naquela região plana, mas fiz o possível para parecer pouco interessante e desagradável. Mensageiros a galope passaram por mim nessa trilha, alguns na direção do Lago Azul, outros na direção de Vaudefeira. Não pararam por minha causa, mas isso pouco me consolava. Cedo ou tarde, alguém encontraria cinco Guardas Reais insepultos e ficaria curioso com o fato. E a história sobre o modo como o Bastardo fora capturado bem no meio deles seria interessante demais para que Crice ou Esporana deixassem de contá-la. Quanto mais me aproximava do Lago Azul, mais gente havia na estrada, e me atrevi a ter esperança. Misturei-me com os outros viajantes, pois nas ricas terras de pastagem cobertas de capim havia propriedades e até pequenos povoados. Eram visíveis a uma grande distância, a minúscula elevação de uma casa e o fio de fumaça que se erguia de uma chaminé. A terra começou a ter mais umidade e a vegetação rasteira deu lugar a arbustos e árvores. Logo eu estava passando por pomares e depois por pastos com vacas leiteiras, e galinhas esgravatando a terra à beira da estrada. Por fim cheguei à vila que partilhava o nome com o próprio lago.

Do outro lado do Lago Azul havia outra extensão de terra plana, e depois o sopé das montanhas. E mais além, o Reino da Montanha. E em algum lugar para além do Reino da Montanha encontrava-se Veracidade.

Foi um pouco perturbador quando pensei no tempo que levara para chegar até ali a pé e o comparei com a primeira vez em que viajara com uma caravana real para pedir Kettricken como noiva em nome de Veracidade. No litoral, o verão terminara e o vento das tempestades de inverno começara a açoitar a costa.

Mesmo ali, não demoraria até que o duro frio de um inverno do interior capturasse as planícies no abraço das tempestades de neve invernais. Supus que nas Montanhas a neve já tivesse começado a cair nas regiões de maior altitude. Seria profunda antes de eu chegar às Montanhas, e eu não sabia que condições enfrentaria ao penetrar nas grandes altitudes para ir à procura de Veracidade nas terras que se estendiam mais além. Não sabia realmente se ele ainda estaria vivo; gastara muita força para ajudar a me libertar de Majestoso. E, no entanto, o *Venha até mim, venha até mim* parecia ecoar com as batidas do meu coração, e dei por mim marcando passo por esse ritmo. Encontraria Veracidade ou os seus ossos. Mas sabia que não voltaria a pertencer verdadeiramente a mim mesmo até que o fizesse.

A vila de Lago Azul parece maior do que é por se estender tanto. Vi poucas habitações de mais do que um andar. A maioria eram casas baixas e compridas, com mais alas adicionadas à construção à medida que filhos e filhas se casavam e traziam os consortes para casa. Havia abundância de madeira do outro lado do Lago Azul, de modo que as casas mais pobres eram de tijolos de lama, enquanto as dos comerciantes e pescadores veteranos eram de tábuas de cedro com telhados de ripas largas. A maior parte das casas estava pintada de branco, cinza ou azul-claro, o que fazia com que as estruturas parecessem ainda maiores. Muitas tinham janelas com grossos painéis de vidro espiralado. Mas eu passei por elas e me dirigi para onde me sentia sempre mais em casa.

A zona ribeirinha era ao mesmo tempo parecida e diferente da de um porto de mar. Não havia marés altas e baixas contra as quais lutar, só ondas empurradas pelas tempestades, de modo que muito mais casas e edifícios comerciais haviam sido construídos sobre estacas bem dentro do lago propriamente dito. Alguns pescadores podiam amarrar as suas embarcações, literalmente, aos degraus de suas casas, e outros entregavam o pescado a uma porta dos fundos para que o mercador de peixe o pudesse vender pela frente. Parecia estranho cheirar água sem sal ou iodo carregados pelo vento; o cheiro do ar do lago parecia esverdeado e musgoso. As gaivotas eram diferentes, com asas de pontas pretas, mas no resto eram tão gananciosas e ladras como quaisquer gaivotas que eu já vira. Havia também muito mais guardas do que eu gostaria de ter visto. Perambulavam pelas ruas como gatos encurralados na libré dourada e marrom de Vara. Não os olhei nos rostos, nem lhes dei motivo para repararem em mim.

Eu tinha um total de quinze peças de prata e doze de cobre, a soma dos meus fundos com aquilo que Dardo levara na bolsa. Algumas das moedas eram de um estilo que eu não reconhecia, mas o peso parecia certo ao pegá-las. Supus que

seriam aceitas. Eram tudo o que eu tinha para me levar até as Montanhas, e tudo o que tinha para poder levar para casa, para Moli, de modo que eram duplamente valiosas para mim e eu não pretendia me separar de mais do que o necessário. Tampouco eu era tão tolo a ponto de sequer considerar rumar para as Montanhas sem algumas provisões e roupas mais pesadas. Portanto, eu precisava gastar algumas moedas, mas também esperava arranjar uma maneira de ganhar com trabalho a passagem através do Lago Azul, e talvez para além dele.

Em todas as povoações havia sempre áreas mais pobres, e lojas ou carroças onde as pessoas negociavam os bens que outros jogavam fora. Andei por Lago Azul durante algum tempo, permanecendo sempre na zona ribeirinha, onde o comércio parecia mais animado, e acabei por chegar a ruas onde a maior parte das lojas era de tijolos de barro, mesmo quando havia tetos de ripas. Ali encontrei funileiros cautelosos que vendiam vasilhas consertadas e trapeiros com as suas carroças de artigos bem usados e lojas onde era possível comprar louças avulsas e coisas do gênero.

Sabia que dali em diante a minha mochila seria mais pesada, mas não era possível evitá-lo. Uma das primeiras coisas que comprei foi um cesto resistente entrançado com juncos do lago, provido de correias para o pôr no ombro. Enfiei lá dentro a trouxa. Antes de o dia chegar ao fim, eu havia acrescentado umas calças almofadadas, um casaco acolchoado parecido com os que o povo da Montanha usava e um par de botas largas, que eram como suaves meias de couro. Este último artigo tinha cordões de couro para ser bem amarrado às barrigas das minhas pernas. Também comprei umas meias grossas de lã, de cores diferentes, mas muito grossas, para usar por dentro das botas. Noutra carroça comprei um barrete quente de lã e um cachecol. Comprei um par de luvas sem dedos que ficaram grandes demais e que era evidente que tinham sido feitas por uma esposa da Montanha para servir às mãos do marido.

Consegui encontrar casco-de-elfo na minúscula barraca de um herbanário, e assim arranjei para mim uma pequena provisão. Num mercado próximo comprei fatias de peixe seco e defumado, maçãs secas e pães achatados de uma massa muito dura que o vendedor me assegurou que não se estragariam, por maior que fosse a duração da minha viagem.

Em seguida me esforcei para marcar passagem para mim numa barcaça que fosse atravessar o Lago Azul. Na verdade, dirigi-me à praça de emprego do porto, na esperança de trabalhar em troca da travessia. Rapidamente descobri que ninguém estava contratando.

— Olhe, camarada — disse-me com altivez um garoto de treze anos. — Todo

mundo sabe que as grandes barcaças não vão para o lago nesta época do ano, se não houver ouro na coisa. E este ano não há. A bruxa da Montanha fechou todo o comércio com as Montanhas. Nada a levar significa que não há dinheiro que valha o risco. E é assim que as coisas são, nem mais, nem menos. Mas mesmo se o comércio estivesse aberto, você não ia encontrar grande coisa indo de um lado para o outro no inverno. É no verão que as grandes barcaças podem atravessar deste lado para o outro. Mesmo nessa época os ventos podem ser chatos, mas uma boa tripulação pode manejar uma barcaça, à vela e a remo, até lá e de lá para cá. Mas nesta época do ano é uma perda de tempo. As tempestades sopram todos os cinco dias, mais ou menos, e durante o resto do tempo os ventos só sopram numa direção; quando não estão carregados de água, levam gelo e neve. É uma bela época para vir do lado da Montanha para a vila de Lago Azul, se não se importar em ficar molhado e com frio e de passar o tempo todo desprendendo gelo do cordame. Mas você não vai encontrar nenhuma das grandes barcaças de transporte fazendo a travessia daqui para lá até a próxima primavera. Há barcos menores que podem levar gente, mas a passagem neles é cara e só para os que têm coragem. Se embarcar num desses, é porque você está disposto a pagar ouro pela passagem e a pagar com a vida se o seu capitão cometer algum erro. Você não parece ter dinheiro para tal coisa, homem, muito menos para pagar a tarifa do Rei pela viagem.

Ele podia ser um garoto, mas sabia do que falava. Quanto mais escutava, mais ouvia a mesma coisa. A bruxa da Montanha fechara os passos e viajantes inocentes estavam sendo atacados e roubados por salteadores da Montanha. Para o seu próprio bem, os viajantes e os mercadores estavam sendo mandados de volta na fronteira. A guerra era iminente. Isso me enregelou o coração, e me deixou ainda mais convencido de que tinha de alcançar Veracidade. Mas quando insistia em que tinha que chegar às Montanhas, e depressa, era aconselhado a arranjar um modo de obter cinco peças de ouro para a passagem através do lago, e que tivesse boa sorte daí em diante. Numa ocasião, um homem sugeriu que sabia de um empreendimento um tanto ilegal, no qual podia ganhar esse valor num mês, ou menos, se estivesse interessado. Eu não estava. Já tinha dificuldades suficientes com que batalhar.

Venha até mim.

Eu sabia que de algum modo o faria.

Descobri uma estalagem muito barata, em mau estado e cheia de correntes de ar, mas ao menos não cheirava muito a fumo. A clientela não podia comprá-lo. Paguei por uma cama e obtive um catre numa água-furtada aberta acima da sala

comunal. Pelo menos calor também se erguia junto com a fumaça que vinha da lareira, lá embaixo. Pendurando o manto e a roupa numa cadeira ao lado do catre, finalmente consegui secá-los por completo pela primeira vez nos últimos dias. Canções e conversas, tanto barulhentas como calmas, foram um coro constante na minha primeira tentativa de dormir. Não havia privacidade, e eu consegui finalmente o banho quente por que ansiava numa sauna cinco portas mais abaixo. Mas havia um certo prazer fatigado em saber onde iria dormir à noite, mesmo que mal.

Eu não havia planejado, mas aquilo também era uma forma excelente de escutar o que corria à boca pequena em Lago Azul. Na primeira noite que passei ali, aprendi muito mais do que desejava sobre um certo jovem nobre que engravidara não uma, mas duas criadas, e sobre os detalhes íntimos de uma briga de taverna a duas ruas de distância, que deixara Jacó Nariz-Vermelho sem a porção homônima da sua anatomia, que lhe fora arrancada a dentadas por Braçotorto, o Escriba.

Na segunda noite que passei na estalagem, ouvi um boato sobre doze Guardas do Rei terem sido encontrados massacrados por salteadores a meio dia de viagem da Nascente de Jernigão. Na noite seguinte, alguém fizera a ligação e eram contadas histórias sobre os corpos terem sido atacados e comidos por uma fera. Achei bastante provável que carniceiros tivessem encontrado os cadáveres e tivessem se alimentado deles. No entanto, segundo o modo como a história era contada, tratava-se claramente de obra do Bastardo da Manha, o qual se transformara num lobo para escapar dos seus grilhões de ferro frio e caíra sobre o destacamento inteiro à luz de uma lua cheia, para desencadear contra eles a sua violência selvagem. Pelo modo como o contador de histórias me descrevia, tive pouco receio de ser descoberto no meio daqueles homens. Os meus olhos não luziam, vermelhos, à luz da lareira, e as minhas presas não se projetavam para fora da minha boca. Sabia que seriam transmitidas outras descrições de mim, mais prosaicas. O tratamento que Majestoso me dera me deixara com um conjunto singular de cicatrizes que eram difíceis de esconder. Comecei a compreender a dificuldade que Breu tivera em trabalhar com um rosto marcado pela varíola.

A barba que antes eu achara uma irritação agora me parecia natural. Crescia em cachos crespos que me faziam lembrar a de Veracidade e era igualmente teimosa. Os hematomas e cortes que Dardo deixara no rosto já quase haviam desaparecido, embora o ombro ainda me doesse sem descanso no tempo frio. O frio gélido e úmido do ar invernal me enrubescia as bochechas por cima da barba

e, felizmente, tornava a ponta da minha cicatriz menos evidente. O corte no braço já sarara havia muito tempo, mas eu pouco podia fazer quanto ao nariz quebrado. Ele também já não me surpreendia quando o via num espelho. De certa forma, pensava, eu era agora tanto criação de Majestoso quanto de Breu. Breu só me ensinara como matar; Majestoso me transformara num verdadeiro assassino.

Na minha terceira noite na estalagem, ouvi a fofoca que me deixou gelado.

— Era o rei em pessoa, ora se era, e o chefe dos feiticeiros do Talento. Mantos de boa lã com tanta pele no colarinho e no capuz que quase não se conseguia ver as caras deles. Montados em cavalos pretos com selas de ouro, finas como sei lá o quê, e com uma vintena de tipos de marrom e dourado atrás deles. Os guardas limparam a praça toda para que eles passassem. Então eu disse ao sujeito que estava ao meu lado: Ei, que é isto tudo, você sabe? E ele me disse que o Rei Majestoso veio até a vila para ouvir com os seus próprios ouvidos o que a bruxa da Montanha tem andado fazendo conosco, e para pôr fim nisso. E mais. Diz ele que o rei veio em pessoa à procura do Homem Pustulento e do Bastardo Manhoso, que é bem sabido que eles andam de mãos dadas com a bruxa da Montanha.

Ouvi aquilo da boca de um mendigo de olhos ramelosos que ganhara dinheiro suficiente para pagar uma caneca de cidra quente e para bebê-la junto à lareira da estalagem. Aquela fofoca fez com que ganhasse outra rodada, enquanto o seu benfeitor lhe contava mais uma vez mais a história do Bastardo da Manha e de como ele massacrara uma dúzia de Guardas Reais e bebera o sangue deles para alimentar a sua magia. Dei por mim num torvelinho de emoções. Desapontamento por ser evidente que os meus venenos nada tinham feito a Majestoso. Medo de poder ser descoberto por ele. E uma esperança selvagem de ter mais uma chance contra ele antes de encontrar um modo de chegar até Veracidade.

Quase não precisei fazer perguntas. A manhã seguinte foi encontrar Lago Azul numa grande animação com a chegada do rei. Tinham-se passado muitos anos desde que um rei coroado visitara Lago Azul, e todos os mercadores e nobres menores pretendiam aproveitar a visita. Majestoso requisitara a maior e melhor das estalagens da vila, ordenando despreocupadamente que todos os quartos fossem esvaziados para si e para a sua comitiva. Ouvi rumores que diziam que o estalajadeiro estava ao mesmo tempo lisonjeado e aterrorizado por ter sido escolhido, pois embora o fato fosse certamente solidificar a reputação da sua estalagem, não houvera menção de uma recompensa, mas apenas uma longa lista

de mantimentos e safras de vinho que o Rei Majestoso esperava que estivessem disponíveis.

Vesti os meus novos trajes de inverno, enfiei o barrete de lã até as orelhas e saí. A estalagem foi encontrada com facilidade. Nenhuma outra estalagem em Lago Azul tinha três andares de altura, e nenhuma podia gabar-se de tantas varandas e janelas. As ruas junto da estalagem estavam apinhadas de nobres que tentavam apresentar-se ao Rei Majestoso, muitos deles com filhas atraentes a tiracolo. Acotovelavam-se com menestréis e malabaristas que ofereciam entretenimento, mercadores que traziam amostras dos seus melhores artigos como presentes, bem como aqueles que faziam entregas de carne, cerveja, vinho, pão, queijo e todos os outros alimentos que se pudesse imaginar. Não tentei entrar, mas fiquei principalmente à escuta dos que saíam. O bar estava repleto de guardas, e eram um grupo grosseiro, falando mal da cerveja e das prostitutas locais como se tivessem melhor em Vaudefeira. E o Rei Majestoso não ia conceder audiências naquele dia, não, sentia-se mal depois da viagem apressada e encomendara as melhores reservas de rebentalegre para acalmar as suas queixas. Sim, haveria um jantar naquela noite, uma coisa muito suntuosa, meu caro, para o qual só as mais finas pessoas seriam convidadas. E você o viu, com aquele olho que parecia o de um peixe morto, honestamente me deu arrepios, se eu fosse o rei teria um homem melhor para me aconselhar, com Talento ou sem ele. Era isto o que era dito por uma variedade de pessoas que saíam pela porta da frente ou pela de trás, e eu guardei tudo na memória, tendo também tomado nota de quais janelas da estalagem estavam protegidas com cortinas contra a breve luz do dia. Descansando, é? Eu podia ajudá-lo a fazer isso.

Mas aí encontrei o meu dilema. Algumas semanas antes, eu teria simplesmente entrado sorrateiro na estalagem e teria feito o melhor que pudesse para cravar uma faca no peito de Majestoso, e que se danassem as consequências. Porém, eu agora não só tinha a ordem de Talento de Veracidade me corroendo, mas também a noção de que, se sobrevivesse, havia uma mulher e uma filha à minha espera. Já não estava disposto a trocar a minha vida pela de Majestoso. Daquela vez, iria precisar de um plano.

O ocaso foi me encontrar no telhado da estalagem. Era um telhado de ripas de cedro, muito inclinado, e que ficara muito escorregadio pela geada. A estalagem tinha várias alas, e eu me encontrava na interseção dos íngremes telhados de duas delas, à espera. Sentia-me grato a Majestoso por ter escolhido a maior e melhor das estalagens. Estava bem acima do nível dos edifícios ao redor. Ninguém me veria com um olhar casual; teriam de estar à minha procura.

Mesmo assim, esperei até escurecer por completo antes de ir até o beiral, meio escorregando, meio em descida controlada. Fiquei ali durante algum tempo, acalmando o coração. Não havia nada a que me pudesse agarrar. O telhado tinha um beiral generoso, a fim de proteger a varanda que se abria por baixo. Eu teria de deslizar, de me agarrar com as mãos ao beiral quando passasse por ele e me balançar para dentro, caso quisesse aterrissar na varanda. A alternativa era uma queda de três andares para a rua. Rezei para não aterrissar no parapeito da varanda, coberto de espigões decorativos.

Planejara bem. Sabia quais das divisões eram o quarto de Majestoso e a sua sala de estar, sabia a que horas ele estaria no jantar com os seus convidados. Estudara as fechaduras das portas e janelas em vários edifícios de Lago Azul. Nada encontrara que não me fosse familiar. Arranjara algumas pequenas ferramentas, e uma extensão de corda leve providenciaria a minha fuga. Entraria e sairia sem deixar rastro. Os venenos esperavam na bolsa que eu trazia ao cinto.

Duas sovelas obtidas na loja de um sapateiro algumas horas antes me forneceram apoios para as mãos enquanto eu descia pelo telhado. Enfiava-as não nas ripas duras, mas nos espaços entre elas, para se prenderem nas ripas que estavam por baixo. Fiquei mais nervoso nos momentos em que parte do meu corpo pendeu do telhado, sem conseguir ver o que estava acontecendo lá embaixo. No momento crucial, balancei algumas vezes as pernas para ganhar impulso e me preparei para soltar.

Armadilh-armadilha.

Imobilizei-me no local onde me encontrava, com as pernas enroladas abaixo do telhado, enquanto me agarrava às duas sovelas enfiadas entre as ripas. Nem sequer respirei. Não era Olhos-de-Noite.

Não. Furão Pequeno. Armadilh-armadilha. Vá embora. Armadilh-armadilha.

É uma armadilha?

Armadilh-armadilha para Fitz-Lobo. Sangue Antigo sabe, disse Furão Grande, vá com, vá com, avise Fitz-Lobo. Rolfe-Urso conhecia o seu cheiro. Armadilh-armadilha. Vá embora.

Quase gritei quando um pequeno corpo quente bateu subitamente na minha perna e correu pela minha roupa acima. Um momento depois, um furão empurrou a sua cara bigoduda contra a minha. *Armadilh-armadilha*, insistiu. *Vá embora, vá embora.*

Puxar de novo o meu corpo para cima do telhado foi mais difícil do que baixá-lo. Passei por um mau momento quando o cinto se prendeu na borda das ripas. Após algumas contorções, consegui me libertar e, lentamente, voltei a deslizar

para o telhado. Fiquei imóvel por um momento, recuperando o fôlego, enquanto o furão se sentava entre os meus ombros, explicando repetidas vezes. *Armadilh-armadilha*. Ele possuía uma mente minúscula, ferozmente predatória, e detectei nele uma grande ira. Não teria escolhido para mim um animal de vínculo como aquele, mas alguém escolhera. Alguém que já não existia.

Furão grande ferido até morrer. Diz a Furão Pequeno, vá com, vá com. Leve o cheiro. Avise Fitz-Lobo. Armadilh-armadilha.

Havia tanto que eu queria perguntar. De algum modo, Rolfe Negro intercedera por mim junto ao Sangue Antigo. Desde que eu abandonara Vaudefeira, temera que todos os Manhosos que encontrasse estivessem contra mim. Mas alguém enviara aquela pequena criatura para me avisar. E ela mantivera-se fiel ao seu propósito, apesar de seu parceiro de vínculo estar morto. Tentei descobrir mais com ele, mas não havia muito mais naquela mente pequena. Uma grande dor e indignação perante o falecimento do seu parceiro de vínculo. Uma determinação de me avisar. Nunca ficaria sabendo quem fora Furão Grande, nem como ele descobrira aquele plano ou como o seu animal de vínculo conseguira esconder-se entre as coisas de Vontade. Pois foi esse que ele me mostrou à espera, em silêncio, no quarto abaixo. Um-Olho. O armadilh-armadilha.

Vem comigo?, propus. Apesar de feroz, ele parecia pequeno e solitário. Tocar a sua mente com a minha era como ver o que restava de um animal dividido em dois. A dor afastava tudo da sua mente, menos a determinação. Agora havia apenas lugar para mais uma coisa.

Não. Vá com, vá com. Esconda-se nas coisas de Um-Olho. Avise Fitz-Lobo. Vá com, vá com. Descubra Odiador de Sangue Antigo. Escond-esconde. Espera-espera. Odiador de Sangue Antigo dorme, Furão Pequeno mata.

Era um animal pequeno, com uma mente pequena. Mas uma imagem de Majestoso, o Odiador de Sangue Antigo, estava fixa nessa mente simples. Perguntei a mim mesmo quanto tempo Furão Grande levara para implantar aquela ideia com firmeza suficiente para que ele a transportasse durante semanas. Então compreendi. Um último desejo. A pequena criatura fora quase enlouquecida pela morte do seu humano de vínculo. Aquela fora a última mensagem que Furão Grande lhe dirigira. Parecia uma incumbência inútil para um animal tão pequeno.

Venha comigo, sugeri eu com suavidade. *Como pode Furão Pequeno matar Odiador de Sangue Antigo?*

Num piscar de olhos, ele saltou sobre a minha garganta. Cheguei de fato a sentir os dentes aguçados prendendo-se à veia da garganta. *Corta-corta quando*

ele dorme. Beber sangue dele como coelho. Já não há Furão Grande, já não há buracos, já não há coelhos. Só Odiador de Sangue Antigo. Corta-corta. Largou a minha jugular e enfiou-se subitamente no interior da minha camisa. *Quente*. Senti as suas pequenas patas providas de garras geladas na minha pele.

Eu tinha uma fatia de carne seca no bolso. Deitei-me no telhado e a dei ao meu colega assassino. Eu o teria persuadido a vir comigo, se pudesse, mas senti que ele era capaz de mudar de ideias tanto quanto eu de conseguir me recusar a ir até Veracidade. Era tudo o que lhe restava de Furão Grande. Dor, e um sonho de vingança. *Esconde-esconde. Vá com, vá com o Um-Olho. Cheire Odiador de Sangue Antigo. Espere até ele dormir. Depois, corta-corta. Beba o sangue dele como o de um coelho.*

Sim-sim. Minha caçada. Armadilh-armadilha Fitz-Lobo. Vá embora, vá embora.

Segui o seu conselho. Alguém dera muito para me enviar aquele mensageiro. De qualquer forma, eu não desejava confrontar Vontade. Por mais que quisesse matá-lo, sabia agora que não era seu igual no Talento. E também não queria estragar a oportunidade de Furão Pequeno. Há uma espécie de honra entre assassinos. Reconfortava-me o coração saber que não era o único inimigo de Majestoso. Silencioso como a escuridão, percorri o telhado da estalagem e depois desci para a rua perto do estábulo.

Regressei à minha estalagem arruinada, paguei o meu cobre e ocupei um lugar numa mesa feita de tábuas ao lado de outros dois homens. Comemos o prato de batatas e cebolas que a estalagem servia. Quando uma mão caiu sobre o meu ombro, não me sobressaltei, antes estremeci. Já sabia que havia alguém atrás de mim; não esperara que ele me tocasse. A minha mão dirigiu-se furtivamente à faca que trazia ao cinto enquanto me virava no banco para encará-lo. Os meus companheiros de mesa continuaram a comer, um deles ruidosamente. Ninguém naquela estalagem mostrava interesse por outra vida que não a sua.

Ergui os olhos para o rosto sorridente de Esporana e meu estômago se revirou.

— Tom! — cumprimentou-me ela com jovialidade, e ocupou um lugar à mesa ao meu lado. O homem que estava ali cedeu o lugar sem palavra, raspando a tigela enquanto a arrastava ao longo da tábua manchada da mesa. Passado um momento, tirei a mão da faca e voltei a colocá-la na borda da mesa. Esporana fez um pequeno aceno ao ver esse gesto. Usava um manto preto de lã boa e grossa, ornamentado com bordados amarelos. Pequenas argolas de prata agora pendiam de suas orelhas. Estava muito mais contente consigo mesmo do que seria do meu agrado. Eu nada disse, apenas a olhei. Ela indicou a minha tigela com um

pequeno gesto.

— Por favor, continue comendo. Eu não queria perturbar a sua refeição. Você parece precisar dela. Rações curtas, nos últimos tempos?

— Um pouco — respondi em voz baixa. Quando ela nada mais disse, acabei a sopa, limpando a tigela de madeira com os últimos pedaços do pão de má qualidade que viera com ela. A essa altura Esporana já atraíra a atenção de uma criada, que nos trouxe duas canecas de cerveja. Bebeu um longo trago da sua, fez uma careta e voltou a colocá-la na mesa. Beberiquei a minha e não a achei pior ao paladar do que a água do lago, que era a alternativa.

— Então? — disse por fim depois de ela continuar sem falar. — O que você quer?

Ela deu um sorriso afável, brincando com a asa da caneca.

— Você sabe o que eu quero. Quero uma canção, uma canção que viva mais do que eu. — Olhou em redor, demorando-se especialmente no homem que continuava chupando ruidosamente a sopa. — Tem um quarto? — perguntou-me.

Sacudi a cabeça.

— Tenho um catre no sótão. E não tenho canções para você, Esporana.

Ela encolheu os ombros, um movimento minúsculo.

— Não tenho canções para você no momento, mas tenho notícias que iriam lhe interessar. E tenho um quarto. Numa estalagem a alguma distância daqui. Venha comigo até lá, e depois falaremos. Havia um belo pedaço de porco assando no fogo da lareira quando saí. Quando chegarmos lá, é provável que já esteja pronta.

Todos os meus sentidos se avivaram com a menção de carne. Consegui cheirá-la, quase consegui sentir seu gosto.

— Não tenho dinheiro para isso — disse-lhe sem rodeios.

— Eu tenho — ofereceu ela com suavidade. — Vá buscar as suas coisas. Também dividirei o quarto.

— E se eu recusar? — perguntei em voz baixa.

De novo ela fez aquele minúsculo movimento de encolher ombros.

— A opção é sua. — Devolveu-me o olhar sem expressão. Não consegui decidir se havia ameaça no seu pequeno sorriso ou não.

Passado algum tempo, levantei-me e fui até o sótão. Quando regressei, trazia as minhas coisas. Esporana me esperava no pé da escada.

— Belo manto — observou, com ironia. — Não o vi em algum lugar antes?

— Talvez tenha visto — respondi em voz baixa. — Gostaria de ver a faca que

o acompanha?

Esporana apenas deu um sorriso mais largo e fez um pequeno gesto de defesa com as mãos. Virou-se e afastou-se, sem olhar para trás para ver se eu a seguia. Mais uma vez havia aquela curiosa mistura de confiança em mim e desafio. Segui atrás dela.

Lá fora era o início da noite. O vento penetrante que soprava pelas ruas estava cheio da umidade do lago. Embora não estivesse chovendo, senti a umidade condensando na minha roupa e na pele. Meu ombro começou imediatamente a doer. Não havia archotes de rua que ainda ardessem; a pouca luz que havia escapava de folhas das janelas e soleiras das portas. Mas Esporana caminhava com segurança e confiança, e eu a segui, com os olhos ajustando-se rapidamente à escuridão.

Ela me levou para longe da zona ribeirinha, para longe dos bairros mais pobres da vila, até as ruas comerciais e as estalagens que serviam os negociantes da vila. Não ficava muito longe da estalagem onde o Rei Majestoso não estava realmente alojado. Abriu a porta de uma estalagem decorada com a cabeça de um javali dotado de presas, e me fez um aceno com a cabeça para que a precedesse. Foi o que fiz, mas com cautela, olhando bem em volta antes de entrar. Mesmo depois de não ver guardas, continuei sem saber se estaria enfiando a cabeça numa cilada ou não.

A estalagem era bem iluminada e quente, com vidro e folhas nas janelas. As mesas eram limpas, o junco no chão quase fresco, e o cheiro de porco assando enchia o ar. Um criado passou por nós com uma bandeja repleta de canecas cheias até a borda, olhou para mim, ergueu uma sobrancelha para Esporana, num óbvio questionamento do gosto dela para homens. Esporana respondeu com uma larga mesura, e nisso tirou o manto úmido. Imitei-a mais lentamente, e então a segui quando ela me levou para uma mesa próxima da lareira.

Sentou-se, e depois olhou para mim. Estava confiante de me ter na mão.

— Vamos comer antes de conversarmos, sim? — convidou-me em tom cativante, e indicou a cadeira à sua frente. Ocupei o lugar que me era oferecido, mas virei a cadeira de modo a ficar com as costas viradas para a parede e poder ver toda a sala. Um pequeno sorriso torceu-se na boca de Esporana e os seus olhos escuros dançaram. — Não tem nada a temer de mim, garanto. Pelo contrário, sou eu que me arrisco ao procurá-lo.

Olhou em volta, então gritou a um rapaz chamado Carvalho que queríamos duas travessas de porco assado, um pouco de pão fresco e manteiga, e vinho de maçãs para acompanhar. Ele apressou-se a ir buscar o pedido, e colocou-o na

mesa com um encanto e graça que anunciava o seu interesse por Esporana. Tagarelou um pouco com ela; prestou muito pouca atenção em mim, exceto para fazer uma cara de desagrado quando deu a volta no meu cesto molhado. Outro freguês o chamou, e Esporana atacou o prato com apetite. Após um momento, provei o meu. Eu não comia carne fresca há vários dias, e a gordura quente e crepitante do porco quase me deixou tonto com o sabor. O pão era aromático, a manteiga doce. Não saboreava comida tão boa desde Torre do Cervo. Durante um segundo, o meu apetite foi tudo em que pensei. Mas então o sabor do vinho de maçã me trouxe à memória Rurisk e o modo como ele morrera de vinho envenenado. Voltei a pôr o cálice na mesa com cautela e me lembrei da prudência.

— Bom. Você disse que me procurou?

Esporana assentiu enquanto mastigava. Engoliu, limpou a boca e acrescentou:

— E você não foi fácil de encontrar, pois não andei perguntando por aí se havia notícias suas. Apenas procurei com os meus olhinhos. Espero que estime isso.

Dei um meio aceno.

— E agora que me encontrou? O que quer de mim? Um suborno pelo seu silêncio? Se for isso, terá de se contentar com alguns cobres.

— Não. — Bebeu um gole de vinho e inclinou a cabeça para olhar para mim. — É como lhe disse. Quero uma canção. Parece-me que já perdi uma, por não segui-lo quando foi… afastado da nossa companhia. Embora espere que me favoreça com os detalhes exatos sobre como sobreviveu. — Inclinou-se para frente, baixando o poder da sua voz treinada para um murmúrio confidencial. — Não há maneira de lhe dizer a excitação que foi para mim quando ouvi que haviam encontrado aqueles seis guardas mortos. Eu pensei que havia me enganado ao seu respeito, entende? Realmente acreditei que eles tinham levado o pobre Tom, o pastor, como bode expiatório. O filho de Cavalaria, eu disse a mim mesma, nunca seria levado de forma tão tranquila. Então o deixei ir e não o segui. Mas quando ouvi as novidades, um arrepio me percorreu a espinha e fiquei com todos os pelos do corpo eriçados. “Era ele”, repreendi-me. “O Bastardo estava lá e eu o vi ser levado sem mexer um dedo”. Não pode imaginar como me amaldiçoei por duvidar dos meus instintos. Mas então decidi: bem, se sobrevivesse, você ainda viria até aqui. Você está a caminho das Montanhas, não é?

Apenas olhei para ela, um olhar firme que teria feito qualquer cavalariço de Torre do Cervo correr e tirado o sorriso do rosto de um guarda de Cervo. Mas

Esporana era uma menestrel. Cantores de canções nunca se deixam desconcertar facilmente. Ela prosseguiu com a refeição, esperando minha resposta.

— Por que eu iria para as Montanhas? — perguntei-lhe em voz baixa.

Ela engoliu, bebeu um gole de vinho e depois sorriu.

— Não sei por quê. Para correr em auxílio de Kettricken, talvez? Qualquer que seja o motivo, suspeito que haverá nele uma canção, não acha?

Um ano antes, o encanto e sorriso dela poderiam ter me conquistado. Um ano antes, eu teria desejado acreditar naquela mulher cativante, a teria desejado como amiga. Agora, ela apenas me cansava. Era um estorvo, uma ligação a evitar. Não respondi à sua pergunta. Limitei-me a dizer:

— É uma época insensata para sequer pensar em ir para as Montanhas. Os ventos estão contra a viagem; não haverá travessias de barcaças até a primavera; e o Rei Majestoso proibiu viagens e comércio entre os Seis Ducados e as Montanhas. Ninguém vai para as Montanhas.

Ela concordou com a cabeça.

— Ouvi dizer que os guardas do rei pressionaram duas barcaças e as suas tripulações há uma semana, e as forçaram a tentar a viagem. Os corpos de pelo menos uma das barcaças vieram dar à costa. Homens e cavalos. Ninguém sabe se os outros soldados conseguiram atravessar ou não. Mas — sorriu com satisfação e aproximou-se mais de mim enquanto abaixava a voz — eu conheço um grupo que mesmo assim vai para as Montanhas.

— Quem? — perguntei.

Ela me obrigou a esperar um momento.

— Contrabandistas. — Proferiu a palavra em voz muito baixa.

— Contrabandistas? — perguntei eu com cautela. Fazia sentido. Quanto mais apertadas eram as restrições ao comércio, mais lucrativo ele se tornava para quem conseguia fazê-lo. Sempre haveria homens dispostos a arriscar a vida pelo lucro.

— Sim. Mas não foi realmente por isso que o procurei. Fitz, você deve ter ouvido dizer que o Rei Majestoso veio a Lago Azul. Mas é tudo mentira, uma armadilha para atrair você. Não deve ir lá.

— Já sabia — disse-lhe calmamente.

— Como? — perguntou. Falou em voz baixa, mas consegui perceber como estava aborrecida por eu saber daquilo antes de ela me contar.

— Talvez um passarinho tenha me contado — respondi com altivez. — Sabe como é, nós, os Manhosos, falamos as línguas de todos os animais.

— É verdade? — perguntou ela, crédula como uma criança.

Ergui uma sobrancelha a ela.

— Seria mais interessante para mim saber como foi que você soube.

— Eles nos procuraram para nos interrogar. Todos os que conseguiram encontrar da caravana de Guida.

— E?

— E contamos cada história! De acordo com Crice, várias ovelhas foram perdidas ao longo do caminho, levadas à noite sem qualquer som. E quando Tassina contou sobre a noite em que você tentou estuprá-la, disse que foi só então que reparou que as suas unhas eram pretas como as garras de um lobo, e que os seus olhos brilhavam na escuridão.

— Eu nunca tentei estuprá-la! — exclamei, e depois me calei quando o criado se virou para nós com uma expressão inquisitiva.

Esporana recostou-se na cadeira.

— Mas isso deu uma história tão boa que quase me trouxe lágrimas aos olhos. Ela mostrou ao feiticeiro de Talento a marca na bochecha onde você a arranhou com as garras, e disse que nunca teria escapado de você se não fosse o acônito que por acaso crescia por ali.

— Parece-me que você devia andar atrás de Tassina se está à procura de uma canção — murmurei com repugnância.

— Oh, mas a história que eu contei foi ainda melhor — começou, e então sacudiu a cabeça ao criado que se aproximava. Afastou o prato vazio e olhou ao redor sala. Estava começando a encher-se com os clientes da noite. — Tenho um quarto lá em cima — convidou-me. — Podemos conversar lá com mais privacidade.

Aquela segunda refeição finalmente me enchera a barriga. E eu estava quente. Devia ter me sentido cauteloso, mas a comida e o calor estavam me deixando sonolento. Tentei concentrar os pensamentos. Quem quer que fossem esses contrabandistas, eles ofereciam a esperança de chegar às Montanhas. A única esperança que obtivera nos últimos tempos. Fiz um pequeno aceno. Ela levantou-se e eu a segui com o meu cesto.

O quarto era limpo e estava quente. Havia um colchão de penas na cama, com cobertores limpos de lã por cima. Um jarro de água de cerâmica e uma bacia para lavagens repousavam numa mesinha ao lado da cama. Esporana acendeu várias velas no quarto, empurrando as sombras para os cantos. Depois me fez um gesto para entrar. Enquanto trancava a porta atrás de nós, sentei-me na cadeira. Era estranho como um quarto simples e limpo podia agora me parecer tamanho luxo. Esporana sentou-se na cama.

— Pensei que você havia dito que não tinha mais dinheiro do que eu — comentei.

— E não tinha, naquele momento. Mas, desde que cheguei a Lago Azul, tenho sido muito requisitada. Ainda mais desde que os corpos dos guardas foram encontrados.

— Por quê? — perguntei-lhe com frieza.

— Sou uma menestrel — retorquiu. — E estava presente quando o Bastardo da Manha foi capturado. Acha que não consigo contar essa história bem o suficiente para valer uma moeda ou duas?

— Ah. Entendo. — Ponderei o que me contara, e então perguntei: — Então, devo os meus brilhantes olhos vermelhos e presas às suas histórias?

Ela bufou de desdém.

— Claro que não. Foi um baladeiro de rua qualquer que inventou isso. — Depois parou, e quase sorriu para si mesma. — Mas admito alguns adornos. Segundo o modo como eu conto a história, o Bastardo de Cavalaria era robustamente musculoso e lutou como um cervo, um jovem no melhor dos seus anos, apesar do fato de o seu braço direito ainda ostentar as violentas marcas da espada do Rei Majestoso. E por cima do olho esquerdo tem uma madeixa branca tão larga como a mão de um homem. Foram precisos três guardas só para prendê-lo, e ele não parou de lutar, mesmo quando o líder dos guardas lhe bateu com tanta força que fez saltar da sua boca os dentes da frente. — Fez uma pausa e aguardou. Quando eu nada disse, pigarreou. — Podia me agradecer por tornar um pouco menos provável que as pessoas o reconheçam na rua.

— Obrigado. Suponho. Como Crice e Tassina reagiram a isso?

— Concordaram o tempo todo com a cabeça. A minha história só tornou as deles melhores, entende?

— Entendo. Mas você ainda não me disse como ficou sabendo que era uma armadilha.

— Eles nos ofereceram dinheiro por você. Perguntaram se algum de nós tinha tido notícias de você. Crice quis saber quanto. Tínhamos sido levados à sala de estar do próprio rei para aquele interrogatório. Para fazer com que nos sentíssemos mais importantes, suponho. Eles nos disseram que o rei se sentia doente após a sua longa viagem, e que estava descansando no quarto ao lado. Enquanto estivemos lá, um criado saiu, trazendo o manto do rei e as suas botas para serem limpos de lama. — Esporana me deu um pequeno sorriso. — As botas eram gigantescas.

— E você conhece o tamanho dos pés do Rei Majestoso? — Eu sabia que ela

tinha razão. Majestoso tinha mãos e pés pequenos, e tinha mais vaidade deles do que muitas damas da corte.

— Nunca fui à corte. Mas alguns de melhor nascimento no nosso castelo haviam estado em Torre do Cervo em algumas ocasiões. Falavam muito do jovem príncipe bonito, das suas boas maneiras e cabelo escuro e encaracolado. E dos seus pés pequenos e de como ele dançava tão bem com eles. — Sacudiu a cabeça. — Compreendi que não era o Rei Majestoso que estava naquele quarto. O resto foi fácil de deduzir. Eles tinham vindo a Lago Azul depressa demais após a morte dos guardas. Vinham à sua procura.

— Talvez — concedi. Estava começando a ter boa opinião da inteligência de Esporana. — Fale-me mais dos contrabandistas. Como foi que ouviu falar deles?

Ela sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Se você fizer um acordo com eles, será através de mim. E eu farei parte desse acordo.

— Como eles entram nas Montanhas? — perguntei.

Ela me olhou.

— Se fosse um contrabandista, você contaria às outras pessoas o caminho que usaria? — Então encolheu os ombros. — Ouvi fofocas que diziam que os contrabandistas têm um modo de atravessar o rio. Um modo antigo. Eu sei que antigamente havia uma rota comercial que subia o rio e depois o atravessava. Deixou de ser apreciada quando o rio se tornou tão imprevisível. Desde os grandes incêndios, anos atrás, o rio tem cheias todos os anos. E quando enche, muda de curso, de modo que os mercadores regulares passaram a depender mais de barcos do que de uma ponte que pode estar intacta ou não. — Fez uma pausa para roer brevemente uma unha. — Acho que houve uma época em que havia uma ponte a alguma distância rio acima, mas depois de o rio levá-la pelo quarto ano consecutivo, ninguém teve ânimo para reconstruí-la. Houve outra pessoa que me contou que no verão há uma jangada movida por cordas, e que costumavam atravessar sobre o gelo, no inverno. Nos anos em que o rio congela. Talvez tenham esperança de que o rio congele este ano. O que eu penso é que quando o comércio é interrompido em um lugar, começa em outro. Haverá um modo de fazer a travessia.

Franzi o cenho.

— Não. Precisa haver outro modo de chegar às Montanhas.

Esporana pareceu levemente insultada por eu duvidar dela.

— Pergunte por aí, se preferir. Pode gostar de esperar com a Guarda Real que anda se pavoneando pela zona ribeirinha. Mas a maior parte das pessoas vai lhe

dizer para esperar pela primavera. Alguns lhe dirão que, se quiser chegar lá no inverno, não parta daqui. Poderia ir para sul, contornando todo o Lago Azul. A partir daí, imagino que haja várias rotas comerciais até as Montanhas, mesmo no inverno.

— Quando eu conseguisse fazer isso, já seria primavera. Conseguiria chegar às Montanhas com igual velocidade esperando aqui.

— Isso foi outra coisa que me disseram — concordou Esporana, muito satisfeita consigo mesma.

Inclinei-me para frente e coloquei a cabeça nas mãos. *Venha até mim*.

— Não há maneiras próximas e fáceis de atravessar aquele maldito lago?

— Não. Se houvesse uma maneira fácil de atravessar, não haveria guardas ainda infestando o porto inteiro.

Parecia não haver alternativa para mim.

— Onde encontrarei esses contrabandistas?

Esporana deu um largo sorriso.

— Amanhã eu o levo a eles — prometeu. Levantou-se e espreguiçou-se. — Mas esta noite tenho de ir até o Alfinete Dourado. Ainda não cantei lá as minhas canções, mas ontem fui convidada. Ouvi dizer que os clientes deles podem ser bastante generosos com menestréis de viagem. — Abaixou-se para apanhar a harpa bem enrolada. Levantei-me enquanto ela pegava o seu manto ainda úmido.

— Também preciso ir andando — eu disse de um modo educado.

— Por que não dorme aqui? — sugeriu ela. — Há menos chances de ser reconhecido e muito menos bichos neste quarto. — Um sorriso lhe torceu o canto da boca quando olhou para o meu rosto hesitante. — Se eu quisesse vendê-lo à Guarda Real, eu já poderia ter feito isso. Sozinho como está, FitzCavalaria, é melhor decidir confiar em alguém.

Quando ela me chamou pelo meu nome, foi como se algo se torcesse dentro de mim. E no entanto… — Por quê? — perguntei-lhe em voz baixa. — Por que me ajuda? E não me diga que é a esperança de uma canção que pode nunca existir.

— Isso mostra como você compreende mal os menestréis — disse ela. — Não há atração mais poderosa para nós do que essa. Mas suponho que haja mais do que isso. Não. Sei que há. — Levantou o olhar para mim, olhando-me diretamente nos olhos. — Eu tinha um irmão mais novo. Gaio. Era um guarda, estacionado na Torre da Ilha da Armação. Viu você lutar no dia em que os Salteadores atacaram. — Deu uma gargalhada breve. — Na verdade, você passou por cima dele. Você enfiou o machado no homem que tinha acabado de derrubá-lo. E penetrou mais profundamente na batalha sem sequer lançar um

olhar a ele. — Ela me olhou pelo canto do olho. — É por isso que canto “O Ataque da Torre da Armação” de uma forma um pouco diferente da de todos os outros menestréis. Ele me contou a batalha, e eu canto você como ele o viu. Um herói. Você salvou a vida dele.

Afastou abruptamente os olhos de mim.

— Pelo menos por algum tempo. Morreu mais tarde, combatendo por Cervo. Porém, durante algum tempo, ele viveu por causa do seu machado. — Parou de falar e colocou o manto sobre os ombros. — Fique aqui — disse-me. — Descanse. Só voltarei muito tarde. Pode ficar com a cama até que eu volte, se quiser.

Saiu depressa porta afora sem esperar resposta. Fiquei algum tempo imóvel, fitando a porta fechada. FitzCavalaria. Herói. Apenas palavras. Mas era como se ela tivesse trespassado algo dentro de mim com uma lança, como se tivesse me esvaziado de um veneno qualquer, e agora eu pudesse sarar. Foi a mais estranha das sensações. Durma um pouco, aconselhei a mim mesmo. Sentia realmente que podia fazê-lo.

CAPÍTULO 14

Contrabandistas

Há poucos espíritos tão livres quanto os dos menestréis itinerantes, pelo menos no interior dos Seis Ducados. Se um menestrel tiver talento suficiente, pode esperar que quase todas as regras de conduta sejam suspensas para ele. Eles têm permissão para fazer as perguntas mais indiscretas como parte normal do seu ofício. Quase sem exceção, um menestrel pode confiar na hospitalidade em qualquer lugar, da mesa do próprio rei ao casebre mais modesto. Raramente se casam na juventude, embora não seja incomum que tenham filhos. Esses filhos estão livres do estigma dos outros bastardos, e é frequente que eles mesmos sejam educados em castelos para se tornarem também menestréis. Espera-se dos menestréis que se associem tanto a foras-da-lei e rebeldes como a nobres e mercadores. Eles transportam mensagens, trazem notícias e guardam nas suas longas memórias muitos acordos e promessas. Pelo menos assim é em tempos de paz e abundância.



Esporana chegou tão tarde que Bronco teria encarado a hora como o início da manhã. Eu acordei no instante em que ela tocou na fechadura. Rolei rapidamente para fora da cama quando ela entrou, então me enrolei bem no manto e me deitei no chão.

— FitzCavalaria — cumprimentou-me ela numa voz pouco nítida, e senti o cheiro a vinho no seu hálito. Despiu o manto úmido, olhou-me de soslaio e estendeu-o por cima de mim como mais uma coberta. Fechei os olhos.

Ela deixou cair o resto da roupa no chão atrás de mim com uma bela indiferença pela minha presença. Ouvi a cama cedendo quando se atirou em cima dela.

— Hum. Ainda está quente — murmurou, aconchegando-se nos lençóis e almofadas. — Sinto-me culpada por pegar o seu lugar quente.

A sua culpa não podia ser muito intensa, visto que bastaram alguns momentos para a sua respiração se tornar profunda e regular. Segui o seu exemplo.

Acordei muito cedo e saí da estalagem. Esporana não se moveu quando deixei o seu quarto. Caminhei até encontrar uma casa de banhos. Os banhos estavam quase desertos àquela hora; tive de esperar que a primeira água do dia fosse aquecida. Quando ficou pronta, despi-me e me enfiei com cautela na banheira. Aliviei a dor do ombro na profunda água quente. Então me recostei na banheira, no silêncio e no pensamento.

Não me agradava abordar os contrabandistas. Não me agradava me ligar a Esporana. Não via nenhuma alternativa. Não conseguia imaginar um modo de suborná-los para me levarem. Tinha muito pouco dinheiro. O brinco de Bronco? Recusei-me a pensar em tal coisa. Durante muito tempo permaneci submerso na água até o queixo e me recusei a pensar em tal coisa. *Venha até mim*. Encontraria outra maneira, jurei a mim mesmo. Encontraria. Pensei no que sentira em Vaudefeira quando Veracidade interviera para me salvar. A explosão de Talento deixara Veracidade sem reservas. Não conhecia a sua situação, sabia apenas que ele não hesitara em gastar tudo o que tinha por mim. E se tivesse de escolher entre me separar do brinco de Bronco e ir até Veracidade, escolheria Veracidade. Não porque ele me convocara através do Talento, nem mesmo pelo juramento que fizera ao seu pai. Por Veracidade.

Levantei-me e deixei que a água escorresse. Sequei-me, passei alguns minutos tentando aparar a barba, desisti, resignando-me ao trabalho mal feito, e regressei à Cabeça do Javali. Tive um momento ruim a caminho da estalagem. Um carro passou por mim enquanto eu caminhava, o carro de Vale, o titereiro, nem mais, nem menos. Continuei caminhando a passo rápido e o jovem empregado que conduzia o carro não deu sinal de ter reparado em mim. Apesar disso, senti-me feliz quando cheguei à estalagem e entrei.

Encontrei uma mesa de canto perto da lareira e pedi ao criado um bule de chá e um pão matinal. Este revelou-se uma confecção de Vara, cheia de sementes, nozes e pedaços de fruta. Comi lentamente, esperando que Esporana descesse. Estava ao mesmo tempo impaciente por ir ao encontro dos tais contrabandistas e relutante em me colocar em poder de Esporana. Enquanto as horas da manhã se arrastavam, apanhei por duas vezes o criado me olhando estranhamente. Da terceira vez que o vi olhando, fitei-o também até que ele corou de súbito e afastou os olhos. Adivinhei então a razão do seu interesse. Eu passara a noite no quarto de Esporana, e ele certamente se perguntava sobre o que a teria possuído para partilhar aposentos com tal vagabundo. Mas mesmo assim foi o suficiente para me deixar desconfortável. De qualquer forma, já se passara metade da manhã. Levantei-me e subi as escadas até a porta de Esporana.

Bati com pouca força e esperei. Mas foi preciso bater uma segunda vez, mais fortemente, para ouvir uma resposta sonolenta. Passado um momento, ela veio até a porta, abriu uma fresta e então bocejou para mim e fez sinal para que eu entrasse. Ela vestia apenas as perneiras e uma túnica grande demais que acabara de colocar. Tinha o cabelo cacheado todo desgrenhado em volta do rosto. Sentou-se pesadamente na borda da cama, piscando enquanto eu fechava e trancava a porta atrás de mim.

— Oh, você tomou um banho — cumprimentou-me, e bocejou de novo.

— Nota-se tanto assim? — perguntei-lhe, irritado.

Ela fez um aceno afável.

— Acordei uma vez e pensei que você tinha simplesmente me deixado aqui. Mas não me preocupei. Sabia que não conseguiria encontrá-los sem mim. — Esfregou os olhos, e então me olhou de uma forma mais crítica. — O que aconteceu à sua barba?

— Tentei apará-la. Sem muito sucesso.

Ela fez um aceno de concordância.

— Mas a ideia foi boa — disse num tom reconfortante. — Poderia fazer com que parecesse menos selvagem. E pode evitar que Crice, Tassina ou qualquer outro dos membros da nossa caravana o reconheçam. Venha cá. Eu vou ajudar. Sente-se naquela cadeira. Oh, e abra a janela, deixe alguma luz entrar aqui.

Fiz o que ela sugeriu, sem muito entusiasmo. Ela levantou-se da cama, espreguiçou-se e esfregou os olhos. Ficou alguns momentos salpicando o rosto de água, então arrumou o cabelo, forçando-o a ficar no lugar e o prendeu com um par de pentes pequenos. Passou um cinto pela túnica para lhe dar forma, então calçou as botas e as amarrou. Num tempo notavelmente curto, estava apresentável. Então veio até mim e, segurando o meu queixo, virou minha cabeça para a luz, de um lado para o outro, sem sombra de timidez. Não consegui ser tão descontraído como ela.

— Você sempre cora assim tão facilmente? — perguntou-me com uma gargalhada. — É raro ver um homem de Cervo capaz de ficar tão vermelho. Suponho que a sua mãe deve ter tido uma pele clara.

Não consegui imaginar resposta para aquilo, de modo que fiquei em silêncio enquanto ela vasculhava a sua trouxa e tirava de lá uma pequena tesoura. Trabalhou rápida e habilmente.

— Eu costumava cortar o cabelo do meu irmão — disse-me enquanto trabalhava. — E o cabelo e a barba do meu pai, depois que a minha mãe morreu. O seu queixo tem uma bela forma debaixo de todo este mato. Que tem feito com

ele? Apenas o deixa crescer como bem entende?

— Suponho que sim — murmurei, nervoso. A tesoura reluzia logo debaixo do meu nariz. Ela fez uma pausa e escovou vivamente meu rosto. Uma quantidade substancial de pelos encaracolados caiu no chão. — Não quero que a cicatriz fique visível — adverti.

— Não ficará — disse ela calmamente. — Mas você terá lábios e uma boca em vez de uma fenda no bigode. Levante o queixo. Isso. Tem alguma lâmina de barbear?

— Só a minha faca — admiti, nervoso.

— Vai ter de servir — disse ela num tom reconfortante. Caminhou até à porta, abriu-a de repente e usou o poderio dos pulmões de um menestrel para berrar ao criado que lhe trouxesse água quente. E chá. E pão e umas fatias de bacon. Quando voltou a entrar no quarto, inclinou a cabeça e me olhou criticamente. — Vamos cortar o seu cabelo também — propôs. — Solte-o.

Movi-me com lentidão para satisfazê-la. Colocou-se atrás de mim, arrancou o lenço da minha cabeça e libertou meu cabelo da tira de couro. Solto, o cabelo caía até os ombros. Esporana pegou o pente e penteou meu cabelo com força para a frente.

— Vejamos — murmurou, enquanto eu cerrava os dentes com aquele pentear rude.

— O que pretende? — perguntei, mas madeixas já estavam caindo no chão. O que quer que ela tivesse decidido estava se transformando rapidamente em realidade. Puxou o cabelo para frente, sobre o meu rosto, e então o cortou logo acima das sobrancelhas, passou algumas vezes o pente no que restou, então o cortou na altura do maxilar. — Agora — disse-me —, você parece um pouco mais com um mercador de Vara. Antes, era evidente que eras cervês. As cores ainda são de Cervo, mas agora você tem cabelo e roupas de Vara. Desde que não fale, as pessoas não saberão ao certo de onde você é. — Pensou por um momento, e em seguida voltou a trabalhar no cabelo acima da minha testa. Passado um momento, vasculhou o quarto e me entregou um espelho. — O branco agora será muito menos percetível.

Ela tinha razão. Aparara a maior parte do cabelo branco e puxara o cabelo negro para a frente, para cair sobre ele. A barba agora me envolvia o rosto. Fiz, de má vontade, um aceno de aprovação. Ouviu-se uma batida na porta.

— Deixe isso aí fora! — gritou Esporana através da porta. Esperou uns momentos, e então foi buscar o seu desjejum e a água quente. Lavou-se e sugeriu que eu afiasse bem a minha faca enquanto ela comia. Foi o que fiz, perguntando

a mim mesmo, enquanto amolava a lâmina, se me sentia lisonjeado ou irritado com a remodelação que ela me fizera. Ela estava começando a me lembrar Paciência. Ainda mastigava quando veio me tirar a faca da mão. Engoliu, e falou.

— Vou dar um pouco mais de forma à sua barba. Mas terá que mantê-la, não vou barbeá-lo todos os dias — avisou. — Agora molhe bem o rosto.

Fiquei substancialmente mais nervoso enquanto ela brandiu a faca, especialmente enquanto trabalhou perto da minha garganta. Mas quando terminou e eu peguei o espelho, fiquei espantado com as mudanças que operara. Definira-me a barba, confinando-a às bochechas e ao maxilar. O cabelo cortado rente que pendia acima da minha testa fazia com que os meus olhos parecessem mais profundos. A cicatriz no rosto continuava visível, mas seguia a linha do bigode e notava-se menos. Passei a mão levemente sobre a barba, satisfeito com a quantidade que fora cortada.

— É uma mudança e tanto — disse-lhe.

— É uma grande melhoria — informou-me. — Duvido que Crice ou Vale o reconheçam agora. Vamos só nos livrar disto. — Juntou os pelos cortados e abriu a janela para atirá-los ao vento. Depois a fechou e limpou as mãos.

— Obrigado — eu disse, acanhado.

— De nada — disse ela. Passou os olhos pelo quarto e soltou um pequeno suspiro. — Vou ter saudades desta cama — disse. Começou a guardar as suas coisas com uma rápida eficiência. Apanhou-me olhando para ela e sorriu. — Quando se é um menestrel itinerante, aprende-se a fazer isso depressa e bem. — Atirou as últimas coisas para o embrulho e o fechou com nós. Colocou-o no ombro. — Espere por mim no pé das escadas dos fundos — ordenou. — Enquanto eu vou pagar a conta.

Fiz o que me pediu, mas esperei muito mais tempo no frio e no vento do que imaginara. Ela acabou aparecendo, de rosto rosado e pronta para o dia. Espreguiçou-se como uma gatinha.

— Por aqui — indicou-me.

Esperara ter de encurtar o passo para que ela me acompanhasse, mas descobri que o fazia com facilidade. Olhou-me de relance enquanto nos afastávamos do setor mercantil da vila e nos dirigíamos aos arredores da zona norte.

— Você parece diferente hoje — informou-me. — E não é só o corte de cabelo. Você se decidiu a respeito de alguma coisa.

— É verdade — concordei.

— Ótimo — disse ela calorosamente, enquanto me dava o braço com

companheirismo. — Espero que seja confiar em mim.

Olhei-a de soslaio e nada disse. Ela riu, mas não largou o meu braço.

Os passadiços de madeira do setor mercantil de Lago Azul desapareceram depressa e caminhamos pela rua, passando por casas que se aninhavam umas contra as outras, como que em busca de abrigo contra o frio. O vento era um constante empurrão gélido contra nós, enquanto caminhávamos por ruas de paralelepípedos que acabaram por dar lugar a estradas de terra batida que passavam por pequenas fazendas. A estrada estava sulcada e lamacenta devido à chuva que caíra nos últimos dias. Naquele, pelo menos, o tempo estava descoberto, mesmo que o vento forte soprasse frio.

— Ainda temos de andar muito? — perguntei-lhe por fim.

— Não tenho certeza. Estou simplesmente seguindo instruções. Preste atenção a três pedras empilhadas à beira da estrada.

— O que você realmente sabe sobre esses contrabandistas? — perguntei.

Ela encolheu os ombros com uma indiferença um pouco excessiva.

— Sei que vão até as Montanhas quando ninguém mais o faz. E sei que levam com eles os peregrinos.

— Peregrinos?

— Ou do que quer que prefira chamá-los. Vão venerar o santuário de Eda no Reino da Montanha. Haviam comprado passagem numa barcaça, ainda no verão. Mas então a Guarda Real requisitou todas as barcaças para uso próprio e fechou as fronteiras com o Reino da Montanha. Os peregrinos estão presos em Lago Azul desde então, tentando arranjar maneira de prosseguir viagem.

Chegamos às três pedras empilhadas e a uma trilha coberta de ervas daninhas que atravessava um pasto pedregoso e cheio de espinheiros, rodeado por uma cerca de pedras e estacas. Alguns cavalos pastavam desconsoladamente. Notei com interesse que eram animais da Montanha, pequenos e com uma pelagem irregular naquela época do ano. Uma pequena casa erguia-se bem longe da estrada. Fora construída com pedras do rio e argamassa, com um telhado de colmo. O pequeno anexo que se erguia atrás combinava com ela. Um fino fio de fumaça escapava da sua chaminé, antes de ser rapidamente dispersado pelo vento. Um homem estava sentado na cerca, talhando alguma coisa. Ergueu os olhos para nos examinar e ficou claro que decidiu que não constituíamos ameaça. Não tentou nos interceptar quando passamos por ele e nos dirigimos à porta da casa. Junto da porta, pombos gordos arrulhavam e andavam de um lado para o outro em um pombal. Esporana bateu na porta, mas a resposta veio de um homem que apareceu vindo de trás da casa. Tinha um áspero cabelo castanho e

olhos azuis, e estava vestido como um fazendeiro. Trazia um balde cheio até a borda de leite morno.

— Quem vocês procuram? — cumprimentou-nos.

— Nico — respondeu Esporana.

— Não conheço nenhum Nico — disse o homem. Abriu a porta e entrou na casa. Esporana o seguiu com ousadia, e eu fui atrás dela com menos confiança. Trazia a espada junto ao flanco. Pus a mão mais perto do cabo, mas não nele. Não queria provocar um desafio.

Dentro da cabana, um fogo de madeira trazida pela corrente ardia na lareira. A maior parte da fumaça subia pela chaminé, mas não toda. Um rapaz e um cabrito malhado dividiam uma pilha de palha que estava num canto. O rapaz nos olhou com uns olhos azuis muito abertos, mas não disse nada. Havia presuntos e flancos fumados pendurados nas vigas. O homem levou o leite para uma mesa onde uma mulher cortava grossas raízes amarelas. Colocou o leite ao lado do trabalho dela e virou-se calmamente para nós.

— Acho que vieram à casa errada. Tentem um pouco mais adiante nesta estrada. Não na próxima casa. Essa é onde mora a Rica. Mas mais adiante, talvez.

— Muito obrigado. Tentaremos. — Esporana deu um largo sorriso a todos e dirigiu-se para a porta. — Você vem, Tom? — perguntou-me. Fiz um aceno agradável às pessoas e a segui. Saímos da casa e seguimos pela alameda. Depois de nos afastarmos bastante, perguntei-lhe:

— E agora?

— Não tenho bem certeza. De acordo com o que ouvi, acho que vamos à casa de Rica e perguntamos por Nico.

— De acordo com o que ouviu?

— Você não acha que eu conheço pessoalmente contrabandistas, acha? Eu estava nos banhos públicos. Duas mulheres conversavam enquanto tomavam banho. Peregrinas a caminho das Montanhas. Uma estava dizendo que podia ser a última chance que tinha de tomar banho durante algum tempo, e a outra dizia que não se importava, desde que finalmente conseguissem sair de Lago Azul. Depois uma disse a outra onde deviam encontrar-se com os contrabandistas.

Eu nada disse. Suponho que a minha expressão falasse por si só, pois Esporana me perguntou, num tom indignado:

— Tem alguma ideia melhor? Isso pode acabar dando certo ou não.

— Pode acabar com as nossas gargantas cortadas.

— Então volte para a vila e veja se consegue fazer melhor.

— Acho que se fizermos isso, o homem que está nos seguindo decidiria que certamente éramos espiões e faria mais do que apenas nos seguir. Vamos até Rica, e ver no que dá. Não, não olhe para trás.

Regressamos à estrada e caminhamos até a fazenda seguinte. O vento tornara-se mais forte e senti nele o sabor da neve. Se não encontrássemos Nico em breve, a caminhada de volta à vila seria longa e fria.

Alguém se importara antigamente com a fazenda seguinte. Outrora houve uma fileira de bétulas brancas em ambos os lados do caminho da entrada. Agora, eram umas árvores quebradiças que mais pareciam espantalhos, com os ramos há muito desfolhados e a casca soltando-se ao vento. Extensos pastos e campos de cultivo haviam sido cercados, mas os animais que havia neles já tinham desaparecido há muito tempo. Os campos cobertos de ervas daninhas estavam sem plantações, e os pastos sedentos cresciam sem restrições.

— O que aconteceu a esta terra? — perguntei enquanto passávamos por aquela desolação.

— Anos de seca. Depois, um verão de fogo. Para além destas fazendas, as margens do rio costumam ser cobertas de carvalhais pouco densos e de prados. Essas fazendas por aqui eram produtoras de leite. Mas lá, os pequenos agricultores levavam as cabras para pastagens livres, e os seus haragares fossavam debaixo dos carvalhos, em busca de bolotas. Ouvi dizer que era também um lugar magnífico para caçar. Então veio o fogo. Dizem que ardeu durante mais de um mês, de tal maneira que um homem tinha dificuldade de respirar e o rio correu negro de cinzas. Não foram só as florestas e prados selvagens que foram incendiados pelas fagulhas voadoras; campos de feno e casas, também. Depois dos anos de seca, o rio não passava de um fio de si mesmo. Não havia lugar para onde fugir do fogo. E após o fogo, vieram mais dias quentes e secos. Contudo, os ventos que sopravam agora traziam tanto poeira como cinzas. Riachos menores foram sufocados por elas. O vento soprou até que as chuvas finalmente chegaram naquele outono. Toda a água por que as pessoas tinham rezado durante anos caiu numa estação. Inundações inteiras. E quando a água escoou, bem, você está vendo o que restou. Solo esgotado e pedregoso.

— Lembro-me de ouvir falar de algo assim. — Fora uma conversa há muito tempo. Alguém… Breu?… me dissera que as pessoas responsabilizavam o rei por tudo, mesmo por secas e incêndios. Isso pouco significara para mim naquela época, mas para aqueles fazendeiros devia ter parecido o fim do mundo.

A casa também dava indícios de uma mão amorosa e de tempos melhores.

Tinha dois andares, era feita de madeira, mas a sua pintura há muito desbotara. Folhas estavam bem fechadas nas janelas do andar superior. Havia duas chaminés dos lados da casa, mas uma estava perdendo suas pedras. Saía fumaça da outra. Uma garota estava parada diante da porta da casa. Um gordo pombo cinzento empoleirava-se na sua mão e ela o afagava levemente.

— Bom dia — desejou-nos numa voz agradavelmente grave quando nos aproximamos. A sua túnica era de couro e tinha por baixo uma camisa solta de lã creme. Usava também calças de couro, e botas. Dei-lhe cerca de doze anos, e compreendi, através dos olhos e do cabelo, que tinha um parentesco qualquer com as pessoas da outra casa.

— Bom dia — respondeu Esporana. — Estamos procurando Nico.

A garota sacudiu a cabeça.

— Vieram à casa errada. Aqui não há nenhum Nico. Esta é a casa de Rica. Talvez devessem procurar mais adiante, ao longo da estrada. — Sorriu-nos, sem nada no rosto a não ser perplexidade.

Esporana me lançou um olhar inseguro. Agarrei o seu braço.

— Recebemos indicações erradas. Venha, vamos voltar à vila e tentar de novo. — Naquela altura, eu esperava apenas nos livrar daquela situação.

— Mas…— objetou ela, confusa.

Tive uma inspiração súbita.

— Cale-se. Fomos avisados de que esta não é gente que deva ser subestimada. O pássaro deve ter se perdido ou sido apanhado por um falcão. Hoje não há mais nada que possa ser feito aqui.

— Um pássaro? — guinchou de repente a garota.

— É só um pombo. Tenha um bom dia. — Coloquei o braço em volta de Esporana e a virei com firmeza. — Não queríamos incomodá-la.

— Um pombo de quem?

Deixei que os meus olhos se encontrassem com os dela por um momento.

— De um amigo de Nico. Não se preocupe com isso. Venha, Esporana.

— Espere! — disse de súbito a garota. — O meu irmão está lá dentro. Ele talvez conheça esse Nico.

— Não gostaria de incomodá-lo — assegurei-lhe.

— Não é incômodo nenhum. — A ave que tinha na mão estendeu as asas quando a garota fez um gesto com ela ao indicar a porta. — Saiam do frio e entrem por um momento.

— O dia está frio — reconheci. Virei-me para confrontar o entalhador quando ele emergiu da fileira de bétulas. — Talvez todos nós devêssemos entrar.

— Talvez. — A garota sorriu com o embaraço do meu perseguidor.

Do lado de dentro havia um átrio vazio. A boa madeira do assoalho estava gasta e estava há algum tempo sem ser oleada. Espaços mais claros nas paredes mostravam os pontos onde quadros e tapeçarias estiveram pendurados. Uma escada despojada levava ao andar superior. Não havia luz além da que entrava pelas grossas janelas. Dentro da casa não havia vento, mas a temperatura não estava muito mais alta.

— Esperem aqui — disse-nos a garota, e entrou num aposento à nossa direita, fechando firmemente a porta atrás de si. Esporana ficou um pouco mais perto de mim do que eu gostaria. O entalhador nos observou sem expressão.

Esporana respirou fundo.

— Shhh — eu disse antes de ela ter tempo para falar. Em vez de fazê-lo, agarrou meu braço. Arranjei a desculpa de me abaixar para ajustar a bota. Quando me endireitei, virei-me e a coloquei do meu lado esquerdo. Ela agarrou-se imediatamente a esse braço. Pareceu passar-se muito tempo até que a porta se abriu. Um homem alto, de cabelo castanho e olhos azuis, saiu. Vestia-se como a garota, em couro. Uma faca muito comprida pendia do seu cinto. A garota veio logo atrás, com um ar petulante. Então ele a repreendera. O homem franziu o cenho para nós e perguntou:

— Do que se trata isso?

— Foi erro meu, senhor — respondi de imediato. — Procurávamos um homem chamado Nico e é evidente que viemos à casa errada. Desculpe-nos, senhor.

Ele falou com relutância.

— Tenho um amigo que tem um primo chamado Nico. Talvez eu pudesse lhe transmitir uma mensagem sua.

Apertei a mão de Esporana para que ela permanecesse em silêncio.

— Não, não, nós não queremos incomodá-lo. A não ser que queira nos dizer onde podemos encontrar o próprio Nico.

— Eu podia levar uma mensagem — sugeriu ele de novo. Mas não era realmente uma sugestão.

Cocei a barba e ponderei.

— Tenho um amigo cujo primo queria enviar uma coisa para a outra margem do rio. Ele ouviu dizer que Nico talvez conhecesse alguém que poderia levá-la. Prometeu ao primo do meu amigo que mandaria um pássaro, para que Nico soubesse que estávamos a caminho. Por um preço, claro. E foi só isso, um assunto insignificante.

Ele fez um aceno lento.

— Ouvi falar de gente desta região que faz coisas assim. É trabalho perigoso, sim, e trabalho traiçoeiro também. Pagariam com as cabeças se a Guarda Real os apanhasse.

— Isso é certo — concordei prontamente. — Mas duvido de que o primo do meu amigo fizesse negócios com o tipo de gente que se deixa apanhar. Era por isso que ele queria falar com Nico.

— E quem os enviou até aqui à procura desse Nico?

— Esqueci-me — disse com frieza. — Receio que eu seja muito bom em esquecer nomes.

— Você é? — perguntou o homem em tom de ponderação. Olhou para a irmã e deu um pequeno aceno. — Posso oferecer a vocês um pouco de conhaque?

— Isso seria muito agradável — disse-lhe.

Consegui libertar o braço da mão de Esporana quando entramos no aposento. Quando a porta se fechou atrás de nós, Esporana suspirou diante do calor acolhedor. Aquela sala era tão opulenta quanto a outra era nua. Tapetes revestiam o chão, tapeçarias cobriam as paredes. Havia uma pesada mesa de carvalho com um castiçal de velas brancas para iluminá-la. Um fogo ardia na enorme lareira diante de um semicírculo de cadeiras confortáveis. Foi para essa área que o nosso anfitrião nos levou. Pegou uma garrafa de vidro com conhaque ao passar pela mesa.

— Vá buscar copos — ordenou categoricamente à garota. Ela pareceu não se ofender com isso. Calculei que ele tinha cerca de vinte e cinco anos. Os irmãos mais velhos não são os mais gentis dos heróis. Ela entregou o pombo ao entalhador e gesticulou a ambos que saíssem antes de ir buscar os copos.

— Bem. Você estava dizendo? — sugeriu ele quando nos sentamos em frente da lareira.

— Na verdade, quem dizia era você — retorqui.

Ele ficou em silêncio quando a irmã voltou com os copos. Entregou-nos enquanto os enchia e erguemos os quatro os copos juntos.

— Ao Rei Majestoso — sugeriu ele.

— Ao meu rei — eu disse num tom afável, e bebi. Era conhaque bom, um conhaque de que Bronco teria gostado.

— O Rei Majestoso gostaria de ver gente como o nosso amigo Nico pendurada em uma corda — sugeriu o homem.

— Ou na sua arena, o que talvez seja mais provável — sugeri. Soltei um pequeno suspiro. — É um dilema. Por um lado, o Rei Majestoso ameaça a vida

dele. Por outro, sem o embargo do Rei Majestoso contra a Montanha, como Nico ganharia a vida? Ouvi dizer que tudo o que cresce na propriedade da família ultimamente são pedras.

O homem assentiu em comiseração.

— Pobre Nico. Um homem tem de fazer qualquer coisa para sobreviver.

— Isso é bem verdade — concordei. — E às vezes, para sobreviver, um homem precisa atravessar um rio, mesmo se o seu rei o proíbe.

— Precisa? — perguntou o homem. — Ora, isso é um pouco diferente de enviar alguma coisa para a outra margem.

— Não é assim tão diferente — disse-lhe. — Se Nico for bom no seu ofício, uma coisa não deverá ser um fardo muito maior do que a outra. E eu ouvi dizer que Nico é bom.

— O melhor — disse a garota com um orgulho discreto.

O irmão lhe lançou um olhar de aviso.

— O que ofereceria esse homem pela travessia? — perguntou ele em voz baixa.

— Ele faria a oferta ao próprio Nico — respondi, igualmente baixo.

Durante alguns segundos, o homem olhou para o fogo. Então levantou-se e estendeu uma mão.

— Nico Grampo. A minha irmã, Rica.

— Tom — eu disse.

— Esporana — acrescentou a menestrel.

Nico voltou a erguer o copo.

— A um acordo em negociação — sugeriu, e bebemos de novo. Sentou-se e perguntou de imediato: — Devemos falamos claramente?

Assenti.

— Com a maior clareza possível. Ouvimos dizer que você iria levar um grupo de peregrinos para o outro lado do rio e da fronteira, para o Reino da Montanha. Procuramos o mesmo serviço.

— Ao mesmo preço — interveio suavemente Esporana.

— Nico, não gosto disto — interrompeu Rica de repente. — A língua de alguém tem dado nos dentes com liberdade demais. Eu sabia que nunca devíamos ter concordado com o primeiro grupo. Como é que sabemos…

— Cale-se. Sou eu quem corro os riscos, portanto sou eu que digo o que quero ou não fazer. Você não tem de fazer nada a não ser ficar aqui esperando e cuidar das coisas enquanto eu não voltar. E veja se não dá com a sua língua nos dentes. — Voltou a virar-se para mim. — Será uma moeda de ouro por cada um,

adiantado. E outra do outro lado do rio. Uma terceira na fronteira da Montanha.

— Ah! — O preço era chocante. — Nós não podemos… — Esporana enterrou subitamente as unhas no meu pulso. Calei a boca.

— Você nunca me convencerá de que os peregrinos pagaram tanto — disse Esporana em voz baixa.

— Eles têm os seus próprios cavalos e carroças. E provisões também. — Inclinou a cabeça para nós. — Mas vocês parecem ser gente que viaja com o que tem às costas e nada mais.

— E somos muito mais fáceis de esconder do que uma carroça e uma parelha de animais. Vamos lhe dar uma peça de ouro agora e outra na fronteira da Montanha. Por nós dois — ofereceu Esporana.

Ele recostou-se na cadeira e refletiu por um momento. Então nos serviu mais conhaque.

— Não é o bastante — disse em tom de lástima. — Mas suspeito de que seja tudo o que vocês têm.

Era mais do que eu tinha. Esperei que talvez fosse o que Esporana tivesse.

— Leve-nos para a outra margem do rio por esse valor — sugeri. — A partir de lá, ficamos por nossa conta.

Esporana me deu um chute por baixo da mesa. Parecia estar falando só comigo quando disse:

— Ele vai levar os outros até a fronteira da Montanha e atravessá-la. Podemos muito bem nos beneficiar da companhia até lá. — Voltou a virar-se para Nico. — O ouro terá de servir para chegarmos às Montanhas.

Nico bebericou do conhaque. Soltou um suspiro pesado.

— Quero ver o seu dinheiro, com sua licença, antes de dizer que o acordo está feito.

Esporana e eu trocamos olhares.

— Precisamos de um momento de privacidade — disse ela suavemente. — Com licença. — Levantou-se e, pegando a mão, levou-me até o canto da sala. Chegando lá, sussurrou:

— Nunca pechinchou na vida? Você dá demais, depressa demais. Bem. Quanto dinheiro você realmente tem?

Em resposta, virei a bolsa de cabeça para baixo na minha mão. Ela vasculhou o conteúdo com a rapidez de uma gralha roubando sementes. Pesou as moedas na mão com um ar experiente.

— Não basta. Pensei que você tinha mais do que isto. O que é isso? — O dedo dela bateu no brinco de Bronco. Fechei a mão em volta dele antes que ela

pudesse pegá-lo.

— Uma coisa muito importante para mim.

— Mais importante do que a sua vida?

— Não exatamente — admiti. — Mas quase. O meu pai o usou durante algum tempo. Foi um amigo íntimo dele que me deu.

— Bem, se tiver que se desfazer dele, cuidarei para que seja por um bom preço. — Afastou-se de mim sem mais uma palavra e voltou para junto de Nico. Ocupou a sua cadeira, emborcou o resto do conhaque e esperou por mim. Depois de eu me sentar, ela disse a Nico: — Vamos lhe dar o dinheiro que temos agora. Não é tanto quanto você está pedindo. Mas na fronteira da Montanha, vou lhe dar também todas as minhas joias. Anéis, brincos, tudo. O que me diz?

Ele sacudiu lentamente a cabeça.

— Não é o suficiente para que eu arrisque a forca.

— Qual é o risco? — perguntou Esporana. — Se eles o descobrirem com os peregrinos, você será enforcado. Você já foi pago por esse risco por aquilo que eles lhe deram. Nós não aumentamos o risco, só o fardo com as provisões. Certamente é suficiente para isso.

Ele sacudiu a cabeça, quase com relutância. Esporana virou-se e estendeu a mão para mim.

— Mostre a ele — disse em voz baixa. Senti-me quase enjoado quando abri a bolsa e tirei de lá o brinco.

— O que eu tenho pode não parecer grande coisa à primeira vista — disse-lhe. — A menos que se seja conhecedor destas coisas. Eu sou. Sei o que tenho, e sei o que vale. Vale qualquer problema pelo qual você tenha de passar conosco.

Apresentei-a na palma da minha mão, a fina rede de prata que encurralava a safira. Então peguei o brinco pela haste e o ergui à luz tremeluzente da lareira.

— Não é só a prata ou a safira. É a execução. Veja como a rede de prata é flexível, como os elos são bem feitos.

Esporana estendeu um dedo para tocar no brinco.

— Já pertenceu ao Príncipe Herdeiro Cavalaria — acrescentou num tom respeitoso.

— É mais fácil gastar moedas — observou Nico.

Encolhi os ombros.

— Se tudo o que um homem quer é moedas para gastar, isso é verdade. Às vezes há prazer em possuir algo, um prazer maior do que as moedas que se tem no bolso. Mas quando isto for seu, você poderá trocá-lo por moedas, se quiser. Se eu tentasse fazê-lo agora, com pressa, não obteria mais do que uma fração do

seu valor. Porém, um homem com os seus contatos, e o tempo para negociar bem, poderá obter bem mais do que quatro peças de ouro por ele. Mas, se preferir, posso voltar à vila com ele e…

A ganância cintilara em seus olhos.

— Fico com o brinco — aceitou ele.

— Do outro lado do rio — disse-lhe. Ergui a joia e a devolvi à orelha. Que ele olhasse para o brinco cada vez que olhasse para mim. Formalizei o negócio. — Leve-nos em segurança até a outra margem do rio. E quando chegarmos lá, o brinco será seu.

— Como único pagamento — acrescentou Esporana em voz baixa. — Mas permitiremos que você guarde todas as nossas moedas até lá. Como depósito.

— De acordo, e aqui está a minha mão para selá-lo — reconheceu. Apertamos as mãos.

— Quando partimos? — perguntei.

— Quando fizer o tempo certo — respondeu ele.

— Amanhã seria melhor — disse-lhe eu.

Ele levantou-se lentamente.

— Amanhã, é? Bem, se amanhã fizer o tempo certo, então partiremos amanhã. E agora tenho algumas coisas a fazer. Peço licença, mas a Rica pode cuidar de vocês aqui.

Eu esperara caminhar de volta à vila para passar a noite, mas Esporana combinou com Rica trocar canções por uma refeição e então nos preparar um quarto para passarmos a noite. Fiquei um pouco desconfortável por dormir entre estranhos, mas pensei que isso podia ser mais seguro do que voltar à vila. Embora a comida que Rica nos fez não fosse tão boa quanto a que tínhamos provado na estalagem de Esporana na noite anterior, era bem melhor do que sopa de cebola e batata. Havia grossas fatias de presunto frito, compota de maçã e um bolo feito de frutas, sementes e especiarias. Rica nos trouxe cerveja para acompanhar e juntou-se a nós na mesa, conversando em tom casual sobre tópicos genéricos. Depois de comermos, Esporana tocou algumas canções para a garota, mas eu descobri que quase não conseguia manter os olhos abertos. Pedi para ser levado para um quarto, e Esporana disse que também estava fatigada.

Rica nos levou para um aposento situado acima da elaborada sala de Nico. Havia sido um quarto muito bom, mas duvidei de que tivesse sido regularmente usado nos últimos anos. Ela acendera um fogo na lareira que havia ali, mas o longo frio do desuso e da negligência ainda enchia o quarto. Havia uma imensa cama com um colchão de penas e cortinados que estavam se tornando cinzentos.

Esporana sentiu o cheiro do quarto com um ar crítico, e assim que Rica saiu ocupou-se tirando os cobertores da cama e colocando-os num banco diante da lareira.

— Assim ficam ao mesmo tempo arejados e quentes — disse-me com um ar sabedor.

Eu estivera trancando a porta e verificando os trincos das janelas e folhas. Todos pareciam bons. Fiquei de repente cansado demais para responder. Disse a mim mesmo que era o conhaque seguido pela cerveja. Arrastei uma cadeira para encostar contra porta enquanto Esporana me observava divertida. Depois voltei para perto da lareira, deixei-me cair no banco envolto em cobertores e estendi as pernas para o calor. Descalcei as botas com os pés. Bem. Amanhã eu estaria a caminho das Montanhas.

Esporana veio sentar-se ao meu lado. Durante algum tempo não falou. Então ergueu um dedo e bateu com ele no meu brinco.

— Isto foi mesmo de Cavalaria? — perguntou.

— Durante algum tempo.

— E você está disposto a abrir mão dele para ir até as Montanhas. O que ele diria?

— Não sei. Nunca conheci o homem. — Suspirei de súbito. — Segundo todos os relatos, ele gostava do irmão. Não creio que acharia que eu trocasse o brinco para ir até Veracidade.

— Então vai mesmo à procura do seu rei.

— Claro. — Tentei em vão abafar um bocejo. Por algum motivo parecia uma tolice negá-lo agora. — Não tenho certeza de ter sido sensato mencionar Cavalaria a Nico. Ele pode fazer a ligação. — Virei-me para olhar para ela. Seu rosto estava próximo demais. Eu não conseguia deixar as suas feições em foco. — Mas estou com sono demais para me importar — acrescentei.

— Você não tem cabeça para rebentalegre — riu ela.

— Não houve fumo nenhum esta noite.

— No bolo. Ela lhe disse que estava temperado.

— Era isso que ela queria dizer?

— Sim. É isso o que temperado quer dizer em toda Vara.

— Oh. Em Cervo quer dizer que tem gengibre. Ou lima.

— Eu sei. — Ela encostou-se a mim e suspirou. — Você não confia nessa gente, não é?

— Claro que não. Eles não confiam em nós. Se confiássemos neles, não teriam respeito por nós. Pensariam que éramos tolos ingênuos, o tipo de gente que mete

contrabandistas em enrascadas por falar demais.

— Mas você apertou a mão de Nico.

— Apertei. E acho que ele vai ser fiel à sua palavra. Valha ela o que valer.

Ficamos os dois em silêncio, pensando naquilo. Passado algum tempo, voltei a acordar com um sobressalto. Esporana endireitou-se ao meu lado.

— Vou para a cama — anunciou.

— Eu também — respondi. Peguei um cobertor e comecei a me enrolar nele junto ao fogo.

— Não seja ridículo — disse-me ela. — Aquela cama é grande o suficiente para quatro pessoas. Durma em uma cama enquanto puder, pois aposto que não vamos ver outra tão cedo.

Precisei de muito pouca persuasão. O colchão de penas era fundo, embora tivesse um certo cheiro de umidade. Cada um de nós teve a sua parte de cobertores. Eu sabia que devia manter alguma cautela, mas o conhaque e o rebentalegre tinham desatado o nó da minha vontade. Caí num sono muito profundo.

Perto da manhã, acordei uma vez quando Esporana pôs um braço em volta de mim. O fogo apagara-se e o quarto estava frio. Durante o sono, ela migrara na cama e estava encostada às minhas costas. Comecei a me afastar dela, mas aquilo era por demais caloroso e camaradesco. Eu sentia sua respiração na minha nuca. Havia nela um cheiro de mulher que não era perfume, mas parte dela. Fechei os olhos e fiquei muito imóvel. Moli. A súbita saudade desesperada que senti dela foi como uma dor. Cerrei os dentes contra a nostalgia. Obriguei-me pela pura força de vontade a voltar a adormecer.

Foi um erro.

A bebê estava chorando. Chorando e chorando. Moli estava de camisola, com um cobertor sobre os ombros. Tinha um ar descomposto e cansado, sentada junto à lareira e embalando a criança sem descanso. Moli lhe cantava uma cançãozinha, repetidas vezes, mas a melodia há muito havia sido esquecida. Virou lentamente a cabeça para a porta quando Bronco a abriu.

— Posso entrar? — perguntou ele em voz baixa.

Ela lhe fez sinal que podia.

— O que está fazendo acordado a esta hora? — perguntou-lhe com voz cansada.

— Dava para ouvi-la chorando lá fora. Está doente? — Foi até o fogo e atiçou-o um pouco. Acrescentou outro pedaço de lenha, então se inclinou para olhar para o rosto pequeno do bebê.

— Não sei. Só chora, e chora, e chora. Nem sequer quer mamar. Não sei o que há de errado com ela. — Havia uma infelicidade na voz de Moli que ultrapassava em muito o recurso das lágrimas.

Bronco virou-se para ela.

— Deixe-me segurá-la por um momento. Vá-se deitar e tente descansar um pouco, senão vocês duas ficarão doentes. Não pode fazer isso todas as noites.

Moli ergueu os olhos para ele sem compreender.

— Quer cuidar dela? Faria mesmo isso?

— Posso bem fazer isso — disse-lhe ele com ironia. — Não consigo dormir com ela chorando.

Moli levantou-se como se lhe doessem as costas.

— Aqueça-se primeiro. Eu vou fazer chá.

Como resposta, ele lhe tirou a bebê dos braços.

— Não, volte para a cama um pouco. Não faz sentido que nenhum de nós durma.

Moli pareceu incapaz de compreender aquilo.

— Não se importa mesmo que eu volte para a cama?

— Não, vá lá, nós ficaremos bem. Vamos, vá. — Ajeitou o cobertor em volta dela e levou a criança ao ombro. A bebê parecia muito diminuta com as mãos escuras de Bronco em cima dela. Moli atravessou o quarto lentamente. Olhou para Bronco, mas ele estava olhando para o rosto da bebê. — Vamos, shhh — disse-lhe. — Shhh.

Moli deitou na cama e cobriu-se com os cobertores. Bronco não se sentou. Ficou em pé diante da lareira, balançando ligeiramente de um lado para o outro enquanto dava lentas palmadinhas nas costas da bebê.

— Bronco — chamou-o Moli em voz baixa.

— Sim? — Ele não se virou para a olhar.

— Não faz sentido você dormir naquela barraca com este tempo. Devia se mudar aqui para dentro durante o inverno e dormir junto à lareira.

— Oh. Bem. Não faz assim tanto frio lá fora. Tudo depende do hábito, sabe?

Fez-se um curto silêncio.

— Bronco. Eu me sentiria mais segura se você estivesse mais próximo. — A voz de Moli quase não se ouvia.

— Oh. Bem. Então suponho que estarei. Mas não há nada a temer esta noite. Vá dormir, vá. Vocês duas. Abaixou a cabeça, e eu vi os seus lábios tocarem o topo da cabeça da bebê. Começou a lhe cantar, muito baixinho. Tentei distinguir as palavras, mas a sua voz era grave demais. E também não reconheci a língua.

Os lamentos da bebê tornaram-se menos determinados. Bronco começou a andar lentamente pela sala com a criança. De um lado para o outro diante da lareira. Fiquei com Moli enquanto o observava, até que ela também adormeceu com a voz calmante de Bronco. O único sonho que tive depois disso foi com um lobo solitário, que corria, corria sem cessar. Estava tão só quanto eu.

CAPÍTULO 15

Panela

A Rainha Kettricken esperava o filho de Veracidade quando fugiu ao Príncipe Herdeiro Majestoso para regressar às suas Montanhas. Houve quem a criticasse, dizendo que se tivesse permanecido em Cervo e forçado a mão de Majestoso, a criança teria nascido ali em segurança. Se o tivesse feito, o Castelo de Torre do Cervo talvez a tivesse apoiado, todo o Ducado de Cervo talvez tivesse apresentado uma resistência mais unificada aos Salteadores Ilhéus. Os Ducados Costeiros talvez tivessem lutado mais duramente se tivessem tido uma rainha em Cervo. É o que algumas pessoas dizem.

A crença genérica de quem vivia no Castelo de Torre do Cervo nesse tempo e estava bem informado sobre a política interna da Regência Visionário é muito diferente. Acreditavam sem exceção que tanto Kettricken como o seu filho por nascer teriam sido confrontados com atividades desleais. Pode ser evidenciado que, mesmo depois de a Rainha Kettricken ter se afastado de Torre do Cervo, aqueles que apoiavam Majestoso como rei fizeram tudo o que puderam para desacreditá-la, chegando mesmo ao ponto de dizer que o filho que ela esperava não era de Veracidade, mas que fora gerado pelo seu sobrinho bastardo, FitzCavalaria.

Quaisquer que sejam as suposições que podem ter sido feitas a respeito do que teria acontecido se Kettricken tivesse permanecido em Torre do Cervo não passam agora de especulações praticamente inúteis. O fato histórico é que ela acreditou que o filho teria a melhor chance de sobrevivência se nascesse no seu amado Reino da Montanha. E também regressou às Montanhas na esperança de ser capaz de encontrar Veracidade e recolocar o marido no poder. Os esforços que empreendeu para encontrá-lo, contudo, só lhe causaram desgostos. Ela descobriu o local em que os companheiros de Veracidade lutaram contra atacantes não identificados. Os restos insepultos eram pouco mais do que ossos espalhados e pedaços rasgados de roupa depois de os carniceiros terem acabado com eles. Entre esses restos, no entanto, encontrou o manto azul que Veracidade usava quando o vira pela última vez, e a sua faca. Regressou à

residência real em Jhaampe e chorou a morte do marido.

Mais perturbador para ela foi ter passado os meses seguintes recebendo relatórios sobre avistamentos de gente com o traje da Guarda de Veracidade, nas montanhas além de Jhaampe. Esses guardas individuais eram vistos vagando sozinhos por aldeões da Montanha. Pareciam relutantes em falar com os aldeões e, apesar da sua condição andrajosa, era frequente rejeitarem ofertas de ajuda ou alimento. Eram descritos sem exceção pelos que os viam como "patéticos" e "dignos de pena". Alguns desses homens foram chegando a Jhaampe de tempos em tempos. Pareciam incapazes de responder coerentemente às perguntas de Kettricken sobre Veracidade e o que lhe acontecera. Nem sequer conseguiam lembrar-se de quando ou sob que circunstâncias se separaram dele. Sem exceção, pareciam quase obcecados com o regresso a Torre do Cervo.

Com o tempo, ela acabou por acreditar que Veracidade e a sua Guarda haviam sido atacados, não só fisicamente, mas através de magia. Os homens que o emboscaram com flechas e espadas e o círculo traiçoeiro que desencorajou e confundiu a sua guarda estavam, concluiu a rainha, a soldo do irmão mais novo de Veracidade, o Príncipe Majestoso. Foi isso que precipitou a sua incessante má vontade contra o cunhado.



Acordei com batidas fortes na porta. Gritei uma resposta qualquer enquanto me sentava, desorientado e frio, na escuridão.

— Partimos dentro de uma hora! — foi a resposta.

Lutei para me libertar dos cobertores enrolados e do abraço sonolento de Esporana. Encontrei as botas e as calcei, e em seguida vesti o manto. Aconcheguei-o em mim contra o frio do quarto. O único movimento de Esporana foi enfiar-se de imediato no local quente onde eu estivera deitado. Debrucei-me sobre a cama.

— Esporana? — Quando não houve resposta, estendi a mão e a sacudi de leve. — Esporana! Partimos em menos de uma hora. Levante-se!

Ela soltou um tremendo suspiro.

— Vá na frente. Eu estarei pronta. — Enfiou-se mais nos cobertores. Encolhi os ombros e deixei-a ali.

Lá embaixo, na cozinha, Rica mantinha quentes pilhas de bolos torrados junto à lareira. Ofereceu-me um prato deles, com manteiga e mel, e eu o aceitei de bom grado. A casa, que no dia anterior fora um lugar tão sossegado, estava agora apinhada de gente. A julgar pelas fortes semelhanças, aquilo era um negócio

familiar. O menino com o cabrito malhado estava sentado num banco junto da mesa, alimentando o cabrito com pedaços de bolo torrado. De vez em quando, eu o apanhava me encarando. Quando sorri para ele, os olhos do menino se arregalaram. Levantou-se com uma expressão séria e foi embora com o prato, seguido pelo arrastar de patas do cabrito.

Nico atravessou a cozinha a passos largos, com o manto negro de lã rodopiando em volta das barrigas das pernas. Estava pontilhado de flocos de neve acabados de cair. Cruzou os olhos com os meus de passagem.

— Pronto para partir?

Assenti com a cabeça.

— Ótimo. — Olhou-me um relance antes de sair. — Vista roupas quentes. A tempestade está só começando. — Sorriu. — Tempo perfeito para viajar, para você e para mim.

Disse a mim mesmo que não esperara gostar da viagem. Já terminara o desjejum quando Esporana desceu a escada. Quando chegou à cozinha, surpreendeu-me. Esperara vê-la sonolenta. Em vez disso, estava vivamente alerta, com as bochechas coradas e a boca risonha. Ao entrar na cozinha vinha trocando gracejos com um dos homens, e ganhando. Não hesitou quando chegou à mesa e serviu-se de uma dose generosa de tudo. Quando ergueu os olhos do prato vazio, deve ter visto a surpresa no meu rosto.

— Os menestréis aprendem a comer bem quando é oferecida comida — disse, e me estendeu o copo. Estava bebendo cerveja com o desjejum. Enchi-lhe o copo com o jarro que estava em cima da mesa. Ela acabara de pousar o copo com um suspiro quando Nico atravessou a cozinha com o aspecto de uma nuvem de tempestade. Viu-me e parou no meio de um passo. — Ah. Tom. Sabe conduzir um cavalo?

— Com certeza.

— Bem?

— Bem o suficiente — respondi num tom calmo.

— Então ótimo, estamos prontos para partir. O meu primo Novelo ia conduzir, mas hoje está respirando como um fole, apanhou uma tosse durante a noite. A mulher não quer deixá-lo ir. Mas se você sabe conduzir uma carroça…

— Ele vai contar com um ajuste no preço — interrompeu Esporana de repente. — Ao conduzir um cavalo para você, ele lhe poupou o custo de um cavalo para si. E o que o seu primo teria comido.

Nico foi apanhado de surpresa por um momento. Olhou de relance para Esporana e para mim.

— O que é justo, é justo — observei. Tentei não sorrir.

— Eu endireito as coisas — concedeu, e apressou-se a sair da cozinha. Pouco tempo depois, estava de volta. — A velha diz que irá testá-lo. O cavalo e a carroça são dela, entende?

Lá fora ainda estava escuro. Archotes crepitavam ao vento e à neve. Pessoas apressavam-se por todos os lados, de capuzes erguidos e mantos bem apertados. Havia quatro carroças e parelhas. Uma estava cheia de gente, cerca de quinze pessoas. Aninhavam-se uns aos outros, com as malas ao colo, as cabeças baixas contra o frio. Uma mulher olhou na minha direção. Tinha o rosto cheio de apreensão. Ao seu lado, uma criança encostava-se nela. Perguntei-me de onde teriam vindo todos. Dois homens carregaram um barril na última carroça e então estenderam uma lona sobre toda a carga.

Atrás da carroça carregada de passageiros havia outra menor com duas rodas. Uma pequena velha toda enfaixada de negro estava sentada muito ereta no assento. Estava bem entrouxada em manto, capuz e xale, e tinha também uma manta de viagem atirada sobre os joelhos. Os seus penetrantes olhos negros me observaram cuidadosamente quando me aproximei do seu veículo. O cavalo era uma égua sarapintada. Não gostava do tempo, e os arreios estavam lhe limitando os movimentos. Ajustei-os o melhor que pude, convencendo-a a confiar em mim. Quando terminei, ergui os olhos e dei com a velha me observando de perto. Seu cabelo era de um negro reluzente, onde espreitava de debaixo do capuz, mas nem todo o branco que nele havia era neve. Ela apertou os lábios na minha direção, mas nada disse, mesmo quando arrumei o meu embrulho debaixo do assento. Dei-lhe bom-dia enquanto subia para o assento ao seu lado e peguei as rédeas.

— Acho que esperam que eu a conduza — eu disse com bom humor.

— Acha. Não sabe? — E me lançou um olhar penetrante.

— Novelo adoeceu. Nico me pediu para conduzir a sua égua. Chamo-me Tom.

— Não gosto de mudanças — disse-me ela. — Especialmente de última hora. As mudanças dizem que não se estava realmente pronto para começar, e agora se está ainda menos pronto.

Suspeitei que eu sabia o motivo por que Novelo estava se sentindo subitamente mal.

— O meu nome é Tom — voltei a me apresentar.

— Você já tinha dito isso — informou-me a mulher. Fitou a neve que caía. — Toda esta viagem foi má ideia — disse em voz alta, mas sem se dirigir a mim. — E dela não virá bem algum. Consigo ver isso desde já. — Massageou as mãos

enluvadas sobre o colo. — Malditos ossos velhos — disse à neve que caía. — Se não fossem os meus ossos velhos, não precisaria de nenhum de vocês. Nem de um.

Não consegui pensar em nenhuma resposta para dar àquilo, mas fui salvo por Esporana. Refreou o cavalo ao meu lado.

— Olhe só o que me deram para montar! — disse-me. A sua montaria sacudiu a crina negra e rolou os olhos na minha direção como quem exige que eu olhe bem para o que era obrigada a transportar.

— Parece-me ótima. É da raça da Montanha. São todos assim. Mas andará o dia inteiro, e a maior parte deles tem bom temperamento.

Esporana franziu o cenho.

— Eu disse a Nico que, pelo que vamos pagar, esperava um cavalo adequado.

Nico passou por nós nesse momento. A sua montaria não era maior do que a de Esporana. Olhou para ela, e então afastou o olhar, como se estivesse farto da sua língua.

— Vamos embora — disse ele numa voz baixa, mas dominante. — É melhor não conversar, e é melhor ficar perto da carroça que estiver na sua frente. É mais fácil se perderem de vista nesta tempestade do que possa imaginar.

Apesar da voz baixa, a ordem foi obedecida de imediato. Não houve ordens gritadas, nem despedidas. Em vez disso, as carroças que estavam na nossa frente afastaram-se em silêncio. Sacudi as rédeas e estalei a língua ao cavalo. A égua soltou um resfolego de desaprovação, mas avançou ao ritmo dos outros. Avançamos quase em silêncio através de uma cortina perpétua de neve que caía. O pônei de Esporana não parou de puxar o freio até que ela lhe deu liberdade para fazer o que entendesse. Então o animal pôs-se a trote rápido para ir se juntar aos outros cavalos à frente do grupo. Fui deixado sozinho, sentado ao lado da silenciosa velha.

Rapidamente descobri que o aviso de Nico era verdadeiro. O sol nasceu, mas a neve continuou a cair em tal quantidade que a luz parecia leitosa. Havia uma qualidade de madrepérola na neve turbilhonante que deslumbrava ao mesmo tempo que cansava os olhos. Parecíamos estar viajando por um túnel infinito de alvura, com a retaguarda da outra carroça para nos guiar.

Nico não nos levou pela estrada. Fomos rangendo através dos campos gelados. A neve densa enchia rapidamente os rastros que deixávamos. Num instante deixaria de haver o mínimo sinal da nossa passagem. Viajamos através da vegetação até depois do meio-dia, e sempre que se nos deparávamos com cercas, os cavaleiros saltavam dos cavalos para desmontá-las e voltavam a montá-las

quando passávamos. Uma vez, vislumbrei outra fazenda através da neve turbilhonante, mas as suas janelas estavam escuras. Pouco depois do meio-dia, foi-nos aberta uma última cerca. Com um rangido e uma sacudidela, saímos dos campos e penetramos naquilo que antigamente fora uma estrada, mas agora pouco passava de uma trilha. Os únicos rastros que havia nela eram os que nós mesmos fazíamos, e esses eram rapidamente apagados pela neve.

E ao longo de todo esse trajeto, a minha companheira fora tão gélida e silenciosa como a própria neve. De tempos em tempos eu a observava pelo canto do olho. Ela mantinha os olhos fixos adiante, com o corpo oscilando com os movimentos da carroça. Massageava incessantemente as mãos no colo, como se lhe doessem. Com pouco mais que me divertisse, fiquei espiando-a. Originária de Cervo, obviamente. Ainda trazia na língua o sotaque do meu lar, apesar de suavizado por muitos anos de viagens por outros lugares. O seu lenço era obra de tecelões de Calcede, mas os bordados ao longo da orla do seu manto, trabalhados em negro sobre negro, eram-me completamente estranhos.

— Está muito longe de Cervo, rapaz — observou ela de repente. Estava com os olhos fixos adiante enquanto falava. Algo no seu tom me fez endireitar as costas.

— Assim como você, velha — retorqui.

Ela virou o rosto inteiro para me olhar. Não tive certeza se vislumbrei divertimento ou aborrecimento nos seus brilhantes olhos de corvo.

— Isso é verdade. Tanto em anos como em distância, muito longe. — Fez uma pausa, então perguntou de repente: — Por que está indo para as Montanhas?

— Vou à procura do meu tio — respondi com honestidade.

Ela soltou uma bufada de desdém.

— Um rapaz de Cervo tem um tio nas Montanhas? E o desejo de vê-lo é forte o suficiente para arriscar a cabeça?

Olhei para ela.

— É o meu tio preferido. Creio que você está indo ao santuário de Eda?

— Os outros vão — corrigiu-me a mulher. — Eu sou velha demais para rezar por fertilidade. Vou em busca de um profeta. — Antes de eu ter tempo de falar, acrescentou: — É o meu profeta preferido. — E quase me sorriu.

— Por que não viaja com os outros no carro? — perguntei.

Ela lançou-me um olhar gelado.

— Eles fazem perguntas demais — replicou.

— Ah! — eu disse, e lhe sorri, aceitando a censura.

Alguns momentos depois, ela voltou a falar.

— Passei muito tempo sozinha, Tom. Gosto de seguir o meu próprio caminho, aconselhar-me comigo mesma e decidir por mim o que vou comer no jantar. Aqueles são gente razoavelmente boa, mas esgravatam e se bicam como um bando de galinhas. Entregues a si mesmos, nem um só faria esta viagem sozinho. Todos precisam que os outros digam: Sim, sim, é isto o que devemos fazer, vale a pena o risco. E agora que decidiram, a decisão é maior do que todos eles. Nenhum seria capaz de voltar para trás sozinho.

Sacudiu a cabeça diante daquilo e eu assenti, pensativo. Ela não disse mais nada durante muito tempo. O nosso caminho encontrara o rio. Nós o seguimos correnteza acima, através de um parco coberto de arbustos e árvores muito jovens. Quase não conseguia vê-lo por entre a neve que caía constantemente, mas conseguia cheirá-lo e ouvir o rumor da sua passagem. Perguntei-me quanto andaríamos ainda antes de tentarmos atravessá-lo. Então sorri para mim mesmo. Tinha certeza de que Esporana saberia quando voltasse a vê-la naquela noite. Perguntei-me se Nico estava apreciando a sua companhia.

— Está com esse sorrisinho por quê? — perguntou a velha de súbito.

— Estava pensando na minha amiga menestrel. Esporana.

— E ela o faz sorrir assim?

— Às vezes.

— É uma menestrel, você diz. E você? É um menestrel?

— Não. Só um pastor. Na maior parte do tempo.

— Estou vendo.

A nossa conversa voltou a morrer. Então, quando a noite começava a cair, ela me disse:

— Pode me chamar de Panela.

— Meu nome é Tom — respondi.

— E essa é a terceira vez que me disse — lembrou-me ela.

Achei que acamparíamos ao cair da noite, mas Nico nos manteve em movimento. Fizemos uma breve pausa enquanto ele ia buscar duas lanternas e as pendurava em dois carros.

— Apenas siga a luz — disse-me ele num tom tenso quando passou por nós. Foi isso mesmo o que a nossa égua fez.

A luz já desaparecera e o frio estava tornando-se intenso quando a carroça que seguia à nossa frente virou para fora da estrada e penetrou sacolejando numa abertura no arvoredo próximo do rio. Obedientemente, virei a égua para segui-la, e saímos da estrada com uma pancada e um estrondo que fizeram Panela praguejar. Sorri. Havia poucos guardas em Torre do Cervo capazes de fazer

melhor.

Pouco tempo depois paramos. Mantive-me sentado, perguntando a mim mesmo o que estaria acontecendo, pois não conseguia ver coisa alguma. O rio era uma força negra e arrastadora em algum lugar à nossa esquerda. O vento que dele vinha somava uma nova nota de umidade ao frio. Os peregrinos da carroça à nossa frente estavam se mexendo, inquietos, e conversando em sussurros. Ouvi a voz de Nico falando e vi um homem passar por nós conduzindo o cavalo. Tirou a lanterna da traseira do carro ao passar. Segui o seu trajeto. Um momento mais tarde, homem e cavalo tinham penetrado numa construção longa e baixa que estivera invisível na escuridão.

— Desçam, entrem, vamos passar a noite aqui — instruiu-nos Nico quando voltou a passar por nós. Desmontei e esperei para ajudar Panela a descer. Quando lhe ofereci a mão, ela pareceu quase surpreendida.

— Obrigada, meu bom senhor — disse em voz baixa enquanto a ajudava a descer.

— De nada, minha senhora — respondi. Ela tomou meu braço quando a guiei na direção do edifício.

— Para um pastor, você tem umas belas de umas boas maneiras, Tom — observou ela numa voz completamente diferente. Soltou uma gargalhada curta à porta e entrou, deixando-me voltar para desatrelar a égua. Sacudi a cabeça para mim mesmo, mas fui obrigado a sorrir. Gostava daquela velha. Botei a trouxa no ombro e levei a égua para dentro da construção, para onde os outros tinham ido. Enquanto lhe tirava o arreio, olhei em volta. Era uma longa sala aberta. Fora acendido um fogo numa lareira numa das extremidades. A construção de teto baixo era feita de pedras do rio e de barro, com chão de terra batida. Os cavalos estavam numa das extremidades, aglomerando-se em volta de uma manjedoura cheia de feno. Quando levei a nossa égua para onde estavam os outros animais, um dos homens de Nico apareceu trazendo baldes de água para encher um bebedouro. A profundidade de estrume que se encontrava nessa ponta da sala me disse que aquela construção era usada com frequência pelos contrabandistas.

— Para que servia originalmente este lugar? — perguntei a Nico quando me juntei aos outros em volta da lareira.

— Criação de ovelhas — respondeu ele. — O abrigo servia para o início da época de partos. Depois, tosquiávamos aqui, após lavarmos as ovelhas no rio. — Os seus olhos azuis ficaram distantes durante algum tempo. Então soltou uma gargalhada áspera. — Isso foi há muito tempo. Agora não há ração que chegue para uma cabra, quanto mais para ovelhas como as que tínhamos. — Indicou o

fogo com um gesto. — É melhor comer e dormir enquanto pode, Tom. A manhã chega cedo para nós.

— Seu olhar pareceu demorar-se no meu brinco quando passou por mim.

A comida era simples. Pão e peixe defumado. Mingau de aveia. Chá quente. A maior parte vinha das provisões dos peregrinos, mas Nico contribuiu com quantidade suficiente para eles não levantarem objeções por estarem alimentando os homens dele, Esporana e a mim. Panela comeu sozinha, das suas próprias provisões, e fez o seu próprio bule de chá. Os outros peregrinos a tratavam com educação, e ela lhes respondia com cortesia, mas era claro que não havia qualquer ligação entre eles, exceto o fato de irmos todos para o mesmo lugar. Só as três crianças do grupo pareciam não ter medo dela, pedindo maçãs secas e histórias até que ela as avisou de que iriam todas ficar doentes.

O abrigo aqueceu depressa, tanto devido aos cavalos e pessoas que continha, como por causa da lareira. A porta e as folhas das janelas estavam bem fechadas, para manter no interior a luz e o som, assim como o calor. Apesar da tempestade e da ausência de outros viajantes no caminho, Nico não corria riscos. Aprovei aquela atitude num contrabandista. A refeição me proporcionou o primeiro bom exame do grupo. Quinze peregrinos, de várias idades e sexos, sem contar Panela. Cerca de uma dúzia de contrabandistas, seis dos quais possuíam semelhanças suficientes com Nico e Rica para serem pelo menos primos. Os outros pareciam um conjunto variado, profissionalmente duros e vigilantes. Pelo menos três estavam sempre de vigia. Conversavam pouco e conheciam bem suficiente o que tinham de fazer que Nico lhes dava poucas orientações. Dei por mim sentindo-me confiante de que chegaria pelo menos a ver o outro lado do rio, e provavelmente a fronteira da Montanha. Há muito tempo que não me sentia tão otimista.

Esporana tirou o melhor proveito de tal companhia. Assim que acabamos de comer, pegou a harpa e, apesar das frequentes advertências de Nico para falarmos em voz baixa, ele não proibiu a música e canções suaves que ela nos ofereceu. Aos contrabandistas cantou uma balada sobre Peso, o Salteador, talvez o mais arrojado assaltante que Cervo já conheceu. A canção provocou um sorriso até em Nico, e os olhos de Esporana flertaram com ele enquanto cantava. Aos peregrinos cantou sobre uma estrada sinuosa de rio que levava as pessoas para casa e terminou com uma canção de embalar para as três crianças que tínhamos entre nós. A essa altura já não eram só as crianças que estavam estendidas nos cobertores. Panela me mandara categoricamente ir buscar o seu na carroça. Perguntei-me quando havia sido promovido de condutor a criado, mas nada disse

e fui buscá-lo. Supunha que havia alguma coisa em mim que levava todas as pessoas idosas a partir do princípio de que o meu tempo estava à sua disposição.

Desenrolei os meus cobertores ao lado dos de Panela e me deitei em busca do sono. À minha volta, a maior parte dos outros já ressonava. Panela enrolou-se nos cobertores como um esquilo no seu ninho. Conseguia imaginar como os seus ossos deviam doer com o frio, mas havia pouco que eu pudesse fazer por ela. Perto da lareira, Esporana conversava com Nico. De vez em quando, os seus dedos vagavam levemente sobre as cordas da harpa, fazendo com as notas prateadas do instrumento um contraponto à sua voz. Várias foram as vezes em que fez Nico rir.

Estava quase adormecido.

Irmão?

Todo o meu corpo saltou com o choque. Ele estava próximo.

Olhos-de-Noite?

Claro! Divertimento. *Ou será que agora tem outro irmão?*

Nunca! Só você, meu amigo. Onde está?

Onde estou? Do lado de fora. Venha aqui.

Levantei-me depressa e voltei a vestir o manto. O homem que guardava a porta franziu o cenho para mim, mas não me fez perguntas. Penetrei na escuridão, passando pelos carros estacionados. A neve parara de cair e o vento forte limpara uma extensão de céu iluminado pelas estrelas. Neve prateava os galhos de todos os arbustos e árvores. Procurava a sua presença ao meu redor quando um peso sólido me atingiu nas costas. Fui atirado de cabeça contra a neve e teria soltado um grito, se a minha boca não estivesse cheia de neve. Consegui rolar sobre mim mesmo e fui pisoteado várias vezes por um lobo jubiloso.

Como soube onde me encontrar?

Como você sabe onde coçar quando tem um comichão?

De súbito soube o que ele queria dizer. Eu nem sempre estava consciente do nosso vínculo. Mas pensar nele agora e encontrá-lo era subitamente tão fácil quanto juntar as mãos na escuridão. Claro que eu sabia onde ele estava. Ele era uma parte de mim.

Você cheira a fêmea. Tem uma nova parceira?

Não. Claro que não.

Mas divide um covil?

Viajamos juntos, como alcateia. É mais seguro dessa forma.

Eu sei.

Durante algum tempo permanecemos quietos de corpo e mente, simplesmente nos ajustando de novo à presença física um do outro. Senti-o outra vez inteiro. Tinha paz. Não sabia que me preocupara tanto com ele até que vê-lo deixou minha mente descansada. Senti-o concordar relutante com isso. Ele sabia que eu enfrentara sozinho dificuldades e perigos. Não achara que eu conseguisse sobreviver a eles. Mas também sentira a minha falta. Sentira a falta da minha maneira de pensar, dos tipos de ideias e discussões que os lobos nunca partilhavam entre si. *Foi por isso que você voltou para mim?*, perguntei-lhe.

Ele levantou-se de repente e sacudiu-se todo. *Era hora de voltar*, respondeu, de um modo evasivo. Depois acrescentou: *Corri com eles. Eles por fim me aceitaram como membro da alcateia. Caçamos juntos, matamos juntos, partilhamos carne. Foi muito bom.*

Mas?

Eu queria ser o líder. Virou-se e me olhou por sobre o ombro, com a língua pendente. *Estou acostumado a ser o líder, sabia?*

Está? E eles não quiseram aceitá-lo?

Lobo Negro é muito grande. E rápido. Eu sou mais forte do que ele, acho, mas ele conhece mais truques. Foi muito parecido como quando você lutou com Coração da Matilha.

Soltei uma gargalhada abafada e ele saltou sobre mim, erguendo os lábios num rosnado fingido.

— Acalme-se — eu disse em voz baixa, mantendo-o afastado com as mãos abertas. — Então. O que aconteceu?

Ele atirou-se no chão a meu lado. *Ele continua sendo o líder. Ainda tem a companheira e o covil.* Refletiu e eu o senti lutando com o conceito de futuro. *Pode ser diferente, em outro momento.*

— Pode ser — concordei. Cocei-o suavemente por trás da orelha e ele quase rolou na neve. — Voltará para eles, um dia?

Ele estava tendo dificuldade em se concentrar nas minhas palavras enquanto eu lhe coçava as orelhas. Parei e voltei a lhe fazer a pergunta. Ele inclinou a cabeça para um lado e me observou divertido. *Pergunte-me nesse dia, e eu serei capaz de responder.*

Um dia de cada vez, concordei. *Estou contente por você estar aqui. Mas ainda não compreendo por que você voltou para mim. Podia ter ficado com a alcateia.*

Os seus olhos cruzaram-se com os meus, e, mesmo na escuridão, agarraram-me. *Você foi chamado, não foi? Não é verdade que o seu rei lhe uivou "Venha até mim"?*

Assenti relutante. *Fui chamado.*

Ele levantou-se subitamente, sacudindo-se todo. Deixou o olhar vagar pela noite. *Se você é chamado, eu também sou*. Ele não admitia de boa vontade.

Não precisa vir comigo. Este chamamento do meu rei prende a mim, não a você.

Nisso você está enganado. Aquilo que o prende, prende a mim.

Não compreendo como isso pode ser, eu disse com cautela.

Nem eu. Mas é assim. Ele nos gritou: "Venha até mim". E durante algum tempo, consegui ignorá-lo. Mas já não consigo.

Lamento. Tateei à procura de um modo de expressá-lo. *Ele não tem direito sobre você. Eu sei disso. Não acho que ele pretendesse chamá-lo. Não acho que pretendesse me prender. Mas aconteceu, e tenho de ir até ele.*

Levantei-me e sacudi a neve que começava a derreter em cima de mim. Senti-me envergonhado. Veracidade, um homem em quem eu confiava, fizera-me aquilo. Isso era ruim o suficiente. Mas, através de mim, impusera-o ao lobo. Veracidade não tinha o direito de fazer exigências a Olhos-de-Noite. Aliás, nem eu tinha o direito de lhe fazer exigências. O que existira entre nós sempre fora aceito de livre vontade, uma dádiva mútua de ambos os lados, sem depender de obrigações. Agora, através de mim, ele estava tão encurralado como se eu o tivesse enjaulado.

Então dividimos uma jaula.

Gostaria que não fosse assim. Gostaria de ter alguma maneira de libertá-lo disso. Mas nem sequer sei como libertar a mim mesmo. Sem saber como você está preso, não sei como libertá-lo. Você e eu partilhamos a Manha. Veracidade e eu partilhamos o Talento. Como é possível que a transmissão de Talento dele tenha me atravessado para apanhá-lo? Você nem sequer estava comigo quando ele me chamou.

Olhos-de-Noite ficou muito imóvel na neve. O vento começara a soprar, e à tênue luz das estrelas pude vê-lo agitando o pelo. *Eu estou sempre com você, irmão. Você nem sempre pode estar consciente de mim, mas eu estou sempre com você. Nós somos um só.*

Partilhamos muitas coisas, concordei. Um mal-estar me atormentava.

Não. Ele virou-se para me encarar de frente, encontrar os meus olhos como nenhum lobo selvagem teria feito. *Nós não partilhamos. Nós somos um só. Eu já não sou um lobo, você já não é um homem. Não tenho um nome para aquilo que somos juntos. Aquele que nos falou do Sangue Antigo talvez tenha uma palavra para explicá-lo*. Fez uma pausa. *Vê até que ponto sou homem, que até falo em*

haver uma palavra para uma ideia? Não são necessárias palavras. Nós existimos, e somos o que formos.

Eu o libertaria se pudesse.

Libertaria? Eu não me separaria de você.

Não foi isso o que eu quis dizer. Quis dizer que gostaria que você tivesse uma vida própria.

Ele bocejou, então se espreguiçou. *Eu gostaria que tivéssemos uma vida própria. Vamos conquistá-la juntos. Bem. Viajamos de dia ou de noite?*

Viajamos de dia.

Ele detectou o que eu queria dizer. *Vai continuar viajando com esta alcateia enorme? Por que não se separa dela e corre comigo? Iremos mais depressa.*

Sacudi a cabeça. *Não é assim tão simples. Para viajar para onde temos de ir, vou precisar de abrigo, e não tenho nenhum que seja só meu. Preciso da ajuda desta alcateia para sobreviver com um tempo como este.*

Seguiu-se uma meia hora difícil, enquanto eu tentava lhe explicar que precisaria do apoio dos outros membros da caravana para chegar às Montanhas. Se tivesse um cavalo e provisões minhas, não teria hesitado em confiar na sorte e partir com o lobo. Mas a pé, e apenas com aquilo que eu mesmo conseguia transportar, enfrentando as neves profundas e o frio ainda mais profundo das Montanhas, sem falar da travessia de um rio? Eu não seria um tolo tão grande assim.

Caçaríamos, insistia Olhos-de-Noite. Iríamos nos enrolar na neve à noite. Ele podia cuidar de mim, como sempre fizera. Com persistência, consegui convencê-lo de que tinha de continuar a viajar como vinha fazendo. *Então terei de continuar me esgueirando como um cão vadio, atrás de toda essa gente?*

— Tom? Tom, está aí fora? — Havia aborrecimento irritado e preocupação na voz de Nico.

— Estou bem aqui! — Saí do meio dos arbustos.

— O que estava fazendo? — perguntou ele com desconfiança.

— Mijando — respondi. Tomei uma decisão súbita. — E o meu cão me seguiu desde a vila e nos encontrou aqui. Deixei-o com amigos, mas ele deve ter roído a corda. Aqui, garoto, venha com o seu dono.

Eu vou arrancar teu calcanhar à dentada, sugeriu Olhos-de-Noite num tom selvagem, mas veio, seguindo-me até o pátio.

— Tremendo de um cão grande — observou Nico. Inclinou-se para frente. — A mim parece mais do que meio lobo.

— Alguns em Vara já me disseram isso. É uma raça de Cervo. Nós os usamos

para guardar ovelhas.

Você vai pagar por isso. Eu prometo.

Em resposta, abaixei-me para lhe acariciar o ombro e em seguida lhe coçar as orelhas. *Abane o rabo, Olhos-de-Noite*.

— É um velho cão fiel. Eu devia saber que não ficaria para trás.

As coisas que eu aguento por você. Ele abanou o rabo. Uma vez.

— Estou vendo. Bem. É melhor que entre e durma um pouco. E da próxima vez não saia sozinho. Para nada. Pelo menos sem que me informe primeiro. Quando os meus homens estão de vigia, ficam nervosos. Podem cortar a sua garganta antes de o reconhecerem.

— Compreendo.

Eu passei bem pelo meio de dois deles.

— Nico, você não se importa, não é? Com o cão, quero dizer. — Tentei parecer afavelmente embaraçado. — Ele pode ficar aqui fora. Na verdade, é um cão de guarda muito bom.

— Só não espere que eu o alimente por você — resmungou Nico. — E não deixe que ele nos cause problemas.

— Oh, tenho certeza de que não causará. Não é, garoto?

Esporana escolheu esse momento para vir à porta.

— Nico? F… Tom?

— Estamos aqui. Você tinha razão, ele estava só mijando — disse Nico em voz baixa. Tomou o braço de Esporana e começou a guiá-la de volta ao barracão.

— O que é aquilo? — perguntou ela, parecendo quase alarmada.

De repente, tive de apostar tudo na esperteza rápida dela e na nossa amizade.

— É só o cão — disse rapidamente. — Olhos-de-Noite deve ter roído a corda. Eu avisei Crice para vigiá-lo quando o deixei lá, que ele ia querer me seguir. Mas Crice não me deu ouvidos, e aqui está ele. Parece que vou ter de levá-lo conosco para as Montanhas, afinal.

Esporana estava fitando o lobo. Tinha os olhos tão abertos e negros quanto o céu noturno acima de nós. Nico a puxou pelo braço e ela virou-se por fim para a porta.

— Suponho que sim — disse com uma voz fraca.

Agradeci silenciosamente a Eda e a qualquer outro deus que pudesse estar escutando. A Olhos-de-Noite, eu disse:

— Fique de guarda, bom garoto.

Aproveite enquanto pode, irmãozinho. Jogou-se no chão ao lado da carroça. Eu duvidava de que ficasse lá durante mais do que alguns segundos. Segui

Esporana e Nico para dentro. Nico fechou firmemente a porta atrás de nós e colocou a tranca no lugar. Eu descalcei as botas e sacudi o manto carregado de neve antes de me enrolar nos cobertores. O sono ficou de repente muito próximo quando compreendi toda a amplitude do alívio que sentia. Olhos-de-Noite estava de volta. Sentia-me completo. Em segurança, com o lobo à porta.

Olhos-de-Noite. Estou contente por você estar aqui.

Você tem uma maneira estranha de demonstrar, respondeu o lobo, mas eu consegui sentir que ele estava mais achando graça do que aborrecido.

Rolfe Negro me enviou uma mensagem. Majestoso está tentando virar os do Sangue Antigo contra nós. Oferece-lhes ouro para nos perseguirem em seu nome. Não devíamos conversar muito.

Ouro. O que é o ouro para nós ou para aqueles que são como nós? Não tema, irmãozinho. Eu estou aqui para cuidar de você outra vez.

Fechei os olhos e me afundei no sono, esperando que ele tivesse razão. Por um instante, enquanto hesitava à beira da vigília, reparei que Esporana não estendera os cobertores perto dos meus. Estava sentada nos seus do outro lado da sala. Ao lado de Nico. De cabeças juntas, conversavam em voz baixa sobre qualquer coisa. Ela riu. Não consegui ouvir as palavras que disse em seguida, mas o tom era o de um desafio provocador.

Quase senti uma pontada de ciúme. Censurei-me por isso. Ela era uma companheira, nada mais. Que me importava o modo como ela passava as noites? Na noite anterior dormira encostada às minhas costas. Nesta, não o faria. Decidi que era o lobo. Ela não podia aceitá-lo. Não era a primeira. Saber que eu era Manhoso não era a mesma coisa que ser confrontada pelo meu animal de vínculo. Bem. Assim eram as coisas.

Adormeci.

Em algum momento durante a noite, senti um suave apalpar. Era o mais leve raspar de Talento contra os meus sentidos. Fiquei alerta, mas imóvel, à espera. Nada senti. Teria imaginado, teria sonhado? Um pensamento mais sinistro me ocorreu. Talvez fosse Veracidade, enfraquecido demais para fazer mais do que tentar me alcançar. Talvez fosse Vontade. Fiquei imóvel, ansiando por sondar e temendo fazê-lo. Desejava tanto saber que Veracidade estava bem; desde que ele explodira contra o círculo de Majestoso naquela noite, nada sentira vindo dele. *Venha até mim*, dissera. E se isso tivesse sido o seu último desejo? E se de toda a minha busca eu nada obtivesse a não ser ossos? Afastei o medo e tentei ficar aberto.

A mente que senti roçando a minha era a de Majestoso.

Eu nunca entrara em contato com Majestoso pelo Talento, apenas suspeitara de que ele era capaz de usá-lo. Mesmo agora, duvidei do que sentia. A força do Talento parecia a de Vontade, mas a sensação que emanava dos pensamentos era a de Majestoso. *E também não encontrou a mulher?* A transmissão por Talento não se destinava a mim. Ele contactava outra pessoa. Tornei-me mais ousado, aventurando-me a chegar mais perto. Tentei me abrir aos seus pensamentos sem procurar alcançá-los.

Por enquanto não, meu rei. Emaranhado. Escondendo o seu tremor por trás de formalidade e cortesia. Sabia que Majestoso conseguia detectá-lo tão facilmente quanto eu. Até sabia que ele gostava de senti-lo. Majestoso nunca fora capaz de compreender a diferença entre medo e respeito. Não conseguia acreditar no respeito de um homem por ele, a menos que fosse manchado de medo. Eu não achara que ele podia estender isso ao seu círculo. Perguntei-me qual seria a ameaça que ele deixava pairando sobre eles.

E nada do Bastardo?, perguntou Majestoso. Agora não havia dúvida. Majestoso usava o Talento, usando a força de Vontade. Isso significava que ele não era capaz de usá-lo sozinho?

Emaranhado endureceu-se. *Meu rei, não encontrei sinal dele. Creio que está morto. Realmente morto, desta vez. Ele cortou-se com uma lâmina envenenada; o desespero que sentiu nesse momento de decisão foi absoluto. Nenhum homem poderia tê-lo fingido.*

Nesse caso devia haver um corpo, não devia?

Em algum lugar, meu rei, tenho certeza de que há. Os seus guardas simplesmente não o encontraram ainda. Isto vinha de Cedoura, que não tremia de medo. Escondia o medo até de si mesmo, fingindo que era ira. Compreendia como ele poderia precisar fazer isso, mas duvidava de que fosse sensato. Isso o forçava a fazer frente a Majestoso. Majestoso não gostava de homens que dissessem o que tinham em mente.

Talvez eu devesse encarregar você de percorrer as estradas, à procura dele, sugeriu Majestoso num tom agradável. *Ao mesmo tempo, você poderia descobrir o homem que matou Dardo e a sua patrulha.*

Senhor meu rei… começou Cedoura, mas Majestoso se sobrepôs a ele com um *SILÊNCIO!* Recorreu liberalmente às forças de Vontade para fazê-lo. O esforço não lhe custou nada.

Já acreditei que ele estava morto antes, e a minha confiança na palavra alheia quase me matou. Desta vez quero vê-lo, quero vê-lo feito em pedaços antes de descansar. A débil tentativa de Vontade de levar o Bastardo a trair-se falhou

miseravelmente.

Talvez porque ele já esteja morto, aventou estupidamente Cedoura.

Então testemunhei uma coisa que desejaria não ter testemunhado. Uma agulha de dor, quente e penetrante, foi enviada por Majestoso a Cedoura com o Talento de Vontade. Nesse envio, vislumbrei finalmente por completo aquilo em que eles haviam se transformado. Majestoso montava Vontade, não como um homem monta um cavalo, sujeito a ser derrubado pelo cavalo em fúria, mas como um carrapato ou uma sanguessuga morde a vítima e se agarra e suga dela a vida. Acordado ou dormindo, Majestoso estava sempre com ele, tinha sempre acesso às suas forças. E agora gastava-as rancorosamente, sem se importar nem um pouco com o que isso custaria a Vontade. Eu não sabia que a dor podia ser infligida apenas com o Talento. Conhecia uma explosão atordoante de força como aquela que Veracidade atirara contra eles. Mas isto era diferente. Isto não era exibição de força ou temperamento. Era uma exibição do mais puro espírito vingativo. Soube que, em algum lugar, Cedoura caiu no chão e esperneou numa agonia sem palavras. Ligados como estavam, Emaranhado e Vontade devem ter partilhado uma sombra dessa dor. Surpreendeu-me que um membro de um círculo fosse sequer capaz de fazer aquilo a outro. Porém, não era Vontade quem enviava a dor. Era Majestoso.

Passou, algum tempo mais tarde. Era possível que na realidade não tivesse durado mais do que um instante. Para Cedoura, certamente durou bastante tempo. Detectei uma tênue lamúria mental vindo dele. Naquele momento ele não era capaz de mais do que aquilo.

Não acredito que o Bastardo tenha morrido. Não me atrevo a acreditar nisso até ver o seu corpo. Alguém matou Dardo e os seus homens. Portanto, encontrem o seu corpo e tragam-no a mim, esteja ele vivo ou morto. Emaranhado. Fique onde está e redobre os esforços. Tenho certeza de que ele se dirige para aí. Não deixe que nenhum viajante passe por você sem oposição. Cedoura, acho que você talvez deva se juntar a Emaranhado. Uma vida de indolência não parece de acordo com o seu temperamento. Parta amanhã. E, enquanto viaja, não seja preguiçoso. Mantenham as mentes nas suas tarefas. Sabemos que Veracidade está vivo; ele provou isso a todos vocês com toda a eficácia. O Bastardo irá tentar juntar-se a ele. Deve ser parado antes que o faça, e então o meu irmão deve ser eliminado enquanto ameaça. Essas são as únicas tarefas que lhes dei; por que não conseguem concluí-las? Não pensam no que vai nos acontecer se Veracidade tiver sucesso? Procurem-no, com o Talento e com homens. Não deixem que as pessoas se esqueçam do que eu ofereci pela

sua captura. Não deixem que se esqueçam da punição por ajudá-lo. Entendido?

Claro, senhor meu rei. Não pouparei esforços. Emaranhado foi rápido para responder.

Cedoura? Não ouço nada vindo de você, Cedoura. A ameaça de punição pairou sobre todos.

Por favor, senhor meu rei. Eu farei tudo, seja o que for. Vivo ou morto, irei encontrá-lo para o senhor. Irei encontrá-lo.

Sem um agradecimento sequer, a presença de Vontade e Majestoso desapareceu. Senti Cedoura desmaiar. Emaranhado permaneceu por mais um momento. Teria estado à escuta, teria tentado alcançar tateando a minha presença? Deixei que os meus pensamentos voassem, livres, deixei que a minha concentração se dissipasse. Então abri os olhos e fiquei olhando para o teto, pensando. O uso do Talento me deixara nauseado e tremendo.

Estou com você, irmão, assegurou-me Olhos-de-Noite.

E eu estou contente por você estar. Virei para o lado e tentei encontrar o sono.

CAPÍTULO 16

Esconderijo

Em muitas das velhas lendas e histórias sobre a Manha, insiste-se que o utilizador da Manha acaba por adotar muitas características do seu animal de vínculo. Algumas das histórias mais assustadoras dizem que um Manhoso acaba por obter a capacidade de assumir a aparência desse animal. Os que conhecem intimamente essa magia me asseguraram de que não é assim. É verdade que um Manhoso pode, sem que perceba, assumir alguns dos maneirismos físicos do seu animal de vínculo, mas não nascem asas a alguém que esteja vinculado a uma águia, e alguém vinculado a um cavalo não começa a relinchar. Com o passar do tempo, um Manhoso aumenta a sua compreensão do animal de vínculo, e quanto mais tempo um ser humano e um animal permanecerem vinculados, maior será a semelhança nos seus maneirismos. É tão provável que o animal de vínculo assuma as características e maneirismos do ser humano como que o ser humano adote os do animal. Mas isso só acontece após um longo período de intenso contato.



Nico concordava com a ideia que Bronco tinha sobre o momento em que as manhãs começavam. Acordei ao som dos seus homens levando os cavalos para fora. Um vento frio soprava pela porta aberta. À minha volta, na escuridão, os outros moviam-se. Uma das crianças chorava por ter sido acordada tão cedo. A mãe mandou-a se calar. Moli, pensei com súbita saudade. Em algum lugar, mandando a minha filha se calar.

O que é isso?

A minha parceira pariu uma cria. Muito longe.

Preocupação imediata. *Mas quem caçará carne para alimentá-las? Não devíamos voltar para junto dela?*

Coração da Matilha está cuidando dela.

Claro. Eu devia ter percebido logo. Esse sabe o que quer dizer alcateia, por mais que o negue. Então está tudo bem.

Enquanto me levantava e entrouxava os meus cobertores, desejei poder aceitar aquilo tão jovialmente quanto ele. Sabia que Bronco cuidaria delas. Era essa a sua natureza. Lembrei todos os anos em que cuidara de mim enquanto eu crescia. Naquela época, eu o odiara com frequência; agora não conseguia pensar em mais ninguém que preferisse que tomasse conta de Moli e da minha bebê. Exceto eu. Preferiria, de longe, que fosse eu que estivesse cuidando delas, até mesmo embalando uma bebê chorona no meio da noite. Embora, naquele momento, eu gostaria muito que a peregrina arranjasse uma maneira de aquietar a sua criança. Eu estava pagando pela espionagem de Talento da noite anterior com uma violenta dor de cabeça.

A comida pareceu ser a resposta, pois quando a menina comeu uma fatia de pão e um pedaço de favo de mel, acalmou-se rapidamente. Partilhamos uma refeição apressada, com o chá como único item quente. Reparei que Panela estava mexendo-se de uma forma muito rígida e me apiedei dela. Fui buscar um copo de chá quente para que ela enrolasse nele os dedos retorcidos enquanto eu enrolava os seus cobertores. Nunca vi mãos tão contorcidas pelo reumatismo; lembravam-me as garras de uma ave.

— Um velho amigo meu dizia que às vezes a ardência das urtigas lhe aliviava as mãos quando doíam — sugeri enquanto amarrava a sua trouxa.

— Encontre-me urtigas crescendo debaixo da neve e eu experimento, garoto — respondeu ela num tom rabugento. Mas alguns momentos mais tarde estava me oferecendo uma maçã seca proveniente das suas pequenas reservas. Aceitei-a com agradecimentos. Carreguei as nossas coisas na carroça e arreei a égua enquanto ela acabava de beber o chá. Olhei ao redor, mas não vi sinal de Olhos-de-Noite.

Caçando, foi a resposta.

Gostaria de estar com você. Boa sorte.

Não devíamos conversar pouco, para que Majestoso não nos escute?

Não respondi. Estava uma manhã fria de céu limpo, brilhante de uma forma que era quase chocante depois da neve da véspera. Estava mais frio do que estivera no dia anterior; o vento que vinha do rio parecia atravessar os meus trajes, descobrindo os buracos nos punhos e colarinhos por onde enfiar os seus dedos frios. Ajudei Panela a subir na carroça, e então aconcheguei um de seus cobertores ao seu redor, somando-o aos seus agasalhos.

— A sua mãe o treinou bem, Tom — disse ela com genuína gentileza.

Mesmo assim estremeci com o comentário. Esporana e Nico ficaram juntos conversando até todos os outros estarem prontos para partir. Então ela montou o

seu pônei de montanha e ocupou um lugar ao lado de Nico à cabeça da nossa procissão. Disse a mim mesmo que de qualquer modo era provável que Nico Grampo desse uma balada melhor do que FitzCavalaria. Se ele conseguisse persuadi-la a regressar consigo na fronteira da Montanha, a minha vida só ficaria mais simples.

Concentrei-me na minha tarefa. Na verdade, ela pouco exigia de mim além de evitar que a égua se afastasse demais do carro dos peregrinos. Tive tempo para ver a região que atravessávamos. Voltamos para a estrada pouco usada por onde seguíramos no dia anterior, e continuamos a seguir o rio correnteza acima. Ao longo do rio havia algumas árvores, mas, a curta distância da margem, o terreno transformava-se numa extensão ondulada de arbustos e vegetação rasteira. Barrancos e ravinas cortavam a nossa estrada ao descerem para o rio. Parecia que em alguma época houve água em abundância por ali, talvez na primavera. Mas agora a terra estava seca, exceto pela neve cristalina que era soprada como se fosse areia no leito do rio.

— Ontem a menestrel fez você sorrir para si mesmo. Por quem é a cara amarrada de hoje? — perguntou Panela em voz baixa.

— Estava pensando que é uma pena ver no que esta rica terra se transformou.

— Estava, é? — perguntou a velha com secura.

— Fale-me desse seu vidente — eu disse, principalmente para mudar de assunto.

— Ele não é meu — disse ela com aspereza. Então se suavizou. — É provável que eu esteja em uma demanda idiota. Aquele que procuro pode nem estar lá. E, no entanto, que melhor uso tenho eu para estes anos do que perseguir uma quimera?

Permaneci em silêncio. Estava começando a descobrir que era essa a pergunta que ela melhor respondia.

— Sabe o que há nesta carroça, Tom? Livros. Pergaminhos e escritos. Coisas que levei anos para juntar. Reuni-os em muitas terras, aprendi a ler em muitas línguas e alfabetos. Em tantos lugares encontrei referências, repetidas várias vezes, aos Profetas Brancos. Eles surgem nos pontos de confluência da história e a moldam. Há quem diga que vêm colocar a história no seu rumo certo. Existem aqueles que acreditam, Tom, que todo o tempo é um círculo. Toda a história é uma grande roda, que gira inexoravelmente. Tal como as estações vão e vêm, tal como a lua se desloca sem cessar pelo seu ciclo, assim acontece com o tempo. Travamos as mesmas guerras, caem as mesmas pragas, as mesmas pessoas, boas ou más, ascendem ao poder. A humanidade está presa nessa roda, eternamente

condenada a repetir os erros que já cometera. A não ser que alguém surja para alterá-los. Longe daqui, ao sul, existe uma terra onde se acredita que em cada geração existe um Profeta Branco em algum lugar no mundo. Ele ou ela vem e, se se der ouvidos àquilo que é ensinado, o ciclo do tempo desloca-se para um rumo melhor. Se isso for ignorado, todo o tempo é empurrado para um caminho mais sombrio.

Fez uma pausa, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

— Nada sei sobre tais ensinamentos — admiti.

— Não esperava que você soubesse. Foi num lugar distante que comecei a estudar essas coisas. Lá se defendia que, se esses profetas falhassem, continuamente, a história repetida do mundo se tornaria cada vez mais maligna, até que todo o ciclo do tempo, centenas de milhares de anos, se transforme numa história de infelicidade e maldade.

— E se o profeta for escutado?

— Cada vez que um deles tem sucesso, as coisas tornam-se mais fáceis para o seguinte. E quando passar um ciclo inteiro no qual todos os profetas tiverem êxito, o próprio tempo parará por fim.

— Então eles trabalham pelo fim do mundo futuro?

— Não pelo fim do mundo, Tom. Pelo fim do tempo. Para libertar a humanidade do tempo. Pois o tempo é o maior escravizador de todos nós. O tempo que nos envelhece, o tempo que nos limita. Pense em quantas vezes você desejou ter mais tempo para qualquer coisa, ou desejou poder voltar um dia para trás e fazer algo de forma diferente. Quando a humanidade se libertar do tempo, as velhas injustiças podem ser corrigidas antes de serem cometidas. — Suspirou. — Creio que este é o momento para a vinda de tal profeta. E as minhas leituras me levaram a crer que o Profeta Branco desta geração surgirá nas Montanhas.

— Mas você está só na sua demanda. Ninguém mais concorda com você?

— Muitos outros concordam. Porém poucos, muito poucos, vão em busca de um Profeta Branco. É o povo ao qual o profeta é enviado que tem de lhe dar ouvidos. Os outros não devem interferir, para não se correr o risco de afetarem o tempo de forma negativa para sempre.

Eu ainda tentava entender o que ela dissera sobre o tempo. Parecia dar um nó no meu raciocínio. A sua voz silenciou-se. Olhei para a frente, por entre as orelhas da égua, e ponderei. Tempo para voltar atrás e ser honesto com Moli. Tempo para seguir Penacarriço, o escriba, em vez de ser aprendiz de assassino. Ela me dera muito em que pensar.

A nossa conversa parou durante algum tempo.

Olhos-de-Noite reapareceu pouco depois do meio-dia. Saiu das árvores com ar decidido, a trote, para se colocar ao lado da nossa carroça. A égua lhe lançou vários olhares nervosos enquanto tentava fazer sentido do cheiro a lobo e do comportamento de cão. Sondei na sua direção e a tranquilizei. Ele já estava ao meu lado havia algum tempo quando Panela o viu. Inclinou-se para frente, a fim de olhar para além de mim, e depois voltou a recostar-se.

— Há um lobo ao lado da nossa carroça — observou.

— É o meu cão. Embora tenha algum sangue de lobo — admiti com indiferença.

Panela inclinou-se para frente, para olhá-lo de novo. Olhou de relance para a minha expressão plácida. Então se recostou.

— Então atualmente guardam ovelhas com lobos em Cervo — assentiu, e nada mais disse sobre ele.

Continuamos avançando a um ritmo constante durante o resto do dia. Não vimos ninguém além de nós, e só vislumbramos uma pequena cabana deixando um rastro de fumaça à distância. O frio e o vento forte eram constantes, e essa permanência não era do tipo que se tornava mais fácil de ignorar à medida que o dia se estendia. Os rostos dos peregrinos, no carro que seguia à nossa frente, tornaram-se mais pálidos, os narizes mais vermelhos, os lábios quase azuis numa das mulheres. Aglomeravam-se como peixes em salmoura, mas nem toda a sua proximidade parecia lhes fornecer proteção contra o frio.

Mexi os pés dentro das botas para manter os dedos despertos, e passei as rédeas de uma mão para a outra enquanto estas faziam turnos para aquecer os dedos debaixo do braço. Meu ombro doía, e a dor corria pelo meu braço abaixo até que mesmo os dedos já latejavam com ela. Tinha os lábios secos, mas não me atrevia a umedecê-los com medo que estalassem. Poucas coisas são mais penosas de enfrentar do que um frio constante. Quanto a Panela, eu não duvidava de que o frio a torturava. Ela não se queixava, mas conforme o dia passava, parecia ficar cada vez menor dentro do seu cobertor à medida que se enrolava mais sobre si mesma. O seu silêncio parecia não ser mais do que uma indicação suplementar do seu infortúnio.

Ainda estávamos a algum tempo do cair da noite quando Nico desviou as nossas carroças da estrada e seguiu uma longa trilha quase coberta pela neve soprada pelo vento. O único sinal do caminho que eu consegui distinguir era uma quantidade menor de ervas espetadas acima da neve, mas Nico parecia conhecê-lo bem. Os contrabandistas a cavalo abriram a trilha para os carros. Mesmo assim, o caminho foi penoso para a pequena égua de Panela. Olhei uma

vez para trás de nós e vi a vasta mão do vento alisando o nosso rastro até ele não ser mais do que uma ondulação na paisagem nevada.

A região que atravessávamos parecia incaracterística, mas ondulava suavemente. Acabamos por ultrapassar o ponto mais alto da longa elevação que vínhamos subindo, e avistamos um amontoado de edifícios que pareciam invisíveis da estrada. A noite aproximava-se. Uma única luz brilhava numa janela. Quando nos dirigimos na sua direção, outras velas foram acesas e Olhos-de-Noite detectou um vestígio de fumaça de madeira no vento. Éramos esperados.

As construções não eram antigas. Pareciam ter sido recentemente concluídas. Havia um amplo celeiro. Com carros e tudo, levamos os cavalos lá para baixo, pois a terra fora escavada para que o celeiro fosse parcialmente subterrâneo. Era essa silhueta baixa que fazia com que o lugar não fosse visível da estrada, e eu não duvidava de que era esse o motivo que lhe dera origem. A menos que um homem soubesse que aquele lugar estava ali, nunca o encontraria. A terra proveniente da escavação encontrava-se empilhada em volta do celeiro e das outras construções. No interior das espessas paredes, com as portas fechadas, nem sequer conseguíamos ouvir o vento. Uma vaca leiteira movimentou-se na sua cocheira enquanto desatrelávamos os cavalos e os colocávamos nas outras. Havia palha e feno e um bebedouro com água fresca.

Os peregrinos já tinham descido da sua carroça e eu estava ajudando Panela a descer da sua quando a porta do celeiro voltou a se abrir. Uma jovem ágil com uma massa de cabelos vermelhos empilhada sobre a cabeça entrou num rompante. De punhos no quadril, confrontou-se com Nico.

— Quem são todas essas pessoas, e por que as trouxe para cá? Para que serve um esconderijo se metade da região o conhece?

Nico entregou o cavalo a um dos seus homens e virou-se para ela. Sem uma palavra, tomou-a nos braços e beijou-a. Porém, um momento mais tarde, ela o afastou com um empurrão.

— O que você está…

— Pagaram bem. Têm a sua própria comida, e podem se arranjar aqui dentro durante a noite. Depois partirão, amanhã, a caminho das Montanhas. Lá em cima ninguém se importa com o que fazemos. Não há perigo, Tel, você se preocupa demais.

— Tenho de me preocupar por dois, já que você não tem juízo para se preocupar. Tenho comida pronta, mas não suficiente para todo este grupo. Por que não enviou uma ave para me avisar?

— Enviei. Não chegou aqui? Talvez a tempestade a tenha atrasado.

— Isso é o que você diz sempre que não se lembra de enviá-la.

— Deixe para lá, mulher. Tenho boas notícias para você. Vamos para sua casa conversar. — O braço de Nico repousava confortavelmente em volta da cintura da mulher quando saíram. Coube aos homens dele nos acomodar. Havia palha onde dormir, e muito espaço por onde espalhá-la. Havia um poço com um balde ao lado para obter água. Havia uma pequena lareira numa das extremidades do celeiro. A chaminé permitia que muita fumaça se espalhasse pelo celeiro, mas era o suficiente para cozinhar. O celeiro não estava quente, a menos que o comparássemos com o tempo que fazia lá fora. Mas ninguém se queixou. Olhos-de-Noite ficara do lado de fora.

Há um galinheiro cheio de galinhas, disse-me ele. *E um pombal também.*

Deixe-os em paz, adverti-o.

Esporana fez menção de sair com os homens de Nico quando eles subiram para a casa, mas eles a pararam na porta.

— Nico disse que todos vocês devem passar esta noite aqui dentro, em um só lugar. — O homem me lançou um olhar significativo. Numa voz mais alta, disse: — Peguem a sua água agora, porque vamos trancar a porta quando sairmos. É melhor para manter o vento afastado.

Ninguém se deixou enganar por aquele comentário, mas ninguém discutiu. Era evidente que o contrabandista sentia que quanto menos soubéssemos sobre aquele esconderijo, melhor. Era compreensível. Em vez de nos queixarmos, fomos buscar água. Por hábito, voltei a encher o bebedouro dos animais. Enquanto carregava o quinto balde, perguntei a mim mesmo se alguma vez perderia o reflexo de tratar primeiro dos animais. Os peregrinos haviam se dedicado a cuidar do seu próprio conforto. Logo comecei a sentir o cheiro de comida sendo cozinhada na lareira. Bem, eu tinha carne seca e pão duro. Bastaria.

Podia estar caçando comigo. Aqui há caça. Este verão tiveram um jardim, e os coelhos ainda vêm à procura dos talos.

Ele estava deitado, protegido do vento pelo galinheiro, com os restos de um coelho entre as patas da frente. Mesmo enquanto comia, mantinha um olho no jardim coberto de neve, à espreita de mais caça. Mastiguei sombriamente um pedaço de carne seca enquanto empilhava palha para a cama de Panela na cocheira adjacente à da sua égua. Estava estendendo a manta por cima da palha quando ela regressou de junto da lareira com o bule na mão.

— Quem foi que o encarregou de fazer a minha cama? — perguntou ela.

Enquanto eu enchia os pulmões para responder, acrescentou: — Tenho chá aqui, se você tiver um copo. O meu está no saco que ficou na carroça. Lá há também um pouco de queijo e maçãs secas. Seja um bom garoto e vá buscá-los para nós.

Enquanto o fazia, ouvi a voz e a harpa de Esporana dar início a uma melodia. Cantando em troca do jantar, sem dúvida. Bem, era o que os menestréis faziam, e eu duvidava de que ela passasse fome. Trouxe o saco de Panela à dona e ela me arranjou uma porção generosa enquanto comia apenas uma refeição ligeira. Sentamo-nos nos cobertores e comemos. Durante a refeição, ela não parou de me lançar olhares, e por fim declarou:

— Você tem um ar familiar nas suas feições, Tom. De que parte de Cervo você disse que vinha?

— Da Cidade de Torre do Cervo — respondi sem pensar.

— Ah. E quem era a sua mãe?

Hesitei, e então declarei:

— Sal Linguado. — Havia tantos filhos dela correndo pela Cidade de Torre do Cervo que era provável que houvesse um chamado Tom.

— Pescadores? Como foi que o filho de uma peixeira acabou como pastor?

— O meu pai cuidava de rebanhos — improvisei. — Entre os dois ofícios, nós nos arranjávamos bem o bastante.

— Estou vendo. E lhe ensinaram a mostrar cortesias de corte a mulheres idosas. E você tem um tio nas Montanhas. Que família.

— Ele passou a viajar quando era novo e acabou por se assentar por lá. — O interrogatório estava começando a me fazer suar um pouco. E também percebi que ela sabia disso. — De que parte de Cervo você disse que a sua família vinha? — perguntei de repente.

— Não disse — respondeu ela com um pequeno sorriso.

Esporana apareceu de súbito à porta da cocheira. Empoleirou-se nela e debruçou-se para dentro.

— Nico disse que vamos atravessar o rio dentro de dois dias — informou. Eu acenei com a cabeça, mas nada disse. Ela contornou a cocheira e atirou com despreocupação a trouxa no chão, ao meu lado. Seguiu-a e sentou-se apoiada nela, com a harpa no colo. — Há dois casais lá no fundo junto à lareira, brigando e discutindo. Parece que entrou água no pão de viajante deles, e só conseguem pensar em discutir de quem é a culpa. E uma das crianças está doente e vomitando. Pobrezinha. O homem que está todo zangado por causa do pão úmido não para de resmungar que é um desperdício de comida alimentar o menino até que ele pare com o vômito.

— Esse deve ser o Convivo. Nunca conheci homem mais conivente e avarento — observou Panela com cordialidade. — E o menino, Selque. Tem andado mais ou menos doente desde que partimos de Calcede. E antes disso, provavelmente. Acho que a mãe pensa que o santuário de Eda pode curá-lo. Está se agarrando a quimeras, mas tem ouro para isso. Ou tinha.

Aquilo deu início a uma série de fofocas entre as duas. Eu me encostei no canto e ouvi com meio ouvido e dormitei. Dois dias até o rio, prometi a mim mesmo. E quanto mais até as Montanhas? Interrompi para perguntar a Esporana se ela sabia.

— Nico diz que não há maneira de saber, tudo depende do tempo. Mas ele disse para não me preocupar com isso. — Os dedos percorreram ociosamente as cordas da harpa. Quase instantaneamente, duas crianças apareceram à porta da cocheira.

— Vai cantar outra vez? — perguntou a garota. Era uma menininha magricela com cerca de seis anos, com um vestido muito gasto. Havia pedaços de palha no seu cabelo.

— Gostariam que eu cantasse?

Como resposta, as crianças entraram aos saltos e foram sentar-se de ambos os lados dela. Eu esperava que Panela se queixasse daquela invasão, mas ela nada disse, mesmo quando a menina se instalou confortavelmente contra o seu corpo. Panela começou a lhe tirar a palha do cabelo com os seus velhos dedos retorcidos. A menininha tinha olhos escuros e trazia consigo uma boneca de cara bordada. Quando sorriu para Panela, pude ver que as duas não eram desconhecidas.

— Cante aquela sobre a velha e o porco — implorou o menino a Esporana.

Eu me levantei e peguei a trouxa.

— Preciso dormir um pouco — desculpei-me. De repente não conseguia suportar estar perto das crianças.

Encontrei uma cocheira vazia mais perto da porta do celeiro, e me deitei ali. Ouvia o murmúrio das vozes dos peregrinos perto da lareira. Uma discussão ainda parecia estar em andamento. Esporana cantava a canção sobre a mulher, a escada e o porco, e depois cantou sobre uma macieira. Ouvi os passos de alguns dos outros vindo ouvir a música. Disse a mim mesmo que fariam melhor se dormissem, e fechei os olhos.

Tudo estava escuro e silencioso quando ela veio à minha procura na noite. Pisou na minha mão no escuro, e depois quase deixou cair a trouxa em cima da minha cabeça. Eu nada disse, mesmo quando ela se esticou ao meu lado.

Estendeu os cobertores para também me cobrir e então se enfiou por baixo da borda da minha. Não me mexi. De súbito senti a sua mão tocando meu rosto numa interrogação.

— Fitz? — perguntou-me suavemente na escuridão.

— O que é?

— Até que ponto confia em Nico?

— Já lhe disse. Não confio nele. Mas acho que vai nos levar para as Montanhas. Ao menos pelo seu orgulho. — Sorri nas trevas. — A reputação de um contrabandista tem de ser perfeita, entre aqueles que a conhecem. Ele nos levará até lá.

— Você estava zangado comigo mais cedo hoje? — Quando eu nada disse, acrescentou: — Você me olhou tão sério hoje de manhã…

— O lobo a incomoda? — perguntei com igual franqueza.

Ela falou com suavidade.

— Então é verdade?

— Antes você duvidava?

— Da parte sobre você ser Manhoso… sim. Pensava que era uma mentira perversa que eles tinham contado ao seu respeito. Que o filho de um príncipe pudesse ser Manhoso… Não parecia ser um homem que pudesse partilhar a vida com um animal. — O tom da sua voz não me deixou dúvidas quanto ao modo como ela via tal hábito.

— Bem. Mas sou. — Uma minúscula centelha de ira me levou a falar com franqueza. — Ele é tudo para mim. Tudo. Nunca tive amigo mais fiel, disposto a abrir mão da vida pela minha sem questionar. E mais do que a vida. Estar disposto a morrer por outro ser é uma coisa. Sacrificar o nosso modo de vida por outro ser é outra. É isso o que ele me dá. O mesmo tipo de lealdade que eu ofereço ao meu rei.

Pusera-me a pensar. Até então, nunca colocara a nossa relação naqueles termos.

— Um rei e um lobo — disse Esporana em voz baixa. Mais suavemente, acrescentou: — Não gosta de mais ninguém?

— Moli.

— Moli?

— Está em casa. Em Cervo. É a minha esposa. — Um pequeno e estranho tremor de orgulho tremeluziu em mim enquanto dizia aquelas palavras. A minha esposa.

Esporana sentou-se entre os cobertores, deixando entrar uma corrente de ar

frio. Puxei-os em vão enquanto ela perguntava:

— Uma esposa? Você tem uma esposa?

— E um bebê. Uma menina. — Apesar do frio e da escuridão, sorri com aquelas palavras. — A minha filha — eu disse com suavidade, apenas para ouvir o som das palavras. — Tenho uma esposa e uma filha em casa.

Ela se jogou nas trevas ao meu lado.

— Não, você não tem! — negou ela com um sussurro enfático. — Sou uma menestrel, Fitz. Se o Bastardo tivesse casado, a notícia teria corrido o ducado. Na verdade, havia rumores de que você estava destinado a Celeridade, a filha do Duque Fortes.

— Foi feito com discrição — disse-lhe.

— Ah. Entendo. Não está realmente casado. O que você está tentando dizer é que tem uma mulher.

Aquelas palavras me feriram.

— Moli é minha esposa — eu disse com firmeza. — De todas as maneiras que me importam, ela é minha esposa.

— E das maneiras que possam importar a ela? E à criança? — perguntou Esporana com uma voz calma.

Respirei fundo.

— Quando eu regressar, isso será a primeira coisa que remediaremos. Foi-me prometido, pelo próprio Veracidade, que quando ele for rei eu poderei casar com quem desejar. — Uma parte de mim estava horrorizada com a forma livre como eu estava falando com ela. Outra parte perguntava: que mal pode fazer que ela saiba? E havia alívio em poder falar do assunto.

— Então vai mesmo à procura de Veracidade?

— Vou servir o meu rei. Dar toda a ajuda que possa a Kettricken e à criança que é herdeira de Veracidade. E depois vou prosseguir viagem, para além das Montanhas, para encontrar o meu rei e lhe devolver o poder. Para que ele possa expulsar os Navios Vermelhos da costa dos Seis Ducados e possamos conhecer de novo a paz.

Por um momento, tudo foi silêncio, salvo o vento cortante que soprava fora do celeiro. Então ela soltou uma bufada suave.

— Se você fizer nem que seja metade disso, eu terei a minha canção heroica

— Não tenho qualquer desejo de ser um herói. Só de fazer o que tenho de fazer para ser livre para viver a minha própria vida.

— Pobre Fitz. Nenhum de nós é realmente livre para fazer isso.

— Você me parece muito livre.

— Pareço? A mim parece que cada passo que dou me leva mais para o fundo de um atoleiro, e que quanto mais luto, mais firmemente fico presa.

— Como assim?

Ela soltou uma gargalhada estrangulada.

— Olhe em volta. Aqui estou eu, dormindo em cima de palha e cantando em troca do jantar, apostando que acabará havendo uma maneira de atravessar aquele rio e prosseguir até as Montanhas. E se fizer tudo isso, terei atingido o meu objetivo? Não. Ainda tenho de andar atrás de você até que você faça alguma coisa que valha uma canção.

— Na verdade, não tem — eu disse, um tanto consternado pela ideia. — Podia seguir o seu caminho, e construindo uma carreira como menestrel. Você parece se sair bastante bem nesse ofício.

— Bem o suficiente. Bem o suficiente para um menestrel itinerante. Você já me ouviu cantar, Fitz. Tenho uma voz bastante boa, e dedos bastante ágeis. Mas não sou extraordinária, e é isso o que é preciso para ganhar uma posição como menestrel de castelo. E isso supondo que ainda haverá castelos dentro de uns cinco anos. Não me agrada em nada cantar para um público dos Navios Vermelhos.

Durante um momento, permanecemos calados, pensando.

— Veja bem — prosseguiu ela passado um tempo —, eu já não tenho ninguém. Meus pais e irmão morreram. O meu velho mestre morreu; Lorde Bronze, que gostava de mim principalmente pelo meu mestre, morreu. Todos mortos quando o castelo ardeu. Os Salteadores acharam que eu estava morta, entende? Do contrário, eu estaria mesmo morta. — Pela primeira vez, ouvi indícios de um antigo medo na sua voz. Ficou em silêncio durante algum tempo, pensando em tudo o que não mencionaria. Rolei sobre mim mesmo para olhá-la. — Só posso contar comigo. Por ora, para sempre. Só comigo. E há um limite no tempo que um menestrel pode passar vagando por aí, cantando em estalagens em troca de moedas. Se quiser ter conforto quando envelhecer, precisa conquistar um lugar num castelo. Só uma canção realmente boa pode fazer isso por mim, Fitz. E tenho uma quantidade limitada de tempo para encontrá-la. — Sua voz se tornou mais suave e o hálito quente quando disse: — E por isso o seguirei. Porque grandes acontecimentos parecem ocorrer por onde você passa.

— Grandes acontecimentos? — escarneci.

Ela aproximou-se mais de mim.

— Grandes acontecimentos. A abdicação do Príncipe Cavalaria. O triunfo contra os Navios Vermelhos na Ilha da Armação. Não foi você quem salvou a

Rainha Kettricken dos Forjados na noite em que ela foi atacada, logo antes da Caçada da Rainha Raposa? Ora, aí está uma canção que eu gostaria de ter escrito. Para não falar de precipitar os tumultos na noite da coroação do Príncipe Majestoso. Vejamos. Voltar dos mortos, tentar matar o Príncipe Majestoso no interior do Palácio de Vaudefeira e escapar incólume. Matar sozinho meia dúzia dos seus guardas enquanto estava agrilhoado… Tive a sensação de que devia ter seguido você nesse dia. Mas eu diria que tenho uma boa chance de testemunhar algo digno de nota se me mantiver agarrada à barra da sua camisa de agora em diante.

Nunca pensara naqueles acontecimentos como uma lista de coisas que causara. Quis protestar, dizer que não causara nenhuma delas, que fora simplesmente apanhado pelas rodas de amolar da história. Porém, apenas suspirei.

— Tudo o que quero fazer é ir para casa para Moli e a nossa filhinha.

— Ela provavelmente anseia pela mesma coisa. Não pode ser fácil para ela passar a vida perguntando-se quando você regressará, e se o fará.

— Ela não se pergunta. Acredita que já estou morto.

Passado algum tempo, Esporana disse de um modo hesitante:

— Fitz. Ela acha que você está morto. Como você pode acreditar que ela estará lá à sua espera quando você regressar, que não encontrará outra pessoa?

Eu compusera uma dúzia de cenas na cabeça. Que poderia morrer antes de voltar para casa, ou que quando regressasse Moli me veria como mentiroso e Manhoso, que se sentiria repelida pelas minhas cicatrizes. Estava completamente preparado para vê-la zangada comigo por não deixar que soubesse que eu estava vivo. Mas explicaria que eu achava que ela tinha encontrado outro homem e que era feliz com ele. E então ela compreenderia e me perdoaria. Afinal, fora ela quem me deixara. Sem que soubesse por quê, eu nunca imaginara voltar para casa e descobrir que ela me substituíra por outra pessoa. Estúpido. Como poderia não ter previsto que isso podia acontecer, simplesmente porque era a pior coisa que eu era capaz de imaginar? Falei mais para mim do que para Esporana.

— Suponho que é melhor entrar em contato com ela. Enviar-lhe uma mensagem, de algum modo. Mas não sei exatamente onde ela está. Nem a quem confiaria tal mensagem.

— Há quanto tempo você está afastado? — perguntou ela.

— De Moli? Quase um ano.

— Um ano! Homens — Esporana murmurou baixinho para si mesma. — Partem para combater e viajar e esperam que as suas vidas estejam à espera deles quando regressam. Vocês esperam que as mulheres fiquem para trás para cuidar

dos campos, educar as crianças e remendar o telhado e criar a vaca, para que quando entrarem de novo pela porta possam encontrar a cadeira ainda junto à lareira e pão quente na mesa. Sim, e um corpo quente e solícito na cama, ainda à sua espera. — Ela estava começando a parecer zangada. — Há quantos dias você saiu de perto dela? Bem, foram os mesmos dias que ela teve de enfrentar sem você. O tempo não para para ela só porque você foi embora. Como você pensa nela? Embalando a bebê ao lado de uma lareira quente? Que tal isto? A bebê está na casa, chorando e sem ninguém que cuide dela, deitada na cama, enquanto ela está na chuva e no vento tentando cortar lenha porque o fogo se apagou enquanto ela andava da casa para o moinho e do moinho para a casa, tentando arranjar um pouco de farinha.

Afastei aquela imagem. Não. Bronco não deixaria que isso acontecesse.

— Na minha cabeça, eu a vejo em muitas situações. Não só nas boas — defendi-me. — E ela não está completamente sozinha. Um amigo meu está cuidando dela.

— Ah, um amigo — concordou Esporana num tom suave. — E ele é bonito, espirituoso e ousado o suficiente para roubar o coração de qualquer mulher?

Bufei.

— Não. Ele é mais velho. É teimoso e rabugento. Mas também é firme, digno de confiança e ponderado. Sempre trata as mulheres bem. Com educação e gentileza. Ele cuidará bem tanto dela como da criança. — Sorri para mim mesmo, e soube que era verdade o que dizia quando acrescentei: — Matará qualquer homem que pareça ser uma ameaça para elas.

— Firme, gentil e ponderado? Trata bem as mulheres? — A voz de Esporana tornou-se mais aguda com um interesse fingido. — Sabe como um homem assim é raro? Diga-me quem ele é, quero-o para mim. Se a sua Moli o largar.

Confesso que passei por um momento de constrangimento. Lembrei-me de um dia em que Moli me provocara, dizendo que eu era a melhor coisa a sair dos estábulos desde Bronco. Quando me mostrara cético quanto àquilo ter sido um elogio, ela me dissera que ele era bem visto entre as damas, apesar dos seus silêncios e modos reservados. Teria ela alguma vez olhado para Bronco com interesse? Não. Fora comigo que ela fizera amor nesse dia, agarrando-se a mim, apesar de não podermos nos casar.

— Não. Ela me ama. Só a mim.

Não pretendia dizer as palavras em voz alta. Alguma nota na minha voz deve ter tocado um lugar mais bondoso na natureza de Esporana. Desistiu de me atormentar.

— Oh. Então está bem. Mas ainda acho que devia mandar uma mensagem a ela. Para que ela tenha uma esperança que a mantenha forte.

— Mandarei — prometi a mim mesmo. Assim que chegasse a Jhaampe. Kettricken conheceria alguma maneira de eu enviar uma mensagem a Bronco. Podia enviar apenas uma breve mensagem escrita, elaborada de uma forma que não fosse clara demais para o caso de ser interceptada. Podia pedir a Bronco para lhe dizer que estava vivo e voltaria para ela. Mas como eu faria a mensagem chegar até ele?

Fiquei em silêncio, ponderando na escuridão. Não sabia onde Moli estava vivendo. Renda talvez soubesse. Mas não podia enviar uma mensagem através de Renda sem que Paciência descobrisse. Não. Nenhuma delas podia saber. Tinha de haver alguém que ambos conhecêssemos, alguém em quem pudesse confiar. Breu, não. Podia confiar nele, mas ninguém saberia como encontrar Breu, mesmo que o conhecessem por esse nome.

Em algum lugar no celeiro, um cavalo bateu com um casco na parede de uma cocheira.

— Está muito calado — sussurrou Esporana.

— Estou pensando.

— Não queria aborrecê-lo.

— Não aborreceu. Só me fez pensar.

— Oh. — Uma pausa. — Estou com tanto frio.

— Eu também. Mas lá fora está mais frio.

— Isso não me deixa nem um pouquinho mais quente. Abraçe-me.

Não era um pedido. Aninhou-se ao meu peito, enfiando a cabeça sob o meu queixo. Cheirava bem. Como as mulheres conseguiam cheirar sempre bem? De uma forma desajeitada, coloquei os braços em volta dela, grato pelo calor a mais, mas desconfortável pela proximidade.

— Assim é melhor — suspirou ela. Senti o seu corpo descontraindo-se contra o meu. Acrescentou: — Espero que tenhamos em breve uma oportunidade para tomar banho.

— Eu também.

— Não que você cheire tão mal assim.

— Obrigado — eu disse, um pouco irritado. — Importa-se se eu for dormir agora?

— Vá em frente. — Colocou uma mão no meu quadril e acrescentou: — Se é tudo o que consegue pensar em fazer.

Consegui respirar fundo. Moli, disse a mim mesmo. Esporana estava tão

quente e próxima, cheirava tão bem. Os seus modos de menestrel faziam pouco do que sugeria. Para ela. Mas o que era Moli, realmente, para mim?

— Já lhe disse. Sou casado. — Era difícil falar.

— Hum. E ela o ama, e é evidente que você a ama. Mas somos nós que estamos aqui, e com frio. Se ela ama você tanto assim, ela acharia ruim que você arranjasse um pouco mais de calor e conforto numa noite tão fria?

Foi difícil, mas me forcei a pensar um pouco sobre aquilo, e então sorri para mim mesmo na escuridão.

— Ela não acharia apenas ruim. Iria arrancar a cabeça de cima dos ombros.

— Ah. — Esporana soltou uma gargalhada suave no meu peito. — Entendo. — Afastou o corpo do meu, gentilmente. Desejei estender a mão e puxá-la para mim. — Então talvez seja melhor apenas irmos dormir. Durma bem, Fitz.

E foi o que fiz, mas não de imediato e não sem arrependimento.

A noite nos trouxe ventos mais fortes, e quando as portas do celeiro foram destrancadas de manhã, fomos saudados por uma camada fresca de neve. A possibilidade de termos problemas sérios com as carroças caso a neve se tornasse mais funda me preocupou. Contudo, Nico parecia confiante e jovial enquanto nos fazia subir nos veículos. Despediu-se com carinho da sua senhora e voltamos a seguir caminho. Levou-nos para fora do lugar por um caminho diferente daquele que tínhamos seguido para chegar lá. Este era mais irregular, e em alguns lugares a neve havia se amontoado com profundidade suficiente para que os corpos das carroças escavassem um caminho através dela. Esporana seguiu ao nosso lado durante parte da manhã, até que Nico mandou um homem para trás, para lhe perguntar se ela queria lhe fazer companhia. Ela agradeceu o convite com alegria, e foi prontamente juntar-se a ele.

No início da tarde, voltamos para a estrada. Pareceu-me que havíamos ganhado pouco por termos evitado a estrada durante tanto tempo, mas sem dúvida Nico tivera os seus motivos. Talvez quisesse simplesmente evitar criar um caminho batido até o seu esconderijo. Naquela noite o nosso abrigo foi rudimentar, algumas cabanas em ruínas perto da margem do rio. Os telhados de colmo estavam cedendo, de modo que havia dedos de neve no chão em certos lugares, e uma grande pluma de neve que entrara por baixo da porta. Os cavalos não tinham nenhum abrigo além da proteção que as paredes das cabanas forneciam contra o vento. Levamos os animais para beber no rio e cada um obteve uma porção de grãos, mas não havia ali feno à sua espera.

Olhos-de-Noite foi comigo recolher lenha, pois embora houvesse suficiente junto às lareiras para acender um fogo para cozinhar, não bastava para a noite.

Enquanto descíamos à margem do rio para procurar madeira trazida pela corrente, ponderei sobre como as coisas haviam mudado entre nós. Conversávamos menos do que antes, mas eu sentia que estava mais consciente dele do que já estivera. Talvez houvesse menos necessidade de conversar. Mas nós dois também havíamos mudado durante o tempo que passamos longe um do outro. Quando eu o olhava agora, às vezes via primeiro o lobo e só depois o meu companheiro.

Acho que você finalmente começou a me respeitar como mereço. Havia provocação, mas também verdade naquela afirmação. Ele apareceu de súbito num maciço de arbustos na margem do rio à minha esquerda, saltou com facilidade por cima da trilha varrida pelo vento e, sem que eu soubesse como, conseguiu desaparecer em pouco mais do que dunas de neve e arbustos sem folhas e rasteiros.

Você não é mais um filhote, isso é certo.

Nenhum de nós é mais filhote. Ambos descobrimos isso nesta viagem. Você já não pensa em si mesmo como garoto.

Avancei com dificuldade pela neve, sem uma palavra, e refleti sobre aquilo. Não sabia ao certo quando decidira por fim que era um homem e não mais um garoto, mas Olhos-de-Noite tinha razão. Estranhamente, senti um momento de perda por esse rapaz desaparecido com o rosto liso e coragem fácil.

Acho que eu era melhor como garoto do que sou como homem, admiti ao lobo, com tristeza.

Por que não espera até passar um pouco mais tempo como homem antes de tomar essa decisão?, sugeriu ele.

O caminho que seguíamos quase não possuía a largura de uma carroça e era visível apenas como uma faixa onde nenhuma vegetação rasteira espreitava acima da neve. O vento estava atarefado esculpindo a neve em dunas e montes. Eu caminhava na direção do vento, e a minha testa e nariz logo começaram a arder com o seu rude beijo. O terreno era pouco diferente daquele por que passáramos nos últimos dias, mas a experiência de me deslocar através dele apenas com o lobo, em silêncio, fazia-o parecer um mundo diferente. E então chegamos ao rio.

Parei no talude que descia para o rio e olhei para o outro lado. Gelo cobria as bordas em alguns lugares, e ocasionais aglomerados de madeira trazida rio abaixo pela corrente transportavam às vezes uma carga de gelo sujo e neve grudada. A corrente era forte, como o balançar rápido da madeira mostrava. Tentei imaginar o rio coberto de gelo, e não consegui. Do outro lado daquela

inundação apressada havia contrafortes cobertos de densas sempre-vivas que se abriam para uma planície de carvalhos e salgueiros que chegavam até a borda de água. Suponho que a água parara o alastrar do incêndio todos aqueles anos antes. Perguntei-me se o lado do rio em que me encontrava teria sido alguma vez tão arborizado assim.

Veja, rosnou Olhos-de-Noite com desejo. Consegui sentir a intensidade da sua fome quando ele olhou para um grande cervo que viera até o rio para beber. O animal levantou a cabeça ornada pela galhada, detectando-nos, mas nos olhou calmamente, sabendo que estava em segurança. Fiquei com a boca cheia de água com os pensamentos de Olhos-de-Noite sobre carne fresca. *A caça vai ser muito melhor do outro lado.*

Espero que sim. Saltou do talude para os cascalhos e pedras envoltas em neve da beira do rio, e saiu andando rio acima. Eu o segui com menos graça, encontrando gravetos secos pelo caminho. A caminhada era mais difícil ali embaixo e o vento mais cruel, carregado como estava com o frio do rio. Mas também era uma caminhada mais interessante, trazendo de algum modo mais possibilidades. Observei Olhos-de-Noite que patrulhava à minha frente. Ele agora movia-se de um modo diferente. Perdera muita da sua curiosidade de filhote. O crânio de veado que antes teria exigido uma farejada cuidadosa, agora não foi mais do que rapidamente virado ao contrário, para Olhos-de-Noite ter certeza de que não passava mesmo de ossos limpos, antes de prosseguir no seu caminho. Mostrava premeditação quando examinava emaranhados de madeira trazida pelo rio para verificar se haveria caça abrigada embaixo. Examinava também os taludes erodidos do rio, farejando em busca de sinais de caça. Saltou sobre um pequeno roedor de uma espécie qualquer que se aventurou a sair da toca à sombra do talude e o devorou. Escavou rapidamente a entrada da toca, e então enfiou nela o focinho, a fim de farejar com atenção. Convencido de que não havia mais habitantes para desenterrar, prosseguiu a trote.

Dei por mim observando o rio enquanto o seguia. Quanto mais o via, mais intimidante se tornava, não menos. A profundidade que tinha e a força da sua corrente eram comprovadas pelos imensos troncos de raízes salientes que balançavam e se viravam enquanto as águas os empurravam. Perguntei-me se a tempestade de vento teria sido pior rio acima, para tais gigantes terem sido arrancados da terra, ou se o rio teria corroído lentamente as suas fundações até que as árvores tombaram na água.

Olhos-de-Noite continuou patrulhando à minha frente. Foram mais duas as vezes que o vi saltar e prender um roedor contra a terra com os dentes e as patas.

Eu não tinha certeza do que eram; não se pareciam exatamente com ratazanas, e o aspecto lustroso das suas pelagens parecia indicar que estavam em casa dentro de água.

A carne não precisa realmente de um nome, observou Olhos-de-Noite com ironia, e fui forçado a concordar com ele. O lobo atirou alegremente a presa para o ar e voltou a apanhá-la quando desceu rodopiando. Sacudiu violentamente o cadáver do animal, e então voltou a atirá-lo para o ar, dançando atrás dele, apoiado nas patas traseiras. Por um momento o seu prazer simples foi contagioso. Ele tinha a satisfação de uma caçada bem-sucedida, carne para lhe encher a barriga e tempo para comê-la sem ser molestado. Dessa vez, o corpo mole passou voando por cima da minha cabeça e eu saltei para apanhá-lo e então atirá-lo ainda mais alto. O lobo saltou bem alto atrás dele, abandonando o chão com as quatro patas. Apanhou-o com habilidade, e então se agachou, mostrando-o a mim, desafiando-me a persegui-lo. Larguei a braçada de lenha e saltei atrás dele. Ele esquivou-se de mim com facilidade, e então voltou-se para mim, desafiando-me, passando correndo por mim, fora do alcance do meu braço, enquanto eu me atirava sobre ele.

— Ei!

Ambos paramos com a brincadeira. Levantei-me lentamente do chão. Era um dos homens de Nico, lá longe em cima do talude, observando-nos. Trazia o arco.

— Apanhe alguma lenha e venha agora — ordenou-me. Olhei em volta, mas não consegui encontrar motivo para o tom irritado da sua voz. Apesar disso, apanhei a minha braçada de lenha, que se espalhara ao cair no chão, e voltei para as cabanas.

Encontrei Panela apertando os olhos para um pergaminho à luz da lareira, ignorando os que tentavam cozinhar à volta dela.

— O que está lendo? — perguntei-lhe.

— Os escritos de Conluio, o Branco. Um profeta e vidente dos tempos de Kimoala.

Encolhi os ombros. Os nomes nada significavam para mim.

— Através da sua orientação, foi negociado um tratado que pôs fim a cem anos de guerra. Isso permitiu que três povos se transformassem num só. O conhecimento foi partilhado. Muitos tipos de alimentos que antes cresciam apenas nos vales meridionais de Kimoala entraram no uso comum. O gengibre, por exemplo. E a quimaveia.

— Um só homem fez isso?

— Um homem. Ou talvez dois, se contar o general que ele persuadiu a

conquistar sem destruir. Aqui, ele fala dele. “DarAles foi um catalisador para o seu tempo, um alterador de corações e vidas. Não surgiu para ser herói, mas para dar espaço ao herói que existia em outros. Surgiu, não para cumprir profecias, mas para abrir as portas a novos futuros. É sempre essa a tarefa do catalisador”. Mais acima, ele escrevia que a possibilidade de ser um catalisador no nosso tempo existe em todos nós. O que acha disso, Tom?

— Preferiria ser um pastor — respondi com honestidade. “Catalisador” não era uma palavra que me agradava.

Naquela noite dormi com Olhos-de-Noite ao meu lado. Panela ressonava suavemente não muito longe de mim, enquanto os peregrinos se aglomeravam numa das extremidades da cabana. Esporana decidira dormir na outra cabana com Nico e alguns dos seus homens. Durante algum tempo, o som da sua harpa e voz foram ocasionalmente trazidos até mim por rajadas de vento.

Fechei os olhos e tentei sonhar com Moli. Em vez disso, vi uma aldeia ardendo em Cervo, enquanto os Navios Vermelhos voltavam a se lançar ao mar. Juntei-me a um rapaz novo que desfraldava a vela nas trevas, para abalroar o flanco de um Navio Vermelho com o seu dóri. Atirou para dentro do Navio Vermelho uma lanterna acesa, e então atirou também um balde de óleo de peixe barato, como o que os pobres queimavam nas suas lamparinas. A vela incendiou-se enquanto o rapaz afastava o seu barco do navio em chamas. Atrás dele, as pragas e gritos dos homens queimando elevaram-se com as chamas. Passei essa noite montado nele, e senti o seu triunfo amargo. Nada lhe restava, nem família, nem casa, mas derramara um pouco do sangue que derramara o seu. Compreendi bem demais as lágrimas que lhe umedeceram o rosto sorridente.

CAPÍTULO 17

Travessia do Rio

Os Ilhéus sempre falaram com zombaria do povo dos Seis Ducados, declarando-nos escravos da terra, agricultores aptos apenas a fossar no solo. Eda, a deusa mãe a quem são dadas graças por colheitas abundantes e rebanhos que se multiplicam, é desdenhada pelos Ilhéus como uma deusa para gente sedentária que perdeu toda a coragem. Os Ilhéus adoram apenas El, o deus do mar. Não é uma divindade à qual se dê graças, mas um deus em quem ter confiança. As únicas bênçãos que ele envia aos seus adoradores são tempestades e dificuldades para lhes dar força.

Nisso avaliaram mal o povo dos Seis Ducados. Acreditaram que as pessoas que cultivavam a terra e criavam ovelhas acabariam logo por não ter mais coragem do que ovelhas. Surgiram entre nós, massacrando e destruindo, e confundiram a nossa preocupação pela nossa gente com fraqueza. Nesse inverno, o povo de Cervo e Vigas, Rasgão e Razos, os pescadores e pastores, as criadoras de gansos e os criadores de porcos, deram continuação à guerra que os nossos nobres belicosos e exércitos dispersos tinham travado tão mal, e tornaram-na sua. O povo de uma terra só pode ser oprimido durante um tempo limitado até que se erga em autodefesa, seja contra forasteiros, seja contra um senhor injusto.



Os outros resmungaram na manhã seguinte contra o frio e a necessidade de pressa. Conversavam com nostalgia sobre mingaus e bolos quentes. Havia água quente, mas pouco mais do que isso para nos aquecer as barrigas. Enchi o bule de Panela e depois fui encher também a minha caneca com água quente. Apertei os olhos contra a dor enquanto vasculhava a trouxa em busca do casco-de-elfo. O sonho de Talento que tivera na noite anterior me deixara trêmulo e me sentindo doente. A simples ideia de comida me deixava enjoado. Panela bebericou o seu chá e me observou enquanto eu usava a faca para raspar lascas de um pedaço de casca para dentro da caneca. Foi difícil me forçar a esperar que

o líquido fervesse. A sua extrema amargura inundou minha boca, mas senti quase de imediato a dor de cabeça se atenuar. Panela estendeu abruptamente uma mão em forma de garra para me arrancar o pedaço de casca dos dedos. Olhou-o, cheirou-o e exclamou:

— Casco-de-elfo! — Lançou-me um olhar de horror. — Isto é uma erva perigosa para um jovem usar.

— Ela acalma as minhas dores de cabeça — disse-lhe. Respirei fundo para me fortalecer, e então esvaziei o resto da caneca. Os restos granulados de casca grudavam em minha língua. Forcei-me a engoli-los, então limpei a caneca e voltei a enfiá-la na trouxa. Estendi a mão, e ela devolveu o pedaço de casca, embora com relutância. O olhar que ela me lançava era muito estranho.

— Nunca tinha visto ninguém bebê-lo simplesmente dessa maneira. Sabe para o que isso é usado em Calcede?

— Disseram-me que dão aos escravos das galés, para lhes manter as forças.

— Para lhes manter as forças e a falta de esperança. Um homem sob o efeito de casco-de-elfo é facilmente desencorajado. Mais fácil de controlar. Pode amortecer uma dor de cabeça, mas também amortece a mente. Eu teria cuidado com ele, se fosse você.

Encolhi os ombros.

— Já o uso há anos — disse-lhe enquanto devolvia a casca à minha trouxa.

— Mais motivo para parar agora — retorquiu ela num tom azedo. Entregou-me a sua trouxa para que a guardasse na carroça.

Estávamos no meio da tarde quando Nico ordenou uma parada. Ele e dois dos seus homens seguiram adiante, enquanto os outros nos asseguravam de que tudo estava bem. Nico adiantava-se para preparar o lugar da travessia antes de chegarmos lá. Nem sequer precisei olhar de relance para Olhos-de-Noite. Ele escapuliu para seguir Nico e os seus homens. Recostei-me no assento e me abracei, tentando permanecer quente.

— Ei, você. Chame o cão de volta! — ordenou-me de súbito um dos homens de Nico.

Endireitei-me no banco e fiz um grande espetáculo de olhar em volta à sua procura.

— É provável que só tenha sentido o cheiro de um coelho. Ele voltará. Ele me segue para todo o lado, segue sim.

— Chame-o de volta agora! — disse-me o homem num tom de ameaça.

Então me levantei na carroça e chamei Olhos-de-Noite. Ele não veio. Encolhi

os ombros numa desculpa e voltei a me sentar. Um dos homens continuou a me olhar furioso, mas eu o ignorei.

O dia tinha estado limpo e frio, o vento cortante. Panela passara-o todo num silêncio infeliz. Dormir no chão despertara a velha dor no meu ombro, transformando-a numa pontada constante. Nem queria imaginar o que ela estaria sentindo. Tentei pensar apenas que em breve estaríamos do outro lado do rio, e que depois disso as Montanhas não ficavam longe. Nas Montanhas talvez me sentisse finalmente a salvo do círculo de Majestoso.

Há uns homens puxando cordas junto ao rio. Fechei os olhos e tentei ver o que Olhos-de-Noite via. Era difícil, pois ele dirigia os olhos para os homens propriamente ditos, enquanto eu queria estudar a tarefa que eles desempenhavam. Porém, na mesma hora em que distingui que estavam usando uma linha mestra para voltar a passar uma corda mais pesada através do rio, outros dois homens na outra margem começaram a escavar energicamente uma pilha de madeira trazida pela corrente na curva de um talude. A barcaça oculta foi rapidamente revelada, e os homens passaram a quebrar o gelo que se formara sobre ela.

— Acorda! — disse-me Panela num tom irritado, e me cutucou nas costelas com um dedo. Endireitei-me e vi o outro carro já em movimento. Sacudi as rédeas da égua e segui os outros. Viajamos um pouco pela estrada do rio antes de virarmos para uma seção aberta de margem. Havia algumas cabanas queimadas junto ao rio que aparentemente haviam perecido nos incêndios de anos antes. Também havia uma rampa rudimentar feita de troncos e argamassa, muito apodrecida. Do outro lado do rio, vi os restos da velha barcaça, meio afundados. Partes dela estavam cobertas de gelo, mas também dela se erguia capim morto. Tinham-se passado muitas estações desde que flutuara. As cabanas do outro lado estavam em tão mau estado quanto as deste, pois os seus telhados de colmo haviam ruído por completo. Por trás delas erguiam-se suaves colinas cobertas de sempre-vivas. Por trás destas, erguendo-se à distância, viam-se os picos do Reino da Montanha.

Um grupo de homens já prendera a barcaça e atravessava o rio nela para o nosso lado. A proa apontava para a corrente. A barcaça estava fortemente amarrada à corda da polia; mesmo assim, o rio furioso esforçava-se para soltá-la e levá-la correnteza abaixo. A embarcação não era grande. Uma carroça e uma parelha caberiam apertadas. Havia amuradas ao longo dos lados da barcaça, mas, fora isso, ela não passava de um convés liso e aberto. Do nosso lado, os pôneis que Nico e os seus homens montavam haviam sido atrelados para puxar o cabo

de reboque da barcaça, enquanto do outro lado uma parelha de pacientes mulas recuava lentamente para a água. Enquanto a barcaça vinha lentamente na nossa direção, a sua proa erguia-se e caía sob os empurrões do rio. A corrente espumava e agitava-se contra os seus costados, enquanto um mergulho ocasional da proa permitia que uma onda de água se erguesse e a cobrisse. Não seria uma travessia seca.

Os peregrinos murmuravam ansiosamente entre si, mas uma voz de homem ergueu-se de súbito para acalmá-los.

— Que alternativa temos? — observou ele. Daí em diante, fez-se silêncio. Ficaram observando, aterrorizados, a barcaça vindo na nossa direção.

O carro e parelha de Nico foram a primeira carga a fazer a travessia. Nico talvez tenha organizado as coisas assim para dar coragem aos peregrinos. Vi a barcaça ser encostada à rampa e presa pela popa. Senti o desprazer dos cavalos, mas também que eles estavam familiarizados com aquilo. Foi o próprio Nico que os levou para a barcaça e lhes segurou as cabeças enquanto dois dos seus homens corriam para prender a carroça aos ganchos. Então Nico desembarcou, e fez um sinal acenando com a mão. Os dois homens levantaram-se, cada um junto da cabeça do seu cavalo, enquanto a parelha de mulas da outra margem se dedicava à corda. A barcaça largou e entrou no rio. Carregada, afundava-se mais na água, mas não balançava tão livremente como antes. Por duas vezes, a proa ergueu-se bem alto e mergulhou o suficiente para que uma vaga de água saltasse sobre ela. O silêncio era total do nosso lado do rio enquanto observávamos a travessia da barcaça. Do outro lado, ela foi puxada para terra e presa pela proa, a carroça foi desatada e os homens a conduziram para fora da embarcação e colina acima.

— Pronto. Estão vendo? Nada com o que se preocupar. — Nico falou com um sorriso fácil, mas eu duvidava de que ele acreditasse nas suas próprias palavras.

Dois homens vieram na barcaça na travessia de volta. Não pareciam felizes com isso. Agarravam-se às amuradas e retraíam-se diante dos borrifos que voavam do rio. Apesar disso, estavam ensopados quando a barcaça chegou ao nosso lado e eles desembarcaram. Um dos homens puxou Nico à parte e começou a conversar com ele com um ar zangado, mas aquele lhe deu uma palmada no ombro e soltou uma sonora gargalhada como se tudo não passasse de uma bela piada. Estendeu a mão e lhe entregaram uma pequena bolsa. Nico a pesou com ar de aprovação antes de pendurá-la do cinto.

— Eu cumpri a minha palavra — lembrou-lhes, então regressou para perto do nosso grupo.

Os peregrinos atravessaram em seguida. Alguns deles queriam atravessar na carroça, mas Nico observou pacientemente que quanto mais pesada fosse a carga, mais a barcaça se afundaria no rio. Conduziu-os para dentro da barcaça e assegurou-se de que cada pessoa tinha um lugar para se agarrar bem à amurada.

— Vocês também — gritou, fazendo um gesto para Panela e Esporana.

— Eu atravesso na minha carroça — declarou Panela, mas Nico saudiu a cabeça.

— A sua égua não vai gostar disto. Se perder a calma no rio, você não vai querer estar na barcaça. Confie no que digo. Eu sei o que estou fazendo. — Olhou-me de relance. — Tom? Importa-se de fazer a travessia com a égua? Você parece lidar bem com ela.

Assenti, e Nico disse:

— Pronto, Tom vai cuidar da sua égua. Agora vá.

Panela franziu o cenho, mas teve de aceitar que aquilo fazia sentido. Ajudei-a a descer e Esporana lhe agarrou o braço e a levou para a barcaça. Nico entrou na barcaça e disse rapidamente aos peregrinos para se segurarem e não terem medo. Três dos seus homens embarcaram na barcaça com eles. Um insistiu em segurar ele mesmo a criança menor.

— Eu sei o que esperar — disse ele à mãe ansiosa. — Vou me assegurar de que ela chegue ao lado de lá. Você precisa apenas cuidar de si mesma. — A menininha desatou a chorar ao ouvir aquilo, e os seus lamentos esganiçados podiam ser ouvidos por sobre o rumor da corrente enquanto a barcaça era puxada para o rio. Nico ficou ao meu lado observando a partida.

— Eles ficarão bem — disse, tanto para si como a mim. Virou-se para mim com um sorriso. — Bem, Tom, mais algumas viagens e esse seu lindo brinco será meu.

Assenti em silêncio. Dera a minha palavra a respeito do acordo, mas não estava satisfeito com ele.

Apesar das palavras de Nico, ouvi-o suspirar de alívio quando a barcaça chegou à outra margem. Os encharcados peregrinos saltaram apressadamente da embarcação quando ela ainda estava sendo amarrada. Vi Esporana ajudar Panela a desembarcar, e depois alguns dos homens de Nico os apressaram a subir a margem e a penetrar no abrigo das árvores. Então a barcaça regressou mais uma vez para o nosso lado, trazendo outros dois homens. A carroça vazia dos peregrinos foi em seguida, bem como dois pôneis. Os cavalos dos peregrinos não estavam nada contentes. Foram precisas vendas e três homens puxando para colocá-los na barcaça. Depois de serem amarrados, os cavalos continuaram a

mover-se o máximo possível, resfolegando e sacudindo as cabeças. Observei a sua travessia. Do outro lado, a parelha não precisou de incentivo para tirar rapidamente a carroça da barcaça. Um homem pegou as rédeas e a carroça sacudiu colina acima para fora de vista.

Os dois homens que voltaram daquela vez tiveram a pior das travessias até então. Estavam no meio do rio quando um imenso tronco surgiu à vista, avançando diretamente contra a barcaça. As raízes contorcidas assemelhavam-se a uma mão monstruosa, enquanto o tronco oscilava na violenta corrente. Nico gritou aos nossos pôneis e todos saltamos para ajudá-los a puxar a corda, mas mesmo assim o tronco atingiu de raspão a barcaça. Os homens a bordo gritaram quando o impacto os fez largar a amurada. Um deles quase foi atirado borda afora, mas conseguiu apanhar um segundo poste e agarrou-se à vida. Esses dois desembarcaram com olhares furiosos e pragas, como se suspeitassem de que o acidente fora deliberado. Nico mandou prender a barcaça e verificou pessoalmente todas as cordas que a prendiam à corda da polia. O impacto fizera com que uma das amuradas se soltasse. Sacudiu a cabeça por causa disso e avisou os seus homens a respeito enquanto eles levavam a última carroça para bordo.

A sua travessia não foi pior do que qualquer uma das outras. Observei com alguma ansiedade, sabendo que a minha vez chegaria em seguida. *O que acha de um banho, Olhos-de-Noite?*

Valerá a pena, se houver boa caça do outro lado, respondeu ele, mas percebi que o lobo partilhava o meu nervosismo.

Tentei me acalmar e a égua de Panela enquanto os via prender a barcaça ao desembarcadouro. Falei-lhe num tom calmante enquanto a levava para baixo, fazendo tudo o que podia para lhe assegurar que ficaria bem. Ela pareceu aceitá-lo, pisando calmamente a madeira cheia de marcas do convés. Eu a conduzi lentamente, explicando tudo enquanto avançava. Ela permaneceu calma enquanto eu a atava a uma argola montada no convés. Dois dos homens de Nico prenderam rapidamente a carroça à barcaça. Olhos-de-Noite saltou para dentro, e então se agachou de barriga baixa, enterrando as garras na madeira. Não gostava do modo como o rio puxava avidamente pela barcaça. Na verdade, eu também não. Ele ousou aproximar-se, para vir se agachar ao meu lado, de patas bem abertas.

— Vão para o outro lado com Tom e a carroça — disse Nico aos homens ensopados que já tinham feito uma viagem. — Eu e os meus rapazes traremos os pôneis na última viagem. Mas fiquem longe daquela égua, para o caso de ela

decidir dar coices.

Os homens subiram a bordo com cautela, olhando Olhos-de-Noite quase com o mesmo desagrado com que observavam a égua. Aglomeraram-se atrás da carroça e agarraram-se ali. Olhos-de-Noite e eu permanecemos na proa. Esperava que ali estivéssemos fora de alcance dos cascos da égua. No último momento, Nico declarou:

— Acho que vou fazer esta travessia com vocês. — Ele mesmo soltou a barcaça com um sorriso e um aceno aos seus homens. A parelha de mulas do outro lado do rio começou a se mover e, com uma guinada, entramos no rio.

Ver uma coisa nunca é o mesmo que fazê-la. Arquejei quando o primeiro borrifo de água do rio me atingiu. De repente havíamos nos transformado num brinquedo nas garras de uma criança imprevisível. O rio corria por nós, puxando a barcaça e rugindo a sua frustração por não conseguir nos arrancar das cordas. A água furiosa quase me ensurdecia. A barcaça deu um mergulho súbito e dei por mim me agarrando à amurada quando uma onda escorreu pelo convés e me puxou de passagem pelos tornozelos. Da segunda vez que uma vaga de água se ergueu ruidosamente da proa e ensopou todos nós, a égua soltou um berro. Eu larguei a amurada, pretendendo agarrar a sua testeira. Dois dos homens pareceram ter a mesma ideia. Estavam abrindo caminho para a frente, agarrando-se à carroça. Fiz sinal a eles para se afastarem e me virei para a égua.

Nunca saberei o que o homem pretendia fazer. Talvez me golpear com o botão do punho da faca. Vi o movimento pelo canto do olho e me virei para enfrentá-lo precisamente no momento em que a barcaça deu outro solavanco. Ele não me acertou e foi aos tropeções de encontro à égua. O animal, que já estava ansioso, entrou em pânico e num frenesi de coices. Atirou a cabeça violentamente, batendo-a em mim e fazendo com que me afastasse, desequilibrado. Eu já quase o recuperara quando o homem fez outra tentativa para me atingir, brandindo os braços. Na parte de trás da carroça, Nico lutava com outro homem. Gritou alguma coisa furiosa sobre a sua palavra e a sua honra. Eu me esquivei do golpe do meu atacante precisamente na hora em que uma onda saltou sobre a proa. A força dela me levou para o centro da barcaça. As minhas mãos deram com uma das rodas da carroça e me agarrei a ela, arquejando. Já conseguira desembainhar meia espada quando outra pessoa me agarrou por trás. O meu primeiro atacante saltou sobre mim, sorrindo, daquela vez com a lâmina da faca para frente. De repente um corpo molhado e peludo passou por mim como um raio. Olhos-de-Noite atingiu-o em cheio no peito, atirando-o contra a amurada.

Ouvi o estalar do poste enfraquecido. Lentamente, tão lentamente, lobo,

homem e amurada inclinaram-se para a água. Saltei atrás deles, arrastando o meu agressor comigo. Quando mergulharam, consegui agarrar tanto os restos estilhaçados do poste como a cauda de Olhos-de-Noite. Sacrifiquei a espada para isso. Só consegui agarrar a extremidade da cauda dele, mas aguentei. A cabeça do lobo veio à tona, enquanto as patas da frente raspavam freneticamente contra a beirada da barcaça. Ele começou a subir para dentro da embarcação.

Foi então que uma bota me atingiu com violência no ombro. A dor surda que havia nele explodiu. A bota seguinte me atingiu no lado da cabeça. Vi os meus dedos se abrirem, vi Olhos-de-Noite rodopiando para longe de mim, capturado pelo rio e sendo carregado.

— Irmão! — gritei. O rio engoliu as minhas palavras e a onda seguinte que cobriu o convés me ensopou e me encheu a boca e o nariz. Quando a água passou, tentei me apoiar nas mãos e nos joelhos. O homem que me chutara ajoelhou ao meu lado. Senti a pressão da sua faca no meu pescoço.

— Fique onde está e segure-se — sugeriu ele em tom de ameaça. Virou-se e gritou a Nico. — Vou fazer isto à minha maneira!

Não respondi. Estava sondando freneticamente, pondo todas as minhas forças na tentativa de chegar ao lobo. A barcaça ergueu-se debaixo de mim, o rio passou rugindo e eu fiquei ensopado por borrifos e ondas. Frio. Molhado. Água na boca e focinho, sufocando-me. Não sabia onde eu acabava e Olhos-de-Noite começava. Se é que ele ainda existia.

A barcaça roçou subitamente contra a rampa.

Eles foram desajeitados ao me colocarem de pé na outra margem. O primeiro tirou a faca do meu pescoço antes do segundo homem ter me agarrado bem pelo cabelo. Levantei-me lutando, sem me importar com nada que ele pudesse me fazer agora. Irradiei ódio e fúria, e os cavalos em pânico seguiram o meu exemplo. Um homem caiu perto o suficiente da égua para que um dos seus cascos lhe atingisse nas costelas. Restavam dois, ou era o que eu supunha. Atirei um ao rio com um encontrão. Ele conseguiu agarrar-se à barcaça e ficou seguro ali enquanto eu estrangulava o companheiro. Nico gritou o que soou como um aviso. Eu estava apertando a garganta do homem e batendo a cabeça dele no convés quando os outros caíram sobre mim. Esses usavam abertamente o marrom e o dourado. Tentei obrigá-los a me matar, mas eles não o fizeram. Ouvi outros gritos vindos do alto da encosta da colina, e pensei ter reconhecido a voz de Esporana erguida em fúria.

Passado algum tempo, dei por mim deitado e amarrado na margem coberta de neve. Um homem me vigiava, de espada desembainhada. Não percebi se ele me

ameaçava, ou se estava encarregado de impedir os outros de me baterem. Estavam em círculo, olhando-me avidamente, como uma alcateia de lobos que tivesse acabado de derrubar um veado. Não me importei. Comecei a sondar freneticamente, sem me importar nem um pouco com o que eles pudessem me fazer. Consegui sentir que ele lutava em algum lugar pela vida. A sensação que tinha dele tornou-se cada vez mais tênue enquanto ele dedicava todas as suas energias simplesmente à sobrevivência.

Nico foi subitamente atirado ao chão a meu lado. Um dos seus olhos estava começando a se fechar devido ao inchaço, e quando ele me sorriu, sangue manchava-lhe os dentes.

— Bem, aqui estamos nós, Tom, do outro lado do rio. Disse que o traria até aqui, e aqui estamos. Agora quero esse brinco, tal como combinamos.

O meu guarda lhe deu um chute nas costelas.

— Cale a boca — rosnou.

— O acordo não foi esse — insistiu Nico quando conseguiu respirar.

Ergueu os olhos para todos, tentando escolher um com quem falar. — Eu tinha um acordo com o seu capitão. Disse a ele que lhe traria este homem, e em troca ele me ofereceu ouro e livre-trânsito. Para mim e para os outros.

O sargento soltou uma gargalhada amarga.

— Bem, não seria o primeiro acordo que o Capitão Marco fez com um contrabandista. Estranho. Não houve nenhum que nos desse algum lucro, hein, rapazes? E o Capitão Marco já desceu uma boa parte do rio a essa altura, de modo que é difícil saber exatamente o que foi que ele prometeu a você. Sempre gostou das suas exibições de glória, o Marco. Bem, agora se foi. Mas eu sei quais são as minhas ordens: prender todos os contrabandistas e levá-los para Olho de Lua. Sou um bom soldado, sou sim.

O sargento inclinou-se e soltou a bolsa de ouro de Nico e também a sua própria bolsa. Nico debateu-se, e perdeu algum sangue ao fazê-lo. Não me incomodei em ver muito daquilo. Ele me vendera aos guardas de Majestoso. E como soubera quem eu era? Conversa de travesseiro com Esporana, disse a mim mesmo com amargura. Confiara, e isso me causara o que causava sempre. Nem sequer me virei para olhar quando o arrastaram para longe.

Eu tinha apenas um amigo verdadeiro, e a minha tolice lhe custara. Outra vez. Fitei o céu, e sondei para fora do meu corpo, escancarei os sentidos o mais que pude, sondando, sondando. Descobri-o. Em algum lugar, as suas garras raspavam e arranhavam um talude íngreme e gelado. A sua densa pelagem estava carregada de água, que a deixava de tal modo pesada que ele quase não

conseguia manter a cabeça à tona. Perdeu o apoio, o rio voltou a capturá-lo, e foi mais uma vez rodopiando rio abaixo. O rio o puxou para baixo e manteve-o lá, então o atirou subitamente para a superfície. O ar com que ele encheu os pulmões estava carregado de espuma. Não lhe restavam forças.

Tente!, ordenei-lhe. *Continue tentando!*

E a caprichosa corrente voltou a atirá-lo contra uma margem, mas esta era um emaranhado de raízes pendentes. As suas garras prenderam-se nelas, e ele içou-se bem alto, esgravatando as raízes enquanto cuspia água e ofegava em busca de ar. Os seus pulmões trabalhavam como foles.

Saia da água! Sacuda-a!

Ele não me deu qualquer resposta, mas o senti içando-se para fora da água. Pouco a pouco, ele subiu para a margem coberta de vegetação. Rastejou para fora como um cachorro, apoiado na barriga. Água escorreu do seu corpo, formando uma poça em volta dele no local onde se aninhou. Estava com tanto frio. Gelo já estava se formando nas suas orelhas e focinho. Levantou-se e tentou sacudir-se. Caiu. Voltou a ficar de pé, cambaleando, e foi a cambalear que se afastou mais alguns passos do rio. Sacudiu-se outra vez, fazendo voar água por todo o lado. O ato o deixou mais leve ao mesmo tempo que lhe deixava os pelos em pé. Parou, de cabeça baixa, e vomitou uma golfada de água do rio. *Encontre abrigo. Enrole-se e se aqueça*, disse-lhe. Ele não estava pensando muito bem. A centelha que era Olhos-de-Noite quase se apagara. Espirrou violentamente várias vezes e depois olhou em volta. *Ali*, instei. *Debaixo daquela árvore*. A neve dobrara as frondas da sempre-viva quase até o chão. Debaixo da árvore havia uma pequena cova, coberta com um espesso tapete de agulhas caídas. Se ele rastejasse para lá e se enrolasse, talvez voltasse a se aquecer. *Continue*, disse-lhe. *Você consegue. Continue.*

— Acho que você o chutou com força demais. Está só olhando para o céu.

— Viu o que aquela mulher fez ao Esquefe? Está sangrando como um porco. Mas lhe deu um bom troco.

— Para onde foi a velha? Alguém a encontrou?

— Não irá longe com esta neve, não se preocupe. Acorde-o e coloque-o de pé.

— Ele nem sequer pisca. Quase nem respira.

— Não me interessa. Apenas leve-o ao feiticeiro do Talento. Depois disso, já não será problema nosso.

Soube que guardas me arrastaram pelos pés, soube que me levaram colina acima. Não prestei qualquer atenção a esse corpo. Em vez disso, voltei a me sacudir, e depois me enfiei debaixo da árvore. Só havia espaço para me enrolar

sobre mim mesmo. Botei a cauda sobre o focinho. Sacudi as orelhas algumas vezes para afastar delas o que restava da água. *Agora vá dormir. Está tudo bem. Durma.* Fechei os olhos dele. Ele ainda tremia, mas eu senti que um calor hesitante o percorria de novo. Suavemente, afastei-me.

Ergui a cabeça e olhei através dos meus próprios olhos. Estava caminhando por uma trilha, com um grande guarda de Vara de cada lado. Não precisei olhar para trás para saber que outros nos seguiam. À nossa frente, vi as carroças de Nico, estacionadas sob o abrigo das árvores. Vi os seus homens sentados no chão com as mãos atadas atrás das costas. Os peregrinos, ainda pingando água, aglomeravam-se em volta de uma fogueira. Havia também vários guardas em volta desse grupo. Não vi Esporana, nem Panela. Uma mulher apertava o filho contra si e chorava ruidosamente por cima do seu ombro. O garoto não parecia estar se mexendo. Um homem cruzou o olhar com o meu, e virou-se para cuspir para o chão.

— A culpa de ter acontecido isto conosco é do Bastardo Manhoso — ouvi-o dizer em voz alta. — Eda não gosta dele! Ele maculou a nossa peregrinação!

Levaram-me para uma tenda confortável erguida onde um conjunto de grandes árvores a abrigava do vento. Fui atirado através das abas da tenda e um empurrão me colocou de joelhos sobre um grosso tapete de pele de carneiro, estendido num chão elevado de madeira. Um guarda continuou a agarrar firmemente o meu cabelo enquanto o sargento anunciava.

— Aqui está ele, senhor. O lobo apanhou o Capitão Marco, mas nós o apanhamos.

Um largo braseiro de carvão soltava um calor agradável. O interior da tenda era o lugar mais quente em que eu estivera nos últimos dias. O súbito calor quase me entorpeceu. Contudo, Emaranhado não partilhava da minha opinião. Estava sentado numa cadeira de madeira do outro lado do braseiro, com os pés estendidos na direção do calor. Trajava um manto e um capuz, e estava coberto de peles, como se nada mais houvesse entre ele e o frio da noite. Sempre fora um homem de constituição robusta; agora também estava pesado. O seu cabelo escuro fora enrolado numa imitação do de Majestoso. O desagrado brilhava nos seus olhos escuros.

— Como você não está morto? — perguntou-me.

Não havia uma boa resposta para essa pergunta. Limitei-me a olhar para ele, com a expressão vazia, de muralhas retesadas. O seu rosto enrubesceu de repente e as bochechas pareceram inchar de ira. Quando falou, tinha a voz tensa. Olhou furioso para o sargento.

— Faça um relatório apropriado. — Então, antes que o homem tivesse tempo de começar, perguntou: — Deixaram o lobo escapar?

— Não o deixamos, não, senhor. Ele atacou o capitão. Ele e o Capitão Marco caíram no rio juntos, senhor, e foram levados. Com uma água tão fria e rápida, nenhum tinha chance de sobreviver. Mas mandei mais alguns homens rio abaixo para procurar na margem o corpo do capitão.

— Também vou querer o corpo do lobo, se ele encalhar na margem. Assegure-se de que os seus homens saibam disso.

— Sim, senhor.

— Apanhou o contrabandista, Nico? Ou será que ele também escapou? — O sarcasmo de Emaranhado era pesado.

— Não, senhor. Temos o contrabandista e os seus homens. Também temos os que viajavam com eles, embora tenham resistido mais do que esperávamos. Alguns fugiram para a floresta, mas nós os apanhamos. Dizem ser peregrinos a caminho do santuário de Eda nas Montanhas.

— Isso não me interessa em nada. Que importa o motivo por que um homem quebrou a lei do Rei, depois de quebrá-la? Recuperou o ouro que o capitão pagou ao contrabandista?

O sargento fez uma expressão de surpresa.

— Não, senhor. Ouro pago a um contrabandista? Não havia sinal de tal coisa. Fico pensando se não terá ido rio abaixo com o Capitão Marco. Talvez ele não tenha dado ao homem…

— Eu não sou idiota. Sei muito mais daquilo que se passa do que você pensa que sei. Encontre-o. Todo ele, e traga-o aqui. Capturaram todos os contrabandistas?

O sargento respirou fundo e decidiu-se pela verdade.

— Alguns estavam com a parelha de pôneis do outro lado quando derrubamos Nico. Esses foram embora antes de…

— Esqueça-os. Onde está a cúmplice do Bastardo?

O sargento mostrou uma expressão vazia. Creio que ele não conhecia a palavra.

— Não capturou uma menestrel? Esporana? — voltou a perguntar Emaranhado.

O sargento parecia desconfortável.

— Ela ficou um pouco fora de controle, senhor. Quando os homens estavam dominando o Bastardo na rampa. Atirou-se no homem que a segurava e lhe quebrou o nariz. Foi um pouco difícil… controlá-la.

— Ela está viva? — O tom de Emaranhado não deixou dúvidas quanto ao desprezo que sentia pela competência dos homens.

O sargento corou.

— Sim, senhor. Mas…

Emaranhado silenciou-o com um olhar.

— Se o seu capitão ainda estivesse vivo, iria desejar estar morto. Não fazem qualquer ideia de como se apresentam relatórios, ou de como se deve manter o controle sobre uma situação. Um homem devia ter sido enviado a mim de imediato, para me informar sobre estes acontecimentos enquanto ocorriam. Em vez de ter sido permitido que a menestrel visse o que estava acontecendo, ela devia ter sido presa de imediato. E só um idiota teria tentado subjugar um homem numa barcaça no meio de uma correnteza forte quando tudo o que tinha que fazer era esperar que a barcaça acostasse. Ali teria havido uma dúzia de espadas ao seu comando. E quanto ao suborno do contrabandista, ele me será devolvido, caso contrário todos vocês ficarão sem pagamento até que a soma esteja completa. Eu não sou um idiota. — Lançou um olhar furioso por todos os que se encontravam na tenda. — Isso foi mal executado. Não vou desculpá-lo. — Apertou bem os lábios. Quando voltou a falar, cuspiu as palavras. — Todos vocês. Saiam.

— Sim, senhor. Senhor? O prisioneiro?

— Deixem-no aqui. Deixem dois homens lá fora, de espadas desembainhadas. Mas quero falar com ele a sós. — O sargento fez uma mesura e apressou-se a sair da tenda. Os seus homens seguiram-no prontamente.

Ergui os olhos para Emaranhado e enfrentei os seus. Tinha as mãos bem atadas atrás das costas, mas ninguém mais me forçava a me manter de joelhos. Levantei-me e baixei os olhos para Emaranhado. Ele enfrentou o meu olhar sem vacilar. Quando falou, tinha a voz calma. Isso tornou as suas palavras ainda mais ameaçadoras.

— Repito aquilo que disse ao sargento. Não sou um idiota. Não duvido de que você já tem um plano para escapar. É provável que ele inclua me matar. Eu também tenho um plano, que inclui a minha sobrevivência. Vou lhe contar. É um plano simples, Bastardo. Sempre preferi a simplicidade. É assim. Se você me causar o menor problema, mando matá-lo. Como sem dúvida deduziu, o Rei Majestoso quer que você seja levado vivo até ele. Se possível. Não pense que isso evitará que eu o mate se você se tornar inconveniente. Se está pensando no seu Talento, devo avisá-lo de que tenho a mente bem protegida. Se eu chegar a suspeitar de que está tentando testá-la, irá testar o seu Talento contra a espada do

meu guarda. E quanto à sua Manha, bem, parece que os meus problemas também estão resolvidos nesse sentido. Mas se o seu lobo se materializar, ele também não é à prova de espada.

Eu nada disse.

— Compreende-me?

Assenti uma única vez.

— Ainda bem. Agora. Se não me causar problemas, será tratado com justiça. Assim como os outros. Se você se mostrar de algum modo difícil, eles também partilharão das suas privações. Também compreende isso? — Enfrentou o meu olhar, exigindo uma resposta.

Igualei o seu tom calmo.

— Acha mesmo que me importo se você derramar o sangue de Nico, agora que ele me vendeu?

Ele sorriu. Isso me deixou gelado, pois aquele sorriso já pertencera ao simpático aprendiz de carpinteiro. Era um Emaranhado diferente que agora usava a sua pele.

— Você é astuto, Bastardo, e o é desde que o conheço. Mas tem a mesma fraqueza do seu pai e do Pretendente; acredita que uma vida destes camponeses vale o mesmo que a sua. Cause-me algum problema e todos pagarão, até a última gota de sangue. Compreende? Até Nico.

Ele tinha razão. Eu não suportaria ver os peregrinos pagando pelo meu atrevimento. Perguntei em voz baixa:

— E se cooperar? O que acontece a eles nesse caso?

Ele sacudiu a cabeça por causa da minha tolice em me preocupar.

— Três anos de servidão. Se eu fosse um homem menos amável, cortaria uma mão de cada um, porque desobedeceram às ordens do rei por tentarem atravessar a fronteira e merecem ser punidos como traidores. Dez anos para os contrabandistas.

Sabia que poucos dos contrabandistas sobreviveriam.

— E a menestrel?

Não sei por que motivo ele respondeu à minha pergunta, mas respondeu.

— A menestrel terá de morrer. Você já sabe disso. Ela sabia quem você era, pois Vontade a interrogou em Lago Azul. Escolheu ajudá-lo, quando em vez disso podia ter servido o seu rei. É uma traidora.

As suas palavras acenderam a centelha da minha fúria. — Ajudando-me, ela serve o verdadeiro rei. E quando Veracidade regressar, vocês sentirão a sua ira. Não haverá ninguém para o proteger nem ao resto do seu círculo traiçoeiro.

Durante um momento, Emaranhado apenas olhou para mim. Controlei-me. Soara como uma criança, ameaçando outra com a fúria do irmão mais velho. As minhas palavras eram inúteis, ou pior que inúteis.

— Guardas! — Emaranhado não gritou. Quase nem ergueu a voz, mas os dois entraram na tenda num instante, de espadas desembainhadas e apontadas para o meu rosto. Emaranhado comportou-se como se não reparasse nas armas. — Tragam-nos a menestrel. E assegurem-se de que ela desta vez não fique "fora de controle". — Quando os homens hesitaram, ele sacudiu a cabeça e suspirou. — Vão, andem, vocês dois. Mandem também o seu sargento vir aqui. — Depois de irem embora, olhou-me nos olhos e fez uma careta de descontentamento. — Está vendo o que me dão para trabalhar. Olho de Lua sempre foi a pilha de refugo para a soldadesca dos Seis Ducados. Tenho os covardes, os idiotas, os descontentes, os conspiradores. E depois tenho de enfrentar o descontentamento do meu rei por cada tarefa que me é atribuída e mal executada.

Acho que ele realmente esperava que eu me compadecesse das suas dificuldades.

— Então, Majestoso o mandou para cá para que se juntasse a eles — preferi observar.

Emaranhado me lançou um sorriso estranho.

— Tal como o Rei Sagaz enviou para cá o seu pai e Veracidade antes de mim.

Aquilo era verdade. Baixei os olhos para a grossa pele de carneiro que cobria o chão. Eu estava pingando sobre ela. O calor vindo do braseiro estava penetrando em mim, levando-me a tremer, como se o meu corpo estivesse abrindo mão do frio que acumulara. Por um instante sondei para longe de mim. O meu lobo dormia, mais quente do que eu. Emaranhado estendeu a mão para uma pequena mesa que estava ao lado da sua cadeira e pegou uma panela. Serviu-se de um copo fumegante de caldo de carne e o bebericou. Pude sentir o cheiro do seu sabor. Então ele suspirou e recostou-se na cadeira.

— Estamos muito longe de onde começamos, não estamos? — ele soou pesaroso.

Balancei a cabeça. Era um homem cauteloso, aquele Emaranhado, e eu não duvidava de que levaria a cabo as suas ameaças. Vira a forma do seu Talento e também vira o modo como Galeno o dobrara e torcera para criar uma ferramenta que Majestoso pudesse usar. Era leal a um príncipe arrivista. Isso fora forjado nele por Galeno; já não podia separá-lo do seu Talento. Ambicionava poder, e adorava a vida indolente que o seu Talento lhe conquistara. Os seus braços já não inchavam com os músculos criados pelo trabalho. Em vez disso, era a barriga

que lhe esticava as túnicas e as bochechas que pendiam, pesadas. Parecia uma década mais velho do que eu. Mas defenderia a sua posição contra qualquer coisa que a ameaçasse. Iria defendê-la com violência.

O sargento foi o primeiro a chegar à tenda, mas os seus homens chegaram pouco depois com Esporana. Ela caminhava entre eles e entrou na tenda com dignidade, apesar do rosto machucado e do lábio inchado. Havia uma calma gélida nela quando se empertigou diante de Emaranhado e não lhe fez nenhum tipo de cumprimento. Talvez só eu detectasse a fúria que havia nela. De medo não mostrava qualquer sinal.

Quando ela parou ao meu lado, Emaranhado ergueu os olhos para nos avaliar. Apontou um dedo para ela.

— Menestrel. Você estava consciente de que este homem era FitzCavalaria, o Bastardo Manhoso.

Esporana não respondeu. Não era uma pergunta.

— Em Lago Azul, Vontade, do Círculo de Galeno, servo do Rei Majestoso, ofereceu a você ouro, dinheiro bom e honesto, se pudesse nos ajudar a encontrar este homem. Você negou qualquer conhecimento sobre onde ele se encontrava. — Fez uma pausa, como que para lhe dar uma chance de falar. Ela nada disse. — E, no entanto, aqui a encontramos, viajando de novo na companhia dele. — Respirou fundo. — E agora ele me diz que você, ao servi-lo, serve Veracidade, o Pretendente. E me ameaça com a fúria de Veracidade. Diga-me. Antes de eu responder a isso, você concorda? Ou será que ele não falou corretamente por você?

Ambos sabíamos que ele lhe estava oferecendo uma oportunidade. Esperei que ela tivesse o bom senso de aproveitá-la. Vi Esporana engolir em seco. Não olhou para mim. Quando falou, a sua voz saiu baixa e controlada.

— Não preciso de ninguém que fale por mim, senhor. E não sou criada de ninguém. Não sirvo FitzCavalaria. — Fez uma pausa e senti um alívio de estonteante. Mas então ela respirou fundo e prosseguiu: — Mas se Veracidade Visionário está vivo, então é ele o verdadeiro Rei dos Seis Ducados. E eu não duvido de que todos os que afirmam o contrário sentirão a sua fúria. Se ele regressar.

Emaranhado suspirou pelo nariz. Sacudiu a cabeça com ar de pena. Fez um gesto para um dos homens que esperavam.

— Você. Quebre um dos dedos dela. Não importa qual.

— Eu sou uma menestrel! — objetou Esporana, horrorizada. Fitou-o, incrédula. Todos o fizemos. Não era inaudito que um menestrel fosse executado

por traição. Matar um menestrel era uma coisa. Ferir um era outra completamente diferente.

— Não me ouviu? — perguntou Emaranhado ao homem quando ele hesitou.

— Senhor, ela é uma menestrel. — O homem parecia chocado. — Dá azar ferir um menestrel.

Emaranhado virou os olhos para o sargento.

— Você vai se assegurar de que ele receba cinco chicotadas antes de eu me retirar esta noite. Cinco, veja bem, e quero conseguir contar os vergões nas suas costas.

— Sim, senhor — disse o sargento em voz baixa.

Emaranhado virou-se para o homem.

— Quebre um dos dedos dela. Não importa qual. — Deu a ordem como se nunca tivesse proferido aquelas palavras.

O homem aproximou-se dela como se estivesse mergulhado num sonho. Obedeceria, e Emaranhado não ia voltar atrás com a ordem.

— Vou matar você — prometi a Emaranhado com sinceridade.

Emaranhado me deu um sorriso sereno.

— Guarda. Os dedos passam a ser dois. Não importa quais. — O sargento moveu-se rapidamente, puxando a faca e colocando-se atrás de mim. Encostou a arma na minha garganta e me obrigou a ajoelhar. Ergui os olhos para Esporana. Ela me olhou uma vez de relance, com os olhos vazios e sem expressão, e então virou o rosto. As suas mãos, tal como as minhas, estavam amarradas atrás das costas. Olhou para frente para o peito de Emaranhado. Ficou imóvel e silenciosa, tornando-se cada vez mais branca até que o homem lhe tocou. Soltou um grito, um som rouco e gutural, quando ele lhe agarrou os pulsos. Depois berrou, mas o berro não conseguiu abafar os dois pequenos estalidos que os dedos fizeram quando o homem os dobrou para trás, pelas articulações.

— Mostre-me — ordenou Emaranhado.

Como se estivesse zangado com Esporana por ter sido obrigado a fazer aquilo, o homem a atirou de cara no chão. Ela ficou deitada sobre a pele de carneiro diante dos pés de Emaranhado. Depois do grito, não soltara um som. Os dois dedos menores da sua mão esquerda projetavam-se de forma bizarra de entre os outros. Emaranhado olhou-os e fez um aceno satisfeito.

— Leve-a. Assegure-se de que fique bem vigiada. Depois volte e apresente-se ao seu sargento. Quando ele acabar, venha até mim. — A voz de Emaranhado era monótona.

O guarda agarrou Esporana pelo colarinho e colocou-a de pé. Parecia ao

mesmo tempo doente e furioso quando a empurrou para fora da tenda. Emaranhado dirigiu um aceno ao sargento.

— Deixe-o se levantar agora.

Levantei-me, olhando-o do alto, e ele ergueu o olhar para mim. Porém, já não havia a menor dúvida sobre quem possuía o controle da situação. A sua voz soou muito calma quando ele observou:

— Há pouco você disse que havia me compreendido. Agora sei que compreende. A viagem até Olho de Lua pode ser rápida e fácil para você, FitzCavalaria. E para os outros. Ou pode ser de outra forma. A escolha é inteiramente sua.

Não respondi. Não era necessário. Emaranhado fez um aceno ao outro guarda. Ele me levou da tenda de Emaranhado para outra. Era habitada por mais quatro guardas. O guarda me deu pão, carne e um copo de água. Mostrei-me dócil enquanto ele voltava a amarrar as minhas mãos à frente, para que eu pudesse comer. Depois, apontou para um cobertor num canto, e eu fui para lá como um cão obediente. Amarraram de novo minhas mãos atrás das costas e ataram os meus pés. Mantiveram o braseiro ardendo a noite inteira, e havia sempre dois me vigiando.

Não me importei. Dei-lhes as costas e encarei a parede da tenda. Fechei os olhos e fui não dormir, mas até o meu lobo. A sua pelagem estava quase seca, mas ele continuava dormindo, exausto. Tanto o frio quanto as pancadas que levara do rio haviam cobrado o seu preço. Aceitei o pequeno conforto que me restava. Olhos-de-Noite estava vivo, e agora dormia. Perguntei-me de que lado do rio ele estaria.

CAPÍTULO 18

Olho de Lua

Olho de Lua é uma vila pequena, mas fortificada na fronteira entre os Seis Ducados e o Reino da Montanha. É uma vila de abastecimento e ponto tradicional de parada para as caravanas comerciais que usam o caminho de Chelika até o passo do Vale Largo e as terras além do Reino da Montanha. Foi a partir de Olho de Lua que o Príncipe Cavalaria negociou o seu último grande tratado com o Príncipe Rurisk do Reino da Montanha. Na sequência da finalização desse tratado, veio a descoberta de que Cavalaria fora pai de um filho ilegítimo, concebido com uma mulher dessa área e já com cerca de seis anos de idade. O Príncipe Herdeiro Cavalaria concluiu as suas negociações e imediatamente partiu para Torre do Cervo, onde pediu à sua rainha, pai e súditos as mais profundas desculpas por aquela falha da sua juventude, e abdicou do trono, a fim de evitar criar a mínima confusão quanto à linha de sucessão.



Emaranhado manteve a palavra. De dia, eu caminhava, flanqueado por guardas, de mãos amarradas atrás das costas. Era colocado numa tenda durante a noite e as mãos eram desamarradas para que eu pudesse me alimentar. Ninguém era desnecessariamente cruel comigo. Não sei se Emaranhado ordenara que eu fosse rigorosamente deixado em paz, se já se teriam espalhado tantas histórias sobre o Bastardo Manhoso e envenenador para que ninguém ousasse me incomodar. De qualquer modo, a minha viagem até Olho de Lua não foi mais desagradável do que era inevitável, dado o mau tempo e as provisões militares. Eu estava isolado dos peregrinos, e portanto nada sabia de como estavam Panela, Esporana e os outros. Os meus guardas não conversavam uns com os outros na minha presença, de modo que nem sequer me restava o falatório do acampamento para ficar sabendo dos boatos. Não me atrevia a perguntar nada a nenhum deles. Bastava-me pensar em Esporana e no que haviam lhe feito para me deixar enjoado. Perguntei-me se alguém se apiedaria dela o suficiente para lhe endireitar e

enfaixar os dedos. Fiquei pensando se Emaranhado o permitiria. A frequência com que eu pensava em Panela e nos filhos dos peregrinos me surpreendia.

Eu tinha Olhos-de-Noite. Na segunda noite passada sob a custódia de Emaranhado, após uma apressada refeição de pão e queijo fui deixado sozinho num canto da tenda que abrigava também seis homens de armas. Tinha os pulsos e tornozelos bem atados, mas não cruelmente apertados, e jogaram um cobertor sobre mim. Os meus guardas logo ficaram absortos num jogo de dados junto da vela que iluminava a tenda. Era uma tenda de couro bom de cabra, e eles haviam coberto o chão com galhos de cedro para o seu próprio conforto, de modo que eu não sofria muito com o frio. Estava com dores e cansado, e a comida que tinha na barriga me deixara sonolento. Mas lutei para me manter acordado. Sondei na direção de Olhos-de-Noite, quase com medo do que poderia encontrar. Tivera apenas os mais leves vestígios da sua presença na minha mente desde que lhe pedira para dormir. Agora o procurei e dei um salto ao senti-lo bastante próximo. Revelou-se como quem atravessa uma cortina e pareceu se divertir com o meu choque.

Há quanto tempo consegue fazer isso?

Algum. Tenho pensado no que o homem-urso nos disse. E enquanto estivemos afastados compreendi que eu tinha uma vida própria. Descobri um lugar só meu na minha mente.

Detectei uma hesitação nos seus pensamentos, como se ele esperasse que eu o censurasse. Porém, em vez disso abracei-o, envolvendo-o no calor que sentia por ele. *Temi que você morresse.*

Tenho o mesmo medo por você agora. Quase com humildade, acrescentou: *Mas sobrevivi. E agora, pelo menos um de nós está livre para salvar o outro.*

Estou contente por você estar em segurança. Mas receio que haja pouco que possa fazer por mim. E se o virem, não descansarão até que o matem.

Então não me verão, prometeu ele com presteza. Naquela noite, levou-me para caçar com ele.

No dia seguinte precisei de toda a minha concentração para permanecer de pé e me mexer. Uma tempestade rebentou. Tentamos adotar um ritmo militar apesar dos caminhos cobertos de neve que seguíamos e dos ventos uivantes que nos esbofeteavam constantemente com ameaças de neve. À medida que nos afastávamos do rio e subíamos pelos contrafortes das montanhas, as árvores e a vegetação rasteira foram se tornando mais densas. Ouvíamos o vento nas árvores acima de nós, mas o sentíamos cada vez menos. Quanto mais subíamos, mais seco e severo se tornava o frio durante a noite. A comida que me era dada era

suficiente para me manter em pé e vivo, mas pouco mais. Emaranhado encabeçava a sua procissão, seguido pela guarda montada. Eu caminhava atrás, no meio dos meus guardas. Atrás de nós seguiam os peregrinos, flanqueados por soldados regulares. Atrás de todo o resto, vinha a coluna de suprimentos.

Ao fim de cada dia de marcha, eu era confinado a uma tenda rapidamente montada, alimentado e depois ignorado até chegar a hora de levantar no dia seguinte. As minhas conversas estavam limitadas a aceitar as refeições e à partilha noturna de pensamentos com Olhos-de-Noite. A caça deste lado do rio era abundante quando comparada com o lugar de onde viéramos. Ele encontrava caça quase sem esforço e ia avançando no restabelecimento das suas antigas forças. Não tinha nenhuma dificuldade em conseguir nos acompanhar e ao mesmo tempo arranjar tempo para caçar. Olhos-de-Noite acabara de rasgar as entranhas de um coelho na minha quarta noite como prisioneiro quando ergueu subitamente a cabeça e farejou o vento.

O que há?

Caçadores. Perseguidores. Abandonou a carne e ficou de pé. Estava na encosta de uma colina acima do acampamento de Emaranhado. Deslocando-se na sua direção, deslizando de árvore em árvore, viam-se duas dúzias de silhuetas sombrias. Uma dúzia trazia arcos. Enquanto Olhos-de-Noite observava, duas agacharam-se ao abrigo de um denso matagal. Após alguns momentos, o seu focinho aguçado detectou o odor de fumaça. Uma minúscula fogueira surgiu como um brilho apagado a seus pés. Fizeram sinal aos outros, que se espalharam, silenciosos como sombras. Arqueiros procuraram posições estratégicas enquanto os outros deslizaram na direção do acampamento, lá embaixo. Alguns se dirigiram ao local onde os animais estavam presos. Com os meus próprios ouvidos, ouvi passos furtivos fora da tenda onde me encontrava amarrado. Não pararam. Olhos-de-Noite sentiu o fedor do piche queimando. Um instante depois, duas flechas em chamas cruzaram voando a noite. Atingiram a tenda de Emaranhado. Uma grande gritaria ergueu-se num momento. Enquanto os soldados sonolentos saíam das tendas aos tropeções e se dirigiam para o incêndio, os arqueiros na encosta da colina faziam chover flechas sobre eles.

Emaranhado saiu da tenda em chamas aos tropeções, enrolando os cobertores em volta de si enquanto se movia e berrava ordens.

— Eles querem o Bastardo, idiotas! Guardem-no a qualquer custo! — Então uma flecha passou por ele, deslizando pelo solo gelado. Ele soltou um grito e jogou-se ao abrigo de uma carroça de provisões. Um segundo mais tarde, duas flechas se cravaram nela com um baque.

Os homens da minha tenda haviam se levantado de um salto assim que o tumulto teve início. Eu os tinha basicamente ignorado, preferindo o ponto de vista de Olhos-de-Noite sobre o que estava acontecendo. Mas quando o sargento entrou de rompante na tenda, a sua primeira ordem foi:

— Arrastem-no lá para fora antes que incendeiem a tenda. Mante-nham-no abaixado. Se vierem buscá-lo, cortem a sua garganta!

As ordens do sargento foram seguidas muito literalmente. Um homem ajoelhou-se atrás de mim, com a faca encostada na minha garganta. Outros seis nos rodearam. A toda a nossa volta, na escuridão, outros homens corriam e gritavam. Houve um segundo alarido quando outra tenda entrou em chamas, juntando-se à de Emaranhado, a qual agora ardia alegremente e iluminava bem a extremidade do acampamento em que se encontrava. Na primeira vez que tentei erguer a cabeça para ver o que estava acontecendo, o jovem soldado que estava atrás de mim voltou a bater energicamente o meu rosto contra o chão gelado. Resignei-me ao gelo e ao cascalho e preferi olhar pelos olhos do lobo.

Se a guarda de Emaranhado não tivesse estado tão concentrada em me manter preso, e em proteger Emaranhado, poderia ter percebido que nenhum de nós era o alvo daquele ataque. Enquanto flechas voavam em volta de Emaranhado e da sua tenda em chamas, na ponta escura do acampamento os invasores silenciosos estavam libertando contrabandistas, peregrinos e pôneis. Olhos-de-Noite me mostrara que o arqueiro que incendiara a tenda de Emaranhado ostentava os traços Grampo tão claramente quanto Nico. Os contrabandistas tinham vindo buscar os seus. Os cativos escaparam do acampamento como farinha de uma saca cheia de buracos enquanto os homens de Emaranhado protegiam a ele e a mim.

A avaliação que Emaranhado fizera dos seus homens fora correta. Mais de um homem de armas esperou que aquele ataque terminasse à sombra de uma carroça ou de uma tenda. Não duvidava de que lutariam bem se fossem pessoalmente atacados, mas nenhum ousou liderar uma surtida contra os arqueiros da colina. Suspeitei nesse momento de que o Capitão Marco não fora o único homem a ter um acordo com os contrabandistas. Os disparos que fizeram em resposta foram ineficazes, visto que as tendas em chamas no acampamento haviam arruinado a sua visão noturna, enquanto o fogo transformava os arqueiros que se levantavam para responder aos disparos dos contrabandistas em silhuetas e alvos.

Tudo acabou com uma rapidez notável. Os arqueiros na colina continuaram a disparar flechas contra nós enquanto os outros fugiam, e esse fogo manteve a atenção dos homens de Emaranhado. Quando a chuva de projéteis parou de

súbito, Emaranhado rugiu imediatamente pelo seu sargento, exigindo saber se eu escapara. O sargento lançou um olhar de aviso aos seus homens, então gritou em resposta que tinham conseguido mantê-los afastados de mim.

O resto daquela noite foi uma miséria. Passei uma boa parte dela de rosto para baixo contra a neve enquanto um Emaranhado meio vestido bufava e batia violentamente com os pés no chão à minha volta. O incêndio da sua tenda consumira a maior parte das suas provisões pessoais. Quando a fuga dos peregrinos e contrabandistas foi descoberta, isso pareceu tomar uma importância secundária diante do fato de ninguém mais no acampamento ter roupa de um tamanho que servisse a Emaranhado.

Mais três tendas haviam sido incendiadas. O cavalo de Emaranhado fora levado com os pôneis dos contrabandistas. Apesar de todos os berros que Emaranhado soltou prometendo terríveis vinganças, não fez qualquer esforço para organizar uma perseguição. Em vez disso, ele se contentou em me chutar várias vezes. Já era quase alvorada quando ele se lembrou de perguntar se a menestrel também havia sido levada. Havia. E isso, declarou, provava que eu fora o verdadeiro alvo do ataque. Triplicou a guarda à minha volta durante o resto dessa noite e ao longo dos dois dias seguintes de viagem até Olho de Lua. Sem surpresa, não vimos mais sinal dos nossos atacantes. Obtiveram tudo o que desejavam e desapareceram nas colinas. Eu não tinha qualquer dúvida de que Nico também possuía esconderijos deste lado do rio. Não conseguia sentir nenhuma simpatia pelo homem que me vendera, mas confessei a mim mesmo uma admiração relutante por ele ter levado consigo os peregrinos quando fugiu. Esporana talvez pudesse fazer disso uma canção.

Olho de Lua parecia uma pequena vila escondida numa dobra dos contrafortes das montanhas. Havia poucas fazendas ao redor, e as ruas de paralelepípedos começavam abruptamente logo depois da paliçada de madeira que cercava a vila. Uma sentinela nos dirigiu uma interrogação formal de uma torre que se erguia acima da paliçada. Foi só depois de entrarmos que percebi a cidadezinha agitada que era aquela povoação. Eu sabia pelas aulas com Penacarriço que Olho de Lua fora um posto militar avançado com importância para os Seis Ducados antes de se transformar em local de parada para as caravanas que se dirigiam para o outro lado das Montanhas. Agora, mercadores de âmbar, peles e marfim esculpido atravessavam regularmente Olho de Lua e a enriqueciam à sua passagem. Pelo menos assim fora nos anos desde que o meu pai obtivera sucesso em negociar um tratado de livre-trânsito com o Reino da Montanha.

As novas hostilidades de Majestoso haviam alterado tudo. Olho de Lua

revertera à posição de domínio militar que fora nos tempos do meu avô. Os soldados que andavam pelas ruas usavam o dourado e marrom de Majestoso em vez do azul de Cervo, mas soldados eram soldados. Os mercadores tinham o ar desconfiado e fatigado de homens que eram ricos apenas nas cédulas do seu soberano e que se perguntavam quão amortizáveis elas se revelariam a longo prazo. A nossa procissão atraiu a atenção dos habitantes, mas o que nos mostraram foi uma curiosidade furtiva. Perguntei-me quando havia tornado azar ter muita curiosidade sobre os assuntos do rei.

Apesar do meu cansaço, observei a vila com interesse. Fora para ali que o meu avô me trouxera para me abandonar ao cuidado de Veracidade, e onde Veracidade me entregara a Bronco. Sempre me perguntei se a gente da minha mãe vivera perto de Olho de Lua, ou se teríamos viajado para longe em busca do meu pai. Contudo, procurei em vão qualquer ponto de referência ou sinal que despertasse em mim alguma recordação da infância perdida. Olho de Lua parecia ao mesmo tempo tão estranha e tão familiar como qualquer vila que eu já visitara.

A vila estava repleta de soldados. Havia tendas e puxados encostados a todas as paredes. Parecia que a população aumentara bastante havia pouco tempo. Acabamos chegando a um pátio que os animais da coluna de suprimentos reconheceram como um lar. Fomos alinhados e então dispensados com precisão militar. Os meus guardas me levaram para um edifício atarracado de madeira. Era desprovido de janelas e sinistro. Lá dentro havia uma única sala, onde um velho se sentava num banco baixo junto a uma grande lareira onde ardia um fogo agradável. Menos agradáveis eram as três portas com pequenas janelas barradas que davam para essa sala. Fui empurrado para uma delas, as cordas que me prendiam foram cortadas de pronto e então fui deixado só.

No tocante a prisões, aquela era a mais agradável em que eu estivera. Apanhei-me com aquele pensamento e arreganhei os dentes em algo que não era bem um sorriso. Havia uma armação de cama presa por cordas, com um saco de palha em cima servindo de colchão. Havia um penico no canto. Entrava alguma luz pela janela na porta, e também algum calor. Não muito de uma coisa, nem de outra, mas mesmo assim fazia muito mais calor do que lá fora. Não possuía a severidade de uma prisão séria. Decidi que se tratava de uma zona de contenção para soldados bêbados ou perturbadores. Parecia estranho tirar o manto e as luvas e colocá-los de lado. Sentei-me na beira da cama e esperei.

A única coisa digna de nota que aconteceu nessa noite foi que a refeição incluía carne, pão e até uma caneca de cerveja. O velho abriu a porta para me

entregar a bandeja. Quando voltou para recolhê-la, deixou-me dois cobertores. Agradeci-lhe, e ele pareceu sobressaltado. Depois me chocou ao observar:

— Você tem a voz e os olhos do seu pai. — Então fechou a porta na minha cara, um tanto apressado. Ninguém mais falou comigo, e a única conversa que ouvi foram as pregas e gracejos de um jogo de dados. Pelas vozes, deduzi que havia três homens mais novos na antecâmara, além do velho carcereiro.

Quando a noite chegou, trocaram os dados por uma conversa em voz baixa. Pouco consegui distinguir do que foi dito em meio à estridência do vento lá fora. Levantei-me sem ruído da cama e fui como um fantasma até a porta. Quando espreitei pela sua janela barrada, vi nada menos do que três sentinelas de serviço. O velho estava dormindo na sua cama, no canto, mas os três que vestiam o dourado e marrom de Majestoso levavam os seus deveres a sério. Um era um rapaz imberbe, que provavelmente não passava dos catorze anos. Os outros dois moviam-se como soldados. Um tinha um rosto com mais cicatrizes do que o meu; decidi que era um arruaceiro. O outro tinha uma barba bem aparada e era evidente que estava no comando dos outros dois. Todos estavam acordados, ainda que não propriamente alertas. O arruaceiro estava importunando o garoto com alguma coisa. Este mostrava uma expressão carrancuda. Aqueles dois, pelo menos, não se davam bem. Quando parou de incomodar o garoto, o arruaceiro passou a reclamar sem cessar sobre Olho de Lua. A bebida era ruim, havia poucas mulheres e as que havia eram tão frias quanto o próprio inverno. Ele gostaria que o rei os liberasse para caírem sobre os bárbaros gatunos da rameira da Montanha. Sabia que podiam abrir caminho até Jhaampe e tomar a cidade arbórea numa questão de dias. Onde estava o sentido em esperar? E continuou arengando sem parar. Os outros acenavam com as cabeças como se aquela fosse uma litania que conheciam bem. Afastei-me em silêncio da janela e regressei à cama, para pensar.

Bela jaula.

Pelo menos me alimentam bem.

Não tão bem como eu me alimento. Você precisa é de um pouco de sangue quente na carne. Vai fugir logo?

Assim que conseguir imaginar como.

Passei algum tempo explorando cuidadosamente os limites da minha cela. Paredes e assoalho de tábuas cinzeladas, velhas e duras como ferro para os meus dedos. Um teto de tábuas bem juntas em que quase nem conseguia roçar com as pontas dos dedos. E a porta de madeira, com a janela coberta com barras.

Se ia sair, teria de ser pela porta. Voltei à janela.

— Posso beber um pouco de água? — chamei em voz baixa.

O jovem sobressaltou-se bastante e o arruaceiro riu dele. O terceiro guarda olhou para mim, e então foi tirar em silêncio uma concha de água do barril que havia no canto. Trouxe-a até a janela e passou apenas a taça por entre as barras. Deixou-me beber por ela, então a retirou e se afastou.

— Quanto tempo eles vão me manter aqui? — gritei-lhe.

— Até estar morto — disse o arruaceiro com confiança.

— Não devemos falar com ele — lembrou o rapaz, e "Calem-se!", ordenou o sargento. A ordem me incluía. Fiquei à porta, observando-os, agarrado às barras. Isso deixava o garoto nervoso, mas o arruaceiro me olhava com a atenção ávida de um tubarão movendo-se em círculos. Seria preciso muito pouca isca para levar aquele a me bater. Perguntei-me se isso seria útil. Estava muito cansado de apanhar, mas parecia ser a única coisa que eu fazia bem nos últimos tempos. Decidi pressionar um pouco, para ver o aconteceria.

— Por que vocês não devem falar comigo? — perguntei com curiosidade.

Os guardas trocaram olhares.

— Afaste-se da janela e cale-se — ordenou-me o sargento.

— Só fiz uma pergunta — objetei em tom brando. — O que pode haver de errado em falar comigo?

O sargento levantou-se e eu recuei de imediato, obediente.

— Estou aqui trancado e vocês são três. Estou entediado, nada mais. Não podem ao menos me dizer o que sabem sobre o que me vai acontecer?

— Farão com você o que devia ter sido feito da primeira vez que o mataram. Enforcado acima da água, cortado em pedaços e queimado, Bastardo — disse-me o arruaceiro.

O sargento virou-se para ele.

— Cale-se. Ele está provocando, idiota. Ninguém diga nem mais uma palavra para ele. Nenhuma. É assim que um Manhoso os coloca sob o seu poder. Atraindo vocês para conversas. Foi assim que ele matou Dardo e o seu destacamento. — O sargento me lançou um olhar selvagem, e então o virou também para os seus homens. Regressaram aos seus postos. O arruaceiro me deu um sorriso escarnecedor.

— Não sei o que disseram a vocês sobre mim, mas não é verdade — eu disse. Ninguém respondeu. — Olhem, não sou diferente de vocês. Se tivesse algum grande poder mágico, acham que eu estaria trancafiado assim? Não. Sou só um bode expiatório, nada mais. Todos vocês sabem como se faz. Se alguma coisa dá errado, alguém tem de receber a culpa. E fui eu que aterrissei na merda. Bem,

olhem para mim e pensem nas histórias que ouviram. Eu conheci Dardo quando ele estava com Majestoso em Torre do Cervo. Pareço com um homem capaz de derrubar Dardo? — E continuei naquilo durante a maior parte do turno deles. Não pensava mesmo que seria capaz de convencê-los de que era um homem inocente. Mas podia convencê-los de que no fato de eu falar ou eles responderem não havia nada a se temer. Contei histórias da minha vida passada e seus infortúnios, certo de que seriam repetidas por todo o acampamento. Se bem que não soubesse que vantagem poderia obter daí. No entando, mantive-me em pé, à porta, agarrado às barras da janela, e com movimentos muito minúsculos fui tentando torcer as barras que agarrava. Forcei-as de um lado para o outro nos seus encaixes. Se se moveram, não consegui perceber.

O dia seguinte arrastou-se. Senti que cada hora que passava era uma hora que trazia o perigo para mais perto de mim. Emaranhado não viera me ver. Tive certeza de que estava me mantendo preso, esperando que alguém viesse me tirar de suas mãos. Temi que fosse Vontade. Não parecia que Majestoso confiasse em qualquer outra pessoa para me transportar. Não desejava outro encontro com Vontade. Eu não sentia que tivesse forças para lhe resistir. O meu trabalho naquele dia consistiu em empurrar as barras e observar os meus captores. Ao fim do dia, senti-me pronto a arriscar. Depois da refeição da noite, constituída de queijo e mingau de aveia, deitei-me na cama e me preparei para usar o Talento.

Baixei cautelosamente as muralhas, temendo encontrar Emaranhado à minha espera. Sondei para fora de mim e nada senti. Preparei-me outra vez e tentei de novo, com os mesmos resultados. Abri os olhos e fitei a escuridão. A injustiça daquilo me deixou nauseado. Os sonhos de Talento apareciam e me arrebatavam ao seu bel-prazer, mas agora que eu procurava aquele rio de Talento, ele fugia de mim por completo. Fiz mais duas tentativas antes que uma latejante dor de cabeça me forçasse a desistir. O Talento não ia me ajudar a sair dali.

Resta a Manha, observou Olhos-de-Noite. Parecia muito próximo.

Também não sei realmente como é que isso me vai ajudar, confidenciei-lhe.

Eu também não. Mas fiz um buraco por baixo da paliçada, para o caso de você conseguir sair da sua jaula. Não foi fácil, pois o chão está congelado e os troncos da paliçada estavam enterrados fundo. Mas se conseguir sair da jaula, eu consigo tirá-lo da cidade.

Foi um plano sensato, elogiei-o. Pelo menos um de nós estava fazendo alguma coisa.

Sabe onde estou abrigado esta noite? Havia um divertimento suprimido no pensamento.

Onde você está abrigado?, perguntei, obediente.

Bem debaixo dos seus pés. Havia espaço suficiente para eu rastejar aqui para baixo.

Olhos-de-Noite, isso é uma ousadia tola. Você pode ser visto, ou os sinais da sua escavação podem ser descobertos.

Uma dúzia de cães esteve aqui antes de mim. Ninguém reparará nas minhas idas e vindas. Usei a noite para ver muito deste aglomerado de homens. Todas as construções têm espaços por baixo. É muito fácil me esgueirar de uns para os outros.

Tenha cuidado, adverti-o, mas não podia negar que havia conforto em saber que ele estava tão perto. Passei uma noite inquieta. Os três guardas tiveram sempre o cuidado de manter uma porta entre nós. Experimentei os meus encantos com o velho na manhã seguinte, quando ele me passou uma caneca de chá e dois pedaços de pão duro.

— Então você conheceu o meu pai — observei enquanto ele enfiava a comida por entre as barras. — Sabe, eu não tenho nenhuma lembrança dele. Nunca passou nenhum tempo comigo.

— Então pode se considerar abençoado — retorquiu o velho, seco. — Conhecer o príncipe não era o mesmo que gostar dele. Era rígido como um bastão. Regras e ordens para nós, enquanto ele andava por aí fazendo bastardos. Sim, eu conheci o seu pai. Conheci-o bem demais para o meu conforto. — E deu as costas às barras, reduzindo a nada a esperança que eu tivera de transformá-lo num aliado. Retirei-me para me sentar na cama com o pão e o chá e fitar desesperançado as paredes. Outro dia infinito passara. Tinha certeza de que isso trazia Vontade para um dia de viagem mais perto de mim. Outro dia mais perto de ser arrastado de volta para Vaudefeira. Um dia mais perto da morte.

No frio e escuridão da noite, Olhos-de-Noite me acordou. *Fumaça. Muita.*

Sentei-me na cama. Fui até a janela e olhei para fora. O velho estava dormindo no seu catre. O garoto e o arruaceiro estavam jogando dados, enquanto o outro homem mexia nas unhas com a faca. Tudo estava calmo.

De onde está vindo a fumaça?

Devo ir ver?

Se puder. Mas tenha cuidado.

Quando é que não tenho?

Passou-se algum tempo, durante o qual eu fiquei de pé de um lado da porta da minha cela e observei os meus guardas. Então Olhos-de-Noite voltou a me contactar. *É uma construção grande, que cheira a cereais. Está queimando em*

dois lugares.

Ninguém está soando um alarme?

Ninguém. As ruas estão vazias e escuras. Esta ponta da vila está adormecida.

Fechei os olhos e partilhei a sua visão. A construção era um celeiro. Alguém acendera duas fogueiras junto a ela. Uma estava apenas em brasa, mas a outra lambia até bem alto a parede de madeira da construção.

Volte para mim. Talvez possamos tirar vantagem disso.

Espere.

Olhos-de-Noite subiu decidido a rua, esgueirando-se de construção em construção. Atrás de nós, o incêndio do celeiro começou a crepitar à medida que ia ganhando força. Ele fez uma pausa, farejou o ar e mudou de direção. Logo estava olhando para outro incêndio. Aquele estava devorando avidamente uma pilha coberta de feno no fundo de outro celeiro. Fumaça brotava indolentemente, subindo em fiapos para a noite. De repente, uma labareda saltou e, com um imenso sopro, a pilha inteira ficou subitamente incendiada. Fagulhas cavalgaram o calor até o céu noturno. Algumas ainda cintilavam quando se instalaram em telhados próximos.

Alguém está começando estes incêndios. Volte para mim agora!

Olhos-de-Noite veio com rapidez. No caminho de volta, viu outro fogo mordiscando uma pilha de trapos cobertos de óleo enfiados por baixo do canto de uma caserna. Uma brisa errante encorajou o fogo a explorar. As chamas lamberam um dos pilares que suportavam a construção e enrolaram-se avidamente ao longo da parte de baixo do assoalho.

O inverno secara tão completamente a vila de madeira com o seu frio severo como qualquer calor de verão. Puxados e tendas ocupavam os espaços entre as construções. Se os incêndios ardessem sem serem detectados por muito mais tempo, toda Olho de Lua podia estar em cinzas antes da manhã. E eu também, se ainda estivesse trancado na cela.

Quantos homens o guardam?

Quatro. E uma porta trancada.

Um deles deve estar com a chave.

Espere. Vejamos se as nossas chances melhoram. Ou se eles abrem a porta para me levar para outro lugar.

Em algum lugar na vila fria, um homem ergueu a voz num grito. O primeiro incêndio fora detectado. Fiquei dentro da minha cela, escutando com os ouvidos de Olhos-de-Noite. Os gritos foram aumentando gradualmente, até que até os guardas que estavam do outro lado da minha porta se levantaram, perguntando

uns aos outros:

— O que é aquilo?

Um deles foi até a porta e a abriu. Um vento frio e o cheiro de fumaça entraram na sala aos turbilhões. O arruaceiro colocou a cabeça para dentro e anunciou:

— Parece que há um grande incêndio do outro lado da vila. — Num instante, os outros dois homens se inclinaram para fora da porta. A conversa tensa entre eles acordou o velho, que também foi ver o que se passava. Lá fora, alguém correu pela rua, gritando:

— Fogo! Fogo junto do celeiro! Tragam baldes!

O garoto olhou para o oficial.

— Devo ir ver?

Por um momento, o homem hesitou, mas a tentação foi demais.

— Não. Você fica aqui enquanto eu vou. Fiquem alerta. — Pegou o manto e saiu para a noite. O garoto ficou vendo-o partir, desapontado. Permaneceu de pé, à porta, fitando a noite. Então:

— Vejam, há mais chamas! Ali! — exclamou. O arruaceiro praguejou, e então pegou o manto.

— Vou dar uma olhada.

— Mas nos disseram para ficarmos aqui para guardar o Bastardo!

— Fique você! Eu volto logo, só quero ver o que está acontecendo! — Gritou as últimas palavras por cima do ombro enquanto se afastava apressadamente. O garoto e o velho trocaram olhares. O velho voltou para a cama e deitou-se, mas o garoto ficou na porta. Através da porta da minha cela eu conseguia ver um pedaço da rua. Um punhado de homens passou correndo; depois alguém passou conduzindo uma parelha e uma carroça a grande velocidade. Todos pareciam estar indo na direção do incêndio.

— Parece muito ruim? — perguntei.

— Não consigo ver muita coisa daqui. Só chamas depois dos estábulos. Um monte de fagulhas voando. — O garoto parecia desapontado por estar tão longe da excitação. De repente lembrou-se de quem era a pessoa com quem falava. Recolheu a cabeça de forma abrupta para dentro e fechou a porta. — Não fale comigo! — advertiu-me, e então foi se sentar.

— O celeiro fica a que distância daqui? — perguntei. Ele recusou-se até a me olhar de relance, e ficou com olhos vidrados fitando a parede. — É que — prossegui em tom de conversa — eu só estava curioso para saber o que você vai fazer se os incêndios chegarem até aqui. Não gostaria de ser queimado vivo. Eles

deixaram as chaves com você, não deixaram? — O garoto imediatamente olhou para o velho. A mão deste deu um torção involuntário na direção da bolsa, como que para se assegurar de que ainda as tinha, mas nenhum me deu resposta. Fiquei de pé junto da porta da cela e o observei. Passado algum tempo, o garoto foi até a porta e voltou a olhar para fora. Vi a sua mandíbula contrair-se. O velho foi olhar por cima do ombro dele.

— Está se espalhando, não está? Um vento de inverno é uma coisa terrível. Tudo seco como ossos.

O garoto não quis responder, mas virou-se para mim. A mão do velho estendeu-se para a chave que tinha na bolsa.

— Venham agora amarrar as minhas mãos e me tirar daqui. Nenhum de nós quer estar neste edifício se as chamas chegarem até aqui.

Um olhar vindo do garoto.

— Não sou estúpido — disse-me ele. — Não serei eu a morrer por deixar você fugir.

— Por mim, você pode arder aí mesmo, Bastardo — acrescentou o velho. Voltou a esticar o pescoço para fora da porta. Mesmo de longe, consegui ouvir o súbito sopro quando uma construção qualquer desapareceu numa erupção de fogo. O vento trazia agora um forte cheiro de fumaça, e eu vi a tensão acumulando-se na postura do garoto. Vi um homem passar correndo pela porta aberta, gritando qualquer coisa ao garoto sobre combates na praça do mercado. Mais homens passaram correndo pela rua, e ouvi o tilintar de espadas e de armadura ligeira que faziam ao correr. Cinzas cavalgavam agora o vento, e o rugido das chamas era mais ruidoso do que as rajadas de vento. A fumaça que pairava acinzentava o ar lá fora.

Então, de repente, homem e garoto entraram de novo na sala aos tropeções. Olhos-de-Noite os seguiu, mostrando todos os dentes que possuía. Preencheu a porta e bloqueou a fuga dos homens. O rosnado que soltou soou mais alto do que o crepitar das chamas lá fora.

— Destranquem a porta da minha cela e ele não lhes fará mal — sugeri.

Porém, o garoto desembainhou a espada. Ele era bom. Não esperou que o lobo entrasse e investiu contra ele, com a arma apontada, forçando Olhos-de-Noite a recuar através da porta. O lobo evitou a lâmina com facilidade, mas já não os tinha encurralados. O garoto aproveitou a vantagem e saiu para as trevas, a fim de seguir o lobo. No segundo em que a porta deixou de estar bloqueada, o velho a fechou com violência.

— Vai ficar aqui e ser queimado vivo comigo? — perguntei-lhe em tom de

conversa.

Num instante, ele decidira.

— Queime sozinho! — cuspiu-me. Voltou a escancarar a porta e correu para fora.

Olhos-de-Noite! É ele que tem a chave, o velho que está fugindo.

Vou pegá-la.

Agora eu estava sozinho na minha prisão. Quase esperava que o garoto regressasse, mas ele não o fez. Agarrei as barras da janela e sacudi a porta contra a sua tranca. Quase não se mexeu. Uma barra pareceu ligeiramente solta. Fiz força contra ela, encostando os pés na porta para puxá-la com todo o meu peso. Uma enormidade de tempo mais tarde, uma extremidade se soltou. Dobrei-a para baixo e a sacudi de um lado para o outro até sair por completo. Mas mesmo se todas as barras se soltassem, a abertura ainda seria pequena demais para eu atravessar. Tentei, mas a barra solta que eu agarrava era grossa demais para penetrar nas fendas em volta da porta e servir de alavanca. Já sentia o cheiro da fumaça por todo o lado, pesado no ar. O incêndio estava próximo. Atirei-me de ombro contra a porta, mas ela nem sequer estremeceu. Enfiei o braço na janela e estiquei-o para baixo, tateando. Os meus dedos tensos descobriram uma pesada barra metálica. Percorri-a com as pontas dos dedos até chegar à tranca que a mantinha no lugar. Conseguia raspar nela com os dedos, mas nada mais. Não conseguia decidir se a sala estava realmente ficando mais quente, ou se era a minha imaginação.

Estava batendo cegamente com a minha barra de ferro contra a tranca e as braçadeiras que a mantinham no lugar quando a porta exterior se abriu. Uma guarda vestida de marrom e dourado entrou a passos largos na sala, gritando:

— Vim buscar o Bastardo. — Então o seu olhar percebeu a sala vazia.

Num momento, jogou o capuz para trás e transformou-se em Esporana. Fitei-a, incrédulo.

— Mais fácil do que eu esperava — disse-me ela com um sorriso resoluto. Dava-lhe um ar sinistro ao rosto ferido, mais parecido com um rosnado.

— Talvez não — eu disse debilmente. — A cela está trancada.

O sorriso dela transformou-se numa expressão de consternação.

— Os fundos deste edifício estão em brasa.

Agarrou a minha barra com a mão boa. No momento preciso em que a erguia para bater na tranca, Olhos-de-Noite surgiu à porta. Entrou na sala e largou a bolsa do velho no chão. Sangue escurecera o couro.

Olhei-o, horrorizado de súbito.

— Você o matou?

Tirei dele aquilo de que você precisava. Depressa. Os fundos desta jaula estão queimando.

Por um momento, não me consegui mexer. Olhei para Olhos-de-Noite e perguntei-me em que eu o estava transformando. Ele perdera algo de sua selvajeria limpa. Os olhos de Esporana saltaram dele para mim, para a bolsa no chão. Não se mexeu.

E parte do que faz de você um homem desapareceu. Não temos tempo para isso, irmão. Você não mataria um lobo se isso me salvasse a vida?

Não precisei responder àquilo.

— A chave está nessa bolsa — eu disse a Esporana.

Durante um momento, ela apenas a encarou. Então abaixou-se e tirou com dificuldade a pesada chave de ferro de dentro da bolsa de couro. Vi-a enfiá-la no buraco da fechadura, rezando agora para não ter amassado demais o mecanismo. Ela girou a chave, soltou o ferrolho com um puxão e levantou a barra da porta. Quando eu saí, ordenou-me:

— Traga os cobertores. Vai precisar deles. O frio lá fora é intenso.

Quando fui apanhá-los, senti o calor que irradiava da parede do fundo da minha cela. Peguei o manto e as luvas. Fumaça começava a penetrar furtivamente por entre as tábuas. Fugimos seguidos de perto pelo lobo.

Na rua, ninguém reparou em nós. O incêndio estava impossível de combater. Tinha o controle da vila e corria para onde quer que lhe apetecesse. As pessoas que vi estavam ocupadas com os assuntos egoístas do salvamento dos seus bens e da sobrevivência. Um homem passou por nós arrastando um carrinho de mão carregado de coisas sem nos lançar mais do que um olhar de aviso. Perguntei-me se as coisas seriam dele. No fim da rua vi um estábulo em chamas. Cavalariços frenéticos arrastavam cavalos para fora, mas os gritos dos animais em pânico que ainda estavam no interior eram mais estridentes do que o vento. Com um estrondo tremendo, um edifício do outro lado da rua ruiu, soprando ar quente e cinzas na nossa direção num terrível suspiro. O vento espalhara o incêndio por toda Olho de Lua. O fogo corria de construção em construção, e o vento transportava fagulhas em chamas e cinzas quentes para a floresta além da paliçada. Indaguei-me se até as neves profundas seriam suficientes para detê-lo.

— Vamos! — gritou Esporana irritada, e percebi que eu estivera parado de boca aberta. Agarrando cobertores, segui-a sem uma palavra. Corremos pelas ruas sinuosas da vila em chamas. Ela parecia conhecer o caminho.

Chegamos a uma encruzilhada. Alguma espécie de luta ocorrera ali. Quatro

corpos estavam estendidos na rua, todos com as cores de Vara. Parei para me debruçar sobre um soldado e tirar da mulher a faca e a bolsa que levava no cinto.

Nós nos aproximamos dos portões da vila. De repente, uma carroça chacoalhou a nosso lado. Os dois cavalos que a puxavam eram díspares e estavam cobertos de espuma.

— Subam! — alguém nos gritou. Esporana saltou para a carroça sem hesitar.

— Panela? — perguntei, e a sua resposta foi:

— Depressa! — Subi e o lobo saltou facilmente para o meu lado. Ela não esperou que nos instaláss emos e sacudiu as rédeas contra os cavalos. A carroça saltou para frente com um solavanco.

À nossa frente encontravam-se os portões. Estavam abertos e desguarnecidos, balançando nas dobradiças, empurrados pelo vento proveniente do incêndio. A um lado, vi de relance um corpo estatelado. Panela nem sequer diminuiu a velocidade da parelha. Atravessamos o portão sem olhar para trás e seguimos chacoalhando pela estrada escura, para irmos nos juntar às outras pessoas que fugiam da destruição com carroças e carrinhos de mão. A maioria parecia dirigir-se para as poucas fazendas dos arredores, procurando abrigo para a noite, mas Panela manteve os nossos cavalos em movimento. Enquanto a noite à nossa volta se tornava mais escura e as pessoas escasseavam, Panela instigou os cavalos a uma velocidade maior. Perscrutei a escuridão que se estendia adiante.

Notei que Esporana estava olhando para trás.

— Devia ser apenas uma distração — disse ela numa voz horrorizada. Virei-me para olhar para trás.

Um imenso clarão cor de laranja delineava em negro a silhueta da paliçada de Olho de Lua. Acima, fagulhas erguiam-se no céu noturno, densas como um enxame de abelhas. O rugido das chamas era como ventos de tempestade. Enquanto observávamos, uma construção ruiu, e outra onda de fagulhas ergueu-se no ar.

— Uma distração? — Olhei para ela através da escuridão. — Vocês fizeram tudo aquilo? Para me libertar?

Esporana me lançou um olhar divertido.

— Lamento desapontá-lo. Não. Panela e eu viemos por você, mas não foi a razão de isto acontecer. A maior parte daquilo é obra da família de Nico. Vingança contra aqueles que os traíram. Entraram na vila para encontrá-los e matá-los. Depois foram embora. — Sacudiu a cabeça. — É complicado demais para explicar tudo agora, mesmo se eu compreendesse. É evidente que a Guarda Real de Olho de Lua é corrupta há anos. Eles têm sido bem pagos para não ver

nada do que diz respeito aos contrabandistas Grampo. E os contrabandistas têm se assegurado de que os homens ali estacionados experimentem algumas das melhores coisas da vida. Suponho que o Capitão Marco se beneficiava da maior parte dos lucros. Não estava sozinho, mas tampouco se mostrava generoso com a partilha.

"Depois Emaranhado foi enviado para cá. Ele nada sabia sobre o acordo. Trouxe consigo um enorme afluxo de soldados e tentou impor aqui uma disciplina militar. Nico vendeu você a Marco. Mas enquanto Nico o vendia a Marco, alguém viu uma oportunidade de vender Marco e o seu acordo a Emaranhado. Emaranhado viu uma oportunidade para apanhar vocês e acabar com um bando de contrabandistas. Porém, Nico Grampo e o seu clã tinham pago bem por livre-trânsito para os peregrinos. Então os soldados nos traíram e a promessa que os Grampo fizeram aos peregrinos foi quebrada."

Sacudiu a cabeça. Sua voz ficou tensa.

— Algumas das mulheres foram estupradas. Uma criança morreu de frio. Um homem nunca mais voltará a andar porque tentou proteger a mulher. — Durante algum tempo, os únicos sons que se ouviram foram os da carroça e o rugido distante dos incêndios. Os olhos dela estavam muito negros quando olhou de novo para a vila em chamas. — Já ouviu falar em honra entre ladrões? Bem, Nico e os seus homens vingaram a deles.

Eu ainda fitava a destruição de Olho de Lua. Não me importava nem um pouco com Emaranhado e os seus vareses. Mas houvera mercadores ali e comerciantes, famílias e lares. As chamas estavam devorando a todos. E soldados dos Seis Ducados haviam estuprado as suas cativas como se fossem salteadores sem lei em vez de guardas do rei. Soldados dos Seis Ducados, a serviço de um rei dos Seis Ducados. Sacudi a cabeça.

— Sagaz teria enforcado todos eles.

Esporana pigarreou.

— Não se culpe — disse-me. — Aprendi há muito tempo a não me culpar pelo mal que me era feito. A culpa não foi minha. Nem sequer foi sua. Você só foi o catalisador que deu início à sequência de acontecimentos.

— Não me chame disso — supliquei-lhe. A carroça continuou a estrondear, levando-nos para as profundezas da noite.

CAPÍTULO 19

Perseguição

A paz entre os Seis Ducados e o Reino da Montanha era relativamente recente à época do reinado do Rei Majestoso. Durante décadas, o Reino da Montanha controlara todo o comércio através dos passos com um pulso tão firme quanto o que os Seis Ducados aplicavam ao comércio nos rios Frio e Cervo. O comércio e o tráfego entre as duas regiões haviam sido geridos caprichosamente pelas duas potências, para detrimento de ambas. Porém, durante o reinado do Rei Sagaz foram negociados entre o Príncipe Herdeiro Cavalaria dos Seis Ducados e o Príncipe Rurisk das Montanhas acordos comerciais mutuamente benéficos. A paz e prosperidade que este acordo trouxe tornaram-se mais sólidas quando, mais de uma década mais tarde, a princesa da Montanha, Kettricken, tornou-se a noiva do Príncipe Herdeiro Veracidade. Após a morte prematura do irmão mais velho, Rurisk, precisamente na véspera do seu casamento, Kettricken tornou-se a única herdeira da coroa da Montanha. E, assim, pareceu durante algum tempo que os Seis Ducados e o Reino da Montanha poderiam vir a dividir um monarca e acabar por se transformar num só país.

Entretanto, as circunstâncias arruinaram todas essas esperanças. Os Seis Ducados foram ameaçados do exterior pelos Salteadores, e despedaçados do interior pelos conflitos entre príncipes. O Rei Sagaz foi assassinado, o Príncipe Herdeiro Veracidade desapareceu durante uma demanda, e quando o Príncipe Majestoso reivindicou o trono para si, o seu ódio por Kettricken era tal que ela se sentiu obrigada a fugir para as suas Montanhas natais, pelo bem do filho que aguardava. O autoproclamado "Rei" Majestoso viu isto, de certa maneira, como a renegação de uma prometida entrega de território. As suas diligências para introduzir tropas no Reino da Montanha, sob a aparência de "guardas" para as caravanas comerciais, foram repelidas pelo povo das Montanhas. Os seus protestos e ameaças levaram ao fechamento das fronteiras da Montanha ao comércio dos Seis Ducados. Contrariado, embarcou numa vigorosa campanha destinada a desacreditar a Rainha Kettricken e a construir uma hostilidade patriótica contra o Reino da Montanha. O seu objetivo final parecia óbvio:

tomar, pela força se necessário, as terras do Reino da Montanha como província dos Seis Ducados. Parecia um mau momento para tal guerra e tal estratégia. As terras que ele possuía legitimamente já estavam sob cerco de um inimigo externo, inimigo esse que ele parecia ser incapaz ou não ter vontade de derrotar. Nunca nenhuma força militar havia conquistado o Reino da Montanha, e no entanto era isso que ele parecia decidido a fazer. O motivo por que tão desesperadamente desejava possuir aquele território foi uma questão que, a princípio, confundiu todos.



A noite estava límpida e fria. O luar brilhante era suficiente para nos mostrar por onde corria a estrada, mas não para mais do que isso. Durante algum tempo, apenas fiquei sentado na carroça, escutando os ruídos de esmagamento que os cascos dos cavalos faziam na estrada e tentando absorver tudo o que acontecera. Esporana pegou os cobertores que tínhamos trazido da minha cela e os sacudiu. Entregou-me um e enrolou outro em volta dos seus ombros. Sentou-se aconchegada e afastada de mim, olhando para trás da carroça. Compreendi que ela queria ser deixada em paz. Vi o clarão cor de laranja que fora Olho de Lua minguar à distância. Passado algum tempo, a minha cabeça começou de novo a trabalhar.

— Panela? — chamei por cima do ombro. — Para onde vamos?

— Para longe de Olho de Lua — disse ela. Consegui ouvir o cansaço na sua voz.

Esporana mexeu-se e me deitou um olhar.

— Pensávamos que você soubesse.

— Para onde foram os contrabandistas? — perguntei.

Senti, mais do que vi, Esporana encolhendo os ombros.

— Não quiseram nos dizer. Disseram que se nós íamos buscá-lo, tínhamos de nos separar deles. Pareciam acreditar que Emaranhado mandaria soldados atrás de você, por mais fortemente que Olho de Lua fosse atingida.

Assenti com a cabeça, mais para mim do que para ela.

— Vai mandar. Vai me culpar por todo o ataque. E se dirá que os atacantes eram na verdade oriundos do Reino da Montanha, soldados enviados para me libertar. — Endireitei-me, afastando-me de Esporana. — E quando nos apanharem, matarão vocês duas.

— Não pretendemos deixar que eles nos apanhem — observou Panela.

— E não apanharão — prometi. — Pelo menos se agirmos com sensatez. Pare

os cavalos.

Panela quase não precisou mandá-los parar. Haviam diminuído a um passo cansado há muito tempo. Joguei meu cobertor para Esporana e dei a volta na parelha. Olhos-de-Noite pulou de cima da carroça e me seguiu curioso.

— O que você está fazendo? — perguntou Panela enquanto eu desprendia um arreio e largava no terreno coberto de neve.

— Estou mudando isto para que eles possam ser montados. Sabem cavalgar sem sela? — Eu estava usando a faca do guarda para cortar as rédeas enquanto falava. Ela teria de montar sem sela, sabendo ou não. Não tínhamos selas.

— Suponho que terei de cavalgar — observou ela num tom rabugento enquanto descia da carroça. — Mas não vamos chegar muito longe muito depressa, montados em dupla nestes cavalos.

— Você e Esporana ficarão bem — prometi-lhe. — Basta que não parem.

Esporana estava de pé em cima da carroça, olhando para mim. Não precisava do luar para saber que havia incredulidade em seu rosto.

— Vai nos deixar aqui? Depois de termos voltado por você?

Não era assim que eu via as coisas.

— Vocês é que vão me deixar aqui — disse-lhe com firmeza. — Jhaampe é a única povoação grande, depois de darem as costas a Olho de Lua e seguirem na direção do Reino da Montanha. Cavalguem em ritmo constante. Não vão diretamente para Jhaampe. É isso o que eles esperarão que façamos. Procurem uma das aldeias menores e se escondam lá durante algum tempo. A maioria das pessoas da Montanha é hospitaleira. Se não ouvirem rumores sobre uma perseguição, prossigam para Jhaampe. Mas se afastem o máximo possível e o mais depressa possível antes de pararem para pedir abrigo ou comida.

— O que você vai fazer? — perguntou Esporana em voz baixa.

— Olhos-de-Noite e eu seguimos o nosso caminho. Como devíamos ter feito há muito tempo. Viajamos mais depressa sozinhos.

— Eu voltei por você — disse Esporana. A sua voz estava prestes a vacilar diante da minha traição. — Apesar de tudo o que tinha acontecido comigo. Apesar… da minha mão… e de todo o resto…

— Ele os está afastando do nosso rastro — disse de súbito Panela.

— Precisa de ajuda para montar? — perguntei-lhe calmamente.

— Não precisamos de nenhuma ajuda sua! — declarou de súbito Esporana, com uma voz zangada. Sacudiu a cabeça. — Quando penso em tudo por que passei seguindo você. E em tudo o que fizemos para libertá-lo… Teria sido queimado vivo naquela cela lá atrás, se não fosse por mim!

— Eu sei. — Não havia tempo para lhe explicar tudo. — Adeus — disse em voz baixa. E as deixei ali, afastando-me delas para o interior da floresta. Olhos-de-Noite caminhava ao meu lado. As árvores fecharam-se à nossa volta, e elas ficaram rapidamente fora de vista.

Panela compreendera rapidamente o objetivo do meu plano. Assim que Emaranhado tivesse os incêndios controlados, ou talvez mesmo antes, ele pensaria em mim. Encontrariam o velho morto por um lobo e nunca acreditariam que eu perecera na cela. Haveria uma perseguição. Enviariam cavaleiros para todas as estradas que levavam às montanhas, e em breve alcançariam Panela e Esporana. A menos que os caçadores tivessem outro rastro mais difícil para seguir. Um rastro que seguisse em meio à vegetação e se dirigisse diretamente para Jhaampe. Para oeste.

Não seria fácil. Eu não possuía nenhum conhecimento específico sobre o que se estendia entre mim e a capital do Reino da Montanha. Nenhuma vila, provavelmente, pois o Reino da Montanha era pouco povoado. O povo vivia principalmente das armadilhas, da caça e do pastoreio nômade de ovelhas e cabras, e tendia a viver em cabanas isoladas ou minúsculas aldeias rodeadas por amplos terrenos de caça. Eu teria poucas possibilidades de mendigar ou roubar comida ou provisões. O que mais me preocupava era poder acabar à beira de uma cordilheira impossível de escalar ou ter de cruzar a vau um dos muitos rios rápidos e frios que desciam velozmente as ravinas e os vales estreitos.

É inútil nos preocuparmos até nos encontrarmos bloqueados, observou Olhos-de-Noite. *Se acontecer, então teremos simplesmente de arranjar uma maneira de dar a volta no obstáculo. Pode ser que isso nos atrase. Mas nunca chegaremos lá se ficarmos parados nos preocupando.*

Assim, passamos a noite caminhando, Olhos-de-Noite e eu. Quando chegávamos a clareiras, eu estudava as estrelas e tentava viajar o máximo que podia para oeste. O terreno revelou-se tão problemático quanto eu esperava que fosse. Deliberadamente, escolhi caminhos que fossem mais gentis com um homem e um lobo a pé do que para homens a cavalo. Deixamos o nosso rastro ao longo de encostas cobertas de arbustos e por densos matagais em estreitos desfiladeiros. Consolei-me enquanto progredia por tais lugares imaginando Esporana e Panela avançando a bom ritmo pelas estradas. Tentei não pensar que Emaranhado poderia enviar batedores em quantidade suficiente para seguir mais do que um rastro. Não. Primeiro eu precisava ganhar uma boa dianteira sobre eles para depois atrair Emaranhado a ponto de enviá-los em força atrás de mim.

A única maneira de fazer isso que consegui imaginar foi me apresentar como

uma ameaça para Majestoso. Uma ameaça com que ele teria que lidar de imediato.

Ergui os olhos para o topo de um espinhaço. Três imensos cedros se juntavam num maciço. Pararia ali, faria uma minúscula fogueira e tentaria usar o Talento. Lembrei a mim mesmo que não tinha casco-de-elfo, o que significava que teria de preparar as coisas de modo a descansar bem depois.

Eu fico de vigia, assegurou-me Olhos-de-Noite.

Os cedros eram enormes, com galhos largos que se entrelaçavam no alto de uma forma tão apertada que o chão estava limpo de neve. O solo encontrava-se espessamente atapetado com odoríferos pedaços de frondes de cedro que foram caindo com o decorrer do tempo. Juntei-os para fazer para mim um assento, a fim de manter o corpo longe da terra fria, e então recolhi uma boa reserva de lenha. Pela primeira vez, examinei o interior da bolsa que roubara. Continha uma pederneira. E também cinco ou seis moedas, alguns dados, uma pulseira partida e, enrolada num pedaço de pano, uma madeixa de cabelo fino. Aquilo resumia bem demais a vida de um soldado. Raspei um pouco de terra e enterrei o cabelo, os dados e a pulseira. Não tentei imaginar se ela teria deixado para trás um filho ou um amante. Lembrei a mim mesmo que a sua morte não era obra minha. Mas, mesmo assim, uma voz gelada murmurou a palavra “catalisador” no fundo da minha mente. Se não fosse por mim, ela ainda estaria viva. Por um momento, senti-me velho, cansado e doente. Então me forcei a deixar de lado tanto a soldado como a minha própria vida. Acendi a fogueira e a alimentei bem. Empilhei o resto da lenha ao alcance da mão. Enrolei-me no manto e me deitei na cama de frondes de cedro. Respirei fundo, fechei os olhos e usei o Talento.

Foi como se tivesse caído num rio rápido. Não estava preparado para ter sucesso com tanta facilidade, e quase fui levado para longe. O rio de Talento parecia ali, de algum modo, mais profundo, mais largo e mais forte. Não sabia se isso se deveria a um crescimento das minhas capacidades, se a outra coisa qualquer. Descobri-me e me centrei, e fortaleci resolutamente a minha vontade contra as tentações do Talento. Recusei-me a pensar que dali poderia conseguir lançar os pensamentos até Moli e à nossa filha, poderia ver, como se com os meus próprios olhos, como ela estava crescendo e como passavam as duas. E também não tentaria alcançar Veracidade, por mais que desejasse fazê-lo. A força daquele Talento era tanta que não duvidava de que seria capaz de encontrá-lo. Mas não era para isso que eu estava ali. Estava ali para provocar um inimigo e tinha de estar em guarda. Ergui todas as defesas que pude erguer sem que me selassem contra o Talento, e virei a vontade na direção de Emaranhado.

Estendi-me, tentando encontrá-lo com cautela. Estava pronto para erguer as muralhas num instante, se fosse atacado. Descobri-o facilmente e fiquei quase sobressaltado ao ver como ele não estava ciente do meu toque.

Então a sua dor me trespassou.

Afastei-me, mais depressa do que uma anêmona assustada numa poça d'água. Senti-me chocado ao abrir os olhos e fitar galhos de cedro carregados de neve. Suor me umedecia o rosto e as costas.

O que foi aquilo?, perguntou Olhos-de-Noite.

Você sabe tanto quando eu, respondi.

Fora a mais pura das dores. Uma dor independente de qualquer ferimento no corpo, uma dor que não era nem pesar, nem medo. Uma dor total, como se cada parte do corpo, por dentro e por fora, estivessem submersas em fogo.

Majestoso e Vontade a estavam causando.

Fiquei tremendo como consequência, não de usar o Talento, mas da dor de Emaranhado. Era uma monstruosidade maior do que a minha mente conseguia compreender. Tentei organizar tudo o que detectara naquele breve momento. Vontade, e talvez alguma sombra do Talento de Cedoura, imobilizando Emaranhado para aquela punição. Com origem em Cedoura, houve um horror e desagrado mal mascarados por aquela tarefa. Talvez temesse que algum dia pudesse ser virada contra ele mais uma vez. A emoção mais forte de Vontade fora a ira por Emaranhado ter me tido em seu poder e ter deixado que eu escapasse. No entanto, sob a ira havia uma espécie de fascínio com o que Majestoso estava fazendo a Emaranhado. Vontade não obtinha daquilo nenhum prazer. Ainda não.

Mas Majestoso, sim.

Houve uma época em que eu conhecera Majestoso. Nunca bem, era verdade. Outrora ele fora simplesmente o mais novo dos meus tios, aquele que não gostava nem um pouco de mim. Manifestara esse desagrado de uma forma infantil, com empurrões e beliscões clandestinos, com provocações e fofocas. Eu não gostara disso, não gostara dele, mas tudo fora quase compreensível. Fora o ciúme de um garoto que o filho mais velho e favorito havia criado, ainda que um outro rival para tempo e a atenção do Rei Sagaz. Antigamente ele fora apenas um jovem príncipe mimado, invejoso por os irmãos mais velhos estarem à sua frente na linha de sucessão. Fora mimado, malcriado e egoísta.

Mas fora humano.

O que eu sentira vindo dele há pouco estava tão além do que eu podia compreender em termos de crueldade que era quase impossível de apreender. Os

forjados haviam perdido a sua humanidade, mas no seu vazio encontrava-se a sombra do que haviam sido. Se Majestoso tivesse aberto o peito e tivesse me mostrado um ninho de víboras, eu não poderia ter ficado mais chocado. Majestoso deixara a humanidade de lado para se entregar a algo mais sombrio. E era aquele o homem a que os Seis Ducados chamavam agora rei.

Era aquele o homem que iria enviar tropas atrás de Esporana e de Panela.

— Vou voltar — avisei Olhos-de-Noite, e não lhe dei tempo para fazer objeções. Fechei os olhos e me atirei ao rio de Talento. Escancarei-me a ele, atraindo a mim a sua força fria, sem pensar que se ela fosse demasiada me devoraria. No instante em que Vontade tomou consciência de mim, falei-lhes. — Você morrerá pelas minhas mãos, Majestoso. Tão certo como Veracidade voltará a reinar como rei. — E então atirei contra eles esse poder que reunira.

Foi quase tão instintivo quanto um punho cerrado. Não planejei, mas de súbito compreendi que fora aquilo que Veracidade lhes fizera em Vaudefeira. Não havia mensagem, nada além de uma furiosa libertação de energia contra eles. Escancarei-me a eles e me mostrei; então, quando eles se viraram para mim, obriguei-me a golpeá-los com cada porção de Talento que reunira. Assim como Veracidade, não contive nenhuma das minhas forças. Creio que, se fosse apenas um, eu poderia ter conseguido lhe cauterizar o Talento. Contudo, em vez disso, eles partilharam o choque. Nunca saberei que efeito ele teve em Emaranhado. É possível que tenha se sentido grato pela minha violência, pois ela estilhaçou a concentração de Vontade e o libertou da sofisticada tortura de Majestoso. Senti o guincho de terror de Cedoura quando ele interrompeu a sua ligação de Talento. Creio que Vontade poderia ter resistido e talvez tivesse me desafiado se Majestoso não lhe ordenasse debilmente *Corte a ligação, tolo, não me coloque em risco com a sua vingança!* Num piscar de olhos, eles desapareceram.

O dia já avançava quando voltei a mim. Olhos-de-Noite estava deitado quase em cima de mim e havia sangue no seu pelo. Empurrei-o debilmente e ele se moveu de imediato. Levantou-se e cheirou o meu rosto. Senti nele o cheiro do meu próprio sangue; era repugnante. Sentei-me de repente e o mundo rodopiou à minha volta. Tomei lentamente consciência do clamor dos seus pensamentos.

Está bem? Você estava tremendo e depois começou a sangrar pelo nariz. Você não estava aqui, não conseguia ouvi-lo de modo algum!

— Estou bem — acalmei-o em voz rouca. — Obrigado por me manter quente.

A fogueira se reduzira a algumas brasas. Estendi cautelosamente a mão para a lenha e acrescentei à fogueira alguns gravetos. As minhas mãos pareciam estar a uma grande distância de mim. Quando consegui avivar o fogo, sentei-me e me

aqueci. Depois me levantei e dei alguns passos cambaleantes até onde começava a neve. Esfreguei um punhado no rosto para limpá-lo do sabor e cheiro do sangue. Botei um pouco de neve limpa na boca, pois sentia a língua inchada e coagulada.

Precisa descansar? Precisa de comida?, perguntou-me Olhos-de-Noite com ansiedade.

Sim e sim. Mas, acima de tudo, precisávamos fugir. Eu não tinha dúvida de que o que fizera os levaria a me perseguir. Fizera o que quisera, e fora real, além de todas as minhas expetativas. Dera-lhes um motivo para me temer. Agora nunca descansariam até me destruírem. Também lhes mostrara claramente onde eu me encontrava; eles teriam uma noção do local para onde deviam enviar os seus homens. Não podia estar ali quando eles chegassem. Voltei para junto da fogueira e chutei terra sobre ela. Pisei-a para me assegurar de que estava apagada. Então fugimos.

Viajamos tão depressa quanto eu podia. Não havia qualquer dúvida de que eu atrasava Olhos-de-Noite. Ele me olhava com piedade enquanto eu subia laboriosamente uma encosta, enterrado até o quadril na neve, enquanto a ele bastava abrir os dedos das patas para conseguir ultrapassar com rapidez. Não era raro que quando eu suplicava por um descanso e parava para me encostar a uma árvore ele explorasse o terreno adiante em busca do melhor caminho. Quando tanto a luz como as minhas forças estavam próximas da exaustão e eu parava para acender uma fogueira para a noite, ele desaparecia e regressava com carne para ambos. Eram normalmente lebres brancas das neves, mas uma vez foi um castor gordo que se aventurara longe demais da sua lagoa coberta de gelo. Fingia a mim mesmo que cozinhava a carne que comia, mas era uma passada muito breve sobre uma fogueira. Estava cansado e esfomeado demais para mais do que isso. A dieta de carne não me acrescentava gordura ao corpo, mas me ajudava a me manter vivo e em movimento. Pouco era o verdadeiro sono que eu conseguia, pois tinha de alimentar constantemente a fogueira para evitar congelar e me levantar várias vezes por noite para bater com os pés no chão, a fim de lhes devolver a sensibilidade. Resistência. Era disso do que se tratava. Não a rapidez, nem uma grande força, mas um miserável aumento na minha capacidade de me obrigar a continuar em movimento todos os dias.

Mantive as muralhas de Talento bem erguidas, mas mesmo assim estava consciente da batalha de Vontade contra elas. Não me parecia que ele pudesse seguir o meu rastro enquanto eu me protegesse, mas não tinha certeza. A constante cautela mental era mais um dreno nas minhas forças. Havia noites em

que eu ansiava por simplesmente deixar cair todas as minhas defesas e deixá-lo entrar, para que acabasse comigo de uma vez por todas. Porém, nessas horas me bastava recordar o que Majestoso era agora capaz de fazer. Isso sem falta me trespassava com um dardo de terror e me inspirava a me esforçar ainda mais para aumentar a distância entre nós.

Quando me levantei na quarta madrugada da nossa viagem, soube que estávamos bem dentro do Reino da Montanha. Não vira sinais de perseguição desde que havíamos abandonado Olho de Lua. Certamente que tão para o interior da terra de Kettricken estaríamos a salvo.

A que distância fica essa Jhaampe, e o que faremos quando chegarmos lá?

Não sei a que distância fica. E não sei o que faremos.

Pela primeira vez, refleti sobre isso. Forcei-me a pensar em tudo aquilo em que não me permitira considerar até então. Eu nada sabia realmente sobre o que acontecera a Kettricken desde o momento em que a afastara do rei para fugir noite adentro. Ela não tivera notícias minhas, nem sobre mim. A essa altura, Kettricken já teria dado à luz o filho. Pelas minhas contas, o bebê teria uma idade semelhante à da minha filha. De repente, dei por mim muito curioso. Podia segurar esse bebê e dizer a mim mesmo: “Ter a minha filha no colo deve ser assim”.

Exceto que Kettricken achava que eu estava morto. O que teria ouvido dizer seria que eu fora executado por Majestoso e estaria enterrado havia muito tempo. Era a minha rainha e a esposa de Veracidade. Decerto que eu podia lhe revelar como sobrevivera. Contudo, contar-lhe a verdade era como atirar uma pedra em um lago. Ao contrário de Esporana, Panela ou qualquer outra pessoa que tivesse deduzido quem eu era, Kettricken me conhecera anteriormente. Não seria um boato ou uma lenda, nem uma história fantasiosa de alguém que me vislumbrara por um momento, mas um fato. Ela podia dizer aos outros que haviam me conhecido: “Sim, eu o vi, e é verdade que está vivo. Como? Ora, através da Manha, claro”.

Continuei a avançar com dificuldade atrás de Olhos-de-Noite, através da neve e do frio, e pensei no que a notícia significaria para Paciência quando a recebesse. Vergonha ou alegria? Dor por eu não ter me revelado? Através de Kettricken, notícias podiam ser enviadas, para se espalharem até aqueles que eu conhecera. Acabariam chegando a Moli e a Bronco. O que faria Moli saber à distância, dessa forma, não só que eu estava vivo e não regressara para ela, como estava maculado pela Manha? Trespassara o meu coração saber que ela escondera de mim o fato de que esperava um filho meu. Esse foi o meu primeiro

verdadeiro vislumbre de como devia ter se sentido traída e magoada por todos os segredos que eu mantivera escondidos dela durante os anos. Ter mais um de tamanha magnitude jogado em seu rosto podia pôr fim a quaisquer sentimentos que ainda pudesse nutrir por mim. As minhas chances de reconstruir uma vida com ela eram bastante pequenas; eu não podia suportar que se reduzissem ainda mais.

E todos os outros, o pessoal dos estábulos que eu conhecera, os homens ao lado de quem remara e lutara, os soldados comuns de Torre do Cervo, também descobririam. Independentemente de como me sentisse a respeito da Manha, eu já vira a repugnância nos olhos de um amigo. Vira como isso mudara até a atitude de Esporana comigo. O que as pessoas pensariam de Bronco por ele ter tido e tolerado um Manhoso nos estábulos? Ele também seria descoberto? Rangi os dentes. Teria de permanecer morto. Talvez fosse melhor evitar Jhaampe por completo e prosseguir viagem para ir até Veracidade. Exceto que, sem provisões, eu tinha tanta chance de conseguir isso como Olhos-de-Noite teria de se passar por um cão de colo.

E havia outra pequena questão. O mapa.

Quando Veracidade partira de Torre do Cervo, partira apoiado na força de um mapa. Era um mapa antigo que Kettricken desencavara nas bibliotecas de Torre do Cervo. Estava desbotado e era antigo, feito nos tempos do Rei Sabedoria, que visitara pela primeira vez os Antigos e os trouxera para auxiliar os Seis Ducados. Os detalhes do mapa haviam desvanecido, mas tanto Kettricken como Veracidade tinham estado convencidos de que um dos caminhos nele marcados levava ao local onde o Rei Sabedoria se encontrara pela primeira vez com esses esquivos seres. Veracidade abandonara Torre do Cervo determinado a seguir o mapa até regiões situadas para além do Reino da Montanha. Levara consigo a cópia nova do mapa que fizera. Eu não fazia ideia do que acontecera ao mapa mais velho; era provável que tivesse sido levado para Vaudefeira quando Majestoso saqueara as bibliotecas de Torre do Cervo. Mas o estilo do mapa e as características incomuns da bordadura há muito me fizeram suspeitar de que era uma cópia de outro mapa ainda mais antigo. A bordadura era em estilo da Montanha; se fosse possível encontrar o original em algum lugar, seria nas bibliotecas de Jhaampe. Eu tivera algum acesso a elas durante os meses da minha convalescença nas Montanhas. Sabia que a sua biblioteca era simultaneamente extensa e bem cuidada. Mesmo se não encontrasse o original desse mapa em particular, poderia talvez encontrar outros que cobrissem a mesma área.

Durante o tempo que passara nas Montanhas, eu também ficara impressionado pelo povo confiante que eles eram. Vira poucas trancas e nenhum dos guardas que tínhamos em Torre do Cervo. Não seria necessário qualquer truque para entrar na residência real. Mesmo se tivessem estabelecido a prática de pôr guardas, as paredes eram feitas apenas de pano de casca de árvore estucado com argila e pintado. Senti-me confiante de que seria capaz de entrar, de uma forma ou de outra. Depois de me encontrar no interior, não demoraria muito tempo para pilhar a biblioteca e roubar aquilo de que necessitasse. Podia me reabastecer ao mesmo tempo.

Tive a elegância de me sentir envergonhado por aquele pensamento. Também soube que a vergonha não evitaria que o colocasse em prática. Mais uma vez eu não tinha escolha. Subi com dificuldade mais uma encosta através da neve e me pareceu que o meu coração batia essa frase repetidas vezes. Sem escolha, sem escolha, sem escolha. Nunca tinha escolha a respeito de nada. O destino me transformara num assassino, num mentiroso e num ladrão. E quanto mais tentava evitar esses papéis, mais firmemente era empurrado para eles. Olhos-de-Noite me seguia de perto e afligia-se com o meu humor sombrio.

Estávamos tão distraídos que chegamos ao topo da colina e ambos paramos, tolamente delineados contra o céu, plenamente à vista do grupo de cavaleiros na estrada abaixo de nós. O amarelo e marrom dos seus casacos destacava-se contra a neve. Estaquei como um veado assustado. Mesmo assim, podíamos não ter sido notados se não fosse a matilha de cães de caça que traziam consigo. Avaliei-a com um olhar. Seis cães de caça, não lobeiros, graças a Eda, mas lebreiros de patas curtas, inadequados para aquele tempo e terreno. Havia um cão de patas longas, um vira-lata desengonçado de dorso ondulado. Ele e o seu tratador deslocavam-se separadamente da matilha. A perseguição estava usando tudo o que tinha para nos encontrar. Mas havia uma dúzia de homens a cavalo. Quase instantaneamente, o vira-lata jogou a cabeça para cima e latiu. Num instante, os cães de caça juntaram-se a ele, andando em círculos, de cabeças erguidas para farejar o ar e dando o alerta quando descobriram os nossos odores. O caçador que controlava os cães de caça ergueu uma mão e apontou para nós no momento em que se lançou na perseguição. O vira-lata e o seu tratador já corriam na nossa direção.

— Eu nem sabia que havia uma estrada aqui — arquejei a Olhos-de-Noite como um pedido de desculpa, enquanto fugíamos pela encosta abaixo. Tínhamos uma vantagem muito curta. Descemos ao longo do nosso próprio rastro, enquanto os cães e os cavaleiros que nos perseguiam tinham de subir um monte

de neve intacta. Tive esperança de que quando eles chegassem ao topo que havíamos acabado de abandonar nós já estivéssemos fora de vista, na ravina coberta de mato abaixo. Olhos-de-Noite estava indo mais devagar, relutante em me deixar para trás. Os cães ladravam e ouvi as vozes de homens erguidas em excitação quando se lançaram na perseguição.

CORRA!, ordenei a Olhos-de-Noite.

Não vou abandoná-lo.

Teria poucas chances se abandonasse, admiti. Minha cabeça trabalhava freneticamente. *Vá até o fundo da ravina. Crie tantos rastros falsos quanto puder, dê a volta, siga rio abaixo ao longo da ravina. Quando eu chegar lá, fugimos colina acima. Isso pode atrasá-los durante algum tempo.*

Truques de raposa!, bufou ele, então passou correndo por mim num borrão cinzento e desapareceu no denso mato da ravina. Tentei avançar mais depressa pela neve. Logo antes de atingir a borda da ravina coberta de mato, olhei para trás. Cães e cavaleiros estavam nesse exato momento ultrapassando o cume. Penetrei no abrigo do mato encoberto pela neve e desci escorregando pelas encosta íngreme. Olhos-de-Noite deixara rastros suficientes ali para uma alcateia inteira. No momento em que fiz uma pausa para recuperar o fôlego, ele passou por mim correndo numa nova direção.

Vamos sair daqui!

Não esperei pela sua resposta e comecei a subir a ravina o mais depressa que minhas pernas podiam me levar. A neve estava mais rasa no fundo, pois as árvores e o mato haviam apanhado e segurado a maior parte. Avancei meio dobrado sobre mim mesmo, sabendo que se me prendesse nos galhos eles descarregariam as suas cargas frias em cima de mim. Os latidos dos cães ressoavam no ar gélido. Escutei-os enquanto avançava. Quando ouvi a sua excitação dar lugar a uma frustrada gritaria canina, soube que tinham chegado ao rastro confuso no fundo da ravina. Cedo demais; tinham chegado lá cedo demais, e viriam depressa demais.

Olhos-de-Noite!

Silêncio, tolo! Os cães vão ouvi-lo! E aquele outro também.

Meu coração quase parou no peito. Não conseguia acreditar na minha estupidez. Continuei avançando com dificuldade através do mato coberto de neve, forçando os ouvidos para captar o que estava acontecendo atrás de nós. Os caçadores tinham gostado do rastro falso que Olhos-de-Noite deixara e estavam praticamente forçando os cães a segui-lo. Havia homens demais a cavalo para a estreiteza da ravina. Estavam ficando no caminho uns dos outros, e talvez

estragando o nosso verdadeiro rastro. Tempo ganho, mas só um pouco. Então ouvi de súbito gritos de alarme e uma desenfreada profusão de latidos vindos dos cães. Captei um confuso alarido de pensamentos caninos. Um lobo tinha saltado sobre eles e correra pelo meio da sua matilha, mordendo à medida que avançava e precipitando-se por entre as patas dos cavalos que os homens montavam atrás deles. Um homem estava no chão e tendo problemas para apanhar a sua montaria de olhos aterrorizados. Um cão perdera a maior parte de uma orelha caída e estava em agonia por causa dela. Tentei fechar minha mente à sua dor. Pobre animal, e tudo para nada que o levasse a lucrar alguma coisa. Minhas pernas eram como chumbo e minha boca estava seca, mas tentei arrancar de mim velocidade. Desejei gritar a Olhos-de-Noite para que abandonasse as provocações, para que fugisse comigo, mas não me atrevi a trair à matilha a verdadeira direção da nossa retirada. Em vez disso, forcei-me a avançar.

A ravina estava se tornando mais estreita e mais profunda. Trepadeiras, sarças e arbustos nasciam nas encostas cada vez mais íngremes e caíam emaranhadas. Suspeitei de que caminhava em cima de um riacho congelado pelo inverno. Comecei a procurar uma maneira de sair dele. Atrás de mim, os cães estavam de novo ladrando, latindo uns para os outros que agora haviam encontrado o verdadeiro rastro, sigam o lobo, o lobo, o lobo. Soube então com certeza que Olhos-de-Noite voltara a se mostrar a eles e estava deliberadamente afastando-os de mim. *Fuja, garoto, fuja!* Atirou-me o pensamento sem se preocupar com a possibilidade de ser ouvido pelos cães. Havia nele um divertimento selvagem, uma tolice histérica no seu pensamento. Lembrou-me da noite em que eu perseguira Justino pelos corredores de Torre do Cervo, para matá-lo no Grande Salão diante de todos os convidados da cerimônia de coroação de Majestoso como Príncipe Herdeiro. Olhos-de-Noite estava num frenesi que o levara a deixar de se preocupar com a sua própria sobrevivência. Precipitei-me adiante, com o coração na garganta por ele, segurando as lágrimas que brotavam nos cantos dos meus olhos.

A ravina terminou. À minha frente havia uma cintilante cascata de gelo, um memorial ao riacho de montanha que cortava aquele desfiladeiro durante os meses de verão. O gelo pendia em longos pingentes ondulados da face rochosa de uma fenda na montanha, brilhando ainda com um tênue reflexo de água corrente. A neve na sua base era cristalina. Parei, suspeitando de uma lagoa profunda, de uma lagoa que poderia descobrir involuntariamente debaixo de uma camada de gelo fino demais. Levantei os olhos. As paredes de rocha ali estavam escavadas na base e cobertas de vegetação. Em outros lugares, lajes nuas de

rocha apareciam através das cortinas de neve. Pequenas árvores jovens e arbustos de ar frágil cresciam aqui e ali, inclinando-se para capturar a luz do sol que vinha de cima. Nenhum desses locais parecia promissor para uma escalada. Virei-me para regressar por onde viera e ouvi um único uivo erguer-se e diminuir. Nem cão de caça, nem lobo, só podia ser o vira-lata. Algo na certeza daquele grito me convenceu de que ele seguia o meu rastro. Ouvi um homem gritar um encorajamento e o cão voltou a latir, mais perto. Virei-me para a parede da ravina e comecei a escalar. Ouvi o homem gritar pelos outros, chamando e assobiando para que o seguissem, que tinha ali um rastro de homem, que deixassem o lobo, era só um truque de Manha. À distância, os cães começaram de súbito a latir de uma maneira diferente. Nesse momento, soube que Majestoso encontrara por fim o que procurara. Um Manhoso para me caçar. Sangue Antigo fora comprado.

Saltei e me agarrei a uma pequena árvore que se projetava da parede da ravina. Icei-me, consegui apoiar nela os pés, balancei-me e estendi a mão para outra acima de mim. Quando coloquei nela o meu peso, as suas raízes se soltaram do solo rochoso. Caí, mas consegui me agarrar de novo à primeira árvore. Outra vez para cima, disse a mim mesmo com ferocidade. Fiquei de pé sobre a árvore e a ouvi rachando sob o meu peso. Ergui as mãos para me agarrar a punhados de arbustos frágeis que pendiam da margem escavada. Tentei subir rapidamente, não deixar que o meu peso pendesse de qualquer das pequenas árvores ou arbustos durante mais do que alguns momentos. Punhados de galhos se quebraram nas minhas mãos, tufos de capim velho soltaram-se, e dei por mim esgravatando ao longo da borda da ravina, sem conseguir subir. Ouvi um grito abaixo de mim e, contra a minha vontade, olhei para trás e para baixo. Um homem e um cão encontravam-se na clareira, lá embaixo. Enquanto o vira-lata latia para mim, o homem estava encaixando uma flecha no arco que trazia. Eu estava pendurado, impotente acima deles, um alvo tão fácil como qualquer homem podia desejar.

— Por favor — ouvi-me arquejar, e depois ouvi o minúsculo ruído inconfundível de uma corda de arco sendo largada. Senti a flecha me atingir, um punho nas costas, um dos velhos truques de Majestoso na minha infância, e depois uma dor mais profunda e mais quente dentro de mim. Uma das minhas mãos largara o que agarrava. Não lhe ordenara que o fizesse, ela simplesmente se soltara. Balancei, preso pela mão direita. Consegui ouvir, tão claramente, o latido do cão quando ele farejou o meu sangue. Consegui ouvir o sussurro da vestimenta do homem quando ele tirou outra flecha da aljava.

A dor voltou a me causar uma pontada profunda no punho direito. Gritei quando os dedos se soltaram. Num reflexo de terror, minhas pernas esgravataram freneticamente contra a vegetação rasteira que pendia sobre a margem escavada e cedia. E de alguma forma eu estava subindo, com o rosto raspando em uma crosta de neve. Encontrei o braço esquerdo e fiz com ele vagos movimentos natatórios. *Erga as pernas!*, ordenou-me Olhos-de-Noite. Não emitiu som algum, pois os seus dentes estavam firmemente presos na manga e na carne do meu braço direito enquanto me arrastava para cima. A chance de sobreviver me revitalizou. Esperneei violentamente e depois senti solo firme sob a barriga. Avancei me arrastando, tentando ignorar a dor que se concentrava nas minhas costas, mas que se espalhava a partir dali em ondas rubras. Se não tivesse visto o homem disparar uma flecha, teria acreditado que um poste tão grosso quanto o eixo de uma carroça havia se cravado nas minhas costas.

Levante-se, levante-se! Temos de fugir.

Não me lembro de como fiquei de pé. Ouvi cães esgravatando o penhasco atrás de mim. Olhos-de-Noite afastou-se da borda e os foi enfrentando à medida que eles subiam. As suas maxilas lhes rasgaram a carne e ele atirou os seus corpos penhasco abaixo sobre o resto da matilha. Quando o vira-lata de dorso ondulado caiu, houve uma súbita diminuição nos latidos que vinham de baixo. Nós dois tomamos conhecimento de sua agonia e ouvimos os gritos do homem lá embaixo enquanto o seu animal de vínculo sangrava até a morte sobre a neve. O outro caçador estava chamando os cães, dizendo furioso aos outros que não serviria de nada mandá-los para cima para serem massacrados. Pude ouvir os homens berrando e praguejando enquanto faziam os cavalos cansados darem meia-volta e descerem a ravina para tentar encontrar um local onde pudessem subir e vir atrás de nós, a fim de tentarem retomar o nosso rastro.

Corra!, disse-me Olhos-de-Noite. Não queríamos falar do que acabáramos de fazer. Havia uma sensação de terrível calor correndo pelas minhas costas abaixo, que também era um frio em expansão. Levei uma mão ao peito, quase esperando descobrir a ponta e a haste da flechas saindo dali. Mas não, a flecha estava profundamente cravada. Cambaleei atrás de Olhos-de-Noite, com a consciência inundada por sensações demais, por muitos tipos de dor. A camisa e o manto repuxavam a haste da flecha enquanto me movia, um minúsculo agitar da madeira que era ecoado pela ponta da flecha bem dentro de mim. Perguntei-me quantos danos adicionais ela estaria causando. Pensei nas vezes em que esquartejara veados mortos por flechas, na carne semelhante à morcela, cheia de sangue, que se encontrava em volta de tal ferida. Perguntei-me se teria sido

atingido no pulmão. Um veado atingido num pulmão não ia longe. Era gosto de sangue que eu sentia no fundo da garganta…?

Não pense nisso!, ordenou-me Olhos-de-Noite com violência. *Está enfraquecendo nós dois. Apenas ande. Ande e continue andando.*

Então ele sabia tão bem quanto eu que eu não podia correr. Caminhei e ele caminhou ao meu lado. Durante algum tempo. Então dei por mim caminhando cegamente em frente, na escuridão, sem sequer me preocupar com a direção em que seguia, e ele não estava lá. Tateei à procura dele, mas não consegui encontrá-lo. Em algum lugar, ao longe, voltei a ouvir os latidos de cães. Continuei caminhando. Cambaleei de encontro às árvores. Galhos arranharam o meu rosto, mas não havia problema porque meu rosto estava dormente. A camisa, nas minhas costas, era uma película escorregadia de sangue congelado que se movia asperamente contra a pele. Tentei me aconchegar melhor ao manto, mas a dor súbita quase me fez cair de joelhos. Tolo. Esquecera que o manto se arrastaria pela haste da flecha. Tolo. Continue andando, rapaz. Continuei andando.

Esbarrei em outra árvore. Ela soltou uma cascata de neve em cima de mim. Afastei-me cambaleando e continuei caminhando. Durante muito tempo. De repente, eu estava sentado na neve, ficando cada vez mais gelado. Tinha de me levantar. Tinha de me manter em movimento.

Voltei a caminhar. Não por muito tempo, ao que parece. Ao abrigo de um grupo de grandes sempre-vivas onde a neve era menos profunda, caí de joelhos.

— Por favor — disse. Não tinha forças suficientes para chorar por misericórdia. — Por favor. — Não conseguia imaginar a quem estaria suplicando.

Vi uma abertura entre duas grossas raízes. Agulhas de pinheiro estavam espalhadas ali sobre o chão numa camada espessa. Aninhei-me no pequeno espaço. Não podia me deitar por causa da flecha que saía das minhas costas. Mas conseguia apoiar a testa na árvore amigável e cruzar os braços no peito. Tornei-me pequeno, dobrando as pernas debaixo de mim e me afundando no espaço entre as raízes. Teria sentido frio se não estivesse cansado demais. Afundei-me no sono. Quando acordasse, faria uma fogueira e me aqueceria. Conseguia imaginar como ficaria quente, conseguia quase senti-lo.

Irmão!

Estou aqui, disse-lhe calmamente. *Bem aqui.* Sondei para o exterior a fim de tranquilizá-lo com um toque. Ele estava vindo. O tufo de pelos em volta da garganta estava espetado de saliva congelada, mas nenhum dente o atravessara. Tinha um corte de um lado do focinho, mas não era sério. Fizera-os andar em

círculos e depois atormentara os seus cavalos pela retaguarda antes de deixar que mergulhassem na escuridão através de uma campina de capim alto coberta de neve. Só dois dos cães foram deixados vivos, e um dos cavalos coxeava tanto que o cavaleiro montara em outro com um companheiro.

Agora vinha à minha procura, ondulando com facilidade pelas encostas cobertas de neve. Estava cansado, sim, mas a energia do triunfo jorrava através dele. A noite estava fresca e limpa à sua volta. Detectou o odor, e então a minúscula centelha no olho da lebre que se agachava por baixo de um arbusto, na esperança de que ele passasse. Não passou. Um único salto súbito para o lado e a lebre estava entre a sua mandíbula. Agarrou-a pela cabeça ossuda e lhe quebrou a espinha com uma sacudida. Prosseguiu a trote, com a carne transformada num peso bem-vindo na boca. Comeríamos bem. A floresta noturna era prateada e negra à nossa volta.

Pare. Irmão, não faça isto.

Não fazer o quê?

Eu o amo. Mas não desejo ser você.

Pairei onde me encontrava. Os seus pulmões trabalhando tão fortemente, puxando o ar frio da noite, passando pela cabeça de lebre na sua boca. A ligeira pontada do corte no focinho, as patas poderosas que carregavam o seu corpo tão bem.

Você também não quer ser eu, Alterador. Na realidade, não quer.

Não tinha certeza se ele tinha razão. Com os seus olhos, eu me vi e me cheirei. Eu havia me enfiado no espaço entre as raízes da grande árvore e estava enrolado até ficar tão pequeno como um filhote abandonado. O cheiro do meu sangue pairava forte no ar. Então pisquei, e dei por mim olhando para a escuridão do meu cotovelo dobrado por cima do meu rosto. Levantei a cabeça lenta e dolorosamente. Tudo doía, e toda a dor se ligava àquela flecha centrada nas minhas costas.

Farejei tripas de coelho e sangue. Olhos-de-Noite estava de pé ao meu lado, com as patas apoiadas na carcaça enquanto a rasgava. *Coma, enquanto está quente.*

Não sei se consigo.

Quer que eu a mastigue para você?

Não estava brincando. Porém, a única coisa mais repugnante do que comer era a ideia de comer carne regurgitada. Consegui dar uma minúscula sacudida com a cabeça. Tinha os dedos quase adormecidos, mas vi a minha mão agarrar o pequeno fígado e levá-lo à boca. Estava quente e repleto de sangue. De repente,

soube que Olhos-de-Noite tinha razão. Eu tinha de comer. Porque tinha de sobreviver. Ele despedaçara a lebre. Peguei um pedaço e mordi a carne quente. Era dura, mas eu estava determinado. Sem pensar, quase abandonara o meu corpo pelo dele, quase subira para aquele corpo de lobo perfeitamente saudável, ao seu lado. Já o fizera antes uma vez, com o seu consentimento. Mas agora ambos sabíamos que a ideia era ruim. Partilharíamos, mas não podíamos nos transformar um no outro. Não podíamos fazê-lo sem que ambos perdêssemos.

Sentei-me lentamente. Senti os músculos das costas movendo-se contra a flecha, protestando contra o modo como ela os prendia. Conseguia sentir o peso da haste. Quando a imaginei se projetando para fora de mim, quase perdi a comida que comera. Forcei-me a uma calma que não sentia. De súbito, estranhamente, uma imagem de Bronco me veio à mente. Aquela imobilidade mortal no seu rosto quando ele flexionara o joelho e observara o antigo ferimento abrindo-se. Lentamente, levei a mão às costas. Passei os dedos pela espinha acima. Isso fez os músculos puxarem contra a seta. Por fim, os dedos tocaram na madeira grudenta da haste da flecha. Até esse toque ligeiro era um novo tipo de dor. Desajeitadamente, fechei os dedos em volta da haste, fechei os olhos e tentei puxá-la. Mesmo se não houvesse a dor, teria sido difícil. Mas a agonia fez o mundo à minha volta girar, e quando ele se estabilizou dei por mim apoiado nas mãos e nos joelhos, com a cabeça pendente.

Quer que eu tente?

Sacudi a cabeça, permanecendo na mesma posição. Ainda estava com medo de desmaiar. Tentei pensar. Se ele arrancasse a flecha, eu sabia que desmaiaria. Se a hemorragia fosse forte, eu não teria como estancá-la. Não. Era melhor deixar a flecha lá. Reuni toda a minha coragem. *Consegue quebrá-la?*

Ele se aproximou de mim. Senti a sua cabeça encostar-se às minhas costas. Virou-a, manobrou as maxilas de modo que os seus dentes de trás se fechassem sobre a haste. Então fechou as maxilas. Ouviu-se um estalido, como o de um jardineiro podando uma árvore jovem, e um estremecimento de dor renovada. Uma onda de vertigem tomou conta de mim. Contudo, sem saber como, levei a mão às costas e soltei do toco de flecha o manto empapado de sangue. Aconcheguei-me melhor a ele, tremendo. Fechei os olhos.

Não. Primeiro faça uma fogueira.

Voltei a descolar as pálpebras. Era tudo difícil demais. Juntei todos os gravetos e galhos que conseguia alcançar de onde estava. Olhos-de-Noite tentou ajudar, indo buscar galhos para mim, mas mesmo assim passou-se uma eternidade até eu ter uma minúscula chama dançando. Lentamente, fui acrescentando gravetos.

Quando consegui avivar a fogueira, percebi que o dia estava raiando. Era hora de voltar a seguir caminho. Ficamos apenas tempo suficiente para acabarmos de comer o coelho e para permitir que eu aquecesse bem as mãos e os pés. Então partimos de novo, com Olhos-de-Noite me fazendo avançar sem misericórdia.

CAPÍTULO 20

Jhaampe

Jhaampe, a capital do Reino da Montanha, é mais antiga do que Torre do Cervo, da mesma forma que a linhagem governante do Reino da Montanha é mais antiga do que a casa de Visionário. Enquanto cidade, Jhaampe está tão distante do estilo da cidade-fortaleza de Torre do Cervo quanto os monarcas Visionário são diferentes dos guias filósofos da linhagem de Sacrifício que governa as Montanhas.

Não existe nenhuma cidade permanente como as que conhecemos. Há poucas construções permanentes. Em vez disso, ao longo das ruas cuidadosamente planejadas e delimitadas por jardins, há espaços por onde o povo nômade das Montanhas pode ir e vir. Existe um espaço destinado ao mercado, mas os mercadores migram num desfile que tem paralelo com o das estações. Uma vintena de tendas pode brotar da noite para o dia e os seus habitantes aumentarão a população de Jhaampe durante uma semana ou um mês, para desaparecerem sem deixar rastro quando a visita e os negócios terminarem. Jhaampe é uma cidade de tendas em permanente mudança, povoada pelo vigoroso povo que habita os espaços abertos das montanhas.

As casas da família real e dos companheiros que decidem permanecer com ela ao longo de todo o ano não se parecem em nada como os nossos castelos e palácios. As habitações deles centram-se em grandes árvores, ainda vivas, com troncos e ramos pacientemente puxados ao longo de décadas para fornecer uma estrutura à construção. Esta estrutura viva é depois envolvida num tecido feito com fibras de casca de árvore e reforçada com uma treliça. Assim, as paredes podem tomar as formas suavemente curvas de um botão de tulipa ou da cúpula de um ovo. Um revestimento de argila é espalhado sobre a camada de tecido e é, por sua vez, pintado com uma tinta brilhante e resinosa nos tons brilhantes que o povo da montanha aprecia. Algumas paredes são decoradas com criaturas imaginárias ou com padrões, mas a maioria é deixada simples. Predominam os púrpuras e amarelos, de modo que chegar à cidade que cresce à sombra das grandes árvores da montanha é como chegar a uma plantação de açafrão na

primavera.

Em volta dessas casas e na interseção das estradas daquela "cidade" nômade ficam os jardins. São todos únicos. Podem se centrar num toco com uma forma invulgar, num arranjo de pedras ou num pedaço gracioso de madeira. Podem conter ervas odoríferas, flores de cores vivas ou qualquer combinação de plantas. Um jardim digno de nota tem no coração uma fonte borbulhante de água fumegante. Ali crescem plantas com folhas carnudas e flores de odores exóticos, indígenas de algum clima mais quente, para ali trazidas a fim de deleitar os habitantes das Montanhas com o seu mistério. É frequente que os visitantes deixem presentes nos jardins quando partem: uma escultura de madeira, uma graciosa vasilha, ou talvez apenas um arranjo de pedrinhas brilhantes. Os jardins não pertencem a ninguém, e todos cuidam deles.

Em Jhaampe também é possível se encontrar fontes termais, algumas com água capaz de escaldar um homem, outras com um mero calor borbulhante. Essas fontes foram confinadas, tanto como banhos públicos como para servirem de fonte de calor em algumas das habitações menores. Em cada construção, em cada jardim, ao virar cada esquina, o visitante encontra as austeras beleza e simplicidade de cor e forma que são o ideal da Montanha. A impressão geral com que se parte é de tranquilidade e alegria no mundo natural. A simplicidade que ali é escolhida para a vida pode levar o visitante a questionar a vida que escolheu.



Era noite. Pouco me recordo além de que essa noite se seguira a dias de dor. Movi o bastão e dei mais um passo. Movi de novo o bastão. Não estávamos avançando depressa. Um turbilhão de flocos de neve no ar cegava mais do que a escuridão. Não conseguia me afastar do vento rodopiante que os transportava. Olhos-de-Noite tecia um caminho lento à minha volta, guiando os meus passos hesitantes como se isso pudesse me apressar. De tempos em tempos ele gania ansioso. Tinha o corpo tenso de medo e cansaço. Cheirava a fumaça de madeira e a cabras. … *não para trai-lo, irmão. Mas para ajudá-lo. Lembre-se disso. Precisa de alguém com mãos. Mas se eles tentarem lhe tratar mal, basta que me chame e eu virei. Não estarei longe…*

Não conseguia obrigar a minha mente a focar-se nos seus pensamentos. Senti a sua amargura por não poder me ajudar e o medo de estar me levando para uma armadilha. Pensei que tivéssemos discutido, mas não conseguia me lembrar no que eu estivera insistindo. Seja o que fosse, Olhos-de-Noite ganhara,

simplesmente em virtude de saber o que queria. Os meus pés escorregaram na neve endurecida da estrada e caí de joelhos. Olhos-de-Noite sentou-se ao meu lado e esperou. Tentei me deitar e ele pegou o meu pulso com a boca. Puxou com suavidade, mas a coisa nas minhas costas rebentou em chamas súbitas. Fiz um barulho.

Por favor, irmão. Há cabanas adiante e luzes dentro delas. Fogos e calor. E alguém com mãos, alguém que possa limpar o ferimento malcheiroso que você tem nas costas. Por favor. Levante-se. Só mais uma vez.

Ergui a cabeça pendente e tentei ver. Havia alguma coisa na estrada à nossa frente, algo que fazia a estrada bifurcar-se e rodeá-la de ambos os lados. O luar prateado cintilava nessa coisa, mas não me deixava distinguir o que era. Pisquei com força e a coisa transformou-se numa pedra esculpida, mais alta do que um homem. Não fora esculpida para ser um objeto, fora apenas alisada até tomar uma forma graciosa. Na sua base, ramificações ramosas e nuas lembravam matagais estivais. Um muro irregular de pedras menores a rodeava. Neve ornamentava tudo. Sem que eu soubesse por quê, aquilo me lembrava Kettricken. Tentei me levantar, mas não consegui. Ao meu lado, Olhos-de-Noite ganiu em agonia. Não consegui dar forma a um pensamento para acalmá-lo. Precisei de todas as minhas forças para me manter de joelhos.

Não ouvi passos, mas senti um súbito aumento na tensão que vibrava no interior de Olhos-de-Noite. Voltei a erguer a cabeça. Muito à minha frente, depois do jardim, alguém se aproximava a pé através da noite. Alguém alto e esguio, envolto em pesados tecidos, com o capuz tão puxado para a frente que quase se transformava numa máscara. Observei a pessoa que se aproximava. A morte, pensei. Só a morte podia aproximar-se tão silenciosamente, deslizando tão suavemente por aquela noite gelada.

— Fuja — sussurrei a Olhos-de-Noite. — Não faz sentido deixar que ela leve nós dois. Fuja depressa.

Surpreendentemente, ele me obedeceu, afastando-se em silêncio de mim. Quando virei a cabeça, não consegui vê-lo, mas senti que não estava longe. Senti a sua força me deixando como se tivesse despido um casaco quente. Parte de mim tentou ir com ele, agarrar-se ao lobo e ser o lobo. Ansiei por deixar aquele corpo exaurido para trás.

Se precisar, irmão. Se precisar, não o afastarei.

Desejei que ele não tivesse dito aquilo. Não tornava mais fácil resistir à tentação. Prometera a mim mesmo que não lhe faria aquilo, que, se tivesse de morrer, morreria e o deixaria livre e limpo de mim para esculpir a sua própria

vida. Porém, à medida que o momento de morrer se aproximava, pareciam surgir tantas boas razões para quebrar essa promessa. O corpo saudável e selvagem, aquela vida simples no agora chamavam por mim.

A silhueta aproximou-se lentamente. Um grande arrepio de frio e dor me abalou. Eu podia ir até o lobo. Reuni o que restava das minhas forças para me desafiar.

— Aqui! — coaxei à Morte. — Estou aqui. Vem me levar, e que isto enfim termine.

Ela me ouviu. Vi-a parar e permanecer rígida, como que com medo. Então se aproximou com uma pressa súbita, fazendo rodopiar o manto branco no vento noturno. Parou ao meu lado, alta, esguia e silenciosa.

— Vim até você — sussurrei. De repente, ajoelhou ao meu lado, e eu vislumbrei o marfim esculpido do seu rosto ossudo. Passou os braços em volta de mim e me ergueu para me levar embora. A pressão do seu braço nas minhas costas era uma agonia de dor. Desmaiei.

O calor estava penetrando de novo em mim, trazendo consigo dor. Eu estava deitado de lado, rodeado por paredes, pois o vento batia no exterior como o oceano. Senti o cheiro de chá e de incenso, de tinta e de aparas de madeira e do tapete de lã sobre o qual jazia. Meu rosto ardia. Não conseguia parar com o tremor que me percorria, apesar de cada uma das suas ondas despertar a dor aguda nas minhas costas. Sentia as mãos e os pés latejando.

— Os nós dos cordões do seu manto estão congelados. Vou cortá-los. Fique quieto agora. — A voz era curiosamente gentil, como se não estivesse habituada a esse tom.

Consegui abrir um olho. Eu estava deitado no chão. Meu rosto estava virado para uma lareira de pedra onde ardia um fogo. Alguém se debruçava sobre mim. Vi o brilho de uma lâmina aproximando-se da minha garganta, mas não consegui me mover. Senti-a movimentando-se para trás e para frente, e honestamente não soube dizer se me mordera a carne. Então senti o manto sendo levantado para trás.

— Está congelado à sua camisa — murmurou alguém. Quase pensei reconhecer a voz. Uma arfada. — É sangue. Tudo isto é sangue congelado. — O manto produziu um estranho som de rasgar quando se soltou. Então alguém se sentou no chão ao meu lado.

Virei lentamente os olhos para cima, mas não consegui erguer a cabeça para ver um rosto. Em vez disso, vi um corpo esguio, trajando um manto macio de lã

branca. Mãos da cor de marfim antigo empurram os punhos das mangas para cima. Os dedos eram longos e magros, os pulsos ossudos. Então ele se levantou abruptamente para ir buscar alguma coisa. Durante algum tempo fiquei só. Fechei os olhos. Quando os abri, havia uma larga vasilha de cerâmica branca ao lado da cabeça. Vapor erguia-se dela e senti cheiro de salgueiro e a sorveira.

— Quieto — disse a voz, e por um momento uma daquelas mãos repousou reconfortantemente no meu ombro. Então senti um calor que se espalhava nas minhas costas.

— Estou sangrando de novo — sussurrei a mim mesmo.

— Não. Sou eu que estou molhando a camisa para soltá-la. Mais uma vez, a voz era quase familiar. Fechei os olhos. Uma porta se abriu e fechou e uma rajada de ar frio passou flutuando por mim. O homem ao meu lado fez uma pausa. Senti-o a erguer os olhos. — Você podia ter batido — disse ele com uma severidade fingida. Voltei a sentir a água quente escorrendo pelas minhas costas. — Até alguém como eu ocasionalmente tem outros convidados.

Pés atravessaram a sala depressa até mim. Alguém se abaixou num movimento fluido até o chão ao meu lado. Vi as saias dobrando-se quando ela se sentou. Uma mão afastou o meu cabelo do rosto.

— Quem é ele, sagrado?

— Furado? — Havia um humor amargo na voz dele. — Se quer falar de furos, devia falar dele, não de mim. Aqui, veja as costas dele. — Então falou mais baixo. — Quanto a quem ele é, não faço ideia.

Ouvi-a prender a respiração.

— Tudo isso é sangue? Como ele ainda está vivo? Vamos aquecê-lo e limpar o sangue. — Então puxou as minhas luvas e as tirou das minhas mãos. — Oh, pobres mãos, com os dedos todos pretos nas pontas! — exclamou, horrorizada.

Isso era algo que eu não queria ver, nem saber. Abri mão de tudo.

Durante algum tempo, pareceu que eu era de novo um lobo. Percorria uma aldeia que não me era familiar, alerta por causa de cães ou de alguém que andasse por perto, mas tudo era silêncio branco e neve caindo na noite. Descobri a cabana que procurava e caminhei em volta dela, mas não me atrevi a entrar. Passado algum tempo, pareceu que eu fizera tudo o que podia a respeito de alguma coisa. Então fui caçar. Matei, comi, dormi.

Quando abri os olhos de novo, a sala estava tomada pela luz pálida do dia. As paredes curvavam-se. A princípio pensei que os meus olhos não queriam entrar em foco, e então reconheci a forma de uma habitação da Montanha. Lentamente, fui percebendo os detalhes. Tapetes de lã grossos no chão, mobília simples de

madeira, uma janela feita de pele oleada. Numa prateleira, duas bonecas juntavam as cabeças ao lado de um cavalo de madeira e de uma minúscula carroça. A marionete de um caçador estava pendurada a um canto. Em uma mesa havia pedaços de madeira pintada em cores brilhantes. Senti o cheiro de aparas recentes e de tinta fresca. Marionetes, pensei. Alguém estava fazendo marionetes. Eu estava deitado de barriga para baixo numa cama, com um cobertor por cima. Sentia-me quente. A pele do meu rosto e das mãos e pés ardia de forma desagradável, mas isso podia ser ignorado, pois a grande dor que me furava as costas tinha precedência. Minha boca não estava tão seca. Teria bebido alguma coisa? Parecia me lembrar de chá quente sendo derramado para dentro da minha boca, mas não era uma recordação sólida. Pés enfiados em chinelos de feltro aproximaram-se da minha cama. Alguém se debruçou e levantou o cobertor de cima de mim. Ar frio fluiu pela minha pele. Mãos hábeis moveram-se por mim, testando a área em torno do ferimento.

— Tão magro. Se ele tivesse mais carne, diria que tinha mais chances — disse uma voz de velha com tristeza.

— Ele vai ficar com os dedos dos pés e das mãos? — Uma voz de mulher, próxima. Uma mulher jovem. Não conseguia vê-la, mas ela estava perto. A outra mulher debruçou-se sobre mim. Manuseou-me as mãos, dobrando os dedos e beliscando as pontas. Estremeci e tentei debilmente afastá-los dela. — Se sobreviver, ficará com os dedos — disse ela, de uma forma que não era dura, mas factual. — Ficarão doloridos, pois ele tem de se livrar de toda a pele e carne que estavam congeladas. Não estão muito ruins por si só. O que pode matá-lo é a infecção nas costas. Há alguma coisa dentro daquela ferida. Uma ponta de flecha e parte da haste, ao que parece.

— Não pode tirá-la? — Mãos-de-Marfim falou de algum ponto da sala.

— Facilmente — respondeu a mulher. Percebi que ela estava falando a língua de Cervo com um sotaque da Montanha. — Mas ele com certeza sangrará e não lhe resta muito sangue de que possa se separar. E a podridão que tem na ferida pode espalhar-se pelo sangue fresco fluindo para lhe envenenar o corpo todo. — Suspirou. — Gostaria que Jonqui ainda estivesse viva. Ela conhecia muito bem este tipo de coisa. Foi ela quem arrancou do Príncipe Rurisk a flecha que lhe tinha perfurado o peito. O ferimento borbulhou com o próprio sopro da vida do príncipe, e mesmo assim ela não deixou que ele morresse. Não sou tão boa curandeira como ela era, mas tentarei. Mandarei a minha aprendiz com um unguento para as mãos, pés e rosto. Esfreguem bem a pele dele com o unguento todos os dias, e não tenham receio por causa da queda de pele. Quanto às costas,

temos de manter ali uma cataplasma de extração, para sugar os venenos o melhor que pudermos. Precisam lhe dar tanto de comer e beber quanto ele conseguir ingerir. Deixem-no repousar. E daqui a uma semana puxaremos aquela flecha para fora, esperando que ele tenha reunido as forças para sobreviver. Jofron. Conhece alguma boa cataplasma de extração?

— Uma ou duas. Farelo e erva-coalheira é uma boa — sugeriu ela.

— Servirá bem. Gostaria de poder ficar e cuidar dele, mas tenho muitos outros para tratar. Cume de Cedros foi atacada ontem à noite. Chegou uma ave com notícias dizendo que muitos foram feridos antes de os soldados serem repelidos. Não posso cuidar de um e abandonar muitos. Tenho que deixá-lo nas suas mãos.

— E na minha cama — disse Mãos-de-Marfim em tom de lamento. Ouvi a porta fechando-se atrás da curandeira.

Inspirei mais profundamente, mas não encontrei forças para falar.

Atrás de mim, ouvi o homem andando pela cabana, os pequenos ruídos da água sendo despejada e da louça sendo movida. Passos se aproximaram. — Parece que ele está acordado — disse Jofron em voz baixa.

Fiz um pequeno aceno contra o travesseiro.

— Então tente lhe enfiar isto no estômago — sugeriu Mãos-de-Marfim. — Depois deixe-o descansar. Eu volto com farelo e erva-coalheira para sua cataplasma. E roupa de cama para mim, já que suponho que ele terá de ficar aqui. — Uma bandeja foi passada por cima do meu corpo e surgiu no meu campo de visão. Havia nela uma tigela e uma taça. Uma mulher sentou-se ao meu lado. Não consegui virar a cabeça para ver o seu rosto, mas os tecidos da sua saia eram de produção montanhesa. A sua mão tirou um pouco do conteúdo da tigela e o levou à minha boca. Bebi o líquido com cautela. Algum tipo de caldo. Vindos da tigela, os cheiros de camomila e valeriana pairaram no ar. Ouvi uma porta abrindo-se e depois fechando-se. Senti uma lufada de ar frio que atravessou o quarto. Outra colherada de caldo. Uma terceira.

— Onde? — consegui dizer.

— O quê? — perguntou ela, inclinando-se mais. Virou a cabeça e olhou para baixo, para o meu rosto. Olhos azuis. Próximos demais dos meus. — Disse alguma coisa?

Recusei a colher. De repente, comer era esforço demais, embora o que eu comera tivesse me dado ânimo. A sala pareceu mais escura. Da vez seguinte que acordei, a noite estava cerrada à minha volta. Tudo era silêncio, fora o velado crepitar de um fogo na lareira. A luz que ele lançava era vacilante, mas suficiente para me mostrar o quarto. Senti-me febril, muito fraco e terrivelmente sedento.

Havia um copo de água numa mesa baixa próxima da minha cama. Tentei alcançá-lo, mas a dor nas costas me parou o movimento do braço. Sentia as costas retesadas com a ferida inchada. Qualquer movimento despertava a dor.

— Água — proferi, mas a secura na minha boca transformou o pedido num sussurro. Ninguém se aproximou.

Perto da lareira, o meu anfitrião preparara para si um catre. Dormia como um gato, relaxado, mas com a aura de constante prudência que eles apresentam. A cabeça apoiava-se no braço estendido e o fogo lhe dava à silhueta. Olhei-o, e o coração deu uma cambalhota no peito.

Ele tinha o cabelo alisado para trás e lambido contra o crânio, confinado a uma trança única, descobrindo-lhe os limpos traços do rosto. Sem expressão e imóvel, parecia uma máscara cinzelada. O último vestígio de juventude fora destruído a fogo, deixando apenas os planos limpos das faces magras, testa alta e longo nariz reto. Tinha os lábios mais estreitos e o queixo mais firme do que eu recordava. A dança da luz da lareira lhe emprestava cor ao rosto, manchando-lhe a pele branca com o seu âmbar. O Bobo crescera durante o tempo que passáramos separados. Parecia mudança demais para doze meses, e no entanto aquele ano fora mais longo do que qualquer outro da minha vida. Durante algum tempo, limitei-me a ficar olhando para ele.

Os seus olhos se abriram lentamente, como se eu tivesse falado com ele. Durante algum tempo me encarou de volta sem uma palavra. Então franziu a testa. Sentou-se lentamente e eu vi que ele era realmente de marfim, com o cabelo da cor de farinha acabada de ser moída. Foram os olhos que pararam o meu coração e a língua. Capturaram a luz da lareira, amarelos como os de um gato. Por fim, encontrei o fôlego.

— Bobo — suspirei com tristeza. — O que lhe fizeram? — A minha boca ressequida quase não conseguiu dar forma às palavras. Estendi a mão para ele, mas o movimento repuxou os músculos das costas e senti o ferimento se abrir de novo. O mundo inclinou-se e deslizou para longe.

Segurança. Essa foi a minha primeira sensação clara. Veio da suave tepidez da roupa de cama lavada, da fragrância herbácea da almofada por baixo da minha cabeça. Algo morno e ligeiramente úmido pressionava gentilmente o meu ferimento e abafava a sua pontada. A segurança me agarrava tão suavemente como as mãos frias que envolviam as minhas mãos queimadas pelo frio. Abri os olhos e a sala iluminada pela lareira entrou lentamente em foco.

Ele estava sentado junto da minha cama. Havia nele uma imobilidade que não era repouso enquanto fitava a sala escurecida para além de mim. Usava um

manto simples de lã branca com um colarinho redondo. A roupa simples era um choque depois dos anos em que o vira vestido de retalhos. Era como ver uma marionete espalhafatosa despida da sua tinta. Então uma única lágrima prateada escorreu por uma das bochechas ao lado do nariz estreito. Fiquei espantado.

— Bobo? — Desta vez a minha voz soou como um coaxo.

Os seus olhos saltaram instantaneamente para os meus e ele caiu de joelhos ao meu lado. A respiração ia e vinha, irregular na sua garganta. Pegou o copo de água e o levou à minha boca enquanto eu bebia. Então o colocou de lado para pegar a minha mão pendente. Falou suavemente enquanto o fazia, mais consigo do que comigo.

— O que eles me fizeram, Fitz? Deuses, o que fizeram a você, para o deixarem tão marcado? O que me aconteceu, para nem sequer reconhecê-lo apesar de eu ter carregado você nos braços? — Os seus dedos frios desceram hesitantemente ao longo do meu rosto, percorrendo a cicatriz e o nariz quebrado. Debruçou-se de repente para encostar a testa à minha. — Quando me lembro de como você era belo — suspirou, entre soluços, e então ficou em silêncio. Senti-me escaldado pela sua lágrima tépida quando caiu no meu rosto.

Endireitou-se de súbito, pigarreando. Enxugou os olhos com a manga, um gesto de criança que me comoveu ainda mais. Respirei mais fundo e me controlei.

— Você mudou — consegui dizer.

— Mudei? Imagino que sim. Como poderia não ter mudado? Pensei que você estava morto e que toda a minha vida havia sido em vão. E então agora, neste momento, receber de volta tanto você quanto o propósito da minha vida… Abri os olhos para você e pensei que o meu coração pararia, que a loucura tinha finalmente tomado conta de mim. Então você disse o meu nome. Mudado, você diz? Mais do que é capaz de imaginar, tanto quanto é óbvio que você mesmo mudou. Esta noite, quase nem me conheço. — Aquilo foi o mais próximo que estivera de ouvir o Bobo balbuciar. Ele respirou fundo, e a sua voz vacilou nas palavras seguintes. — Por um ano acreditei que você estava morto, Fitz. Um ano inteiro.

Não me largara a mão. Senti o tremor que o percorreu. Levantou-se de repente, dizendo:

— Nós dois precisamos de uma bebida. — Afastou-se de mim, atravessando a sala escurecida. Crescera, mas em forma e não em tamanho. Duvidava de que fosse muito mais alto, mas o seu corpo já não era o de uma criança. Era tão magro e leve como sempre fora, musculoso à maneira dos acrobatas. Trouxe

uma garrafa tirada de um armário, dois copos simples. Tirou a rolha da garrafa e senti o cheiro do calor do conhaque antes de ele o servir. Voltou para se sentar na minha cama e me oferecer um copo. Consegui envolvê-lo com a mão, apesar das pontas enegrecidas dos meus dedos. Ele pareceu ter recuperado parte da sua autoconfiança. Olhou-me por cima da borda do copo enquanto bebia. Levantei a cabeça e inclinei o meu ligeiramente para a boca. Metade do líquido foi derramada na minha barba e me engasguei como se nunca tivesse bebido conhaque antes. Então o senti correr quente pela minha barriga. O Bobo sacudiu a cabeça enquanto me limpava suavemente o rosto.

— Eu devia ter dado ouvidos aos meus sonhos. Sonhei várias vezes que você estava a caminho. Era só isso que você dizia, no sonho. Estou a caminho. Mas, em vez disso, acreditei tão firmemente que de algum modo falhara, que o Catalisador estava morto. Nem sequer consegui ver quem você era quando o levantei do chão.

— Bobo — eu disse em voz baixa. Queria que ele parasse de falar. Queria simplesmente estar em segurança durante algum tempo e não pensar em nada. Ele não compreendeu.

Olhou-me e deu o seu velho sorriso astuto de Bobo.

— Ainda não compreende, não é? Quando recebemos a notícia de que você estava morto, de que Majestoso havia matado você… a minha vida terminou. Foi pior, de algum modo, quando os peregrinos começaram a chegar, para me aclamar como o Profeta Branco. Eu sabia que era o Profeta Branco. Sei desde criança, tal como sabiam aqueles que me criaram. Cresci sabendo que um dia viria para norte ao seu encontro e que nós dois colocaríamos o tempo no seu curso apropriado. Soube a vida inteira que faria isso. Não era muito mais do que uma criança quando parti. Sozinho, abri caminho até Torre do Cervo, em busca do Catalisador que só eu reconheceria. E encontrei você, e o conheci, embora você não conhecesse a si mesmo. Observei o lento desenrolar dos acontecimentos e reparei no modo como você era sempre a pedrinha que desviava essa grande roda do seu antigo curso. Tentei lhe falar sobre isso, mas você não queria saber. Catalisador? Não você, oh, não! — Riu, quase com amizade. Bebeu o resto do conhaque de um trago, então me levou o copo aos lábios. Beberiquei.

Ele então se levantou, para andar pela sala, e depois parou para encher de novo o seu copo. Voltou para junto de mim.

— Vi tudo chegar à beira instável da ruína. Mas você estava sempre lá, a carta nunca antes usada, o lado do dado que nunca antes caíra para cima. Quando o

meu rei morreu, como eu sabia que tinha de morrer, havia um herdeiro para a linhagem Visionário, e FitzCavalaria, o Catalisador que mudaria todas as coisas de modo que um herdeiro ascendesse ao trono, ainda estava vivo. — Engoliu de novo o conhaque e, quando falou, o odor da bebida dominava o seu hálito. — Fugi. Fugi com Kettricken e a criança por nascer, de luto, mas confiante que tudo aconteceria como devia. Porque você era o Catalisador. Porém, quando recebemos a notícia de que estava morto…— Parou de repente. Quando tentou falar de novo, a sua voz se tornara espessa e perdera a sua música. — Isso fez de mim uma mentira. Como eu poderia ser o Profeta Branco se o Catalisador estava morto? O que eu poderia predizer? As mudanças que podiam ter acontecido, se você tivesse sobrevivido? O que eu seria além de uma testemunha enquanto o mundo se afundava mais e mais profundamente na ruína? Eu já não tinha um objetivo. A sua vida era mais de metade da minha, compreende? Era no entrelaçar dos nossos atos que eu existia. Pior, acabei por duvidar se alguma parte do mundo era realmente como eu achava que fosse. Seria eu realmente um Profeta Branco, ou seria tudo apenas uma loucura peculiar, um autoengano para consolar uma aberração? Durante um ano, Fitz. Um ano. Chorei o amigo que perdera, e chorei pelo mundo que, sem saber como, condenara. Fracasso meu, tudo fracasso meu. E quando o filho de Kettricken, a minha última esperança, chegou ao mundo imóvel e azul, o que poderia ser isso senão obra minha de alguma forma?

— Não! — A palavra saltou de mim com uma força que eu não sabia que tinha. O Bobo vacilou como se eu houvesse lhe batido.

— Sim — disse com simplicidade, voltando a pegar com cautela a minha mão. — Lamento. Devia ter compreendido que você não sabia. A rainha ficou devastada pela perda. E eu também. O herdeiro Visionário. A minha última esperança desfeita. Eu me mantivera de pé, dizendo a mim mesmo: bem, se a criança sobreviver e ascender ao trono, isso talvez seja o suficiente. Mas quando ela caiu de cama sem nada além de um bebê morto por todas as suas dores de parto… senti que toda a minha vida tinha sido uma farsa, uma fraude, uma peça maligna que me fora pregada pelo tempo. Mas agora… — Fechou os olhos por um momento. — Agora eu o encontro realmente vivo. De modo que eu vivo. E de novo, de súbito, acredito. Mais uma vez sei quem sou. E quem é o meu Catalisador. — Soltou uma gargalhada, sem sonhar com o modo como as suas palavras me congelavam o sangue. — Não tive fé. Eu, o Profeta Branco, não acreditei nas minhas próprias profecias! E, no entanto, aqui estamos, Fitz, e tudo ainda irá acontecer como estava destinado.

De novo inclinou a garrafa para encher o seu copo. A bebida, quando a serviu, era da cor dos seus olhos. Ele viu que eu o fitava e sorriu com satisfação.

— Ah, você diz, mas o Profeta Branco já não é branco? Suspeito que é assim que as coisas ocorrem com a minha espécie. Posso ganhar mais cor agora, à medida que os anos passam. — Fez um movimento de indiferença. — Mas isso pouca importância tem. Já falei demais. Conte-me, Fitz. Conte-me tudo. Como sobreviveu? Por que está aqui?

— Veracidade me chama. Tenho de ir até ele.

O Bobo inspirou ao ouvir as minhas palavras, não um arquejo, mas uma lenta inalação, como se absorvesse a vida de volta ao seu corpo. Quase brilhou de prazer com as minhas palavras.

— Então ele está vivo! Ah! — Antes de eu conseguir falar mais, ele ergueu as mãos. — Devagar. Conte-me tudo, em ordem. Estas são palavras que eu muito ansiei ouvir. Preciso saber de tudo.

Tentei fazê-lo. As minhas forças eram poucas, e por vezes me sentia sendo levado pela febre, de modo que as palavras vagueavam e eu não conseguia me lembrar de onde abandonara a história do ano anterior. Cheguei à parte sobre a masmorra de Majestoso, e depois consegui apenas dizer:

— Ele mandou me espancar e me deixar passando fome. — O rápido olhar que o Bobo lançou ao meu rosto marcado e o modo como afastou os olhos me disseram que compreendera. Ele também conhecera Majestoso bem demais. Quando esperou para ouvir mais, sacudi lentamente a cabeça.

Ele assentiu, e então colocou um sorriso no rosto.

— Está bem, Fitz. Você está cansado. Já me disse o que eu mais ansiava ouvir. O resto pode esperar. Por ora, vou lhe contar sobre o meu ano. — Tentei escutar, agarrando-me às palavras importantes, guardando-as no coração. Havia tantas coisas que eu queria saber há tanto tempo. Majestoso suspeitara da fuga. Kettricken regressara aos seus aposentos e descobrira que as suas provisões cuidadosamente escolhidas e embaladas haviam desaparecido, surrupiadas pelos espiões de Majestoso. Partira com pouco mais do que a roupa que vestia e um manto apanhado às pressas. Ouvi sobre o mau tempo que o Bobo e Kettricken enfrentaram na noite em que fugiram de Torre do Cervo.

Ela montara a minha Fuligem e o Bobo batalhara com o teimoso Ruivo ao longo de todos os Seis Ducados, no inverno. Tinham chegado a Lago Azul no fim das tempestades de inverno. O Bobo os sustentara e ganhara a sua passagem num navio pintando o rosto e o cabelo e fazendo malabarismo pelas ruas. De que cor ele pintara a pele? De branco, claro, para melhor esconder a perfeita pele

branca que os espiões de Majestoso procurariam.

Atravessaram o lago com poucos incidentes, passaram por Olho de Lua e penetraram nas Montanhas. Kettricken procurara imediatamente a ajuda do pai para descobrir o que acontecera a Veracidade. Ele passara realmente por Jhaampe, mas nada se soubera dele desde então. Kettricken pusera batedores no seu rastro e até se juntara pessoalmente às buscas. Contudo, todas as suas esperanças haviam terminado em desgosto. A grande altitude, nas montanhas, ela descobrira o local de uma batalha. O vento e os carniceiros haviam feito o seu trabalho. Nenhum homem podia ser identificado, mas o estandarte do cervo de Veracidade encontrava-se lá. As flechas espalhadas e as costelas cortadas de um dos corpos mostravam que haviam sido homens e não feras ou os elementos que os atacaram. Não havia crânios suficientes para o número de corpos, e os ossos espalhados tornavam o número de mortos incerto. Kettricken agarrara-se à esperança até que fora encontrado um manto que ela se lembrava de ter embalado para Veracidade. Foram as suas mãos que bordaram o cervo no emblema de peito. Por baixo encontrava-se uma pilha de ossos fragmentados em cima de vestes esfarrapadas. Kettricken chorara a morte do marido.

Regressara a Jhaampe para oscilar entre um pesar devastado e uma raiva fervente contra as tramas de Majestoso. A sua fúria se solidificara numa determinação em ver o filho de Veracidade no trono dos Seis Ducados e um reinado justo devolvido ao povo. Esses planos a haviam sustentado até que o filho nascera morto. O Bobo quase não a vira desde então, exceto para obter vislumbres dos passeios que dava pelos seus jardins gelados, com o rosto tão imóvel como a neve que cobria os canteiros.

Havia notícias maiores e menores para mim, misturadas no meio do relato do Bobo. Fuligem e Ruivo estavam ambos vivos e saudáveis. Fuligem estava prenha do jovem garanhão, apesar da idade. Isso me fez sacudir a cabeça. Majestoso andara fazendo o possível para provocar uma guerra. Pensava-se que os bandos errantes de bandidos que agora atormentavam o povo das Montanhas estavam a seu soldo. Carregamentos de cereais que tinham sido pagos na primavera nunca foram entregues, e os comerciantes da Montanha não obtiveram autorização para atravessar a fronteira com os seus artigos. Várias aldeias pequenas próximas da fronteira dos Seis Ducados haviam sido encontradas saqueadas e queimadas, sem sobreviventes. A fúria do Rei Eyod, lenta para despertar, encontrava-se agora em uma brasa branca. Embora o povo das Montanhas não tivesse um exército regular propriamente dito, não havia um habitante que não pegasse em armas a uma palavra do seu Sacrifício. A guerra

era iminente.

E ele ouvira histórias sobre Paciência, a Senhora de Torre do Cervo, trazidas de forma errática pelo boca a boca transmitido entre mercadores e por estes a contrabandistas. Ela fazia o possível para defender a costa de Cervo. O dinheiro minguava, mas o povo da terra lhe dava aquilo a que chamava de Cobrança da Senhora, e ela dispunha dela o melhor que podia, entre os seus soldados e marinheiros. Torre do Cervo ainda não caíra, embora os Salteadores tivessem agora acampamentos ao longo de toda a costa dos Seis Ducados. O inverno acalmara a guerra, mas a primavera iria banhar a costa em sangue mais uma vez. Algumas das fortalezas menores falavam de tratados com os Navios Vermelhos. Alguns pagavam abertamente tributo, na esperança de evitar forjamentos.

Os Ducados Costeiros não sobreviveriam outro verão. Era o que Breu dizia. A minha língua manteve-se silenciosa enquanto o Bobo falou dele. Viera a Jhaampe por meios secretos no auge do verão, disfarçado como um velho vendedor ambulante, mas se apresentara à rainha quando chegara. O Bobo o vira nessa ocasião.

— A guerra combina com ele — observou o Bobo. — Anda por aí como um homem de vinte anos. Usa uma espada na cintura e há fogo nos seus olhos. Ficou feliz por ver a barriga dela inchada com o herdeiro Visionário, e conversaram ousadamente sobre o filho de Veracidade no trono. Mas isso foi no auge do verão. — Suspirou. — Agora ouvi dizer que regressou. Creio que foi porque a rainha lhe enviou notícias sobre o seu natimorto. Ainda não consegui vê-lo. Não sei que esperança pode nos oferecer agora. — Sacudiu a cabeça. — Tem de haver um herdeiro para o trono Visionário — insistiu. — Veracidade tem de arranjar um herdeiro. Do contrário… — Fez um gesto de impotência.

— Por que não Majestoso? Um filho do seu ventre não seria suficiente?

— Não. — Os olhos do Bobo perderam-se ao longe. — Não. Posso lhe dizer isso com bastante clareza, mas não posso dizer por quê. Apenas que, em todos os futuros que vi, ele não produz filhos. Nem sequer um bastardo. Em todos os tempos, reina como o último Visionário, e anuncia as trevas.

Um arrepio passou sobre mim. Ele ficava muito estranho quando falava de tais coisas. E as suas palavras estranhas haviam me trazido à mente outra preocupação.

— Havia duas mulheres. Uma menestrel, Esporana, e uma velha peregrina, Panela. Vinham para cá. Panela disse que procurava o Profeta Branco. Não me passou pela cabeça que pudesse ser você. Ouviu alguma coisa sobre elas? Terão chegado à cidade de Jhaampe?

Ele sacudiu lentamente a cabeça.

— Ninguém veio em busca do Profeta Branco desde que o inverno se fechou sobre nós. — Interrompeu-se, lendo a preocupação no meu rosto. — Claro, não fico sabendo de todos que vêm até aqui. Elas podem estar em Jhaampe. Mas nada ouvi dizer sobre duas mulheres como essas. — Acrescentou com relutância: — Os bandidos caem agora sobre quem viaja pelas estradas. Talvez tenham sido… atrasadas.

Talvez estivessem mortas. Tinham voltado por mim, e eu as mandara continuarem sozinhas.

— Fitz?

— Eu estou bem. Bobo, um favor?

— Já não estou gostando desse tom. O que é?

— Não diga a ninguém que estou aqui. Não diga a ninguém que estou vivo, por enquanto.

Ele suspirou.

— Nem mesmo a Kettricken? Para lhe dizer que Veracidade ainda vive?

— Bobo, aquilo que eu vim fazer, pretendo fazer sozinho. Não quero criar nela falsas esperanças. Já suportou uma vez a notícia da morte dele. Se conseguir trazê-lo de volta para ela, então haverá tempo suficiente para verdadeiro regozijo. Sei que estou pedindo muito. Mas deixe que eu seja um estranho que você está ajudando. Mais tarde, posso precisar da sua ajuda para a obtenção de um velho mapa nas bibliotecas de Jhaampe. Mas quando partir daqui, quero ir sozinho. Acho que esta demanda será levada a cabo discretamente. — Afastei os olhos dele e acrescentei: — Deixe que FitzCavalaria permaneça morto. No geral, é melhor assim.

— Certamente você pelo menos verá Breu? — Ele estava incrédulo.

— Nem mesmo Breu deve saber que estou vivo. — Fiz uma pausa, perguntando a mim mesmo o que enfureceria mais o velho: que eu tivesse tentado matar Majestoso quando ele sempre o proibira, ou que tivesse transformado o empreendimento numa trapalhada tão grande. — Esta demanda deve ser só minha. — Observei-o e vi uma aceitação relutante no seu rosto.

Voltou a suspirar.

— Não irei dizer que concordo completamente com você. Mas não direi a ninguém quem você é. — Soltou uma pequena gargalhada. A conversa esmoreceu entre nós. A garrafa de conhaque estava vazia. Ficamos reduzidos ao silêncio, fitando-nos ebriamente. A febre e o conhaque ardiam em mim. Eu tinha coisas demais em que pensar e era pouquíssimo o que eu podia fazer quanto a

todas elas. Se permanecesse muito imóvel, a dor nas minhas costas se reduzia a um latejar rubro. Mantinha o mesmo ritmo do bater do meu coração.

— É uma pena que você não tenha conseguido matar Majestoso — observou de súbito o Bobo.

— Eu sei. Tentei. Como conspirador e assassino, sou um fracasso.

Ele encolheu os ombros.

— Nunca foi realmente bom nisso, sabia? Havia em você uma ingenuidade que não se deixava manchar por fealdade alguma, como se nunca tivesse realmente acreditado no mal. Era isso o que mais me agradava em você. — O Bobo oscilava ligeiramente na cadeira, mas endireitou-se. — Foi disso de que tive mais saudades, quando você morreu.

Sorri tolamente.

— Há pouco, achei que tivesse sido a minha grande beleza.

Durante algum tempo, o Bobo apenas olhou para mim. Então afastou o olhar e falou em voz baixa.

— Injusto. Se eu não estivesse fora de mim, nunca teria proferido essas palavras em voz alta. Enfim. Ah, Fitz. — Olhou-me e sacudiu a cabeça com amizade. Falou sem zombaria, transformando-se quase num estranho. — Metade da beleza talvez viesse do fato de você estar tão inconsciente dela. Ao contrário de Majestoso. Ora, eis aí um homem bonito, mas ele sabe bem demais que o é. Você nunca o vê com o cabelo desgrenhado ou o vermelho do vento nas bochechas.

Durante um momento, senti-me estranhamente desconfortável. Então disse:

— Nem com uma flecha nas costas, o que é uma pena — e nos entregamos ao riso tolo que só bêbados compreendem. Mas o riso despertou a dor nas minhas costas e a levou a uma intensidade penetrante, e um momento depois eu arquejava, em busca de fôlego. O Bobo levantou-se, mais firme sobre as pernas do que eu esperaria, para me tirar das costas um saco de alguma coisa que pingava e substituí-lo por outro quase desconfortavelmente quente, vindo de uma vasilha que se encontrava sobre a lareira. Feito isso, agachou-se de novo ao meu lado. Olhou-me diretamente nos olhos, com os seus olhos amarelos tão difíceis de ler como o foram os que não possuíam cor. Colocou uma longa mão fria no meu rosto, e então afastou gentilmente o meu cabelo dos olhos.

— Amanhã — disse-me ele com gravidade. — Seremos de novo nós. O Bobo e o Bastardo. Ou o Profeta Branco e o Catalisador, se preferir. Teremos de reassumir essas vidas, por menos que gostemos delas, e cumprir tudo aquilo que o destino decretou para nós. Mas, por enquanto, por ora, só entre nós, e por

nenhuma outra razão a não ser a de eu ser eu e você ser você, digo-lhe isto. Estou satisfeito, satisfeito por você estar vivo. Vê-lo respirando me devolve o ar aos pulmões. Se tem de haver outra pessoa a quem o meu destino se entrelaça, estou contente que seja você.

Então se inclinou para frente e por um instante encostou a testa na minha. Depois soltou um pesado suspiro e afastou-se de mim.

— Vá dormir, rapaz — disse, numa imitação razoável da voz de Breu. — O amanhã chega cedo. E temos trabalho a fazer. — Soltou uma gargalhada irregular. — Temos o mundo a salvar, você e eu.

CAPÍTULO 21

Confrontos

A diplomacia pode muito bem ser a arte de manipular segredos. Ao que chegaria qualquer negociação se não existissem segredos para compartilhar ou conservar? E isso é tão verdadeiro para um pacto nupcial como para um acordo comercial entre reinos. Cada lado sabe verdadeiramente quanto está disposto a entregar ao outro para obter o que deseja; é da manipulação desse conhecimento secreto que se alimenta a negociação mais difícil. Não existe nenhum ato que tenha lugar entre seres humanos em que os segredos não desempenhem o seu papel, quer seja um jogo de cartas, quer a venda de uma vaca. A vantagem pertence sempre àquele que for mais sagaz na decisão de qual segredo revelar, e quando. O Rei Sagaz gostava de dizer que não havia maior vantagem do que conhecer o segredo do inimigo quando ele nos julgava ignorantes desse segredo. Entre todos, esse talvez seja o segredo cuja posse mais poder confira.



Os dias que se seguiram para mim não foram dias, mas períodos incoerentes de vigília entremeados por sonhos febris e bruxuleantes. Ou a minha breve conversa com o Bobo esgotara as minhas últimas reservas, ou me senti enfim suficientemente seguro para me entregar ao ferimento. Talvez as duas coisas. Eu estava deitado numa cama perto da lareira do Bobo e me sentia desgraçadamente entorpecido, quando sentia alguma coisa. O ruído de conversas matraqueava contra mim. Eu deslizava para dentro e para fora da consciência da minha penúria, mas nunca longe, como um tambor marcando o ritmo da minha dor, estava o *venha até mim, venha até mim* de Veracidade. Outras vozes iam e vinham através da bruma da minha febre, mas a dele era uma constante.

— Ela acredita que você é aquele que ela procura. Eu também acredito nisso. Acho que você devia recebê-la. Ela percorreu um caminho longo e cansativo em busca do Profeta Branco. — A voz de Jofron era baixa e razoável.

Ouvi o Bobo largar a raspadeira com um estalido.

— Então diga a ela que está enganada. Diga-lhe que eu sou o Fabricante de Brinquedos Branco. Diga-lhe que o Profeta Branco vive mais para o fim da rua, a cinco portas do lado esquerdo.

— Não zombarei dela — disse Joffron com ar sério. — Ela viajou uma distância imensa à sua procura e durante a viagem perdeu tudo, exceto a vida. Vamos, sagrado. Ela espera lá fora. Não quer falar com ela, só por um momento?

— Sagrado — bufou o Bobo com desdém. — Você tem lido muitos pergaminhos velhos. E ela também. Não, Jofron. — Então suspirou, e cedeu. — Diga-lhe que falarei com ela daqui a dois dias. Mas hoje não.

— Muito bem. — Era claro que Joffron não aprovava. — Mas há outra pessoa com ela. Uma menestrel. Não me parece que ela será dissuadida tão facilmente. Acho que ela está à procura dele.

— Ah, mas ninguém sabe que ele está aqui. Exceto você, eu e a curandeira. Ele quer ser deixado em paz durante algum tempo, enquanto sara.

Movi a boca. Tentei dizer que receberia Esporana, que não queria mandar Esporana embora.

— Eu sei disso. E a curandeira continua em Cume de Cedros. Mas essa menestrel é esperta. Perguntou às crianças se havia notícias de um estranho. E as crianças, como de costume, sabem de tudo.

— E contam tudo — retorquiu o Bobo num tom sombrio. Ouvi-o largando outra ferramenta, aborrecido. — Nesse caso, vejo que só tenho uma escolha.

— Vai recebê-las?

Uma gargalhada estrangulada vinda do Bobo.

— Claro que não. Quero dizer que mentirei para elas.

O sol da tarde caindo em diagonal sobre os meus olhos fechados. Acordei com o som de vozes que discutiam.

— Só quero vê-lo. — Uma voz de mulher, aborrecida. — Eu sei que ele está aqui.

— Ah, suponho que admitirei que você tem razão. Mas ele está dormindo. — O Bobo, com a sua calma de enlouquecer.

— Continuo querendo vê-lo. — Esporana, sem rodeios.

O Bobo deu um grande suspiro.

— Eu poderia deixá-la entrar para vê-lo. Mas depois iria querer tocá-lo. E depois de tocá-lo, iria querer esperar até que acordasse. E depois de ele acordar, iria querer conversar com ele. Não haveria fim. E eu tenho muito que fazer hoje.

O tempo de um fabricante de brinquedos não lhe pertence.

— Você não é um fabricante de brinquedos. Eu sei quem você é. E sei quem ele é realmente. — O frio estava entrando pela porta aberta. Enfiei-me debaixo dos cobertores, apertei a carne e puxei a minha dor. Desejei que a fechassem.

— Ah, sim, você e Panela conhecem o nosso grande segredo. Eu sou o Profeta Branco, e ele é Tom, o pastor. Mas hoje estou ocupado, profetizando marionetes acabadas amanhã, e ele está dormindo. Contando carneirinhos, em sonhos.

— Não é a isso a que me refiro. — Esporana abaixou a voz, mas ela mesmo assim chegou até mim. — Ele é FitzCavalaria, filho de Cavalaria, o Abdicante. E você é o Bobo.

— Antigamente talvez eu tenha sido o Bobo. Isso é do conhecimento geral aqui em Jhaampe. Mas agora sou o Fabricante de Brinquedos. Já não uso o outro título, pode ficar com ele para você, se quiser. E quanto a Tom, acho que ele atualmente usa o título de Travesseiro.

— Vou falar com a rainha a este respeito.

— Uma decisão sensata. Se quiser se tornar a Boba dela, certamente é com ela que você tem de falar. Mas, por ora, deixe-me lhe mostrar outra coisa. Não, recue, por favor, para que veja tudo. Aí vai. — Ouvi a porta batendo e o ruído do trinco. — O lado de fora da minha porta — anunciou o Bobo com ar satisfeito. — Fui eu mesmo que o pintei. Gosta?

Ouvi um baque, como que provocado por um chute abafado, seguido por mais alguns. O Bobo voltou para a mesa de trabalho cantarolando. Pegou a cabeça de madeira de uma boneca e um pincel. Lançou-me um olhar.

— Volte a dormir. Ela não conseguirá falar com Kettricken tão cedo. A rainha recebe poucas pessoas hoje em dia. E, quando a receber, não é provável que acredite nela. E isso é o melhor que podemos fazer por ora. Portanto, durma enquanto pode. E ganhe forças, porque receio que você precisará delas.



A luz do dia em neve branca. De barriga para baixo na neve, entre as árvores, observando uma clareira. Jovens humanos brincando, perseguindo uns aos outros, saltando e arrastando uns aos outros para o chão, onde rolam e rolam na neve. Não são assim tão diferentes de filhotes. Invejosos. Nunca tivemos outros filhotes com quem brincar enquanto crescíamos. É como uma coceira, o desejo de correr até lá embaixo e nos juntarmos à brincadeira. Eles se assustariam, nós nos advertimos. Apenas observemos. Os seus latidos estridentes enchem o ar. A nossa filhote crescerá até ser como aqueles?,

perguntamos a nós mesmos. Cabelo trançado esvoaça atrás deles enquanto correm pela neve, perseguindo uns aos outros.



— Fitz. Acorde. Preciso falar com você.

Algo no tom do Bobo atravessou tanto a neblina quanto a dor. Abri os olhos, e então os apertei dolorosamente. A sala estava escurecida, mas ele colocara um castiçal no chão, ao lado da cama. Sentou-se junto das velas, olhando-me no rosto, muito sério. Não consegui ler as suas feições; parecia que a esperança dançava nos seus olhos e nos cantos da boca, mas ele também parecia endurecido, como se me trouxesse más notícias.

— Está escutando? Consegue me ouvir? — pressionou.

Consegui assentir com a cabeça.

— Sim. — Minha voz estava tão rouca que quase nem a reconheci. Em vez de ficar mais forte para a curandeira puxar a flecha para fora, eu me sentia como se fosse o ferimento que estivesse ficando mais forte. A área dolorosa se alastrava todos os dias. Estava sempre pulsando nos limites da minha mente, fazendo com que fosse difícil pensar.

— Estive jantando com Breu e Kettricken. Ele tinha notícias para nós. — Inclinou a cabeça para o lado e observou cuidadosamente o meu rosto enquanto dizia: — Breu diz que há uma criança Visionário em Cervo. Por enquanto só um bebê, e um bastardo. Mas da mesma linhagem Visionário de Veracidade e Cavalaria. Ele jura que é verdade.

Fechei os olhos.

— Fitz. Fitz! Acorde e me escute. Ele está tentando persuadir Kettricken a reclamar a criança. A dizer que é filha legítima, sua e de Veracidade, escondida por um falso natimorto para protegê-la de assassinos. Ou a dizer que a criança é bastarda de Veracidade, mas que a Rainha Kettricken decide legitimá-la e reclamá-la como herdeira.

Não conseguia me mexer. Não conseguia respirar. Sabia que era a minha filha. Mantida em segurança e escondida, protegida por Bronco. Para ser sacrificada ao trono. Tirada de Moli e entregue à rainha. A minha menininha, cujo nome eu nem sequer conhecia. Levada para ser uma princesa e, com o tempo, uma rainha. Colocada para sempre fora do meu alcance.

— Fitz! — O Bobo colocou a mão no ombro e o apertou gentilmente. Sabia que ele ansiava por me sacudir. Abri os olhos.

Ele me olhou no rosto.

— Não tem nada a me dizer? — perguntou com cautela.

— Posso beber um pouco de água?

Enquanto ele ia buscá-la, eu me recompus. Ele me ajudou a beber. Quando levou o copo, eu já decidira que pergunta seria mais convincente.

— O que Kettricken disse quando soube a notícia de que Veracidade era pai de um bastardo? Isso dificilmente lhe traria alegria.

A incerteza que eu tivera esperança de ver espalhou-se pelo rosto do Bobo.

— A criança nasceu no fim das colheitas. Tarde demais para ter sido gerada por Veracidade antes de partir na sua demanda. Kettricken compreendeu isso mais depressa do que eu. — Falou quase com gentileza. — Você deve ser o pai. Quando Kettricken perguntou diretamente a Breu, foi o que ele disse. — Inclinou a cabeça para me examinar. — Não sabia?

Sacudi lentamente a cabeça. O que era a honra para alguém como eu? Bastardo e assassino, que direito podia ter à nobreza de alma? Proferi a mentira que desprezaria para sempre.

— Não podia ter gerado uma criança nascida nas colheitas. Moli tinha me expulsado de sua cama meses antes de deixar Cervo. — Tentei manter a voz firme enquanto falava. — Se a mãe é Moli, e ela diz que a criança é minha, mente. — Procurei ser sincero enquanto acrescentava: — Lamento, Bobo. Não gerei nenhum herdeiro Visionário para você, e não pretendo fazê-lo. — Não foi nenhum esforço fazer com que minha voz saísse sufocada e lágrimas brotassem dos meus olhos. — É estranho. — Sacudi a cabeça contra o travesseiro. — Que uma coisa dessas possa me trazer tanta dor. Que ela possa tentar fazer passar o bebê como meu. Fechei os olhos.

O Bobo falou com gentileza.

— Segundo entendi, ela não fez nenhuma afirmação a respeito da criança. Por enquanto, creio que ela nada sabe do plano de Breu.

— Suponho que eu devia falar tanto com Breu como com Kettricken. Para lhes dizer que estou vivo e revelar a verdade. Mas quando estiver mais forte. Por enquanto, Bobo, quero ficar sozinho — supliquei-lhe. Não queria ver nem comiseração, nem confusão em seu rosto. Rezei para que acreditasse na minha mentira, ao mesmo tempo que me desprezava pela coisa nojenta que dissera sobre Moli. De modo que mantive os olhos fechados, e ele pegou as velas e foi embora.

Durante algum tempo fiquei deitado na escuridão, odiando-me. Era melhor assim, disse a mim mesmo. Se um dia eu regressasse para junto dela, podia remediar tudo. E se não regressasse, pelo menos não lhe tirariam a nossa filha.

Disse a mim mesmo inúmeras vezes que fizera a coisa mais sensata. Porém, não me senti sensato. Senti-me um traidor.

Tive um sonho ao mesmo tempo nítido e absurdo. Eu lascava pedra negra. O sonho era só isso, mas não tinha fim na sua monotonia. Estava usando o punhal como cinzel e uma pedra como martelo. Tinha os dedos cheios de cascas de feridas e inchados das muitas vezes que a mão escorregara e os atingira em vez do cabo do punhal. Mas isso não me impedia de continuar. Lascava pedra negra. E esperava que alguém viesse me ajudar.

Acordei uma noite e encontrei Panela sentada ao lado da minha cama. Parecia ainda mais velha do que eu me lembrava. Uma luz brumosa de inverno infiltrava-se por uma janela de pergaminho para lhe tocar o rosto. Observei-a durante algum tempo antes de ela perceber que eu estava acordado. Quando o fez, sacudiu a cabeça para mim.

— Devia ter adivinhado, por toda a sua estranheza. Você mesmo estava indo até o Profeta Branco. — Aproximou-se mais e falou num sussurro. — Ele não deixa que Esporana veja você. Diz que você está fraco demais para uma visita tão animada. E que você não quer que ninguém mais saiba que está aqui, por enquanto. Mas posso levar uma mensagem sua até ela, quer?

Fechei os olhos.

Um momento de manhã luminosa e uma batida na porta. Não conseguia dormir, tampouco conseguia permanecer acordado devido à febre que me atormentava. E bebera chá de casca de salgueiro até ficar de barriga cheia. Mesmo assim, minha cabeça ainda latejava e eu estava sempre tremendo ou a suando. A batida regressou, mais alta, e Panela largou a taça com que estivera me atormentando. O Bobo estava na sua mesa de trabalho. Colocou o entalhador de lado, mas Panela gritou:

— Eu atendo! — e abriu a porta, no momento em que ele dizia:

— Não, deixe que eu vou.

Esporana abriu caminho para o interior, de uma forma tão abrupta que Panela exclamou de surpresa. Esporana passou por ela, entrou na sala, sacudindo neve do gorro e do manto. Lançou ao Bobo um olhar de triunfo. O Bobo apenas assentiu cordialmente como se a esperasse. Regressou ao seu trabalho sem uma palavra. As brilhantes centelhas de ira nos olhos dela tornaram-se mais quentes, e notei sua satisfação com alguma coisa. Fechou ruidosamente a porta às suas

costas e entrou no quarto como se fosse o próprio vento norte. Sentou-se de pernas cruzadas no chão, ao lado da minha cama.

— Então, Fitz. Estou contente por finalmente vê-lo de novo. Panela me disse que você estava ferido. Teria vindo vê-lo antes, mas fui mandada embora. Como está hoje?

Tentei focar a mente. Desejei que ela se movesse mais devagar e falasse mais baixo.

— Está frio demais aqui — protestei com irritação. — E perdi o meu brinco. — Só descobrira a perda naquela manhã. Aquilo me incomodava. Não conseguia me lembrar do motivo por que era tão importante, mas a minha mente não deixava o assunto de lado. Bastava pensar nisso para a dor de cabeça piorar.

Ela tirou as luvas. Uma mão ainda estava enfaixada. Tocou a minha testa com a outra. A sua mão estava abençoadamente fria.

— Ele está ardendo! — disse ao Bobo em tom de acusação. — Não teve o bom senso de lhe dar chá de casca de salgueiro?

O Bobo raspou mais uma espiral de madeira.

— Há um bule disso aí junto ao seu joelho, se não o derrubou. Se conseguir fazê-lo beber mais, você é um homem melhor do que eu. — Outra espiral de madeira.

— Isso não deverá ser difícil — disse Esporana numa vozinha feia. Então, em um tom mais bondoso, dirigido a mim: — O seu brinco não está perdido. Veja, estou com ele bem aqui. — Tirou-o da bolsa que trazia ao cinto. Uma pequena parte de mim estava funcionando bem o suficiente para reparar que ela agora estava vestida com roupas quentes ao estilo da Montanha. Suas mãos estavam frias e um pouco ásperas quando colocou de volta o brinco na minha orelha. Encontrei uma pergunta para fazer.

— Por que estava com ele?

— Pedi a Panela que me trouxesse — disse-me sem rodeios. — Quando *ele* não quis me deixar ver você. Eu precisava ter um sinal, alguma coisa que provasse a Kettricken que tudo o que lhe disse era verdade. Fui hoje mesmo até ela, e falei com ela e com o seu conselheiro.

O nome da rainha atravessou os meus pensamentos vagos e me deu um momento de concentração.

— Kettricken! O que você fez? — gritei, consternado. — Que disse a ela?

Esporana pareceu surpresa.

— Ora, tudo o que ela tinha de saber para poder ajudá-lo na sua demanda. Que você está realmente vivo. Que Veracidade não está morto e que você irá à

procura dele. Que uma mensagem precisa ser enviada a Moli dizendo que você está vivo e bem, para que ela não perca o ânimo e mantenha a sua filha a salvo até o seu regresso. Que…

— Eu confiei em você! gritei. — Confiei os meus segredos a você e você me traiu. Que grande bobo fui! — gritei em desespero. Estava tudo perdido, tudo perdido.

— Não, o Bobo sou eu. — Ele se intrometeu na nossa conversa. Atravessou lentamente a sala e parou para me olhar. — E sou ainda mais por acreditar que você confiava em mim, ao que parece — prosseguiu, e eu nunca o vira tão pálido. — A sua filha — disse para si mesmo. — Uma verdadeira criança da linhagem Visionário. — Os seus olhos amarelos tremeluziram como um fogo quase extinto ao saltarem de Esporana e para mim. — Sabe o que tais notícias significam para mim. Por quê? Por que mentir para mim?

Não soube o que era pior, se a dor nos olhos do Bobo, ou o triunfo no olhar que Esporana lhe lançou.

— Tive de mentir, para que ela continuasse a ser minha! A filha é minha, não uma herdeira Visionário! — gritei em desespero. — Minha e de Moli. Uma criança para ser educada e amada, não uma ferramenta para um fazedor de reis. E Moli não pode saber que estou vivo por ninguém além de mim! Esporana, como pôde fazer isso comigo? Por que fui um idiota tão grande, por que falei dessas coisas com alguém?

Agora Esporana parecia tão ferida quanto o Bobo. Empertigou-se rigidamente e a sua voz soou frágil.

— Eu apenas procurei ajudar. Ajudá-lo a fazer o que tem de fazer. — Por trás de Esporana, uma rajada de vento abriu a porta. — Aquela mulher tem o direito de saber que o marido está vivo.

— A que mulher você se refere? — perguntou outra voz gélida. Para minha consternação, Kettricken entrou de rompante na sala com Breu logo atrás. Olhou-me com um rosto terrível. O pesar a devastara, esculpira profundas rugas nos cantos da boca e lhe comera a carne das bochechas. Agora, a ira também lhe enfurecia os olhos. A explosão de vento frio que chegou com eles me gelou por um instante. Então a porta foi fechada e os meus olhos se moveram de rosto familiar em rosto familiar. A pequena sala pareceu repleta de rostos que encaravam, de olhos frios que olhavam para mim. Pisquei. Eles eram tantos, e estavam tão próximos, e todos me encaravam. Ninguém sorria. Não havia boas-vindas, não havia alegria. Só as violentas emoções que eu despertara com todas as mudanças que causara. Assim era o Catalisador recebido. Ninguém tinha

nenhuma expressão que eu esperava ver.

Ninguém a não ser Breu. Ele atravessou a sala até junto de mim a passos largos, tirando as luvas de montar enquanto se aproximava. Quando jogou para trás o capuz do manto de inverno, vi que o seu cabelo branco estava amarrado em um rabo de cavalo de guerreiro. Usava uma faixa de couro na testa e, centrado nela, trazia um medalhão de prata. Um cervo com a galhada abaixada para atacar. O símbolo que Veracidade me dera. Esporana saiu depressa do seu caminho. Ele sequer olhou para ela enquanto se dobrava com facilidade para se sentar no chão ao lado da minha cama. Tomou a minha mão nas suas, apertou os olhos ao ver a queimadura do frio. Segurou-a suavemente.

— Oh, meu garoto, meu garoto, eu achava que você estava morto. Quando Bronco me mandou uma mensagem dizendo que tinha achado o seu corpo, achei que o meu coração se partiria. As palavras que trocamos quando nos separamos… Mas aqui está você, vivo, ainda que não bem.

Curvou-se e me beijou. A mão que colocou no meu rosto estava agora calejada, e quase não se viam as cicatrizes na pele curtida. Ergui os olhos para os seus e vi acolhimento e alegria. Lágrimas me anuviaram a visão quando não pude evitar perguntar:

— Você realmente levaria a minha filha para o trono? Outra bastarda para a linhagem Visionário… Gostaria que ela fosse usada como nós fomos?

Algo se imobilizou no rosto dele. A posição da boca endureceu com determinação.

— Eu farei tudo o que tiver de fazer para ver de novo um verdadeiro Visionário no trono dos Seis Ducados. Assim como jurei fazer. Assim como você também jurou. — Seus olhos cruzaram-se com os meus.

Olhei-o desalentado. Ele me amava. Pior, ele acreditava em mim. Acreditava que eu tinha em mim essa força e devoção ao dever que haviam sido a espinha dorsal da sua vida. Assim, podia me impor coisas mais duras e mais frias do que o ódio de Majestoso por mim era capaz de imaginar. A sua crença em mim era tal que ele não hesitaria em me lançar em qualquer batalha, que esperaria de mim qualquer sacrifício. Fui sacudido de repente por um soluço seco que puxou a flecha nas minhas costas.

— Não há fim! — gritei. — Esse dever irá me perseguir até a morte. Seria melhor se eu estivesse morto! Deixe-me ficar morto! — Arranquei a minha mão de Breu, sem prestar atenção à dor que esse movimento causava. — Deixe-me!

Breu nem sequer vacilou.

— Ele está ardendo de febre — disse acusadoramente ao Bobo. — Não sabe o

que está dizendo. Devia ter lhe dado chá de casca de salgueiro.

Um terrível sorriso torceu os lábios do Bobo. Antes de ele ter tempo de falar, ouviu-se um som agudo de algo rasgando. Uma cabeça cinzenta foi forçada através da janela de couro oleado, mostrando um focinho cheio de dentes brancos. O resto do lobo apareceu logo, derrubando uma prateleira de potes de ervas em cima de uns pergaminhos que se encontravam abaixo. Olhos-de-Noite saltou, com as unhas derrapando no assoalho de madeira, e parou de escorregar entre mim e um Breu que se levantara depressa. Rosnou para todos. *Matarei todos por você, se me disser para fazê-lo.* Deixei a minha cabeça cair nas almofadas. O meu lobo limpo e selvagem. Foi isto que eu fizera dele. Isso era melhor do que o que Breu fizera de mim?

Olhei de novo em volta. Breu estava de pé, com o rosto imóvel. Cada um dos rostos continha algum choque, alguma tristeza, algum desapontamento que eram da minha responsabilidade. O desespero e a febre me abalaram.

— Lamento — disse debilmente. — Nunca fui o que pensaram que eu era — confessei. — Nunca.

O silêncio encheu a sala. O fogo crepitou por um momento.

Deixei meu rosto cair no travesseiro e fechei os olhos. Proferi as palavras que me sentia compelido a dizer.

— Mas irei em busca de Veracidade. De algum modo, irei trazê-lo de volta para vocês. Não porque eu seja o que acham que sou — acrescentei, erguendo lentamente a cabeça. Vi a esperança se acender no rosto de Breu. — Mas porque não tenho alternativa. Nunca tive nenhuma alternativa.

— Acredita mesmo que Veracidade está vivo! — A esperança na voz de Kettricken estava imbuída de uma ânsia violenta. Aproximou-se de mim como uma tempestade oceânica.

Assenti com a cabeça.

— Sim — consegui dizer. — Sim, acredito que ele está vivo. Senti-o fortemente comigo. — O seu rosto estava tão próximo, enorme no meu campo de visão. Pisquei os olhos, e depois não consegui focá-los.

— Então por que ele não regressou? Está perdido? Ferido? Não se importa com aqueles que deixou para trás? — As suas perguntas matraquearam contra mim como pedras arremessadas, uma atrás da outra.

— Acho — comecei, mas depois não consegui. Não consegui pensar, não consegui falar. Fechei os olhos. Escutei um longo silêncio. Olhos-de-Noite ganiu, e depois soltou um profundo rosnado.

— Talvez todos nós devêssemos sair durante algum tempo — sugeriu

Esporana numa voz insegura. — Fitz não está em estado de aguentar isto agora.

— Vocês podem sair — disse-lhe o Bobo com um ar imponente. — Infelizmente, eu ainda moro aqui.



Ir caçar. É hora de ir caçar. Olho para o local por onde entramos, mas o Sem Cheiro bloqueou esse caminho, cobrindo-o com outro pedaço de pele de veado. Porta, parte de nós sabe que é a porta e nos dirigimos para lá, para ganir baixinho e empurrá-la com o focinho. Ela chacoalha contra a fechadura como uma armadilha prestes a se fechar. O Sem Cheiro aproxima-se, andando a passo ligeiro e cauteloso. Estica o corpo para além de mim, para colocar uma pata pálida na porta e abri-la para mim. Deslizo para fora, de volta a um mundo de noite fria. É bom voltar a esticar os músculos, e eu fujo da dor, da cabana abafada e do corpo que não funciona para dentro daquele santuário selvagem de carne e pelagem. A noite nos engole e caçamos.



Foi em outra noite, outro tempo, antes, depois, não sei, os meus dias haviam se desligado uns dos outros. Alguém tirou uma compressa quente da minha testa e a substituiu por outra mais fria.

— Lamento, Bobo — disse.

— Trinta e dois — disse uma foz cansada. — Beba — acrescentou mais suavemente. Mãos frias ergueram meu rosto. Um copo fez um líquido bater contra a minha boca. Tentei beber. Chá de casca de salgueiro. Afastei o rosto, enojado. O Bobo limpou minha boca e sentou-se no chão ao lado da cama. Encostou-se nela com camaradagem. Ergueu o pergaminho para a luz da lâmpada e continuou a ler. Era noite cerrada. Fechei os olhos e tentei reencontrar o sono. Consegui encontrar apenas coisas que fizera errado, confianças que traíra.

— Lamento tanto — disse.

— Trinta e três — disse o Bobo sem erguer o olhar.

— Trinta e três quê? — perguntei.

Ele me lançou um olhar surpreso.

— Oh. Está mesmo acordado e falando?

— Claro. Trinta e três quê?

— Trinta e três “lamento”. Dirigidos a várias pessoas, mas em maior quantidade a mim. Dezessete chamamentos por Bronco. Receio ter perdido a conta dos chamamentos por Moli. E um total de sessenta e dois “Estou indo,

Veracidade”.

— Devo estar deixando você louco. Lamento.

— Trinta e quatro. Não. Você só tem delirado, de uma forma bastante monótona. É a febre, suponho.

— Suponho que sim.

O Bobo voltou a ler.

— Estou tão cansado de ficar deitado de bruços — eu disse.

— Há sempre as suas costas — sugeriu o Bobo para me ver estremecer. — Quer que o ajude a se virar para o lado?

— Não. Isso só faz doer mais.

— Se mudar de ideias, avise. — Os seus olhos regressaram ao pergaminho.

— Breu não voltou para me ver — observei.

O Bobo suspirou e deixou o pergaminho de lado.

— Ninguém voltou. A curandeira apareceu e repreendeu a todos nós por incomodarmos você. Eles deverão deixá-lo em paz até que ela tire a flecha. Isso será amanhã. Além disso, Breu e a rainha têm tido muito que discutir. Descobrir que tanto você como Veracidade continuam vivos mudou tudo para eles.

— Em outra época, ele teria me incluído na discussão. — Fiz uma pausa, sabendo que estava me entregando à autopiedade, mas incapaz de evitar. — Suponho que sintam que já não podem confiar em mim. Não que eu os culpe. Agora todos me odeiam. Pelos segredos que guardei. Por todas as maneiras em que lhes falhei.

— Oh, nem todos o odeiam — ralhou o Bobo com gentileza. — Na verdade, só eu é que odeio você.

Os meus olhos saltaram para o seu rosto. O seu sorriso cínico me reconfortou.

— Segredos — disse ele, e suspirou. — Um dia ainda escreverei um longo tratado filosófico sobre o poder dos segredos, quando são guardados ou contados.

— Tem mais conhaque?

— Outra vez com sede? Tenho mais um pouco de chá de casca de salgueiro. — Havia agora na sua voz uma cortesia ácida, coberta com mel. — Há bastante, sabia? Baldes dele. Todos para você.

— Acho que a febre baixou um pouco — mencionei humildemente.

Ele colocou uma mão na minha testa.

— Baixou, sim. Por ora. Mas não acho que a curandeira aprovaria que você voltasse a se embebedar.

— A curandeira não está aqui — observei.

Ele ergueu uma sobrancelha pálida para mim.

— Bronco ficaria *tão* orgulhoso de você. — Mas se levantou com graciosidade e foi até o armário de carvalho. Deu cautelosamente a volta em Olhos-de-Noite, que estava deitado junto à lareira num sono empapado de calor. Os meus olhos viajaram até a janela remendada, e depois de volta ao Bobo. Supus que eles tivessem chegado a algum tipo de acordo. Olhos-de-Noite estava mergulhado num sono tão profundo que nem sequer sonhava. E, além disso, estava de barriga cheia. As suas patas mexeram-se quando sondei na sua direção, então me retirei. O Bobo estava colocando a garrafa e dois copos numa bandeja. Parecia contido demais.

— Eu lamento mesmo, sabia?

— Foi o que me disse. Trinta e cinco vezes.

— Mas é verdade. Devia ter confiado em você e lhe contado sobre a minha filha. — Nada, nem uma febre, nem uma flecha cravada nas costas seria capaz de evitar que sorrisse quando dissesse aquela frase. A minha filha. Tentei contar a simples verdade. Embaraçou-me o fato de isso parecer uma experiência nova. — Nunca a vi, sabia? Só com o Talento, pelo menos. Não é a mesma coisa. E quero que seja minha. Minha e de Moli. Não uma criança que pertence a um reino, com alguma vasta responsabilidade para a qual crescer. Só uma menininha, colhendo flores, fazendo velas com a mãe, fazendo… — hesitei, e concluí: — …o que quer que se permita às crianças comuns fazer. Breu daria um fim nisso. No momento em que alguém aponte para ela e diga, “Vejam, ela podia ser a herdeira Visionário”, estará correndo risco. Precisaria ser guardada e ensinada a ter medo, a pesar cada palavra e refletir sobre cada ato. Por que haveria de fazê-lo? Não é verdadeiramente uma herdeira real. Só a bastarda de um bastardo. — Disse aquelas palavras duras com dificuldade, e jurei que nunca permitiria que alguém as dissesse na cara dela. — Por que ela deveria ser posta em tal perigo? Seria diferente se ela tivesse nascido num palácio e contasse com uma centena de soldados para protegê-la. Mas ela só tem Moli e Bronco.

— Bronco está com elas? Se Breu escolheu Bronco, é porque o julga igual a cem guardas. Mas muito mais discreto — observou o Bobo. Ele sabia como aquilo me partiria o coração? Trouxe os copos e o conhaque e me serviu. Consegui pegar o meu copo. — A uma filha. Sua e de Moli — sugeriu, e bebeu. O conhaque ardeu de forma limpa na minha garganta.

— Então — consegui dizer —, Breu sempre soube e pôs Bronco para guardá-la. Mesmo antes de eu saber, ele já sabia. — Por que me sentia como se tivessem me roubado alguma coisa?

— Suspeito que sim, mas não tenho certeza. — O Bobo fez uma pausa, como se se perguntasse sobre a sensatez de me contar. Então o vi deixar de lado a reserva. — Tenho juntado as peças, contando o tempo que passou. Acho que Paciência suspeitava. Acho que foi por isso que ela começou a mandar Moli cuidar de Bronco quando sua perna foi ferida. Ele não precisava de tantos cuidados, e sabia disso tão bem como Paciência. Mas Bronco é um bom ouvinte, principalmente por falar tão pouco. Moli precisaria de alguém com quem falar, talvez alguém que já tivesse criado um bastardo. Naquele dia em que todos nós estávamos no quarto dele… você tinha me mandado lá, para ele ver o que podia fazer pelo meu ombro? No dia em que você trancou Majestoso fora dos aposentos de Sagaz para protegê-lo… — Por um momento pareceu capturado naquela recordação. Então se recuperou. — Quando eu subi a escada que levava ao sótão de Bronco, ouvi-os discutindo. Bem, ouvi Moli discutindo, e Bronco se calando, que é a sua maneira mais forte de discutir. Assim, fiquei à escuta — admitiu com franqueza. — Mas não ouvi grande coisa. Ela estava insistindo para que ele lhe arranjasse uma erva especial qualquer. Ele não queria. Por fim, ele prometeu que não diria a ninguém, e pediu que ela pensasse bem e fizesse o que quisesse fazer, não o que pensasse que era mais sensato. Depois não disseram mais nada, então entrei. Ela pediu licença e foi embora. Mais tarde, você chegou e disse que ela o havia deixado. — Fez uma pausa. — Na verdade, pensando bem, eu demonstrei um raciocínio tão lento como você, por não ter deduzido tudo só com base nisso.

— Obrigado — disse-lhe com secura.

— De nada. Embora eu admita que naquele dia tínhamos muito na cabeça.

— Eu daria qualquer coisa para ser capaz de voltar atrás no tempo e dizer a ela que a nossa filha seria a coisa mais importante do mundo para mim. Mais importante do que o rei ou o país.

— Ah. Então você teria deixado Torre do Cervo nesse dia, para segui-la e protegê-la. — O Bobo ergueu uma sobrancelha sarcástica para mim.

Passado um momento, eu disse:

— Não podia. — As palavras me sufocaram e as empurrei para baixo com conhaque.

— Eu sei que não podia. Eu compreendo. Veja bem, ninguém pode evitar o destino. Pelo menos enquanto se está encurralado nos arreios do tempo. E — disse num tom mais suave — nenhuma criança pode evitar o futuro que o destino decreta. Nem um bobo, nem um bastardo. Nem a filha de um bastardo.

Um arrepio percorreu a minha espinha. Apesar de toda a minha descrença, tive

medo.

— Está dizendo que sabe alguma coisa sobre o futuro dela?

Ele suspirou e assentiu. Depois sorriu e sacudiu a cabeça.

— É assim que as coisas são, para mim. Sei algo sobre um herdeiro Visionário. Se esse herdeiro for ela, então não há dúvida de que, daqui a anos, lerei alguma antiga profecia e direi: Ah, sim, aqui está, foi previsto como as coisas aconteceriam. Ninguém compreende realmente uma profecia até que ela se concretize. É bastante semelhante a uma ferradura. O ferreiro lhe mostra um pedaço de ferro e você diz que nunca servirá. Porém, depois de passar pelo fogo e ser martelada e limada, ali está, ajustando-se perfeitamente ao casco do seu cavalo como nunca se ajustaria a nenhum outro.

— Parece que você está dizendo que os profetas moldam as suas profecias à verdade depois de os fatos acontecerem.

Ele inclinou a cabeça.

— E um bom profeta, como um bom ferreiro, mostra a você que ela se ajusta perfeitamente. — Tirou o copo vazio da minha mão. — Você devia estar dormindo, sabia? Amanhã a curandeira vai tirar a ponta de flecha das suas costas. Você precisará das suas forças.

Assenti, e de repente percebi que os meus olhos estavam pesados.

Breu agarrou meus pulsos e os puxou firmemente para baixo. Meu peito e meu rosto se comprimiram contra o duro banco de madeira. O Bobo sentou-se em cima das minhas pernas e prendeu o meu quadril com o seu peso inclinado. Até Panela estava com as mãos nos meus ombros nus, empurrando-me para baixo contra o banco sólido. Senti-me como um porco amarrado para o abate. Esporana estava de pé, com bandagens de linho e uma bacia de água quente. Quando Breu puxou com força as minhas mãos para baixo, senti como se o meu corpo inteiro pudesse se rasgar pelo ferimento apodrecido que tinha nas costas. A curandeira agachou-se ao meu lado. Vi de relance as tenazes que ela tinha na mão. Ferro negro. Provavelmente trazido do barracão do ferreiro.

— Prontos? — perguntou ela.

— Não — resmunguei. Ignoraram-me. Não era comigo que ela estava falando. Passara a manhã inteira trabalhando em mim como se eu fosse um brinquedo quebrado, cutucando e fazendo os fluidos nauseabundos de infecção saírem das minhas costas enquanto eu me contorcia e murmurava pragas. Todos haviam ignorado as minhas imprecações, exceto o Bobo, que sugerira melhoramentos para elas. Ele já era o mesmo de novo. Persuadira Olhos-de-Noite a sair. Eu

podia sentir o lobo andando de um lado para o outro perto da porta. Tentei lhe transmitir uma ideia do que seria feito. Eu lhe arrancara espinhos suficientes durante o tempo que passamos juntos para que ele tivesse alguma noção sobre dor necessária. Mesmo assim, ele partilhava do meu terror.

— Vá em frente — disse Breu à curandeira. A cabeça dele estava junto à minha, e a sua barba arranhava a minha bochecha barbeada. — Aguente firme, meu garoto — suspirou para dentro do meu ouvido. As mandíbulas frias da tenaz fizeram pressão contra a minha carne inflamada.

— Não arqueje. Fique parado — disse-me a curandeira com severidade. Tentei. Parecia que ela mergulhava a tenaz nas minhas costas em busca de algo para agarrar. Depois de uma eternidade de sondagem, a curandeira disse: — Segurem-no. — Senti as mandíbulas da tenaz se fechando. Ela puxou, rasgando a minha espinha e a arrancando do corpo.

Pelo menos foi o que pareceu. Lembro-me daquela primeira raspagem de ponta de metal contra osso, e toda a minha determinação de não gritar foi esquecida. Expulsei num rugido, juntas, a dor e a consciência. Caí mais uma vez naquele lugar vago que nem o sono, nem a vigília eram capazes de alcançar. Os meus dias febris o tinham tornado completamente familiar para mim.

Rio de Talento. Eu estava nele e ele estava em mim. Apenas a um passo de distância, eu sempre estivera a um passo de distância. Um fim para a dor e a solidão. Rápido e doce. Estava me esfarrapando nele, desfazendo-me como uma peça de malha se desfia quando o fio certo é puxado. Toda a minha dor também estava se desfazendo. Não. Veracidade o proibiu com firmeza. *Já para trás, Fitz.* Como se mandasse uma criança pequena afastar-se do fogo. E eu fui.

Como um mergulhador voltando à superfície, regressei ao banco duro e às vozes que se cruzavam por cima de mim. A luz parecia pouco intensa. Alguém exclamou alguma coisa sobre sangue e gritou por um pano cheio de neve. Senti-o sendo empurrado contra as minhas costas, enquanto um trapo vermelho encharcado era atirado sobre o tapete do Bobo. A mancha espalhou-se pela lã e eu fluí com ela. Eu flutuava, e a sala estava cheia de manchas negras. A curandeira encontrava-se ocupada junto da lareira. Tirou outra ferramenta de ferreiro de entre as chamas. Brilhava, e ela virou-se para olhar para mim.

— Espere! — gritei, horrorizado, e me ergui parcialmente no banco, até que Breu me agarrou pelos ombros.

— Tem de ser feito — disse-me ele com dureza e me segurou com uma força férrea enquanto a curandeira se aproximava. A princípio senti apenas pressão

quando ela colocou um ferro em brasa nas minhas costas. Senti o cheiro da minha própria carne se queimando e pensei que não me importava, até que um espasmo de dor me sacudiu mais violentamente do que o nó corrediço de um carrasco. As trevas se ergueram para me arrastar para baixo.

— Enforcado sobre água e queimado! — gritei em desespero. Um lobo ganiu.

Erguendo-me. Subindo, cada vez mais próximo da luz. O mergulho fora profundo, as águas mornas e cheias de sonhos. Saboreei a borda da consciência, enchi os pulmões de vigília.

Breu.

— … mas certamente você poderia pelo menos ter me contado que ele estava vivo e tinha vindo até você. Eda e El num nó, Bobo, quantas vezes confiei a você as minhas mais privadas intenções?

— Quase tantas quanto as que não confiou — retorquiu o Bobo, áspero. — Fitz me pediu para manter em segredo a sua presença aqui. E o segredo foi mantido, até que a menestrel interferiu. Que mal podia ter feito se ele tivesse sido deixado em paz para repousar por completo até que aquela flecha saísse? Ouviu os delírios dele. Soam para você como os de um homem em paz consigo mesmo?

Breu suspirou.

— Mesmo assim. Podia ter me contado. Sabe o que significaria para mim saber que ele estava vivo.

— Sabe o que significaria para mim saber que havia uma herdeira Visionário.

— Contei a você assim que contei à rainha!

— Sim, mas há quanto tempo você sabia que ela existia? Desde que enviou Bronco para vigiar Moli? Você sabia que Moli esperava um filho dele da última vez que você veio nos visitar, e no entanto nada disse.

Breu respirou fundo com força, e então advertiu.

— Há nomes que preferia que você não proferisse, nem mesmo aqui. Nem mesmo à rainha eu entreguei esses nomes. Você precisa compreender, Bobo. Quanto mais gente souber, maior é o risco para a criança. Eu nunca teria revelado a sua existência se o filho da rainha não tivesse morrido e não pensássemos que Veracidade estivesse morto.

— Poupe a esperança de manter segredos. Uma menestrel conhece o nome de Moli; os menestréis não guardam segredos. — A sua antipatia por Esporana transpareceu na voz. Num tom mais frio, acrescentou: — Então, o que você realmente planejava fazer, Breu? Fazer a filha de Fitz se passar por filha de

Veracidade? Roubá-la de Moli e entregá-la à rainha, para que a criasse como sua? — A voz do Bobo tomara uma suavidade mortal.

— Eu… os tempos são difíceis e a necessidade é tão grande… mas… roubá-la não. Bronco compreenderia, e acho que ele poderia fazer a garota compreender. Além disso, o que ela poderá oferecer à criança? Uma fabricante de velas sem dinheiro, privada do seu ofício… Como poderá cuidar dela? A criança merece algo melhor. Tal como a mãe, na verdade, e eu faria o meu melhor para me assegurar de que ela também tivesse as suas necessidades supridas. Mas o bebê não pode ser deixado com ela. Pense, Bobo. Assim que outros souberem que o bebê é da linhagem Visionário, ela só poderá ficar a salvo no trono, ou na linha de sucessão ao trono. A mulher dá ouvidos a Bronco. Ele poderia fazê-la ver isso.

— Não tenho assim tanta certeza de que você conseguiria fazer com que Bronco visse isso. Ele entregou uma criança ao dever do rei. Pode não sentir que fazer isso pela segunda vez seja uma opção sensata.

— Às vezes todas as opções são ruins, Bobo, e mesmo assim um homem tem de optar.

Acho que soltei algum som fraco, pois ambos vieram rapidamente até mim.

— Garoto? — chamou Breu com ansiedade. — Garoto, está acordado?

Decidi que estava. Abri uma fenda num olho. Noite. Luz da lareira e de algumas velas. Breu, o Bobo e uma garrafa de conhaque. E eu. Não sentia melhoras nas costas. Não sentia que tivesse menos febre. Antes de ter sequer tempo de tentar pedir, o Bobo levou um copo aos meus lábios. Maldito chá de casca de salgueiro. Tinha tanta sede que o bebi todo. O copo que ele ofereceu em seguida era de caldo de carne, maravilhosamente salgado.

— Estou com tanta sede — consegui dizer depois de beber o caldo. Sentia a boca pegajosa de sede, inchada de sede.

— Você perdeu muito sangue — explicou Breu sem necessidade.

— Quer mais caldo? — perguntou o Bobo.

Consegui fazer o menor dos acenos. O Bobo pegou o copo e foi até a lareira. Breu aproximou-se mais e sussurrou, com uma estranha urgência.

— Fitz. Diga-me uma coisa. Você me odeia, garoto?

Por um momento, eu não soube. Mas a ideia de odiar Breu significava uma perda grande demais para mim. Pouquíssimas pessoas no mundo se importavam comigo. Não podia odiar nenhuma. Sacudi a cabeça, um pouco de nada.

— Mas — disse lentamente, formando com cuidado as palavras densas — não leve a minha filha.

— Não tema — disse-me ele com suavidade. A sua velha mão alisou o meu cabelo para longe do rosto. — Se Veracidade está vivo, não haverá necessidade de fazer isso. Por enquanto, ela está mais segura onde está. E se o Rei Veracidade regressar e assumir o trono, ele e Kettricken arranjarão filhos seus.

— Promete? — supliquei.

Os seus olhos olharam os meus. O Bobo me trouxe o caldo e Breu afastou-se para lhe dar espaço. O copo estava mais quente. Foi como a própria vida fluindo de novo para dentro de mim. Quando acabei, consegui falar com mais força.

— Breu — disse. Ele andara até a lareira e a estava fitando. Virou-se para mim quando eu falei.

— Não prometeu — lembrei-lhe.

— Não — concordou ele com gravidade. — Não prometi. Os tempos são incertos demais para essa promessa.

Durante muito tempo, apenas olhei para ele. Depois de algum tempo, ele deu uma sacudida minúscula com a cabeça e afastou o olhar. Não conseguia me olhar nos olhos. Mas não me disse mentiras. Então competia a mim.

— Você pode me usar — disse-lhe em voz baixa. — E eu vou fazer o melhor que puder para trazer Veracidade de volta, e tudo o que possa para lhe devolver o trono. Pode ter a minha morte, se isso for preciso. Mais do que a morte, pode ter a minha vida, Breu. Mas não a da minha filha. Não a da minha filha.

Ele me olhou nos olhos e assentiu lentamente.

A recuperação foi coisa lenta e dolorosa. Parecia que eu devia ter saboreado cada dia passado numa cama macia, cada garfada de comida, cada momento de sono em segurança. Mas não foi assim. A pele queimada pelo frio dos meus dedos das mãos e dos pés se soltava e se prendia em tudo, e a nova pele que tinha por baixo estava horrivelmente sensível. A curandeira vinha todos os dias cutucar a ferida. Insistia que o ferimento nas minhas costas tinha de ser mantido aberto e drenado. Cansei-me das bandagens nauseabundas que ela levava, e ainda mais dela mexendo no ferimento para se assegurar de que não fecharia cedo demais. A mulher me lembrava um corvo em volta de um animal moribundo, e quando lhe disse isso um dia, sem tato, ela riu de mim.

Passados uns dias, eu já me movia de novo, mas não de forma descuidada. Cada passo, cada estender de mão era coisa cautelosa. Aprendi a manter os cotovelos junto aos flancos para diminuir o repuxar dos músculos das costas, aprendi a caminhar como se equilibrasse um cesto de ovos na cabeça. Mesmo assim eu me cansava rapidamente, e um passeio enérgico demais podia trazer a

febre de volta durante a noite. Ia diariamente aos banhos e, embora me ensopar de água quente aliviasse o meu corpo, eu não podia ficar lá sequer por um momento sem que me lembrasse de que fora ali que Majestoso tentara me afogar, e acolá onde vira Bronco ser abatido a porretadas. *Venha até mim, venha até mim,* começava então o chamado sedutor na minha cabeça, e a minha mente logo se enchia de pensamentos e perguntas a respeito de Veracidade. Isso não conduzia a um estado de espírito pacífico. Em vez disso, eu me encontrava planejando todos os detalhes da minha viagem seguinte. Fazia uma lista mental do equipamento que teria de pedir a Kettricken e debatia, longa e duramente, a ideia de levar uma montaria. Por fim, decidi-me contra essa ideia. Não haveria pasto; a minha capacidade para a crueldade inconsciente desaparecera. Não levaria um cavalo ou um pônei apenas para lhe causar a morte. Também sabia que em breve teria de pedir autorização para vasculhar as bibliotecas, para ver se seria possível encontrar um precursor do mapa de Veracidade. Aterrorizava-me procurar Kettricken, pois ela não me convocara nem uma vez.

Todos os dias me lembrava dessas coisas, e todos os dias eu as adiava mais um dia. Por enquanto, continuava não sendo capaz de atravessar Jhaampe sem ter de parar para descansar. Conscientemente, comecei a me forçar a comer mais e a testar os limites das minhas forças. Era frequente que o Bobo se juntasse a mim nas minhas caminhadas de fortalecimento. Eu sabia que ele odiava o frio, mas o seu companheirismo silencioso me agradava demais para lhe sugerir que permanecesse aquecido dentro de casa. Ele me levou uma vez para ver Fuligem, e esse plácido animal me deu as boas-vindas com tamanho prazer que dali em diante regressei todos os dias. A sua barriga estava inchando com o potro de Ruivo; pariria no início da primavera. Parecia bastante saudável, mas a sua idade me preocupava. Obtive uma quantidade espantosa de bem-estar com a suave presença da égua. Erguer os braços para cuidar dela repuxava o meu ferimento, mas eu o fazia mesmo assim, e com Ruivo também. O cavalo jovem e espirituoso precisava ser mais trabalhado do que estava sendo. Fiz o que pude com ele, e passei cada momento em que o fazia com saudades de Bronco.

O lobo ia e vinha conforme lhe apetecia. Juntava-se ao Bobo e a mim nos nossos passeios e depois entrava na cabana atrás de nós. Era quase doloroso ver a rapidez com que se adaptava. O Bobo resmungava sobre as marcas de garras na porta e os pelos caídos nos tapetes, mas eles gostavam bastante um do outro. Uma marionete de lobo começou a aparecer aos poucos de pedaços de madeira espalhados sobre a mesa de trabalho do Bobo. Olhos-de-Noite desenvolveu um gosto por um certo bolo com sementes que também era o preferido do Bobo. O

lobo o fitava fixamente sempre que o Bobo estava comendo, babando grandes poças de saliva no chão até que o Bobo cedia e lhe dava um pedaço. Eu repreendia os dois por causa do que os doces podiam fazer aos dentes e à pelagem do lobo e era ignorado por ambos. Suponho que senti um pouco de ciúme por causa da rapidez com que Olhos-de-Noite passara a confiar no Bobo, até que ele me perguntou um dia sem rodeios: *Por que eu não confiaria em quem você confia?* Eu não tinha resposta para aquilo.

— Então. Quando foi que você se tornou fabricante de brinquedos? — perguntei ociosamente ao Bobo um dia. Eu estava encostado na sua mesa, observando o modo como os seus dedos amarravam os membros e o torso de uma marionete à sua armação de pau. O lobo estava estendido debaixo da mesa, profundamente adormecido.

Ele encolheu um ombro.

— Tornou-se evidente depois que eu cheguei aqui que a corte do Rei Eyod não era lugar para um bobo. — Soltou um suspiro curto. — E eu também não tinha realmente desejo de ser bobo de alguém, exceto do Rei Sagaz. Sendo assim, procurei alguma outra maneira de ganhar o pão. Uma noite, bastante bêbado, perguntei-me o que sabia fazer melhor. "Ora, ser uma marionete", respondi para mim mesmo. Sacudido pelos fios do destino e depois atirado para o lado para me amarrotar em uma pilha. Assim, decidi que não voltaria a dançar às ordens dos fios, mas passaria a puxá-los. No dia seguinte, testei a minha determinação. Rapidamente descobri um gosto por isto. Os brinquedos simples com que cresci e aqueles que vi em Cervo parecem maravilhosamente estranhos às crianças das Montanhas. Descobri que precisava lidar pouco com os adultos, o que me convinha perfeitamente. As crianças aqui aprendem a caçar, pescar, tecer e colher muito novas, e aquilo que ganham é seu. De modo que faço trocas por aquilo de que preciso. Descobri que as crianças são muito mais rápidas para aceitar o que é fora do comum. Assumem a curiosidade, veja bem, em vez de desdenharem do objeto que a desperta. — Seus dedos pálidos deram um nó cuidadoso. Então pegou a sua criação e a fez dançar para mim.

Observei aqueles saltos alegres com um desejo retroativo de ter possuído uma coisa de madeira brilhantemente pintada e de arestas bem lixadas como aquela.

— Quero que a minha filha tenha coisas como essa — ouvi-me dizendo em voz alta. — Brinquedos bem feitos e camisas macias de cores vivas, lindas fitas para o cabelo e bonecas que possa agarrar.

— Ela terá — prometeu-me ele com gravidade. — Ela terá.

Os dias lentos passaram. As minhas mãos começaram a ter um aspecto normal

de novo e até conseguiram alguns calos. A curandeira disse que eu podia ficar sem bandagens nas costas. Comecei a me sentir irrequieto, mas sabia que ainda não tinha forças para partir. A minha agitação por sua vez agitava o Bobo. Só percebi o quanto andava de um lado para o outro quando ele se levantou uma noite da sua cadeira e empurrou a mesa no meu caminho, para me obrigar a desviar do rumo que seguia. Ambos nos rimos, mas isso não dissipou a tensão subjacente. Comecei a acreditar que eu destruía a paz onde quer que estivesse.

Panela nos visitava com frequência e me distraía com os seus conhecimentos sobre os pergaminhos que diziam respeito ao Profeta Branco. Mencionavam um Catalisador com muita frequência. Às vezes o Bobo era atraído para as suas discussões. Contudo, era mais frequente que simplesmente fizesse ruídos evasivos enquanto ela procurava me explicar tudo. Quase sentia saudades da sua severa taciturnidade. Confesso também que, quanto mais conversávamos, mais me interrogava sobre o modo como uma mulher de Cervo viera a vagar tão longe da sua terra, para se tornar devota de uma doutrina distante que um dia a levaria de volta à sua pátria. Porém, a velha Panela revelava-se quando se esquivava das perguntas astuciosas que eu lhe fazia.

Esporana também aparecia, embora não tantas vezes quanto Panela, e normalmente o fazia quando o Bobo estava ausente tratando de suas tarefas. Eles pareciam não poder ficar na mesma sala sem arrancarem faíscas um do outro. Assim que consegui andar, começou a me persuadir a caminhar com ela lá fora, provavelmente para evitar o Bobo. Suponho que os passeios me faziam bem, mas não obtinha deles qualquer prazer. Já tivera a minha cota do frio do inverno, e as conversas dela geralmente faziam com que eu me sentisse agitado e impelido. Falava com frequência da guerra em Cervo, de fragmentos de notícias escutados de Breu e Kettricken, pois estava frequentemente com eles. Tocava para eles à noite, o melhor que podia com a mão danificada e uma harpa emprestada. Vivia no salão principal da residência real. Aquele gosto por uma vida de corte parecia combinar com ela. Estava com frequência entusiasmada e animada. A roupa brilhante do povo da Montanha realçava o seu cabelo e os olhos escuros, enquanto o frio lhe trazia cor ao rosto. Parecia ter se recuperado de todos os infortúnios, para mais uma vez se mostrar cheia de vida. Até a mão estava sarando bem, e Breu a ajudara a negociar madeira para fazer uma nova harpa. Envergonhava-me que o seu otimismo só me fizesse sentir mais velho, mais fraco e mais cansado. Uma ou duas horas com ela me desgastavam como se eu tivesse estado exercitando uma potra obstinada. Sentia uma pressão constante de sua parte para que concordasse com ela. Com frequência eu não conseguia

fazê-lo.

— Ele me deixa nervosa — disse-me ela uma vez, em uma das suas frequentes críticas ao Bobo. — Não é a cor; é o comportamento. Nunca diz uma palavra simples ou gentil a ninguém, nem sequer às crianças que vêm trocar coisas pelos brinquedos que faz. Já reparou como as provoca e zomba delas?

— Ele gosta delas, e elas gostam dele — eu disse, cansado. — Não as provoca para ser cruel. Provoca-as como provoca todo mundo. As crianças se divertem. Não há criança que goste de ser tratada com paternalismo. — A breve caminhada me cansara mais do que eu queria admitir. E era entediante constantemente defender o Bobo de Esporana.

Ela não respondeu. Fiquei ciente de que Olhos-de-Noite nos seguia. Deslizava do abrigo de um grupo de árvores para os arbustos carregados de neve de um jardim. Eu duvidava de que a sua presença fosse um grande segredo, e ainda assim a ideia de caminhar abertamente pelas ruas o deixava inquieto. Era estranhamente reconfortante saber que ele se encontrava por perto.

Tentei encontrar outro assunto.

— Não vejo Breu já há alguns dias — arrisquei. Detestava pescar novidades sobre ele. Mas ele não viera até mim e eu não iria até ele. Não o odiava, mas não conseguia perdoá-lo pelos planos que fizera com a minha filha.

— Cantei para ele na noite passada. — Ela sorriu com a recordação. — Estava muito espirituoso. Até consegue colocar um sorriso no rosto de Kettricken. É difícil acreditar que viveu naquele isolamento durante anos. Atrai as pessoas para si como uma flor atrai abelhas. Tem uma maneira muito cavalheiresca de deixar que uma mulher saiba que é admirada. E…

— Breu? — A palavra saltou de mim com incredulidade. — Cavalheiresco?

— Claro — disse ela, com divertimento. — Ele pode ser bastante encantador, quando tem tempo. Cantei para ele e Kettricken outra noite e ele foi bastante gracioso nos agradecimentos. Tem uma língua de cortesão. — Sorriu para si mesma, e pude ver que, o que quer que Breu lhe dissera, afetara agradavelmente a menestrel. Tentar imaginar Breu como um encantador de mulheres exigia que a minha mente se dobrasse numa direção fora do comum. Não consegui imaginar nada para dizer, e assim a deixei no seu devaneio agradável. Passado algum tempo, acrescentou inesperadamente: — Ele não vai conosco, sabia?

— Quem? Para onde? — Não consegui decidir se a minha febre recente havia me deixado com o raciocínio lento, ou se a mente da menestrel saltitava como uma pulga.

Ela deu uma palmadinha reconfortante no meu braço.

— Você está ficando cansado. É melhor voltarmos. Sempre sei quando você fica esgotado, faz as perguntas mais imbecis. — Respirou fundo e regressou ao seu assunto. — Breu não irá conosco em busca de Veracidade. Tem de voltar para Cervo, para transmitir a mensagem sobre a sua demanda e encorajar o povo de lá. Claro, irá respeitar os seus desejos e não fará qualquer menção de você. Dirá apenas que a rainha partiu em busca do rei para lhe restituir o trono.

Fez uma pausa, e tentou dizer com indiferença:

— Ele me pediu para providenciar umas cantigas simples, baseadas nas canções antigas para que possam ser facilmente aprendidas e cantadas. — Sorriu para mim e vi como estava satisfeita por Breu ter lhe pedido aquilo. — Ele irá espalhá-las pelas tavernas e estalagens da estrada, e elas desabrocharão como sementes e se espalharão a partir dali. Canções simples que digam que Veracidade regressará para pôr as coisas nos eixos e que um herdeiro Visionário subirá ao trono para unir os Seis Ducados tanto em vitória como em paz. Ele diz que manter o ânimo do povo, e manter nele a imagem do regresso de Veracidade, é muito importante.

Voltei para trás, abrindo caminho através daquela tagarelice sobre canções e profecias.

— Nós, você disse. Nós quem? E a caminho de onde?

Ela tirou a luva e colocou rapidamente a mão na minha testa.

— Está febril de novo? Talvez um pouco. Vamos voltar agora. — Enquanto começávamos a regressar pelo caminho que seguíramos através das ruas silenciosas, ela acrescentou pacientemente. — Nós, você, eu e Kettricken, vamos em busca de Veracidade. Esqueceu que foi por isso que você veio até as Montanhas? Kettricken diz que o caminho será árduo. Não é assim muito difícil viajar até a cena da batalha. Mas se Veracidade prosseguiu a partir dali, então está em um dos caminhos marcados no velho mapa que ela tem, que podem já não ser caminhos coisa nenhuma. É evidente que o pai não está entusiasmado com o projeto dela. Tem a cabeça fixa só em travar a guerra contra Majestoso. “Enquanto você procura o rei seu esposo, o seu irmão desleal procura transformar a nossa gente em seus escravos!”, disse-lhe Eyod. Portanto, temos de juntar as provisões que lhe forem dadas de boa vontade e levar apenas as pessoas que preferirem acompanhá-la em vez de ficar para enfrentar Majestoso. Não há muitas, sem dúvida, e…

— Quero voltar para a casa do Bobo — eu disse debilmente. Minha cabeça girava e meu estômago estava embrulhado. Esquecera-me de que fora assim na corte do Rei Sagaz. Por que esperara que fosse diferente ali? Os planos seriam

feitos, as coisas preparadas e depois me diriam o que queriam que eu fizesse e eu o faria. Não foi sempre essa a minha função? Ir a tal e tal lugar e matar aquele certo homem, um homem que nunca vira antes, tudo às ordens de outra pessoa? Não sabia por que motivo me chocou tanto de repente descobrir que todos os seus planos de suma importância haviam avançado sem qualquer contribuição minha, como se eu não passasse de um cavalo numa cocheira, esperando ser selado, montado e dirigido para a caçada.

Bem, e não era essa a troca que eu oferecera a Breu?, lembrei a mim mesmo. Que podiam ficar com a minha vida, se quisessem, mas que deixassem a minha filha em paz? Por que ficar surpreso? Por que sequer ficar preocupado? Devia simplesmente voltar para a casa do Bobo, para dormir, comer e me fortalecer até ser chamado.

— Está bem? — perguntou-me de súbito Esporana com ansiedade. — Acho que nunca o tinha visto tão pálido.

— Estou ótimo — assegurei-lhe num tom seco. — Só estava pensando que seria agradável passar algum tempo ajudando o Bobo a fazer as marionetes.

Ela franziu o cenho de novo.

— Ainda não compreendo o que você vê nele. Por que você não vem viver num quarto perto de Kettricken e de mim? Já não precisa de muitos cuidados; está na hora de recuperar o lugar que lhe pertence ao lado da rainha.

— Quando a rainha me chamar, irei até ela — respondi, atencioso. — Essa será a hora adequada.

CAPÍTULO 22

Partida

Breu Tombastrela ocupa uma posição única na história dos Seis Ducados. Embora nunca tenha sido reconhecido, a sua forte semelhança física com os Visionário faz com que seja quase certo que tenha tido uma relação de sangue com a linhagem real. Seja como for, o fato de ser quem era não importa tanto quanto aquilo que era. Houve quem dissesse que foi um espião do Rei Sagaz durante as décadas que antecederam as Guerras dos Navios Vermelhos. Outros ligaram o seu nome ao da Dama Timo, que era quase com certeza uma envenenadora e ladra ao serviço da família real. Essas crenças nunca poderão ser substanciadas.

O que pôde se saber, sem dúvida, foi que ele emergiu para a vida pública após a deserção de Torre do Cervo pelo Pretendente, Majestoso Visionário. Colocou-se às ordens da Dama Paciência. Ela foi capaz de se valer da rede de pessoas que ele estabelecera por todos os Seis Ducados, tanto para reunir informações como para distribuir recursos para a defesa da linha costeira. Há muitos sinais que sugerem que ele a princípio procurou permanecer como uma figura privada e secreta. A sua aparência única fez com que isso se tornasse difícil, e ele acabou abandonando essa tentativa. Apesar da idade, tornou-se uma espécie de herói, um velho arrojado, se preferirem, entrando e saindo de estalagens e tavernas a qualquer hora, fugindo dos guardas de Majestoso e provocando-os, trazendo notícias e transmitindo fundos para a defesa dos Ducados Costeiros. As suas façanhas fizeram com que fosse admirado. Pedia sempre às pessoas dos Seis Ducados para terem ânimo e lhes predizia que o Rei Veracidade e a Rainha Kettricken regressariam, para erguer de cima das suas costas o jugo dos impostos e da guerra sob o qual sofriam. Embora tivessem sido compostas algumas canções sobre os seus feitos, as mais precisas pertencem ao ciclo de canções "Contas de Breu Tombastrela," atribuído à menestrel da Rainha Kettricken, Esporana Cantodave.



A minha memória rebela-se contra recordar aqueles últimos dias em Jhaampe. Um desânimo tomou conta de mim, um desânimo que permanecia inalterado pela amizade ou pelo conhaque. Não conseguia encontrar energia nem vontade para me mexer.

— Se o destino é alguma grande onda que vai me arrastar e me atirar contra uma parede, independentemente das escolhas que eu faça, então escolho não fazer nada. Que ele faça de mim o que quiser — declarei ao Bobo com pompa certa noite, ainda que de uma forma um pouco ébria. Ele nada respondeu a isto. Continuou simplesmente a fixar os feixes de pelos na pelagem da marionete de lobo. Olhos-de-Noite, acordado, mas silencioso, estava deitado aos pés do Bobo. Quando eu bebia, ele protegia a sua mente de mim e expressava a sua repugnância me ignorando. Panela sentava-se ao canto da lareira, costurando e alternando entre expressões de desapontamento e desaprovação. Breu encontrava-se sentado numa cadeira de encosto reto do outro lado da mesa, à minha frente. Tinha diante de si uma xícara de chá e os seus olhos estavam frios como jade. Desnecessário dizer que eu bebia sozinho, pela terceira noite consecutiva. Estava testando os limites da teoria de Bronco que dizia que embora beber nada resolvesse, podia tornar tolerável o insuportável. Não parecia estar funcionando comigo. Quanto mais bebia, menos tolerável parecia a minha situação. E mais intolerável eu me tornava para os meus amigos.

O dia me trouxera mais do que eu era capaz de suportar. Breu viera finalmente me visitar, para dizer que Kettricken queria me ver na manhã seguinte. Afirmei que iria. Com um pouco de incitamento por parte de Breu, concordei que estaria apresentável — lavado, barbeado, vestido com roupa limpa e sóbrio. Não estava nada dessas coisas naquele momento. Era uma hora ruim para eu tentar competir em espírito ou palavras com Breu, mas o meu discernimento se encontrava em tal estado que tentei fazê-lo. Fiz perguntas belicosas e acusadoras. Ele as respondeu calmamente. Sim, suspeitara que Moli esperava um filho meu, e sim, incentivara Bronco a tornar-se seu protetor. Bronco já providenciava para que ela tivesse dinheiro e abrigo; mostrara-se relutante em dividir a sua morada, mas quando Breu apontou os perigos que ela e a criança correriam se mais alguém deduzisse as circunstâncias do seu nascimento, Bronco concordara. Não, não me dissera. Por quê? Porque Moli coagira Bronco a lhe prometer que não me falaria da sua gravidez. A condição que pusera para protegê-la, como Breu pedira, fora que Breu também respeitasse essa promessa. A princípio Bronco esperara que eu desvendasse sozinho o motivo por que Moli desaparecera. Também confidenciara a Breu que assim que a criança nascesse ele se consideraria livre

da promessa e me contaria, não que ela estava grávida, mas que eu tinha um filho. Mesmo no estado em que me encontrava, consegui ver que aquilo era o mais sorrateiro que Bronco já conseguira ser. Uma parte de mim gostou de ver que a amizade que nutria por mim era profunda ao ponto de levá-lo a distorcer daquela maneira a promessa feita. Mas quando ele fora me revelar o nascimento da minha filha, descobrira sinais da minha morte.

Dirigira-se logo para Cervo, a fim de deixar uma mensagem com um pedreiro de lá, o qual a passou a outro e assim por diante até que Breu viera ao encontro de Bronco, nas docas. Ambos haviam ficado incrédulos.

— Bronco não conseguia acreditar que você tivesse morrido. Eu não conseguia compreender por que motivo você ainda estaria lá. Avisei os meus vigilantes, ao longo de toda a estrada do rio, pois tinha certeza de que você não fugiria para Vilamonte, mas que iria imediatamente para as Montanhas. Tinha completa certeza de que, apesar de tudo o que você havia suportado, o seu coração era fiel. Foi o que eu disse a Bronco naquela noite: que devíamos deixá-lo em paz, para descobrir por si mesmo onde residia a sua lealdade. Apostara com Bronco que, deixado entregue a si mesmo, você seria como uma flecha disparada de um arco, voando diretamente para Veracidade. Creio que foi isso que nos chocou mais. Que você tivesse morrido ali, e não na estrada que levava ao seu rei.

— Bem — declarei, com a satisfação elaborada de um bêbado —, vocês dois estavam errados. Ambos achavam que me conheciam tão bem, ambos pensavam que haviam fabricado uma ferramenta tão boa que não poderia desafiar as suas intenções. Mas eu NÃO morri ali! Nem fui em busca do meu rei. Fui matar Majestoso. Por mim. — Recostei-me na cadeira e cruzei os braços sobre o peito. Depois me endireitei de repente por causa da pressão desconfortável no ferimento em processo de cura. — Por mim! — repeti. — Não pelo meu rei, por Cervo ou por qualquer um dos Seis Ducados. Foi por mim que fui matá-lo. Por mim.

Breu apenas olhou para mim. Porém, vinda do canto da lareira, onde Panela se balançava na cadeira, a sua velha voz ergueu-se numa satisfação complacente.

— As Escrituras Brancas dizem: “Ele estará sedento do sangue da sua própria família, e a sua sede não será saciada. O Catalisador ansiará em vão por filhos e por um lar, pois os seus filhos serão de outros, e os de outros serão seus…”

— Ninguém pode me obrigar a cumprir nenhuma dessas profecias! — jurei num urro. — Quem as fez, aliás?

Panela continuou a se balançar. Foi o Bobo quem me respondeu. Falou com

brandura, sem erguer os olhos do seu trabalho.

— Fui eu. Na minha infância, na época em que sonhava. Antes de conhecê-lo de qualquer lugar, exceto dos meus sonhos.

— Você está condenado a cumpri-las — disse-me Panela com suavidade.

Bati com o copo na mesa.

— Uma ova que cumprirei! — gritei. Ninguém gritou ou respondeu. Num terrível instante de recordação cristalina, ouvi a voz do pai de Moli, gritando do seu canto da lareira. "Maldita seja, garota!" Moli estremecera, mas o ignorara. Sabia que não valia a pena discutir com um bêbado. — Moli — gemi de súbito e botei a cabeça nos braços para chorar.

Passado algum tempo, senti as mãos de Breu nos meus ombros.

— Vamos, garoto, isso não leva a nada. Vá para a cama. Amanhã você tem de enfrentar a sua rainha. — Havia muito mais paciência na voz dele do que eu merecia, e de repente compreendi até que ponto chegava a minha grosseria.

Esfreguei o rosto na manga e consegui erguer a cabeça. Não resisti quando ele me ajudou a ficar de pé e me levou para o catre no canto. Quando me sentei na beira do catre, disse em voz baixa:

— Você sabia. Sempre soube.

— Sabia o quê? — perguntou ele num tom fatigado.

— Sabia tudo isso sobre o Catalisador e o Profeta Branco.

Ele soprou pelo nariz.

— Eu não "sei" nada disso. Sei algumas coisas sobre o que se escreveu a respeito deles. Lembre-se de que as coisas estavam relativamente tranquilas antes do seu pai abdicar. Eu passei muitos e longos anos, depois de me instalar na minha torre, em que o meu rei raramente solicitava meus serviços. Tinha muito tempo para ler, e muitas fontes de pergaminhos. De modo que encontrei algumas das lendas e escritos estrangeiros que se referem a um Catalisador e a um Profeta Branco. — Sua voz tornou-se mais branda, como se ele tivesse se esquecido da ira contida na minha pergunta.

— Foi apenas depois de o Bobo chegar a Torre do Cervo, e de eu ter descoberto discretamente que ele nutria um forte interesse por esses escritos, que o meu interesse foi aguçado. Você mesmo me disse uma vez que ele havia se referido a você como o Catalisador. Então comecei me perguntar… Mas, na verdade, dou pouco crédito a todas as profecias.

Deitei-me com cuidado. Eu quase conseguia dormir de costas de novo. Deitei-me de lado, descalcei as botas com os pés e puxei um cobertor sobre mim.

— Fitz?

— O que é? — perguntei a Breu de má vontade.

— Kettricken está zangada com você. Não espere paciência dela amanhã. Mas se lembre de que ela não é só a nossa rainha. É uma mulher que perdeu um filho e foi mantida em suspense a respeito da morte do marido durante mais de um ano, que foi corrida do seu país adotivo, só para ver os problemas seguirem os seus passos até a sua terra natal. O pai está compreensivelmente amargo. Lança um olhar de guerreiro sobre os Seis Ducados e Majestoso, e não tem tempo para demandas para encontrar o irmão do seu inimigo, mesmo se acreditasse que ele estivesse vivo. Kettricken está só, mais dolorosamente só do que você ou eu podemos imaginar. Encontre tolerância pela mulher. E respeito pela sua rainha. — Fez uma pausa desconfortável. — Vai precisar de ambos amanhã. Não posso ajudá-lo muito com ela.

Acho que ele continuou falando depois daquilo, mas eu tinha deixado de ouvi-lo. O sono me arrastou depressa para baixo das suas ondas.

Havia se passado algum tempo desde que sonhos de Talento me incomodaram. Não sei se a minha fraqueza física havia finalmente banido os sonhos de batalha, ou se teria sido a minha guarda constante contra o círculo de Majestoso que bloqueara a sua entrada na minha mente. Nessa noite, a minha breve folga terminou. A força do sonho de Talento que me arrancou do meu corpo era como se uma grande mão tivesse entrado em mim, tivesse me agarrado pelo coração e arrastado para fora de mim mesmo. De repente me vi em outro lugar.

Era uma cidade, no sentido em que as pessoas viviam lá em grande número. Mas as pessoas eram diferentes de quaisquer outras que eu já vira, tampouco vira tais habitações. As construções se erguiam e espiralavam até alturas estonteantes. A pedra das paredes parecia ter fluido até adotar aquelas formas. Havia pontes de traço delicado e jardins que caíam em cascata e subiam em gavinhas pelos lados das estruturas. Havia fontes que dançavam e outras que formavam silenciosas lagoas. Por toda a parte, pessoas vestidas de cores brilhantes deslocavam-se pela cidade, numerosas como formigas.

E, no entanto, tudo estava silencioso e imóvel. Eu sentia o fluxo de gente, o jogo das fontes, o perfume das flores que se desdobravam nos jardins. Tudo estava lá, mas quando eu virava a cabeça para contemplar, desaparecia. A mente conseguia detectar o traço delicado da ponte, mas o olho via apenas os detritos caídos, entregues à ferrugem e à putrefação. Paredes cobertas de afrescos haviam sido polidas pelo vento até se transformarem em tijolos toscamente estucados. Um virar de cabeça transformava uma fonte saltitante em poeira cheia de ervas daninhas numa bacia rachada. A multidão apressada no mercado falava apenas

com a voz de um vento rápido carregado de areia que ferroava. Desloquei-me através daquele fantasma de cidade, incorpóreo e perscrutador, incapaz de decifrar a razão de estar ali ou o que me atraía. Não estava claro nem escuro, não era verão nem inverno. Estou fora do tempo, pensei, e perguntei a mim mesmo se aquele seria o derradeiro inferno da filosofia do Bobo, ou a derradeira liberdade.

Por fim vi, muito à minha frente, uma pequena silhueta que se arrastava por uma das vastas ruas. A sua cabeça estava inclinada contra o vento e mantinha a barra do manto sobre a boca e o nariz enquanto caminhava, para se proteger do vento carregado de areia. Não fazia parte da multidão fantasmagórica, mas se deslocava através dos detritos, circundando os locais onde alguma agitação na terra afundara ou erguera a rua pavimentada. Soube no instante em que o avistei que aquele era Veracidade. Soube pela sacudida de vida que senti no peito, e soube então que o que me puxara para ali fora a minúscula pedrinha de Talento de Veracidade que se escondera no interior da minha consciência. Também senti que o perigo em que ele estava era extremo. Mas nada vi que o ameaçasse. Ele estava a grande distância de mim, visto através das sombras brumosas de edifícios que outrora existiram, velado pelos fantasmas da multidão de um dia de mercado. Avançava pesadamente e com dificuldade, sozinho e imune à cidade fantasma, e no entanto estava entrelaçado nela. Eu nada vi, mas o perigo erguia-se sobre ele como a sombra de um gigante.

Corri atrás dele e num piscar de olhos estava ao seu lado.

— Ah — cumprimentou-me. — Então finalmente veio, Fitz. Bem-vindo. — Não fez uma pausa na caminhada, nem virou a cabeça. No entanto, senti uma tepidez que foi como se ele tivesse agarrado a minha mão num cumprimento, e não senti necessidade de responder. Em vez disso, vi com os olhos dele a atração e o perigo.

Um rio fluía à nossa frente. Não era água. Não era pedra brilhante. Tinha algo de ambas as coisas, mas não era nenhuma delas. Cortava a cidade como uma lâmina cintilante, deslizando da montanha fendida atrás de nós e continuando até desaparecer num rio de água, mais antigo. Como uma camada de carvão desnudada por uma maré cortante, ou um veio de ouro em quartzo, jazia, exposto, no corpo da terra. Era magia. A mais pura das magias antigas, inexorável e inconsciente dos homens, fluía ali. O rio de Talento em que tão tediosamente aprendera a navegar estava para aquela magia como o aroma do vinho está para o vinho. Aquilo que eu vislumbrava com os olhos de Veracidade tinha uma existência física tão concreta quanto a minha. Fui imediatamente

atraído para lá como uma mariposa é atraída para a chama de uma vela.

Não era apenas a beleza daquela corrente brilhante. A magia enchia cada um dos sentidos de Veracidade. O som do seu fluxo era musical, uma corrente de notas que nos mantinha à espera e à escuta, na certeza de que o som estava edificando alguma coisa. O vento transportava o seu odor, fugidio e mutável, um momento um toque de flores de limoeiro, no seguinte uma espiral fumegante de especiarias. Eu sentia o seu sabor a cada inspiração e ansiava por mergulhar nela. Tive subitamente a certeza de que ela saciaria cada apetite de que eu já sofrera, não apenas os do corpo, mas também os vagos anseios da alma. Desejei com ardor que o meu corpo também estivesse lá, para poder experimentá-la tão completamente como Veracidade.

Veracidade parou, erguendo o rosto. Respirou fundo o ar carregado de Talento como o nevoeiro está carregado de umidade. De repente, senti, no fundo da garganta de Veracidade, o forte sabor quente e metálico. O anseio que ele sentira pelo Talento transformou-se de súbito num desejo que tudo consumia. Estava sedento dele. Quando o alcançasse, cairia de joelhos e beberia até não mais poder. Ficaria cheio com toda a consciência do mundo, faria parte do todo e se transformaria no todo. Por fim, conheceria a completude.

Mas o próprio Veracidade deixaria de existir.

Recuei num horror fascinado. Não creio que haja alguma coisa mais assustadora do que encontrar a verdadeira vontade de autodestruição. Apesar da atração que eu mesmo sentia pelo rio, o encontro desencadeou em mim uma ira. Aquilo não era digno de Veracidade. Nem o homem, nem o príncipe que eu conhecera seriam capazes de ato tão covarde. Olhei-o como se nunca o tivesse visto.

E compreendi quão longo fora o tempo que passara desde que o vira.

O brilhante negrume dos seus olhos tinha se transformado em uma escuridão baça. O manto que o vento fazia esvoaçar à sua volta era um farrapo rasgado. O couro das suas botas rachara havia muito tempo, e os pontos das costuras cediam e se abriam. Os passos que ele dava eram incertos e irregulares. Mesmo se o vento não o esbofeteasse, eu duvidava de que o seu andar seria firme. Os seus lábios estavam pálidos e rachados, e a pele possuía um tom acinzentado, como se o próprio sangue daquele corpo tivesse renunciado a ele. Houve verões em que ele usara o Talento contra os Navios Vermelhos a tal ponto que a carne e o músculo haviam caído do seu corpo, deixando-o transformado num esqueleto descarnado sem qualquer energia física. Agora era um homem apenas de energia, de músculos filamentosos esticados numa estrutura de ossos quase

completamente desprovida de carne. Era a personificação da determinação fatigada. Apenas a vontade o mantinha de pé e em movimento. Na direção da corrente mágica.

Não sei onde encontrei vontade para resistir a ela. Talvez fosse por ter feito uma pausa e focado a minha atenção em Veracidade por um instante e visto tudo o que o mundo perderia se ele deixasse de existir como indivíduo. Qualquer que fosse a fonte da minha força, eu a contrapus à dele. Atirei-me na sua frente, mas ele avançou através de mim. Nada havia ali para mim.

— Veracidade, por favor, pare, espere! — gritei e me atirei a ele, uma pena furiosa ao vento. Não tive qualquer efeito nele. Nem sequer fez uma pausa.

— Alguém tem de fazê-lo — disse em voz baixa. Três passos depois, acrescentou: — Durante algum tempo, esperei que não fosse eu. Porém, perguntei-me repetidas vezes: "Então quem será?" — Virou-se para olhar para mim com aqueles olhos reduzidos a cinzas. — Nunca apareceu nenhuma outra resposta. Tem de ser eu.

— Veracidade, pare — supliquei, mas ele continuou caminhando. Sem se apressar, sem se demorar, mas simplesmente avançando laboriosamente, da maneira que adota um homem que mediu a distância que tem de percorrer e fez com que as suas forças correspondessem a ela. Ele tinha a resistência para chegar lá, se caminhasse.

Recuei um pouco, sentindo as minhas forças diminuindo. Por um momento temi que o perderia ao ser atraído de volta ao meu corpo adormecido. Depois percebi um medo igualmente potente. Ligados durante tanto tempo, e mesmo agora sendo puxado atrás dele, eu podia me encontrar afogado ao seu lado naquele veio de magia. Se eu tivesse um corpo naquele mundo, provavelmente teria me agarrado a alguma coisa e segurado com força. Enquanto suplicava a Veracidade que parasse e me escutasse, ancorei-me da única outra forma que consegui imaginar. Estendi o meu Talento, agarrando-me às outras pessoas cujas vidas tocavam na minha: Moli, a minha filha, Breu e o Bobo, Bronco e Kettricken. Não tinha verdadeiras ligações de Talento com nenhum deles, de modo que me agarrei de uma forma tênue, na melhor das hipóteses, diminuída pelo medo frenético de que a qualquer momento Vontade, Cedoura ou mesmo Emaranhado pudessem de algum modo tomar consciência de mim. Pareceu-me que isso fez Veracidade diminuir o passo.

— Por favor, espere — voltei a dizer.

— Não — disse ele calmamente. — Não procure me dissuadir, Fitz. É o que eu tenho de fazer.

Nunca pensara em medir a força do meu Talento contra a do de Veracidade. Nunca imaginara que poderíamos nos opor um ao outro. Porém, quando tratei de me bater contra ele, senti-me muito como uma criança esperneando e gritando enquanto o pai a levava calmamente para a cama. Veracidade não apenas ignorou o meu ataque, senti que a sua vontade e concentração estavam em outro lugar. Continuou a avançar implacavelmente para o fluxo negro, e a minha consciência foi levada com ele. A autopreservação deu uma nova força frenética aos meus esforços. Procurei empurrá-lo para longe, arrastá-lo para trás, mas nada consegui com isso.

No entanto, havia uma terrível dualidade na minha luta. Ansiava que ele ganhasse. Se ele se sobrepusesse a mim e me arrastasse consigo, então eu não teria de assumir qualquer responsabilidade. Podia me abrir àquele fluxo de poder e me extinguir nele. Seria um fim para todos os tormentos, enfim o término. Estava tão cansado de dúvidas e culpas, tão farto de deveres e dívidas. Se Veracidade me levasse consigo para dentro daquele fluxo de Talento, eu podia finalmente capitular sem vergonha.

Chegou um momento em que paramos na borda do iridescente fluxo de poder. Eu o fitei com os olhos de Veracidade. Não havia uma margem gradual. Pelo contrário, existia uma borda como o gume de uma faca, onde a terra sólida dava lugar a uma corrente de alteridade. Fitei-a, vendo-a como uma coisa estranha ao nosso mundo, uma distorção da sua própria natureza. Veracidade apoiou-se pesadamente em um joelho. Fitou aquela luminescência negra. Não sei se ele hesitava em dizer adeus ao nosso mundo, ou se fazia uma pausa para reunir força de vontade para se destruir. A minha vontade de resistir estava suspensa. Aquilo era uma porta para uma diferença que eu não conseguia sequer imaginar. A fome e a curiosidade nos puxaram para mais perto da borda.

No momento seguinte, ele mergulhou as mãos e antebraços na magia.

Partilhei com ele daquele súbito conhecimento. E por isso gritei com ele quando a corrente quente comeu a carne e o músculo dos seus braços. Juro que senti a sua lambida ácida nos ossos nus dos dedos, do pulso e do antebraço de Veracidade. Conheci a sua dor. Mas a dor foi expulsa das suas feições pelo sorriso extasiado que tomou conta de seu rosto. A ligação que eu tinha com ele tornou-se de súbito algo tosco que impedia que eu sentisse por inteiro o que ele sentia. Ansiei por estar ao seu lado, por entregar a minha própria carne àquele rio mágico. Partilhei da sua convicção de que podia pôr fim a toda a dor se cedesse e mergulhasse o resto de si na corrente. Tão fácil. Tudo o que tinha de fazer era debruçar-se um pouco para frente e deixar-se ir. Inclinou-se sobre a corrente,

apoiado nos joelhos, com o suor pingando do seu rosto para ir desaparecer em minúsculas baforadas de vapor quando caía naquele fluxo. Tinha a cabeça baixa, e os ombros moviam-se para cima e para baixo com a força dos seus arquejos. Então me pediu de repente, numa voz muito baixa:

— Puxe-me para trás.

Não tive força suficiente para me opor à sua determinação. Mas quando juntei a minha vontade à sua e juntos combatemos a terrível atração do poder, foi suficiente. Ele conseguiu libertar os antebraços e as mãos daquela coisa, embora parecesse que os estava arrancando de pedra sólida. Aquilo abriu mão dele com relutância, e enquanto ele recuava cambaleando, eu senti completamente por um momento aquilo que ele partilhara. Havia a unicidade do mundo fluindo por ali, como uma única nota doce ressoando em pureza para todo o sempre. Não era a canção da humanidade, mas uma canção mais antiga e maior, de vastos equilíbrios e pura essência. Se Veracidade tivesse se rendido, ela teria posto fim a todos os seus tormentos.

No entanto, ele levantou-se com dificuldade e lhe deu as costas. Levou os antebraços estendidos à sua frente, com as palmas das mãos viradas para cima, os dedos dobrados em taças como se pedisse alguma coisa. Em forma, não haviam mudado. Mas agora braços e dedos cintilavam, prateados, com o poder que penetrara e se fundira com a sua carne. Quando começou a afastar-se da corrente com o mesmo propósito premeditado com que a abordara, senti como os seus braços e mãos ardiam, como se estivessem queimados pelo frio.

— Não compreendo — disse-lhe.

— Não quero que compreenda. Ainda não. — Senti nele uma dualidade. O Talento ardia em si como um fogo de forja de um calor incrível, mas a força que tinha no corpo era apenas suficiente para mantê-lo caminhando. Agora não lhe exigia qualquer esforço proteger a minha mente da atração daquele rio. Contudo, mover o corpo ao longo do caminho colocava à prova tanto a sua carne como a sua força de vontade. — Fitz. Venha até mim. Por favor. — Daquela vez não era nenhuma ordem de Talento, nem sequer a ordem de um príncipe, só a súplica que um homem fazia a outro. — Não tenho círculo, Fitz. Só tenho você. Se o círculo que Galeno criou para mim tivesse se mostrado leal, eu teria mais fé em que aquilo que tenho de fazer é possível. Mas eles não só são desleais a mim, como procuram me derrotar. Bicam-me como pássaros em um cervo moribundo. Não creio que os seus ataques possam me destruir, mas temo que consigam me enfraquecer o suficiente para que eu não tenha sucesso. Ou, pior ainda, que consigam me distrair e serem bem-sucedidos no meu lugar. Não podemos

permitir que isso aconteça, rapaz. Você e eu somos tudo o que se interpõe entre eles e o seu triunfo. Você e eu. Os Visionário.

Eu não estava lá em qualquer sentido físico. Mas ele sorriu para mim e ergueu uma terrível mão cintilante para envolver o meu rosto com ela. Teria a intenção de fazer o que fez? Não sei. A sacudida foi tão poderosa como se um guerreiro tivesse atirado o escudo contra o meu rosto. Mas não era dor. Era conhecimento. Como a luz do sol atravessando as nuvens para iluminar uma clareira na floresta. Tudo se destacou com clareza de súbito, e eu vi todos os motivos e propósitos escondidos para o que fazíamos, e compreendi com uma dolorosa pureza de esclarecimento por que era necessário que eu seguisse o caminho diante de mim.

Então tudo desapareceu, e eu me encolhi para o interior do negrume. Veracidade desaparecera e levara consigo a minha compreensão. Mas, por um breve instante, eu vislumbrara a plenitude. Agora só eu restava, mas o meu ser era tão minúsculo que só podia existir se me segurasse com todo o meu poder. Portanto, foi o que fiz.

De um mundo de distância, ouvi Esporana gritar de medo.

— O que há com ele?

E Breu respondeu, brusco:

— É só um ataque, como os que tem de vez em quando. A cabeça, Bobo, segure a cabeça dele, senão ele vai transformar o cérebro em purê. — À distância, senti mãos me agarrando e restringindo meus movimentos. Entreguei-me aos seus cuidados e me afundei na escuridão. Voltei a mim, por um momento, algum tempo depois. Pouco me lembro disso. O Bobo ergueu os meus ombros e equilibrou a minha cabeça para que eu pudesse beber de um copo que um Breu preocupado me levava aos lábios. A amargura familiar do casco-de-elfo fez com que eu franzisse a boca. Obtive um vislumbre de Panela de pé por cima de mim, com os lábios dispostos numa apertada linha de desaprovação. Esporana estava mais afastada, com os olhos enormes como os de um animal encurralado, sem se dignar a me tocar. — Isto deve trazê-lo de volta — ouvi Breu dizer enquanto me afundava num sono mais profundo.

Na manhã seguinte, acordei cedo apesar da cabeça latejante e fui para os banhos. Esgueirei-me para o exterior tão silenciosamente que o Bobo não acordou, mas Olhos-de-Noite levantou-se e escapuliu comigo.

Para onde foi ontem à noite?, perguntou, mas eu não tinha resposta para lhe dar. Ele percebeu minha relutância em pensar nisso. *Agora vou caçar,* informou-me, seco. *Aconselho você a só beber água depois disso.* Eu assenti humildemente e ele me deixou à porta da casa de banhos.

Lá dentro encontrei o fedor mineral da água quente que saía borbulhando do interior da terra. O povo da Montanha a armazenava em grandes tanques e a canalizava até outras banheiras para que as pessoas pudessem escolher o calor e a profundidade que desejassem. Esfreguei-me em uma banheira, então submergi na água mais quente que consegui aguentar e tentei não me lembrar da queimadura de Talento nos antebraços de Veracidade. Emergi vermelho como um caranguejo fervido. Na extremidade fria da cabana de banhos havia vários espelhos pendurados da parede. Tentei não ver o meu próprio rosto enquanto me barbeava. Lembrava-me com muita nitidez o de Veracidade. Um pouco da magreza havia partido na última semana, mas a madeixa branca sobre a testa estava de volta e via-se ainda com mais clareza quando prendi o cabelo num rabo de cavalo de guerreiro. Não teria me surpreendido ver o sinal da mão de Veracidade no meu rosto, ou encontrar a cicatriz erradicada e o nariz endireitado, tamanho fora o poder daquele toque. Mas a cicatriz que Majestoso criara no meu rosto destacava-se, pálida, contra a pele avermelhada pelo vapor. Nada melhorara o nariz quebrado. Não havia absolutamente nenhum sinal exterior do meu encontro da noite anterior. Minha mente regressou diversas vezes àquele momento, àquele toque do mais puro poder. Esforcei-me para recordá-lo e quase consegui. Porém, a absoluta experiência que nele havia, como a dor ou o prazer, não podia ser recordada por completo, mas apenas como uma memória pálida. Sabia que experimentara algo de extraordinário. Os prazeres do uso do Talento, contra os quais todos os utilizadores são advertidos, eram como uma minúscula brasa em comparação com a grande fogueira do saber, do sentir e do ser que partilhara brevemente na noite anterior.

Aquilo me mudara. A ira que eu andara nutrindo contra Kettricken e Breu foi esvicerada. Ainda conseguia encontrar a emoção, mas não era capaz de recuperá-la com força. Por um breve momento, vira não só a minha filha, mas a situação inteira de todos os pontos de vista possíveis. Não havia malícia naquela intenção, nem sequer egoísmo. Eles acreditavam na moralidade daquilo que faziam. Eu não. Mas eu já não podia negar por inteiro o sentido do que procuravam. Isso me deixou me sentindo sem alma. Eles queriam tirar a filha de Moli e de mim. Eu era capaz de odiar o que faziam, mas não conseguia focar neles essa ira.

Sacudi a cabeça, trazendo-me de volta ao presente. Olhei para mim no espelho, perguntando-me como Kettricken me veria. Veria ainda o jovem que seguira os passos de Veracidade e tão frequentemente a servira na corte? Ou olharia para o meu rosto marcado e pensaria que não me conhecia, que o Fitz

que conhecera desaparecera? Bem, àquela altura ela já sabia como eu ganhara as cicatrizes. A minha rainha não devia ficar surpresa. Eu iria deixá-la julgar quem estava por trás daquelas marcas.

Controlei os nervos, e então virei as costas ao espelho. Olhei por cima do ombro. O centro do ferimento que tinha nas costas lembrava-me uma estrela-do-mar vermelha e afundada na minha carne. Em volta dela, a pele estava apertada e brilhante. Flexionei os ombros e vi a pele repuxar a cicatriz. Estendi o braço da espada e senti um minúsculo puxão de resistência que havia ali. Bem, não adiantava me preocupar com isso. Vesti a camisa.

Regressei à cabana do Bobo para vestir roupas limpas e descobri, para minha surpresa, que ele estava vestido e pronto para me acompanhar. Havia roupas estendidas no meu catre: uma camisa branca de mangas largas, de uma lã quente e suave, e umas calças escuras de um tecido mais pesado de lã. Havia um casaco curto e escuro que combinava com as calças. O Bobo me disse que as roupas foram deixadas por Breu. Era tudo muito simples e despretensioso.

— Isso lhe cai bem — observou o Bobo. Ele estava vestido de uma forma muito semelhante à que usava todos os dias, com um manto de lã, mas este era azul-escuro com bordados nas mangas e na bainha. Assemelhava-se mais ao que eu vira a gente da Montanha usar. Acentuava muito mais a sua palidez do que a branca, e tornava mais evidente aos meus olhos o tom ligeiramente amarelado que a sua pele, olhos e cabelo estavam começando a mostrar. O seu cabelo era tão fino como sempre fora. Deixado a si mesmo, ainda parecia flutuar livremente em volta do seu rosto, mas hoje ele o amarrara atrás da cabeça.

— Não sabia que Kettricken havia convocado você — observei, ao que ele respondeu sombriamente: — Mais uma razão para que me apresente. Breu veio ver como você estava hoje de manhã e ficou preocupado por não encontrá-lo aqui. Acho que ele tem um certo receio de que você tenha fugido de novo com o lobo. Mas caso não o tivesse feito, deixou uma mensagem para você. Com exceção daqueles que estiveram nesta cabana, não foi dito a ninguém em Jhaampe o seu nome verdadeiro. Por mais que lhe surpreenda que a menestrel teve discrição suficiente para isso. Nem mesmo a curandeira sabe quem curou. Lembre-se, você é Tom, o pastor, até que a Rainha Kettricken sinta que possa lhe falar com mais clareza. Compreende?

Suspirei. Compreendia bem demais.

— Nunca soube que Jhaampe era palco de intrigas.

Ele deu uma gargalhada.

— Você só fez uma breve visita à cidade antes disto. Acredite, Jhaampe gera

intrigas tão rebuscadas quanto as de Torre do Cervo. Como estrangeiros aqui, seremos sensatos se evitarmos o máximo que pudermos sermos enredados nelas.

— Exceto naquelas que trazemos conosco — disse-lhe, e ele sorriu amargamente enquanto assentia.

O dia estava luminoso e fresco. O céu que espreitava por cima das nossas cabeças, através dos galhos escuros das sempre-vivas, era de um azul infinito. Uma pequena brisa soprava ao nosso lado, sacudindo cristais secos de neve ao longo dos topos congelados dos montes de neve. A neve seca guinchava sob as nossas botas e o frio beijava rudemente as minhas bochechas recém-barbeadas. Ouvi os gritos de crianças brincando, vindos de mais adiante, na cidade. Olhos-de-Noite empinou as orelhas ao ouvi-los, mas continuou a nos seguir. As vozes fracas à distância me lembravam os gritos de aves marinhas, e de repente senti uma saudade intensa das costas de Cervo.

— Ontem à noite você teve um ataque — disse o Bobo em voz baixa. Não era bem uma pergunta.

— Eu sei — eu disse com brevidade.

— Panela pareceu muito aflita com ele. Interrogou Breu com grande intensidade sobre as ervas que ele preparou para você. E quando elas não o despertaram como ele dissera que despertariam, ela foi-se enfiar no seu canto. Ficou sentada lá a maior parte da noite, costurando com ruído e o olhando com desaprovação. Foi um alívio para mim quando finalmente todos foram embora.

Tive curiosidade de saber se Esporana teria ficado, mas não perguntei. Nem sequer queria saber por que motivo isso me importava.

— Quem é Panela? — perguntou o Bobo de repente.

— Quem é Panela? — perguntei, surpreso.

— Creio que acabei de dizer isso.

— Panela é… — De repente me pareceu estranho que eu soubesse tão pouco sobre alguém com quem viajara durante tanto tempo. — Acho que ela cresceu em Cervo. E depois viajou, e estudou pergaminhos e profecias, e regressou em busca do Profeta Branco. — Encolhi os ombros diante da escassez do meu conhecimento.

— Diga-me. Você a acha… portentosa?

— O quê?

— Não sente que há alguma coisa nela, alguma coisa que… — Sacudiu a cabeça, zangado. Era a primeira vez que eu via o Bobo em busca de palavras. — Às vezes, sinto que ela é significativa. Que está entrelaçada conosco. Outras vezes, parece não passar de uma velha abelhuda com uma infeliz falta de gosto

na escolha de companhias.

— Refere-se a mim — ri.

— Não. Refiro-me àquela menestrel intrometida.

— Por que você e Esporana antipatizam tanto um com o outro? — perguntei num tom cansado.

— Não é antipatia, meu caro Fitzy. De minha parte, é desinteresse. Infelizmente, ela não consegue conceber um homem que a olha sem interesse de se deitar com ela. Toma a minha simples rejeição como um insulto, e procura transformá-la em alguma carência ou falha em mim. Entretanto, eu me ofendo com a atitude proprietária que ela tem com relação a você. Ela não tem nenhum afeto real por você, você sabe, apenas por poder dizer que conhece FitzCavalaria.

Fiquei em silêncio, temendo que o que ele dissera fosse verdade. E assim chegamos ao palácio de Jhaampe. Era tão diferente de Torre do Cervo quanto eu podia imaginar. Ouvi dizer que as habitações de Jhaampe devem as suas origens às tendas em forma de cúpula que algumas das tribos nômades ainda usam. As habitações menores ainda eram suficientemente semelhantes a tendas para que não me surpreendessem como o palácio continuava a surpreender. A árvore-viva que era o seu mastro central erguia-se imensa acima de nós. Outras árvores secundárias tinham sido pacientemente contorcidas ao longo de anos para fornecer suporte às paredes. Quando aquela estrutura viva fora estabelecida, entrançados de pano de casca de árvore haviam sido pacientemente dispostos com graciosidade sobre ela para formar a base das paredes suavemente curvas. Estucadas com uma espécie de argila, e depois pintadas de cores brilhantes, as casas sempre me lembrariam de botões de tulipa ou chapéus de cogumelos. Apesar do seu grande tamanho, o palácio parecia orgânico, como se tivesse brotado do rico solo da floresta antiga que o abrigava.

O tamanho transformava-o em um palácio. Não havia mais sinais exteriores, não havia bandeiras, não havia guardas reais flanqueando as portas. Ninguém procurou barrar a nossa entrada. O Bobo abriu as portas esculpidas e com armação de madeira de uma entrada lateral, e entramos. Segui-o enquanto ele avançava por um labirinto de aposentos independentes. Outras salas situavam-se em plataformas acima de nós, às quais se chegava por meio de escadas ou, para as mais grandiosas, escadarias de madeira. As paredes dos aposentos eram pouco consistentes, com algumas salas temporárias que não passavam de entrançados de pano de casca de árvore estendidos sobre armações. O interior do palácio era apenas ligeiramente mais quente do que a floresta que se estendia no exterior. Os

aposentos individuais eram aquecidos no inverno por braseiros independentes.

Segui o Bobo até um aposento, cujas paredes exteriores estavam decoradas com delicadas ilustrações de aves aquáticas. Aquela era uma sala mais permanente, com portas deslizantes de madeira também esculpidas com pássaros. Consegui ouvir as notas da harpa de Esporana vindas lá de dentro e o murmúrio de vozes baixas. O Bobo bateu na porta, esperou um momento e depois a abriu para nos deixar entrar. Kettricken encontrava-se lá dentro com a amiga do Bobo, Joffron, e várias outras pessoas que eu não reconheci. Esporana encontrava-se sentada num banco a um lado, tocando suavemente enquanto Kettricken e os outros bordavam uma colcha numa moldura que quase enchia a sala. Um brilhante jardim de flores estava sendo criado em cima da colcha. Breu estava sentado não muito longe de Esporana. Vestia uma camisa branca e calças escuras com um longo colete de lã, elegantemente bordado, por cima da camisa. Tinha o cabelo puxado para trás num rabo de cavalo grisalho de guerreiro, e ostentava o símbolo do cervo na faixa de couro que cingia a testa. Parecia décadas mais novo do que parecera em Torre do Cervo. Eles conversavam em vozes mais baixas do que a música.

Kettricken ergueu os olhos, de agulha na mão, e nos saudou calmamente. Apresentou-me aos outros como Tom e perguntou educadamente se eu estava me recuperando bem do meu ferimento. Disse-lhe que sim, e ela pediu que eu me sentasse e descansasse por um momento. O Bobo deu a volta na colcha, elogiou Joffron pela qualidade dos seus pontos e, quando ela o convidou, ocupou um lugar ao seu lado. Pegou uma agulha e linha, enfiou a linha pelo buraco da agulha e começou a acrescentar borboletas de sua invenção em um canto da colcha, enquanto ele e Joffron conversavam em voz baixa sobre jardins que havia conhecido. Parecia muito à vontade. Eu me senti perdido, ali sentado sem ter nada para fazer numa sala cheia de gente calmamente ocupada. Esperei que Kettricken falasse comigo, mas ela prosseguiu com o seu trabalho. Os olhos de Esporana encontraram-se com os meus e ela sorriu, mas rigidamente. Breu evitou o meu olhar, olhando para além de mim como se não nos conhecêssemos.

Havia conversas na sala, mas eram baixas e intermitentes, normalmente pedidos para que uma meada de linha fosse passada a alguém, ou comentários sobre o trabalho uns dos outros. Esporana tocava as velhas e familiares baladas de Cervo, mas sem letra. Ninguém falou comigo ou prestou a mínima atenção em mim. Esperei.

Passado algum tempo, comecei a me perguntar se aquilo seria uma forma sutil de punição. Tentei permanecer relaxado, mas a tensão aumentava repetidamente

em mim. Com intervalos de alguns minutos, ocorria-me descerrar os maxilares e descontrair os ombros. Precisei de algum tempo para ver uma ansiedade semelhante em Kettricken. Eu passara muitas horas servindo a minha senhora em Torre do Cervo quando ela chegara à corte. Vira-a letárgica na costura, ou cheia de vida no jardim, mas agora costurava furiosamente, como se o destino dos Seis Ducados dependesse de ela completar aquela colcha. Estava mais magra do que eu me lembrava, com os ossos e planos do rosto mais claramente visíveis. O cabelo, um ano depois de tê-lo cortado em luto por Veracidade, ainda estava curto demais para ser bem preso. As suas pálidas madeixas caíam constantemente para frente. Havia rugas no seu rosto, em volta dos olhos e da boca, e era frequente morder os lábios, algo que eu nunca a vira fazer antes.

A manhã pareceu arrastar-se, mas por fim um dos jovens endireitou-se, então se espreguiçou e declarou que os seus olhos estavam ficando cansados demais para trabalhar mais hoje. Perguntou à mulher sentada ao seu lado se gostaria de ir caçar com ele naquele dia, e ela prontamente concordou. Como se aquilo fosse algum tipo de sinal, os outros começaram a se levantar e espreguiçar e a despedirem-se de Kettricken. Fiquei espantado pela familiaridade que mostravam com ela, até me lembrar de que ali ela não era vista como rainha, mas como eventual Sacrifício pelas Montanhas. O seu papel entre a sua gente nunca seria visto como o de uma governante, mas como guia e coordenadora. O pai, o Rei Eyod, era conhecido entre o seu povo como o Sacrifício, e esperava-se dele que estivesse sempre altruisticamente disponível para ajudar a sua gente de qualquer modo que ela pudesse requerer. Era uma posição ao mesmo tempo menos régia e mais amada do que a da realeza de Cervo. Perguntei-me indolentemente se não poderia ter sido melhor para Veracidade se tivesse vindo até ali e sido o consorte de Kettricken.

— FitzCavalaria.

Ergui o olhar diante da ordem de Kettricken. Só ela, Esporana, Breu e o Bobo permaneciam na sala. Quase olhei para Breu em busca de orientação. Mas os seus olhos haviam me excluído antes. Senti que estava por conta própria ali. O tom de voz de Kettricken transformava aquilo numa entrevista formal. Empertiguei-me, e então consegui fazer uma mesura bastante rígida.

— Minha rainha, a senhora me convocou.

— Explique-se.

O vento que soprava lá fora era mais quente do que a voz dela. Olhei de relance para os seus olhos. Gelo azul. Abaixei o olhar e respirei fundo.

— Devo apresentar um relatório, minha rainha?

— Se isso explicar os seus fracassos, sim. — Aquilo me sobressaltou. Os meus olhos voaram para os dela, mas embora os nossos olhares tivessem se cruzado, não houve um encontro. Toda a menina em Kettricken fora queimada, da mesma forma que as impurezas são expulsas do minério de ferro em uma fundição, através do fogo e de marteladas. Com ela parecia terem desaparecido também quaisquer sentimentos que ela tivesse nutrido pelo sobrinho bastardo do marido. Sentava-se na minha frente como governante, não como amiga. Eu não esperara sentir tão agudamente essa perda.

Apesar do meu discernimento, permiti que o gelo penetrasse na minha voz.

— Irei me submeter à opinião da minha rainha quanto a isso — afirmei.

Ela não teve misericórdia. Obrigou-me a começar, não com a minha morte, mas dias antes, quando começáramos a planejar tirar secretamente o Rei Sagaz de Torre do Cervo e do alcance de Majestoso. De pé, na sua frente, tive de admitir que os Duques Costeiros haviam me abordado com a proposta de me reconhecerem como Príncipe Herdeiro no lugar de Majestoso. Pior, tive de lhe dizer que, embora tivesse recusado essa proposta, prometera me aliar a eles, assumindo o comando do Castelo de Torre do Cervo e a proteção da costa de Cervo. Breu me avisara uma vez que aquilo se aproximava tanto de traição que não fazia diferença. Mas eu estava mortalmente cansado de todos os meus segredos, e desvendei-os implacavelmente. Desejei mais de uma vez que Esporana não estivesse na sala, pois eu temia ouvir as minhas próprias palavras transformadas numa canção denunciadora. Contudo, se a minha rainha a considerava digna de confiança, não me cabia questioná-lo.

De modo que lá continuei, ao longo do fatigado rastro dos dias. Pela primeira vez, ela me ouviu contar o modo como o Rei Sagaz morrera nos meus braços, e como eu localizara e matara Serena e Justino no Grande Salão, diante de todos. Quando cheguei aos dias passados na masmorra de Majestoso, ela não teve piedade de mim.

— Ele mandou me espancar e me deixar passando fome, e eu teria perecido lá se não tivesse simulado minha morte — disse. Não foi o suficiente para ela.

Ninguém, nem mesmo Bronco, conhecera um relato completo desses dias. Preparei-me e me lancei a ele. Passado algum tempo, a minha voz começou a tremer. Vacilei na narração. Então olhei para além dela, para a parede, respirei fundo e prossegui. Olhei-a de relance uma vez e a vi branca como gelo. Parei de pensar nos acontecimentos que estavam por trás das minhas palavras. Ouvi a minha própria voz relatando desapaixonadamente tudo o que acontecera. Ouvi Kettricken prender a respiração quando falei sobre contactar Veracidade pelo

Talento a partir da minha cela. Fora isso, na sala não havia som algum. Os meus olhos voltaram-se uma vez para Breu. Encontrei-o sentado, mortalmente imóvel, com maxilar cerrado como se estivesse suportando algum tormento próprio.

Forjei o meu caminho através da história, narrando sem julgamentos a minha própria ressurreição por Bronco e Breu, a magia da Manha que a tornara possível e os dias que haviam se seguido. Falei da nossa separação irritada, contei em detalhes as minhas viagens, os momentos em que conseguira sentir Veracidade e as breves uniões de que partilháramos, o meu atentado contra a vida de Majestoso e até o modo como Veracidade implantara involuntariamente na minha alma a sua ordem de ir até ele. E prossegui, prossegui, com minha voz ficando mais rouca à medida que a garganta e a boca secavam com o relato. Não fiz pausas, nem descansei até ter terminado de lhe contar a cambaleante viagem final até Jhaampe. E quando a história completa dos meus dias lhe foi finalmente contada, continuei de pé, esvaziado e cansado. Há quem diga que existe alívio na partilha de preocupações e dores. Para mim, não houve catarse, apenas um desenterrar de cadáveres apodrecidos de memórias, um desnudar de ferimentos ainda em supuração. Após um período de silêncio, encontrei a crueldade para perguntar:

— O meu relato desculpa os meus fracassos, minha rainha?

Porém, se pensara dilacerá-la, também nisso fracassei.

— Não mencionou a sua filha, FitzCavalaria.

Era verdade. Não mencionara Moli e a criança. O medo me atravessou como uma lâmina fria.

— Não pensara nela como relevante ao relatório.

— É evidente que ela é — disse a Rainha Kettricken, implacável. Forcei-me a olhá-la. Ela estava com as mãos apertadas na sua frente. Tremeram, ela sentiu algum remorso por aquilo que disse em seguida? Não sei dizer. — Dada a sua linhagem, ela é muito mais do que “relevante” a esta discussão. Idealmente, ela devia estar aqui, onde poderíamos garantir um certo grau de segurança à herdeira Visionário.

Impus calma à minha voz.

— Minha rainha, a senhora está enganada chamá-la assim. Nem eu, nem ela, temos alguma pretensão legítima ao trono. Ambos somos ilegítimos.

Kettricken estava sacudindo a cabeça.

— Não consideramos o que existe ou deixa de existir entre você e a mãe dela. Consideramos apenas a sua linhagem de sangue. Independentemente do que você possa pretender para ela, a sua linhagem irá reclamá-la. Eu não tenho

filhos. — Até ouvi-la dizer aquilo em voz alta, eu não tinha percebido a profundidade da sua dor. Alguns momentos antes, julgara-a desprovida de coração. Agora perguntava a mim mesmo se ainda estaria completamente sã. Tal era a dor e o desespero que aquela frase transmitia. Ela forçou-se a prosseguir. — Precisa haver um herdeiro para o trono Visionário. Breu me avisou de que eu, sozinha, não poderei juntar o povo para que se protejam. Ainda sou estrangeira demais aos seus olhos. Mas independentemente de como me vejam, continuo sendo sua rainha. Tenho um dever a cumprir. Preciso encontrar uma maneira de unir os Seis Ducados e repelir os invasores das nossas costas. Para fazê-lo, eles precisam ter um líder. Eu pensara em oferecer você, mas Breu disse que eles também não o aceitarão. Aquela questão da sua suposta morte e uso da magia dos animais é um obstáculo grande demais. Assim sendo, resta apenas a sua filha na linhagem Visionário. Majestoso mostrou-se desleal com o seu próprio sangue. Isso quer dizer que ela tem de ser Sacrifício pelo nosso povo. Por ela, ele se juntarão.

Atrevi-me a falar.

— Ela não passa de uma bebê, minha rainha. Como poderá…

— Ela é um símbolo. Tudo o que as pessoas exigirão dela, por ora, é que exista. Mais tarde, será verdadeiramente sua rainha.

Senti-me como se ela tivesse me roubado o ar. Continuou falando.

— Vou enviar Breu para que a traga para cá, onde pode ser mantida a salvo e educada como deve ser enquanto cresce. — Suspirou. — Gostaria que a mãe estivesse com ela. Infelizmente, temos de arranjar uma maneira de apresentar a criança como minha. Como odeio estes logros. Mas Breu me convenceu da sua necessidade. Espero que também consiga convencer a mãe da sua filha. — Mais para si mesma, acrescentou: — Teremos de dizer que afirmamos que o meu filho nasceu morto para fazer Majestoso crer que não havia um herdeiro que o ameaçasse. Meu pobre filhinho. O seu povo nunca chegará a saber que ele nasceu. E isso, suponho, é como ele é Sacrifício por eles.

Dei por mim olhando Kettricken com atenção, e achando que restava muito pouco da rainha que conhecera em Torre do Cervo. Detestava o que ela estava dizendo; aquilo me indignava. Mas a minha voz soou suave quando perguntei:

— Qual é a necessidade de tudo isso, minha rainha? O Rei Veracidade está vivo. Eu irei encontrá-lo e farei todo o possível para que ele volte para a senhora. Juntos, governarão em Torre do Cervo, e os seus filhos governarão depois de vocês.

— Voltará? Governaremos? Governarão? — Ela quase sacudiu a cabeça numa

negação. — Pode ser que sim, FitzCavalaria. Mas durante tempo demais depositei a minha fé na crença de que as coisas acabariam como deviam acabar. Não voltarei a ficar presa dessas expectativas. Há coisas de que temos de nos assegurar antes de correrm os mais riscos. Tem de ser garantido um herdeiro para o trono Visionário. — Enfrentou calmamente o meu olhar. — Eu redigi a declaração e entreguei uma cópia a Breu, devendo a outra ser mantida aqui em segurança. A sua filha é herdeira do trono, FitzCavalaria.

Há tanto tempo que eu mantinha a alma intacta com uma minúscula esperança. Durante tantos meses me seduzira com a ideia de que, quando tudo estivesse terminado, poderia de algum modo regressar para junto de Moli e reconquistar o seu amor, de que poderia reclamar a minha filha como minha. Outros homens podiam sonhar com honrarias, riquezas ou feitos de valor cantados por menestréis. Eu queria chegar a uma pequena choupana ao cair do dia, sentar-me em uma cadeira junto à lareira, com as costas doendo por causa do trabalho, as mãos ásperas pela labuta, e segurar uma menininha no colo enquanto uma mulher que me amava me contava o seu dia. De todas as coisas de que tivera de desistir em simples virtude do sangue que possuía, aquela era a mais importante. Agora teria de abrir mão dela? Teria de ser para sempre para Moli o homem que lhe mentira, que a abandonara grávida e nunca regressara, e depois também fizera com que essa criança lhe fosse roubada?

Não quisera falar em voz alta. Não percebi que o fizera até que a rainha respondeu.

— É isso o que significa ser Sacrifício, Fitz-Cavalaria. Nada pode ficar guardado para nós. Nada.

— Então não a reconhecerei. — As palavras queimaram a minha língua por proferi-las. — Não a reclamarei como minha.

— Não precisa fazê-lo, pois eu irei reclamá-la como minha. Sem dúvida ela terá as feições Visionário. O seu sangue é forte. Para os nossos propósitos, basta que eu saiba que a criança é sua. Você já admitiu a Esporana, a menestrel. Disse a ela que gerou uma filha com Moli, uma fabricante de velas da Cidade de Torre do Cervo. Por todos os Seis Ducados, o testemunho de um menestrel é reconhecido por lei. Ela já colocou a sua mão no documento, com o juramento de que sabe que a criança é uma verdadeira Visionário. FitzCavalaria — prosseguiu, e a sua voz soou quase gentil, embora os meus ouvidos ressoassem por ouvir as suas palavras e eu quase cambaleei. — Ninguém pode escapar ao destino. Nem você, nem a sua filha. Afaste-se e verá que foi para isto que ela veio a existir. Quando todas as circunstâncias conspiraram para negar um

herdeiro à linhagem Visionário, de algum modo um foi criado mesmo assim. Por você. Aceite, e aguente.

Foram as palavras erradas. Ela podia ter sido educada nelas, mas a mim fora dito que "A luta só acaba quando a ganhar". Ergui os olhos e olhei para todos. Não sei o que eles viram no meu rosto, mas os seus se imobilizaram.

— Eu posso encontrar Veracidade — eu disse em voz baixa. — E o farei.

Eles permaneceram em silêncio.

— Você quer o seu rei — eu disse a Kettricken. Esperei até ver assentimento no rosto dela. — Eu quero a minha filha — eu disse em voz baixa.

— O que está dizendo? — perguntou friamente Kettricken.

— Estou dizendo que quero as mesmas coisas que você. Quero estar com aquela que amo, para criar com ela a nossa filha. — Enfrentei o seu olhar. — Diga que posso ter isso. É tudo o que sempre quis.

Ela me olhou diretamente nos olhos.

— Não posso lhe fazer essa promessa, FitzCavalaria. Ela é importante demais para que um simples amor a reclame.

Aquelas palavras me pareceram ao mesmo tempo absolutamente absurdas e completamente verdadeiras. Abaixei a cabeça em algo que não era assentimento. Perfurei com o olhar um buraco no chão, tentando descobrir outras alternativas, outros caminhos.

— Eu sei o que você dirá a seguir — disse Kettricken com amargura. — Que se eu reclamar a sua filha para o trono, não me ajudará a encontrar Veracidade. Refleti longa e profundamente, sabendo que isto iria me privar da sua ajuda. Estou preparada para procurá-lo sozinha. Tenho o mapa. De algum modo irei…

— Kettricken. — Interrompi o seu discurso dizendo o seu nome em voz baixa, despojado do título. Não pretendera fazê-lo. Vi que isso a surpreendeu. Dei por mim sacudindo lentamente a cabeça. — Não compreende. Se Moli estivesse aqui na minha frente com a nossa filha, mesmo assim eu teria de ir em busca do meu rei. Não importa o que me seja feito, não importa o quão injustamente me tratem. Ainda assim preciso ir em busca de Veracidade.

As minhas palavras alteraram os rostos na sala. Breu ergueu a cabeça e me olhou com um orgulho feroz brilhando nos seus olhos. Kettricken virou a cabeça, piscando os olhos para reprimir lágrimas. Creio que talvez tenha se sentido ligeiramente envergonhada. Para o Bobo, voltei a ser o seu Catalisador. Em Esporana desabrochou a esperança de que eu ainda pudesse ser merecedor de uma lenda.

Mas em mim havia a ânsia primordial pelo absoluto. Veracidade o mostrara a

mim na sua forma mais física. Eu obedeceria à ordem de Talento do meu rei e o serviria como jurara fazer. Porém, agora outro chamamento também me atraía. O Talento.

CAPÍTULO 23

As Montanhas

Seria possível supor que o Reino da Montanha, com os seus vilarejos distantes uns dos outros e povo disperso, é um novo reino, recentemente constituído. Na verdade, a sua história antecede em muito qualquer registro escrito dos Seis Ducados. Chamar aquele país de reino é na realidade impróprio. Antigamente, os diversificados caçadores, criadores de gado e agricultores, tanto nômades como assentados, foram gradualmente concedendo a sua lealdade a uma Juíza, uma mulher de grande sabedoria, que residia em Jhaampe. Embora esta pessoa tenha acabado por ser conhecida pelos forasteiros como o Rei ou a Rainha das Montanhas, para os residentes do Reino da Montanha ele ou ela ainda é o Sacrifício, aquele que está disposto a dar tudo, até mesmo a vida, para o bem daqueles que são governados. A primeira Juíza que vivia em Jhaampe é agora uma figura envolta em lendas, sendo os seus feitos conhecidos apenas através das canções que o povo da Montanha ainda canta sobre ela.

Contudo, por mais velhas que essas canções sejam, existe um boato ainda mais velho sobre um governante e uma capital mais antigos. O Reino da Montanha, tal como o conhecemos hoje, é composto quase inteiramente pelo povo nômade e povoados das encostas orientais das Montanhas. Para além das Montanhas estendem-se as costas geladas que rodeiam o Mar Branco. Algumas poucas rotas comerciais ainda meandram através dos dentes aguçados das Montanhas para chegar aos caçadores que vivem nesse lugar coberto de neve. Ao sul das Montanhas estendem-se as florestas despovoadas dos Ermos Chuvosos, e em algum lugar situa-se a nascente do Rio da Chuva que constitui a fronteira comercial com os Estados de Calcede. Essas são as únicas terras e povos que foram realmente mapeadas para além das Montanhas. Mas sempre houve lendas sobre outra terra, uma terra fechada e perdida entre os picos além do Reino da Montanha. Quando se viaja mais para o interior das Montanhas, para além das fronteiras do povo que deve lealdade a Jhaampe, a terra torna-se ainda mais acidentada e dura. A neve nunca abandona os picos mais elevados, e alguns vales abrigam apenas gelo glacial. Diz-se que, em certas áreas, grandes

vapores e fumaças se elevam de fendas nas montanhas e que a terra pode estremecer calmamente ou dilacerar-se em violentos tremores. Há poucos motivos para que alguém se aventure nessa região de pedra solta e penhascos. A caça é mais fácil e mais lucrativa nas encostas mais verdes das montanhas. O pasto que existe lá é insuficiente para os rebanhos dos pastores.

A respeito dessa terra, temos as histórias a que terras distantes costumam dar origem. Dragões e gigantes, antigas cidades arruinadas, unicórnios selvagens, tesouros escondidos e mapas secretos, ruas empoeiradas pavimentadas de ouro, vales de eterna primavera onde a água se ergue fumegando do chão, perigosos feiticeiros trancados por feitiços em cavernas de pedras preciosas e antigos males adormecidos encravados na terra. Dizem que todos residem na terra antiga e sem nome para além das fronteiras do Reino da Montanha.



Kettricken realmente esperara que eu me recusasse a ajudá-la a procurar Veracidade. Durante os dias da minha convalescença, ela decidira que iria procurá-lo sozinha, e para esse fim reunira provisões e animais. Nos Seis Ducados, uma rainha teria o tesouro real a que recorrer, bem como a generosidade forçada dos seus nobres. Não era o caso no Reino da Montanha. Ali, enquanto o Rei Eyod permanecesse vivo, ela não passava de uma parente mais nova do Sacrifício. Embora se esperasse que um dia ela o sucedesse, isso não lhe dava o direito de dispor da riqueza do seu povo. Na verdade, mesmo se ela fosse Sacrifício não teria acesso a riquezas e recursos. O Sacrifício e a sua família imediata viviam simplesmente na sua bela habitação. Toda a Jhaampe, o palácio, os jardins, as fontes, tudo pertencia ao povo do Reino da Montanha. Ao Sacrifício nada faltava, mas também nada possuía em excesso.

Assim, Kettricken não se voltou para os cofres reais e para os nobres ansiosos por captar as suas boas graças, mas para velhos amigos e primos, a fim de obter aquilo de que necessitava. Abordara o pai, mas ele lhe dissera, com firmeza, porém triste, que encontrar o Rei dos Seis Ducados era problema seu, não do Reino da Montanha. Por mais que sofresse com a filha devido ao desaparecimento do homem que ela amava, ele não podia desviar reservas da defesa do Reino da Montanha contra Majestoso dos Seis Ducados. Era tal o vínculo entre eles que ela pôde aceitar a recusa com compreensão. Envergonhava-me pensar que a legítima Rainha dos Seis Ducados tinha de recorrer à caridade de parentes e amigos. Mas apenas quando eu não estava acalentando o meu ressentimento contra ela.

Ela concebera a expedição para sua conveniência, não para a minha. Pouco havia nela que eu aprovasse. Ao longo dos poucos dias que antecederam a nossa partida, ela dignou-se a me consultar acerca de alguns aspectos, mas as minhas opiniões foram tão frequentemente postas de lado quanto eram ouvidas. Falávamos um com o outro educadamente, sem o calor da ira ou da amizade. Havia muitas coisas de que discordávamos, e quando isso acontecia ela fazia o que achava mais sensato. Não verbalizada, mas implícita, havia a ideia de que o meu discernimento no passado fora falho e imprevidente.

Eu não queria bestas de carga que pudessem passar fome e congelar. Por mais que a bloqueasse, a Manha me deixava vulnerável à sua dor. Kettricken, no entanto, obtivera meia dúzia de criaturas que afirmava não se importarem com a neve e o frio, e que comiam folhas e brotos em vez de capim. Eram jepas, criaturas nativas de algumas das partes mais remotas do Reino da Montanha. Lembravam-me cabras de pescoço longo, dotadas de patas em vez de cascos. Eu tinha pouca confiança de que fossem capazes de transportar o suficiente para fazer com que compensassem o incômodo de cuidar delas. Kettricken me disse calmamente que em breve me habituaria aos animais.

Tudo depende de como é o gosto delas, sugeriu filosoficamente Olhos-de-Noite. Senti-me disposto a concordar com ele.

As escolhas dela no que dizia respeito a companheiros para a expedição me irritavam ainda mais. Eu não via sentido em ela se arriscar, mas eu sabia bem que não valia a pena discutir essa questão. A ida de Esporana me causou ressentimento, depois de descobrir o que ela negociara para ter permissão de ir. O motivo era ainda encontrar uma canção que estabelecesse a sua reputação. Comprara o lugar no nosso grupo com a ameaça não verbalizada de que apenas se fosse autorizada a ir faria um registro escrito de que a filha de Moli também era minha. Ela sabia que eu sentia que me traíra, e depois disso passou sensatamente a evitar a minha companhia. Conosco iriam três primos de Kettricken, todos gente grande, solidamente musculosa, com muita prática em viajar pelas Montanhas. Não seria um grupo grande. Kettricken me assegurou de que se seis não bastassem para encontrar Veracidade, seiscentos não seriam suficientes. Concordei que era mais fácil abastecer um grupo pequeno, e que era frequente que viajasse mais depressa do que grupos grandes.

Breu não faria parte do nosso grupo. Ia regressar a Torre do Cervo, para levar a Paciência a notícia de que Kettricken ia em busca de Veracidade e para plantar as sementes do rumor de que havia, de fato, um herdeiro para o trono dos Seis Ducados. Também iria encontrar-se com Bronco, Moli e a bebê. Oferecera-se

para informar Moli, Paciência e Bronco de que eu ainda estava vivo. A oferta fora feita de forma acanhada, pois sabia perfeitamente que eu odiava o papel que ele desempenhara em reclamar a minha filha para o trono. Contudo, engoli a ira, falei-lhe com educação e fui recompensado com a sua promessa solene de que nada diria de mim a nenhum deles. Nessa altura, parecia o rumo mais sensato. Sentia que só eu podia explicar completamente a Moli o motivo que me levara a agir como agira. E ela já chorara uma vez a minha morte. Se eu não sobrevivesse àquela demanda, não iria sofrer mais do que já sofrera.

Breu veio me dizer adeus na noite em que partiu para Cervo. A princípio ambos tentamos fingir que tudo estava bem entre nós. Conversamos sobre pequenas coisas a que outrora ambos tínhamos dado importância. Senti uma perda genuína quando ele me falou da morte de Sorrateiro. Tentei convencê-lo a levar Ruivo e Fuligem consigo, para deixá-los de novo aos cuidados de Bronco. Ruivo precisava de uma mão mais firme do que a que estava tendo, e o garanhão podia dar a Bronco muito mais do que transporte. Os seus serviços como reprodutor podiam ser vendidos ou negociados, e o potro de Fuligem representava mais riqueza para o futuro. Mas Breu sacudiu a cabeça e disse que tinha de viajar rapidamente sem atrair atenção. Um homem com três cavalos era no mínimo um alvo para os bandidos. Eu vira o pequeno castrado indócil que Breu tinha como montaria. Apesar do mau temperamento do animal, era resistente e ágil e, assegurou-me Breu, muito rápido numa perseguição por terreno acidentado. Sorriu ao dizer aquilo, e eu compreendi que aquela característica do cavalo tinha sido bem posta à prova. O Bobo tinha razão, pensei então com amargura. A guerra e a intriga realmente combinavam bem com ele. Olhei-o, com as suas botas de cano alto e manto rodopiante, olhei para o cervo rampante que usava tão abertamente na testa por cima dos olhos verdes e tentei compará-lo com o velho de mãos suaves que me ensinara como matar pessoas. Os anos ainda se encontravam lá, mas ele os carregava de outra maneira. Em particular, perguntei-me que drogas ele usava para prolongar a sua energia.

Ainda assim, por mais diferente que estivesse, continuava a ser Breu. Desejei me aproximar dele e saber que ainda existia algum tipo de ligação entre nós, mas não consegui. Não conseguia compreender a mim mesmo. Como a opinião dele ainda podia importar tanto para mim, quando eu sabia que ele estava disposto a roubar a minha filha e a felicidade para o bem do trono Visionário? Senti que o fato de não conseguir encontrar a força de vontade para odiá-lo era uma fraqueza em mim. Procurei alcançar esse ódio, e obtive apenas um amuo juvenil que me levou a não lhe apertar a mão quando partiu, nem a lhe desejar felicidades. Ele

ignorou o meu mau humor, o que me fez sentir ainda mais infantil.

Depois de Breu ir embora, o Bobo me entregou o alforje de couro que ele deixara para mim. Lá dentro havia uma faca com bainha muito aproveitável, uma pequena bolsa com moedas e uma seleção de venenos e de ervas curativas, incluindo um fornecimento generoso de casco-de-elfo. Um pequeno fornecimento de sementes de caris encontrava-se enrolado em um papelote e cuidadosamente etiquetado com a nota de que era para ser usado apenas com a maior das cautelas e quando a necessidade fosse maior. Dentro de uma bainha cheia de marcas havia uma espada curta, simples, mas aproveitável. Senti contra ele uma súbita ira que não consegui explicar.

— É tão típico dele — exclamei, e larguei o saco na mesa para que o Bobo testemunhasse. — Veneno e facas. É isso o que pensa de mim. Ainda é assim que me vê. Para mim, só consegue imaginar a morte.

— Duvido que ele espere que use isso em você — observou calmamente o Bobo. Afastou a faca da marionete que estava amarrando. — Talvez tenha pensado que você podia usar essas coisas para se proteger.

— Não compreende? — perguntei-lhe. — Estes são presentes para o garoto que Breu ensinou a ser um assassino. Ele não consegue ver que já não sou essa pessoa. Não consegue me perdoar por querer ter vida própria.

— Assim como você não consegue perdoá-lo por já não ser o seu tutor benevolente e indulgente — observou o Bobo num tom seco. Estava amarrando os barbantes que ligavam os membros da marionete à cruzeta. — É um bocado ameaçador vê-lo andando por aí como um guerreiro, pondo-se alegremente em risco por algo em que acredita, flertando com mulheres e em geral agindo como se tivesse reclamado para si uma vida própria, não é?

Foi como se tivesse atirado um balde de água fria no meu rosto. Quase tive de admitir a inveja que sentia por ver que Breu obtivera ousadamente aquilo que ainda me fugia.

— Não é nada disso! — rosnei ao Bobo.

A marionete em que ele estava trabalhando brandiu um dedo repreensivo na minha direção enquanto o Bobo me sorria afetadamente por cima da cabeça do boneco. Este mostrava uma perturbadora semelhança com Ratita.

— O que eu vejo — observou, sem se dirigir a ninguém em particular — é que não é a cabeça de cervo de Veracidade que ele usa na testa. Não, o símbolo que escolheu parece-se mais com, oh, deixe-me ver, com um que o Príncipe Veracidade escolheu para o sobrinho bastardo. Não vê alguma semelhança?

Fiquei em silêncio durante algum tempo.

— E o que tem? — perguntei a contragosto.

O Bobo largou a sua marionete no chão, onde a ossuda criatura encolheu os ombros de forma sinistra.

— Nem a morte do Rei Sagaz nem a suposta morte de Veracidade conseguiram fazer aquela doninha sair da toca. Foi só quando achou que você havia sido assassinado que a ira o incendiou o suficiente para que deixasse de lado todas as ocultações e fingimentos e declarasse que ainda veria um verdadeiro Visionário no trono. — A marionete sacudiu um dedo na minha direção.

— Está tentando dizer que ele faz isto por mim, por minha causa? Quando a última coisa que eu desejaria era ver o trono reclamar a minha filha?

A marionete cruzou os braços e sacudiu pensativamente a cabeça.

— Parece-me que Breu sempre fez o que achou que era o melhor para você. Quer você concordasse, quer não. Talvez estenda isso à sua filha. Afinal, ela seria sua sobrinha-neta e a última remanescente viva da sua linhagem. Excluindo você e Majestoso, claro. — A marionete deu um alguns passos de dança. — De que outro modo você esperaria que um homem tão velho cuidasse de uma criança tão nova? Ele não espera viver para sempre. Talvez pense que ela está mais segura montada num trono do que sendo atropelada por outra pessoa que deseje reclamá-lo.

Dei as costas ao Bobo e fiz de conta que juntava roupa para lavar. Precisaria de muito tempo para pensar bem no que ele me dissera.

Foi de bom grado que aceitei as escolhas de Kettricken sobre as tendas e roupas para a expedição, e fui suficientemente honesto para ficar grato por ela achar por bem fornecer também a minha roupa e abrigo. Se me tivesse excluído por completo da sua comitiva, não a poderia censurar totalmente. Em vez disso, Joffron apareceu um dia trazendo um saco de roupa de corpo e de cama para me dar, e para me medir os pés, a fim de arranjar as botas semelhantes a sacos que o povo das Montanhas preferia. Ela provou ser uma companhia alegre, pois passou o tempo todo trocando farpas brincalhonas com o Bobo. A fluência dele em chyurda excedia a minha, e de vez em quando eu sentia grande dificuldade em acompanhar a conversa, enquanto metade dos trocadilhos do Bobo passava batida por mim. Perguntei-me brevemente o que se passaria exatamente entre aqueles dois. Logo quando chegara, eu pensara que ela era uma espécie de discípula dele. Agora perguntava a mim mesmo se ela não teria fingido esse interesse apenas como desculpa para estar perto dele. Antes de partir, mediu

também os pés do Bobo e lhe fez perguntas sobre as cores e adornos que queria que fossem incluídas nas botas.

— Botas novas? — perguntei-lhe depois de ela partir. — Com o pouco que você se aventura lá fora, eu não achava que precisasse delas.

Ele me lançou um olhar vazio. A recente alegria desapareceu do seu rosto.

— Sabe que tenho de ir com você — observou calmamente. Deu um sorriso estranho. — Por qual outro motivo você acha que fomos reunidos neste lugar distante? É pela interação do Catalisador e do Profeta Branco que os acontecimentos deste tempo serão devolvidos ao seu rumo adequado. Creio que, se tivermos sucesso, os Navios Vermelhos serão expulsos da costa dos Seis Ducados e um Visionário herdará um trono.

— Isso parece se ajustar à maioria das profecias — concordou Panela do seu canto junto da lareira. Estava colocando a última fileira de pontos numa grossa luva. — Se a praga da fome acéfala for o forjamento, e os seus atos derem um fim a ela, isso também iria cumprir outra profecia.

O jeito de Panela para fornecer uma profecia para cada ocasião estava começando a me cansar. Respirei fundo, e então perguntei ao Bobo:

— E o que diz a Rainha Kettricken sobre você se juntar ao seu grupo?

— Não discuti isso com ela — respondeu ele com indiferença. — Não vou me juntar a ela, Fitz. Vou seguir você. — Uma espécie de perplexidade apareceu no seu rosto. — Sei desde criança que temos de cumprir juntos esta tarefa. Nem me ocorreu questionar se eu devia ir com você. Tenho feito preparativos desde o dia em que você chegou aqui.

— Assim como eu — observou Panela em voz baixa.

Ambos nos viramos para fitá-la. Ela fingiu não reparar enquanto provava a luva e admirava o modo como lhe servia.

— Não. — Falei sem rodeios. Já era ruim o suficiente ter a expectativa da morte de animais de carga. Não ia testemunhar a morte de outra amiga. Era tão óbvio que nem valia a pena dizer que ela era velha demais para uma viagem assim.

— Pensei que você podia ficar aqui, na minha casa — ofereceu o Bobo, com mais gentileza. — Há lenha em abundância para o resto do inverno e algumas provisões alimentares, e…

— Eu espero morrer durante a viagem, se isso for de algum consolo para vocês. — Tirou a luva e a juntou ao seu par. Despreocupadamente, examinou o que restava da sua meada de lã. Começou a dar pontos, fazendo fluir sem esforço o fio por entre os dedos. — E não precisam se preocupar comigo antes disso. Já

fiz os preparativos necessários para mim. Fiz umas trocas e tenho a comida e do que mais irei precisar. — Tirou os olhos das agulhas, lançou-me um olhar e acrescentou em voz baixa: — Tenho os meios para prosseguir esta viagem até o fim.

Tive de admirar o modo calmo com que ela presumia que a sua vida ainda era sua, para fazer com ela o que desejasse. Perguntei-me quando teria começado a pensar nela como uma velha impotente de que alguém teria agora de cuidar. Ela voltou a baixar os olhos para a sua malha. Sem necessidade, pois os seus dedos continuavam a trabalhar, quer os observasse, quer não.

— Vejo que me compreendem — disse ela calmamente. E foi tudo.

Nunca soube de nenhuma expedição que partisse exatamente conforme planejado. Em geral, quanto maior uma é, mais dificuldades tem. A nossa não foi exceção. Na manhã anterior à data marcada para a partida, fui rudemente arrancado do sono com uma sacudida.

— Levante-se, Fitz, temos de partir agora — disse Kettricken com uma voz tensa.

Sentei-me lentamente. Fiquei instantaneamente bem acordado, mas as minhas costas convalescentes ainda não me encorajavam a me mover com rapidez. O Bobo estava sentado na beira da sua cama, parecendo mais ansioso do que eu jamais o vira.

— O que há? — perguntei.

— Majestoso. — Nunca ouvira tanto veneno numa palavra. Seu rosto estava muito branco e ela cerrava e descerrava os punhos aos lados do corpo. — Enviou ao meu pai um mensageiro sob uma bandeira de trégua, dizendo que abrigamos um conhecido traidor dos Seis Ducados. Diz que se entregarmos você, ele verá tal coisa como sinal de boa fé para com os Seis Ducados e não nos considerará um inimigo. Mas, se não o fizermos, soltará as tropas que mantém junto às nossas fronteiras, pois saberá que conspiramos com os seus inimigos contra ele. — Fez uma pausa. — O meu pai está pensando no que fazer.

— Kettricken, eu não passo da desculpa — protestei. O coração martelava no meu peito. Olhos-de-Noite soltou um ganido ansioso. — Você deve saber que ele levou meses para reunir essas tropas. Elas não estão lá porque eu estou aqui. Estão prontas porque ele planeja mover-se contra o Reino da Montanha, aconteça o que acontecer. Conhece Majestoso. Isso não passa de uma artimanha para ver se consegue que você me entregue. Depois que o fizer, ele arranjará algum outro pretexto para atacar.

— Não sou uma simplória — disse ela com frieza. — Os nossos vigias já

sabem das tropas há semanas. Temos feito o possível para nos prepararmos. As nossas montanhas sempre têm sido a nossa defesa mais forte. Mas nunca antes enfrentamos um inimigo organizado em tal número. O meu pai é Sacrifício, Fitz. Ele tem de fazer o que melhor servir o Reino da Montanha. Portanto, ele agora precisa analisar se terá uma chance de lidar com Majestoso entregando você. Não pense que o meu pai é estúpido o suficiente para confiar nele. Mas por quanto mais tempo conseguir adiar um ataque contra o seu povo, melhor preparado estará esse povo.

— Parece que pouco resta para decidir — eu disse com amargura.

— Não havia motivo para que o meu pai me informasse da mensagem do mensageiro — observou Kettricken. — A decisão é dele. — Os seus olhos cruzaram-se com os meus, contendo uma sombra da nossa antiga amizade. — Creio que ele talvez esteja me oferecendo uma oportunidade para fazer você desaparecer. Antes que eu desafie as suas ordens para entregar você a Majestoso. Talvez pense dizer a Majestoso que você fugiu, mas que pretende persegui-lo.

Atrás de Kettricken, o Bobo estava vestindo uma calça por baixo da camisola.

— Vai ser mais difícil do que eu havia planejado — confidenciou-me Kettricken. — Não posso envolver nisto mais ninguém da Montanha. Teremos de ser você, eu e Esporana. Sozinhos. E temos de partir já, dentro de menos de uma hora.

— Estarei pronto — prometi-lhe.

— Encontre-me atrás da barraca de lenha de Joss — disse ela, e saiu.

Olhei para o Bobo.

— Bem. Contamos para Panela?

— Por que está me perguntando?

Encolhi ligeiramente os ombros. Então me levantei e comecei a me vestir depressa. Pensei em todas as pequenas maneiras de que não estava preparado e depois desisti dessa reflexão por ser inútil. Muito pouco tempo depois, o Bobo e eu colocamos no ombro as nossas trouxas. Olhos-de-Noite levantou-se, espreguiçou-se meticulosamente e dirigiu-se à porta para nos anteceder. *Vou sentir saudades da lareira. Mas a caça será melhor*. Aceitou tudo com toda a calma.

O Bobo examinou a cabana com cuidado, e então fechou a porta atrás de nós.

— Este foi o primeiro lugar em que vivi que era apenas meu — observou enquanto se afastava.

— Você deixa para trás tantas coisas para fazer isso — eu disse, sem graça, pensando nas suas ferramentas, nas marionetes por acabar, até nas plantas que

cresciam lá dentro, junto à janela. Contra vontade, senti-me responsável. Talvez por estar tão contente por não seguir viagem sozinho.

Ele me olhou e encolheu os ombros.

— Levo-me comigo. É tudo de que realmente preciso, ou que possuo. — Olhou para a porta que pintara. — Jofron cuidará bem da cabana. E de Panela também.

Perguntei a mim mesmo se ele deixaria para trás mais do que eu sabia.

Estávamos quase chegando à barraca de lenha quando vi umas crianças que corriam pelo caminho na nossa direção.

— Lá está ele! — gritou uma, apontando. Olhei sobressaltado para o Bobo, e então me preparei, perguntando-me o que estava por vir. Como era possível nos defendermos contra crianças? Desorientado, esperei o ataque. Mas o lobo não esperou. Afundou a barriga na neve, baixando até a cauda. Quando as crianças se aproximaram, ele atirou-se de súbito diretamente contra o líder.

— NÃO! — gritei alto, horrorizado, mas nenhum deles prestou qualquer atenção em mim. As patas da frente do lobo atingiram o peito do garoto, atirando-o com força contra a neve. Num piscar de olhos, Olhos-de-Noite estava de pé e perseguia os outros, que fugiam, guinchando de riso, enquanto um após o outro eram apanhados e derrubados. Quando deitou o último no chão, o primeiro garoto já estava de pé e o perseguia, tentando em vão acompanhar o lobo e procurando agarrar a sua cauda quando Olhos-de-Noite passava por ele como um raio, de língua pendurada.

Derrubou todos de novo, mais duas vezes, antes de parar numa das suas voltas corridas. Viu as crianças levantando-se, e então olhou para mim por sobre o ombro. Abaixou as orelhas, embaraçado, então olhou de novo para as crianças, sacudindo a cauda, junto ao chão. Uma garota já estava tirando do bolso um pedaço de pão, enquanto outra o provocava com uma tira de couro, sacudindo-a acima da neve e tentando envolvê-lo num jogo de puxões. Fingi não reparar.

Eu alcanço vocês mais tarde, sugeriu ele.

Sem dúvida, disse-lhe secamente. O Bobo e eu continuamos a caminhar. Olhei para trás para ver o lobo, de dentes presos no couro e as quatro patas retesadas enquanto dois garotos puxavam pela outra ponta. Deduzi que sabia agora como ele passara as tardes. Acho que senti uma pontada de inveja.

Kettricken já nos esperava. Seis jepas carregadas estavam atadas umas às outras, em fila. Naquele momento desejei ter passado algum tempo aprendendo mais sobre elas, mas assumira que os outros cuidariam dos animais.

— Ainda vamos levar todas elas? — perguntei, desalentado.

— Demoraria tempo demais para desfazer os fardos e refazê-los só com aquilo de que precisamos. Talvez mais tarde abandonemos as provisões e animais em excesso. Mas, por ora, quero simplesmente partir o mais depressa possível.

— Então vamos embora — sugeri.

Kettricken olhou severamente para o Bobo.

— O que você está fazendo aqui? Veio se despedir de Fitz?

— Eu vou para onde ele vai — disse calmamente o Bobo.

A rainha o olhou e algo no seu rosto quase se suavizou.

— Fará frio, Bobo. Eu não me esqueci de como você sofreu com o frio a caminho daqui. No lugar para onde vamos agora, o frio permanecerá muito depois de a primavera ter chegado a Jhaampe.

— Eu vou para onde ele vai — repetiu calmamente o Bobo.

Kettricken sacudiu a cabeça para si mesmo. Então encolheu os ombros. Caminhou a passos largos para a frente da fila de jepas e estalou os dedos. O animal da frente abanou as orelhas peludas e a seguiu. Os outros o seguiram. A sua obediência me impressionou. Sondei brevemente na direção deles e descobri em funcionamento um instinto tão forte de manada que quase nem pensavam em si mesmos como animais separados. Desde que o animal da frente seguisse Kettricken, não haveria problemas com os outros.

Kettricken nos conduziu por um caminho que pouco mais era do que uma vereda. Serpenteava quase sempre por trás das casas dispersas que abrigavam os residentes de inverno de Jhaampe. Muito pouco tempo depois deixamos a última das cabanas para trás e começamos a viajar através de floresta antiga. O Bobo e eu caminhávamos atrás da cadeia de animais. Observei aquele que seguia à nossa frente, reparando no modo como as suas patas largas e achatadas se abriam na neve, muito semelhantes às do lobo. Marcavam um ritmo ligeiramente mais rápido do que uma caminhada confortável.

Não tínhamos andado muito quando ouvi um grito atrás de nós. Estremeci e lancei um olhar apressado por cima do ombro. Era Esporana, aproximando-se correndo, com a trouxa aos saltos sobre os ombros. Quando nos alcançou, disse acusadoramente:

— Partiram sem mim!

O Bobo deu um sorriso. Eu encolhi os ombros.

— Parti quando a minha rainha ordenou — observei.

Ela nos olhou, furiosa, e então passou apressadamente por nós, tropeçando na neve solta ao lado do caminho para passar pelas jepas e alcançar Kettricken. As suas vozes chegaram até nós com clareza pelo ar frio.

— Eu disse a você que ia partir imediatamente — disse a rainha num tom tenso. — E então parti.

Para meu espanto, Esporana teve o bom senso de ficar calada. Durante algum tempo lutou para avançar pela neve solta ao lado de Kettricken. Depois foi gradualmente desistindo, deixando-se ultrapassar primeiro pelas jepas e depois pelo Bobo e por mim. Ficou atrás de mim. Sabia que seria difícil para ela acompanhar o nosso ritmo. Senti pena dela. Mas então pensei na minha filha e nem sequer olhei para trás para ver se ela estava nos acompanhando.

Foi o princípio de um longo dia sem incidentes. O caminho era sempre ascendente, nunca de uma forma íngreme, mas a inclinação constante era árdua. Kettricken não diminuiu o passo e nos manteve em um ritmo constante. Nenhum de nós falou muito. Eu estava ocupado demais respirando e tentando ignorar a dor nas costas, que ia gradualmente aumentando. O ferimento da flecha estava agora coberto por carne saudável, mas os músculos, por baixo, ainda protestavam por causa da sua cura recente.

Grandes árvores erguiam-se à nossa volta. A maior parte era de sempre-vivas, algumas de espécies que eu nunca vira antes. Transformavam o cinza do breve dia de inverno numa eterna penumbra. Havia pouca vegetação rasteira contra a qual lutar; a maior parte da paisagem era composta pelas fileiras irregulares de imensos troncos e alguns galhos baixos. A maior parte dos galhos vivos das árvores começava muito acima das nossas cabeças. De tempos em tempos, passávamos por aglomerados de árvores menores de folha caduca que tinham brotado em áreas de floresta aberta criada pela morte de uma grande árvore. O caminho estava bem batido, tornando evidente que era usado com frequência por animais e por pessoas com esquis. Era estreito, e se não prestássemos atenção, era fácil darmos um passo para fora do caminho e afundarmos surpreendentemente fundo na neve não compactada. Tentei prestar atenção.

O dia estava ameno, pelos padrões das montanhas, e logo descobri que a roupa que Kettricken obtivera para mim era muito eficaz para me manter quente. Afrouxei o casaco na garganta e depois o colarinho da camisa, para deixar escapar o calor corporal. O Bobo jogou para trás o capuz do casaco, forrado de pele, para revelar que usava por baixo um vistoso barrete de lã. Observei a borla na ponta do barrete balançar enquanto ele caminhava. Se o ritmo o incomodava, ele nada disse a respeito. Talvez, como a mim, não lhe restasse fôlego para reclamar.

Pouco depois do meio dia, Olhos-de-Noite juntou-se a nós.

— Cãozinho lindo! — observei em voz alta.

Isso não é nada em comparação com o que Panela o está chamando, observou ele, cheio de si. *Tenho pena de todos vocês quando a velha cadela alcançar a alcateia. Ela tem um pau.*

Ela está nos seguindo?

Ela segue rastros muito bem, para um ser humano sem nariz. Olhos-de-Noite passou por nós a trote, movendo-se com surpreendente facilidade, mesmo na neve não comprimida ao lado do caminho. Notei que ele estava gostando da onda de desconforto que o seu odor trazia à fila de jepas. Observei-o quando passou por todos os animais e depois por Kettricken. Uma vez na dianteira, começou a percorrer confiante o terreno em frente, como se soubesse para onde estava indo. Logo o perdi de vista, mas não me preocupei. Sabia que ele voltaria com frequência para nos dar uma olhada.

— Panela está nos seguindo — eu disse ao Bobo.

Ele me lançou um olhar interrogador.

— Olhos-de-Noite diz que ela está muito irritada conosco.

Os ombros dele subiram e caíram num suspiro rápido.

— Enfim. Ela tem direito às suas próprias decisões — observou para si mesmo. Então, dirigindo-se a mim, acrescentou: — Ainda me enerva um pouco quando você e o lobo fazem isso.

— Isso o incomoda? Que eu seja Manhoso?

— Incomoda-o me olhar nos olhos? — retorquiu.

Era o bastante. Continuamos andando.

Kettricken nos manteve em um ritmo constante enquanto durou a luz do dia. Uma área pisoteada ao abrigo de algumas das grandes árvores foi o local onde paramos. Embora não parecesse ser usado com frequência, nós nos encontrávamos em alguma espécie de caminho de mercadores com destino a Jhaampe. Kettricken mostrou-se prosaica no completo comando que tinha sobre nós. Indicou com um gesto a Esporana uma pequena pilha de lenha seca protegida da neve por lona.

— Use algumas para acender uma fogueira, e depois se certifique de substituir pelo menos a que usarmos. Há muita gente que para aqui e, em tempo ruim, uma vida pode depender do fato de essa lenha estar aí. — Esporana obedeceu docilmente.

Ela instruiu o Bobo e a mim enquanto a ajudávamos a montar um abrigo. Quando terminamos, tínhamos uma tenda com uma forma bastante semelhante à do chapéu de um cogumelo. Feito isso, ela distribuiu as tarefas de descarregamento do material para dormir e seu transporte para dentro da tenda,

de descarregamento dos animais e amarração do líder da manada, e do derretimento de neve para obter água. Ela mesma participou ativamente das tarefas. Observei a eficiência com que estabeleceu o nosso acampamento e tratou das nossas necessidades. Ela teria dado um bom soldado.

Depois de o acampamento básico estar estabelecido, o Bobo e eu trocamos olhares. Dirigi-me até onde Kettricken verificava o estado das nossas jepas. Esses resistentes animais já estavam ocupados mordiscando pontas de brotos e casca das árvores menores que cresciam junto a um dos lados do acampamento.

— Acho que Panela pode estar nos seguindo — disse-lhe. — Acha que devo voltar para procurá-la?

— Com que propósito? — perguntou-me Kettricken. A pergunta pareceu insensível, mas ela prosseguiu. — Se ela conseguir nos alcançar, dividiremos o que temos. Você sabe disso. Mas suspeito que ela se cansará antes de chegar aqui e voltará para Jhaampe. Talvez já tenha voltado.

E talvez tenha ficado exausta e caído na beira do caminho, pensei. Mas não voltei. Reconheci nas palavras de Kettricken a dura natureza prática do povo da Montanha. Ela respeitaria a decisão de Panela de nos seguir. Mesmo se a tentativa de fazê-lo a matasse, Kettricken não interferiria com a vontade dela. Eu sabia que entre o povo da Montanha não era incomum que uma pessoa idosa escolhesse aquilo a que se dava o nome de retiro, um exílio autoimposto onde o frio poderia pôr fim a todas as enfermidades. Eu também respeitava o direito de Panela de escolher o caminho da sua vida ou morrer na tentativa. Mas isso não me impediu de enviar Olhos-de-Noite ao longo do nosso caminho para ver se ela ainda estava vindo. Preferi acreditar que se tratava apenas de curiosidade da minha parte. Ele acabara de regressar ao acampamento com uma lebre branca e ensanguentada na boca. A meu pedido, levantou-se, espreguiçou-se e me ordenou, entristecido: *Então guarde a minha carne.* Desapareceu no crepúsculo que se aprofundava.

A refeição da noite de mingau de aveia e bolinhos tinha acabado de ficar pronta quando Panela entrou no acampamento com Olhos-de-Noite logo atrás. Caminhou a passos largos até a fogueira e parou para aquecer nela as mãos enquanto trespassava a mim e ao Bobo com os olhos. O Bobo e eu trocamos um olhar. Foi um olhar culpado. Ofereci apressadamente a Panela o copo de chá que tinha servido para mim. Ela o pegou e bebeu antes de dizer acusadoramente:

— Partiram sem mim.

— Sim — admiti. — Partimos. Kettricken veio até nós e disse que tínhamos de partir imediatamente, então o Bobo e eu…

— Eu vim mesmo assim — anunciou ela triunfante, interrompendo. — E pretendo continuar com vocês.

— Estamos fugindo — disse Kettricken em voz baixa. — Não podemos diminuir o ritmo por você.

Quase saltaram faíscas dos olhos de Panela.

— E eu pedi que fizessem isso? — perguntou à rainha, seca.

Kettricken encolheu os ombros.

— É só para que você compreenda — disse, calmamente.

— Compreendo — respondeu Panela com igual calma. E as coisas ficaram assim resolvidas.

Eu observara aquela troca de palavras com uma espécie de reverência. Senti depois um aumento no respeito que nutria por ambas as mulheres. Acho que foi então que compreendi por inteiro o modo como Kettricken via a si mesma. Era a Rainha dos Seis Ducados e não duvidava disso. Mas, ao contrário de muitos, não se escondera atrás de um título, nem se ofendera com a resposta rápida que Panela lhe dera. Pelo contrário, respondera-lhe, de mulher para mulher, com respeito, mas também com autoridade. Mais uma vez eu vislumbrara o seu temperamento e descobrira que não podia apontar defeitos nele.

Todos dividimos a tenda naquela noite. Kettricken encheu um pequeno braseiro com brasas retiradas da fogueira e levou-o para dentro. O braseiro tornou o abrigo surpreendentemente confortável. Estabeleceu turnos de vigia e incluiu tanto Panela quanto a si mesma nessa tarefa. Os outros dormiram bem. Eu fiquei acordado durante algum tempo. Estava de novo a caminho de Veracidade. Isso trouxe uma minúscula porção de libertação da incessante ordem de Talento. Mas também estava a caminho do rio onde ele lavara as mãos em puro Talento. Essa imagem sedutora estava agora sempre à espreita nos limites da minha mente. Resoluto, afastei da cabeça a tentação, mas nessa noite os meus sonhos estiveram cheios dela. Levantamos o acampamento cedo e estávamos a caminho antes de o dia nascer por completo. Kettricken nos disse para descartar uma segunda tenda menor, que fora trazida para acomodar o nosso grupo maior original. Deixou-a cuidadosamente arrumada no lugar de parada, onde outra pessoa poderia encontrá-la e utilizá-la. O animal aliviado desse peso foi carregado com a maior parte dos fardos que as pessoas transportavam. Senti-me grato, pois as minhas costas latejavam agora incessantemente.

Kettricken nos manteve naquele ritmo durante quatro dias. Não disse se esperava realmente ser perseguida. Não perguntei. Não havia nenhuma verdadeira oportunidade para conversas privadas com ninguém. Kettricken

seguia sempre na dianteira, seguida pelos animais, pelo Bobo e por mim, por Esporana e, seguindo-nos frequentemente a bastante distância, por Panela. Ambas as mulheres cumpriram as suas promessas. Kettricken não diminuiu o ritmo por causa da velha e Panela nunca se queixou disso. Chegava tarde todas as noites ao acampamento, geralmente acompanhada por Olhos-de-Noite. Era frequente aparecer bem a tempo de partilhar a nossa comida e abrigo para a noite. Mas no dia seguinte levantava-se no momento em que Kettricken o fazia, e nunca se queixava.

Na quarta noite, depois de estarmos todos dentro da tenda nos preparando para dormir, Kettricken dirigiu-se a mim de repente.

— FitzCavalaria, quero saber o que pensa a respeito de uma coisa — declarou.

Endireitei-me, intrigado pela formalidade do pedido.

— Estou a vosso serviço, minha rainha.

Ao meu lado, o Bobo abafou um riso. Suponho que ambos parecíamos um pouco estranhos, sentados numa confusão de mantas e peles e nos dirigindo um ao outro tão formalmente. Mas eu mantive o meu comportamento.

Kettricken acrescentou mais alguns pedaços de lenha seca ao braseiro para avivar uma chama e a luz. Pegou um cilindro esmaltado, removeu a tampa e tirou de lá um pedaço de velino. Enquanto o desenrolava com suavidade, reconheci o mapa que inspirara Veracidade à sua demanda. Parecia estranho olhar para o mapa desbotado naquele cenário. Pertencia a uma época muito mais segura da minha vida, quando pensava ter garantidas refeições quentes de boa comida, quando a minha roupa era feita para me servir e eu sabia onde dormiria todas as noites. Parecia injusto que todo o meu mundo tivesse mudado tanto desde a última vez que vira o mapa, mas que ele permanecesse imutável, uma dobra envelhecida de velino, com um rendilhado desgastado de linhas traçadas nele. Kettricken o alisou no colo e indicou com batidas do dedo um ponto vazio no mapa.

— É mais ou menos aqui que nós estamos — disse-me. Respirou fundo, como que para se preparar. Bateu em outro local, igualmente sem marcas. — Foi mais ou menos aqui que encontramos os sinais de uma batalha. Quando descobrimos o manto de Veracidade e… os ossos. — Sua voz estremeceu um pouco naquelas palavras. Ergueu subitamente os olhos e os prendeu nos meus como não fizera desde Torre do Cervo. — Sabe, Fitz, isso é difícil para mim. Eu juntei aqueles ossos e pensei que eram dele. Acreditei que ele estava morto por muitos meses. E agora, baseando-me apenas na sua palavra sobre alguma magia que não possuo, nem compreendo, tento acreditar que ele está vivo. Que ainda existe

esperança. Mas… Eu tive aqueles ossos nas mãos. E as minhas mãos não conseguem esquecer o seu peso e a sua frieza, tampouco meu nariz é capaz de esquecer aquele cheiro.

— Ele vive, minha senhora — assegurei-lhe em voz baixa.

Ela suspirou de novo.

— Eis o que quero lhe perguntar. Vamos diretamente para onde os caminhos estão marcados neste mapa, aqueles que Veracidade disse que iria seguir? Ou você quer ser levado primeiro ao local da batalha?

Refleti durante algum tempo.

— Tenho certeza de que obteve desse lugar tudo o que havia para se obter, minha rainha. Passou-se tempo, parte de um verão e mais de metade de um inverno desde que a senhora esteve lá. Não. Não consigo imaginar nada que eu pudesse encontrar lá que os seus batedores não encontraram quando o chão estava limpo de neve. Veracidade vive, minha rainha, e não está lá. Portanto, não o procuremos lá, mas no local para onde ele disse que iria.

Ela assentiu lentamente, mas, se ganhou ânimo com as minhas palavras, não demonstrou. Em vez disso, voltou a bater no mapa.

— Esta estrada mostrada aqui nos é conhecida. Já foi uma estrada comercial e, embora ninguém sequer se lembre de qual era o seu destino, ainda é usada. As aldeias mais remotas e os caçadores solitários dirigem os seus caminhos para lá e depois a seguem até Jhaampe. Podíamos ter viajado por ela desde o início, mas eu não quis. É usada demais. Viemos pela rota mais rápida, ainda que não seja a mais larga. Amanhã, no entanto, vamos atravessá-la. E quando o fizermos, daremos as costas a Jhaampe e a seguiremos na direção das Montanhas. — Seu dedo a seguiu no mapa. — Nunca estive nessa parte das Montanhas — disse ela simplesmente. — Poucos estiveram, além dos caçadores ou de aventureiros ocasionais que vão ver se as velhas histórias são verdadeiras. Normalmente trazem histórias suas que são ainda mais estranhas do que aquelas que os levaram a partir em aventura.

Observei os seus dedos pálidos andando lentamente pelo mapa. Os tênues traços da antiga estrada divergiam em três caminhos separados com diferentes destinos. Essa estrada começava e terminava sem destino ou origem aparentes. O que quer que antigamente estivesse marcado na ponta dessas linhas desvanecera em fantasmas de tinta. Nenhum de nós tinha qualquer maneira de saber que destino Veracidade escolhera. Embora eles não parecessem muito separados no mapa, o terreno das Montanhas podia querer dizer que estavam a dias ou até semanas de distância. E eu tinha pouca confiança que um mapa tão antigo

possuísse uma escala digna de confiança.

— Para onde vamos primeiro? — perguntei-lhe.

Ela hesitou brevemente, então o seu dedo bateu na extremidade de um dos caminhos.

— Aqui. Acho que este lugar deve ser o mais próximo.

— Então essa é uma escolha sensata.

Ela voltou a me olhar nos olhos.

— Fitz. Você não podia simplesmente contactá-lo pelo Talento e lhe perguntar onde está? Ou pedir para que ele venha até nós? Ou pelo menos lhe perguntar por que não voltou para mim?

A cada pequena sacudida da minha cabeça, os seus olhos foram ficando mais furiosos.

— Por que não? — perguntou numa voz trêmula. — Esta grande e secreta magia dos Visionário nem sequer pode chamá-lo para junto de nós em tal momento de necessidade?

Mantive os olhos no rosto dela, mas desejei que houvesse menos ouvidos à escuta. Apesar de tudo o que Kettricken sabia sobre mim, ainda me sentia muito desconfortável falando do Talento com qualquer pessoa que não fosse Veracidade. Escolhi cuidadosamente as palavras.

— Ao contactá-lo pelo Talento, eu poderia colocá-lo em grande perigo, minha senhora. Ou atrair problemas para nós.

— Como? — perguntou.

Pensei rapidamente no Bobo, em Panela e em Esporana. Era difícil explicar a mim mesmo o incômodo que sentia em falar sem rodeios sobre uma magia que fora guardada em segredo durante tantas gerações. Mas aquela era a minha rainha, e ela me fizera uma pergunta. Baixei os olhos e falei.

— O círculo que Galeno criou nunca foi leal ao rei. Nem ao Rei Sagaz, nem ao Rei Veracidade. Sempre foram a ferramenta de um traidor, utilizada para lançar dúvida sobre as capacidades do rei e minar a sua capacidade para defender o seu reino.

Panela soltou um pequeno som quando prendeu a respiração, enquanto os olhos azuis de Kettricken se tornaram de um cinza de aço de tão frios. Continuei:

— Mesmo agora, se eu contactasse abertamente Veracidade pelo Talento, eles poderiam encontrar um modo de escutar. Através de tal contacto, poderiam encontrá-lo. Ou a nós. Tornaram-se fortes no Talento e descobriram modos de usá-lo que eu nunca aprendi. Espionam outros utilizadores do Talento. Podem, usando apenas o Talento, infligir dor ou criar ilusões. Temo contactar o meu rei

pelo Talento, Rainha Kettricken. O fato de ele ter decidido não me contactar por essa via me leva a crer que a minha cautela é idêntica à sua.

Kettricken ficara pálida como a neve enquanto ponderava as minhas palavras. Em voz baixa, perguntou:

— Sempre desleais a ele, Fitz? Fale com clareza. Eles não ajudaram em nada na defesa dos Seis Ducados?

Pesei as palavras como se estivesse apresentando um relatório ao próprio Veracidade.

— Não tenho provas, minha senhora. Mas imagino que as mensagens de Talento sobre Navios Vermelhos algumas vezes nunca foram transmitidas, ou foram deliberadamente atrasadas. Acho que as ordens que Veracidade enviou pelo Talento aos membros do círculo nas torres de vigia não foram transmitidas às fortalezas que elas supostamente defendiam. Obedeciam-lhe o suficiente para que Veracidade não soubesse que as suas mensagens e ordens tinham sido entregues horas depois de enviá-las. Aos olhos dos duques, os seus esforços pareceriam ineptos e as estratégias tardias ou insensatas. — A minha voz sumiu diante da ira que brotou no rosto de Kettricken. A cor lhe subiu às bochechas, rosas furiosas.

— Quantas vidas? — perguntou com voz rouca. — Quantas vilas? Quantos mortos ou, pior, forjados? Tudo por causa do despeito de um príncipe, tudo devido à ambição pelo trono de um garoto mimado? Como é possível que ele o tenha feito, Fitz? Como pode ter suportado deixar pessoas morrerem simplesmente para fazer com que o irmão parecesse tolo e incompetente?

Não tinha nenhuma verdadeira resposta a dar àquilo.

— Talvez não achasse que eram pessoas e vilas — ouvi-me dizendo em voz baixa. — Talvez para ele fossem apenas peças de um jogo. Posses de Veracidade a serem destruídas se não pudesse conquistá-las para si.

Kettricken fechou os olhos.

— Isso não tem perdão — disse em voz baixa para si mesma. Parecia doente. De um modo definitivo, mas estranhamente gentil, acrescentou: — Terá de matá-lo, FitzCavalaria.

Tão estranho, receber por fim aquela ordem régia.

— Eu sei disso, minha senhora. Já sabia da última vez que tentei.

— Não — corrigiu-me ela. — Da última vez que tentou, foi por você. Não sabia que isso havia me enfurecido? Desta vez, estou lhe dizendo que você tem de matá-lo pelo bem dos Seis Ducados. — Sacudiu a cabeça, quase surpresa. — É o único modo que ele tem de ser Sacrifício pelo seu povo. Ser morto para o

bem dele antes que possa machucá-lo mais.

Olhou abruptamente ao redor, para o círculo de pessoas silenciosas aconchegadas em mantas que a fitavam.

— Vão dormir — disse a todos, como se fôssemos crianças teimosas. — Amanhã temos de levantar cedo de novo e mais uma vez viajar rapidamente. Durmam enquanto podem.

Esporana saiu para o primeiro turno de vigia da noite. Os outros deitaram-se e, à medida que as chamas do braseiro se extinguiam e a luz diminuía, tenho certeza de que foram adormecendo. Porém, apesar da minha fadiga, eu fiquei deitado fitando a escuridão. À minha volta havia apenas os sons de pessoas respirando, do vento da noite que quase não se movia através das árvores. Se sondasse para fora, conseguia detectar Olhos-de-Noite à espreita, sempre alerta em busca do rato descuidado. A paz e quietude da floresta presa pelo inverno encontravam-se ao nosso redor. Todos dormiam profundamente, exceto Esporana, de vigia.

Mais ninguém ouvia o impetuoso impulso do anseio por Talento que crescia em mim a cada dia da nossa viagem. Não falara à rainha sobre o meu outro medo: que, se procurasse contactar Veracidade com o Talento, eu nunca regressasse, que submergisse naquele rio de Talento que vislumbrara e fosse levado por ele para sempre. Até pensar nessa tentação me levava, trêmulo, à beira da aquiescência. Ferozmente, ergui as minhas muralhas e limites, pondo todas as defesas que aprendera entre mim e o Talento. Contudo, naquela noite, coloquei-as no lugar não apenas para manter Majestoso e o seu círculo fora da minha mente, mas para me manter dentro dela.

CAPÍTULO 24

A Estrada do Talento

Qual é a verdadeira fonte da magia? Nascer com ela no sangue, como certos cães nascem para seguir um odor, enquanto outros são melhores guardando ovelhas? Ou será algo que qualquer um pode conquistar com a determinação de aprender? Ou serão as magias inerentes às pedras, águas e terras do mundo, de tal modo que uma criança se embeba de habilidades com a água que bebe ou o ar que respira? Faço estas perguntas sem qualquer noção de como descobrir as respostas. Se conhecêssemos a fonte, poderia um feiticeiro de grande poder ser deliberadamente criado por alguém que desejasse fazê-lo? Seria possível criar uma criança para a magia como se cria um cavalo para a força ou a velocidade? Ou selecionar um bebê e começar a instrução antes mesmo de a criança começar a falar? Ou construir a casa onde fosse possível usar magia em um local em que a terra fosse mais rica nela? Essas perguntas me assustam de tal maneira que quase não tenho desejo de procurar as respostas, exceto pelo fato de se eu não procurar, alguém mais poder fazê-lo.



Era o início da tarde quando chegamos à trilha larga marcada no mapa. O nosso estreito caminho fundiu-se nela como um riacho se junta a um rio. Deveríamos segui-la durante alguns dias. Às vezes nos levava a passar por pequenas aldeias aconchegadas em contrafortes abrigados das Montanhas, mas Kettricken nos fez passar por elas apressadamente, sem parar. Passamos por outros viajantes na estrada, e esses ela saudava com cortesia, mas afastava firmemente todas as tentativas de conversa. Se alguém a reconheceu como filha de Eyod, não demonstrou. Chegou um dia, no entanto, em que passamos o dia inteiro sem obtermos sequer um vislumbre de outro viajante, quanto mais de uma aldeia ou de uma cabana. A trilha se estreitou, e os únicos rastros que havia nela eram antigos, tornados indistintos pela neve fresca. Quando nos levantamos no dia seguinte e seguimos trilha afora, ela rapidamente minguou até não ser mais do que um caminho vago por entre as árvores. Kettricken parou várias vezes e

olhou em volta, e uma vez nos fez voltar e depois prosseguir em outra direção. Quaisquer que fossem os sinais que ela seguia, eram sutis demais para mim.

Nessa noite, quando acampamos, ela pegou de novo o mapa e o examinou. Notei a sua incerteza e fui me sentar ao seu lado. Não fiz perguntas, nem ofereci conselhos, apenas fitei com ela as marcas gastas no mapa. Por fim, ela olhou para mim.

— Acho que estamos aqui — disse. O dedo me mostrou a extremidade do caminho comercial que havíamos seguido. — Em algum lugar, ao norte de nós, devemos encontrar esta outra estrada. Eu esperava que houvesse alguma trilha antiga de ligação entre as duas. Era uma ideia que fazia sentido para mim, que esta velha estrada se ligasse de algum modo a outra ainda mais esquecida. Mas agora… — Suspirou. — Amanhã, suponho que continuamos às cegas na esperança de que a sorte nos ajude.

As suas palavras não deram ânimo a nenhum de nós.

Apesar de tudo, no dia seguinte prosseguimos viagem. Viajamos firmemente para o norte, através de uma floresta que parecia nunca ter sido tocada por um machado. Galhos de árvores entrelaçavam-se muito acima de nós, enquanto gerações de folhas e agulhas jaziam profundamente enterradas no irregular manto de neve que se infiltrara até o chão da floresta. Para o meu sentido da Manha, aquelas árvores possuíam uma vida fantasmagórica que era quase animal, como se tivessem adquirido alguma consciência, simplesmente em virtude da sua idade. Mas era uma consciência de um mundo mais vasto de luz e umidade, de solo e de ar. Não prestavam nenhuma atenção à nossa passagem, e à tarde eu já me sentia tão insignificante quanto uma formiga. Nunca pensara que seria desdenhado por uma árvore.

Enquanto continuávamos viajando, hora após hora, tenho certeza de que eu não era eu o único a perguntar a si mesmo se teríamos nos perdido por completo. Uma floresta tão antiga teria engolido uma estrada numa geração. Raízes teriam erguido as suas pedras, folhas e agulhas a teriam coberto. O que procurávamos podia já não existir, exceto como uma linha em um mapa velho.

Foi o lobo, que como sempre seguia muito à nossa frente, que se deparou com ela primeiro.

Não gosto nada disto, anunciou.

— A estrada fica por ali — gritei a Kettricken, que seguia à minha frente. A minha débil voz humana soou como o zumbido de uma mosca num grande salão. Fiquei quase surpreso quando ela me ouviu e olhou para trás. Notou a minha mão que apontava, então, com uma encolhida de ombros, dirigiu os seus animais

de carga em uma direção mais voltada para oeste. Mesmo assim, caminhamos durante algum tempo antes de eu avistar entre as árvores que se aglomeravam na nossa frente uma abertura reta como uma flecha. Uma faixa de luz penetrava ali na floresta. Kettricken levou os animais de carga para aquela superfície larga.

Qual é o problema?

Ele sacudiu-se todo, como que para livrar a pelagem de água. *É demais de homem. Como uma fogueira para cozinhar carne.*

Não compreendo.

Ele achatou as orelhas para trás. *É como uma grande força que foi diminuída e vergada à vontade de um homem. O fogo sempre procura uma maneira para escapar do confinamento. Esta estrada também.*

A resposta dele não fazia sentido para mim. Então chegamos à estrada. Observei Kettricken e as jepas que me precediam. A estrada larga era um corte reto através das árvores, com a superfície mais baixa do que a do solo da floresta, como quando uma criança arrasta um graveto pela areia e deixa para trás uma depressão. As árvores da floresta cresciam ao longo da estrada e debruçavam-se sobre ela, mas nenhuma projetara raízes para a estrada, tampouco algum broto brotara de lá. Nem sequer a neve que cobria a sua superfície fora desfigurada, nem mesmo por um rastro de ave. Não havia sequer sinais atenuados de velhos rastros cobertos pela neve. Ninguém percorrera aquela estrada desde que as neves de inverno haviam começado. Até onde eu conseguia ver, nem mesmo havia trilhas de caça que a atravessassem.

Desci para a superfície da estrada.

Foi como penetrar de rosto em teias de aranha. Um pedaço de gelo pelas costas abaixo. Entrar em uma cozinha quente depois de ficar sob um vento gelado. Foi uma sensação física que me capturou, tão penetrante como aquelas, e ainda assim tão indescritível quanto a umidade ou a secura. Parei, petrificado. Mas nenhum dos outros mostrou qualquer consciência daquilo quando saltaram da borda da floresta para a superfície da estrada. O único comentário de Esporana, para si mesma, foi que pelo menos ali a neve era menos profunda e se caminhava melhor. Nem sequer indagou por que a neve seria menos profunda na estrada, apenas apressou-se atrás da fila de jepas. Eu continuava parado na estrada, olhando em volta, alguns minutos mais tarde quando Panela saiu das árvores para a superfície da estrada. Ela também parou. Por um instante, pareceu surpreendida e resmungou alguma coisa.

— Você disse feita de Talento? — perguntei-lhe.

Os seus olhos saltaram para mim como se não tivesse reparado que eu estava

de pé ali bem na sua frente. Fitou-me, furiosa. Por um momento, não falou.

— Eu disse “eita, que tormento”! — declarou. — Quase torci o tornozelo quando saltei. Estas botas da montanha não são mais rígidas do que meias. — Virou-me as costas e avançou com dificuldade atrás dos outros. Segui-a. Por algum motivo me sentia como se estivesse caminhando através de água, só que sem a resistência da água. É uma sensação difícil de descrever. Como se alguma coisa fluísse pela encosta acima à minha volta e me arrastasse com a sua corrente.

Procure uma maneira de escapar do confinamento, observou de novo o lobo, aborrecido. Ergui o olhar e o encontrei trotando ao meu lado, mas na borda da floresta, não na superfície lisa da estrada. *Seria mais sensato se você viajasse aqui por cima, comigo.*

Pensei no assunto. *Pareço estar bem. É mais fácil caminhar por aqui. É mais liso.*

Sim, e o fogo o aquece, até o momento em que o queima.

Eu não tinha resposta a dar àquilo. Em vez de responder, caminhei durante algum tempo com Panela. Após dias andando em fila pelo caminho estreito, aquilo parecia mais fácil e mais sociável. Passamos o resto da tarde caminhando pela estrada antiga. Ela se dirigia sempre para cima, mas seguia sempre em ângulo pelas encostas dos montes, de modo que o avanço nunca era íngreme demais. As únicas coisas que perturbavam o manto liso de neve que cobria a estrada eram ocasionais galhos mortos, caídos das árvores, e a maior parte deles estava se desfazendo em serragem. Nem uma vez sequer vi rastros de animais, ao longo da estrada ou a atravessando.

Não há nem cheiro de caça, confirmou Olhos-de-Noite num tom tristonho. *Esta noite vou ter de ir longe para arranjar carne fresca para mim.*

Podia ir agora, sugeri.

Não confio em você sozinho nesta estrada, informou-me ele com severidade.

O que poderia me fazer mal? Panela está bem aqui ao meu lado, então eu não ficaria sozinho.

Ela é tão má quanto você, insistiu teimosamente Olhos-de-Noite. Mas apesar das minhas perguntas, não conseguiu me explicar o que queria dizer.

Apesar disso, à medida que a tarde se aprofundava e se transformava em noite, fui começando a ter ideias próprias. De vez em quando apanhava a minha mente em intensos devaneios, meditações tão absorventes que sair delas era como acordar sobressaltado. E, como acontece com muitos sonhos, estouravam como bolhas, deixando-me quase sem qualquer recordação sobre aquilo em que

pensara. Paciência dando ordens militares, como se fosse Rainha dos Seis Ducados. Bronco dando banho em uma bebê e cantarolando enquanto o fazia. Duas pessoas que eu não conhecia colocando pedras chamuscadas umas sobre as outras, enquanto reconstruíam uma casa. Pareciam imagens tolas e vivamente coloridas, mas tão intensamente nítidas que eu quase acreditava nos meus próprios devaneios. A caminhada fácil pela estrada que a princípio parecera tão agradável começou a se assemelhar a uma precipitação involuntária, como se uma corrente me empurrasse, independentemente da minha vontade. No entanto, eu não podia estar me apressando muito, pois Panela me acompanhou a tarde inteira. Panela interrompia frequentemente os meus pensamentos para me fazer perguntas triviais, ou para chamar a minha atenção para uma ave que nos sobrevoava, ou para perguntar se as minhas costas me incomodavam. Eu procurava responder, mas momentos depois já não conseguia me lembrar do que estávamos falando. Não podia censurá-la por me olhar de cenho franzido, de tanto que me mostrava desnorteado, mas também não conseguia encontrar uma solução para a minha mente ausente. Passamos por um tronco caído atravessado na estrada. Achei que havia algo de estranho nele e pretendi mencionar isso a Panela, mas o pensamento fugiu antes de conseguir dominá-lo. Estava tão absorvido por coisa nenhuma que quando o Bobo me chamou eu me sobressaltei. Olhei em volta, mas já nem sequer consegui ver as jepas.

— FitzCavalaria! — gritou ele de novo, e eu me virei e descobri que havia passado não só por ele, mas por toda a expedição. Panela, ao meu lado, resmungou para si mesma enquanto voltava.

Os outros haviam parado e já estavam descarregando as jepas.

— Com certeza não pretendem montar a tenda no meio da estrada? — perguntou Panela, alarmada.

Esporana e o Bobo ergueram os olhos de onde estendiam a forma da tenda de couro de cabra.

— Teme as multidões apressadas e as carroças? — perguntou o Bobo com sarcasmo.

— É plano e liso. Na noite passada, eu tinha uma raiz ou uma pedra debaixo do colchão — acrescentou Esporana.

Panela ignorou-os e dirigiu-se a Kettricken.

— E estaríamos à plena vista de qualquer um que entrasse nesta estrada ao longo de uma grande extensão em ambas as direções. Acho que devíamos sair da estrada e acampar debaixo das árvores.

Kettricken olhou em volta.

— Está quase escuro, Panela. E não creio que temos muito a temer de perseguidores. Acho que…

Estremeci quando o Bobo pegou o meu braço e me levou até a borda da estrada.

— Suba — disse-me bruscamente quando chegamos à beira da floresta. Subi, apoiando-me nas mãos até me endireitar de novo sobre o musgo da floresta. Uma vez lá, bocejei, sentindo os ouvidos desentupirem. Senti-me quase imediatamente mais alerta. Olhei para trás, para a estrada, onde Esporana e Kettricken estavam juntando as peles da tenda para movê-las. Panela já estava arrastando os postes para fora da estrada. — Então decidimos acampar fora da estrada — observei, estupidamente.

— Você está bem? — perguntou-me o Bobo, ansioso.

— Claro que sim. Minhas costas não doem mais do que de costume — acrescentei, achando que ele se referia a isso.

— Você estava ali de pé, fitando a estrada, sem prestar atenção em ninguém. Panela disse que você tem estado assim a maior parte da tarde.

— Tenho andado um bocado desnorteado — admiti. Tirei a luva para tocar o meu rosto. — Acho que não estou ficando com febre. Mas foi como… pensamentos febris de arestas vivas.

— Panela disse que acha que é a estrada. Disse que você disse que ela havia sido feita de Talento.

— Disse que eu disse? Não. Eu pensei que foi isso que ela disse quando chegamos à estrada. Que tinha sido feita de Talento.

— O que é ser “feito de Talento”? — perguntou-me o Bobo.

— Moldado pelo Talento — respondi, então acrescentei: — Suponho. Nunca ouvi falar do Talento sendo usado para fazer ou dar forma a alguma coisa. — Olhei para a estrada, curioso. Fluía tão suavemente através da floresta, uma fita de um branco puro, que desaparecia por entre as árvores. Atraía o olhar, e eu quase conseguia ver o que se encontrava para além da elevação seguinte da encosta arborizada.

— Fitz!

Com um sobressalto, voltei a atenção ao Bobo, aborrecido.

— O quê? — perguntei.

Ele estava tremendo.

— Você estava parado aí, fitando a estrada desde que o deixei. Achei que você tinha ido buscar lenha, até levantar os olhos e vê-lo ainda parado no mesmo lugar. Qual é o problema?

Pisquei lentamente. Estivera caminhando por uma cidade, olhando para as frutas de uns amarelos e vermelhos vivos, amontoadas em grandes pilhas nas barracas do mercado. Porém, mesmo enquanto tentava alcançar esse sonho, ele desapareceu, deixando-me na mente apenas uma confusão de cores e odores.

— Não sei. Talvez esteja febril. Ou só muito cansado. Eu vou buscar a lenha.

— Eu vou com você — anunciou o Bobo.

Junto ao meu joelho, Olhos-de-Noite soltou um ganido ansioso. Olhei-o.

— Qual o problema? — perguntei-lhe em voz alta.

Ele ergueu o olhar para mim, com o pelo entre os olhos eriçado de preocupação. *Você não parece estar me ouvindo. E os seus pensamentos não são… pensamentos.*

Vou ficar bem. O Bobo está comigo. Vá caçar. Consigo sentir a sua fome.

E eu sinto a sua, respondeu ele num tom ominoso.

Então partiu, ainda que com relutância. Eu segui o Bobo para o interior da floresta, mas pouco mais fiz do que transportar a lenha que ele apanhava e me entregava. Sentia-me como se não conseguisse acordar por completo.

— Alguma vez já ficou estudando alguma coisa tremendamente interessante, até levantar os olhos de repente e descobrir que se passaram horas? É assim que me sinto neste momento.

O Bobo entregou-me outro pedaço de madeira.

— Você está me assustando — informou-me em voz baixa. — Está falando de uma maneira muito parecida com a do Rei Sagaz na época em que estava enfraquecendo.

— Mas naquela época ele estava drogado contra as dores — observei. — E eu não estou.

— É isso que é assustador — disse-me ele.

Voltamos juntos para o acampamento. Tínhamos levado tanto tempo que Panela e Esporana já haviam acendido uma pequena fogueira depois de juntarem algum combustível. A luz que ela lançava iluminava a tenda em forma de cúpula e as pessoas que se moviam à sua volta. As jepas eram sombras que perambulavam por perto enquanto se alimentavam. Quando empilhamos a lenha perto da fogueira para ser usada mais tarde, Panela tirou os olhos do que estava cozinhando.

— Como você está se sentindo? — perguntou.

— Um pouco melhor — respondi.

Olhei em volta, em busca de alguma tarefa que fosse preciso desempenhar, mas o acampamento fora montado sem mim. Kettricken estava dentro da tenda,

absorta pelo mapa, à luz de uma vela. Panela mexia mingau de aveia junto da fogueira enquanto, estranhamente, o Bobo e Esporana conversavam em voz baixa. Fiquei imóvel, tentando me lembrar de algo que pretendera fazer, algo que estivera fazendo. A estrada. Queria dar outra olhada na estrada. Virei-me e caminhei na sua direção.

— FitzCavalaria!

Virei-me, surpreendido pelo tom penetrante do chamado de Panela.

— O que é?

— Onde vai? — perguntou. Fez uma pausa, como que surpresa pela sua própria pergunta. — Quero dizer, Olhos-de-Noite anda por aí? Não o vejo há algum tempo.

— Foi caçar. Vai voltar. — Recomecei a me encaminhar para a estrada.

— Normalmente, a esta hora já caçou e regressou — prosseguiu ela.

Parei.

— Ele disse que não há muita caça perto da estrada. Então teve de ir mais longe. — Virei-me de novo.

— Ora, aí está uma coisa que parece estranha — prosseguiu ela. — Não há sinal de tráfego humano pela estrada. E, no entanto, os animais ainda a evitam. A caça normalmente não segue o caminho que for mais fácil?

Eu lhe gritei:

— Alguns animais seguem. Outros preferem manter-se ocultos.

— Vá buscá-lo, garota! — ouvi Panela dizer a alguém num tom penetrante.

— Fitz! — ouvi Esporana chamar, mas foi o Bobo que me alcançou e me pegou pelo braço.

— Volte para a tenda — pediu, puxando-me pelo braço.

— Só quero dar outra olhada na estrada.

— Está escuro. Não vai ver nada agora. Espere até amanhã, quando estivermos outra vez viajando por ela. Por ora, volte para a tenda.

Fui com ele, mas lhe disse, irritado: — Quem está agindo de um modo estranho é você, Bobo.

— Não diria isso se tivesse visto a expressão no seu rosto há pouco.

As rações nessa noite foram muito semelhantes ao que vinham sendo desde que havíamos deixado Jhaampe: mingau de cereais espesso com algumas maçãs secas cortadas, um pouco de carne seca e chá. Enchia, mas não era empolgante. Nada fez para me distrair do modo atento com que os outros me observavam. Por fim larguei a caneca de chá e perguntei:

— O quê?

A princípio ninguém disse nada. Então Kettricken disse, sem rodeios:

— Fitz, esta noite você não fica de vigia. Quero que fique na tenda e durma.

— Estou bem, posso aguentar um turno — comecei a protestar, mas foi a minha rainha que ordenou: — Estou lhe dizendo para ficar dentro da tenda esta noite.

Por um momento, lutei contra a minha língua. Depois abaixei a cabeça.

— Como queira. Talvez eu esteja cansado demais.

— Não. É mais do que isso, FitzCavalaria. Esta noite você quase não comeu e, a menos que um de nós o force a falar, não faz nada a não ser perder os olhos ao longe. O que o distrai?

Tentei encontrar uma resposta para a pergunta franca de Kettricken.

— Não sei. Exatamente. Pelo menos, é uma coisa difícil de explicar. — O único som era o minúsculo crepitar da fogueira. Todos os olhos estavam postos em mim. — Quando somos treinados no Talento — prossegui, mais devagar –, nós nos tornamos mais conscientes de que a própria magia possui em si um perigo. Ela atrai a atenção do utilizador. Quando estamos usando o Talento para fazer uma coisa, temos de focar com firmeza a atenção naquilo que pretendemos, recusando-nos a sermos distraídos pela atração do Talento. Se o utilizador do Talento perder esse foco, se ceder ao Talento propriamente dito, pode se perder nele. Pode ser absorvido por ele. — Ergui os olhos do fogo e olhei em volta, para os rostos deles. Estavam todos imóveis, exceto Panela, que balançava a cabeça muito ligeiramente.

— Hoje, desde que encontramos a estrada, senti algo que é quase como a atração do Talento. Não tentei usá-lo; na verdade, já faz alguns dias que bloqueio o Talento em mim tanto quanto possível, por temer que o círculo de Majestoso possa tentar penetrar na minha mente e me fazer mal. Contudo, apesar disso, senti-me como se o Talento estivesse me tentando. Como uma música que quase consigo ouvir, ou um odor muito tênue de caça. Eu me apanho me esforçando para segui-la, tentando descobrir o que me chama…

O meu olhar saltou para Panela, vi a ânsia distante nos seus olhos.

— Será pelo fato de a estrada ser feita de Talento?

Um clarão de ira atravessou o rosto dela. Baixou os olhos para as mãos velhas enroladas no colo. Soltou um suspiro de exasperação.

— Pode ser. As velhas lendas que ouvi dizem que quando uma coisa é feita de Talento, pode ser perigosa para algumas pessoas. Não para pessoas comuns, mas para aqueles que têm aptidão para o Talento, mas não foram treinados nele. Ou para aqueles cujo treino não está suficientemente avançado para saberem como

ter cuidado.

— Nunca ouvi falar de nenhuma lenda sobre coisas feitas de Talento. — Virei-me para o Bobo e para Esporana. — Vocês ouviram?

Ambos sacudiram lentamente as cabeças.

— Parece-me — eu disse com cautela a Panela — que alguém que leu tanto como o Bobo deveria ter se deparado com essas lendas. E certamente que uma menestrel treinada devia ter ouvido alguma coisa sobre elas. — Continuei a olhá-la firmemente.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— O que eles não leram ou ouviram não é culpa minha — disse, com rigidez. — Só lhes digo o que me foi dito, há muito tempo.

— Há quanto tempo? — pressionei. À minha frente, Kettricken franziu o cenho, mas não interferiu.

— Há muito, muito tempo — respondeu friamente Panela. — Na época em que os jovens respeitavam os mais velhos.

O rosto do Bobo iluminou-se com um sorriso deliciado. Panela pareceu sentir que ganhara alguma coisa, pois largou com estrondo a caneca de chá na tigela de mingau e as entregou a mim.

— É a sua vez de lavar a louça — disse-me com severidade. Levantou-se, afastou-se da fogueira e entrou na tenda, batendo com força com os pés no chão.

Enquanto juntava lentamente a louça para limpá-la com neve limpa, Kettricken veio ficar ao meu lado.

— Do que você suspeita? — perguntou-me do seu modo franco. — Acha que ela é uma espiã, uma inimiga entre nós?

— Não. Não acho que seja inimiga. Mas acho que é… alguma coisa. Não só uma velha com um interesse religioso no Bobo. Algo mais do que isso.

— Mas você não sabe o quê?

— Não. Não sei. Só sei que reparei que ela parece saber muito mais sobre o Talento do que eu esperaria que soubesse. Em todo o caso, uma pessoa idosa acumula muitos conhecimentos estranhos ao longo de uma vida. Pode não passar disso. — Levantei os olhos para onde o vento agitava as copas das árvores. — Acha que teremos neve esta noite? — perguntei a Kettricken.

— Quase com certeza. E teremos sorte se parar antes da manhã. Devíamos recolher mais lenha e empilhá-la perto da porta da tenda. Não, você não. Você deve entrar na tenda. Se começasse a vagar agora, nesta escuridão e com neve a caminho, jamais o encontraríamos.

Comecei a protestar, mas ela me deteve com uma pergunta.

— O meu Veracidade. Ele é mais treinado no Talento do que você?

— Sim, minha senhora.

— Acha que esta estrada chamaria por ele, como chama por você?

— Quase com certeza. Mas ele sempre foi muito mais forte do que eu no que diz respeito ao Talento ou à teimosia.

Um sorriso triste torceu os seus lábios.

— Sim, aquele é teimoso. — Soltou de repente um suspiro pesado. — Quem dera fôssemos apenas um homem e uma mulher, vivendo longe tanto do mar como das montanhas. Quem dera as coisas fossem simples para nós.

— Eu também tenho esse desejo — disse em voz baixa. — Desejo bolhas nas mãos de um trabalho simples e as velas de Moli iluminando o nosso lar.

— Espero que consiga isso, Fitz — disse Kettricken em voz baixa. — Espero mesmo. Mas temos um longo caminho a percorrer daqui até lá.

— Isso é verdade — concordei. E uma espécie de paz desabrochou entre nós. Não duvidava de que, se as circunstâncias o exigissem, ela levaria a minha filha para o trono. Mas ela não teria sido mais capaz de mudar a sua atitude diante do dever e do sacrifício do que de mudar o sangue e os ossos do seu corpo. Era quem ela era. Não era como se ela quisesse me roubar a bebê.

Tudo o que eu tinha de fazer para ficar com a minha filha era lhe devolver o marido são e salvo.

Nessa noite fomos para a cama mais tarde do que havia se tornado nosso costume. Todos estávamos mais cansados do que o normal. O Bobo ficou com o primeiro turno de vigia, apesar das rugas de tensão que o rosto mostrava. O novo tom marfim que a sua pele tomara lhe dava um aspecto terrível quando sentia frio, como se fosse uma estátua de infelicidade esculpida em osso antigo. O resto de nós não reparava muito no frio quando nos mexíamos durante o dia, mas não acho que o Bobo alguma vez se sentiu completamente aquecido. E, no entanto, agasalhou-se bem e foi lá para fora, para o vento que aumentava de intensidade, sem um murmúrio de queixa. O resto de nós deitou-se para dormir.

A tempestade foi, a princípio, uma coisa que estava acontecendo acima de nós, nas copas das árvores. Agulhas soltas caíam com ruído contra a pele da tenda e, à medida que a tempestade se tornava mais intensa, o mesmo acontecia com pequenos galhos e descargas ocasionais de neve gelada. O frio aumentou e transformou-se em algo que penetrava por cada abertura em cobertores ou vestimentas. No meio do turno de Esporana, Kettricken a chamou para dentro, dizendo que a tempestade agora ficaria de vigia por nós. Quando Esporana entrou, o lobo deslizou para dentro logo atrás. Para meu alívio, ninguém fez

grandes objeções. Quando Esporana comentou que ele trazia neve consigo, o Bobo respondeu que o lobo tinha menos neve em cima do que ela. Olhos-de-Noite veio imediatamente para a nossa parte da tenda e deitou-se entre o Bobo e a parede exterior. Pousou a sua grande cabeça no peito do Bobo e soltou um suspiro antes de fechar os olhos. Quase senti ciúme.

Ele tem mais frio do que você. Muito mais. E, na cidade, onde a caça era tão ruim, com frequência dividiu comida comigo.

Bem. Então ele é alcateia?, perguntei, com um vestígio de divertimento.

Diga-me você, desafiou-me Olhos-de-Noite. *Ele salvou a sua vida, alimentou-o com as suas presas e dividiu com você o seu covil. É alcateia conosco ou não?*

Suponho que seja, respondi após refletir um momento. Nunca tinha visto as coisas propriamente daquela forma. Discretamente, desloquei os cobertores um pouco para mais perto do Bobo.

— Está com frio? — perguntei em voz alta.

— Desde que eu continue tremendo, não — respondeu ele com uma voz infeliz. Então acrescentou: — Na verdade, estou mais quente com o lobo entre mim e a parede. Ele solta muito calor.

— Ele está grato por todas as vezes que você o alimentou em Jhaampe.

O Bobo me olhou de soslaio através da escuridão que reinava na tenda.

— É mesmo? Achava que os animais não carregassem consigo recordações durante tanto tempo.

Aquilo me surpreendeu o suficiente para me fazer pensar no assunto.

— Normalmente não carregam. Mas, esta noite, ele se lembra de que você o alimentou e está grato.

O Bobo ergueu uma mão para coçar cuidadosamente em volta das orelhas de Olhos-de-Noite. Este soltou um grunhido de prazer, como um filhote, e aconchegou-se mais, feliz. Pensei de novo em todas as mudanças que eu estava vendo nele. Cada vez com mais frequência, as suas reações e pensamentos eram uma mistura de humano e de lobo.

Estava cansado demais para me entregar durante muito tempo a esses pensamentos. Fechei os olhos e comecei a me afundar no sono. Passado algum tempo, percebi que tinha os olhos bem fechados, a boca cerrada e não estava mais próximo de adormecer. Desejei simplesmente abrir mão da consciência, de tão cansado que me sentia, mas o Talento me ameaçava e chamava com tal insistência que eu não conseguia relaxar o suficiente para dormir. Não parava de me mexer, tentando encontrar uma posição física que fosse mais relaxante, até que Panela, ao meu outro lado, perguntou mordazmente se eu tinha pulgas.

Tentei me manter quieto.

Fitei a escuridão do teto da tenda, escutando o vento que soprava lá fora e a calma respiração dos meus companheiros. Fechei os olhos e relaxei os músculos, tentando pelo menos descansar o corpo. Desejava tão desesperadamente adormecer. Mas sonhos de Talento me puxaram como minúsculos ganchos farpados espetados na minha mente até eu achar que devia gritar. A maior parte era horrível. Algum tipo de cerimônia de forjamento numa aldeia costeira, um enorme fogo ardendo num fosso e cativos, empurrados por ilhéus escarnecedores, a quem era oferecida a alternativa de serem forjados ou de se atirarem no fosso. Crianças assistiam. Afastei com uma sacudida a mente das chamas.

Recuperei o fôlego e acalmei os olhos. Dormir. Em um quarto do Castelo de Torre do Cervo, Renda estava retirando com cuidado a renda de um velho vestido de noiva. Tinha a boca firmemente apertada em desaprovação enquanto puxava as minúsculas linhas que prendiam o trabalho ornamentado.

— Dará um bom preço — disse-lhe Paciência. — Talvez o suficiente para abastecer as nossas torres de vigia durante mais um mês. Ele compreenderia o que temos de fazer por Cervo. — Mantinha a cabeça muito ereta e havia mais cinza no negro do seu cabelo do que eu recordava, enquanto os seus dedos desatavam as cordas de minúsculas pérolas que cintilavam na gola rendilhada do vestido. O tempo envelhecera o branco do vestido até torná-lo cor de marfim, e a exuberante amplitude das saias caía em cascata sobre os colos. Paciência inclinou subitamente a cabeça como quem escuta, com um franzido intrigado no rosto. Fugi.

Usei toda a minha força de vontade para abrir os olhos. O fogo no pequeno braseiro ardia com pouca intensidade, lançando uma luz avermelhada. Examinei os postes que sustentavam as peles retesadas. Acalmei a respiração com a força de vontade. Não me atrevi a pensar em nada que pudesse me atrair para fora da minha vida, nem em Moli, nem em Bronco, nem em Veracidade. Tentei descobrir alguma imagem neutra na qual repousar a mente, algo sem conotações especiais na minha vida. Evoquei uma paisagem incaracterística. Uma planície lisa e vazia de terra envolta em neve branca, encimada por um pacífico céu noturno. Abençoada quietude… Afundei-me nela como quem se afunda em um suave colchão de penas.

Um cavaleiro aproximava-se rapidamente, muito inclinado, agarrado ao pescoço do cavalo, incentivando-o a avançar. Havia uma beleza simples e segura na dupla, o cavalo em corrida, o manto esvoaçante do homem imitado pela

cauda fluida do cavalo. Durante algum tempo, nada mais houve do que aquilo, o cavalo e cavaleiro escuros abrindo caminho pela planície nevada sob um céu aberto iluminado pelo luar. O cavalo corria bem, um fácil estender e contrair de músculos, e o homem o cavalgava com leveza, quase parecendo montar acima dele e não às suas costas. A lua cintilou prateada na testa do homem, reluzindo no emblema do cervo rampante que ele usava. Breu.

Apareceram três cavaleiros. Dois vieram por trás, mas esses cavalos corriam fatigada e pesadamente. O cavaleiro solitário se afastaria deles se a perseguição durasse muito mais tempo. O terceiro perseguidor cortava a planície fazendo um ângulo com os demais. O cavalo malhado corria com vontade, sem prestar atenção à neve mais funda que atravessava. O seu pequeno cavaleiro o montava alto e bem, uma mulher ou um jovem. O luar dançava com leveza ao longo de uma lâmina desembainhada. Durante algum tempo pareceu que o jovem cavaleiro intersectaria o caminho de fuga de Breu, mas o velho assassino o viu. Falou ao cavalo, e o castrado irrompeu em velocidade, incrível de se ver. Deixou os dois pesados perseguidores muito para trás, mas o malhado chegava agora ao rastro de neve compactada e as suas patas estenderam-se, longas, enquanto ele procurava aproximar-se. Durante algum tempo, pareceu que Breu escaparia sem problemas, mas o cavalo malhado estava mais descansado. O castrado não conseguiu manter a sua explosão de velocidade, e o ritmo regular do malhado foi lentamente lhe devorando a vantagem. A distância foi se reduzindo, gradual, mas inexoravelmente. Então o cavalo malhado surgiu correndo logo atrás do castrado negro. O castrado diminuiu a velocidade e Breu virou-se na sela e ergueu um braço em saudação. O outro cavaleiro lhe gritou, com uma voz fina no ar frio.

— Por Veracidade, o verdadeiro rei! — Atirou-lhe um saco, e ele atirou um embrulho à mulher. De repente, separaram-se, os dois cavalos afastando-se do caminho compactado para se distanciarem um do outro. O ruído dos cascos foi sumindo na noite.

As esforçadas montarias dos perseguidores estavam cobertas de espuma e úmidas, soltando vapor no ar frio. Os seus cavaleiros as fizeram parar, praguejando, quando chegaram ao local onde Breu e a companheira haviam se separado. Fragmentos de conversas misturadas com palavrões pairaram no ar. “Malditos militantes Visionário!” e “Não há como saber qual deles está com ele agora!” e por fim “Não vou voltar para enfrentar chicotadas por causa dessa porcaria”. Pareceram chegar a um acordo, pois deixaram os cavalos respirar, então continuaram mais lentamente, ao longo do caminho compactado, afastando-se do local de onde tinham vindo.

Encontrei-me por um instante. Foi estranho descobrir que estava sorrindo, apesar do suor me enevoar o rosto. O Talento fluía forte e fiel. Estava respirando fundo devido à tensão que ele me causava. Tentei me afastar dele, mas a doce trepidação do conhecimento era penetrante demais. Senti-me eufórico pela fuga de Breu, eufórico por saber que havia militantes que trabalhavam por Veracidade. O mundo estendeu-se vasto à minha frente, tentador como uma bandeja de bolos doces. O meu coração escolheu num instante.

Uma bebê chorava, daquela maneira infindável e impotente das crianças. A minha filha. Estava deitada em uma cama, ainda envolta em um cobertor molhado de chuva. Tinha o rosto vermelho com o fervor dos gritos. A frustração enclausurada na voz de Moli era assustadora quando ela disse:

— Fique quieta. Não pode ficar quieta?

A voz de Bronco, severa e cansada.

— Não se zangue com ela. É só uma bebê. Provavelmente está apenas com fome.

Moli levantou-se, de lábios muito cerrados, braços bem apertados em volta do peito. Tinha as bochechas rubras e o cabelo transformado em madeixas molhadas. Bronco pendurou o manto encharcado. Haviam estado todos em algum lugar, juntos, e acabavam de regressar. As cinzas estavam mortas na lareira, a cabana encontrava-se fria. Bronco foi até a lareira, ajoelhou-se junto dela desajeitadamente, poupando o joelho, e começou a escolher gravetos para acender um fogo. Consegui sentir a tensão que havia nele e percebi como procurava conter a irritação.

— Cuide da bebê — sugeriu em voz baixa. — Eu acendo o fogo e ponho um pouco de água para ferver.

Moli tirou o manto e moveu-se com intenção de pendurá-lo ao lado do dele. Eu sabia como ela odiava que lhe dissessem o que fazer. A bebê continuava a berrar, numa exigência tão despida de remorso como o vento de inverno que soprava lá fora.

— Estou com frio, cansada, com fome e estou molhada. Ela vai ter de aprender que às vezes tem simplesmente de esperar.

Bronco debruçou-se para frente para soprar uma centelha, e praguejou em voz baixa quando ela não pegou.

— Ela também está com frio e fome e está cansada e molhada — observou. A sua voz estava ficando mais dura. Continuou obstinadamente tentando acender o fogo. — E é pequena demais para fazer alguma coisa a esse respeito. Logo,

chora. Não para atormentar você, mas para lhe dizer que precisa de ajuda. É como um cachorro ganindo, mulher, ou um pinto piando. Ela não faz isto para aborrecer. — A voz dele aumentava a cada frase.

— Bem, mas aborrece! — declarou Moli, e virou-se para o fogo. — Vai ter simplesmente de chorar tudo o que tem para chorar. Estou cansada demais para lidar com ela. E está ficando mimada. Não faz nada a não ser chorar para que lhe peguem no colo. Já não tenho um momento para mim. Nem sequer consigo dormir uma noite do início ao fim. Dar de comer à bebê, lavar a bebê, trocar a roupa da bebê, pegar a bebê no colo. A minha vida agora é isso. — Listou os seus agravos de um modo agressivo. Tinha nos olhos aquela cintilação, a mesma que eu via quando desafiava o pai, e eu sabia que ela esperava que Bronco ficasse de pé e avançasse contra ela. Mas ele soprou um minúsculo clarão e grunhiu de satisfação quando uma estreita língua de chama se estendeu e incendiou uma espiral de casca de bétula. Nem sequer se virou para olhar para Moli ou para a criança chorosa. Acrescentou ao minúsculo fogo graveto atrás de graveto, e eu me maravilhei por ele conseguir não estar consciente da fúria de Moli atrás de si. Eu não teria ficado tão composto se ela estivesse atrás de mim com aquela expressão no rosto.

Só se ergueu depois de o fogo se mostrar bem firme, e então se virou, não para Moli, mas para a criança. Passou por Moli como se ela não estivesse ali. Não sei se viu o modo como ela se fortaleceu para não estremecer diante do golpe que esperava que ele lhe desse. Partiu o meu coração ver aquela cicatriz que o pai deixara nela. Bronco debruçou-se sobre a bebê, falando na sua voz calmante enquanto a despia. Assisti em uma espécie de reverência a forma competente como lhe trocou a fralda. Bronco olhou em volta, e então pegou uma das suas camisas de lã, que estava pendurada no encosto de uma cadeira, e enrolou a bebê nela. A criança continuou a berrar, mas numa nota diferente. Bronco a apoiou no ombro e usou a mão livre para encher a panela e colocá-la no fogo. Foi como se Moli não estivesse lá. O rosto dela ficou branco e os seus olhos se arregalaram quando ele começou a medir cereais. Quando descobriu que a água ainda não estava fervendo, sentou-se com a bebê e lhe deu palmadinhas rítmicas nas costas. O choro tornou-se menos determinado, como se a bebê estivesse se cansando dele.

Moli foi até eles a passos largos.

— Dê-me a bebê. Vou lhe dar de mamar agora.

Bronco virou lentamente os olhos para ela. Tinha o rosto impassível.

— Quando estiver calma e quiser pegá-la no colo, eu a darei a você.

— Vai me dá-la agora! Ela é minha filha! — gritou Moli, e estendeu as mãos para a bebê. Bronco a parou com um olhar. Ela deu um passo para trás. — Está tentando me deixar envergonhada? — perguntou. Sua voz estava se tornando estridente. — Ela é minha filha. Tenho o direito de criá-la como bem entender. Não precisa ficar no colo o tempo todo.

— Isso é verdade — concordou ele com brandura, mas não fez qualquer movimento para lhe entregar a criança.

— Você acha que eu sou uma mãe ruim. Mas o que você sabe sobre crianças, para dizer que estou errada?

Bronco levantou-se, cambaleou meio passo com a perna ruim e recuperou o equilíbrio. Pegou a medida de cereais. Espalhou-a na água fervendo, então a mexeu para molhar uniformemente os grãos. Em seguida colocou uma tampa justa sobre a panela e a puxou ligeiramente para mais longe do alcance do fogo. Enquanto o fazia, não parou de embalar a bebê na dobra de um braço. Notei que ele estivera pensando quando respondeu:

— Bebês, talvez não. Mas sei sobre coisas novas. Potros, cachorros, bezerros, leitões. Até gatos caçadores. Sei que se quiser que confiem em você, é preciso tocar com frequência quando são pequenos. Com gentileza, mas firme, para que também acreditem na sua força.

Deixou-se levar pelo tema da conversa. Eu ouvira aquela aula uma centena de vezes, normalmente dada a cavalariços impacientes.

— Não se grita a eles, nem se faz movimentos súbitos que pareçam ameaçadores. Damos boa alimentação e água limpa, e os mantemos limpos e lhes damos abrigo contra o mau tempo. — A sua voz baixou acusadoramente quando acrescentou: — Não se leva até eles a sua irritação, nem confunde punição com disciplina.

Moli pareceu chocada com as palavras dele.

— A disciplina vem da punição. Uma criança aprende a disciplina quando é punida por fazer algo de errado.

Bronco sacudiu a cabeça.

— Eu gostaria de “punir” o homem que lhe enfiou isso na cabeça a pancada — disse, e uma ponta do seu antigo temperamento apareceu na sua voz. — O que foi que você aprendeu realmente com o seu pai descontando em você as irritações dele? — perguntou. — Que mostrar ternura à sua bebê é uma fraqueza? Que ceder e pegar sua filha ao colo quando ela chora porque quer você deixa de alguma forma de ser a coisa adulta a se fazer?

— Não quero falar do meu pai — declarou Moli de súbito, mas havia incerteza

na sua voz. Estendeu a mão para a bebê como uma criança tentaria alcançar o brinquedo preferido, e Bronco a deixou pegar a filha. Moli sentou-se nas pedras da lareira e abriu a blusa. A bebê procurou o seio com avidez e calou-se num instante. Durante algum tempo, os únicos sons que se ouviram foram o vento sussurrando lá fora, o borbulhar da panela de mingau e os pequenos ruídos que Bronco fazia com os gravetos com que alimentava o fogo. — Nem sempre você manteve a paciência com Fitz quando ele era pequeno — resmungou Moli em tom de censura.

Bronco soltou uma breve gargalhada.

— Não acho que alguém pudesse ser eternamente paciente com aquele lá. Quando o recebi, tinha cinco ou seis anos e eu não sabia nada sobre ele. E eu era jovem, com muitos outros interesses. Você pode colocar um potro num curral, ou prender um cão durante algum tempo. Com uma criança não é assim. Não pode nunca esquecer que tem um filho, nem por um instante. — Encolheu os ombros em um gesto de impotência. — Antes que eu percebesse, ele havia se transformado no centro da minha vida. — Uma pequena pausa estranha. — Depois o tiraram de mim, e eu deixei… E agora está morto.

Um silêncio. Desejei desesperadamente alcançá-los para lhes dizer que estava vivo. Mas não podia. Podia ouvi-los, podia vê-los, mas não podia alcançá-los. Como o vento fora da casa, urrei e bati nas paredes, inutilmente.

— O que vou fazer? O que será de nós? — perguntou, de repente, Moli a ninguém. O desespero na sua voz dilacerava. — Aqui estou. Sem marido, com uma criança e sem maneira de estabelecer o meu caminho no mundo. Tudo o que poupei desapareceu. — Olhou para Bronco. — Fui tão estúpida. Sempre acreditei que ele viria à minha procura, que casaria comigo. Mas ele nunca o fez. E agora nunca fará. — Começou a balançar enquanto apertava a bebê contra si. Lágrimas escorreram pelo seu rosto sem que prestasse atenção nela. — Não pense que não ouvi aquele velho hoje, aquele que disse que tinha me visto na Cidade de Torre do Cervo e que eu era a vadia do Bastardo da Manha. Essa história demorará quanto tempo até chegar à Praia do Capelim? Não me atrevo mais a ir à vila, não posso erguer a cabeça.

Algo saiu de Bronco diante daquelas palavras. Afundou-se, com o cotovelo no joelho, de cabeça na mão. Murmurou:

— Pensei que você não o tinha ouvido. Se ele não tivesse metade da idade de deus, eu o teria feito responder pelas suas palavras.

— Não pode desafiar um homem por dizer a verdade — disse Moli com desânimo.

Aquilo fez com que a cabeça de Bronco se erguesse.

— Você não é uma vadia! — declarou com fervor. — Era a esposa de Fitz. Não é sua culpa que nem todos soubessem.

— Esposa dele — disse Moli para si mesma, num tom de escárnio. — Não era, Bronco. Ele nunca chegou a casar comigo.

— Era assim que ele me falava de você. Acredite, eu sei. Se ele não tivesse morrido, teria vindo à sua procura. É verdade. Ele sempre teve a intenção de fazer de você sua esposa.

— Oh, sim, ele tinha muitas intenções. E disse muitas mentiras. Intenções não são atos, Bronco. Se cada mulher que tivesse ouvido um homem prometer casamento fosse uma esposa, bem, haveria uma enchente a menos de bastardos no mundo. — Endireitou-se e enxugou as lágrimas do rosto com uma finalidade cansada. Bronco não respondeu às suas palavras. Ela baixou os olhos para o pequeno rosto que estava finalmente em paz. A bebê adormecera. Moli introduziu o mindinho na boca da criança para soltar o mamilo da boca adormecida da bebê, que o segurava. Enquanto abotoava a blusa, deu um leve sorriso. — Acho que sinto um dente nascendo. Talvez ela esteja birrenta por causa do nascimento dos dentes.

— Um dente? Deixe-me ver! — exclamou Bronco, e veio debruçar-se sobre a bebê enquanto Moli puxava cuidadosamente o rosado lábio inferior da filha para revelar uma minúscula meia-lua branca que aparecia na sua gengiva. A minha filha afastou-se do toque, franzindo a testa sem acordar. Bronco tirou-a gentilmente das mãos de Moli e a levou para a cama. Deitou-a lá, ainda envolta na camisa. Junto ao fogo, Moli tirou a tampa da panela e mexeu o mingau.

— Eu vou tomar conta de vocês duas — ofereceu-se Bronco de um modo atrapalhado. Olhou para a criança enquanto falava. — Não sou tão velho que não possa arranjar trabalho, sabe? Enquanto puder brandir um machado, poderemos trocar ou vender lenha na vila. Daremos um jeito de nos arranjar.

— Você não é nada velho — disse Moli num tom distraído enquanto salpicava o mingau com um pouco de sal. Foi até a cadeira e sentou-se. Tirou uma peça de roupa que precisava ser remendada de um cesto ao lado da cadeira e a revirou nas mãos, decidindo por onde começar. — Você parece acordar novo todos os dias. Veja esta camisa. Descosturada no ombro, como se um garoto em crescimento tivesse feito isso. Acho que você fica mais novo a cada dia. Mas eu sinto que envelheço a cada hora que passa. E não posso viver para sempre da sua bondade, Bronco. Preciso prosseguir com a minha vida. De algum modo. É só que não consigo imaginar por onde começar, neste momento.

— Então não se preocupe com isso, neste momento — disse ele num tom reconfortante. Foi se colocar atrás da cadeira dela. As suas mãos se ergueram como se desejasse colocá-las nos ombros dela. Mas, em vez disso, cruzou os braços sobre o peito. — Logo será primavera. Arranjaremos um jardim e as migrações de peixes recomeçarão. Podem estar contratando lá em Praia do Capelim. Você verá, vamos dar um jeito.

O otimismo dele tocou em algo nela.

— Eu devia começar agora a fazer algumas colmeias de palha. Com muita sorte, eu poderia encontrar um enxame de abelhas.

— Eu conheço um campo florido nas colinas onde as abelhas trabalham em grande número no verão. Se pusermos lá as nossas colmeias, as abelhas se mudariam para elas?

Moli sorriu para si mesma.

— Elas não são como pássaros, pateta. Só saem em enxame quando a antiga tem abelhas demais. Podíamos arranjar um enxame dessa maneira, mas só quando o verão já estivesse no auge, ou no outono. Não. Ao chegar a primavera, quando as abelhas começam a acordar, tentaremos encontrar uma árvore de abelhas. Eu costumava ajudar o meu pai a caçar abelhas quando era menor, antes de me tornar esperta o suficiente para tratar das colmeias durante o inverno. Você coloca um prato de mel aquecido lá fora para atraí-las. Primeiro virá uma, depois outras. Se você for bom, e eu sou, pode encontrar a fila de abelhas e segui-la até a árvore de abelhas. Isso é só o início, claro. Depois precisa forçar o enxame a sair da árvore e a entrar na colmeia que preparou. Às vezes, se a árvore for pequena, pode simplesmente cortá-la e levar a abelheira para casa com você.

— Abelheira?

— É o ninho selvagem que cresce na árvore.

— E elas não nos picam? — perguntou Bronco, incrédulo.

— Se fizermos as coisas direito, não — disse ela calmamente.

— Você terá que me ensinar como se faz — disse ele com humildade.

Moli torceu-se na cadeira para olhá-lo. Sorriu, mas não foi um sorriso como o antigo. Era um sorriso que reconhecia que estavam fingindo que tudo aconteceria como planejavam. Ela agora sabia bem demais que não era possível confiar completamente em nenhuma esperança.

— Se me ensinar a escrever as minhas letras. Renda e Paciência começaram, e eu sei ler um pouco, mas a escrita é mais difícil para mim.

— Eu vou lhe ensinar, e depois você pode ensinar Urtiga — prometeu-lhe Bronco.

Urtiga. Ela deu o nome de Urtiga à minha filha, o nome da erva que ela ama, embora lhe deixe grandes irritações nas mãos e nos braços se for descuidada quando a colhe. Era assim que ela pensava na nossa filha, que trazia dor ao mesmo tempo que trazia satisfação? Doía-me pensar que fosse assim. Algo puxou a minha atenção, mas me agarrei ferozmente ao local em que me encontrava. Se aquilo era o mais próximo que eu podia estar de Moli naquele momento, então recolheria o que pudesse e me agarraria a isso.

Não. Veracidade falou com firmeza. *Afaste-se agora. Você os está colocando em perigo. Acha que hesitarão em destruí-los, se pensarem que fazendo isso o machucariam e enfraqueceriam?*

De repente, eu estava com Veracidade. Ele estava em algum lugar frio, ventoso e escuro. Tentei ver mais do que havia à nossa volta, mas ele bloqueou os meus olhos. Trouxera-me para ali tão facilmente contra a minha vontade, fora tão fácil me bloquear a visão. A força do Talento nele era assustadora. Mas eu conseguia sentir que ele estava cansado, exausto quase até a morte apesar do seu vasto poder. O Talento era como um forte garanhão e Veracidade era como a corda esgarçada que o prendia. O Talento o puxava a cada minuto, e a cada minuto ele resistia.

Estamos indo até você, disse-lhe sem necessidade.

Eu sei. Depressa. E não faça mais isto, não volte a pensar neles e não conceda nenhum pensamento aos nomes daqueles que gostariam de nos fazer mal. Aqui, cada suspiro é um grito. Eles têm poderes que você não imagina, em forças que não pode desafiar. Onde quer que você vá, os seus inimigos podem segui-lo. Portanto, não deixe rastros.

Mas onde você está?, perguntei enquanto ele me empurrava para longe.

Encontre-me!, ordenou-me e me atirou de volta ao meu corpo e à minha vida.

Sentei-me nos cobertores, arquejando convulsivamente em busca de ar. Aquilo me lembrou uma luta e de ser golpeado nas costas. Por um momento, soltei uns sons minúsculos enquanto procurava encher os pulmões. Por fim, consegui fazer uma inspiração completa. Olhei à minha volta na escuridão. Fora da tenda, a tempestade uivava. O braseiro era um pequeno clarão vermelho no centro, que iluminava pouco mais do que a silhueta aconchegada de Panela que dormia ao meu lado.

— Está bem? — perguntou-me o Bobo em voz baixa.

— Não — respondi calmamente. Deitei-me de novo ao seu lado. De repente eu estava cansado demais para pensar, cansado demais para dizer outra palavra.

O suor no meu corpo esfriou e comecei a tremer. O Bobo me surpreendeu passando um braço à minha volta. Aproximei-me dele, sentindo-me grato, partilhando do calor. A compreensão do meu lobo me envolveu. Esperei que o Bobo dissesse algo reconfortante. Ele teve a sensatez de não tentar. Adormeci ansiando por palavras que não existiam.

CAPÍTULO 25

Estratégia

Seis Eruditos a Jhaampe vieram
Subiram um monte e nunca desceram
A pele perderam e a carne acharam
Em asas de pedra para longe voaram.

Cinco Eruditos a Jhaampe vieram
Uma estrada lisa e plana percorreram
Rasgaram-se em muitos, em um se tornaram
E uma tarefa por acabar abandonaram.

Quatro Eruditos a Jhaampe vieram
Nem um som se ouviu naquilo que disseram
Que pudessem partir foi à rainha o pleito
E não mais se soube o que deles foi feito.

Três Eruditos a Jhaampe vieram
Ajudando a defender uma coroa estiveram
Mas quando tentaram o monte escalar
De lá se despencaram, em queda de espantar.

Dois Eruditos a Jhaampe vieram
Gentis e boas mulheres conheceram
A demanda deixaram, viveram em paixão
Talvez devido a uma maior erudição.

Um Erudito a Jhaampe veio então.
Da rainha e da coroa abriu mão
Sua tarefa cumpriu e logo adormeceu
Os ossos à guarda das pedras prometeu.

Não há eruditos que a Jhaampe vão
Para subir o monte e descer já não.
De sensatez e coragem é dada mais prova
Em casa ficando e enfrentando a cova.



— Fitz? Está acordado? — O Bobo debruçava-se sobre mim, com o rosto muito junto ao meu. Parecia ansioso.

— Acho que sim. — Fechei os olhos. Imagens e pensamentos tremeluziram na minha mente. Não era capaz de decidir quais deles eram meus. Tentei me lembrar se era importante saber isso.

— Fitz! — Agora era Kettricken que me sacudia.

— Faça-o se sentar — sugeriu Esporana. Kettricken me agarrou prontamente pela frente da camisa e me puxou para uma posição sentada. A súbita mudança me deixou tonto. Não conseguia compreender por que motivo eles queriam que eu estivesse acordado no meio da noite. Disse-lhes isso.

— É meio-dia — disse Kettricken, seca. — A tempestade não amainou desde ontem à noite. — Observou-me de perto. — Está com fome? Quer uma xícara de chá?

Enquanto eu tentava decidir, esqueci do que ela me perguntara. Havia tantas pessoas falando em voz baixa que eu não conseguia separar os meus pensamentos dos delas.

— Perdão — disse educadamente à mulher. — O que me perguntou?

— Fitz! — sibilou exasperado o homem pálido. Estendeu a mão atrás de mim e puxou uma trouxa para si. — Ele tem casco-de-elfo aqui, para fazer chá. Breu o deixou com ele. Deve trazê-lo de volta a si.

— Ele não precisa disso — disse uma velha, seca. Arrastou-se para mais perto de mim, estendeu a mão e agarrou a minha orelha. Deu um forte beliscão nela.

— Ai! Panela! — repreendi-a e tentei me libertar. Ela manteve o doloroso apertão.

— Acorde! — disse-me com severidade. — Agora mesmo!

— Estou acordado! — garanti-lhe, e ela, depois de franzir o cenho para mim, largou a minha orelha. Enquanto eu olhava em volta um tanto confuso, ela resmungou, zangada. — Estamos perto demais daquela maldita estrada.

— O tempo lá fora continua tempestuoso? — perguntei, desconcertado.

— Só lhe dissemos isso seis vezes — retorquiu Esporana, mas eu consegui ouvir a preocupação por trás de suas palavras.

— Eu tive… pesadelos ontem à noite. Não dormi bem. — Passei os olhos pelo círculo de gente aglomerada em volta do pequeno braseiro. Alguém enfrentara o vento para arranjar uma nova provisão de lenha. Uma panela estava pendurada em um tripé acima do braseiro, cheia até a borda de neve derretendo. — Onde está Olhos-de-Noite? — perguntei assim que senti a sua falta.

— Caçando — disse Kettricken e, *Com muito pouca sorte*, soou o eco, proveniente da encosta acima de nós. Consegui sentir o vento passando pelos seus olhos. Ele baixara as orelhas para trás, contra o vento. *Não há nada que se mexa nesta tempestade. Nem sei por que me dou ao trabalho.*

Volte e mantenha-se quente, sugeri. Nesse momento, Panela inclinou-se para frente e beliscou violentamente o meu braço. Afastei-me dela de um salto, com um grito.

— Preste atenção em nós! — exclamou a velha.

— O que estamos fazendo? — perguntei enquanto me sentava esfregando o braço. Naquele dia, não havia ninguém cujo comportamento fizesse algum sentido para mim.

— Estamos esperando que a tempestade passe — respondeu Esporana. Aproximou-se de mim, observando o meu rosto. — Fitz, qual o problema com você? Sinto como se você não estivesse realmente aqui.

— Não sei — admiti. — Sinto-me preso num sonho. E se não me concentro para ficar acordado, começo a adormecer.

— Então concentre-se — aconselhou-me Panela com rispidez. Não conseguia compreender que motivo ela teria para parecer estar tão zangada comigo.

— Talvez ele devesse simplesmente dormir — sugeriu o Bobo. — Parece cansado e, com todos os saltos que deu e ganidos que soltou durante o sono na noite passada, dificilmente terá tido sonhos repousantes.

— Então vai descansar mais ficando acordado agora do que voltando a sonhos como esses — insistiu Panela sem misericórdia. Cutucou subitamente as minhas costelas. — Fale conosco, Fitz.

— Sobre o quê? — esquivei-me.

Kettricken passou rapidamente ao ataque.

— Sonhou com Veracidade ontem à noite? — perguntou. — É por ter usado o Talento ontem à noite que você está tão aturdido hoje?

Suspirei. Não se responde a uma pergunta direta da nossa rainha com uma mentira.

— Sim — disse-lhe, mas quando os seus olhos se iluminaram, tive de acrescentar: — Mas foi um sonho que pouco conforto lhe trará. Ele está vivo, em

um lugar frio e ventoso. Não quis me deixar ver mais do que isso, e quando lhe perguntei onde estava, disse-me simplesmente para procurá-lo.

— Por que ele se comportaria assim? — perguntou Kettricken. No seu rosto transparecia tanta mágoa como se Veracidade em pessoa a tivesse afastado.

— Ele me preveniu severamente contra todo o uso do Talento. Eu estava… observando Moli e Bronco. — Foi tão difícil admitir aquilo, pois não queria dizer nada sobre o que vira ali. — Veracidade veio e me levou para longe de lá, e me avisou de que os nossos inimigos poderiam encontrá-los através de mim e lhes fazer mal. Creio que foi por isso que escondeu de mim o lugar onde se encontrava. Por temer que, se eu soubesse, Majestoso e o seu círculo também pudessem de algum modo tomar conhecimento dele.

— Ele teme que ele o procurem também? — perguntou Kettricken em tom de dúvida.

— Parece que sim. Apesar de eu não ter sentido nenhuma vibração da presença deles, Veracidade parece acreditar que irão procurá-lo, ou através do Talento, ou em carne e osso.

— Por que Majestoso se incomodaria com isso, quando todos acreditam que Veracidade está morto? — perguntou-me Kettricken.

Encolhi os ombros.

— Talvez para se assegurar de que ele nunca regresse para provar a todos que estão enganados. Na verdade, não sei, minha rainha. Sinto que o meu rei esconde muito de mim. Ele me advertiu que os poderes do círculo são muitos e fortes.

— Mas decerto Veracidade é igualmente forte? — perguntou Kettricken com a fé de uma criança.

— Ele domina uma tempestade de poder como eu nunca tinha visto, minha senhora. Mas precisa de toda a sua força de vontade para controlá-la.

— Todo esse controle é uma ilusão — resmungou Panela para si mesma. — Uma armadilha, para enganar os incautos.

— O Rei Veracidade dificilmente é um incauto, Dama Panela! — retorquiu Kettricken, irritada.

— Não, não é — concordei eu num tom conciliatório. — E as palavras foram minhas, não de Ver… do Rei Veracidade, minha senhora. Só procuro fazer com que compreenda que o que ele está fazendo agora está além da minha compreensão. Tudo o que posso fazer é confiar que ele saiba o que pretende. E fazer aquilo que ele me ordenou.

— Procurá-lo — concordou Kettricken. Suspirou. — Gostaria que pudéssemos partir agora, neste exato minuto. Mas só um tolo desafia uma tempestade como

esta.

— Enquanto esperarmos aqui, FitzCavalaria estará em constante perigo — informou-nos Panela. Todos os olhos se viraram para ela.

— Por que diz isso, Panela? — perguntou Kettricken.

Ela hesitou.

— Qualquer um pode ver que é assim. A menos que o mantenham falando, os seus pensamentos se dispersam, os seus olhos ficam vazios. Ele não pode dormir à noite sem que o Talento o assalte. É óbvio que a culpa é da estrada.

— Embora os fatos de que fale sejam verdadeiros, não é tão óbvio para mim que o problema está na estrada. Um resquício de febre do ferimento pode ser responsável, ou…

— Não. — Arrisquei-me a interromper a minha rainha. — É a estrada. Não tenho febre. E não me sentia assim antes de viajarmos por ela.

— Explique-me — ordenou Kettricken.

— Eu mesmo não compreendo. Posso apenas supor que o Talento foi de alguma forma usado para construir aquela estrada. Ela é mais reta e plana do que qualquer estrada que eu já vi. Nenhuma árvore interfere nela, apesar de ser tão pouco usada. Não há rastros de animais. E repararam na única árvore pela qual passamos ontem, o tronco caído na estrada? O toco e os galhos superiores ainda estavam quase inteiros… Mas todo o tronco que caiu na estrada propriamente dita havia apodrecido até quase desaparecer. Há alguma força que continua se movendo por aquela estrada, para mantê-la tão limpa e nivelada. E eu acho que, seja o que for, está relacionado com o Talento.

Kettricken ficou imóvel por um momento, refletindo sobre aquilo.

— O que sugere que façamos? — perguntou-me.

Encolhi os ombros.

— Nada. Por ora. A tenda está bem segura aqui. Seríamos insensatos se tentássemos movê-la com este vento. Eu simplesmente preciso ficar consciente do perigo que corro e tratar de evitá-lo. E amanhã, ou quando o vento diminuir, devo caminhar ao lado da estrada e não sobre ela.

— Isso será pouco melhor para você — resmungou Panela.

— Talvez. Mas como a estrada é o nosso guia até Veracidade, seria insensato abandoná-la. Veracidade sobreviveu a este caminho, e o percorreu sozinho. — Fiz uma pausa, pensando que agora compreendia melhor alguns dos sonhos fragmentários de Talento que tivera com ele. — Darei um jeito, de alguma forma.

O círculo de rostos cheios de dúvidas que me observava não era reconfortante.

— Terá de fazê-lo, suponho — concluiu Kettricken num tom sombrio. — Se houver alguma maneira de podermos ajudá-lo, FitzCavalaria…

— Não consigo imaginar nenhuma — admiti.

— Exceto mantendo a sua mente ocupada o melhor que pudermos — sugeriu Panela. — Não o deixem ficar parado sem fazer nada, nem dormir demais. Esporana, está com a sua harpa, não? Não podia tocar e cantar para nós?

— Estou com *uma* harpa — corrigiu-a Esporana em um tom amargo. — É coisa inferior comparada com a antiga que me foi roubada em Olho de Lua. — Por um momento, seu rosto se esvaziou e os olhos viraram-se para dentro. Perguntei-me se seria aquele o meu aspecto quando o Talento me puxava. Panela estendeu a mão para lhe dar palmadinhas suaves num joelho, mas Esporana retraiu-se diante do toque. — Ainda assim, é o que tenho, e irei tocá-la, se acham que ajudará. — Estendeu o braço para trás, para pegar a trouxa, e tirou de lá uma harpa enrolada. Enquanto tirava a harpa do seu embrulho, vi que pouco mais era do que uma armação tosca de madeira com cordas esticadas entre um lado e o outro. Tinha a forma essencial da sua antiga harpa, mas sem nada da sua graça e lustro. Estava para a antiga harpa de Esporana como uma das lâminas de treino de Hode estava para uma boa espada; um objeto de utilidade e função, nada mais do que isso. Mas ela a apoiou no colo e começou a afiná-la. Deu início às notas de abertura de uma velha balada de Cervo quando foi interrompida por um focinho coberto de neve que se enfiava pela porta da tenda.

— Olhos-de-Noite! — O Bobo lhe deu as boas-vindas.

Tenho carne para dividir. Isto surgiu como um anúncio orgulhoso. *Mais do que suficiente para nos empanturrarmos bem com ela.*

Não era um exagero. Quando me arrastei para fora da tenda para ver o que ele matara, era uma espécie de javali. As presas e o pelo áspero eram muito semelhantes aos dos javalis que eu caçara antes, mas aquela criatura tinha orelhas maiores e o pelo áspero era malhado de branco e preto. Quando Kettricken juntou-se a mim, soltou uma exclamação, dizendo que vira poucos daqueles animais, mas que se sabia que vagavam pelas florestas e tinham reputação de serem caça de temperamento ruim, que era melhor deixar em paz. Coçou o lobo atrás da orelha com uma mão enluvada e o elogiou exageradamente pela sua coragem e habilidade, até que ele caiu sobre a neve, cheio de orgulho de si mesmo. Olhei-o, quase de barriga para cima na neve e no vento, e não consegui evitar um sorriso. Num instante, ele se levantou de um salto para me dar um forte beliscão na perna e exigir que eu abrisse a barriga do javali para ele comer.

A carne era gorda e abundante. Kettricken e eu fizemos a maior parte do trabalho, pois o frio atacava sem misericórdia o Bobo e Panela, e Esporana pediu dispensa pelo bem das mãos de uma harpista. O frio e a umidade não eram as melhores coisas para os seus dedos ainda em recuperação. Não me importei muito. Tanto a tarefa como as condições duras impediam que a minha mente vagasse enquanto eu trabalhava, e havia um estranho prazer em estar sozinho com Kettricken, mesmo sob tais circunstâncias, pois na partilha daquele trabalho humilde ambos nos esquecemos de posição e passado e nos transformamos apenas em duas pessoas no frio, regozijando-se com a abundância de carne. Cortamos bifes longos e finos que cozinhariam depressa sobre o pequeno braseiro, numa quantidade suficiente para todos nos empanturrarmos. Olhos-de-Noite reivindicou para si as entranhas, deliciando-se com o coração, o fígado e as tripas, e depois com uma pata da frente que trazia a satisfação de ter ossos para quebrar. Levou o prêmio cartilaginoso para dentro da tenda, mas ninguém fez comentários sobre o lobo coberto de neve e de sangue que estava deitado ao longo de um dos lados da tenda e que mastigava ruidosamente a sua carne, exceto para elogiá-lo. Achei-o insuportavelmente satisfeito consigo mesmo e lhe disse isso; ele apenas me informou que eu nunca fizera sozinho um abate tão difícil, quanto mais arrastá-lo de volta, intacto, para dividir. E o Bobo passou o tempo todo coçando as suas orelhas.

Logo o cheiro saboroso da carne cozida encheu a tenda. Haviam se passado alguns dias desde que havíamos comido carne fresca de algum tipo, e o frio que havíamos suportado fazia com que a gordura nos fosse duplamente suculenta. A refeição nos animou e quase conseguimos esquecer o uivo do vento lá fora e o frio que empurrava tão violentamente o nosso pequeno abrigo. Depois de ficarmos todos saciados com carne, Panela preparou chá para nós. Não conheço nada que aqueça mais do que carne e chá quentes e boa camaradagem.

Isto é alcateia, observou Olhos-de-Noite, contente no seu canto. E eu nada pude fazer a não ser concordar.

Esporana limpou os dedos de gordura e tirou a harpa das mãos do Bobo, que pedira para vê-la. Para minha surpresa, ele se debruçou sobre o instrumento com ela e percorreu a armação com uma unha pálida, dizendo:

— Se eu tivesse as minhas ferramentas aqui, poderia aparar a madeira aqui e aqui e criar uma curva assim ao longo deste lado. Acho que talvez se encaixasse melhor nas suas mãos.

Esporana lhe lançou um olhar penetrante, pega entre a suspeita e a hesitação. Examinou o rosto dele em busca de uma zombaria, mas não encontrou nenhuma.

Com cautela, observou, como se falasse com todos nós:

— O meu mestre, que me ensinou a tocar harpa, também era bom em fazê-las. Talvez bom demais. Tentou me ensinar, e eu aprendi o básico, mas ele não suportava me ver "fazer trapalhadas e arranhando uma madeira boa", como ele dizia. Então nunca aprendi os detalhes mais minuciosos sobre como dar forma a uma armação. E com esta mão ainda rígida…

— Se estivéssemos em Jhaampe, eu podia deixar você fazer todas as trapalhadas e arranhões que quisesse. Fazer é realmente a única maneira de aprender. Mas aqui, por ora, mesmo com as facas que temos, acho que posso dar a esta madeira uma forma mais graciosa. — O Bobo falava abertamente.

— Se você quiser — aceitou ela em voz baixa. Perguntei-me quando eles teriam deixado de lado a hostilidade e percebi que havia alguns dias que eu não prestava muita atenção a ninguém além de mim. Aceitara que Esporana queria pouco mais ter a ver comigo do que estar presente se eu fizesse alguma coisa de grande importância. Eu não lhe fizera nenhuma das exigências da amizade. Tanto a posição de Kettricken como o seu pesar haviam imposto uma barreira entre nós que eu não me aventurara a quebrar. As reticências de Panela em falar sobre si tornavam difíceis quaisquer conversas verdadeiras. Mas eu não conseguia pensar em qualquer desculpa para o modo como ultimamente excluíra o Bobo e o lobo dos meus pensamentos.

Quando ergue muralhas contra aqueles que usariam o Talento contra você, tranca lá dentro mais do que o seu sentido do Talento, observou Olhos-de-Noite.

Refleti sobre aquilo. Parecia que a Manha e os sentimentos que eu nutria pelas pessoas haviam se atenuado um pouco nos últimos tempos. Era possível que o meu companheiro tivesse razão. Panela me cutucou de repente, com força.

— Não divague! — repreendeu-me.

— Estava só pensando — eu disse num tom defensivo.

— Bem, então pense em voz alta.

— Não tenho pensamentos que valham a pena dividir neste momento.

Panela me fitou furiosa por eu não cooperar.

— Então recite — ordenou o Bobo. — Ou cante alguma coisa. Qualquer coisa para mantê-lo concentrado aqui.

— Essa é uma boa ideia — concordou Panela, e foi a minha vez de fitar furioso com o Bobo. Porém, todos os olhos estavam virados para mim. Respirei fundo e tentei pensar em algo para recitar. Quase todo mundo possuía uma história preferida ou um pouco de poesia memorizada. Contudo, a maior parte do que eu possuíra tinha a ver com as ervas de envenenar ou de outros tipos, ou

com as artes do assassino. — Conheço uma canção — admiti por fim. — “O Sacrifício de Fogocruzado”.

Panela franziu o cenho, mas Esporana dedilhou as notas de abertura com um sorriso divertido no rosto. Após um falso começo, lancei-me na canção e a apresentei razoavelmente bem, embora tenha visto Esporana estremecer uma ou duas vezes por causa de notas desafinadas. Por algum motivo, a canção que escolhi desagradou Panela, que se manteve sombria e me fitando, em desafio. Quando terminei, foi a vez de Kettricken, que cantou uma balada de caça das Montanhas. Depois foi a vez do Bobo, e ele nos entreteu com uma indecente canção popular sobre a corte a uma leiteira. Creio que vi em Esporana uma admiração relutante por esse desempenho. Restava Panela, e eu esperara que ela se esquivasse. Mas, em vez disso, cantou a velha cantiga infantil sobre “Seis Eruditos a Jhaampe vieram, subiram um monte e nunca desceram”, o tempo todo me olhando como se cada palavra da sua velha voz estridente fosse uma farpa dirigida apenas a mim. Mas se havia ali um insulto velado, escapou-me, tal como me escapou o motivo para a sua má vontade.

Os lobos cantam juntos, observou Olhos-de-Noite, precisamente no momento em que Panela sugeria:

— Toque alguma coisa que todos conheçamos, Esporana. Algo que nos anime. — Então Esporana tocou uma antiga canção sobre colher flores para a nossa amada, e todos cantamos com ela, alguns com mais empenho do que outros.

Quando a última nota se silenciou, Panela observou:

— O vento está diminuindo.

Todos nos pusemos à escuta, e então Kettricken arrastou-se para fora da tenda. Segui-a, e ficamos parados durante algum tempo em um vento que enfraquecera. O crepúsculo roubara as cores do mundo. Na esteira do vento, começara a cair uma neve pesada.

— A tempestade quase já se esgotou — observou ela. — Poderemos seguir caminho amanhã.

— Mais do que na hora para mim — eu disse. *Venha até mim, venha até mim* ainda ecoava com as batidas do meu coração. Em algum lugar naquelas Montanhas, ou para além delas, encontrava-se Veracidade.

E o rio do Talento.

— E para mim — disse Kettricken em voz baixa. — Gostaria de ter seguido os meus instintos há um ano e ido até o fim do mapa. Mas pensei que não poderia fazer melhor do que Veracidade fizera. E temi pôr em risco o seu filho. Um filho que perdi mesmo assim, desapontando-o assim das duas maneiras.

— Desapontando-o? — exclamei, horrorizado. — Por perder o seu filho?

— O seu filho, a sua coroa, o seu reino. O seu pai. Daquilo que ele me confiou, o que foi que não perdi, FitzCavalaria? Mesmo correndo para voltar a estar com ele, pergunto a mim mesma como serei capaz de olhá-lo nos olhos.

— Oh, minha rainha, asseguro-lhe que a senhora está enganada quanto a isso. Ele não pensa que a senhora o desapontou, mas teme apenas que a tenha abandonado no maior dos perigos.

— Ele apenas foi fazer o que sabia que tinha de fazer — disse Kettricken em voz baixa. E depois acrescentou num lamento: — Oh, Fitz, como pode falar do que ele sente, quando você nem sequer pode me dizer onde ele está?

— Onde ele está, minha rainha, não passa de um pedaço de informação, um ponto naquele mapa. Mas o que ele sente, e o que sente pela senhora… Isso é o que ele respira, e quando estamos juntos no Talento, ligados mente com mente, eu sei essas coisas, querendo ou não. — Lembrei-me das outras alturas em que eu estive a par, a contragosto, dos sentimentos de Veracidade pela sua rainha, e me senti feliz por a noite esconder dela o meu rosto.

— Gostaria que esse Talento fosse algo que eu pudesse aprender… Sabe quantas vezes e quão zangada me senti com você, só porque podia alcançar aquele por quem eu ansiava e conhecer tão facilmente a sua mente e o seu coração? O ciúme é uma coisa feia e sempre tentei afastá-lo de mim. Mas às vezes parece tão monstruosamente injusto que você esteja ligado a ele dessa forma e eu não.

Nunca me ocorrera que ela pudesse sentir algo assim. Constrangido, observei:

— O Talento é tanto praga quanto bênção. Pelo menos tem sido para mim. Mesmo se fosse algo que eu pudesse lhe oferecer, minha senhora, não sei se isso é algo que se faça a um amigo.

— Para sentir a sua presença e amor mesmo que por um momento, Fitz… Por isso eu aceitaria qualquer praga que viesse como consequência. Para conhecer de novo o seu toque, sob qualquer forma… Pode imaginar como sinto falta dele?

— Acho que sim, minha senhora — respondi em voz baixa. Moli. Como uma mão me agarrando o coração. *Cortando nabos de inverno duros sobre a mesa. A faca estava cega, ela iria pedir a Bronco que a afiasse, se ele voltasse da chuva. Ele estava cortando lenha para levar para a aldeia e vender amanhã. O homem trabalhava demais, naquela noite a sua perna r doeria.*

— Fitz? FitzCavalaria!

Regressei abruptamente para encontrar Kettricken me sacudindo pelos ombros.

— Sinto muito — eu disse em voz baixa. Esfreguei os olhos e ri. — Ironia. Durante toda a vida foi tão difícil usar o Talento. Ia e vinha como o vento nas velas de um navio. Agora estou aqui, e de repente usá-lo é tão fácil quanto respirar. E anseio por usá-lo, por descobrir o que está acontecendo com aqueles que mais amo. Mas Veracidade me adverte que não devo fazê-lo, e tenho de acreditar que ele sabe o que é melhor.

— Assim como eu — concordou ela com ar de fadiga.

Ficamos mais um momento nas sombras, e eu combati um súbito impulso de lhe passar o braço em volta dos ombros e dizer que tudo ficaria bem, que encontraríamos o seu marido e rei. Durante um breve momento, ela se pareceu com aquela garota alta e esguia que viera das Montanhas para ser a noiva de Veracidade. Mas agora era a Rainha dos Seis Ducados, e eu já vira a sua força. Certamente ela não precisava de conforto vindo de alguém como eu.

Cortamos mais fatias de carne do javali, que já congelava, e então nos juntamos de novo aos nossos companheiros na tenda. Olhos-de-Noite estava dormindo, satisfeito. O Bobo tinha a harpa de Esporana presa entre os joelhos e estava usando uma faca de esfolar como raspador improvisado para suavizar algumas das linhas da armação. Esporana estava sentada ao seu lado, observando e tentando não parecer ansiosa. Panela tirara uma pequena bolsa que usava em volta do pescoço e a abrira, e estava arrumando um punhado de pedras polidas. Enquanto Kettricken e eu avivávamos o pequeno fogo no braseiro e nos preparávamos para cozinhar a carne, Panela insistia em me explicar as regras de um jogo. Ou tentava fazê-lo. Por fim desistiu, exclamando:

— Compreenderá depois de perder algumas vezes.

Perdi mais do que algumas vezes. Ela me manteve preso àquilo durante longas horas depois de comermos. O Bobo continuou a desbastar madeira da harpa de Esporana, com muitas pausas para dar novo fio à faca. Kettricken manteve-se em silêncio, quase melancólica, até que o Bobo reparou no seu estado de espírito e começou a contar histórias sobre a vida em Torre do Cervo dos tempos anteriores à sua chegada. Escutei-as com um ouvido só, mas até eu fui levado de volta a esses dias em que os Navios Vermelhos não passavam de uma história e a minha vida fora quase segura, se não feliz. De algum modo, a conversa foi parar nos vários menestréis que haviam tocado em Torre do Cervo, tanto os famosos quanto os menores, e Esporana importunou o Bobo com perguntas sobre eles.

Logo eu me encontrava envolvido pelo jogo das pedras. Era estranhamente calmante: as pedras propriamente ditas eram vermelhas, negras e brancas, polidas até ficarem lisas e agradáveis ao tato. O jogo abria com cada jogador

tirando aleatoriamente pedras da bolsa e depois as colocando nas interseções de linhas em um pano. Era um jogo simultaneamente simples e complexo. Cada vez que eu ganhava um jogo, Panela imediatamente me apresentava a estratégias mais complicadas. Aquilo me cativava e libertava a minha mente de memórias ou reflexões. Quando todos os outros já adormeciam nas suas peles para dormir, ela dispôs um jogo no tabuleiro e me pediu para estudá-lo.

— Pode ser ganho decisivamente em uma jogada de uma pedra preta — disse-me. — Mas a solução não é fácil de ver.

Fitei a disposição do jogo e sacudi a cabeça.

— Quanto tempo você levou para aprender a jogar?

Ela sorriu para si mesma.

— Eu aprendia depressa quando era criança. Mas admito que você aprende mais depressa.

— Achava que este jogo viera de alguma terra distante.

— Não, é um velho jogo de Cervo.

— Nunca o vi sendo jogado.

— Não era incomum quando eu era garota, mas não era ensinado a todo mundo. Mas isso agora não importa. Estude a disposição das peças. De manhã, diga-me qual é a solução.

Deixou as peças dispostas no pano junto ao braseiro. O longo treino que Breu dera à minha memória me serviu bem. Quando me deitei, visualizei o tabuleiro e dei a mim mesmo uma pedra preta com a qual ganhar. Havia uma variedade bastante grande de jogadas possíveis, visto que uma pedra preta também podia ocupar o lugar de uma vermelha e forçá-la a se deslocar para outra interseção, e uma pedra vermelha tinha poderes semelhantes sobre uma branca. Fechei os olhos, mas me agarrei ao jogo, jogando a pedra de várias maneiras até finalmente adormecer. Ou sonhei com o jogo, ou não sonhei com nada. Mantive os sonhos de Talento bem afastados, mas quando acordei, de manhã, continuava a não ter solução para o quebra-cabeças que ela dispusera para mim.

Fui o primeiro a acordar. Arrastei-me para fora da tenda e regressei com uma panela cheia até a borda de neve recente e úmida para o chá da manhã. Lá fora, estava substancialmente menos frio do que estivera nos últimos dias. Isso me alegrou, ao mesmo tempo que me deixava curioso para saber se a primavera já seria uma realidade nas terras baixas. Antes que a minha mente pudesse começar a vagar, regressei às reflexões sobre o jogo. Olhos-de-Noite veio deitar a cabeça sobre o meu ombro.

Estou cansaço de sonhar com pedras. Erga os olhos e veja a coisa toda,

irmãozinho. É uma alcateia na caça, e não caçadores isolados. Repare. Aquela. Ponha lá a preta, e não use a vermelha para deslocar uma branca, mas a coloque ali para fechar a armadilha. É só isso.

Ainda estava pasmado pela maravilhosa simplicidade da solução de Olhos-de-Noite quando Panela acordou. Com um sorriso, perguntou-me se já havia resolvido o problema. Como resposta, tirei uma pedra preta da bolsa e fiz as jogadas que o lobo sugerira. O espanto estava estampado no rosto de Panela. Então ergueu os olhos para mim, maravilhada.

— Nunca ninguém a descobriu tão depressa — disse-me.

— Eu tive ajuda — admiti, acanhado. — A jogada é do lobo, não minha.

Os olhos de Panela ficaram arregalados.

— Está zombando de uma velha — repreendeu-me cuidadosamente.

— Não. Não estou — disse-lhe, pois parecia que eu havia ferido os seus sentimentos. — Passei a maior parte da noite pensando nela. Acho que até sonhei com estratégias do jogo. Mas, quando acordei, quem tinha a solução era Olhos-de-Noite.

Ela ficou em silêncio durante algum tempo.

— Eu pensava que Olhos-de-Noite era… um animal de estimação inteligente. Um animal de estimação capaz de ouvir as suas ordens mesmo que você não as dissesse em voz alta. Mas agora você diz que ele consegue compreender um jogo. Vai me dizer que ele compreende as palavras que eu falo?

Do outro lado da tenda, Esporana estava apoiada em um cotovelo, escutando a conversa. Tentei pensar em uma maneira de dissimular, então a rejeitei com violência. Endireitei os ombros como se estivesse apresentando um relatório ao próprio Veracidade, e falei com clareza.

— Nós estamos vinculados pela Manha. Aquilo que eu ouço e compreendo, ele entende, tal como eu. O que lhe interessa, aprende. Não digo que fosse capaz de ler um pergaminho, ou de se lembrar de uma canção. Mas se há uma coisa que o intriga, ele pensa nela, à sua maneira. Como lobo, normalmente, mas às vezes quase como qualquer um poderia… — Lutei para tentar pôr em palavras algo que eu mesmo não compreendia perfeitamente. — Ele viu o jogo como uma alcateia de lobos perseguindo a caça. Não como marcadores pretos, vermelhos e brancos. E viu o local para onde iria, se estivesse caçando com essa alcateia, para tornar o abate mais provável. Suponho que às vezes vejo as coisas como ele… como um lobo. Não está errado, creio. É só uma maneira diferente de perceber o mundo.

Havia ainda um vestígio de medo supersticioso nos olhos de Panela quando ela

os desviou de mim para o lobo adormecido. Olhos-de-Noite escolheu esse momento para deixar que a cauda subisse e descesse em uma sacudida sonolenta para indicar que estava plenamente consciente de que falávamos dele. Panela estremeceu.

— O que você faz com ele… é como usar o Talento entre seres humanos, só que com um lobo?

Comecei a sacudir a cabeça, mas então tive de encolher os ombros.

— A Manha começa mais como uma partilha de sensações. Especialmente quando eu era criança. Seguir cheiros, perseguir uma galinha porque ela fugia, saborear juntos a comida. Mas quando se está junto há tanto tempo como eu e Olhos-de-Noite estamos, começa a ser algo diferente. Ultrapassa as sensações, e nunca é realmente por meio de palavras. Eu estou mais consciente do animal dentro do qual a minha mente vive. Ele está mais consciente de…

Pensar. Daquilo que vem antes e depois da decisão de fazer alguma coisa. Nós nos tornamos conscientes de que estamos sempre fazendo escolhas, e pensamos em quais serão as melhores.

Exatamente. Repeti a Panela as suas palavras em voz alta. A essa altura, Olhos-de-Noite estava a se sentando. Deu um elaborado espetáculo ao se espreguiçar, então se sentou para olhar para ela, com a cabeça inclinada para um lado.

— Compreendo — disse ela em uma voz débil. — Compreendo. — Então se levantou e saiu da tenda.

Esporana sentou-se e espreguiçou-se.

— Isso nos dá uma perspetiva completamente diferente de lhe coçar as orelhas — observou. O Bobo lhe respondeu com uma gargalhada, sentou-se nos cobertores e imediatamente estendeu a mão para coçar Olhos-de-Noite atrás das orelhas. O lobo caiu sobre ele, agradecido. Eu rosnei aos dois e voltei à preparação do chá.

Não fomos tão rápidos para guardar as coisas e seguir caminho. Uma espessa camada de neve úmida cobria tudo, tornando bem mais difícil levantar acampamento. Cortamos o que restava do javali e levamos a carne conosco. As jepas foram reunidas. Apesar da tempestade, não tinham se afastado muito. O segredo parecia estar no saco de cereais adoçados que Kettricken usava para atrair a líder. Quando empacotamos tudo e ficamos finalmente prontos para partir, Panela anunciou que não deviam permitir que eu caminhasse pela estrada e que alguém precisava estar sempre comigo. Irritei-me um pouco com aquilo, mas eles me ignoraram. O Bobo rapidamente se voluntariou para ser o meu

primeiro parceiro. Esporana lhe deu um sorriso estranho e sacudiu a cabeça a esse respeito. Aceitei o modo como me ridicularizavam zangando-me corajosamente. Ignoraram isso também.

Pouco tempo depois, as mulheres e as jepas moviam-se com facilidade pela estrada acima, enquanto o Bobo e eu seguíamos com dificuldade pela beira que definia o seu limite. Panela virou-se para sacudir a sua bengala.

— Afaste-o mais do que isso! — disse ao Bobo, repreendendo-o. — Vão até onde consigam nos ver apenas o suficiente para nos seguirem. Vamos. Vamos.

Logo, adentramos obedientemente a floresta mais uma vez. Assim que perdemos os outros de vista, o Bobo virou-se para mim e perguntou, excitado:

— Quem é Panela?

— Você sabe tanto quanto eu — observei, sucinto. E acrescentei uma pergunta própria: — O que há agora entre você e Esporana?

Ele me olhou de sobrancelhas erguidas e piscou com dissimulação.

— Duvido muito disso — retorqui.

— Ah, nem todos são tão imunes aos meus ardis quanto você, Fitz. O que posso lhe dizer? Ela se consome por mim, ela anseia por mim no fundo da sua alma, mas não sabe como exprimi-lo, pobrezinha.

Desisti da pergunta, convencido da sua inutilidade.

— O que você quis dizer quando me perguntou “quem é Panela”?

Ele me lançou um olhar de pena.

— Não é uma pergunta assim tão complexa, principezinho. Quem é esta mulher que sabe tanto sobre o que o perturba, que de repente tira de dentro do bolso um jogo que eu só vi ser mencionado uma vez em um pergaminho muito antigo, que nos canta “Seis Eruditos a Jhaampe vieram” com dois versos adicionais que nunca ouvi em lugar nenhum. Quem, oh luz da minha vida, é Panela, e por que uma mulher tão velha decide passar os seus últimos dias subindo uma montanha conosco?

— Você está com uma bela disposição esta manhã — observei, azedo.

— Estou, não é mesmo? — concordou. — E você está quase igualmente competente em evitar a minha pergunta. Certamente deve ter algumas reflexões sobre este mistério que possa compartilhar com um pobre Bobo?

— Ela não me dá informações suficientes sobre si mesma para basear nelas alguma reflexão — retorqui.

— Então. O que podemos deduzir sobre alguém que vigia a língua assim tão bem? Sobre alguém que parece saber também algo sobre o Talento? E sobre os antigos jogos de Cervo, e sobre poesia antiga? Que idade acha que ela tem?

Encolhi os ombros.

— Ela não gostou da minha canção sobre o círculo de Fogocruzado — eu disse de súbito.

— Ah, mas isso pode facilmente ter sido só por causa da sua voz. Não nos agarremos a ninharias.

A contragosto, sorri.

— Passou-se tanto tempo desde que a sua língua teve algum fio, que é quase um alívio ouvi-lo zombando de mim.

— Se eu soubesse que você tinha saudade, teria sido rude com você muito mais cedo. — Sorriu. Então ficou mais sério. — FitzCavalaria, o mistério paira sobre aquela mulher como moscas em cima de… cerveja derramada. Ela fede completamente a presságios, portentos e profecias entrando em foco. Acho que é hora de um de nós lhe fazer algumas perguntas diretas. — Sorriu para mim. — A sua melhor oportunidade será quando ela o pastorear hoje à tarde. Seja sutil, claro. Pergunte quem era rei quando ela era nova. E por qual motivo foi exilada.

— Exilada? — Soltei uma gargalhada alta. — Bela imaginação essa.

— Você acha? Eu não. Pergunte a ela. E não se esqueça de me contar o que ela não disser.

— E em troca de tudo isso vai me dizer o que se passa realmente entre você e Esporana?

Ele me olhou de soslaio.

— Tem certeza de que quer saber? Da última vez que fez uma troca destas, quando lhe contei o segredo que negociou, você descobriu que não o queria.

— É um segredo desse tipo?

Ele ergueu uma sobrancelha para mim.

— Sabe, eu mesmo não tenho muita certeza de que resposta dar a isso. Às vezes você me surpreende, Fitz. É mais frequente que não, claro. O mais comum é eu surpreender a mim mesmo. Como quando me voluntariei para um estirão através de neve solta me desviando de árvores com um bastardo qualquer, quando podia estar desfilando por uma avenida perfeitamente reta acompanhado de uma fileira de encantadoras jepas.

Durante o resto da manhã, a quantidade de informação que obtive dele foi tão pouca como aquilo. Quando chegou a tarde, não foi Panela, mas Esporana quem se tornou a minha companheira de caminhada. Esperara que isso fosse desconfortável. Ainda não me esquecera de que ela negociara o reconhecimento da minha filha para fazer parte daquela expedição. Contudo, de algum modo, nos dias desde que começáramos a viagem, a minha ira havia se transformado em

uma cautela fatigada a respeito dela. Agora sabia que não havia qualquer vestígio de informação que ela tivesse escrúpulos de usar contra mim, e assim controlei a língua, decidido a não dizer absolutamente nada sobre Moli ou sobre a minha filha. Não que isso agora servisse de grande coisa.

Mas, para minha surpresa, Esporana mostrou-se afável e conversadora. Encheu-me de perguntas, não sobre Moli, mas sobre o Bobo, ao ponto de eu começar a me perguntar se ela teria *mesmo* arranjado uma súbita afeição por ele. Houve algumas ocasiões na corte em que mulheres haviam se interessado por ele e andado atrás dele. Com aquelas que eram atraídas pela novidade da sua aparência, ele se mostrara impiedosamente cruel ao expor a superficialidade do interesse delas. Houve uma jardineira que se deixara impressionar pelo seu espírito a ponto de ficar de língua atada na sua presença. Eu ouvira fofocas de cozinha sobre ela deixar buquês de flores para ele no pé das escadas da sua torre, e houve quem pensasse que ela tivesse sido ocasionalmente convidada para subir esses degraus. A garota tivera de abandonar o Castelo de Torre do Cervo para cuidar da sua mãe idosa em uma vila distante, e fora aí que a coisa terminara, até onde eu sabia.

Ainda assim, por mais tênue que fosse este conhecimento sobre o Bobo, escondi-o de Esporana, afastando as suas perguntas com banalidades sobre termos sido amigos de infância cujos deveres nos deixara muito pouco tempo para conviver. Na realidade, isso estava muito próximo da verdade, mas percebi que tanto a frustrava como divertia. As suas outras perguntas foram igualmente estranhas. Perguntou se eu alguma vez sentira curiosidade em saber qual era o nome verdadeiro dele. Disse-lhe que não ser capaz de recordar o nome que a minha própria mãe me dera me deixara prudente quanto a fazer a outros tais perguntas. Isso a aquietou durante algum tempo, mas depois exigiu saber como ele se vestira quando criança. As minhas descrições dos trajes sazonais de retalhos do Bobo não lhe agradaram, mas lhe disse honestamente que até Jhaampe eu nunca o vira vestido com roupas que não fossem os seus trajes de bobo. Pelo fim da tarde, as perguntas dela e as minhas respostas traziam em si mais desafio do que conversa. Fiquei contente por me juntar aos outros em um acampamento, erguido a uma distância considerável da estrada do Talento.

Mesmo assim, Panela me manteve ocupado, permitindo-me desempenhar, além das minhas tarefas, também as suas, a fim de manter a minha mente ocupada. O Bobo preparou um cozido respeitável com as nossas provisões e o javali. O lobo contentou-se com outra perna do animal. Quando as coisas usadas na refeição foram finalmente arrumadas, Panela imediatamente puxou o pano do

jogo e a bolsa de pedras.

— Agora veremos o que você aprendeu — prometeu-me.

Mas meia dúzia de jogos mais tarde apertou os olhos para mim e franziu a testa.

— Você não estava mentindo! — acusou-me.

— Sobre o quê?

— Sobre ter sido o lobo quem descobriu a solução. Se tivesse sido você quem tivesse dominado a estratégia, teria agora uma maneira diferente de jogar. Como alguém lhe deu a resposta em vez de tê-la descoberto sozinho, você não a compreende por completo.

Nesse momento, o lobo ergueu-se e espreguiçou-se. *Estou cansado de pedras e panos,* informou-me. *As minhas caçadas são mais divertidas, e me dão carne verdadeira no fim.*

Então está com fome?

Não. Entediado. Abriu a aba da tenda com o focinho e saiu para a noite.

Panela o viu partir com lábios franzidos.

— Eu ia perguntar agora mesmo se vocês não podiam se juntar para jogar este jogo. Seria interessante para mim ver como jogariam.

— Acho que ele suspeitou disso — murmurei, um pouco ressentido por o lobo não ter me convidado para me juntar a ele.

Cinco jogos mais tarde, compreendi a brilhante simplicidade da tática do laço de Olhos-de-Noite. Estivera o tempo todo na minha frente, mas de repente foi como se visse as pedras em movimento em vez de em repouso nos vértices do padrão do pano. Na minha jogada seguinte, usei-a para ganhar com facilidade. Ganhei prontamente os três jogos seguintes, pois vi como ela podia ser empregada também na situação inversa.

Com a terceira vitória, Panela limpou o pano de pedras. À nossa volta, os outros já haviam mergulhado no sono. Panela acrescentou ao braseiro um punhado de gravetos para nos dar uma última erupção de luz. Rapidamente, os seus velhos dedos nodosos arrumaram as pedras no pano.

— Mais uma vez, o jogo é seu e a jogada é sua — informou-me. — Mas, desta vez, você tem apenas uma pedra branca para colocar. Uma pedrinha branca fraca, mas que pode fazê-lo ganhar. Pense bem nesta. E nada de trapacear. Deixe o lobo fora disso.

Fitei a posição para fixar o jogo na cabeça e depois me deitei para dormir. O jogo que ela preparara para mim parecia não ter solução. Não conseguia ver como podia ser ganho com uma pedra preta, quanto mais com uma branca. Não

sei se foi o jogo das pedras ou a minha distância da estrada, mas mergulhei rapidamente em um sono que se manteve sem sonhos quase até a alvorada. Então me juntei ao lobo na sua correria selvagem. Olhos-de-Noite deixara a estrada muito para trás e estava explorando alegremente as encostas ao redor. Nós nos deparamos com dois gatos das neves que se alimentavam de uma carcaça, e durante algum tempo os atormentamos, rodeando-os fora do seu alcance para fazê-los sibilar e bufar. Nenhum se deixou atrair para longe da carne e, passado algum tempo, desistimos do jogo e voltamos para a tenda. Ao nos aproximarmos dela, circundamos furtivamente as jepas, assustando-as e fazendo com que se juntassem em um aglomerado defensivo e então as encorajando a correr em círculos ao redor da tenda. Quando o lobo arrastou-se para dentro da tenda, eu continuava com ele quando empurrou rudemente o Bobo com um focinho gelado.

É bom ver que você não perdeu todo o ânimo para a brincadeira, disse-me ele enquanto eu desprendia a minha mente da sua e acordava no meu próprio corpo.

Muito bom, concordei. E me levantei para enfrentar o dia.

CAPÍTULO 26

Sinalizadores

Uma coisa eu aprendi bem nas minhas viagens. As riquezas de uma região são corriqueiras em outra. Peixe que não daríamos a um gato em Torre do Cervo é apreciado como uma iguaria nas cidades do interior. Em alguns locais, a água é riqueza, em outros as cheias constantes do rio são ao mesmo tempo um aborrecimento e um perigo. Bom couro, cerâmica de formas graciosas, vidro transparente como o ar, flores exóticas… Vi todas estas coisas em quantidades tão abundantes que as pessoas que as possuem já não as veem como riquezas.

De modo que, talvez, em quantidade suficiente, a magia se torne comum. Em vez de ser uma coisa de maravilha e espanto, transforma-se em algo para pavimentos de estradas e sinalizadores, usado com uma prodigalidade que espanta aqueles que não a possuem.



Naquele dia viajei, como antes, pela encosta de um monte arborizado. A princípio o flanco do monte mostrou-se largo e pouco escarpado. Conseguia caminhar à vista da estrada e só ligeiramente abaixo dela. As enormes sempre-vivas mantinham acima de mim a maior parte da carga de neve de inverno. O terreno era irregular e havia de vez em quando extensões de neve profunda, mas não era muito difícil caminhar. Ao fim desse dia, no entanto, o tamanho das árvores começou a se reduzir e a encosta do monte tornou-se distintamente mais íngreme. A estrada abraçava a face do monte e eu caminhava abaixo dela. Quando chegou o momento de acampar nessa noite, os meus companheiros e eu tivemos muita dificuldade para encontrar um lugar plano onde erguer a tenda. Descemos um bom pedaço do monte até encontrarmos um lugar onde ele se aplanasse. Quando conseguimos montar a tenda, Kettricken começou a olhar para a estrada e a franzir o cenho para si mesma. Pegou o mapa e o estava consultando nos últimos restos de luz do dia quando lhe perguntei qual era o problema.

Ela bateu no mapa com um dedo enluvado e depois indicou a encosta acima de

nós com um gesto.

— Amanhã, se a estrada continuar a subir e as encostas se tornarem mais íngremes, você não conseguirá nos acompanhar. Ao entardecer deixaremos as árvores para trás. O terreno vai ser nu, íngreme e pedregoso. Devíamos levar lenha conosco agora, tanta quanto as jepas consigam carregar com facilidade. — Franziu o cenho. — Podemos ter de diminuir o passo para deixar que você nos acompanhe.

— Eu vou conseguir — prometi-lhe.

Os seus olhos azuis encontraram-se com os meus.

— Depois de amanhã, você pode ter de se juntar a nós na estrada. — Olhou-me com firmeza.

— Se tiver de fazer isso, então terei de aguentar. — Encolhi os ombros e tentei sorrir, apesar da minha inquietação. — O que mais posso fazer?

— O que mais pode qualquer de nós fazer? — murmurou ela em resposta para si mesma.

Naquela noite, depois de acabar de limpar a louça, Panela mais uma vez me apresentou o pano e as pedras. Olhei para a disposição das peças e sacudi a cabeça.

— Não descobri — disse-lhe.

— Bem, isso é um alívio — disse-me ela. — Se você, ou mesmo você e o seu lobo, tivesse descoberto a solução para isto, eu ficaria sem palavras de tão espantada. É um problema difícil. Mas esta noite jogaremos alguns jogos, e se mantiver os olhos abertos e a cabeça atenta, pode ser que veja a solução para o seu problema.

Mas não vi, e me deitei para dormir com pano e peças espalhados pelo meu cérebro.

A caminhada do dia seguinte desenrolou-se como Kettricken previra. Por volta do meio-dia, eu já me arrastava por áreas cobertas de arbustos e por cima de pilhas de pedra nua, com Esporana atrás. Apesar do sufocante esforço que o terreno exigia, ela estava cheia de perguntas e todas a respeito do Bobo. O que eu sabia dos pais dele? Quem fizera a sua roupa? Ele alguma vez esteve seriamente doente? Tornara-se rotina para mim responder lhe dando pouca ou nenhuma informação. Esperara que ela se cansasse desse jogo, mas era tenaz como um buldogue. Por fim, virei-me para ela, exasperado, e exigi saber exatamente o que havia nele que a fascinava daquela forma.

Uma estranha expressão lhe subiu ao rosto, como a de alguém que se prepara para um desafio. Começou a falar, fez uma pausa, e então não conseguiu resistir.

Os seus olhos estavam avidamente postos no meu rosto quando anunciou:

— O Bobo é uma mulher, e está apaixonada por você.

Por um momento, foi como se ela tivesse falado numa língua estrangeira. Fiquei olhando para ela e tentando compreender o que ela quisera dizer. Se ela não tivesse desatado a rir, eu podia ter pensado numa resposta. Mas algo no seu riso me ofendeu tão profundamente que lhe dei as costas e continuei a abrir caminho pela encosta íngreme.

— Está corando! — gritou ela atrás de mim. O divertimento sufocava a sua voz. — Consigo ver pela sua nuca! Todos esses anos, e você nunca soube? Nunca sequer suspeitou?

— Acho que é uma ideia ridícula — disse-lhe sem mesmo olhar para trás.

— Mesmo? Qual é a parte que é ridícula?

— Toda ela — respondi com frieza.

— Diga-me que você sabe com absoluta certeza que estou enganada.

Não dignifiquei aquela provocação com uma resposta. O que fiz foi abrir caminho através de arbustos densos sem parar para segurar os galhos para ela passar. Sei que ela compreendeu que eu estava ficando irritado, porque a ouvia rindo. Passei pela última das árvores e parei para olhar para uma extensão de rocha quase a pique. Não havia quase nenhuma vegetação rasteira, e rocha cinzenta e fendida erguia-se em arestas geladas acima da neve.

— Para trás! — avisei Esporana quando ela subiu para o meu lado. Ela olhou em volta e prendeu a respiração.

Segui com os olhos a encosta íngreme até onde a estrada cortava a face da montanha como uma ranhura em um pedaço de madeira. Era o único caminho seguro por aquela face escarpada. Acima de nós, estendia-se a íngreme encosta da montanha, repleta de pedregulhos. Não chegava bem a ser suficientemente escarpada para ser chamado de penhasco. Havia árvores e arbustos retorcidos pelo vento espalhados por ela, alguns com raízes que se estendiam tanto por cima do solo rochoso como por dentro dele. A neve a cobria irregularmente. Subir até a estrada seria um desafio. A encosta por onde viajáramos fora se tornando mais íngreme ao longo de toda a manhã. Não devia ter ficado surpreso, mas eu estivera tão concentrado em escolher o melhor caminho que se passara algum tempo desde que erguera os olhos para a estrada.

— Vamos ter de voltar para a estrada — disse a Esporana, e ela concordou com um aceno mudo.

Era mais fácil dizer do que fazer. Em vários lugares, senti pedras e cascalhos soltos deslizando de repente debaixo dos meus pés, e por mais de uma vez caí de

quatro. Conseguia ouvir Esporana arquejando atrás de mim.

— É só um pouco mais! — gritei-lhe quando Olhos-de-Noite apareceu ao nosso lado, subindo laboriosamente a encosta. Passou por nós sem esforço, subindo a encosta aos saltos até chegar à beira da estrada. Desapareceu por cima do seu rebordo, e depois voltou, parando na borda e olhando para nós. Um momento depois, o Bobo apareceu ao seu lado, fitando-nos com ansiedade.

— Precisam de ajuda? — gritou para baixo.

— Não. Nós conseguimos! — gritei-lhe. Fiz uma pausa, agachado e agarrado ao tronco de uma árvore mirrada para recuperar o fôlego e limpar o suor dos olhos. Esporana parou ao meu lado. E de súbito senti a estrada acima de mim. Tinha uma corrente que era como um rio e, tal como a corrente de um rio agita o ar que a cobre, transformando-o em vento, o mesmo fazia a estrada. Era um vento não de frio invernal, mas de vidas, tanto distantes quanto próximas. A estranha essência do Bobo flutuava nele, bem como o medo de poucas palavras de Panela e a triste determinação de Kettricken. Eram tão separados e reconhecíveis como os odores de diferentes vinhos.

— FitzCavalaria! — Esporana deu ênfase ao meu nome batendo entre os meus ombros.

— O que é? — perguntei-lhe, distraído.

— Continue andando! Não consigo ficar aqui agarrada muito mais tempo, estou com cãibras nas barrigas das pernas!

— Oh. — Encontrei o meu corpo e subi a distância que faltava até a beira da estrada. O fluxo de Talento me deu sem esforço uma consciência de Esporana atrás de mim. Consegui senti-la apoiando os pés e agarrando-se ao retorcido salgueiro de montanha que crescia na borda do penhasco. Parei por um instante na beira da estrada. Depois dei um passo para baixo, para a sua superfície lisa, escorregando para o interior da sua influência como uma criança escorrega para um rio.

O Bobo esperara por nós. Kettricken estava à frente da fila de jepas, olhando ansiosamente para trás à espera que nos juntássemos a ela. Respirei fundo e me senti como se estivesse me reconstituindo. Ao meu lado, Olhos-de-Noite me deu uma pancada súbita na mão com o focinho.

Fique comigo, sugeriu. Senti-o procurando um apoio mais firme para o nosso vínculo. Alarmou-me não conseguir ajudá-lo. Baixei o olhar para os seus olhos profundos e de repente encontrei uma pergunta.

Você está na estrada. Achava que os animais não podiam vir para a estrada.

Ele deu um espirro de repugnância. *Há uma diferença entre pensar que um ato*

é sensato e fazê-lo. E talvez você tenha reparado que as jepas têm viajado pela estrada há alguns dias.

Era óbvio demais. *Então por que os animais selvagens a evitam?*

Porque ainda dependemos de nós mesmos para a sobrevivência. As jepas dependem de humanos e irão segui-los para qualquer perigo, por mais tolo que isso lhes pareça. Assim, elas também não têm o bom senso de fugir de um lobo. Quando as assusto, em vez de fugirem para longe, fogem para perto de vocês humanos. É muito parecido com o que acontece com os cavalos ou o gado e os rios. Deixados por conta própria, só nadam se a morte os perseguir de perto, seja a morte devida a predadores ou à fome. Mas os humanos os convencem a nadar em rios sempre que o humano quer ir para o outro lado. Acho que eles são bastante estúpidos.

Então por que você está nesta estrada?, perguntei-lhe com um sorriso.

Não questione a amizade, disse-me ele, sério.

— Fitz!

Assustei-me e me virei para Panela.

— Estou bem — disse-lhe, enquanto compreendia que não estava. O meu sentido da Manha me tornava normalmente muito consciente dos outros que me rodeavam. Mas Panela aproximara-se de mim por trás e eu nada notara até que ela falara comigo. Havia algo na estrada de Talento que estava amortecendo a minha Manha. Quando não pensava especificamente em Olhos-de-Noite, ele desaparecia até se transformar numa vaga sombra na minha mente.

Seria menos do que isso, se eu não estivesse me esforçando para permanecer com você, observou ele, preocupado.

— Eu vou ficar bem. Só tenho de prestar atenção — disse-lhe.

Panela achou que eu estava falando com ela.

— Sim, você tem. — Agarrou o meu braço com severidade e me fez começar a andar. Os outros já haviam avançado. Esporana caminhava com o Bobo, e cantava uma cantiga de amor qualquer enquanto andava, mas ele me olhava com um ar preocupado por cima do ombro. Acenei-lhe e ele respondeu com outro, inquieto. Ao meu lado, Panela beliscou o meu braço. — Preste atenção em mim. Fale comigo. Diga-me. Resolveu o problema que lhe dei?

— Ainda não — admiti. Os dias estavam mais quentes, mas o vento que soprava agora por nós ainda trazia a ameaça de gelo dos picos mais altos da montanha. Se pensasse nisso, conseguia sentir o frio nas bochechas, mas a estrada do Talento pedia que eu o ignorasse. A estrada ia agora subindo com regularidade. Mesmo assim, eu parecia caminhar sem esforço pela sua

superfície. Os meus olhos me diziam que estávamos subindo, mas eu caminhava tão facilmente como se estivéssemos descendo.

Outro beliscão de Panela.

— Pense no problema — pediu-me com secura. — E não se deixe enganar. O seu corpo se esforça e sente frio. Só por não estar constantemente consciente disso não quer dizer que você possa ignorá-lo. Não desperdice energia.

As suas palavras pareciam ao mesmo tempo tolas e sensatas. Notei que, ao se agarrar ao meu braço, ela não estava apenas se apoiando, mas me forçando a caminhar mais devagar. Encurtei e diminuí os passos para acompanhar os dela.

— Os outros parecem não ser prejudicados por ela — observei.

— É verdade. Mas eles não são nem velhos, nem sensíveis ao Talento. Esta noite terão dores, e amanhã diminuirão o ritmo. Esta estrada foi construída partindo do princípio de que aqueles que a usassem estariam inconscientes das suas influências mais sutis ou treinados no modo de como administrá-las.

— Como sabe tanto sobre ela? — perguntei.

— Quer saber sobre mim, ou sobre esta estrada? — retorquiu ela, zangada.

— Na verdade, sobre ambas — disse-lhe.

Ela não respondeu àquilo. Passado algum tempo, perguntou-me:

— Lembra-se das suas rimas infantis?

Não sei por que motivo aquilo me zangou tanto.

— Não as conheço! — retorqui. — Não me lembro do início da infância, quando a maior parte das crianças as aprendem. Suponho que você poderia dizer que em vez delas aprendi rimas de estábulo. Quer que eu recite para você os quinze pontos de um bom cavalo?

— Em vez disso, recite para mim “Seis Eruditos a Jhaampe vieram”! — rosnou ela. — No meu tempo, não só se ensinava às crianças as suas rimas de aprender, mas se fazia com que elas soubessem o que queriam dizer. O monte do poema é este, seu filhote ignorante! Aquele que não há erudito que suba esperando voltar a descer!

Um arrepio me percorreu a espinha. Houve alguns momentos na minha vida em que eu reconhecera alguma verdade simbólica de uma maneira que a despia até aos mais assustadores dos seus ossos. Aquele era um desses momentos. Panela trouxera para o primeiro plano da mente uma coisa que eu já sabia há dias.

— Os Eruditos eram Talentosos, não eram? — perguntei em voz baixa. — Seis, e cinco, e quatro… círculos, e os restos de círculos… — A minha mente subiu aos saltos a escada da lógica, substituindo por intuição a maior parte dos

degraus. — Então foi isso que aconteceu aos Talentosos, os velhos que não conseguimos encontrar. Quando o círculo de Galeno não funcionou bem, e Veracidade precisou de mais ajuda para defender Cervo, Veracidade e eu procuramos os Talentosos mais velhos, pessoas que haviam sido treinadas por Solicitude antes de Galeno se tornar Mestre do Talento — expliquei-lhe. — Conseguimos encontrar poucos registros dos nomes. E todos eles haviam morrido ou desaparecido. Suspeitamos de traição.

Panela bufou.

— A traição não seria nada de novo nos círculos. Mas o que acontecia mais frequentemente era que quanto mais as pessoas cresciam no Talento, mais sintonizadas se tornavam com ele. Com o tempo, o Talento as chamava. Se a pessoa fosse suficientemente forte no Talento, podia sobreviver à viagem por esta estrada. Mas se não fosse, pereceria.

— E caso tivesse sucesso? — perguntei.

Panela me olhou de soslaio, mas nada disse.

— O que há no fim desta estrada? Quem a construiu, e onde leva?

— Veracidade — disse ela por fim, em voz baixa. — Ela leva a Veracidade. Você e eu não precisamos saber mais do que isso.

— Mas você sabe mais do que isso! — acusei-a. — Assim como eu. Ela também leva à fonte de todo o Talento.

Os olhos dela ficaram preocupados, e depois opacos.

— Eu não sei nada — disse-me, áspera. Então, quando a consciência a atingiu: — Há muitas coisas de que suspeito, e ouvi muitas meias verdades. Lendas, profecias, rumores. É isso que eu sei.

— E como ficou sabendo? — pressionei.

Ela virou-se para me observar com firmeza.

— Porque é o meu destino sabê-las. Assim como o seu.

E não quis dizer nem mais uma palavra sobre o assunto. Em vez disso, arranjou disposições hipotéticas do jogo e exigiu saber que jogadas eu faria, se me fosse dada uma pedra preta, vermelha ou branca. Tentei me concentrar nas tarefas, sabendo que ela as dava a mim para que a minha mente se mantivesse minha. Contudo, ignorar a força de Talento daquela estrada era bastante semelhante a ignorar um vento forte ou uma corrente de água gelada. Eu podia escolher não prestar atenção a ela, mas isso não a fazia parar. No meio da reflexão sobre a estratégia do jogo, eu começava a me interrogar sobre os padrões dos meus pensamentos e concluía que não me pertenciam, que eram os pensamentos de outra pessoa a quem eu de algum modo tivera acesso. Embora

conseguisse manter o quebra-cabeças do jogo na minha frente, ele não fazia parar a galeria de vozes que sussurravam no fundo da minha mente.

A estrada serpenteava, cada vez mais para cima. A própria montanha erguia-se quase perpendicular à nossa esquerda e caía de um modo igualmente abrupto à direita. Aquela estrada passava por onde nenhum construtor são a teria colocado. A maior parte das rotas comerciais meandravam entre os montes e através de passos. Aquela cruzava a face da montanha, levando-nos cada vez mais para cima. À tardinha, já havíamos ficado muito atrás dos outros. Olhos-de-Noite correu à nossa frente, e então regressou a trote para relatar que eles haviam chegado a um local de descanso, largo e plano, onde estavam montando a tenda. Com a chegada da noite, os ventos de montanha açoitavam com mais ferocidade. Senti-me contente por pensar em calor e repouso e persuadi Panela a tentar se apressar.

— Apressar-me? — perguntou. — É você quem não para de diminuir o passo. Veja se agora me acompanha.

A última marcha antes do descanso parece sempre a mais longa. Foi o que os soldados de Torre do Cervo sempre me disseram. Mas naquela noite senti que estávamos caminhando através de xarope frio, de pesados que os meus pés pareciam. Acho que parei constantemente. Sei que Panela puxou meu braço várias vezes e me disse para andar. Mesmo quando demos a volta em uma dobra no flanco da montanha e vimos a tenda iluminada à nossa frente, eu parecia não ser capaz de mover os pés mais depressa. Como em um sonho febril, os meus olhos trouxeram a tenda para mais perto de mim, e então a levaram para longe. Continuei a me arrastar. Multidões murmuravam à minha volta. A noite me turvou a visão. Tive de semicerrar os olhos para enxergar no vento frio. Uma multidão passou por nós na estrada. Burros carregados, garotas que riam carregando cestos de fio brilhante. Virei-me para ver um mercador de sinos passar por nós. Levava uma grande armação no ombro, e dúzias de sinos de latão de todas as formas e tons tiniam e ressoavam enquanto ele avançava. Puxei o braço de Panela para lhe pedir que se virasse e o visse, mas ela apenas pegou a minha mão com um aperto de ferro e me apressou. Um garoto passou por nós a passos largos, dirigindo-se à aldeia com um cesto cheio de flores da montanha de cores vivas. A sua fragrância era inebriante. Soltei-me de Panela. Apressei-me a segui-lo, a fim de comprar algumas flores para Moli perfumar as suas velas.

— Ajudem-me! — gritou Panela. Olhei para ver o que se passava, mas ela não estava ao meu lado. Não consegui encontrá-la na multidão.

— Panela! — chamei. Olhei para trás, mas então percebi que estava perdendo

o vendedor de flores. — Espere! — gritei-lhe.

— Ele está se afastando! — gritou ela, e havia medo e desespero na sua voz.

Olhos-de-Noite me atingiu de repente por trás, acertando os meus ombros com as patas da frente. O seu peso e velocidade me fizeram cair de rosto na fina camada de neve que cobria a superfície lisa da estrada. Apesar das luvas, esfolei as palmas das mãos e a dor nos joelhos foi como fogo.

— Idiota! — rosnei-lhe e tentei me levantar, mas ele mordeu meu tornozelo e me atirou de novo para a estrada. Desta vez consegui olhar por cima da beira, para o abismo lá embaixo. A minha dor e estupefação haviam silenciado a noite, todas as pessoas haviam desaparecido, deixando-me sozinho com o lobo.

— Olhos-de-Noite! — protestei. — Deixe-me levantar!

Em vez disso, ele prendeu o meu pulso entre as mandíbulas e começou a me arrastar de joelhos para longe da beira da estrada. Não sabia que ele tinha tanta força, ou antes, nunca supusera que ela poderia ser voltada contra mim. Dei pancadas ineficazes nele com a mão livre, sem deixar de berrar e de tentar me levantar. Conseguia sentir o sangue escorrendo no meu braço onde um dente o penetrara.

Kettricken e o Bobo me flanquearam de súbito, agarrando-me pelos braços e me colocando de pé.

— Ele enlouqueceu! — exclamei enquanto Esporana aparecia correndo atrás deles. Seu rosto estava branco, os olhos enormes.

— Oh, lobo — exclamou, e caiu sobre um joelho para lhe dar um abraço. Olhos-de-Noite ficou parado, arquejando, obviamente gostando do abraço dela.

— O que há com você? — perguntei-lhe. Ele ergueu os olhos para mim, mas não respondeu.

A minha primeira reação foi estúpida. Levei as mãos às orelhas. Mas nunca fora assim que eu ouvira Olhos-de-Noite. Ele ganiu quando eu o fiz, e ouvi isso com clareza. Foi só um lamento de cão.

— Olhos-de-Noite! — gritei. Ele empinou, apoiando-se nas patas traseiras, com as dianteiras no meu peito. Era tão grande que quase conseguiu me olhar nos olhos. Captei um eco da sua preocupação e desespero, mas não mais do que isso. Sondei na sua direção com o sentido da Manha. Não consegui encontrá-lo. Não conseguia detectar nenhum deles. Era como se tivessem sido todos forjados.

Olhei em volta, para os rostos assustados que me rodeavam e percebi que estavam falando, não, quase gritando, alguma coisa sobre a beira da estrada e a coluna negra e o que se passava, o que se passava? Pela primeira vez fui assaltado por uma noção de como a fala era desajeitada. Todas aquelas palavras

separadas, unidas umas às outras, proferidas de maneira diferente por cada voz, e era assim que nos comunicávamos uns com os outros.

— Fitz, Fitz, Fitz — gritavam, o meu nome, referindo-se a mim, suponho, mas cada voz pronunciava a palavra de uma forma diferente, e cada uma tinha uma imagem diferente de quem era aquele com quem falavam e do motivo por que tinham de falar comigo. As palavras eram coisas tão desajeitadas, que eu não conseguia me concentrar naquilo que eles estavam tentando transmitir através delas. Era como lidar com mercadores estrangeiros, apontando e erguendo dedos no ar, sorrindo ou franzindo testas, e adivinhando, adivinhando sempre, o que o outro realmente queria dizer.

— Por favor — eu disse. — Calma. Por favor! — Só queria que se calassem, que parassem com os ruídos, articulados ou não. Mas o som das minhas próprias palavras prendeu a minha atenção. — Por favor — disse de novo, maravilhando-me com todas as maneiras pelas quais a minha boca tinha de se mover para produzir aquele som impreciso. — Calma! — voltei a dizer, e notei que a palavra significava coisas demais para ter algum significado real.

Um dia, quando ainda estava com Bronco há muito pouco tempo, ele me dissera para tirar os arreios de uma parelha. Foi quando ainda estávamos avaliando um ao outro, e aquela não era tarefa que um homem razoável desse a uma criança. Mas eu consegui, subindo por todos os lados dos dóceis animais e desapertando todas as fivelas e fechos brilhantes até deixar os arreios em pedaços no chão. Quando fora ver por que eu estava demorando tanto, Bronco ficara mudo de estupefação, mas fora incapaz de me censurar por ter feito o que ele me dissera para fazer. Quanto a mim, ficara espantado com o número de peças que havia em algo que parecera ser uma coisa só quando eu começara.

Era assim também para mim naquele momento. Todos aqueles sons para formar uma palavra, todas aquelas palavras para elaborar um pensamento. A linguagem desmontou-se nas minhas mãos. Nunca antes parara para pensar nisso. Estava diante deles, de tal modo ensopado em essência de Talento naquela estrada que a fala parecia tão infantilmente inadequada quanto comer mingau de aveia com os dedos. As palavras eram lentas e inexatas, escondendo tanto significado quanto revelavam.

— Fitz, por favor, você precisa… — começou Kettricken, e eu fiquei tão absorto analisando todos os possíveis significados que essas cinco palavras podiam ter que não cheguei a ouvir o resto do que ela disse.

O Bobo pegou a minha mão e me levou para a tenda. Empurrou-me até que eu me sentei, e tirou o meu chapéu, minhas luvas e o meu sobrecasaco. Sem dizer

uma palavra, colocou uma caneca quente nas minhas mãos. Isso eu consegui compreender, mas a conversa rápida e preocupada dos outros era como o cacarejar assustado de um galinheiro cheio de galinhas. O lobo apareceu e deitou-se ao meu lado, pousando a sua grande cabeça em uma das minhas coxas. Estendi a mão para afagar o largo crânio e mexer nas orelhas moles. Ele encostou-se mais em mim, como que suplicando. Cocei-o atrás das orelhas, pensando que poderia ser isso que ele queria. Era terrível não saber.

Não tive grande utilidade para ninguém nessa noite. Tentei fazer a minha parte das tarefas, mas os outros não paravam de tirá-las das minhas mãos. Várias vezes fui beliscado ou cutucado por Panela, que me pedia “acorda!”. Numa dessas vezes, fiquei tão fascinado pelo movimento da sua boca enquanto ela me repreendia que não me dei conta quando se afastou de mim. Não me lembro do que estava fazendo quando a parte de trás do meu pescoço foi agarrada pelas suas mãos semelhantes a garras. Ela empurrou a minha cabeça para a frente e a manteve agarrada enquanto batia com o dedo em cada uma das pedras dispostas no seu pano de jogar. Colocou uma pedra preta na minha mão. Durante algum tempo apenas fitei as peças. Então, de súbito, senti uma mudança de percepção. Não havia espaço entre mim e o jogo. Durante algum tempo testei a colocação da minha pedrinha em várias posições. Por fim encontrei a jogada perfeita, e quando pus a pedra no lugar, foi como se os meus ouvidos ficassem limpos de repente, ou como tivesse afastado o sono dos olhos piscando. Ergui o olhar para avaliar aqueles que me rodeavam.

— Lamento — murmurei, de forma inadequada. — Lamento.

— Está melhor agora? — perguntou-me Panela com suavidade. Falava como se eu fosse um bebê.

— Já sou mais eu mesmo agora — respondi. Ergui os olhos para ela, subitamente desesperado. — O que me aconteceu?

— O Talento — disse ela, simplesmente. — Você não é forte o suficiente nele. Quase seguiu a estrada até onde ela já não passa. Há ali alguma espécie de sinalizador, e outrora a estrada divergia ali, com um caminho descendo ao vale e o outro prosseguindo ao longo do flanco da montanha. O caminho que descia está cortado, foi levado há anos por um cataclismo. Nada resta, a não ser pedras caídas lá no fundo, mas é possível ver o local onde a estrada emerge da ruína e continua. Desaparece em outro amontoado de pedras à distância. Veracidade não pode ter ido por ali. Mas você quase seguiu a memória da estrada até a sua morte. — Fez uma pausa e me olhou com severidade. — No meu tempo… Você não recebeu treino suficiente para fazer o que tem feito, quanto mais para

enfrentar este desafio. Se isto é o melhor que lhe ensinaram… Tem certeza de que Veracidade está vivo? — perguntou-me de súbito. — Que sobreviveu sozinho a esta provação?

Decidi que um de nós tinha de parar de manter segredos.

— Eu o vi, em um sonho de Talento. Em uma cidade, com gente como aquela pelas quais passamos hoje. Lavou as mãos e os braços num rio mágico, e afastou-se carregado de poder.

— Deus dos peixes! — praguejou Panela. Um pouco de horror e um pouco de reverência lhe iluminou o rosto.

— Não passamos por ninguém hoje — objetou Esporana. Não notei que ela se sentara ao meu lado até que falou. Dei um salto, sobressaltado por alguém poder se aproximar tanto de mim sem que eu o sentisse.

— Todos aqueles que caminharam por esta estrada deixaram nela algo de si. Os seus sentidos estão amortecidos para esses fantasmas, mas Fitz caminha por aqui nu como uma criança recém-nascida. E igualmente ingênuo. — Panela encostou-se de súbito nos seus cobertores e as rugas no seu rosto se aprofundaram. — Como pode uma criança dessas ser o Catalisador? — perguntou, a ninguém em particular. — Você não sabe como se salvar de você mesmo. Como vai salvar o mundo?

O Bobo debruçou-se de súbito do seu leito para pegar a minha mão. Algo semelhante a força fluiu para dentro de mim com esse toque tranquilizador. O seu tom de voz era leve, mas as palavras calaram fundo em mim.

— A competência nunca foi garantida nas profecias. Só a persistência. O que diz o seu Colume, o Branco? “Eles vêm como gotas de chuva contra as torres de pedra do tempo. Mas com o tempo é sempre a chuva que prevalece, não a torre”. — Deu um apertão na minha mão.

— Os seus dedos parecem gelo — disse-lhe quando me largou.

— Estou com um frio inacreditável — concordou. Encostou os joelhos no peito e os envolveu com os braços. — Frio e cansaço. Mas sou persistente.

Ergui dele o olhar para ir encontrar Esporana com um sorriso astuto no rosto. Deuses, como aquilo me irritou.

— Tenho casco-de-elfo na trouxa — sugeri ao Bobo. — Dá tanto calor como força.

— Casco-de-elfo — Panela franziu o cenho, como se aquilo fosse repugnante. Mas, após um momento de reflexão, disse, excitada: — Na verdade, isso pode ser uma boa ideia. Sim. Chá de casco-de-elfo.

Quando tirei a droga da trouxa, Panela a tirou de minhas mãos como se eu

pudesse me cortar com ela. Resmungou para si mesma enquanto despejava minúsculas porções dela em canecas para nos dar.

— Eu vi o tipo de doses a que você se expõe — repreendeu-me, e ela mesma preparou o chá. Não colocou nenhum casco-de-elfo no chá que preparou para Kettricken, para Esporana e para si.

Beberiquei o chá quente, saboreando primeiro o toque acre do casco-de-elfo e então a tepidez do chá na minha barriga. O seu calor enervante espalhou-se por mim. Observei o Bobo e o vi relaxar ao ser envolvido pelo chá. Até os seus olhos começaram a cintilar por causa dele.

Kettricken pegara o mapa e estava franzindo o cenho sobre ele.

— FitzCavalaria, examine isto comigo — ordenou de súbito a rainha. Dei a volta no braseiro para ir me sentar ao lado dela. Ainda quase nem me instalara quando ela começou. — Creio que estamos aqui — disse-me. O seu dedo bateu na primeira confluência do caminho que estava marcado no mapa. — Veracidade disse que visitaria todos os três locais que estavam marcados no mapa. Creio que quando este mapa foi feito, a estrada que você quase seguiu esta noite estava intacta. Agora não está mais lá. E não está há algum tempo. — Seus olhos azuis cruzaram-se com os meus. — O que acha que Veracidade fez quando chegou a este ponto?

Refleti por um momento.

— Ele é um homem pragmático. Este outro destino, o segundo, não parece estar a mais do que três ou quatro dias daqui. Acho que ele poderia ir lá primeiro, para procurar lá os Antigos. E este terceiro destino fica, ah, apenas a sete dias daqui. Creio que pensaria que seria mais rápido visitar aqueles dois lugares primeiro. Depois, se não tivesse sucesso lá, poderia regressar aqui para tentar descobrir um caminho até… o que quer que exista lá embaixo.

Ela enrugou a testa. De repente me lembrei como a testa era lisa quando ela se tornara noiva de Veracidade. Agora raramente a via sem rugas de preocupação e cuidado no rosto.

— O meu marido está ausente há muito tempo. E, no entanto, não demoramos muito para chegar aqui. Ele talvez ainda não tenha regressado porque está lá embaixo. Porque precisou de muito tempo para descobrir um caminho até lá para continuar a viagem.

— Talvez — concordei, inquieto. — Lembre-se de que nós estamos bem abastecidos e viajamos juntos. Quando Veracidade chegou aqui, estaria viajando sozinho e com poucos recursos. — Abstive-me de dizer a Kettricken que suspeitava de que ele fora ferido naquela última batalha. Não fazia sentido lhe

causar mais ansiedade. Contra a minha vontade, senti uma parte de mim tentando alcançar Veracidade. Fechei os olhos e voltei a me selar resolutamente em mim. Teria imaginado uma mancha na corrente de Talento, uma sensação muito familiar de poder insidioso? Ergui de novo as muralhas.

— … dividir o grupo?

— Perdão, minha rainha — eu disse com humildade.

Não sei se a expressão nos seus olhos era de exasperação ou de medo. Pegou a minha mão e a segurou com firmeza.

— Preste atenção em mim — ordenou. — Eu disse que amanhã procuraremos um caminho para descer. Se virmos alguma coisa que pareça promissora, vamos tentá-la. Mas acho que não devíamos empregar a essa busca mais do que três dias. Se não encontrarmos nada, devemos prosseguir. Porém, uma alternativa é dividir o grupo. Mandar…

— Não acho que devemos dividir o grupo — eu disse, apressado.

— O mais provável é você ter razão — concedeu ela. — Mas leva tanto tempo, tanto, tanto tempo, e eu estou sozinha com as minhas perguntas há tempo demais.

Não consegui arranjar nada para responder àquilo, então fingi estar ocupado esfregando as orelhas de Olhos-de-Noite.

Irmão. Era um sussurro, nada mais, mas eu baixei os olhos para Olhos-de-Noite. Botei uma mão na pelagem do pescoço, fortalecendo o vínculo com um toque. *Você estava tão vazio quanto um humano comum. Nem sequer conseguia fazê-lo me sentir.*

Eu sei. Não sei o que aconteceu comigo.

Eu sei. Está cada vez mais deixando o meu lado e indo para o outro lado. Temo que você vá longe demais e não consiga regressar. Temi que isso já tivesse acontecido hoje.

O que quer dizer com o meu lado e o outro lado?

— Consegue ouvir o lobo outra vez? — perguntou-me Kettricken, preocupada. Fiquei surpreso, ao olhar para cima, por ver o modo ansioso como ela me olhava.

— Sim. Estamos juntos de novo — respondi. Ocorreu-me uma ideia. — Como sabia que não conseguíamos nos comunicar?

Ela encolheu os ombros.

— Imagino que supus isso. Ele parecia tão ansioso, e você parecia tão distante de todos.

Ela tem a Manha. Não tem, minha rainha?

Não posso dizer com certeza que algo foi transmitido entre os dois. Uma vez, muito antes, em Torre do Cervo, eu pensara que havia detectado Kettricken usando a Manha. Suponho que ela podia perfeitamente a estar usando naquele momento, pois o meu sentido estava tão diminuído que quase não conseguia detectar o meu próprio animal de vínculo. Em todo o caso, Olhos-de-Noite ergueu a cabeça para olhá-la, e ela lhe devolveu o olhar com firmeza. Com uma pequena franzida de cenho, Kettricken acrescentou:

— Às vezes gostaria de conseguir falar com ele como você fala. Se tivesse a sua velocidade e furtividade à minha disposição, podia ter mais certeza da segurança da estrada, tanto à nossa frente como atrás de nós. Podíamos conseguir achar um caminho para baixo, um caminho que não esteja claro aos nossos olhos.

Se você conseguir se manter Manhoso o suficiente para dizer a ela o que eu vejo, não me importo de desempenhar essa tarefa.

— Olhos-de-Noite ficaria muito feliz em ajudar a senhora dessa forma, minha rainha — disse.

Ela deu um sorriso cansado.

— Então, suponho, se conseguir ficar consciente de nós dois, você pode servir de intermediário.

O seu eco arrepiante do pensamento do lobo me perturbou, mas só manifestei assentimento com um aceno. Cada aspecto da conversa exigia agora a minha completa atenção, caso contrário me escapava. Era como estar horrivelmente cansado e ter de lutar constantemente contra o sono. Perguntei-me se seria assim tão difícil para Veracidade.

Há uma maneira de cavalgar isso, mas com leveza, com leveza, como quem domina um garanhão com mau temperamento que se rebela contra qualquer toque de rédea ou calcanhar. Mas você ainda não está pronto para fazê-lo. Portanto, enfrente-o, garoto, e mantenha a cabeça fora d'água. Gostaria que houvesse outro modo de vir até mim. Mas só existe a estrada, e você precisa segui-la. Não, não me responda. Saiba que há outros que escutam com tanta avidez quanto eu, embora não com tanta intensidade. Tenha cautela.

Um dia, ao descrever o meu pai, Cavalaria, Veracidade dissera que quando ele usava o Talento era como ser atropelado por um cavalo, que Cavalaria lhe invadia a mente, despejava as suas mensagens e fugia. Eu agora tinha uma compreensão melhor do que o meu tio quisera dizer. Senti-me bastante como um peixe abandonado de súbito por uma onda. Houve aquela sensação imensa de algo que faltava no instante seguinte à partida de Veracidade. Precisei de um

momento para me lembrar de que era uma pessoa. Se já não estivesse fortalecido com casco-de-elfo, creio que talvez tivesse desmaiado. Mas, na verdade, a droga estava aumentando o seu controle sobre mim. Tinha a sensação de estar sendo envolvido em um cobertor quente e macio. O cansaço desaparecera, mas me sentia abafado. Bebi o pouco que me restava na caneca e esperei pela torrente de energia que o casco-de-elfo costumava me dar. Não veio.

— Acho que você não usou o suficiente — disse a Panela.

— Você tomou o bastante — disse ela com aspereza. Soou como Moli quando pensava que eu estava bebendo demais. Preparei-me, esperando que imagens de Moli me inundassem a mente. No entanto, fiquei dentro da minha vida. Não sei se me senti aliviado ou desapontado. Ansiava por vê-la e a Urtiga. Mas Veracidade me avisara… Tardiamente, anunciei a Kettricken:

— Veracidade me contactou pelo Talento. Agora há pouco. — Depois me amaldiçoei como cruel e idiota quando vi a esperança lhe inundar o rosto. — Não foi realmente uma mensagem — emendei depressa. — Só um aviso para me lembrar de que devo evitar usar o Talento. Ele ainda acha que pode haver outros me procurando por essa via.

O seu rosto ruiu. Sacudiu a cabeça para si mesma. Então ergueu os olhos para perguntar:

— Ele não tinha mesmo nenhuma mensagem para mim?

— Não sei se ele compreende que a senhora está comigo — esquivei-me apressadamente da pergunta.

— Nem uma palavra — disse ela numa voz monótona como se não tivesse me ouvido. Tinha os olhos opacos quando perguntou: — Ele sabe como o desapontei? Ele sabe do… nosso filho?

— Não creio que saiba, minha senhora. Não sinto nele esse pesar, e sei bem que isso o entristeceria.

Kettricken engoliu em seco. Amaldiçoei as minhas palavras desastradas e, no entanto, cabia a mim proferir palavras de conforto e amor à esposa dele? Ela endireitou-se de repente, e então se levantou.

— Acho que vou buscar um pouco mais de lenha para esta noite — anunciou. — E dar ração às jepas. Aqui quase nem há um graveto para elas comerem.

Observei-a enquanto abandonava a tenda e penetrava na escuridão e frio que fazia lá fora. Ninguém disse uma palavra. Após respirar por uma ou duas vezes, levantei-me e a segui.

— Não demore — avisou-me Panela de forma enigmática. O lobo me seguiu como uma sombra.

Lá fora, a noite estava límpida e fria. O vento não se mostrava pior do que era hábito. Desconfortos familiares que podiam quase ser ignorados. Kettricken não estava nem recolhendo lenha, nem alimentando as jepas. Eu tinha certeza de que ambas as tarefas já haviam sido feitas antes. Estava de pé na beira da estrada fendida, fitando a escuridão do penhasco aos seus pés. Estava empertigada e rígida como um soldado que apresentava um relatório ao sargento e não fazia um som. Compreendi que ela estava chorando.

Há um momento para maneiras corteses, um momento para o protocolo formal e um momento para a humanidade. Fui até ela, peguei pelos ombros e a virei para me encarar. Ela irradiava infelicidade, e o lobo ao meu lado soltou um ganido sonoro.

— Kettricken — eu disse simplesmente. — Ele a ama. Ele não irá culpá-la. Irá sofrer, sim, mas que tipo de homem não sofreria? E quanto aos atos de Majestoso, são os atos de Majestoso. Não assuma a culpa por eles. Você não poderia tê-lo detido.

Ela passou uma mão pelo rosto e não falou. Olhou para além de mim, com o rosto transformado em uma máscara pálida à luz das estrelas. Soltou um pesado suspiro, mas eu a sentia estrangulada na sua tristeza. Passei os braços em volta da minha rainha e a puxei para mim, apertando-lhe o rosto contra o meu ombro. Afaguei-lhe as costas, sentindo a terrível tensão que havia ali.

— Está tudo bem — menti-lhe. — Vai ficar tudo bem. Com o tempo, você verá. Ficarão juntos de novo, farão outro filho, ambos se sentarão no Grande Salão de Torre do Cervo e ouvirão os menestréis cantar. De algum modo, voltará a haver paz. Você nunca viu Torre do Cervo em paz. Haverá tempo para Veracidade ir caçar e pescar, e você cavalgará ao seu lado. Veracidade voltará a rir, gritar e rugir pelos corredores como o vento do norte. A Cozinheira costumava correr com ele da cozinha por cortar a carne do assado antes de estar bem cozinhada, tal era a fome com que chegava da caça. Simplesmente entrava e a cortava uma coxa de uma galinha que estava assando e andava pela sala da guarda com ela na mão, contando histórias, brandindo-a como uma espada…

Dei-lhe palmadinhas nas costas como se ela fosse uma criança e lhe contei histórias sobre o homem franco e caloroso de que me lembrava dos tempos de infância. Durante algum tempo, a sua testa repousou no meu ombro e ela ficou completamente imóvel. Depois tossiu uma vez, como quem começa a sufocar, mas em vez disso foram terríveis soluços que a dominaram. Chorou de súbito e sem vergonha como uma criança que tivesse caído com força e estivesse tão machucada como assustada. Senti que aquelas eram lágrimas que estavam para

serem derramadas havia muito tempo, e não tentei ajudá-la a parar. Em vez disso, continuei a falar e acariciá-la, quase sem ouvir o que estava dizendo, até que os seus soluços começaram a se acalmar e o seu tremor a diminuir. Por fim, afastou-se um pouco de mim para procurar um lenço no bolso. Limpou o rosto e os olhos e assoou o nariz antes de tentar falar.

— Eu vou ficar bem — disse. Ouvir a força da sua crença naquelas palavras fez doer o meu coração. — É só… É difícil neste momento. Esperar para lhe dizer todas essas coisas terríveis. Saber como o machucarão. Ensinaram-me tantas coisas sobre ser Sacrifício, Fitz. Desde o princípio, eu soube que podia ter terríveis tristezas para suportar. Sou forte o bastante… para suportar essas coisas. Mas ninguém me avisou de que poderia acabar amando o homem que escolheriam para mim. Aguentar a minha dor é uma coisa. Levar dor a ele é outra. — Sua garganta fechou-se nas palavras e ela abaixou a cabeça. Temi que pudesse recomeçar a chorar. Mas, quando ergueu a cabeça, ela sorriu para mim. O luar tocou a umidade prateada nas suas bochechas e cílios. — Às vezes penso que só você e eu vemos o homem que há por baixo da coroa. Quero que ele ria, e que grite por aí, e que deixe os frascos de tinta abertos e os mapas espalhados por todo o lado. Quero que ponha os braços à minha volta e me abrace. Às vezes desejo tanto estas coisas, que me esqueço dos Navios Vermelhos, de Majestoso e… de tudo o mais. Às vezes acho que se ao menos pudéssemos estar de novo juntos, todo o resto também ficaria bem. Não é um pensamento muito digno para se ter. Supõe-se que um Sacrifício seja mais…

Um reflexo de prata atrás dela capturou meu olhar. Vi a coluna negra por cima do seu ombro. Inclinava-se por cima da borda quebrada da estrada, com metade do seu suporte de pedra desaparecido. Não ouvi o resto do que ela disse. Perguntei-me como não a vira antes. Reluzia com um brilho mais forte que o da lua na neve cintilante. Fora cinzelada em pedra negra coberta com uma rede de resplandecentes cristais. Como o luar em um rio ondulado de Talento. Não conseguia decifrar nenhum dos escritos na sua superfície. O vento gritava atrás de mim quando estendi a mão e a passei pela superfície daquela pedra lisa. Ela me deu as boas-vindas.

CAPÍTULO 27

A Cidade

Através do Reino da Montanha corre um velho caminho comercial que não serve nenhuma das vilas atuais do Reino da Montanha. Partes desta antiga estrada surgem em locais tão distantes, para o sul e para leste, quanto a costa do Lago Azul. O caminho não tem nome, ninguém se lembra de quem o construiu e poucos o usam, mesmo nos trechos que se mantêm intactos. Em alguns lugares, a estrada tem sido gradualmente destruída pelas elevações de terreno gelado que são comuns nas Montanhas. Em outros locais, cheias e deslizamentos de terras a reduziram a escombros. Ocasionalmente, um jovem aventureiro da Montanha toma a iniciativa de seguir a estrada até a sua origem. Aqueles que regressam têm a contar histórias mirabolantes sobre cidades arruinadas e vales vaporosos onde lagoas sulfúreas exalam fumos, e falam também da natureza desagradável do território que a estrada atravessa. Não há caça suficiente, dizem, e não está registrado em parte alguma que alguém tivesse ficado impressionado o suficiente para fazer uma viagem de volta até o fim da estrada.



Caí de joelhos na rua coberta de neve. Levantei-me lentamente, tentando alcançar uma lembrança. Eu ficara bêbado? As náuseas, as tonturas condiziam bem com isso. Mas aquela cidade sombriamente cintilante e silenciosa, não. Olhei em volta. Estava em alguma espécie de praça que se abria à sombra de algum tipo de grande memorial de pedra. Pisquei, fechei os olhos com força, então os abri de novo. A luz nebulosa ainda me confundia. Quase não conseguia ver a mais do que um braço de distância em todas as direções. Esperei em vão que os meus olhos se ajustassem à luz vaga das estrelas. Porém, logo comecei a tremer, de modo que me pus a caminhar em silêncio através das ruas vazias. A minha cautela natural regressou primeiro, seguida por uma tênue recordação dos meus companheiros, da tenda, da estrada cortada. Contudo, entre essa memória brumosa e eu estar naquela rua, nada existia.

Olhei para trás, para o lugar de onde viera. A escuridão engolira a estrada atrás

de mim. Até as minhas pegadas estavam sendo enchidas pelos flocos de neve úmida que caíam lentamente. Pisquei para sacudir flocos de neve dos cílios e olhei em volta. Vi as paredes de edifícios de pedra de ambos os lados da rua, cintilando de umidade. Os meus olhos não conseguiam compreender a luz. Não tinha fonte e era uniformemente insuficiente. Não havia grandes sombras, nem vielas particularmente escuras. Mas tampouco eu conseguia distinguir o lugar para onde me dirigia. As alturas e estilos dos edifícios, os destinos das ruas permaneciam um mistério.

Senti o pânico erguer-se em mim e lutei para controlá-lo. As sensações que tinha me lembravam bem demais o modo como fora enganado através do Talento no feudo de Majestoso. A ideia de apalpar com o Talento me aterrorizava por poder encontrar a mancha de Vontade naquela cidade. Mas se continuasse a avançar cegamente, confiando em não estar sendo enganado, eu podia cair em uma armadilha. Ao abrigo de uma parede, parei e me forcei à compostura. Tentei de novo me lembrar de como havia chegado ali, há quanto tempo deixara os meus companheiros e por quê. Nada me ocorreu. Sondei com o sentido da Manha, tentando encontrar Olhos-de-Noite, mas nada mais detectei que estivesse vivo. Perguntei-me se não haveria mesmo criaturas vivas por perto, ou se o meu sentido da Manha teria voltado a falhar. Também não tinha resposta para essa dúvida. Quando me pus à escuta, ouvi apenas vento. Senti cheiro apenas de pedra úmida, neve fresca e em algum lugar talvez, água de rio. O pânico ergueu-se mais uma vez em mim e eu me encostei contra a parede.

A cidade desabrochou subitamente para a vida ao meu redor. Notei que estava encostado na parede de uma estalagem. Vindos lá de dentro, ouvi os sons de um estridente instrumento de sopro e vozes erguidas numa canção que não me era familiar. Uma carroça passou ruidosamente por mim pela rua, e então um casal jovem passou rapidamente pela desembocadura da viela, de mãos dadas, rindo enquanto corria. Era noite naquela estranha cidade, mas não se dormia. Ergui os olhos para as alturas impossíveis dos seus edifícios de estranhos coruchéus e vi luzes ardendo nos andares superiores. À distância, um homem chamou ruidosamente por alguém.

O meu coração saltava no peito. O que havia de errado comigo? Tomei coragem e encontrei a determinação para avançar e descobrir o que pudesse sobre aquela estranha cidade. Esperei até que outra carroça de cerveja carregada de barris passasse com estrondo pela viela onde eu me encontrava. Então dei um passo para longe da parede.

E nesse instante, tudo se transformou mais uma vez em escuridão silenciosa e

cintilante. As canções e os risos haviam desaparecido da taverna; ninguém passava pelas ruas. Aventurei-me a ir até a desembocadura da viela e espreitei cautelosamente para ambas as direções. Nada. Só neve úmida que caía suavemente. Ao menos, disse a mim mesmo, o tempo ali estava melhor do que estivera na estrada, lá em cima. Mesmo se tivesse de passar a noite inteira ao ar livre, não sofreria demais.

Vaguei pela cidade durante algum tempo. Em cada esquina, escolhia seguir a estrada mais larga, e logo descobri um padrão de descidas constantes e suaves. O cheiro de rio tornou-se mais forte. Parei uma vez para descansar na borda de uma grande bacia circular que poderia ter rodeado uma fonte ou sido um local de lavagens. De imediato, a cidade voltou a rebentar em vida à minha volta. Um viajante veio dar de beber ao cavalo na bacia seca tão perto de mim que poderia ter estendido a mão para tocá-lo. Ele não reparou em mim, mas eu observei bem a estranheza das suas vestimentas e a forma incomum da sela que o cavalo usava. Um grupo de mulheres passou a pé por mim, conversando e rindo em voz baixa. Usavam trajes longos e retos que pendiam suavemente dos seus ombros e esvoaçavam em volta das barrigas das pernas enquanto caminhavam. Todas usavam os longos cabelos claros soltos até os quadris, e as botas ressoavam na rua de paralelepípedos. Quando me levantei para falar com elas, desapareceram, e com elas desapareceu também a luz.

Acordei a cidade por mais duas vezes até compreender que bastava o toque da minha mão em uma parede com veios de cristal. Foi necessária uma quantidade descabida de coragem, mas comecei a caminhar roçando apenas com as pontas dos dedos pelas construções. Quando o fazia, a cidade rebentava em vida à minha volta enquanto eu caminhava. Era noite, e a neve silenciosa continuava a cair. As carroças que passavam não deixavam rastros nela. Ouvi o bater de portas que há muito haviam apodrecido e vi pessoas caminhando com leveza por cima de uma profunda ravina que uma tempestade violenta criara ao longo de uma rua. Era difícil ignorá-los como fantasmas quando gritavam saudações uns aos outros. Eu que era ignorado e invisível enquanto continuava a avançar.

Por fim, cheguei a um rio largo e negro que fluía suavemente à luz das estrelas. Vários desembarcadouros fantasmagóricos se projetavam nele e dois imensos navios estavam ancorados no rio. Luzes brilhavam nos seus conveses. Tonéis e fardos esperavam nas docas para serem embarcados. Um aglomerado de gente entregava-se a algum jogo de azar e a honestidade de alguém estava sendo ruidosamente posta em dúvida. Vestiam-se de um modo diferente dos ratos de rio que vinham a Cervo e a língua era diferente, mas em tudo mais que

eu visse eram o mesmo tipo de gente. Enquanto eu observava, teve início uma luta que se espalhou até se transformar em uma briga generalizada. Dispersou-se rapidamente quando soou o assobio da patrulha noturna, com os combatentes fugindo em todas as direções antes que a Guarda da Cidade chegasse.

Tirei a mão da parede. Permaneci um momento na escuridão tomada de neve, deixando que os olhos se ajustassem. Navios, desembarcadouros, gente do rio, todos desapareceram. Mas a calma água negra ainda fluía, soltando vapor para o ar mais frio. Caminhei na sua direção, sentindo que a estrada se tornava áspera e quebrada sob os meus pés enquanto ia avançando. As águas daquele rio haviam se erguido e baixado por cima daquela rua, causando os seus danos sem ninguém para se opor a eles. Quando virei as costas ao rio e examinei o horizonte da cidade, consegui ver as tênues silhuetas de coruchéus caídos e paredes derrubadas. Uma vez mais sondei em volta, uma vez mais não encontrei qualquer vida.

Virei-me de novo para o rio. Havia algo na configuração geral do terreno que me puxava pela memória. Não era precisamente ali, eu sabia, mas senti a certeza de que aquele era o rio onde vira Veracidade lavar as mãos e braços e tirá-los de lá brilhando de magia. Cautelosamente, caminhei sobre pedras quebradas de pavimento até a beira do rio. Parecia água, cheirava a água. Agachei-me ao seu lado e pensei. Ouvira histórias sobre lagoas de lama de alcatrão cobertas por uma camada de água; bem sabia como o óleo flutuava na água. Era possível que por baixo da água negra fluísse outro rio, um rio de um poder prateado. Mais para montante ou para jusante, talvez se encontrasse o afluente de puro Talento que eu vira na minha visão.

Tirei a luva e arregacei a manga. Coloquei a mão na corrente de água, sentindo o seu beijo gelado contra a minha palma nua. De sentidos tensos, tentei perceber se haveria Talento por baixo daquela superfície; nada senti. Mas se mergulhasse o braço e a mão, eles talvez saíssem da água brilhando com força. Ousei estendê-los para descobrir.

A minha coragem não foi além disso. Eu não era um Veracidade. Conhecia a força do seu Talento e vira como a imersão na magia pusera à prova a sua força de vontade. Eu não estava à altura. Ele marchara sozinho pela estrada de Talento afora, enquanto eu… Minha mente regressou de um salto a esse problema. Quando eu teria abandonado a estrada de Talento e os meus companheiros? Talvez nunca o tivesse feito. Tudo aquilo talvez fosse um sonho. Ergui a mão e molhei o rosto com água fria. Não me senti diferente. Finquei as unhas no rosto e arranhei a pele até me doer. Isso nada provou, apenas me deixou curioso para

saber se eu podia sonhar dor. Não descobrira respostas naquela estranha cidade morta, só mais perguntas.

Com grande determinação, virei os passos para o caminho por onde viera. A visibilidade era ruim e a neve pegajosa estava enchendo rapidamente as minhas pegadas. Com relutância, encostei os dedos na pedra de uma parede. Era mais fácil encontrar o caminho de volta dessa forma, pois a cidade viva tivera mais pontos de referência do que as cinzas frias que dela restavam. Porém, enquanto me apressava através das ruas cobertas de neve, perguntei-me quando toda aquela gente havia estado ali. Eu estaria vendo os acontecimentos de uma noite de cem anos antes? Se viesse até ali em outra noite veria os mesmos acontecimentos se desenrolando, ou veria uma noite diferente da história da cidade? Ou aquelas sombras de pessoas se viam agora como vivas? Eu era a estranha sombra fria que atravessava as suas vidas? Forcei-me a parar de indagar sobre coisas para as quais não tinha qualquer resposta. Precisava regressar pelo caminho por onde viera.

Ou cheguei ao fim dos locais de que me lembrava, ou me enganei no caminho. O resultado foi o mesmo. Dei por mim vagando por uma estrada que eu tinha certeza de que não me era familiar. Raspei os dedos pela superfície de uma fila de lojas, todas bem trancadas para a noite. Passei por dois amantes envoltos em um abraço na soleira de uma porta. O fantasma de um cão passou por mim sem sequer me dar uma farejada curiosa.

Apesar do tempo menos rigoroso, eu estava ficando com frio. E cansado. Olhei de relance para o céu. Em breve seria manhã. À luz do dia, talvez eu pudesse subir em uma das construções e ter uma ideia da disposição do terreno. Quando acordasse talvez conseguisse me recordar de como chegara até ali. De um modo insensato, olhei ao redor em busca de um beiral ou de um barracão onde pudesse me abrigar antes de me ocorrer que não havia motivo para não entrar em uma das construções. Mesmo assim, senti-me estranho quando escolhi uma porta e a atravessei. Enquanto tocava uma parede, vi um interior obscurecido. Mesas e prateleiras estavam repletas de cerâmica e vidros finos. Um gato dormia perto de uma lareira de bordos elevados. Quando tirei a mão da parede, tudo estava frio e negro como breu. Então percorri a parede com os dedos, quase tropeçando nos restos desfeitos de uma das mesas. Agachei-me, reuni tateando os pedaços e os levei para a lareira. Com grande perseverança, consegui fazer com eles um fogo verdadeiro onde o fantasma ardia.

Depois de o fogo começar a arder bem e de eu me erguer sobre ele para me aquecer, a sua luz tremeluzente me mostrou um aspecto diferente da sala.

Paredes nuas e chão coberto de detritos. Não havia sinal da olaria e vidraria finas, embora houvesse mais alguns pedaços de madeira de prateleiras há muito caídas. Agradeci à sorte por elas terem sido feitas de bom carvalho, pois decerto teriam há muito apodrecido por completo se não fosse assim. Decidi estender o manto no chão para me proteger do frio da pedra e confiar no fogo para me manter suficientemente quente. Deitei-me, fechei os olhos e tentei não pensar em gatos fantasmagóricos ou nos fantasmas de pessoas que estariam dormindo nas suas camas no andar acima de mim.

Tentei erguer as minhas muralhas de Talento antes de dormir, mas foi como secar os pés enquanto se está com eles mergulhados em um rio. Quanto mais próximo chegava do sono, mais difícil se tornava me lembrar de onde se encontravam tais barreiras. Quanto do meu mundo era eu, e quanto era as pessoas com quem me importava? Sonhei primeiro com Kettricken, Esporana, Panela e o Bobo vagando de um lado para o outro com archotes enquanto Olhos-de-Noite corria de um lado para o outro ganindo. Não era um sonho confortável e eu lhe dei as costas e pairei mais para dentro de mim. Pelo menos foi o que supus.

Descobri a cabana que me era familiar. Conhecia a sala simples, a mesa rústica, a lareira bem arranjada, a cama estreita, tão bem feita. Moli estava sentada de roupão junto à lareira, embalando Urtiga e cantando em voz baixa uma canção sobre estrelas e estrelas-do-mar. Eu não me recordava de canções de ninar e fiquei tão encantado com aquela quanto Urtiga. Os grandes olhos da bebê estavam fixos no rosto de Moli enquanto a mãe cantava. Agarrava um dos indicadores de Moli com o seu pequeno punho. Moli cantava a canção repetidas vezes, mas não notei ali nenhum aborrecimento. Era uma cena que eu podia ficar observando durante um mês, durante um ano, e nunca conhecer o tédio. Mas as pálpebras da bebê se fecharam, uma vez, para voltarem a se abrir rapidamente. Fecharam-se mais devagar uma segunda vez e permaneceram fechadas. A sua minúscula boca franzida moveu-se como se estivesse mamando dormindo. O cabelo negro começara a se encaracolar. Moli abaixou o rosto para roçar os lábios pela testa de Urtiga.

Moli levantou-se cansada e levou a bebê para a cama. Abriu o cobertor, aconchegou a criança lá dentro e depois voltou para a mesa para apagar com um sopro a única vela que havia ali. À luz que vinha da lareira, vi-a deitar-se com cuidado na cama ao lado da criança e puxar os cobertores sobre ambas. Fechou os olhos, soltou um suspiro e não voltou a se mexer. Vigiei o seu sono pesado, reconhecendo-o como o sono da exaustão. Senti uma súbita vergonha. Aquela

vida dura e despojada não era algo que eu tivesse planejado para ela, quanto mais para a nossa filha. Se não fosse Bronco, a vida seria ainda mais dura para elas. Fugi de vê-las daquele modo, prometendo a mim mesmo que as coisas melhorariam, que de algum modo eu tornaria as coisas melhores para elas. Quando eu regressasse.

— Eu esperava que quando regressasse as coisas estivessem melhores. Mas isto, de certa forma, é bom demais para acreditar.

Era a voz de Breu. Debruçava-se sobre uma mesa em uma sala escurecida, estudando um pergaminho. Um castiçal lhe iluminava o rosto e o mapa desenrolado na sua frente. Parecia cansado, mas de bom humor. O seu cabelo grisalho estava desgrenhado. A camisa branca estava meio aberta e solta das calças, de modo que lhe pendia em volta do quadril como uma saia. O velho estava esguio e musculoso onde antes estivera emaciado. Bebeu longamente de uma caneca fumegante e sacudiu a cabeça por causa de alguma coisa.

— Majestoso parece não ganhar qualquer terreno nesta guerra contra as Montanhas. Em cada ataque contra as vilas fronteiriças, as tropas do Usurpador simulam atacar e depois retiram-se. Não existe um esforço concentrado para conquistar o território que assolaram, não há uma aglomeração de tropas para abrir caminho à força até Jhaampe. Qual é o jogo dele?

— Venha aqui e eu lhe mostro.

Breu ergueu o olhar do pergaminho, meio divertido e meio aborrecido.

— Preciso refletir sobre uma questão séria. Não vou encontrar na sua cama a resposta para isso.

A mulher atirou para trás os cobertores e levantou-se para caminhar suavemente até a mesa. Movia-se como um gato sorrateiro. A sua nudez não era vulnerabilidade, mas armadura. O seu longo cabelo castanho havia sido solto do rabo de cavalo de guerreira e lhe passava dos ombros. Não era nova, e muito tempo antes uma espada deixara o seu rastro pelas costelas. Apesar disso, era deslumbrante à sua maneira formidável e feminina. Debruçou-se sobre o mapa ao lado dele e apontou para alguma coisa.

— Olhe aqui. E aqui. E aqui. Se fosse Majestoso, por que atacaria todos estes lugares ao mesmo tempo, com forças pequenas demais para manter qualquer deles sob seu controle?

Quando Breu não respondeu, ela moveu o dedo para batê-lo em outro ponto do mapa.

— Nenhum desses ataques foi uma grande surpresa. Tropas da Montanha que

haviam sido reunidas aqui foram desviadas para estas duas aldeias. Uma segunda força deste local foi para a terceira aldeia. Agora, vê onde as tropas da Montanha não estão?

— Não há nada aí que valha a pena ter.

— Nada — concordou ela. — Mas antigamente havia uma rota comercial que atravessava os passos mais baixos, aqui, e dali seguia para o coração das Montanhas. Não passa por Jhaampe, e por esse motivo é pouco usada hoje em dia. A maior parte dos mercadores quer uma estrada que lhes permita vender e fazer negócios em Jhaampe, bem como nas vilas menores.

— Que valor tem a estrada para Majestoso? Ele procura tomá-la e controlá-la?

— Não. Nenhuma tropa foi avistada por lá.

— Para onde leva o caminho?

— Hoje em dia? A lugar nenhum, a não ser algumas aldeias dispersas. Mas fornece uma boa viagem a uma força pequena deslocando-se rapidamente.

— Para onde se dirige?

— Desaparece em Chichu. — Bateu com o dedo em outro ponto do mapa. — Mas levaria esse bando hipotético de guerreiros bem para dentro do território da Montanha. Bem atrás de todas as forças que vigiam e defendem a fronteira. Para oeste de Jhaampe, e sem levantar suspeitas.

— Mas qual seria o seu objetivo?

A mulher encolheu os ombros com indiferença, e sorriu ao ver os olhos de Breu abandonarem o mapa.

— Talvez uma tentativa de assassinato contra o Rei Eyod? Talvez uma tentativa de recapturar aquele bastardo que supostamente está refugiado nas Montanhas. Diga-me você. Isso é mais do seu ofício do que do meu. Envenenar os poços em Jhaampe?

Breu empalideceu de súbito.

— Passou-se uma semana. Eles já deverão estar posicionados e o seu plano já estará em movimento. — Sacudiu a cabeça. — O que posso fazer?

— Se eu fosse você, mandaria um mensageiro veloz ao Rei Eyod. Uma garota a cavalo. Alerte-o de que pode haver espiões na sua retaguarda.

— Suponho que seja o melhor — concordou Breu. Surgiu uma súbita fadiga na sua voz. — Onde estão as minhas botas?

— Relaxe. O mensageiro foi enviado ontem. A essa altura, os batedores do Rei Eyod deverão estar seguindo o rastro deles. Ele tem batedores muito bons. Posso atestá-lo.

Breu a olhou com um ar pensativo, de um modo que nada tinha a ver com a

sua nudez.

— Você conhece a qualidade dos batedores dele. E, no entanto, mandou uma das suas garotas até a soleira da porta dele com uma missiva escrita pela sua própria mão, para avisá-lo.

— Não vi nenhuma vantagem em fazer com que tais notícias esperassem.

Breu alisou a barba curta sobre o queixo.

— Quando lhe pedi ajuda, você me disse que trabalharia por dinheiro, não por patriotismo. Disse que, para um ladrão de cavalos, um lado da fronteira era tão bom quanto o outro.

Ela se espreguiçou, rolando os ombros. Virou-se para encará-lo, colocando as mãos no quadril dele, numa calma presunção de que tinha esse direito. Eram quase da mesma altura.

— Talvez você tenha me conquistado para o seu lado.

Os olhos verdes de Breu cintilaram como os de um gato na caça.

— Terei? — disse, com um ar distante, enquanto a puxava para mais perto.

Voltei a mim com um pequeno sobressalto e mudei desconfortavelmente de posição. Senti-me envergonhado por ter espionado Breu, e também com inveja dele. Avivei um pouco a fogueira e me deitei de novo, lembrando-me de que Moli também dormia sozinha, exceto pelo pequeno calor da nossa filha. Isso pouco me reconfortou e o meu sono foi agitado durante o que restava da noite.

Quando abri os olhos de novo, um quadrado de uma luz do sol aquática me cobria, vindo da janela aberta. A minha fogueira reduzira-se a um punhado de brasas, mas eu não estava com muito frio. À luz do dia, o aposento em que me encontrava era sombrio. Fui olhar uma segunda sala, em busca de uma escada para os andares superiores que me pudesse providenciar uma vista melhor da cidade. Mas vi apenas os restos bambos de degraus de madeira em que não me atrevi a confiar, nem mesmo para uma breve subida. A umidade também era mais pesada ali. As paredes e o chão de pedra úmida e fria me lembraram as masmorras de Torre do Cervo. Deixei a loja, saindo para um dia que parecia quase tépido. A neve da noite anterior estava se retirando para dentro de poças d’água. Tirei o chapéu e deixei que o vento mais suave se movesse contra o meu cabelo. Primavera, sussurrou uma parte de mim. Sentia-se no ar o vigor da primavera.

Eu esperara que a luz do dia vencesse os habitantes fantasmagóricos da cidade. Em vez disso, a luz pareceu torná-los mais fortes. Pedra negra com veios semelhantes a quartzo fora usada em grande quantidade na construção da cidade, e bastava que eu tocasse qualquer pedaço dela para ver a vida da cidade

despertar à minha volta. Contudo, mesmo quando não tocava nada, eu ainda parecia obter vislumbres das pessoas, ou ouvir o murmúrio das suas conversas e sentir o tumulto da sua passagem. Caminhei durante algum tempo, em busca de um edifício alto e razoavelmente intacto que me oferecesse a vista que procurava. À luz do dia, a cidade estava muito mais arruinada do que eu suspeitara. Telhados em cúpula haviam ruído, e algumas das construções possuíam grandes rachaduras verdes de musgo percorrendo as suas paredes. Em outras, paredes exteriores haviam caído por completo, expondo os aposentos interiores e enchendo a rua que por eles passava de escombros que eu tinha de escalar. Poucas das construções mais altas se encontravam totalmente intactas, e algumas encostavam-se ebriamente umas nas outras. Por fim vi um edifício promissor com um grande coruchéu espreitando por cima dos vizinhos, e abri caminho na sua direção.

Quando lá cheguei, passei algum tempo parado olhando para ele. Perguntei-me se teria sido um palácio. Grandes leões de pedra guardavam os degraus da entrada. As paredes exteriores eram da mesma pedra preta brilhante que eu passara a considerar como o material de construção comum da cidade, mas, presas a essa pedra, havia silhuetas de pessoas e animais, todas esculpidas em alguma cintilante pedra branca. O forte contraste do branco sobre negro e a escala grandiosa dessas imagens as tornavam quase esmagadoras. Uma mulher gigantesca segurava um imenso arado atrás de uma parelha de monstruosos bois. Uma criatura alada, talvez um dragão, ocupava uma parede inteira. Subi lentamente os largos degraus de pedra que levavam à entrada. Parecia que, enquanto o fazia, os murmúrios da cidade se tornavam mais sonoros e mais insistentemente reais. Um jovem sorridente desceu apressado os degraus, com um pergaminho em uma mão. Dei um passo para o lado para evitar colidir com ele, mas, quando ele passou rapidamente por mim, não senti a mínima sensação proveniente do seu ser. Os seus olhos eram amarelos como âmbar.

As grandes portas de madeira estavam fechadas e haviam sido trancadas, mas se encontravam tão apodrecidas que um empurrão cauteloso soltou a fechadura. Uma porta se abriu, enquanto a outra balançou, grata, e desmoronou no chão. Olhei para dentro antes de entrar. Janelas riscadas e empoeiradas de um vidro espesso deixavam entrar o sol do inverno. Grãos de poeira levantados pela queda da porta dançavam no ar. Quase esperei ver morcegos, pombos ou um ou outro rato furtivo. Mas nada havia, nem sequer um odor de habitação animal. Tal como a estrada, a cidade era evitada por animais selvagens. Entrei, arrastando levemente as botas pelo assoalho poeirento.

Havia farrapos de antigas tapeçarias, um banco de madeira quebrado. Levantei os olhos para um teto que se erguia muito acima da minha cabeça. Só aquela sala poderia ter contido todos os terrenos de exercícios em Torre do Cervo. Senti-me minúsculo. Mas do outro lado da sala, na minha frente, havia degraus de pedra que marchavam pelas sombras acima. Enquanto atravessava a sala na sua direção, ouvi os murmúrios de conversas comerciais, e de repente as escadas foram povoadas por pessoas altas vestidas com mantos, que iam e vinham. A maioria trazia nas mãos pergaminhos ou papéis, e o tom das suas conversas era o de pessoas que discutiam assuntos importantes. Eram sutilmente diferentes de quaisquer pessoas entre as quais eu já tivesse estado. As cores dos seus olhos eram brilhantes demais; os ossos dos seus corpos eram alongados. Porém, apesar de tudo isso, a maior parte das suas outras características era comum. Cheguei à conclusão de que aquilo devia ter sido alguma câmara de justiça ou de governo. Só tais assuntos colocavam rugas em tantas testas e caretas em tantos rostos. Havia algumas pessoas de mantos amarelos e calças pretas, que traziam uma espécie de placas de insígnias nos ombros, e esses julguei serem funcionários. Ao subir primeiro uma escadaria e depois outra que partia do segundo andar, o número desses mantos amarelos aumentou.

As escadas estavam um tanto iluminadas pelas largas janelas que havia em cada patamar. A primeira me mostrou apenas o primeiro andar do edifício contíguo. No segundo patamar, obtive uma vista de alguns telhados. Tive de atravessar o terceiro andar para chegar a outra escadaria. A julgar pelos generosos farrapos nas paredes, aquele piso fora ainda mais opulento. Comecei a notar uma mobília fantasmagórica assim como pessoas, como se a magia fosse mais forte ali. Mantive-me próximo das bordas das zonas de passagem, relutante em sentir o não toque das pessoas que caminhassem através de mim. Havia muitos bancos almofadados para esperar, outro sinal seguro de que o edifício era oficial, e vi muitos escribas menores sentados a mesas, que registravam informações a partir dos pergaminhos que lhes eram apresentados.

Subi outro lance de escadas, mas fui frustrado na minha busca por uma vista desimpedida da cidade por uma imensa janela de vitral. A imagem ali representada era de uma mulher e um dragão. Não pareciam estar se enfrentando, encontravam-se de pé como se conversassem um com o outro. A mulher naquela janela tinha cabelo e olhos negros e usava uma faixa de um vermelho vivo na testa. Levava algo na mão esquerda, mas não soube dizer se seria uma arma ou o bastão de um cargo. O imenso dragão usava uma coleira cravejada de joias, mas nada mais na sua pose ou atitude sugeria domesticação.

Fitei a janela, com vento e luz cintilando nas suas cores poeirentas, durante vários longos minutos antes de conseguir prosseguir. Senti que ela possuía algum significado que eu não conseguia realmente compreender. Por fim, dei-lhe as costas para inspecionar aquele aposento superior.

Aquele piso estava melhor iluminado do que os outros. Era todo ocupado por uma enorme sala aberta, mas substancialmente menor do que o andar principal. Janelas altas e estreitas de vidro translúcido se alternavam com extensões de parede ricamente decorada com frisos de batalhas e cenas agrárias. Senti-me atraído para as obras de arte, mas dirigi resolutamente os passos para outra escadaria. Esta não era larga, mas sim uma escada em espiral que eu esperava que levasse à torre que eu vislumbrara do lado de fora do edifício. Os espíritos da cidade pareciam ser menos numerosos ali.

A subida foi mais íngreme e mais longa do que eu esperara. Abri tanto o casaco como a camisa antes de chegar ao topo. Os degraus espiralados eram iluminados a intervalos por janelas pouco mais largas do que seteiras. Em uma delas, uma mulher jovem fitava a cidade, com uma expressão de impotência nos seus olhos cor de alfazema. Parecia tão real que dei por mim lhe pedindo perdão quando a circundei. Ela não prestou atenção, claro. Mais uma vez tive a sensação sinistra de que eu era o fantasma ali. Havia alguns patamares naquela escada e portas que levavam a quartos, mas estas estavam trancadas e o tempo parecia ter sido mais misericordioso ali. O ar seco dos andares superiores preservara a madeira e o metal. Perguntei-me o que haveria atrás da sua solidez imperturbada. Tesouros reluzentes? O conhecimento das eras? Ossos bolorentos? Nenhuma cedeu aos meus empurrões e, enquanto prosseguia a minha ascensão, esperei não encontrar no topo da torre uma porta trancada como recompensa.

A cidade inteira era um mistério para mim. A vida fantasmagórica que nela fervilhava criava um contraste total com o seu completo abandono atual. Não vira sinais de batalha; as únicas convulsões que vira na cidade pareciam ser resultado da profunda inquietude da terra. Aqui passo por mais portas trancadas; pergunto-me se a própria Eda saberia o que está atrás delas. Ninguém tranca uma porta, a menos que espere regressar. Imaginei para onde elas teriam ido, as pessoas daquela cidade que ainda se moviam por ali como fantasmas. Por que aquela cidade fluvial fora abandonada, e quando? Teria sido aquele o lar dos Antigos? Seriam eles os dragões que eu vira nos edifícios e na janela de vitral? Há pessoas que gostam de quebra-cabeças; aquele me deu uma dor de cabeça latejante para complementar a fome importuna que vinha crescendo em mim desde o nascer do dia.

Cheguei por fim à sala do topo da torre. Abria-se, a toda a minha volta, um aposento redondo com um teto em cúpula. Dezesseis painéis compunham as paredes da sala, e oito eram feitos de um vidro espesso, riscado e imundo. Diminuíam o sol invernal que inundava a sala depois de passar por eles, deixando-a ao mesmo tempo iluminada e sombria. Uma das janelas estava quebrada e jazia em estilhaços tanto dentro como fora do aposento, pois um estreito parapeito rodeava o exterior da torre. Uma grande mesa redonda estava parcialmente caída no centro da sala. Dois homens e três mulheres, todos armados com ponteiros, gesticulavam na direção de onde a mesa dominara antigamente o aposento, discutindo alguma coisa. Um dos homens parecia bastante irritado. Dei a volta na mesa e nos burocratas fantasmagóricos. Uma porta estreita abriu-se facilmente para a sacada.

Havia um corrimão de madeira que rodeava a borda do parapeito, mas não confiei nele. Dei uma lenta volta na torre, dividido entre o espanto e o medo de cair. Do lado sul, um largo vale fluvial estendia-se à minha frente. Ao longe se via uma orla de colinas azul-escuras que sustentavam o pálido céu de inverno. O rio corria sinuoso tal como uma serpente gorda e preguiçosa através da parte mais próxima do vale. À distância, eu conseguia ver outras vilas fluviais. Para além do rio estendia-se um largo vale verde, densamente arborizado ou salpicado de fazendas bem organizadas que tremeluziam, existindo ou deixando de existir quando eu sacudia a cabeça para livrar os olhos de fantasmas. Vi uma ponte larga e negra atravessando o rio e a estrada que prosseguia para além dela. Perguntei-me para onde levaria essa estrada. Por um breve momento, vi torres brilhantes reluzindo ao longe. Afastei os fantasmas da mente e vi um lago distante com vapor erguendo-se à luz aquosa do sol. Estaria Veracidade em algum lugar ali?

Os meus olhos vagaram até o sudeste e se arregalaram com o que vi ali. Talvez lá estivesse a resposta para algumas das minhas perguntas. Uma seção inteira da cidade havia desaparecido. Simplesmente desaparecido. Não havia ali quaisquer detritos de ruínas, nenhum escombro enegrecido pelo fogo. Só uma grande e súbita fratura se escancarava na terra, como se algum gigante imenso tivesse enterrado nela uma gigantesca cunha e a tivesse rasgado. O rio a enchera, transformando-a em uma brilhante língua de água que penetrava na cidade. Os restos de edifícios ainda se equilibravam precariamente na sua beira, ruas terminavam abruptamente junto à água. Os meus olhos seguiram esta enorme ferida na terra. Mesmo àquela distância, era possível ver que a grande fenda se prolongava para além da outra margem do rio. A destruição mergulhara

profundamente no coração da cidade, como uma lança. A água plácida brilhava, prateada, sob o céu de inverno. Indaguei-me se algum súbito tremor de terra teria dado o golpe de misericórdia naquela cidade. Sacudi a cabeça. Muito da cidade permanecia de pé. Não havia dúvida de que aquilo fora um grande desastre, mas não me explicava a morte da cidade.

Dei lentamente a volta até o lado norte da torre. A cidade estendia-se aos meus pés e, para além dela, avistei vinhedos e searas. E, mais adiante, uma extensão arborizada atravessada pela estrada. A vários dias de cavalgada encontravam-se as montanhas. Sacudi a cabeça para mim mesmo. De acordo com todo o meu sentido de orientação, eu devia ter vindo dali. Mas eu não tinha qualquer recordação da viagem entre um ponto e outro. Encostei-me na parede e pensei no que fazer. Se Veracidade estava em algum lugar naquela cidade, eu não estava sentindo qualquer vestígio da sua presença. Desejei conseguir me lembrar do motivo por que abandonara os meus companheiros e quando o fizera. O *venha até mim, venha até mim* murmurava através dos meus ossos. Uma tristeza opressiva tomou conta de mim e desejei simplesmente me deitar ali mesmo e morrer. Tentei dizer a mim mesmo que era o casco-de-elfo. Pareciam mais os efeitos secundários de um fracasso quase constante. Voltei para o aposento central para sair do vento gelado de inverno.

Quando entrei de novo pela janela estilhaçada, um graveto rolou debaixo do meu pé e eu quase caí. Quando me recuperei, olhei para baixo e me perguntei por que não o teria visto antes. Na base da pequena janela encontravam-se os restos de uma pequena fogueira. A fuligem sujara um pouco do vidro que ainda se projetava do caixilho lateral da janela. Agachei-me para tocá-la com cautela; o meu dedo ficou negro. Não era muito fresca, mas também não era mais velha do que alguns meses; do contrário, as tempestades de inverno teriam levado mais das cinzas. Afastei-me e tentei obrigar a minha mente fatigada a trabalhar. A fogueira fora feita com madeira, mas incluíra gravetos, como que arrancados de árvores ou arbustos. Alguém transportara deliberadamente pequenos gravetos até ali para acender aquela fogueira. Por quê? Por que não usar o que restava da mesa? E por que subir tão alto para acender uma fogueira? Por causa da vista?

Sentei-me ao lado dos restos da fogueira e tentei pensar. Quando encostei as costas na parede de madeira, isso deu mais substância aos fantasmas que discutiam em volta da mesa. Um deles gritou alguma coisa a outro, e então desenhou uma linha imaginária com o ponteiro por cima da mesa caída. Uma das mulheres cruzou os braços sobre o peito e parecia obstinada, enquanto outra sorria friamente e batia com a sua própria vara na mesa. Amaldiçoando a minha

idiotice, levantei-me de um salto e olhei para as antigas ruínas da mesa.

No segundo em que percebi que se tratava de um mapa, tive certeza de que fora Veracidade que fizera a fogueira. Um sorriso tolo se espalhou pelo meu rosto. Claro. Uma torre de janelas altas que dava para a cidade e o território circundante, e no centro da sala uma grande mesa que continha o mapa mais peculiar que eu já vira. Não estava desenhado em papel, mas era feito de argila para imitar o terreno ondulado. Fendera-se quando a mesa caíra, mas eu conseguia agora ver o modo como o rio fora feito com lascas brilhantes de vidro negro. Havia minúsculos modelos das construções da cidade ao lado das ruas retas como flechas, minúsculas fontes cheias de lascas azuis de vidro, até galhinhos com folhas de lã verde para representar as maiores árvores da cidade. A intervalos ao longo da cidade, pequenos cristais de pedra estavam fixos no mapa. Suspeitei que representassem pontos cardeais. Tudo estava lá, até minúsculos quadrados para representar as bancas do mercado. Apesar da ruína, o mapa deliciava o olhar com os seus detalhes. Sorri, muito certo de que meses depois do regresso de Veracidade a Torre do Cervo haveria uma mesa e mapa semelhantes na sua torre do Talento.

Debrucei-me sobre ela, ignorando os fantasmas, para reconstituir os meus passos. Localizei com facilidade a torre no mapa. Por azar, essa seção do mapa estava muito rachada, mas mesmo assim tive uma certeza razoável do caminho que seguira enquanto os meus dedos caminhavam por onde os pés haviam feito o mesmo na noite anterior. Mais uma vez me maravilhei com a retidão das estradas e a precisão das interseções onde elas se encontravam. Não tinha certeza sobre onde exatamente “despertara” na noite anterior, mas consegui selecionar uma seção da cidade que não era grande demais e dizer com certeza que isso acontecera no interior desse quadrado. Os meus olhos regressaram à torre e tomei cuidadosamente nota do número de cruzamentos e de curvas que tinha de fazer para regressar ao meu ponto de partida. Chegando lá, se olhasse ao redor, talvez conseguisse encontrar algo que despertasse as minhas recordações dos dias faltantes. Desejei de súbito ter um pedaço de papel e uma pena para fazer um esboço da área circundante. Quando o fiz, o significado da fogueira tornou-se imediatamente claro.

Veracidade usara um graveto queimado para fazer o seu mapa. Mas em quê? Examinei a sala, mas não havia tapeçarias naquelas paredes. Em vez disso, as paredes entre as janelas eram lajes de pedra branca esculpidas com… Levantei-me para ir ver mais de perto. Fui tomado por um espanto maravilhado. Coloquei a mão na pedra branca e fria, e então olhei pela janela suja ao seu lado. Os meus

dedos seguiram o rio que eu conseguia ver ao longe, depois encontraram o rastro liso da estrada que o atravessava. A vista de cada uma das janelas era representada pelo painel que se encontrava ao seu lado. Glifos e símbolos minúsculos poderiam ter sido os nomes de vilas ou propriedades. Raspei a janela, mas a maior parte da sujeira encontrava-se do lado de fora.

O significado da janela quebrada ficou subitamente claro. Veracidade quebrara essa vidraça para obter uma vista melhor do que se encontrava além dela. E depois acendera aquela fogueira e usara um graveto queimado para copiar alguma coisa, provavelmente para o mapa que transportava desde Torre do Cervo. Mas o quê? Fui até a janela quebrada e estudei os painéis de ambos os lados. Uma mão manchara o da esquerda, limpando dele a poeira. Pus a minha própria mão em cima da impressão da palma que a mão de Veracidade deixara na poeira. Ele limpara aquele painel e olhara pela janela, e depois copiara alguma coisa. Não podia duvidar de que esse era o seu destino. Perguntei-me se o que estava marcado no painel poderia de algum modo combinar com os sinais no mapa que ele transportara. Desejei em vão ter comigo a cópia de Kettricken para comparar as duas coisas.

Fora da janela, eu conseguia ver as montanhas ao norte de mim. Eu viera dali. Estudei a vista e depois tentei relacioná-la com o painel gravado ao meu lado. Os fantasmas tremeluzentes do passado não ajudavam. Em um momento estava olhando um território arborizado; no seguinte observava vinhedos e searas. A única coisa comum a ambas as paisagens era a fita negra de estrada que subia até as montanhas, reta como uma flecha. Os meus dedos seguiram a estrada pelo painel. Ali, à distância, cheguei às montanhas. Havia alguns glifos marcados ali, no local onde a estrada divergia. E uma minúscula centelha de cristal fora engastada ali no painel.

Encostei o rosto no painel e tentei estudar os minúsculos glifos. Eram iguais aos sinais no mapa de Veracidade? Eram símbolos que Kettricken reconheceria? Saí da sala da torre e desci depressa os degraus, passando por fantasmas que pareciam ir ficando cada vez mais fortes. Agora ouvia claramente as suas palavras e tinha vislumbres das tapeçarias que antigamente haviam decorado as paredes. Havia muitos dragões nelas desenhados. “Antigos?”, perguntei às paredes de pedra cheias de ecos, e ouvi as minhas palavras tremeluzindo para cima e para baixo ao longo das escadas.

Procurei alguma coisa em que escrever. As tapeçarias esfarrapadas eram trapos úmidos que se desfaziam com um toque. A madeira que havia era velha e estava apodrecida. Quebrei a porta de um aposento interior, na esperança de encontrar o

seu conteúdo bem preservado. Lá dentro, encontrei as paredes interiores cobertas com fileiras de buracos redondos abertos na madeira, cada um deles ocupado por um pergaminho. Estes pareciam substanciais, tal como os instrumentos de escrita que se encontravam em cima da mesa situada no meio da sala. Mas os meus dedos pouco mais encontraram do que fantasmas de papel, quebradiços e frágeis como cinzas. Os meus olhos me mostraram uma pilha de velinos frescos em uma prateleira de canto. Os meus dedos empurraram detritos apodrecidos, até encontrarem por fim um fragmento utilizável que não era maior do que as minhas duas mãos. Estava rígido e amarelado, mas talvez servisse. Um pesado pote rolhado de vidro continha os restos secos de uma tinta. As hastes de madeira dos instrumentos de escrita haviam desaparecido, mas as pontas de metal tinham sobrevivido e eram suficientemente longas para que eu as agarrasse com firmeza. Armado com essas provisões, regressei à sala do mapa.

Cuspe devolveu a vida à tinta, e eu afiei o bico de metal no chão até brilhar de novo, limpo. Voltei a acender os restos da fogueira de Veracidade, pois a tarde estava ficando encoberta e a luz que entrava pelas janelas empoeiradas diminuía. Ajoelhei-me diante do painel que a mão de Veracidade limpara e copiei o máximo que consegui da estrada, das montanhas e de outros detalhes para o pedaço de couro enrijecido. Com todo o esmero, semicerrei os olhos para os minúsculos glifos e transferi o máximo que consegui deles para o velino. Kettricken talvez conseguisse decifrá-los. Quando comparássemos aquele meu mapa desajeitado com o mapa que ela trazia, alguma característica comum talvez fizesse sentido. Era tudo o que eu tinha em que me apoiar. O sol estava se pondo lá fora e a minha fogueira não passava de brasas quando finalmente terminei. Olhei pesarosamente os meus rabiscos. Nem Veracidade, nem Penacarriço teriam ficado impressionados com o meu trabalho. Porém, teria de servir. Quando tive certeza de que a tinta secara e não borraria, coloquei o velino dentro da camisa para transportá-lo. Não correria o risco de que chuva ou neve que caísse nele borrasse os desenhos.

Deixei a torre quando a noite caía. Meus companheiros fantasmagóricos há muito já haviam ido para casa para se aquecerem com a lareira e o jantar. Percorri as ruas por entre dezenas de pessoas que buscavam as suas casas ou se aventuravam a sair para uma noite de prazer. Passei por estalagens e tavernas que pareciam arder de luz e ouvi vozes alegres vindas lá de dentro. Estava ficando cada vez mais difícil ver a verdade das ruas vazias e edifícios abandonados. Era uma infelicidade especial passar com a barriga roncando e a garganta seca por estalagens onde fantasmas se saciavam com uma boa

disposição fantasmagórica e gritavam ruidosas saudações uns aos outros.

Os meus planos eram simples. Iria até o rio e beberia. Então faria o que pudesse para regressar ao primeiro lugar de que me lembrava na cidade. Encontraria algum tipo de abrigo nessas redondezas para passar a noite, e à luz da manhã voltaria para as montanhas. Esperava que, se percorresse o caminho que provavelmente usara para chegar ali, algo me estimularia a memória.

Estava ajoelhado à beira do rio, com uma mão apoiada na pedra do pavimento e bebendo água fria quando o dragão surgiu. Num momento, o céu acima de mim estava vazio. Então havia uma luz dourada sobre tudo e o ruído de grandes asas batendo, como o adejar das asas de um faisão em voo. À minha volta as pessoas gritaram, algumas sobressaltadas, outras encantadas. A criatura mergulhou sobre nós e deu uma volta a baixa altitude. O rastro de vento que ela gerou deixou os navios balançando e o rio ondulando. Deu a volta mais uma vez e então, sem aviso, mergulhou por completo no rio, até sumir de vista. A luz dourada que emitira foi extinta e a noite pareceu mais escura em comparação.

Atirei-me para trás, em um reflexo, para me afastar da onda de sonho que saltou contra a margem quando o rio absorveu o impacto do dragão. Ao meu redor, as pessoas fitavam a água em expectativa. Segui os seus olhares. A princípio nada vi. Então a água se abriu e uma grande cabeça emergiu do rio. A água pingava dela e escorria cintilante pelo dourado pescoço serpentino que surgiu em seguida. Todas as histórias que já ouvira aludiam a dragões como vermes, lagartos ou serpentes. Mas quando aquele emergiu do rio, estendendo asas que pingavam, dei por mim pensando em aves. Graciosos cormorões erguendo-se do mar após um mergulho para capturar peixe, ou faisões vivamente emplumados me vieram à mente quando a enorme criatura emergiu. Era tão grande quanto um dos navios e a envergadura das suas asas envergonhava as velas de tela. Ele parou na margem do rio e sacudiu a água das suas asas escamosas. A palavra “escama” não faz justiça às placas ornamentadas que lhe cobriam as asas, mas “pena” é uma palavra aérea demais para descrevê-las. Se uma pena pudesse ser feita de ouro finamente batido, talvez pudesse chegar perto da plumagem do dragão.

Eu estava paralisado de deleite e fascinação. A criatura me ignorou, emergindo do rio tão perto de mim que, se fosse real, eu teria ficado encharcado pela água que pingava das suas asas estendidas. Cada gota que voltava a cair no rio levava consigo o inconfundível reflexo da pura magia. O dragão parou na margem do rio, afundando profundamente as suas quatro grandes patas providas de garras na terra molhada enquanto dobrava cautelosamente as asas e então estendia a sua

longa cauda bifurcada. Uma luz dourada me banhou e iluminou a multidão ali reunida. Dei as costas ao dragão para olhá-los. As boas-vindas brilhavam em seus rostos, assim como uma grande deferência. O dragão tinha os olhos brilhantes de um falcão-gerifalte e o porte de um garanhão quando caminhou até eles. As pessoas lhe abriram caminho, murmurando saudações respeitosas.

— Antigo — eu disse para mim mesmo, em voz alta. Segui-o, mantendo os dedos colados às fachadas dos edifícios, uno com a multidão em transe, enquanto ele desfilava pela rua afora. As pessoas jorravam de tavernas para acrescentar as suas saudações e aumentar a multidão que o seguia. Era evidente que aquilo não era um acontecimento comum. Não sei o que eu esperava descobrir ao segui-lo. Não creio que eu realmente pensasse em alguma coisa naquele momento, exceto que devia seguir aquela imensa e carismática criatura. Agora compreendia o motivo por que as ruas principais daquela cidade haviam sido construídas tão largas. Não era para permitir a passagem de carroças, mas para que nada constituísse obstáculo para aqueles grandes visitantes.

Ele parou uma vez diante de uma grande bacia de pedra. As pessoas correram em frente para competir pela honra de manejar uma espécie de molinete. Baldes atrás de baldes ergueram-se em uma volta de corrente, despejando todos eles a sua carga de magia líquida na bacia. Quando a bacia ficou cheia até a borda com aquela coisa reluzente, o Antigo baixou graciosamente o pescoço e bebeu. Podia ser um Talento fantasmagórico, mas bastou vê-lo para despertar aquela insidiosa ânsia em mim. Por mais duas vezes a bacia foi enchida e por mais duas vezes o Antigo a esvaziou antes de seguir caminho. Eu o segui, maravilhado com o que vira.

À nossa frente surgiu de súbito aquela grande fenda de destruição que desfigurava a forma simétrica da cidade. Segui o desfile fantasmagórico até a sua borda, só para ver toda a gente, homens, mulheres e Antigo, desaparecer por completo quando penetraram despreocupadamente no espaço vazio. Pouco tempo depois eu estava sozinho na borda daquela fissura escancarada, ouvindo apenas o vento sussurrando sobre as profundas águas paradas. Algumas manchas de estrelas surgiram no céu nublado e foram refletidas na água negra. Quaisquer outros segredos sobre os Antigos que eu pudesse ter aprendido haviam sido engolidos muito tempo antes naquele grande cataclismo.

Virei-me e me afastei lentamente, perguntando-me para onde se dirigiria o Antigo e para que fim. Estremeci de novo ao me recordar do modo como ele bebera até o fim o poder reluzente de prata.

Precisei de algum tempo para voltar pelo mesmo caminho, primeiro até o rio.

Uma vez chegado ali, foquei a mente para recordar o que vira na sala do mapa algumas horas antes. A minha fome era agora uma coisa oca que chocalhava contra as minhas costelas, mas a ignorei resoluto enquanto seguia o meu caminho pelas ruas. A minha força de vontade me fez atravessar um aglomerado de sombras brigando, mas a determinação me faltou quando a Guarda da Cidade apareceu correndo pelas ruas, montada nos seus maciços cavalos. Saltei para um lado para deixá-los passar e estremeci quando ouvi o som dos porretes ao serem brandidos. Por mais irreal que fosse aquilo, senti-me feliz por deixar a ruidosa discórdia para trás. Virei à direita em uma rua ligeiramente mais estreita e continuei andando, passando por mais três cruzamentos.

Parei. Ali. Era aquela a praça onde estivera ajoelhado na neve na noite anterior. Ali, aquele pilar que se erguia no seu centro lembrava-me um tipo de monumento ou escultura que se erguia sobre mim. Caminhei na sua direção. Era feita da mesma ubíqua pedra negra com veios de reluzentes cristais. Aos meus olhos cansados, parecia reluzir mais, com a mesma misteriosa não luz que as outras estruturas lançavam. O tênue brilho realçava de cada lado glifos profundamente cortados na sua superfície. Caminhei lentamente em volta. Eu tinha certeza de que alguns me eram familiares e talvez fossem idênticos àqueles que copiara algum tempo antes. Seria então aquilo algum tipo de sinal indicativo, marcado com destinos de acordo com os pontos cardeais? Estendi uma mão para percorrer com ela um dos glifos familiares.

A noite dobrou-se à minha volta. Uma onda de vertigem tomou conta de mim. Agarrei-me à coluna para obter apoio, mas de algum modo errei-a e caí aos tropeções para frente. As minhas mãos estendidas não encontraram nada e eu bati com o rosto em neve endurecida e gelo. Durante algum tempo, apenas fiquei deitado ali, com a bochecha apoiada na estrada gelada, piscando os meus olhos inúteis para a escuridão da noite. Então um peso quente e sólido me atingiu. *Irmão!*, cumprimentou-me jubiloso Olhos-de-Noite. Enfiou o focinho frio no meu rosto e bateu com as patas na minha cabeça para me obrigar a levantar. *Eu sabia que você voltaria. Eu sabia!*

CAPÍTULO 28

O Círculo

Parte do grande mistério que envolve os Antigos é o fato de as poucas imagens que temos deles possuírem poucas semelhanças umas com as outras. Isto é verdade não só a respeito de tapeçarias e pergaminhos que são cópias de trabalhos antigos e, portanto, poderão conter erros, mas também no tocante às poucas imagens de Antigos que restaram desde os tempos do Rei Sabedoria. Algumas das imagens mostram semelhanças superficiais com as lendas sobre dragões, ostentando asas, garras, pele escamosa e grande tamanho. Mas outras, não. Em pelo menos uma tapeçaria, o Antigo é mostrado como semelhante a um ser humano, mas com pele dourada e de grande tamanho. As imagens nem sequer concordam no número de membros que essa raça benevolente possuía. Podem chegar a ter quatro pernas e também duas asas, ou não ter quaisquer asas e caminhar sobre duas pernas como um homem.

Teorizou-se que foi escrito tão pouco acerca deles porque o conhecimento sobre os Antigos nessa época era tido como conhecimento geral. Assim como ninguém acha por bem criar um pergaminho que trate dos mais básicos atributos daquilo que um cavalo é, pois ele não serviria a nenhum propósito útil, do mesmo modo ninguém pensou que um dia os Antigos seriam material para lendas. Até certo ponto, isso faz sentido. Mas basta olhar para todos os pergaminhos e tapeçarias em que surgem cavalos como algo pertencente à vida diária para encontrar uma falha. Se os Antigos fossem tão aceitos como uma parte da vida, decerto que teriam sido retratatos com mais frequência.



Após uma ou duas horas muito confusas, encontrei-me de volta à tenda com os outros. A noite parecia ainda mais fria por eu ter passado um dia quase tépido na cidade. Nós nos aconchegamos na tenda sob os nossos cobertores. Eles haviam me dito que eu desaparecera da borda do penhasco apenas na noite anterior; eu lhes contara tudo o que encontrara na cidade. Houve um certo grau de descrença por parte de todos. Eu me senti ao mesmo tempo comovido e culpado ao ver

quanta angústia o meu desaparecimento lhes causara. Era óbvio que Esporana estivera chorando, enquanto tanto Panela como Kettricken tinham a aparência de coruja de quem não dormiu. O Bobo fora o pior, pálido e silencioso com um ligeiro tremor nas mãos. Fora preciso algum tempo para que todos nós nos recuperássemos. Panela cozinhara uma refeição duas vezes maior do que o que comíamos normalmente e todos, menos o Bobo, comemos com apetite. Ele não parecera ter energia para tal. Enquanto os outros se sentavam em círculo em volta do braseiro ouvindo a minha história, ele já estava enrolado nos cobertores, com o lobo aninhado ao seu lado. Parecia completamente exausto.

Depois de eu relatar pela terceira vez os acontecimentos da minha aventura, Panela comentou de forma críptica:

— Bem, graças a Eda por você estar medicado com casco-de-elfo antes de ser levado; senão, nunca teria mantido a cabeça no lugar.

— Você disse “levado”? — pressionei de imediato.

Ela franziu o cenho.

— Sabe o que quero dizer. — Olhou em volta vendo que todos nós a fitávamos. — Através do poste indicador, ou o que quer que seja aquilo. Eles devem ter alguma coisa a ver com isso. — Um silêncio respondeu às suas palavras. — Parece-me óbvio, nada mais. Ele nos deixou junto a um, e chegou lá junto a um. E regressou da mesma forma.

— Mas por que não levaram mais ninguém? — protestei.

— Porque você é o único sensível ao Talento entre nós — observou ela.

— Os postes também são feitos de Talento? — perguntei-lhe sem rodeios.

Ela me olhou nos olhos.

— Eu olhei para o poste indicador à luz do dia. É feito de pedra preta com fios brancos de cristais brilhantes no interior. Como as paredes da cidade que você descreve. Tocou em ambos os postes?

Fiquei um momento em silêncio, pensando.

— Creio que sim.

Ela encolheu os ombros.

— Pronto, aí está. Um objeto impregnado de Talento pode reter as intenções do seu fabricante. Estes postes foram erigidos para tornar as viagens mais fáceis para os que eram capazes de dominá-los.

— Nunca tinha ouvido falar de tais coisas. Como você as conhece?

— Estou só especulando sobre aquilo que me parece óbvio — respondeu ela com teimosia. — E isso é tudo o que eu vou dizer. Vou dormir. Estou exausta. Passamos a noite inteira e a maior parte do dia à sua procura e preocupados com

você. E durante as horas que podíamos ter descansado, o lobo não parou de uivar.

Uivar?

Eu o chamei. Você não respondeu.

Não o ouvi, senão teria tentado.

Começo a ter medo, irmãozinho. Há forças que puxam você, levando-o para lugares onde não posso segui-lo, fechando a sua mente à minha. Isto, agora mesmo, é o mais próximo que já estive de ser aceito em uma alcateia. Mas se eu perdesse você, até isso estaria perdido para mim.

Você não me perderá, prometi-lhe, mas perguntei a mim mesmo se era uma promessa que eu podia manter.

— Fitz? — perguntou Kettricken, em uma voz preocupada.

— Estou aqui — assegurei-lhe.

— Vejamos o mapa que você copiou.

Tirei-o de dentro das minhas roupas e ela pegou o seu. Comparamos os dois. Era difícil encontrar algumas semelhanças, mas as escalas dos mapas eram diferentes. Por fim chegamos à conclusão de que o pedaço que eu copiara na cidade possuía uma semelhança superficial com a porção do caminho que estava desenhada no mapa de Kettricken.

— Este lugar — indiquei com um gesto um destino marcado no mapa dela — parece ser a cidade. Se for, então isto corresponde a isto, e isto a isto.

O mapa com o qual Veracidade partira fora uma cópia deste mapa mais antigo e desbotado. Nesse, a trilha em que eu agora pensava como a estrada do Talento estivera marcada, mas de uma forma estranha, como um caminho que começava subitamente nas Montanhas e terminava abruptamente em três destinos separados. O significado desses pontos terminais já esteve marcado no mapa, mas esses sinais haviam desbotado até se transformarem em manchas de tinta. Agora tínhamos o mapa que eu copiara na cidade, também com esses três pontos terminais. Um fora a cidade propriamente dita. Os outros dois eram os que agora nos interessavam.

Kettricken estudou os glifos que eu copiara do mapa da cidade.

— Vejo sinais assim de vez em quando — admitiu, inquieta. — Ninguém mais realmente os lê. Um punhado deles ainda é conhecido. São encontrados principalmente em lugares estranhos. Em alguns lugares nas Montanhas há pedras erguidas que possuem marcas assim. Existem algumas na extremidade ocidental da Ponte do Grande Abismo. Ninguém sabe quando foram esculpidos, ou por quê. Acredita-se que alguns assinalam sepulturas, mas há quem diga que

assinalavam fronteiras terrestres.

— Sabe ler algum deles? — perguntei.

— Alguns. São usados em um jogo de desafio. Há uns que são mais fortes do que outros…— A sua voz foi sumindo enquanto estudava os meus rabiscos. — Nenhum é exatamente igual aos que eu conheço — disse por fim, com um pesado desapontamento na voz. — Este é quase como o que quer dizer “pedra”. Mas nunca tinha visto os outros.

— Bem, esse é um dos que estão desenhados aqui. — Tentei deixar a minha voz alegre. “Pedra” não me transmitia absolutamente nada. — Parece ser o local mais próximo de onde estamos. Vamos até lá a seguir?

— Eu gostaria de ter visto a cidade — disse o Bobo em voz baixa. — E também gostaria de ter visto o dragão.

Assenti, lentamente.

— É um lugar e uma coisa que valem a pena ser vistos. Há muito conhecimento lá, se ao menos tivéssemos tempo para desencavá-lo. Se eu não tivesse Veracidade sempre na minha cabeça com o seu “venha até mim, venha até mim”, acho que teria tido mais curiosidade de explorar. — Nada lhes dissera sobre os meus sonhos com Moli e Breu. Essas eram coisas privadas, tal como o era a minha ânsia por estar de novo em casa com ela.

— Sem dúvida que sim — concordou Panela. — E sem dúvida de que você teria se metido em mais problemas dessa forma. Imagino que ele o prendeu dessa maneira para manter você na estrada e protegê-lo de distrações.

Eu a teria questionado de novo a respeito dos seus conhecimentos se o Bobo não tivesse repetido em voz baixa:

— Eu gostaria de ter visto a cidade.

— Devíamos todos ir dormir agora. Vamos nos levantar à primeira luz da aurora para percorrer uma boa distância amanhã. Encoraja-me pensar que Veracidade esteve lá antes de FitzCavalaria, ao mesmo tempo que me enche de maus pressentimentos. Temos de ir até ele depressa. Já não posso ficar me perguntando todas as noites por que ele nunca regressou.

— Chega o Catalisador para fazer da carne pedra e da pedra carne. Ao seu toque serão despertados os dragões da terra. A cidade adormecida tremerá e despertará por ele. Chega o Catalisador. — A voz do Bobo era sonhadora.

— O texto de Damir, o Branco — acrescentou Panela, com reverência. Olhou para mim, e por um momento ficou aborrecida. — Centenas de anos de escritos e profecias e todos terminam em você?

— A culpa não é minha — eu disse, estupidamente. Eu já estava abrindo

caminho para os meus cobertores. Lembrei-me com saudade do dia quase quente que passara. O vento soprava, e eu me senti enregelado até os ossos.

Estava adormecendo quando o Bobo estendeu uma mão quente para me dar palmadinhas no rosto.

— Que bom que você está vivo — murmurou.

— Obrigado — disse. Estava evocando o tabuleiro e as peças do jogo de Panela, num esforço para manter a mente comigo durante a noite. Tinha acabado de começar a contemplar o problema. De repente me sentei, exclamando: — A sua mão está quente! Bobo! A sua mão está quente!

— Vá dormir — repreendeu-me Esporana num tom ofendido.

Ignorei-a. Afastei o cobertor do rosto do Bobo e lhe toquei na bochecha. Seus olhos se abriram lentamente.

— Você está quente — disse-lhe. — Está bem?

— Não me sinto quente — informou-me ele num tom infeliz. — Sinto-me frio. E muito, muito cansado.

Comecei a avivar depressa o fogo no braseiro. À minha volta, os outros estavam se mexendo. Esporana, do outro lado da tenda, sentara-se e me olhava através das sombras.

— O Bobo nunca está quente — disse-lhes, tentando fazer com que compreendessem a minha urgência. — Quando lhe tocamos na pele, ele está sempre frio. Agora está quente.

— É mesmo? — perguntou Esporana numa voz estranhamente sarcástica.

— Ele está doente? — perguntou Panela, cansada.

— Não sei. Nunca na minha vida o vi doente.

— Eu raramente adoeço — corrigiu-me o Bobo em voz baixa. — Mas isto é uma febre que já tive antes. Deite-se e durma, Fitz. Vou ficar bem. Imagino que a febre já terá passado de manhã.

— Quer tenha passado ou não, temos de viajar amanhã de manhã — disse Kettricken, implacável. — Já perdemos um dia parados aqui.

— Perdemos um dia? — exclamei, quase irritado. — Ganhamos um mapa, ou mais detalhes para um, e o conhecimento de que Veracidade esteve na cidade. Quanto a mim, não duvido de que ele foi até lá como eu, e talvez tenha regressado a este exato local. Não perdemos um dia, Kettricken, ganhamos todos os dias que levaríamos para encontrar um modo de descer o que resta da estrada lá embaixo e então para caminhar até a cidade. E depois voltar. Se bem me lembro, a senhora havia proposto gastarmos apenas um dia para procurar uma maneira de descer aquele deslizamento. Bem, gastamos, e encontramos essa

maneira. — Fiz uma pausa. Respirei fundo e impus calma à minha voz. — Não pretendo forçar nenhum de vocês à minha vontade. Mas se o Bobo não estiver em condições para viajar amanhã, eu também não viajarei.

Uma brilho surgiu nos olhos de Kettricken, e eu me preparei para uma batalha. Mas o Bobo a evitou.

— Eu viajarei amanhã, esteja bem ou não — assegurou a nós dois.

— Então está decidido — disse rapidamente Kettricken. Então, em uma voz mais humana, perguntou: — Bobo, há alguma coisa que eu possa fazer por você? Não o usaria com tanta severidade se a necessidade não fosse tão grande. Não esqueci, e nunca esquecerei, que sem você eu jamais teria chegado viva a Jhaampe.

Detectei uma história que não era do meu conhecimento, mas guardei as perguntas para mim.

— Ficarei bem. Só estou… Fitz? Posso lhe pedir um pouco de casco-de-elfo? Isso me aqueceu ontem à noite como nada mais foi capaz.

— Com certeza. — Eu estava vasculhando a minha trouxa à procura da erva quando Panela interveio com um aviso.

— Bobo, aconselho-o a não tomar. É uma erva perigosa, e quase sempre faz mais mal do que bem. Quem sabe se você não está doente esta noite porque tomou um pouco na noite de anteontem?

— Não é uma erva assim tão potente — eu disse com desdém. — Já a uso há muitos anos e não me causou nenhum problema duradouro.

Panela bufou.

— Pelo menos nenhum que você seja sensato o suficiente para ver — disse com sarcasmo. — Mas é uma erva reconfortante que dá energia à carne, mesmo insensibilizando o espírito.

— Sempre achei que me revigorava em vez de me insensibilizar — contrapus ao mesmo tempo que encontrava o pequeno pacote e o abria. Sem que eu lhe pedisse, Panela levantou-se e colocou água para ferver. — Nunca reparei que me entorpecesse a mente — acrescentei.

— Aquele que a toma raramente repara — retorquiu ela. — E embora ela possa aumentar durante algum tempo a sua energia física, você sempre tem de pagar por isso mais tarde. O seu corpo não se deixa enganar, jovem. Saberá disso melhor quando for tão velho quanto eu.

Fiquei em silêncio. Quando pensei nas ocasiões em que usara casco-de-elfo para me revigorar, tive a desconfortável suspeita de que ela tinha pelo menos uma razão parcial. Porém, a suspeita não foi forte o suficiente para me impedir

de fazer dois copos em vez de um só. Panela sacudiu a cabeça para mim, mas voltou a se deitar e nada mais disse. Eu me sentei ao lado do Bobo enquanto ele bebia o nosso chá. Quando me devolveu a caneca vazia, a sua mão parecia mais quente, não mais fria.

— A sua febre está aumentando — avisei-o.

— Não. É só o calor da caneca na minha pele — sugeriu ele.

Ignorei-o.

— Está tremendo todo.

— Um pouco — admitiu. Então a sua angústia veio à tona e ele disse: — Estou com tanto frio como nunca estive. Minhas costas e os maxilares doem de tremer de frio.

Flanqueie-o, sugeriu Olhos-de-Noite. O grande lobo mexeu-se para se encostar mais nele. Eu acrescentei os meus cobertores aos que cobriam o Bobo, e depois me enfiei lá dentro ao seu lado. Ele não disse uma palavra, mas os tremores diminuíram um pouco.

— Não me lembro de tê-lo visto doente em Torre do Cervo — disse em voz baixa.

— Estive. Mas foi muito raro, e guardei a doença para mim. Como você se lembra, o curandeiro tinha pouca tolerância por mim, e eu por ele. Não teria confiado a minha saúde aos seus purgantes e tônicos. Além disso, o que funciona com a sua espécie às vezes nada faz à minha.

— A sua espécie é assim tão diferente da minha? — perguntei passado algum tempo. Ele nos trouxera para perto de um tema que raramente mencionávamos.

— Em certos aspectos — suspirou. Levou uma mão à testa. — Mas às vezes surpreendo até a mim mesmo. — Respirou fundo, então soltou o ar num suspiro, como se tivesse suportado alguma dor por um instante. — Posso nem estar realmente doente. Tenho passado por algumas mudanças no último ano. Como você pode ter reparado. — Acrescentou a última frase num sussurro.

— Você cresceu e ganhou cor — concordei em voz baixa.

— Isso é parte das mudanças. — Um sorriso lhe contraiu o rosto, então desapareceu. — Acho que agora sou quase um adulto.

Respirei fundo.

— Já o conto como homem há muitos anos, Bobo. Acho que você descobriu a masculinidade antes de eu descobrir a minha.

— Descobri? Que engraçado! — exclamou ele em voz baixa, e por um momento soou quase como ele próprio. Os olhos se fecharam lentamente. — Agora vou dormir — disse-me.

Não respondi. Aninhei-me melhor nos cobertores ao lado dele, e ergui de novo as muralhas. Mergulhei em um descanso sem sonhos que não era um sono sem cuidados.

Acordei antes da primeira luz da aurora com um pressentimento de perigo. Ao meu lado, o Bobo dormia pesadamente. Toquei o seu rosto e vi que ele estava ainda quente e úmido de suor. Afastei-me dele, aconchegando bem as mantas ao seu redor. Acrescentei um ou dois pedaços de precioso combustível ao braseiro e comecei a me vestir em silêncio. Olhos-de-Noite ficou imediatamente alerta.

Vai sair?

Apenas para farejar por aí.

Quer que vá também?

Mantenha o Bobo quente. Eu não demoro.

Tem certeza de que vai ficar bem?

Vou ter muito cuidado. Prometo.

O frio foi como uma bofetada. A escuridão, absoluta. Após um momento ou dois, os meus olhos se ajustaram, mas mesmo assim pouco mais eu conseguia ver do que a tenda. Um céu encoberto absorvera até as estrelas. Fiquei imóvel no vento gelado, forçando os sentidos para descobrir o que me perturbara. Não foi o Talento, mas sim a Manha, que sondou a escuridão por mim. Detectei o nosso grupo e a fome das jepas que se encostavam umas às outras. Uma dieta simples de cereais não as alimentaria durante muito tempo. Outra preocupação. Resolutamente, deixei-a de lado e empurrei os meus sentidos para mais longe. Empertiguei-me. Cavalos? Sim. E cavaleiros? Achei que sim. Olhos-de-Noite surgiu de súbito ao meu lado.

Consegue farejá-los?

O vento está forte. Quer que vá ver?

Sim. Mas não seja visto.

Claro. Cuide do Bobo. Ele choramingou quando o deixei.

Na tenda, acordei silenciosamente Kettricken.

— Acho que pode haver perigo — disse-lhe em voz baixa. — Cavalos e cavaleiros, possivelmente na estrada atrás de nós. Ainda não tenho certeza.

— Quando tivermos certeza, eles estarão aqui — disse ela friamente. — Acorde todos. Quero que estejamos de pé e prontos para partir à primeira luz.

— O Bobo continua febril — eu disse, enquanto me abaixava e sacudia o ombro de Esporana.

— Se ele ficar aqui, não ficará febril, ficará morto. E você também. O lobo foi espionar para nós?

— Sim. — Eu sabia que ela tinha razão, mas não deixou de ser difícil me forçar a sacudir o Bobo de volta à consciência. Ele moveu-se como um homem aturdido. Enquanto os outros empacotavam as nossas coisas, apressei-o para vestir o casaco e consegui com insistência fazê-lo vestir um par adicional de calças. Enrolei-o em todos os nossos cobertores e o coloquei de pé lá fora enquanto o resto de nós desmontava a tenda e a carregava. A Kettricken, perguntei em voz baixa: — Quanto peso uma jepa carrega?

— Mais do que o do Bobo. Mas elas são estreitas demais para uma montaria confortável, e ficam nervosas com cargas vivas. Podíamos colocá-lo em uma durante algum tempo, mas será desconfortável para ele e a jepa será difícil de controlar.

Era a resposta que eu esperava, mas não me deixou contente.

— Que novidades há do lobo? — perguntou-me.

Sondei na direção de Olhos-de-Noite e fiquei consternado ao descobrir o esforço que era necessário para tocar na sua mente com a minha.

— Seis cavaleiros — disse-lhe.

— Amigos ou inimigos? — perguntou ela.

— Ele não tem como saber — observei. Ao lobo, perguntei: *Que aspecto têm os cavalos?*

Delicioso.

São grandes, como Fuligem? Ou pequenos, como cavalos da Montanha?

Medianos. Uma mula de carga.

— Vêm a cavalo, não montados nos pôneis da Montanha — eu disse a Kettricken.

Ela sacudiu a cabeça para si mesma.

— A maior parte do meu povo não usa cavalos a esta altitude nas Montanhas. Usariam pôneis ou jepas. Decidamos que são inimigos e vamos agir de acordo.

— Fugimos, ou lutamos?

— Ambos, claro.

Ela já tirara o seu arco do fardo de uma das jepas. Agora estava prendendo a corda para deixá-lo pronto.

— Primeiro procuramos um lugar melhor para preparar uma emboscada. Depois esperamos. Vamos.

Era mais fácil falar do que fazer. Só a regularidade da estrada fazia com que não se tornasse impossível. A luz era apenas um boato quando seguimos caminho nesse dia. Esporana levava as jepas à frente. Eu trazia o Bobo atrás delas, enquanto Panela, com o seu bastão, e Kettricken, com o seu arco, nos

seguiam. A princípio deixei que o Bobo tentasse caminhar sozinho. Ele foi cambaleando lentamente e, quando vi as jepas afastando-se inexoravelmente de nós, compreendi que não adiantaria. Passei o seu braço esquerdo em volta dos meus ombros e o meu braço direito em torno da sua cintura e o apressei. Pouco tempo depois, ele já arquejava e lutava para não arrastar os pés. O calor anormal do seu corpo era assustador. Cruelmente, forcei-o a avançar, rezando para que encontrássemos alguma espécie de cobertura.

Quando a encontramos, não foi a benevolência de árvores, mas a crueldade de pedras afiadas. Uma grande porção da montanha acima da estrada cedera e caíra em cascata. Levara consigo mais de metade da estrada e deixara a que restara coberta com uma grande pilha de pedras e terra. Esporana e as jepas a estavam olhando com um ar incerto quando o Bobo e eu chegamos mancando. Coloquei-o em uma pedra, onde ele se sentou, de olhos fechados e cabeça baixa. Aconcheguei melhor os cobertores à sua volta e então fui para o lado de Esporana.

— É um deslizamento antigo — observou ela. — Talvez não seja tão difícil assim atravessá-lo.

— Talvez — concordei, com os olhos já em busca de um local onde tentar. A neve cobria as pedras como um manto. — Se eu for primeiro, com as jepas, você consegue me seguir com o Bobo?

— Suponho que sim. — Olhou para ele. — Como é que ela está?

Havia apenas preocupação na voz de Esporana, de modo que engoli o aborrecimento.

— Ele pode ir avançando, se tiver um braço em que se apoiar. Não comece a nos seguir antes que o último animal esteja lá em cima e em movimento. Então siga os nossos rastros.

Esporana concordou com a cabeça, mas não pareceu contente.

— Não devíamos esperar por Kettricken e Panela?

Pensei.

— Não. Se esses cavaleiros nos apanharem, não quero estar aqui encostado nas pedras. Atravessamos o deslizamento.

Desejei que o lobo estivesse ali conosco, pois tinha o dobro da minha segurança nas pernas e reflexos muito mais rápidos.

Não posso ir até você sem que eles me vejam. Aqui é rocha escarpada acima e abaixo da estrada, e eles estão entre você e eu.

Não se preocupe com isso. Apenas os observe e me mantenha alerta. Eles viajam depressa?

Levam os cavalos a pé e discutem muito entre si. Um é gordo e está farto de andar a cavalo. Pouco diz, mas não se apressa. Tome cuidado, irmão.

Respirei fundo e, como não havia lugar que parecesse melhor do que qualquer outro, simplesmente segui o meu nariz. A princípio havia só algumas pedras espalhadas pela estrada, mas depois disso erguia-se uma muralha de grandes pedregulhos, solo rochoso e pedra solta de arestas afiadas. Escolhi onde colocar os pés por entre aquele terreno traiçoeiro. A líder das jepas me seguiu e as outras vieram atrás dela sem questionar. Logo descobri que a neve soprada pelo vento congelara em cima das pedras em películas pouco espessas, escondendo frequentemente buracos e fendas entre elas. Coloquei descuidadamente o pé em uma, e enfiei a perna até o joelho em uma fenda. Soltei-me com cuidado e prossegui.

Quando parei um momento e olhei em volta, quase perdi a coragem. Acima havia uma grande ladeira de detritos do deslizamento que subia até uma parede de pedra escarpada. Olhando adiante, não consegui ver onde a ladeira terminava. Se cedesse, eu rolaria e deslizaria com ela até a beira da estrada e cairia no profundo vale que se estendia mais abaixo. Nada haveria, nem um pedaço de vegetação, nem um pedregulho de qualquer tamanho a que eu pudesse me agarrar. Pequenas coisas tornaram-se de súbito assustadoras. Os puxões nervosos que a jepa dava na corda que eu segurava, uma súbita mudança na pressão da brisa, até o cabelo caindo sobre os meus olhos eram de repente coisas que colocavam a minha vida em perigo. Por duas vezes caí de quatro e engatinhei. O resto do caminho foi feito agachado, olhando antes de colocar um pé no chão e confiando lentamente o meu peso a ele.

Atrás de mim vinha a fila de jepas, todas elas seguindo a líder da manada. Não eram tão cautelosas como eu. Ouvi pedras escorregarem debaixo delas, e pequenos grupos de rochas que elas soltavam caíam rolando e saltando ladeira abaixo e então eram disparadas pelo espaço vazio. Cada vez que isso acontecia, eu temia que outras pedras fossem despertadas e começassem a deslizar. As jepas não estavam amarradas umas às outras com cordas, exceto aquela que eu trazia presa ao primeiro animal. Eu temia ver a qualquer momento uma deslizando pela encosta abaixo. Estendiam-se atrás de mim como boias numa rede, e mais atrás vinham Esporana e o Bobo. Parei uma vez para observá-los e me amaldiçoei quando compreendi a dificuldade da tarefa que atribuíra à menestrel. Eles vinham na metade da minha velocidade rastejante, com Esporana segurando o Bobo e procurando apoios para os pés de ambos. O coração me subiu à boca quando ela tropeçou e o Bobo se estatelou ao seu lado. Ela ergueu

então o olhar e me viu encarando-a. Com um gesto irritado, ergueu um braço e fez sinal para que eu prosseguisse. Foi o que fiz. Nada mais podia fazer.

A queda de pedras e rochedos terminava tão abruptamente como começara. Desci para a superfície plana da estrada com gratidão. Atrás de mim veio a líder das jepas, e depois os outros animais, saltando de escarpa para rochedo para a estrada como cabras enquanto desciam. Assim que todas desceram, espalhei um pouco de cereais pela estrada para mantê-las bem juntas e subi de volta para a borda do deslizamento.

Não consegui ver nem Esporana, nem o Bobo.

Tive vontade de correr de volta pela face do deslizamento. Mas, em vez disso, obriguei-me a ir devagar, escolhendo os lugares onde colocava os pés entre os rastros que eu e as jepas havíamos deixado. Disse a mim mesmo que deveria conseguir ver os seus trajes de cores vibrantes naquela paisagem mortiça de cinzas, pretos e brancos. E finalmente vi. Esporana estava sentada muito imóvel em um trecho de cascalho com o Bobo estendido ao seu lado nas pedras.

— Esporana! — chamei-a suavemente.

Ela ergueu o olhar. Tinha os olhos enormes.

— Tudo começou a se mexer à nossa volta. Pedras pequenas, e depois maiores. Então fiquei quieta para deixá-las se assentarem. Agora não consigo fazer a Boba se levantar, nem sou capaz de levá-la no colo. — Estava lutando contra o pânico que tinha na voz.

— Fique parada. Estou indo.

Eu conseguia ver claramente o local onde uma seção da superfície da rocha se soltara e começara a cair. Pedrinhas que rolaram haviam deixado os seus rastros na superfície coberta de neve. Avaliei o que conseguia ver e desejei saber mais sobre avalanches. O movimento das pedras parecia ter começado muito acima e passado por eles. Ainda estávamos bem acima da borda, mas depois de o cascalho começar a se mover, rapidamente nos faria passar por ela. Obriguei o coração a esfriar e confiei na minha cabeça.

— Esporana! — Chamei de novo em voz baixa. Não era necessário, a sua atenção estava inteiramente focada em mim. — Venha até mim. Muito devagar e com muito cuidado.

— E a Boba?

— Deixe-o. Assim que você estiver a salvo, eu volto para buscá-lo. Se for até você, nós três ficaremos em perigo.

Uma coisa é ver a lógica de algo. Outra é se obrigar a manter uma decisão com sabor de covardia. Não sei o que Esporana estava pensando quando se levantou

lentamente. Não chegou a endireitar-se por completo, mas se arriscou a vir até mim um passo de cada vez, agachada. Mordi o lábio e me mantive em silêncio, embora tivesse vontade de incentivá-la a se apressar. Por duas vezes, pequenas manadas de pedrinhas foram libertadas pelos passos dela. Caíram em cascata ladeira abaixo, levando outras a se juntarem a elas enquanto fluíam pela encosta e então saltavam por cima da borda. Em ambas as vezes, ela imobilizou-se, agachada, com os olhos desesperadamente fixos em mim. Fiquei imóvel, perguntando estupidamente a mim mesmo o que faria se ela começasse a deslizar com as pedras. Iria me atirar inutilmente atrás dela, ou ficaria vendo-a ir e guardaria para sempre a memória daqueles olhos escuros suplicantes?

Porém, ela enfim chegou à relativa estabilidade das rochas maiores onde eu me encontrava. Agarrou-se a mim e a abracei, sentindo o tremor que a sacudia. Após um longo momento, agarrei com firmeza os seus braços e a afastei um pouco de mim.

— Agora você precisa continuar. Não é longe. Quando chegar, fique lá e mantenha as jepas agrupadas. Entendeu?

Ela fez um aceno rápido e depois respirou fundo. Soltou-se de mim e começou a seguir cautelosamente o rastro que as jepas e eu havíamos deixado. Deixei-a se afastar até uma distância segura antes de dar os primeiros passos cautelosos na direção do Bobo.

As pedras moveram-se e rangeram de um modo mais evidente sob o meu peso maior. Perguntei-me se seria mais sensato avançar por uma área mais elevada ou mais baixa na encosta do que a que ela percorrera. Pensei em voltar até as jepas para trazer uma corda, mas não consegui pensar em nada em que a pudesse prender. E enquanto assim refletia, não parei de avançar, um passo cauteloso de cada vez. O Bobo não se mexia.

Pedras começaram a se mexer em volta dos meus pés, batendo nos meus tornozelos quando passavam rolando por mim, deslizando debaixo dos meus pés. Parei onde me encontrava, gelado pelo cascalho que passava rapidamente por mim. Senti que um dos meus pés começava a escorregar e, antes de conseguir me controlar, dei um passo desequilibrado adiante. O êxodo de pedrinhas tornou-se mais rápido e mais determinado. Não soube o que fazer. Pensei em me atirar no chão e espalhar o meu peso, mas decidi rapidamente que isso só faria com que fosse mais fácil que as pedras que caíam me levassem com elas. Nenhuma das pedras em movimento era maior do que o meu punho, mas eram muitas. Fiquei imóvel ali mesmo e contei dez inspirações e expirações antes que o ruído voltasse a abrandar.

Precisei de todas as migalhas de coragem que consegui reunir para dar o passo seguinte. Examinei o chão durante algum tempo e escolhi um lugar que parecia menos instável. Transferi o peso para esse pé e escolhi um lugar para o passo seguinte. Quando cheguei ao corpo prostrado do Bobo, tinha a camisa colada às costas com o suor e o meu maxilar doía de apertá-lo. abaixei-me ao lado dele.

Esporana erguera o canto do cobertor para lhe proteger o rosto, e ele continuava deitado, coberto como um morto. Eu ergui o cobertor para olhar para os olhos fechados. Ele estava com uma tonalidade que eu nunca vira antes. O branco mortal da pele que tinha em Torre do Cervo adquirira um matiz amarelado nas Montanhas, mas agora exibia uma terrível cor morta. Os seus lábios estavam secos e rachados, os cílios repletos de crostas amarelas. E continuava quente ao toque.

— Bobo? — perguntei-lhe em voz baixa, mas ele não respondeu. Continuei falando, na esperança de que alguma parte dele me ouvisse. — Vou ter de levantá-lo e carregá-lo. O apoio para os pés é ruim, e se escorregarmos caímos lá embaixo. Então, assim que eu estiver com você nos braços, você precisa ficar muito, muito quieto. Compreende?

Ele respirou um pouco mais fundo. Tomei aquilo como um assentimento. Ajoelhei abaixo dele e passei as minhas mãos e braços por baixo do seu corpo. Quando me endireitei, a cicatriz da flecha nas minhas costas gritou. Senti o suor surgir no meu rosto. Fiquei um momento empertigado, mas ajoelhado, com o Bobo nos braços, dominando a dor e conquistando o equilíbrio. Movi uma perna para pôr um pé debaixo de mim. Tentei me levantar lentamente, mas, quando o fiz, uma cascata de pedras começou a passar por mim. Lutei contra uma terrível vontade de encostar o Bobo em mim e fugir. O chocalhar de cascalho solto que se espalhava prosseguiu, e prosseguiu, e prosseguiu. Quando finalmente cessou, eu estava tremendo com o esforço de ficar perfeitamente imóvel. Estava enterrado em seixos até os tornozelos.

— FitzCavalaria?

Virei lentamente a cabeça. Kettricken e Panela haviam nos alcançado. Estavam de pé, acima de mim, bem afastadas da área de pedra solta. Ambas pareciam chocadas pela situação em que eu me encontrava. Kettricken foi a primeira a se recuperar.

— Panela e eu vamos atravessar acima de você. Fique onde está e mantenha-se o mais imóvel possível. Esporana e as jepas conseguiram atravessar? — Consegui fazer um pequeno aceno com a cabeça. Não tinha saliva para falar.

— Vou buscar uma corda e volto já. Irei tão rápido quanto for seguro.

Outro aceno meu. Tinha de torcer o corpo para observá-las, portanto não o fiz. E também não olhei para baixo. O vento soprava por mim, a pedra tiquetaqueava debaixo dos meus pés e eu olhava o rosto do Bobo. Ele não pesava muito, para um homem crescido. Sempre fora leve e dotado de ossos de pássaro, confiando na língua para se defender em vez dos punhos e dos músculos. Mas enquanto o segurava, ele foi se tornando cada vez mais pesado nos meus braços. O círculo de dor nas minhas costas expandiu-se lentamente, e de algum modo conseguiu fazer com que os meus braços também doessem.

Senti-o torcendo-se ligeiramente nos meus braços.

— Fique quieto — sussurrei.

Ele forçou os olhos a se abrirem e olhou para mim. A língua procurou umedecer os lábios.

— O que estamos fazendo? — resmungou.

— Estamos parados, muito quietos, no meio de uma avalanche — murmurei em resposta. Tinha a garganta tão seca que era difícil falar.

— Acho que poderia ficar de pé — disse ele debilmente.

— Não se mexa! — ordenei-lhe.

Ele respirou ligeiramente mais fundo.

— Por que você está sempre por perto quando me meto neste tipo de situação? — perguntou com voz rouca.

— Eu podia lhe fazer a mesma pergunta — retorqui, injustamente.

— Fitz?

Torci as costas, que gritavam para erguer os olhos para Kettricken. Ela era uma silhueta contra o céu. Tinha consigo uma jepa, a líder. Trazia um rolo de corda enrolado em volta de um ombro. A outra ponta estava presa ao arreio de carga vazio da jepa.

— Vou lhe atirar a corda. Não tente agarrá-la, deixe-a passar por você e depois a apanhe e a enrole em volta de você. Entendeu?

— Sim.

Ela não podia ter ouvido a minha resposta, mas me fez um aceno encorajador. Um momento depois, a corda passou por mim desenrolando-se e oscilando. Perturbou uma pequena quantidade de pedrinhas, mas os seus movimentos precipitados foram o suficiente para me deixar enjoado. A corda estendeu-se por completo sobre a rocha, a menos de um braço de distância do meu pé. Olhei-a e senti o gosto do desespero. Fortaleci a minha vontade.

— Bobo, pode se agarrar a mim? Preciso tentar apanhar a corda.

— Acho que consigo ficar de pé –sugeriu de novo.

— Pode ser que precise fazer isso — admiti, a contragosto. — Prepare-se para qualquer coisa. Mas, aconteça o que acontecer, agarre-se em mim.

— Só se você prometer se agarrar à corda.

— Farei o melhor que puder — prometi sombriamente.

Irmão, eles pararam onde acampamos ontem à noite. Dos seis homens…

Agora não, Olhos-de-Noite!

Três desceram como você, e três ficaram com os cavalos.

Agora não!

O Bobo mudou a posição dos braços para se agarrar desajeitadamente aos meus ombros. Os malditos cobertores que o haviam envolvido estavam em todos os lugares onde eu não os queria. Agarrei-me ao Bobo com o braço esquerdo e consegui soltar até certo ponto o braço e a mão direitos, apesar de ainda ter o braço por baixo dele. Lutei contra um impulso ridículo de rir. Aquilo era tudo tão estupidamente desajeitado e perigoso. Apesar de todas as maneiras que eu imaginara poder morrer, aquela nunca me ocorrera. Cruzei um olhar com o Bobo e vi o mesmo riso tomado de pânico nos seus olhos.

— Pronto — disse-lhe, e me abaixei na direção da corda. Cada um dos músculos retesados do meu corpo guinchou e entrou em cãibra.

Os meus dedos não conseguiram chegar à corda por um palmo. Levantei os olhos para onde Kettricken e a jepa estavam ansiosamente equilibradas. Ocorreu-me que eu não fazia ideia alguma sobre o que devia acontecer depois de eu ter a corda nas mãos. Contudo, os meus músculos já estavam estendidos demais para eu parar e fazer perguntas. Forcei a mão a se aproximar da corda, no mesmo instante em que senti o pé direito deslizar debaixo de mim.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo. Os braços do Bobo ao redor de mim apertaram-se convulsivamente quando toda a encosta à nossa volta pareceu entrar em movimento. Eu agarrei a corda, mas apesar disso me senti deslizando encosta abaixo. Imediatamente antes de ela se retesar, consegui dar uma volta ao redor do pulso. Por cima e a leste de nós, Kettricken fazia a jepa avançar. Vi o animal cambalear quando absorveu parte do nosso peso. Apoiou-se bem nas patas e continuou a se mover ao longo da área de deslizamento. A corda se retesou, ferindo o meu pulso e a minha mão. Aguentei.

Não sei como consegui pôr os pés debaixo de mim, mas foi o que fiz, e me desloquei em algo semelhante a uma caminhada enquanto a colina continuava a ruir com estrondo debaixo de mim. Dei por mim balançando como um pêndulo lento, com a corda retesada me fornecendo apenas resistência suficiente para me manter em cima das ruidosas pedras que deslizavam colina abaixo junto de mim.

De repente, senti um apoio mais firme para os pés. As minhas botas estavam cheias de minúsculas pedrinhas, mas as ignorei enquanto me mantinha agarrado à corda e me deslocava firmemente ao longo da área de deslizamento. Àquela altura estávamos muito abaixo do caminho original que eu escolhera. Recusei-me a olhar para baixo e ver quão perto estávamos da borda. Concentrei-me em me manter desajeitadamente agarrado ao Bobo e à corda e em manter os pés em movimento.

De repente, ficamos fora de perigo. Dei por mim em uma área de pedras maiores, livre do cascalho solto que quase acabara com as nossas vidas. Acima de nós, Kettricken continuava a se mover firmemente, e nós fizemos o mesmo, e então estávamos descendo para a estrada abençoadamente plana. Alguns minutos mais tarde estávamos todos em terreno plano e coberto de neve. Larguei a corda e me deixei cair lentamente com o Bobo. Fechei os olhos.

— Tome. Beba um pouco de água. — Era a voz de Panela, e ela estava me oferecendo um odre enquanto Kettricken e Esporana arrancavam o Bobo dos meus braços. Bebi um pouco de água e tremi durante um tempo. Cada parte de mim doía como se estivesse machucada. Enquanto me recuperava sentado, algo abriu caminho para o primeiro plano na minha mente. De repente me levantei, cambaleando.

— São seis, e três desceram como eu — disse ele.

Todos os olhos se viraram para mim quando proferi aquelas palavras precipitadas. Panela estava dando água ao Bobo, mas ele não parecia muito melhor. Sua boca estava apertada de preocupação e contrariedade. Eu sabia o que ela temia. Mas o medo que o lobo me transmitira tinha mais peso.

— O que você disse? — perguntou-me Kettricken com suavidade, e compreendi que eles pensavam que a minha mente estava divagando de novo.

— Olhos-de-Noite vem seguindo os homens. Seis a cavalo, um animal de carga. Pararam no local do nosso acampamento. E ele disse que três deles desceram como eu.

— Desceram para a cidade? — perguntou lentamente Kettricken.

Para a cidade, ecoou Olhos-de-Noite. Senti um arrepio ao ver Kettricken assentir como que para si mesma.

— Como pode ser? — perguntou Esporana em voz baixa. — Panela nos disse que o sinalizador só funcionava com você porque você tinha treino de Talento. Não afetou nenhum de nós.

— Eles devem ser Talentosos — disse Panela em voz baixa e me olhou interrogativamente.

Só havia uma resposta.

— O círculo de Majestoso — eu disse, e estremeci. A náusea do terror ergueu-se em mim. Eles estavam tão horrivelmente próximos e sabiam como me fazer tanto mal. Um medo avassalador da dor inundou a minha mente. Lutei contra o pânico.

Kettricken me deu palmadinhas embaraçadas no braço.

— Fitz. Eles não passarão facilmente por aquele deslizamento. Com o meu arco, posso abatê-los durante a travessia. — Foi Kettricken quem pronunciou estas palavras. Havia ironia em ver a minha rainha oferecendo-se para proteger o assassino real. De algum modo, aquilo me deu firmeza, embora eu soubesse que o arco dela não daria proteção contra o círculo.

— Eles não precisam vir até aqui para me atacar. Ou a Veracidade. — Respirei fundo, e de repente ouvi um fato adicional nas minhas palavras. — Eles não precisam nos seguir fisicamente até aqui para nos atacar. Então por que fizeram esta viagem?

O Bobo apoiou-se num cotovelo. Esfregou o rosto macilento.

— Talvez não tenham vindo até aqui atrás de você — sugeriu lentamente. — Talvez queiram alguma outra coisa.

— O quê? — perguntei.

— O que foi que Veracidade veio buscar aqui? — perguntou ele. A sua voz estava fraca, mas ele parecia estar pensando com muito cuidado.

— A ajuda dos Antigos? Majestoso nunca acreditou neles. Só os via como uma maneira de afastar Veracidade do seu caminho.

— Talvez. Mas ele sabia que a história que espalhou sobre a morte de Veracidade era uma invenção dele. Você mesmo diz que o seu círculo esperou e o espionou. Na esperança de quê, se não de descobrir o paradeiro de Veracidade? A esta altura, ele deve sentir tanta curiosidade quanto a rainha de saber por que motivo Veracidade não regressou. E Majestoso deve se perguntar que missão seria importante ao ponto de levar o Bastardo a dar as costas à tentativa de matá-lo para se entregar a ela. Olhe para trás, Fitz. Você deixou um rastro de sangue e desordem. Majestoso deve querer saber onde tudo isso leva.

— Por que desceriam até a cidade? — perguntei, e depois surgiu uma pergunta pior: — Como eles sabiam como descer até cidade? Eu tropecei na resposta, como foi que eles souberam?

— Talvez sejam muito mais fortes no Talento do que você. Talvez o sinalizador tenha falado com eles, ou talvez tenham vindo até aqui já sabendo muito mais do que você. — Panela falou com cuidado, mas não havia nenhum

“talvez” na sua voz.

Tudo ficou subitamente claro para mim.

— Não sei por que eles estão aqui. Mas sei que vou matá-los antes que consigam chegar até Veracidade ou me causar mais problemas. — Levantei-me com dificuldade.

Esporana estava sentada me encarando. Acho que ela compreendeu nesse momento exatamente o que eu era. Não algum principezinho romantizado no exílio, que acabaria, talvez, por realizar alguma tarefa heroica, mas um assassino. E nem sequer um assassino particularmente competente.

— Descanse um pouco primeiro — aconselhou-me Kettricken. A sua voz estava firme e concordante.

Sacudi a cabeça.

— Gostaria de poder. Mas a oportunidade que me deram é agora. Nem sequer sei quanto tempo ficarão na cidade. Espero que passem algum tempo lá. Não vou descer ao encontro deles, compreendem? Não estou à altura deles no Talento. Não posso lutar com as suas mentes. Mas posso matar os seus corpos. Se deixaram os cavalos, os guardas e as provisões para trás, posso lhes roubar essas coisas. Então, quando regressarem, ficarão encurralados. Sem comida, nem abrigo. Sem que haja caça nesta área, mesmo que se lembrem de como se caça. Não voltarei a ter uma oportunidade tão boa como esta.

Kettricken estava assentindo relutantemente. Esporana parecia nauseada. O Bobo deixara-se cair novamente nos cobertores.

— Eu devia ir com você — disse ele em voz baixa.

Olhei-o e tentei manter o divertimento fora da minha voz.

— Você?

— É só uma sensação que tenho… de que devia ir com você. De que você não devia ir sozinho.

— Não estarei sozinho. Olhos-de-Noite está me esperando. — Sondei rapidamente e encontrei o meu companheiro. Estava deitado de barriga na neve, com os guardas e os cavalos entre nós. Eles haviam feito uma pequena fogueira e estavam cozinhando nela. A comida estava deixando o lobo com fome.

Esta noite comemos cavalo?

Veremos, disse-lhe. Virei-me para Kettricken.

— Posso levar o seu arco?

Ela o entregou com relutância.

— Sabe atirar com ele? — perguntou.

Era uma arma muito boa.

— Não bem, mas o suficiente. Eles não têm cobertura adequada e não estão esperando um ataque. Se tiver sorte, conseguirei matar um antes mesmo que saibam que estou por perto.

— Vai disparar contra um deles sem sequer lançar um desafio? — perguntou Esporana numa voz débil.

Olhei para a súbita desilusão nos olhos dela. Fechei os olhos e me concentrei na minha tarefa. *Olhos-de-Noite?*

Quer que eu espante os cavalos para o penhasco ou só pela estrada afora? Eles já sentiram o meu cheiro e estão ficando ansiosos. Mas os homens não reparam.

Gostaria de ficar com as provisões que eles trazem, se houver como. Por que matar um cavalo me incomodava mais do que matar um homem?

Veremos, respondeu Olhos-de-Noite sensatamente. *Carne é carne,* acrescentou.

Pus a aljava de Kettricken nas costas. O vento estava aumentando de novo, prometendo mais neve. A ideia de atravessar mais uma vez a área de deslizamento gelou minhas entranhas.

— Não há alternativa — lembrei a mim mesmo. Ergui o olhar para ver Esporana me dando as costas. Era evidente que tomara o meu comentário como resposta. Bem, servia igualmente bem para isso. — Se eu falhar, eles virão atrás de vocês — eu disse com cuidado. — Vocês devem se afastar o máximo possível daqui; viajem até não conseguirem mais ver. Se tudo correr bem, alcançaremos vocês em pouco tempo. — Agachei-me ao lado do Bobo. — Consegue andar? — perguntei-lhe.

— Durante algum tempo — respondeu ele numa voz seca.

— Se for preciso, eu posso carregá-lo. — Kettricken falou com uma calma certeza. Olhei para a alta mulher e acreditei nela. Fiz um curto aceno com a cabeça.

— Desejem-me sorte — disse-lhes, e me virei para a área de deslizamento.

— Eu vou com você — anunciou de súbito Panela. Levantou-se depois de voltar a amarrar as botas. — Dê-me o arco. E siga por onde eu andar.

Fiquei atônito um momento.

— Por quê? — perguntei por fim.

— Porque sei o que estou fazendo ao atravessar aquelas pedras. E sou mais do que boa “o suficiente” com um arco. Aposto que consigo abater dois deles antes de saberem que estamos lá.

— Mas…

— Ela é muito boa no deslizamento — observou calmamente Kettricken. — Esporana, leve as jepas. Eu levo o Bobo. — Lançou-nos um olhar ilegível. — Alcancem-nos assim que puderem.

Lembrei-me de que eu já tentara deixar Panela para trás uma vez. Se ela iria comigo, queria que estivesse comigo, não que aparecesse atrás de mim quando eu não o esperava. Encarei-a com irritação, mas assenti.

— O arco — lembrou-me ela.

— Sabe mesmo atirar bem? — perguntei-lhe enquanto lhe entregava o arco a contragosto.

Um sorriso curioso lhe torceu o rosto. Baixou os olhos para os dedos deformados.

— Não lhe diria que sou capaz de fazer uma coisa se não fosse. Alguns dos meus antigos talentos ainda me pertencem.

E começamos a escalar as rochas caídas. Panela foi à frente, com um bastão na mão que era usado para sondar o terreno, e eu segui atrás, a um bastão de distância, conforme ela me pedira. Não me disse uma palavra enquanto olhava alternadamente para o terreno junto aos pés e o lugar para onde desejava nos levar. Não consegui distinguir o que era que a levava a decidir o caminho, mas as pedras soltas e a neve cristalina mantinham-se imóveis sob os seus passos curtos. Ela fazia aquilo parecer tão fácil que eu comecei a me sentir tolo.

Eles estão comendo agora. E não há ninguém de vigia.

Transmiti a informação a Panela, que assentiu sombriamente. No meu íntimo, preocupei-me e me perguntei se ela seria capaz de fazer o que precisava ser feito. Ser bom com um arco é uma coisa. Abater um homem enquanto ele está jantando pacificamente é outra. Pensei na objeção de Esporana, e imaginei que tipo de homem se mostraria e lançaria um desafio antes de tentar matar os três homens. Toquei no cabo da minha espada. Bem, era o que Breu me prometera havia tanto tempo. Matar pelo meu rei, sem nenhuma da honra ou glória do soldado no campo de batalha. Não que alguma das minhas recordações de batalha contivesse muito de honra ou de glória.

De repente, estávamos descendo das pedras soltas da área de deslizamento, avançando com muito cuidado e silenciosamente. Panela falou muito baixo:

— Ainda temos algum caminho a percorrer. Mas quando chegarmos lá, deixe-me escolher a minha posição e fazer o primeiro disparo. Assim que o homem estiver no chão, mostre-se e atraia a atenção deles. Eles talvez não me procurem e pode ser que eu consiga outro disparo limpo.

— Já tinha feito este tipo de coisa? — perguntei eu em voz baixa.

— Não é assim tão diferente do nosso jogo, Fitz. Daqui em diante, vamos em silêncio.

Compreendi que ela nunca antes havia matado daquela forma, se é que alguma vez já havia matado um ser humano. Comecei a duvidar da sensatez de lhe dar o arco. Ao mesmo tempo, estava grato de uma forma egoísta pela sua companhia. Perguntei-me se estaria perdendo a coragem.

Talvez esteja aprendendo que uma alcateia é melhor para coisas assim.

Talvez.

Havia pouca cobertura na estrada. Acima e abaixo de nós, o flanco da montanha erguia-se escarpado. A estrada era plana e nua. Rodeamos um contraforte da montanha e o acampamento deles ficou à vista. Os três guardas continuavam sentados despreocupados em volta da fogueira, comendo e conversando. Os cavalos sentiram o nosso cheiro e se mexeram com pequenos resfôlegos. Contudo, como o lobo os mantinha inquietos havia algum tempo, os homens não prestaram atenção neles. Panela encaixara uma flecha no arco enquanto caminhávamos e o levava pronto. No fim, foi simples. Um massacre feio e gratuito, mas simples. Ela largou a flecha quando um dos homens reparou em nós. A seta o atingiu no peito. Os outros dois levantaram-se de um salto, viraram-se para nos ver e mergulharam para as armas. Porém, nesse curto espaço de tempo, Panela encaixara outra flecha e a disparara enquanto o impotente desgraçado desembainhava uma espada. Olhos-de-Noite surgiu de súbito por trás para atirar o último homem ao chão e mantê-lo ali até que eu tivesse tempo de correr até o acampamento e dar cabo dele com uma espada.

Acontecera depressa, quase calmamente. Três homens mortos estatelados na neve. Seis cavalos suados e inquietos, uma mula impassível.

— Panela. Veja que comida eles têm nos cavalos — disse-lhe, para parar com o modo horrível como ela mantinha os olhos fixos. Voltou-os para mim, e então assentiu devagar.

Fui até os corpos, para ver o que poderiam me dizer. Não usavam as cores de Majestoso, mas a origem de dois estava clara nos traços dos seus rostos e no corte das suas roupas. Vareses. O terceiro, quando o virei, quase me fez parar o coração. Conhecera-o em Torre do Cervo. Não bem, mas o suficiente para saber que o seu nome era Sebo. Agachei-me, olhando para o seu rosto morto, envergonhado por não conseguir recordar dele mais do que isso. Supunha que ele fora para Vaudefeira quando Majestoso mudara a corte para lá; fora o que acontecera com muitos dos criados. Tentei dizer a mim mesmo que não importava onde ele começara; tivera fim ali. Fechei o coração e fiz o que tinha

de fazer.

Atirei os corpos pela borda do penhasco. Enquanto Panela revistava as suas provisões e separava o que achava que nós dois conseguiríamos levar conosco, eu despi completamente os cavalos de todos os pedaços de arreios e rédeas. Isso seguiu os cadáveres penhasco abaixo. Revistei os sacos deles, pouco encontrando além de roupas quentes. O animal de carga transportava apenas a tenda e coisas do gênero. Nenhum documento. Que necessidade os membros de um círculo teriam de instruções escritas?

Empurre bem os cavalos pela estrada afora. Duvido de que regressem até aqui sozinhos.

Toda aquela carne e você quer que eu simplesmente a afaste?

Se matarmos um deles aqui, será mais do que conseguiremos comer e carregar. Aquilo que deixássemos alimentaria aqueles três quando regressassem. Eles traziam carne seca e queijo. Eu cuidarei para que a sua barriga se encha esta noite.

Olhos-de-Noite não ficou satisfeito, mas me deu ouvidos. Acho que ele perseguiu os cavalos até mais longe e mais depressa do que realmente precisaria fazer, mas pelo menos os deixou vivos. Eu não fazia ideia de quais seriam as chances dos animais nas montanhas. Provavelmente terminariam na barriga de um gato das neves, ou como festim para os corvos. Senti-me de súbito horrivelmente cansado de tudo aquilo.

— Vamos embora? — perguntei inutilmente a Panela, e ela assentiu. Foi uma boa quantidade de comida que ela empacotou para nós levarmos mas, pessoalmente, perguntei a mim mesmo se conseguiria engolir alguma. O pouco que não pudemos transportar, nem o lobo devorar, chutamos pela borda do penhasco. Olhei em volta. — Se eu me atrevesse a tocá-lo, também tentaria empurrar o pilar pela borda — disse a Panela.

Ela me lançou um olhar que era como se pensasse que lhe pedira.

— Eu também tenho medo de tocar nele — disse por fim, e nós dois lhe demos as costas.

O crepúsculo cobriu as montanhas enquanto nos afastávamos pela estrada, e a noite chegou rápida em seu encalço. Segui Panela e o lobo pelo deslizamento em uma quase escuridão. Nenhum deles parecia ter medo, e de repente fiquei cansado demais para me importar se sobreviveria ao caminho ou não.

— Não deixe a mente divagar — repreendeu-me Panela quando finalmente voltou a descer das pedras caídas para a estrada. Pegou o meu braço e o apertou bem. Caminhamos durante algum tempo em um negrume quase completo,

seguindo apenas a estrada reta e plana adiante enquanto esta cortava a face da montanha. O lobo ia à nossa frente, voltando com frequência para ver como estávamos. *O acampamento não está muito longe,* encorajou-me ele após uma dessas voltas.

— Há quanto tempo faz isto? — perguntou-me Panela passado algum tempo.

Não fingi entender mal a pergunta.

— Desde que eu tinha uns doze anos — respondi.

— Quantos homens matou?

Não era a pergunta fria que parecia ser. Respondi-lhe com seriedade.

— Não sei. O meu… professor me aconselhou a não contá-los. Disse que não era boa ideia. — Não haviam sido precisamente aquelas as suas palavras. Lembrava-me bem delas. "Não importa quantos depois do primeiro", dissera Breu. "Sabemos o que nós somos. A quantidade não torna você nem melhor, nem pior".

Agora refleti no que ele teria querido dizer com aquilo enquanto Panela dizia à escuridão:

— Eu matei uma vez antes.

Não respondi. Deixaria que ela me contasse se o desejasse, mas não queria realmente saber.

O seu braço no meu começou a tremer ligeiramente.

— Matei-a, em um ataque de irritação. Não achava que pudesse fazê-lo, ela sempre fora mais forte. Mas sobrevivi e ela morreu. De modo que me queimaram e me expulsaram. Mandaram-me para o exílio para sempre. — A sua mão encontrou a minha e a agarrou com força. Continuamos a caminhar. À nossa frente, vislumbrei um minúsculo clarão. O mais provável era que fosse o braseiro ardendo dentro da tenda.

— Era tão impensável fazer o que eu fiz — disse Panela numa voz cansada. — Nunca havia acontecido antes. Oh, entre círculos, com certeza, muito de vez em quando, por rivalidades pelo favor do rei. Mas eu tive um duelo de Talento com um membro do meu próprio círculo, e a matei. E isso era imperdoável.

CAPÍTULO 29

A Coroa dos Galos

Há um jogo que se joga entre o povo da Montanha. É um jogo complicado de se aprender e difícil de dominar. Inclui uma combinação de cartas e fichas com runas. Há dezessete cartas, normalmente com um tamanho semelhante ao de uma mão de homem, feitas de qualquer madeira de cor clara. Cada uma destas cartas apresenta um emblema do folclore das Montanhas, como o Velho Tecelão ou Aquela Que Segue Pistas. Os desenhos dessas imagens altamente estilizadas são geralmente feitos com tinta por cima de um contorno queimado. As trinta e uma fichas com runas são feitas com uma pedra cinzenta característica das Montanhas e nelas são esculpidos glifos que significam Pedra, Água, Pasto e coisas do gênero. As cartas e pedras são distribuídas pelos jogadores, normalmente três, até não restarem mais. Tanto as cartas como as runas têm pesos tradicionais que variam quando são jogadas em combinação. Tem a reputação de ser um jogo muito antigo.



Passamos o resto do trajeto caminhando em silêncio até a tenda. O que ela me dissera era tão imenso que não consegui pensar em nada para dizer. Teria sido estúpido dar voz às centenas de perguntas que brotaram em mim. Ela tinha as respostas, e decidiria quando me dá-las. Agora eu sabia disso. Olhos-de-Noite regressou em silêncio e com rapidez para junto de mim. Avançou furtivamente perto dos meus calcanhares.

Ela matou dentro da sua alcateia?

É o que parece.

Acontece. Não é bom, mas acontece. Diga-lhe isso.

Agora não.

Ninguém falou muito quando entramos na tenda. Ninguém quis perguntar. Então eu disse em voz baixa:

— Matamos os guardas, afastamos os cavalos e atiramos as suas provisões pelo penhasco abaixo.

Esporana apenas nos encarou, sem compreensão. Os seus olhos estavam dilatados e escuros, semelhantes aos de pássaros. Kettricken nos serviu canecas de chá e acrescentou em silêncio a comida que trouxéramos às nossas provisões já bastante reduzidas.

— O Bobo está um pouco melhor — disse em jeito de conversa.

Olhei para ele, dormindo nos seus cobertores, e duvidei de que estivesse. Os seus olhos pareciam afundados. Suor colara o seu cabelo fino ao crânio e o seu sono inquieto o deixara arrepiado, aos tufos. Porém, quando coloquei a mão no seu rosto, estava quase frio ao toque. Aconcheguei melhor o cobertor à sua volta.

— Ele comeu alguma coisa? — perguntei a Kettricken.

— Bebeu um pouco de sopa. Acho que vai ficar bem, Fitz. Ele já havia ficado doente uma vez, durante cerca de um dia em Lago Azul. Foi a mesma coisa, febre e fraqueza. Ele disse que aquilo podia não ser uma doença, mas só uma mudança pela qual a sua espécie passa.

— Ele me disse mais ou menos a mesma coisa ontem — concordei. Ela colocou uma tigela de sopa quente nas minhas mãos. Durante um instante, cheirou bem. Então cheirou ao resto da sopa que os guardas em pânico haviam derramado na estrada coberta de neve. Cerrei os maxilares.

— Chegou a ver os membros do círculo? — perguntou-me Kettricken.

Sacudi a cabeça, então me forcei a falar.

— Não. Mas havia um grande cavalo lá, e a roupa que trazia nos alforjes teria servido em Emaranhado. Em outro havia trajes azuis como aqueles de que Cedoura gosta. E coisas austeras para Vontade.

Disse os seus nomes de uma forma embaraçada, de certa forma com medo de nomeá-los, como se eu fosse invocá-los. Por outro lado, estava nomeando aqueles que matara. Talentosos ou não, as Montanhas dariam cabo deles. Contudo, não senti orgulho daquilo que fizera, nem acreditaria por completo até ver os seus ossos. Tudo o que sabia por ora era que não era provável que me atacassem naquela noite. Por um instante os imaginei voltando ao pilar, contando encontrar comida, fogo e abrigo à sua espera. Encontrariam frio e escuridão. Não veriam o sangue na neve.

Notei que a sopa estava esfriando. Forcei-me a tomá-la, colheradas que simplesmente engolia, sem querer saboreá-las. Sebo tocara flauta. Tive uma súbita recordação de vê-lo sentado nos degraus dos fundos da copa, tocando para duas criadas de cozinha. Fechei os olhos, desejando em vão conseguir me lembrar de algo de maligno sobre ele. Suspeitei de que o seu único crime fora servir o patrão errado.

— Fitz. — Panela me cutucou de imediato.

— Não estava divagando — protestei.

— Logo teria começado. Hoje, o medo foi seu aliado. Manteve-o concentrado. Mas precisa dormir algum tempo esta noite, e quando o fizer, precisa estar com a mente bem protegida. Quando eles regressarem ao pilar, reconhecerão o seu trabalho e virão atrás de você. Não acha?

Eu sabia que era verdade, mas isso não tornava menos perturbador ouvir aquilo ser dito em voz alta. Desejei que Kettricken e Esporana não estivessem nos escutando e observando.

— Bom. Vamos jogar um pouco do nosso jogo de novo, sim? — sugeriu Panela.

Jogamos quatro jogos casuais. Ganhei duas vezes. Então ela preparou um jogo quase exclusivamente composto por peças brancas e me deu uma pedra preta com a qual eu devia ganhar. Tentei focar a mente no jogo, sabendo que isso funcionara antes, mas estava simplesmente cansado demais. Dei por mim pensando que se passara mais de um ano desde que abandonara Torre do Cervo como cadáver. Mais de um ano desde que dormira em uma cama verdadeira que pudesse chamar de minha. Mais de um ano desde que as refeições foram certas. Mais de um ano desde que tivera Moli nos braços, mais de um ano desde que ela me pedira para deixá-la em paz para sempre.

— Fitz. Pare com isso.

Ergui os olhos do pano de jogo para encontrar Panela me observando atentamente.

— Você não pode ceder a isso. Precisa ser forte.

— Estou cansado demais para ser forte.

— Hoje os seus inimigos foram descuidados. Não esperavam que você os descobrisse. Não serão descuidados de novo.

— Espero que estejam mortos — eu disse com uma alegria que não sentia.

— Não será assim tão fácil — retorquiu Panela, sem saber como as suas palavras me arrepiavam. — Você disse que estava mais quente lá embaixo na cidade. Depois de verem que não há provisões, voltarão para a cidade. Eles têm água lá, e estou certa de que levaram pelo menos algumas provisões para o dia. Não acho que possamos desconsiderá-los ainda. Acha?

— Suponho que não.

Olhos-de-Noite sentou-se ao meu lado com um ganido ansioso. Reprimi o meu desespero e depois o acalmei com um toque.

— Só gostaria — disse em voz baixa — de simplesmente poder dormir

durante algum tempo. Sozinho na minha mente, sonhando os meus próprios sonhos, sem temer o lugar para onde vou ou quem poderá me atacar. Sem temer que a minha fome de Talento me domine. Só um sono simples. — Falei diretamente para ela, sabendo agora que compreendia bem o que eu queria dizer.

— Não posso lhe dar isso — disse-me Panela em um tom calmo. — Tudo o que posso lhe dar é o jogo. Confie nele. Tem sido usado por gerações de utilizadores do Talento, para manter tais perigos à distância.

E assim me curvei uma vez mais sobre o tabuleiro e fixei o jogo na cabeça, e quando me deitei junto ao Bobo naquela noite, mantive-o diante dos meus olhos.

Nessa noite pairei, como um beija-flor, em algum lugar entre o sono e a vigília. Consegui chegar a um lugar mesmo antes do sono, e me mantive ali através da contemplação do jogo de Panela. Mais de uma vez vaguei de volta à vigília. Tornava-me consciente da fraca luz proveniente do braseiro e das silhuetas adormecidas ao meu lado. Por várias vezes estendi a mão para verificar o estado do Bobo; cada vez a sua pele parecia mais fria e o seu sono mais profundo. Kettricken, Esporana e Panela alternaram-se nos turnos de vigia nessa noite. Reparei que o lobo dividiu o de Kettricken. Ainda não confiavam que eu me mantivesse cauteloso ao longo de um turno, e me senti egoisticamente grato por isso.

Logo antes da alvorada, acordei de novo para encontrar tudo ainda em silêncio. Verifiquei o estado do Bobo, e então me recostei e fechei os olhos, esperando encontrar mais alguns momentos de descanso. Em vez disso, com detalhes horríveis, contemplei um grande olho, como se o ato de fechar os meus tivesse aberto aquele. Lutei para abrir os olhos mais uma vez, debati-me desesperadamente para alcançar a vigília, mas fui detido. Houve um terrível puxão na minha mente, como o puxão da ressaca sobre um nadador. Resisti com toda a minha força de vontade. Conseguia sentir a vigília logo acima de mim, como uma bolha em que eu poderia penetrar se ao menos conseguisse tocá-la. Mas não conseguia. Debati-me, contorcendo a cara em caretas, tentando obrigar os meus olhos desobedientes a se abrirem.

O olho me observou. Um único e imenso olho escuro. Não o de Vontade. O de Majestoso. Fitou-me e eu soube que ele se deliciava com a minha luta. Parecia não lhe exigir qualquer esforço me manter ali, como uma mosca sob uma tigela de vidro. No entanto, mesmo no meu pânico compreendi que se ele conseguisse fazer mais do que me segurar já o teria feito. Ultrapassara as minhas muralhas, mas não tinha poder para fazer mais do que me ameaçar. Isso ainda era o suficiente para deixar o coração aos saltos de terror.

— *Bastardo* — disse ele afetuosamente. A palavra se quebrou sobre a minha mente como uma fria onda oceânica. Fiquei ensopado com a ameaça que trazia. — *Bastardo, eu sei sobre a criança. E sobre a sua mulher. Moli. Olho por olho, Bastardo, na mesma moeda.* — Fez uma pausa e o seu divertimento cresceu enquanto o meu terror se expandia. — *Ora, eis aí uma ideia. Ela tem tetas bonitas, Bastardo? Eu a acharia divertida?*

— *NÃO!*

Soltei-me dele, detectando também por um instante Cedoura, Emaranhado e Vontade. Consegui me libertar.

Acordei de repente. Saí precipitadamente dos cobertores e fugi para fora da tenda, sem botas e sem manto. Olhos-de-Noite seguiu no meu encalço, rosnando em todas as direções. O céu estava negro e semeado de estrelas. O ar estava frio. Inspirei-o várias vezes, trêmulo, tentando aquietar o medo doentio que me dominava.

— O que há? — perguntou Esporana num tom temeroso. Estava de vigia fora da tenda.

Apenas sacudi a cabeça, incapaz de dar voz ao horror de tudo aquilo. Passado algum tempo, virei-me e voltei para dentro. O suor escorria ao longo do meu corpo como se tivesse sido envenenado. Sentei-me no meu emaranhado de cobertores. Não conseguia parar de arquejar. Quanto mais tentava aquietar o meu pânico, maior ele se tornava. *Eu sei sobre a criança. E sobre a sua mulher.* Aquelas palavras ecoavam e ecoavam dentro de mim. Panela mexeu-se nos seus cobertores, então se levantou e atravessou a tenda para se sentar ao meu lado. Colocou as mãos nos meus ombros.

— Eles o alcançaram, não?

Assenti, e tentei engolir com uma garganta seca.

Ela estendeu a mão para um odre e o entregou a mim. Bebi um gole, quase me engasguei, e depois consegui beber mais um gole.

— Pense no jogo — insistiu ela. — Limpe a mente de tudo, menos do jogo.

— O jogo! — gritei com violência, acordando sobressaltados tanto o Bobo como Kettricken. — O jogo? Majestoso sabe sobre Moli e Urtiga. Ameaça-as. E eu estou impotente! De mãos atadas. — Senti de novo o pânico aumentando em mim, a fúria sem fogo. O lobo ganiu, então rosnou no fundo da garganta.

— Não pode contactá-los pelo Talento, avisá-los de alguma forma? — perguntou Kettricken.

— Não! — interrompeu Panela. — Ele nem sequer devia pensar nelas.

Kettricken me lançou um olhar em que se misturava a integridade e um pedido

de desculpas.

— Temo que Breu e eu tínhamos razão. A princesa estará mais segura no Reino da Montanha. Não se esqueça de que a sua tarefa era ir buscá-la. Anime-se. É possível que neste exato momento Urtiga esteja com ele, a caminho da segurança, fora do alcance de Majestoso.

Panela atraiu o meu olhar, afastando-o da rainha.

— Fitz. Concentre-se no jogo. Apenas no jogo. As ameaças dele podem ser um estratagema, para fazer você trai-los. Não fale sobre eles. Não pense neles. Aqui. Olhe aqui. — Suas velhas mãos trêmulas afastaram o meu cobertor e estenderam o pano de jogo. Despejou pedras na mão e escolheu brancas para recriar o problema. — Resolva isto. Concentre-se nisto, e apenas nisto.

Era praticamente impossível. Olhei para as pedras brancas e pensei que tudo aquilo não passava de uma tarefa estúpida. Que jogadores seriam desastrados e imprevidentes a ponto de deixar que o jogo se degradasse até tal aglomerado de pedras brancas? Não era um problema que valesse a pena resolver. Mas eu também não podia me deitar e dormir. Quase nem me atrevia a piscar, para não voltar a ver aquele olho. Se tivesse sido todo o semblante de Majestoso ou ambos os seus olhos, talvez não tivesse parecido tão horrendo. Porém, o olho incorpóreo parecia ver tudo e ser constante, inescapável. Fitei as peças do jogo até que as pedras brancas pareceram flutuar por cima das uniões das linhas. Uma pedra preta, para arrancar um padrão vencedor daquele caos. Uma pedra preta. Eu a tinha na mão, afagando-a com o polegar.

Ao longo de todo o dia seguinte, enquanto seguíamos a estrada pelo flanco da montanha, mantive a pedra na minha mão nua. O outro braço encontrava-se em volta da cintura do Bobo, e o braço dele envolvia o meu pescoço. Essas duas coisas mantiveram a minha mente concentrada.

O Bobo parecia um pouco melhor. O seu corpo já não estava febril, mas ele parecia incapaz de manter comida no estômago, ou mesmo chá. Panela o forçou a beber água, até que ele simplesmente se sentou e a recusou, sacudindo a cabeça sem uma palavra. Parecia tão indisposto para as conversas quanto eu estava. Esporana e Panela com o seu bastão lideravam a nossa pequena procissão cansada. O Bobo e eu seguíamos as jepas enquanto Kettricken, com o arco pronto, mantinha defendida a retaguarda. O lobo caminhava inquieto de um lado para o outro ao longo da fila, ora patrulhando adiante, ora dando a volta até o rastro que deixáramos.

Olhos-de-Noite e eu havíamos regressado a uma espécie de vínculo sem palavras. Ele compreendia que eu não desejava pensar em nada e fazia o melhor

que podia para não me distrair. Mesmo assim me enervava senti-lo tentando usar a Manha para se comunicar com Kettricken. *Não há sinal de ninguém atrás de nós,* dizia-lhe enquanto passava por ela em uma das suas infindáveis voltas. Depois avançava até muito longe à frente das jepas e de Esporana, e regressava para perto de Kettricken assegurando-lhe de passagem que o caminho estava livre adiante. Tentei dizer a mim mesmo que ela se limitava a ter confiança em que Olhos-de-Noite me informaria se encontrasse algo de errado no terreno em que fazia reconhecimento. Contudo, eu suspeitava de que ela estava se tornando cada vez mais sintonizada com ele.

A estrada nos levou muito depressa para baixo. À medida que descíamos, o terreno ia mudando. Ao fim da tarde, o declive acima da estrada estava se suavizando e começamos a passar por árvores retorcidas e pedregulhos cobertos de musgo. A neve desaparecia e tornava-se irregular no flanco da montanha, enquanto a estrada se mostrava seca e negra. Tufos secos de capim apareciam verdes nas suas bases logo após a beira da estrada. Era difícil obrigar as famintas jepas a continuar andando. Fiz um vago esforço de Manha para informá-las de que haveria pasto melhor mais adiante, mas duvido de que tivesse suficiente familiaridade com elas para ter deixado alguma impressão duradoura nos animais. Tentei limitar os pensamentos ao fato de que a lenha seria mais abundante naquela noite e à gratidão por o dia ir se tornando mais quente à medida que a estrada nos levava para altitudes mais baixas.

A certa altura, o Bobo indicou com um gesto uma planta rasteira que tinha minúsculos botões brancos.

— Já deve ser primavera em Torre do Cervo — disse em voz baixa, e depois acrescentou rapidamente: — Desculpe. Não ligue para mim. Desculpe.

— Está se sentindo melhor? — perguntei-lhe, empurrando resolutamente flores primaveris, abelhas e as velas de Moli para fora da minha mente.

— Um pouco. — A sua voz tremeu e ele encheu rapidamente os pulmões de ar. — Gostaria que pudéssemos andar mais devagar.

— Vamos acampar em breve — disse-lhe, sabendo que agora não diminuiríamos o ritmo. Eu sentia uma urgência crescente e passara a acreditar que ela tinha origem em Veracidade. Empurrei também esse nome para fora da cabeça. Mesmo caminhando pela estrada larga à luz do dia, eu temia que o olho de Majestoso estivesse apenas à distância de um piscar de olhos e que se o vislumbrasse eles me teriam uma vez mais em seu poder. Por um instante, nutri a esperança de que Cedoura, Vontade e Emaranhado estivessem com frio e fome, mas então percebi que também não podia pensar neles sem correr riscos.

— Você já esteve doente assim antes — observei, dirigindo-me ao Bobo, principalmente para pensar em alguma outra coisa.

— Sim. Em Lago Azul. A senhora minha rainha gastou o dinheiro para a comida em um quarto para que eu pudesse sair da chuva. — Virou a cabeça para me olhar. — Acha que pode ter sido por isso?

— Pode ter sido por isso o quê?

— Que o filho dela nasceu morto…

Sua voz desapareceu. Tentei pensar em palavras.

— Não acho que tenha sido apenas uma coisa, Bobo. Ela sofreu infortúnios demais enquanto esperava o bebê, só isso.

— Bronco devia ter ido com ela e me deixado para trás. Teria cuidado melhor dela. Eu não estava pensando com clareza na ocasião…

— Nesse caso, eu estaria morto — observei. — Entre outras coisas. Bobo, tentar jogar esse jogo com o passado não faz sentido. É aqui que estamos hoje, e só podemos fazer as nossas jogadas a partir daqui.

E, naquele instante, percebi de súbito a solução para o problema que Panela me dera. Ficou claro de uma forma tão instantânea que me perguntei como era possível que não o tivesse visto. Então compreendi. Cada vez que estudava o tabuleiro, perguntava a mim mesmo como ele poderia ter chegado a um estado tão lamentável. Tudo o que vira haviam sido as jogadas sem sentido que precederam a minha. Mas essas jogadas já não importavam, uma vez que eu tinha a pedra preta na mão. Um meio sorriso curvou meus lábios. O polegar afagou a pedra preta.

— Onde estamos hoje — ecoou o Bobo e eu senti o seu estado de espírito seguir de perto o meu.

— Kettricken disse que você talvez não estivesse realmente doente. Que aquilo poderia ser… característico da sua espécie. — Sentia-me desconfortável por chegar tão perto assim de uma pergunta a respeito daquilo.

— Poderia ser. Suponho. Veja. — Ele tirou as luvas, então ergueu as mãos e raspou as unhas pelo rosto. Trilhas secas e brancas as seguiram. Ele esfregou o rosto e a pele se desfez em pó sob as suas mãos. Nos dorsos das mãos, a pele também estava caindo, como se tivesse criado bolhas.

— É como uma queimadura de sol descascando. Acha que é por causa do clima em que estamos?

— Isso também é possível. Exceto que se for como da última vez, vou ter coceiras e cada centímetro do meu corpo irá descascar. E ganharei um pouco mais de cor no processo. Os meus olhos estão mudando?

Fiz sua vontade o olhando nos olhos. Por mais familiarizado que eu estivesse com ele, continuava não sendo tarefa fácil. Teriam aqueles globos incolores escurecido um pouco mais? — Talvez estejam um pouco mais escuros. Não mais do que cerveja erguida contra a luz. O que vai acontecer a você? Vai continuar tendo febres e ganhando cor?

— Talvez. Não sei — admitiu ele depois de terem se passado alguns momentos.

— Como é possível você não saber? — perguntei. — Como eram os seus pais?

— Como você, rapazinho tonto. Humanos. Em algum lugar na minha linhagem havia um Branco. Em mim, como raramente acontece, esse sangue antigo assume de novo uma forma. Mas eu não sou mais Branco do que sou humano. Achou que alguém como eu era comum no meu povo? Eu já lhe disse. Sou uma anomalia, mesmo entre aqueles que partilham da minha linhagem mista. Acha que nascem Profetas Brancos em todas as gerações? Não seríamos levamos tão a sério se nascêssemos. Não. Durante a minha vida, eu sou o único Profeta Branco.

— Mas os seus professores, com todos os registros que você disse que eles mantinham, não podiam lhe ter dito alguma coisa sobre o que esperar?

Ele sorriu, mas havia amargura na sua voz.

— Os meus professores estavam seguros demais que sabiam o que esperar. Planejaram espaçar a minha aprendizagem, revelar o que achavam que eu devia saber quando achavam que eu devia saber. Quando as minhas profecias se mostraram diferentes do que eles haviam planejado, não ficaram satisfeitos comigo. Tentaram interpretar por mim as minhas próprias palavras! Tinha havido outros Profetas Brancos, veja bem. Mas quando eu tentei fazê-los ver que eu era o Profeta Branco, não foram capazes de aceitar. Mostraram-me escritos e mais escritos para tentar me convencer de que era uma afronta que eu insistisse em tal coisa. Contudo, quanto mais eu lia, mais crescia a minha certeza. Tentei lhes dizer que o meu momento estava quase chegando. Tudo o que conseguiram fazer foi me aconselhar a esperar e estudar mais para ter certeza. Não tínhamos as melhores relações quando eu parti. Imagino que tenham ficado bastante surpresos ao descobrirem que eu me afastara deles tão novo, mesmo apesar de eu ter levado anos a profetizá-lo.

— Lançou-me um sorriso estranhamente apologético. — Se eu tivesse ficado para completar a minha educação, talvez soubéssemos melhor como salvar o mundo.

Senti um súbito afundamento na boca do meu estômago. Acabara por confiar tanto em que o Bobo, pelo menos, soubesse o que estávamos fazendo.

— O quanto você realmente sabe sobre o que faremos no futuro?

Ele respirou fundo, e então soltou o ar num suspiro.

— Só que o faremos juntos, Fitzy-fitz. Só que o faremos juntos.

— Achava que você havia estudado todos esses textos e profecias…

— Estudei. E quando era mais novo, sonhei muitos sonhos, e até tive visões. Mas é como lhe disse antes; nada se encaixa com precisão. Veja, Fitz. Se lhe mostrasse lã, um tear e uma tesoura, você olharia para isso e diria "Oh, esse é o casaco que um dia usarei?" Mas depois de ter vestido o casaco, é fácil olhar para trás e dizer "Oh, aquelas coisas predisseram este casaco".

— Que bem isso faz, então? — perguntei, desgostoso.

— O bem disso? — ecoou ele. — Ah. Nunca havia pensado na coisa exatamente nesses termos. O bem disso.

Caminhamos durante algum tempo em silêncio. Eu via o esforço que lhe causava acompanhar o ritmo e desejei em vão que tivesse havido uma maneira de ficar com um dos cavalos e fazê-lo passar pela área de deslizamento.

— Sabe ler o tempo, Fitz? Ou rastros de animais?

— Um pouco, o tempo. Sou melhor com os rastros de animais.

— Mas tanto em um como no outro, tem sempre certeza de estar certo?

— Nunca. Não se sabe mesmo até que o dia seguinte amanhece, ou se encurrala o animal.

— É a mesma coisa com a minha leitura do futuro. Eu nunca sei… Por favor, vamos parar, mesmo que só por um instante. Preciso recuperar o fôlego e beber um gole de água.

Fiz com relutância a sua vontade. Havia um pedregulho coberto de musgo bem ao lado da estrada e ele se sentou nele. Não muito longe da estrada havia sempre-vivas de um tipo que eu não conhecia. Descansei os olhos olhando outra vez para as árvores. Saí da estrada para me sentar ao seu lado e fiquei instantaneamente consciente de uma diferença. O funcionamento da estrada era sutil como o zumbido de abelhas, mas quando cessou de súbito, eu o senti. Bocejei para desentupir os ouvidos e subitamente senti a cabeça mais clara.

— Anos trás tive uma visão — observou o Bobo. Bebeu um pouco mais de água, então me passou o odre. — Vi um cervo negro erguendo-se de um chão de pedra preta e brilhante. Quando vi pela primeira vez as muralhas negras de Torre do Cervo erguendo-se das águas, disse a mim mesmo: — Ah, era isso o que a visão queria dizer! Agora vejo um jovem bastardo cujo símbolo é um cervo

caminhando por uma estrada feita de pedra preta. Talvez fosse esse o significado do sonho. Não sei. Mas o meu sonho foi devidamente registrado e um dia, nos anos que virão, os eruditos concordarão sobre o que significou. Provavelmente depois de você e eu estarmos mortos há muito tempo.

Fiz uma pergunta que há muito me incomodava.

— Panela diz que existe uma profecia sobre a minha filha… a filha do Catalisador…

— De fato existe — confirmou calmamente o Bobo.

— Então acha que Moli e eu estamos condenados a perder Urtiga para o trono dos Seis Ducados?

— Urtiga. Sabe, gosto do nome dela. Muito, mesmo.

— Não respondeu à minha pergunta, Bobo.

— Pergunte-me de novo daqui a vinte anos. Essas coisas são tão mais fáceis quando se olha para trás. — O olhar de soslaio que ele me deu me disse que não diria mais nada sobre esse assunto. Tentei uma nova tática.

— Então você veio, de tão longe, para que os Seis Ducados não caíssem diante dos Navios Vermelhos.

Ele me lançou um olhar estranho, então sorriu como se estivesse espantado.

— É assim que você vê as coisas? Que fazemos tudo isso para salvar os seus Seis Ducados? — Quando assenti, ele sacudiu a cabeça. — Fitz, Fitz. Eu vim salvar o mundo. A queda dos Seis Ducados diante dos Navios Vermelhos não passa da primeira pedrinha da avalanche. — Voltou a respirar fundo. — Sei que os Navios Vermelhos parecem um desastre suficiente para você, mas a dor que trazem ao seu povo não passa de uma espinha nas nádegas do mundo. Se isso fosse tudo, se não passasse de um grupo de bárbaros capturando terra de outros, não seria mais do que o funcionamento normal do mundo. Não. Eles são a primeira mancha de veneno que se dissemina por um riacho. Fitz, será que me atrevo a lhe dizer isto? Se falharmos, a disseminação será rápida. O forjamento ganhará raízes como um costume, não, como um divertimento para as classes altas. Veja Majestoso e a sua “Justiça do Rei”. Ele já sucumbiu. Dá prazer ao seu corpo com drogas e insensibiliza a alma com os seus divertimentos selvagens. Sim, e espalha a doença pelos que o rodeiam, até que eles deixam de obter satisfação de uma competição de habilidades que não faça correr sangue, até que os jogos só sejam divertidos se houver vidas dependendo do resultado. O próprio valor da vida é corrompido. A escravidão se espalha, pois se se aceita tirar a vida de um homem por divertimento, quão mais sensato é tirá-la por lucro?

A sua voz crescera em força e paixão enquanto falava. Agora ficou de repente

sem fôlego e inclinou-se para frente sobre os joelhos. Coloquei uma mão no seu ombro, mas ele apenas sacudiu a cabeça. Passado um momento, endireitou-se.

— Declaro que conversar com você é mais cansativo do que caminhar. Acredite na minha palavra, Fitz. Por piores que sejam os Navios Vermelhos, eles são amadores e experimentadores. Tive visões daquilo em que o mundo se torna no ciclo em que eles prosperam. Juro que não será neste ciclo.

Levantou-se com um suspiro e me ofereceu o cotovelo. Dei-lhe o braço e continuamos a caminhada. Ele me dera muito em que pensar, e pouco falei. Aproveitei a paisagem que se suavizava para caminhar ao lado da estrada e não nela. O Bobo não protestou contra o terreno irregular.

À medida que a estrada mergulhava cada vez mais profundamente no vale, o dia ficava mais quente e a folhagem aumentava. Ao fim da tarde, o terreno tornara-se de tal forma brando que conseguimos erguer a tenda não só fora da estrada, mas a boa distância dela. Antes da hora de deitar, mostrei a Panela a minha solução para o seu jogo, e ela acenou como se estivesse bastante satisfeita. Começou imediatamente a preparar um novo quebra-cabeças. Eu a detive.

— Acho que não vou precisar disso esta noite. Estou ansioso para dormir de verdade.

— Está? Então não deve estar ansioso para acordar de novo.

Fiz uma expressão chocada.

Ela continuou a arrumar as peças.

— Você é um contra três, e esses três são um círculo — observou com mais suavidade. — E é possível que esses três sejam quatro. Se os irmãos de Majestoso são capazes de usar o Talento, o mais provável é que ele tenha alguma capacidade. Com a ajuda dos outros, ele poderia aprender a lhes emprestar a sua força. — Aproximou-se mais de mim e abaixou a voz, embora os outros estivessem todos ocupados com tarefas do acampamento. — Você sabe que é possível matar com o Talento. Ele desejaria fazer menos do que isso a você?

— Mas se eu dormir fora da estrada… — comecei.

— A força da estrada é como o vento que sopra da mesma forma sobre todos. Os maus desejos de um círculo são como uma flecha que tem apenas você como alvo. Além disso, não há maneira de você poder dormir e não se preocupar com a mulher e a criança. E cada vez que você pensa nelas, é possível que o círculo as veja através dos seus olhos. Precisa encher a mente de forma a expulsá-las.

Inclinei a cabeça sobre o pano de jogo.

Acordei na manhã seguinte com o ruído da chuva nas peles da tenda. Fiquei

algum tempo deitado ouvindo-o, grato por não ser neve, mas com receio de um dia de caminhada na chuva. Senti os outros acordando à minha volta com uma intensidade que não sentia há dias. Senti-me quase como se tivesse descansado. Do outro lado da tenda, Esporana observou com uma voz sonolenta:

— Ontem caminhamos do inverno para a primavera.

Ao meu lado, o Bobo mexeu-se, coçou-se e resmungou:

— Típica menestrel. Exagera tudo.

— Vejo que você está se sentindo melhor — retorquiu Esporana.

Olhos-de-Noite enfiou a cabeça na tenda, com um coelho ensanguentado balançando na boca. *E a caça também é melhor.*

O Bobo sentou-se enrolado nos cobertores.

— Ele está se oferecendo para dividir aquilo?

O que eu mato é seu, irmãozinho.

De algum modo, doía ouvi-lo chamar o Bobo de "irmão". *Especialmente quando você já comeu dois esta manhã?,* perguntei-lhe com sarcasmo.

Ninguém o obrigou a ficar na cama toda a madrugada.

Permaneci em silêncio por um momento. *Não tenho sido grande companheiro para você ultimamente,* desculpei-me.

Eu compreendo. Já não somos só nós dois. Agora somos alcateia.

Tem razão, disse-lhe com humildade. *Mas esta noite pretendo caçar com você.*

O Sem Cheiro também pode vir, se quiser. Ele podia ser um bom caçador, se tentasse, pois o cheiro nunca o denunciaria.

— Ele não só está se oferecendo para dividir a caça como está convidando você para caçar conosco esta noite.

Eu esperara que o Bobo recusasse. Mesmo em Cervo, ele nunca mostrara qualquer inclinação pela caça. Em vez disso, inclinou gravemente a cabeça na direção de Olhos-de-Noite e lhe disse:

— Ficaria honrado.

Levantamos acampamento depressa e logo seguíamos caminho. Tal como antes, caminhei ao lado da estrada e não nela, e por esse motivo senti a cabeça desanuviada. O Bobo comera vorazmente no desjejum e agora parecia quase ele mesmo outra vez. Caminhou pela estrada, mas ao alcance da voz, e manteve uma alegre tagarelice comigo o dia inteiro. Olhos-de-Noite foi percorrendo o caminho adiante e então retornando para atrás de nós, como sempre, frequentemente a galope. Todos parecíamos infectados pelo alívio do tempo mais quente. A chuva ligeira logo deu lugar a um sol que espreitava por entre as nuvens, e a terra exalava vapores odoríferos. Só a minha ansiedade constante

com a segurança de Moli e um medo incômodo de que a qualquer momento Vontade e o seu bando pudessem atacar a minha mente evitaram que fosse um dia encantador. Panela me advertira contra deixar que minha mente se prendesse em ambos os problemas, por poder assim atrair a atenção do círculo, de modo que carreguei o medo dentro de mim como uma pedra fria e negra, dizendo resolutamente a mim mesmo que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer.

Estranhos pensamentos me vieram à mente o dia inteiro. Não conseguia ver o botão de uma flor sem me perguntar se Moli a teria usado para dar cheiro ou colorir o seu trabalho. Dei por mim querendo saber se Bronco seria tão bom com um machado de cortar lenha como era com um machado de batalha, e se isso seria o suficiente para salvá-los. Se Majestoso sabia sobre eles, enviaria soldados à sua procura. Poderia saber sobre eles sem saber exatamente onde se encontravam?

— Pare com isso! — repreendeu-me Panela rispidamente, com uma pequena pancada do seu bastão. Regressei de um salto à consciência completa. O Bobo nos lançou um olhar curioso.

— Parar com o quê? — perguntei.

— Pare de pensar esses pensamentos. Sabe o que quero dizer. Se estivesse pensando em alguma outra coisa, eu não teria conseguido me aproximar de você por trás. Encontre a disciplina.

Foi o que fiz, e, relutantemente, desenterrei o problema da noite anterior para me concentrar nele.

— Assim é melhor — disse-me Panela com uma calma aprovação.

— O que você estava fazendo lá atrás? — perguntei de súbito. — Achei que você e Esporana estavam levando as jepas.

— Chegamos a uma bifurcação na estrada. E a outro pilar. Antes de continuarmos, queremos que a rainha o veja.

O Bobo e eu nos apressamos adiante, deixando Panela regressar para falar do entroncamento a Kettricken. Descobrimos Esporana sentada em alguns baixos-relevos ornamentais na beira da estrada enquanto as jepas pastavam com apetite. O entroncamento da estrada estava assinalado por um grande círculo pavimentado, rodeado por um prado aberto, com outro monólito no seu centro. Eu esperaria que ele estivesse coroado com musgo ou marcado com líquens. Contudo, a pedra negra estava lisa e limpa, exceto pela poeira depositada pelo vento e pela chuva. Fiquei fitando a pedra, estudando os glifos, enquanto o Bobo andava por perto. Estava me perguntando se alguns dos sinais naquela pedra

seriam iguais aos sinais que eu copiara para o mapa quando o Bobo exclamou:

— Havia uma aldeia aqui antigamente! — Fazia grandes gestos com as mãos.

Eu ergui o olhar e vi aquilo a que ele se referia. Havia aberturas no prado onde o capim mirrado escondia antigas passagens pavimentadas. Uma via larga e reta, que antigamente podia ter sido uma rua, corria pelo prado e desaparecia sob as árvores. Projeções cobertas de musgo e trepadeiras eram tudo o que restava das paredes de chalés e lojas que existiram ao longo dela. Árvores cresciam onde antes haviam ardido lareiras e jantado pessoas. O Bobo encontrou um grande bloco de pedra e subiu nele para olhar em todas as direções.

— Pode ter sido uma vila de bom tamanho, a certa época.

Fazia sentido. Se aquela estrada tivesse sido a estrada comercial que eu vira nas minhas visões de Talento, então era natural que uma vila ou um mercado brotasse em cada entroncamento. Conseguia imaginá-la em um brilhante dia de primavera, quando os agricultores traziam ovos frescos e verduras primaveris para a vila e os tecelões penduravam no exterior os seus novos artigos para tentar os compradores, e…

Durante meio instante, o círculo em volta do pilar encheu-se de gente. A visão começava e terminava nas pedras do pavimento. Somente dentro do poder da pedra negra as pessoas riam, gesticulavam e negociavam umas com as outras. Uma garota coroada com um trançado de trepadeira verde atravessou a multidão, olhando para trás por cima do ombro, para alguém. Juro que ela cruzou o olhar comigo e piscou para mim. Pensei ouvir o meu nome ser chamado e virei a cabeça. Num estrado encontrava-se uma figura vestida com um traje leve que reluzia com o brilho do fio de ouro. Ela usava uma coroa de madeira dourada decorada com cabeças de galo e penas de cauda astuciosamente esculpidas e pintadas. O seu cetro não passava de um espanador, mas ela gesticulava com ele de um modo régio, como se estivesse proclamando algum decreto. No círculo à minha volta, as pessoas irromperam em gargalhadas. Só consegui ficar olhando para a sua pele de um branco de gelo e olhos sem cor. Ela olhou diretamente para mim.

Esporana me deu um tapa com força. A minha cabeça estalou o pescoço com a força do seu golpe. Olhei-a, espantado, com sangue acumulando-se na minha boca onde os dentes haviam cortado a bochecha. Ela voltou a erguer o punho cerrado e percebi que ela não me esbofeteara. Afastei-me depressa, agarrando-lhe no pulso enquanto o punho passava por mim.

— Pare com isso! — gritei, zangado.

— Pare… você com isso! — arquejou. — E faça com que ela também pare! —

Fez um gesto furioso para onde o Bobo continuava empoleirado na sua pedra, congelado na representação artificial de uma estátua. Não respirava, nem piscava. Mas enquanto eu observava, ele inclinou-se lentamente, tombando como uma pedra.

Esperei que ele transformasse a queda em um salto mortal, para aparecer subitamente em pé, como tão frequentemente fizera quando divertia a corte do Rei Sagaz. Porém, ele se estatelou no capim do prado e ficou imóvel.

Fiquei atordoado por um momento. Então corri até ele. Peguei o Bobo por baixo dos braços e o arrastei para longe do círculo negro e da pedra preta onde subira. Algum instinto me fez levá-lo para uma sombra e encostá-lo no tronco de um carvalho vivo.

— Vá buscar água! — ordenei a Esporana, e as suas censuras e agitação cessaram. Correu para as jepas carregadas e trouxe um odre.

Coloquei os dedos ao longo da garganta do Bobo e senti a sua vida pulsando ali com um ritmo regular. Os seus olhos estavam apenas meio fechados e ele parecia estar atordoado. Chamei pelo seu nome e lhe dei tapinhas no rosto até que Esporana regressou com a água. Destampei o odre e deixei que um jato de água fria escorresse pelo rosto do Bobo. Durante algum tempo, não houve resposta. Então ele arquejou, expeliu água pelo nariz e endireitou-se de repente. Os seus olhos estavam vazios. Então o seu olhar cruzou-se com o meu e ele deu um grande sorriso.

— Que gente, e que dia! Foi o anúncio do dragão de Realder, e ele havia prometido que me levaria… — De repente, franziu o cenho e olhou em volta, confuso. — Desvanece, desvanece como um sonho, deixando para trás menos do que a sua sombra…

Panela e Kettricken subitamente também estavam conosco. Esporana falou tudo o que se passara enquanto eu ajudava o Bobo a beber um pouco de água. Quando ela terminou, Kettricken fez uma expressão grave, mas foi Panela quem nos desancou.

— O Profeta Branco e o Catalisador! — gritou, descontente. — É melhor chamá-los como são, o Parvo e o Idiota. De todas as coisas descuidadas e tolas que podiam fazer! Ele não tem treino nenhum, como se protegerá do círculo?

— Sabe o que aconteceu? — perguntei, interrompendo o sermão.

— Eu… bem, claro que não. Mas posso suspeitar. A pedra onde ele subiu deve ser uma pedra de Talento, o mesmo material da estrada e dos pilares. E desta vez capturou vocês dois de algum modo com o seu poder em vez de apenas você.

— Sabia que isso podia acontecer? — Não esperei pela resposta. — Por que

não nos avisou?

— Eu não sabia! — retorquiu ela, e então acrescentou em tom de culpa. — Só suspeitava, e nunca pensei que qualquer um de vocês fosse tolo o suficiente para…

— Não importa! — o Bobo interrompeu. De repente riu e levantou-se, afastando o meu braço. — Oh, isto! Isto é algo que eu não sinto há anos, desde que era criança. A certeza, o poder. Panela! Gostaria de ouvir um Profeta Branco falar? Então escutem isto com atenção, e fiquem contentes como eu estou. Não só estamos onde devemos estar, estamos quando devemos estar. Todas as confluências coincidem, aproximamo-nos cada vez mais do centro da teia. Você e eu. — Agarrou subitamente a minha cabeça e encostou a testa à minha. — Até somos quem devemos ser! — Soltou-me de súbito e afastou-se rodopiando. Deu o salto mortal que eu esperara há pouco, caiu de pé, fez uma profunda mesura e voltou a soltar uma sonora gargalhada exultante. Todos ficamos olhando-o boquiabertos.

— Você corre grande perigo! — disse-lhe Panela com severidade.

— Eu sei — replicou ele, quase com sinceridade, e então acrescentou: — Tal como eu disse. Exatamente onde precisamos estar. — Fez uma pausa, então me perguntou, de súbito: — Viu a minha coroa? Não era magnífica? Pergunto-me se serei capaz de esculpi-la de memória.

— Eu vi a coroa dos galos — eu disse lentamente. — Mas não sei o que pensar de nada disso.

— Não sabe? — Ele inclinou a cabeça na minha direção, então deu um sorriso de piedade. — Oh, Fitzy-Fitz, eu explicaria se pudesse. Não é que queira guardar segredos, mas estes segredos desafiam a possibilidade de serem contados em meras palavras. São mais do que meia sensação, um agarrar do que está certo. Pode confiar em mim quanto a isto?

— Você está vivo de novo — eu disse com espanto. Não via tal luz nos seus olhos desde os dias em que ele fazia o Rei Sagaz berrar de riso.

— Sim — disse ele com suavidade. — E quando terminarmos, prometo que você também estará.

As três mulheres estavam paradas, trespassando-nos com os olhos e excluídas. Quando olhei para a indignação no rosto de Esporana, para a censura no de Panela e para a exasperação no de Kettricken, de súbito fui obrigado a sorrir. Atrás de mim, o Bobo soltou um risinho abafado. E por mais que tentássemos, não conseguimos explicar exatamente o que acontecera de uma forma que fosse satisfatória para elas. Apesar disso, perdemos bastante tempo tentando.

Kettricken pegou os dois mapas e os consultou. Panela insistiu em me acompanhar quando eu levei o meu mapa até o pilar central para comparar os glifos que havia nele com os do mapa. Partilhavam alguns sinais, mas o único que Kettricken reconheceu foi aquele ao qual já dera nome antes. Pedra. Quando me ofereci relutantemente para ver se aquele pilar poderia me transportar como o outro, Kettricken recusou de forma enfática. Tenho vergonha de admitir que senti um grande alívio.

— Começamos juntos, e pretendo que terminemos juntos — disse ela num tom sombrio. Compreendi que suspeitava de que o Bobo e eu estivéssemos lhe ocultando alguma coisa.

— Então o que propõe? — perguntei-lhe com humildade.

— O que sugeri primeiro. Vamos seguir a velha estrada que avança por entre as árvores. Parece bater com o que está marcado aqui. Não podemos levar mais do que dois dias de marcha para chegar ao fim da estrada. Especialmente se partirmos agora.

E sem mais anúncio do que aquele, levantou-se e estalou a língua para as jepas. A líder veio imediatamente até ela e o resto dos animais entrou obedientemente em fila atrás dela. Fiquei vendo os seus longos passos ritmados enquanto ela os conduzia ao longo da estrada sombreada.

— Bem, andem, vocês dois! — ordenou Panela ao Bobo e a mim. Sacudiu o bastão e eu quase suspeitei de que desejava poder ir nos açoitando com ele, como se fôssemos ovelhas desgarradas. Mas o Bobo e eu entramos obedientes em fila atrás das jepas, deixando Esporana e Panela nos seguir.

Naquela noite, o Bobo e eu deixamos o abrigo da tenda e fomos com Olhos-de-Noite. Tanto Panela como Kettricken tiveram dúvidas quanto à sensatez disso, mas eu lhes assegurara de que agiria com toda a cautela. O Bobo prometera não me perder de vista. Panela rolara os olhos ao ouvir isto, mas nada dissera. Era claro que ainda suspeitavam que ambos fôssemos idiotas, mas nos deixaram partir mesmo assim. Esporana permaneceu num silêncio amuado mas, como não havíamos discutido, supus que o seu rancor tinha outra fonte. Ao nos afastarmos da fogueira, Kettricken disse em voz baixa:

— Vigie-os, lobo — e Olhos-de-Noite respondeu com uma sacudida de cauda.

Olhos-de-Noite nos levou rapidamente para longe da estrada coberta de capim e para os montes arborizados. A estrada andara nos conduzindo firmemente para baixo em direção a uma região mais abrigada. As matas através das quais nos movíamos eram compostas por bosques abertos de carvalho com largos prados entre eles. Vi sinais de javalis selvagens, mas me senti aliviado quando não

encontramos nenhum. Em vez de javalis, o lobo encontrou e abateu dois coelhos que, benevolentemente, permitiu que eu carregasse. Voltando ao acampamento por um caminho indireto, chegamos a um riacho. A água estava gelada e doce e agrião crescia denso ao longo de uma margem. O Bobo e eu apanhamos peixe até ficarmos com as mãos e os braços entorpecidos pela água fria. No momento em que eu tirava da água um último peixe, a cauda que ele sacudia salpicou o entusiástico lobo. Este afastou-se dos salpicos com um salto e tentou me morder, em reprimenda. O Bobo encheu outra mão de água, brincando, e a atirou no lobo. Olhos-de-Noite saltou, de mandíbulas escancaradas para abocanhá-la. Momentos depois, estávamos os três envolvidos em uma batalha de água, mas eu fui o único a cair no riacho quando o lobo saltou sobre mim. Tanto o Bobo como o lobo estavam rindo com gosto quando eu saí cambaleando de dentro d'água, ensopado e enregelado. Dei por mim rindo também. Não conseguia me lembrar da última vez que simplesmente rira alto de algo tão simples. Voltamos tarde ao acampamento, mas com carne fresca, peixe e agrião para partilhar.

Havia uma pequena e bem-vinda fogueira ardendo fora da tenda. Panela e Esporana já haviam feito mingaus para a nossa refeição, mas Panela ofereceu-se para cozinhar de novo para aproveitar a comida fresca. Enquanto ela a preparava, Esporana me encarou até eu perguntar:

— O que é?

— Como foi que vocês ficaram tão molhados? — perguntou.

— Oh. No riacho onde pegamos os peixes. Olhos-de-Noite me empurrou para a água. — Dei-lhe um empurrão de passagem com o joelho enquanto me dirigia para a tenda. Ele fingiu morder a minha perna.

— E a Boba também caiu?

— Estávamos jogando água um no outro — admiti com um ar irônico. Sorri-lhe, mas ela não respondeu. Em vez de sorrir, soltou uma pequena bufada, como se fosse desdenhosa. Encolhi os ombros e entrei na tenda. Kettricken ergueu os olhos do mapa para me olhar de relance, mas nada disse. Vasculhei a minha trouxa e encontrei roupas que estavam secas, embora não limpas. Ela tinha as costas viradas para mim, de modo que mudei de roupa depressa. Nós havíamos nos acostumado a conceder uns aos outros a privacidade de ignorar essas coisas.

— FitzCavalaria — disse ela de súbito em uma voz que exigia a minha atenção.

Enfiei a camisa pela cabeça abaixo e a abotoei.

— Sim, minha rainha? — Fui me ajoelhar ao seu lado, pensando que ela queria me consultar a respeito do mapa. Porém, em vez disso colocou-o de lado

e virou-se para mim. Os seus olhos azuis prenderam-se nos meus com firmeza.

— Somos uma pequena companhia e estamos todos dependentes uns dos outros — disse-me de repente. — Qualquer tipo de contenda dentro do nosso grupo serve os objetivos do nosso inimigo.

Esperei, mas ela nada mais disse.

— Não compreendo por que a senhora está me dizendo isso — disse humildemente, por fim.

Ela suspirou e sacudiu a cabeça.

— Temi que não compreendesse. E eu talvez faça mais mal do que bem ao falar do assunto. Esporana sente-se atormentada pelas atenções que você concede ao Bobo.

Fiquei sem fala. Kettricken me encarou com um olhar azul, então voltou a afastar os olhos de mim.

— Ela acredita que o Bobo é uma mulher e que esta noite você teve um encontro com ela. É um desgosto para ela que você a desdenhe tão completamente.

Encontrei a língua.

— Senhora minha rainha, eu não desdenho de Dona Esporana. — A minha indignação me tornara formal. — Na verdade, é ela quem tem evitado a minha companhia e mantido uma distância entre nós desde que descobriu que eu sou Manhoso e mantenho um vínculo com o lobo. Respeitando os seus desejos, não lhe impus a minha amizade. E quanto ao que ela diz do Bobo, decerto que a senhora deve achar isso tão ridículo quanto eu.

— Devo? — perguntou-me Kettricken com suavidade. — Tudo o que posso dizer com verdade que sei sobre isso é que ele não é um homem como os outros.

— Não posso discordar disso — eu disse em voz baixa. — Ele é único entre todas as pessoas que eu conheci.

— Não pode mostrar alguma gentileza a Esporana, FitzCavalaria? — perguntou Kettricken em um súbito tom exasperado. — Não peço que a corteje, só que não permita que ela seja dilacerada pelo ciúme.

Apertei os lábios, forcei os sentimentos a descobrir uma resposta cortês.

— Minha rainha, eu oferecerei a ela, como sempre fiz, a minha amizade. Ela nos últimos tempos poucos sinais me deu de querer mesmo isso, o que dirá de mais. Porém, no tocante a esse assunto, eu não desdenho nem dela, nem de nenhuma outra mulher. O meu coração já está entregue. Não é mais certo dizer que eu desdenho Esporana do que dizer que a senhora me desdenha porque o seu coração está cheio com Lorde Veracidade.

Kettricken me lançou um olhar estranhamente sobressaltado. Por um momento, pareceu perturbada. Então baixou os olhos para o mapa que ainda segurava.

— É como eu temia. Só tornei as coisas piores por falar com você. Estou tão cansada, Fitz. O desespero não me larga o coração. Ter Esporana de mau humor é para mim como areia raspando em carne viva. Apenas procurei endireitar as coisas entre vocês. Peço-lhe perdão se me intrometi. Mas você ainda é um jovem formoso, e não será a última vez que terá preocupações deste tipo.

— Formoso? — Soltei uma sonora gargalhada, ao mesmo tempo incrédula e amarga. — Com esta cara marcada e corpo cheio de cicatrizes? Assombra os meus pesadelos a ideia de que quando Moli me veja de novo ela se afaste de mim horrorizada. Formoso. — Desviei o olhar dela, com a garganta de repente apertada demais para falar. Não era tanto que me doesse a minha aparência, mas o temor que sentia de que Moli tivesse um dia de olhar para as minhas cicatrizes.

— Fitz — disse Kettricken em voz baixa. Essa voz era de repente a de uma amiga, não da rainha. — Falo a você como mulher, para lhe dizer que, embora tenha cicatrizes, você está longe de ser a criatura grotesca que parece acreditar que é. Você ainda é um jovem formoso, em coisas que nada têm a ver com o seu rosto. E se o meu coração não estivesse cheio com Lorde Veracidade, eu não desdenharia você. — Estendeu uma mão e percorreu com dedos frios o velho corte na minha bochecha, como se o seu toque pudesse apagá-lo. Meu coração se virou no meu peito, um eco da paixão por ela que Veracidade deixara incrustada em mim, amplificado pela gratidão por ela me dizer tal coisa.

— A senhora é bem merecedora do amor do meu senhor — disse-lhe com sinceridade e um coração cheio.

— Oh, não olhe para mim com os olhos dele — disse ela dolorosamente. Levantou-se de súbito, apertando o mapa ao peito como se fosse um escudo, e saiu da tenda.

CAPÍTULO 30

Jardim de Pedra

Torre de Metim, uma fortaleza muito pequena na costa de Cervo, caiu pouco antes de Majestoso se coroar Rei dos Seis Ducados. Muitas aldeias foram destruídas naquela época de terror, e nunca foi feita uma verdadeira contagem de todas as vidas perdidas. Pequenas fortalezas como Metim eram alvos frequentes para os Navios Vermelhos. A sua estratégia era atacar aldeias simples e as fortalezas menores para enfraquecer de forma geral as linhas defensivas. Lorde Bronze, a cargo de quem estava a Torre de Metim, era um velho, mas apesar disso saiu à frente dos seus homens na defesa do seu pequeno castelo. Infelizmente, os pesados impostos destinados à proteção geral da linha costeira haviam lhe exaurido os recursos já há algum tempo, e as defesas de Torre de Metim encontravam-se em mau estado. Lorde Bronze foi um dos primeiros a cair. Os Navios Vermelhos tomaram a fortaleza quase com facilidade e a reduziram com fogo e espada ao monte de detritos que é hoje.



Ao contrário da estrada do Talento, a estrada por onde viajamos no dia seguinte sofrera a completa devastação do tempo. Tendo sido sem dúvida antigamente uma larga via pública, fora estreitada pelas incursões da floresta até se transformar em pouco mais do que uma trilha. Embora me parecesse quase uma descontração marchar por uma estrada que não ameaçasse roubar a minha mente a todo o momento, os outros resmungaram contra os montículos, raízes elevadas, galhos caídos e outros obstáculos que tivemos de transpor o dia inteiro. Guardei para mim os meus pensamentos e apreciei o espesso musgo que cobria a superfície outrora empedrada, a sombra cheia de galhos das árvores de folhas em botão que se estendiam em arcadas sobre a estrada, e a corrida ocasional de animais em fuga através da vegetação rasteira.

Olhos-de-Noite estava no seu elemento, correndo à frente e depois galopando de volta para junto de nós, para então seguir a trote com ar importante ao lado de Kettricken durante algum tempo. Então partia de novo para fazer

reconhecimento do terreno. A certa altura, veio até mim e o Bobo a grande velocidade, de língua pendurada, para anunciar que naquela noite iríamos caçar porco selvagem, pois havia abundância de rastros desses animais. Eu transmiti isso ao Bobo.

— Não perdi nenhum porco selvagem. Portanto, não irei à procura deles — respondeu ele com altivez. Eu estava bastante de acordo com os seus sentimentos. A cicatriz na perna de Bronco me deixara mais do que desconfiado dos grandes animais providos de presas.

Coelhos, sugeri a Olhos-de-Noite. *Vamos caçar coelhos.*

Coelhos para coelhos, fungou ele com desdém, e saiu correndo de novo.

Ignorei o insulto. O dia estava mesmo com a frescura agradável para caminhar e os cheiros da floresta verdejante eram para mim como voltar para casa. Kettricken avançava à nossa frente, perdida nos seus pensamentos, enquanto Panela e Esporana nos seguiam, envolvidas em conversa. Panela ainda tendia a caminhar mais devagar, embora a velha parecesse ter ganhado resistência e força desde que a nossa viagem começara. Mas elas estavam a uma distância confortável de nós quando perguntei ao Bobo em voz baixa:

— Por que deixa Esporana pensar que você é uma mulher?

Ele virou-se para mim, mexeu as sobrancelhas e me soprou um beijo.

— E não sou, belo principezinho?

— Estou falando sério — censurei-o. — Ela pensa que você é uma mulher e que está apaixonado por mim. Acha que tivemos um encontro ontem à noite.

— E não tivemos, meu acanhadinho? — Lançou-me um olhar ultrajantemente lúbrico.

— Bobo — eu disse, num aviso.

— Ah. — Ele suspirou de súbito. — A verdade talvez seja que eu temo mostrar a ela a minha prova, para que daí em diante ela não ache todos os homens uma desilusão. — Indicou a si mesmo com um gesto significativo.

Olhei-o firmemente, até que ele ficou sério.

— O que importa o que ela pensa? Deixe-a pensar o que quer se lhe seja mais fácil de acreditar.

— O que quer dizer?

— Ela precisava de alguém a quem fazer confidências e, durante algum tempo, escolheu a mim. Talvez lhe fosse mais fácil fazer isso se acreditasse que eu também sou uma mulher. — Voltou a suspirar. — Essa é uma coisa com a qual, em todos os anos que passei entre a sua gente, nunca consegui me habituar. A grande importância que vocês dão ao sexo das pessoas.

— Bem, é importante… — comecei.

— Besteira! — exclamou. — Mera especulação, no fim das contas. Por que é importante?

Encarei-o, sem conseguir encontrar palavras. Tudo me parecia tão óbvio que nem precisava ser dito. Após algum tempo, disse:

— Não podia simplesmente dizer a ela que você é um homem e deixar que o assunto morra?

— Isso dificilmente faria com que ele morresse, Fitz — respondeu ele judiciosamente. Passou por cima de uma árvore caída e esperou que eu o seguisse. — Porque então ela teria de saber por que motivo, se sou um homem, não a desejo. Teria de ser uma falha em mim, ou algo que eu veria como uma falha nela. Não. Não acho que alguma coisa precise ser dita a esse respeito. Esporana, no entanto, tem a fraqueza do menestrel. Ela pensa que tudo no mundo, por mais privado que seja, deve ser tema de discussão. Ou, melhor ainda, ser transformado em uma canção. Ah, sim!

Fez uma súbita pose no meio do caminho florestal. A postura lembrava tão habilmente Esporana quando se preparava para cantar que eu fiquei horrorizado. Olhei para trás, para onde ela se encontrava, ao mesmo tempo que o Bobo se lançava numa súbita e vigorosa canção:

“Oh, quando o Bobo mija
Que carta tira do baralho?
Se lhe tirarmos as calças
Terá furo ou penduricalho?”

Os meus olhos saltaram de Esporana para o Bobo. Ele fez uma mesura, um embelezamento da elaborada mesura que com frequência indicava o fim das atuações da menestrel. Eu queria ao mesmo tempo gargalhar e me enfiar em um buraco. Vi Esporana enrubescer e começar a avançar, mas Panela agarrou sua manga e disse algo com severidade. Então ambas me fitaram, furiosas. Não era a primeira vez que uma das brincadeiras do Bobo havia me embaraçado, mas aquela foi uma das que mostraram um fio mais cortante. Fiz um gesto impotente a elas, então me virei para o Bobo. Ele seguia às cambalhotas pelo caminho adiante. Apressei-me para alcançá-lo.

— Nunca para para pensar que pode ferir os sentimentos dela? — perguntei-lhe, zangado.

— Pensei tanto nisso quanto ela pensou na possibilidade de tal alegação poder

ferir os meus. — Ele virou-se subitamente para mim, sacudindo um longo dedo. — Admita. Você fez aquela pergunta sem um pensamento sequer para a possibilidade de poder ferir a minha vaidade. Como você se sentiria se eu exigisse provas de que é um homem? Ah! — Seus ombros caíram de súbito e ele pareceu perder toda a energia. — Que coisa em que desperdiçar palavras, com tudo o mais que temos de enfrentar. Deixe isso, Fitz, que eu também deixo. Deixe que ela se refira a mim como "ela" tanto quanto queira. Eu farei o melhor que puder para ignorar.

Eu devia ter abandonado o assunto. Não o fiz.

— É só que ela pensa que você me ama — tentei explicar.

Ele me lançou um olhar estranho.

— E amo.

— Estou falando do amor entre um homem e uma mulher.

Ele respirou fundo.

— E como é isso?

— Refiro-me… — Fiquei quase furioso por ele fingir não me compreender. — A nos deitarmos juntos. A…

— E é assim que um homem ama uma mulher? — interrompeu-me ele de repente. — Deitando-se com ela?

— É uma parte! — Senti-me defensivo de súbito, mas não poderia explicar por quê.

Ele ergueu uma sobrancelha para mim e disse calmamente:

— Está confundindo de novo especulação com amor.

— É mais do que especulação! — gritei-lhe. Uma ave levantou voo de súbito, grasnando. Olhei para Panela e Esporana, que trocavam olhares confusos.

— Entendo — disse ele. Pensou durante algum tempo enquanto eu avançava a passos largos à sua frente pelo caminho. Depois gritou de trás de mim: — Diga-me, Fitz, você amava Moli ou aquilo que ela tinha debaixo da saia?

Agora foi a minha vez de me sentir insultado. Mas não ia permitir que ele me desorientasse até me reduzir ao silêncio.

— Eu amo Moli e tudo o que faz parte dela — declarei. Odiei o calor que me subiu às bochechas.

— Pronto, já disse — retorquiu o Bobo como se eu tivesse comprovado aquilo que ele pretendia dizer. — E eu o amo e tudo o que faz parte de você. — Inclinou a cabeça, e as palavras seguintes continham um desafio. — E você não me corresponde?

Esperei. Desejei desesperadamente nunca ter começado aquela discussão.

— Você sabe que eu o amo — disse por fim, a contragosto. — Depois de tudo o que aconteceu entre nós, como você pode perguntar? Mas eu o amo como um homem ama outro homem… — Aqui o Bobo me lançou um olhar zombeteiro. Então um brilho súbito surgiu nos seus olhos, e eu compreendi que ele estava prestes a me fazer alguma coisa de horrível.

Saltou para cima de um tronco caído. Desse ponto elevado, lançou a Esporana um olhar triunfante e gritou, dramaticamente:

— Ele diz que me ama! E eu o amo! — Então saltou para o chão com uma ruidosa gargalhada e correu à minha frente pela trilha afora.

Passei a mão pelo cabelo e então passei lentamente por cima do tronco. Ouvi Panela rindo e os comentários zangados de Esporana. Caminhei em silêncio pela floresta, desejando ter tido o bom senso de manter a boca fechada. Tinha certeza de que Esporana estava fervendo de fúria. Já era ruim o suficiente que nos últimos tempos não tivesse quase nada para me dizer. Eu aceitara que ela considerava a minha Manha como algo próximo de uma abominação. Não era a primeira a ficar consternada com ela; pelo menos mostrava alguma tolerância por mim. Mas agora, a ira que trazia em si teria uma conotação mais pessoal. Mais uma pequena perda do pouco que me restava. Uma parte de mim sentia muitas saudades da proximidade que tínhamos partilhado durante algum tempo. Eu sentia falta do conforto humano de tê-la dormindo encostada às minhas costas, ou de repente pegar o meu braço enquanto caminhávamos. Achava que tinha fechado o coração a tais necessidades, mas de súbito senti falta desse calor simples.

Como se esse pensamento tivesse aberto uma brecha nas minhas muralhas, de repente pensei em Moli. E em Urtiga, ambas em perigo por minha causa. Sem aviso, meu coração subiu à garganta. Não posso pensar nelas, avisei-me, e lembrei a mim mesmo que não havia nada que eu pudesse fazer. Não havia maneira de avisá-las sem traí-las. Não havia nenhum modo de poder chegar até elas antes que os capangas de Majestoso o fizessem. Tudo o que eu podia fazer era confiar no forte braço direito de Bronco e me agarrar à esperança de que Majestoso não sabia realmente onde elas estavam.

Saltei por cima de um córrego gotejante e encontrei o Bobo à minha espera do outro lado. Ele nada disse quando se pôs a caminhar ao meu lado. A alegria parecia tê-lo abandonado.

Lembrei a mim mesmo que quase não sabia onde Moli e Bronco se encontravam. Oh, conhecia o nome de uma aldeia próxima mas, enquanto guardasse isso para mim, elas estavam em segurança.

— O que você sabe, eu posso saber.

— O que foi que você disse? — perguntei ao Bobo com inquietação. As suas palavras haviam respondido tão precisamente aos meus pensamentos que senti um arrepio na espinha.

— Eu disse que o que você sabe, eu posso saber — repetiu ele, distraído.

— Por quê?

— Precisamente o que eu penso. Por que eu gostaria de saber o que você sabe?

— Não. O que eu quis dizer foi por que você disse isso?

— Na verdade, Fitz, não faço ideia. As palavras apareceram na minha cabeça e eu as disse. É comum que eu diga coisas em que não pensei bem. — Isto foi dito quase como um pedido de desculpa.

— Assim como eu — concordei. Nada mais lhe disse, mas aquilo me incomodou. Desde o incidente junto ao pilar, ele parecia ser muito mais o Bobo de que me recordava dos tempos de Torre do Cervo. Eu achava este súbito crescimento da confiança e do ânimo bem-vindo, mas também me preocupava que ele pudesse ter confiança demais em que os acontecimentos fluíssem como deviam. Também me lembrava de que a sua língua afiada estava sempre mais disposta a revelar conflitos do que a resolvê-los. Eu mesmo sentira o seu gume mais de uma vez, mas no contexto da corte do Rei Sagaz, fora algo que eu esperava. Ali, num grupo tão pequeno, parecia cortar mais profundamente. Perguntei-me se haveria alguma maneira de eu conseguir suavizar o seu humor de navalha. Sacudi a cabeça para mim mesmo, então desenterrei resoluto o último problema do jogo de Panela e o mantive diante da minha mente mesmo enquanto ultrapassava com dificuldade detritos da floresta e evitava galhos pendentes.

Enquanto o fim da tarde se passava, o nosso caminho nos levou cada vez mais para o interior de um vale. Em certo ponto, o antigo caminho nos forneceu uma vista daquilo que se estendia abaixo de nós. Vislumbrei os galhos pendentes, carregados de contas verdes, de salgueiros cheios de folhas recém-nascidas e os troncos tingidos de rosa das bétulas-brancas presidindo um prado de capim alto. Mais adiante, vi as espigas castanhas e verticais das taboas do ano anterior, mais abaixo no vale. O exuberante cheiro dos capins e das samambaias predizia um pântano com tanta certeza quanto o cheiro verde da água estagnada. Quando o lobo regressou da patrulha molhado até o flanco, soube que tinha razão.

Não demoramos muito para chegar a um local onde um enérgico riacho levara havia muito tempo uma ponte e devorara a estrada de ambos os lados da ponte. Agora corria brilhante e prateado por um leito pedregoso; mas as árvores caídas

em ambas as margens atestavam a sua fúria em tempos de cheia. Um coro de rãs silenciou-se de súbito quando nos aproximamos. Saltei de pedra em pedra para ultrapassá-lo com os pés secos. Não tínhamos avançado muito quando um segundo curso d'água cruzou o nosso caminho. Dada a opção entre pés molhados ou botas molhadas, preferi os primeiros. A água estava gélida. A única coisa boa foi ela ter adormecido os meus pés, fazendo com que eu não sentisse as pedras no leito do riacho. Calcei as botas de novo na outra margem. O nosso pequeno grupo tornara-se mais compacto quando o caminho ficara mais difícil. Agora continuamos a marchar em silêncio e juntos. Melros cantavam e os primeiros insetos zumbiam.

— Há tanta vida aqui — disse Kettricken em voz baixa. As suas palavras pareceram pairar no ar doce e parado. Dei por mim concordando com a cabeça. Tanta vida à nossa volta, quer verde, quer animal. Enchia-me o sentido da Manha e parecia pairar no ar como uma névoa. Após as rochas estéreis das montanhas e a deserta estrada do Talento, aquela abundância de vida era estonteante.

Então vi o dragão.

Estaquei e ergui os braços em um gesto súbito de quietude e silêncio que todos pareceram reconhecer. Todos os olhares dos meus companheiros seguiram o meu. Esporana arquejou e os pelos do dorso do lobo se eriçaram. Ficamos encarando a criatura, tão imóveis quanto ela.

Dourado e verde, o dragão encontrava-se estendido sob as árvores, à sua sombra salpicada. Estava afastado o suficiente da trilha para eu só conseguir ver manchas do seu corpo por entre as árvores, mas essas já eram bastante impressionantes. A sua imensa cabeça, tão longa quanto o corpo de um cavalo, repousava profundamente afundada no musgo. O único olho que eu conseguia ver estava fechado. Uma grande crista de escamas-penas, com as cores do arco-íris, caía frouxa em volta da sua garganta. Tufos semelhantes acima de cada olho pareceriam quase cômicos, exceto que não podia haver nada cômico em uma criatura tão imensa e estranha. Vi um ombro coberto de escamas e, serpenteando entre duas árvores, um pedaço de cauda. Folhas antigas estavam empilhadas à sua volta como uma espécie de ninho.

Após um longo momento de respiração presa, trocamos olhares. Kettricken levantou as sobrancelhas na minha direção, mas eu lhe respondi com um minúsculo encolher de ombros. Eu não fazia a mínima ideia de que perigos aquilo poderia representar, nem de como enfrentá-los. Muito lenta e silenciosamente, desembainhei a espada. De súbito, pareceu uma arma muito

estúpida. Mais valia enfrentar um urso com uma faca de mesa. Não sei quanto tempo o nosso tabuleiro se manteve inalterado. Pareceu um tempo infinito. Os meus músculos estavam começando a doer com a tensão de permanecer imóvel. As jepas mexiam-se impacientemente, mas mantinham os seus lugares na fila desde que Kettricken mantivesse o líder parado. Por fim, Kettricken fez um pequeno movimento silencioso e o avanço do nosso grupo recomeçou, lentamente.

Quando já não conseguia ver o animal adormecido, comecei a respirar de um modo um pouco mais fácil. A reação veio com igual rapidez. Minha mão doeu de agarrar o cabo da espada, e todos os meus músculos se transformaram de repente em borracha. Afastei o cabelo suado do rosto. Virei-me para trocar um olhar aliviado com o Bobo, mas o encontrei olhando para além de mim com olhos incrédulos. Virei-me depressa e, como um bando de pássaros, os outros imitaram o meu gesto. De novo paramos, silenciosamente petrificados, para fitar um dragão adormecido.

Aquele estava estendido à sombra intensa de sempre-vivas. Assim como o primeiro, encontrava-se bem aninhado em musgo e detritos da floresta. Mas a semelhança terminava aí. A sua longa cauda sinuosa estava enrolada e o envolvia como uma grinalda e o flanco suavemente escamoso brilhava com um marrom rico e acobreado. Vi asas bem dobradas contra o seu corpo estreito. O longo pescoço estava dobrado por cima do seu dorso como o de um ganso adormecido, e a forma da cabeça também a assemelhava à de uma ave, até mesmo a um bico de um falcão. Um chifre brilhante espiralava a partir da testa da criatura, malignamente afiado na ponta. Os quatro membros dobrados debaixo dele mais lembravam uma corça do que um lagarto. Chamar as duas criaturas de dragões parecia uma contradição, mas eu não tinha outra palavra para seres como aqueles.

Mais uma vez ficamos em silêncio e fitando-o, enquanto as jepas se mexiam inquietas. De repente, Kettricken falou.

— Não acho que sejam seres vivos. Acho que são esculturas habilidosas em pedra.

O meu sentido da Manha me dizia o contrário.

— Eles estão vivos! — preveni-a num sussurro. Comecei a sondar na direção de um deles, mas Olhos-de-Noite quase entrou em pânico. Puxei de volta o toque mental. — Dormem muito profundamente, como se ainda estivessem hibernando por causa do tempo frio. Mas eu sei que estão vivos.

Enquanto Kettricken e eu conversávamos, Panela foi decidir por si própria. Vi

os olhos de Kettricken se arregalarem e me virei para olhar para o dragão, temendo que estivesse acordando. Mas o que vi foi Panela pousando a sua mão seca na testa imóvel da criatura. A mão pareceu tremer quando ela o tocou, mas depois sorriu, quase com tristeza, e afagou com a mão o chifre em espiral.

— Tão belo — refletiu. — Tão habilidosamente feito.

Virou-se para todos nós.

— Reparem como as trepadeiras do ano passado se enroscam em volta da ponta da cauda. Vejam como está soterrada pelas folhas caídas de uma vintena de anos. Ou talvez de uma vintena de vintenas. E, no entanto, cada uma das minúsculas escamas ainda brilha, tão perfeitamente é esculpida! — Esporana e Kettricken avançaram com exclamações de espanto e deleite, e logo se agacharam junto da escultura, chamando a atenção uma da outra para detalhes atrás de detalhes. As escamas individuais de cada asa, as voltas graciosamente fluidas das espirais da cauda e todas as outras maravilhas da concepção do artista foram admiradas. Contudo, enquanto elas apontavam e tocavam tão avidamente o dragão, o lobo e eu nos mantivemos afastados. Pelos eriçaram-se ao longo de todo o dorso de Olhos-de-Noite. Ele não rosnou; em vez disso, soltou um ganido tão agudo que foi quase um assobio. Após um momento, percebi que o Bobo não se juntara às mulheres. Virei-me para encontrá-lo olhando o dragão de longe, com a expressão que um avarento teria ao olhar uma pilha de ouro maior ainda do que os seus sonhos. Havia nos seus olhos o mesmo tipo de dilatação. Até as suas bochechas pálidas pareciam conter um rubor rosado.

— Fitz, venha ver! É só pedra fria, tão bem esculpida que parece viva. E olhe! Ali está outro, com a galhada de um veado e o rosto de um homem! — Kettricken ergueu uma mão para apontar e eu vislumbrei mais uma figura deitada dormindo no chão da floresta. Todas abandonaram a primeira efígie para ir examinar a nova, soltando de novo exclamações sobre a sua beleza e detalhes.

Avancei com pés de chumbo, o lobo encostado em mim. Quando parei junto do dragão chifrudo, consegui ver com os meus próprios olhos o indistinto saco de teias de aranha preso à cova de um pé com casco. As costelas da criatura não se moviam com o bombear de quaisquer pulmões e eu não sentia absolutamente nenhum calor corporal. Por fim, forcei-me a colocar uma mão na pedra fria e esculpida.

— É uma estátua — disse em voz alta, como que para me obrigar a acreditar no que o meu sentido da Manha negava. Olhei em volta, para além do homem-veado que Esporana ainda admirava, para onde Panela e Kettricken estavam sorrindo junto a ainda outra escultura. O seu corpo de javali estava deitado de

lado e as presas que se projetavam do seu focinho tinham o comprimento da minha altura. Em todos os aspectos, assemelhava-se ao porco da floresta que Olhos-de-Noite matara, exceto pelo seu imenso tamanho e as asas bem aconchegadas ao seu flanco.

— Vejo pelo menos uma dúzia dessas coisas — anunciou o Bobo. — E, atrás daquelas árvores, descobri outra escultura esculpida como a que vimos antes. — Levou uma mão curiosa à pele da escultura, depois quase se retraiu diante do contato frio.

— Não consigo acreditar que são pedra sem vida — disse-lhe.

— Eu também nunca tinha visto detalhes tão realistas em uma escultura — concordou ele.

Não tentei lhe dizer que ele tinha me entendido mal. Em vez disso, fiquei refletindo sobre uma coisa. Ali, eu sentia vida, mas havia apenas pedra fria sob a minha mão. Fora o oposto com os Forjados; era óbvio que uma vida selvagem lhes motivava os corpos, mas o meu sentido da Manha os via como nada mais do que pedra fria. Tentei achar algum tipo de ligação, mas encontrei apenas essa estranha comparação.

Olhei em torno de mim, mas encontrei os meus companheiros espalhados pela floresta, indo de escultura em escultura e chamando-se uns aos outros, deleitados, quando descobriam novos dragões sob hera trepadeira ou submersos em folhas caídas. Fui lentamente atrás deles. Parecia que aquele podia ser o destino assinalado no mapa. Era quase certo que sim, se o antigo cartógrafo acertara na escala. E no entanto, por quê? O que havia de importante naquelas estátuas? Vira de imediato o significado da cidade; podia ter sido o lar original dos Antigos. Mas aquilo?

Apressei-me em seguir Kettricken. Encontrei-a perto de um touro alado. Ele dormia, com as pernas dobradas sob o corpo, os poderosos ombros apertados, o focinho pesado caído sobre os joelhos. Era uma réplica perfeita de um touro em todos os detalhes, da vasta extensão dos chifres à cauda terminada num tufo de pelos. Os cascos fendidos estavam enterrados sob a terra da floresta, mas eu não duvidava de que se achariam lá. Kettricken esticara os braços para abarcar a largura dos chifres da escultura. Tal como todas as outras, possuía asas, dobradas em repouso sobre o seu largo dorso negro.

— Posso ver o mapa? — perguntei-lhe, e ela saiu do devaneio com um sobressalto.

— Já verifiquei — disse-me ela em voz baixa. — Estou convencida de que esta é a área marcada. Passamos pelos restos de duas pontes de pedra. Isso

corresponde ao que se vê no mapa. E o sinal na coluna que o Bobo encontrou corresponde ao que você copiou na cidade para este destino. Acho que estamos naquilo que antigamente foi a margem de um lago. Pelo menos é assim que tenho lido o mapa.

— A margem de um lago. — Assenti para mim mesmo enquanto refletia sobre o que o mapa de Veracidade me mostrara. — Talvez. Talvez tenha se assoreado e transformado em pântano. Se for assim, o que significam todas estas estátuas?

Ela indicou a floresta com um gesto vago.

— Algum tipo de jardim ou parque, talvez?

Olhei em volta e sacudi a cabeça.

— Não é como nenhum jardim que eu já tenha visto. As estátuas parecem aleatórias. Um jardim não deveria possuir unidade e um tema? Pelo menos foi o que Paciência me ensinou. Aqui só vejo estátuas deitadas, sem sinais de caminhos, canteiros, ou… Kettricken? As estátuas representam todas criaturas adormecidas?

Ela franziu o cenho para si mesma por um momento.

— Creio que sim. E acho que são todas aladas.

— Talvez seja um cemitério — sugeri.

— Talvez haja sepulturas por baixo destas criaturas. Talvez isto seja algum tipo estranho de heráldica, que assinala os locais de enterro de diferentes famílias.

Kettricken olhou em volta, ponderando.

— Talvez assim seja. Mas por que isso estaria assinalado no mapa?

— Por que um jardim estaria? — contrapus.

Passamos o resto da tarde explorando a área. Encontramos muitos outros animais. Eram de todos os tipos e em uma variedade de estilos, mas todos eram alados e estavam dormindo. E estavam ali havia muito, muito tempo. Um exame mais atento me mostrou que aquelas grandes árvores haviam crescido em volta das estátuas, e não as estátuas que foram colocadas em volta das árvores. Algumas estavam quase capturadas pelo musgo invasor e pelo bolor das folhas. De uma, pouco restava à vista, com exceção de um grande focinho cheio de dentes que se projetava de um pedaço de terreno pantanoso. Os dentes descobertos brilhavam, prateados, e as pontas eram aguçadas.

— Ainda assim, não descobri um único sequer que estivesse lascado ou fendido. Todos parecem tão perfeitos como no dia em que foram criados. E também não consigo compreender como as cores foram introduzidas na pedra. Não parece tinta ou manchas, tampouco parece desbotada pelos anos.

Estava expondo lentamente os meus pensamentos aos outros, que se sentavam ao redor da fogueira naquela noite. Tentava passar o pente de Kettricken pelo meu cabelo molhado. No fim da tarde, eu me afastara dos outros para me lavar por completo pela primeira vez desde que deixáramos Jhaampe. Também tentei lavar a roupa, até certo ponto. Quando voltei ao acampamento, descobri que todos os outros haviam tido ideias muito semelhantes. Panela estava estendendo roupas molhadas em um dragão para secar, com um ar mal-humorado. As bochechas de Kettricken estavam mais rosadas do que de costume e ela voltara a prender o cabelo molhado em uma trança apertada. Esporana parecia ter esquecido a ira que sentira contra mim. Na verdade, parecia ter se esquecido por completo do resto de nós. Fitava as chamas da fogueira, com uma expressão meditativa no rosto, e eu quase conseguia ver a cascata de palavras e notas que ela conjugava. Perguntei-me como seria, se era como resolver os quebra-cabeças do jogo que Panela preparava para mim. Parecia estranho observar o seu rosto, sabendo que uma canção se desenrolava na sua mente.

Olhos-de-Noite veio encostar a cabeça no meu joelho. *Não gosto de me encovilar no meio destas pedras vivas,* confidenciou-me.

— Realmente parece que a qualquer momento vão acordar — observei.

Panela sentara-se com um suspiro na terra ao meu lado. Sacudiu lentamente a velha cabeça.

— Acho que não — disse em voz baixa. Soou quase como se sofresse por isso.

— Bem, uma vez que não conseguimos desvendar o seu mistério, e o que resta da estrada terminou aqui, vamos deixá-las amanhã e continuaremos a nossa viagem — anunciou Kettricken.

— O que você fará — perguntou o Bobo em voz baixa — se Veracidade não estiver no último destino do mapa?

— Não sei — confidenciou-nos Kettricken, também em voz baixa. — E não me preocuparei com isso até que aconteça. Ainda me resta uma ação a tomar; até que a esgote, não me desesperarei.

Ocorreu-me então que ela falava como se estivesse pensando em um jogo, com uma última jogada que ainda podia levar à vitória. Então decidi que eu passara tempo demais concentrado nos problemas do jogo de Panela. Soltei um último nó do cabelo e o puxei para trás em um rabo de cavalo.

Venha caçar comigo antes que a última luz desapareça, sugeriu o lobo.

— Acho que esta noite vou caçar com Olhos-de-Noite — anunciei enquanto me levantava e espreguiçava. Ergui uma sobrancelha para o Bobo, mas ele parecia perdido em pensamentos e não respondeu. Enquanto me afastava da

fogueira, Kettricken me perguntou:

— Está seguro, sozinho?

— Estamos longe da estrada do Talento. Este foi o dia mais pacífico que eu passei em algum tempo. Sob certos aspectos.

— Podemos estar longe da estrada do Talento, mas ainda estamos no coração de uma terra outrora ocupada por utilizadores do Talento. Eles deixaram o seu toque por todo lado. Não pode dizer, enquanto caminhar por estas colinas, que está a salvo. Não devia ir sozinho.

Olhos-de-Noite soltou um ganido do fundo da garganta, ansioso para ir embora. Eu ansiava por ir caçar com ele, por emboscar e perseguir, por me mover pela noite sem quaisquer pensamentos humanos. Mas não faria pouco caso do aviso de Panela.

— Eu vou com ele — ofereceu-se de súbito Esporana. Levantou-se, limpando as mãos nos quadris. Se alguém além de mim pensou que aquilo era estranho, ninguém demonstrou. Esperava pelo menos uma despedida zombadora do Bobo, mas ele continuava fitando a escuridão. Esperava que ele não estivesse adoecendo outra vez.

Importa-se que ela vá conosco?, perguntei a Olhos-de-Noite.

Em resposta, ele soltou um pequeno suspiro de resignação e afastou-se da fogueira a trote. Segui-o mais devagar e Esporana me seguiu.

— Não devíamos alcançá-lo? — perguntou-me ela vários momentos mais tarde. A floresta e a penumbra que se adensava estavam se fechando à nossa volta. Olhos-de-Noite não estava à vista em lado algum, mas a verdade é que eu não precisava vê-lo.

Falei, não em um sussurro, mas muito baixo.

— Quando caçamos, nós nos movemos independentemente um do outro. Quando um de nós espanta alguma caça, o outro aproxima-se depressa, ou para interceptá-la, ou para se juntar à perseguição.

Os meus olhos haviam se ajustado à escuridão. A busca nos levou para longe das estátuas, para uma noite de floresta inocente dos trabalhos do homem. Os cheiros primaveris eram fortes e as canções das rãs e insetos estavam a toda a nossa volta. Logo cheguei a uma trilha de caça e comecei a segui-la. Esporana veio atrás de mim, não em silêncio, mas também não de um modo desajeitado. Quando nos movemos pela floresta, seja de dia, seja de noite, podemos nos mover com ela ou contra ela. Há pessoas que sabem como fazê-lo por instinto; outras nunca aprendem. Esporana movia-se com a floresta, abaixando-se sob galhos pendentes e rodeando outros enquanto abríamos caminho pela noite. Não

tentava abrir caminho à força através dos matagais que encontrávamos e dobrava o corpo para evitar que ele se prendesse nos galhos cheios de brotos.

Você está tão consciente dela que não veria um coelho se pisasse nele!, repreendeu-me Olhos-de-Noite.

Nesse momento, uma lebre saltou de um arbusto bem ao lado do caminho que eu seguia. Saltei atrás dela, curvando-me para segui-la pela trilha afora. Ela era mais rápida do que eu, mas eu sabia que o mais provável era que descrevesse um círculo. E sabia que Olhos-de-Noite também estava se deslocando rapidamente para interceptá-la. Ouvi Esporana correndo atrás de mim, mas não tinha tempo para pensar nela, concentrado como estava em manter a lebre ao alcance da vista, enquanto ela se esquivava em torno de árvores e por baixo de raízes pontudas. Por duas vezes quase a apanhei, e por duas vezes a lebre se afastou de mim. Porém, da segunda vez que o fez, correu direto para as mandíbulas do lobo. Ele saltou, prendeu-a ao solo com as patas da frente e então agarrou o seu pequeno crânio com as mandíbulas. Quando se levantou, deu uma forte sacudida, quebrando o pescoço dela.

Eu estava abrindo a barriga da lebre e derramando as entranhas para o lobo quando Esporana nos alcançou. Olhos-de-Noite abocanhou as tripas com satisfação. *Vamos procurar outra,* sugeriu, e desapareceu rapidamente na noite.

— Ele larga a carne para você dessa maneira? — perguntou Esporana.

— Ele não a larga. Deixa que eu a carregue. Sabe que agora é a melhor hora para caçar, então espera matar de novo depressa. Se não matar, sabe que eu manterei a carne em segurança para ele e que a dividiremos mais tarde. — Prendi a lebre morta no cinto. Saí noite adentro, com o corpo quente batendo de leve na minha coxa enquanto caminhava.

— Oh. — Esporana me seguiu. Pouco depois, como que em resposta a algo que eu tivesse dito, observou: — Eu não acho ofensivo o seu vínculo de Manha com o lobo.

— Nem eu — retorqui em voz baixa. Havia algo na sua escolha de palavras que me irritava. Continuei à espreita na trilha, de olhos e ouvidos alertas. Conseguia ouvir o suave *pat, pat, pat* das patas de Olhos-de-Noite à esquerda e à minha frente. Esperei que ele assustasse caça na minha direção.

Pouco tempo depois, Esporana acrescentou:

— E vou parar de chamar o Bobo de “ela”. Seja do que for que eu suspeite.

— Isso é bom — disse-lhe sem me comprometer. Não abrandei o passo.

Tenho grandes dúvidas de que você será grande coisa como caçador esta noite.

Isso não é por opção minha.

Eu sei.

— Também quer que eu peça desculpa? — perguntou Esporana em uma voz baixa e tensa.

— Eu… hã — gaguejei, e me calei, sem saber muito bem do que se tratava isso.

— Então muito bem — disse ela, com uma voz repleta de uma determinação gélida. — Peço desculpas, Lorde FitzCavalaria.

Virei-me para ela.

— Por que está fazendo isso? — perguntei. Falei com voz normal. Conseguia sentir Olhos-de-Noite. Ele já estava no alto da colina, agora caçando sozinho.

— A senhora minha rainha me pediu para parar de semear a discórdia no grupo. Disse que Lorde FitzCavalaria tinha muitos fardos que eu não podia conhecer e não merecia também ser sobrecarregado com a minha desaprovação — informou-me com cautela.

Perguntei-me quando tudo aquilo teria acontecido, mas não me atrevi a perguntar.

— Nada disso é necessário — disse em voz baixa. Senti-me estranhamente envergonhado, como uma criança mimada que tivesse ficado emburrada até as outras crianças cederem. Respirei fundo, determinado a falar apenas com honestidade e ver no que isso daria. — Não sei o que pode ter feito você retirar a sua amizade, exceto ter lhe revelado a minha Manha. E também não compreendo as suspeitas que você tem sobre o Bobo, ou o motivo pelo qual elas parecem enfurecê-la. Detesto estas dificuldades entre nós. Gostaria que pudéssemos ser amigos, como éramos antes.

— Então você não me despreza? Por ter dado testemunho de que você reconheceu a filha de Moli como sua descendente?

Tateei dentro de mim à procura dos sentimentos perdidos. Passara-se muito tempo sem que sequer pensasse nisso.

— Breu já sabia sobre elas — falei em voz baixa. — Ele teria encontrado um modo, mesmo se você não existisse. É muito… engenhoso. E eu acabei compreendendo que você não vive pelas mesmas regras que eu.

— Costumava viver — disse ela em voz baixa. — Há muito tempo. Antes da fortaleza ser saqueada e eu ser abandonada como morta. Depois disso, tornou-se difícil acreditar nas regras. Tudo me foi roubado. Tudo o que era bom, e bonito, e verdadeiro foi destruído pelo mal, pela luxúria e pela ganância. Não. Por algo ainda mais ignóbil do que a luxúria e a ganância, por um impulso que eu nem

sequer conseguia entender. Os Salteadores, mesmo enquanto me estupravam, pareciam não obter qualquer prazer do ato. Pelo menos não o tipo de prazer… Eles zombavam da minha dor e do modo como me debati. Os que observavam riam enquanto esperavam sua vez. — Ela estava olhando para além de mim, para a escuridão do passado. Creio que falava tanto consigo mesma como comigo, procurando compreender algo que desafiava o significado. — Era como se fossem empurrados, mas não por alguma luxúria ou ganância que pudesse ser saciada. Era algo que podiam fazer a mim, de modo que faziam. Eu sempre acreditara, talvez infantilmente, que se seguíssemos as regras estaríamos protegidos, que coisas como aquela não poderiam acontecer conosco. Depois, eu me senti… enganada. Tola. Ingênua, por ter pensado que ideais podiam me proteger. Honra, cortesia e justiça… Elas não são reais, Fitz. Todos nós as fingimos e as erguemos como escudos. Mas elas só defendem contra pessoas que trazem os mesmos escudos. Contra aqueles que as jogaram fora, não são escudo algum, mas apenas armas adicionais para usar contra as suas vítimas.

Senti-me tonto por um instante. Nunca ouvira uma mulher falar de algo assim de uma forma tão impassível. Geralmente, aquilo nem era mencionado. Os estupros que ocorriam durante um ataque, as gravidezes que podiam ocorrer, até as crianças que mulheres dos Seis Ducados tinham de Salteadores dos Navios Vermelhos eram raramente mencionadas dessa forma. De repente percebi que estávamos parados havia muito tempo. O frio da noite de primavera estava chegando até mim. — Vamos voltar ao acampamento — sugeri de repente.

— Não — disse ela, seca. — Ainda não. Tenho medo de chorar. E se chorar, prefiro que seja no escuro.

A escuridão já era quase total. Mas eu a levei até uma trilha de caça mais larga e encontramos um tronco onde pudemos nos sentar. À nossa volta, as rãs e insetos enchiam a noite com canções de acasalamento.

— Você está bem? — perguntei depois de estarmos há algum tempo sentados em silêncio.

— Não. Não estou — disse ela de forma sucinta. — Preciso fazer você compreender. Eu não vendi barato a sua filha, Fitz. Não o traí casualmente. A princípio, nem pensei nisso dessa forma. Quem não gostaria que a filha se tornasse uma princesa e, a seu tempo, uma rainha? Quem não desejaria roupas encantadoras e uma boa casa para a sua filha? Não pensei que você ou a sua mulher vissem isso como um infortúnio que se abateria sobre ela.

— Moli é minha esposa — eu disse em voz baixa, mas creio realmente que ela não me ouviu.

— Então, mesmo depois de saber que não lhe agradaria, fiz mesmo assim. Sabendo que com isso ganharia um lugar aqui, ao seu lado, para testemunhar… seja o que for que você vai fazer. Vendo coisas estranhas sobre as quais nenhum menestrel jamais cantou, como estas estátuas hoje. Porque é a minha única chance de ter um futuro. Preciso ter uma canção, preciso testemunhar algo que me assegure para sempre um lugar de honra entre os menestréis. Algo que me garanta a sopa e o vinho quando for velha demais para viajar de castelo em castelo.

— Você não podia ter se contentado com um homem com quem dividisse a vida e os filhos? — perguntei em voz baixa. — Parece que você não tem problemas para atrair o olhar de um homem. Certamente deve haver algum que…

— Não há homem que queira casar com uma mulher estéril — disse ela. A sua voz tornou-se monótona, perdendo a sua música. — Na queda de Torre de Metim, Fitz, eles me deixaram como morta. E eu fiquei ali entre os mortos, certa de que morreria em breve, pois não conseguia imaginar continuar a viver. À minha volta ardiam edifícios, pessoas feridas gritavam e eu sentia o cheiro de carne se queimando… — Parou de falar. Quando recomeçou, a sua voz estava um pouco mais firme. — Mas não morri. O meu corpo era mais forte do que a minha vontade. No segundo dia, arrastei-me até a água. Outros sobreviventes me encontraram. Sobrevivi, e fiquei melhor do que muitos outros. Até dois meses mais tarde. Naquela altura, eu tinha certeza de que o que me fora feito era pior do que me matar. Sabia que esperava uma criança gerada por uma daquelas criaturas.

"Então fui até uma curandeira, que me deu ervas que não surtiram efeito. Fui até ela outra vez, e ela me avisou, dizendo que, se as ervas não haviam funcionado, era melhor que eu deixasse acontecer. Mas eu fui até outra curandeira, que me deu uma poção diferente. A poção… me fez sangrar. Tirei a criança de mim, mas a hemorragia não parou. Voltei às curandeiras, a ambas, mas nenhuma pôde me ajudar. Disseram que pararia sozinha, com o tempo. Porém, uma me disse que era provável que eu nunca mais tivesse outros filhos." A sua voz se contraiu, então tornou-se mais densa.

— Eu sei que você acha que é promíscuo o modo como me deito com os homens. Mas depois de se ter sido forçada é… diferente. Para sempre. Eu digo a mim mesma "bem, sei que pode me acontecer a qualquer momento". Assim, dessa forma, pelo menos decido com quem e quando. Nunca haverá filhos para mim, logo nunca haverá um homem permanente. Então por que eu não poderia

escolher o que posso ter? Você me fez questionar isso durante algum tempo, sabia? Até Olho de Lua. Olho de Lua demonstrou de novo que eu tinha razão. E, de Olho de Lua, fui para Jhaampe, sabendo que estava livre para fazer o que quer que tivesse de fazer para assegurar a minha sobrevivência. Pois não haverá homem e filhos para cuidarem de mim quando eu estiver velha. — Sua voz tornou-se quebradiça e irregular quando disse: — Às vezes penso que teria sido melhor se eles tivessem me forjado…

— Não. Nunca diga isso. Nunca. — Temia tocá-la, mas ela virou-se de repente e enterrou o rosto contra mim. Passei um braço à sua volta e percebi que ela tremia. Senti-me obrigado a confessar minha estupidez. — Eu não havia compreendido. Quando você disse que os soldados de Emaranhado haviam estuprado algumas das mulheres… Não sabia que você tinha sofrido isso.

— Oh. — Sua voz soava muito baixa. — Pensei que você não tinha dado importância. Ouvi dizer em Vara que o estupro só incomoda as virgens e as esposas. Pensei que você talvez sentisse que, para alguém como eu, não era mais do que o merecido.

— Esporana! — Senti um acesso irracional de fúria por ela poder ter me julgado tão desumano. Depois pensei melhor. Eu vira as nódoas negras no seu rosto. Por que não adivinhara? Nem sequer lhe falara do modo como Emaranhado lhe quebrara os dedos. Eu havia suposto que ela sabia como isso me chocara, que sabia que fora a ameaça que Emaranhado fizera de lhe causar mais dano que me mantivera dominado. Eu achara que ela retirara a sua amizade por causa do lobo. O que ela pensara da minha distância?

— Eu trouxe muita dor à sua vida — confessei. — Não pense que não conheço o valor das mãos de um menestrel. Ou que não me importo com a violação do seu corpo. Se quiser falar disso, estou pronto para escutar. Às vezes, falar ajuda.

— Às vezes não ajuda — contrapôs. A força com que me abraçava aumentou de repente. — No dia em que você se apresentou a todos nós e falou com detalhes do que Majestoso lhe havia feito. Sangrei por você naquele dia. Isso não desfez nada do que lhe foi feito. Não. Não quero falar nisso, nem pensar nisso.

Levantei a sua mão e beijei suavemente os dedos que haviam sido quebrados por minha causa.

— Não confundo o que lhe foi feito com o que você é — disse. — Quando olho para você, vejo Esporana Cantodave, a menestrel.

Ela acenou com a cabeça contra mim, e compreendi que era como eu supusera. Ela e eu partilhávamos desse medo. Não queríamos viver como vítimas.

Eu nada mais disse depois disso, apenas fiquei sentado ali. Ocorreu-me de novo que mesmo se encontrássemos Veracidade, mesmo se por algum milagre o seu regresso mudasse as marés da guerra e nos transformasse em vencedores, para alguns a vitória chegaria tarde demais. A minha estrada fora longa e cansativa, mas eu ainda ousava acreditar que no seu fim poderia haver uma vida que fosse de minha escolha. Esporana nem isso tinha. Por mais que fugisse para o interior, nunca fugiria da guerra. Apertei-a mais e senti a sua dor sendo drenada para dentro de mim. Depois de algum tempo, o seu tremor parou.

— Já é noite cerrada — eu disse por fim. — É melhor voltarmos para o acampamento.

Ela suspirou, mas se endireitou. Pegou a minha mão. Comecei a levá-la de volta ao acampamento, mas ela puxou a minha mão para trás.

— Fique comigo — disse ela simplesmente. — Só por aqui, e só por agora. Com gentileza e amizade. Para levar o… o outro embora. Dê-me isso de você.

Eu a desejava. Desejava com um desespero que nada tinha a ver com amor e até, creio, pouco tinha a ver com luxúria. Ela estava morna e viva, e teria sido doce e simples conforto humano. Se eu pudesse ter me deitado com ela, e de algum modo pudesse me reerguer sem alterações no modo como pensava em mim mesmo e naquilo que sentia por Moli, eu teria feito. Mas o que eu sentia por Moli não era algo que só se aplicasse quando estávamos juntos. Eu entregara a Moli esse direito a mim; não podia rescindi-lo simplesmente porque estávamos separados durante algum tempo. Não acho que houvesse palavras capazes de fazer Esporana compreender que, ao escolher Moli, eu não a estava rejeitando. Por isso, eu disse:

— Olhos-de-Noite está vindo. Traz um coelho.

Esporana aproximou-se de mim. Passou uma mão pelo meu peito, erguendo-a até o lado do meu pescoço. Os seus dedos percorreram a linha do meu maxilar e acariciaram a minha boca.

— Mande-o embora — disse ela em voz baixa.

— Não poderia mandá-lo para tão longe que ele não soubesse de tudo o que nós partilhássemos — disse-lhe com sinceridade.

A sua mão no meu rosto ficou subitamente imóvel.

— Tudo? — perguntou. A sua voz estava cheia de consternação.

Tudo. Ele aproximou-se e sentou-se ao nosso lado. Outro coelho pendia da sua boca.

— Estamos vinculados pela Manha. Partilhamos tudo.

Ela tirou a mão do meu rosto e afastou-se de mim. Fitou a silhueta escura do

lobo.

— Então tudo aquilo que acabei de lhe dizer…

— Ele compreende à sua maneira. Não como outro ser humano compreenderia, mas…

— Como Moli se sentia a esse respeito? — perguntou ela de súbito.

Respirei bem fundo. Não esperara que a nossa conversa desse aquela volta.

— Ela nunca soube — disse-lhe. Olhos-de-Noite voltou para o acampamento. Segui-o mais devagar. Atrás de mim veio Esporana.

— E quando souber? — pressionou ela. — Vai simplesmente aceitar esta… partilha?

— Provavelmente não — resmunguei a contragosto. Por que Esporana sempre me fazia pensar em coisas que eu evitara considerar?

— E se ela forçá-lo a escolher entre ela e o lobo?

Estaquei por um instante. Depois recomecei a andar, um pouco mais depressa. A pergunta pairava à minha volta, mas eu me recusava a pensar nela. Não podia ser, nunca poderia chegar a isso. Mas uma voz murmurava dentro de mim: "Se contar a verdade a Moli, chegará a esse ponto. Tem de ser".

— Você vai contar a ela, não vai? — Implacável, Esporana me fez a pergunta da qual eu me escondia.

— Não sei — eu disse, sombrio.

— Oh — disse ela. Então, passado algum tempo, acrescentou: — Quando um homem diz isso, normalmente quer dizer "Não, não o farei, mas de vez em quando brincarei com a ideia, para poder fingir que um dia pretendo fazê-lo".

— Daria para você se calar? — Não havia força nas minhas palavras.

Esporana me seguiu em silêncio. Passado algum tempo, observou:

— Não sei de quem sentir pena. Se de você, ou se dela.

— De ambos, talvez — sugeri eu com frieza. Não queria mais conversas sobre o assunto.

O Bobo estava de vigia quando regressamos ao acampamento. Panela e Kettricken dormiam.

— A caça foi boa? — perguntou ele em tom de camaradagem quando nos aproximamos.

Encolhi os ombros. Olhos-de-Noite já roía o coelho que trouxera. Estava estendido, com ar contente, aos pés do Bobo.

— Boa o bastante. — Ergui a lebre. O Bobo a pegou de mim e a pendurou com indiferença na estaca da tenda.

— Desjejum — disse-me calmamente. Os seus olhos saltaram para o rosto de

Esporana, mas se viu que ela estivera chorando, não fez nenhum gracejo sobre isso. Não sei o que leu no meu rosto, pois não fez qualquer comentário. Ela me seguiu para dentro da tenda. Descalcei as botas e me afundei agradavelmente nos cobertores. Quando a senti se ajeitar contra as minhas costas alguns momentos mais tarde, não fiquei muito surpreso. Decidi que isso queria dizer que me perdoara. Não tornou mais fácil adormecer.

No entanto, acabei adormecendo. Tinha erguido as muralhas, mas de algum modo consegui arranjar um sonho meu. Sonhei que estava sentado junto à cama de Moli e a vigiava enquanto ela e Urtiga dormiam. O lobo estava aos meus pés, enquanto no canto da chaminé o Bobo se encontrava sentado em um banco e balançava a cabeça para si mesmo, muito satisfeito. O pano do jogo de Panela estava estendido na mesa, mas, em vez de pedras, havia minúsculas estátuas de dragões variados, em preto e branco. As pedras vermelhas eram navios e era a minha vez de jogar. Tinha na mão a peça que podia ganhar o jogo, mas só queria ver Moli dormir. Foi quase um sonho pacífico.

CAPÍTULO 31

Casco-de-elfo

Existem algumas antigas "Profecias Brancas" que tratam da traição do Catalisador. Colume, o Branco, diz sobre este acontecimento: "Pelo amor ele é traído, e o seu amor traído também". Um escriba e profeta menos conhecido, Gant, o Branco, fornece mais detalhes. "O coração do Catalisador é desnudo a alguém em quem ele confia. Toda a confiança é dada, e toda a confiança é traída. O filho do Catalisador é posto nas mãos dos seus inimigos por alguém cujo amor e lealdade estão acima de todas as dúvidas". As outras profecias são mais evasivas, mas em cada caso se infere que o Catalisador é traído por alguém em quem confia implicitamente.



No início da manhã seguinte, enquanto comíamos pedaços tostados de carne de coelho, Kettricken e eu consultamos de novo o seu mapa. Quase já não precisávamos fazê-lo, de tão bem que o conhecíamos. No entanto, era algo que podíamos estender à nossa frente e para onde podíamos apontar enquanto discutíamos as coisas. Kettricken seguiu uma linha desbotada no pergaminho gasto.

— Teremos de regressar à coluna no círculo de pedra, e então seguir a estrada do Talento um pouco mais. Até o nosso destino final, creio.

— Não tenho grande vontade de caminhar de novo por essa estrada — disse-lhe com honestidade. — Até caminhar ao lado dela me desgasta. Mas suponho que não há como evitá-lo.

— Que eu saiba, não.

Ela estava preocupada demais para oferecer muita compreensão. Olhei para a mulher. O cabelo louro, que reluzira em outros tempos, era uma curta trança desarrumada. O frio e o vento lhe haviam marcado o rosto, rachando os seus lábios e gravando finas rugas nos cantos dos seus olhos e da boca, sem falar nas profundas rugas de preocupação que trazia na testa e entre os olhos. A sua roupa estava manchada pela viagem e puída. A Rainha dos Seis Ducados nem como

criada de quarto seria achada satisfatória em Vaudefeira. De súbito desejei ajudá-la. Não consegui pensar em nenhuma maneira de fazê-lo. Por isso, disse apenas:

— Chegaremos lá, e encontraremos Veracidade.

Ela ergueu os olhos para encontrar os meus. Tentou colocar fé no olhar e na voz quando disse:

— Sim, encontraremos. — Ouvi apenas coragem.

Havíamos desmontado e movido tantas vezes o acampamento que isso já não exigia quaisquer pensamentos. Nós nos movíamos como uma unidade, quase como uma única criatura. Como um círculo, pensei comigo mesmo.

Como uma alcateia, corrigiu-me Olhos-de-Noite. Veio empurrar a cabeça contra a minha mão. Fiz uma pausa e cocei longamente as suas orelhas e a garganta. Ele fechou os olhos e jogou as orelhas para trás, de prazer. *Se a sua fêmea obrigá-lo a me mandar embora, vou sentir muita saudade disso.*

Eu não vou deixar que isso aconteça.

Acha que ela vai obrigá-lo a escolher.

Eu me recuso a pensar nisso agora.

Ah! Deitou-se de lado, e então rolou, ficando de costas para que eu pudesse lhe coçar a barriga. Descobriu os dentes em um sorriso lupino. *Você vive no agora e se recusa a pensar no que pode vir a acontecer. Mas eu me vejo sem conseguir pensar em muito mais além do que pode vir a acontecer. Esses tempos têm sido bons para mim, irmão. Viver com outros, caçar juntos, partilhar comida. Mas a cadela uivadora tinha razão ontem à noite. É preciso filhotes para fazer uma alcateia. E o seu filhote…*

Não posso pensar nisso neste momento. Preciso pensar só no que tenho de fazer hoje para sobreviver, e em tudo o que tenho de fazer antes de poder ter esperança de ir para casa.

— Fitz? Está bem?

Era Esporana, que viera me pegar pelo cotovelo e dar uma pequena sacudida. Olhei para ela, acordando do meu devaneio. A cadela uivadora. Tentei não sorrir.

— Estou ótimo. Estava com Olhos-de-Noite.

— Oh. — Ela olhou para o lobo, e a vi lutando de novo para compreender o que nós partilhávamos. Então deixou o assunto de lado com uma encolhida de ombros. — Pronto para partir?

— Se todos os outros estiverem.

— Parecem estar.

Foi ajudar Kettricken a carregar a última jepa. Olhei em volta em busca do Bobo e o vi sentado em silêncio em cima da sua trouxa. A sua mão estava

levemente pousada em um dos dragões de pedra e ele tinha uma expressão distante no rosto. Aproximei-me dele por trás, em silêncio.

— Você está bem? — perguntei em voz baixa.

Ele não saltou. Nunca se sobressaltava. Apenas virou o seu olhar pálido para se encontrar com o meu. A expressão no seu rosto era um anseio perdido, sem ter nela nenhum do seu habitual espírito penetrante.

— Fitz. Alguma vez já sentiu que estava se lembrando de uma coisa, mas quando tentou alcançá-la não havia nada lá?

— Às vezes — respondi. — Acho que isso acontece com todo mundo.

— Não. Isto é diferente — insistiu ele em voz baixa. — Desde que eu fiquei de pé naquela pedra anteontem e vislumbrei de repente o antigo mundo que existia aqui… Não paro de ter estranhas meias-recordações. Como ele. — Afagou gentilmente a cabeça do dragão, uma carícia de amante na cabeça reptiliana em forma de cunha. — Quase consigo me lembrar de conhecê-lo. — Fitou-me de súbito com um olhar suplicante. — O que foi que você viu, naquela época?

Encolhi ligeiramente os ombros.

— Era como uma praça de mercado, com lojas em volta e gente exercendo os seus ofícios. Um dia movimentado.

— Você me viu? — perguntou ele num sussurro.

— Não tenho certeza. — De repente me senti muito desconfortável falando sobre aquilo. — Onde você estava, encontrava-se outra pessoa. Ela era como você, de certo modo. Não tinha cor e acho que se comportava como um bobo. Você falou sobre a coroa dela, com cabeças e caudas de galo esculpidas.

— Falei? Fitz, pouco me lembro do que disse logo depois. Só me lembro da sensação, e de quão depressa ela desapareceu. Durante um breve instante, estive ligado a tudo. Fui parte de tudo. Foi maravilhoso, como sentir uma onda de amor ou vislumbrar uma coisa perfeitamente bela, ou… — Ficou sem palavras.

— O Talento é assim — disse-lhe eu em voz baixa. — O que você sentiu é a atração do Talento. É contra isso que um utilizador do Talento precisa resistir constantemente, para não ser levado por ele.

— Então aquilo era usar o Talento — observou para si mesmo.

— Quando saiu daquele estado, você estava extasiado. Disse alguma coisa sobre o dragão de alguém que você devia apresentar. Aquilo fez pouco sentido. Deixe-me pensar. O dragão de Realder. E ele havia prometido levá-lo para voar.

— Ah. O meu sonho da noite passada. Realder. Esse era o seu nome. — Acariciou a cabeça da estátua enquanto falava. Quando o fez, aconteceu uma

coisa estranhíssima. A minha noção de Manha da estátua aumentou em uma onda e Olhos-de-Noite veio de um salto se colocar ao meu lado, com todos os pelos do dorso eriçados. Sei que os pelos no meu pescoço também se eriçaram e recuei, esperando que a estátua voltasse subitamente à vida. O Bobo nos lançou um olhar confuso. — O que há?

— As estátuas parecem vivas para nós. Tanto a Olhos-de-Noite quanto a mim. E quando você disse esse nome, ela quase pareceu despertar.

— Realder — repetiu o Bobo, experimentando. Prendi a respiração quando ele pronunciou o nome, mas não senti qualquer resposta. Ele me olhou e sacudi a cabeça. — É só pedra, Fitz. Pedra fria e bela. Acho que os seus nervos talvez estejam ficando à flor da pele. — Pegou o meu braço em um gesto de camaradagem e nos afastamos das estátuas, de volta à trilha pouco nítida. Os outros já estavam fora de vista, com exceção de Panela. Ela estava parada, apoiada no bastão e nos encarando. Apertei o passo instintivamente. Quando chegamos ao lugar onde ela esperava, ela agarrou o meu outro braço, e então fez um sinal imperioso ao Bobo para avançar à nossa frente. Nós o seguimos, mas mais devagar. Quando ele já estava a uma distância considerável de nós, ela me apertou o braço com uma mão de aço e perguntou: — Então?

Por um instante, olhei-a sem expressão.

— Ainda não descobri — disse, num tom apologético.

— Isso é óbvio — disse ela com severidade. Chupou os dentes por um momento, franziu o cenho para mim, quase falou e então sacudiu bruscamente a cabeça para si mesma. Não largou o meu braço.

Durante a maior parte do resto do dia, enquanto caminhava em silêncio ao seu lado, ponderei sobre o problema do jogo.

Não acho que haja algo tão entediante quanto voltar atrás por um caminho já seguido quando se está desesperado para chegar a algum lugar. Agora que já não seguíamos uma estrada antiga quase invisível por baixo da vegetação, seguíamos o caminho que nós mesmos já havíamos pisado através da floresta pantanosa e para cima, na direção das colinas, e a velocidade ao partir era maior do que fora a da chegada. Com a mudança das estações, a luz do dia se demorava por mais tempo, e Kettricken nos manteve em marcha até o limite do crepúsculo. Foi assim que nos achamos a apenas uma colina de distância da praça de pedra negra quando montamos o acampamento naquela noite. Creio que foi por mim que Kettricken decidiu acampar mais uma noite na estrada antiga. Eu não tinha qualquer desejo de dormir mais perto daquele entroncamento do que o necessário.

Vamos caçar?, perguntou Olhos-de-Noite assim que o nosso abrigo ficou pronto.

— Vou caçar — anunciei aos outros. Panela ergueu um olhar desaprovador.

— Fique bem longe da estrada do Talento — advertiu-me.

O Bobo me surpreendeu ao se levantar. — Eu vou com eles. Se o lobo não se importar.

O Sem Cheiro é bem-vindo.

— Pode vir conosco. Mas tem certeza de que se sente forte o suficiente?

— Se me cansar, posso voltar — observou o Bobo.

Quando nos afastamos para o interior do crepúsculo que se adensava, Kettricken estava absorta no seu mapa e Panela encontrava-se de vigia.

— Não demore, senão vou procurá-lo — avisou-me ela enquanto eu me afastava. — E fique longe da estrada do Talento — repetiu.

Em algum lugar acima das árvores navegava uma lua cheia. A luz que vinha dela infiltrava-se e serpenteava em cascatas prateadas através dos galhos cobertos de folhas novas para iluminar o nosso caminho. Durante algum tempo, simplesmente viajamos juntos pelos bosques agradavelmente abertos. Os sentidos do lobo suplementavam os meus. A noite estava viva com os cheiros de coisas em crescimento e os chamados de minúsculas rãs e insetos noturnos. O ar noturno possuía um toque mais tonificante do que o diurno. Descobrimos uma trilha de caça e a seguimos. O Bobo acompanhou o nosso ritmo, sem dizer uma palavra. Enchi os pulmões de ar e depois suspirei. Apesar de todo o resto, ouvi-me dizendo: *isto é bom.*

Sim. É. Vou ter saudades.

Sabia que ele estava pensando no que Esporana dissera na noite anterior. *Não pensemos em amanhãs que podem nunca chegar*. *Vamos apenas caçar*, sugeri, e foi o que fizemos. O Bobo e eu nos mantivemos na trilha e o lobo penetrou na floresta, para espantar caça na nossa direção. Avançamos pela floresta, deslizando quase sem ruído pela noite, com todos os sentidos alertas. Deparei-me com um porco-espinho que rolava pela noite, mas não tinha vontade de matá-lo a pancadas, muito menos de esfolá-lo com cuidado antes de podermos comer. Naquela noite, queria carne simples. Com grande dificuldade, convenci Olhos-de-Noite a procurar comigo outras presas. *Se não encontrarmos mais nada, podemos sempre vir buscá-lo. Os porcos-espinhos não são exatamente rápidos sobre as patas,* observei.

Ele concordou a contragosto e nos colocamos em movimento de novo. Na encosta aberta de uma colina, ainda quente do sol, Olhos-de-Noite detectou a

sacudida de uma orelha e a cintilação de um olho brilhante. Em dois pulos, estava em cima do coelho. O salto espantou outro coelho que fugiu na direção do topo da colina. Eu o persegui, mas o Bobo gritou que ia voltar agora. No meio da encosta, percebi que não ia apanhar o coelho. Estava cansado do longo dia de caminhada e o coelho temia pela sua vida. Quando cheguei ao topo da colina, ele não estava à vista. Parei, ofegando. O vento da noite movia-se depressa por entre as árvores. Senti um odor nele, ao mesmo tempo estranho e peculiarmente familiar. Não consegui identificá-lo, mas todas as conotações que ele trazia eram desagradáveis. Enquanto eu estava parado ali, de narinas abertas, tentando situá-lo, Olhos-de-Noite correu em silêncio até mim. *Fique pequeno!,* ordenou-me.

Não parei para pensar, mas obedeci, agachando-me onde me encontrava e espreitando ao redor em busca de perigo.

Não! Fique pequeno na mente.

Desta vez compreendi instantaneamente o que ele queria dizer, e ergui as muralhas de Talento, em pânico. O seu olfato mais aguçado associara de pronto o leve odor no ar com o odor da roupa de Emaranhado nos seus alforjes. Agachei-me, encolhendo-me o máximo que conseguia, e ergui e reergui os limites em volta da minha mente, ao mesmo tempo que argumentava com a realidade que era praticamente impossível que ele estivesse ali.

O medo pode ser um estímulo poderoso para a mente. De repente compreendi o que devia ter sido óbvio desde o início. Não estávamos tão longe assim da praça do entroncamento e do sinalizador negro que havia ali. Os símbolos esculpidos nas colunas sinalizadoras não indicavam apenas para onde levavam as estradas adjacentes; também indicavam para onde os sinalizadores podiam nos transportar. Onde quer que houvesse uma coluna, era possível para alguém ser transportado para a coluna seguinte. Da antiga cidade até qualquer uma das localizações marcadas, a distância não era mais do que um passo. Os três podiam estar a poucos passos de distância de mim naquele momento.

Não. Há só um, e ele nem sequer está perto de nós. Use o nariz, se não conseguir usar a cabeça, tranquilizou-me Olhos-de-Noite com sarcasmo. *Quer que o mate?,* ofereceu, casual.

Sim, por favor. Mas tenha cuidado.

Olhos-de-Noite deu uma pequena bufada de desdém. *Ele é muito mais gordo do que aquele porco selvagem que matei. Ofega e sua só por caminhar pela trilha. Fique quieto, irmãozinho, enquanto eu me livro dele*. Silencioso como a morte, o lobo partiu através da floresta.

Fiquei uma eternidade agachado, esperando ouvir alguma coisa, um rosnado,

um grito, os ruídos de alguém correndo através da vegetação rasteira. Não houve nada. Dilatei as narinas, mas não consegui captar sinal do odor evasivo. De repente, não pude mais aguentar ficar agachado e esperar. Levantei-me de um pulo e segui o lobo, tão silenciosamente letal quanto ele. Antes, quando estávamos caçando, eu não prestara muita atenção ao local para onde nos dirigíramos. Agora notei que havíamos nos aproximado mais da estrada do Talento do que eu suspeitara; que o local do nosso acampamento não ficava nada longe dela.

Como a melodia de uma música distante, fiquei subitamente consciente das comunicações de Talento entre eles. Parei onde me encontrava e fiquei imóvel. Obriguei a mente à imobilidade e deixei que o Talento deles roçasse pelos meus sentidos enquanto eu não dava qualquer resposta.

Estou perto. Emaranhado, sem fôlego, tanto de ansiedade como de medo. Senti-o a postos e à espera. *Eu o sinto, ele se aproxima.* Uma pausa. *Oh, eu não gosto deste lugar. Não gosto nem um pouco.*

Fique calmo. Não é preciso mais do que um toque. Toque-o como lhe mostrei e as muralhas dele cairão. Vontade falou, de mestre para aprendiz.

E se ele tiver uma faca?

Não terá tempo de usá-la. Acredite em mim. Não há homem que tenha muralhas que resistam a esse toque, eu lhe asseguro. Tudo o que você precisa fazer é tocá-lo. Eu virei através de você e farei o resto.

Por que eu? Por que não você ou Cedoura?

Preferia mesmo ter a tarefa de Cedoura? Além disso, foi você quem teve o Bastardo em seu poder e foi estúpido o suficiente para tentar mantê-lo em uma gaiola. Vá lá completar a tarefa que devia ter terminado há muito tempo. Ou será que você quer sentir de novo a ira do nosso rei?

Senti Emaranhado estremecer. E eu também tremi, pois o senti. Majestoso. Os pensamentos eram de Vontade, mas de algum modo, em algum lugar, Majestoso também os ouvia. Perguntei-me se Emaranhado saberia tão claramente quanto eu que não importava se ele matasse o Bastardo ou não, Majestoso teria prazer em lhe causar dor novamente. Que a recordação de torturá-lo era tão agradável que Majestoso já não conseguia pensar nele sem lhe vir à memória o quão completamente aquilo o saciara. Por um breve momento.

Fiquei contente por não ser Emaranhado.

Ali! Esse foi o Bastardo! Encontre-o!

Nesse momento, eu devia ter morrido. Vontade me descobrira, encontrara o meu pensamento descuidado flutuando no ar. A minha breve compreensão por

Emaranhado fora o suficiente. Ele ladrou no meu rastro como um cão de caça. *Apanhei-o!*

Houve um momento de tensão suspensa. Meu coração saltava contra as minhas costelas quando enviei a Manha para sondar tudo à minha volta. Nada maior do que um rato se encontrava por perto. Encontrei Olhos-de-Noite abaixo de mim, na colina, movendo-se rápida e furtivamente. Contudo, Emaranhado dissera que se aproximava de mim. Teria encontrado um modo de se proteger contra o meu sentido da Manha? A ideia me enfraqueceu os joelhos.

Em algum lugar colina abaixo, ouvi o choque de um corpo através de vegetação rasteira e o grito de um homem. O lobo caíra sobre ele, pensei.

Não, irmão, eu não.

Quase não consegui compreender o pensamento do lobo. Cambaleei com um impacto de Talento, mas não consegui detectar a sua fonte. Os meus sentidos se contradiziam, como se eu estivesse mergulhado em água e a sentisse como areia. Sem uma ideia clara do que fazia, saí em uma disparada trôpega colina abaixo.

Este não é ele! Vontade, em grande fúria e agitação. *O que é isso? Quem é esse?*

Uma pausa de consternação. *É aquela coisa bizarra, o Bobo!* Então uma vasta ira. *Onde está o Bastardo? Emaranhado, seu cretino desastrado! Entregou nós todos para ele.*

Mas não fui eu, e sim Olhos-de-Noite, quem investiu sobre Emaranhado. Mesmo à distância a que me encontrava, consegui ouvir os seus rosnados. Na floresta escura lá embaixo, um lobo lançou-se sobre Emaranhado, e o guincho de Talento que ele soltou ao ver aquelas mandíbulas vorazes que se aproximavam do seu rosto foi tal que Vontade se distraiu. Nesse instante, eu ergui as muralhas e corri para ir me juntar ao meu lobo no ataque físico a Emaranhado.

Estava destinado ao desapontamento. Eles estavam muito mais longe do que eu pensara. Nem sequer tive um vislumbre de Emaranhado, exceto através dos olhos do lobo. Por mais gordo e desajeitado que Olhos-de-Noite julgasse Emaranhado, ele mostrou ser um excelente corredor quando o lobo estava em seus calcanhares. Mesmo assim, Olhos-de-Noite o teria derrubado se ele tivesse tido de correr um pouco mais. Com o primeiro salto, Olhos-de-Noite apanhou apenas o seu manto quando Emaranhado rodopiou. O segundo ataque rasgou calça e carne, mas Emaranhado fugiu como se não estivesse ferido. Olhos-de-Noite o viu chegar ao limite da praça de pavimento negro e correr para a coluna, com uma mão estendida em uma súplica. A palma bateu na pedra brilhante e Emaranhado desapareceu de repente no interior da coluna. O lobo fez força com

as patas para parar, fazendo-as deslizar pela pedra escorregadia. Encolheu-se com receio da pedra vertical como se Emaranhado tivesse saltado para dentro das chamas de uma grande fogueira. Parou a um palmo da pedra, rosnando furiosamente, não só de raiva, mas com um medo selvagem. Eu soube de tudo isso, embora estivesse a uma encosta de distância, correndo e tropeçando na escuridão.

De repente, surgiu uma onda de Talento. Não teve qualquer manifestação física, mas o seu impacto me atirou no chão e me tirou o fôlego. Deixou-me tonto, com os ouvidos zunindo, impotentemente aberto a todos os que desejassem me possuir. Fiquei deitado ali, nauseado e atordoado. Talvez tenha sido isso o que me salvou, o fato de que nesse momento não senti absolutamente nenhum vestígio de Talento dentro de mim.

Mas ouvi os outros. Não havia sentido no seu uso do Talento, só um medo aterrorizado. Então desapareceram à distância, como se o próprio rio de Talento os arrastasse para longe. Quase fui em busca deles, no meu espanto com o que sentia. Eles pareciam ter sido despedaçados em fragmentos. A sua desorientação minguante rebentou contra mim. Fechei os olhos.

Então ouvi a voz de Panela, chamando freneticamente pelo meu nome. O pânico tingia a sua voz.

Olhos-de-Noite!

Já estou a caminho. Alcance-me!, disse o lobo com severidade. Fiz o que me foi ordenado.

Eu estava arranhado e sujo, e tinha uma perna das calças rasgada no joelho quando cheguei à tenda. Panela estava de pé do lado de fora, à minha espera. A fogueira fora alimentada para servir de farol. Ao vê-la, as batidas do meu coração diminuíram um pouco. Quase acreditara que eles estivessem sendo atacados.

— O que há de errado? — perguntei enquanto corria até junto dela.

— O Bobo — disse ela, e acrescentou: — Ouvimos um alarido e corremos para fora. Então ouvi o lobo rosnando. Fomos na direção do som e encontramos o Bobo. — Sacudiu a cabeça. — Não tenho certeza do que lhe aconteceu.

Comecei a passar por ela na direção da tenda, mas ela agarrou o meu braço. Era surpreendentemente forte para uma velha. Parou-me para que eu a encarasse.

— Você foi atacado? — perguntou.

— De certo modo. — Contei-lhe rapidamente o que acontecera. Os seus olhos se arregalaram quando falei daquela onda de Talento.

Quando terminei, ela assentiu para si mesma, confirmando sombriamente as

suas suspeitas.

— Eles tentaram alcançar você e no lugar apanharam o Bobo. Ele não faz a menor ideia de como se proteger. Pelo que sei, eles ainda o têm em seu poder.

— O quê? Como? — perguntei, entorpecido.

— Lá atrás, na praça. Vocês dois estiveram ligados pelo Talento, ainda que brevemente, através da força da pedra e da força de quem vocês são. Isso deixa uma… espécie de caminho. Quanto mais frequentemente duas pessoas se ligam, mais forte ele se torna. Com frequência transforma-se num vínculo, como um vínculo de círculo. Outros possuidores de Talento conseguem ver esses vínculos, se os procurarem. É frequente que sejam como portas dos fundos, entradas desprotegidas para a mente de um Talentoso. Desta vez, no entanto, eu diria que encontraram o Bobo em vez de você.

A expressão no meu rosto a fez largar o meu braço. Entrei na tenda. Havia um minúsculo fogo ardendo no braseiro. Kettricken estava ajoelhada ao lado do Bobo, falando-lhe numa voz baixa e determinada. Esporana estava sentada imóvel nos seus cobertores, pálida e fitando-o, enquanto o lobo percorria incansavelmente o interior apinhado da tenda. Ainda tinha os pelos bem eriçados.

Fui rapidamente me ajoelhar junto ao Bobo. Ao primeiro vislumbre que tive dele, recuei. Esperara vê-lo deitado em uma inconsciência flácida. Mas, em vez disso, ele estava rígido, com os olhos abertos e aos saltos, como se estivesse observando algum terrível combate que nós não podíamos testemunhar. Toquei no seu braço. A rigidez dos seus músculos e a frieza do seu corpo me lembraram um cadáver.

— Bobo? — perguntei. Ele não deu qualquer sinal de ter me ouvido. — Bobo! — gritei mais alto, e me debrucei sobre ele. Sacudi-o, a princípio ligeiramente, e então com mais violência. Não fez efeito.

— Toque-o e contacte-o pelo Talento — instruiu-me bruscamente Panela. — Mas tenha cuidado. Se ainda o tiverem, você também estará se colocando em risco.

Envergonha-me dizer que congelei por um momento. Por mais que gostasse do Bobo, ainda temia Vontade. Por fim, estendi a mão, um segundo e uma eternidade mais tarde, para colocá-la na sua testa.

— Não tenha medo — disse-me Panela inutilmente. E depois acrescentou algo que quase me paralisou. — Se eles ainda o têm e o controlam, é só questão de tempo até usarem a ligação entre vocês para também o levarem. A sua única chance é enfrentá-los de dentro da mente dele. Vá em frente.

Ela colocou a mão no meu ombro e, por um momento arrepiante, foi a mão de Sagaz no meu ombro, sugando de mim força de Talento. Então ela me deu uma palmadinha reconfortante. Fechei os olhos, senti a testa do Bobo sob a minha mão. Abaixei as muralhas de Talento.

O rio de Talento corria, em cheia, e eu caí nele. Um momento para obter orientação. Passei por um instante de terror quando detectei Vontade e Emaranhado nos limites da minha percepção. Estavam em uma grande agitação a respeito de alguma coisa. Afastei-me deles como se tivesse roçado em um forno quente e estreitei o meu foco. O Bobo, o Bobo, só o Bobo. Procurei-o, quase o encontrei. Oh, ele era mais que estranho, ultrapassava a estranheza. Fugia e se esquivava de mim, como uma carpa dourada cheia de vida em uma lagoa cheia de plantas, como os grãos de pó que dançam diante dos nossos olhos antes de serem ofuscados pelo sol. Mais valia tentar agarrar o reflexo da lua em um charco parado à meia-noite do que tentar pegar aquela mente viva. Percebi sua beleza e seu poder nos mais breves clarões de discernimento. Em um momento compreendia e me maravilhava com tudo o que ele era, e no seguinte esquecera todo esse entendimento.

Então, com um discernimento digno do jogo das pedras, soube o que fazer. Em vez de tentar apanhá-lo, cerquei-o. Não fiz qualquer esforço para invadir ou capturar, mas apenas para abarcar tudo o que via dele e mantê-lo separado do mal. Aquilo me lembrava a época em que aprendera a usar o Talento. Veracidade fizera aquilo comigo com frequência, ajudando-me a me conter quando a corrente de Talento ameaçava me espalhar pelo mundo. Equilibrei o Bobo, enquanto ele se recompunha e voltava a ser ele mesmo.

De repente, senti uma mão fria no pulso.

— Pare — suplicou ele com suavidade. — Por favor — acrescentou, e o fato de ele achar que precisava daquela palavra me afetou. Retirei-me da minha busca e abri os olhos. Pisquei algumas vezes, e então fiquei surpreso por me ver tremendo com o suor frio que me envolvia. Era impossível ao Bobo parecer mais pálido do que era sempre, mas havia uma expressão indecisa nos seus olhos e na boca, como se não tivesse certeza de estar acordado. Os meus olhos cruzaram-se com os seus e senti quase um solavanco de consciência dele. Um vínculo de Talento, fino como um fio, mas presente. Se os meus nervos não estivessem tão expostos por tentar alcançá-lo, provavelmente não o teria sentido.

— Não gostei daquilo — disse ele em voz baixa.

— Lamento — disse-lhe com suavidade. — Pensei que eles o tinham agarrado, então fui à sua procura.

Ele fez um gesto débil com a mão.

— Oh, não é você. Eu me referia aos outros. — Engoliu em seco, como se sentisse náuseas. — Estavam dentro de mim. Na minha mente, nas minhas recordações. Quebrando e sujando tudo como crianças malvadas e desobedientes. Eles… — Seus olhos ficaram apáticos.

— Foi Emaranhado? — sugeri com brandura.

— Ah. Sim. É esse o seu nome, embora ele quase não se lembre de si mesmo atualmente. Vontade e Majestoso o capturaram para obedecer aos seus próprios fins. Entraram em mim através dele, pensando que haviam encontrado você… — Sua voz foi desaparecendo. — Pelo menos é o que parece. Como eu poderia saber de uma coisa dessas?

— O Talento traz estranhas revelações. Eles não podem dominar a sua mente sem mostrarem muito das suas — informou Panela a contragosto. Tirou uma pequena vasilha de água fumegante do braseiro. Dirigindo-se a mim, acrescentou: — Dê-me o seu casco-de-elfo.

Estendi imediatamente a mão para a minha trouxa para pegá-lo, mas não consegui resistir e lhe perguntei, em tom de censura:

— Achei que você havia dito que essa erva não era benéfica.

— E não é — disse ela secamente. — Para utilizadores do Talento. Mas a ele pode dar a proteção que não pode obter por si próprio. Não tenho dúvida de que eles irão fazer outra tentativa como esta. Se conseguirem invadi-lo, ainda que por um momento, irão usá-lo para encontrar você. É um velho truque.

— Um truque de que eu nunca havia ouvido falar — observei enquanto lhe entregava o meu saco de casco-de-elfo. Ela colocou um pouco em um copo e acrescentou água fervente. Então enfiou calmamente o meu saco de ervas na sua trouxa. Era evidente que não se tratava de distração, e achei inútil pedi-lo de volta.

— Como você sabe tanto sobre assuntos de Talento? — perguntou-lhe o Bobo sem rodeios. Estava recuperando um pouco do seu vigor.

— Talvez tenha aprendido escutando em vez de passar o tempo todo fazendo perguntas pessoais — respondeu ela com dureza. — E agora, você vai beber isto — acrescentou, como se considerasse o assunto encerrado. Se eu não estivesse tão ansioso, teria sido divertido ver o Bobo sendo subjugado de uma forma tão hábil.

O Bobo pegou o copo, mas olhou para mim.

— O que foi aquilo que aconteceu no fim? Eles haviam me agarrado, e então, de repente, foi tudo terremoto, inundação e incêndio ao mesmo tempo. — Uniu

as sobrancelhas. — E depois desapareci, espalhado. Não conseguia me encontrar. Então você chegou…

— Alguém se importa de me explicar o que aconteceu esta noite? — perguntou Kettricken, um pouco impaciente.

Eu estava meio convencido de que Panela responderia, mas ela manteve-se em silêncio.

O Bobo abaixou a sua caneca de chá.

— É algo difícil de explicar, minha rainha. Foi como dois rufiões entrando no seu quarto, arrastando-me para fora da cama e sacudindo-me enquanto não paravam de me chamar pelo nome de outra pessoa. E quando descobriram que eu não era Fitz, ficaram muito irritados comigo. Depois veio o terremoto e fui largado. Ao longo de vários lances de escadas. Falando metaforicamente, claro.

— Eles o largaram? — perguntei, deleitado. Virei-me no mesmo instante para Panela. — Então não são tão espertos quanto você temia!

Panela franziu o cenho para mim.

— Nem você tão esperto quanto eu esperava — resmungou sombriamente. — Eles o largaram? Ou terá sido uma explosão de Talento que os fez soltá-lo? E se foi, de quem era esse poder?

— De Veracidade — eu disse, com súbita certeza. A compreensão tomou conta de mim. — Eles também atacaram Veracidade esta noite! E ele os derrotou!

— De que você está falando? — perguntou Kettricken com a sua voz de rainha. — Quem atacou o meu rei? Que conhecimento sobre esses outros que atacam o Bobo tem Panela?

— Nenhum conhecimento pessoal, minha senhora, posso garantir! — declarei apressadamente.

— Oh, cale a boca! — vociferou Panela. — Minha rainha, eu tenho um conhecimento de erudito, por assim dizer, de alguém que estudou, mas nada pode fazer. Desde que Profeta e Catalisador se juntaram naquele momento, na praça, temi que pudessem partilhar de um vínculo que os utilizadores do Talento podiam usar contra eles. Mas ou o círculo não sabe disso, ou então houve alguma coisa que os distraiu esta noite. Talvez a onda de Talento de que Fitz falou.

— Esta onda de Talento… Acredita que foi obra de Veracidade? — A respiração de Kettricken tornou-se rápida de súbito, as suas cores ficaram mais vivas.

— Somente dele senti uma força assim — disse-lhe.

— Então ele está vivo — disse ela em voz baixa. — Está vivo.

— Talvez — disse Panela com amargura. — Criar uma explosão de Talento como aquela pode matar um homem. E pode não ter sido Veracidade. Pode ter sido um esforço fracassado por parte de Vontade e Majestoso para apanhar Fitz.

— Não. Eu lhe disse. A explosão os espalhou como palha ao vento.

— E eu lhe disse. Eles podem ter se destruído ao tentarem matá-lo.

Achei que Kettricken a repreenderia, mas tanto ela como Esporana a fitavam de olhos arregalados, atônitas com a súbita afirmação de conhecimentos sobre o Talento que Panela possuía.

— Que gentil da parte de vocês terem me prevenido tão bem — disse o Bobo com uma cortesia mordaz.

— Eu não sabia… — comecei a protestar, mas uma vez mais Panela passou por cima de mim.

— De nada teria servido avisá-lo, exceto para deixar a sua mente concentrada no assunto. Podemos fazer esta comparação. Foram necessários os esforços de todos nós para manter Fitz concentrado e são na estrada do Talento. Ele nunca teria sobrevivido à sua viagem até a cidade se os seus sentidos não tivessem sido primeiro entorpecidos com casco-de-elfo. Mas estes outros viajam pela estrada e usam os sinalizadores de Talento à vontade. É óbvio que a sua força se sobrepõe em muito à de Fitz. Ah, o que fazer, o que fazer?

Ninguém respondeu àquele questionamento. Ela ergueu repentinamente olhos acusadores para o Bobo e para mim.

— Isso não pode estar certo. Simplesmente não pode estar certo. O Profeta e o Catalisador, e vocês são pouco mais do que garotos. Ainda de virilidade imatura, sem treino no Talento, cheios de travessuras e angústias de amor. E são estes os que foram enviados para salvar o mundo?

O Bobo e eu trocamos olhares, e o vi respirando fundo para responder a ela. Porém, nesse momento, Esporana estalou os dedos.

— E é isso o que faz a canção! — exclamou de repente, com o rosto transfigurado de júbilo. — Não será uma canção de força heroica e guerreiros de músculos poderosos. Não. Uma canção sobre duas pessoas, agraciadas apenas com a força da amizade. Cada um possuído de uma lealdade a um rei que não podia ser negada. E isso no refrão… “Ainda de virilidade imatura”, alguma coisa, ah…

O Bobo apanhou o meu olhar, olhou de forma significativa para baixo.

— Virilidade imatura? Eu realmente devia ter lhe mostrado — disse em voz baixa. E, apesar de tudo, apesar até do olhar carrancudo da minha rainha, caí na gargalhada.

— Oh, parem com isso — repreendeu-nos Panela, com tamanho desânimo na voz que fiquei sério de imediato. — Não é hora nem para canções, nem para velhacarias. Será que vocês dois são tolos demais para verem o perigo em que se encontram? O perigo em que colocam todos nós com a sua vulnerabilidade? — Observei enquanto ela tirava com relutância o meu casco-de-elfo da trouxa de novo e o colocava na chaleira para ferver. — É a única coisa que consigo pensar em fazer — desculpou-se a Kettricken.

— Que coisa é essa? — perguntou esta.

— Drogar pelo menos o Bobo com casco-de-elfo. Isso irá deixá-lo surdo a eles e esconderá deles os seus pensamentos.

— O casco-de-elfo não funciona assim! — objetei com indignação.

— Ah, não? — Panela virou-se ferozmente contra mim. — Então por que é tradicionalmente usado há anos precisamente para esse fim? Dado a um bastardo real jovem o bastante, podia destruir qualquer potencial que ele pudesse ter para usar o Talento. Isso era feito com bastante frequência.

Sacudi a cabeça em um desafio.

— Eu o uso há anos, para restaurar as minhas forças depois de usar o Talento. Veracidade também. E nunca…

— Por amor da doce Eda! — exclamou Panela. — Diga-me que está mentindo, por favor!

— Por que eu mentiria sobre isso? O casco-de-elfo reanima as forças de um homem, embora depois de ser usado possa causar um estado de espírito melancólico. Eu levava com frequência chá de casco-de-elfo a Veracidade na sua torre do Talento, para sustentá-lo. — Minha narração vacilou. A consternação no rosto de Panela era sincera demais. — O quê? — perguntei em voz baixa.

— O casco-de-elfo é bem conhecido entre os Talentosos como algo a ser evitado — disse ela numa voz suave. Ouvi cada palavra, pois ninguém na tenda parecia sequer estar respirando. — Ele insensibiliza quem o toma para o Talento, de modo que nem ele possa utilizar o Talento pessoalmente, nem outros consigam atravessar o nevoeiro que causa para contactá-lo por essa via. Dizem que a erva tolhe ou destrói o Talento nos jovens, e que impede o seu desenvolvimento em utilizadores mais velhos. — Olhou-me com piedade nos olhos. — Você já deve ter sido fortemente talentoso, para manter mesmo a aparência de usar o Talento.

— Não pode ser… — eu disse debilmente.

— Pense — pediu-me ela. — Alguma vez sentiu a sua força de Talento aumentar depois de tomar casco-de-elfo?

— Então e o meu senhor, Veracidade? — perguntou de súbito Kettricken.

Panela encolheu relutantemente os ombros. Virou-se para mim.

— Quando ele começou a usá-lo?

Foi difícil concentrar a minha mente nas suas palavras. Tantas coisas se encontravam de repente sob uma luz diferente. O casco-de-elfo sempre me limpara a cabeça da dor que um uso pesado do Talento trazia. Mas eu nunca tentara usá-lo imediatamente depois de ter ingerido casco-de-elfo. Sabia que Veracidade tentara. Mas não sabia com que sucesso. A minha capacidade errática para o Talento… poderia ter sido devido ao uso de casco-de-elfo? A imensa consciência de que Breu cometera um erro ao dá-lo a Veracidade e a mim foi como um raio. Breu cometera um erro. De algum modo, nunca me ocorrera que Breu pudesse estar errado ou enganado. Breu era o meu mestre, Breu lia e estudava e conhecia todos as antigas tradições. Contudo, nunca fora ensinado a usar o Talento. Bastardo como eu, nunca fora ensinado a usar o Talento.

— FitzCavalaria! — a ordem de Kettricken me sobressaltou de volta a mim.

— Hum, pelo que sei, Veracidade começou a usá-lo nos primeiros anos da guerra. Quando era o único utilizador do Talento a se interpor entre nós e os Navios Vermelhos. Creio que ele nunca usara o Talento tão intensamente como naquela época, nem ficara tão exausto por isso. Então Breu começou a lhe dar casco-de-elfo. Para que mantivesse as suas forças.

Panela piscou algumas vezes.

— Sem ser usado, o Talento não se desenvolve — disse, quase para si mesma. — Usado, cresce, e começa a se afirmar, e aprendemos, quase por instinto, os muitos usos em que podemos empregá-lo. — Dei por mim respondendo às suas palavras brandas com um leve aceno de cabeça. Seus olhos idosos ergueram-se de súbito ao encontro dos meus. Falou sem reservas. — O mais provável é que vocês dois estejam atrofiados. Pelo casco-de-elfo. Veracidade, como homem feito, pode ter se recuperado. Pode ter visto o seu Talento crescer no tempo que passou longe da erva. Assim como parece ter acontecido com você. Ele certamente parece ter dominado a estrada sozinho. — Suspirou. — Mas eu suspeito de que estes outros não a usaram, e as suas capacidades e uso do Talento cresceram e deixaram as suas para trás. De modo que agora tem uma escolha, FitzCavalaria, e só você pode fazê-la. O Bobo nada tem a perder com o uso da droga. Ele não é capaz de usar o Talento, e ao ingeri-la pode evitar que o círculo volte a encontrá-lo. Mas você… Eu posso lhe dar isto, e isto irá insensibilizá-lo para o Talento. Será mais difícil para eles o alcançarem, e muito mais difícil para você alcançar alguém. Pode ficar mais seguro dessa forma. Mas

estará mais uma vez contrariando as suas capacidades. Uma quantidade suficiente de casco-de-elfo pode matá-las por completo. E só você pode escolher.

Baixei os olhos para as mãos. Então os ergui para o Bobo. Mais uma vez, os nossos olhos se encontraram. Tateei hesitante na direção dele com o meu Talento. Nada senti. Talvez fossem apenas as minhas aptidões erráticas me iludindo outra vez. Contudo, parecia provável que Panela tivesse razão; o casco-de-elfo que o Bobo acabara de beber o insensibilizara para mim.

Enquanto Panela falara, ela estivera ocupada tirando a chaleira do fogo. O Bobo lhe estendeu o copo sem uma palavra. Ela lhe deu mais uma pitada da casca amarga e voltou a encher o copo de água. Depois olhou para mim, numa espera silenciosa. Eu olhei para os rostos que me observavam, mas não encontrei ajuda ali. Tirei uma caneca da pilha de louça. Vi a velha face de Panela escurecer e os seus lábios se apertarem, mas ela não me disse nada. Apenas estendeu a mão para a bolsa de casco-de-elfo, mexendo os dedos para chegar ao fundo, onde a casca se esmagara até se transformar em pó. Olhei para a caneca vazia, à espera. Lancei de novo um olhar a Panela.

— Você disse que a explosão de Talento pode tê-los destruído?

Panela sacudiu lentamente a cabeça.

— Não é algo com que se possa contar.

Não havia nada com que eu pudesse contar. Nada que fosse certo.

Então larguei a caneca e me arrastei até os meus cobertores. Fiquei tremendamente cansado de repente. E assustado. Sabia que Vontade estava lá fora em algum lugar, à minha procura. Eu podia me esconder no casco-de-elfo, mas isso poderia não ser suficiente para afastá-lo. Poderia apenas enfraquecer contra ele as minhas defesas já prejudicadas. Abruptamente, soube que não iria dormir nada naquela noite.

— Eu fico de vigia — disse, e me levantei de novo.

— Ele não devia ficar sozinho — disse Panela num tom rabugento.

— O lobo ficará de vigia com ele — disse-lhe Kettricken com confiança. — Ele pode ajudar Fitz contra este círculo desleal como ninguém mais pode.

Perguntei-me como ela sabia aquilo, mas não me atrevi a perguntar. Em vez disso, peguei o manto e fui para fora, para junto da fogueira que se apagava, de vigia e à espera como um homem condenado.

CAPÍTULO 32

Praia do Capelim

A Manha é encarada com grande desdém. Em certas áreas, é vista como uma perversão, sendo contadas histórias sobre Manhosos que acasalam com animais para conquistar a sua magia, ou que oferecem sacrifícios de sangue de crianças humanas para obter a dádiva das línguas de animais e aves. Alguns contadores de histórias falam de acordos celebrados com antigos demônios da terra. Na verdade, creio que a Manha é a magia mais natural que alguém pode reclamar para si. É a Manha que permite que um bando de pássaros em voo vire de repente como um só, ou um cardume de jovens salmões se mantenha junto num riacho de correnteza rápida. É também a Manha que envia uma mãe para junto da cama do seu filho precisamente na hora em que o bebê acorda. Creio que ela se encontra no âmago de toda a comunicação desprovida de palavras, e que todos os seres humanos possuem uma pequena aptidão para ela, quer seja reconhecida, quer não.



No dia seguinte, alcançamos mais uma vez a estrada do Talento. Enquanto passávamos com dificuldade pelo sinistro pilar de pedra, senti-me sendo atraído para ele.

— Veracidade pode estar só a um passo de mim.

Panela bufou.

— Ou a sua morte. Será que perdeu completamente o juízo? Acha que há algum utilizador do Talento que seja capaz de resistir a um círculo treinado?

— Veracidade resistiu — respondi, pensando em Vaudefeira e em como ele me salvara. Durante o resto dessa manhã, ela caminhou com uma expressão pensativa no rosto.

Não me esforcei para fazê-la falar, pois eu carregava o meu próprio fardo. Senti em mim uma enervante sensação de perda. Era como a sensação irritante de saber que me esquecera de alguma coisa, mas ser incapaz de me lembrar do quê. Deixara algo para trás. Ou então me esquecera de fazer algo importante,

algo que pretendia fazer. Pelo fim da tarde, com uma sensação de desânimo, percebi o que me faltava.

Veracidade.

Quando ele estivera comigo, eu raramente tivera certeza da sua presença. Pensara nele como uma semente escondida esperando se abrir. As muitas vezes que o procurara dentro de mim e falhara em encontrá-lo de repente perderam todo o significado. Aquela não era uma dúvida ou uma interrogação. Era uma certeza crescente. Veracidade estivera comigo durante mais de um ano. E agora desaparecera.

Isso significava que ele estava morto? Não podia ter certeza. Aquela imensa onda de Talento que eu sentira poderia ter sido ele. Ou algo mais, algo que o forçara a recolher-se para dentro de si mesmo. Provavelmente não passava disso. Era um milagre que o seu toque de Talento tivesse durado tanto tempo em mim como durara. Por várias vezes comecei a falar sobre isso com Panela ou Kettricken. Em todas as vezes, não consegui justificá-lo. O que diria? Que antes disso eu não sabia dizer se Veracidade estava comigo e agora não conseguia senti-lo? À noite, junto às fogueiras, estudei as rugas no rosto de Kettricken e perguntei a mim mesmo de que serviria lhe aumentar as preocupações, de modo que empurrei as minhas para dentro e me mantive em silêncio.

Dificuldades contínuas geram monotonia e dias que se emendam na história. O tempo estava chuvoso, de uma maneira vacilante e ventosa. As nossas provisões estavam precariamente reduzidas, de modo que os legumes que conseguíamos colher enquanto caminhávamos e a carne que Olhos-de-Noite e eu conseguíssemos abater à noite tornaram-se importantes para nós. Eu caminhava ao lado da estrada e não nela, mas me mantinha constantemente consciente do seu murmúrio de Talento, como o sussurro de um rio de água ao meu lado. O Bobo foi mantido bem medicado com chá de casco-de-elfo. Ele logo começou a exibir tanto a energia sem limites como o humor sombrio que eram propriedades do casco-de-elfo. No caso do Bobo, isso queria dizer pulos e acrobacias intermináveis enquanto abríamos caminho ao longo da estrada do Talento, e um toque cruelmente amargo no seu humor e língua. Gracejava com muita frequência sobre a futilidade da nossa demanda e respondia com violento sarcasmo a qualquer comentário encorajador. Ao final do segundo dia, ele me lembrava apenas uma criança malcriada. Não dava ouvidos às censuras de ninguém, nem mesmo às de Kettricken, e não se lembrava de que o silêncio podia ser uma virtude. Não era tanto que eu temesse que a sua incessante tagarelice e canções picantes pudessem fazer o círculo cair sobre nós, mas me

preocupava com a possibilidade de que o seu ruído constante pudesse esconder de nós a sua aproximação. Suplicar para que falasse baixo teve tão pouco sucesso como berrar para que se calasse. Deu-me de tal modo nos nervos que sonhei em estrangulá-lo, e não acho que eu estivesse sozinho nesse impulso.

O tempo mais suave foi a única melhora que o nosso grupo teve nesses longos dias em que seguimos a estrada do Talento. A chuva tornou-se mais ligeira e mais intermitente. As folhas abriram-se nas árvores de folha caduca que flanqueavam a estrada e as colinas à nossa volta enverdeceram quase que da noite para o dia. A saúde das jepas melhorou com o pasto e Olhos-de-Noite encontrou caça pequena em abundância. As horas mais curtas de sono começaram a pesar em mim, mas deixar o lobo caçar sozinho não teria solucionado esse problema. Pior, Panela temia me deixar dormir.

Por iniciativa própria, a velha tomou a minha mente ao seu cargo. Eu me ressentia disso, mas não era estúpido o suficiente para resistir. Tanto Kettricken como Esporana haviam aceitado os seus conhecimentos sobre o Talento. Já não me era permitido sair sozinho, ou só na companhia do Bobo. Quando o lobo e eu caçávamos à noite, Kettricken ia conosco. Esporana e eu dividíamos um turno de vigia, durante o qual, por insistência de Panela, ela mantinha a minha mente ocupada com o aprendizado tanto de canções como de histórias do seu repertório. Durante as minhas breves horas de sono, Panela me vigiava, com um escura infusão de casco-de-elfo junto ao cotovelo que, se necessário, podia despejar pela minha goela abaixo e apagar o Talento. Tudo isto era irritante, mas era pior durante o dia, quando caminhávamos juntos. Não me era permitido falar de Veracidade ou do círculo, ou de qualquer coisa que pudesse tocar neles. Em vez disso, trabalhávamos juntos em problemas do jogo, ou colhíamos ervas à beira da estrada para a refeição da noite, ou então eu recitava as histórias de Esporana. A qualquer momento em que suspeitasse que a minha mente não estava completamente concentrada nela, Panela podia me dar uma forte pancada com o bastão. Nas poucas vezes que tentei conduzir a conversa com perguntas sobre o seu passado, ela me informou altivamente que isso podia levar precisamente aos temas que tínhamos de evitar.

Não há tarefa mais complicada do que evitar pensar em qualquer coisa. No meio das minhas tarefas, a fragrância de uma flor me trazia Moli à mente, e dali ia para Veracidade, que me chamara para longe dela, era só um passo. Ou uma tagarelice casual do Bobo trazia aos meus pensamentos a tolerância do Rei Sagaz pela sua zombaria, e me fazia lembrar do modo como o meu rei morrera e nas mãos de quem. O pior de tudo era o silêncio de Kettricken. Ela já não podia

me falar sobre a sua ansiedade por Veracidade. Não conseguia olhá-la sem sentir como ansiava por encontrá-lo, e então me censurava por pensar nele. E foi assim que os longos dias da nossa viagem passaram para mim.

A paisagem à nossa volta mudou gradualmente. Demos por nós descendo cada vez mais para o interior de vales sinuosos atrás de vales sinuosos. Durante algum tempo, a estrada que percorríamos seguiu paralela a um rio de um cinza leitoso. Em certos locais, as suas subidas e descidas haviam devorado a estrada que o ladeava até esta já não ser mais do que um caminho. Por fim chegamos a uma imensa ponte. Quando a vislumbramos a distância pela primeira vez, a delicadeza de teia de aranha do seu vão me lembrou ossos, e eu temi que a encontraríamos reduzida a fragmentos lascados de madeiramentos erguidos para o céu. Mas, em vez disso, cruzamos uma obra que arqueava desnecessariamente alto sobre o rio, como que em júbilo por poder fazê-lo. A estrada sobre a qual atravessamos brilhava, negra e cintilante, enquanto as arcadas que a adornavam por cima e por baixo da extensão eram de um cinza pulverolento. Não consegui identificar o material de que fora feita, se seria um metal verdadeiro ou uma pedra estranha, pois tinha mais o aspecto de um fio tecido do que de metal batido ou rocha cinzelada. A elegância e graça da ponte conseguiu até silenciar o Bobo durante algum tempo.

Depois da ponte, subimos uma série de pequenas colinas, apenas para começar outra descida. Desta vez, o vale era estreito e profundo, uma fenda na terra de lados íngremes, como se algum gigante a tivesse aberto há muito com um machado de guerra. A estrada agarrava-se a um dos lados e o seguia inexoravelmente para baixo. Pouco conseguíamos ver do local para onde íamos, pois o próprio vale parecia cheio de nuvens e vegetação. Isso me confundiu até que o primeiro regato de água quente cortou o nosso caminho. Borbulhava vaporoso de uma nascente que se abria bem ao lado da estrada, mas há muito desdenhara as paredes ornamentadas do canal de drenagem que algum engenheiro desaparecido elaborara para contê-lo. O Bobo fez um grande espetáculo com o seu cheiro, indagado se deveria ser atribuído a ovos podres ou a alguma flatulência da própria terra. Dessa vez, nem mesmo a sua grosseria me fez sorrir. Para mim era como se as suas patifarias tivessem se prolongado demais, a alegria tivesse desaparecido, restando apenas a rudeza e a crueldade.

No início da tarde chegamos a uma região de lagoas fumegantes. A atração da água quente era grande demais para se resistir e Kettricken nos deixou montar o acampamento cedo. Tivemos o conforto da água quente, de que há muito tínhamos saudades, para nela encharcarmos os nossos corpos cansados, embora

o Bobo tivesse desdenhado dela devido ao cheiro. A mim não cheirava pior do que as águas fumegantes que se erguiam da terra para alimentar os banhos em Jhaampe, mas dessa vez fiquei contente por me privar da sua companhia. Ele partiu em busca de alguma água potável, enquanto as mulheres ocuparam a lagoa maior e eu procurei a relativa privacidade de uma menor a alguma distância. Fiquei de molho durante algum tempo, e então decidi sacudir um pouco da sujeira das minhas roupas. O fedor mineral da água era muito menor do que o odor que o meu corpo deixara nelas. Feito isso, estendi os meus trajes na relva para secar e fui me deitar de novo na água. Olhos-de-Noite veio sentar-se na margem para me observar, confuso, com a cauda bem aconchegada em torno das patas.

É bom, disse-lhe sem necessidade, pois sabia que ele conseguia captar o meu prazer.

Deve ter alguma coisa a ver com a sua falta de pelo, concluiu ele por fim.

Entre que eu o esfrego. Vai ajudá-lo a soltar a pelagem de inverno, sugeri.

Ele deu uma fungada de desdém. *Acho que prefiro soltá-la um pouco de cada vez enquanto me coço.*

Bem, você não precisa ficar aí sentado me vendo e ficando entediado. Vá caçar, se quiser.

Eu ia, mas a fêmea alta me pediu para vigiá-lo. Portanto, vigiarei.

Kettricken?

É assim que você a chama.

Como ela lhe pediu?

Ele me lançou um olhar confuso. *Como você pediria. Olhou para mim, e eu soube o que ela tinha em mente. Estava preocupada por você estar sozinho.*

Ela sabe que você a ouve? Ela o ouve?

Quase, às vezes. Deitou-se de repente na relva e se espreguiçou, enrolando a sua língua rosa. *Quando a sua parceira lhe pedir para me deixar de lado, talvez me vincule a ela.*

Isso não tem graça.

Ele não me respondeu, mas se deitou de costas e começou a rolar por ali, coçando o dorso. O assunto de Moli era agora uma ponta de mal-estar entre nós, uma brecha que eu não me atrevia a abordar e que ele espreitava obsessivamente. De repente desejei que fôssemos como antes, juntos e inteiros, vivendo apenas no agora. Recostei-me, pousando a cabeça na margem, meio dentro da água e meio fora. Fechei os olhos e não pensei em nada.

Quando os abri de novo, o Bobo estava de pé me olhando. Sobressaltei-me de

forma visível. Olhos-de-Noite também, levantando-se de um salto com um rosnado.

— Grande guardião — observei, dirigindo-me ao Bobo.

Ele não tem cheiro e caminha com mais leveza do que a neve caindo!, protestou o lobo.

— Ele está sempre com você, não está? — observou o Bobo.

— De uma forma ou de outra — concordei, e me recostei na água. Teria de sair em breve. O fim da tarde estava se transformado em noite. O frio adicional no ar tornava a água quente mais calmante. Passado um momento, olhei o Bobo de relance. Continuava simplesmente de pé me encarando. — Há algo de errado? — perguntei-lhe.

Ele fez um gesto inconclusivo, e então se sentou desajeitadamente na margem.

— Tenho pensado na sua garota veleira — disse de súbito.

— Tem, é? –perguntei em voz baixa. — Tenho feito o possível para não pensar nela.

Ele pensou naquilo por um momento.

— Se você morrer, o que será dela?

Rolei sobre mim mesmo, virando-me de bruços e me apoiando nos braços para fitar o Bobo. Eu mais ou menos esperava que aquilo fosse o início de algum novo gracejo seu, mas o seu rosto estava grave.

— Bronco tomará conta dela — respondi em voz baixa. — Enquanto ela precisar de ajuda. É uma mulher capaz, Bobo. — Após um momento de reflexão, acrescentei: — Ela tomou conta de si mesma durante anos antes… Bobo, eu nunca tomei realmente conta dela. Estava perto dela, mas ela sempre se valeu de si mesma. — Senti-me ao mesmo tempo envergonhado e orgulhoso por tal mulher ter gostado de mim.

— Mas você ia pelo menos querer que eu lhe enviasse a notícia, não?

Sacudi lentamente a cabeça.

— Ela acredita que estou morto. Os dois acreditam. Se eu realmente morrer, preferiria deixá-la acreditar que morri nas masmorras de Majestoso. Pois saber do contrário só faria com que ela me visse com olhos ainda piores. Como você poderia lhe explicar o fato de eu não ter ido imediatamente até ela? Não. Se alguma coisa me acontecer, não quero que nenhuma história lhe seja contada. — A tristeza tomou conta de mim mais uma vez. E se sobrevivesse e voltasse para ela? Pensar nisso era quase pior. Tentei imaginar me apresentando e lhe explicando que mais uma vez colocora o meu rei à sua frente. Fechei os olhos com força ao pensar nisso.

— Mesmo assim, quando tudo isso terminar, eu gostaria de vê-la de novo — observou o Bobo.

Abri os olhos.

— Você? Não sabia sequer que vocês haviam falado um com o outro.

O Bobo pareceu um pouco apanhado de surpresa com isso.

— Mas, quer dizer, seria por você. Para ver com meus próprios olhos que ela está bem cuidada.

Senti-me estranhamente comovido.

— Não sei o que dizer — falei.

— Então não diga nada. Apenas me diga onde posso encontrá-la — sugeriu ele com um sorriso.

— Eu mesmo não sei ao certo — admiti. — Breu sabe. Se… se eu não sobreviver àquilo que temos de fazer, pergunte a ele. — Parecia de mau agouro falar da minha própria morte, de modo que acrescentei: — Claro, ambos sabemos que sobreviveremos. Está profetizado, não está?

Ele me lançou um olhar estranho.

— Por quem?

O meu coração afundou.

— Por algum dos Profetas Brancos, eu esperava — resmunguei. Ocorreu-me que nunca perguntara ao Bobo se a minha sobrevivência fora profetizada. Nem todos os homens sobrevivem à vitória em uma batalha. Encontrei a minha coragem. — Está previsto que o Catalisador sobrevive?

Ele pareceu pensar com afinco. De repente, observou:

— Breu leva uma vida perigosa. Também não há certeza de que ele sobreviva. E se não sobreviver, bem, certamente você deve fazer alguma ideia de onde a garota está. Não quer me dizer?

Que ele não tivesse respondido à minha pergunta de súbito pareceu ser resposta suficiente. O Catalisador não sobrevivia. Era como ser atingido por uma onda fria de água salgada. Senti que caía naquele frio conhecimento, que me afogava nele. Nunca pegaria a minha filha ao colo, nunca mais sentiria o calor de Moli. Foi quase uma dor física, e isso me deixou tonto.

— FitzCavalaria? — pressionou o Bobo. Ergueu uma mão de repente para cobrir bem a boca, como se não pudesse falar mais. A outra mão ergueu-se de súbito para agarrar o seu pulso. Pareceu nauseado.

— Está tudo bem — eu disse debilmente. — Talvez seja melhor que eu saiba o que está por vir. — Suspirei e fiz um esforço para pensar. — Ouvi-os falar de uma aldeia. Bronco vai lá para comprar coisas. Não pode ser longe. Podia

começar por ali.

O Bobo me deu um minúsculo aceno de encorajamento. Tinha lágrimas nos olhos.

— Praia do Capelim — eu disse em voz baixa.

Ele ficou me fitando por mais um momento. Então, de repente, caiu para o lado.

— Bobo?

Não houve resposta. Levantei-me, com a água quente escorrendo de mim, e o observei. Estava deitado de lado como se dormisse.

— Bobo! — chamei, irritado. Quando continuou a não haver resposta, saí da lagoa e me aproximei dele. Estava deitado na margem relvada, imitando a respiração profunda e regular do sono. — Bobo? –perguntei de novo, meio à espera de que ele saltasse para cima de mim. Mas ele fez um gesto vago, como se eu estivesse perturbando os seus sonhos. Não há palavras para exprimir o quanto me irritou que ele pudesse passar de modo tão abrupto de uma conversa séria para algum tipo de patifaria. Porém, era típico do comportamento que tivera nos últimos dias. De repente deixou de haver qualquer descontração ou paz na água quente. Ainda pingando, comecei a recolher a minha roupa. Recusei-me a olhar para ele enquanto me esfregava e sacudia a maior parte da água do meu corpo. A roupa que vesti estava ligeiramente úmida, de qualquer forma. O Bobo continuava dormindo quando lhe dei as costas e caminhei de volta ao acampamento. Olhos-de-Noite me seguiu de perto.

É um jogo?, perguntou enquanto caminhávamos.

Uma espécie, suponho, respondi em poucas palavras. *Não é um jogo que eu aprecie.*

As mulheres já haviam regressado ao acampamento. Kettricken estava absorta no seu mapa enquanto Panela dava às jepas minúsculas rações dos cereais que restavam. Esporana estava sentada junto à fogueira, passando um pente pelo cabelo, mas ergueu os olhos quando me aproximei.

— O Bobo encontrou água limpa? — perguntou-me.

Encolhi os ombros.

— Da última vez que o vi, não. Pelo menos, se encontrou, não a estava carregando com ele.

— Seja como for, temos suficiente nos odres para nos arranjarmos. É só que prefiro água fresca para o chá.

— Eu também. — Sentei-me junto da fogueira e a observei. Parecia não dedicar nenhum pensamento aos dedos enquanto eles dançavam pelo seu cabelo,

enrolando em suaves tranças o cabelo brilhante de umidade. Enrolou-as em volta da cabeça e as prendeu bem.

— Detesto cabelo molhado batendo no meu rosto — observou, e percebi que eu a estivera olhando fixamente. Afastei o olhar, embaraçado.

— Ah, ele ainda consegue corar — ela riu. Depois acrescentou, sem rodeios: — Quer o pente emprestado?

Levei a mão ao meu cabelo úmido.

— Acho que devia aceitar — murmurei.

— Devia mesmo — concordou ela, mas não o entregou. Em vez disso, veio ajoelhar-se atrás de mim. — Como você fez tudo isso? — indagou-se em voz alta quando começou a empurrar o pente através do meu cabelo.

— Ele simplesmente fica assim — balbuciei. Os seus toques gentis, os suaves puxões pelo meu couro cabeludo, davam uma sensação incrivelmente boa.

— O problema é ser tão fino. Nunca conheci um homem de Cervo com um cabelo tão fino.

O meu coração moveu-se para o lado no peito. Uma praia de Cervo num dia ventoso, e Moli em uma manta vermelha ao meu lado, com a blusa meio desamarrada. Ela me dissera que eu era considerado a melhor coisa a sair dos estábulos desde Bronco. “Acho que é o seu cabelo. Não é tão áspero como o da maioria dos homens de Cervo”. Um breve interlúdio, feito de elogios de flerte e conversa fiada e do seu doce toque sob o céu aberto. Quase sorri. Mas não conseguia me lembrar desse dia sem me lembrar também de que, como em tantos dos momentos que passáramos juntos, terminara em discussão e em lágrimas. A minha garganta se fechou e sacudi a cabeça, tentando mandar as memórias para longe.

— Fique quieto — repreendeu-me Esporana com um puxão mais forte no meu cabelo. — Já quase o deixei liso. Prepare-se, este é o último nó. — Ela agarrou o meu cabelo por cima e rompeu o nó com um puxão rápido que quase não senti. — Dê-me a tira — disse, e a pegou de mim para amarrar de novo o meu cabelo.

Panela regressou depois de tratar das jepas.

— Alguma carne? — perguntou-me diretamente.

Suspirei.

— Ainda não. Logo — prometi. Levantei-me cansado.

— Vigie-o, lobo — pediu Panela a Olhos-de-Noite. Ele abanou a cauda ligeiramente e então me levou para fora do acampamento.

Já havia escurecido quando voltamos ao acampamento. Estávamos bastante satisfeitos conosco, pois trazíamos não coelho, mas uma criatura de cascos

fendidos bastante semelhante a um pequeno cabrito, só que com uma pelagem mais sedosa. Eu havia aberto a sua barriga no local onde o abatemos, tanto para permitir que Olhos-de-Noite comesse as entranhas, como para torná-lo mais leve para carregar. Coloquei a carne no ombro, mas me arrependi pouco depois. Qualquer que fosse a bicharada picadora que o animal tivesse transportado, ela ficara mais do que feliz em se transferir para o meu pescoço. Teria de me lavar de novo naquela noite.

Sorri para Panela quando ela veio ao meu encontro e lhe apresentei o cabrito para que o inspecionasse. Porém, em vez de parabéns, ela apenas perguntou:

— Tem mais casco-de-elfo?

— Eu lhe dei tudo o que tinha — disse-lhe. — Por quê? Acabou? Aquilo faz o Bobo se comportar de tal forma que a notícia quase me agrada.

Ela me lançou um olhar estranho.

— Vocês discutiram? — perguntou. — Você bateu nele?

— O quê? Claro que não!

— Nós o encontramos na beira da lagoa onde você tomou banho — disse ela em voz baixa. — Retorcendo-se no sono como um cão sonhando. Acordei-o, mas mesmo acordado ele parecia vago. Nós o trouxemos de volta, mas ele apenas foi atrás dos seus cobertores. Tem dormido como um morto desde então.

Havíamos chegado à fogueira e eu larguei o cabrito ao seu lado e corri para a tenda, com Olhos-de-Noite abrindo caminho à minha frente.

— Ele voltou à vida, mas só por um momento — prosseguiu Panela. — Depois caiu outra vez no sono. Comporta-se como um homem que se recupera de uma exaustão, ou de uma enfermidade muito longa. Temo por ele.

Quase não a ouvi. Dentro da tenda, caí de joelhos ao lado dele. Estava deitado de lado, enrolado como uma bola. Kettricken encontrava-se ajoelhada ao seu lado, com o rosto enevoado de preocupação. Ele parecia simplesmente um homem adormecido. O alívio lutou em mim com a irritação.

— Dei-lhe quase todo o casco-de-elfo — prosseguia Panela. — Se lhe der agora o que resta, não teremos reservas no caso de o círculo tentar atacá-lo.

— Não há nenhuma outra erva… — começou Kettricken, mas eu a interrompi.

— Por que não o deixamos simplesmente dormir? Isso talvez seja apenas o fim da sua outra doença. Ou talvez um efeito do próprio casco-de-elfo. Mesmo com drogas potentes, só se pode enganar o corpo durante algum tempo, depois ele deixa claras as suas exigências.

— Isso é verdade — concordou Panela com relutância. — Mas isso é tão incaracterístico dele…

— Ele tem andado incaracterístico desde o terceiro dia de uso de casco-de-elfo — observei. — Com a língua afiada demais, os gracejos cortantes demais. Se quiser saber, eu diria que atualmente o prefiro dormindo a acordado.

— Bem. Talvez haja alguma razão no que diz. Então vamos deixá-lo dormir — concedeu Panela. Respirou fundo, como que preparando-se para dizer mais alguma coisa, mas não o fez. Saí de novo para preparar o cabrito para ser cozinhado. Esporana me seguiu.

Durante algum tempo, ela apenas ficou em silêncio me vendo esfolá-lo. Não era um animal lá muito grande.

— Ajude-me a avivar a fogueira, e vamos assar o animal inteiro. A carne cozida durará mais com este tempo.

O animal inteiro?

Exceto uma porção generosa para você. Manuseei a faca em volta de uma articulação, soltei a canela e cortei o que restava da cartilagem.

Eu vou querer mais do que ossos, lembrou-me Olhos-de-Noite.

Confie em mim, disse-lhe. Quando terminei, ele tinha para si a cabeça, a pele, as quatro canelas e um quarto traseiro. Ficou complicado prender a carne em um espeto, mas consegui. O animal era jovem, e embora não tivesse muita gordura, eu esperava que a carne fosse tenra. A parte mais difícil seria esperar até que estivesse cozinhada. As chamas a lambiam com as pontas, queimando-a, e o cheiro saboroso da carne assando me atormentava.

— Está tão zangado assim com o Bobo? — perguntou-me Esporana em voz baixa.

— O quê? — Olhei para ela por cima do ombro.

— Durante o tempo em que viajamos juntos, acabei notando o modo como vocês agem um com o outro. São mais próximos do que irmãos. Eu teria esperado que você se sentasse ao lado dele, preocupado, como fez quando ele esteve doente. Mas você está se comportando como se não houvesse nada de errado com ele.

Os menestréis talvez vejam as coisas com clareza demais. Afastei o cabelo do rosto e pensei.

— Hoje mais cedo, ele veio até mim e conversamos. Sobre o que ele faria, por Moli, se eu não sobrevivesse para voltar para ela. — Olhei para Esporana e sacudi a cabeça. Quando senti a garganta apertar, fiquei surpreso. — Ele não espera que eu sobreviva. E quando um profeta diz uma coisa dessas, é difícil não acreditar.

A expressão de consternação no rosto dela não era reconfortante. Revelou a

mentira das suas palavras quando insistiu:

— Os profetas nem sempre têm razão. Ele disse, com certeza, que viu a sua morte?

— Quando lhe perguntei, não quis responder — respondi.

— Ele não devia ter mencionado um assunto como esse — exclamou de repente Esporana num tom zangado. — Como pode esperar que você tenha coragem para o que quer que tenha de fazer, se você acredita que isso causará a sua morte?

Encolhi os ombros para ela em silêncio. Passara todo o tempo em que estivéramos caçando me recusando a pensar nisso. Em vez de desaparecerem, os sentimentos apenas haviam se acumulado. A infelicidade que senti de repente foi esmagadora. Sim, e a ira também. Fiquei furioso com o Bobo por ter me contado. Forcei-me a refletir sobre o assunto.

— As notícias dificilmente são obra sua. E não posso criticar as suas intenções. Ainda assim, é difícil encarar a nossa morte, não como algo que acontecerá um dia, em algum lugar, mas como algo que é provável que ocorra antes de este verão perder o seu viço. — Ergui a cabeça e olhei em volta, para o verdejante prado silvestre que nos rodeava.

É espantoso como uma coisa parece diferente quando se sabe que é a última que se terá. Cada folha em cada galho se sobressaiu, em incontáveis verdes. Aves cantavam desafios umas às outras, ou passavam voando feito raios de cor. Os cheiros da carne assando, da própria terra, até o som de Olhos-de-Noite partindo um osso entre as mandíbulas transformaram-se todos subitamente em coisas únicas e preciosas. Quantos dias como aquele eu havia atravessado cegamente, concentrado apenas em beber uma caneca de cerveja quando chegasse à cidade ou em qual dos cavalos devia ser levado naquele dia ao ferreiro? Há muito tempo, em Torre do Cervo, o Bobo me avisara de que eu devia viver todos os dias como se fossem importantes, como se todos os dias o destino do mundo dependesse dos meus atos. Agora, de repente eu compreendi o que ele estivera tentando me dizer. Agora, quando os dias que me restavam haviam se reduzido até eu poder contá-los.

Esporana colocou as mãos nos meus ombros. Inclinou-se para baixo e encostou o rosto no meu.

— Fitz, lamento tanto — disse em voz baixa. Quase não ouvi as palavras, apenas a sua crença na minha morte. Fitei a carne assando sobre as chamas. A carne fora um cabrito vivo.

A morte está sempre no limite do agora. O pensamento de Olhos-de-Noite era

gentil. *A morte nos espreita e tem sempre certeza de que matará. Não é algo que se deva remoer, mas é algo que todos sabemos, nas entranhas e nos ossos. Todos menos os seres humanos.*

Com um choque, contemplei o que o Bobo viera tentando me ensinar sobre o tempo. De repente desejei voltar, ter de novo cada dia separado para gastar. Tempo. Estava encurralado nele, vedado no interior de um pedaço minúsculo de agora que era o único tempo que eu podia influenciar. Todos os logos e amanhãs que eu podia planejar eram coisas fantasmagóricas que podiam ser arrancadas de mim a qualquer momento. As intenções não eram nada. O agora era tudo o que eu possuía. Levantei-me de súbito.

— Compreendo — disse em voz alta. — Ele tinha de me dizer, para me instigar. Tenho de parar de agir como se existisse um amanhã em que eu possa consertar as coisas. Tudo precisa ser feito agora, imediatamente, sem preocupações com o amanhã. Sem crença no amanhã. Sem medos pelo amanhã.

— Fitz? — Esporana afastou-se um pouco de mim. — Você está soando como quem vai fazer alguma coisa insensata. — Os seus olhos escuros estavam cheios de preocupação.

— Insensata — disse para mim mesmo. — Insensata como o Bobo é insensato. Sim. Pode vigiar a carne, por favor? — perguntei humildemente a Esporana.

Não esperei pela sua resposta. Fiquei de pé enquanto ela se afastava de mim e entrei na tenda. Panela estava sentada junto do Bobo, simplesmente observando-o dormir. Kettricken consertava uma costura na bota. Ambas ergueram os olhos quando eu entrei.

— Preciso falar com ele — disse simplesmente. — Sozinho, se não se importarem.

Ignorei os seus olhares intrigados. Já desejava não ter dito a Esporana o que o Bobo me dissera. Não havia dúvida de que ela contaria às outras, mas naquele momento eu não queria dividir aquilo com elas. Tinha algo de importante a dizer ao Bobo, e queria fazê-lo agora. Não esperei para vê-las sair da tenda. Sentei-me ao lado do Bobo. Toquei suavemente o seu rosto, sentindo a frieza da sua bochecha.

— Bobo — disse em voz baixa. — Preciso falar com você. Eu compreendo. Acho que finalmente compreendo o que você tem tentado me ensinar esse tempo todo.

Precisei tentar várias vezes até que ele acordou. Por fim partilhei um pouco da preocupação de Panela. Aquilo não era o sono simples de um homem ao fim do

dia. Mas ele finalmente abriu os olhos e me olhou através das sombras.

— Fitz? Já é de manhã? — perguntou.

— Início da noite. E há carne fresca assando, e logo estará pronta. Acho que uma boa refeição vai ajudar a colocá-lo nos eixos. — Comecei a hesitar, e então me lembrei da minha recente decisão. Agora. — Eu fiquei irritado com você mais cedo por causa do que me disse. Mas agora acho que compreendo por quê. Você tem razão, tenho me escondido no futuro e desperdiçado os meus dias. — Respirei fundo. — Quero lhe dar o brinco de Bronco para que o guarde por mim. De… depois, gostaria que você o levasse até ele. E que lhe diga que não morri à porta da cabana de um pastor qualquer, mas cumprindo o juramento prestado ao meu rei. Isso terá algum significado para ele, pode lhe pagar um pouco por tudo o que fez por mim. Ele me ensinou a ser um homem. Não quero que isso fique sem ser dito.

Desprendi o brinco e o tirei da orelha. Enfiei-o na mão sem força do Bobo. Ele estava deitado de lado, escutando em silêncio. Seu rosto estava muito grave. Sacudi a cabeça.

— Não tenho nada para enviar a Moli, nada para a nossa filha. Ela deve ter o alfinete que Sagaz me deu há tanto tempo, mas pouco mais do que isso. — Eu estava tentando manter a voz firme, mas a importância das minhas palavras estava me engasgando. — Pode ser mais sensato não dizer a Moli que eu sobrevivi às masmorras de Majestoso. Se for possível. Bronco compreenderá o motivo para tal segredo. Ela chorou uma vez a minha morte, não faz sentido lhe dizer que eu não estava morto. Estou contente por você ir procurá-la. Faça brinquedos para Urtiga. — Contra a minha vontade, lágrimas me vieram aos olhos.

O Bobo sentou-se, com o rosto cheio de preocupação. Agarrou suavemente o meu ombro.

— Se você quer que eu procure Moli, sabe que o farei, caso chegue a esse ponto. Mas por que temos de pensar agora nessas coisas? O que teme?

— Temo a minha morte. — Admiti. — Mas temê-la não a impedirá. De modo que estou fazendo os preparativos que posso. Como já devia ter feito, há muito tempo. — Olhei-o firmemente nos olhos enevoados. — Prometa-me.

Ele baixou os olhos para o brinco que tinha na mão.

— Prometo. Embora não saiba por que você pensa que as minhas chances são melhores do que as suas. E também não sei como os encontrarei, mas irei encontrá-los.

Senti um grande alívio.

— Eu já havia lhe dito. Só sei que a cabana em que vivem fica perto de uma aldeia chamada Praia do Capelim. Há mais de uma Praia do Capelim em Cervo, é verdade. Mas se você me diz que a encontrará, eu acredito que encontrará.

— Praia do Capelim? — Os seus olhos estavam distantes. — Acho que me lembro… Pensei que havia sonhado isso. — Sacudiu a cabeça e quase sorriu. — Então agora conheço um dos segredos mais bem guardados de Cervo. Breu me disse que nem ele sabia ao certo onde Bronco escondera Moli. Tinha só um lugar onde deixar uma mensagem para Bronco, para que Bronco pudesse ir até ele. "Quanto menos pessoas conhecerem um segredo, menos pessoas poderão contá-lo", disse-me. E, no entanto, parece que eu já tinha ouvido esse nome antes. Praia do Capelim. Ou talvez o tenha sonhado.

O meu coração gelou.

— O que quer dizer? Você teve uma visão de Praia do Capelim?

Ele sacudiu a cabeça.

— Uma visão, não. Não. Mas um pesadelo com mais dentes do que a maioria, de modo que quando Panela me encontrou e acordou, eu me senti como se não houvesse dormido nada, mas tivesse passado horas fugindo por minha vida. — Sacudiu mais uma vez a cabeça, lentamente, e esfregou os olhos, bocejando. — Nem sequer me lembro de me deitar para dormir lá fora. Mas foi onde me encontraram.

— Eu devia ter entendido que havia algo de errado com você — lamentei. — Você estava na beira da nascente quente, falando-me de Moli e de… coisas. E depois você se deitou de repente e adormeceu. Pensei que estava zombando de mim — admiti, com um ar envergonhado.

Ele deu um tremendo bocejo.

— Nem mesmo me lembro de ter ido à sua procura — admitiu. De repente, fungou. — Você disse que havia carne assando?

Assenti.

— O lobo e eu apanhamos um cabrito. É novo e deve estar tenro.

— Estou com fome suficiente para comer sapatos velhos — declarou ele. Atirou os cobertores para trás e saiu da tenda. Segui-o.

Aquela refeição foi o melhor momento que tivemos em dias. O Bobo parecia cansado e pensativo, mas abandonara o seu humor afiado. A carne, embora não fosse tão tenra como teria sido a de um carneiro gordo, era melhor do que qualquer coisa que tivéssemos comido nas últimas semanas. Por volta do fim da refeição, partilhei da saciedade sonolenta de Olhos-de-Noite. Ele enrolou-se lá fora, junto a Kettricken, para compartilhar a sua vigia, enquanto fui para os meus

cobertores na tenda.

Quase esperara que o Bobo não tivesse sono depois de ter passado boa parte da tarde dormindo. Contudo, ele foi o primeiro a ir para os cobertores e estava profundamente adormecido antes mesmo de eu ter descalçado as botas. Panela desembrulhou o seu pano de jogo e me deu um problema para resolver. Deitei-me para obter o descanso que conseguisse enquanto Panela vigiava o meu sono.

No entanto, pouco descanso obtive naquela noite. Assim que adormeci, o Bobo começou a se mexer e a soltar ganidos agudos no sono. Até Olhos-de-Noite enfiou a cabeça na porta da tenda para ver o que se passava. Panela precisou de várias tentativas para despertá-lo, e quando ele voltou a adormecer, regressou aos seus sonhos ruidosos. Dessa vez, eu estendi o braço para sacudi-lo. Mas quando lhe toquei no ombro, a consciência dele me envolveu. Por um instante, partilhei do seu terror noturno.

— Bobo, acorde! — gritei-lhe, e, como que em resposta a essa ordem, ele se sentou.

— Largue, largue! — gritou, desesperado. Então, olhando em volta e vendo que ninguém o estava agarrando, voltou a cair entre os seus cobertores. Virou os olhos para cruzá-los com os meus.

— Estava sonhando com o quê? — perguntei-lhe.

Ele tentou se lembrar, e então sacudiu a cabeça.

— Já não me lembro. — Respirou fundo, trêmulo. — Mas temo que esteja à minha espera, se fechar os olhos. Acho que vou ver se Kettricken quer alguma companhia. Mais vale ficar acordado do que enfrentar… o que quer que estivesse enfrentando nos meus sonhos.

Observei-o enquanto saía da tenda. Então me deitei nos meus cobertores. Fechei os olhos. Encontrei-o, tênue como um fio brilhante e prateado. Havia um vínculo de Talento entre nós.

Ah. É isso que isso é?, maravilhou-se o lobo.

Também consegue senti-lo?

Só às vezes. É parecido com o que você tinha com Veracidade.

Só que mais fraco.

Mais fraco? Acho que não. Olhos-de-Noite refletiu um pouco. *Não é mais fraco, irmão. Mas diferente. Moldado mais como um vínculo de Manha do que como uma união de Talento.*

Ergueu os olhos para o Bobo quando este saiu da tenda. Passado algum tempo, o Bobo franziu o cenho para si mesmo e baixou os olhos para Olhos-de-Noite.

Está vendo?, disse o lobo. *Ele me sente. Não com clareza, mas sente. Olá,*

Bobo. Minhas orelhas coçam.

Fora da tenda, o Bobo abaixou repentinamente a mão para coçar as orelhas do lobo.

CAPÍTULO 33

A Pedreira

Existem lendas, entre o povo da Montanha, sobre uma antiga raça, muito dotada de magia e que sabia muitas coisas agora perdidas dos homens para sempre. Essas histórias são, sob muitos aspectos, semelhantes às histórias sobre elfos e Antigos que são contadas nos Seis Ducados. Em certos casos, as histórias são tão semelhantes que é óbvio tratarem-se da mesma história adaptada por povos diferentes. O exemplo mais evidente disso seria a história da Cadeira Voadora do Filho da Viúva. Entre o povo da Montanha, essa história de Cervo transforma-se no Trenó Voador do Órfão. Quem poderá dizer qual dos contos foi o primeiro?

O povo do Reino da Montanha lhe dirá que essa raça antiga é responsável por alguns dos monumentos mais peculiares que se podem encontrar nas suas florestas. Também lhes são atribuídos feitos menores, tais como alguns dos jogos de estratégia que as crianças da Montanha ainda jogam, e um instrumento de sopro muito peculiar, acionado não por pulmões humanos, mas pelo sopro preso em uma bexiga inflada. Também se contam histórias sobre antigas cidades situadas bem no interior das montanhas que outrora foram habitadas por esses seres. Porém, em nenhum lugar da sua literatura, falada ou escrita, encontrei algum relato sobre como essas pessoas deixaram de existir.



Três dias mais tarde, chegamos à pedreira. Havíamos passado três dias caminhando com um tempo que subitamente se tornara quente. O ar estivera cheio com os odores das folhas e flores que se abriam e com os assobios de aves e os zumbidos dos insetos. A vida brotava de ambos os lados da estrada do Talento. Caminhei por ela com os sentidos aguçados, mais consciente de estar vivo do que jamais estivera. O Bobo não falou mais sobre o que quer que tivesse profetizado para mim. Sentia-me grato por isso. Descobrira que Olhos-de-Noite tinha razão. Saber já era difícil o suficiente. Eu não iria remoer o assunto.

Então chegamos à pedreira. A princípio pareceu que havíamos simplesmente

chegado a um beco sem saída. A estrada desceu para dentro de um desfiladeiro esculpido na rocha nua, uma área com duas vezes o tamanho do Castelo de Torre do Cervo. As paredes do vale eram verticalmente retas e nuas, com cicatrizes nos locais em que imensos blocos de pedra negra haviam sido cortados. Em alguns locais, plantas que caíam em cascata da terra da borda da pedreira cobriam os lados da rocha cortada. Na extremidade mais baixa da escavação, a água da chuva acumulara-se e estagnara, verde. Havia pouco mais vegetação do que aquilo, pois o solo era muito escasso. Debaixo dos nossos pés, depois do fim da estrada do Talento, estendia-se a pedra negra bruta de que a estrada fora feita. Quando erguemos os olhos para o grande penhasco que se elevava à nossa frente, nós nos deparamos com pedra negra com veios de prata. Alguns blocos imensos haviam sido abandonados no chão da pedreira por entre pilhas de detritos e poeira. Os enormes blocos eram maiores do que edifícios. Não consegui imaginar como eles teriam sido cortados, muito menos como poderiam ter sido levados dali. Ao lado deles encontravam-se os restos de grandes máquinas, que me lembravam um pouco máquinas de cerco. A sua madeira estava apodrecida, o metal enferrujado. Os restos das máquinas apoiavam-se uns nos outros, como ossos se deteriorando. O silêncio era total na pedreira.

Houve duas coisas naquele lugar que me chamaram imediatamente a atenção. A primeira foi o pilar negro que se erguia no nosso caminho, com as mesmas antigas runas que encontráramos antes gravadas nele. A segunda foi a ausência absoluta de vida animal.

Parei ao lado do pilar. Sondei em volta e o lobo partilhou da minha busca. Pedra fria.

Talvez agora vamos aprender a comer pedras?, sugeriu o lobo.

— Esta noite teremos de ir caçar em outro lugar — concordei.

— E encontrar água limpa — acrescentou o Bobo.

Kettricken parara ao lado do pilar. As jepas já estavam se afastando, buscando desconsoladas alguma vegetação. A posse da Manha e do Talento aguçava a minha percepção de outras pessoas. Porém, de momento, eu não detectava nada vindo dela. Seu rosto estava imóvel e vazio. Uma falta de energia tomou conta dele, como se Kettricken envelhecesse diante dos meus olhos. Os seus olhos vagavam pela pedra sem vida, e por acaso se viraram para mim. Um leve sorriso espalhou-se pela boca.

— Ele não está aqui — disse. — Percorremos todo este caminho, e ele não está aqui.

Não consegui pensar em nada para lhe dizer. De todas as coisas que eu poderia

ter esperado no fim da nossa demanda, uma pedreira abandonada parecia a mais improvável. Tentei pensar em algo otimista para dizer. Nada havia. Aquela era a última localização marcada no nosso mapa, e evidentemente também era o destino final da estrada do Talento. Ela foi ao chão lentamente para se sentar na pedra na base do pilar. Apenas ficou sentada ali, cansada e desencorajada demais para chorar. Quando olhei para Panela e Esporana, vi-as olhando para mim como se eu tivesse obrigação de ter alguma resposta. Não tinha. O calor do dia quente fazia pressão sobre mim. Fora para aquilo que tínhamos vindo tão longe.

Sinto cheiro de carniça.

Eu não. Era a última coisa em que eu queria pensar naquele momento.

Não esperava que você sentisse, com o seu focinho. Mas há algo muito morto aqui perto.

— Então vá rolar sobre ela e acabe com isso — disse-lhe, com certa aspereza.

— Fitz — censurou-me Panela enquanto Olhos-de-Noite se afastava com um trote determinado.

— Estava falando com o lobo — disse-lhe, de um modo pouco convincente. O Bobo assentiu, quase vago. Ele andava muito diferente. Panela insistira que continuasse tomando casco-de-elfo, embora as nossas reservas escassas o limitassem a uma dose muito fraca da mesma casca fervida várias vezes. De vez em quando, eu achava que captava um breve sinal do vínculo de Talento entre nós. Se olhasse para ele, às vezes se virava e me devolvia o olhar, mesmo que estivesse do outro lado do acampamento. Não ia além disso. Quando lhe falei do assunto, ele disse que às vezes sentia algo, mas não tinha certeza do que era. Nada mencionara sobre aquilo que o lobo me dissera. Com chá de casco-de-elfo ou sem ele, mantinha-se solene e letárgico. O sono à noite não parecia descansá-lo; gemia ou murmurava enquanto sonhava. Lembrava-me um homem recuperando-se de uma longa enfermidade. Guardava as suas forças de muitas pequenas maneiras. Pouco falava; até mesmo a sua alegria amarga desaparecera. Não passava de mais uma preocupação que eu tinha de aguentar.

É um homem!

O fedor do cadáver era denso nas narinas de Olhos-de-Noite. Quase vomitei com ele.

— Veracidade — sussurrei para mim mesmo, horrorizado. Saí correndo na direção que o lobo tomara. O Bobo seguiu mais devagar no meu encalço, à deriva, como uma pena ao vento. As mulheres nos viram partir sem compreender.

O corpo estava enfiado entre dois imensos blocos de pedra. Estava enrolado

sobre si mesmo como se, mesmo na morte, tivesse procurado se esconder. O lobo andava incessantemente em volta dele, de pelos eriçados. Parei a alguma distância, então puxei o punho da camisa para tapar a minha mão. Ergui-a para cobrir a boca e o nariz. Ajudou um pouco, mas nada seria capaz de abafar por completo aquele fedor. Aproximei-me mais, preparando-me para aquilo que sabia que teria de fazer. Quando cheguei perto do corpo, estendi a mão, agarrei o seu fino manto e o puxei para o ar livre.

— Não há moscas — observou o Bobo quase em um tom sonhador.

Tinha razão. Não havia moscas, nem larvas. Somente a silenciosa podridão da morte estivera trabalhando nas feições do homem. Estavam escuras, como o bronzeado de um agricultor, só que mais escuras. O medo as contorcera, mas eu sabia que não era Veracidade. Ainda assim, fitei-o durante algum tempo antes de reconhecê-lo.

— Cedoura — disse em voz baixa.

— Um membro do círculo de Majestoso? — perguntou o Bobo, como se pudesse haver outro Cedoura por aí.

Assenti com a cabeça. Mantive o punho da camisa sobre o nariz e a boca enquanto me ajoelhava ao seu lado.

— Como foi que ele morreu? — perguntou o Bobo. O cheiro não parecia incomodá-lo, mas não acho que eu seria capaz de falar sem ficar com ânsias de vômito. Encolhi os ombros. A resposta teria de esperar. Estendi cautelosamente a mão para puxar sua roupa. O corpo estava tanto rígido quanto amolecendo. Era difícil examiná-lo, mas não consegui encontrar nele qualquer sinal de violência. Respirei um pouco e prendi a respiração, então usei ambas as mãos para desafivelar o seu cinto. Soltei-o do corpo com a bolsa e a faca ainda presas, e me afastei depressa com ele na mão.

Kettricken, Panela e Esporana surgiram à nossa frente quando eu estava abrindo a bolsa de Cedoura. Não sabia o que esperava encontrar, mas fiquei desapontado. Tudo o que ele trazia era um punhado de moedas, uma pederneira e uma pequena pedra de amolar. Joguei a bolsa no chão e esfreguei a mão na perna da calça. O fedor da morte a havia impregnado.

— Era Cedoura — disse o Bobo às outras. — Deve ter vindo através do pilar.

— O que o matou? — perguntou Panela.

Enfrentei o seu olhar.

— Não sei. Acho que foi o Talento. O que quer que tenha sido, ele tentou se esconder. Entre aquelas pedras. Vamos nos afastar deste cheiro — sugeri. Retornamos ao pilar. Olhos-de-Noite e eu viemos atrás dos outros e mais

devagar. Eu estava confuso. Percebi que estava usando tudo o que podia para manter fortes as minhas muralhas de Talento. Ver Cedoura morto me chocou. Um membro do círculo a menos, disse a mim mesmo. Mas ele estava aqui, bem aqui na pedreira quando morreu. Se Veracidade o tivesse matado com o Talento, isso talvez significasse que Veracidade também estivera ali. Perguntei-me se iríamos dar com Emaranhado e Vontade em algum lugar na pedreira, se eles também tivessem ido até ali para atacar Veracidade. Mais fria era a minha suspeita de que era mais provável encontrarmos o corpo de Veracidade. Contudo, nada disse a Kettricken sobre esses pensamentos.

Acho que o lobo e eu o sentimos ao mesmo tempo.

— Há algo vivo lá atrás — eu disse em voz baixa. — Mais para o interior da pedreira.

— O que é? — perguntou-me o Bobo.

— Não sei. — Um arrepio percorreu todo o meu corpo. O meu sentido da Manha do que quer que se encontrava lá atrás fluía e refluía. Quanto mais tentava sentir o que era, mais se esquivava de mim.

— Veracidade? — perguntou Kettricken. Partiu o meu coração ver a esperança despertar de novo nos seus olhos.

— Não — disse-lhe com brandura. — Acho que não. Não se parece com um ser humano. Não se parece com nada que eu tenha detectado antes. — Fiz uma pausa e acrescentei: — Acho que vocês deviam esperar aqui enquanto o lobo e eu vamos ver o que é.

— Não. — falou Panela, não Kettricken, mas quando olhei para a minha rainha, vi o seu completo acordo.

— Seria melhor deixar você e o Bobo para trás enquanto nós investigamos — disse-me ela com severidade. — São vocês que estão em perigo aqui. Se Cedoura esteve aqui, Emaranhado e Vontade podem estar lá atrás.

Por fim, ficou decidido que todos nós nos aproximaríamos, mas com muita cautela. Nós nos espalhamos e avançamos pelo chão da pedreira. Eu não podia lhes dizer especificamente onde sentia a criatura, então estávamos todos nervosos. A pedreira era como o chão de um berçário com os blocos e brinquedos de uma imensa criança espalhados por toda a parte. Passamos por um bloco de pedra parcialmente esculpido. Não possuía nada da delicadeza das esculturas que víramos no jardim de pedra. Era grosseira e rudimentar, e de certo modo obscena. Lembrou-me o feto de um potro abortado. Causou-me repulsa e me afastei dela o mais depressa que pude, para a próxima posição de observação.

Os outros estavam fazendo o mesmo, deslocando-se de abrigo em abrigo,

todos se esforçando para manter pelo menos um membro do nosso grupo no campo de visão. Pensei que não seria possível ver alguma coisa mais perturbadora do que aquela escultura rudimentar de pedra, mas passamos em seguida por outra que me abalou. Alguém esculpira, com detalhes de partir o coração, um dragão atolado. As asas da criatura estavam meio estendidas e os seus olhos semicerrados encontravam-se rolados para cima em agonia. Uma cavaleira humana, uma jovem, montava-o. Ela se agarrava ao pescoço ondulante e encostava a face nele. O rosto da garota era uma máscara de agonia, com a boca aberta e as feições retesadas, os músculos da garganta salientes como cordões. Tanto a garota quanto o dragão haviam sido trabalhados em cores e linhas delicadas. Eu conseguia ver os cílios da mulher, os fios de cabelos individuais na sua cabeça dourada, as delicadas escamas verdes em volta dos olhos do dragão, até as gotículas de saliva que se agarravam aos lábios contorcidos do animal. Contudo, onde os poderosos pés e cauda em chicote deviam ter estado, havia apenas uma massa de pedra negra, como se os dois tivessem aterrissado em um charco de alcatrão e sido incapazes de escapar dele.

Somente como uma estátua, era de partir o coração. Vi Panela virar o rosto para o lado, com lágrimas começando a surgir em seus olhos. Mas o que me enervava e a Olhos-de-Noite era o estremecimento de Manha que ela emitia. Era mais tênue do que o que sentíramos nas estátuas do jardim, mas isso só a tornava mais comovente. Era como os últimos suspiros de uma criatura presa em uma armadilha. Perguntei-me que Talento teria sido usado para infundir tal nuance de vida em uma estátua. Apesar de valorizar a mestria do que fora feito, eu não tinha muita certeza se a aprovava. Porém, o mesmo valia para muito do que aquela antiga raça Talentosa fizera. Enquanto me esgueirava para além da estátua, perguntei-me se seria aquilo que o lobo e eu havíamos detectado. Senti minha pele se arrepiar ao ver o Bobo virar-se e fitar de novo a estátua, com a testa franzida de desconforto. Era evidente que ele a sentia, embora não tão bem como nós. *Talvez tenha sido isso que sentimos, Olhos-de-Noite. Talvez não haja nenhuma criatura viva na pedreira, afinal, só este monumento à morte lenta.*

Não. Sinto o cheiro de alguma coisa.

Dilatei as narinas, limpei-as com uma fungada silenciosa e então respirei fundo e devagar. O meu nariz não era tão aguçado quanto o de Olhos-de-Noite, mas os sentidos do lobo ampliavam os meus. Senti o cheiro de suor e senti um leve odor acre de sangue. Ambos eram frescos. De repente, o lobo encostou-se em mim e, como um só, nós nos esgueiramos em volta da extremidade de um bloco de pedra do tamanho de duas cabanas.

Olhei em volta do canto e então avancei com cautela. Olhos-de-Noite passou por mim correndo. Vi o Bobo dando a volta na outra extremidade da pedra e senti também os outros se aproximarem. Ninguém falou.

Era outro dragão. Aquele era do tamanho de um navio. Era todo feito de pedra negra e estava deitado, dormindo, sobre o bloco de pedra de onde emergia. Lascas, pedaços de pedra e poeira jaziam no chão em volta do bloco. Mesmo à distância, fiquei impressionado. Apesar do sono, cada traço da criatura indicava força e nobreza. As asas dobradas ao longo do seu corpo eram como velas arriadas, enquanto o arco do poderoso pescoço lembrava-me o cavalo de batalha de um oficial. Olhei-o durante alguns momentos antes de ver a pequena figura cinzenta caída ao seu lado. Fitei-a e tentei decidir se a vida tremeluzente que detectava viria do homem ou do dragão de pedra.

Os fragmentos descartados de pedra formavam quase uma rampa até o bloco de onde o dragão emergia. Pensei que a figura humana se mexeria ao ouvir o ruído de esmagamento dos meus passos, mas não o fez. E também não consegui detectar nenhum dos pequenos movimentos da respiração. Os outros ficaram para trás, observando a minha subida. Apenas Olhos-de-Noite me acompanhou, e ele veio de pelos eriçados. Eu estava a um braço de distância do homem quando ele se ergueu de um salto e me encarou.

Era velho e magro, grisalho tanto no cabelo como na barba. Os seus trajes esfarrapados estavam cinzentos com a poeira da pedra, e uma mancha cinzenta cobria uma das suas bochechas. Os joelhos que se viam através das pernas da calça estavam arranhados e ensanguentados de se ajoelhar em pedra quebrada. Os pés estavam enrolados em farrapos. Agarrava uma espada muito denteada com uma mão coberta por uma manopla cinzenta, mas não a pôs em posição. Senti que segurar a espada era um fardo para as suas forças. Algum instinto me levou a erguer os braços afastados do corpo, para lhe mostrar que não trazia qualquer arma. Ele me olhou apaticamente por um momento; então ergueu devagar os olhos até o meu rosto. Durante algum tempo nos encaramos. O seu olhar perscrutador e quase cego me lembrou o Harpista Gracejo. Então sua boca se escancarou no interior da barba, descobrindo dentes surpreendentemente brancos.

— Fitz? — disse, hesitante.

Reconheci a voz, apesar de enferrujada. Tinha de ser Veracidade. Mas tudo o que eu era gritou de horror por ele poder ter chegado àquele estado, por poder ter se transformado naquele farrapo de homem. Atrás de mim, ouvi o rápido esmagar de passos e me virei a tempo de ver Kettricken subir correndo a rampa

de pedra que ruía. Esperança e consternação lutavam em seu rosto.

— Veracidade! — gritou, e havia apenas amor na palavra. Precipitou-se, estendendo os braços para ele, e quase não consegui agarrá-la quando ela passou por mim correndo.

— Não! — gritei-lhe. — Não, não toque nele!

— Veracidade! — gritou de novo, e então lutou contra as minhas mãos, gritando: — Solte-me, deixe-me ir até ele. — Foi apenas com grande dificuldade que a detive.

— Não — disse-lhe em voz baixa. Como às vezes acontece, a suavidade da minha ordem a fez parar de lutar. Virou para mim a pergunta dos olhos.

— As mãos e braços dele estão cobertos de magia. Não sei o que poderia lhe acontecer se ele a tocasse.

Ela virou a cabeça no meu rude abraço para fitar o marido. Ele nos observava, com um sorriso amável e bastante confuso no rosto. Inclinou a cabeça para um lado como se nos examinasse, então se abaixou cuidadosamente para largar a espada. Kettricken viu então aquilo em que eu reparara antes. A cintilação reveladora da prata rastejava pelos seus dedos e antebraços. Veracidade não usava manoplas; a carne dos seus braços e mãos estava impregnada de poder em estado puro. A mancha no seu rosto não era poeira, mas uma mancha de poder onde ele se tocara.

Ouvi os outros se aproximarem atrás de nós, com passos que esmagavam lentamente a pedra. Não precisei me virar para senti-los olhando fixamente. Por fim, o Bobo disse em voz baixa:

— Veracidade, meu príncipe, viemos.

Ouvi um som que estava entre um arquejo e um soluço. Isso me fez virar a cabeça, e vi Panela cair lentamente, afundando-se como um navio arrombado. Apertava o peito com uma mão e a boca com a outra enquanto caía de joelhos. Os seus olhos arregalaram-se quando olhou para as mãos de Veracidade. Esporana parou imediatamente ao seu lado. Nos meus braços, senti Kettricken me empurrar calmamente. Olhei para o seu rosto aflito, e então a larguei. Ela avançou para Veracidade um passo lento de cada vez e ele a observou se aproximar. O rosto dele não estava impassível, mas também não mostrou qualquer sinal de um reconhecimento especial. A um braço de distância dele, ela parou. Tudo era silêncio. Kettricken o fitou durante algum tempo, então sacudiu lentamente a cabeça, como que para responder à pergunta a que deu voz.

— Senhor meu esposo, não me reconhece?

— Esposo — disse ele, debilmente. A testa ficou mais franzida, em uma

atitude que era a de um homem que se lembra de algo que outrora soubera de cor. — Princesa Kettricken, do Reino da Montanha. Ela me foi dada como esposa. Só uma garotinha, uma gatinha selvagem de montanha, de cabelo amarelo. Era tudo o que eu conseguia me lembrar dela até a trazerem para mim. — Um leve sorriso lhe suavizou o rosto. — Naquela noite, desprendi um cabelo dourado que era como um riacho, mais fino do que seda. Tão fino que não me atrevi a tocá-lo, para que não se partisse nas minhas mãos calejadas.

As mãos de Kettricken subiram até o cabelo. Quando lhe chegara a notícia da morte de Veracidade, ela o cortara até deixá-lo rente ao crânio. Agora lhe chegava quase aos ombros, mas a seda fina de outrora desaparecera, tornada áspera pelo sol, pela chuva e pela poeira da estrada. Contudo, ela o soltou da espessa trança que o confinava e o sacudiu para deixá-lo solto em volta do rosto.

— Senhor — disse em voz baixa. Olhou de mim para Veracidade. — Não posso tocá-lo? — suplicou.

— Oh… — Ele pareceu considerar o pedido. Olhou para os braços e as mãos, flexionando os dedos prateados. — Oh, receio que não, creio eu. Não. Não, é melhor não. — Falava com pena, mas me pareceu que era só por ter de recusar o pedido dela, não por ter pena de não ser capaz de tocá-la.

Kettricken respirou fundo, entrecortadamente.

— Senhor — começou, e então sua voz vacilou. — Veracidade, eu perdi o nosso bebê. O nosso filho morreu.

Eu não compreendera até então o fardo que fora para ela ir em busca do marido sabendo que tinha de lhe dar aquela notícia. Abaixou a orgulhosa cabeça, como se esperasse a fúria dele. O que recebeu foi pior.

— Oh — disse ele. — Tivemos um filho? Não me lembro…

Acho que foi isso que acabou com ela, descobrir que a notícia arrasadora não o enfurecia nem entristecia, mas apenas o confundia. Tinha de se sentir traída. A sua fuga desesperada do Castelo de Torre do Cervo e todas as dificuldades que suportara para proteger o filho por nascer, os longos meses solitários da gravidez, culminados pelo dilacerante nascimento do bebê morto, e o terror por ter de contar ao seu senhor como lhe falhara: fora essa a sua realidade ao longo do ano anterior. E agora estava diante do seu marido e rei, e ele tinha dificuldade em lembrar-se dela e sobre a criança morta dizia apenas “Oh”. Senti-me envergonhado por aquele velho trêmulo que olhava a rainha e sorria de forma tão cansada.

Kettricken não gritou, nem chorou. Simplesmente se virou e afastou-se lentamente. Senti um grande controle naquela passagem, e uma grande ira.

Esporana, agachada ao lado de Panela, ergueu os olhos para a rainha quando ela passou. Fez menção de se levantar e de segui-la, mas Kettricken fez um minúsculo movimento com a mão proibindo. Sozinha, desceu do grande estrado de pedra e afastou-se a passos largos.

Vou com ela?

Por favor. Mas não a incomode.

Não sou estúpido.

Olhos-de-Noite me deixou, para seguir Kettricken. Apesar do meu aviso, soube que ele foi diretamente até ela, aproximando-se por trás e lhe empurrando a perna com a sua grande cabeça. Ela caiu subitamente sobre um joelho e o abraçou, mergulhando o rosto na sua pelagem, deixando cair as lágrimas nos seus pelos ásperos. Ele se virou e lambeu a sua mão. *Vá embora,* repreendeu-me o lobo, e eu afastei deles a minha consciência. Pisquei, percebendo que durante todo aquele tempo estivera fitando Veracidade. Os seus olhos cruzaram-se com os meus.

Ele pigarreou.

— FitzCavalaria — disse, e respirou fundo para falar. Então soltou metade do ar que inspirara. — Estou tão cansado — disse, com tristeza. — E ainda há tanto a se fazer. — Indicou com um gesto o dragão atrás de si. Foi ao chão pesadamente, até se sentar ao lado da estátua. — Tentei tanto — disse, a ninguém em particular.

O Bobo recuperou o senso antes de eu recuperar o meu.

— Meu senhor, Príncipe Veracidade — começou, então fez uma pausa. — Meu rei. Sou eu, o Bobo. Posso servir ao senhor?

Veracidade ergueu os olhos para o homem pálido e esguio que estava de pé na sua frente.

— Eu ficaria honrado — respondeu, passado um momento. A cabeça oscilava sobre o pescoço. — Por aceitar a lealdade e serviço de alguém que serviu tão bem o meu pai e a minha rainha. — Por um instante vislumbrei algo do antigo Veracidade. Então a certeza apagou-se de novo do seu rosto.

O Bobo avançou, então ajoelhou de repente ao seu lado. Deu tapinhas no ombro de Veracidade, levantando uma pequena nuvem de pó de pedra.

— Eu tomarei conta do senhor — disse. — Tal como fiz com o seu pai. — Levantou-se de súbito e virou-se para mim. — Vou recolher lenha e arranjar água limpa — anunciou. Olhou para além de mim, na direção das mulheres. — Panela está bem? — perguntou a Esporana.

— Ela quase desmaiou — começou Esporana. Mas Panela a interrompeu

abruptamente:

— Fiquei chocada até o meu âmago, Bobo. E não tenho pressa nenhuma de me levantar. Mas Esporana é livre para ir fazer tudo o que tem de ser feito.

— Ah. Ótimo. — O Bobo parecia ter tomado completo controle da situação. Soava como quem organiza um chá. — Então, se fizer a bondade, Dona Esporana, poderia tratar de montar a tenda? Ou duas tendas, se tal coisa puder ser arranjada. Veja que comida nos resta, e planeje uma refeição. Uma refeição generosa, pois creio que todos precisamos. Regressarei em breve com lenha e água. E legumes, se tiver sorte. — Lançou-me um rápido olhar. — Cuide do rei — disse em voz baixa. Então se afastou a passos largos. Esporana foi deixada boquiaberta. Depois se levantou e foi em busca das jepas extraviadas. Panela a seguiu mais devagar.

E assim, após todo aquele tempo e viagens, eu fui deixado sozinho diante do meu rei. “Venha até mim”, dissera-me ele, e eu viera. Houve um instante de paz quando percebi que aquela voz insistente finalmente se calara.

— Bem, aqui estou, meu rei — disse, calmamente, tanto a mim quanto a ele.

Veracidade não respondeu. Dera-me as costas e estava ocupado escavando a estátua com a espada. Estava ajoelhado, agarrando a espada pelo cabo e pela lâmina e raspava na pedra com a ponta, ao longo da extremidade da pata dianteira do dragão. Aproximei-me para vê-lo raspar a pedra preta do estrado. O seu rosto estava tão concentrado, os seus movimentos eram tão precisos que eu não soube o que pensar.

— Veracidade, o que está fazendo? — perguntei em voz baixa.

Ele nem sequer ergueu os olhos para mim.

— Estou esculpindo um dragão — respondeu.

Várias horas mais tarde, continuava labutando na mesma tarefa. O monótono raspa, raspa, raspa da lâmina na pedra deixara os meus dentes a ponto de estourarem e despedaçara cada nervo do meu corpo. Eu havia permanecido no estrado com ele. Esporana e o Bobo haviam erguido a nossa tenda, bem como uma segunda tenda mais pequena, montada com os cobertores de inverno, que agora tínhamos em excesso. Havia uma fogueira ardendo. Panela cuidava de um caldeirão borbulhante. O Bobo estava organizando os legumes e raízes que apanhara, enquanto Esporana arrumava cobertores pelas tendas. Kettricken juntara-se a nós durante algum tempo, apenas para tirar o arco e a aljava dos embrulhos que as jepas transportavam. Anunciara que ia caçar com Olhos-de-Noite. Ele me lançou um olhar suave com os seus olhos escuros, e eu fiquei calado.

Eu sabia pouco mais do que quando encontráramos Veracidade. As suas muralhas de Talento estavam erguidas e bem firmes. Não recebi dele quase nenhum sentido de Talento. O que descobri quando sondei na sua direção foi ainda mais enervante. Notei o sentido flutuante de Manha que obtinha dele, mas não consegui compreendê-lo. Era como se a sua vida e consciência flutuassem entre o seu corpo e a grande estátua do dragão. Lembrei-me da última vez que encontrara uma coisa assim. Fora entre o Manhoso e o seu urso. Eles partilhavam do mesmo fluxo de vida. Suspeitei de que, se alguém sondasse na direção do lobo e de mim, descobriria o mesmo tipo de padrão. Já partilhávamos as mentes há tanto tempo que, de certos pontos de vista, éramos uma única criatura. Mas isso não me explicava como Veracidade poderia ter se vinculado a uma estátua, nem por que persistia em raspá-la com uma espada. Desejei agarrar a espada e arrancá-la das suas mãos, mas me contive. Na verdade, ele parecia tão obcecado com o que fazia que eu quase temia interrompê-lo.

Algum tempo antes, eu tentara lhe fazer perguntas. Quando lhe perguntara o que acontecera àqueles que haviam partido com ele, Veracidade sacudiu lentamente a cabeça.

— Atormentaram-nos da mesma forma que um bando de corvos caça uma águia. Aproximando-se, crocitando e bicando, e fugindo quando nos virávamos para atacá-los.

— Corvos? — perguntei-lhe, inexpressivo.

Ele sacudiu a cabeça diante da minha estupidez.

— Soldados contratados. Disparavam sobre nós de esconderijos. Caíam sobre nós à noite, às vezes. E alguns dos meus homens foram confundidos pelo Talento do círculo. Não consegui proteger as mentes dos que eram suscetíveis. Enviaram medos noturnos para persegui-los e suspeitas uns dos outros. Então lhes pedi para regressarem, imprimi em suas mentes a minha ordem de Talento, para salvá-los uns dos outros. — Foi quase a única pergunta que ele realmente respondeu. Das outras que fiz, ele decidiu não responder a muitas, e as respostas que deu às outras foram inapropriadas ou evasivas. De modo que desisti. Em vez de fazer perguntas, dei por mim lhe apresentando um relatório. Foi um longo relato, pois comecei com o dia em que o vira partir. Tinha certeza de que ele já conhecia muito do que lhe disse, mas mesmo assim o repeti. Se a sua mente vagava, como eu temia, refrescar-lhe a memória talvez a ancorasse. E se a mente do meu rei estivesse tão penetrante como sempre debaixo daquele comportamento empoeirado, então não faria mal nenhum se todos os acontecimentos fossem colocados em perspectiva e em ordem. Não consegui

imaginar outra maneira de chegar até ele.

Eu começara o relatório, creio, para fazê-lo compreender tudo aquilo por que passáramos para estarmos ali. E também por desejar acordá-lo para aquilo que estava acontecendo no seu reino enquanto ele se demorava ali com o dragão. Talvez esperasse despertar de novo nele algum sentido de responsabilidade pelo seu povo. Enquanto falava, ele pareceu desapaixonado, mas ocasionalmente fazia um aceno grave, como se eu tivesse confirmado algum medo secreto seu. E a ponta da espada nunca parou de se mover contra a pedra negra, raspando, raspando, raspando.

Era quase noite cerrada quando ouvi o arrastar dos pés de Panela atrás de mim. Fiz uma pausa no relato das minhas aventuras na cidade arruinada e me virei para olhá-la.

— Trouxe um pouco de chá quente para vocês — anunciou.

— Obrigado — eu disse, e peguei a caneca que ela me estendia, mas Veracidade apenas ergueu os olhos da sua perpétua raspagem.

Durante algum tempo, Panela manteve-se parada, apresentando o copo a Veracidade. Quando falou, não foi para lembrá-lo do chá.

— O que está fazendo? — perguntou em uma voz suave.

A raspagem parou de repente. Ele virou-se para fitá-la, então me olhou de relance como que para ver se eu também ouvira aquela pergunta ridícula. O olhar interrogador que eu ostentava pareceu espantá-lo. Pigarreou.

— Estou esculpindo um dragão.

— Com a lâmina da sua espada? — perguntou ela. No seu tom de voz havia curiosidade, nada mais.

— Só as partes mais grosseiras — disse-lhe ele. — Para o trabalho mais delicado, uso a faca. E então, para o mais delicado de todos, os dedos e as unhas. — Virou lentamente a cabeça, inspecionando a imensa estátua. — Gostaria de dizer que está quase pronto — balbuciou. — Mas como posso dizer isso quando ainda há tanto a se fazer? Tanto, tanto a se fazer… E temo que acabe por ser tarde demais. Se não for já tarde demais.

— Tarde demais para o quê? — perguntei, com a voz tão suave como a de Panela.

— Ora… tarde demais para salvar o povo dos Seis Ducados. — Ele me olhou como se eu fosse um simplório. — Por que outro motivo eu estaria fazendo isso? Por que outro motivo eu teria abandonado a minha terra e a minha rainha, para vir até aqui?

Tentei compreender o que ele estava me dizendo, mas houve uma pergunta

dominadora que me saltou da boca.

— Acha que esculpiu este dragão inteiro?

Veracidade refletiu.

— Não. Claro que não. — Mas precisamente no momento em que eu sentia alívio por ele não estar completamente louco, acrescentou: — Ainda não está acabado. — Voltou a examinar o seu dragão com o olhar amigavelmente orgulhoso que antigamente reservara para os seus melhores mapas. — Mas até esta parte levei muito tempo. Muito, muito tempo.

— Não quer beber o seu chá enquanto está quente, senhor? — perguntou Panela, oferecendo-lhe de novo o copo.

Veracidade olhou-o como se fosse um objeto estranho. Então o tirou gravemente da sua mão.

— Chá. Quase havia me esquecido do chá. Não é de casco-de-elfo, é? Eda me salve, como eu odiava aquela infusão amarga!

Panela quase estremeceu ao ouvi-lo falar de casco-de-elfo.

— Não, senhor, não há nenhum casco-de-elfo, garanto-lhe. Receio que tenha sido feito com ervas colhidas à beira da estrada. Principalmente urtiga, e um pouco de hortelã.

— Chá de urtiga. A minha mãe costumava nos dar chá de urtiga como tônico de primavera. — Sorriu para si mesmo. — Vou pôr isso no meu dragão. O chá de urtiga da minha mãe. — Bebeu um gole, e então pareceu surpreso. — Está quente… Já se passou tanto tempo desde que tive tempo para comer alguma coisa quente.

— Quanto tempo? — perguntou Panela em tom de conversa.

— Muito… muito tempo — respondeu Veracidade. Bebeu mais um gole de chá. — Há peixe em um riacho, fora da pedreira. Mas já é difícil o suficiente arranjar tempo para apanhá-los, quanto mais para cozinhá-los. Na verdade, eu me esqueço. Coloquei tantas coisas no dragão… talvez essa tenha sido uma delas.

— E há quanto tempo não dorme? — insistiu Panela.

— Não posso trabalhar e dormir ao mesmo tempo — observou ele. — E o trabalho tem de ser feito.

— E o trabalho será feito — prometeu-lhe a velha. — Mas esta noite o senhor fará uma pausa, só por algum tempo, para comer e beber. E depois para dormir. Vê? Olhe para lá. Esporana montou uma tenda para o senhor, e lá dentro há cobertores quentes e macios. E água quente, para se lavar. E a roupa limpa que conseguirmos arranjar.

Ele baixou os olhos para as mãos prateadas.

— Não sei se posso me lavar — confidenciou.

— Nesse caso, FitzCavalaria e o Bobo irão ajudá-lo — prometeu-lhe ela alegremente.

— Obrigado. Isso seria bom. Mas… — Os seus olhos partiram para longe, por algum tempo. — Kettricken. Ela não esteve aqui, há pouco? Ou será que a sonhei? Foi dela tanto o que eu tinha de mais forte, de modo que o coloquei no dragão. Acho que é disso que tenho sentido mais saudades, entre tudo o que coloquei ali. — Fez uma pausa, e então acrescentou: — Nas ocasiões em que consigo me lembrar daquilo que de que sinto saudade.

— Kettricken está aqui — assegurei-lhe. — Foi caçar, mas regressará em breve. Gostaria de estar lavado e vestido com roupas limpas quando ela voltar? — Eu decidira responder às partes da sua conversa que faziam sentido e não perturbá-lo questionando-o sobre as outras partes.

— Essa mulher vê além desse tipo de coisa — disse-me ele, com uma sombra de orgulho na voz. — Ainda assim, seria agradável… Mas há tanto trabalho a se fazer.

— Mas está ficando escuro demais para trabalhar mais hoje. Espere até de manhã. O trabalho será feito — garantiu-lhe Panela. — Amanhã, irei ajudar o senhor.

Veracidade sacudiu lentamente a cabeça. Bebeu mais um pouco de chá. Mesmo aquela bebida rala parecia fortalecê-lo.

— Não — disse em voz baixa. — Temo que você não possa. Tenho de fazê-lo sozinho, compreende?

— Amanhã, o senhor verá. Acho que, se tiver forças suficientes então, poderá ser possível que eu o ajude. Mas não nos preocupemos com isso até lá.

Ele suspirou e lhe ofereceu de volta a caneca vazia. Em vez de pegar a caneca, ela o agarrou rapidamente pela parte superior do braço e colocou de pé. Era forte, para uma mulher tão velha. Não procurou lhe tirar a espada da mão, mas ele a largou. Eu me abaixei para recolhê-la. Ele seguiu Panela docilmente, como se o simples ato de lhe pegar no braço o tivesse privado de toda a vontade. Enquanto os seguia, passei os olhos pela lâmina que fora o orgulho de Hode. Perguntei a mim mesmo o que possuíra Veracidade para pegar uma arma tão régia e transformá-la em uma ferramenta para esculpir a pedra. Os gumes estavam cheios de amassados e entalhes devido ao mau uso, a ponta não era mais pontuda do que uma colher. A espada era tão parecida com o homem, refleti, e os segui até o acampamento.

Quando chegamos à fogueira, fiquei quase chocado por ver que Kettricken regressara. Estava sentada junto ao fogo, fitando-o desapaixonadamente. Olhos-de-Noite estava deitado quase em cima dos seus pés. As orelhas se empinaram na minha direção quando me aproximei da fogueira, mas ele não fez qualquer movimento para abandonar a rainha.

Panela guiou Veracidade diretamente para a tenda improvisada que fora erguida para ele. Fez um aceno ao Bobo e, sem uma palavra, ele pegou uma bacia fumegante de água que estava ao lado da fogueira e a seguiu. Quando me atrevi a também entrar na minúscula tenda, o Bobo me enxotou e também a Panela.

— Ele não será o primeiro rei de quem cuidarei –lembrou-nos. — Confiem-no a mim.

— Não toque nas mãos ou nos antebraços dele! — advertiu severamente Panela. O Bobo pareceu um pouco surpreso com aquilo, mas passado um momento balançou a cabeça em concordância. Quando eu saí, ele estava desamarrando a tira de couro cheia de nós que prendia o gasto justilho de Veracidade, não parando de falar de coisas inconsequentes. Ouvi Veracidade observar:

— Sinto tanta falta de Carimo. Nunca devia ter permitido que viesse comigo, mas ele me servia há tanto tempo… Morreu lentamente, com muita dor. Isso foi difícil para mim, vê-lo morrer. Mas também ele foi para o dragão. Foi necessário.

Senti-me embaraçado quando regressei para a fogueira. Esporana estava mexendo a panela de cozido que borbulhava alegremente. Um grande pedaço de carne num espeto pingava gordura na fogueira, fazendo as chamas saltarem e sibilarem. O cheiro que lançava me lembrou com tamanha intensidade a fome que eu sentia que a minha barriga roncou. Panela estava de pé, de costas voltadas para a fogueira, com os olhos perdidos na escuridão. Os de Kettricken se voltaram para mim.

— Então — eu disse, de repente. — Como foi a caça?

— Como vê — disse Kettricken em voz baixa. Indicou a panela com um gesto, e então atirou uma mão indiferente para indicar uma fêmea esvicerada de porco da floresta. Aproximei-me dela para admirá-la. Não era um animal pequeno.

— Presa perigosa — observei, tentando parecer descontraído em vez de horrorizado pelo fato de minha rainha enfrentar sozinha um animal como aquele.

— Era o que eu precisava caçar — disse ela, ainda em voz baixa. Compreendi-a bem demais.

Foi uma caçada muito boa. Nunca tinha capturado tanta carne com tão pouco esforço, disse-me Olhos-de-Noite. Roçou o lado da cabeça na perna dela com uma verdadeira afeição. Ela deixou cair uma mão para lhe puxar suavemente pelas orelhas. Ele gemeu de prazer e encostou-se pesadamente nela.

— Assim acabará mimando ele — fingi adverti-la. — Ele me disse que nunca capturou tanta carne com tão pouco esforço.

— Ele é tão inteligente. Juro que empurrou a caça na minha direção. E é corajoso. Quando a minha primeira flecha não a abateu, ele a manteve a distância enquanto eu encaixava outra no arco. — Falava como se não tivesse mais nada em mente além daquilo. Respondi às suas palavras com um aceno, satisfeito por deixar que a nossa conversa se desenrolasse assim. Porém, ela me perguntou de súbito: — O que há com ele?

Eu sabia que ela não falava do lobo.

— Não tenho certeza — disse suavemente. — Ele passou por grandes privações. Talvez suficientes para… lhe enfraquecer a mente. E…

— Não. — A voz de Panela soou brusca. — Não é nada disso. Embora eu admita que ele está cansado. Qualquer homem estaria, depois de fazer o que ele fez sozinho. Mas…

— Não pode acreditar que foi ele quem esculpiu todo aquele dragão! — interrompi.

— Acredito — retorquiu a velha com certeza na voz. — É como ele lhe disse. Precisa fazê-lo pessoalmente, e por isso o fez. — Sacudiu lentamente a cabeça. — Eu nunca tinha ouvido falar de uma coisa dessas. Até o Rei Sabedoria teve a ajuda do seu círculo, ou daquilo que restava dele quando chegou aqui.

— Ninguém poderia ter esculpido aquela estátua com uma espada — eu disse, teimosamente. O que ela estava dizendo era um absurdo.

Como resposta, ela levantou-se e penetrou a passos largos na escuridão. Quando regressou, largou dois objetos aos meus pés. Um já fora um cinzel. A cabeça fora dobrada até se transformar numa massa irregular, a lâmina transformara-se em coisa nenhuma. O outro era uma antiga cabeça de marreta de ferro, com um cabo de madeira relativamente novo encaixado nela.

— Há outros, espalhados por aí. Provavelmente os encontrou na cidade. Ou jogados fora por aqui — observou antes de eu ter tempo de fazer a pergunta.

Fitei as maltratadas ferramentas, e pensei em todos os meses que haviam se passado desde que Veracidade partira. Para aquilo? Para esculpir um dragão de pedra?

— Não compreendo — eu disse debilmente.

Panela falou com clareza como se eu fosse lento de raciocínio.

— Ele tem esculpido um dragão e armazenado nele todas as suas recordações. Isso é parte do motivo por que parece tão vago. Mas há mais. Creio que usou o Talento para matar Cedoura, e foi gravemente ferido ao fazê-lo. — Sacudiu tristemente a cabeça. — Chegar tão perto de acabar, para então ser derrotado. Pergunto-me quão astuto é o círculo de Majestoso. Enviaram um dos seus contra ele, sabendo que se Veracidade matasse com o Talento poderia derrotar a si mesmo?

— Não acho que algum dos membros desse círculo se sacrificaria voluntariamente.

Panela deu um sorriso amargo.

— Não disse que ele veio voluntariamente. E também não disse que sabia o que os colegas pretendiam fazer. É como o jogo das pedras, FitzCavalaria. Joga-se cada pedra para ganhar o máximo de vantagem no jogo. O objetivo é ganhar, não colecionar as pedras.

CAPÍTULO 34

Garota em um Dragão

No início da nossa resistência contra os Navios Vermelhos, antes de alguém nos Seis Ducados ter começado a chamá-la de guerra, o Rei Sagaz e o Príncipe Veracidade perceberam que a tarefa que enfrentavam era descomunal. Nenhum indivíduo, por mais Talentoso que fosse, poderia resistir sozinho para afastar os Navios Vermelhos das nossas costas. O Rei Sagaz convocou Galeno, o Mestre do Talento, e ordenou-lhe que criasse um círculo para Veracidade a fim de auxiliar os esforços do príncipe. Galeno resistiu a esta ideia, especialmente quando descobriu que um dos que teria de treinar era um bastardo real. O Mestre do Talento declarou que nenhum dos estudantes que lhe foram apresentados era digno de ser treinado. Mas o Rei Sagaz insistiu, dizendo-lhe para fazer com eles o melhor que pudesse. Quando Galeno cedeu, a contragosto, criou o círculo que leva o seu nome.

Rapidamente ficou evidente ao Príncipe Veracidade que o círculo, embora internamente fosse coeso, não trabalhava nada bem com o príncipe. A essa altura, Galeno morrera, deixando Torre do Cervo sem sucessor para o posto de Mestre do Talento. Em desespero, Veracidade procurou outras pessoas treinadas no Talento que pudessem vir em seu auxílio. Embora não tivessem sido criados quaisquer círculos durante os anos pacíficos do reinado do Rei Sagaz, Veracidade pensou que poderia ainda haver homens e mulheres vivos treinados para círculos antes dessa época. Não havia sido sempre lendária a longevidade dos membros dos círculos? Talvez conseguisse encontrar alguém que o ajudasse, ou que fosse capaz de treinar outros no Talento.

Contudo, os esforços do Príncipe Veracidade nessa área resultaram em nada. Aqueles que conseguiu identificar como utilizadores de Talento a partir de registros e do boca a boca estavam todos mortos ou misteriosamente desaparecidos. E, assim, o Príncipe Veracidade foi forçado a travar sozinho a sua guerra.



Antes de eu ter tempo de pressionar Panela a esclarecer as suas respostas, ouviu-se um grito vindo da tenda de Veracidade. Todos saltamos, mas Panela foi a primeira a chegar à aba da tenda. O Bobo emergiu, agarrando o pulso esquerdo com a mão direita. Dirigiu-se diretamente ao balde de água e mergulhou nele a mão. Tinha o rosto contorcido de dor ou medo, talvez por ambas as coisas. Panela o seguiu a passos largos para examinar a mão que ele agarrava.

Sacudiu a cabeça, desgostosa.

— Eu lhe avisei! Vamos, tire-a da água, que ela não melhora isso em nada. Nada melhorará isso de jeito nenhum. Pare. Pense. Não é realmente dor, é uma sensação que você nunca sentiu antes. Respire. Relaxe. Aceite-a. Aceite-a. Respire fundo, respire fundo.

Enquanto falava, puxava o braço do Bobo, até que ele tirou relutantemente a mão da água. Panela virou imediatamente o balde com o pé. Chutou pó de pedra e cascalhos sobre a água derramada, sem soltar o braço do Bobo. Eu estiquei o pescoço para olhar atrás dela. As pontas dos primeiros três dedos da mão esquerda do Bobo estavam agora cobertos de prata. Ele os olhou com um estremecimento. Nunca vira o Bobo tão enervado.

Panela falou com firmeza.

— Isso não sairá lavando. Não sairá esfregando. Agora está com você, então aceite-o. Aceite-o.

— Dói? — perguntei, ansioso.

— Não lhe faça essa pergunta! — exclamou Panela. — Não lhe pergunte nada agora. Vá cuidadr do rei, FitzCavalaria, e deixe o Bobo comigo.

Na minha preocupação com o Bobo, quase esquecera o meu rei. Abaixei-me para entrar na tenda. Veracidade estava sentado em dois cobertores dobrados. Lutava para amarrar uma das minhas camisas. Deduzi que Esporana esquadrinhara todos os embrulhos para lhe arranjar roupa limpa. Afetou-me vê-lo tão magro que uma das minhas camisas lhe servia.

— Permita-me, meu rei — sugeri.

Ele não só abaixou as mãos, como as pôs atrás das costas.

— O Bobo está muito ferido? — perguntou enquanto eu lutava com os cordões cheios de nós. Soava quase como o meu velho Veracidade.

— Só tem três pontas de dedos prateadas — respondi. Vi que o Bobo preparara uma escova e uma tira de couro. Posicionei-me atrás de Veracidade e comecei a escovar o seu cabelo para trás. Ele puxou apressadamente as mãos para frente. Um pouco do cinza no seu cabelo fora poeira de pedra, mas não todo. O seu rabo de cavalo de guerreiro era agora grisalho com madeixas negras

e áspero como a cauda de um cavalo. Esforcei-me por alisá-lo. Enquanto amarrava a tira, perguntei-lhe: — Como é a sensação?

— Disto? — perguntou, erguendo as mãos e mexendo os dedos. — Oh. É como o Talento. Só que mais, e nas minhas mãos e braços.

Percebi que ele achava ter respondido à pergunta.

— Por que fez isso? — perguntei.

— Bem, para trabalhar a pedra, você sabe. Quando tenho este poder nas mãos, a pedra tem de obedecer ao Talento. A pedra extraordinária. Como as Pedras Testemunha em Cervo, sabia disso? Só que elas não se aproximam sequer da pureza do que se encontra aqui. Claro, as mãos são ferramentas pobres para trabalhar a pedra. Mas depois de cortar todo o excesso de pedra e de chegar aonde o dragão espera, ele pode então ser despertado com o seu toque. Eu passo as mãos pela pedra e me recordo do dragão que existe nela. E tudo aquilo que não é dragão se desprende, estremecendo, em lascas e cacos. Muito lentamente, claro. Precisei de um dia inteiro só para revelar os olhos dele.

— Compreendo — murmurei, perdido. Não sabia se ele estava louco ou se acreditava nele.

Veracidade levantou-se o máximo que pôde na tenda baixa.

— Kettricken está zangada comigo? — perguntou de repente.

— Senhor meu rei, não cabe a mim dizer…

— Veracidade — interrompeu ele num tom fatigado. — Chame-me de Veracidade e, pelo amor de Eda, responda à pergunta, Fitz.

Soou tanto como o seu antigo eu que quis abraçá-lo. Em vez disso, disse:

— Não sei se está zangada. Está certamente magoada. Percorreu um caminho longo e cansativo para encontrá-lo, trazendo notícias terríveis. E o senhor não parece se importar.

— Eu me importo, quando penso nisso — disse ele com gravidade. — Quando penso nisso, sofro. Mas há tantas coisas em que tenho de pensar, e não posso pensar em todas ao mesmo tempo. Eu soube quando a criança morreu, Fitz. Como poderia não saber? Também ele, e tudo o que senti, foi posto no dragão.

Afastou-se lentamente de mim, e eu o segui para fora da tenda. Lá fora, endireitou-se, mas não perdeu a inclinação dos ombros. Veracidade era agora um velho, de alguma forma muito mais velho do que Breu. Não compreendi isso, mas soube que era verdade. Kettricken ergueu o olhar quando ele se aproximou. Voltou a olhar para a fogueira, e então, quase contra vontade, levantou-se, afastando-se do lobo adormecido. Panela e Esporana estavam amarrando os dedos do Bobo com tiras de pano. Veracidade dirigiu-se diretamente a Kettricken

e parou na sua frente.

— Minha rainha — disse num tom grave. — Se pudesse, eu a abraçaria. Mas viu que o meu toque… — Indicou o Bobo com um gesto e deixou que as palavras ficassem suspensas no ar.

Eu vira a expressão no rosto dela quando contara a Veracidade a morte do bebê. Esperara que ela lhe virasse costas, para magoá-lo como ele a magoara. Porém, o coração de Kettricken era maior do que isso.

— Oh, meu esposo — disse, e a voz vacilou nas palavras. Ele abriu os braços prateados e ela foi até ele, envolvendo-o no seu abraço. Ele abaixou a cabeça grisalha para o áspero dourado do cabelo dela, mas não pôde deixar que a mão lhe tocasse. Afastou dela a bochecha prateada. Sua voz soou rouca e vacilante quando lhe perguntou:

— Deu um nome a ele? Ao nosso filho?

— Dei-lhe um nome de acordo com os costumes da sua terra. — Respirou fundo. A palavra soou tão baixa que quase não ouvi. — Sacrifício — suspirou. Apertou-se bem a ele, e eu vi os seus ombros magros serem abalados por um soluço.

— Fitz! — sibilou Panela com severidade. Virei-me para vê-la me olhando de cenho franzido. — Deixe-os em paz — murmurou. — Faça algo de útil. Vá buscar um prato para o Bobo.

Eu estivera olhando fixamente para eles. Virei-me, envergonhado por ter ficado ali de boca aberta, mas contente por tê-los visto se abraçando, mesmo que na dor. Fiz o que Panela ordenara, indo ao mesmo tempo buscar comida para mim. Levei o prato ao Bobo. Ele estava sentado, apoiando no colo a mão ferida.

Ergueu os olhos quando me sentei ao seu lado.

— Não sai nem esfregando — reclamou. — Por que grudou nos meus dedos?

— Não sei.

— Porque você está vivo — disse Panela, sucinta. Sentou-se à nossa frente como se precisássemos de supervisão.

— Veracidade me disse que consegue dar forma à pedra com os dedos por causa do Talento que há neles — disse-lhe.

— A sua língua tem uma dobradiça no meio para sacudir nas duas pontas? Você fala demais! — censurou-me Panela.

— Talvez eu não falasse demais se você falasse um pouco mais — retorqui. — A pedra não está viva.

Ela olhou para mim.

— Você sabe disso, é? Bem, de que adianta eu falar se você já sabe tudo? —

Atacou a sua comida como se ela lhe tivesse feito uma desfeita pessoal.

Esporana juntou-se a nós. Sentou-se ao meu lado, com o prato apoiado nos joelhos, e disse:

— Não compreendo aquela coisa prateada nas mãos dele. O que é?

O Bobo soltou um risinho para dentro do seu prato como uma criança travessa quando Panela a olhou, furiosa. Mas eu estava ficando farto das evasivas de Panela.

— Como é a sensação? — perguntei ao Bobo.

Ele olhou para os dedos enfaixados.

— Não é dor. Muita sensibilidade. Consigo sentir o entrançado dos fios das bandagens. — Os seus olhos começaram a ficar distantes. Sorriu. — Consigo ver o homem que o teceu, e conheço a mulher que o fiou. As ovelhas na encosta da colina, a chuva caindo na sua lã espessa e o capim que comeram… A lã vem do capim, Fitz. Uma camisa tecida de capim. Não, há mais. O solo, negro, rico, e…

— Pare com isso! — disse Panela com rispidez. E virou-se, zangada, para mim. — E você pare de lhe fazer perguntas, Fitz. A menos que queira que ele o siga até longe demais e se perca para sempre. — Cutucou com força o Bobo. — Coma a sua comida.

— Como você sabe tanto sobre o Talento? — perguntou-lhe de repente Esporana.

— Você também, não! — declarou Panela, furiosa. — Será que já não há nada privado?

— Entre nós? Não muito — respondeu o Bobo, mas não estava olhando para ela. Estava observando Kettricken, cujo rosto ainda se mostrava inchado de chorar, enquanto servia comida em pratos, para si mesma e para Veracidade. A sua roupa gasta e manchada, o seu cabelo áspero e mãos rachadas e a tarefa simples e doméstica que desempenhava pelo marido deviam tê-la feito se parecer com qualquer mulher. Mas olhei para ela e vi talvez a mais forte rainha que Torre do Cervo já conhecera.

Vi Veracidade estremecer ligeiramente quando tirou da mão da mulher o prato simples de madeira e a colher. Fechou os olhos por um momento, lutando contra a atração da história dos utensílios. Recompôs o rosto e levou à boca uma colherada de comida. Mesmo estando no lado oposto do acampamento, senti o súbito despertar de uma fome pura. Ele não apenas passara muito tempo sem comida quente, passara sem sustento sólido de qualquer espécie. Respirou fundo, trêmulo, e começou a comer como um lobo faminto.

Panela o estava observando. Uma expressão de piedade lhe atravessou o rosto.

— Não. Resta muito pouca privacidade a qualquer um de nós — disse com tristeza.

— Quanto mais depressa o levarmos de volta a Jhaampe, mais depressa ele melhorará — disse Esporana num tom calmante. — Acha que devemos seguir caminho amanhã? Ou será melhor lhe dar alguns dias de alimento e descanso para recuperar as forças?

— Não vamos levá-lo de volta a Jhaampe — disse Panela, com um fundo de tristeza na voz. — Ele começou um dragão. Não pode abandoná-lo. — Olhou-nos sem expressão. — A única coisa que podemos fazer agora por ele é ficar aqui e ajudá-lo a terminá-lo.

— Com Navios Vermelhos incendiando toda a costa dos Seis Ducados e Vara atacando as Montanhas, devemos ficar aqui e ajudar o rei a esculpir um dragão? — Esporana estava incrédula.

— Sim. Se quisermos salvar os Seis Ducados e as Montanhas, isso é exatamente o que devemos fazer. E agora, com licença. Acho que vou pôr mais um pouco de carne para cozinhar. O nosso rei tem ar de quem precisa.

Deixei de lado o meu prato vazio.

— Provavelmente devíamos cozinhá-la toda. Com este tempo, a carne estraga-se depressa — eu disse, de forma insensata.

Passei a hora seguinte cortando o porco em porções que pudessem ficar toda a noite sendo cozinhadas a seco sobre a fogueira. Olhos-de-Noite acordou e ajudou a nos livrarmos dos restos até ficar com a barriga inchada. Kettricken e Veracidade permaneceram sentados, conversando em voz baixa. Tentei não os observar, mas mesmo assim notei que era frequente que o olhar dele fosse dela até o estrado onde o seu dragão se agachava sobre nós. O baixo ribombar da sua voz era hesitante, e muitas vezes desaparecia por completo até ser instigado por outra pergunta de Kettricken.

O Bobo estava se divertindo tocando em coisas com os seus dedos de Talento: uma tigela, uma faca, o tecido da sua camisa. Enfrentava o cenho franzido de Panela com um sorriso benigno.

— Estou sendo cuidadoso — disse-lhe uma vez.

— Você não faz a mínima ideia de como ter cuidado — protestou ela. — Não saberá que se perdeu até desaparecer. — Com um resmungo, levantou-se de onde estávamos cortando o porco e insistiu em voltar a lhe enfaixar os dedos. Depois disso, ela e Esporana foram juntas recolher mais lenha. O lobo levantou-se com um gemido e as seguiu.

Kettricken ajudou Veracidade a entrar na tenda. Passado um momento, surgiu

de novo para entrar na tenda principal. Emergiu, carregando os seus cobertores. Captou o meu olhar rápido e me desconcertou ao me encarar.

— Peguei as luvas compridas na sua trouxa, Fitz — disse-me calmamente. Então se juntou a Veracidade na tenda menor. O Bobo e eu olhamos para todo o lado, menos um para o outro.

Retornei à tarefa de cortar a carne. Estava farto dela. O cheiro do porco de repente se transformou no cheiro de uma coisa morta, em vez do cheiro de carne fresca, e eu tinha manchas de sangue pegajoso até os cotovelos. Os punhos puídos da minha camisa estavam ensopados de sangue. Continuei obstinadamente com a minha tarefa. O Bobo veio agachar-se ao meu lado.

— Quando os meus dedos roçaram no braço de Veracidade, eu o conheci — disse de repente. — Soube que era um rei com valor para que eu o siga, com tanto valor como o pai teve antes dele. Sei o que ele pretende fazer — acrescentou numa voz mais baixa. — Foi demais para compreender de imediato, mas estive sentado e pensando. E tudo se encaixa com o meu sonho sobre Realder.

Senti um arrepio que nada tinha a ver com o frio.

— O quê? — perguntei.

— Os dragões são os Antigos — disse o Bobo em voz baixa. — Mas Veracidade não conseguiu acordá-los. De modo que esculpe o seu próprio dragão, e quando ele estiver terminado, irá despertá-lo, e então partirá para enfrentar os Navios Vermelhos. Sozinho.

Sozinho. Essa palavra me atingiu. Mais uma vez, Veracidade pretendia enfrentar sozinho os Navios Vermelhos. Mas havia muito que eu não compreendia bem.

— Todos os Antigos eram dragões? — perguntei. Minha mente voltou a todos os desenhos e padrões de Antigos que eu já vira. Alguns haviam sido semelhantes a dragões, mas…

— Não. Os Antigos *são* dragões. Aquelas criaturas esculpidas no jardim de pedra. Aqueles são os Antigos. O Rei Sabedoria conseguiu despertá-los na sua época, para recrutá-los à sua causa. Voltaram à vida por ele. Contudo, agora, ou dormem muito profundamente, ou estão mortos. Veracidade gastou muitas das suas forças tentando despertá-los de todas as maneiras que conseguiu imaginar. E quando não foi capaz, decidiu que teria de fazer o seu próprio Antigo, e lhe dar vida, e usá-lo para enfrentar os Navios Vermelhos.

Fiquei aturdido. Pensei na vida de Manha que o lobo e eu havíamos detectado espreitando por aquelas pedras. Com um súbito choque, lembrei-me da angústia

encurralada da garota montada em uma estátua de dragão naquela mesma pedreira. Pedra viva, para sempre presa e sem poder voar. Estremeci. Era um tipo diferente de masmorra.

— Como isso é feito?

O Bobo sacudiu a cabeça.

— Não sei. Não acho que o próprio Veracidade saiba. Ele vai por tentativas, cego e tateando. Dá forma à pedra, e lhe dá as suas memórias. E quando estiver terminado, criará vida. Suponho.

— Está ouvindo o que está dizendo? — perguntei-lhe. — Pedra se erguerá e defenderá os Seis Ducados contra os Navios Vermelhos. E quanto às tropas de Majestoso e às escaramuças fronteiriças com o Reino da Montanha? Esse "dragão" também irá repeli-las? — Uma ira lenta estava se acumulando em mim. — Foi para isso que percorremos toda esta distância? Para uma história em que eu não esperaria que uma criança acreditasse?

O Bobo pareceu levemente afrontado.

— Acredite ou não, como queira. Sei apenas que Veracidade acredita. A não ser que eu esteja muito enganado, Panela também acredita. Por que outro motivo ela insistiria que temos de ficar aqui e ajudar Veracidade a completar o dragão?

Durante algum tempo refleti sobre aquilo. Então lhe perguntei:

— O seu sonho sobre o dragão de Realder. O que lembra dele?

Ele encolheu os ombros com um ar de impotência.

— Os sentimentos que me trouxe, principalmente. Estava exuberante e eufórico, pois não só ia anunciar o dragão de Realder, como ele ia me levar para voar nele. Senti que estava um pouco apaixonado por ele, sabe? Esse tipo de elevação no coração. Mas… — Hesitou. — Não consigo me lembrar se amava Realder ou o seu dragão. No meu sonho, estavam misturados… acho. Lembrar os sonhos é tão difícil. É preciso capturá-los assim que se acorda, e repeti-los rapidamente para si mesmo, a fim de solidificar os detalhes. Do contrário, desaparecem depressa demais.

— Mas no seu sonho algum dragão de pedra voou?

— Eu estava anunciando o dragão no meu sonho, e sabia que ia voar nele. Ainda não o tinha visto, no meu sonho.

— Então talvez isso não tenha absolutamente nada a ver com o que Veracidade faz. No tempo de onde veio o seu sonho, talvez houvesse dragões verdadeiros, de carne e osso.

Ele me lançou um olhar curioso.

— Não acredita que existam dragões reais hoje?

— Nunca vi nenhum.

— Na cidade — observou ele, em voz baixa.

— Isso foi uma visão de uma época diferente. Você disse hoje.

Ele ergueu uma das suas mãos pálidas à luz da fogueira.

— Acho que eles são como a minha espécie. Raros, mas não míticos. Além do mais, se não existissem dragões de carne, osso e fogo, de onde teria vindo a ideia para estas esculturas de pedra?

Sacudi cansado a cabeça.

— Esta conversa está andando em círculos. Estou farto de quebra-cabeças, adivinhas e crenças. Quero saber o que é real. Quero saber por que percorremos toda essa distância e o que devemos fazer.

Mas o Bobo não tinha respostas para aquilo. Quando Panela e Esporana regressaram com a lenha, ele me ajudou a organizar a fogueira em camadas e a arrumar a carne onde o calor lhe tirasse a gordura. A carne que não conseguimos colocar para cozinhar embrulhamos na pele do porco. Havia uma pilha de ossos e restos de bom tamanho. Apesar do modo como se empanturrara horas antes, Olhos-de-Noite pegou um osso de perna para roer. Deduzi que tivesse regurgitado em algum lugar parte da sua barriga cheia.

Não existe isso de muita reserva de carne, disse-me ele com um ar satisfeito.

Fiz algumas tentativas para fazer Panela falar comigo, mas sem que eu saiba como elas evoluíram até se transformarem em um sermão sobre como eu agora devia estar mais atento ao Bobo. Ele devia ser protegido, não só do círculo de Majestoso, mas também contra a atração de Talento de objetos que poderiam fazer a sua mente a vagar. Por esse motivo, queria que cumpríssemos juntos os nossos turnos de vigia. Insistiu que o Bobo precisava dormir de barriga para cima, com os dedos nus virados para cima para não tocarem em nada. Como o Bobo normalmente dormia enrolado como uma bola, não ficou particularmente contente. Mas pelo menos se acomodou para a noite.

Eu não devia ficar de vigia até as horas que antecedem a alvorada. Mas foi antes disso que o lobo veio enfiar o focinho debaixo do meu rosto e sacudir a minha cabeça até que eu abri os olhos.

— O que é? — perguntei, cansado.

Kettricken caminha sozinha, chorando.

Eu duvidava de que ela quisesse a minha companhia. Também duvidava de que devesse estar sozinha. Levantei-me sem ruído e segui o lobo para fora da tenda. Lá fora, Panela estava sentada junto da fogueira, cutucando desconsolada a carne. Percebi que ela devia ter visto a rainha partir, portanto não dissimulei.

— Vou à procura de Kettricken.

— Provavelmente é uma boa ideia — disse ela em voz baixa. — Ela me disse que ia ver o dragão dele, mas já partiu há tempo demais para isso.

Não foi preciso dizermos mais nada. Segui Olhos-de-Noite quando ele se afastou da fogueira a um trote determinado. Porém, ele não me levou na direção do dragão de Veracidade, mas de volta, através da pedreira. Havia pouco luar, e o que havia parecia ser bebido pelos grandes blocos de pedra. As sombras pareciam cair em todas as direções, alterando a perspetiva. A necessidade de ter cuidado tornou a pedreira vasta enquanto eu avançava no encalço do lobo.

Minha pele ficou arrepiada quando percebi que seguíamos na direção do pilar. Contudo, a encontramos antes de chegarmos lá. Estava de pé, tão imóvel quanto a própria rocha, junto à garota montada no dragão. Ela subira no bloco de pedra que atolava o dragão e erguera uma mão para a perna da garota. Um truque do luar fazia com que os olhos de pedra da garota parecessem olhar para baixo, para Kettricken. A luz cintilava prateada em uma lágrima de pedra, e reluzia nas lágrimas que Kettricken tinha no rosto. Olhos-de-Noite aproximou-se com leveza, saltou para o estrado como se não tivesse peso e encostou a cabeça na perna de Kettricken com um minúsculo ganido.

— Shhh — disse-lhe ela, suavemente. — Escute. Consegue ouvi-la chorando? Eu consigo.

Não duvidei, pois conseguia senti-la sondando com a Manha, com mais força do que já sentira nela.

— Minha senhora — eu disse em voz baixa.

Ela se sobressaltou, fazendo a mão voar para a boca quando se virou para mim.

— Peço que me perdoe. Não pretendia assustá-la. Mas a senhora não devia estar sozinha aqui. Panela teme que o círculo ainda possa causar perigo, e não estamos muito longe do pilar.

Ela deu um sorriso amargo.

— Onde quer que eu esteja, estou sozinha. E não consigo imaginar que eles possam me fazer algo de pior do que o que fiz a mim mesma.

— Isso é só porque não os conhece tão bem como eu. Por favor, minha rainha, volte ao acampamento comigo.

Ela se moveu, e achei que ia descer na minha direção. Porém, sentou-se e encostou-se no dragão. A infelicidade da garota do dragão que a minha Manha sentia teve eco na de Kettricken.

— Só queria me deitar ao lado dele — disse em voz baixa. — Abraçá-lo. E ser

abraçada. Ser abraçada, Fitz. Sentir-me… segura, não. Eu sei que nenhum de nós está em segurança. Mas me sentir valorizada. Amada. Não esperava mais do que isso. Mas ele não quis. Disse que não podia me tocar. Que não se atrevia a tocar em nada de vivo, exceto em seu dragão. — Virou a cabeça para o lado. — Mesmo com as mãos e os braços enluvados, não quis me tocar.

Dei por mim subindo no estrado. Peguei-a pelos ombros e a coloquei de pé.

— Ele tocaria se pudesse — disse-lhe. — Isso eu sei. Ele tocaria se pudesse.

Ela ergueu as mãos para cobrir o rosto, e as lágrimas silenciosas e deslizantes transformaram-se de súbito em soluços. Falou através deles.

— Você… e o seu Talento. E ele. Fala tão facilmente de saber o que ele sente. De amor. Mas eu… eu não tenho isso. Eu só… preciso senti-lo, Fitz. Preciso sentir os braços dele à minha volta, estar perto dele. Acreditar que ele me ama. Como eu o amo. Depois de lhe ter desapontado de tantas maneiras. Como posso acreditar… quando ele recusa até… — Passei os braços em volta dela e puxei a sua cabeça para o meu ombro, enquanto Olhos-de-Noite se encostava em nós e choramingava baixinho.

— Ele a ama — disse-lhe. — Ama mesmo. Mas o destino colocou este fardo sobre vocês dois. Ele precisa ser suportado.

— Sacrifício — sussurrou ela, e eu não percebi se estava chamando pelo filho ou definindo a sua vida. Continuou a chorar e eu a abracei, alisando o seu cabelo e lhe dizendo que as coisas melhorariam, que um dia as coisas teriam de melhorar, que haveria uma vida para ambos quando tudo aquilo terminasse, e crianças, crianças crescendo a salvo dos Navios Vermelhos e das malignas ambições de Majestoso. Passado algum tempo, senti-a se acalmar e percebi que o que estivera lhe dando era tanto Manha como palavras. Aquilo que eu sentia por ela se misturara com os sentimentos do lobo e nos unira. Mais suave do que um vínculo de Talento, mais quente e natural, abracei-a tanto com o coração como com os braços. Olhos-de-Noite encostou-se mais nela, dizendo-lhe que a defenderia, que a sua carne seria sempre a carne dela, que não teria de temer nada que possuísse dentes, pois éramos alcateia, e sempre o seríamos.

Foi ela quem finalmente rompeu o abraço. Soltou um último suspiro trêmulo, e então se afastou de mim. A sua mão ergueu-se para limpar a umidade do rosto.

— Oh, Fitz — disse apenas, com tristeza. E foi tudo. Eu fiquei imóvel, sentindo a gelada separação onde por algum tempo estivéramos juntos. Um súbito espasmo de perda tomou conta de mim. E então um estremecimento de medo quando percebi a sua fonte. A garota no dragão partilhara do nosso abraço, e a sua infelicidade de Manha fora brevemente consolada pela nossa

proximidade. Agora que nos afastávamos, o gemido distante e gélido da pedra voltou a se erguer, mais sonoro e mais forte. Tentei saltar com leveza do estrado, mas, quando aterrissei, cambaleei e quase caí. De algum modo aquela união drenara força de mim. Era assustador, mas eu disfarcei a inquietação quando acompanhei Kettricken de volta ao acampamento, em silêncio.

Cheguei bem a tempo de render Panela na vigia. Ela e Kettricken foram dormir, prometendo mandar o Bobo para ficar de vigia comigo. O lobo me lançou um olhar que pedia desculpa, e depois seguiu Kettricken para a tenda. Assegurei-lhe que aprovava. Um momento mais tarde, o Bobo saiu, esfregando os olhos com a mão esquerda e trazendo a direita delicadamente enrolada contra o peito. Sentou-se numa pedra na minha frente enquanto eu verificava a carne para ver que peças precisavam ser viradas. Durante algum tempo, observou-me em silêncio. Depois se abaixou e, com a mão direita, pegou um pedaço de lenha. Sabia que devia repreendê-lo, mas em vez disso o observei, tão curioso como ele. Após um momento, ele enfiou a lenha na fogueira e endireitou-se.

— Calma e adorável — disse-me. — Uns quarenta anos de crescimento, inverno e verão, tempestade e bom tempo. E antes disso, foi carregada como noz por outra árvore. E é assim que o fio recua, mais e mais. Não acho que eu precise temer muito as coisas da natureza, só aquelas que foram trabalhadas pelo homem. Nessas, os fios se desfiam. Mas nas árvores, creio, será agradável tocar.

— Panela disse que você não devia tocar em nada vivo — lembrei-lhe como se fosse uma criança bisbilhoteira.

— Panela não tem de viver com isto. Eu tenho. Preciso descobrir os limites que me impõe. Quanto mais depressa descobrir o que posso e não posso fazer com a mão direita, melhor. — Deu um sorriso malicioso e indicou-se com um gesto sugestivo.

Eu sacudi a cabeça, mas não consegui evitar o riso.

Ele juntou o seu riso ao meu.

— Ah, Fitz — disse em voz baixa, um momento mais tarde. — Não sabe o que significa para mim ainda conseguir fazê-lo rir. Se posso fazê-lo rir, eu mesmo conseguirei rir.

— Surpreende-me que você ainda seja capaz de gracejar — retorqui.

— Quando se tem a opção de rir ou chorar, mais vale que se ria — disse. De repente, perguntou: — Ouvi você deixar a tenda há pouco. Então, enquanto esteve fora… Consegui sentir um pouco do que aconteceu. Onde você foi? Houve muito que não consegui compreender.

Fiquei em silêncio, pensando.

— O vínculo de Talento entre nós pode estar se fortalecendo em vez de enfraquecer. Não acho que isso seja bom.

— Já não há casco-de-elfo. Tomei o resto há dois dias. Bom ou ruim, é como é. E agora me explique o que aconteceu.

Vi pouca vantagem em recusar. De modo que tentei explicar. Ele interrompeu com algumas perguntas, para poucas das quais eu tinha resposta. Quando decidiu que compreendia os fatos tão bem quanto as palavras eram capazes de transmiti-los, lançou-me um sorriso sarcástico.

— Vamos lá ver essa garota no dragão — sugeriu.

— Por quê? — perguntei, cauteloso.

Ele ergueu a mão direita e sacudiu as pontas prateadas dos dedos na minha direção enquanto erguia uma sobrancelha.

— Não — eu disse com firmeza.

— Com medo? — alfinetou-me.

— Estamos aqui de vigia — disse-lhe severamente.

— Então irá comigo amanhã — sugeriu.

— Não é sensato, Bobo. Quem sabe que efeito isso poderá ter em você?

— Eu não. E é precisamente por isso que quero fazê-lo. Além disso, que vocação tem um Bobo para ser sensato?

— Não.

— Então terei de ir sozinho — disse ele com um suspiro fingido.

Recusei-me a morder a isca. Passado um momento, perguntou-me:

— O que você sabe sobre Panela que eu não sei?

Olhei-o, desconfortável.

— Quase tanto quanto o que sei de você que ela não sabe.

— Ah. Isso foi bem dito. Essas palavras poderiam ter sido roubadas de mim — concedeu. — Você não se pergunta por que o círculo não tentou nos atacar de novo? — perguntou em seguida.

— Hoje é a sua noite para fazer perguntas infelizes? — perguntei.

— Ultimamente, não tenho tido outras.

— No mínimo, atrevo-me a esperar que a morte de Cedoura os tenha enfraquecido. Deve ser um grande choque perder um membro do círculo ao qual se pertence. Quase tão ruim quanto perder um companheiro de Manha.

— E de que você tem medo? — pressionou o Bobo.

Era uma pergunta que eu andara afastando de mim mesmo.

— De que tenho medo? Do pior, claro. O que temo é que eles estejam de alguma forma reunindo mais forças contra nós, para equilibrar o poder de

Veracidade. Ou talvez estejam nos preparando uma armadilha. Temo que estejam concentrando o seu Talento para procurar Moli. — Acrescentei a última frase com grande relutância. Parecia dar o maior dos azares pensar nisso, quanto mais exprimi-lo em voz alta.

— Não pode arranjar alguma forma de lhe enviar um aviso pelo Talento?

Como se aquilo nunca me tivesse ocorrido.

— Sem traí-la, não. Nunca consegui contactar Bronco com o Talento. Às vezes consigo vê-los, mas não consigo torná-los conscientes de mim. Temo que fazer o esforço baste para expô-los ao círculo. Ele pode saber da sua existência, mas não saber onde ela está. Você me disse que nem o próprio Breu sabia onde ela estava. E Majestoso tem muitos lugares para onde enviar as tropas e a atenção. Cervo fica longe de Vara, e os Navios Vermelhos mantiveram o ducado em desordem. Certamente que não enviará tropas para uma confusão daquelas para tentar encontrar uma garota.

— Uma garota e uma criança Visionário — lembrou-me o Bobo com gravidade. — Fitz, eu não falo para o entristecer, mas só para avisá-lo. Eu contive a fúria dele contra você. Naquela noite, quando eles me tiveram em seu poder… — Engoliu em seco, e os seus olhos perderam-se na distância. — Fiz um esforço tão grande para esquecer. Se tocar nessas memórias, elas fervem e ardem dentro de mim como um veneno de que não consigo me ver livre. Senti o próprio ser de Majestoso dentro do meu. O ódio por você contorce-se dentro dele como vermes em carne apodrecida. — Sacudiu a cabeça, nauseado ao recordar daquilo. — O homem é louco. Atribui a você todas as ambições malignas que consegue imaginar. Vê a sua Manha com repugnância e terror. Não consegue conceber que aquilo que você faz, faz por Veracidade. Na sua mente, você devotou a sua vida a lhe fazer mal, desde que você chegou a Torre do Cervo. Acredita que tanto você como Veracidade vieram para estas Montanhas não para despertar os Antigos a fim de defender Cervo, mas para encontrar um algum tesouro de Talento ou poder para usar contra ele. Acredita que não tem alternativa a não ser agir primeiro, encontrar o que quer que você procure e usá-lo contra você. Para conseguir isso, aplica todos os seus recursos e a sua determinação.

Escutei o Bobo em uma espécie de terror petrificado. Os olhos dele tinham assumido a expressão fixa de um homem que recorda a tortura.

— Por que não me falou disso antes? — perguntei com suavidade quando ele parou para recuperar o fôlego. Ele estava com a pele dos braços arrepiada.

Afastou os olhos de mim.

— Não é algo que eu goste de me lembrar. — Estava tremendo muito levemente. — Eles estiveram na minha mente como crianças malignas e ociosas, quebrando tudo aquilo que não conseguiam compreender. Não consegui manter nada oculto deles. Contudo, não estavam nem um pouco interessados em mim. Consideravam-me algo inferior a um cão. Furiosos, naquele momento em que descobriram que eu não era você. Quase me destruíram porque eu não era você. Então pensaram em como podiam me usar contra você. — Tossiu. — Se aquela onda de Talento não tivesse chegado…

Senti-me como o próprio Breu quando eu disse em voz baixa:

— Agora usarei isso contra eles. Eles não poderiam tê-lo mantido em servidão dessa maneira sem lhe revelarem muito de si mesmos. Peço para que volte a esse momento, o máximo que puder, e me diga tudo o que conseguir recordar.

— Não pediria isso se soubesse o que está pedindo.

Eu pensava que sabia, mas me abstive de dizê-lo. Em vez disso, deixei que o silêncio lhe pedisse para pensar bem. A aurora acinzentava o céu, e eu acabara de regressar de uma volta ao acampamento quando ele falou de novo.

— Havia livros sobre o Talento sobre os quais você nada sabe. Livros e pergaminhos que Galeno tirou dos aposentos de Solicitude quando ela estava moribunda. As informações que eles continham destinavam-se apenas a um Mestre de Talento, e alguns estavam até trancados com fechaduras engenhosas. Galeno teve muitos anos para arrombar essas fechaduras. Uma fechadura apenas mantém honesto um homem honesto, sabia? Galeno encontrou ali muitas coisas que não compreendia. Mas havia também pergaminhos que listavam aqueles que haviam sido treinados no Talento. Galeno procurou todos os que conseguiu encontrar e os interrogou. Então se livrou deles, para impedir que outros lhes fizessem as mesmas perguntas que ele fizera. Galeno encontrou muitas coisas nesses pergaminhos. Como um homem pode viver longamente e gozar de boa saúde. Como causar dor com o Talento, sem chegar a tocar em uma pessoa. Contudo, nos pergaminhos mais antigos, descobriu sugestões de um grande poder que aguardava um homem fortemente Talentoso nas Montanhas. Se Majestoso conseguisse pôr as Montanhas sob o seu domínio, poderia alcançar um poder ao qual ninguém seria capaz de resistir. Foi para esse fim que procurou a mão de Kettricken para Veracidade, sem ter nenhuma intenção de que ela chegasse a ser sua noiva. Pretendia, quando Veracidade estivesse morto, tomá-la para si em vez do irmão. E a herança dela.

— Não compreendo — eu disse com suavidade. — As Montanhas têm âmbar, peles, e…

— Não. Não. — O Bobo sacudiu a cabeça. — Não era nada do gênero. Galeno não quis divulgar a totalidade do seu segredo a Majestoso, pois deixaria de ter domínio sobre o meio-irmão. Mas pode ter certeza de que, quando Galeno morreu, Majestoso imediatamente tomou posse desses pergaminhos e livros e começou a estudá-los. Ele não é nenhum mestre das línguas antigas, mas temia procurar a ajuda de outros, com receio de que descobrissem o segredo primeiro. Por fim, resolveu o quebra-cabeças, e quando o fez ficou horrorizado. Pois a essa altura já despachara entusiasticamente Veracidade para as Montanhas para morrer em uma demanda tola qualquer. Finalmente deduziu que o poder que Galeno procurara para si era o poder sobre os Antigos. Chegou de imediato à conclusão de que Veracidade conspirara com você para procurar esse mesmo poder para ele mesmo. Como ele se atrevia a tentar roubar o mesmo tesouro que Majestoso trabalhara tão longamente para conquistar? Como ele se atrevia a tentar fazer de Majestoso um idiota dessa maneira? — O Bobo deu um leve sorriso. — Na mente dele, o domínio sobre os Antigos é seu direito de nascença. Vocês tentam roubá-lo dele. Ele acredita que defende o que está certo e justo ao tentar matar vocês.

Fiquei assentindo para mim mesmo. Todas as peças se encaixavam, cada uma delas. Lacunas na minha compreensão dos motivos de Majestoso estavam sendo preenchidas para me apresentar uma imagem assustadora. Eu sabia que o homem era ambicioso. Também sabia que ele tinha medo e suspeitava de qualquer um ou qualquer coisa que não pudesse controlar. Eu fora para ele um perigo duplo, um rival pelo afeto do pai e possuidor de um estranho talento para a Manha que ele não era capaz nem de compreender, nem de destruir. Para Majestoso, todas as outras pessoas do mundo eram ou uma ferramenta, ou uma ameaça. Todas as ameaças tinham de ser destruídas.

Ele provavelmente nunca pensara que tudo o que eu queria dele era ser deixado em paz.

CAPÍTULO 35

Segredos de Panela

Não existe em nenhum lugar menção sobre quem ergueu as Pedras Testemunha que se encontram na colina próxima de Torre do Cervo. É perfeitamente possível que precedam a construção do próprio Castelo de Torre do Cervo. O seu suposto poder parece ter pouco a ver com a adoração a Eda ou El, mas o povo acredita nele com o mesmo feroz fervor religioso. Até aqueles que afirmam duvidar da existência de deuses hesitam em prestar um juramento falso diante das Pedras Testemunha. Essas pedras altas erguem-se negras e marcadas pelas intempéries. Se alguma vez tiveram inscrições de alguma espécie, o vento e a água as apagaram.



Veracidade foi o primeiro dos outros a se levantar naquela manhã. Saiu da tenda cambaleando no momento em que a primeira verdadeira luz do dia devolveu a cor ao mundo.

— O meu dragão! — gritou enquanto piscava à luz. — O meu dragão! — Era como se esperasse que ele tivesse desaparecido.

Mesmo depois de eu lhe garantir que o dragão estava bem, continuou a se portar como uma criança mimada. Queria continuar imediatamente o trabalho na estátua. Com a maior das dificuldades, persuadi-o a beber uma caneca de chá de urtiga e hortelã e a comer um pouco da carne cozida lentamente que tirei dos espetos. Ele não quis esperar pela fervura do mingau e afastou-se da fogueira com a carne e a espada na mão. Não fez qualquer menção a Kettricken. Pouco depois, o raspa, raspa, raspa da ponta da espada contra a pedra negra recomeçou. A sombra que vira de Veracidade na noite anterior fugira com a chegada da manhã.

Parecia estranho saudar um novo dia e não empacotar imediatamente todos os nossos pertences. Ninguém estava de bom humor. Kettricken tinha os olhos inchados e estava silenciosa, Panela mostrava-se amarga e reservada. O lobo ainda estava digerindo toda a carne que consumira no dia anterior e só queria

dormir. Esporana parecia aborrecida com todos, como se fosse nossa culpa que a demanda terminara em um desapontamento tão confuso. Depois de comermos, Esporana declarou que ia ver como estavam as jepas e lavar-se um pouco no riacho que o Bobo descobrira. Panela concordou de mau humor em ir com ela por segurança, embora os seus olhos se desviassem com frequência para o dragão de Veracidade. Kettricken também se encontrava lá, observando sombriamente o marido e rei enquanto este trabalhava a pedra negra. Eu me ocupei com a remoção da carne seca pelo fogo, enrolando-a e adicionando mais combustível à fogueira, e colocando o resto da carne para secar sobre ela.

— Vamos — convidou-me o Bobo assim que terminei.

— Onde? perguntei, pensando com anseio em um cochilo.

— Até a garota no dragão — lembrou-me. Partiu ansioso, sem sequer olhar para trás para ver se eu o seguia. Ele sabia que tinha de fazê-lo.

— Acho que isto é uma ideia tola — gritei às suas costas.

— Exatamente — respondeu ele com um sorriso, e não quis dizer mais até que nos aproximamos da grande estátua.

A garota no dragão parecia mais tranquila naquela manhã, mas talvez fosse eu que estivesse me habituando mais ao desassossego aprisionado de Manha que sentia ali. O Bobo não hesitou e subiu de imediato no estrado, ao lado da estátua. Segui-o mais devagar.

— Ela me parece diferente hoje — eu disse em voz baixa.

— Como?

— Não sei dizer. — Estudei a sua cabeça curvada, as lágrimas de pedra congeladas no seu rosto. — Não lhe parece diferente?

— Ontem não a olhei lá com muita atenção.

Agora que estávamos ali, os gracejos do Bobo pareciam amortecidos. Com grande cautela, coloquei uma mão no dorso do dragão. As escamas individuais estavam trabalhadas com tal destreza, a curva do corpo do animal era tão natural, que eu quase esperei vê-lo oscilar com a respiração. Era pedra, fria e dura. Prendi a respiração, desafiando-me, e então sondei na direção da pedra. A sensação foi diferente de qualquer sondagem que eu já havia feito. Não havia um coração batendo, não havia o ar entrando e saindo, nem outro sinal físico de vida para me servir de guia. Havia apenas o meu sentido de Manha de uma vida, aprisionada e desesperada. Por um momento, ela me fugiu; então rocei nela, e ela sondou na minha direção. Procurava a sensação do vento na pele, o tépido bombear do sangue, oh, ansiava pelos odores do dia de verão, pela sensação da minha roupa contra a pele e por tudo aquilo que fazia parte da experiência de

viver. Recolhi a mão de repente, assustado pela intensidade da sondagem da estátua. Quase pensei que seria capaz de me atrair para ir me juntar a ela.

— Estranho — murmurou o Bobo, pois, ligado a mim como estava, sentiu as ondulações da minha experiência. Os seus olhos encontraram-se com os meus e ficaram ali durante algum tempo. Então estendeu um único dedo nu e prateado para a garota.

— Não devíamos fazer isso — eu disse, mas não havia força nas minhas palavras. A esbelta figura montada no dragão estava vestida com um justilho sem mangas, calças e sandálias. O Bobo tocou com o dedo em seu braço.

Um grito de Talento, de dor e ultraje, encheu a pedreira. O Bobo foi atirado para trás, para fora do pedestal, e caiu de costas com força sobre a pedra mais abaixo. Ficou estendido ali, desacordado. Os meus joelhos cederam debaixo de mim e caí ao lado do dragão. Pela torrente de fúria de Manha que senti, esperei que a criatura me atropelasse como um cavalo enlouquecido. Instintivamente, encolhi-me, protegendo a cabeça com os braços.

Tudo acabou num instante, mas os ecos daquele grito pareceram ressoar interminavelmente nas paredes e blocos de pedra lisa e negra à nossa volta. Estava descendo do estrado, trêmulo, para ver o estado em que o Bobo se encontrava quando Olhos-de-Noite veio até nós a toda a velocidade. *O que foi aquilo? O que é que nos ameaça?* Ajoelhei-me junto ao Bobo. Ele batera com a cabeça, e sangue espalhava-se pela pedra negra, mas não me pareceu que era por isso que estava inconsciente.

— Eu sabia que não devíamos ter feito aquilo. Por que deixei que o fizesse? — perguntei a mim mesmo enquanto o erguia nos braços para levá-lo de volta ao acampamento.

— Porque você é um idiota maior do que ele. E eu sou a maior de todas, por ter deixado vocês sozinhos e confiado que agiriam com bom senso. O que ele fez? — Panela ainda ofegava da pressa.

— Tocou a garota no dragão. Com o Talento que tem no dedo.

Olhei para estátua enquanto falava. Para o meu horror, havia uma brilhante impressão digital prateada no braço da moça, delineada em escarlate na sua pele brônzea. Panela seguiu o meu olhar e a ouvi prender a respiração. Virou-se para mim e ergueu a mão nodosa, como se quisesse me bater. Então cerrou a mão num punho contorcido que tremia e forçou-o a abaixar.

— Não basta que ela esteja ali miseravelmente aprisionada para sempre, sozinha e afastada de tudo o que já amou? Vocês ainda por cima tinham de vir lhe causar dor! Como puderam ser tão cruéis?

— Não queríamos fazer mal. Não sabíamos…

— A ignorância é sempre a desculpa usada pelos cruelmente curiosos! — rosnou Panela.

A minha própria irritação ergueu-se de súbito para igualar a dela.

— Não me censure pela minha ignorância, mulher, quando tudo o que você tem feito é recusar-se a reduzi-la. Sugere e avisa, e nos concede palavras agourentas, mas se recusa a dizer qualquer coisa que possa nos ajudar. E quando cometemos erros, repreende-nos, dizendo que devíamos ter mais discernimento. Como? Como podemos saber que certas coisas são erradas, se a pessoa que sabe se recusa a compartilhar conosco os seus conhecimentos?

Nos meus braços, o Bobo agitou-se debilmente. O lobo estivera caminhando incessantemente em volta dos meus pés. Agora voltara com um ganido, para farejar a mão pendente do Bobo.

Cuidado! Não deixe que os dedos dele o toquem!

O que o mordeu?

Não sei.

— Eu não sei nada — disse em voz alta, com amargura. — Ando tropeçando no escuro, ferindo no processo todos com quem me importo.

— Não me atrevo a interferir — gritou-me Panela. — E se alguma palavra minha o colocar no caminho errado? O que acontecerá então a todas as profecias? Você precisa encontrar o seu próprio caminho, Catalisador.

O Bobo abriu os olhos para me olhar sem expressão. Então voltou a fechá-los e encostou a cabeça no meu ombro. Estava começando a ficar pesado e eu precisava descobrir o que havia de errado com ele. Puxei-o para cima, dando mais firmeza aos meus braços. Vi Esporana aparecer por trás de Panela, com os braços carregados de roupa molhada. Virei-me e me afastei de ambas. Enquanto voltava ao acampamento com o Bobo, disse por cima do ombro:

— Talvez seja por isso que você está aqui. Talvez tenha sido chamada aqui, com um papel a desempenhar. Talvez esse papel seja acabar com a minha ignorância para que possamos cumprir esta sua maldita profecia. E talvez ficar em silêncio seja o modo como você irá frustrá-la. Mas — e parei para atirar violentamente as palavras por sobre o ombro — acho que você permanece em silêncio por motivos próprios. Porque tem vergonha!

Dei as costas à expressão magoada no seu rosto. Cobri com ira a vergonha que sentia por ter lhe falado daquela maneira. Isso me deu uma nova força à determinação. Fiquei subitamente decidido a começar a obrigar todos a se comportarem como deviam. Era o tipo de resolução infantil que havia me metido

com frequência em problemas, mas depois que o meu coração foi tomado por ela, a minha ira a agarrou bem.

Levei o Bobo para a tenda grande e o deitei nos seus cobertores. Arranquei uma manga esfarrapada do que restava de uma camisa, umedeci-a em água fria e a apliquei firmemente à sua nuca. Quando o sangramento diminuiu, examinei o ferimento. O corte não era grande, mas estava no topo de um respeitável galo. Ainda sentia que não tinha sido por isso que ele desmaiara.

— Bobo? — disse-lhe em voz baixa, e depois com mais insistência: — Bobo? — Dei-lhe tapinhas no rosto com as mãos molhadas. Ele acordou com um simples abrir de olhos. — Bobo?

— Vou ficar bem, Fitz — disse ele com uma voz abatida. — Você tinha razão. Não devia tê-la tocado. Mas toquei. E nunca mais serei capaz de esquecê-lo.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não posso falar nisso por enquanto — disse em voz baixa.

Levantei-me de um salto, batendo com a cabeça no teto da tenda e quase derrubando toda a estrutura à minha volta.

— Ninguém em todo este grupo pode falar sobre qualquer coisa! — declarei, furioso. — Exceto eu. E pretendo falar sobre tudo.

Deixei o Bobo apoiado em um braço e me fitando. Não sei se a sua expressão estava divertida ou horrorizada. Não me importei. Saí da tenda a passos largos, subi a pilha de escórias até o pedestal onde Veracidade esculpia o seu dragão. O raspa, raspa, raspa contínuo da ponta da sua espada contra a pedra era como uma lima me limando a alma. Kettricken estava sentada ao seu lado, de olhos vazios e silenciosa. Nenhum dos dois prestou a mínima atenção em mim.

Parei por um momento e controlei a respiração. Afastei o cabelo do rosto e prendi de novo o rabo de cavalo de guerreiro, espanei a calça e endireitei os restos manchados da minha camisa. Dei três passos em frente. A minha mesura formal incluiu Kettricken.

— Senhor, Rei Veracidade. Senhora, Rainha Kettricken. Vim concluir o meu relatório ao rei. Se me permitirem.

Esperara honestamente que ambos me ignorassem. Mas a espada do Rei Veracidade raspou mais duas vezes e depois se calou. Ele me olhou por sobre o ombro.

— Continue, FitzCavalaria. Não pararei o meu trabalho, mas escutarei.

Havia uma cortesia grave na sua voz. Deu-me alento. Kettricken sentou-se mais direita de repente. Afastou dos olhos o cabelo desarrumado e então me deu

permissão com um aceno. Respirei fundo e comecei, relatando, como me fora ensinado, tudo o que vira ou fizera desde a minha visita à cidade arruinada. A certa altura, durante aquele longo relato, o raspar da espada diminuiu, e então cessou. Veracidade moveu-se pesadamente para se ir sentar ao lado de Kettricken. Quase começou a tomar a mão dela nas suas, mas logo se impediu de fazê-lo e fechou as mãos à sua frente. Contudo, Kettricken viu esse pequeno gesto e aproximou-se dele um pouco mais. Ficaram sentados lado a lado, os meus puídos monarcas, entronizados em rocha fria, com um dragão de pedra às suas costas, e me escutaram.

Uma a um, dois a dois, os outros vieram se juntar a nós. Primeiro o lobo, depois o Bobo e Esporana, e finalmente a velha Panela alinharam-se em um meio círculo atrás de mim. Quando minha garganta começou a ficar seca e minha voz a enrouquecer, Kettricken ergueu uma mão e mandou Esporana ir buscar água. Esta regressou com chá e carne para todos. Não bebi mais do que um gole de chá e prossegui enquanto eles faziam um piquenique à minha volta.

Mantive-me fiel à decisão tomada e falei francamente de tudo, mesmo daquilo que me envergonhava. Não deixei de fora os meus medos, nem as minhas tolices. Contei-lhes como matara os guardas de Majestoso sem aviso, revelando até o nome do homem que reconhecera. Tampouco me esquivei de contar experiências de Manha, coisa que outrora teria feito. Falei tão honestamente como se apenas eu e Veracidade estivéssemos ali, mencionando os meus medos por Moli e pelo nosso bebê, incluindo o medo que tinha de que, se Majestoso não os encontrasse e matasse, Breu levaria a criança para o trono. Enquanto falava, procurei alcançar Veracidade de todas as maneiras que podia, não só com a voz, mas também com a Manha e o Talento. Tentei tocá-lo e despertá-lo mais uma vez para quem era. Sabia que ele sentia essa abertura mas, por mais que tentasse, não consegui arrancar dele uma resposta.

Terminei contando o que o Bobo e eu fizéramos com a garota no dragão. Observei o rosto de Veracidade, em busca de alguma mudança de expressão, mas não houve nenhuma que eu conseguisse ver. Quando terminei de lhe contar tudo, fiquei em silêncio à sua frente, na esperança de que ele me interrogasse. O velho Veracidade teria feito eu recontar a história inteira, fazendo perguntas sobre cada acontecimento, perguntando o que eu pensara ou suspeitara, sobre qualquer coisa que observara. Porém, aquele velho grisalho apenas assentiu por várias vezes. Fez menção de se levantar.

— Meu rei! — supliquei-lhe, desesperado.

— O que é, rapaz?

— Não tem nada para me perguntar? Nada para me dizer?

Ele olhou para mim, mas não tive certeza de que estivesse realmente me vendo. Pigarreou.

— Eu matei Cedoura com o Talento. Isso é verdade. Não senti os outros desde então, mas não creio que estejam mortos, só que perdi o Talento para detectá-los. Você precisa ter cuidado.

Olhei-o boquiaberto.

— E isso é tudo? Preciso ter cuidado? — Suas palavras haviam me gelado até os ossos.

— Não. Há coisa pior. — Olhou para o Bobo. — Temo que quando você fala com o Bobo, ele escute com os ouvidos de Majestoso. Temo que tenha sido Majestoso quem foi até você naquele dia, falando com a língua do Bobo, para perguntar onde estava Moli.

Fiquei com a boca seca. Virei-me para olhar para o Bobo. Ele parecia abalado.

— Eu não me lembro… Nunca disse… — Encheu metade dos pulmões de ar, e então, de súbito, caiu para o lado, desmaiado.

Panela correu até ele.

— Está respirando — disse-nos.

Veracidade assentiu.

— Então suspeito que o abandonaram. Talvez. Não confie que seja verdade. — Os seus olhos voltaram para mim. Eu estava tentando me manter de pé. Sentira-os abandonando o Bobo. Sentira-o como um fio de Talento que fosse arrebentado de repente. Eles não haviam tido um controle forte sobre ele, mas fora o suficiente. O suficiente para me levar a revelar tudo aquilo de que necessitavam para matar a minha esposa e a minha filha. O suficiente para esquadrinhar os sonhos dele todas as noites desde então, roubando o que quer que lhes fosse útil.

Fui até o Bobo. Peguei a sua mão não Talentosa e sondei na sua direção. Lentamente, os seus olhos se abriram e ele sentou-se. Durante algum tempo, fitou-nos sem compreender. Os seus olhos regressaram aos meus, com a vergonha percorrendo as suas profundezas enevoadas.

— “E aquele que mais o ama será quem o trairá da forma mais abominável”. A minha própria profecia. Conheço-a desde os onze anos. Breu, disse a mim mesmo quando ele queria lhe tirar a sua filha. Era Breu o seu traidor. — Sacudiu tristemente a cabeça. — Mas era eu. Era eu. — Levantou-se lentamente. — Desculpe-me. Lamento tanto.

Vi o início de lágrimas no seu rosto. Depois se virou e afastou-se lentamente

de nós. Não consegui ir atrás dele, mas Olhos-de-Noite levantou-se sem ruído e o seguiu.

— FitzCavalaria. — Veracidade respirou fundo e falou em voz baixa. — Fitz, eu vou tentar terminar o meu dragão. Na verdade, é tudo o que posso fazer. Só espero que seja o suficiente.

O desespero me deu coragem.

— Meu rei, não fará isto por mim? Não enviará pelo Talento um aviso a Bronco e a Moli, para que fujam de Praia do Capelim antes de serem encontrados?

— Oh, meu rapaz — disse ele, com pena. Deu um passo na minha direção. — Mesmo que me atrevesse a fazê-lo, temo que eu já não tenha a força necessária. — Levantou os olhos e olhou cada um de nós. O seu olhar demorou-se por mais tempo em Kettricken. — Tudo me falha. O corpo, a mente e o Talento. Estou tão cansado, e resta tão pouco de mim. Quando matei Cedoura, o meu Talento me escapou. O meu trabalho diminuiu muito de ritmo desde então. Até o poder puro que tenho nas mãos enfraquece, e o pilar está fechado para mim; não posso viajar por ele para ir renovar a magia. Temo que possa ter derrotado a mim mesmo. Temo que não seja capaz de completar a minha tarefa. No fim, posso desapontar todos vocês. Todos vocês e os Seis Ducados inteiros.

Kettricken abaixou o rosto para as mãos. Pensei que fosse chorar. Mas quando ergueu de novo os olhos, vi a força do seu amor pelo homem brilhando através dos outros sentimentos que teria.

— Se é isso o que acredita que precisa fazer, então me deixe ajudá-lo. — Indicou o dragão com um gesto. — Tem de haver alguma coisa que eu possa fazer para lhe ajudar a completá-lo. Mostre-me onde cortar pedra, e então você poderá trabalhar nos detalhes.

Ele sacudiu tristemente a cabeça.

— Bem gostaria que você pudesse. Mas tenho de ser eu a fazê-lo. Tem de ser tudo feito por mim.

Panela levantou-se de repente. Veio ficar ao meu lado, lançando-me um olhar furioso, como se tudo fosse culpa minha.

— Meu Senhor, Rei Veracidade — começou. Pareceu perder a coragem por um momento, mas depois voltou a falar, mais alto. — Meu rei, o senhor está enganado. Poucos dragões foram criados por uma única pessoa. Pelo menos, poucos dos dragões dos Seis Ducados. Se os outros, os verdadeiros Antigos, eram capazes de fazer sozinhos, não sei. Mas sei que os dragões que foram feitos por mãos dos Seis Ducados eram mais frequentemente feitos por um círculo

inteiro trabalhando junto, não por uma única pessoa.

Veracidade a fitou, mudo.

— O que está dizendo? — perguntou em uma voz trêmula.

— Estou dizendo o que sei. Independentemente do que os outros possam pensar de mim. — Lançou-nos um olhar, como que nos dizendo adeus. Então nos deu as costas e dirigiu-se apenas ao rei. — Senhor meu rei. O meu nome é Francelha de Cervo, outrora pertencente ao Círculo de Espeque. Porém, através do Talento matei um membro do meu próprio círculo, por ciúme de um homem. Fazê-lo era alta traição, pois nós éramos a força da própria rainha. E eu destruí isso. Por esse motivo, fui punida como a Justiça da Rainha considerou apropriado. O meu Talento foi queimado de mim, deixando-me como o senhor me vê: selada em mim mesma, incapaz de me estender para além das muralhas do meu próprio corpo, incapaz de receber o toque daqueles que me eram queridos. Isso foi feito pelo meu próprio círculo. Pelo assassinato em si, a rainha me baniu dos Seis Ducados, para todo o sempre. Mandou-me embora para que nenhum Talentoso pudesse sentir-se tentado a se apiedar de mim e tentasse me libertar. Ela disse que não conseguia imaginar pior punição, que eu um dia, no meu isolamento, ansiaria longamente pela morte. — Panela caiu lentamente com os seus velhos joelhos sobre a pedra dura. — Meu rei, minha rainha, ela tinha razão. Agora lhes peço misericórdia. Mandem me matar. Ou… — Muito lentamente ergueu a cabeça. — Ou usem as suas forças para me reabrir para o Talento. E eu lhes servirei como círculo na escultura deste dragão.

O silêncio foi total durante algum tempo. Quando Veracidade falou, mostrou-se confuso.

— Não conheço nenhum Círculo de Espeque.

A voz de Panela tremeu quando ela admitiu.

— Eu o destruí, senhor. Éramos apenas cinco. O meu ato deixou só três vivos para o Talento, e eles tinham experimentado a morte física de um membro e a… minha queima. Ficaram muito enfraquecidos. Ouvi dizer que foram demitidos do serviço da rainha e procuraram a estrada que antigamente começava na cidade de Jhaampe. Nunca regressaram, mas não creio que tenham sobrevivido aos rigores dessa estrada. Não creio que tenham feito um dragão como com o que costumávamos sonhar.

Quando Veracidade falou, não pareceu estar respondendo às palavras dela.

— Nem o meu pai, nem nenhuma das suas esposas tiveram círculos ajuramentados a ele. Nem a minha avó. — Sua testa se enrugou. — Que rainha você serviu, mulher?

— A Rainha Diligência, meu rei — disse Panela em voz baixa. Continuava ajoelhada na pedra dura.

— A Rainha Diligência reinou há mais de duzentos anos — observou Veracidade.

— Morreu há duzentos e vinte e três anos — interpôs Esporana.

— Obrigado, menestrel — disse secamente Veracidade. — Há duzentos e vinte e três anos. E quer que eu acredite que você pertencia ao círculo dela.

— Pertencia, meu senhor. Eu havia virado o Talento para mim, pois queria manter a juventude e a beleza. Isso não era visto como algo de admirável, mas a maior parte dos Talentosos o fazia até certo ponto. Precisei de mais de um ano para dominar o meu corpo. Porém, o que fiz, fiz bem. Até hoje, eu me curo rapidamente. A maioria das doenças não me afeta. — Não conseguiu manter uma nota de orgulho afastada da voz.

— A lendária longevidade dos membros dos círculos — observou o Rei Veracidade para si mesmo, em voz baixa. Suspirou. — Deve ter havido muitas coisas nos livros de Solicitude que nunca foram transmitidas a Cavalaria e a mim.

— Uma quantidade considerável. — Panela falava agora com mais confiança. — Espanta-me que, com tão pouco treino como o senhor e FitzCavalaria possuem, tenha conseguido chegar até aqui sozinho. E esculpir um dragão sozinho? É uma proeza digna de uma canção.

Veracidade a olhou de novo.

— Oh, vamos, mulher, sente-se. Dói-me vê-la ajoelhada. É evidente que há muito que você pode e deve me contar. — Mudou impacientemente de posição e olhou para o seu dragão. — Mas enquanto conversamos, não estou trabalhando.

— Então lhe direi apenas aquilo que mais precisa de ser dito — sugeriu Panela. Levantou-se dolorosamente. — Eu era poderosa no Talento. Forte o suficiente para matar com ele, coisa que poucos são. — A voz se interrompeu, ficando mais grossa. Respirou fundo e recomeçou a falar. — Esse poder ainda está dentro de mim. Alguém que seja suficientemente forte no Talento poderia me abrir de novo a ele. Creio que o senhor possui essa força. Embora neste momento possa não ser capaz de reuni-la. O senhor matou com o Talento, e isso é uma coisa hedionda. Embora o membro do círculo não fosse fiel ao senhor, mesmo assim vocês haviam trabalhado juntos. Ao matá-lo, o senhor matou uma parte de si mesmo. E é essa a razão por que sente que não lhe resta qualquer Talento. Se eu tivesse o meu, poderia ajudá-lo a se curar.

Veracidade soltou uma pequena gargalhada.

— Eu não tenho Talento, você não tem Talento, mas se tivéssemos, poderíamos curar um ao outro. Mulher, isto é como um emaranhado de corda sem pontas. Como se desfaz o nó, se não com uma espada?

— Nós temos uma espada, meu rei. FitzCavalaria. O Catalisador.

— Ah. Essa velha lenda. O meu pai gostava dela. — Olhou para mim, pensativo. — Acha que ele é forte o suficiente? O meu sobrinho Augusto teve o Talento queimado e nunca o recuperou. Às vezes acho que isso foi uma bênção para ele. O Talento o estava conduzindo por um caminho que não lhe era adequado. Acho que foi então que suspeitei de que Galeno fizera alguma coisa ao círculo. Mas eu tinha tanto que fazer. Sempre tanto que fazer.

Senti a mente do meu rei titubeando. Dei um passo resoluto em frente.

— Meu senhor, o que deseja que eu tente fazer?

— Não desejo que tente fazer nada. Desejo que faça. Aí está. É isso o que Breu me dizia com frequência. Breu. A maior parte dele está agora no dragão, mas esse é um pedaço que deixei de fora. Devia pôr isso no dragão.

Panela aproximou-se mais dele.

— Meu senhor, ajude-me a libertar o meu Talento. E eu lhe ajudarei a encher o dragão.

Houve algo no modo como ela disse aquelas palavras. Disse-as em voz alta diante de todos nós, mas eu senti que só Veracidade realmente compreendeu o que ela estava dizendo. Por fim, com grande relutância, ele assentiu.

— Não vejo outra maneira — disse para si mesmo. — Nenhuma outra maneira.

— Como posso fazer uma coisa que nem mesmo sei o que é? — protestei. — Meu rei — acrescentei, após um olhar de censura vindo de Kettricken.

— Sabe tanto quanto nós — repreendeu-me calmamente Veracidade. — A mente de Francelha foi queimada com o Talento, pelo seu próprio círculo, para condená-la ao isolamento para o resto da vida. Você precisa usar todo o Talento que possui, de todas as maneiras que puder, para tentar penetrar na cicatriz.

— Não faço a mínima ideia de como começar — eu disse. Mas então Panela virou-se e olhou para mim. Havia súplica nos seus velhos olhos. Perda e solidão. E uma fome de Talento que se acumulara ao ponto de a devorar por dentro. Duzentos e vinte e três anos, pensei comigo mesmo. Era muito tempo para se passar exilado da pátria. Um tempo impossível para se ficar confinado ao próprio corpo. — Mas tentarei — emendei. Estendi-lhe a mão.

Panela hesitou, mas então colocou a sua mão na minha. Ficamos de pé, de mãos dadas, olhando um para o outro. Eu sondei na sua direção com o Talento,

mas não senti resposta. Olhei para ela e tentei dizer a mim mesmo que a conhecia, que devia ser fácil chegar até Panela. Ordenei a mente e recordei tudo o que sabia sobre a velha irascível. Pensei na sua perseverança sem queixas, na sua língua afiada e nas suas mãos hábeis. Lembrei-me dela me ensinando o jogo do Talento, e me lembrei da frequência com que o havíamos jogado, com as cabeças juntas sobre o pano de jogo. Panela, disse a mim mesmo com severidade. Procure alcançar Panela. No entanto, o meu Talento nada encontrou ali.

Não sabia quanto tempo se passara. Sabia apenas que estava com muita sede.

— Preciso de uma xícara de chá — disse-lhe, e larguei a sua mão. Ela fez um aceno com a cabeça, mantendo o desapontamento bem escondido. Foi só quando larguei a sua mão que tomei consciência de como o sol se movera por cima dos picos das montanhas. Voltei a ouvir o raspa, raspa, raspa da espada de Veracidade. Kettricken continuava sentada, observando-o em silêncio. Não sabia onde os outros tinham ido. Deixamos juntos o dragão e caminhamos até onde a fogueira continuava em brasas. Parti a lenha em pedaços enquanto ela enchia a panela. Pouco dissemos enquanto a água aquecia. Ainda havia ervas das que Esporana colhera algum tempo antes para fazer chá. Estavam murchas, mas as usamos, e então nos sentamos juntos para beber o chá. O raspar da espada de Veracidade na pedra era um ruído de fundo, não muito diferente do som de um inseto. Examinei a velha que se encontrava na minha frente.

O meu sentido da Manha me falou de uma vida forte e animada dentro dela. Sentira a mão da velha na minha, a carne macia nos dedos ossudos e inchados, exceto onde o trabalho lhe pusera calos na pele. Via as rugas no seu rosto, em volta dos olhos e nos cantos da boca. Velha, o corpo dela me dizia. Velha. Mas o sentido da Manha me dizia que ali estava sentada uma mulher da minha idade, cheia de vida e de coração arrebatado, ansiando por amor e aventura e por tudo o que a vida podia oferecer. Ansiando, mas aprisionada. Obriguei-me a ver não Panela, mas Francelha. Quem fora ela antes de ser enterrada viva? Os meus olhos encontraram-se com os seus.

— Francelha? — perguntei-lhe de súbito.

— Era eu — disse ela em voz baixa, e o pesar ainda estava fresco. — Mas ela já não existe, e não existe há anos.

Quando dissera o seu nome, eu quase a detectara. Senti que tinha a chave na mão, mas não sabia onde ficava a fechadura. Houve um empurrão nos limites da minha Manha. Ergui os olhos, aborrecido pela interrupção. Eram Olhos-de-Noite e o Bobo. O Bobo parecia atormentado e me condoí por ele. Mas ele não podia

ter escolhido pior momento para vir falar comigo. Acho que ele o sabia.

— Tentei me manter afastado — disse em voz baixa. — Esporana me disse o que você estava fazendo. Contou-me tudo o que foi dito enquanto eu estive desacordado. Eu sei que devia esperar, que o que está fazendo é vital. Mas… não posso. — De repente, não conseguia me olhar nos olhos. — Eu o traí — sussurrou suavemente. — Sou eu o Traidor.

Ligados como estávamos, eu conhecia a profundidade dos seus sentimentos. Tentei alcançá-lo por essa via, para fazê-lo sentir o que eu sentia. Ele fora usado contra mim, sim, mas isso não era obra sua. Contudo, não consegui chegar até ele. A sua vergonha, culpa e remorso erguiam-se entre nós e o impediam de chegar ao meu perdão. Também o impediam de perdoar a si mesmo.

— Bobo! — exclamei de repente. Sorri-lhe. Ele pareceu horrorizado por eu conseguir sorrir, quanto mais para ele. — Não, está tudo bem. Você me deu a resposta. Você é a resposta. — Respirei fundo e tentei pensar cuidadosamente. Avance lentamente, seja cuidadoso, adverti-me. Não, pensei. Agora. Agora é a única hora em que é possível fazer isto. Descobri o pulso esquerdo. Estendi-o para ele, com a palma virada para cima. — Toque-me — ordenei-lhe. — Toque-me com o Talento que tem nos dedos, e veja se eu sinto que você me traiu.

— Não! — gritou Panela, horrorizada, mas o Bobo já estava estendendo a mão para mim como se estivesse em um sonho. Pegou a minha mão com a mão direita. Encostou três pontas de dedos prateadas no meu pulso virado para cima. Quando senti a queimadura fria dos seus dedos no meu pulso, estendi a outra mão e agarrei a de Panela.

— FRANCELHA! — gritei. Senti o despertar nela, e a puxei para dentro de nós.

Eu era o Bobo e o Bobo era eu. Ele era o Catalisador e eu também. Éramos duas metades de um todo, separadas e depois reunidas. Por um instante, conheci-o em sua totalidade, completo e mágico, e então o senti separando-se de mim, rindo, uma bolha dentro de mim, separada e incompreensível, e no entanto ligada a mim. *Você realmente me ama!* Fiquei incrédulo. Ele antes nunca acreditara realmente nisso. *Antes, eram palavras. Sempre temi que tivessem origem na piedade. Mas você é realmente meu amigo. Isto é saber. Isto é sentir o que você sente por mim. Então é isto o Talento.* Por um momento, ele deliciou-se com o simples reconhecimento.

De repente, outro se juntou a nós. *Ah, irmãozinho, finalmente encontrou as orelhas! A minha presa é sempre a sua presa, e seremos alcateia para sempre!*

O Bobo retraiu-se diante da investida amigável do lobo. Pensei que ele fosse

quebrar o círculo. Então, de súbito, debruçou-se para o seu interior. *Este? Este é Olhos-de-Noite? Este poderoso guerreiro, este grande coração?*

Como descrever aquele momento? Eu conhecia Olhos-de-Noite tão completamente e havia tanto tempo que me chocou ver quão o Bobo conhecia sobre ele.

Peludo? Era assim que você me via? Peludo e baboso?

Peço perdão. Isso vinha do Bobo, com grande sinceridade. *Sinto-me honrado por conhecê-lo tal como você é. Nunca suspeitei de que houvesse tal nobreza dentro de você.* A aprovação mútua entre os dois era quase esmagadora.

Então o mundo se assentou à nossa volta. *Temos uma tarefa*, lembrei-lhes. O Bobo ergueu o toque do meu pulso, deixando para trás três pontos de prata na minha pele. Até o ar fazia uma pressão excessiva contra essa marca. Durante algum tempo, eu estivera em outro lugar. Agora estava de novo dentro do meu próprio corpo. Tudo acontecera apenas em alguns momentos.

Voltei-me para Panela. Era um esforço olhar apenas através dos meus olhos. Ainda tinha a mão dela na minha.

— Francelha? — disse em voz baixa. Ela ergueu o olhar para o meu. Olhei-a e tentei vê-la como fora antigamente. Não acho que ela tivesse sequer consciência naquele momento daquele minúsculo fiapo de Talento entre nós. No momento em que ficara chocada por ver o Bobo me tocar, eu ultrapassara as suas defesas. Era uma linha fina demais para ser chamada de fio. Mas eu agora sabia o que a estrangulava. — Toda essa culpa, vergonha e remorso que você carrega, Francelha. Não vê? Foi com isso que a queimaram. E você acrescentou novas camadas, ao longo de todos estes anos. A muralha é obra sua. Derrube-a. Perdoe-se. Saia.

Agarrei o pulso do Bobo e o segurei ao meu lado. Em algum lugar, senti também Olhos-de-Noite. Estavam de novo no interior das suas próprias mentes, mas eu conseguia alcançá-los com facilidade. Obtive força deles, com cuidado, lentamente. Drenei-lhes a força e o amor e os virei contra Panela, tentando introduzi-los nela através daquela minúscula fenda na sua armadura.

Lágrimas começaram a escorrer pelas faces enrugadas.

— Não posso. Essa é a parte mais difícil. Não posso. Eles me queimaram para me punir. Mas isso não foi o suficiente. Nunca seria o suficiente. Eu nunca poderei perdoar a mim mesma.

O Talento estava começando a escorrer de dentro dela enquanto tentava chegar até mim, tentando me fazer compreender. Estendeu ambas as mãos, para apertar a minha nelas. A sua dor fluiu até mim através dessa união.

— Então quem poderia perdoá-la? — dei por mim perguntando.

— Gaivota. A minha irmã Gaivota! — O nome lhe foi arrancado e percebi de que se recusara a pensar nele, quanto mais proferi-lo, durante anos. Irmã, não só colega de círculo, mas sua irmã. E ela a matara em uma fúria quando a encontrara com Espeque. O líder do círculo?

— Sim — murmurou ela, embora agora não fossem necessárias palavras entre nós. Eu estava além da muralha queimada. O forte, o belo Espeque. Fazer amor com ele, de corpo e Talento, uma experiência de unidade sem par. Mas então ela os encontrara, a ele e a Gaivota, juntos, e…

— Ele devia saber que isso era errado — gritei, indignado. — Vocês eram irmãs e membros do seu próprio círculo. Como ele pôde fazer isso com vocês? Como?

— Gaivota! — gritou ela, e por um instante eu a vi. Estava por trás de uma segunda muralha. Estavam ambas. Francelha e Gaivota. Duas menininhas, correndo descalças por uma costa arenosa, quase ao alcance das ondas geladas que lambiam a areia. Duas menininhas, tão parecidas como caroços de maçã, a alegria do pai, gêmeas, correndo ao encontro do pequeno barco que chegava à terra, apressando-se para ver o que papai apanhara hoje nas suas redes. Senti o cheiro do vento salgado, do iodo das algas emaranhadas e moles, enquanto elas se precipitavam sobre elas, aos guinchos. Duas menininhas, Gaivota e Francelha, trancadas e escondidas por trás de uma muralha dentro dela. Mas eu conseguia vê-las, ainda que ela não conseguisse.

Eu a vejo, eu a conheço. E ela conhecia você, por completo. Relâmpago e trovão, a sua mãe chamava vocês, pois enquanto a sua irritação brilhava e desaparecia, Gaivota era capaz de nutrir um rancor durante semanas. Mas não contra você, Francelha. Nunca contra você, e nunca durante anos. Ela a amava, mais do que qualquer uma de vocês amava Espeque. Assim como você a amava. E ela a teria perdoado. Nunca teria desejado isto para você.

Eu… não sei.

Sabe, sim. Olhe para ela. Olhe para você. Perdoe-se. E deixe que a parte dela que está dentro de você viva de novo. Deixe que você mesma viva de novo.

Ela está dentro de mim?

Com toda certeza. Eu a estou vendo, sinto-a. Tem de ser verdade.

O que você sente? Cautelosamente.

Apenas amor. Veja por você mesma. Levei-a mais para o interior da sua mente, até os locais e memórias que negara a si mesma. Não eram as muralhas queimadas que o círculo lhe impusera que a magoavam mais. Eram aquelas que

erguera entre si e a memória daquilo que perdera em um momento de fúria. Duas garotas, agora mais velhas, caminhando pela água para pegar a corda que o pai lhes atirara, e ajudando a puxar o seu barco carregado para a praia. Duas garotas de Cervo, ainda tão parecidas como caroços de maçã, desejando ser as primeiras a contar ao papai que haviam sido escolhidas para serem treinadas no Talento.

Papai dizia que éramos uma só alma em dois corpos.

Então se abra e deixe-a sair. Deixe que ambas saiam para viver.

Fiquei em silêncio, esperando. Francelha estava em uma parte das suas recordações que negava há mais tempo do que as outras pessoas viviam. Um lugar de vento fresco e riso juvenil, e uma irmã tão parecida com ela que quase não precisavam falar uma com a outra. O Talento existira entre elas desde o momento em que nasceram.

Vejo agora o que tenho de fazer. Senti a sua irresistível onda de alegria e determinação. *Tenho de deixá-la sair, tenho de colocá-la no dragão. Ela viverá para sempre no dragão, assim como havíamos planejado. Nós duas, juntas novamente.*

Panela levantou-se, largando as minhas mãos tão repentinamente que gritei com o choque. Dei por mim de volta ao meu corpo. Senti que caíra até ali, vindo de uma grande distância. O Bobo e Olhos-de-Noite ainda se encontravam perto de mim, mas já não faziam parte de uma roda. Quase não conseguia senti-los com todo o resto que sentia. Talento. Correndo através de mim como águas revoltas. Talento. Emanando de Panela como o calor de uma fornalha de ferreiro. Ela brilhava de Talento. Apertou as mãos, sorriu ao ver os dedos endireitados.

— Você devia ir descansar agora, Fitz — disse-me ela com suavidade. — Vamos. Vá dormir.

Uma sugestão gentil. Ela não conhecia a força do seu próprio Talento. Deitei-me e nada mais vi.

Quando acordei era noite cerrada. O peso e calor do corpo do lobo eram um conforto encostado em mim. O Bobo me enrolara em um cobertor e estava sentado ao meu lado, fitando extasiado o fogo. Quando me mexi, ele apertou o meu ombro com uma inspiração súbita.

— O que foi? — perguntei. Não conseguia compreender nada do que ouvia ou via. Fogueiras haviam sido acesas no estrado de pedra ao lado do dragão. Ouvi o estrondo de metal batendo em pedra e vozes erguidas em conversas. Na tenda, atrás de mim, ouvi Esporana experimentando notas na sua harpa.

— Da última vez que o vi dormir assim, tínhamos acabado de arrancar uma

flecha das suas costas, e eu pensava que você estava morrendo de infecção.

— Eu devia estar muito cansado — sorri-lhe, capaz de confiar que ele compreenderia. — Não se sente esgotado? Eu tirei forças de você e de Olhos-de-Noite.

— Esgotado? Não. Sinto-me curado. — Não hesitou, e acrescentou: — Acho que é tanto pelo fato de o círculo infiel ter fugido do meu corpo, como por saber que você não me odeia. E pelo lobo. Ora, ele é uma maravilha. E quase o sinto, ainda por cima. — Um sorriso muito estranho surgiu no seu rosto. Senti-o tateando em busca Olhos-de-Noite. Ele não tinha força suficiente para usar de fato o Talento ou a Manha sozinho. Mas era perturbador senti-lo tentando. Olhos-de-Noite deixou que a cauda subisse e descesse em um lento abanão.

Estou com sono.

Então descanse, irmão. Coloquei a mão no pelo espesso do seu ombro. Ele era vida, força e amizade em que eu podia confiar. Deu mais um lento abanão na cauda e abaixou de novo a cabeça. Olhei para o Bobo e indiquei o dragão de Veracidade com a cabeça.

— O que está acontecendo lá em cima?

— Loucura. E júbilo. Acho. Menos para Kettricken. Acho que o seu coração se devora de ciúme, mas ela não quer sair de lá.

— O que está acontecendo lá em cima? — repeti, paciente.

— Sabe mais sobre aquilo do que eu — retorquiu ele. — Você fez algo a Panela. Eu entendi parte do que aconteceu, mas não tudo. Depois você adormeceu. E Panela foi até lá em cima e fez algo a Veracidade. Não sei o quê, mas Kettricken diz que deixou os dois chorando e tremendo. Então Veracidade fez alguma coisa a Panela. E ambos desataram a rir, a chorar e a gritar que ia funcionar. Eu fiquei o tempo suficiente para ver os dois começarem a atacar a pedra em volta do dragão com cinzéis, marretas e espadas e tudo o mais que estivesse à mão. Entretanto, Kettricken fica sentada, silenciosa como uma sombra, e os observa lugubremente. Eles não querem deixá-la ajudar. Então desci até aqui e encontrei você inconsciente. Ou dormindo. O que preferir. E já estou sentado aqui há muito tempo, vigiando-o e fazendo chá ou levando carne a qualquer um que me peça um pedaço. E agora você está acordado.

Reconheci a sua paródia de mim apresentando um relatório a Veracidade e tive de sorrir. Cheguei à conclusão de que Panela ajudara Veracidade a liberar o seu Talento e que o trabalho prosseguia no dragão. Mas Kettricken.

— O que entristece Kettricken? — perguntei.

— Ela deseja ser Panela — o Bobo explicou, em um tom que dizia que

qualquer idiota saberia disso. Entregou-me um prato de carne e uma caneca de chá. — Como você se sentiria, se tivesse percorrido todo este longo e cansativo caminho, só para ver o seu esposo escolher outra para ajudá-lo no seu trabalho? Ele e Panela tagarelam como gralhas. Todos os tipos de conversas inconsequentes. Trabalham e fazem saltar lascas de pedra ou, às vezes, Veracidade apenas fica imóvel, com as mãos encostadas no dragão. E conta a ela sobre o gato da mãe, Sibila, e do tomilho que crescia no jardim da torre. E Panela vai lhe contando, sem interrupções, sobre a Gaivota que fez isto, Gaivota que fez aquilo e tudo o que ela e Gaivota fizeram juntas. Pensei que parariam ao pôr do sol, mas esse foi o único momento em que Veracidade pareceu lembrar-se de que Kettricken estava viva. Pediu-lhe para trazer lenha e fazer fogueiras para dar luz. Oh, e acho que deixou que ela lhe afiasse um ou dois cinzéis.

— E Esporana — eu disse, estupidamente. Não gostava de pensar no que Kettricken devia estar sentindo. Dirigi os pensamentos para longe disso.

— Trabalha em uma canção sobre o dragão de Veracidade. Acho que desistiu de esperar que você e eu façamos alguma coisa digna de nota.

Sorri para mim mesmo.

— Ela nunca está por perto quando eu faço algo de significativo. O que fizemos hoje, Bobo, foi melhor do que qualquer batalha em que eu tenha combatido. Mas ela nunca compreenderá isso por completo. — Inclinei a cabeça na direção da tenda. — A harpa dela tem um som mais suave do que eu me lembrava — disse para mim mesmo.

Em resposta, ele ergueu as sobrancelhas e sacudiu os dedos na minha frente.

Os meus olhos se arregalaram.

— O que você andou fazendo? — perguntei.

— Experiências. Acho que, se sobreviver a tudo isto, as minhas marionetes vão se tornar lendárias. Sempre consegui olhar para a madeira e ver o que queria trazer para primeiro plano. Estes meninos — e voltou a sacudir os dedos na minha frente — fazem com que isso se torne muito mais fácil.

— Tenha cautela — supliquei.

— Eu? Eu não tenho qualquer cautela em mim. Não posso ser o que não sou. Onde você vai?

— Ver o dragão — respondi. — Se Panela pode trabalhar nele, eu também posso. Talvez eu não seja tão fortemente Talentoso, mas estive ligado a Veracidade por muito mais tempo.

CAPÍTULO 36

A Manha e a Espada

Os Ilhéus sempre assolaram a linha costeira dos Seis Ducados. O fundador da monarquia Visionário, na realidade, não passava de um salteador que se fartara da vida do mar. A tripulação de Tomador esmagou os construtores originais do forte de madeira na foz do Rio Cervo e tornou-o seu. Ao longo de várias gerações, ele foi sendo substituído pelas muralhas de pedra negra do Castelo de Torre do Cervo, e os salteadores Ilhéus transformaram-se em residentes e monarca.

O comércio, os ataques e a pirataria sempre existiram ao mesmo tempo entre os Seis Ducados e as Ilhas Externas. Contudo, o início dos ataques dos Navios Vermelhos marcou uma mudança neste intercâmbio abrasivo e lucrativo. Tanto a selvageria como a destruição provocada pelos ataques não tinham precedentes. Houve quem as atribuísse à subida ao poder, nas Ilhas Externas, de um feroz chefe que aderiu a uma sangrenta religião de vingança. Os mais selvagens dos seus seguidores transformaram-se em Salteadores e nas tripulações dos Navios Vermelhos. Outros Ilhéus, nunca antes unidos sob um único líder, foram coagidos a lhe jurar lealdade, sob ameaça de forjamento para aqueles que recusassem e para as suas famílias. Ele e os seus salteadores trouxeram o seu violento ódio às costas dos Seis Ducados. Se alguma vez teve alguma intenção além de matar, violar e destruir, nunca a tornou pública. O seu nome era Quebal Pancru.



— Não entendo por que o senhor me recusa — eu disse, com severidade.

Veracidade interrompeu o seu incessante entalhe do dragão. Esperara que ele se virasse e me encarasse, mas apenas se inclinou mais, para espanar lascas de pedra e poeira. Quase não conseguia acreditar no progresso que ele fizera. O pé direito do dragão, completo com garras e tudo, repousava agora na pedra. Era verdade que lhe faltavam os detalhes minuciosos do resto do dragão, mas a perna propriamente dita estava agora completa. Veracidade pôs uma mão cautelosa em

cima de um dos dedos da estátua. Ficou sem se mexer ao lado da sua criação, paciente e imóvel. Não consegui ver qualquer movimento na sua mão, mas conseguia detectar o Talento em ação. Se sondasse nem que fosse um pouco na sua direção, eu podia sentir as minúsculas fissuras da pedra enquanto ia lascando. Realmente parecia que o dragão estivera escondido na pedra e que a tarefa de Veracidade era revelá-lo, uma escama cintilante de cada vez.

— Fitz. Pare com isso. — Pude ouvir aborrecimento na sua voz. Aborrecimento por eu estar partilhando Talento com ele, e aborrecimento por estar distraindo-o do seu trabalho.

— Deixe-me ajudá-lo –supliquei de novo. Havia algo no trabalho que me atraía. Antes, quando Veracidade raspava a pedra com a espada, o dragão parecera um trabalho de escultura admirável. Mas agora havia um tremeluzir de Talento nele quando tanto Veracidade como Panela aplicavam os seus poderes. Era imensamente atraente, da mesma maneira que um riacho cintilante vislumbrado entre árvores atrai o olhar, ou o cheiro de pão recém-assado desperta a fome. Eu ansiava por colocar as mãos naquela poderosa criatura e ajudar a moldá-la. Vê-los trabalhar despertava em mim uma ânsia de Talento superior a qualquer outra que já experimentara. — Eu estou ligado ao senhor pelo Talento há mais tempo do que qualquer outra pessoa. Na época em que eu puxava um remo no *Rurisk*, o senhor me disse que eu era o seu círculo. Por que me afasta agora, quando eu poderia ajudar e o senhor precisa tanto de ajuda?

Veracidade suspirou e balançou para trás sobre os calcanhares. O dedo não estava concluído, mas eu via agora nele o leve contorno de escamas e o início do revestimento da garra cruelmente recurva. Conseguia sentir como a garra seria, estriada como a garra de um falcão. Desejei estender a mão e arrancar da pedra esses traços.

— Pare de pensar nisso — pediu-me firmemente Veracidade. — Fitz. Fitz, olhe para mim. Escute-me. Lembra-se da primeira vez que drenei força de você?

Eu me lembrava. Desmaiara.

— Eu agora conheço melhor a minha força — respondi.

Ele me ignorou.

— Você não sabia o que estava oferecendo quando me disse que era um Homem do Rei. Eu acreditei na sua palavra de que você sabia o que estava fazendo. Você não sabia. Agora lhe digo claramente que você não sabe o que está me pedindo. Mas eu sei o que estou lhe recusando. E é tudo.

— Mas Veracidade…

— O Rei Veracidade não ouvirá nenhum “mas” sobre isso, FitzCavalaria. —

Traçou aquele limite comigo como poucas vezes fizera antes.

Respirei fundo e me recusei a deixar que a frustração se transformasse em ira. Ele tornou a colocar com cuidado a mão no dedo do dragão. Fiquei um momento escutando o *tac*, *tac*, *tac* do cinzel de Panela soltando da pedra a cauda do dragão. Ela cantava enquanto trabalhava, alguma antiga balada de amor.

— Meu senhor, Rei Veracidade, se me disser o que não sei a respeito de ajudá-lo, então eu talvez possa decidir por mim mesmo se…

— A decisão não é sua, rapaz. Se quer realmente ajudar, vai arranjar uns galhos e faça uma vassoura. Varra daqui as lascas de pedra e a poeira. É terrível de nos ajoelharmos nela.

— Preferiria ajudá-lo de fato — resmunguei, desconsolado, enquanto me virava.

— FitzCavalaria! — Havia uma nota penetrante na voz de Veracidade, uma nota que não ouvia desde os meus tempos de garoto. Virei-me para ele, atemorizado.

— Está se excedendo — disse ele sem rodeios. — A minha rainha mantém estas fogueiras acesas e afia os meus cinzéis para mim. Você está se colocando acima de tal trabalho?

Em momentos como aquele, uma resposta breve é a melhor possível.

— Não, senhor.

— Então vá me fazer uma vassoura. Amanhã. Por ora, por mais que odeie dizê-lo, devíamos todos descansar, pelo menos por algum tempo. — Levantou-se lentamente, oscilou, e então se endireitou. Colocou afetuosamente uma mão prateada no ombro imenso do dragão. — Ao amanhecer — prometeu-lhe.

Eu esperara que ele chamasse Panela, mas ela já estava se levantando e se espreguiçando. Ligados pelo Talento, pensei comigo mesmo. As palavras já não eram necessárias. Mas eram para a sua rainha. Deu a volta ao dragão até onde Kettricken se encontrava sentada perto de uma das fogueiras. Estava amolando o gume de um cinzel. O áspero raspar do seu trabalho escondeu dela os passos leves de Veracidade. Durante algum tempo, ele observou a sua rainha enquanto esta se debruçava sobre a sua tarefa.

— Senhora, vamos dormir por algum tempo? — perguntou-lhe em voz baixa.

Ela se virou. Afastou o cabelo rebelde dos olhos com uma mão empoeirada e cinzenta.

— Como quiser, meu senhor — respondeu. Conseguiu manter quase toda a dor afastada da voz.

— Não estou assim tão cansada, senhor meu rei. Gostaria de continuar

trabalhando, se assim desejar. — A voz alegre de Panela era quase chocante. Eu reparei que Kettricken não se virou para olhá-la. Veracidade disse apenas:

— Às vezes é melhor descansar antes de estarmos cansados. Se dormirmos enquanto está escuro, trabalharemos melhor à luz do dia.

Kettricken retraiu-se como se tivesse sido criticada.

— Eu poderia fazer as fogueiras maiores, meu senhor, se for isso o que deseja — disse com cuidado.

— Não. Desejo descansar, com você ao meu lado. Se quiser, minha rainha.

Não passava do mínimo do seu afeto, mas ela se agarrou a isso.

— Quero, meu senhor. — Doeu-me vê-la satisfeita com tão pouco.

Ela não está satisfeita, Fitz, e a sua dor não me passa despercebida. Dou-lhe o que posso. O que é seguro para eu dar a ela.

O meu rei ainda me lia com toda aquela facilidade. Repreendido, dei boa noite a eles e fui para a tenda. Enquanto nos aproximávamos, Olhos-de-Noite levantou-se, espreguiçando-se e bocejando.

Caçou?

Com toda essa carne que ainda temos, por que eu caçaria? Reparei então no monte de ossos de porco ao redor dele. Deitou-se de novo entre os ossos, de focinho encostado à cauda, rico como qualquer lobo poderia ser. Tive um momento de inveja pela sua satisfação.

Esporana estava de vigia fora da tenda junto à fogueira, com a harpa aninhada no colo. Comecei a passar por ela com um aceno de cabeça, mas então parei para olhar para a harpa. Com um sorriso deliciado, ela a ergueu para a minha inspeção.

O Bobo se superara. Não havia dourados ou arabescos, não havia embutidos de marfim ou de ébano como os que, diriam alguns, distinguiam uma harpa das demais. Havia apenas o brilho sedoso da madeira curva e aquele trabalho sutil que realçava o melhor do veio da madeira. Eu não conseguia olhá-la sem desejar tocá-la e segurá-la. A madeira atraía a mão. A luz da fogueira dançava nela.

Panela também parou para ver. Apertou bem os lábios.

— Não tem cuidado nenhum. Um dia será a morte dele — disse, agourenta. Então me precedeu para entrar na tenda.

Apesar do longo cochilo que dormira horas antes, mergulhei no sono quase assim que me deitei. Não creio que tenha dormido muito antes de me tornar consciente de um ruído furtivo lá fora. Sondei com a Manha na sua direção. Homens. Quatro. Não, cinco, deslocando-se sem ruído colina acima, na direção da cabana. Pouco consegui saber sobre eles além de avançarem furtivos, como

caçadores. Em algum lugar, em uma sala pouco iluminada, Bronco endireitou-se sem um som. Levantou-se, descalço, e atravessou a cabana até a cama de Moli. Ajoelhou-se ao seu lado, então lhe tocou suavemente no braço.

— Bronco? — Ela prendeu a respiração no seu nome, e então esperou, espantada.

— Não faça nenhum som — sussurrou ele. — Levante-se. Calce os sapatos e enrole bem Urtiga, mas tente não acordá-la. Há alguém lá fora, e não acho que queiram nos fazer bem.

Fiquei orgulhoso dela. Não fez perguntas e sentou-se imediatamente. Colocou o vestido por cima da camisola e enfiou os pés nos sapatos. Enrolou o cobertor em volta de Urtiga até ela parecer pouco mais do que um trouxa de cobertores. A bebê não acordou.

Enquanto isso, Bronco calçara as suas botas e pegara uma espada curta. Fez sinal a Moli para se dirigir até a janela fechada.

— Se eu lhe disser, saia por essa janela com Urtiga. Mas apenas se eu disser. Acho que eles são cinco.

Moli assentiu à luz do fogo. Puxou a faca de cinto e colocou-se entre a filha e o perigo.

Bronco foi se posicionar a um lado da porta. A noite inteira pareceu passar enquanto esperavam em silêncio pela chegada dos seus atacantes.

A tranca estava no lugar, mas pouco significado tinha em um caixilho de porta tão velho. Bronco os deixou bater na porta duas vezes e então, quando a tranca começou a ceder, ele a fez saltar dos suportes com um chute, de modo que na vez seguinte que eles se atiraram contra a porta, ela se escancarou. Dois homens entraram aos tropeções, surpreendidos pela súbita falta de resistência. Um caiu, o outro caiu sobre o primeiro e Bronco já havia enfiado a espada em ambos antes que o terceiro chegasse à porta.

O terceiro homem era grande, de cabelo e barba ruivos. Chegou à porta com um rugido, passando por cima dos dois homens caídos, que se contorceram sob as suas botas. Trazia uma espada longa, uma arma magnífica. O seu tamanho e espada lhe davam quase o dobro do alcance de Bronco. Atrás dele, um homem robusto berrou:

— Em nome do rei, viemos buscar a vadia do Bastardo da Manha! Largue a arma e afaste-se.

Ele teria sido sensato em não alimentar ainda mais a ira de Bronco. Quase com indiferença, Bronco baixou a sua lâmina para acabar com um dos homens que estavam no chão, e depois ergueu a espada para dentro da guarda do Barba-

ruiva. O Barba-ruiva recuou, tentando encontrar espaço para a vantagem que a espada lhe dava. Bronco não teve alternativa a não ser segui-lo, pois se o homem conseguisse chegar a um local em que pudesse brandir livremente a espada, Bronco teria poucas chances. O homem robusto e uma mulher saltaram imediatamente para a porta. Bronco olhou para eles.

— Moli! Como eu lhe disse!

Moli já estava junto da janela, agarrada a Urtiga, que começara a berrar de medo. Saltou para uma cadeira, abriu as folhas e passou uma perna pela janela. Bronco estava mantendo o Barba-ruiva ocupado quando a mulher se precipitou por trás dele e lhe enfiou a faca na base das costas. Bronco soltou um grito rouco e aparou frenético a espada mais longa. Quando Moli passou a outra perna por cima do parapeito da janela e começou saltar para fora, o homem robusto atravessou a sala de um salto e lhe arrancou Urtiga dos braços. Ouvi Moli guinchar de terror e fúria.

Então ela correu para a escuridão.

Descrença. Senti a descrença de Bronco tão claramente quanto a minha. A mulher tirou a faca das suas costas e a ergueu para atacar de novo. Ele baniu a dor com ira, girou para lhe fazer um corte no peito, e voltou a se virar para o Barba-ruiva. Mas o Barba-ruiva dera um passo para trás. A espada ainda estava a postos, mas ele estava imóvel enquanto o homem robusto dizia:

— Temos a criança. Largue a espada, senão a bebê morre aqui e agora. — Lançou um olhar à mulher que estava agarrada ao peito. — Vá atrás da mulher. Agora!

Ela o olhou furiosa, mas foi sem um murmúrio. Bronco nem sequer a viu partir. Só tinha olhos para a bebê que chorava nos braços do homem robusto. O Barba-ruiva sorriu quando a ponta da espada de Bronco se virou lentamente para o chão.

— Por quê? — perguntou Bronco, consternado. — O que fizemos para nos atacarem e ameaçarem matar a minha filha?

O homem robusto abaixou os olhos para o rosto vermelho da bebê que gritava nos seus braços.

— Ela não é sua — escarneceu. — É a bastarda do Bastardo da Manha. Obtivemos a informação da melhor das fontes. — Ergueu Urtiga bem alto como se quisesse atirá-la no chão. Fitou Bronco. Bronco soltou um som incoerente, parte fúria, parte súplica. Largou a espada. Junto à porta, o ferido gemeu e tentou se sentar.

— Ela é só uma bebê muito pequena — disse Bronco numa voz rouca. Como

se fosse meu, senti o calor do sangue que lhe escorria pelas costas e pelo quadril. — Deixe-nos ir. Está enganado. Ela é do meu sangue, estou lhe dizendo, e não ameaça o seu rei. Por favor. Tenho ouro. Eu o levo até ele. Mas nos deixe ir.

Bronco, que teria resistido, cuspido e lutado até a morte, deixara cair a espada e suplicava pela minha filha. O Barba-ruiva soltou uma gargalhada estrondosa, mas Bronco nem sequer se virou para ele. Ainda rindo, o homem aproximou-se da mesa e acendeu com indiferença o castiçal que havia ali. Ergueu a luz para examinar a sala desordenada. Bronco não conseguia tirar os olhos de Urtiga.

— Ela é minha — disse em voz baixa, quase em desespero.

— Pare com as mentiras — disse o homem robusto com desdém. — Ela é descendente do Bastardo da Manha. É tão maculada quanto ele era.

— Exatamente. É mesmo.

Todos os olhos se viraram para a porta. Moli estava lá, muito pálida, respirando com força. A sua mão direita estava vermelha de sangue. Apertava ao peito uma grande caixa de madeira. Um zumbido ominoso saía lá de dentro.

— A cadela que você mandou atrás de mim está morta — disse Moli com dureza. — Assim como vocês estarão em breve, se não largarem as armas e soltarem a minha filha e o meu homem. — O homem robusto sorriu, incrédulo. O Barba-ruiva ergueu a espada.

A voz dela tremeu só ligeiramente quando acrescentou:

— A criança é Manhosa, claro. Assim como eu. As minhas abelhas não nos farão mal. Mas firam um de nós e elas sairão, irão segui-los e não terão piedade. Vocês morrerão de um milhão de ferroadas dolorosas. Acham que as suas espadas serão muito úteis contra as minhas abelhas de Manha? — Olhou de rosto em rosto, com os olhos brilhando de fúria e ameaça enquanto apertava contra si a pesada caixa de madeira da colmeia. Uma abelha escapou e começou a zumbir furiosamente pela sala. Os olhos do Barba-ruiva a seguiram, apesar de ele exclamar:

— Não acredito!

Os olhos de Bronco estavam medindo a distância que o separava da espada quando Moli perguntou em voz baixa, quase timidamente:

— Não? — Deu um sorriso estranho enquanto baixava a colmeia para o chão. Os seus olhos encontraram-se com os do Barba-ruiva ao erguer a tampa da caixa. Enfiou a mão lá dentro, e no momento em que o homem robusto arfava ruidosamente, tirou-a da colmeia, enluvada em abelhas vivas. Fechou a tampa da colmeia e levantou-se. Olhou para as abelhas que lhe revestiam a mão e disse em voz baixa: — O da barba vermelha, pequeninas. — Então estendeu a mão como

se estivesse oferecendo um presente a eles.

Foi preciso um momento mas, quando cada uma das abelhas levantou voo, dirigiu-se sem errar para o Barba-ruiva. Ele vacilou quando a primeira, e logo outra, zumbiu por perto, e então regressou, descrevendo um círculo.

— Chame-as de volta ou matamos a criança! — gritou de súbito. Tentou acertá-las sem sucesso com o castiçal que tinha na mão.

Em vez disso, Moli abaixou-se de repente e ergueu a colmeia inteira o mais alto que pôde.

— Vocês vão matá-la de qualquer forma! — gritou, com a voz vacilando naquelas palavras. Sacudiu a colmeia, e o zumbido agitado das abelhas transformou-se em um rugido.

— Pequeninas, eles querem matar a minha filha! Quando eu as libertar, vinguem-nos! — Ergueu a colmeia ainda mais alto, preparando-se para arrebentá-la no chão. O homem ferido aos seus pés gemeu ruidosamente.

— Pare! — gritou o homem robusto. — Eu lhe dou a criança!

Moli estacou. Todos podiam ver que ela não era capaz de suportar o peso da colmeia durante muito mais tempo. Havia tensão na sua voz, mas ordenou calmamente:

— Dê a bebê ao meu homem. Deixe que venham até mim. Senão vocês todos morrerão, com toda certeza e muito horrivelmente. — O homem robusto olhou com incerteza para o Barba-ruiva. De velas numa mão e espada na outra, o Barba-ruiva recuara para longe da mesa, mas as abelhas continuavam a zumbir, confusas, à sua volta. O esforço que fazia para enxotá-las só parecia deixá-las mais determinadas.

— O Rei Majestoso nos matará se falharmos!

— Então morram com as minhas abelhas — sugeriu Moli. — Há centenas de abelhas aqui — acrescentou em uma voz grave. O seu tom era quase sedutor quando disse: — Elas vão entrar na sua camisa e nas pernas das calças. Vão se agarrar nos seus pelos enquanto picam. Vão rastejar para dentro das suas orelhas e narinas para picar. E, quando gritarem, vão se aglomerar na sua boca, dezenas de corpos zumbidores e penugentos, para picar as suas línguas até que elas não caibam mais nas bocas. Morrerão sufocados por elas!

Aquela descrição pareceu convencê-los. O homem robusto atravessou a sala até Bronco, empurrou a bebê que ainda gritava nos seus braços. O Barba-ruiva o olhou furioso, mas nada disse. Bronco levou Urtiga, mas não deixou de se abaixar e também pegar a espada. Moli trespassou o Barba-ruiva com os olhos.

— Você. Vá ali para junto dele. Bronco. Leve Urtiga lá para fora. Leve-a para

onde colhemos hortelã ontem. Se eles me forçarem a agir, não quero que ela veja. Pode deixá-la com medo das abelhas que são suas criadas.

Bronco obedeceu. De todas as coisas que testemunhara naquela noite, aquela me pareceu a mais espantosa. Depois de ele sair, Moli recuou lentamente para a porta.

— Não nos sigam — avisou-os. — As minhas abelhas de Manha vão ficar de vigia por mim, do lado de fora da porta. — Deu uma última sacudida na colmeia. O ribombante zunido aumentou e foram várias as abelhas que escaparam para a sala, zumbindo furiosamente. O homem robusto imobilizou-se, mas o Barba-ruiva ergueu a espada como se ela pudesse defendê-lo. O homem que estava no chão soltou um grito incoerente e arrastou-se para longe dela quando Moli saiu andando de costas. Ela fechou a porta atrás de si, então encostou a colmeia nela. Tirou a tampa da colmeia e a chutou antes de se virar e fugir para a noite. — Bronco! — chamou em voz baixa. — Estou indo. — Não seguiu na direção da estrada, mas na dos bosques. Não olhou para trás.

— Volte, Fitz. — Não era o Talento, mas a voz baixa de Veracidade perto de mim. — Você os viu em segurança. Não os observe mais, para evitar que outros vejam através dos seus olhos e saibam para onde eles vão. É melhor se você mesmo não souber. Volte.

Abri os olhos para a pouca luz que havia na tenda. Não era só Veracidade que estava sentado ao meu lado, Panela também se encontrava ali. Sua boca estava apertada numa linha plana de desaprovação. O rosto de Veracidade estava severo, mas também havia compreensão nele. Ele falou antes de eu ter tempo de fazê-lo.

— Se eu acreditasse que você havia procurado isso, ficaria muito zangado com você. Mas agora lhe digo com clareza: é melhor que não saiba nada deles. Nada de nada. Se tivesse me dado ouvidos assim que lhe dei esse conselho, nenhum dos três teria sido ameaçado como foi esta noite.

— Vocês dois estavam vendo? — perguntei em voz baixa. Por um instante, senti-me comovido. Ambos se preocupavam com a minha filha o suficiente para isso.

— Ela também é minha herdeira — observou Veracidade, inflexível. — Acha que eu poderia ficar de lado sem fazer nada se eles a tivessem ferido? — Sacudiu a cabeça. — Fique longe deles, Fitz. Para o bem de todos nós. Compreende?

Assenti com a cabeça. As suas palavras não podiam me afligir. Eu já decidira que escolheria não saber para onde Moli e Bronco iriam levar Urtiga. Mas não

porque ela era herdeira de Veracidade. Panela e Veracidade levantaram-se e saíram da tenda. Eu me atirei de novo nos meus cobertores. O Bobo, que estivera apoiado em um cotovelo, também se deitou.

— Amanhã lhe conto — disse-lhe. Ele fez um aceno mudo, com os olhos enormes no rosto pálido. Então deitou-se de novo. Acho que adormeceu. Eu fiquei fitando a escuridão. Olhos-de-Noite veio deitar-se ao meu lado.

Ele protegeria o seu filhote como se fosse dele, observou calmamente. *Isso é alcateia.*

Ele queria me consolar com aquelas palavras. Eu não precisava delas. Estendi uma mão para colocá-la no seu pescoço. *Viu como ela resistiu e os enfrentou?*, perguntei com orgulho.

Uma loba por demais excelente, concordou Olhos-de-Noite.

Senti-me como se não tivesse dormido nada quando Esporana me acordou e ao Bobo para o nosso turno de vigia. Saí da tenda me espreguiçando e bocejando, e suspeitando de que manter uma vigia não era realmente uma necessidade. Porém, o último fragmento de noite estava agradavelmente suave, e Esporana deixara caldo de carne fervendo em fogo brando na borda da fogueira. Eu já havia bebido meia caneca quando o Bobo finalmente me seguiu até ali fora.

— Esporana me mostrou a harpa ontem à noite — eu disse em jeito de saudação.

Ele deu um sorrisinho satisfeito.

— "Um trabalho grosseiro. Ah, isto não passa de uma das suas primeiras tentativas", dirão algum dia — acrescentou com modéstia forçada.

— Panela disse que você não tem nenhum cuidado.

— Não, não tenho, Fitz. O que estamos fazendo aqui?

— Eu? Faço o que me dizem. Quando acabar o meu turno, vou até as colinas para recolher gravetos para uma vassoura. Para poder varrer as lascas de rocha para fora do caminho de Veracidade.

— Ah. Ora, eis aí um trabalho grandioso para um Catalisador. E o que supõe que um profeta possa fazer?

— Você podia profetizar quando é que aquele dragão ficará pronto. Temo que não iremos pensar em mais nada até que ele esteja concluído.

O Bobo estava sacudindo muito levemente a cabeça.

— O que foi? — perguntei.

— Não sinto que fomos chamados aqui para fazer vassouras e harpas. Isto me parece uma bonança, meu amigo. A bonança antes da tempestade.

— Ora, eis aí um pensamento alegre — disse-lhe, sombrio. Mas perguntei a

mim mesmo se ele não poderia ter razão.

— Vai me contar o que houve ontem à noite?

Quando o meu relato terminou, o Bobo estava sorrindo.

— Aquela é uma garota cheia de recursos — observou, orgulhoso. Então inclinou a cabeça e olhou para mim. — Acha que a bebê será Manhosa? Ou capaz de usar o Talento?

Nunca parara para refletir sobre aquilo.

— Espero que não — disse de imediato. E depois fiquei pensando nas minhas palavras.

A aurora quase ainda nem rompera quando Veracidade e Panela se levantaram. Beberam uma caneca de caldo cada um, de pé, e levaram carne seca quando se encaminharam para o dragão. Kettricken também saíra da tenda de Veracidade. Os seus olhos estavam encovados e havia derrota na posição da boca. Não bebeu mais de meia caneca de caldo antes de colocá-la de lado. Voltou para a tenda e regressou com um cobertor transformado em um saco.

— Lenha — respondeu, seca, à minha sobrancelha erguida.

— Então Olhos-de-Noite e eu bem podemos ir com a senhora. Preciso recolher gravetos e um pau para fazer uma vassoura. E ele precisa fazer alguma coisa além de dormir e engordar.

E você tem medo de ir à floresta sem mim.

Se porcas como aquela abundam nestes bosques, você tem toda a razão.

Talvez Kettricken queira trazer o arco?

Mas quando me virei para fazer a sugestão, ela estava se enfiando na tenda para ir buscá-lo.

— Para o caso de encontrarmos outro porco — disse-me ao sair.

No entanto, foi uma expedição sem incidentes. Fora da pedreira, a paisagem era acidentada e agradável. Paramos na beira do riacho para beber e nos lavarmos. Vi o reflexo de um minúsculo alevino na água e o lobo quis imediatamente pescar. Disse-lhe que pescaria depois de acabar de apanhar a minha vassoura. De modo que ele veio atrás de mim, embora com relutância. Juntei os gravetos para a vassoura e encontrei um galho comprido e estreito para o cabo. Depois enchemos de lenha o saco de Kettricken, que eu insisti em carregar, para que as mãos dela ficassem livres para o arco. No caminho de volta ao acampamento, paramos no riacho. Procurei um lugar onde as plantas pendessem sobre a margem, e não demoramos muito tempo para encontrar um. Então passamos muito mais tempo do que eu pretendia apanhando peixes com as mãos. Kettricken nunca vira aquilo ser feito antes, mas após alguma impaciência

pegou o jeito. Os peixes eram de uma espécie de truta que eu nunca havia visto, tingida de rosa ao longo da barriga. Apanhamos dez, e eu os limpei ali mesmo, com Olhos-de-Noite abocanhando as entranhas assim que eu estripava os peixes. Kettricken os enfiou em um galho de salgueiro e regressamos ao acampamento.

Só percebi como o calmo interlúdio me acalmara quando chegamos à vista do pilar negro que guardava a entrada da pedreira. Parecia mais sinistro do que nunca, como uma espécie de dedo negro e severo erguido para me prevenir de que, realmente, aquilo podia ser a bonança, mas a tempestade estava a caminho. Estremeci ligeiramente quando passei por ele. A minha sensibilidade para o Talento parecia estar crescendo de novo. O pilar irradiava poder controlado de uma forma sedutora. Quase contra a minha vontade, parei para estudar os caracteres esculpidos nele.

— Fitz? Você vem? — chamou Kettricken, e só então percebi o tempo que ficara olhando boquiaberto o pilar. Apressei-me para alcançá-los e me juntei a eles no momento em que passavam pela garota no dragão.

Eu evitara deliberadamente aquele local desde que o Bobo tocara nela. Agora ergui um olhar culpado para onde a marca prateada do dedo ainda brilhava contra a pele perfeita da garota.

— Quem era você, e por que fez uma escultura tão triste? — perguntei-lhe. Mas os seus olhos de pedra apenas me olharam, suplicantes, de cima das faces manchadas de lágrimas.

— Talvez não tivesse conseguido terminar o dragão — especulou Kettricken. — Vê como as patas traseiras e a cauda dele ainda estão presas na pedra? Talvez seja por isso que está tão triste.

— Mas ela deve tê-la esculpido triste desde o início, não acha? Terminando ou não, a parte de cima seria a mesma.

Kettricken me olhou, divertida.

— Você ainda não acredita que o dragão de Veracidade voará quando estiver terminado? Eu acredito. Claro, já me resta pouco mais em que acreditar. Muito pouco.

Ia lhe dizer que achava a ideia uma história de menestrel para crianças, mas as suas últimas palavras me calaram.

De volta ao dragão, amarrei a vassoura e comecei a varrer com todo o afinco. O sol ia alto num brilhante céu azul, com uma brisa ligeira e agradável. O dia estava adorável, e durante algum tempo esqueci de todo o resto na minha tarefa simples. Kettricken descarregou a lenha que trazia e logo partiu para ir buscar mais. Olhos-de-Noite a seguiu de perto, e eu notei com aprovação que Esporana

e o Bobo se apressaram a segui-la, também transportando sacos. Com as lascas de pedra e a poeira afastadas do dragão, eu podia ver mais do progresso que Veracidade e Panela haviam feito. A pedra negra do dorso do dragão estava tão brilhante que quase refletia o azul do céu. Fiz essa observação a Veracidade, sem realmente esperar uma resposta. A sua mente e coração estavam inteiramente concentrados no dragão. Em todos os outros tópicos de conversa, a sua mente parecia vaga e errante, mas quando me falava do dragão e da sua escultura era muito o Rei Veracidade.

Alguns momentos mais tarde, ele se apoiou nos calcanhares, afastando-se do pé do dragão junto ao qual se encontrava agachado. Levantou-se e percorreu experimentalmente o dorso do dragão com uma mão prateada. Prendi a respiração, pois na esteira da mão surgiu de súbito cor. Um rico tom de turquesa, com cada escama debruada de prata, seguiu-se à passagem do dedo de Veracidade. A cor cintilou por um instante, então desapareceu. Veracidade soltou um ligeiro som de satisfação.

— Quando o dragão ficar cheio, a cor permanecerá — disse-me. Sem pensar, eu estendi uma mão para o dragão, mas Veracidade me afastou abruptamente com um encontrão. — Não toque nele — advertiu-me, quase com ciúme. Deve ter visto o choque no meu rosto, pois fez uma expressão pesarosa. — Já não é seguro para você tocá-lo, Fitz. Ele está muito… — Sua voz foi sumindo, e os olhos partiram para longe em busca de uma palavra. Então aparentou esquecer tudo a meu respeito, pois voltou a agachar-se para trabalhar no pé da criatura.

Não há nada como ser tratado como uma criança para ser levado a agir como uma. Terminei de varrer, deixei vassoura de lado e me afastei. Não fiquei muito surpreso quando dei por mim fitando de novo a garota no dragão. Acabara pensando na estátua como “Garota-em-um-Dragão”, pois eles não me pareciam entidades separadas. Uma vez mais subi no estrado ao seu lado, uma vez mais senti o turbilhão da sua vida de Manha. Erguia-se como nevoeiro e estendia-se para mim ávido. Tanta infelicidade aprisionada.

— Não há nada que eu possa fazer por você — disse-lhe, tristemente, e quase senti que ela respondia às minhas palavras. Era entristecedor demais ficar perto dela por muito tempo. Porém, enquanto descia, reparei em algo que me alarmou. Em volta de uma das patas dianteiras do dragão, alguém andara cinzelando a pedra que o atolava. Abaixei-me para inspecionar o local mais de perto. As lascas e a poeira haviam sido afastadas do corte, mas as suas bordas eram novas e aguçadas. O Bobo, disse a mim mesmo, era de fato desprovido de cautela. Endireitei-me com a intenção de ir imediatamente procurá-lo.

FitzCavalaria. Volte até mim imediatamente, por favor.

Suspirei comigo mesmo. Provavelmente mais lascas de pedra para varrer. Era para aquilo que eu precisava me manter afastado de Moli, enquanto ela se defendia sozinha. Enquanto caminhava de volta ao dragão, cedi a pensamentos proibidos sobre ela. Perguntei-me se eles teriam encontrado um lugar onde se abrigar, e se Bronco estaria muito ferido. Eles haviam fugido com pouco mais do que a roupa que traziam no corpo. Como sobreviveriam? Ou teriam sido atacados de novo pelos homens de Majestoso? Teriam arrastado ela e a bebê para Vaudefeira? Estaria Bronco morto na poeira em algum lugar?

Acha mesmo que isso poderia acontecer sem que você soubesse? Além disso, ela pareceu mais do que capaz de cuidar de si mesma e da criança. E de Bronco, aliás. Pare de pensar neles. E pare de ceder à pena por você mesmo. Tenho uma tarefa para você.

Regressei ao dragão e peguei a vassoura. Já varria há alguns minutos quando Veracidade pareceu reparar em mim.

— Ah, Fitz, aí está você. — Levantou-se, espreguiçou-se, arqueando as costas para afastar delas a dor. — Venha comigo.

Segui-o até a fogueira do acampamento onde ele se ocupou por um momento em pôr água para aquecer. Pegou um pedaço da carne seca, olhou-o e disse em um tom triste:

— O que eu não daria por um pedaço do pão fresco de Sara. Enfim. — Virou-se para mim. — Sente-se, Fitz, quero falar com você. Tenho pensado muito em tudo o que me disse, e tenho uma incumbência para você.

Sentei-me lentamente em uma pedra junto da fogueira, sacudindo a cabeça para mim mesmo. Num momento, ele não fazia qualquer sentido; no seguinte soava como o homem que fora meu mentor durante tanto tempo. Não me deu tempo para refletir sobre os meus pensamentos.

— Fitz, você visitou o lugar dos dragões, a caminho daqui. Disse-me que tanto você quanto o lobo sentiram vida neles. Chamou de vida de Manha. E que um, o dragão de Realder, pareceu quase acordar quando você o chamou pelo nome.

— Percebo a mesma sensação de vida vinda da garota no dragão, na pedreira — concordei.

Veracidade sacudiu tristemente a cabeça.

— Pobrezinha, temo que nada possa ser feito por ela. Persistiu em tentar manter a forma humana, e por isso resistiu a encher o seu dragão. E ali está, e provavelmente ali permanecerá para todo o sempre. Eu levei a sério o seu aviso; pelo menos o seu erro teve isso de bom. Quando encher o dragão, não omitirei

nada. Seria um pobre fim chegar tão longe e sacrificar tanto para acabar só com um dragão atolado, não seria? Esse erro, pelo menos, não cometerei. — Arrancou com os dentes um pedaço da carne seca e a mastigou, pensativo.

Permaneci em silêncio. Ele me deixara confuso de novo. Às vezes tudo o que eu podia fazer era esperar até que os seus pensamentos o trouxessem de volta a algum assunto em que fizesse sentido. Reparei que ele tinha uma nova mancha de prata na parte de cima da testa, como se tivesse limpado distraidamente o suor. Engoliu.

— Ainda há ervas para o chá? — perguntou, e então acrescentou: — Quero que você volte aos dragões. Quero que veja se consegue usar a Manha com o Talento para despertá-los. Quando estive lá, por mais que tentasse não consegui detectar qualquer vida em nenhum deles. Temi que tivessem dormido durante tempo demais e que tivessem morrido de fome, alimentando-se só dos seus próprios sonhos até nada restar.

Esporana havia deixado um punhado de urtigas e hortelã murchas. Enfiei-as cuidadosamente em um bule e despejei a água quente sobre as ervas. Enquanto a infusão tomava forma, ordenei os pensamentos.

— Quer que eu use a Manha e o Talento para despertar as estátuas de dragões. Como?

Veracidade encolheu os ombros.

— Não sei. Apesar de tudo o que Francelha me disse, ainda há grandes lacunas no meu conhecimento do Talento. Quando Galeno roubou os livros de Solicitude e interrompeu por completo o meu treino e o de Cavalaria, foi um grande golpe que nos foi dado. Ainda continuo voltando àquele momento. Ele já estava então conspirando para conquistar o trono para o seu meio-irmão, ou estava meramente sedento de poder? Nunca saberemos.

Falei então de algo a que nunca antes dera voz.

— Há uma coisa que não compreendo. Panela diz que quando matou Cedoura com o Talento, o senhor feriu a si mesmo. Mas o senhor drenou Galeno e não pareceu sofrer nada com isso. E Serena e Justino também não pareceram sofrer consequências por drenarem o rei.

— Drenar o Talento de outra pessoa não é o mesmo que matá-la com uma explosão de Talento. — Soltou uma breve e amarga gargalhada. — Tendo feito ambas as coisas, conheço bem a diferença. No fim, Galeno preferiu morrer a me entregar todo o seu poder. Suspeito que o meu pai fez a mesma escolha. Também suspeito que o fez para esconder deles o local onde eu me encontrava. Temos agora leves indícios dos segredos que Galeno morreu para proteger. — Olhou

para a carne que tinha na mão, deixou de lado. — Mas o que nos importa agora é despertar os Antigos. Você olha à nossa volta e vê um belo dia, Fitz. Eu vejo mares calmos e um vento limpo para trazer os Navios Vermelhos às nossas costas. Enquanto corto, raspo e trabalho, há gente dos Seis Ducados morrendo ou sendo forjada. Sem falar nas tropas de Majestoso que assolam e incendeiam as aldeias da Montanha ao longo da fronteira. O pai da minha rainha cavalga para a batalha para proteger o seu povo dos exércitos do meu irmão. Como isso me amargura! Se você conseguisse fazer os dragões se erguerem em sua defesa, eles poderiam levantar voo agora.

— Sinto-me relutante em me entregar a uma tarefa quando não sei exatamente o que ela exige — comecei, mas Veracidade me fez parar com um sorriso.

— Parece-me que ainda ontem era precisamente isso que você suplicava para fazer, FitzCavalaria.

Ele havia me apanhado.

— Olhos-de-Noite e eu partiremos amanhã de manhã — disse.

Ele franziu o cenho.

— Não vejo motivo para atrasos. Para você, a viagem não é longa, apenas um passo através do pilar. Mas o lobo não pode passar pela pedra. Terá de ficar aqui. E eu gostaria que você fosse agora.

Ele me dizia com toda aquela calma para ir sem o meu lobo. Era mais fácil eu ir nu.

— Agora? Quer dizer, *imediatamente*?

— E por que não? Você pode chegar lá em questão de minutos. Veja o que pode fazer. Se tiver sucesso, eu saberei. Se não, volte para nós esta noite, através do pilar. Não teremos perdido nada por tentar.

— Acha que o círculo não é mais um perigo?

— Não são mais perigosos para você lá do que aqui. E agora vá.

— Não devia esperar pelo regresso dos outros para lhes dizer para onde fui?

— Eu mesmo lhes direi, FitzCavalaria. Fará isso por mim?

Só podia haver uma resposta a tal pergunta.

— Farei. Irei agora. — Hesitei uma última vez. — Não tenho certeza de como usar o pilar.

— Não é mais complicado do que uma porta, Fitz. Ponha a mão nele, e ele recorre ao Talento que você possui. Veja este símbolo. — Fez um esboço com o dedo na poeira. — Este representa o lugar dos dragões. Simplesmente coloque a mão nele e atravesse. Este — outro esboço na poeira — é o símbolo da pedreira. Irá trazê-lo de volta. — Ergueu os olhos escuros para me olhar com firmeza.

Haveria um teste naqueles olhos?

— Volto esta noite — prometi-lhe.

— Ótimo. Que a sorte o acompanhe.

E foi tudo. Levantei-me e deixei a fogueira para trás, caminhando na direção do pilar. Passei pela Garota-em-um-Dragão e tentei não ser distraído por ela. Em algum lugar, na floresta, os outros estavam recolhendo lenha enquanto Olhos-de-Noite patrulhava em volta.

Vai mesmo sem mim?

Não demorarei, irmão.

Quer que eu volte e espere por você junto do pilar?

Não, vigie a rainha por mim, por favor.

Com prazer. Ela hoje abateu uma ave para mim.

Senti a sua admiração e sinceridade. O que há de melhor do que uma loba que mata com eficiência?

Uma loba que partilha bem.

Veja se guarda algumas aves para mim também.

Você pode ficar com os peixes, garantiu-me ele, magnânimo.

Ergui os olhos para o pilar negro que agora se erguia na minha frente. Lá estava o símbolo. Tão simples como uma porta, dissera Veracidade. Tocar o símbolo e atravessar. Talvez. Mas eu sentia um frio na barriga e foi com grande dificuldade que ergui a mão e a encostei na brilhante pedra negra. A palma encontrou-se com o símbolo e senti um puxão frio de Talento. Deslizei através do pilar.

Passei da brilhante luz do sol para uma sombra fresca e salpicada. Afastei-me do grande pilar negro e penetrei em um terreno coberto de capim alto. O ar estava pesado de umidade e de cheiros de plantas. Ramos que haviam estado enfeitados com botões de folhas da última vez que eu estivera ali encontravam-se agora cobertos de uma folhagem viçosa. Um coro de insetos e rãs me deu as boas-vindas. A floresta à minha volta formigava de vida. Depois do silêncio vazio da pedreira, era quase avassalador. Fiquei algum tempo parado, apenas me ajustando àquilo.

Cautelosamente, abaixei as minhas muralhas de Talento e sondei com prudência ao redor. Fora o pilar atrás de mim, não consegui detectar nenhum Talento em uso. Relaxei um pouco. Era possível que a destruição de Cedoura por Veracidade tivesse tido mais efeitos do que ele pensava. Talvez agora temessem desafiá-lo diretamente. Reconfortei-me com essa ideia quando me afastei através da vegetação viçosa.

Logo fiquei ensopado até o joelho. Não que houvesse água no chão, mas o crescimento desenfreado de capins e juncos que eu atravessava estavam carregados de umidade. Acima da minha cabeça, trepadeiras e folhas penduradas pingavam. Não me importei. Aquilo parecia refrescante após a rocha nua e a poeira da pedreira. O que fora um caminho rudimentar da última vez que estivéramos ali era agora um estreito corredor através da vida vegetal que o invadia. Cheguei a um riacho estreito e gorgolejante, e colhi do seu leito um punhado de agrião apimentado para ir mordiscando enquanto caminhava. Prometi a mim mesmo levar um pouco de volta ao acampamento ao cair da noite, e então me lembrei da minha missão. Dragões. Onde estavam os dragões?

Não haviam se movido, embora as plantas estivessem maiores à sua volta do que estavam antes. Vislumbrei um cepo atingido por um raio de que me lembrava e, usando-o como referência, descobri o dragão de Realder. Já decidira que seria aquele o mais promissor para começar, pois eu tinha certeza de ter sentido nele uma forte vida de Manha. Como se pudesse fazer alguma diferença, gastei alguns minutos para limpá-lo de trepadeiras e ervas úmidas e aderentes. Enquanto o fazia, reparei em uma coisa. O modo como a criatura adormecida estava estendida na terra seguia o contorno do terreno que havia por baixo. Não parecia uma estátua esculpida e colocada ali. Parecia uma criatura viva que se deitara para descansar e não voltara a se mexer.

Tentei me forçar a acreditar. Aqueles eram os mesmos Antigos que haviam respondido ao chamado do Rei Sabedoria. Haviam voado como grandes aves até a costa e ali derrotaram os salteadores e os afastaram das nossas costas. Caíram dos céus sobre os navios, enlouquecendo as tripulações de terror ou fazendo virar os navios com o grande vento vindo das suas asas. E fariam de novo, se ao menos conseguíssemos acordá-los.

— Tentarei — disse em voz alta, e então repeti: — Irei acordá-los — e procurei não ter qualquer dúvida na voz. Caminhei lentamente em volta do dragão de Realder, tentando decidir como começar. Da cabeça reptiliana em forma de cunha até a cauda farpada, aquele era um dragão de pedra digno de todas as lendas. Estendi uma mão admiradora para passá-la sobre as escamas cintilantes. Consegui sentir a Manha rodopiando lentamente no seu interior como fumaça. Obriguei-me a acreditar na vida que ele continha. Seria algum artista capaz de conceber uma representação tão perfeita? Havia saliências de osso nas extremidades das suas asas, semelhantes às de um ganso. Não duvidava de que ele poderia abater um homem atingindo-o com elas. As farpas que tinha na cauda ainda estavam afiadas e perigosas. Consegui imaginá-lo chicoteando o

cordame ou os remadores, rasgando, cortando, repuxando. — Realder — gritei-lhe. — Realder!

Não senti resposta. Nenhuma agitação de Talento, nem sequer muita diferença na Manha. Bem, disse a mim mesmo que não esperara que fosse assim tão fácil. Ao longo das horas seguintes, tentei todas as maneiras que consegui imaginar para acordar aquele animal. Encostei o rosto na sua bochecha escamosa, e sondei aquela pedra o mais profundamente que consegui. Obtive menos resposta dela do que uma minhoca me daria. Estendi o corpo ao lado daquele frio lagarto de pedra e me forcei a obter uma unidade com ele. Procurei me vincular àquela preguiçosa agitação de Manha que havia lá dentro. Irradiei-o de afeição. Dei-lhe vigorosas ordens. Que Eda me ajude, até tentei ameaçá-lo com terríveis consequências se não se erguesse para obedecer às minhas ordens. De nada adiantou. Comecei a me agarrar a qualquer coisa. Lembrei-o do Bobo. Nada. Tentei me lembrar do sonho de Talento que o Bobo e eu partilháramos. Trouxe à mente todos os detalhes da mulher com a coroa de galos que consegui recordar. Ofereci-a ao dragão. Não houve resposta. Tentei coisas básicas. Veracidade dissera que eles talvez tivessem passado fome. Visualizei lagoas de água doce e fresca, com gordos peixes prateados prontos para serem devorados. Visualizei através do Talento o dragão de Realder sendo devorado por outro maior e lhe sugeri essa imagem. Nenhuma resposta.

Arrisquei-me a tentar contactar o meu rei. *Se há vida nestas pedras, é pequena demais e está muito funda para que eu a alcance.*

Perturbou-me um pouco que Veracidade nem tenha se incomodado em responder. Mas era possível que ele também tivesse visto aquilo como uma medida desesperada, com poucas chances de sucesso. Abandonei o dragão de Realder e perambulei durante algum tempo, de animal de pedra em animal de pedra. Sondei entre eles, em busca de algum que pudesse ter em si um tremeluzir mais forte de vida de Manha. Uma vez, pensei ter descoberto um, mas uma inspeção mais atenta me revelou que um rato do campo fizera a toca debaixo do peito do dragão.

Escolhi um dragão com galhada de cervo e voltei a tentar todas as táticas que experimentara no dragão de Realder, com o mesmo resultado. A essa altura, a luz do dia já minguava. Enquanto escolhia o meu caminho por entre as árvores de volta ao pilar, perguntei-me se Veracidade teria realmente esperado algum tipo de sucesso. Persistentemente, fui de dragão em dragão a caminho do pilar, dedicando a todos eles um último esforço. Foi provavelmente o que me salvou. Endireitei-me junto a um deles, achando que sentia uma forte vida de Manha

proveniente do próximo. Porém, quando cheguei ali, ao pesado javali alado com as suas presas curvas e afiadas, percebi que a Manha vinha de trás dele. Ergui os olhos e espiei por entre as árvores, esperando descobrir um veado ou um porco selvagem. Contudo, o que vi foi um homem com uma espada desembainhada e com as costas voltadas para mim.

Dobrei-me sobre mim mesmo atrás do javali. Fiquei de repente com a boca seca e com o coração aos saltos. Não era nem Veracidade, nem o Bobo. Pelo menos isso percebi no instante em que o vi. Era alguém mais baixo do que eu, com um cabelo cor de areia, e que segurava uma espada como se soubesse como brandi-la. Um homem vestido de dourado e marrom. Não era o corpulento Emaranhado, nem o magro e escuro Vontade. Era outra pessoa, mas pertencia a Majestoso.

Num momento, tudo ficou claro para mim. Como eu podia ter sido tão estúpido? Destruíra os homens de Vontade e de Emaranhado, os cavalos e as provisões. O que podiam fazer, a não ser contactar Majestoso pelo Talento, dizendo-lhe que precisavam de mais? Com as constantes escaramuças ao longo das fronteiras da Montanha não seria difícil que outro grupo de assalto penetrasse sem ser visto, contornasse Jhaampe e viajasse pela estrada do Talento. A área de deslizamento que atravessáramos era uma barreira terrível, mas não intransponível. Arriscar as vidas dos seus homens era algo em que Majestoso era versado. Perguntei-me quantos teriam tentado a travessia e quantos teriam sobrevivido. Agora eu tinha certeza de que Vontade e Emaranhado estavam de novo confortavelmente aprovisionados.

Então me ocorreu um pensamento mais arrepiante. Ele podia ser Talentoso. Nada havia que impedisse Vontade de treinar outros. Ele tinha todos os livros e pergaminhos de Solicitude nos quais se basear e, embora o potencial para o Talento não fosse comum, não era excessivamente raro. Logo a minha imaginação multiplicara o homem até o transformar em um exército, todos pelo menos marginalmente Talentosos, todos fanaticamente leais a Majestoso. Encostei-me no javali de pedra, tentando respirar lentamente apesar do medo que corria por mim. Por um momento, fui dominado pelo desespero. Compreendera finalmente a imensidão dos recursos que Majestoso usaria contra nós. Aquilo não era nenhuma vingança privada entre nós; era um rei, com os exércitos e poderes de um rei, determinado em exterminar aqueles que marcara como traidores. A única coisa que atara antes as mãos de Majestoso era o possível embaraço caso se descobrisse que Veracidade não morrera. Agora, naquela área remota, nada tinha a temer. Podia usar os seus soldados para se ver livre do

irmão e do sobrinho, da cunhada, de todas as testemunhas. Então o círculo poderia se livrar dos soldados.

Estes pensamentos passaram pela minha mente como um relâmpago ilumina a mais negra das noites. Com um clarão, vi de súbito todos os detalhes. No momento seguinte, soube que tinha de chegar ao pilar e regressar à pedreira para prevenir Veracidade. Se já não fosse tarde demais.

Senti-me acalmar assim que tive um objetivo em mente. Pensei em contactar Veracidade pelo Talento, e logo rejeitei a ideia. Até conhecer melhor o meu inimigo, não me arriscaria me expor diante dele. Dei por mim vendo a situação como se fosse o jogo de Panela. Pedras para capturar ou destruir. O homem encontrava-se entre mim e o pilar. Isso era de se esperar. O que eu tinha de descobrir agora era se também haveria outros. Puxei a faca de cinto; uma espada não era arma para se usar no meio de vegetação densa. Respirei fundo, acalmando-me, e me esgueirei para longe do javali.

Eu tinha uma familiaridade rudimentar com a área. Isso me serviu bem quando fui me movendo de dragão para tronco de árvore, de tronco de árvore para cepo antigo. Antes de a noite cair por completo, eu sabia que havia três homens e que pareciam estar guardando o pilar. Não pensei que tivessem vindo até ali para me caçar, mas para evitar que alguém, além do círculo de Majestoso, usasse o pilar. Descobrira os rastros da sua passagem, vindos da estrada do Talento; eram frescos, os homens haviam acabado de chegar. Nesse caso, podia ter confiança de que eu conhecia a disposição do terreno melhor do que eles. Decidi que assumiria que não seriam Talentosos, uma vez que haviam vindo pela trilha e não pelo pilar. Mas era provável que fossem soldados muito capazes. Também decidi acreditar que Vontade e Emaranhado poderiam estar muito perto. Que seriam capazes de atravessar o pilar de um momento para o outro. Por esse motivo, mantive as muralhas de Talento bem erguidas e firmes. E esperei. Quando não regressasse, Veracidade saberia que havia algo de errado. Não creio que ele fosse suficientemente descuidado para atravessar o pilar à minha procura. Na verdade, não creio que ele quisesse abandonar o dragão durante todo esse tempo. Aquela enrascada era minha, e era eu quem tinha de sair dela.

Quando a escuridão caiu, os insetos saíram dos seus esconderijos. Insetos que picavam, mordiam, formigavam às centenas, e havia sempre um que insistia em zumbir junto ao meu ouvido. Névoas da terra começaram a se erguer, umedecendo a minha roupa e a colando ao meu corpo. Os guardas haviam acendido uma pequena fogueira. Senti o cheiro de bolos caseiros cozinhando e me vi com curiosidade para saber se conseguiria matá-los antes de terem comido

todos. Sorri duramente para mim mesmo e me esgueirei para mais perto. À noite, uma fogueira e comida queriam geralmente dizer conversa. Aqueles homens conversavam pouco, e a maioria das conversas era em voz baixa. Não gostavam daquela incumbência. A longa estrada negra enlouquecera alguns homens. Porém, naquela noite, o que os incomodava não era o longo caminho que haviam percorrido, mas sim os próprios dragões de pedra. Quase ouvi o suficiente para confirmar o que adivinhara. Havia três homens de guarda naquele pilar. Havia uma dúzia inteira guardando o da praça onde o Bobo tivera a sua visão. O corpo principal de soldados fora enviado para a pedreira. O círculo procurava cortar as rotas de fuga de Veracidade.

Senti um pouco de alívio por eles levarem o mesmo tempo a chegar lá que o nosso grupo levara. Por aquela noite, pelo menos, Veracidade e os outros não corriam risco de ser atacados. Mas era só questão de tempo. A minha determinação de regressar através do pilar o mais depressa possível solidificou-se. Não tinha qualquer intenção de lutar contra eles. Restava, portanto, matá-los por emboscadas, um a um, um feito que duvidava que até Breu conseguisse realizar. Ou então criar uma distração grande o bastante para afastá-los do pilar durante tempo suficiente para que eu corresse para lá.

Esgueirei-me para bem longe dos homens, até onde achei estar fora de alcance dos seus ouvidos, e comecei a recolher lenha seca. Não foi tarefa fácil em um local tão viçoso e verdejante, mas por fim consegui uma braçada digna de respeito. O meu plano era simples. Disse a mim mesmo que ou funcionaria, ou não. Duvidei de que teria uma segunda oportunidade; eles ficariam cautelosos demais para tal.

Lembrei-me do lugar onde o símbolo da pedreira se encontrava no pilar e abri caminho em volta até aos dragões que se encontravam do lado oposto. Entre os dragões, escolhi o sujeito de aspecto feroz com tufos nas orelhas em que eu reparara na primeira visita ali. Ele lançaria uma bela sombra. Limpei de ervas e folhas úmidas um espaço atrás dele e montei ali a minha fogueira. Só tinha combustível para uma fogueira pequena, mas não esperava precisar de mais. Queria luz e fumaça em quantidade suficiente para ser misterioso sem ser esclarecedor. Avivei bem o fogo, então me afastei, penetrando nas trevas. De barriga no capim, abri caminho até o mais perto que me atrevia do pilar. Agora só teria de esperar que os guardas reparassem na minha fogueira. Esperei que pelo menos um homem fosse investigá-la e que os outros dois ficassem observando o local para onde ele fora. Então, uma corrida sem ruído, uma pancada no pilar e eu desapareceria.

Só que os guardas não repararam na minha fogueira. Do ponto onde eu me encontrava, ela parecia bastante óbvia. Havia fumaça erguendo-se no ar e um clarão rosado por entre as árvores, que delineava parcialmente a silhueta do dragão. Eu esperara que esta lhes atiçasse o interesse. Em vez disso, estava escondendo a fogueira bem demais. Decidi que algumas pedras bem apontadas atrairiam a atenção deles para a minha fogueira. Esgravatei com as mãos, mas encontrei apenas vegetação viçosa crescendo em barro grosso. Após uma espera interminável, percebi que a fogueira estava apagando e os guardas não a tinham visto. Esgueirei-me mais uma vez até fora de alcance dos seus ouvidos. Mais uma vez apanhei gravetos secos na escuridão. Então tanto o meu nariz como os meus olhos me guiaram de volta à fogueira, reduzida a brasas.

Irmão, está fora há muito tempo. Está tudo bem? Havia ansiedade no tênue pensamento de Olhos-de-Noite.

Estou sendo caçado. Fique quieto. Eu voltarei assim que puder. Afastei suavemente o lobo dos meus pensamentos e me esgueirei através da escuridão na direção da minha fogueira quase apagada.

Dei-lhe novo combustível e esperei que pegasse. Estava me afastando dela quando ouvi as vozes deles erguidas em especulação. Não creio que tenha sido descuidado. Não passou de um golpe de má sorte que, quando me deslocava da cobertura de um dragão para a de uma árvore, um guarda tenha erguido bem alto o seu archote, pondo a minha sombra em grande contraste.

— Ali! Um homem! — gritou um deles, e dois correram na minha direção. Afastei-me serpenteando através da úmida vegetação rasteira.

Ouvi um deles tropeçar e cair praguejando em um aglomerado de trepadeiras, mas o segundo era um tipo rápido e ágil. Num instante estava nos meus calcanhares, e juro que senti o vento do primeiro golpe da sua espada. Afastei-me dela com um salto, e dei por mim meio saltando, meio caindo por cima do javali de pedra. Bati dolorosamente com um joelho no seu dorso rochoso e caí na terra do outro lado. No mesmo instante, tentei me levantar depressa. O meu perseguidor deu um salto em frente, desferindo um poderoso golpe com a espada que certamente teria me fendido em dois, se ele não tivesse ficado preso por uma perna em uma presa curva e afiada como uma navalha. Tropeçou e estatelou-se, empalando-se na segunda presa, onde esta se projetava como uma cimitarra da goela vermelha do javali. O som que o homem fez não foi forte. Vi-o começar a lutar para se erguer, mas a curva da presa estava enganchada dentro dele. Levantei-me de um salto, atento ao segundo homem que estivera me perseguindo, e fugi para a escuridão. Atrás de mim soou um longo grito de dor.

Mantive perspicácia suficiente para descrever um círculo. Já quase chegara ao pilar quando senti uma torção perscrutadora de Talento. Lembrei-me da última vez que sentira uma coisa assim. O próprio Veracidade estaria sendo atacado na pedreira? Um homem ainda defendia o pilar, mas decidi me arriscar à sua espada para regressar para junto do meu rei. Emergi de entre as árvores, correndo para o pilar enquanto o guarda olhava na direção da minha fogueira e dos gritos do homem caído. Outra gavinha de Talento roçou por mim.

— Não — gritei –, não se arrisque! — quando meu rei surgiu vindo do pilar, de espada amassada e cinzenta na cintilante mão de prata. Emergiu por trás do guarda que havia permanecido no seu posto. O meu grito insensato o fizera se virar para o pilar e ele caiu sobre o meu rei, de espada erguida, muito embora o rosto traísse o seu terror.

Veracidade, à luz da fogueira deles, parecia um demônio saído de uma história. O seu rosto estava manchado de prata devido a toques descuidados com as mãos, enquanto as mãos e os braços cintilavam como se fossem feitos de prata polida. O rosto descarnado e as roupas esfarrapadas, o completo negrume dos seus olhos teriam aterrorizado qualquer homem. Tenho de conceder ao guarda de Majestoso o seguinte: ele defendeu o seu posto, aparou a primeira estocada do rei e ripostou. Ou pelo menos pensou que o fazia. Era um velho truque de Veracidade. Na realidade, a sua espada envolveu a outra. O seu golpe devia ter separado a mão do braço, mas a lâmina cega parou no osso. De qualquer forma, o homem largou a espada. Quando caiu de joelhos, agarrado ao ferimento que pingava, a espada de Veracidade o golpeou de novo, agora na garganta. Senti um segundo tremor de Talento. O único guarda que restava surgiu correndo na nossa direção, vindo das árvores. Os seus olhos fixaram-se em Veracidade e ele gritou de terror. Parou onde estava. Veracidade deu um passo na direção dele.

— Meu rei, basta! Partamos! — gritei. Não queria que ele se arriscasse de novo por mim.

Porém, em vez de me dar ouvidos, Veracidade olhou para a sua espada. Franziu o cenho. De repente, agarrou a lâmina com a mão esquerda, logo abaixo do cabo, e a passou pela mão brilhante. Prendi a respiração com o que vi. A espada que brandia estava agora brilhando e terminava em uma ponta perfeita. Mesmo à luz do archote, consegui ver as ondulações oscilantes do metal muitas vezes dobrado da lâmina. O rei olhou para mim.

— Eu devia saber que podia fazer isso. — Quase sorriu. Então Veracidade a ergueu diante dos olhos do outro homem. — Quando estiver pronto — disse calmamente.

O que aconteceu a seguir me deixou aturdido.

O soldado caiu de joelhos, atirando a espada para a relva à sua frente.

— Meu rei. Eu o conheço, mesmo que o senhor não me conheça. — O sotaque de Cervo soava claro nas suas palavras precipitadas. — Meu senhor, foi-nos dito que estava morto. Morto porque a sua rainha e o Bastardo haviam conspirado contra o senhor. Foram esses que nos foi dito que talvez encontrássemos aqui. Em parte foi por essa vingança que eu vim. Servi-o bem em Cervo, meu senhor e, se está vivo, ainda sirvo o meu rei.

Veracidade o olhou à tremeluzente luz do archote.

— Você é Rômulo, não é? O filho de Salteador?

Os olhos do soldado se arregalaram por Veracidade se lembrar dele.

— Rótulo, senhor. Ao serviço do meu rei como o meu pai antes de mim. — A sua voz tremeu um pouco. Os seus olhos escuros não abandonaram a ponta da espada que Veracidade apontara para ele.

Veracidade abaixou a arma.

— Fala a verdade, rapaz? Ou procura apenas salvar a pele?

O jovem soldado ergueu os olhos para Veracidade e atreveu-se a sorrir.

— Não preciso ter medo. O príncipe que eu servi não abateria um homem ajoelhado e desarmado. Atrevo-me a dizer que o rei também não o fará.

Talvez nenhuma palavra além daquelas teriam convencido Veracidade. Apesar da cautela, sorriu.

— Então vá, Rótulo. Vá o mais depressa que puder e o mais silencioso possível, pois aqueles que o usaram o matarão se souberem que é fiel a mim. Regresse a Cervo. E, ao longo do caminho, e quando lá chegar, diga a todos que eu vou regressar. Que trarei a minha boa e leal rainha comigo, para ocupar o trono, e que o meu herdeiro o reivindicará depois de mim. E quando chegar ao Castelo de Torre do Cervo, apresente-se à esposa do meu irmão. Diga à Dama Paciência que eu o recomendo para o seu serviço.

— Sim, meu rei. Rei Veracidade?

— O que é?

— Há mais tropas a caminho. Nós não passamos da vanguarda… — Fez uma pausa. Engoliu em seco. — Não acuso ninguém de traição, muito menos o seu próprio irmão. Mas…

— Não se preocupe com isso, Rótulo. O que lhe pedi para fazer é importante para mim. Vá depressa e não desafie ninguém ao longo do caminho. Mas leve estas notícias como lhe pedi.

— Sim, meu rei.

— Agora — sugeriu Veracidade.

E Rótulo ergueu-se, pegou a espada e a embainhou, e penetrou a passos largos na escuridão.

Veracidade virou-se e os seus olhos brilharam de triunfo.

— Podemos fazê-lo! — disse-me em voz baixa. Indicou-me o pilar com um gesto feroz. Estendi a palma da mão para o símbolo e o atravessei aos tropeções quando o Talento me agarrou. Veracidade veio logo atrás.

CAPÍTULO 37

Alimentando o Dragão

Por volta do meio do verão daquele último ano, a situação dos Seis Ducados havia se tornado desesperadora. O Castelo de Torre do Cervo, durante tanto tempo evitado pelos Salteadores, foi subitamente cercado por eles. Haviam se apossado da Ilha da Armação e das suas torres de vigia desde o meio do inverno. Forja, a primeira aldeia a ser vitimada pelo flagelo que tomou o seu nome, transformara-se há muito em uma aguada para os Navios Vermelhos. Havia há algum tempo rumores sobre veleiros das Ilhas Externas ancorados ao largo da Ilha do Linho, incluindo vários avistamentos do fugidio "Navio Branco". Durante a maior parte da primavera, nenhum navio conseguiu entrar ou sair do Porto de Cervo. Esse estrangulamento do comércio foi sentido não só em Cervo, mas em todas as aldeias mercantis nos rios Cervo, Urso e Vim. Os Navios Vermelhos haviam se transformado em uma súbita realidade para os mercadores e nobres de Lavra e Vara.

Porém, no auge do verão, os Navios Vermelhos chegaram à Cidade de Torre do Cervo. Os Navios Vermelhos chegaram na calada da noite, após várias semanas de uma calma enganadora. O combate foi a selvagem defesa de um povo encurralado, mas esse povo também estava faminto e empobrecido. Quase todas as estruturas de madeira da cidade arderam até nada restar. Estima-se que só um quarto dos residentes da cidade tenha conseguido fugir pelas íngremes colinas acima até o Castelo de Torre do Cervo. Apesar de Dom Brilhante ter procurado fortificar de novo e abastecer o castelo, as semanas de estrangulamento tiveram as suas consequências. Os profundos poços do Castelo de Torre do Cervo asseguravam-lhe um bom abastecimento de água doce, mas todas as outras coisas escasseavam.

Catapultas e outras máquinas de guerra estavam havia décadas instaladas para defender a foz do Rio Cervo, mas Dom Brilhante as moveu para defender o próprio Castelo de Torre do Cervo. Sem oposição, os Navios Vermelhos abriram caminho pelo Rio Cervo acima, levando a sua guerra e forjamentos bem para o interior dos Seis Ducados como um veneno que se espalhasse ao longo de uma

veia até o coração.

Quando os Navios Vermelhos ameaçavam a própria Vaudefeira, os senhores de Vara e Lavra descobriram que grande parte dos exércitos dos Seis Ducados havia sido enviada muito para o interior, para Lago Azul e além, até as fronteiras do Reino da Montanha. Os nobres desses ducados descobriram de súbito que os seus próprios guardas eram tudo o que se interpunha entre eles e a morte e ruína.



Emergi do pilar para o interior de um círculo de pessoas frenéticas. A primeira coisa a acontecer foi um lobo que me atingiu com toda força no peito, empurrando-me para trás, de modo que quando Veracidade emergiu quase caiu em cima de mim.

Eu a fiz me compreender, fiz com que soubesse que você estava em perigo e ela o fez ir à sua procura. Eu a fiz me compreender, eu fiz me compreender! Olhos-de-Noite estava em um frenesi de filhote. Enfiou o focinho no meu rosto, mordiscou o meu nariz e depois atirou-se no chão ao meu lado e meio no meu colo.

— Ele agitou um dragão! Não chegou propriamente a despertá-lo, mas eu senti um se agitando! Talvez ainda acordemos todos! — Este era Veracidade, rindo e gritando aos outros essas boas-novas enquanto passava calmamente por cima de nós. Fez floreados com a sua espada brilhante por cima da cabeça, como que para desafiar a lua. Eu não fazia a mínima ideia do que ele estava falando. Fiquei sentado na terra, olhando-os à minha volta. O Bobo parecia macilento e fatigado; Kettricken, sempre um espelho do seu rei, sorria diante da sua exultação. Esporana olhava a todos com olhos cobiçosos de menestrel, memorizando cada detalhe. E Panela, de mãos e braços prateados até o cotovelo, ajoelhava-se cuidadosamente ao meu lado para perguntar:

— Está bem, FitzCavalaria?

Olhei para as suas mãos e braços revestidos de magia.

— O que você fez? — perguntei.

— Apenas o que era necessário. Veracidade me levou até o rio, na cidade. Agora o nosso trabalho avançará mais depressa. O que aconteceu a você?

Não lhe respondi. Em vez disso, trespassei Veracidade com o olhar.

— Você me mandou embora para que eu não seguisse vocês! Sabia que eu não conseguiria despertar os dragões, mas me queria fora do seu caminho! — Não consegui esconder a indignação e traição que sentia.

Veracidade me ofereceu um dos seus antigos sorrisos, negando todos os remorsos.

— Nós nos conhecemos muito bem, não é mesmo? — foi tudo o que disse em jeito de desculpa. Então o sorriso alargou-se. — Sim, eu lhe enviei em uma missão impossível. Mas o tolo fui eu, porque você conseguiu. Você despertou um, ou pelo menos o agitou.

Sacudi a cabeça na sua direção.

— Agitou-o, sim. Deve tê-la sentido, aquela ondulação de Talento, mesmo antes de eu chegar aonde você estava. O que você fez, como o agitou?

— Um homem morreu nas presas do javali de pedra — eu disse sem expressão. — Talvez seja assim que se desperta esses dragões. Com a morte. — Não posso explicar a mágoa que sentia. Ele pegara o que devia ter sido meu e dera a Panela. Era a mim, e a mais ninguém, que ele devia essa proximidade de Talento. Que outra pessoa viera até tão longe, abrira mão de tantas coisas por ele? Como podia me negar a escultura do dragão?

Era fome de Talento, pura e simples, mas eu não o sabia na ocasião. Naquele momento, tudo o que conseguia sentir era como ele estava perfeitamente ligado a Panela, e quão firmemente me afastava de me juntar a essa ligação. Murava-me do lado de fora com tanta firmeza como se eu fosse Majestoso. Eu abandonara a minha esposa e a minha filha e atravessara todos os Seis Ducados para servi-lo, e agora ele me rejeitava. Devia ter me levado até o rio, devia ter estado ao meu lado enquanto eu passava por essa experiência. Nunca achei que eu fosse capaz de tanto ciúme. Olhos-de-Noite voltou de saltitar em volta de Kettricken para enfiar a cabeça debaixo do meu braço. Esfreguei a sua garganta e o abracei. Ele, pelo menos, era meu.

Ela me compreendeu, repetiu, jubiloso. *Eu a fiz me compreender, e ela disse a ele que ele tinha de ir.*

Kettricken, aproximando-se para parar ao meu lado, disse:

— Tive a mais forte das sensações de que você precisava de ajuda. Foi preciso pedir muito, mas por fim Veracidade largou o dragão e foi à sua procura. Está muito ferido?

Levantei-me lentamente, espanando a poeira de mim.

— Só no meu orgulho, por meu rei me tratar como uma criança. Ele devia ter me informado de que preferia a companhia de Panela.

Um clarão de alguma coisa nos olhos de Kettricken fez com que eu me lembrasse com quem estava falando. Mas ela escondeu bem a sua mágoa gêmea da minha, dizendo apenas:

— Você disse que um homem foi morto?

— Não por mim. Caiu em cima das presas do javali de pedra, na escuridão, e se esvicerou. Mas eu não vi nenhum movimento de dragões.

— Não a morte, mas a vida derramada — disse Panela a Veracidade. — Pode ser isso. Como o cheiro de carne fresca desperta um cão quase morto de fome. Eles têm fome, meu rei, mas não é impossível despertá-los. Não é impossível se encontrar um modo de alimentá-los.

— Não gosto do modo como isso soa! — exclamei.

— Não cabe a nós gostar ou não — disse pesadamente Veracidade. — É a natureza dos dragões. Eles têm de ser cheios, e o que os enche é a vida. Deve ser dada voluntariamente para se criar um. Mas os dragões tomarão o que lhes fizer falta para se sustentarem, depois de se erguerem em voo. O que você supunha que o Rei Sabedoria lhes ofereceu em troca por derrotarem os Navios Vermelhos?

Panela apontou um dedo ao Bobo, em censura.

— Preste atenção a isto, Bobo, e compreenda agora por que está tão cansado. Quando a tocou com o Talento, você se ligou a ela. Ela agora o atrai para si, e você pensa que vai por piedade. Mas ela tirará de você tudo de que precisar para se erguer. Mesmo se for toda a sua vida.

— Ninguém está fazendo qualquer sentido — declarei. Então, quando o meu senso disperso regressou, exclamei: — Majestoso enviou soldados. Estão em marcha para cá. Não estão a mais de alguns dias de distância, quanto muito. Suspeito que se apressam e viajam depressa. Os homens de guarda nos pilares estão posicionados lá para evitar a fuga de Veracidade.

Foi só muito mais tarde naquela noite que consegui pôr tudo em ordem. Panela e Veracidade tinham realmente ido até o rio, quase assim que eu partira. Haviam usado o pilar para descer até a cidade, e lá haviam lavado os braços de Panela na substância e renovado o poder nos de Veracidade. Cada vislumbre daquela prata nos braços deles despertava em mim uma fome de Talento que era quase uma avidez. Era uma coisa que eu mascarava de mim mesmo e tentava esconder de Veracidade. Não creio que ele se deixasse enganar, mas não me forçou a confrontar a verdade. Eu mascarava o ciúme com outras desculpas. Disse aos dois, acaloradamente, que tinha sido só pela mais pura das sortes que eles não haviam encontrado o círculo lá. Veracidade respondera calmamente que ele conhecia o risco e o correra. De algum modo, magoou-me ainda mais que até a minha fúria o deixasse tão indiferente.

Fora no regresso que haviam descoberto o Bobo cortando a pedra que atolava

a Garota-em-um-Dragão. Ele limpara uma área ao redor de uma pata e começara a trabalhar na outra. A pata propriamente dita continuava sendo um pedaço informe de pedra, mas o Bobo insistia que conseguia sentir a pata, intacta dentro da pedra. Sentia a certeza de que tudo o que ela desejava dele era que libertasse o dragão daquilo que o atolava. Estava tremendo de exaustão quando o encontraram. Panela insistira em que fosse imediatamente para a cama. Pegara o último pedaço frequentemente fervido de casco-de-elfo e o moera até transformá-lo em um pó fino, para lhe fazer uma última dose de chá. Apesar da droga, ele se mantinha distante e cansado, quase sem sequer me fazer perguntas a respeito do que me acontecera. Senti uma profunda inquietação por ele.

As novidades que trouxera a respeito dos homens de Majestoso fizeram todos se mexerem. Depois de comer, Veracidade mandou Esporana, o Bobo e o lobo até a entrada da pedreira, para ficarem de guarda ali. Eu me sentei junto da fogueira durante algum tempo, com um trapo frio e úmido enrolado em volta do meu joelho inchado e pálido. No estrado do dragão, Kettricken mantinha as fogueiras acesas e Veracidade e Panela trabalhavam a pedra. Esporana, enquanto ajudava Panela a procurar mais casco-de-elfo, descobrira as sementes de caris que Breu me dera. Panela se apropriara delas e fizera uma bebida estimulante que dividia com Veracidade. O ruído do seu trabalho ganhara um ritmo assustador.

Haviam descoberto também as sementes de fraldassol que eu comprara há tempo como possível substituto para o casco-de-elfo. Com um sorriso matreiro, Esporana me perguntou por que motivo eu as tinha. Quando expliquei, bufou de riso, e por fim conseguiu explicar que essas sementes eram vistas como um afrodisíaco. Lembrei-me daquilo que a vendedora de ervas me dissera e sacudi a cabeça para mim mesmo. Parte de mim via o humor, mas não consegui encontrar um sorriso.

Algum tempo depois de ter sido deixado sozinho junto da fogueira, sondei na direção de Olhos-de-Noite. *Como vai isso?*

Um suspiro. *A menestrel preferia estar tocando a harpa. O Sem Cheiro preferia estar lascando aquela estátua. E eu preferia estar caçando. Se há perigo a caminho, está muito distante.*

Esperemos que fique por lá. Fique de vigia, meu amigo.

Deixei o acampamento e manquei pela ladeira de pedra solta acima até o estrado do dragão. Três das patas estavam livres agora, e Veracidade trabalhava na última pata da frente. Fiquei durante algum tempo ao seu lado, mas ele não se dignou a reparar em mim. Continuou lascando e raspando, sem parar de

murmurar para si mesmo velhas cantigas infantis ou canções de beber. Passei mancando por uma Kettricken que cuidava apaticamente das suas fogueiras, e fui até onde Panela encostava as mãos na cauda do dragão. Tinha os olhos distantes enquanto chamava pelas escamas, e então aprofundava os seus detalhes e lhes acrescentava textura. Parte da cauda também se mantinha escondida na pedra. Comecei a me encostar na porção grossa da cauda, para tirar o peso do joelho machucado, mas ela se endireitou de imediato e sibilou na minha direção.

— Não faça isso! Não toque nele!

Endireitei-me, afastando-me do dragão.

— Já o toquei antes — disse, indignado. — E não fez mal algum.

— Isso foi antes. Ele agora está muito mais perto de ficar completo. — Ergueu os olhos para os meus. Mesmo à luz da fogueira, consegui notar como era espessa a camada de poeira que lhe cobria as feições e se grudava aos cílios. Parecia terrivelmente cansada, mas apesar disso animada por alguma energia violenta. — Próximo como está de Veracidade, o dragão tentaria alcançá-lo. E você não é forte o suficiente para dizer não. Ele o puxaria completamente para si. É essa a força que ele tem, a magnífica força que tem. — Quase cantarolou as últimas palavras enquanto voltava a percorrer a cauda com as mãos. Por um instante, vi um brilho de cor percorrê-la logo atrás das mãos.

— Será que alguém um dia vai me explicar alguma dessas coisas? — perguntei, com petulância.

Ela me lançou um olhar perplexo.

— Eu tento. Veracidade tenta. Mas você, entre todas as pessoas, devia saber como as palavras são cansativas. Nós tentamos, e tentamos, e tentamos lhe explicar, e mesmo assim a sua mente não compreende. Não é culpa sua. As palavras não são grandes o suficiente. E agora é perigoso demais incluí-lo nas nossas comunicações de Talento.

— Vocês conseguirão fazer com que eu compreenda depois de o dragão estar terminado?”

Ela me olhou com algo semelhante a piedade em seu rosto.

— FitzCavalaria. Meu querido amigo. Quando o dragão estiver terminado? É melhor que diga que quando Veracidade e eu estivermos terminados, o dragão terá começado.

— Não compreendo! — rosnei, frustrado.

— Mas ele lhe disse. Eu disse mais uma vez quando avisei o Bobo. Os dragões alimentam-se de vida. De uma vida inteira, dada voluntariamente. É isso o que é preciso para fazer um dragão se erguer. E normalmente não é só uma.

Antigamente, quando os eruditos buscavam a cidade de Jhaampe, iam como um círculo, como um todo que era mais do que a soma das suas partes, e entregavam tudo isso a um dragão. O dragão tem de ser enchido. Veracidade e eu temos de colocar nele tudo o que nos constitui, todas as partes das nossas vidas. Para mim é mais fácil. Eda sabe que já vivi mais do que o meu quinhão de anos e não tenho qualquer desejo de continuar a viver neste corpo. Para Veracidade é mais difícil, muito mais difícil. Ele deixa para trás o seu trono, a sua bela e amada esposa, o seu amor por fazer coisas com as mãos. Deixa para trás cavalgar um belo cavalo, a caça ao veado, caminhar entre o seu povo. Oh, eu já sinto tudo isso dentro do dragão. A cuidadosa aplicação de cor a um mapa, a sensação de um pedaço limpo de velino sob as suas mãos. Até já conheço os cheiros das suas tintas. Ele colocou todas elas no dragão. É difícil para ele. Mas o fará, e a dor que lhe custa é mais uma coisa que põe no dragão. Isso alimentará a sua fúria contra os Navios Vermelhos quando se erguer. Na verdade, só houve uma coisa que ele reteve. Só há uma coisa que pode levá-lo a não alcançar o seu objetivo.

— Que coisa é essa? — perguntei-lhe a contragosto.

Os seus velhos olhos encontraram-se com os meus.

— Você. Recusou-se a deixar que você fosse colocado no dragão. Ele podia fazê-lo, sabia? Querendo você ou não. Podia simplesmente estender-se e puxá-lo para dentro de si. Mas se recusa. Diz que você ama demais a sua vida e que não quer tirá-la de você. Que você já abriu mão de muita coisa por um rei que só lhe compensou com dor e dificuldades.

Ela sabia que com as suas palavras estava me devolvendo Veracidade? Suspeito que sim. Vira muito do seu passado durante a nossa partilha de Talento. Eu sabia que a experiência tinha de ter fluído nos dois sentidos. Ela sabia como eu o amara, e como me magoara encontrá-lo tão distante quando chegara ali. Levantei-me imediatamente para ir falar com ele.

— Fitz! — chamou-me ela. Virei-me. — Há duas coisas que eu quero que você saiba, por mais dolorosas que as considere.

Preparei-me.

— Sua mãe o amava — disse-me em voz baixa. — Você diz que não consegue se lembrar dela. Na verdade, não consegue perdoá-la. Mas ela está aí, com você, nas suas memórias. Era alta e de compleição clara, uma mulher da Montanha. E o amava. Não foi por decisão dela que se separou de você.

As suas palavras me enfureceram e me deixaram tonto. Afastei o conhecimento que me oferecia. Sabia que eu não tinha memórias da mulher que me dera à luz. Inúmeras vezes eu me perscrutara e não encontrara quaisquer

vestígios dela. Absolutamente nenhum.

— E a segunda coisa? — perguntei-lhe friamente.

Ela só reagiu à minha ira com piedade.

— É igualmente ruim, ou talvez pior. Mais uma vez, é algo que já sabe. É triste que as únicas coisas que posso lhe dar, ao Catalisador que transformou a minha morte em vida em uma vida moribunda, sejam coisas que já possui. Mas as coisas são como são, e eu vou dizer. Viverá para amar de novo. Sabe que perdeu a sua garota primaveril, a sua Moli da praia, com o vento no seu cabelo castanho e manto vermelho. Você está longe dela há tempo demais, e foram muitas as coisas que aconteceram a ambos. E o que você amou, aquilo que ambos amaram verdadeiramente, não foi um ao outro. Foi a época das suas vidas. Foi a primavera dos seus anos e a vida correndo forte em vocês, e a guerra à sua porta e os seus corpos fortes e perfeitos. Olhe para trás, verdadeiramente. Descobrirá que se lembra de tantas brigas e lágrimas quanto do amor feito e de beijos. Fitz. Seja sensato. Deixe-a partir, e mantenha essas recordações intactas. Salve dela o que puder e deixe-a guardar o que puder do garoto bravio e ousado que amou. Porque tanto ele como aquela alegre menininha já não passam de memórias. — Sacudiu a cabeça. — Não passam de memórias.

— Você está enganada! — gritei, furioso. — Está enganada!

A força dos meus gritos pôs Kettricken de pé. Ela me fitou, com medo e aflição. Não consegui olhar para ela. Alta e de tez clara. A minha mãe fora alta e de tez clara. Não. Não me lembrava de nada dela. Passei por Kettricken a passos largos, sem prestar atenção à pontada de dor que o joelho me dava a cada passo. Dei a volta no dragão, amaldiçoando-o a cada passo que dava e o desafiando a perceber o que eu sentia. Quando me aproximei de Veracidade, que trabalhava na pata dianteira esquerda, agachei-me ao pé dele e falei num violento sussurro.

— Panela diz que vocês morrerão quando este dragão estiver pronto. Que colocarão tudo o que são aí dentro. Ou foi o que, com o meu parco entendimento das suas palavras, compreendi. Diga-me que estou errado.

Ele afastou-se da estátua, apoiando-se nos calcanhares, e sacudiu as lascas que soltara.

— Está errado — disse com brandura. — Vá buscar a vassoura, sim? E limpe isto.

Fui buscar a vassoura e vim me colocar ao seu lado, quase mais decidido a quebrá-la em sua cabeça do que a usá-la. Sabia que ele detectava a minha fúria fervente, mas mesmo assim me indicou com um gesto para que limpasse o espaço onde trabalhava. Fiz isso com uma varrida furiosa.

— Ora — disse ele com suavidade. — Isso que você tem é uma bela ira. Potente e forte. Isso, acho, vou tirar para ele.

Suave como o roçar de uma asa de borboleta, senti o beijo do seu Talento. A fúria foi arrancada de mim, uma pele tirada inteira da minha alma e enviada para…

— Não. Não a siga. — Um suave empurrão de Talento vindo de Veracidade, e eu regressei ao meu corpo, de uma forma tão repentina como a libertação de um elástico. Um momento depois, dei por mim sentado na pedra enquanto o universo inteiro rodopiava vertiginosamente em torno da minha cabeça. Enrolei-me lentamente para frente, erguendo os joelhos para encostar a cabeça neles. Senti-me miseravelmente nauseado. A ira desaparecera, substituída por um entorpecimento fatigado.

— Pronto — prosseguiu Veracidade. — Como pediu, assim o fiz. Acho que agora você compreende melhor o que significa pôr uma coisa no dragão. Gostaria de alimentá-lo mais?

Sacudi a cabeça, mudo. Temia abrir a boca.

— Não morrerei quando o dragão estiver terminado, Fitz. Serei consumido, é verdade. Muito literalmente. Mas continuarei a existir. Como o dragão.

Encontrei a minha voz.

— E Panela?

— Francelha será uma parte de mim. Assim como a sua irmã Gaivota. Mas o dragão serei eu. — Voltara ao seu maldito lascar de pedra.

— Como pode fazer isso? — Minha voz estava cheia de acusação. — Como pode fazer isso a Kettricken? Ela abriu mão de tudo para vir até aqui, para junto do senhor. E o senhor quer simplesmente abandoná-la, sozinha e sem filhos?

Ele inclinou-se para a frente, para repousar a testa contra o dragão. O seu infindável lascar parou. Algum tempo depois, falou com uma voz carregada.

— Devia tê-lo aí falando comigo enquanto trabalho, Fitz. Bem quando penso que já estou além dos grandes sentimentos, você os desperta em mim. — Ergueu o rosto para me olhar. As lágrimas haviam aberto dois sulcos na poeira cinzenta de pedra. — Que escolha tenho?

— Simplesmente deixe o dragão. Voltemos para os Seis Ducados, levantemos o povo e enfrentemos os Navios Vermelhos com espada e Talento, como fizemos antes. Talvez…

— Talvez estejamos todos mortos antes mesmo de chegarmos a Jhaampe. Será esse um fim melhor para a minha rainha? Não. Eu vou levá-la de volta a Torre do Cervo, e limpar os litorais, e ela reinará longamente e bem como rainha.

Pronto. É isso o que escolho lhe dar.

— E um herdeiro? — perguntei, amargamente.

Ele encolheu fatigadamente os ombros e pegou de novo o cinzel.

— Você sabe o que precisa acontecer. A sua filha será criada como herdeira.

— NÃO! Ameace-me com isso outra vez e, independentemente do risco, eu contacto Bronco pelo Talento, para que ele fuja com ela.

— Você não consegue contactar Bronco pelo Talento — observou Veracidade com brandura. Pareceu medir o dedo do dragão. — Cavalaria fechou a mente dele ao Talento anos atrás, para evitar que fosse usado contra ele. Como o Bobo foi usado contra você.

Outro pequeno mistério revelado. Não que me valesse de grande coisa.

— Veracidade, por favor. Eu lhe suplico. Não faça uma coisa dessas comigo. Seria muito melhor se eu também fosse consumido pelo dragão. Eu lhe ofereço isso. Tome a minha vida e alimente com ela o dragão. Darei tudo o que me pedir. Mas me prometa que a minha filha não será sacrificada ao trono Visionário.

— Não posso lhe fazer essa promessa — disse ele num tom pesado.

— Se ainda tivesse algum sentimento por mim — comecei, mas ele me interrompeu.

— Será que você não compreende, por mais que lhe seja explicado? Eu tenho sentimentos. Mas os coloquei no dragão.

Consegui me levantar. Afastei-me mancando. Nada mais havia a lhe dizer. Rei ou homem, tio ou amigo, eu parecia ter perdido todo o conhecimento de quem ele era. Quando tentava contactá-lo pelo Talento, encontrava apenas as suas muralhas. Quando sondava na sua direção com a Manha, descobria a sua vida tremeluzindo entre ele e o dragão de pedra. E, nos últimos tempos, parecia arder mais forte dentro do dragão, não em Veracidade.

Não havia mais ninguém no acampamento e a fogueira quase se apagara. Joguei mais lenha nela e me sentei junto ao fogo, para comer carne seca. O porco já quase acabara. Teríamos de caçar de novo em breve. Ou melhor, Olhos-de-Noite e Kettricken teriam de caçar de novo. Ela parecia abater caça facilmente para ele. A minha pena de mim mesmo estava perdendo o sabor, mas não conseguia pensar em uma solução melhor do que desejar que tivesse um pouco de conhaque onde afogá-la. Por fim, com poucas alternativas interessantes, fui para a cama.

Dormi, de certa forma. Dragões atormentaram os meus sonhos e o jogo de Panela tomou estranhos significados quando tentei decidir se uma pedra vermelha seria suficientemente forte para capturar Moli. Os meus sonhos eram

desconexos e incoerentes, e vim frequentemente à superfície do sono, para ficar fitando o interior escuro da tenda. Sondei uma vez até onde Olhos-de-Noite patrulhava por perto de uma pequena fogueira enquanto Esporana e o Bobo dormiam por turnos. Haviam movido o seu posto de sentinela para o topo de uma colina, de onde tinham uma boa vista da sinuosa estrada de Talento mais abaixo. Devia ter saído e ido me juntar a eles. Mas me virei para o outro lado e mergulhei de novo nos meus sonhos. Sonhei com as tropas de Majestoso a caminho, não às dúzias ou vintenas, mas às centenas de soldados dourados e marrons que jorravam para dentro da pedreira, para nos encurralarem contra as negras paredes verticais e matar todos nós.

Acordei de manhã, com o empurrão frio de um focinho de lobo. *Precisa caçar,* disse-me ele, sério, e eu concordei. Quando saí da tenda, vi Kettricken descendo do estrado. Rompia a aurora, as suas fogueiras já não eram necessárias. Podia dormir, mas lá em cima, junto ao dragão, o infindável martelar e raspar prosseguia. Os nossos olhos se encontraram quando me endireitei. Ela olhou para Olhos-de-Noite.

— Vão caçar? — perguntou-nos. O lobo deu um lento abanão com a cauda. — Vou buscar o meu arco — anunciou, e desapareceu na sua tenda. Esperamos. Ela saiu usando um justilho mais limpo e trazendo o arco. Recusei-me a olhar para a Garota-em-um-Dragão quando passamos por ela. Ao passarmos pelo pilar, observei:

— Se tivéssemos gente suficiente, podíamos pôr dois homens aqui de guarda e outros dois observando a estrada.

Kettricken concordou com a cabeça.

— É estranho. Eu sei que eles estão vindo para nos matar, e vejo poucas maneiras de escaparmos desse destino. E, no entanto, ainda vamos caçar, em busca de carne, como se comer fosse a mais importante das coisas.

E é. Comer é viver.

— Mesmo assim, para viver temos de comer — disse Kettricken, em um eco dos pensamentos de Olhos-de-Noite.

Não vimos caça que realmente merecesse o seu arco. O lobo matou um coelho, e ela abateu uma ave brilhantemente colorida. Acabamos apanhando trutas com as mãos, e por volta do meio-dia tínhamos peixe mais do que suficiente para nos alimentar, pelo menos para aquele dia. Limpei-os na margem do riacho, e então perguntei a Kettricken se ela se importava que eu ficasse para me lavar.

— Na verdade, isso pode ser uma gentileza que faz a todos nós — respondeu, e eu sorri, não da sua troça, mas por ainda ser capaz de troçar. Pouco tempo

depois, ouvi-a chapinhando na água, correnteza acima, enquanto Olhos-de-Noite cochilava na margem do riacho, de barriga cheia de tripas de peixe.

Quando passamos pela Garota-em-um-Dragão no caminho de volta ao acampamento, encontramos o Bobo enrolado no estrado ao seu lado, profundamente adormecido. Kettricken o acordou e o repreendeu pelas marcas frescas de cinzel que rodeavam a cauda do dragão. Ele não mostrou arrependimento, limitando-se a afirmar que Esporana dissera que ficaria de guarda até a noite, e que realmente preferia dormir ali. Insistimos que voltasse conosco ao acampamento.

Estávamos conversando entre nós enquanto regressávamos à tenda. Foi Kettricken quem nos parou de súbito.

— Shhh! — gritou. — Escutem!

Estacamos ali mesmo. Quase esperei ouvir Esporana nos gritando um aviso. Esforcei os ouvidos, mas não ouvi nada além do vento na pedreira e sons de aves distantes. Precisei de um momento para perceber a importância que isso tinha.

— Veracidade! — exclamei. Enfiei os peixes nas mãos do Bobo e saí correndo. Kettricken me ultrapassou.

Temera encontrar os dois mortos, atacados pelo círculo de Majestoso na nossa ausência. O que descobri foi quase igualmente estranho. Veracidade e Panela estavam de pé, lado a lado, fitando o seu dragão. Este brilhava, negro e reluzente como boa pederneira ao sol da tarde. O grande animal estava completo. Cada escama, cada ruga, cada garra estava impecável em seus detalhes.

— Ele supera todos os dragões que vi no jardim de pedra — declarei. Caminhara por duas vezes ao seu redor, e a cada passo que dava, o maravilhamento que me causava aumentava. Agora, a vida de Manha ardia poderosamente nele, mais forte do que ardera tanto em Veracidade como em Panela. Era quase chocante que os seus flancos não oscilassem com a respiração, que ele não se retorcesse no sono. Olhei para Veracidade e, apesar da ira que ainda nutria, tive de sorrir.

— Ele é perfeito — eu disse em voz baixa.

— Fracassei — disse ele sem esperança. Ao seu lado, Panela anuiu, infeliz. As rugas no seu rosto haviam se aprofundado. Aparentava por completo os seus duzentos anos. Veracidade também.

— Mas ele está terminado, meu senhor — disse Kettricken em voz baixa. — Não era isso que dizia que precisava fazer? Terminar o dragão?

Veracidade sacudiu lentamente a cabeça.

— A escultura está terminada. Mas o dragão não está completo. — Olhou em

volta, para nós, que o observávamos, e percebi como ele lutava para fazer com que as palavras transmitissem o que queria dizer. — Coloquei nele tudo o que sou. Tudo menos o necessário para manter o meu coração batendo e a respiração fluindo no meu corpo. Assim como Panela. Também poderíamos dar isso. Mas continuaria não sendo o suficiente.

Avançou lentamente, para se encostar no seu dragão. Usou os braços magros como almofadas. A cada volta do local em que o seu corpo repousava contra a pedra, uma aura de cor ondulou na pele do dragão. Turquesas, debruadas a prata, as escamas reluziram hesitantemente à luz do sol. Eu conseguia sentir o seu Talento fluindo para dentro do dragão. Derramava-se de Veracidade para o interior da pedra como a tinta é embebida por uma página.

— Rei Veracidade — eu disse em voz baixa, num aviso.

Com um gemido, ele afastou-se da sua criação.

— Não tema, Fitz. Eu não deixarei que ele leve demais. Não lhe darei a minha vida sem motivo. — Ergueu a cabeça e olhou para todos nós. — É estranho — disse em voz baixa. — Imagino se ser forjado se parece com isso. Ser capaz de se recordar do que se sentiu outrora, mas ser incapaz de senti-lo. Os meus amores, os meus medos, as minhas tristezas. Foi tudo para o dragão. Não retive nada. E, no entanto, não é suficiente. Não é suficiente.

— Meu senhor Veracidade. — A velha voz de Panela estava rachada. Toda a esperança desaparecera dela. — Teremos de usar FitzCavalaria. Não há outra maneira. — Os seus olhos, outrora tão brilhantes, pareciam pedrinhas negras e secas quando olhou para mim. — Você a ofereceu –lembrou-me. — Toda a sua vida.

Confirmei com a cabeça.

— Se não tomassem a minha filha — acrescentei em voz baixa. Respirei fundo, enchendo os pulmões de ar. Vida. Agora. O agora era toda a vida que eu tinha, todo o tempo de que podia realmente abrir mão. — Meu rei. Já não procuro nenhum tipo de acordo. Se tiver de tomar a minha vida para que o dragão voe, eu a ofereço.

Veracidade oscilou ligeiramente. Fitou-me.

— Quase me faz voltar a sentir. Mas… — Ergueu um dedo prateado e o apontou acusadoramente. Não para mim, mas para Panela. A ordem foi tão sólida como a pedra do seu dragão quando disse: — Não. Eu já havia lhe dito. Não. Não falará sobre isso com ele novamente. Eu proíbo. — Lentamente, caiu de joelhos, e então se sentou ao lado do dragão. — Maldita seja esta semente de caris — disse em voz baixa. — Abandona-nos sempre precisamente quando

mais necessitamos da sua força. Maldita coisa.

— Deveria descansar agora — eu disse, estupidamente. Na realidade, pouco mais havia que ele pudesse fazer. Era assim que a semente de caris deixava as pessoas. Vazias e exaustas. Eu o sabia bem demais.

— Descansar — disse ele, amargo, com a voz fraquejando na palavra. — Sim. Descansar. Ficarei bem descansado quando os soldados do meu irmão me descobrirem e cortarem a minha garganta. Bem descansado quando o seu círculo vier e tentar reivindicar o meu dragão como seu. Não se engane, Fitz. É isso que eles procuram. Não funcionará, claro. Pelo menos, eu acho que não… — A sua mente estava agora divagando. — Se bem que talvez funcione — disse, no mais leve dos murmúrios. — Eles estiveram ligados a mim pelo Talento durante algum tempo. Pode ser o suficiente para me matarem e o levarem. — Deu um sorriso sinistro. — Majestoso como dragão. Acha que ele irá deixar duas pedras do Castelo de Torre do Cervo em cima uma da outra?

Atrás dele, Panela dobrara-se toda, encostara o rosto nos joelhos. Pensei que chorava, mas quando ela caiu lentamente de lado, tinha o rosto relaxado e imóvel, os olhos fechados. Morta, ou dormindo o sono exausto da semente de caris. Depois do que Veracidade me dissera, pouca importância parecia ter. O meu rei estendeu-se no pedestal nu e pedregoso. Adormeceu ao lado do seu dragão.

Kettricken foi se sentar ao seu lado. Deixou cair a cabeça nos joelhos, e chorou. Não em silêncio. Os soluços dilacerantes que a sacudiram deviam ter despertado até o dragão de pedra. Não despertaram. Eu olhei para ela. Não fui até ela. Não a toquei. Sabia que não serviria de nada. Em vez disso, olhei para o Bobo.

— Devíamos trazer cobertores e deixá-los mais confortáveis — disse, impotente.

— Ah. Claro. Que melhor tarefa existe para o Profeta Branco e para o seu Catalisador? — Deu-me o braço. O seu toque renovou o fio da ligação de Talento que havia entre nós. Amargura. A amargura fluía através dele como sangue. Os Seis Ducados cairiam. O mundo terminaria.

Fomos buscar cobertores.

CAPÍTULO 38

A Troca de Veracidade

Quando todos os registros são comparados, torna-se evidente que não foram mais de vinte os Navios Vermelhos que se aventuraram a seguir para o interior até Lago Bode e que só doze seguiram para além de Lago Bode para ameaçar as aldeias contíguas a Vaudefeira. Os menestréis querem nos fazer crer que havia vintenas de navios e literalmente centenas de Salteadores nos seus conveses. Nas canções, as margens dos rios Cervo e Vim ficaram rubras de chamas e sangue naquele verão. Não se deve censurá-los por isto. O tormento e terror desses dias não devem nunca ser esquecidos. Se um menestrel tem de romancear a verdade para nos ajudar a recordá-la por completo, então que o faça, e que ninguém diga que mentiu. A verdade é, com frequência, muito maior do que os fatos.



Esporana voltou com o Bobo naquela noite. Ninguém lhe perguntou por que motivo já não se mantinha de vigia. Ninguém sequer sugeriu que talvez devêssemos fugir da pedreira antes que as tropas de Majestoso nos encurralassem ali. Ficaríamos e resistiríamos, e lutaríamos. Para defender um dragão de pedra.

E morreríamos. Isso nem era preciso dizer. Muito literalmente, era um conhecimento que nenhum de nós verbalizava.

Depois de Kettricken adormecer, exausta, levei-a para a tenda que dividira com Veracidade. Deitei-a nos seus cobertores e a cobri bem. Abaixei-me e beijei a sua testa enrugada como se estivesse beijando a minha filha adormecida. Era uma despedida, de certa forma. Eu decidira que era melhor fazer as coisas agora. O agora era tudo o que tinha de certo.

Quando caiu o crepúsculo, Esporana e o Bobo sentaram-se junto da fogueira. Ela tocou a sua harpa baixinho, sem palavras, e olhou as chamas. Uma faca desembainhada estava no chão ao seu lado. Fiquei algum tempo em pé, observando o modo como a luz do fogo lhe tocava o rosto. Esporana Cantodave,

a última menestrel dos últimos verdadeiros rei e rainha Visionário. Não escreveria nenhuma canção que alguém recordasse.

O Bobo estava imóvel e escutava. Haviam descoberto uma espécie de amizade. Pensei comigo mesmo que, se aquela era a última noite em que ela podia tocar, ele não podia lhe dar melhor coisa do que aquilo. Escutar bem, e deixar que a música o embalasse com o talento da tocadora.

Deixei-os sentados ali e peguei um odre cheio. Lentamente, subi a rampa que levava ao dragão. Olhos-de-Noite me seguiu. Horas antes, eu fizera uma fogueira no estrado. Agora a alimentei com o que restava da lenha de Kettricken e depois me sentei ao seu lado. Veracidade e Panela continuavam dormindo. Certa vez, Breu usara semente de caris durante dois dias, sem parar. Quando desmaiou, levou a maior parte da semana se recuperando. Tudo o que quisera fazer fora dormir e beber água. Duvidava de que qualquer um dos dois acordasse em breve. Não fazia mal. De qualquer forma, não restava nada para lhes dizer. De modo que apenas fiquei sentado ao lado de Veracidade, e me mantive de guarda sobre o meu rei.

Era um guarda ruim. Acordei ao ouvi-lo sussurrar o meu nome. Endireitei-me de imediato e estendi a mão para o odre de água que trouxera comigo.

— Meu rei — disse, em voz baixa.

Mas Veracidade não estava deitado na pedra, fraco e impotente. Estava de pé, por cima de mim. Fez um sinal para que me levantasse e o seguisse. Foi o que fiz, movendo-me tão silenciosamente quanto ele. Na base do estrado do dragão, ele se virou para mim. Sem palavra, ofereci-lhe o odre. Ele bebeu metade do conteúdo, fez uma pausa por um momento e então bebeu o restante. Quando terminou, devolveu-me o odre. Pigarreou.

— Há uma maneira, FitzCavalaria. — Seus olhos escuros, tão parecidos com os meus, fitaram-me fixamente. — A maneira é você. Tão cheio de vida e de ânsias. Tão dilacerado por paixões.

— Eu sei — disse. As palavras soaram com valentia. Estava mais assustado do que alguma vez estivera na vida inteira. Majestoso me assustara bastante na sua masmorra. Mas aquilo fora dor. Isto era morte. De repente compreendi a diferença. As minhas mãos traiçoeiras torceram a bainha da frente da minha túnica.

— Você não vai gostar — avisou-me. — Eu não gosto. Mas não vejo outra maneira.

— Estou pronto — menti. — Só que… gostaria de ver Moli mais uma vez. Para saber que ela e Urtiga estão em segurança. E Bronco.

Ele semicerrou os olhos na minha direção.

— Lembro-me da troca que você sugeriu. Que eu não tomasse Urtiga para o trono. — Afastou os olhos de mim. — O que lhe peço será pior. A sua vida propriamente dita. Toda a vida e energia do seu corpo. Eu gastei todas as minhas paixões, compreende? Não me resta nada. Se pudesse ao menos acender em mim uma última noite de sentimentos… se conseguisse me lembrar de como era desejar uma mulher, ter a mulher que amei nos braços…— Sua voz afastou-se de mim. — Envergonha-me lhe pedir isso. Envergonha-me mais do que quando obtinha força de você, quando você não era mais do que um garoto confiante. — Voltou a me olhar nos olhos e eu compreendi como lutava para usar palavras. Palavras imperfeitas. — Mas, compreende? Até isso. A vergonha que sinto. A dor por lhe fazer isso… até isso é o que você me dá. Até isso posso colocar no dragão. — Afastou os olhos de mim. — O dragão tem de voar, Fitz. Ele tem de voar.

— Veracidade. Meu rei. — Ele desviou os olhos de mim. — Meu amigo. — Os seus olhos voltaram a se fixar nos meus. — Está bem. Mas… eu gostaria de ver Moli de novo. Ainda que brevemente.

— É perigoso. Acho que o que eu fiz a Cedoura despertou neles um medo verdadeiro. Não experimentaram as suas forças contra nós desde então, só a astúcia. Mas…

— Por favor. — Disse as pequenas palavras em voz baixa.

Veracidade suspirou.

— Muito bem, rapaz. Mas o meu coração está cheio de pressentimentos.

Nem um toque. Ele nem sequer respirou fundo. Mesmo reduzido como estava, era esse o poder do Talento de Veracidade. Estávamos lá, com eles. Senti Veracidade se retirando, dando-me a ilusão de que estava lá sozinho.

Era um quarto de estalagem. Limpo e bem mobiliado. Um castiçal ardia ao lado de um pão e de uma tigela de maçãs em cima de uma mesa. Bronco estava deitado sem camisa de lado na cama. O sangue formara um espesso coágulo em volta do ferimento de faca e lhe ensopara a cintura da calça. O peito movia-se no lento e profundo ritmo do sono. Estava enrolado em volta de Urtiga. Ela encontrava-se aninhada contra ele, profundamente adormecida, com o braço dele posto de forma protetora sobre ela. Enquanto eu observava, Moli debruçou-se sobre eles e tirou habilmente a bebê de baixo do braço de Bronco. Urtiga não acordou quando foi levada para um cesto colocado em um canto e aconchegada às mantas que o forravam. A sua pequena boca rosada moveu-se com recordações de leite quente. A testa estava lisa sob o seu lustroso cabelo negro.

Nada parecia ter sofrido com tudo aquilo por que passara.

Moli moveu-se com eficiência pelo quarto. Despejou água em uma bacia e pegou um pano dobrado. Voltou para se agachar junto da cama de Bronco. Pôs a bacia de água no chão ao lado da cama e mergulhou nela o trapo. Torceu-o bem. Quando o colocou nas costas dele, ele acordou sobressaltado, prendendo a respiração. Rápido como uma serpente dando bote, agarrara o pulso dela.

— Bronco! Largue-me, isso precisa ser limpo. — Moli estava aborrecida com ele.

— Oh. É você. — A sua voz estava espessa de alívio. Soltou-a.

— Claro que sou eu. Quem esperava que fosse? — Limpou suavemente o ferimento de faca, então mergulhou de novo o trapo na água. Tanto o trapo como a mão e a bacia de água ao seu lado ficaram tingidos de sangue.

A mão dele tateou cuidadosamente a cama ao seu lado.

— O que você fez com a minha bebê? — perguntou.

— A sua bebê está ótima. Está dormindo no cesto. Bem ali. — Voltou a limpar as suas costas, e assentiu para si mesma. — O sangramento parou. E a ferida parece limpa. Acho que o couro da sua túnica parou a maior parte da facada. Se você se sentar, posso enfaixá-la.

Lentamente, Bronco se mexeu para se sentar. Soltou uma minúscula arfada, mas depois de se sentar sorriu para Moli. Afastou uma madeixa do rosto.

— Abelhas de Manha — disse com admiração. Sacudiu a cabeça. Percebi que não era a primeira vez que o dizia.

— Não consegui me lembrar de mais nada — observou Moli. Não conseguiu deixar de lhe responder com um sorriso. — Funcionou, não funcionou?

— Maravilhosamente — admitiu ele. — Mas como sabia que elas iriam atrás do da barba ruiva? Foi isso que os convenceu. E quase me convenceu também!

Ela sacudiu a cabeça para si mesma.

— Foi sorte. E a luz. Ele tinha as velas e estava diante da lareira. A cabana estava mal iluminada. As abelhas são atraídas para a luz. Quase como as mariposas.

— Fico pensando se ainda estarão dentro da cabana. — Ele sorriu enquanto a observou levantar-se para levar dali o trapo e a água ensanguentados.

— Perdi as minhas abelhas — lembrou-lhe num tom triste.

— Arranjaremos mais — consolou-a Bronco.

Ela sacudiu a cabeça com tristeza.

— Uma colmeia que trabalhou o verão inteiro é a que faz mais mel. — De uma mesa, no canto, pegou um rolo de bandagens limpas de linho e um pote de

unguento. Cheirou-o com um ar pensativo. — Não tem o cheiro do que você faz — observou.

— Provavelmente irá funcionar igualmente bem — disse ele. Um franzido lhe enrugou a testa quando olhou lentamente o quarto em volta. — Moli. Como vamos nós pagar por tudo isso?

— Eu cuidei disso. — Manteve as costas viradas para ele.

— Como? — perguntou ele com suspeita.

Quando ela voltou a olhá-lo, tinha a boca reta. Eu sabia que não era boa ideia discutir com aquele rosto.

— O alfinete de Fitz. Mostrei-o ao estalajadeiro para ficar com este quarto. E enquanto vocês dormiam esta tarde, levei-o ao joalheiro e o vendi. — Ele abrira a boca, mas ela não lhe deu chance de falar. — Eu sei como negociar e consegui todo o seu valor.

— O seu valor é maior do que moedas. Urtiga devia ter ficado com esse alfinete — disse Bronco. Tinha a boca tão reta quanto a dela.

— Urtiga precisava muito mais de uma cama quente e de mingau do que de um alfinete de prata com um rubi. Até Fitz teria tido o bom senso de saber isso.

Por estranho que parecesse, tinha mesmo. Mas Bronco apenas disse:

— Vou ter de trabalhar muitos dias para ganhá-lo de volta.

Moli pegou as bandagens. Não o olhou nos olhos.

— Você é um homem teimoso, e tenho certeza de que fará o que quiser a esse respeito — disse.

Bronco ficou em silêncio. Quase conseguia vê-lo tentando decidir se isso significava que ganhara a discussão. Ela voltou para junto da cama. Sentou-se ao seu lado na cama para lhe espalhar unguento pelas costas. Ele apertou os maxilares, mas não soltou um som. Então ela se abaixou na frente dele.

— Levante os braços para eu poder enrolar isto — ordenou-lhe. Ele respirou fundo e levantou os braços para longe do corpo. Ela trabalhou com eficiência, desenrolando a bandagem enquanto a enrolava em volta dele. Amarrou-a sobre a barriga. — Melhor? — perguntou.

— Muito. — Ele começou a se espreguiçar, mas então pensou duas vezes.

— Há comida — sugeriu ela quando regressou para junto da mesa.

— Um momento. — Vi sua expressão ficar sombria. Moli também. Virou-se para ele, com a boca pequena. — Moli. — Suspirou. Tentou de novo. — Urtiga é bisneta do Rei Sagaz. Uma Visionário. Majestoso a vê como ameaça. Pode tentar matá-las de novo. Vocês duas. Na verdade, tenho certeza de que o fará. — Coçou a barba. Em resposta ao silêncio dela, sugeriu: — A única forma de proteger

vocês talvez seja colocá-las sob a proteção do verdadeiro rei. Há um homem que eu conheço… Fitz talvez tenha lhe falado dele. Breu?

Ela sacudiu a cabeça sem uma palavra. Os seus olhos estavam ficando cada vez mais negros.

— Ele podia levar Urtiga para um lugar seguro. E se certificar de que você não passaria necessidade. — As palavras saíram dele lenta e relutantemente.

A resposta de Moli foi rápida.

— Não. Ela não é uma Visionário. É minha. E eu não a venderei, nem por dinheiro, nem por segurança. — Fitou-o, furiosa, e praticamente cuspiu as palavras. — Como pôde pensar que o faria?

Ele sorriu diante da ira dela. Vi um alívio culpado no seu rosto.

— Não pensei que o faria. Mas me senti obrigado a fazer a oferta. — As palavras que proferiu em seguida surgiram de uma forma ainda mais hesitante. — Tinha pensado em outra maneira. Não sei o que você vai pensar dela. Ainda teremos de viajar para longe daqui, encontrar uma vila onde não sejamos conhecidos. — Olhou abruptamente para o chão. — Se nos casarmos antes de chegarmos lá, as pessoas nunca questionarão se ela é minha…

Moli ficou tão imóvel como se tivesse se transformado em pedra. O silêncio prolongou-se. Bronco ergueu os olhos e os cruzou com os dela, em uma súplica.

— Não encare isso da forma errada. Não espero nada de você… desse modo. Mas… mesmo assim, você não precisa se casar comigo. Há Pedras Testemunha em Quevedor. Podíamos ir até lá, com um menestrel. Eu podia ficar diante das pedras e jurar que ela é minha. Nunca ninguém questionaria isso.

— Mentiria diante de uma Pedra Testemunha? — perguntou Moli, incrédula. — Faria isso? Para manter Urtiga a salvo?

Ele assentiu lentamente. Os seus olhos nunca deixaram o rosto dela.

Moli sacudiu a cabeça.

— Não, Bronco, não quero que faça isso. Dá o maior dos azares fazer uma coisa dessas. Todos conhecem as histórias sobre o que acontece aos que profanam as Pedras Testemunha com uma mentira.

— Eu me arriscarei. — Ele falava sombriamente. Nunca ouvira falar de mentiras ditas pelo homem antes de Urtiga aparecer na sua vida. Agora se oferecia para prestar um falso juramento. Perguntei-me se Moli saberia o que ele estava lhe oferecendo.

Sabia.

— Não. Você não vai mentir. — Falava com certeza.

— Moli. Por favor.

— Cale-se! — disse ela, com grande determinação. Inclinou a cabeça e olhou para ele, decifrando alguma coisa. — Bronco? — perguntou com uma nota de hesitação na voz. — Eu ouvi dizer… Renda dizia que você já amou Paciência. — Respirou fundo. — Ainda a ama? — perguntou.

Bronco pareceu quase irritado. Moli enfrentou o seu olhar com uma expressão de súplica, até que Bronco afastou os olhos dela. A garota quase não conseguiu ouvir as suas palavras.

— Amo as recordações que tenho dela. Como ela era naquela época, como eu era naquela época. É provavelmente muito parecido com o modo como você ainda ama Fitz.

Foi a vez de Moli se retrair.

— Algumas das coisas de que me lembro… sim. — Fez um aceno como quem recorda algo a si mesma. Então ergueu os olhos e os cruzou com os de Bronco. — Mas ele está morto. — Tão estranhamente definitivas, aquelas palavras ditas por ela. Então, com uma súplica na voz, acrescentou: — Escute-me. Apenas escute. Toda a minha vida foi… Primeiro o meu pai. Ele sempre me disse que me amava. Mas quando me batia e xingava, isso nunca me pareceu amor. Depois Fitz. Ele jurou que me amava e me tocou com suavidade. Mas as suas mentiras nunca me pareceram amor. Agora você… Bronco, você nunca me fala de amor. Nunca me tocou, nem em fúria, nem em desejo. Mas tanto o seu silêncio como os seus olhares me falam mais de amor do que as palavras e toques deles alguma vez falaram. — Esperou. Ele não falou. — Bronco? — perguntou com desespero.

— Você é nova — disse ele em voz baixa. — E adorável. Tão cheia de vitalidade. Merece algo melhor.

— Bronco. Você me ama? — Uma pergunta simples, feita com timidez.

Ele fechou as mãos marcadas pelo trabalho sobre as pernas.

— Sim. — Apertou as mãos. Para impedi-las de tremer?

O sorriso de Moli surgiu como o sol de trás de uma nuvem.

— Então se casará comigo. E depois, se quiser, eu me apresentarei às Pedras Testemunha. E admitirei diante de todos que estive com você antes de nos casarmos. E lhes mostrarei a criança.

Ele finalmente ergueu os olhos para ela. A expressão que mostrava era incrédula.

— Você casaria comigo? Como sou? Velho? Pobre? Marcado?

— Para mim, você não é nenhuma dessas coisas. Para mim, é o homem que amo.

Ele sacudiu a cabeça. A resposta dela só o tinha confundido mais.

— E depois do que acabou de dizer sobre o azar? Ficaria diante de uma Pedra Testemunha e mentiria?

Ela lhe deu um tipo diferente de sorriso. Um sorriso que eu não via há muito tempo. Um sorriso que me partiu o coração.

— Não tem de ser mentira — disse em voz baixa.

As narinas dele se dilataram como as de um garanhão quando se levantou. A sua inspiração fez o seu peito inchar.

— Espere — ordenou ela em voz baixa, e ele esperou. Ela lambeu o polegar e o indicador. Apagou rapidamente todas as velas, menos uma. Então atravessou o quarto escurecido para se entregar aos seus braços.

Fugi.

— Oh, meu rapaz. Sinto muito.

Sacudi a cabeça, em silêncio. Tinha os olhos bem fechados, mas as lágrimas transbordaram deles mesmo assim. Encontrei a voz.

— Ele será bom para ela. E para Urtiga. É o tipo de homem que ela merece. Não, Veracidade. Eu devia me sentir reconfortado por aquilo. Por saber que ele estará com ela, cuidando de ambas.

Conforto. Não conseguia encontrar naquilo qualquer conforto. Só dor.

— Parece que fiz com você uma troca muito ruim. — Veracidade parecia genuinamente angustiado por mim.

— Não. Está tudo bem. — Respirei fundo. — Agora, Veracidade. Quero que seja feito depressa.

— Tem certeza?

— Como quiser.

E ele me tirou a vida.

Era um sonho que eu já havia tido antes. Conhecia a sensação que um corpo de velho dava. Da outra vez, fora o Rei Sagaz, vestido com uma camisola macia, em uma cama limpa. Desta vez era mais rude. Doía-me cada articulação do meu corpo. As tripas ardiam dentro de mim. E eu me queimara, no rosto e nas mãos. Restava mais dor do que vida naquele corpo. Como uma vela queimada quase até o toco. Abri olhos pegajosos. Estava deitado em rocha fria e pedregosa. Um lobo estava sentado, vigiando-me.

Isto é errado, disse-me ele.

Não consegui pensar em nenhuma resposta para lhe dar. Certamente não o sentia como certo. Passado algum tempo, ergui-me, apoiado nas mãos e nos

joelhos. Minhas mãos doíam. Meus joelhos doíam. Todas as articulações do meu corpo rangeram e protestaram quando fiquei de pé e olhei em volta. A noite estava quente, mas mesmo assim eu tremia. Acima de mim, num estrado, um dragão incompleto dormia.

Não compreendo. Olhos-de-Noite suplicava por uma explicação.

Eu não desejo compreender. Não quero saber.

Mas, querendo ou não, eu sabia. Caminhei lentamente e o lobo veio atrás de mim. Passamos por uma fogueira moribunda entre duas tendas. Ninguém estava de vigia. Soavam pequenos ruídos vindos da tenda de Kettricken. O que ela via na escuridão era o rosto de Veracidade. Os olhos escuros de Veracidade olhando os seus. Ela acreditava que o marido viera finalmente até ela.

E na verdade, viera.

Eu não queria ouvir, não queria saber. Continuei caminhando com os meus passos cautelosos de velho. Grandes blocos negros de pedra erguiam-se acima de nós. À nossa frente, algo estalava e retinia baixinho. Atravessei as sombras das pedras afiadas e voltei a sair para o luar.

Você já partilhou do meu corpo. Isto é parecido?

— Não. — Proferi a palavra em voz alta e, na esteira da minha voz, ouvi um pequeno esgravatar. *Que foi aquilo?*

Vou ver. O lobo fundiu-se com as sombras. Regressou no instante seguinte. *É só o Sem Cheiro. Esconde-se de você. Não o reconhece.*

Eu sabia onde o encontraria. Levei o meu tempo. Aquele corpo só com dificuldade se movia, o que dirá mover-se rapidamente. Quando cheguei à Garota-em-um-Dragão, foi horrivelmente difícil subir no seu estrado. Uma vez lá em cima, vi lascas recentes de pedra por todo o lado. Sentei-me ao lado das patas do dragão, um baixar cuidadoso do corpo para a pedra fria. Olhei para o trabalho dele. Já quase a libertara.

— Bobo? — chamei em voz baixa para a noite.

Ele aproximou-se lentamente, vindo das sombras, para parar de olhos baixos diante de mim.

— Meu rei — disse em voz baixa. — Eu tentei. Mas não consigo evitar. Não posso simplesmente deixá-la aqui…

Assenti lentamente, sem palavras. Na base do estrado, Olhos-de-Noite ganiu. O Bobo o olhou de relance, então voltou a olhar para mim. A confusão cruzou o seu rosto.

— Senhor? — perguntou.

Procurei o fio de vínculo de Talento que havia entre nós e o encontrei. O rosto

do Bobo ficou muito quieto enquanto ele lutava para compreender. Veio sentar-se ao meu lado. Fitou-me, como se conseguisse ver através da pele de Veracidade.

— Não gosto disso — disse ele por fim.

— Eu também não — concordei.

— Por que você…

— É melhor não saber — disse, conciso.

Durante algum tempo, ficamos sentados em silêncio. Então o Bobo estendeu uma mão para afastar de junto da pata do dragão um punhado de lascas recentes de pedra. Cruzou o olhar com o meu, mas ainda se mostrava furtivo quando tirou um cinzel de dentro da camisa. O martelo que usava era uma pedra.

— Esse é o cinzel de Veracidade.

— Eu sei. Ele já não precisa dele, e a minha faca quebrou. — Encostou cuidadosamente a ponta na pedra. — De qualquer forma, funciona muito melhor. — Observei-o soltar mais uma pequena lasca. Alinhei os meus pensamentos com os dele.

— Ela obtém forças de você — observei em voz baixa.

— Eu sei. — Outra lasca se soltou. — Eu estava curioso. E o meu toque a feriu. — Voltou a pôr o cinzel em posição. — Sinto que lhe devo alguma coisa.

— Bobo. Ela podia ficar com tudo o que você lhe oferece e continuaria não sendo suficiente.

— Como sabe?

Encolhi os ombros.

— Este corpo sabe.

Então fiquei olhando fixamente quando ele pôs os seus dedos de Talento no local que cinzelara. Retraí-me, mas não senti qualquer dor vinda dela. Ela tirou alguma coisa do Bobo. Mas ele não tinha o Talento para lhe dar forma com as mãos. O que lhe dava era só suficiente para atormentá-la.

— Ela me lembra a minha irmã mais velha — disse ele para a noite. — Ela tinha cabelo dourado.

Fiquei sentado em um silêncio atordoado. Ele não olhou para mim quando acrescentou:

— Gostaria de tê-la visto de novo. Ela me mimava de uma forma escandalosa. Gostaria de ter visto de novo toda a minha família. — Seu tom não era mais do que nostálgico enquanto movia indolentemente os dedos contra a pedra cinzelada.

— Bobo? Deixe-me tentar?

Ele me lançou um olhar que era quase ciumento.

— Ela pode não lhe aceitar — avisou-me.

Sorri-lhe. O sorriso de Veracidade, através da sua barba.

— Há uma ligação entre nós. Fina como um fio e nem o casco-de-elfo, nem o seu cansaço a ajudam. Mas está lá. Ponha a mão no meu ombro.

Não sei por que o fiz. Talvez porque ele nunca antes tivesse me falado de uma irmã ou de um lar de que sentia a falta. Recusei-me a parar e refletir. Não pensar era muito mais fácil, e não sentir mais fácil ainda. Ele colocou a mão não Talentosa, não no ombro, mas na parte lateral do pescoço. Instintivamente, ele estava certo. Com a pele tocando em pele, conheci-o melhor. Ergui as mãos prateadas de Veracidade para diante dos meus olhos e me maravilhei com elas. Prateadas para os olhos, escaldadas e doloridas para os sentidos. Então, antes de ter tempo de mudar de ideia, estendi-as para baixo e agarrei entre ambas a informe pata dianteira do dragão.

No mesmo instante, consegui sentir o dragão. Quase se contorcia dentro da pedra. Soube onde se encontrava o limite de cada escama, a ponta de cada garra cruel. E conheci a mulher que o esculpira. As mulheres. Um círculo, há tanto tempo. O Círculo de Sal. Mas Sal fora orgulhosa demais. Eram as suas feições que o rosto esculpido mostrava e ela procurara permanecer na sua própria forma, esculpindo-se sentada no dragão a que o seu círculo dera forma à sua volta. As outras haviam sido leais demais para fazer objeções. E ela quase tivera sucesso. O dragão fora terminado, e quase cheio. O dragão se avivara e começara a se erguer enquanto o círculo era absorvido para dentro dele. Porém, Sal tentara permanecer apenas dentro da garota esculpida. Mantivera-se afastada do dragão. E o dragão caíra antes mesmo de se erguer, voltando a afundar na pedra, atolando-se para sempre. Deixando o círculo aprisionado no dragão e Sal aprisionada na garota.

Eu soube de tudo isto, mais rapido do que um raio. E também senti a fome do dragão. Ele me puxou, suplicando por nutrição. Muito fora tirado do Bobo. Detectei o que ele dera, aquilo que era luminoso e o que era sombrio. As provocações trocistas de jardineiros e camareiros quando era novo em Torre do Cervo. Um galho de botões de macieira em uma janela na primavera. Uma imagem de mim, com o justilho esvoaçando enquanto atravessava o pátio correndo no encalço de Bronco, tentando fazer com que as minhas pernas mais curtas acompanhassem os seus passos longos. Um peixe prateado saltando por cima de um charco silencioso ao amanhecer.

O dragão me puxava com insistência. De repente compreendi o que me atraíra

realmente até ali. *Leve as recordações da minha mãe e os sentimentos que as acompanham. Não quero conhecê-los de modo algum. Leve a dor na garganta quando penso em Moli, leve todos os dias nítidos de cores brilhantes de que me lembro com ela. Leve o seu brilho, e deixe comigo apenas as sombras do que vi e senti. Deixe que os recorde sem que me corte nos seus gumes. Leve os dias e noites que passei nas masmorras de Majestoso. Basta saber o que me foi feito. Leve-os para sempre, e permita que eu deixe de sentir o rosto contra aquele chão de pedra, de ouvir o som do meu nariz se quebrando, de sentir o cheiro e o sabor do meu sangue. Leve a dor por nunca ter conhecido o meu pai, leve as horas que passei de olhos fixos no seu retrato quando o grande salão estava vazio e podia fazê-lo sozinho. Leve as minhas…*

Fitz. Pare. Você está lhe dando demais, não restará nada para você. A voz do Bobo dentro de mim estava horrorizada com o que ele encorajara.

… memórias daquele topo de torre, do Jardim da Rainha, vazio e varrido pelo vento, e de Galeno em pé, sobre mim. Leve essa imagem de Moli entregando-se tão voluntariamente aos braços de Bronco. Leve-a e apague-a e sele-a onde ela não possa nunca mais me queimar. Leve…

Irmão. Basta.

Olhos-de-Noite subitamente estava entre mim e o dragão. Eu sabia que ainda agarrava aquela pata escamosa, mas ele rosnou para o dragão, desafiando-o a levar mais de mim.

Eu não me importo se tudo for levado, eu disse a Olhos-de-Noite.

Mas eu me importo. Preferia não ficar vinculado a um forjado. Afaste-se, Frio. Rosnou tanto em espírito como ao meu lado.

Para minha surpresa, o dragão cedeu. O meu companheiro mordiscou o meu ombro. *Largue. Afaste-se disso!*

Larguei a pata dianteira do dragão. Abri os olhos, surpreso por descobrir que ainda era noite à minha volta.

O Bobo tinha o braço em volta de Olhos-de-Noite.

— Fitz — disse ele em voz baixa. Falou para o pelo do lobo, mas eu o ouvi com clareza. — Fitz, desculpe. Mas você não pode jogar fora todas as suas dores. Se parar de sentir dor…

Não escutei o resto do que ele disse. Fitei a pata da frente do dragão. Onde as minhas duas mãos repousaram contra a pedra irregular havia agora duas impressões de palmas. No interior dessas silhuetas, cada escama mostrava-se delicada e perfeita. Tudo aquilo, pensei. Tudo aquilo, e este é todo o dragão que obtive em troca. Depois pensei no dragão de Veracidade. Era imenso. Como fora

que o fizera? O que contivera em si, durante todos aqueles anos, para ter o suficiente para dar forma a um dragão como aquele?

— O seu tio sente muito. Grandes amores. Vastas lealdades. Às vezes acho que os meus duzentos e tantos são pouco diante do que ele sentiu nos seus quarenta e poucos.

Todos nos viramos para Panela. Não senti surpresa. Soubera que ela se aproximava e não me importara. Ela se apoiava pesadamente em um pau, e o seu rosto parecia pender dos ossos do crânio. Olhou-me nos olhos e eu compreendi que ela sabia de tudo. Ligada por Talento como estava a Veracidade, ela sabia de tudo.

— Desça daí. Os três, antes que se machuquem.

Obedecemos lentamente, e eu fui o mais lento de todos. As articulações de Veracidade doíam e o seu corpo estava cansado. Panela me fulminou com o olhar quando finalmente parei ao lado dela.

— Se ia fazer isso, podia ter posto essas coisas no dragão de Veracidade — observou ela.

— Ele não teria deixado. Vocês não teriam deixado.

— Não. Não teríamos. Deixe-me lhe dizer uma coisa, Fitz. Você sentirá falta do que deu. Com o tempo vai recuperar alguns dos sentimentos, claro. Todas as recordações estão interligadas e, tal como a pele de uma pessoa, podem sarar. Com o tempo, deixadas a si mesmas, essas recordações teriam parado de machucá-lo. Um dia você pode vir a desejar ser capaz de recordar essa dor.

— Acho que não — eu disse calmamente, para esconder as minhas dúvidas. — Ainda me resta bastante dor.

Panela ergueu o seu velho rosto para a noite. Inspirou profundamente pelo nariz.

— A alvorada se aproxima — disse, como se a tivesse cheirado. — Deve voltar para junto do dragão. Do dragão de Veracidade. E vocês dois — a cabeça girou para encarar o Bobo e Olhos-de-Noite. — Vocês deviam voltar para aquele ponto de vigia para ver se as tropas de Majestoso já estão visíveis. Olhos-de-Noite, informe Fitz do que vir. Vamos, vocês dois. E Bobo. Deixe a Garota-em-um-Dragão em paz depois disso. Você teria de lhe dar a sua vida inteira. E, mesmo assim, poderia não ser suficiente. Assim sendo, pare de se torturar. E a ela. Vamos, agora!

Eles foram, mas não sem alguns olhares para trás.

— Vamos — ordenou-me Panela com uma voz tensa. Começou a mancar de volta por onde viera. Eu a segui, caminhando tão rigidamente quanto ela, através

das sombras negras e prateadas dos blocos que cobriam a pedreira. Ela aparentava inteiramente os seus duzentos e tanto anos. Eu me sentia ainda mais velho. Corpo dolorido, articulações que se prendiam e que rangiam. Ergui a mão e cocei a orelha. Depois a baixei precipitadamente, mortificado. Veracidade teria agora uma orelha prateada. A pele dela já ardia, e parecia agora que os distantes insetos noturnos cantavam mais ruidosamente.

— A propósito, lamento. Sobre a sua garota, Moli, e todo o resto. Eu tentei avisá-lo.

Panela não parecia lamentar. Mas eu agora compreendia por quê. Quase todos os seus sentimentos estavam no dragão. Falava do que sabia que teria sentido, outrora. Ainda sentia dor por mim, mas já não recordava nenhuma das dores que tivera para poder comparar com elas essa dor. Apenas perguntei, em voz baixa:

— Já não há nada de privado?

— Só as coisas que escondemos de nós mesmos — respondeu ela com tristeza. Olhou para mim. — O que você faz esta noite é um bem. Uma coisa bondosa. — Seus lábios começaram a sorrir, mas os olhos se encheram de lágrimas. — Dar-lhe uma última noite de juventude e paixão. — Examinou-me, examinou a expressão rígida no meu rosto. — Sendo assim, não direi mais nada sobre isso.

Percorri o resto do caminho ao seu lado em silêncio.

Sentei-me ao lado das brasas quentes da fogueira da noite anterior, e fiquei vendo a chegada da alvorada. A estridência dos insetos noturnos transformou-se gradualmente nos desafios matinais de aves distantes. Agora conseguia ouvi-los muito bem. Era estranho, pensei, estar sentado à espera de mim. Panela nada dizia. Respirou profundamente o odor em mutação do ar quando a noite se transformou em alvorada e observou o clareamento do céu com olhos ávidos. Armazenando tudo para pôr no dragão.

Ouvi o ranger de botas em pedra e olhei para cima. Vi a mim mesmo se aproximando. O meu passo era confiante e vivo, a minha cabeça estava erguida. O meu rosto estava lavado e o cabelo úmido fora alisado para trás, afastado do rosto e amarrado em um rabo de cavalo de guerreiro. Veracidade usava bem o meu corpo.

Os nossos olhos se encontraram à primeira luz do dia. Vi os meus olhos se estreitarem quando Veracidade avaliou o seu próprio corpo. Levantei-me e, sem pensar, comecei a espanar a roupa. Então percebi o que estava fazendo. *Aquilo* não era uma camisa que eu pedira emprestada. As minhas gargalhadas ribombaram, mais ruidosas do que eu as usava. Veracidade sacudiu para mim a

minha cabeça.

— Deixe estar, rapaz. Não há maneira de melhorá-lo. E seja como for, já quase acabei com ele. — Bateu no meu peito com a palma da minha mão. — Já tive um corpo como este — disse-me, como se eu não soubesse. — Já esqueci tanto da sensação que isso dava. Tanto. — O sorriso desapareceu do seu rosto quando me viu olhando-o com os seus próprios olhos. — Cuide dele, Fitz. Você só tem um. Que possa ficar com ele, pelo menos.

Uma onda de vertigem. A escuridão se fechou, vindo das bordas do meu campo de visão, e eu dobrei os joelhos e desci para evitar cair.

— Lamento — disse Veracidade em voz baixa, e foi com a sua própria voz.

Ergui os olhos para encontrá-lo me olhando. Olhei-o sem palavras. Conseguia sentir o cheiro de Kettricken na minha pele. O meu corpo estava muito cansado. Conheci um momento de completo ultraje. Então a emoção atingiu o clímax e caiu, como se exigisse esforço demais. Os olhos de Veracidade encontraram-se com os meus e aceitaram tudo o que eu sentia.

— Não vou nem lhe pedir desculpas, nem lhe agradecer. Nem uma coisa nem outra seria adequada. — Sacudiu a cabeça para si mesmo. — E, na verdade, como poderia dizer que lamento? Não lamento. — Afastou os olhos de mim, olhou por cima da minha cabeça. — Meu dragão irá se erguer. A minha rainha terá um filho. Eu afastarei os Navios Vermelhos da nossa costa. — Respirou fundo. — Não. Não lamento a nossa troca. — Seus olhos voltaram para mim. — FitzCavalaria. Você lamenta?

Lentamente, levantei-me.

— Não sei. — Tentei decidir. — As raízes são muito profundas — acabei por dizer. — Por onde começaria a desfazer o meu passado? Até onde teria de chegar, quanto teria de mudar para alterar isto, ou para dizer agora que não lamentava?

A estrada está vazia abaixo de nós. Olhos-de-Noite falou na minha mente.

Eu sei. Panela também sabe. Ela só procurou alguma coisa para manter o Bobo ocupado e mandou você com ele para mantê-lo a salvo. Agora pode voltar.

Oh. Você está bem?

— FitzCavalaria. Você está bem? — Havia preocupação na voz de Veracidade. Mas ela não conseguia esconder por completo o triunfo que também se encontrava ali.

— Claro que não — disse a ambos. — Claro que não. — Afastei-me do dragão.

Atrás de mim, ouvi Panela perguntar impacientemente:

— Estamos prontos para lhe dar vida?

A suave voz de Veracidade projetou-se até os meus ouvidos.

— Não. Ainda não. Quero ter estas recordações para mim por algum tempo. Por um momento, quero permanecer um homem.

Quando atravessei o acampamento, Kettricken saiu da tenda. Usava a mesma túnica e calça desgastadas pela viagem que usara no dia anterior. O cabelo estava preso atrás da cabeça em uma trança curta e espessa. Havia ainda rugas na sua testa e nos cantos da boca. Mas o seu rosto continha a quente luminescência das melhores pérolas. Uma fé renovada brilhava nela. Respirou fundo o ar da manhã e sorriu para mim, radiante.

Passei depressa por ela.

A água do riacho estava muito fria. Ásperos maciços de cavalinha cresciam ao longo de uma das margens. Usei mãos cheias da erva para me esfregar. A minha roupa molhada estava enrolada nos arbustos do outro lado do riacho. O calor do dia prometia que em breve estaria seca. Olhos-de-Noite sentou-se na margem e me observou com uma ruga entre os olhos.

Não compreendo. Você não cheira mal.

Olhos-de-Noite. Vá caçar. Por favor.

Quer ficar sozinho?

Tanto quanto isso ainda seja possível.

Ele levantou-se e se espreguiçou, fazendo-me uma mesura baixa ao mesmo tempo. *Um dia, seremos só nós dois. Caçaremos, comeremos e dormiremos. E você ficará curado.*

Que ambos vivamos para ver isso, concordei, de todo o coração.

O lobo esgueirou-se por entre as árvores. Experimentalmente, esfreguei as marcas de dedo do Bobo que tinha no pulso. Elas não saíram, mas aprendi muito sobre o ciclo de vida da cavalinha. Desisti. Cheguei à conclusão de que podia arrancar a pele toda sem que isso fizesse com que me sentisse livre do que acontecera. Saí do riacho, sacudindo a água enquanto o fazia. Tinha a roupa suficientemente seca para vesti-la de novo. Sentei-me na margem para calçar as botas. Quase pensei em Moli e em Bronco, mas logo deixei a imagem de lado. Preferi perguntar a mim mesmo quão depressa chegariam os soldados de Majestoso, e se Veracidade teria o dragão concluído antes disso. Talvez já estivesse terminado. Eu ia querer vê-lo.

Queria ainda mais estar sozinho.

Deitei-me na grama e ergui os olhos para o céu azul. Tentei sentir alguma coisa. Terror, excitação, ira. Ódio. Amor. Mas só me senti confuso. E cansado.

Fatigado de carne e de espírito. Fechei os olhos ao brilho do céu.

As notas de harpa caminharam em conjunto com os sons do riacho correndo. Fundiram-se com eles, então se afastaram dançando. Abri os olhos para os sons e olhei Esporana de soslaio. Estava sentada na margem do riacho, ao meu lado, e tocava. Tinha o cabelo caído, secando em ondas pelas costas abaixo ao sol. Tinha um caule de capim verde na boca e os seus pés nus aconchegavam-se à relva macia. Cruzou o olhar com o meu, mas nada disse. Eu observei as suas mãos tocando as cordas. A mão esquerda trabalhava mais, compensando a rigidez nos dois últimos dedos. Eu devia ter sentido alguma coisa a esse respeito. Não sabia o quê.

— Para que servem os sentimentos? — Não sabia que tinha aquela pergunta a fazer até que a verbalizei.

Os dedos dela pairaram sobre as cordas. Franziu a testa para mim.

— Não acho que haja uma resposta para essa pergunta.

— Não ando encontrando respostas para quase nada nos últimos tempos. Por que você não está na pedreira, vendo-os completar o dragão? Isso sem dúvida é material de onde poderá brotar uma canção.

— Porque estou aqui com você — disse ela, simplesmente. Depois sorriu. — E porque todos os outros parecem estar atarefados. Panela dorme. Kettricken e Veracidade… Ela estava penteando o cabelo quando saí. Acho que eu nunca tinha visto o Rei Veracidade sorrir. Quando o faz, parece-se muito com você, ao redor dos olhos. Enfim. Não acho que sentirão a minha falta.

— E o Bobo?

Ela sacudiu a cabeça.

— Lasca a pedra em volta da Garota-em-um-Dragão. Eu sei que ele não devia, mas não acho que consiga parar. E não conheço nenhuma maneira de forçá-lo.

— Não acho que ele possa ajudá-la. Mas também não acho que consiga resistir a tentar. Apesar da sua língua rápida, ele tem uma natureza compassiva.

— Eu sei. Agora. Em certos aspectos, acabei por conhecê-lo muito bem. Em outros, será sempre incompreensível para mim.

Respondi àquilo com um aceno silencioso. O silêncio durou um minuto. Então, sutilmente, transformou-se em um tipo diferente de silêncio.

— Na verdade — disse Esporana com desconforto –, o Bobo sugeriu que eu devia vir à sua procura.

Soltei um gemido. Perguntei-me quanto ele lhe teria contado.

— Lamento saber o que aconteceu com Moli… — começou.

— Mas não está surpresa — concluí. Ergui o braço e tapei os olhos com ele,

para bloquear a luz do sol.

— Não. — Ela falava em voz baixa. — Não estou surpresa. — Procurou alguma coisa para dizer. — Pelo menos você sabe que está em segurança e que tem quem cuide dela — disse.

Eu sabia. Envergonhei-me por encontrar no fato tão pouco conforto. Colocá-lo no dragão ajudara, da mesma forma que cortar um membro infectado ajudava. Livrar-me dele não era a mesma coisa que ficar curado. O lugar vazio dentro de mim coçava. Talvez eu quisesse sofrer. Observei-a da sombra do meu braço.

— Fitz — disse ela em voz baixa. — Eu lhe pedi uma vez, por você. Com gentileza e amizade. Para afastar uma recordação. — Tirou os olhos de mim, perdeu-os na luz do sol que cintilava no riacho. — Agora ofereço o mesmo — disse, com humildade.

— Mas eu não amo você — eu disse honestamente. E nesse mesmo instante compreendi que era a pior coisa que poderia ter dito naquele momento.

Esporana suspirou e deixou a harpa de lado. — Eu sei disso. Você também sabe. Mas não era algo que precisasse ser dito neste momento.

— E eu sei disso. Agora. É só que não quero nenhuma mentira, dita ou não…

Ela inclinou-se para mim e parou a minha boca com a dela. Passado algum tempo, ergueu um pouco o rosto.

— Sou uma menestrel. Sei mais sobre mentir do que você jamais descobrirá. E os menestréis sabem que às vezes é de mentiras que um homem mais precisa. Para fazer delas uma nova verdade.

— Esporana — comecei.

— Você sabe que só vai dizer a coisa errada — disse ela. — Portanto, por que não se cala durante algum tempo? Não torne isso complicado. Pare de pensar, só por um momento.

Na verdade, foi mais do que um momento.

Quando acordei, ela ainda estava deitada, quente, encostada ao meu flanco. Olhos-de-Noite estava de pé sobre nós, olhando-me, arquejando com o calor do dia. Quando abri os olhos, ele encolheu as orelhas para trás e deu uma lenta sacudida com a cauda. Uma gota de saliva quente caiu no meu braço.

— Vá embora.

Os outros estão chamando você. E à sua procura. Inclinou a cabeça para mim e sugeriu: *Eu podia mostrar a Kettricken onde encontrá-lo.*

Sentei-me e esmaguei três mosquitos no peito. Deixaram manchas de sangue. Estendi a mão para a camisa. *Há algo errado?*

Não. Estão prontos para despertar o dragão. Veracidade quer lhe dizer adeus.

Sacudi suavemente Esporana.

— Acorde. Senão não verá Veracidade despertando o dragão.

Ela se mexeu, com preguiça.

— Por isso, vou me levantar. Não consigo imaginar mais nada que me acordasse. Além disso, pode ser a minha última chance de conseguir uma canção. O destino determinou que eu esteja sempre em outro lugar quando você faz alguma coisa interessante.

Tive de sorrir àquilo.

— Então. Não vai fazer canções sobre o Bastardo de Cavalaria, afinal? — provoquei.

— Talvez uma. Uma canção de amor. — Concedeu-me um último sorriso secreto. — Essa parte, pelo menos, foi interessante.

Levantei-me e a coloquei de pé. Beijei-a. Olhos-de-Noite ganiu a sua impaciência, e ela se virou rapidamente nos meus braços. Olhos-de-Noite espreguiçou-se e lhe fez uma longa mesura. Quando voltou a se virar para mim, os olhos dela estavam arregalados.

— Eu lhe avisei — disse-lhe.

Ela apenas riu e abaixou-se para apanhar a roupa.

CAPÍTULO 39

O Dragão de Veracidade

Tropas dos Seis Ducados jorraram para Lago Azul e embarcaram para a outra margem e para o Reino da Montanha precisamente nos dias em que os Navios Vermelhos abriam violentamente caminho pelo Rio Vim acima até Vaudefeira. Esta nunca fora uma cidade fortificada. Embora as novas sobre a vinda dos navios os tivessem precedido por mensageiro rápido, a notícia foi recebida com um desdém generalizado. Que ameaça constituíam doze navios de bárbaros para uma cidade tão grande como Vaudefeira? A Guarda da Cidade foi posta em alerta, e alguns dos mercadores ribeirinhos tomaram medidas para tirar os seus bens de armazéns situados perto da água, mas a atitude geral era de que se eles conseguissem chegar tão longe como Vaudefeira, os arqueiros iriam abater os Salteadores facilmente antes de terem tempo de causar danos reais. O consenso geral era que os navios deviam trazer alguma oferta de tratado ao Rei dos Seis Ducados. Houve muita discussão sobre que extensão dos Seis Ducados eles pediriam que lhes fosse cedida e sobre o possível valor de se reabrir o comércio com as Ilhas Externas propriamente ditas, sem falar em restaurar o fluxo comercial ao longo de Rio Cervo.

Esse é apenas mais um exemplo dos erros que podem ser cometidos quando se pensa que se sabe o que o inimigo deseja e se age de acordo. O povo de Vaudefeira atribuiu aos Navios Vermelhos o mesmo desejo de prosperidade e abundância que ele mesmo sentia. Basear a avaliação dos Navios Vermelhos nesse motivo foi um erro grave.



Não creio que Kettricken aceitara a ideia de que Veracidade tinha de morrer para que o dragão despertasse até o momento em que ele lhe deu o beijo de despedida. Beijou-a cheio de cuidado, com as mãos e braços bem afastados dela, a cabeça inclinada para que nenhuma mancha de prata lhe tocasse o rosto. Apesar de tudo isso, foi um beijo terno, um beijo ávido e prolongado. Ela agarrou-se por mais um momento. Então ele lhe disse alguma coisa em voz

baixa. Ela pôs imediatamente as mãos no baixo ventre.

— Como pode ter certeza? — perguntou-lhe, embora as lágrimas começassem a lhe escorrer pelo rosto abaixo.

— Eu sei — disse ele com firmeza. — E por isso a minha primeira tarefa tem de ser levá-la de volta para Jhaampe. Desta vez, você precisa ser mantida a salvo.

— O meu lugar é no Castelo de Torre do Cervo — protestou ela.

Eu pensei que ele discutiria. No entanto, disse:

— Tem razão. É. E será para lá que a levarei. Adeus, meu amor.

Kettricken não respondeu. Ficou vendo-o se afastar, com uma intensa expressão de incompreensão no rosto.

Apesar de todos os dias que havíamos passado nos esforçando para conseguir precisamente aquilo, o fim pareceu apressado e desordenado. Panela andara rigidamente de um lado para o outro perto do dragão. Dissera adeus a todos nós com um ar distraído. Agora vacilava ao lado do dragão, respirando como se tivesse acabado de fazer uma corrida. Não parava de tocar o dragão, uma carícia com a ponta de um dedo, uma mão que se arrastava. A cor ondulava na esteira do seu toque e permanecia, desaparecendo lentamente.

Veracidade teve mais cuidado com as suas despedidas. Esporana exortou:

— Cuide da minha senhora. Cante bem e fielmente as suas canções e não deixe nunca que alguém duvide de que o bebê que ela espera é meu. Encarrego-lhe dessa verdade, menestrel.

— Darei o melhor de mim, meu rei — respondeu Esporana com gravidade. Foi se colocar ao lado de Kettricken. Ia acompanhar a rainha montada no largo dorso do dragão. Não parava de limpar a umidade das palmas das mãos na parte da frente da túnica e de se assegurar de que a trouxa em que transportava a harpa estava bem presa às suas costas. Dirigiu-me um sorriso nervoso. Nenhum de nós precisava de mais despedidas do que essa.

Houvera um certo furor com respeito à minha decisão de ficar.

— As tropas de Majestoso aproximam-se a cada momento que passa — lembrou-me Veracidade mais uma vez.

— Então deve se apressar, para que eu não esteja nesta pedreira quando eles chegarem –lembrei-lhe.

Ele franziu o cenho ao ouvir aquilo.

— Se eu vir alguns dos soldados de Majestoso na estrada, cuidarei para que eles não cheguem até aqui — sugeriu.

— Não corra riscos com a minha rainha — lembrei-lhe.

Olhos-de-Noite era a minha desculpa para ficar. Ele não tinha qualquer desejo de montar um dragão. Eu não podia abandoná-lo. Não tenho certeza se Veracidade conhecia os verdadeiros motivos. Eu não achava que devia regressar a Cervo. Já obrigara Esporana a me prometer que não haveria nenhuma menção sobre mim nas canções. Não fora uma promessa fácil de arrancar de uma menestrel. Mas eu insistira. Não queria que Bronco e Moli soubessem que eu ainda estava vivo.

— Nisto, querido amigo, você foi Sacrifício — dissera-me Kettricken em voz baixa. Não podia me fazer maior elogio. Sabia que nem uma palavra sobre mim atravessaria os seus lábios.

O Bobo era quem estava sendo difícil. Todos insistimos para que fosse com a rainha e a menestrel. Ele recusou com consistência.

— O Profeta Branco permanecerá com o Catalisador — era tudo o que dizia. Pessoalmente, eu acreditava que era mais o caso de o Bobo permanecer com a Garota-em-um-Dragão. Ele se tornara obcecado com ela e isso me assustava. Teria de deixá-la antes dos soldados de Majestoso chegarem à pedreira. Eu lhe dissera isso em particular, e ele assentira facilmente, mas com um ar distraído. Não duvidava de que ele tinha seus próprios planos. Acabara-se o tempo para discutirmos com ele.

Então chegou um momento em que deixou de restar motivo para que Veracidade se demorasse. Pouco tínhamos dito um ao outro, mas eu sentia que havia pouco que pudéssemos dizer. Tudo o que acontecera agora me parecia inevitável. Era como o Bobo dissera. Olhando para trás, eu conseguia ver onde as suas profecias havia muito nos empurraram para aquele canal. Ninguém podia ser culpado. Ninguém podia ficar sem culpas.

Ele me fez um aceno com a cabeça antes de se virar e caminhar para o dragão. Então parou de repente. Quando se virou para trás, estava desafivelando o seu desgastado cinturão da espada. Aproximou-se de mim, enrolando o cinto em volta da bainha enquanto caminhava, sem apertá-lo.

— Fique com a minha espada — disse abruptamente. — Não vou precisar dela. E você parece ter perdido a última que lhe dei. — Parou de repente no meio de um passo, como se estivesse reconsiderando. Desembainhou a espada depressa. Passou uma última vez uma mão de prata pela lâmina, deixando-a brilhando após o toque. A voz lhe soou áspera quando disse: — Seria fraca cortesia à perícia de Hode oferecer isto com uma lâmina cega. Cuide melhor dela do que eu, Fitz. — Voltou a embainhá-la e a entregou a mim. Os seus olhos cruzaram-se com os meus quando a aceitei. — E tome melhor cuidado de você

do que eu. Eu realmente o amei, sabia? — disse bruscamente. — Apesar de tudo o que lhe fiz, eu o amei.

A princípio não consegui encontrar resposta para lhe dar. Então, quando ele estendeu as mãos para o dragão e as pousou na sua testa, disse-lhe: *Eu nunca duvidei. Nunca duvide que eu o amei.*

Acho que nunca esquecerei aquele último sorriso por cima do ombro. Os seus olhos dirigiram-se uma última vez para a sua rainha. Empurrou firmemente as mãos contra a cabeça esculpida do dragão. Ficou observando-a enquanto partia. Por um instante, consegui sentir o cheiro da pele de Kettricken, recordar o sabor da sua boca na minha, o suave calor dos seus ombros nus agarrados pelas minhas mãos. Mas logo a tênue recordação desapareceu, Veracidade desapareceu e Panela desapareceu. Para a minha Manha e para o meu Talento, sumiram tão completamente como se tivessem sido forjados. Durante um instante enervante, vi o corpo vazio de Veracidade. Então ele fluiu para dentro do dragão. Panela estivera encostada no ombro da estátua. Desapareceu mais depressa do que Veracidade, espalhando-se pelas escamas como turquesa e prata. A cor inundou a criatura e espalhou-se por ela. Ninguém respirou, exceto que Olhos-de-Noite ganiu levemente. Uma grande quietude prolongou-se sob o sol de verão. Ouvi Kettricken soltar um único soluço estrangulado.

Então, como um vento súbito, o grande corpo escamoso encheu os pulmões de ar. Os seus olhos, quando os abriu, eram negros e brilhantes, os olhos de um Visionário, e eu soube que Veracidade olhava por eles. Ergueu a grande cabeça no topo do seu pescoço sinuoso. Espreguiçou-se como um gato, dobrando e rolando ombros reptilianos e estendendo garras. Quando puxou para trás as patas, as garras abriram profundos sulcos na pedra negra. De repente, como uma vela que captura o vento, as imensas asas desdobraram-se. Agitou-as, um falcão arrumando a plumagem, e voltou a dobrá-las bem justas ao corpo. A cauda chicoteou uma única vez, atirando ao ar poeira de rocha e cascalho. A grande cabeça virou-se, com os olhos exigindo que estivéssemos tão contentes com aquela nova identidade como ele estava.

Veracidade-enquanto-Dragão avançou para se apresentar à sua rainha. A cabeça que abaixou até ela tornava-a insignificante. Vi todo o reflexo de Kettricken em um cintilante olho negro. Então abaixou um ombro para ela, pedindo-lhe para montar.

Por um instante, o pesar controlou o rosto dela. Então Kettricken respirou fundo e tornou-se rainha. Avançou, destemida. Pôs a mão no brilhante ombro azul de Veracidade. As suas escamas eram escorregadias, e ela deslizou um

pouco quando subiu no seu dorso e depois se arrastou para frente até onde podia lhe envolver o pescoço com as pernas. Esporana me lançou um olhar de terror e espanto e seguiu mais lentamente a rainha. Vi-a tomar o seu lugar atrás de Kettricken e verificar uma vez mais se a trouxa com a harpa estava bem presa às suas costas.

Kettricken ergueu um braço em despedida para nós. Gritou alguma coisa, mas as palavras perderam-se no vento das asas do dragão, que se abriam. Bateu-as uma, duas, três vezes, como que para experimentá-las. Poeira e cascalho picaram o meu rosto e Olhos-de-Noite encostou-se bem grudado na minha perna. O dragão abaixou-se enquanto preparava as grandes patas sob o corpo. As grandes asas turquesa voltaram a bater e ele saltou de repente. Não foi uma descolagem graciosa, e ele oscilou um pouco ao levantar voo. Vi Esporana agarrar-se desesperadamente a Kettricken, mas Kettricken inclinou-se para frente contra o pescoço do dragão, gritando encorajamentos. Em quatro batimentos, as asas o fizeram percorrer metade do comprimento da pedreira. Ganhou altitude, descrevendo um círculo por cima das colinas e árvores que rodeavam a pedreira. Vi-o inclinar as asas e virar para inspecionar a estrada do Talento que levava à pedreira. Então as asas começaram a bater a um ritmo regular, levando-o cada vez para mais alto. A sua barriga era de um branco azulado, como a de um lagarto. Apertei os olhos para vê-lo contra o céu de verão. Então, como se fosse uma flecha azul e prateada, desapareceu, dirigindo-se a toda a velocidade para Cervo. Fiquei olhando o céu durante muito tempo depois de ele desaparecer da minha vista.

Por fim, exalei. Estava tremendo. Limpei os olhos na manga e virei-me para o Bobo. Que desaparecera.

— Olhos-de-Noite! Onde está o Bobo?

Nós dois sabemos para onde ele foi. Não é preciso gritar.

Eu sabia que ele tinha razão. Mas não conseguia negar a urgência que sentia. Corri pela rampa de pedra abaixo, deixando o estrado vazio atrás de mim.

— Bobo? — gritei quando cheguei à tenda. Até parei para olhar lá para dentro, esperando que ele pudesse estar guardando aquilo que precisávamos levar conosco. Não sei por que me permiti uma esperança tão tola.

Olhos-de-Noite não esperara. Quando cheguei à Garota-em-um-Dragão, ele já se encontrava lá. Estava pacientemente sentado, com a cauda cuidadosamente enrolada em volta das patas, olhando para o Bobo. Diminuí o passo quando o vi. A minha premonição de perigo desapareceu. Estava sentado na borda do estrado, com os pés pendurados, a cabeça encostada na perna do dragão. A superfície do

estrado estava coberta de lascas novas, provenientes da atividade do dia. Caminhei na sua direção. Os seus olhos estavam erguidos para o céu, e a expressão no seu rosto era melancólica. Em contraste com a pele de um verde vivo do dragão, o Bobo já não era branco, mas do mais pálido dos dourados. Havia até uma tonalidade alourada no seu cabelo fino e sedoso. Os olhos que virou para mim eram de um topázio claro. Sacudiu a cabeça muito lentamente na minha direção, mas não falou até eu me encostar no pedestal do dragão.

— Estive com esperança. Não consegui evitar a esperança. Mas vi hoje o que precisa ser posto em um dragão para que ele possa voar. — Sacudiu a cabeça mais energicamente. — E mesmo se eu tivesse o Talento para dar essas coisas, não as possuo para dar. Mesmo se ela consumisse tudo o que sou, não seria suficiente.

Eu não disse que sabia que seria assim. Nem mesmo disse que sempre suspeitara. Finalmente eu aprendera alguma coisa com Esporana Cantodave. Deixei-o ter um silêncio durante algum tempo. Então disse:

— Olhos-de-Noite e eu vamos buscar duas jepas. Quando eu voltar, é melhor fazermos rapidamente a trouxa e irmos embora. Não vi Veracidade perseguir nada. Isso talvez queira dizer que as tropas de Majestoso ainda estão distantes. Mas não quero correr quaisquer riscos.

Ele respirou fundo.

— Isso é sensato. Está na hora deste Bobo ser sensato. Quando você voltar, eu o ajudo a embalar as coisas.

Percebi então que ainda tinha a espada de Veracidade na mão. Tirei a simples espada curta que usara e substituí-a pela arma que Hode fizera para Veracidade. Tinha um peso estranho contra mim. Ofereci a espada curta ao Bobo.

— Quer isto?

Ele me lançou um olhar intrigado.

— Para quê? Sou um Bobo, não um matador. Nunca sequer aprendi a usar uma coisa dessas.

Deixei-o ali, para fazer as suas despedidas. Quando ziguezagueamos para fora da pedreira e para os bosques onde havíamos pastoredo as jepas, o lobo ergueu o focinho e farejou.

Nada resta de Cedoura além de um cheiro ruim, observou ele quando passamos pela vizinhança do cadáver.

— Suponho que devíamos tê-lo enterrado — disse, tanto para mim como para ele.

Não faz sentido enterrar carne que já apodreceu, observou ele, intrigado.

Passei pelo pilar negro, mas não sem um pequeno estremecimento. Encontrei as nossas jepas dispersas em um prado que cobria a encosta de uma colina. Mostraram-se mais relutantes em ser apanhadas do que eu esperara. Olhos-de-Noite divertiu-se consideravelmente mais reunindo-as do que elas ou eu. Escolhi a líder das jepas e mais uma, mas quando as levei, as outras decidiram nos seguir também. Devia ter contado com isso. Esperara que as outras ficassem e se tornassem selvagens. Não apreciava a ideia de levar seis jepas atrás de mim o caminho inteiro até Jhaampe. Uma nova ideia me ocorreu quando as fazia passar pelo pilar e para o interior da pedreira.

Não tinha de regressar a Jhaampe.

A caça lá é a melhor que já encontrei.

Temos de pensar também no Bobo, não só em nós.

Não deixarei que ele passe fome!

E quando o inverno chegar?

Quando o inverno chegar, então… Ele está sendo atacado!

Olhos-de-Noite não esperou por mim. Passou por mim como um raio, cinzento e baixo, raspando a pedra negra do chão da pedreira com as garras enquanto corria. Larguei as jepas e corri atrás dele. O focinho do lobo me informou sobre um odor humano no ar. Um instante mais tarde, ele identificara Emaranhado enquanto se precipitava na sua direção.

O Bobo não abandonara a Garota-em-um-Dragão. Fora ali que Emaranhado o encontrara. Devia ter se aproximado discretamente, pois nunca era fácil apanhar o Bobo desprevenido. Era possível que a sua obsessão o tivesse traído. Qualquer que fosse o caso, Emaranhado conseguira dar o primeiro golpe. Corria sangue pelo braço do Bobo e lhe pingava das pontas dos dedos. Ele deixara manchas de sangue por todo o dragão quando subira em cima dele. Agora estava empoleirado, com os pés apertados contra os ombros da garota e uma mão agarrada ao maxilar inferior escancarado do dragão. Na mão livre tinha a faca. Fitava Emaranhado ameaçadoramente, esperando. O Talento projetava-se, fervente, de um Emaranhado furioso e frustrado.

Emaranhado subira no estrado e estava agora tentando subir no dragão propriamente dito enquanto se esforçava para estender a mão e impor um toque de Talento ao Bobo. A pele de escamas lisas o estava frustrando. Só alguém tão ágil como o Bobo poderia ter escalado até o local em que se empoleirava logo fora do alcance de Emaranhado. Emaranhado puxou a espada, frustrado, e a brandiu contra os pés apertados do Bobo. A ponta errou, mas não por muito, e a lâmina ressoou contra as costas da garota. O Bobo gritou tão alto como se a

lâmina o tivesse realmente atingido e tentou subir ainda mais. Vi a sua mão escorregar onde o seu próprio sangue lubrificara a pele do dragão. Em seguida, ele escorregou, tentando freneticamente agarrar-se até cair com força atrás do local onde a garota se sentava no dorso do dragão. Vi a sua cabeça se chocar no ombro dela. Pareceu meio atordoado e agarrou-se onde se encontrava.

Emaranhado levantou a espada para um segundo golpe, um golpe que poderia facilmente separar a perna do Bobo do seu corpo. Mas, tão inaudível como o ódio pode ser, o lobo saltou para o estrado e apanhou Emaranhado por trás. Eu ainda corria para eles quando vi o impacto de Olhos-de-Noite atirar Emaranhado para frente, fazendo-o colidir com a Garota-em-um-Dragão. Caiu de joelhos ao lado da estátua. O golpe de espada errou o Bobo e voltou a ressoar contra a cintilante pele verde do dragão. Ondulações de cor afastaram-se ligeiras dessa colisão de metal e pedra, como as ondas que surgem quando se atira um seixo em uma lagoa de águas paradas.

Cheguei ao estrado no momento em que Olhos-de-Noite atirava a cabeça em frente. As suas mandíbulas se fecharam, agarrando Emaranhado por trás, entre o ombro e o pescoço. Emaranhado gritou, com uma voz que se tornou espantosamente estridente. Deixou cair a espada e ergueu as mãos para se agarrar às vorazes mandíbulas do lobo. Olhos-de-Noite sacudiu-o como um coelho. Então o lobo firmou as patas da frente nas largas costas de Emaranhado e assegurou-se melhor de tê-lo agarrado.

Há coisas que acontecem depressa demais para contar bem. Senti Vontade atrás de mim no mesmo momento em que a violenta borrifada de sangue de Emaranhado se transformava num súbito jorro. Olhos-de-Noite cortara-lhe a grande veia da garganta, e a vida de Emaranhado era bombeada para o exterior em jorros escarlates. *Para você, irmão!*, disse Olhos-de-Noite ao Bobo. *Esta morte para você!* Mesmo assim, Olhos-de-Noite não o largou, e voltou a sacudi-lo. O sangue saltou como uma fonte enquanto Emaranhado lutava, sem saber que já estava morto. O sangue atingiu a pele brilhante do dragão e escorreu por ela abaixo, para ir se acumular nas depressões que o Bobo cinzelara ao tentar libertar as suas patas e cauda. E ali o sangue borbulhou e fumegou, devorando a pedra como a água escaldante teria corroído um pedaço de gelo. As escamas e garras das patas traseiras do dragão foram reveladas, o detalhe da cauda semelhante a um chicote foi exposto. E quando Olhos-de-Noite finalmente atirou ao chão o corpo sem vida de Emaranhado, as asas do dragão se abriram.

A Garota-em-um-Dragão ergueu-se no ar como lutara para fazer durante tanto tempo. Pareceu erguer-se sem esforço, quase como se flutuasse para longe. O

Bobo foi levado com ela. Vi-o inclinar-se para frente, agarrando-se instintivamente à cintura elástica da garota que estava na sua frente. O rosto estava virado para longe de mim. Vislumbrei os olhos sem expressão e a boca imóvel no rosto da garota. Era possível que os seus olhos vissem, mas ela não era mais separada do dragão do que a cauda ou a asa; meramente outro apêndice, um apêndice ao qual o Bobo se agarrava enquanto ambos se erguiam cada vez mais alto.

Vi todas essas coisas, mas não porque parasse para olhar. Vi-as em vislumbres e através dos olhos do lobo. O meu olhar foi virado para Vontade quando ele se aproximou correndo por trás de mim. Trazia uma lâmina desembainhada na mão e corria com facilidade. Puxei a espada de Veracidade quando me virei, e descobri que ela levava mais tempo para sair da bainha do que a espada curta a que me habituara.

A força do Talento de Vontade me atingiu em uma onda de bofetadas no preciso instante em que a ponta da arma de Veracidade se soltava da bainha. Dei um passo cambaleante para trás e ergui as muralhas contra ele. Ele me conhecia bem. Aquela primeira onda era composta não apenas de medo, mas também de dores específicas. Haviam sido preparadas especialmente para mim. Experimentei mais uma vez o choque do nariz quebrado, senti a queimadura do rosto cortada, mesmo que ela não fazia escorrer sangue quente pelo peito abaixo como fizera outrora. Durante um segundo gélido, nada pude fazer a não ser manter as muralhas erguidas contra aquela dor debilitante. A espada em que segurava pareceu subitamente ser feita de chumbo. Ficou frouxa na minha mão e a ponta baixou para a terra.

A morte de Emaranhado me salvou. No momento em que Olhos-de-Noite atirou o seu corpo sem vida para o chão, vi essa morte bater contra Vontade. Os seus olhos quase se fecharam com o impacto. O último membro do seu círculo havia partido. Senti Vontade diminuir de repente, não só porque o Talento de Emaranhado já não suplementava o seu, mas por ser dominado pela dor. Encontrei na minha mente uma imagem do cadáver apodrecido de Cedoura e a atirei contra ele, para garantir. Ele cambaleou para trás.

— Você fracassou, Vontade! — Cuspi as palavras. — O dragão de Veracidade já acordou. Neste exato momento, voa na direção de Cervo. A sua rainha o monta e ela carrega dentro de si o seu herdeiro. O legítimo rei irá reclamar trono e coroa, irá varrer das costas os Navios Vermelhos e expulsar as tropas de Majestoso das Montanhas. Não importa o que você fizer aqui e agora, está derrotado. — Um estranho sorriso retorceu a minha boca. — Ganhei. —

Rosnando, Olhos-de-Noite avançou para se pôr ao meu lado.

Então o rosto de Vontade mudou. Majestoso me olhou através dos seus olhos. Estava tão impassível com a morte de Emaranhado como estaria com a de Vontade. Não detectei qualquer pesar, só ira pela diminuição do seu poder.

— Talvez — disse ele com a voz de Vontade –, talvez, nesse caso, eu não deva me preocupar com mais nada além de matá-lo, Bastardo. A qualquer custo. — Sorriu para mim, um sorriso de um homem que sabe o resultado que os dados darão antes de eles pararem. Experimentei um momento de incerteza e medo. Ergui mais alto as minhas muralhas contra as táticas insidiosas de Vontade.

— Acha mesmo que um espadachim caolho tem alguma chance contra a minha arma e o meu lobo, Majestoso? Ou será que você planeja jogar fora a vida dele com tanta indiferença como jogou as do resto do círculo? — Atirei a pergunta na leve esperança de despertar a discórdia entre eles.

— E por que não? — perguntou-me Majestoso calmamente com a voz de Vontade. — Ou será que você pensa que eu fui realmente tão estúpido como o meu irmão e me contentei só com um círculo?

Uma onda de Talento me atingiu com a força de uma muralha de água. Cambaleei para trás diante dela, mas então recuperei o equilíbrio e investi contra Vontade. Teria de matá-lo depressa. Majestoso tinha o controle do Talento de Vontade. Pouco se importava com o que isso faria a Vontade, como o queimaria se me matasse com uma explosão de Talento. Conseguia senti-lo absorvendo poder de Talento. Porém, mesmo enquanto dedicava toda a minha energia a matar Vontade, as palavras de Majestoso me corroíam. Outro círculo?

Caolho ou não, Vontade era rápido. A sua lâmina era parte dele quando ele parou e desviou a minha primeira estocada. Por um instante, desejei a familiaridade da minha velha espada curta. Então afastei tais pensamentos por serem inúteis e pensei apenas em ultrapassar a sua guarda. O lobo passou rapidamente por mim, de barriga baixa, ao procurar se aproximar de Majestoso pelo lado cego de Vontade.

— Três novos círculos! — A voz de Vontade arquejou de esforço quando voltou a aparar a minha arma. Esquivei-me da sua estocada e tentei fazer a sua lâmina girar. Ele era rápido demais para isso.

— Utilizadores de Talento jovens e fortes. Para esculpir dragões meus. — Um golpe lateral cuja brisa senti. — Dragões às minhas ordens, leais a mim. Dragões para derrubar Veracidade, em sangue e escamas. — Ele rodopiou e desferiu uma estocada contra Olhos-de-Noite. O lobo deu um grande salto para trás. Eu saltei em frente, mas a sua lâmina já regressara para se cruzar com a minha. Lutava

com uma velocidade incrível. Outro uso para o Talento? Ou uma ilusão de Talento que forçava em mim?

— Depois, varrerão os Navios Vermelhos. Por mim. E abrirão as passagens da Montanha. As Montanhas também serão minhas. Serei um herói. Ninguém se oporá a mim então. — A lâmina dele atingiu a minha com força, uma sacudida que senti no ombro. As suas palavras também me sacudiam. Ressoavam com verdade e determinação. Imbuídas de Talento, batiam contra mim com a força sólida da impotência. — Dominarei a estrada do Talento. A cidade antiga será a minha nova capital. Todos os meus utilizadores de Talento serão mergulhados na magia do rio.

Outro golpe contra Olhos-de-Noite. Cortou-lhe um punhado de pelos do ombro. E de novo essa abertura passou depressa demais para a minha desajeitada lâmina. Senti-me como se estivesse mergulhado em água até aos ombros e combatesse um homem cuja arma era tão leve como palha.

— Bastardo estúpido! Achava mesmo que eu me preocupava com uma vadia grávida, um dragão em voo? O verdadeiro prêmio é a própria pedreira, aquele que você deixou sem vigilância para mim. O material de onde uma vintena, não, uma centena de dragões se erguerá!

Como podíamos ter sido tão estúpidos? Como fora possível que não víssemos o que Majestoso realmente procurava? Pensáramos com os corações, no povo dos Seis Ducados, em fazendeiros e pescadores que precisavam do braço do seu rei para defendê-los. Mas Majestoso? Ele pensara apenas no que o Talento podia conquistar para si. Eu sabia as suas palavras seguintes antes de ele atirá-las.

— Em Vilamonte e Calcede, eles se curvarão diante de mim. E nas Ilhas Externas se encolherão de medo ao ouvir o meu nome.

Chegam mais! E por cima de nós!

O aviso de Olhos-de-Noite quase me matou. Pois no instante em que levantei os olhos, Vontade saltou sobre mim. Cedi terreno, praticamente correndo para trás para evitar a sua arma. Muito atrás dele, vindos da entrada da pedreira, uma dúzia de homens correu até nós, brandindo espadas. Não marcavam passo, mas se deslocavam com uma unidade de movimentos que era muito mais coesa do que quaisquer meros soldados poderiam ter adquirido. Um círculo. Quando se aproximaram, detectei o seu Talento como os ventos tempestuosos que precedem uma tormenta. Vontade parou de repente o seu avanço. O meu lobo saltou para enfrentá-los, de dentes arreganhados, rosnando.

Olhos-de-Noite! Pare! Não pode enfrentar doze lâminas brandidas por uma única mente.

Vontade abaixou a arma, e então a embainhou casualmente. Gritou ao círculo por cima do ombro.

— Não se preocupem com eles. Que os arqueiros acabem com eles.

Um relance às altas paredes da pedreira me mostrou que aquilo não era nenhum blefe. Soldados vestidos de dourado e marrom estavam se posicionando. Compreendi que era aquele o objetivo dos soldados. Não derrotar Veracidade, mas tomar e defender aquela pedreira. Fui submerso por outra onda de humilhação e desespero. Então ergui a espada e avancei contra Vontade. Pelo menos ele eu mataria.

Uma flecha estrepitou na pedra onde eu estivera, outra ricocheteou bem entre as patas de Olhos-de-Noite. Um grito soou, vindo das paredes da pedreira a oeste de nós. A Garota-em-um-Dragão me sobrevoou a baixa altitude, com o Bobo sentado no dorso e um arqueiro dourado e marrom contorcendo-se nas mandíbulas do dragão. O homem desapareceu de repente, uma baforada de fumaça ou vapor levada pelo vento criado pela passagem do dragão. Encolheu as asas, voltou a se aproximar a baixa altitude, abocanhando outro arqueiro e fazendo outro saltar para a pedreira para evitá-lo. Outra baforada de fumaça.

No chão da pedreira, todos nós estacamos, olhando para cima boquiabertos. Vontade se recuperou mais depressa do que eu. Um grito furioso aos seus arqueiros, ressoando em Talento.

— Disparem contra ele! Abatam-no!

Quase no mesmo instante, uma falange de flechas partiu cantando na direção do dragão. Algumas arquearam e caíram antes mesmo de se aproximarem. As outras foram defletidas com um único poderoso bater de asas. As flechas oscilaram de repente no sopro do seu vento e caíram rodopiando, como palhas, para irem se estilhaçar no chão da pedreira. A Garota-em-um-Dragão inclinou de súbito o corpo para a frente e mergulhou diretamente contra Vontade.

Ele fugiu. Creio que Majestoso o abandonou, pelo menos durante o tempo que ele levou para tomar essa decisão. Fugiu e, por um instante, pareceu que perseguia o lobo que já quase cobrira a distância que o separava do círculo. Porém, no momento em que o círculo percebeu que Vontade estava fugindo na sua direção com um dragão cortando o ar atrás dele, girou sobre os calcanhares e fugiu também. Captei um breve clarão de deliciado triunfo vindo de Olhos-de-Noite, por ver doze espadachins não enfrentarem a sua investida. Então se agachou contra a terra quando a Garota-em-um-Dragão sobrevoou todos nós em voo rasante.

Não senti só o vento severo da sua passagem, mas também um varrimento

estonteante de Talento que me roubou em um instante da mente todos os pensamentos que eu estava tendo. Foi como se o mundo tivesse sido brevemente mergulhado numa escuridão absoluta e depois me tives-se sido devolvido numa luz plena. Tropecei na minha corrida, e por um instante não me consegui lembrar do motivo pelo qual carregava uma espada desembainhada e de quem perseguia. À minha frente, Vontade vacilou quando a sombra do dragão o cobriu, e então, por sua vez, foi o círculo que cambaleou.

As garras do dragão tentaram sem sucesso apanhar Vontade quando passou. Os blocos de pedra negra que estavam espalhados por todo o lado foram a sua salvação, pois a envergadura da Garota-em-um-Dragão era tamanha que ele conseguiu escapar dela na estreiteza do labirinto que formavam. O dragão guinchou, frustrado, o grito agudo e selvagem de um falcão contrariado. Ergueu-se no ar e virou, para tentar apanhá-lo uma segunda vez. Arquejei quando ele voou direto para um bando cantante de flechas. Elas se chocaram inutilmente na sua pele como se os arqueiros tivessem mirado na pedra negra da pedreira. Só o Bobo se retraiu diante das setas. A Garota-em-um-Dragão mudou abruptamente de rumo para sobrevoar os arqueiros a baixa altitude e apanhar outro deles e consumi-lo num instante.

De novo a sua sombra me cobriu, e de novo um momento da minha vida me foi arrancado. Abri os olhos para descobrir que Vontade desaparecera. Depois obtive um breve vislumbre dele, mudando de direção enquanto corria de cabeça baixa por entre os blocos verticais de pedra, muito à maneira de uma lebre que muda de rumo quando foge de um falcão. Já não via o círculo, mas de repente Olhos-de-Noite saltou da sombra de um bloco de pedra e para correr ao meu lado.

Oh, irmão, o Sem Cheiro caça bem!, exultou. *Fomos espertos por aceitá-lo na nossa alcateia!*

Vontade é presa minha!, declarei.

A sua presa é minha presa, observou ele, muito sério. *É isso que é alcateia. E não será presa de ninguém se não nos separarmos para encontrá-lo.*

Ele tinha razão. À nossa frente, eu ouvia gritos e via ocasionalmente um clarão dourado e marrom quando um homem se precipitava por um espaço mais largo entre os blocos de pedra. Contudo, a maioria deles havia compreendido rapidamente que a maneira de permanecerem protegidos do dragão era agarrarem-se bem às bordas dos imensos blocos de pedra.

Eles estão fugindo para o pilar. Se chegarmos a um lugar de onde consigamos vê-lo, podemos esperar lá por ele.

Parecia lógico. Fugir através do pilar seria a única esperança que eles tinham de escapar do dragão durante algum tempo. Ainda ouvia o ruído ocasional das flechas quando elas choviam na esteira do dragão, mas uma boa porção dos arqueiros que haviam rodeado as paredes da pedreira se retirara para o abrigo da floresta circundante.

Olhos-de-Noite e eu abandonamos todos os esforços para encontrar Vontade e nos encaminhamos simples e diretamente para o pilar. Tive de admirar a disciplina de alguns dos arqueiros de Majestoso. Apesar de todo o resto, se o lobo e eu surgíssemos a descoberto durante mais do que alguns passos, ouvíamos um grito de “Ali estão eles!” e momentos depois choviam flechas no local onde nos encontráramos.

Chegamos ao pilar a tempo de ver dois dos membros do novo círculo de Majestoso correndo por terreno aberto, de mãos estendidas para diante a fim de mergulharem no pilar escuro propriamente dito no momento em que o tocassem. A runa que escolheram foi a do jardim de pedra, mas isso talvez se devesse apenas ao fato de ser o lado do pilar mais próximo do local onde estiveram abrigados. Não saímos da esquina de um grande bloco que nos abrigava das flechas.

Será que ele já atravessou?

Talvez. Espere.

Passaram várias eternidades. Tive certeza de que Vontade nos escapara. Por cima de nós, a Garota-em-um-Dragão passava a sua sombra pelas paredes da pedreira. Os gritos das suas vítimas tornaram-se menos frequentes. Os arqueiros estavam usando a cobertura das árvores para se esconderem. Numa olhada rápida, vi o dragão ascender, descrevendo um círculo bem acima da pedreira. Pairava em um brilhante tom de verde contra o céu azul, balançando nas suas asas. Perguntei-me como seria para o Bobo montá-lo assim. Pelo menos tinha a parte da garota à qual se agarrar. De repente, a Garota-em-um-Dragão inclinou-se, deslizou de lado no céu e depois dobrou as asas, mergulhando na nossa direção. No momento em que o fez, Vontade abandonou o esconderijo e correu para o pilar.

Olhos-de-Noite e eu saltamos atrás dele. Estávamos terrivelmente perto logo atrás dele. Eu corri depressa, mas o lobo correu mais depressa, e Vontade fugiu mais depressa ainda. No momento em que os seus dedos esticados roçaram no pilar, o lobo deu um último salto. As suas patas da frente colidiram com as costas de Vontade, atirando-o de cabeça contra o pilar. Quando o vi se derretendo nele, gritei um aviso a Olhos-de-Noite e o agarrei no pelo para puxá-lo para trás.

Ele apanhou a barriga de uma das pernas de Vontade quando este foi levado para longe de nós. No momento em que as mandíbulas do lobo se fecharam na carne de Vontade, a sombra do dragão nos cobriu. Larguei o mundo e caí na escuridão.

Abundam lendas sobre heróis que combateram inimigos sombrios no submundo. Contam-se algumas sobre aqueles que entraram voluntariamente no escuro desconhecido, a fim de resgatar amigos ou amantes. Em um momento sem tempo, foi-me oferecida claramente uma escolha. Podia agarrar Vontade e estrangulá-lo até deixá-lo sem vida. Ou podia apertar contra mim Olhos-de-Noite e mantê-lo inteiro contra todas as forças que dilaceravam a sua mente e o seu ser de lobo. Na verdade, não foi escolha alguma.

Emergimos para a sombra fresca e a relva pisoteada. Num momento, tudo foi escuridão e passagem; no seguinte respirávamos e sentíamos de novo. E temíamos. Levantei-me com dificuldade, espantado por descobrir que ainda trazia na mão a espada de Veracidade. Olhos-de-Noite ergueu-se, cambaleou dois passos e caiu. *Doente. Envenenado. O mundo inteiro balança.*

Fique quieto e respire. Fiquei de pé diante dele e levantei os olhos para olhar em volta. O olhar foi devolvido não só por Vontade, mas pela maior parte do novo círculo de Majestoso. A maioria deles ainda respirava com força, e um soltou um grito de alarme ao nos ver. Quando Vontade gritou, surgiu também correndo um número considerável de guardas de Vara. Espalharam-se para nos cercarem.

Temos de voltar pelo pilar. É a nossa única chance.

Não posso. Vá você. A cabeça de Olhos-de-Noite caiu em cima das patas e os olhos se fecharam.

Isso não é alcateia!, disse-lhe com severidade. Ergui a espada de Veracidade. Então era assim que eu ia morrer. Estava contente por Bobo não ter me contado. Era provável que eu tivesse me suicidado antes.

— Apenas o matem — ordenou Vontade aos seus homens. — Já perdemos tempo demais com ele. Matem-no e ao lobo também. E depois me tragam um arqueiro capaz de abater um homem de cima do dorso de um dragão. — Majestoso virou as costas de Vontade para mim e afastou-se a passos largos, ainda dando ordens.

— Vocês, Terceiro Círculo. Disseram que um dragão concluído não pode ser despertado e levado servir. Bem, acabei de ver um Bobo sem Talento fazendo exatamente isso. Irão descobrir como se faz. Começarão agora. Que o Bastardo teste o seu Talento contra espadas.

Ergui a espada e Olhos-de-Noite ficou de pé. A sua náusea ondulou de

encontro ao meu medo quando o círculo de soldados se aproximou de nós. Bem, se tinha de morrer naquele momento, nada mais havia a temer. Talvez devesse testar o meu Talento contra as espadas deles. Descartei as minhas muralhas, jogando-as fora com desdém. O Talento era um rio que se enfurecia a todo o meu redor, um rio que, naquele local, estava sempre em cheia. Encher-me com ele foi tão fácil quanto inspirar. Uma segunda inspiração baniu o cansaço e as dores do meu corpo. Estendi a força para o meu lobo. Ao meu lado, Olhos-de-Noite sacudiu-se. O eriçar dos seus pelos e o arreganhamento dos seus dentes tornaram-no duas vezes maior. Os meus olhos percorreram o círculo de espadas que nos rodeava. Então não mais esperamos e saltamos contra eles. Quando as espadas se ergueram ao encontro da minha, Olhos-de-Noite correu em frente e por baixo delas, e então rodopiou para golpear a perna de um homem por trás.

Olhos-de-Noite transformou-se em uma criatura de velocidade, dentes e pelo. Não tentou morder e prender. Em vez disso, usou o seu peso para desequilibrar os homens, fazendo-os tropeçar uns nos outros, jarretando-os quando conseguia fazê-lo, cortando com os dentes em vez de morder. Para mim, o desafio passou a ser evitar golpeá-lo enquanto ele corria de um lado para o outro. Nunca tentou enfrentar as espadas deles. No momento em que um homem se virava para ele e avançava, ele fugia e ia se meter entre as pernas daqueles que tentavam me enfrentar.

Quanto a mim, brandi a espada de Veracidade com uma graça e perícia que jamais conhecera antes com uma arma daquelas. As lições e o trabalho de Hode finalmente juntaram-se para mim e, se tal coisa fosse possível, eu diria que o espírito da mestre de armas se encontrava na arma e que ela me cantava enquanto eu a brandia. Não consegui abrir uma brecha no círculo em que me encurralaram, mas eles também não conseguiram ultrapassar a minha guarda para causar mais do que danos menores.

Nessa primeira agitação de batalha, lutamos bem e nos saímos bem, mas a desvantagem era gritante. Eu podia forçar homens a se afastarem da minha espada e dar um passo para eles, mas no momento seguinte tinha de me virar para lutar com aqueles que haviam se aproximado vindos de trás. Podia deslocar o círculo de batalha, mas não fugir dele. Mesmo assim, abençoei o alcance superior da espada de Veracidade, que me manteve vivo. Outros homens estavam surgindo correndo ao ouvir o tumulto e os gritos do combate. Aqueles que chegaram abriram uma cunha entre mim e Olhos-de-Noite, forçando-o a afastar-se cada vez mais.

Afaste-se de todos eles e fuja. Fuja. Sobreviva, irmão.

Em resposta, ele correu para longe de todos eles, e logo regressou aos saltos, investindo pelo meio dos soldados. Os homens de Majestoso golpearam-se uns aos outros num esforço fútil para detê-lo. Não estavam habituados a um oponente com menos de metade da altura de um homem e com duas vezes a sua rapidez. A maioria desferiu contra ele cutiladas que não fizeram mais do que rasgar a terra no seu encalço. Num instante, o lobo passara por eles e desaparecera de novo na floresta viçosa. Homens olhavam rapidamente em todas as direções, tentando saber de onde ele surgiria a seguir.

Contudo, mesmo no auge da luta, eu sabia que o que fazíamos era inútil. Majestoso venceria. Mesmo se eu matasse todos os homens que ali se encontravam, incluindo Vontade, Majestoso venceria. Aliás, já vencera. E não teria eu sabido sempre que assim seria? Não teria eu sabido, desde o início de tudo, que Majestoso estava destinado a governar?

Dei um súbito passo adiante, cortei o braço de um homem pelo cotovelo e usei o impulso desse golpe para trazer a lâmina da espada de volta, num arco que fez com que a ponta passasse pelo rosto de outro homem. Quando os dois caíram, emaranhando-se um no outro, surgiu uma minúscula abertura no círculo. Dei um passo para o interior do breve espaço, foquei o Talento e agarrei a mão insidiosa de Vontade que segurava a minha mente. Senti que uma lâmina me lambia o ombro direito enquanto o fazia. Rodopiei para me defender da espada do meu atacante, então pedi ao meu corpo que pensasse por si mesmo por um momento e consolidei o controle que ganhara sobre Vontade. Cravado na consciência de Vontade, encontrei Majestoso, enfiado dentro dele como um parasita em um coração de veado. Vontade não poderia ter se livrado dele mesmo se fosse capaz de pensar em fazê-lo. E me pareceu que nem sequer restava o suficiente de Vontade para dar forma a um pensamento próprio. Vontade era um corpo, um recipiente de carne e sangue, que continha Talento para ser empunhado por Majestoso. Privado do círculo que o fortalecera, já não era uma arma tão terrível como fora. Menos valioso. Alguém que podia ser usado e posto de lado sem grande remorso.

Não podia lutar em ambas as direções ao mesmo tempo. Mantive a mente de Vontade agarrada, forcei os seus pensamentos a se manterem afastados dos meus e me esforcei para dirigir também o meu corpo. No instante seguinte, recebi dois golpes, um na barriga da perna esquerda e outro no antebraço direito. Sabia que não conseguiria aguentar. Não via Olhos-de-Noite. Pelo menos ele tinha uma chance. *Afaste-se disso, Olhos-de-Noite. Está tudo acabado.*

Está só começando!, contradisse-me ele. Avançou por dentro de mim como

um relâmpago de calor. Vindo de alguma outra parte do campo de batalha, ouvi um grito com a voz de Vontade. Em algum lugar, um lobo de Manha devastava o seu corpo. Consegui sentir Majestoso tentando desenlaçar a sua mente da de Vontade. Agarrei os dois com mais força. *Fique e enfrente, Majestoso!*

A ponta de uma espada encontrou o meu quadril. Afastei-me dela com um safanão e tropecei em pedra, deixando nela a marca de uma mão ensanguentada quando me endireitei de novo. Era o dragão de Realder; eu arrastara a batalha toda essa distância. Encostei as costas nele, sentindo-me grato, e me virei para enfrentar os meus atacantes. Olhos-de-Noite e Vontade ainda lutavam; era claro que Vontade aprendera algumas coisas com a tortura de Manhosos. Não estava tão vulnerável ao lobo como teria estado anteriormente. Não conseguia causar dano ao lobo com o Talento, mas foi capaz de envolvê-lo em camada atrás de camada de medo. O coração de Olhos-de-Noite surgiu de repente ribombando nos meus ouvidos. Voltei a me abrir ao Talento, enchi-me e fiz aquilo que nunca antes tentara fazer. Alimentei Olhos-de-Noite com força de Talento transformada em Manha. *Para você, irmão.* Senti Olhos-de-Noite *repelindo* Vontade, libertando-se dele por um instante. Vontade usou esse instante para fugir de nós dois. Desejei ir na direção dele, mas senti atrás de mim uma agitação da Manha no dragão de Realder. Com um breve odor nauseabundo, a impressão ensanguentada da minha mão na sua pele desapareceu em fumaça. Ele se agitou. Estava despertando. E estava faminto.

Ouviu-se um súbito estalar de galhou e surgiu uma tempestade de folhas rasgadas quando um grande vento penetrou no coração imóvel da floresta. A Garota-em-um-Dragão aterrissou de repente no pequeno espaço sem árvores que rodeava o pilar. As chicotadas da sua cauda limparam de homens a área ao seu redor.

— Ali! — gritou-lhe o Bobo e, num instante, a cabeça do dragão projetou-se para capturar um dos meus atacantes nas suas temíveis mandíbulas. Ele desapareceu numa baforada de fumaça e eu senti o Talento dela inchar com a vida que consumira.

Atrás de mim, uma cabeça reptiliana em forma de cunha ergueu-se de súbito. Durante um momento, tudo foi escuridão quando essa sombra passou por cima de mim. Então a cabeça projetou-se para fora, mais rápida do que uma serpente dando o bote, para capturar o homem que estava mais perto de nós. Ele desapareceu, e o vapor daquilo que ele fora passou brevemente por mim, fétido. O rugido que o dragão soltou quase me ensurdeceu.

Irmão?

Estou vivo, Olhos-de-Noite.

Eu também, irmão.

EU TAMBÉM, IRMÃO. E TENHO FOME!

A voz de Manha de um carnívoro muito grande. Verdadeiramente Sangue Antigo. A sua força fez os meus ossos tremerem. Olhos-de-Noite teve a esperteza de responder.

Então se alimente, irmão grande. Torne sua a nossa presa, e seja bem-vindo. Isso é alcateia.

O dragão de Realder não precisou ser convidado duas vezes. Quem quer que Realder tivesse sido, ele pusera um apetite saudável no seu dragão. Grandes patas armadas de garras libertaram-se do musgo e da terra; uma cauda soltou-se com uma chicotada, derrubando de passagem uma pequena árvore. Foi por pouco que consegui sair do seu caminho quando ele investiu para apanhar outro varês nas suas mandíbulas.

Sangue e a Manha! É isso que é preciso. Sangue e a Manha. Podemos despertar os dragões.

Sangue e a Manha? No momento estamos ensopados em ambos. Ele me compreendera instantaneamente.

No meio do massacre, Olhos-de-Noite e eu nos lançamos a um enlouquecido jogo infantil. Foi quase uma competição para ver quem conseguia despertar mais dragões, uma competição que o lobo ganhou com facilidade. Corria para um dragão, sacudia sobre ele o sangue que trazia na pelagem, então lhe pedia: *Acorde, irmão, e alimente-se. Trouxemos carne para você.* E quando cada um dos grandes corpos fumegava com sangue de lobo e despertava, ele lhe lembrava: *Somos alcateia!*

Eu encontrei o Rei Sabedoria. Era seu o dragão da galhada de veado, e ele ergueu-se do sono gritando: *Cervo! Para Torre do Cervo! Eda e El, que fome tenho!*

Há fartura de Navios Vermelhos ao largo da costa de Cervo, senhor. Estão à espera das suas mandíbulas, disse-lhe. Apesar de todas aquelas palavras, pouco de humano restava nele. A pedra e as almas haviam se fundido, para se transformarem realmente em dragão. Compreendíamos uns aos outros como os carnívoros se compreendem. Eles já haviam caçado em alcateia, e disso lembravam-se bem. A maioria dos outros dragões não tinha em si nada de humano. Haviam sido esculpidos por Antigos, não por homens, e pouco mais compreendíamos uns dos outros do que o fato de sermos irmãos e de termos lhes trazido carne. Aqueles que haviam sido formados por círculos possuíam vagas

lembranças de reis de Cervo e Visionário. Não foram essas lembranças que os ligaram a mim, mas a minha promessa de alimento. Considerei a maior das bênçãos que conseguisse inculcar pelo menos isso naquelas estranhas mentes.

Chegou um momento em que não consegui encontrar mais dragões entre a vegetação rasteira. Atrás de mim, onde os soldados de Majestoso haviam acampado, ouvi os gritos de homens perseguidos e o rugido dos dragões que competiam, não por carne, mas por vida. As árvores cediam diante das suas arremetidas e as chicotadas que as suas caudas davam cortavam arbustos como uma ceifa corta caules de cereais. Eu fizera uma pausa para respirar, com uma mão apoiada no joelho e a outra ainda segurando a espada de Veracidade. A respiração me vinha difícil e seca. A dor estava começando a abrir caminho por entre o Talento que eu impusera ao meu corpo. Pingava sangue dos meus dedos. À falta de um dragão a quem dá-lo, limpei a mão no justilho.

— Fitz?

Virei-me enquanto o Bobo corria para mim. Envolveu-me nos braços, abraçou-me com força.

— Ainda vive! Graças a todos os deuses de toda parte. Ela voa como o próprio vento e sabia onde encontrá-lo. De algum modo, sentiu esta batalha, a toda aquela distância. — Fez uma pausa para respirar, e acrescentou. — Tem uma fome insaciável. Fitz, você precisa vir comigo, agora. Eles estão ficando sem presas. Precisa montá-la comigo e levá-los para onde possam se alimentar, senão não sei o que farão.

Olhos-de-Noite juntou-se a nós. *Esta alcateia é grande e está esfomeada. Será preciso muita caça para saciá-los.*

Vamos com eles, para a caça?

Olhos-de-Noite hesitou. *Nas costas de um deles? Pelo ar?*

É assim que eles caçam.

Não são esses os métodos deste lobo. Mas se você tiver que me deixar para trás, eu compreendo.

Não o deixo, irmão. Não o deixo.

Acho que o Bobo detectou um pouco do que foi transmitido entre nós, pois já estava sacudindo a cabeça antes de eu falar.

— Você precisa liderá-los. Na Garota-em-um-Dragão. Leve-os para Cervo e para junto de Veracidade. Eles irão lhe dar ouvidos, pois você é alcateia conosco. Isso é algo que eles compreendem.

— Fitz, não posso. Eu não fui feito para isso, para esse massacre! Não foi para essa perda de vidas que eu vim. Nunca tinha visto isso, em nenhum sonho, nem

o li em nenhum pergaminho. Temo que eu possa levar o tempo por um caminho errado.

— Não. Isto está certo. Eu o sinto. Eu sou o Catalisador, e vim mudar todas as coisas. Profetas transformam-se em guerreiros, dragões caçam como lobos. — Quase nem reconhecia a minha voz enquanto falava. Não fazia ideia de onde vinham aquelas palavras. Enfrentei os olhos incrédulos do Bobo. — É como tem de ser. Vá.

— Fitz, eu…

A Garota-em-um-Dragão aproximou-se de nós pesadamente. No chão, a sua graça aérea a abandonara. Caminhava com poder, como um urso gigantesco ou um grande touro chifrudo. O verde das suas escamas brilhava como escuras esmeraldas à luz do sol. A garota no seu dorso era de uma beleza de perder o fôlego, apesar da sua expressão vazia. A cabeça do dragão ergueu-se, e ele abriu a boca e projetou a língua para fora, para saborear o ar. *Mais?*

— Depressa — pedi ao Bobo.

Ele me abraçou quase convulsivamente, e me chocou quando me beijou na boca. Girou nos calcanhares e correu para a Garota-em-um-Dragão. A parte da garota inclinou-se para baixo, para lhe oferecer ajuda e puxá-lo para cima, para que se fosse sentar atrás dela. A expressão no seu rosto nunca se alterou. Só mais uma parte do dragão.

— A mim! — gritou ele aos dragões que já se reuniam à nossa volta. O último olhar que me lançou foi um sorriso trocista.

Sigam o Sem Cheiro!, ordenou-lhes Olhos-de-Noite antes de eu ter tempo de pensar. *Ele é um poderoso caçador e irá levá-los a muita carne. Deem ouvidos a ele, pois ele é alcateia conosco.*

A Garota-em-um-Dragão saltou para cima, de asas abertas e, com poderosas batidas, elas a levaram firmemente para cima. O Bobo seguia agarrado atrás dela. Ergueu uma mão em despedida, mas a baixou depressa para voltar a lhe apertar a cintura. Foi a última vez que o vi. Os outros o seguiram, soltando um grito que me lembrou cães de caça seguindo um rastro, embora soassem mais como os guinchos de aves de rapina. Até o javali alado subiu, por mais desajeitado que fosse o seu salto para o ar. O bater das asas dos dragões foi tal que eu cobri os ouvidos e Olhos-de-Noite encolheu-se, encostando a barriga na terra ao meu lado. Árvores oscilaram naquela grande passagem de dragões e deixaram cair galhos, tanto mortos como verdes. Durante algum tempo, o céu encheu-se de criaturas cravejadas de joias, verdes, vermelhas, azuis e amarelas. Sempre que a sombra de uma delas passava sobre mim, experimentava um

negrume, mas os meus olhos estavam abertos e atentos quando o dragão de Realder levantou voo, o último de todos, para seguir aquela grande alcateia para o céu. Pouco tempo depois, a abóbada de árvores escondeu-os da minha vista. Gradualmente, os seus gritos foram se atenuando.

— Os seus dragões estão a caminho, Veracidade — disse eu ao homem que outrora conhecera. — Os Antigos ergueram-se em defesa de Cervo. Tal como você disse que fariam.

CAPÍTULO 40

Majestoso

O Catalisador vem mudar todas as coisas.



Na sequência da partida dos dragões, houve um grande silêncio, quebrado apenas pelos sussurros do punhado de folhas que caiu no chão da floresta. Nem uma rã coaxava, nem uma ave cantava. Os dragões haviam quebrado o teto da floresta na sua partida. Grandes colunas de luz solar brilhavam sobre solo que estivera ensombrado desde antes do meu nascimento. Árvores haviam sido desenraizadas ou quebradas e grandes fendas haviam sido abertas no chão da floresta pela passagem dos seus imensos corpos. Ombros escamosos haviam aberto profundos sulcos na casca de árvores antigas, desnudando o secreto câmbio branco que havia por baixo. A terra e árvores golpeadas e os capins pisoteados soltavam os seus ricos odores na tarde quente. Fiquei imóvel no meio da destruição, com Olhos-de-Noite ao meu lado, e olhei lentamente ao redor. Então fomos à procura de água.

A nossa busca nos levou a passar pelo acampamento. Era uma estranha cena de batalha. Havia armas espalhadas por todo o lado e alguns elmos, tendas pisoteadas e material espalhado, mas pouco mais do que isso. Os únicos corpos que restavam eram os de soldados que Olhos-de-Noite e eu havíamos matado. Os dragões não se interessavam por carne morta; alimentavam-se com a vida que já fugira desse tecido.

Encontrei o riacho de que me lembrava e me atirei no chão na beira dele para beber como se não houvesse fundo para a minha sede. Olhos-de-Noite lambeu a água ao meu lado, então se atirou sobre o capim fresco que crescia nas margens do riacho. Deu início a uma lenta e cuidadosa lambida de um corte que tinha na pata da frente. Rasgara-lhe a pelagem, e ele enfiou a língua nessa fenda, limpando-a cuidadosamente. Iria sarar como uma fusão de pele escura e sem pelos. *Só mais uma cicatriz*, respondeu ele ao meu pensamento, com indiferença. *Que fazemos agora?*

Eu estava tirando cuidadosamente a camisa. O sangue que secava a fazia aderir aos meus ferimentos. Cerrei os dentes e a soltei com um puxão. Debrucei-me sobre o riacho para espalhar água fria pelos cortes de espada que sofrera. Só mais algumas cicatrizes, disse sombriamente a mim mesmo. E que faremos agora? *Dormimos.*

A única coisa que soaria melhor do que isso seria comer.

— Não tenho estômago para matar mais nada agora — disse-lhe.

É esse o problema de matar homens. Todo o trabalho que dão, e em troca nada para comer.

Levantei-me cansado.

— Vamos dar uma olhada nas tendas deles. Preciso de alguma coisa que possa usar como bandagem. E eles devem ter algumas provisões.

Abandonei a minha velha camisa onde ela caíra. Arranjaria outra. Naquele momento, até o seu peso parecia excessivo para me incomodar em carregá-la. Teria provavelmente deixado cair a espada de Veracidade se já não a tivesse embainhado. Desembainhá-la de novo teria sido esforço demais. Era esse o cansaço que eu de repente sentia.

As tendas haviam sido esmagadas durante a caçada dos dragões. Uma caíra sobre uma fogueira e ardia em fogo brando. Puxei-a para o lado e pisei nela até apagar o fogo. Então o lobo e eu começamos a recuperar sistematicamente aquilo de que precisaríamos. O seu faro logo encontrou as provisões alimentares dos soldados. Havia alguma carne seca, mas era principalmente pão de viajante. Estávamos esfomeados demais para sermos exigentes. Eu passara tanto tempo sem qualquer tipo de pão que aquele quase tinha um gosto bom. Até descobri um odre de vinho, mas bastou prová-lo para me convencer a usá-lo para lavar os ferimentos em vez de bebê-lo. Enfaixei os ferimentos com cambraia marrom rasgada da camisa de um varês. Ainda me restava algum vinho. Provei-o de novo. Depois tentei convencer Olhos-de-Noite a me deixar lavar os seus ferimentos, mas ele recusou, dizendo que já lhe doíam o suficiente.

Eu estava começando a ficar rígido, mas me forcei a ficar de pé. Encontrei a trouxa de um soldado e joguei fora todas as coisas que me eram inúteis. Enrolei dois cobertores e os amarrei bem, e encontrei um manto dourado e marrom para usar nas noites frias. Desencavei mais pão e o enfiei na trouxa.

O que você está fazendo? Olhos-de-Noite estava sonolento, quase dormindo.

Não quero dormir aqui esta noite. Portanto, recolho aquilo de que vamos precisar para a nossa viagem.

Viagem? Vamos para onde?

Fiquei imóvel por um momento. Regressar para Moli e Cervo? Não. Nunca mais. Jhaampe? Por quê? Para quê voltar a percorrer aquela estrada longa e cansativa? Não consegui imaginar nenhuma boa razão. *Bem, seja como for, não quero dormir aqui esta noite. Gostaria de estar bem longe daquele pilar antes de descansar de novo.*

Está bem. Depois: *O que foi isso?*

Ficamos paralisados, com todos os sentidos formigando.

— Vamos descobrir — sugeri em voz baixa.

A tarde estava se transformando em anoitecer e as sombras sob as árvores se aprofundavam. O que ouvíramos era um som que não tinha lugar entre a chiadeira das rãs e dos insetos e dos chamados, que iam se calando, das aves diurnas. Viera do local da batalha.

Encontramos Vontade deitado de barriga, arrastando-se na direção do pilar. Ou melhor, estivera se arrastando. Quando o encontramos, estava imóvel. Uma das suas pernas desaparecera, cortada irregularmente. Osso projetava-se da carne rasgada. Ele atara uma manga em volta do coto, mas não com força suficiente. Ainda sangrava. Olhos-de-Noite arreganhou os dentes quando me baixei para tocá-lo. Estava vivo, mas por pouco. Não havia dúvida de que tivera esperança de chegar ao pilar e atravessá-lo para encontrar outros dos homens de Majestoso que o ajudassem. Majestoso devia ter sabido que ele permanecia vivo, mas não enviara ninguém para buscá-lo. Nem sequer tinha a decência de ser leal a um homem que o servira durante tanto tempo.

Soltei a manga e a amarrei com mais força. Então ergui a sua cabeça e pinguei um pouco de água dentro da sua boca.

Por que se incomoda com isso?, perguntou Olhos-de-Noite. *Nós o odiamos, e ele está quase morto. Deixe-o morrer.*

Ainda não. Ainda não.

— Vontade? Consegue me ouvir, Vontade?

O único sinal foi uma mudança na sua respiração. Dei-lhe um pouco mais de água. Ele respirou alguma, engasgou-se, e então sorveu o gole seguinte. Respirou mais fundo e soltou o ar.

Abri-me e reuni Talento.

Irmão, deixe isso. Deixe-o morrer. Bicar uma coisa moribunda é para as aves carniceiras.

— Não é Vontade que procuro, Olhos-de-Noite. Esta pode ser a última chance que tenho contra Majestoso. Vou aproveitá-la.

Ele não respondeu, mas se deitou no chão ao meu lado. Observou-me

enquanto eu absorvia ainda mais Talento. Quanto, perguntei a mim mesmo, seria necessário para matar? Eu conseguiria reunir o suficiente?

Vontade estava tão fraco que quase senti vergonha. Enfiei-me pelas suas defesas tão facilmente como se afastaria as mãos de uma criança doente. Não era só a perda de sangue e a dor. Era a morte de Emaranhado, seguindo-se tão perto à de Cedoura. E era o choque do abandono de Majestoso. A sua lealdade a Majestoso lhe fora inculcada pelo Talento. Não conseguia compreender que Majestoso não tivesse sentido nenhum verdadeiro vínculo para com ele. Envergonhava-o que eu conseguisse ver isso nele. *Mate-me agora, Bastardo. Vá em frente. Estou morrendo, de qualquer modo.*

Isso não é sobre você, Vontade. Nunca foi sobre você. Agora o via com clareza. Apalpei dentro dele como se estivesse sondando uma ferida em busca da ponta de uma flecha. Ele lutou debilmente contra a minha invasão, mas eu o ignorei. Revistei as suas memórias, mas encontrei pouco de útil. Sim, Majestoso tinha círculos, mas eles eram jovens e inexperientes, pouco mais do que grupos de homens com potencial para o Talento. Até aqueles que eu vira na pedreira eram duvidosos. Majestoso queria que ele fizesse círculos grandes, para poderem reunir mais poder. Majestoso não compreendia que a proximidade não podia ser forçada, nem partilhada por tanta gente. Perdera quatro jovens utilizadores de Talento na estrada do Talento. Não estavam mortos, mas de olhos vazios e vagos. Outros dois haviam atravessado com ele os pilares, mas haviam perdido depois toda a capacidade para usar o Talento.

Afundei-me mais e Vontade ameaçou morrer nas minhas mãos, mas eu me liguei a ele e introduzi nele alguma força. *Não vai morrer. Ainda não,* disse-lhe com ferocidade. E ali, nas profundezas do seu ser, a minha sondagem encontrou finalmente o que procurava. Uma ligação de Talento com Majestoso. Era tênue e débil; Majestoso o abandonara, fizera o possível para deixar Vontade para trás. Mas era como eu suspeitara. Eles estiveram ligados com força demais e durante tempo demais para que a ligação se dissolvesse assim tão facilmente.

Reuni o meu Talento, concentrei-me e me selei. Equilibrei-me, e então saltei. Como quando uma chuva súbita se reúne e enche um leito de riacho que passou o verão inteiro seco, assim fluí através daquela ligação de Talento entre Vontade e Majestoso. No último momento possível, contive-me. Infiltrei-me na mente de Majestoso como um veneno lento, escutando com os seus ouvidos, vendo com os seus olhos. Conheci-o.

Ele dormia. Não. Quase dormia, com os pulmões repletos de Fumo e a boca dormente de conhaque. Pairei para o interior dos seus sonhos. A cama era macia

debaixo dele, as colchas quentes em cima dele. Aquele último ataque de quedas fora ruim, muito ruim. Era repugnante, cair e contorcer-se como o Bastardo Fitz. Não era apropriado que aquilo acontecesse a um rei. Estúpidos curandeiros. Nem sequer conseguiam dizer o que provocara aqueles ataques. O que as pessoas pensariam dele? O alfaiate e o aprendiz tinham visto; agora teria de matá-los. Ninguém podia saber. Ririam dele. O curandeiro dissera que ele estava melhor na semana passada. Bem, encontraria um novo curandeiro, e enforcaria amanhã o antigo. Não. Iria dá-lo aos forjados na Arena do Rei, eles já estavam com muita fome. E depois deixaria os grandes gatos à solta com os forjados. E o touro, o grande touro branco com os chifres largos e a corcova.

Tentou sorrir e dizer a si mesmo que seria divertido, tentou dizer a si mesmo que o dia de amanhã lhe traria prazer. O quarto estava pesado com o odor enjoativo do Fumo, mas até isso tinha dificuldade em acalmá-lo. Tudo correra tão bem, tão, tão bem. E então o bastardo estragara tudo. Matara Emaranhado, e despertara os dragões, e os mandara a Veracidade.

Veracidade, Veracidade, era sempre Veracidade. Desde que ele nascera. Veracidade e Cavalaria recebiam cavalos altos, enquanto ele era remetido para um pônei. Veracidade e Cavalaria, sempre juntos, sempre mais velhos, sempre maiores. Sempre pensando que eram melhores, mesmo apesar de Majestoso provir de melhor sangue do que eles e ser justo que fosse ele a herdar o trono. A mãe o avisara contra o ciúme que os irmãos tinham dele. A mãe lhe pedira para ser sempre cauteloso e ultrapassar a simples cautela. Eles o matariam se pudessem, matariam, matariam. A mãe fizera o melhor que pudera, arranjara um modo de mandá-los para longe tantas vezes quantas fora possível. Mas, mesmo mandados para longe, eles podiam regressar. Não. Só havia uma maneira de estar em segurança, só uma maneira.

Bem, amanhã venceria. Tinha círculos, não tinha? Círculos de belos jovens fortes, círculos para fazer dragões para si e apenas para si. Os círculos estavam vinculados a ele e os dragões também lhe ficariam vinculados. E ele criaria mais círculos e mais dragões, e mais ainda, até ter muitos mais do que Veracidade. Só que fora Vontade quem ensinara os círculos em seu nome, e agora Vontade era inútil. Quebrado como um brinquedo, o dragão lhe arrancara a perna quando o atirara ao ar, e Vontade aterrissara em uma árvore como uma pipa de papel sem vento. Era repugnante. Um homem com uma perna só. Não suportava coisas quebradas. O seu olho cego já fora ruim o suficiente, mas perder também uma perna? O que pensariam os homens de um rei que mantinha um servidor aleijado? A mãe nunca confiara em aleijados. São invejosos, avisara-o, sempre

invejosos, e se voltarão contra você. Mas precisara de Vontade para os círculos. Estúpido Vontade. Era tudo culpa de Vontade. Mas era Vontade quem sabia como despertar o Talento nas pessoas e transformá-las em círculos. De modo que talvez devesse mandar alguém buscar Vontade. Se Vontade ainda estivesse vivo.

Vontade? Majestoso sondou timidamente na nossa direção.

Não exatamente. Fechei o meu Talento ao redor dele. Foi ridiculamente fácil, como tirar uma galinha adormecida do poleiro.

Solte-me! Solte-me!

Senti-o tentando alcançar os outros círculos. Afastei-os dele com uma bofetada, isolei-o do Talento deles. Ele não tinha força alguma, nunca tivera nenhuma força real para o Talento. O poder que ele manejara pertencera por inteiro ao círculo. Isso me chocou. Todo o medo que eu carregava dentro de mim, há mais de um ano. De quê? De uma criança chorona e mimada que conspirava para roubar os brinquedos dos irmãos mais velhos. A coroa e o trono não eram para ele mais do que haviam sido os cavalos e as espadas. Não tinha nenhuma ideia sobre como governar um reino; só sobre como usar uma coroa e fazer o que quisesse. Primeiro a mãe, e depois Galeno, tinham conspirado por ele. Não aprendera com eles mais do que uma astúcia matreira para obter o que queria. Se Galeno não tivesse vinculado a ele o círculo, nunca teria manejado nenhum poder verdadeiro. Privado do seu círculo, eu o vi tal como era: uma criança mimada com uma queda para a crueldade que nunca fora reprimida.

É isto que temos temido e de que temos fugido? Isto?

Olhos-de-Noite, o que faz aqui?

A sua presa é minha presa, irmão. Quero ver que carne viemos até tão longe para capturar.

Majestoso contorceu-se e sacudiu-se, literalmente nauseado pelo toque de Manha do lobo na sua mente. Era imundo e repugnante, uma coisa suja e canina, nojenta e malcheirosa, tão má como aquela criatura parecida com uma ratazana que corria pelos seus aposentos durante a noite e não se deixava apanhar. Olhos-de-Noite aproximou-se mais, empurrou a Manha contra ele como se o conseguisse cheirar a toda aquela distância. Majestoso vomitou e estremeceu.

Basta, eu disse a Olhos-de-Noite, e o lobo cedeu.

Se vai matá-lo, faça-o depressa, aconselhou Olhos-de-Noite. *O outro enfraquece e morrerá se você não se apressar.*

Ele tinha razão. A respiração de Vontade tornara-se baixa e rápida. Agarrei Majestoso com firmeza, e então alimentei Vontade com um pouco mais de força. Ele tentou não aceitar, mas o seu autodomínio não era assim tão forte. Se lhe é

dada uma chance, o corpo escolherá sempre sobreviver. E assim os seus pulmões se acalmaram e o coração bateu com mais força. De novo puxei Talento para mim. Concentrei-me nele e afiei a sua finalidade. Devolvi a minha atenção a Majestoso.

Se me matar, queimará a si mesmo. Perderá o seu Talento se me matar com ele.

Eu pensara nisso. Nunca gostara muito de ser Talentoso. Preferia de longe ser Manhoso do que Talentoso. Não seria nenhuma perda.

Forcei-me a me lembrar de Galeno. Chamei à mente o círculo fanático que ele criara para Majestoso. Isso deu forma à minha determinação.

Como ansiara por fazer há tanto tempo, soltei o meu Talento contra ele.

Depois disso, pouco restou de Vontade. Mas eu fiquei sentado ao seu lado e lhe dei água quando ele pediu. Até o cobri quando se queixou debilmente de frio. A minha vigília de morte confundiu o lobo. Uma faca na garganta de Vontade teria sido muito mais rápido para ambos. Talvez mais misericordiosa. Mas eu chegara à conclusão de que já não era um assassino. Portanto, esperei pelo seu último suspiro e, quando ele o soltou, levantei-me e me afastei.

É uma longa distância do Reino da Montanha à costa de Cervo. Mesmo a voo de dragão, incansável e rápido, é uma longa, longa distância. Durante alguns dias, Olhos-de-Noite e eu conhecemos a paz. Viajamos para longe do Jardim de Pedra vazio, para longe da negra estrada do Talento. Estávamos ambos demasiado cansados para caçar bem, mas encontráramos um bom ribeiro de trutas e seguimo-lo. Os dias estavam quase quentes demais, as noites mostravam-se limpas e suaves. Pescávamos, comíamos, dormíamos. Eu pensava apenas em coisas que não magoavam. Não no abraço de Moli e Bronco, mas em Urtiga, abrigada pelo bom braço direito dele. Bronco seria um bom pai para ela. Tivera prática. Até encontrei em mim a esperança de que ela pudesse vir a ter irmãos e irmãs mais novos nos anos que aí vinham. Pensei na paz de regresso ao Reino da Montanha, em Navios Vermelhos afastados da costa dos Seis Ducados. Sarei. Não por completo. Uma cicatriz nunca é igual a boa carne, mas para a hemorragia.

Eu estava lá na tarde de verão em que Veracidade-enquanto-Dragão surgiu nos céus sobre Torre do Cervo. Com ele, vi as brilhantes torres e torreões negros do Castelo de Torre do Cervo muito abaixo de nós. Para além do castelo, onde estivera a Cidade de Torre do Cervo, erguiam-se os esqueletos enegrecidos de edifícios e armazéns. Forjados andavam tranquilamente pelas ruas, empurrados

para o lado por arrogantes Salteadores. Mastros, com farrapos de tela pendendo deles, projetavam-se das águas calmas. Uma dúzia de Navios Vermelhos balançava pacificamente no porto. Senti o coração de Veracidade-enquanto-Dragão inchar de fúria. Juro que ouvi o grito de angústia de Kettricken diante do que via.

Então o grande dragão turquesa e prata desceu no terreno central do Castelo de Torre do Cervo. Ignorou a nuvem de flechas que subiu ao seu encontro; ignorou também os gritos dos soldados que se encolhiam à sua frente, deixados sem sentidos quando a sua sombra se espalhou sobre eles e as suas grandes asas bateram para baixar o seu volume até o chão. Foi um milagre que não os tivesse esmagado. Ainda enquanto o dragão descia, Kettricken já procurava ficar de pé nos ombros dele, gritando à guarda para que baixasse os piques e se afastasse.

No chão, ele baixou o ombro para permitir que uma desgrenhada Rainha Kettricken desmontasse. Esporana Cantodave deslizou para o chão depois dela e distinguiu-se por fazer uma mesura à fileira de piques que estavam apontados para elas. Vi mais do que alguns rostos que conhecia e partilhei da dor de Veracidade pelo modo como as privações os haviam transformado. Então Paciência avançou, com um pique bem seguro na mão, de elmo posto de viés sobre o cabelo entrançado. Abriu caminho aos encontrões por entre os intimidados guardas, com os olhos cor de avelã duros como pedra num rosto encovado. Ao ver o dragão, parou. O seu olhar saltou da rainha para os olhos escuros do dragão. Respirou fundo, prendeu a respiração e então exalou a palavra.

— Antigo. — Atirou o elmo e o pique ao ar com um grito de júbilo e correu em frente para abraçar Kettricken, gritando: — Um Antigo! Eu sabia, eu sabia, eu sabia que eles iriam regressar! — Girou sobre os calcanhares, dando uma saraivada de ordens que incluíam tudo, desde um banho quente para a rainha até preparar uma investida a partir dos portões do Castelo de Torre do Cervo. Mas o que guardarei para sempre no coração foi o momento em que se virou, para bater o pé para Veracidade-enquanto-Dragão e lhe dizer para se apressar a pôr aqueles malditos navios fora do porto.

A Dama Paciência de Torre do Cervo habituara-se a que lhe obedecessem rapidamente.

Veracidade subiu e partiu para a batalha, como sempre fizera. Sozinho. Por fim, tinha o que desejara, confrontar os seus inimigos não com o Talento, mas em carne e osso. Na primeira passagem que fez, um golpe com a cauda despedaçou dois dos Navios Vermelhos. Pretendia que nenhum lhe escapasse.

Foi só horas mais tarde que o Bobo, a Garota-em-um-Dragão e os seus seguidores chegaram para se juntarem a ele, mas a essa altura já não permanecia no Porto de Cervo nem um Navio Vermelho. Os recém-chegados juntaram-se à caça pelas ruas íngremes daquilo que fora a Cidade de Torre do Cervo. Ainda não era noite quando as ruas ficaram vazias de Salteadores. Aqueles que haviam se abrigado no castelo jorraram para a cidade, para chorar todos os destroços, é certo, mas também para se aproximarem dos Antigos que haviam regressado para salvá-los, e maravilharem-se com eles. Apesar da quantidade de dragões que chegaram, seria Veracidade o dragão de que o povo de Cervo se lembraria com mais clareza. Não que as pessoas se lembrem de grande coisa com muita clareza quando os dragões as sobrevoam, lançando sombra por baixo. Apesar disso, é ele o dragão que se vê em todas as tapeçarias sobre a Limpeza de Cervo.

Foi um verão de dragões para os Ducados Costeiros. Eu vi tudo, ou tanto quanto conseguia caber nas minhas horas de sono. Mesmo acordado, estava consciente do que se passava, como trovões que são mais sentidos do que ouvidos à distância. Soube quando Veracidade levou os dragões para o norte, a fim de expurgar de Navios Vermelhos e Salteadores todo o Cervo e Vigas, e até as Ilhas Próximas. Vi a limpeza de Torre Crespa, e o regresso de Fé, Duquesa de Vigas, à fortaleza que lhe é própria. A Garota-em-um-Dragão e o Bobo voaram para o sul ao longo da costa de Rasgão e Razos, erradicando também os Salteadores das suas fortalezas nas ilhas. Não sei como Veracidade lhes transmitiu que deviam se alimentar apenas de Salteadores, mas essa fronteira não foi ultrapassada. As pessoas dos Seis Ducados não os temiam. Crianças saíam correndo de cabanas e casas de campo para apontar para cima, para a passagem enfeitada de joias das criaturas. Quando os dragões dormiam nas praias e nos pastos, temporariamente saciados, as pessoas saíam para caminhar entre eles sem medo, para tocar com as suas próprias mãos aquelas criaturas cintilantes como pedras preciosas. E por todo o lado em que os Salteadores estabeleceram bases, os dragões alimentaram-se bem.

O verão mingou lentamente, e o outono chegou para encurtar os dias e prometer tempestades vindouras. Enquanto o lobo e eu pensávamos em arranjar abrigo para o inverno, eu tinha sonhos de dragões voando sobre costas que nunca vira antes. A água batia fria contra aquelas costas duras, e o gelo apossava-se das bordas das suas estreitas baías. As Ilhas Externas, deduzi. Veracidade sempre ansiara por levar a guerra às suas costas, e o fez com ímpeto. Também fora assim no tempo do Rei Sabedoria.

Era inverno e a neve havia chegado às maiores altitudes das Montanhas, mas

não ao vale onde as nascentes quentes fumegavam no ar gelado quando os dragões passaram por cima de mim pela última vez. Fui até a porta da cabana para vê-los passar, voando em grandes formações, como gansos em migração. Olhos-de-Noite virou a cabeça para os seus estranhos chamados e soltou um uivo seu em resposta. Quando eles passaram sobre mim, o mundo piscou à minha volta e eu perdi toda a memória disso, menos a mais vaga. Não saberia lhes dizer se era Veracidade que liderava o voo, ou mesmo se a Garota-em-um-Dragão se encontrava entre eles. Soube apenas que a paz fora restaurada nos Seis Ducados e que nenhum Navio Vermelho voltaria a se aventurar por perto das nossas costas. Esperei que todos dormissem bem no Jardim de Pedra, como haviam antes feito. Regressei para a cabana, para virar o coelho no espeto. Ansiava por um longo e calmo inverno.

E assim a prometida ajuda dos Antigos foi levada aos Seis Ducados. Eles vieram, tal como tinham vindo nos tempos do Rei Sabedoria, e afastaram os Navios Vermelhos das costas dos Seis Ducados. Dois Navios Brancos de grandes velas foram também afundados nessa grande limpeza. E, tal como no tempo do Rei Sabedoria, as suas sombras estendidas sobre as pessoas que sobrevoavam roubavam momentos de vida e de memória ao passar. Toda a miríade de formas e cores dos dragões chegaram aos pergaminhos e tapeçarias desse tempo, tal como antes. E as pessoas preencheram aquilo que não recordavam das batalhas em que os dragões enchiam os céus com suposições e fantasias. Menestréis fizeram canções sobre elas. Todas as canções dizem que Veracidade voltou pessoalmente para casa montado no dragão turquesa e cavalgou o animal para a batalha contra os Navios Vermelhos. E as melhores das canções dizem que, quando a luta terminou, Veracidade foi levado pelos Antigos, a fim de se banquetear com eles coberto de honrarias e depois dormir ao seu lado no seu castelo mágico até a momento em que Cervo precise chamá-lo mais uma vez. E assim a verdade se transformou, tal como Esporana me havia avisado, em algo maior do que os fatos. Aquele era, afinal, um tempo para heróis, e para ocorrerem todos os tipos de coisas maravilhosas.

Como quando Majestoso em pessoa chegou a cavalo, à cabeça de uma coluna de seis mil vareses, para levar ajuda e provisões não só a Cervo, mas a todos os Ducados Costeiros. A notícia do seu regresso o precedera, bem como as barcaças de gado, cereais e tesouros vindas do próprio Palácio de Vaudefeira, que chegaram num fluxo constante pelo Rio Cervo. Todos falavam, maravilhados, de como o príncipe acordara sobressaltado de um sonho e correra meio nu pelos salões de Vaudefeira, predizendo miraculosamente o regresso do Rei Veracidade

a Torre do Cervo e a convocação dos Antigos para salvar os Seis Ducados. Foram enviadas aves, retirando todas as tropas das Montanhas e oferecendo as mais humildes desculpas e uma generosa compensação monetária ao Rei Eyod. Ele chamou os seus nobres para lhes predizer que a Rainha Kettricken estaria grávida de um filho de Veracidade e que ele, Majestoso, desejava ser o primeiro a jurar lealdade ao próximo monarca Visionário. Em honra desse dia, ordenara que todas as forcas fossem desmontadas e queimadas, que todos os prisioneiros fossem perdoados e libertados e que a Arena do Rei deveria ser rebatizada como Jardim da Rainha e plantada com árvores e flores provenientes de todos os Seis Ducados como símbolo da nova unidade. Quando, mais tarde nesse dia, os Navios Vermelhos atacaram os arredores de Vaudefeira, o próprio Majestoso gritou pelo seu cavalo e armadura e partiu para liderar a defesa do seu povo. Lutou lado a lado com mercadores e estivadores, nobres e pedintes. Conquistou nessa batalha o amor da gente comum de Vaudefeira. Quando anunciou que a sua lealdade devia ser sempre entregue à criança que a Rainha Kettricken esperava, eles juntaram os seus juramentos aos dele.

Quando chegou a Torre do Cervo, dizem que permaneceu de joelhos à porta do Castelo de Torre do Cervo durante alguns dias, vestido apenas de serapilheira, até que a rainha em pessoa se dignou a sair e aceitar os seus mais abjetos pedidos de desculpa por um dia ter duvidado da sua honra. Às suas mãos devolveu tanto a coroa dos Seis Ducados como o aro mais simples do Príncipe Herdeiro. Já não desejava, disse-lhe, ter nenhum título mais elevado do que tio do seu monarca. A palidez da rainha e o silêncio perante as suas palavras foram atribuídos aos problemas de estômago que a gravidez lhe causava. A Dom Breu, o conselheiro da rainha, devolveu todos os pergaminhos e livros da Mestre do Talento Solicitude, com uma súplica para que os guardasse bem, pois havia neles muitas coisas que podiam ser voltadas para o mal nas mãos erradas. Tinha terras e um título que queria outorgar ao Bobo, assim que este regressasse da guerra a Torre do Cervo. E à sua tão, tão querida cunhada, Dama Paciência, devolveu os rubis que Cavalaria lhe dera, pois nunca poderiam agraciar melhor outro pescoço que não o dela.

Eu pensara em obrigá-lo a erigir uma estátua à minha memória, mas decidira que isso seria ir longe demais. A lealdade fanática que imprimira nele seria o meu melhor memorial. Enquanto Majestoso estivesse vivo, a Rainha Kettricken e o seu filho não teriam súdito mais leal.

No fim de contas, claro, isso não foi por muito tempo. Todos ouviram falar da trágica e bizarra morte do Príncipe Majestoso. A raivosa criatura que o atacou

ferozmente na cama, certa noite, deixou rastros sangrentos não só na roupa da sua cama, mas por todo o seu quarto, como se tivesse exultado com o seu feito. Segundo os boatos, fora uma ratazana de rio extremamente grande que, sem que se soubesse como, viajara com ele desde Vaudefeira. Aquilo foi muito perturbador para todas as pessoas do castelo. A rainha mandara trazer os cães rateiros, para esquadrinhar todos os aposentos, mas sem qualquer sucesso. A fera nunca fora capturada ou morta, embora rumores de avistamentos da imensa ratazana abundassem entre a criadagem do castelo. Houve quem dissesse que foi por isso que, durante os meses seguintes, Dom Breu raramente foi visto sem o seu furão de estimação.

CAPÍTULO 41

O Escriba

A bem da verdade, o forjamento não foi uma invenção dos Navios Vermelhos. Nós o havíamos ensinado bem, nos tempos do Rei Sabedoria. Os Antigos que levaram a nossa vingança às Ilhas Externas pairaram muitas vezes sobre esse país de ilhas. Muitos ilhéus foram simplesmente devorados, mas muitos outros foram sobrevoados por dragões com tal frequência que foram despidos das suas recordações e sentimentos. Transformaram-se em estranhos indiferentes à sua própria família. Era esse o ressentimento que tanto amargurara aquele povo de longa memória. Quando os Navios Vermelhos se fizeram ao mar, não foi para conquistar território ou riquezas dos Seis Ducados. Foi por vingança. Para nos fazer o que tanto tempo antes nós havíamos feito a eles, nos tempos das bisavós das suas bisavós.

O que um povo sabe, outro pode descobrir. Eles tinham os seus próprios eruditos e sábios, apesar de nos Seis Ducados serem desdenhados como bárbaros. E assim foi que as menções aos dragões foram estudadas por eles, em todos os pergaminhos antigos que conseguiram encontrar. Embora seja difícil que se venha a encontrar uma prova incontestável, parece-me que algumas cópias dos pergaminhos recolhidos por Mestres do Talento de Cervo podem na verdade ter sido vendidas, nos dias que antecederam a ameaça dos Navios Vermelhos contra as nossas costas, a mercadores das Ilhas Externas, que pagavam bem por coisas assim. E quando o lento movimento das geleiras revelou, nas suas costas, um dragão esculpido em pedra negra e afloramentos de mais dessa rocha negra, os sábios ilhéus combinaram os seus conhecimentos com a insaciável ânsia de vingança de um certo Quebal Pancru. Decidiram criar os seus próprios dragões, e fazer cair sobre os Seis Ducados a mesma violenta destruição que outrora lhes havíamos levado.

Só um Navio Branco foi empurrado para terra pelos Antigos quando limparam Cervo. Os dragões devoraram toda a sua tripulação, até o último homem. No seu porão foram encontrados apenas grandes blocos de brilhante rocha negra. Trancados lá dentro, creio eu, estavam as vidas e sentimentos

roubados das pessoas dos Seis Ducados que haviam sido forjadas. Os seus estudos tinham levado os eruditos ilhéus a crer que uma pedra suficientemente imbuída de força vital podia ser esculpida em dragões para servir os ilhéus. É arrepiante pensar em como eles chegaram perto de descobrir a verdade completa sobre o modo de criar um dragão.

Círculos e círculos, como o Bobo me disse um dia. Os ilhéus assolaram as nossas costas, por isso o Rei Sabedoria trouxe os Antigos para expulsá-los. E os Antigos forjaram os ilhéus com Talento quando sobrevoaram as suas cabanas tão repetidamente. Gerações mais tarde, eles vieram assolar as nossas costas e forjar a nossa gente. De modo que o Rei Veracidade foi despertar os Antigos, e os Antigos os expulsaram. E nos forjaram ao fazê-lo. Pergunto-me se o ódio irá voltar a se inflamar até que…



Suspiro e ponho de lado a pena. Escrevi demais. Nem todas as coisas precisam ser contadas. Nem todas as coisas deviam ser contadas. Pego o pergaminho e me dirijo lentamente à lareira. Tenho cãibras nas pernas de estar sentado em cima delas. O dia está frio e úmido, e o nevoeiro que vem do oceano encontrou cada um dos velhos ferimentos que tenho no corpo e os despertou. O ferimento de flecha ainda é o pior. Quando o frio aperta a cicatriz, sinto o seu puxão em todas as partes do meu corpo. Atiro o velino sobre as brasas. Tenho de passar por cima de Olhos-de-Noite para fazê-lo. O seu focinho está agora ficando grisalho e os seus ossos não gostam mais deste tempo do que os meus.

Você está ficando gordo. Já não faz nada além de se deitar junto à lareira para cozinhar os miolos. Por que não vai caçar?

Ele espreguiça-se e suspira. *Vá implicar com o garoto, não implique comigo. O fogo precisa de mais lenha.*

Mas antes de eu ter tempo de chamá-lo, o meu ajudante entra na sala. Franze o nariz com o cheiro de velino ardendo e me dirige um olhar contundente.

— Devia simplesmente ter me pedido para trazer mais lenha. Sabe quanto custa um bom velino?

Não respondo, e apenas suspira e sacode a cabeça. Sai para ir reabastecer a sala de lenha.

O garoto é um presente de Esporana. Já o tenho há dois anos, e ainda não me habituei a ele. Não acredito que algum dia eu tenha sido um garoto como ele. Lembro-me do dia em que ela o trouxe a mim, e tenho de sorrir. Viera, como costuma vir umas duas ou três vezes por ano, visitar-me e me repreender pelos

meus costumes de eremita. Mas dessa vez me trouxera o garoto. Ele ficara lá fora, montado em um pônei muito magro, enquanto ela batia na minha porta. Quando a abrira, Esporana imediatamente se virara e gritara ao garoto:

— Desmonte e entre. Aqui dentro está quente.

Ele deslizara de cima do dorso nu do pônei e então ficara ao seu lado, tremendo, enquanto me fitava. O cabelo negro lhe era atirado pelo vento contra o rosto. Apertava um velho manto de Esporana em volta dos ombros estreitos.

— Eu lhe trouxe um garoto — anunciou Esporana, e sorriu para mim.

Eu a olhei nos olhos, incrédulo.

— Quer dizer… ele é meu?

Ela encolheu os ombros.

— Se o quiser. Achei que ele talvez lhe fizesse bem. — Fez uma pausa. — Na verdade, pensei que você talvez fizesse bem a ele. Com roupa, refeições regulares e coisas assim. Tratei dele o melhor que consegui, mas a vida de menestrel… — Deixou que as palavras sumissem.

— Então ele é… Você teve, nós… — Avancei pelas palavras, tropeçando nelas, negando a esperança. — Ele é seu filho? Meu?

O seu sorriso se abrira ao ouvir aquilo, ao mesmo tempo que os olhos se suavizavam com simpatia. Sacudiu a cabeça.

— Meu? Não. Seu? Suponho que seja possível. Você passou por Angra do Linguado há cerca de oito anos? Foi lá que o encontrei há seis meses. Estava comendo legumes podres tirados de uma estrumeira. A mãe está morta, e tem os olhos diferentes um do outro, de modo que a irmã não o aceita. Diz que é um bastardo gerado pelo demônio. — Inclinou a cabeça para mim e sorriu enquanto acrescentava: — Assim, suponho que talvez seja seu. — Virou-se de novo para o garoto e ergueu a voz. — Venha para dentro, já disse. Está quente. E há um lobo verdadeiro que vive com ele. Vai gostar do Olhos-de-Noite.

Zar é um garoto estranho, com um olho castanho e o outro azul. A mãe não teve misericórdia, e as suas memórias mais antigas não são suaves. Chamara-lhe de Azar. Para ela, talvez tenha sido. Eu acho que o chamo mais vezes de “garoto” do que outra coisa qualquer. Ele não parece se importar. Ensinei-lhe as letras e os números e o cultivo e colheita de ervas. Tinha sete anos quando ela o trouxe. Agora tem quase dez. É bom com um arco. Olhos-de-Noite o aprova. Caça bem para o velho lobo.

Quando Esporana aparece, ela me traz notícias. Não sei bem se gosto sempre disso. Coisas demais mudaram, muitas são estranhas. A Dama Paciência governa em Vaudefeira. Os seus campos de cânhamo dão agora tanto papel como boa

corda. O tamanho dos jardins que existem lá duplicou. A estrutura que antigamente foi a Arena do Rei é agora um jardim botânico com plantas provenientes de todos os cantos dos Seis Ducados e de mais além.

Bronco, Moli e os filhos estão bem. Têm Urtiga e o pequeno Cavalaria e vem outro a caminho. Moli cuida das suas colmeias e da loja de velas, enquanto Bronco usou o que cobrou por usar Ruivo e o potro de Ruivo como garanhões para recomeçar a criar cavalos. Esporana conhece essas novidades, pois foi ela quem os encontrou e se assegurou de que Ruivo e o potro de Fuligem lhe fossem dados. A pobre, velha Fuligem era velha demais para sobreviver à viagem de regresso das Montanhas. Tanto Moli quanto Bronco pensam que estou morto há muitos anos. Às vezes eu também acredito nisso. Nunca perguntei a Esporana onde eles vivem. Nunca vi nenhuma das crianças. Nisso, sou verdadeiramente filho do meu pai.

Kettricken teve um filho, o Príncipe Respeitador. Esporana me disse que ele tem as cores do pai, mas parece que talvez venha a ser um homem alto e esguio, como o irmão de Kettricken, Rurisk. Ela pensa que ele é mais sério do que um garoto devia ser, mas todos os tutores gostam dele. O avô viajou do Reino da Montanha para ver o garoto que um dia governará ambos os países. Ficou bastante contente com a criança. Perguntei-me o que pensaria o seu outro avô de tudo o que acontecera em consequência do tratado que elaborara.

Breu já não vive nas sombras e é o honrado conselheiro da rainha. De acordo com Esporana, é um velho afetado que gosta em demasia da companhia de mulheres jovens. Contudo, ela sorri quando diz aquilo, e “As Contas de Breu Tombastrela” será a canção por que será lembrada depois de morrer. Tenho certeza de que ele sabe onde estou, mas nunca me procurou. E ainda bem. Às vezes, quando Esporana aparece, traz para mim velhos pergaminhos curiosos e sementes e raízes para estranhas ervas. Outras vezes me traz papel de boa qualidade e velino limpo. Não preciso interrogá-la sobre a origem dessas coisas. Ocasionalmente, dou-lhe em troca pergaminhos que escrevi: desenhos de ervas, com as suas virtudes e perigos; um relato do tempo que passei naquela cidade antiga; registros das minhas viagens por Calcede e por terras mais distantes. Ela as leva obedientemente consigo.

Certa vez, o que me trouxe dele foi um mapa dos Seis Ducados. Fora cuidadosamente iniciado pela mão e tintas de Veracidade, mas nunca chegara a ser completado. Às vezes, olho-o e penso nos lugares que podia lhe adicionar. Mas o pendurei na parede. Não acho que algum dia o altere.

Quanto ao Bobo, regressou ao Castelo de Torre do Cervo. Por pouco tempo. A

Garota-em-um-Dragão o deixou lá, e ele chorou quando ela levantou voo sem ele. Foi imediatamente aclamado como herói e um grande guerreiro. Tenho certeza de que foi por isso que fugiu. Não aceitou nem título, nem terras de Majestoso. Ninguém tem bem certeza do lugar para onde o Bobo foi ou do que lhe aconteceu depois disso. Esporana acredita que ele regressou à sua pátria. Talvez. Talvez, em algum lugar, exista um fabricante de brinquedos que faz marionetes que são um deleite e uma maravilha. Espero que ele use um brinco prata e azul. As marcas de dedos que me deixou no pulso desvaneceram até ficarem de um cinza sombrio.

Acho que terei sempre saudades dele.

Levei seis anos para regressar a Cervo. Um, passamos nas Montanhas. Outro foi passado com o Rolfe Negro. Olhos-de-Noite e eu aprendemos muito sobre a nossa gente nas estações que passamos lá, mas descobrimos que gostamos mais da nossa própria companhia. Apesar dos melhores esforços de Azevinha, a filha de Olita olhou para mim e decidiu que eu certamente não serviria. Os meus sentimentos não ficaram minimamente feridos e isso nos forneceu uma desculpa para partirmos mais uma vez.

Fomos para o norte até as Ilhas Próximas, onde os lobos são tão brancos como os ursos. Fomos para o sul até Calcede, e até chegamos a passar de Vilamonte. Subimos a pé as margens do Rio da Chuva e o descemos em uma jangada. Descobrimos que Olhos-de-Noite não gosta de viajar por navio e que eu não gosto de terras sem inverno. Caminhamos para além dos limites dos mapas de Veracidade.

Eu pensei que nunca mais regressaria a Cervo. Mas regressamos. Os ventos de outono nos trouxeram até aqui, um certo ano, e não partimos desde então. A casa de campo que reivindicamos para nós pertenceu antigamente a um fabricante de carvão. Não fica longe de Forja, ou melhor, de onde Forja ficava. O mar e os invernos devoraram essa vila e afogaram as recordações malignas dela. Um dia, talvez, os homens regressarão em busca do rico minério de ferro. Mas não será em breve.

Quando Esporana aparece, repreende-me, e me diz que sou ainda um homem novo. O que, pergunta-me, aconteceu à minha insistência em vir um dia a viver uma vida própria? Eu lhe digo que já a encontrei. Aqui, na minha casa, com os meus escritos, o meu lobo e o meu garoto. Às vezes, quando se deita comigo e eu fico depois acordado escutando a sua respiração lenta, penso que me levantarei de manhã e encontrarei algum novo significado para a minha vida. Mas, na maioria das manhãs, quando acordo com dores e rígido, acho que não

tenho nada de homem novo. Sou um velho, aprisionado no corpo cheio de cicatrizes de um jovem.

O Talento não dorme facilmente em mim. Especialmente nos verões, quando caminho ao longo das falésias marinhas e olho para a água, sou tentado a sondar a distância como Veracidade fez outrora. E às vezes o faço, e sei, durante algum tempo, o que o pescador apanhou, ou conheço as preocupações domésticas do imediato do navio mercante que está de passagem. O tormento, como Veracidade me disse um dia, é que nunca ninguém sonda em resposta. Uma vez, quando a fome de Talento ardia em mim até o ponto da loucura, até tentei contactar Veracidade-enquanto-Dragão, implorando-lhe que me escutasse e respondesse.

Ele não o fez.

Os círculos de Majestoso já se dissolveram há muito por falta de um Mestre do Talento que os ensinasse. Mesmo nas noites em que estendo o Talento num desespero tão solitário como um uivo de lobo, suplicando que alguém, seja quem for, me responda, nada sinto. Nem sequer um eco. Então me sento junto à janela e olho através das névoas para além da ponta da Ilha da Armação. Aperto as mãos para evitar que tremam e me recuso a mergulhar inteiro no rio de Talento que está à espera, sempre à espera de me levar. Seria tão fácil. Às vezes, a única coisa que me detém é o toque de uma mente de lobo na minha.

O meu garoto já aprendeu o que essa expressão quer dizer, e mede cuidadosamente o casco-de-elfo para me insensibilizar. Acrescenta levame para que eu consiga dormir, e gengibre para disfarçar a amargura do casco-de-elfo. Então me traz papel, uma pena e tinta e me deixa com a minha escrita. Sabe que quando a manhã chegar vai me encontrar de cabeça apoiada na mesa, dormindo entre os meus papéis espalhados, com Olhos-de-Noite estendido aos meus pés.

Sonhamos esculpir o nosso dragão.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
NOTA DO EDITOR
PRÓLOGO Os Esquecidos
CAPÍTULO 1 Nascimento Sepulcral
CAPÍTULO 2 A Separação
CAPÍTULO 3 A Demanda
CAPÍTULO 4 A Estrada do Rio
CAPÍTULO 5 Confrontos
CAPÍTULO 6 A Manha e o Talento
CAPÍTULO 7 Vara
CAPÍTULO 8 Vaudefeira
CAPÍTULO 9 Assassino
CAPÍTULO 10 Feira de Emprego
CAPÍTULO 11 Pastor
CAPÍTULO 12 Suspeitas
CAPÍTULO 13 Lago Azul
CAPÍTULO 14 Contrabandistas
CAPÍTULO 15 Panela
CAPÍTULO 16 Esconderijo
CAPÍTULO 17 Travessia do Rio
CAPÍTULO 18 Olho de Lua
CAPÍTULO 19 Perseguição
CAPÍTULO 20 Jhaampe
CAPÍTULO 21 Confrontos
CAPÍTULO 22 Partida
CAPÍTULO 23 As Montanhas
CAPÍTULO 24 A Estrada do Talento
CAPÍTULO 25 Estratégia
CAPÍTULO 26 Sinalizadores
CAPÍTULO 27 A Cidade
CAPÍTULO 28 O Círculo
CAPÍTULO 29 A Coroa dos Galos
CAPÍTULO 30 Jardim de Pedra

CAPÍTULO 31 Casco-de-elfo
CAPÍTULO 32 Praia do Capelim
CAPÍTULO 33 A Pedreira
CAPÍTULO 34 Garota em um Dragão
CAPÍTULO 35 Segredos de Panela
CAPÍTULO 36 A Manha e a Espada
CAPÍTULO 37 Alimentando o Dragão
CAPÍTULO 38 A Troca de Veracidade
CAPÍTULO 39 O Dragão de Veracidade
CAPÍTULO 40 Majestoso
CAPÍTULO 41 O Escriba